Assinatura no País
ANO .. .. Cr$ 250,00
SEMESTRE .. .. .. Cr$ 130,00

DIARIO DE PERNAMBUCO

Edição de 14 páginas
Preço: Cr$ 1,00

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Orgão dos "Diarios Associados"
A. J. de Miranda Falcão, fundador

JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇAO NA AMERICA LATINA . N. 160 — ANO 129 SABADO, 24 DE JULHO DE 1954 TRICENTENARIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA

Plano para assassinar Vargas e altos chefes militares

Estilac seria a primeira vítima

Hoje os debates sôbre o caso Cleofas

ESTABILIDADE DOS EXTRANUMERARIOS MENSALISTAS DA UNIÃO E AUTARQUIAS

Projeto aprovado ontem, sem emendas, no Monroe — Ferrovias brasileiras

RIO, 23 (Meridional) — Os srs. Alencastro Guimarães e Assis Chateaubriand falaram, hoje, na sessão do Senado, sobre as condições em que se acham as ferrovias brasileiras, de propriedade do governo federal. O sr. Alencastro criticou a inércia dos administradores em face do desmoronamento do parque ferroviario nacional, com que se solidarizou o sr. Chateaubriand.

Os dois oradores fizeram um apêlo ao ministro da Fazenda, solicitando sua atenção para a ruina em que se encontram as ferrovias que estão a exigir imediatas providencias da parte do governo. Caso contrario, acentuou o sr. Alencastro, dentro de poucos anos estariam todas elas paralisadas, á falta de aparelhamentos de recursos.

O sr. Chateaubriand, em seu discurso, forneceu novos elementos para compreensão do problema ferroviario brasileiro.

O Senado aprovou o projeto que dispõe sobre a forma de pagamento das dividas dos criadores e recriadores de gado bovino, em regime de urgencia, a requerimento do sr. Costa Paranhos, que o defendeu, relatando-o favoravelmente pela Comissão de Finanças. Foi aprovado, sem emendas, o projeto que regula a estabilidade do pessoal extra-numerario mensalista da União e autarquias, que subiu á sanção. Tambem foi aprovado, em segunda discussão, o projeto dispondo sobre a unificação das companhias Costeira e Loide Brasileiro.

O sr. Waldemar Pedrosa falou sobre os fatos da revolução de 1924, no Amazonas. O sr. Francisco Gallotti requereu fôsse designada uma comissão de três senadores para representar

(Conclue na 10.ª pagina)

RESSURGIMENTO DA FRENTE PSP-PTB

RIO, 23 (Meridional) — Os acontecimentos tendem a confirmar a aliança PTB Adhemar de Barros ou a tentativa de aliança nesse sentido, que significaria a recomposição da frente populista de 1950 PTB-PSP, que elegeu presidente da Republica o sr. Getulio Vargas. No festivo e concorrido embarque do senador Alberto Pasqualini para o Rio Grande do Sul, ontem, em companhia do sr. João Goulart, o caso foi abordado pelo presidente nacional do PTB quase a descoberto. Ao sr. Barreto Pinto deu instruções para lançar o assunto da tribuna da Camara e ao Alberto Bottino declarou, segundo o depoimento que este prestou ao reporter, o seguinte: «Ainda não há nada de definitivo, mas tudo pode acontecer». Mas não confirmou nem desmentiu a pergunta que esse parlamentar trabalhista de São Paulo lhe fez: «Haverá uma aliança entre o sr. Adhemar de Barros e o PTB de São Paulo».

ADHEMAR NO RIO GRANDE

Outro sintoma revelador da disposição entre em que se encontram os srs. Adhemar de Barros e João Goulart reside no fato do chefe do PSP ter seguido para o Rio Grande do Sul, para assistir o lançamento da candidatura do sr. Alberto Pasqualini, a fim de prestigiá-lo pessoalmente junto aos seus correligionarios. Os pessepistas riograndenses, segundo as estimativas, alcançam a casa dos 40 mil. Com a disposição dos elementos do PRP de lançarem um candidato proprio, tal eleição significaria, portanto, o fiel da balança entre Pasqualini e Meneghetti, este ultimo candidato da coligação PSD-UDN-PL.

COMPENSAÇÃO EM S. PAULO

A chave da politica gaucha abrirá, de acordo com os calculos, a porta do entendimento entre o PTB e o sr. Adhemar de Barros em São Paulo, mas não conseguirá, de maneira nenhuma, de acôrdo com os pronunciamentos já vistos, a unidade do

(Conclue na 10.ª pagina)

TERÁ INICIO ÁS 9 HORAS A REUNIÃO DO DIRETORIO NACIONAL UDENISTA

Agripino reservado quanto ás suas observações em Pernambuco — Advertencia

RIO, 23 (Meridional) — Reunir-se-á amanhã, as 9 horas, o Diretorio Nacional da UDN, convocado para tratar da posição assumida pelo sr. João Cleofas, quanto ao problema sucessório pernambucano e o apoio que inicialmente fora dado, pelo ex-ministro da Agricultura a candidatura do general Cordeiro de Farias.

RESERVADO AGRIPINO

RIO, 23 (Meridional) — O sr. João Agripino, reservadissimo, não quer emitir qualquer opinião ou impressão sôbre sua viagem. Entretanto, conversou com vários proceres da UDN. Apuramos que o material trazido pelo sr. Agripino contém pronunciamentos pró e contra.

De uma maneira geral, entretanto, positiva-se que Cleofas agiu dúbiamente, desde a primeira hora, querendo sua candidatura. Existem opiniões controvertidas, dentro dos informes trazidos pelo sr. Agripino, sôbre se Cleofas, desde a primeira hora, recomendava externamente a candidatura do general Cordeiro e trabalhava nos bastidores pelo seu próprio nome. Reafirmamos que o diretório não tem autoridade para expulsar Cleofas. Mas poderá repreendê-lo, públicamente, o que tornaria sua posição insustentavel dentro do partido.

Há forças que ainda trabalham para evitar um pronunciamento público contra Cleofas, desejando que haja uma simples manifestação interna do diretório.

APOIO A' UDN CARIOCA

RIO, 23 (Meridional) — O sr. Mauricio Joppert, presidente da UDN carioca, exibiu ontem, em sua palestra com Cleofas, inumeros despachos aplaudindo a conduta da entidade carioca. Mostrou inclusive despacho assinado pelo presidente da Assembléia Legislativa gaucha, que diz: «Julgo imprescindivel o repúdio oficial do partido ao ato de indisciplina que tanto me contristou, partindo do ilustre companheiro (sr. Cleofas). Sem isto, o povo não acreditará, com razão, em nossos propositos de luta, independencia, oposição e resistencia expressos por Vossa Excia. E' o que comigo esperam ansiosos todos quantos como eu ainda acreditam na salvação da democracia pelos esforços conjugados dos lidimos democratas de todos os matizes contra os contumazes inimigos do regime».

RIO, 23 (Meridional) — Sòmente hoje, á tarde, é esperado o sr. João Agripino. Traz ele importante documentação sobre a atitude de Cleofas. O deputado Neto Campelo, ex-mi-

(Conclue na 10.ª pagina)

Getulio Vargas: na lista dos que seriam liquidados

HOJE

EM TODAS AS BANCAS DA CIDADE

Grande Edição do Café dos "Diarios Associados"

O maior inventário jornalistico até hoje registrado sobre o café.

128 PÁGINAS ILUSTRADAS

Portinari, Clovis Graciano, Tarsila do Amaral, Arnaldo Pedroso D'Horta, Ademir Martins, Livio Abramo, Quirino da Silva, Flavio de Carvalho e Nelson Nobrega

Uma edição especial como jamais se publicou no Brasil ! Uma edição que será distribuida em todo o País, especialmente nos Estados cafeeiros ! Os mais renomados colaboradores ! Os mais valiosos registros ! Os mais interessantes informes !

Páginas repletas de noticias preciosas engrandecendo a contribuição do café á riqueza, á cultura e á civilização brasileira ! Um verdadeiro levantamento econômico-social em tôrno dêsse produto básico de nossa prosperidade !

UMA EDIÇÃO PARA SER LIDA, GUARDADA E ENCADERNADA

Reportagem sensacional divulgada pelo vespertino "associado" do Rio

Um individuo de nacionalidade paraguaia prêso na residência de Estilac — Outras pessôas detidos — Revelações surpreendentes

RIO, 23 (Meridional) — O «Diário da Noite» publica que, em dias da semana passada, foi encontrado nas proximidades da residencia do comandante da Zona Militar do Centro, general Estilac Leal, um individuo de nacionalidade paraguaia em atitude suspeita. Verificou-se que estava armado. Submetido a interrogatório, revelou o paraguaio uma trama para a eliminação de elementos de destaque de nossas forças armadas.

Adianta-se que as autoridades estão agindo sigilosamente e tomaram todas as providencias que o caso requeria. Já foram detidas 5 pessoas, destacando-se um funcionário da aviação civil radicado na capital paulista. Adiantou mais que a residencia do general Estilac Leal está fortemente vigiada por soldados da 2.ª RM.

RIO, 23 (Meridional) — Além de confirmar o fato, fonte digna de todo crédito esclareceu à nossa reportagem que o individuo que tramava contra a vida do general Estilac não foi preso nas proximidades, mas precisamente no interior da residencia do atual comandante da Zona Militar do Centro, em São Paulo.

O intruso, de nacionalidade paraguaia, foi descoberto pela esposa do general, Laura Estilac Leal, que deu o alarme e conseguiu prendê-lo com a ajuda da criadagem. Cientificadas do fato, as autoridades da 2.ª RM adotaram, rapida e sigilosamente, as providencias que o caso exigia.

O misterioso paraguaio foi levado para o quartel da PE da 2.ª RM, e inquirido, após serem apreendidas as armas que carregava — um revolver e uma arma branca. Fez o preso — segundo adiantou nosso informante — revelações sensacionais, declarando que existe um plano para assassinio dos chefes militares e também do presidente Vargas.

A fonte a que nos referimos afiançou ainda que se encontram presos dois pilotos da «Real de Transportes Aéreos» que servem na linha Assunção-São Paulo, sendo um deles o comandante Denis, e mais 2 pessoas. Concluindo, assegurou que novas prisões serão efetuadas, nas proximas horas, quer no Rio como em São Paulo.

Está causando estranheza o fato de haverem dois órgãos comunistas — «Imprensa Popular», do Rio, e «Noticias de Hoje», de São Paulo — divulgado a prisão de dois aviadores, embora sem referência direta ao fato. Isso indicaria que os comunistas estariam alheios aos acontecimentos.

Nossa reportagem conseguiu ainda ouvir o general Zenóbio. Embora sem se mostrar surpreso, declarou Zenóbio que ainda não recebeu nenhum relatório do comandante da Zona Militar do Centro, acrescentando: «Se algo existe, certamente o general Estilac está apurando devidamente os fatos para depois me remeter seu relatório. Não possúo elementos para confirmar

(Conclue na 10.ª pagina)

GÓIS MONTEIRO SAIU DA TENDA DE OXIGÊNIO

RIO, 23 (Meridional) — O estado de saúde do general Góis Monteiro não se alterou de ontem para hoje, informou o médico de plantão da Clinica de Repouso São Vicente. Afirmou ainda que o general passa relativamente bem, está conversando e já saiu da tenda de oxigênio.

Rasgou, no recinto da Câmara Federal, o avulso do inquerito do B. do Brasil

CHICO MACEDO COMENTA A NOTICIA SOBRE O ATENTADO CONTRA ESTILAC

Os trabalhos legislativos de ontem, no Tiradentes — Politica do Rio G. do Sul

RIO, 23 (Meridional) — A sessão da Câmara hoje foi iniciada com a leitura da mensagem presidencial revogando o decreto do ano de 1946 que criou a Colônia de Férias da Aeronáutica, no Estado do Rio.

O sr. Frota Aguiar denunciou o diretor da Despesa Pública que está recusando o pagamento de proventos dos ferroviários aposentados da Central do Brasil, pela respectiva Caixa de Aposentadoria e Pensões. A proposito do assunto, requereu informações e ainda apresentou um projeto, dispondo sobre o pagamento de tais proventos, pelo Tesouro. O sr. Daniel Faraco apresentou um memorial da Associação Comercial da Carazinho, Estado do Rio Grande do Sul, sobre os aspectos da fixação do salario minimo.

O sr. Germano Dockron anunciou o adiamento, para o proximo mês de agosto, da Exposição do Milho, suino e gado leiteiro de Santo Angelo, em virtude dos aguaceiros caidos naquela região gaucha. O sr. Ernani Satiro fez um apelo para a construção de uma ponte sobre o sangradouro que ligará os açudes de «Mãe dágua» e Curema, na Paraiba.

O sr. Medeiros Neto congratulou-se pela passagem do decênio de fundação da Campanha dos Educandários Gratuitos.

O sr. Lucillo Meira criticou a COFAP em face da crise de carne verde, nas grandes cidades do país.

CRITICAS AO S.T.

Criticou tambem a decisão do Supremo Tribunal que reconheceu a constitucionalidade da cobrança da taxa de dois cruzeiros, por litro de aguardente.

O sr. Fernando Nóbrega prestou uma homenagem á memória do major Alberto Nóbrega, ontem abatido em Goiania com um tiro pelas costas.

O extinto era paraibano.

O sr. Muniz Falcão voltou a criticar a secção de Créditos do Ministério da Fazenda, em virtude da demora no andamento dos processos relativos a aposentados, citando o caso de Marieta Braga Teixeira, residente em Alagoas. Disse que tudo indica que os papeis só têm andamento naquela repartição, mediante propinas.

O sr. Germano Dockron apresentou um pedido requerendo a nomeação de uma comissão especial para representar a Câmara, nos festejos da Exposição Nacional do Milho, de Santo Angelo, no proximo dia 14 de agosto.

Foi aprovado o requerimento e nomeados o autor e mais os srs. Fernando Ferrari, Flores da Cunha, Nestor Jost e Wolfran Matzier. Foi aprovado, tambem, um requerimento do sr. Fernando Ferrari, pedindo um voto de regosijo pela passagem do «Dia do Colono», no proximo domingo. Na tribuna, falaram, elogiando os colonos, os deputados Fernando Ferrari, Nestor Jost e Germano Dockron.

Não houve «quorum» para a ordem do dia. O sr. Frota Aguiar criticou acerbamente a concessão de «habeas-corpus» em favor do sr. Ricaro Jaffet, sobre o caso do inquérito do Banco do Brasil. E, num gesto teatral pegou um avulso contendo a integra do referido inquérito, no total de 383 páginas

(Conclue na 10.ª pagina)

Estará presente á reunião da U.D.N.

RIO, 23 (Meridional) — O sr. João Cleofas esteve hoje, novamente, na Camara e conferenciou, demoradamente, com o sr. Mauricio Joppert, justificando a atitude que tomou como imperiosa para salvaguardar da unidade do partido.

Esclareceu que comparecerá á reunião do diretorio para defender seus pontos de vista.

Ouvido, o sr. Aldo Sampaio tambem declarou que comparecerá, embora sem saber ainda se vai falar ou não. Ouvimos o sr. Souza Naves, atual presidente em exercicio do PTB, que declarou: «O caso do PTB de Pernambuco depende de uma reunião que marque a convenção que deverá escolher qual o candidato que será apoiado pelo partido».

Leiam "O NORTE", de João Pessôa

À venda nas seguintes bancas de jornais: Rosa de Ouro (oitão da Sloper) e rua Primeiro de Março (calçada do Banco Nacional)

(10)

LINETES
OTHON
EM VARIADA ESTAMPARIA UM TECIDO FINO PARA O SEU FINO GOSTO
(99)

O general Cordeiro de Farias iniciará a segunda etapa de sua campanha política

Floresta, o primeiro município a ser visitado pelo candidato das forças coligadas

O candidato coligado, general Cordeiro de Farias, dará inicio, depois de amanhã, á segunda etapa de sua campanha politica, voltando a excursionar por varios municipios, a começar de Floresta.

A propósito de sua primeira excursão á zona sertaneja, recebemos do nosso correspondente os seguintes despachos telegráficos:

DE S. JOSE' DO EGITO, 20 — A's 17 horas, realizou-se um grande comicio, em frente a Prefeitura desta cidade, sob intensa vibração de grande massa humana que superlotava a praça.

Debaixo de grande entusiasmo e vibração foi iniciado o comicio. Falaram o sr. Bernardo Jucá, professor Demostenes Veras, do PSP, sr. José Rabelo, academico Carlos Veloso, deputados Oscar Carneiro, Clelio Lemos e Walfredo Siqueira e o general Osvaldo Cordeiro de Farias. Foram aclamados o governador Etelvino Lins, o general Cordeiro de Farias e o deputado Walfredo Siqueira.

O sr. Antonio de Souza ofereceu um banquete ao general e comitiva, com a presença de chefes politicos deste municipio e dos vizinhos.

O general Cordeiro de Farias atendeu á oportunidade para manter contacto com o chefe udenista Inácio Mariano.

DE ITAPETIM, 21 — Surpreendente foi o número de pessoas que acorreram para assistir ao comicio do general Cordeiro de Farias, candidato dos partidos coligados ao governo de Pernambuco. Calcula-se que cêrca de duas mil pessoas estiveram presentes áquele meeting, no qual tomaram parte os seguintes oradores: sr. Adalberto Rego Monteiro, Edi Gonçalves, em nome da administração local, professor Horacio Rocha, o udenista Juarez Gomes Lopes, deputados Oscar Carneiro e Clélio Lemos, academico Fernando Cavalcanti, deputado Walfredo Siqueira e o general Cordeiro de Farias.

O deputado Walfredo Siqueira declarou que o general Cordeiro de Farias obterá cêrca de noventa por cento dos sufragios do novo municipio do Estado, o que virá reafirmar o prestigio e a pujança do PSD e demais partidos que compõem a coligação em prol da candidatura Cordeiro de Farias.

O general Cordeiro de Farias presidiu á solenidade de instalação do novo municipio, solicitando ao padre João Leite, vigario local, que cortasse a fita simbolica.

DE SERTANIA, 21 — Chegou,

(Conclue na 10.ª pagina)

Brochado da Rocha candidato do PSP ao govêrno do Rio Grande do Sul

A CONVENÇÃO DO PARTIDO TEVE A PRESENÇA DE ADEMAR DE BARROS

Escolhidos tambem os representantes pessepistas para o Senado

PORTO ALEGRE, 23 (Meridional) — A convenção do PSP escolheu, em voto secreto, o deputado José Brochado da Rocha, seu candidato ao governo do Estado. Para o Senado, foram indicados Marcial Terra e Tasso Correia, que igualmente aceitaram.

Para a proclamação dos candidatos chegou ontem o sr. Ademar de Barros. Brochado da Rocha, discursando, dando sim ao convite que lhe foi formulado oficialmente, disse, a certa altura: «Deus sabe também da decisão com que neste instante me atiro á luta mais uma vez a serviço do Rio Grande. Ademar, a seguir, saudou os candidatos do seu partido, dizendo:

«Eu não trouxe candidato no bolso do colete. Estou aqui para ratificar vossa escolha, como juiz que sou. Trago a José Diogo os meus parabens. Há mais de um ano o havia convidado, pois presentia que isso aconteceria». Depois dessas apreciações, o sr. Ademar fez propaganda de sua candidatura á presidencia da Republica, afirmando que a luta pelo governo de São Paulo, agora, não era seu intuito, mas que fôra levado a isso por por imperativos de ordem moral.

CORTINAS
TECIDO DECORAÇÃO
ATOALHADOS PARA MESA
OTHON
RICAS PADRONAGENS
PELOS MELHORES PREÇOS
A VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS

SOLIDARIEDADE DE ODILON BRAGA A LIMA CAVALCANTI

O deputado Lima Cavalcanti recebeu o seguinte telegrama: "Ao consumar-se a surpreendente e lastimavel adesão da convenção udenista de Pernambuco abominaveis propositos da oligarquia getulista, responsavel pela ruina moral e material de nossa patria, conforta ver a altiva bandeira de nosso partido empunhada por dignos membros do diretorio dessa capital a que se acham unidos o nobre deputado Neto Campelo e o caro amigo, velho companheiro de outras jornadas.

Estamos todos certos de que nas urnas o legitimo udenismo pernambucano saberá provar que não é, não pode ser da UDN uma convenção que não só renega os solenes compromissos como igualmente repudia as categoricas imposições decorrentes de sua razão de existencia. Surgido como orgão politico permanente do memoravel movimento de opinião le-

(Conclue na 10.ª pagina)

Noticias da Paraíba

Desarticulada uma perigosa quadrilha de malfeitores que vinha agindo no interior, composta de 47 elementos dos quais 19 foram capturados — Eleitorado paraibano — Festa das Neves — Regressa o bispo auxiliar — Atos do Executivo — Colaboração do Monsenhor José Coutinho — Sociais — Diversas

No último domingo, por ocasião do encerramento da tradicional festa de N. S. do Carmo, em João Pessôa, foi prestada ao venerando carmelita, frei José Maria Casanova, uma expressiva manifestação de apreço, ainda em homenagem ao seu jubileu sacerdotal, há pouco transcorrido. A Ordem Terceira do Carmo à frente o seu capelão, monsenhor José Coutinho, outras associações religiosas e altas autoridades, estiveram presentes à homenagem durante a qual foi oferecida ao velho educador carmelita uma lembrança. No cliché, um aspecto da manifestação prestada a frei Casanova

JOÃO PESSOA, 23 (De Correspondente) — Uma perigosa quadrilha de ladrões de cavalos, que, desde muito tempo, vinha agindo no interior dêste e do vizinho Estado do Rio Grande do Norte, acaba de ser desbaratada pela policia paraibana que, para êxito de suas atividades, contou com a cooperação da sua congênere potiguar.

Compunha-se a quadrilha de 47 elementos, 19 dos quais foram presos e se encontram na cadeia pública da cidade de Areia, à disposição da justiça.

São eles os seguintes: Manuel Maria da Silva, vulgo «Nezinho dos Porcos»; Claudino Raimundo do Joes, Francisco Leite; Manuel Pedro da Cruz, vulgo «Mano Pedro»; Silvino José, Manuel Paulo da Silva, Manuel Cicero Ferreira, vulgo «Candeia», Joaquim Ferreira da Silva, vulgo «Juá», José Macena, Francisco Roque, João Ferreira da Silva, vulgo «João Porfirio», Severino Claudino, Raimundo Jales, e mais seis cujos nomes não conseguimos apurar.

As diligências para captura dos integrantes da perigosa quadrilha tiveram começo no dia 7 do corrente mês, tendo a Policia apurado, anteriormente que os malfeitores tinham os seus esconderijos no interior dos municipios de Nova Cruz, Riacho Amarelo e Araruna, os dois primeiros situados em território norte-rio-grandense. Daí é que eles partiam para realizar suas perigosas incursões noutros municipios.

Com a prisão dos primeiros ladrões, vieram as autoridades policiais a conhecer e identificar os chefes da quadrilha que são os individuos Silvino José, vulgo «Nino de Ouro», José Duca, vulgo «Molho de Ferro», José Minot, José Inacio e José Vicente, vulgo «Biu Vicente», os quais também foram capturados.

ELLITORADO PARAIBANO

De acôrdo com informações colhidas no Tribunal Regional Eleitoral eleva-se a 365 611 o numero de elitores existentes no Estado.

Campina Grande continua na dianteira de todos os municipios, contando com 41.736 inscritos. A capital, ou seja todo o municipio de João Pessôa, conta .. 34.279 eleitores.

FESTA DE N. S. DAS NEVES

O monsenhor Pedro Anisio, vigário da Catedral, organizou uma lista das entidades e classes que patrocinarão, êste ano, o novenário da tradicional festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade, a ter inicio na terça-feira 27 do corrente, e que é a seguinte:

1.ª noite: — Superior Tribunal de Justiça, Tribunal Regional Eleitoral, Assembléia Legislativa do Estado e Camara Municipal.

2.ª noite: — Academia Paraibana de Letras, Faculdade de Direito, Filosofia, Medicina, Odontologia, e Ciencias Econômicas e Associação Paraibana de Imprensa.

3.ª noite: — Engenheiros, Agrônomos e Fiscais do consumo.

4.ª noite: — Bancários e autarquicos.

5.ª noite: — Militares.

6.ª noite: — Funcionários públicos federais, estaduais e municipais.

7.ª noite: — Dentistas e Farmacêuticos.

8.ª noite: — Estudantes.

9.ª noite: — Comercio e Industria.

DOM MANUEL PEREIRA DA COSTA

Chegará hoje a esta capital, de regresso de sua viagem ao sul do país, o bispo auxiliar eleito desta arquidiocese, dom Manuel Pereira da Costa.

A sagração do novo antistete está marcada para 15 de agosto próximo, consagrado á Assunção de Nossa Senhora, e data que assinalará o 60.º aniversário de fundação do Seminário Arquidiocesano da Paraiba.

ATOS DO EXECUTIVO

O governador do Estado assinou os seguintes atos:

Nomeando Sebastião de Morais para o cargo de Investigador da Policia Civil.

Concedendo aposentadoria á auxiliar de escritório Matilde Rossi de Oliveira, lotada na Divisão dos Serviços Distritais.

Concedendo aposentadoria a João Mesquita de Melo, artifice na Repartição do Saneamento de João Pessoa.

Tornando sem efeito o ato de 30 de março do corrente ano pelo qual foi nomeado Luiz Ferreira Sobrinho carcereiro da cadeia pública do municipio de Solanea.

Fazendo voltar às suas funções no Departamento de Educação, onde é lotada, a professora Maria de Lourdes Buriti, que se encontrava à disposição do Tribunal Eleitoral.

Determinando que a regente de classe Edelbrutes Adelaide Ferreira, ora a disposição do Colégio Estadual de Campina Grande, passe a servir, a pedido, nas Escolas Reunidas Mons. Sales, da mesma cidade

Nomeando Teresa Ramos Lins para exercer o cargo de 1.º escrevente compromissado do 1.º cartorio civel e crime da comarca de Mamanguape.

«UMA AJUDA PARA LEOPOLDINO»

Sob o titulo, acima o monsenhor José Coutinho escreveu, para esta secção, o seguinte comentário:

«Na rua da República, 566-B, em nossa Capital, está natalado, com minúscula drogaria o sr. Leopoldino Medeiros, pai de honrada e numerosa familia.

Trata-se de um farmacêutico prático, que conhece quase todo o Brasil.

Andou muito, desde meninote, sempre lutando com drogas. E quando cansou de andar, localizou-se de vez, em Malta, hoje municipio e então vila, onde exerceu, durante muitos anos, papel parecido com o de benemérito Antônio Batista, de Pirpirituba: — «atender indistintamente a quantos o procuram, de dia ou de noite, com dinheiro ou sem dinheiro».

Veio para esta Capital, como enfermeiro da Cooperativa dos Rodoviários.

Extinta que foi esta, resolveu, como fazem quase todos os que aqui chegam, a enterrar o velho corpo, quando morrer, no Cemitério do Senhor da Boa Sentença.

Quer isto dizer, que êle é do meu partido «sentei praça no batalhão pessoense, com sete anos de idade, e, fora da Paraiba, não quero ser nem rei».

O Leopoldino, de que me ocupo, é sobretudo, um homem consciencioso. Não passa o pé adiante da mão.

A não serem injeções comuns, contra gripe, dores e outras, que independem de prescrições médicas, êle só pega na seringa se o esculápio determinar.

Entretanto, tem tanta queda para cirurgia que, certa vez, ouvi dizer o dr. Janduhy Carneiro — o grande clinico, que tanto bem fez ao nosso alto sertão, quando residia, lá em Pombal — assumo a responsabilidade da operação, que Leopoldino fizer». Porque alguém o censurava, por ter encanado a perna de uma pessôa, muito pobre, numa localidade onde só existiam médicos, a nove léguas de distância e sem estradas para automóvel, filho de um morador do falecido fazendeiro José Rodrigues de Souza, mais conhecido por José Neco, sogro do também falecido Avelino Marques, ex-vice-prefeito de Pombal, cujas familias ainda hoje residem em Malta.

Doutra vez, uma criança, filha de José Vicente e Tica Alves, também até agora em Malta residentes, de quatro anos de idade, afogou-se numa lagôa próxima à cidade, tendo caido de uma pedra, onde estava brincando.

Avisados seus pais, apressaram-se em retirá-lo dágua, sem sentidos, com sinais mui prováveis de morte completa

Foram chamar o benemérito profissional e êle nem queria vir, justamente por se sentir francamente constrangido, porque nada podia fazer mais, pelo defuntinho.

Pelo menos, quase ninguem aprovou estar Leopoldino ou Leopoldo, como muitos preferem chamá-lo, embora com inteira permissão dos pais, «judiando» com os seus restos mortais.

Aplicou-se um pouco de ginástica respiratória, com o moribundo debruços, com massagem dos pulmões, junto às costelas mindinhas e, mais ou menos meia hora depois, a criancinha «ressuscitava», fato êste presenciado por toda a população de Malta, salvo engano, no ano de 1941.

Eis de que é capaz o Leopoldino, da rua da República, quando reside em localidades que não têm médicos.

Ninguém, porém, é mais prudente e precavido, parecendo nada conhecer dos segredos clinicos e operatórios, que o nosso farmacêutico-enfermeiro, quando está perto de algum esculápio.

Conhecem-no de perto, e fazem dele o melhor juizo, além de outros, o grande Isaias — dr. Isaias Silva, o eximio cirurgião que, apesar de ser apenas otorrino e oculista, opera vantajosamente, da ponta do cabelo, a ponta dos pés, hoje com consultório, nesta Capital, no Edificio Duarte da Silveira: os beneméritos e competentes clinicos e operadores, doutores Atêncio Wanderley, de Pombal; Lauro Queiroz e João Caetano de Patos; José Dias, de Esperança; meu primo e amigo Marinésio Moreno, desta Capital, que podem atestar também sua benemerência, pois faz tudo o que é possivel, sem exigir dinheiro, tratando-se de pessoas realmente pobres, esteja dormindo ou acordado.

Que Deus Nosso Sênhor o continue protegendo, enquanto viver, não só para felicidade de sua familia, como também, para beneficio de quantos precisarem dos seus serviços».

CASAMENTO

Na cidade de Itabaiana, realiza-se, amanhã, o casamento da senhorita Semiramis de Albuquerque Lira, filha do sr. Vicente de Menezes Lira e de sua espôsa, sra. Severina de Albuquerque Lira, com o sr. Armando Cesar Bezerra, funcionário da agência do Banco do Brasil nesta capital.

O ato religioso, com efeito civil, se efetuará ás 16,30 horas, na residência dos genitores da nubente. Servirão de paraninfos, por parte da noiva, o sr. Jonas Cordeiro de Souza e consorte e o dr. José Bernardino de Paula Lemos e senhorita Elizabeth de Albuquerque Cavalcanti e, por parte do noivo, o jornalista Samuel Soares e espôsa e o sr. Olivio Falcão e espôsa.

Os nubentes fixarão residência nesta capital à av. capitão José Pessôa, 292.

INAUGURADA A FÁBRICA DE PNEUS GENERAL

Aspecto da visita dos convidados aos diversos departamentos da fábrica, no dia de sua inauguração, vendo-se o governador Amaral Peixoto e outras autoridades, banqueiros, industriais e comerciantes presentes ao ato.

Com a presença do governador Amaral Peixoto, foi inaugurada, no Estado do Rio de Janeiro, no Km 27 da Rodovia Presidente Dutra, a Fábrica de Pneus General. Dotada das mais modernas máquinas e dos mais adiantados recursos técnicos para a fabricação de pneumáticos, esta nova fábrica de pneus representa o resultado da alta compreensão e do esforço de um grupo de industriais brasileiros e norte-americanos no sentido de contribuir para a solução dos problemas relacionados com o transporte no Brasil. Além do governador do Estado do Rio, estiveram presentes ao ato inaugural o bispo D. José Sodré Coimbra, a quem coube a cerimônia da benção das instalações da fábrica; os srs. C.F. O'Neal, vice-presidente da General Tire Rubber Co., encarregado das operações com o estrangeiro, e sr. J.H. Androoli, vice-presidente da General Tire & Rubber Export Co., sr. E.G. Fontes, presidente da Pneus General S.A., o ministro da Saúde dr. Mário Pinotti, o dr. Miguel Couto Filho e outras altas personalidades bem como jornalistas, industriais, comerciantes e presidentes de diversas entidades de classe. Durante a solenidade inaugural usaram da palavra o governador Amaral Peixoto, que se referiu á importancia da nova iniciativa no plano da solução dos fundamentais problemas do país, e o sr. Harold Purvianca que agradeceu as expressões do governador fluminense. Em seguida, foram oferecidos aos presentes um cocktail e um churrasco.

MODIFICAÇÃO DO SISTEMA DE LEILÕES DE MOEDAS

RIO, 23 (Meridional) — As autoridades monetárias estão realizando estudos que visam corrigir o sistema de leilões de moedas, de modo a assegurar o abastecimento dos produtos essenciais e eliminar a importação de artigos supérfluos. Cogita-se para êste fim, de restabelecer as cotas para determinados produtos fundamentais e tornar não licenciáveis certas mercadorias que possuem similar nacional.

Tais providências estão sendo reclamadas porquanto, apesar dos leilões, muitos artigos de primeira necessidade continuam faltando no mercado, como é o caso, por exemplo, dos anti-bióticos. O contingenciamento das importações seria aconselhável em virtude da queda de nossas exportações de café, sabendo-se que, no corrente mês, o Brasil não conseguiu vender mais de 10 milhões de dolares de café, fato mais grave e inquietante.

A presente conjuntura não permite mais especulações, sob pena de arrastar o Brasil a consequências imprevisiveis

CONDENADO O PROMOTOR GAUCHO

PORTO ALEGRE, 23 (Meridional) — Há tempos, no Hotel Lageado, desta capital, o promotor público José Bonifácio Machado Leal e Tolino Balduino Martineia travaram uma luta corporal, que cessou devido a intervenção de terceiros. Dias depois, o promotor procurou prender o seu antagonista, no que resultou nova luta, recebendo ambos lesões corporais. O juiz absolveu os dois acusados, dada a carência de provas sôbre a iniciativa da agressão.

A decisão foi confirmada pelo Tribunal de Justiça contra o voto do desembargador Macedônio Soares que condenava o promotor a um ano de prisão. O desembargador, sustentando o seu voto, disse que o promotor se aproveitara da ausência de Tolino Martineia para cortejar sua espôsa, hóspede do hotel. O promotor, não conformado com a injúria, vem de representar ao Supremo contra a afirmativa do desembargador, afirmando que a mesma está desamparada pela prova dos autos e que fôra pronunciada com o fito de lançar o querelante ao despreso público

OUÇAM DOMINGO PROXIMO, das 13,30 às 15 horas na RADIO TAMANDARÉ o espetaculo sensação da temporada com

ITALO CURCIO

apresentando o monovox de Meira Pires

"A MULHER DE PRETO"

INEDITO ! SENSUAL ! ESTRANHO !

Um espetaculo diferente para ser ouvido com prazer e lembrado com saudade !

Italo Cúrcio, notavel interprete de «A mulher de preto»

Não deixem de ouvir pelas ondas da Rádio Tamandaré, a maior criação artistica de ITALO CURCIO.

"A MULHER DE PRETO"

SATANICA ! TENTADORA ! MULHER... ACENTUADAMENTE MULHER !...

AMANHÃ, ÀS 11.30, NO PROGRAMA MISCELANIA SONORA, DA P.R.A.8, OUÇA

OTAVIO BRAGA

a bonita voz do rádio alagoano cantando

numa gentileza de

AMARO PAULO DA SILVA

FARTA DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES — MUITAS SURPRESAS — NOVIDADES !

MISCELANIA SONORA

AVISO

O BANCO DE CREDITO REAL DE MINAS GERAIS, S.A., tem a satisfação de participar aos seus clientes e amigos, a instalação de sua Carteira de Cambio nesta praça. Todas as operações do ramo, inclusive no mercado de taxa livre.

(23630)

EM ANDAMENTO O «BINOMIO»

Concluida a fase importante do p'ano energia-transporte

Perfurado em Salto Grande o maior tunel hidro-elétrico do Brasil, em volume de escavação — A solenidade

BELO HORIZONTE, 23 (De Afonso Casanova, enviado especial dos Associados) — Via Meridional — Acaba de ser concluida a perfuração do maior tunel hidroelétrico do Brasil em volume de escavação. A conclusão teve lugar hoje, quando o governador Juscelino Kubitschek acionou a chave eletrica para a ultima explosão e, em seguida, fez a primeira travessia do canal em companhia de sua comitiva e dos diretores e engenheiros da Central Eletrica de Minas Gerais que realiza a obra.

ETAPA FINAL

O referido tunel, que mede 4.600 metros, dará escoamento ás águas do rio Guanhães, que irão alimentar os geradores da usina de Salto Grande, no municipio de Joanésia. Sua conclusão constitui o fim da mais importante etapa dessa obra grandiosa, que se destina a fornecer a Minas Gerais, dentro em breve, mais 64 mil cavalos de energia, dentro do plano em execução pelo chefe do Executivo mineiro. Daqui por diante não se apresentarão senão problemas simples ao prosseguimento da obra que o sr. Kubitschek tenciona inaugurar em fins de 1954.

EMANCIPAÇÃO ECONOMICA

Por esse auspicioso fato, os diretores da Central Eletrica ofereceram um almoço ao governador, autoridades do Estado e representantes das classes produtoras presentes em Salto Grande. Nessa ocasião, o sr. Lucas Lopes, diretor-presidente daquela companhia, usou da palavra para expôr ao governador o andamento das obras, assegurando-lhe, então, que nenhuma dificuldade se oporá à inauguração da usina do Salto Grande no prazo previsto. O embaixador Negrão de Lima, que integrava a comitiva governamental, falou em seguida, para erguer um brinde ao sr. Kubitschek e congratular-se com os responsaveis pelo trabalho pela competencia e entusiasmo que dedicam à sua tarefa. Assinalou que é motivo de jubilo para todos os mineiros o rapido andamento da construção da usina. Falou, ainda, o deputado Emilio Vasconcelos, apreciando o alcance dessa realização para a economia do Estado e salientou que o sr. Juscelino Kubitschek vem rejuvenescendo o velho coração de Minas, que começa a palpitar para o progresso.

Por fim, o governador mineiro, agradecendo as manifestações, referiu-se à revolução que constituiu seu plano de energia e transporte. A inauguração da usina do Salto será o inicio da redenção economica de Minas — assinalou o orador. Rapidamente, será duplicado o número de operários em atividade na indústria: de 150 mil que são hoje, passarão a ser 300 mil, em futuro próximo.

O sr. Juscelino Kubitschek concluiu declarando que espera prestar contas ao povo de seus atos á frente do governo mineiro e então poderá declarar, sem recear contestação que cumpriu todas as suas promessas.

IMPUREZA DO SANGUE
ELIXIR DE NOGUEIRA
AUX. CONTRA SIFILIS

FALECEU O GENERAL BERNICE MACHFAMDEN

TRIESTE, 23 (U.P.) — Aos 58 anos de idade, faleceu, hoje, o major general norte-americano Bernice Machfamden.

Há um secu'o

O QUE O «DIARIO DE PERNAMBUCO» PUBLICAVA NO DIA 24 DE JULHO DE 1854

COMMUNICADO

O consul e os portuguezes em Pernambuco

1

Sabbado á tarde (22), chegando á este porto, vindo de Lisboa o vapor brasileiro Magé, espalhou-se a noticia de que o governo portuguez não deferira favoravelmente a representação que contra o consul Joaquim Baptista Moreira e seu chanceller Miguel José Alves, lhe dirigiram centenas de portuguezes nesta cidade. Alguns dos affeiçoados á estes dous empregados, não poderam conter o seu jubilo, percorreram as ruas, não deixando pela maneira porque se portavam, de dar não equivocas provas de sua boa educação!

Quando exacta fora a noticia, o consul, o vice-consul e os amigos destes, deviam ter em vistas que o triumpho, se tal nome se lhe pode dar, era devido a protecção de que tanto se jactava o primeiro accusado, e não ao merecimento de ambos, e que esta causa é modo de vencer he mais para deplorar, do que para estimar áquelle, que prefere o bom nome aos lucros do emprego! Perca-se tudo (dizia o imperador Francisco) mas não se perca a honra!

Os portuguezes, signatarios da representação, teem consciencia de si, e quando verdadeira seja, ou venha de futuro verificar-se a noticia do não vencimento do mais justo pleito entre elles, e os empregados accusados, toda a moralidade da decisão cabera em partilha ao governo.

Os portuguezes teem a satisfação de que, queixando-se de dous empregados, estavam em seu direito; não receiam a pecha de calumniadores porque ao quanto contra esses empregados allegavam pelo modo possivel fizeram legal prova; ao que tudo succesce o verem ainda no campo e em todo o seu vigor e energia os factos arguidos, sustentando a justiça dos queixosos e da causa! As decisões do governo portuguez a respeito, vencerão, mas não convencerão aos homens de bom senso de quem queremos o juizo.

VIVER! MORRER!

DEPENDE DO SANGUE

O SANGUE E' A VIDA

Tonifique-se com SANGUINOL que contem excelentes elementos tonicos tais como: Fosforo, Calcio, Vanadato e Arseniato de sodio.

Os palidos, esgotados, depauperados, mães que criam, magras e crianças raquiticas.

TONIFICAR-SE-AO COM O

SANGUENOL

FREVO Caboclinhos BUMBA-MEU-BOI SEBASTIÃO LOPES LUPERCE MIRANDA E SUA GENTE

3º Aniversário de

GRANDES ATRAÇÕES REGIONAIS SOB O COMANDO DE ALMEIDA CASTRO

PELAS ONDAS DA

Radio Tamandaré

UM PRÊMIO PARA O AUDITORIO CADA 5 MINUTOS!

2.000 CRUZEIROS EM UTILIDADES PARA O MELHOR PAR QUE DANSAR A "VALSA DO ANIVERSARIO"

PRIMEIROS SUCESSOS PARA O CARNAVAL DE 55

Ainda muito grave o problema da tuberculose em Pernambuco e no país

Exagêro de otimismo em tôrno da açã orecuperadora pelos antibióticos e auimioterápicos — Enfermos resistentes ás drogas — Fala a êste jornal o prof. Agenor Bomfim

O tisiologista Agenor Bomfim, falando á reportagem

A propósito do VII Congresso Nacional de Tuberculose, ora reunido no Rio e cujos trabalhos vêm provocando debates nos Estados, o prof. Agenor Bomfim, conhecido tisiólogo pernambucano e pioneiro da luta contra a tuberculose no Nordeste, fez ontem, á nossa reportagem, as seguintes declarações:

— Nada mais fatal para um país do que cruzar os braços na convição errada de que um problema, qualquer que seja êle, tenha sido resolvido, sem que, de fato, o tenha. No Brasil há dessas coisas.

O problema da tuberculose continúa a ser um grave problema de saúde pública no mundo inteiro, certamente mais grave em alguns países que em outros, mas sempre grave. Todos sabem, hoje, que a mortalidade por tuberculose vem decrescendo, obedecendo a um ritmo secular, que se tem observado em todos os países do mundo, mesmo naquelos em que a luta anti-tuberculosa é apenas rudimentar ou mesmo inexistente.

Agora, depois do advento dos antibioticos e quimioterapicos, atribui-se a queda da mortalidade á ação de tais drogas, o que é, em parte, verdade; mas sòmente em parte, porque a curva de mortalidade vem caindo antes da era dos antibioticos e quimioterapicos.

Apreender as causas de tal fenomeno epidemiologico não é facil, mesmo nos paises em que a tuberculose já castigou, em demasia, as populações e selecionou os mais fortes.

Em 1939, no meu correlatorio ao I Congresso Brasileiro de Tuberculose, realizado no Rio, relativo ao tema «A luta anti-tuberculosa em Pernambuco», dizia que, de fato, a mortalidade baixa, declinio que é mais regular e mais acentuado na cidade do Recife do que no Distrito Federal e que não se pode atribuir á luta anti-tuberculosa empreendida, desde que esta não se tem desenvolvido em proporções que justifiquem tal declinio, e sim naturalmente, porque, como diz Burnet: «Estas considerações não pretendem revelar a causa do declinio da mortalidade e que o fato mesmo da tuberculização ser um fato social, o declinio fica um fenomeno mal explicado».

Na realidade, afóra as causas da baixa de mortalidade, que permanecem pouco claras, no momento o advento dos antibioticos e quimioterapicos tem concorrido para o aludido declinio, dando a impressão de que o problema se torna menos grave e pode ser descurado, quando na realidade, o numero de doentes tende a aumentar, criando problema de grande envergadura, qual o da hospitalização desses doentes para, em muitos casos, serem submetidos á cirurgia, ou, então ocuparem por longo prazo os leitos dos hospitais, quando não permanecer em tratamento ambulatório, espalhando a doença.

Por aí se vê que a baixa da mortalidade não é um fenomeno muito animador, desde que os que não morrem se tornam, em geral, invalidos, gravando a coletividade e disseminando a doença. Com isso não quero dizer que a estreptomicina, o P.

(Continua na 16 ª página)

ONTEM NO AEROPORTO

A caminho do Rio, paru uma temporada no Teatro Municipal, a Opera Lírica de Berlim — Remanescentes da Delegação Brasileira aos jogos da Copa do Mundo — Em transito um «Globe Trotter» da imprensa chilena — Regressa dos EE. UU. o presidente da A.I.P.

Durante o dia de ontem chegaram quatro aviões comerciais internacionais ao aeroporto dos Guararapes: PANAIR, de Hamburgo, para Santiago; SWISSAIR, de Zurique, para São Paulo; KLM, de Amsterdam, para Buenos Aires e ALITALIA de Buenos Aires, para Roma e escalas.

OPERA LIRICA ALEMÃ

Esteve em transito, pelo Recife, viajando a bordo do Constellation da linha de Hamburgo, a Opera Lirica de Berlim, que se vai exibir no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. E' a terceira vez que o referido conjunto vem ao Brasil, trazendo como das vezes anteriores excelente repertorio. Depois de atuar no Rio de Janeiro se transportará para São Paulo para nova temporada, voltando em seguida á Europa. Grandes nomes do Lirico integram a Opera de Berlim.

VOLTAM DA COPA DO MUNDO

Quatro brasileiros, todos eles procedentes da Suiça, via Paris, fomos encontrar entre os passageiros do avião de Hamburgo: Hermes Borges, ex-footballer do Cannes e do Botafogo e esposa, sra. Maria da Gloria Borges, a radio-atriz da Nacional Daisy Lúcidi e o locutor esportivo da RADIO GLOBO Luis Mendes.

Viajava ainda no mesmo aparelho o sr. Alfredo Curvello, um dos diretores da Confederação Brasileira de Desportos, acompanhado de uma filha.

SATISFEITOS POR VOLTAR

Em ligeira palestra com os citados patricios, fomos por eles informados de que por mais que se faça em nosso país uma péssima propaganda por tudo quanto é nacional, culpando o governo pela carestia etc., eles preferem ficar aqui a permanecer na Europa, onde a vida é muito mais cara do que aqui e nem os salarios condizem com as necessidades. De todos os paises visitados nenhum deles excede o Brasil, estando incluido nessa lista Portugal. Na Europa a vida é bem mais cara do que entre nós e a diferença é de que ninguem reclama. De nenhum europeu se ouve um murmurio de queixa ou qualquer atitude contraria ao governo, como si esse fosse o unico culpado.

Estão, assim, todos satisfeitos por voltar ao Brasil.

UM GLOBE TROTTER DA IMPRENSA CHILENA

Fomos encontrar no aeroporto viajando a bordo do Constellation da linha domestica da PANAIR, o jornalista e escritor chileno Fernand Fournier-Aubry autor do livro «Mon métier l'aventure». Fournier-Aubry é um dos raros jornalistas cuja vida é um incessante passeio através do mundo. Vive viajando todo o tempo. Agora regressa dos Estados Unidos mas vai ao Rio apenas para tomar um avião para a Europa. Da Europa irá á Africa e assim, sem cessar, ele viaja e escreve o que vai observando para os seus jornais e revistas do Chile. Falou-nos de «Zig-Zag», uma revista semanal toda ilustrada que se edita em Santiago e de outros periodicos em que escreve e cujos nomes não nos lembramos no momento. Seu ultimo livro, cujo nome acima nos referimos tem merecido excelente critica, tendo saido agora uma tradução francesa muito interessante. Não é apenas um jornalista Fournier-Aubry mas um grande filosofo e mestre, conhecendo a fundo a alma de variados povos, sua vida, seus costumes, etc. Sua descrição de tudo quanto vê admiravel e fiel.

Falando de Aubry um critico francês assim se expressou: «Ele é util á vida, é util ao mundo, vivendo honestamente, apaixonadamente e perigosamente, ás vezes, a verdadeira, a bela e grande aventura».

REGRESSOU O PRESIDENTE DA AIP

Acompanhado da esposa regressou, na manhã de ontem ao Recife, depois de uma visita aos Estados Unidos e alguns paises da America Central o nosso confrade da imprensa.

(Continua na 10 ª página)

Dolares americanos e alemães licitados integralmente, ontem

Tambem foram negociados certificados de promessa de venda de moedas dos convenios com o Chile, Espanha e Argentina, além de francos franceses, na 1.' categoria — Nos dias 26, 27, 28 e 29 os pregões da próxima semana — As disponibilidades

No horario do costume, realizaram-se ontem, na Bolsa de Valores de Pernambuco, os dois leilões especiais destinados á importação de frutas frescas, secas e dessecadas de procedencia da Argentina e bem assim o pregão para a aquisição de bens de produção para emprego exclusivo na lavoura.

Ambos foram dirigidos pelo corretor Luiz de Oliveira Lobo.

Os agios a serem recolhidos pelos importadores montaram á quantia de cr$ 1.575.040,00.

Houve por outro lado, completo desinteresse pela compra dos diversos certificados de promessa de cambio dos convenios com o Japão, Italia, Argentina (Lavoura) Uruguai e Dinamarca.

As divisas vendidas nos leilões de ontem se destinaram a importadores das seguintes pracas: Recife, Caruarú, Rio e São Paulo.

AS VENDAS

Foi mercado firme o dolar americano. A disponibilidade da ª categoria, US$60.000.00 foi licitada por firmas do Recife, Rio e São Paulo, ao agio minimo; tambem ao premio minimo foi adquirida por importador de São Paulo a disponibilidade da 2ª categoria (US$200.000.00).

DOLARES SOBRE A ALEMANHA

Pela primeira vez os certificados de promessa de venda de divisas do convenio alemão, destinadas á lavoura, obtiveram mercado firme. A totalidade da 1ª categoria (US$18.000.00) foi licitada ao agio minimo por licitante de Caruarú; para importador do Recife se destinou a disponibilidade da 2ª categoria . . . . . (US$6.000.00) ao premio minimo.

DOLARES SOBRE O CHILE

A firma do Recife foi vendida a disponibilidade da 1ª categoria (US$18.000.00) ao agio minimo. Não houve comprador para os diversos certificados de promessa de cambio da 2ª categoria.

DOLARES SOBRE A ESPANHA

Não houve comprador para 2ª categoria. A disponibilidade da 1ª (US$3.000.00) foi adquirida ao agio minimo por importador do Recife.

DOLARES SOBRE A ARGENTINA

A licitante do Recife, e destinado a importação de frutas frescas, secas e dessecadas de procedencia argentina, foi vendido na 4ª categoria (US$2.000.00) pela sobretaxa unica de cr$10.00.

FRANCOS FRANCESES: ENTREGA PRONTA

A disponibilidade da 1ª categoria (Fr$.frs.8.400.000.00) foi adquirida por comerciantes do Recife e de São Paulo, ao agio minimo; não houve comprador para os diversos certificados de promessa de venda da 2ª categoria.

O RESULTADO OFICIAL

De acôrdo com o comunicado oficial da Bolsa, foi o seguinte o resultado dos pregões especiais ontem, realizados no Recife:

Dolares sobre os USA	US$80.000.00	cr$ 840.000.00
idem Alemanha	24.000.00	261.800.00
idem Chile	18.000.00	180.000.00
idem Espanha	3.000.00	30.000.00
idem Argentina	2.000.00	20.000.00
	127.000.00	1.331.800.00
Francos franceses	8.400.000.00	240.240.00
		1.575.040,00

OS PROXIMOS LEILÕES CAMBIAIS

A Bolsa de Valores de Pernambuco de acôrdo com a comunicação recebida da Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, está anunciando que os proximos leilões de agios serão realizados no Recife nos dias 26, 27, 28, e 29 da proxima semana, cujas disponibilidades são as seguintes:

MOEDAS PRAZOS	PIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	QUARTA	QUINTA	TOTAL
Dia 26-7-54						
US$ ALM. PRONTA	35.000,00	22.000,00	65.000,00	11.000,00	3.000,00	136.000,00
US$ ITAL. PRONTA	25.000,00	26.000,00	35.000,00	9.000,00	1.000,00	96.000,00
US$ ING. PRONTA	3.000,00	6.000,00	12.000,00	2.000,00	1.000,00	24.000,00
US$ POL. PRONTA	10.000,00	6.000,00	20.000,00	3.000,00	1.000,00	40.000,00
US$ URUG. PRONTA	13.000,00	4.000,00	5.000,00	2.000,00	— 0 —	24.000,00
Dia 27-7-54						
US$ AR. PRONTA	2.000,00	6.000,00	6.000,00	9.000,00	1.000,00	24.000,00
US$ HUNG. PRONTA	5.000,00	3.000,00	28.000,00	2.000,00	2.000,00	40.000,00
US$ 120D/D	152.000,00	121.000,00	108.000,00	12.000,00	4.000,00	400.000,00
Dia 28-7-54.						
US$ CHL. PRONTA	1.000,00	5.000,00	9.000,00	1.000,00	— 0 —	16.000,00
US$ JAP. PRONTA	18.000,00	20.000,00	65.000,00	8.000,00	1.000,00	112.000,00
US$ NOR. PRONTA	1.000,00	18.000,00	3.000,00	2.000,00	— 0 —	24.000,00
FR.FRS. PRONTA	10.500.000,00	9.800.000,00	25.200.000,00	3.500.000,00	1.400.000,00	50.400.000,00
SW.FR. PRONTA	25.000,00	80.000,00	50.000,00	5.000,00	— 0 —	160.000,00
Dia 29-7-54.						
US$ ESP. PRONTA	2.000,00	11.000,00	16.000,00	2.000,00	1.000,00	32.000,00
US$ FIN. PRONTA	1.000,00	28.000,00	10.000,00	1.000,00	— 0 —	40.000,00
US$ GREG PRONTA	1.000,00	12.000,00	9.000,00	2.000,00	— 0 —	24.0000,00
US$ TCH. PRONTA	2.000,00	1.000,00	18.000,00	2.000,00	1.000,00	24.000,00
DAN. KR. PRONTA	42.000,00	70.000,00	105.000,00	7.000,00	— 0 —	224.000,00
£ LIBRAS PRONTA	4.400.0,0	1.200.0,0	8.000.0,0	400.0,0	400.0,0	11.400.0,0

POLÍTICA

PARCIAL ELEVAÇAO

A Frente Parlamentar que ainda não dera sinal de vida apareceu, ontem, no Legislativo, através de um discurso do lider da UDN, sr. Diocleciano Pereira Lima. O sr. Amaury Pedrosa dando prosseguimento ao programa falara na proxima segunda-feira e lá anuncia que irá fazer escaneus. Esse desejo de escarcéu não parece ter feito mossa no sr. Diocleciano Pereira Lima que iniciou o seu discurso de ontem apelando para a dignidade e elevação na maneira de conduzir a Frente o seu objetivo de combater o governador Etelvino Lins. A serenidade também é conclamada pelo lider udenista, porque sem serenidade o Legislativo perde o respeito perante o povo.

Volta com agrado, aduz o sr. Diocleciano, à oposição. «Este sempre foi o nosso clima». Certo é que a UDN não volta á oposição por motivo de clima, no que pese agradar-lhe esses ares. Volta porque isto estava na logica das coisas, desde que o sr. João Cleofas resolveu topar a parada da sucessão.

O discurso recua até 1945, com o desembargador José Neves contra quem nada se articulou sobre a sua conduta no pleito. Quanto aos senhores Dermeval Peixoto e Barbosa Lima Sobrinho não tinham sobre os ombros as franquias e os poderes governamentais e as responsabilidades e empenhos partidários ligados á chefia de uma das facções em litigio. Durante esses governos a UDN não se exercitou no clima da oposição que é o clima do seu especial agrado. Isso porque um deles não pertencia a Partido e o outro se desligara daquele que o elegera.

Isso de clima politico do especial agrado da UDN ás vezes então mas é pena que em quase dois anos tenham os seus representantes vivido em pleno clima do desagrado tão satisfeitos! E que agora saiam da satisfação do clima que os desagradavam para lançar-se ao azar de um clima de seu especial agrado. A satisfação se troca pelo azar; contudo, na filosofia deles é preferivel correr os riscos a ter a certeza dos trunfos.

Isto, porém, é outra história. O que aqui se deseja ressaltar, á margem do discurso do sr. Diocleciano Pereira Lima, é sua disposição para a moderação, a serenidade e a continencia dos debates no trato dos problemas politicos ligados á sucessão.

Uma cousa é ele ter essa disposição e outra, diferente, é permitir os seus companheiros de bancada, de Presidencia e do Partido Trabalhista a permanencia dessa disposição. Ainda ontem o sr. José Mixto, através de apartes que o orador ia registrando, sem constrangimento, não se acomodou ás ponderações do lider e nas suas oportunidades não foi nem moderado nem sereno. Dos senhores Aurino Valois e Vieira de Menezes não se póde exigir serenidade e sobriedade porque estão dentro de sua linha de oposição sistemática e ademais excluidos do acôrdo não-escrito de elevação dos debates. Aurbos estiveram virulentos nos apartes, mas como são sempre virulentos, uma a mais ou a menos não conta. — PAULO DO COUTO MALTA.

As profecias do coronel Chico Heraclio

Trecho de uma carta dirigida ao sr. Etelvino Lins, presidente do P.S.D. em Pernambuco, pelo sr. Francisco Heráclio do Rêgo, em data de 10 de maio do corrente ano: — «Apesar de haver sofrido tantas desconsiderações, ainda quero dar uma prova de minha sinceridade. Pois V. Excia., que não é nenhuma criança, deve estar de orelha atenta a essas exigências dos udenistas, exigências que se contam como havendo exigido 41 municipios, três secretarias — e das melhores — além de muitas outras coisas. Está ou não claro que Cleofas está com o general apenas enquanto espera uma cisão no P.S.D. para êle poder candidatar-se, pois tem a ilusão de ou a certeza de levar de barbada.

Não é possivel que V. Excia. seja tão inocente que não esteja vendo isso, vendo êsse jôgo que parece no escuro, mas que está muito descoberto. Pessoa recentemente chegada do Rio, e pessôa fidedigna, me afirmou, com tôda segurança que, no I.B.G.E., existem milhares de cartazes com a propaganda de Cleofas. Trata-se de uma propaganda em papel de 1ª qualidade, nas côres verde-amarelo e com dizeres mais ou menos assim: «Para governador do Estado, votai em João Cleofas de Oliveira, o mais operoso ministro do presidente Vargas».

Por aí, se vê para onde vai marchando o P.S.D., confiando em gente dessa natureza que espera só o momento oportuno para dar um golpe no Partido. Com a cisão que temos a certeza de se dar, Cleofas aguarda, apenas, o lançamento da candidatura do general e a de Jarbas, essas por outro Partido, para lançar a sua, na certeza de levar a melhor. V. Excia. verá que tudo quanto eu estou dizendo é a expressão da verdade».

Ausencia

Apenas o sr. Luiz de França esteve, ontem, no plenario, disposto á defesa do governo. Da bancada do PSD apenas os senhores Metodio Godoy e pe. Simões, este apenas fazendo hora. Do PSP apenas os srs. Luiz de França e Aloisio Pais (o sr. Edmar Fernandes ocupava a presidencia). Constancio Maranhão e Cicero de Souza do PTB não deram um pio. O PTB, integrado por Adalberto Guerra, Aurino Valois e Vieira de Menezes ajudaram o orador.

Finalmente onde se encontravam os pessedistas?

O lider Nilo Pereira estava em missão cultural no Rio Grande do Norte; mesmo os mais assiduos desapareceram como por encanto. Se vai acontecer o mesmo com os demais oradores da Frente Parlamentar, estamos arranjados!

Manifesto pró general

O sr. Alexandre Gomes de Menezes pede acolhida nesta coluna para o manifesto que acaba de lançar aos seus conterraneos de Petrolandia e Tacaratú, recomendando a candidatura do general Cordeiro de Farias para governador e a de Luiz Magalhães Melo para deputado federal.

Abaixo vai parte do manifesto:

«O sertão será olhado com desvêlo e carinho pelo general Cordeiro de Farias, que já é conhecedor de suas mais prementes necessidades. Sabe que o sertanejo é um eterno sofredor, sempre sujeito ao rigor das estiagens periódicas e, muitas vezes, contando com as chuvas, não dispõe de enxadas, de sementes ou de tratores.

O general Cordeiro de Farias, que foi um administrador objetivo em sua terra, resolvendo preferencialmente aquilo que requeria mais urgência, sêlo-á também, em nosso Estado, procurando auscultar as necessidades de sertanejo para, no que fôr possivel, atendê-lo. E' um grande candidato, capaz de levar o nosso Estado a grande destino. Vamos elegê-lo meus conterrâneos.

Tacaratuenses: sejamos tôdos um só eleitorado para sufragarmos o nome do general Cordeiro de Farias para governador de Pernambuco, na certeza de que, votando nêle, estaremos traçando o rumo de nossos destinos. Sufraguemos também, o nome de Luiz de Magalhães Melo para deputado federal, pois se trata de um môço inteligente que, atualmente, integra a representação de Pernambuco na Camara Federal. Amigo de nossos municipios, pelos quais vem trabalhando com muito interêsse e, se reeleito, mais ainda poderá fazer como prova de gratidão. Votemos pois, sem tergiversação no general Cordeiro de Farias para governador de Pernambuco e em Luiz de Magalhães Melo para deputado federal. Oportunamente, sabereis quais os nossos candidatos a senador e a deputado estadual, êste último como nosso representante junto á Assembléia Legislativa, caso eu não me candidate».

Telegramas

O deputado José Mixto enviou ao sr. Mauricio Joppert, presidente da UDN do Distrito Federal, o seguinte telegrama:

"Telegrafei para protestar contra a precipitada e leviana atitude da UDN carioca se intrometendo indebitamente na UDN de Pernambuco. A sua secção pode vir engrossar a ficeira da candidatura forasteira e pessedista para conhecer de perto a bravura pernambucana".

Assim respondeu o sr. Mauricio Joppert ao sr. José Mixto:

"A UDN carioca não faz restrições á bravura pernambucana nem deseja imiscuir-se na politica regional de Pernambuco. Luta apenas pela sobrevivencia do Partido Nacional, profundamente atingido neste momento. Agradecendo seu telegrama, atenciosos cumprimentos. (a) Mauricio Joppert da Silva."

Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia

Realizada, ontem, a última sessão ordinária do Congresso — Visita ás Bibliotecas Populares do D.D.C. — Jantar oferecido pela Comissão do Tri-Centenário da Restauração Pernambucana

No salão azul, do Grande Hotel, onde se realizam as solenidades do Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, teve lugar ontem a última sessão ordinária, subordinada ao Tema Associação de Bibliotecários e Legislação Bibliotecaria, funcionando como relatores as bibliotecarias Bernardete Sinay Neves e Guiomar de Almeida Franco, a primeira de Salvador e a segunda de São Paulo. Os relatórios foram vivamente discutidos e aprovados pelo plenário.

A' tarde realizou-se a anunciada visita ás Bibliotecas Populares e á Diacoteca Pública Municipal. Os congressistas colheram a melhor impressão possivel, declarando que o Recife está á frente de todo o país no capitulo das bibliotecas populares.

Com a presença do prefeito José do Rêgo Maciel teve lugar ás dezoito horas, em frente ao Teatro Santa Isabel a cerimônia de inauguração da Biblioteca Ambulante, recentemente adquirida pela municipalidade, tendo sido madrinha do novo veiculo a senhora José do Rêgo Maciel, que, sob aclamação dos congressistas, quebrou uma garrafa de champagne sôbre a carrosseria da Biblioteca Ambulante.

A's 20 horas, foi oferecido, no Grande Hotel, um jantar ás congressistas pela comissão do Tricentenário da Restauração, á frente o prof. Jordão Emerenciano que falou na ocasião. Discursaram tambem o delegado da Bahia, prof. Imbassai, e o cel. Salm Mirande.

Hoje, pela manhã, será visitada a Ceramica São João da Varzea cujos proprietários recepcionarão os congressistas oferecendo-lhes cinzeiros e xicaras com inscrição alusiva ao Congresso. A' tarde será realizada a última sessão extraordinária, quando os congressistas terão oportunidade de aprovar a redação final das diferentes resoluções e recomendações.

Hoje, á noite, a Associação Pernambucana de Bibliotecarios oferecerá uma recepção aos participantes do Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, na qual se exibirão vários elementos de nossas emissoras.

Domingo, pela manhã, os congressistas viajarão até a ilha de Itamaracá, onde serão recepcionados pelo prefeito João de Barros Dias.

de Pernambuco, na certeza de que, votando nêle, estaremos traçando o rumo de nossos destinos. Sufraguemos também, o nome de Luiz de Magalhães Melo para deputado federal, pois se trata de um môço inteligente que, atualmente, integra a representação de Pernambuco na Camara Federal. Amigo de nossos municipios, pelos quais vem trabalhando com muito interêsse e, se reeleito, mais ainda poderá fazer como prova de gratidão. Votemos pois, sem tergiversação no general Cordeiro de Farias para governador de Pernambuco e em Luiz de Magalhães Melo para deputado federal. Oportunamente, sabereis quais os nossos candidatos a senador e a deputado estadual, êste último como nosso representante junto á Assembléia Legislativa, caso eu não me candidate».

O secretário de Propaganda e Turismo de Portugal visitará a Imprensa Oficial

Na próxima quarta-feira, dia 28, o secretário da Propaganda e Turismo de Portugal, sr. José Manuel da Costa, fará uma visita à Imprensa Oficial.

Na gestão do seu atual diretor, jornalista Cleofas de Oliveira, aquele departamento vem renovando as suas instalações e ligando-se aos meios culturais de Pernambuco. Bastaria dizer-se que, entre outras obras, foram-lhe confiados os Anais Pernambucanos, de Pereira da Costa, cuja impressão vem realizando em coerência com os melhores padrões de arte gráfica.

Antes de percorrer as instalações da I.O., o prof. José Manuel da Costa será recebido no gabinete da diretoria, onde será saudado pelo jornalista Cleofas de Oliveira e pelo prof. Jordão Emerenciano, diretor do Arquivo Público Estadual. O poeta Ascenço Ferreira declamará na ocasião alguns dos seus poemas regionais, colaborando na homenagem ao digno visitante.

RADIO TAMANDARÉ

em ondas médias

e curtas

3.285 quilociclos

800 quilociclos

«EFEMÉRIDES MÉDICAS PERNAMBUCANAS»

Proximo lançamento do novo livro de Leduar de Assis Rocha

Na próxima semana, o Departamento de Documentação e Cultura fará o lançamento do livro «Efemérides Médicas Pernambucanas», de autoria do médico e escritor Leduar de Assis Rocha.

Presidente do Instituto Pernambucano de História da Medicina, contribui o autor, com este volume, para o Congresso de História Comemorativo do Tricentenário da Restauração Pernambucana do Dominio Holandês, com o trabalho sugestivo da sistemática da história da medicina pernambucana da êra colonial.

O prefaciador é o historiador José Antonio Gonçalves de Melo, que escreveu: «Porque, no texto, a que deu uma ordenação cronológica, reuniu tudo quanto na bibliografia — ou literatura — existe de interesse para a medicina pernambucana colonial».

O sr. Leduar de Assis Rocha, que irá reger, ainda este ano, o I Curso de História da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, é secretário da C.O.E. do Congresso de História, que se realizará de 27 do corrente a 3 de agosto próximo, nesta cidade, e ao qual vem emprestando inestimavel colaboração

Aniversário da Sociedade dos Cirurgiões Dentistas

A Sociedade dos Cirurgiões Dentistas de Pernambuco comemorará na proxima quarta-feira, com varias solenidades, a passagem do 32.º aniversario de sua fundação.

A's 8 horas será celebrada missa em ação de graças na matriz de Santo Antonio.

A's 12.30 horas, na pensão Suiça, em Bôa Viagem, a classe odontológica do Estado reunir-se-á num almoço de confraternização.

A's 16 horas, na séde provisoria da Sociedade dos Cirurgiões Dentistas, á rua da Imperatriz 254, 1.º andar, haverá uma homenagem aos dentistas do interior e dos Estados vizinhos presentes ás comemorações. Após á homenagem haverá uma reunião durante a qual serão debatidas importantes reivindicações da classe odontológica.

A's 20 horas, haverá na séde da Sociedade uma sessão solene comemorativa da efeméride sob a presidencia do governador do Estado. Durante a solenidade falarão o prof. Nelson Melo, representantes das secções da Sociedde recentemente fundadas no interior do Estado e representantes de entidades odontológicas.

A's 22 horas, será levado a efeito, na Radio Clube de Pernambuco, a radiofonização desde a sua fundação em 1922 até os nossos dias. O programa terá o nome de «32.º anos de lutas em pról da odontologia». O referido programa será assistido por toda a classe odontológica pernambucana que após a sessão solene seguirá incorporado para o Palacio Oscar Moreira Pinto.

Entre os convidados especiais que estarão em nosso Estado para tomar parte nas comemorações, figura os profs. Artur Pedro Dantas, da Universidade de São Paulo, e Pericles Gouveia diretor da Faculdade de Odontologia da Paraiba e presidente da Associação Paraibana de Cirurgiões Dentistas.

Para maior amplitude das comemorações a Sociedade dos Cirurgiões Dentistas de Pernambuco numa de suas ultimas reuniões deliberou considerar o dia 28 de julho feriado odontológico pernambucano.

A diretoria da Sociedade oficiou a todos os diretores de repartições onde trabalham dentistas solicitando a dispensa do ponto dos referidos profissionais na proxima quarta-feira, afim de que possam tomar parte nas grandes solenidades que assinalarão a passagem do 32.º aniversario de fundação do seu orgão de classe.

NOVO AUMENTO DO PREÇO DO PÃO

Ponto de vista favoravel do sr. Luiz Rio — Debates na COAP

Esteve reunida ontem, sob a presidencia do sr. Zilde Maranhão, a Comissão de Abastecimento e Preços de Pernambuco.

Na hora do expediente foram lidos varios documentos. O representante das forças armadas apresentou parecer favoravel ao balancete financeiro da conta de suprimento referente ao mês de junho passado, o que foi aprovado.

O presidente fez a distribuição de diversos processados novos para serem relatados na proxima sessão, inclusive um memorial pedindo liberação para o preço do carvão vegetal.

O CASO DO PAO

Como principal assunto da reunião veio á baila o caso do pão, em face de novo memorial do Sindicato da Industria de Panificação e Pastelaria do Recife, no qual os interessados solicitaram novo aumento de preço, justificado pela situação criada com os novos niveis de salario minimo. O relator, sr. Luiz Rio, representante do comércio, declarou-se de acordo com o parecer do setor de economia, que sugerira a concessão de um aumento, a ser decidido pelo plenário, a titulo precário, feito o que se procederia a nova pericia, afim de fixar bases rigorosamente técnicas para o preço do pão, em definitivo.

Travou-se largo debate sobre a matéria, do qual participaram vários representantes, mas, devido ao adiantado da hora foi convocada outra reunião, para a proxima segunda-feira, ás 17 horas, quando o caso terá a devida solução.

— O presidente da COAP baixou a seguinte portaria:

Art. 1.º) — Autorizar, «AD REFERENDUM» do Plenário desta COAP, o cinema EDEN, desta capital, a cobrar os preços de Cr$ 10.00 (DEZ CRUZEIROS) e Cr$ 5.00 (CINCO CRUZEIROS), para os ingressos, respectivamente, na sessão e meio ingresso respectivamente, na sessão cinematografica que realizará á 10 horas do dia 15 de agosto proximo futuro, devendo a renda do espetáculo revertir em beneficio das obras sociais da Paróquia de Campo Grande, nesta cidade.

Art. 2.º) — Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 21 de julho de 1954.

ZILDE DE ENOCK MARANHA — Presidente.

NAO SE COGITA DE CONVERSIBILIDADE DO CRUZEIRO

RIO, 23 (Meridional) — O sr. Marcos de Souza Dantas, em têrmos categóricos, desmentiu a noticia divulgada sôbre as cogitações do govêrno em tôrno da conversibilidade do cruzeiro. O presidente do Banco do Brasil afirmou: «Trata-se duma pilhéria». Hoje, interpelado pelo Diario da Noite, sôbre os detalhes do assunto, o sr. Souza Dantas disse: «Já desmenti. Nada tenho a acrescentar».

"HABEAS-CORPUS" CONCEDIDO A RICARDO JAFFET

RIO, 23 (Meridional) — Contra um voto, o Tribunal de Recursos concedeu habeas corpus em favor do sr. Ricardo Jaffet, ex-presidente do Banco do Brasil. O resultado da votação foi de seis, contra um voto.

O sr. Ricardo Jaffet foi denunciado em processo da Comissão Parlamentar para apurar as transações do Banco do Brasil com as Emprezas Erica, Radio Clube do Brasil e o jornal Ultima Hora.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

SÃO PAULO?

vôe pela

REAL

ILEGÍVEL

DIARIO DE PERNAMBUCO

(Orgão dos "Diarios Associados")

FUNDADO EM 1825 — Diretor: ASSIS CHATEAUBRIAND. Redação e administração: Praça da Independencia, 13 — Recife — Sucursais: No Rio — Rua do Ouvidor n.º 106 — Fones: 43-7634 e 43-7897. Em São Paulo — Rua 7 de Abril n.º 230 4.º andar. Fones: 46277 e 44181. Alagôas — Rua do Comercio, 18 - 1.º andar — Maceió. Paraíba — Rua Gama e Melo, 45 — João Pessôa. Av. Maciel Pinheiro, 93 - 1.º andar — Campina Grande. Rio Grande do Norte — Avenida Rio Branco, 510 — Natal. A correspondencia de ordem comercial deve ser endereçada ao gerente do DIARIO DE PERNAMBUCO. Para anuncios procure o Dep. de Publicidade. TELEFONES: Direção: 7726. Redação: 6659. Gerencia: 6027. Assinaturas: No País: Ano Cr$ 250,00. Semestre Cr$ 130,00. No Exterior: Ano Cr$ 500,00. Semestre Cr$ 260,00 — Pagamento adiantado.

SABADO, 24 DE JULHO DE 1954

População do Recife

No último número do Boletim Técnico da Secretaria da Viação e Obras Públicas, o engenheiro Zadir Castelo Branco publica interessante estudo sôbre o crescimento populacional do Recife.

Partindo dos números de órgãos oficiais, de 1930, 1940 e 1950, 308 mil, 323.117 e 508.500 habitantes respectivamente, aplica-lhes a experiência dos estatísticos estadunidenses Raymond Pearl e Lowell T. Reed e o sistema dos mínimos quadrados de Udny Yule para chegar a conclusões tão positivas quanto o permitam os mais recentes métodos de previsão científica para o caso.

De acôrdo com êles, a nossa capital terá um milhão de habitantes em 1966 e naturalmente mais, algum tempo depois. Mesmo que se verifiquem inflexões nas quotas decenais de aumento, o limite de saturação será atingido no ano de 2.080 com a existência de 6.233.197 almas neste burgo nassoviano.

Uma estimativa dessa natureza, já parcialmente confirmada pelos fatos iniciais, não deve ser recebida como simples curiosidade ou assunto para conversas em mesas de café. Mas, antes, como uma advertência ao Govêrno.

Cálculos feitos posteriormente indicam que mesmo as últimas cifras do recenseamento (532 mil habitantes em 1950) estiveram abaixo da realidade e que esta realidade tomou impulso daquele ano para cá. Ora com perto de 700 mil habitantes o Recife é praticamente um centro urbano supervoado. Não pela escassês da área, mas pela falta de tratamento para torná-la habitavel. Alguns serviços públicos essenciais como os dagua, luz e saneamento foram feitos para um quarto de século atraz, quando a densidade demográfica da cidade era mínima comparada com a atual. Junte-se a êstes os problemas do abastecimento de gêneros alimentícios e o dos transportes, que só fizeram piorar nos últimos anos, para ter-se a idéia do desajustamento entre o nosso coeficiente humano e os seus recursos de sobrevivência.

O Recife tornou-se a capital brasileira menos servida de telefones, batida inclusive por cidades do interior de São Paulo. Mas isso é um detalhe. A verdade geral é a falta de correspondência cada vez mais ostensiva entre o nosso espaço vital e aqueles que nêle se aglomeram.

Aos atuais administradores compete uma tarefa recuperadora dos erros de todos quantos não tiveram a visão do futuro e planejaram uma metropole estática ás margens do Capibaribe.

CANDIDATOS E CANDIDATOS

Aproximam-se as eleições de outubro e, em todo o país, torna-se espantoso o número de candidatos aos cargos eletivos. Se existem os pretendentes naturais, a grande maioria é de aventureiros, que deseja os mandatos para dêles fazer sinecuras bem pagas.

Não faz muito tempo, os jornais publicaram um quadro comparativo de vários países: o Parlamento do Brasil já era o mais bem pago do mundo, embora não tivesse sido explicado se era em correspondência o mais eficiente.

Os fatos decidem pela negativa. Em muitas casas legislativas, o espírito público é como aquele Espírito-Santo visto por um Bispo do Rio Grande do Norte: anda voando muito baixo. Se alguns representantes o possuem na plenitude, muitos jamais o identificaram. E, sob o impulso da vaidade ou explorando vantagens circunstanciais no eleitorado, disputam os mandatos até mesmo sem medir a extensão dos deveres que êles impõem. Deles se apossam com o intuito de usufruir o brilho da posição e os proventos de todo mês.

Entretanto, um mandato político é coisa bem diversa de ganhar dinheiro sem fazer nada, de receber rapapés, de não poder ser preso sem licença especial, de usar os carros da chapa branca, de perguntar às pessoas humildes por qualquer motivo: — Você sabe com quem está falando?

O mandato político exige preliminarmente a vocação política. E a vocação política não se afirma com ostentações ou simples brilharetes tribunícios. O que a caracteriza é a vigilância pela dignidade democratica e pelos interesses do Estado, o estudo dos problemas coletivos, a ação para que eles sejam bem resolvidos. O zêlo pelo patrimônio nacional, pela boa aplicação da receita pública.

Mas, quando pessoas indicadas por milhares para o exercício de tão alta missão, perdem o respeito a si mesmas e quase só atúam em proveito proprio, isso parece muito grave porque pode significar o descrédito do Legislativo, comprometendo os valores morais e políticos que nêle permanecem.

Pois ser vereador, deputado ou senador não é profissão de ninguem. Implica antes compromissos patrióticos. Implica uma alta missão que ninguem é obrigado a ter, mas, se a recebe, é para conduzi-la com decência.

GÊNEROS ALIMENTICIOS

Um freguês da «Padaria Imperatriz» (freguês até ontem, evidentemente) teve uma surpresa na hora da ceia: ao partir o pão, achou, dentro, uma ponta de cigarro. Casos idênticos já ocorreram: outros objetos não comestíveis encontrados — uma sorte — na massa do trigo. Porque alguns há, adicionados do mesmo jeito, mas invisíveis e dessa forma ingeridos.

E' êsse um aspecto de tratamento dispensado aos gêneros alimentícios no Recife. Não há qualquer espécie de respeito pela saúde da população, que paga caro para ser bem servida, mas é dudibriada.

Mencionadas as excepções dos estilos, não é demais alegar-se que a consciencia comercial, aqui anda vasqueira para o lado dos panificadores, merceeiros e raças afins. Partidas de charque «sentido», de vez em quando, são retalhadas para o publico, o leite é quase sistematicamente vendido com agua e goma. A mistura tão criminosa, não resta duvida, é um das causas mais constantes do obituário infantil.

Quanto aos restaurantes, costuma a COAP, em todos os Estados, dividi-los em classes. Ocorre, todavia, que, no Recife, a maioria dêles é apenas inclassificável. Pois a sujeira inicia-se nos chamados «serviços» — toalhas, copos, pratos e talheres imundos, mesmo em sinal de coerência com as suas «iguarias». Estas são preparadas com a materia prima da pior qualidade e por cosinheiros que certamente cruzam os braços e utilisam os pés na sua função.

Nas feiras livres, a porcaria domina. As carnes ficam expostas, de um dia para o outro, à venda e ás moscas, verduras em taboleiros que mais parecem depósitos de lixo, frutas espalhadas pelo chão.

Passando-se uma vista pelos registros do Pronto Socorro, verifica-se a presença diária de pessoas intoxicadas. A's vezes, casos de intoxicação coletiva, como aconteceu, não há muito tempo, num jantar oferecido, no Pina, a visitantes paulistas, inclusive senhoras, e cujo cardápio vergonhosamente regional constou de cioba pôdre ao molho de côco.

E' de todo interêsse que a policia de alimentação do Departamento de Saúde Pública exerça o seu mister menos burocraticamente e não transforme os habitantes do Recife em peixe para morrer pela boca.

COLÉGIO ESTADUAL

Do prof. Amaro Quintas, diretor do Colégio Estadual de Pernambuco recebemos o seguinte telegrama a propósito de um editorial sob a titulo acima: «Em nome do velho Ginásio Pernambucano, agradeço ao prezado colega suas compreensivas palavras sôbre êste tradicional educandário de tanta influência na vida cultural pernambucana. Seu valioso julgamento muito nos animou para novos empreendimentos. Abraços».

ORDENS DE FORA

Austregesilo de ATHAYDE
(Para os «D. A.»)

RIO—Certa vez, um diplomata sul-americano observava, em conversa, que no Brasil os homens publicos consideram vergonhoso dizer que são candidatos aos cargos eletivos.

Pergunta-se a um deles, evidentemente aspirante ao governo do Estado ou da Republica, e o homem responde com mil evasivas, afirmando nunca lhe ter passado pela mente semelhante desejo.

Há um especie de injustificavel temor em face de uma confissão que em nosso pais só o sr. Ademar de Barros faz abertamente.

• • •

O logico seria que o candidato procurasse desde cedo trabalhar dentro do seu partido a fim de obter a escolha na Convenção.

O resultado é que se aproximam as eleições e em numerosos Estados ainda não foram designados os candidatos ao govêrno.

Em alguns, os nomes já escolhidos, não se sabe porque antes desistem e surgem outros, desnorteando o eleitorado.

• • •

A razão é simples. Apesar do progresso já realizado com o voto secreto e a Justiça Eleitoral, os partidos carecem de independencia.

Os seus chefes costumam receber ordens de fora.

Uma palavra do presidente da Republica ainda tem muita força e os lideres partidarios, com raras exceções, gostam de esperar por essa palavra.

O bastião avançado

ASSIS CHATEAUBRIAND

FAZENDA RIO CORRENTE — Porto Ferreira (São Paulo), 19 — Realizou-se aqui á inauguração da Escola Rural «Comendador Gervasio Seabra», em homenagem ao saudoso capitão de industria português que tão bem compreendeu o papel da Lavoura de Café, na expansão manufatureira do país, como dispensadora das divisas estrangeiras de que carece o parque industrial brasileiro. Foi padrinho da cerimonia o reitor da Universidade de S. Paulo, o prof. Mello Moraes, o qual pronunciou uma vibrante alocução referindo-se ao lugar desempenhado pelo chefe de Seabra & Cia. no plano textil e comercial — brasileiro. Respondeu o filho do Comendador Seabra, sr. Roberto Seabra, em um improviso que o firma como um dos oradores mais elegantes da sua geração. Recebeu o sr. Roberto Seabra uma cálida salva de palmas pela primorosa oração que pronunciou. Em nome das fazendas «Associadas» falou o sr. Assis Chateaubriand para agradecer o reitor da Universidade de São Paulo e ministros de Estados presentes e o sr. Adriano Seabra, Fulvio Morganti que se transportaram em avião especial da Cruzeiro do Sul para Pôrto Ferreira. Damos a seguir resumido o improviso do diretor dos Diarios Associados.

Senhores Ministros de Estado Apolonio Salles e Mario Pinotti, Reitor Magnifico da Universidade de São Paulo, professor Mello Moraes. Meus caros Adriano e Roberto Seabra e Fulvio Morganti.

Asseguro-vos que existe algum contraste, entre a vida, nas nossas duas propriedades rurais de São Paulo, e grande maioria das outras que se encontram neste Estado. Somos qualquer coisa de diferenciados, na vida agricola bandeirante. Viemos para a terra, e fizemos empenho em trazer para as atividades do ruralismo associado, o mesmo alto espirito que na gleba paulista, anima as fazendas Cambui, um Geremia Lunardelli, uma familia Morganti, um Rollim Telles, um Antonio Moura Andrade, ou um Prado Aranha.

Experimentamos um instintivo respeito, pela autoridade desses grãos senhores da selva barbeada e penteada e pela sua lealdade posta na solução dos problemas do solo. Nada estamos fazendo aqui de superior ao trabalho de tantos precursores. Eles são os representantes de um idealismo, o qual aqui já existiu, na fibra de agricultores do quilate de Antonio e Martinho Prado, Schmidt, Carlos Leoncio de Magalhães, Cunha Bueno, Dumont e outros vastos desbravadores da terra roxa. E' o espirito democratico, um traço solidamente marcado na nossa vida do campo. Em todos os tempos, patrões e trabalhadores brasileiros se deram das mãos para a faina comum do amanho da gleba. Se existe, no Brasil, antagonismo de classe, esse veneno não se encontra no campo, onde as idéias politicas e sociais são e sempre foram largas.

Em Rio Corrente, realizam-se as doutrinas de solidariedade humana que se pregam e advogam em nossos Diarios e Radios. Podem os agentes do governo socialista do sr. Getulio Vargas olhar os trabalhadores desta fazenda: aqui existe a afirmação categorica dos principios de cooperação, que sustentamos lá fora.

A Casa Grande é o que há de humilde e de modesto. Conservamo-la tal qual a encontramos. Está mobilada como uma habitação de classe media. O diretor da «Fazenda Associada», sr. Jorge Chateaubriand, vive nesta mansão de oitenta anos, que nunca retocamos, feliz com a sua esposa e seu filho e seus hóspedes. Não sentimos necessidade sequer de aumentá-la, porque os seus comodos oferecem o conforto suficiente áqueles que nela moram.

Entretanto, quantos milhões já não se gastaram aqui com a renovação dos meios de exploração da fazenda! O primeiro dinheiro, que ganhou a «Rio Corrente» foi aplicado em dois Centros de Puericultura: um, que demos á séde do municipio, o «Fernando Costa», e outro, que foi construido em Pedra Azul, Minas Gerais, com o nome de «Clemente de Farias».

Os outros lucros foram aplicados no edificio de um Clube social, para os meeiros e os trabalhadores da fazenda, e agora nesta Escola de instrução mista, para menores e adultos. Mais de três milhões se empregaram em equipamento de mecanização da lavoura, adubos e inseticidas, com a ampliação de nossos planos de lavoura intensiva. O periodo da lavoura do café dos grandes espaços geográficos se acha encerrado, no Brasil. A hora é de nos contrairmos sobre nós mesmos, para fazer uma agricultura mais racional e mais produtiva. Entrou o mundo na era da «produtividade agraria», dentro de menores areas. A imensa maioria dos lavradores nos Estados Unidos e no Canadá assegura ás suas terras uma rentabilidade, hoje, maior, muito maior, do que no passado, e trabalhando dentro de dimensões de terra bastante reduzidas.

E' o que se procura aqui obter. Trabalhador algum em Rio Corrente se poderá queixar de não receber um solo agricola assaz cuidado, onde lançar as sementes das suas plantações. E, menos, de não dispor de inseticidas energicos para debelar as pragas que usualmente atacam as nossas lavouras.

Quase todas estas familias têm conta nos Bancos de Porto Ferreira. Ao lado do amor do trabalho, entre nós, se ensina a poupança ao trabalhador. Praticamos a economia, e queremos que os nossos colaboradores tenham o culto dela. Cadernetas bancarias de 20, 30, 50, 100 ou 150 mil cruzeiros, não fazem falta no seio dos trabalhadores associados de Rio Corrente. Dezenas de milhares de fazendas no Brasil vivem em um triste marasmo de vida vegetativa. Aqui não há lugar para os indolentes, os preguiçosos, nem os céticos.

Porejam o otimismo, a confiança e a fé no trabalho dentro do coração desta colmeia, toda ela de operarios de primeira classe.

Por que pusemos, numa fazenda recuperada de café, o nome do 1.º piloto de Seabra & Cia., e de um dos leaders mais arrojados da América Fabril?

Existe um fator capital, na vida de Gervasio Seabra, que é preciso examiná-lo, para a inteligencia da sua obra de industrial. Grande fazendista, por atacado, em Seabra & Cia., no Rio, e em A. Ribeiro, aqui, proprietario da tecelagem Santa Heloisa, no Rio de Janeiro, e acionista dos maiores do consorcio da América Fabril, Gervasio Seabra, em 1928, reduzido pela nossa pregação constante, sobre os deveres do homem de industria para com o café, saiu do Rio de Janeiro para Presidente Wenceslau e ali plantou um cafezal de 600 mil pés.

Vamos excluir, nesta solenidade, tudo o que foi Gervasio Seabra, como capitão da industria textil, negociante, turfista e filantropo. Educado para sentir o café, pagou-lhe com inteligencia a sua obrigação de homem da manufatura.

Se as fazendas de café constituem o bastião avançado da industrialização brasileira, bem se ajusta o nome de Gervasio Seabra á nossa escola de Rio Corrente — pequena cidadela dos novos cafezais paulistas, plantados com uma nova técnica, uma nova disciplina e um arrojo continuado.

Nação - Creso e Nação - Jó

Christovam DANTAS

Vários estrangeiros, que visitaram os Estados Unidos no decurso do século XIX, impressionaram-se com o baixo rendimento de sua agricultura e os métodos predatórios de lavrar os seus solos.

O próprio Aleixo de Tocquevile, em sua obra magistral sobre a grande democracia anglo-saxônia, não escondia, naquela época, o seu temor sobre o futuro da economia norte-americana, entravada em seu desenvolvimento por causa de uma agricultura ronceira e anti-cientifica.

Os «farmers» de então limitavam-se a imitar os processos rotineiros dos indios, adotados igualmente pela geração dos pioneiros. A ordem, a que todos obedeciam, era a do fôgo, ateado aos redutos florestais, a de dilapidar rapidamente a fertilidade das terras, a de caminhar, para diante, sempre para diante, deixando atrás de suas pegadas a esterilidade e a adustão.

André Sieggfried, ocupando-se desse periodo tenebroso da história ianque, dizia que «não havia nos Estados Unidos agricultores. O que existia, isto sim, era apenas um amontoado de comerciantes da gléba».

Admira, pois, que, no amago dessa nação, tenham-se formado rapidamente áreas deserticas, Gobis e Saáras mediterrâneos, para cuja extinção, gradual e custosa, teve ela de formar todo um exército de agrônomos e de pedólogos, chefiados pela competência impar de um Benett?

A agricultura norte-americana assinalou — permita-se-me a expressão — a sua verdadeira idade de ouro, quando essa República iniciou a sua grande indústria, a indústria pesada e também quando conseguiu elevar o contêúdo cultural de todo o seu povo.

Antes de expirar o século passado, percebia-se que a nação reconhecia o naufrágio, pois

(Conclue na 4.ª pagina)

ATOS DO GOVÊRNO ESTADUAL

O governador do Estado assinou os seguintes atos:

nomeando o 3º sargento reformado da Policia Militar de Pernambuco Artur Pereira dos Santos, para exercer o cargo de comissário de policia da séde do municipio do Carpina, atualmente vago;

exonerando Joaquim Vieira Jacinto Pereira do cargo de comissário de policia da séde do municipio de Vicencia;

nomeando o cabo da Policia Militar de Pernambuco, Cipriano Xavier de Lima, para exercer o cargo de comissário de policia de Ibitiranga, do municipio de Carnaiba, criado pela lei n. 1.818, de 29-12-53, atualmente vago;

nomeando o cabo da Policia Militar de Pernambuco, Francisco Alves de Oliveira, para exercer o cargo de comissário de policia de Lagôa do Carro, do municipio do Carpina, ficando exonerado o atual, 3.º sargento reformado da mesma Corporação, Valentim Ferreira da Silva;

exonerando João Ferreira da Silva do cargo de comissário de policia da séde do municipio de Lagôa dos Gatos, nomeando para exercer o mesmo cargo Eduardo Inácio da Silva;

nomeando o major Carlos Molinari Cairoli para, como representante da 7.ª Região Militar, compôr o Conselho Regional de Transito, em substituição ao major José Brito da Silveira;

nomeando Jorge Bezerra Soares para exercer o cargo de suplente de comissário de policia de Tará, do municipio da Pedra, ficando exonerado o atual, Napoleão Correia de Araujo;

aposentando Adjinaldo Galdino da Silva, servente, padrão «B», da Diretoria de Rendas do Interior;

pondo á disposição da Assembléia Legislativa do Estado, sem prejuizo dos seus vencimentos o extranumerario mensalista, referencia II, Dilermando da Silva Nobiat, da Diretoria de Rendas do Interior;

designando o 2.º promotor público da comarca do Paulista, bel. Leucio de Lemos, atualmente servindo na Curadoria de Massas Falidas, Ausentes, Residuos e Fundações, padrão «R», da capital, para ter exercicio na de Orfãos, Menores e Interditos, idêntico padrão, tambem da capital, durante o impedimento do respectivo titular;

designando o promotor público padrão «O», da comarca de São Lourenço da Mata, bel. Sinésio de Medeiros Correia, para ter exercicio, a pedido, na Curadoria de Massas Falidas, Ausentes, Residuos e Fundações, padrão «R», da capital, durante o impedimento do respectivo titular, atualmente no exercicio do cargo de secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça;

nomeando Lourival de Oliveira Brandão para exercer o cargo de 2.º substituto preparador de juiz de Direito da comarca de Triunfo, devendo servir por dois anos, a contar do compromisso;

nomeando Gileno Ferreira Gomes para exercer, interinamente, o cargo de escrevente do Cartório do 7.º Tabelionato de Nota da Capital, atribuindo-se-lhe o vencimento base de Cr$ 1.500,00 mensais;

nomeando o bel. José Frederico Soriano de Souza para exercer o cargo de juiz de Direito, padrão «O», da comarca de Riacho das Almas;

removendo a pedido, o juiz de Direito, padrão «O», bel. Aluisio de Melo Xavier, da comarca das Flores para a de Poção,

nomeando o bel. Antonio de Souza Dantas para exercer o cargo de juiz de Direito, padrão «O», da comarca de Tacaratu;

nomeando o bel. Antonio Tertuliano de Almeida Lins para exercer o cargo de juiz de Direito, padrão «O», da comarca de Araripina, ficando dispensado do de promotor público da comarca dos Afogados da Ingazeira;

promovendo a pedido, o juiz de Direito, padrão «O», bel. Francisco de Assis Rosa e Silva Sobrinho, da comarca da Lagôa dos Gatos para a de Joaquim Nabuco;

removendo a pedido, o juiz de Direito, padrão «O», bel. José Higino Ribeiro Campos, da comarca de São José do Egito para a da Lagôa dos Gatos, vaga em virtude da remoção do bel. Francisco de Assis Rosa e Silva Sobrinho para outra comarca;

removendo a pedido, o juiz de Direito, padrão «O», bel. Onofre de Barros, da comarca de Araripina para a de São José do Egito, vaga em virtude da remoção do bel. José Higino Ribeiro Campos para outra comarca;

nomeando Antonio Alves dos Santos para exercer, interinamente, o cargo de oficial de Justiça e Porteiro dos Auditorios da comarca da Pesqueira, vago em virtude do falecimento de Antonio Genuino de Mendonça;

nomeando Clementino de Souza Diniz para exercer o cargo de 1.º substituto preparador de juiz de Direito daquela comarca de Triunfo, devendo servir por dois anos, a contar do compromisso;

pondo á disposição do Instituto Agronomico do Nordeste, a partir de 1.º de agosto próximo o agronomo, padrão «J», da Diretoria da Produção Animal, Josse Marcelino da Rosa e Silva Neto;

autorizando o assistente, padrão «L», da 3.ª cadeira — Geologia Agricola, da Escola Superior de Agricultura, engenheiro-agronomo João Wanderley da Costa Lima, a ausentar-se do Estado, sem prejuizo dos vencimentos de seu cargo, a fim de fazer na Universidade Rural do Brasil, o curso sôbre sólos, oferecido pelo Centro Pan-Americano de Aperfeiçoamento, durante o periodo de julho de 1954 a 15 de março de 1955;

pondo á disposição da Universidade do Recife, até ulterior deliberação, o agente recenseador de 3.ª, padrão «C», efetivo, do Departamento Estadual de Estatística, Geraldo Pereira de Oliveira.

TELEGRAMAS

O governador do Estado recebeu os seguintes telegramas:

Do Rio — «Gloriosas forças divinas dirigem destinos abençoada pátria, general Cordeiro de Farias será Governador invencivel Pernambuco. Atenciosas saudações, a) Alberto Gabrielli, presidente Comité Pró General Canrobert Presidente República».

Do Rio — «Sendo udenista envergonho-me meu partido secção Pernambuco não saber honrar compromissos assumidos vossencia, apoiando impoluto general Cordeiro traindo próprio Brigadeiro. Lutarei vosso lado favor candidatura tudo pela vitoria. Abraços sinceros. a) Benedito Pimentel».

De Garanhuns — «Sendo amigo comandante nosso grande partido, como pessedista hipote-

(Conclue na 10.ª pagina)

Aliança reforçada

Barreto Leite FILHO

RIO — Em politica externa, a unica de que se tem ocupado, até agora, o presidente do Conselho francês, sr. Pierre Mendés-France, orienta-se decididamente no sentido de uma melhor consolidação da aliança com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, de modo a fazê-la trabalhar mais eficaz e articuladamente, com maior justeza, digamos, ou seja, sem as «folgas», como dizem os mecanicos, que se observavam antes e que revelam a existencia de peças frouxas.

Os sinais dessa orientação multiplicam-se por todos os lados. Só falta a prova crucial da Comunidade Européia de Defesa. Mas, se as coisas forem mantidas na mesma direção e ao mesmo ritmo, não se vê como esse homem poderá desapontar os norte-americanos e britanicos.

Depois de obter a aprovação do Gabinete para os acordos de Genebra, o presidente do Conselho submeteu-os á Assembléia Nacional com um discurso todo embebido do espirito daquela aliança e da visivel preocupação de atender ás reações de Washington. Não me quero referir tanto ao que disse diretamente sobre o reforçamento dos «vinculos com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha», quando ao tom geral do discurso. Se quisermos tomar palavras isoladas talvez as mais expressivas tenham sido as do sub-secretario da presidencia do Conselho, sr. André Bettencourt, ao comunicar aos jornalistas os resultados da reunião do Ministerio, em que o chefe do governo tinha apresentado o seu relatorio, antes de levá-lo á Assembléia. «O sr. Mendés-France — disse o seu sub-secretario — «insistiu sobre o auxilio inteligente e util que recebeu, em Genebra, dos nossos aliados ocidentais». E' evidente que o sr. Bettencourt recebera instruções do seu chefe para pôr particularmente em foco essa circunstancia. Em politica não se focaliza um ponto para não tirar proveito dele e muito menos o faria um homem do rigor intelectual do sr. Mendés-France. No seu discurso, ele aliás voltou ao tema em mais de uma passagem a julgar pelo resumo telegrafico. «Creio que poderia dizer que, de todos os pontos de vista, nossos vinculos com os Estados Unidos se robusteceram durante as conversações de 13 e 14 de julho.»

Aqui o orador referia-se ás que tivera, em Paris, com o secretario norte-americano, sr. John Foster Dulles, antes da reabertura da Conferencia de Genebra, e nas quais tambem tomou parte o secretario do Exterior britanico sr. Anthony Eden. Em outra passagem tratando já de Genebra declarou que a Conferencia «reforçou os vinculos com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha». Mais adiante declarou que a sua colaboração com o sr. Anthony Eden abriu o caminho para uma verdadeira renovação da «Entente Cordiale» com a Grã-Bretanha. A referencia é

(Conclue na 3.ª pag.)

O MOMENTO INTERNACIONAL

O alto comando francês, segundo informam telegramas procedentes de Hanoi, ordenou ás suas forças que suspendam a luta na Indochina, sem aguardar as formalidades para o estabelecimento da tregua concluida em Genebra. Identico pedido foi formulado aos comunistas. As forças francesas e vietnamesas não poderão assim bombardear, nem metralhar as tropas vermelhas, a menos que ameacem estas as posições legalistas.

Contudo, nos lugares isolados continua a guerra. As tropas bolchevistas apoderaram-se, ontem, de uma posição fortificada francesa, a leste de Travinh, no centro do Vietnam. Por outro lado, os vetnameses atacaram intensamente a localidade de Vietri, onde no dia 14 tinha se efetuado uma troca de prisioneiros e só recuaram quando foram severamente castigados pela artilharia. No sul do Vietnam, os vietminenses tiveram 29 baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros, numa ação de reconhecimento, segundo informou o comando francês.

Enquanto isso, circulam no país rumores de iminente desvalorização do franco que provocaram hoje tremenda procura de ouro e fez subir o valor desse metal em 3.000 francos por quilo.

Esta foi a mais brusca flutuação do preço do ouro, desde principios deste ano, quando esse metal começou a perder valor no mundo inteiro. Em parte, essa desvalorização ocorreu devido ás grandes vendas do precioso metal pela Russia.

CONGRESSO NACIONAL

Mozart Lago: lanternas fosforescentes

Nertan MACÊDO

RIO. — O Senado rejeitou projeto do sr. Mozart Lago estabelecendo o uso de lanternas fosforescentes nos veiculos de cargas e outros, para assinalar-lhes a presença quando parados, eventualmente, á noite, nas estradas. A proposição do senador carioca visava evitar acidentes e perda constante de vidas humanas. Mereceu pareceres favoraveis das Comissões de Justiça e de Transportes. O sr. Alencastro Guimarães relator na Comissão de Transportes ressaltou a utilidade da materia, tendo em vista o aumento do grau de segurança oferecido pela sinalização atualmente em uso. Inexplicavelmente, porém, decidiu a Casa pela sua rejeição. O assunto, entretanto, é do maior interesse e ao sr. Mozart Lago caberá insistir, noutra oportunidade mais favoravel, para que os seus colegas o examinem cuidadosamente. Isto porque o morticinio causado por choques de veiculos que trafegam á noite pelas nossas estradas de rodagem, tende a aumentar cada vez mais, se providencias não forem tomadas pelos orgãos competentes.

Ainda agora, uma americana, Vera Conoly, publica interessante artigo sobre tais desastres, três vezes mais numerosos do que os ocorridos durante o dia. «Frequentemente, se verifica — assinala a comentarista — que a causa eram as lanternas traseiras fracas, encobertas ou apagadas. Ele (alude a comentarista a um americano chamado Pearse O'Hara, que iniciou nos Estados Unidos a propaganda do uso de listas vermelhas fosforescentes nos parachóques traseiros) se lembrava de ter visto caminhões na estrada, á noite, com a traseira delineada por um fita vermelha que reflete a luz. Por que não usar a fita nos parachóques traseiros dos automoveis de passageiros? Uma faixa de dois e meio centímetros de largura, refletindo a luz dos farois do carro que se aproxima, poderia ser vista a uns 400 metros de distancia. Assim, a traseira de carro, quer parado, quer em movimento, estaria sempre protegida. Informa, adiante, Vera Connoly: «Desde que começou a campanha, a policia vem comunicando um declinio de 25 por cento nas colisões de frente de um veiculo com traseira de outro. Testes de laboratorio mostraram a razão. Quase todos os acidentes noturnos acontecem porque o chofer não vê a tempo um obstáculo. Nos ultimos anos, a cruzada de O'Hara vem-se estendendo através dos Estados Unidos, até ao Canadá, ao Panamá, ao México, ao Havaí e ás Filipinas. Só nos Estados Unidos três milhões de automoveis quatro e meio milhões de bicicletas estão usando essa fita luminosa. As autoridades do transito estão entusiasmadas etc., etc...»

Como se vê, a sugestão das lanternas fosforescentes do sr. Mozart Lago deveria ter sido melhor estudada no Senado. Com faixas ou lanternas, o que realmente interessa é dar a todos os recursos de segurança nas estradas do país, convertidas em verdadeiros sorvedouros da vida humana.

COUSAS da CIDADE

TELEFONES

De Fortaleza chega a noticia de que ali estão sendo instalados, diariamente, cincoenta novos telefones. E o nosso René Aubrun, de passagem a negocios escreve nas costas de um cartão colorido: «Quando o nosso Arute se dispõe a imitar Fortaleza?» Seria o caso de responder que disposição Arute tem, o que não tem são telefones.

Há cinco anos se diz que há no Recife 6.000 telefones (Fortaleza tem agora 9.000). O numero, uma vez arredondado em 6.000 recusa-se a chegar á conta de mentiroso.

Mas, sejam 6.000 ou 7.000 o fato é que no Recife a toda hora do dia e da noite se pragueja contra o telefone; do telefone se diz cobras e lagartos, mas dele, desse utilissimo aparelho ninguem se desfaz. Ruim com ele pior sem ele!

E quanto a haver tão poucos para tanta gente, um caso a estudar é saber se, aumentando o numero, eles servem melhor.

Se os poucos que temos não correspondem, como se afirma, ao que dele se espera, como ter esperanças de um bom serviço com muitos?

E se Fortaleza tem mais telefones que o Recife, disso ninguem se lamente porque tambem não temos mais eleitores. Há em Fortaleza duas vezes mais eleitores que o Recife. As causas é que são elas!

Que não se amesquinhe o recifense com a inferioridade em telefones e eleitores. Um plano está sendo estudado há seis meses para ampliar e melhorar o serviço telefonico do Recife. Há seis meses que a comissão estuda um plano para dotar a cidade com um serviço perfeito de telefones. E ainda não chegou nem chegará a qualquer conclusão. Por que há de então o sr. Arute levar na cabeça? — P. C. M.

Renovação, em 55, do eixo Vargas-Adhemar de 50

Razões das tendencias do P.T.B. para o apôio ao ex-governador paulista ás eleições de outubro

Murilo MARROQUIM

RIO — A aliança eventual do sr. Adhemar de Barros á candidatura trabalhista, no Rio Grande, revigora a impressão nos circulos do PTB, de que o acordo em São Paulo se fará com o pessepismo. Mas, varios fatores contrarios a tal estimativa continuam a desafiar os entendimentos de bastidores.

No caso paulista, existe inicialmente uma pratica divergencia de apreciações, entre Vargas e o sr. João Goulart; o primeiro demonstra maior tendencia para um acôrdo com o sr. Prestes Maia e o ex-ministro do Trabalho, em termos de ganhos locais para o PTB, julga que a aliança com o sr. Adhemar de Barros oferecerá melhor rendimento. E' claro que esse rendimento não será apenas local, mas deverá ter efeito nacional. Consideram os circulos ligados ao sr. João Goulart que os votos adhemaristas, no Rio Grande, são vitais para a campanha do sr. Pasqualini, pois este perdeu os 80.000 eleitores do PRP. No caso, o problema nacional estaria prevalecendo, pois os trabalhistas julgam que Vargas não pode correr o risco de perder a sua grande base gaucha. Principalmente quando se encontram simultaneamente ameaçadas as de Pernambuco, Bahia e São Paulo.

Admitem, ainda, que o sr. Adhemar de Barros, sendo um jogador politico de lances arriscados, pode oferecer muito mais do que qualquer outro candidato; pois é bastante plastico para formar em novas combinações para a sucessão presidencial, sendo ele proprio o comandante exclusivo de sua agremiação.

• • •

Mas, o debate nos circulos nacionais do PTB e do trabalhismo de São Paulo, centralizam-se no seguinte problema: qual dos candidatos ofereceria maior confiança? Ora, foi justamente a falta de confiança no sr. Janio Quadros, considerado pelos trabalhistas um politico ambicioso e com as vistas já voltadas para o Catete, que baixou para terceiro lugar a sua cotação nos entendimentos.

O prefeito paulista, pelo menos neste momento, é o candidato menos indicado para receber o apoio do trabalhismo oficial paulista e nacional. A maior disputa gira, portanto, entre os srs. Prestes Maia e Adhemar de Barros — estando realmente dividido o PTB na apreciação dos dois casos. Qual dos dois, em termos de confiança, poderia ser melhor recebido pelo Catete? Os elementos favoraveis ao sr. Prestes Maia salientam as suas virtudes: primeiro, um amigo de Vargas; segundo, um candidato sem compromissos partidarios; terceiro, um candidato governamental, a prosseguir numa linha natural de entrosamento politico-administrativo com o governo federal. Em termos da propria campanha, salientam que estariam unidos dois governos poderosos, servidos por um agrupamento de partidos respeitavel e com o controle de uma parte substancial das administrações municipais paulistas. E, para coroar a luta, estariam reunidos em torno de um candidato por todos os titulos respeitavel e em torno do qual se faria a campanha anti-adhemarista como é feita em S. Paulo; e contra o sr. Janio Quadros, em termos de anti-demagogia, que é a arma do prefeito.

• • •

Argumentam os adhemaristas, entretanto, que o seu candidato possui recursos nacionais, que os dois contendores paulistas não conhecem; e que a sucessão deste ano, sobretudo em três ou quatro Estados, é fundamental para o êxito posterior da sucessão de 1955. E chamam a atenção para o caso em foco do Rio Grande, onde os votos adhemaristas se tornaram repentinamente muito importantes para o sr. Pasqualini. Nesses mesmos setores, acentua-se ainda o fato de que a tendencia em beneficio de uma frente popular para 55, nos termos daquela de 1950, se tornam dia a dia mais acentuadas. Argumentam que ganha corpo a estrategia anti-populista, anunciada pelo sr. Etelvino Lins e continuada de modo decidido já em alguns Estados; e que nessa campanha formam elementos militares, encabeçados pelo brigadeiro Eduardo Gomes e outros comandantes.

Diante disso, as circunstancias excepcionais poderiam levar Vargas a um reajustamento das linhas de 1950; o presidente teria, de fato, poderes politicos para desencadear uma forte campanha de carater popular em todo o país, aproveitando inclusive os ganhos que o trabalhismo deve obter nas eleições deste ano. Unindo-se ao sr. Adhemar de Barros, nessa luta, Vargas poderia com facilidade restaurar e revigorar o eixo populista de 1950. E dois arautos seus correriam infatigavelmente o Brasil: João Goulart e Adhemar de Barros. As perspectivas de uma tal união, forçada pelos acontecimentos, é que levam os circulos referidos a acreditar que trabalhistas e adhemaristas se unam em São Paulo.

ILEGÍVEL

FATOS DIVERSOS

Sem mais nem menos, deflagrou o revolver contra o zelador do edificio

João Tenório, o criminoso, foi cercado pela policia no predio em que mora — Outras ocorrencias policiais

A's 16 horas de ontem, no interior do edificio Salatiel, á rua Quarenta e Oito, no Espinheiro, ocorreu brutal agressão, praticada por João Tenorio Sobrinho. Eis o fato:

Antonio Agostinho Filho, casado, de 39 anos, zelador do edificio, gostava de trazê-lo «espelhando», isto é, limpo e bem varrido. Exatamente por causa dêsse zelo de Antonio Agostinho, os inquilinos sempre gostaram dele e lhe davam gratificações de vez em quando.

Como em toda a regra há exceção, entre os moradores do predio existia um que não ia com a «cara» e os modos de agir do zelador. Sempre que podia, lá aparecia João Tenorio Sobrinho implicando com Antonio Agostinho.

Isso mesmo foi o que aconteceu, ontem, á tarde, quando o humilde trabalhador se encontrava entregue á sua faina. Lá vem João Tenorio, morador do apartamento n. 602, todo entaipelado e para a poucos passos do zelador, então varrendo os passadiços do predio. Reclamou-lhe que «aquela poeira o estava incomodando».

Falou, porém, com Antonio Agostinho em linguagem incompativel com a própria condição dele, interpelante. Entre outras coisas, o tachou de «cabra safado», «murrinha», etc.

O zelador, pessoa pacata, retrucou que estava procedendo de acôrdo com as determinações recebidas e advertiu a João Tenorio sobre o tratamento insultuoso que ele usava.

Isso foi o bastante para que o inquilino se enfurecesse, regressasse, rapido, ao seu apartamento. Voltou trazendo um revólver para dispará-lo contra Antonio Agostinho, que caiu prostrado no solo com certeiro balaço no terço medio da perna esquerda.

O estampido despertou a atenção das familias domiciliadas nos demais apartamentos, de onde varias senhoras reclamaram a brutal atitude de João Tenorio Sobrinho.

O criminoso, amedrontado com as rapidas providencias tomadas pelos demais moradores, não se atreveu a sair do edificio, indo trancar-se no seu apartamento, enquanto ali comparecia para inteirar-se do caso o fiscal-geral da guarda-civil, Sebastião Viegas, ora respondendo pelo comissariado de policia do Espinheiro.

A vitima, em ambulancia do HPS, foi removida para o Hospital de Fernandes Vieira, onde permanece internada, suspeitando-se que o projetil tenha provocado fratura dos ossos da perna atingida.

A' noite, o delegado Vicente Corrêa Rabelo, do 2.º distrito, afim de que o criminoso não prejudicasse o flagrante, determinou o cêrco do edificio Salatiel, onde João Tenorio Sobrinho está encurralado, sem animo de apresentar-se á autoridade. Falava-se, até, na rua Quarenta e Oito, onde o movimento era desusado, que o agressor mandára chamar um deputado com o intuito de abandonar de qualquer maneira o predio e dar ás de «Vila Diogo», isto é, fugir.

Cêna de sangue dentro da pensão

O comerciário Hugo Frazio Pereira da Silva, casado, de 31 anos, morador á rua do Despacho n. 98, em Afogados, ás 12.10 de ontem, com dois ferimentos penetrantes, produzidos por arma branca, no hemi-torax esquerdo, deu entrada na sala de curativos do Pronto Socorro em estado gravissimo.

Funcionário da **Sanbra**, por questões de serviço, Hugo Frazio se tornou, há dias, inimigo do seu companheiro Viterbo Ramos, casado, de 27 anos, comerciário e com domicilio em uma pensão localizada á rua do Rangel n. 165, em São José.

Ontem, aproveitando a hora do almoço, Hugo Frazio decidiu resolver a questão. Para isso, encaminhou-se á pensão de Viterbo, invadiu-lhe o quarto onde, após rápida troca de palavras entre ambos, Hugo Frazio se atirou sobre o outro, para jogá-lo ao chão e aplicar-lhe bofetadas.

Procurando defender-se de qualquer maneira, Viterbo apanhou uma **quicé**, arma com que produziu os ferimentos no antagonista, que caiu prostrado ao sólo, gritando que não o matasse.

Acorreram, logo, dois soldados do Serviço de Rádio-Patrulha, hospedes da mesma pensão, os quais efetuaram a captura de Viterbo, indo apresentá-lo ao delegado Paulo do Couto Malta, no 1.º distrito, para os fins necessários.

Essa autoridade mandou lavrar a flagrância de ambos os comerciários, sendo que Viterbo já se encontra recolhido ao Presidio do Estado, á disposição da Justiça.

Os feridos em desastres do trafego de veiculos

Ontem, no Pronto Socorro, em consequencia dos diversos acidentes de veiculos de que saíram feridos, tiveram de submeter-se aos curativos de urgencia os seguintes pacientes:

A's 9.40, Luiz Pedro da Silva, casado, de 24 anos, comerciário e morador á rua Carneiro Pessoa n. 446, no Pina, que apresentava contusões na região frontal, além de escoriações generalizadas em consequencia de um atropelamento ocorrido á rua Imperial. Um auto-lotação de placa não identificada foi o veiculo que acidentou áquele auxiliar do comercio, conforme declarações que prestou ao investigador Olivio Aureliano de Castro, permanente policial do HPS.

— A's 16.20, Altamiro de Lima, casado, de 24 anos, operario e residente á avenida Norte n. 1333, em S. Amaro, com diversos ferimentos contusos e escoriações generalizadas.

Referiu o paciente que, por ocasião de passar pelo Largo da Encruzilhada, foi alcançado por um onibus de placa não identificada, da linha de Campo Grande. Finalmente:

— A's 19 horas, João Maximiano da Silva, solteiro, de 31 anos, comerciário e residente no Bêco do Quinze s.n., em Agua-Fria, que apresentava contusões e escoriações generalizadas em consequencia do atropelamento provocado á avenida Beberibe, no Arruda, pelo motorista do onibus pertencente á **Empresa S. Paulo**, numero de ordem 371.

Os feridos, depois de terem pensadas as contusões e escoriações, foram levados para os seus domicilios e todos os casos ficaram devidamente anotados no HPS, pelo investigador Olivio Aureliano de Castro, a fim de serem abertos os inquéritos regulares.

Esmagado o menor pelo trator, em São Lourenço da Mata

Em condução particular que procedeu de terras do engenho **Papacura**, do municipio de São Lourenço da Mata, onde foi vitimado em horrivel acidente, deu entrada, ás 18.15 de ontem no HPS, o menor de 14 anos de idade, José Ferreira do Nascimento.

Chegou em estado deplorável pois, além de diversas contusões e escoriações, apresentava descolamento de tecidos do crâneo: afundamento da região malar direita e fratura exposta do temporal esquerdo, encontrando-se recolhido, gravemente, áquele Hospital, com poucas probabilidades de que venha a restabelecer-se.

Tangerino da propriedade, José Ferreira tratava de recolher o gado, ás 16 horas e ao passar por um campo de lavoura, na ocasião em que um tratorista trabalhava, parte do rebanho se assustou.

Um dos bois, na carreira, derrubou o menor, que foi cair justamente em frente do trator resultando êste passar sobre o seu corpo, antes mesmo que o motorista conseguisse parar o pesado veiculo.

Esta foi a historia que, entre lágrimas, o pai de José Ferreira narrou ao investigador Olivio Aureliano de Castro, permanente policial do HPS, sendo suas declarações notificadas para os fins necessários.

Réus capturados

O investigador n. 327, Luiz Gonzaga da Silva, da Secção de Crime, Sindicância e Capturas, ás 9 horas de ontem, na ponte 6 de Março, efetuou a prisão do réu Jorge Manoel do Nascimento.

Encontra-se condenado pelo juiz de Direito de Jaboatão á pena de 5 meses de reclusão, como incurso nas sanções dos arts. 129 e 329 (ferimentos e reação), do Código Penal Brasileiro, conforme a carta preca-

(Conclue na 10.ª pagina)

Guarda-civil comete desatinos no recinto do Tribunal de Justiça

Pelas gravissimas infrações, já foi recolhido ao xadrez — Estava alcoolizado e portava armas

A's 15 e meia horas de ontem, na Sala das Audiências do Palácio da Justiça, perante o juiz de Direito da 3.ª Vara Criminal, Julio José Bezerra, o guarda-civil n. 428, Daniel Quirino de Santana, ia depor como uma das testemunhas arroladas no processo a que responde por crime de homicidio o réu Hildebrando Alves da Silva.

O patrono do acusado dr. Democrito de Souza, a certa altura, pediu licença ao magistrado, a fim de reclamar contra o deplorável estado em que Daniel Quirino se apresentou. Alcoolizado, como estava, não poderia depôr como testemunha em processo algum e muito menos naquele, sob pena de comprometer a própria Justiça — esclareceu o causidico.

Nesse momento, e antes que o magistrado dissesse qualquer coisa, Daniel Quirino de Santana se levantou para proferir termos improprios, sendo energicamente observado pelo juiz presidente da audiência.

Longe de deixar-se impressionar pelas incisivas admoestações do juiz da 3.ª Vara Criminal, e interpelado procedeu com insolencia. Além disso, propositadamente, deixou que todos vissem que se encontrava armado e esbravejou impropérios contra tudo e contra todos.

Tornou-se necessário que o magistrado o prendesse, contra o que Daniel Quirino ainda teve a ousadia de insurgir-se, motivo por que acorreram áquele recinto o diretor do Fôro e vários outros funcionários do Palácio da Justiça, tomando-se as devidas providencias no sentido de retirá-lo, imediatamente.

Uma unidade do Serviço de Rádio-Patrulha compareceu ao local para executar a prisão do transgressor. Foi ele pouco depois conduzido á presença do delegado Alvaro Gonçalves da Costa Lima, titular da Vigilância Geral e Costumes, juntamente com um oficio do juiz da 3.ª Vara Criminal, narrando-lhe o acontecido e determinando-lhe foi o citado guarda-civil autoado em flagrante.

Daniel Quirino incorreu em gravissimas infrações: desrespeito e desacato a um magistrado; apresentar-se á Justiça em estado de alcoolismo e portando, ilegalmente, uma arma. Já está recolhido ao Presidio do Estado á disposição daquele juiz de Direito para os fins necessários.

Antes porém, no gabinete do delegado Alvaro Gonçalves, Daniel deu um verdadeira **show**, motivo por que se tornaram necessárias medidas mais enérgicas, a fim do mesmo acalmar-se. Levaram-no ao Gabinete Médico Legal da Secretaria da Segurança, onde o legista de serviço constatou, de fato, que se encontrava alcoolizado.

Daniel Quirino de Santana — a estas horas, provavelmente, já foi demitido, a bem da disciplina, do decôro da corporação a que pertencia, etc., — portava um revólver do fabricante **Smith & Wesson**, semi-novo, que foi apreendido.

CADEIRA CIMO

100% imbuia

resistente

e cômoda

Distribuidores exclusivos

CIMÓVEL

Rua da Imperatriz, 118

Stock permanente — Preços especiais para revendedores

Org. Norte Bras. (244)

SEU FILHO SERÁ MAIS FORTE, TOMANDO

IOFOSCAL

• Iôdo • Fósforo • Cálcio

O MAIS MODERNO FORTIFICANTE

AMEAÇA DE COLAPSO NA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO

Corrida desenfreada de preços, após a fixação do sálario minimo — Aumentos nos preços de material e mão de obra

Leia na revista **PN** desta quinzena o testemunho de três homens de negócios ligados ao assunto.

A revista **PN** desta quinzena publica ainda:

A INDUSTRIA E O MERCADO BRASILEIROS DE CINEMA

Técnico da Vera Cruz expõe aos leitores de **PN** os problemas do cinema nacional, e apresenta as soluções aconselháveis.

O PETROLEO NA VENEZUELA

O Prof. Hermes Lima analisa a situação atual da indústria petrolifera venezuelana.

O SUCESSO DO NOVO NASH

Fotos e caracteristicas de novos modêlos de automoveis; preço médio de venda de carros no Rio e em São Paulo, na Bolsa de Automoveis, secção permanente de **PN**.

Em tôdas as bancas por Cr$ 5,00

PN

A REVISTA DOS QUE PRECISAM ESTAR BEM INFORMADOS

Mercados — Vendas — Imprensa — Rádio — TV — Propaganda — Anunciantes.

Redação: Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. sala 323 — RIO

Sucursal: S. Paulo — Lg.º Paissandú, 51 — conj. 1701

(235)

TEATRO

Hoje estréia a "Dramatica"

Depois de uma longa espera de nossa parte, e conosco todo o público teatral do Recife, teremos, finalmente, hoje, no Teatro Santa Isabel, a apresentação da Companhia Dramática Nacional.

Dissemos longa espera porque a sua estréia prometida para o último dia 13 não teve lugar, motivado êste adiamento por uma maior permanência desta companhia no Rio de Janeiro realizando uma temporada popular no Teatro Ginástico. Isto foi o que determinou o não cumprimento da estréia na data anteriormente anunciada, resultando, em consequência, o atraso de tôdas as temporadas programadas para as capitais do Norte e Nordeste. Mas, afinal, chegou o nosso dia.

A Companhia Dramática Nacional, para os que ainda não sabem é um orgão oficial do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação e Cultura.

O elenco que realizará a temporada que hoje se inicia é composto de: A. Fregolente, Adalberto Silva, Carlos Melo, Celme Silva, Déo Costa, Elisio de Albuquerque, Ferreira Maya, José Silva, Magalhães Graça, Maria Fernanda, Nurto Lanza, Natália Timberg, Ribeiro Fortes, Waldir Maia, Walter Gonçalves, Sônia Oiticica e Wanda Marchetti — alguns poucos já conhecidos da platéia do Recife, outros visitantes pela primeira vez de nossa cidade, muitos nomes de destaque e projeção dos meios teatrais brasileiros.

O repertório que nos será apresentado é formado pelas seguintes peças: «As casadas solteiras» de Martins Penna, «Cidade Assassinada» de Antônio Calado, «Senhora dos afogados» de Nelson Rodrigues, «Lampião» de Raquel de Queiroz e «A Raposa e as uvas» de Guilherme Figueiredo — sendo esta a peça de lançamento.

Sôbre a Companhia Dramática Nacional muito se pode dizer.

Antes mesmo de conhecermos qualquer dos seus espetáculos, sabemos que é uma organização séria — séria e bem intencionada — em matéria de teatro em nosso país. Seu principal alvo é a difusão dentro do nosso território de uma arte cênica nitidamente verde e amarela. Isto sem o patriotismo que possa levar a uma menor dignidade artística, a concessões menos elevadas em espirito de arte.

Há, na Companhia Dramática Nacional, uma prioridade nacionalista, digna de destaque e de elogios: os autores que atraves de suas peças são apresentados, os diretores de cena ou ensaiadores que a ela servem na sua especialidade de orientar os espetáculos e todos os outros elementos essenciais de uma realização cênica — atrizes, atores, cenaristas, cenógrafos e demais técnicos — são todos brasileiros. Mas, salientamos suficientemente que, o critério nacionalista da Companhia Dramática Nacional é um meio e não um fim, pois o seu objetivo é realizar um Teatro elevado e honesto, um Teatro-Arte sob qualquer ponto de vista.

Assim, de nossa parte, só poderemos ter motivos de simpatia e de aplausos; e se a nossa palavra valesse alguma coisa, incitariamos aos nossos leitores e a todos quantos se interessam por coisas de arte em nossa cidade, a não perderem os espetáculos que a Companhia Dramática Nacional nos vai oferecer nesta temporada. — ISAAC GONDIM FILHO.

Vida Religiosa

O DIA DA IGREJA

24 DE JULHO — **No dia de hoje se comemora a Vigilia de São Tiago.**

EVANGELHO (São João, 15, 13 e 14) — Naquele tempo disse Jesus a seus discipulos: Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado. Ninguem pode ter maior amor que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Sois meus amigos. Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Chamo-vos meus amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai, vô-lo tenho feito conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi a vós e lhe com que, indo-vos, desseis frutos e o vosso fruto permanecesse afim de que tudo o que em meu Nome pedirdes a meu Pai, Ele vô-lo conceda.

LAUS PERENNE — O SS. Sacramento estará exposto, hoje, durante todo o dia, na Basilica de N. Sra. da Penha.

BASILICA DO CARMO

As missas na Basilica de N. Sra. do Carmo, nos dias de domingo e dias santificados passam a obedecer o seguinte horario: 5, 6, 7, 8.30 e 10 horas.

A missa na Igreja de Santa Tereza da Ordem Terceira do Carmo é celebrada ás 7 horas.

IRMANDADE DOS PASSOS

Por motivo superior, deixa de ser realizada, conforme fôra anunciada, amanhã, ás 20 horas, na Concatedral da Madre de Deus, por dom **Antonio de Almeida Morais Junior**, a segunda conferencia preparatoria para as festas que se realizarão, de 12 a 19 de setembro, por ocasião da passagem do tri-centenario da fundação da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos do Recife.

A mesa regedora da Irmandade está convidando todos os irmãos para a reunião mensal que se realizará, ás 9 horas, no consistorio.

3.ª ASSEMBLÉIA GERAL VICENTINA

O presidente do Conselho Central Metropolitano da Sociedade de São Vicente de Paulo está lembrando aos vicentinos desta e das vizinhas cidades de Olinda e de Camaragibe a assembléia geral vicentina — a terceira dêste ano eclesiastico — a realizar-se, amanhã, no Colegio Marista, á rua Conde da Boa Vista, começando com a missa de 7 horas celebrada pelo arcebispo metropolitano, que distribuirá a santa comunhão aos confrades preparados, seguindo-se café, no refeitorio do Colegio e sessão solene sob a presidencia de honra de d. Antonio de Almeida Morais Junior.

LIGA CATOLICA DA MATRIZ DE S. JOSE'

Haverá, amanhã, após a missa de 7 horas, na matriz de São José a reunião mensal da Liga Catolica local, para a qual estão sendo convidados todos os associados.

FESTA DE S. BENEDITO

Realizar-se-á a 1.º de agosto, a festa de São Benedito na igreja do Rosario, bairro de Santo Antonio.

Ante-ontem, tiveram inicio as solenidades liturgicas, havendo procissão e a seguir o hasteamento da bandeira. O novenario teve inicio ontem com a presença de grande numero de fieis.

Nação-Creso, etc.

(Conclusão da 4.ª página)

que caminharia, se não revelasse atributos adequados para deter a marcha fatidica da lavoura-vampirica.

Implantada a siderurgia, os Estados Unidos passaram a fundar a indústria do maquinário rural. A produzir, em larga escala e a preços accessiveis, desde o cultivador até aos arados. Por outro lado, os Colegios de Agricultura, inaugurados em praticamente todos os Estados da União, começaram a atuar como fermentos transformadores da massa agraria. Irromperam também notáveis centros de investigações cientificas. Começaram os apóstolos do «extension work» a levar ás fazendas as mais distantes o que existia de mais moderno e racional nos estabelecimentos de experimentação agronômica.

E' possivel ter-se uma idéia de conjunto da mutação operada, no sêio desse país, examinando-se a maneira como a mecanização modificou a sua fisionomia. Em 1920 e em 1952, eis os resultados apurados:

	1920		1952
Equinos e muares	25.742.000	—	6.293.000
Tratores	246.000	—	4.170.000
Caminhões motorizados	139.000	—	2.410.000
Combinadas	4.000	—	887.000
Colhedeiras de milho	10.000	—	538.000

Finalizada a primeira guerra européia, na lavoura ianque predominava o sistema de tração animal. A quase 26.000.000 de muares e equinos, correspondiam apenas 246.000 tratores. O número de caminhões motorizados não chegava a mais de ... 140.000.

32 anos depois, transformação! Mais de 4.000.000 de tratores estavam sendo usados. A éra da agricultura de trânsito e da agricultura biblica ficou sepultada. Sobre os seus escombros, levantara-se o arcabouço da lavoura mais produtiva e avançada do século XX!

Em 1952, o Brasil de quantos tratores dispunha? Da ninharia de 20.508...

No Septentrião de nosso hemisfério, foi possivel realizar-se uma revolução estrutural, que desbravaria novos e vitoriosos horizontes á marcha ascensional daquela democracia. O combustivel substituira o suor humano e animal, nas fainas da gléba. No Meridião, outra nação, tão vasta quanto aquela, e digna igualmente de um devenir auspicioso, continua, porém, chumbada a métodos agricolas que se acham ainda muito próximos do ciclo dos amerindios e dos bugres, em nosso territó-rio-matutiano.

A primeira conquistou um padrão de vida, que é dos mais altos do mundo. E' uma nação-Creso. A segunda debate-se ainda em meio pauperismo e a logomáquia infecunda. E a nação-Jó, tão nossa conhecida...

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

65 ANOS de bons serviços

★ EMPRÉSTIMOS
★ DEPÓSITOS
★ CÂMBIO
★ COBRANÇAS

AGÊNCIA EM RECIFE

AV. MARQUÊS DE OLINDA, 274

RADIO CLUBE DE PERNAMBUCO

HOJE — SABADO

05.55 — Bom dia
06.00 — Posta Restante da Aula de ginastica
06.40 — Cortina musical
06.50 — Jornal falado
07.15 — Pernambuco, você é meu
08.00 — Reporter Klass
08.05 — Pernambuco você é meu (cont.)
09.00 — Tournée musical
09.30 — Isto é Brasil
10.00 — Idolos do público
10.30 — Clube do Disco
11.55 — Folhinha Sta. Clara
12.00 — Cronica do meio dia
12.05 — Ritmo de Portugal
12.10 — Noticiario Rozenblit
12.15 — Aperitivo musical
12.20 — O baião do dia
12.25 — Ritmo alegre
12.30 — Reporter Klass
12.35 — Album sonoro
12.45 — Resenha desportiva
13.00 — Fantasia musical
13.05 — Jornal falado
13.30 — Melodias favoritas
14.30 — Vamos ouvir baião
15.00 — Sabatina dansante
17.25 — Informativo policial
17.30 — Cont. Sabatina dansante
18.00 — Ave Maria
18.05 — Novela religiosa
18.15 — Jornal falado
18.30 — A Voz Batista
19.00 — Bola ao centro
19.15 — Joia musical
19.20 — Boletim informativo
19.25 — Reporter Klass
19.30 — A Voz do Brasil
20.00 — Programa politico
20.30 — Jantar musicado
21.00 — Reprises favoritas
21.30 — Jornal falado
21.55 — Intermezzo
22.00 — Reporter Klass
22.05 — Bar da Noite
24.00 — Despedida.

SERVIÇO DE TERRAPLENAGEM

Dispondo de Tratores apropriados, executa serviços de nivelamento de terrenos, abertura de ruas, desmonte, aterro e abertura de estradas

— ESCRITORIO TECNICO —

Av. Dantas Barreto, 507 — Ed. Antonio Barbosa 7.º andar — sala 707

(211)

DE OLINDA

Ainda a estrada — Mercado do Sitio Novo

Escreve o sr. J. A. Barreto Guimarães: "Realmente, tem sido grande a insistencia com que vimos tratando do problema da estrada de Olinda. Inumeros artigos e comentarios feitos não somente através desta secção e da "Falha da Manhã", como ainda de palestras e entrevistas concedidas ao Radio Olinda.

Apêlos ás autoridades direta ou indiretamente ligadas ao problema e solicitações constantes têm sido feitas. Não podemos dizer que foram inuteis esses esforços desenvolvidos. Mas, na verdade, bem que poderiam ter tido melhor receptividade por parte dos orgãos a quem compete solucionar a questão. A nova estrada resultante da construção da Base Naval, está limitada ao aterro do trecho compreendido entre o Quartel do 17.º R. O. e a antiga ponte Duarte Coelho, que em seu lugar está sendo construida uma outra e cujos trabalhos vão bem adiantados. Mas com relação ao aterro compreendido entre a ponte e o Hospital de Santo Amaro, não temos qualquer noticia e, ao que parece, ainda não conseguiram vencer a batalha das desapropriações.

Quando a atual avenida Olinda ficou absolutamente intransitavel, atingindo quase as raias da calamidade publica, uma vez que a população olindense ficaria sem meios de comunicação com a capital pernambucana, o D.E.R. mandou executar os reparos indispensaveis para o restabelecimento do trafego. Trabalhos esses que foram iniciados com um ritmo bem acelerado, mas que, agora está se processando muito lentamente e com prejuizos para os moradores desta velha cidade.

Dessa forma, não encontramos outro caminho diferente daquele que nos leva a apelar para o engenheiro Armando Monteiro Filho, que sempre tem revelado interesse pelos problemas de Olinda, afim de que mande, aquela autoridade aumentar o numero de operarios ou tomar outra qualquer providencia, contanto que os reparos da avenida Olinda sejam concluidos o mais depressa possivel.

Mercado do Sitio Novo

A Prefeitura de Olinda inaugurará, amanhã varios melhoramentos publicos em Sitio Novo, como parte das comemorações do tricentenario da Restauração Pernambucana neste municipio.

São os seguintes os serviços a serem entregues á população daquele populoso distrito olindense: mercado publico, pavimentação e iluminação publica da rua Benjamin Constant e instalação dagua no pavilhão sanitario do Sitio Novo.

Festa do Carmo

Prossegue hoje, o septenario que antecede á festa de Nossa Senhora do Carmo.

Serão noiteiras as familias Manuel Dias dos Santos, Antonio Luiz Regueira, sra. Amalia Gonçalves, sra. Maria Assunção Gonçalves e familiares.

A festa será celebrada amanhã, constando dos seguintes atos:

A's 7 horas, missa na intenção de todos que contribuiram para o brilhantismo da festa. A's 9.30 horas missa solene com sermão ao Evangelho por frei Inacio Maria Costa, O. Carm.

A's 15.30 horas, procissão solene, com acompanhamento das Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco, irmandades e confrarias de Olinda e do Recife. Sermão ao recolher por frei Pio Maria de Albuquerque Moreira. Em seguida, "Te-Deum" e benção Sacramental.

E' juiz da festa o dr. Benedito Marques Vieira, juiz de Direito; juiza da festa, sra. Osminda Marques Vieira; juiza perpetua, sras. Amalia Gonçalves e Laura G. Dias e Juiza da Bandeira srta. Georgina Negro.

Cartaz

OLINAD — "A lagoa dos mortos".

DUARTE COELHO — "Tocaidos da lei".

Plantão de farmacias

Estarão de plantão amanhã, as farmacias Freitas, á rua do Sol; São Sebastião, no Varadouro; e do Povo, no Bairro Novo.

ALIANÇA, ETC.

(Conclusão da 4.ª página)

curiosa porque hoje a aliança anglo-francesa tem um carater muito mais peremptorio do que a famosa «Entente Cordiale» de Delcassé, na época eduardiana. **Mas, como a Grã-Bretanha e a França, embora aliadas, andaram sempre em divergencia a respeito das diversas etapas da unificação democratica da Europa, nestes ultimos tempos, o sr. Mendés-France quis provavelmente tomar, menos do que o sentido historico, o sentido semantico daquelas duas palavras «entendimento cordial» para mostrar que, por cima da letra dos tratados, a cooperação entre os dois paises assumiria este espirito. Por ultimo, o presidente do Conselho estendeu os seus elogios ao sub-secretario de Estado norte-americano, sr. Walter-Bedell Smith, o homem que representou os Estados Unidos em Genebra.**

O que distinguiu, porém, o seu discurso foi a dureza no tratamento dos comunistas, a completa ausencia de ilusões e até a propria severidade com que qualificou a sua obra, em Genebra, ou seja, o conteudo do acôrdo que obteve e que, segundo a versão telegrafica, não reputa coisa de que a França se possa orgulhar. Neste sentido é que procurou identificar a sua posição com a dos norte-americanos, proclamando a decisão de resistir a quaisquer violações do que ficou concertado.

Ao mostrar que não confiava nos signatarios da parte contraria, dirigiu-lhes uma advertencia que chegou quase ao desafio.

Declarou também que a independencia da parte do Viet Nam não entregue ao Viet Minh, do Laos e do Cambodgia se tornará completa no proximo dia 21. E' um caso tinico de ação tardia, mas isto não é culpa do sr. Mendés-France. De qualquer modo, a sua declaração a respeito vem pôr fim ao principal elemento de embaraço que sempre complicou o problema da Indochina, afetando inclusive a ação norte-americana, pelo menos no começo. Em resumo, o sr. Mendés-France limpou o convés para os combates futuros, quaisquer que sejam eles.

DESGOSTOSO COM A POLITICA

RIO, 23 (Meridional) — Correm insistentes informações que adiantam que o sr. Fernando Nóbrega, deputado pelo PTB da Paraiba, está disposto a abandonar a politica, desgostoso com os últimos fatos relacionados com seu partido no Estado. O sr. Fernando procurado pela reportagem, não quiz confirmar nem desmentir.

DEPOIMENTOS NO "CRIME DO CADILAC AZUL"

RIO, 22 (Meridional) — Espera-se hoje a tomada de novos depoimentos das testemunhas do crime do **cadilac azul**. Durante todo o dia de ontem o delegado do 3.º Distrito se deteve no exame das declarações do sr. Silvio Coelho, anotando pontos que determinarão as diligências arrolando nomes de pessoas citadas as quais serão convidadas a depôr.

Dentre as testemunhas que deverão depôr figuram Segadas Vianna, ex-ministro do Trabalho; Osvaldo Carijó Castro, que foi tambem ministro interino do Trabalho.

APREENDIDOS OS TITULOS ELEITORAIS ROUBADOS

RIO, 23 (Meridional) — A Delegacia de Roubos e Falsificações, segundo informações do delegado, já conseguiu apreender 1.150 titulos eleitorais, dos 5 mil furtados á Imprensa Nacional. Oitocentos foram encontrados no Estado do Rio, e o restante nesta capital. Os responsáveis pelo desvio **já** foram postos em liberdade, mediante **habeas-corpus**.

SÍNTESE DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

DE 7 EM 7

Rádio Revista

DE VAMPRÉ E NELSON FERREIRA

PATROCÍNIO DA

Casa Londres

RUA NOVA, 266

PELAS ONDAS DA Rádio Tamandaré

SABADOS ÁS 20.05

Diario SOCIAL

O PRECEITO DO DIA

EXAME PERIODICO DOS DENTES

Bons dentes são indispensáveis à saúde. E' aconselhável mandar examiná-los, por um bom dentista, de 6 em 6 meses. Imprescindivel o exame dos dentes aos 6 anos, quando surgem os primeiros molares permanentes.

Cuide dos dentes, se quizer defender a saúde. — SNES.

Plantão noturno de farmacias

Estarão de plantão, durante toda a noite de hoje, as seguintes farmácias:

Sto. Antonio — Vilaça; Boa Vista — Rosário; São José — Globo; Eucruzilhada — Rosarinho; Beberibe — Beberibe; Cordeiro — Caldas; Madalena — Silva Filho; Casa Amarela — Oriente;; Tegipió — Estancia; Boa Viagem — Vanda; Sto. Amaro — Cruz Cabugá.

No centro, os plantões começam às 20 horas e nos arrabaldes às 21. Aos sabados em ambos os casos às 22 horas.

Qualquer irregularidade ou desrespeito a essa tabela deverá ser comunicada à Secção de Fiscalização de Medicina, pelo fone 4017.

ANIVERSARIOS

FAZEM ANOS HOJE:

A senhora: Zuleide Faria do Rego, esposa do sr. Pedro Rego Barros.

As senhoritas: Maria de Lourdes, filha do sr. Israel Fonseca, já falecido, e de sua esposa, sra. Regina de Morais Fonseca; Lourdes Rocha, filha do sr. Antonio Salustiano Rocha e de sua esposa, sra. Maria Rodrigues Rocha; Maria José Ferreira Vilaça, filha do sr. Francisco de Assis Vilaça e de sua esposa, sra. Abigail Ferreira Vilaça; Celene da Silva Ferreira, filha do sr. Severino Vicente Ferreira e de sua esposa, sra. Elisabete da Silva Ferreira.

Os senhores: Eurico Chaves; José Guilherme.

A menina: Eva Maria, filha de sr. José Caldas Junior e de sua esposa, sra. Adelaide Bezerra Caldas Junior.

NOIVADOS

Contrataram casamento, no dia 21 do corrente, o engenheiro civil Amilton Silva Rego e a srta. Maria Rita Alves da Silva, filha do sr. Aluisio Alves da Silva e de sua esposa, sra. Maria Rita Alves da Silva.

CASAMENTOS

Semiramis Lira-Armando Bezerra — Na cidade de Itabaiana, do vizinho Estado da Paraiba, realiza-se, hoje, o casamento da srta. Semiramis de Albuquerque Lira, filha do sr. Vicente de Menezes Lira, proprietario naquele municipio, e de sua esposa, sra. Severina de Albuquerque Lira, com o sr. Armando Cesar Bezerra, funcionario da agencia do Banco do Brasil, em João Pessoa.

O ato religioso, com efeito civil, se efetuará ás 16.30, na residencia dos pais da nubente, á rua Des. Heraclito n. 110, servindo de paraninfos, por parte da noiva, o sr. Jonas Cordeiro de Souza e esposa, sr. José Bernardino de Paula Lemos e srta. Elisabete de Albuquerque Cavalcanti, e por parte do noivo, o jornalista Samuel Soares e esposa e sr. Olivio Falcão e esposa.

Os nubentes fixarão residencia á avenida Capitão José Pessoa, 292, na capital paraibana.

NASCIMENTOS

Na Maternidade do Recife, nasceu, no dia 21 ultimo, a menina Marisa, filha do sr. Djenal Cardoso e de sua esposa, sra. Delza Cardoso, residentes em Olinda.

VIAJANTES

Acompanhado de seu colega, Roque de Brito Alves, está de passagem por esta capital, o advogado paulista Jorge Abud, que visitou ontem, o Palacio da Justiça.

DIVERSAS

Funciona, hoje, a partir das 22 horas, a boite do Clube Internacional, tocando para as danças, um conjunto-boite com um programa de musicas variadas.

Reserva de mesa gratuita, devendo ser solicitada com antecedencia. Servirá de ingresso a carteira social, com o recibo n. 7.

— Comemorando as bôdas de ouro do casal José-Miquilina da Cruz Gouveia, seus filhos mandarão celebrar uma missa de ação de graças na basilica de N. Sra. do Carmo, no dia 25 do corrente, ás 8 horas.

— Faz anos, hoje, o menino Hermes, filho do casal José Hildebrando Braga-Creusa Loureiro Braga.

— Por motivo do transcurso hoje, do seu aniversario natalicio será muito cumprimentada a sra. Maria José de Andrade, esposa do sr. Edson Xavier de Andrade, esteriotipista deste jornal.

FALECIMENTOS

Em sua residencia, na Fazenda Caatinga Branca, distrito de Venturosa, no municipio de Pedra, neste Estado, faleceu a sra. Brigida Francisca de Melo, viuva de sr. Miguel Bezerra de Almeida.

A extinta contava 76 anos de idade, deixando os seguintes filhos: José Martiniano de Almeida, proprietario e residente em Caruaru; Manuel Bezerra de Almeida, Maria Olimpia de Almeida e Maria Leonor de Almeida.

Seu enterramento realizou-se no cemiterio daquela cidade, perante crescido numero de amigos e parentes.

— Faleceu no dia 19, em União dos Palmares, depois de longo padecimento, o sr. José Cavalcanti de Siqueira, aos 64 anos de idade, deixando 6 filhos, 5 enteados e varios netos.

Natural de Pesqueira, foi cozinhador de açucar em varias usinas de Pernambuco e Alagoas, residindo há 20 anos na Usina Laginha.

A beleza não treme

A srta. Marta Rocha, miss Brasil, informa aos jornais, que encara o juri em Miami Beach com nervosismo. A beleza deve ser uma cousa fria, petrificada e harmonica. Se miss Brasil treme diante dos juizes perde a auto-confiança e arrisca o prestigio do Brasil, já abalado com a derrota na "Copa do Mundo". O controle dos nervos é necessario da belezas do tipo de Marta Rocha para que, em frente ao juri, demonstre com absoluta frieza que não teme competidoras. E se por acaso não for escolhida, resta o nosso velho recurso de chamar os juizes de ladrões.

Assim como podiamos ter vencido o campeonato do mundo, poderemos vencer o do beleza; não conquistar o titulo de campeão de futebol, mas vencer o de miss Universo. Que juizes ladrões há num e noutro setor.

Miss Brasil, deve, portanto ir ao "beauty contest" com a certeza absoluta de que se não ganhar a parada, os juizes roubaram.

E assim, encarar os juizes sem tremedeiras e sem receios como se caminhasse para o titulo.

Se treme é porque tem dúvidas. Dúvida de seus dotes plasticos, e isso nem por sombra deve deixar transparecer. Antes deve ter a certeza de que vai conquistar o titulo e ter aos pés contratos para Hollywood, atenções de dom Rubirosa, "vacances" na Riviera e sambas com Aly Khan. Já que apelou para o Senhor do Bonfim, toca para a frente. Fé em Deus e pé na taboa. — P.

JULES MULLER

Encontra-se atualmente no Recife o industrial francês Jules Muller, que acaba de ser contemplado, pela Aliança Francesa, com uma viagem ao Brasil. Visitando o Recife como primeiro ponto do seu itinerario, que compreenderá ainda varios outros Estados, o sr. Jules Muller mostra-se encantado com o nivel industrial de Pernambuco, sobretudo no ramo de tecelagem, pois considera as fabricas locais modernissimas e bem aparelhadas.

"O LIVRO E A CRIANCA"

Hoje, ás 17 horas, a conferencia da prof. Lucilia Minffen, diretora da Biblioteca Pública Infantil de Porto-Alegre e ora no Recife participando do Congresso de Biblioteconomia.

Tema: "O livro e a criança"
Local: "Escolinha de Arte, (diretor Abelardo Rodrigues), rua do Cupim.

Não houve convites especiais Entrada franca.

"ESCULTURAS RELIGIOSAS"

Terça-feira proxima será o dia da inauguração da exposição de Abelardo Rodrigues.

Esculturas religiosas e ex-votos. Toda rica coleção do conhecido artista pernambucano (peças a começar do século XVI) estará reunida no salão de honra do Teatro Santa Isabel.

DEPUTADO ANDRADE LIMA FILHO

No Hospital Português, onde se submeteu a uma operação cirurgica, vem sendo muito visitado o jornalista Andrade Lima Filho, deputado á Assembléia Legislativa do Estado e nosso colaborador.

JORNALISTA LUIZ BELTRÃO

Dos Estados-Unidos, onde permaneceu cerca de três meses, em visita a universidades e outras instituições culturais, regressou ao Recife o jornalista Luiz Beltrão, presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco.

Viajou em companhia de sua esposa e foi recebido no aeroporto dos Guararapes por numerosos amigos e familias.

RECEPÇÃO

O casal Graciete—Evaldo Santos oferecerá recepção hoje, á noite, em sua residencia, por motivo do aniversario de seu filho, o menino Gracivaldo. O aniversariante é neto do banqueiro Jaime Ferreira dos Santos e esposa sra. Dalila Santos.

ESCRITOR HAROLDO BRUNO

Pelo "Constellation" da Panair, chegou ontem no Recife o nosso colaborador, escritor Haroldo Bruno.

Veio assistir ao lançamento do seu livro, "Notas de Critica", a ocorrer, dentro de poucos dias, no Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura, que o editou.

E' hospede de seu pai, o prof. Anibal Bruno, á rua da Angustura, nos Aflitos.

MAJOR NAPOLEÃO BEZERRA

Visitou-nos ontem, o major do Exercito Napoleão Bezerra que, durante a ultima guerra, foi colaborador deste DIARIO

PROF. GILBERTO OSORIO

Por motivo do seu aniversario que ontem transcorreu, foi muito felicitado o prof. Gilberto Osorio de Andrade, secretario de Educação e Cultura.

PUNIDOS OS TRIPULANTES DO "LOIDE URUGUAI"

RIO, 23 (Meridional) — O diretor do Loide Brasileiro puniu os tripulantes do Loide Uruguai, envolvidos no incidentes do processo criminal movido por autoridades alfandegarias de Genova, em virtude da apreensão de cigarros adquiridos em Gibraltar.

O diretor do Loide impôs ao comissário Walter Ramos Galvão a suspensão de 30 dias, mandando ainda que êle e outros implicados sejam descontados em folha até pagarem 370 mil cruzeiros que o Loide teve de adiantar para libertar o aludido comissário.

PROCESSO SOBRE A REVISAO DOS SALARIOS MINIMOS EM MINAS

BELO HORIZONTE, 23 (Meridional) — Assumiu a presidência da comissão regional de salário minimo o sr. Obregon Carvalho, recentemente nomeado. Recebendo o delegado do Trabalho volumoso processo de revisão dos niveis de salário minimo para Minas, convocou, para segunda-feira, a primeira reunião da comissão respectiva.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

O RETRATO DO DIA

O casal José-Miquelina da Cruz Gouveia, cujas bôdas de ouro transcorrem amanhã. Por esse motivo, seus filhos mandarão celebrar uma missa em ação de graças na basilica do Carmo, às 8 horas.

Mundo de LUZ e SOM

FILMES

MINHA ESPADA, MINHA LEI — O cinema, desde os seus primórdios, tem ido buscar na literatura argumentos para muitos dos seus filmes. A maioria das adaptações não ultrapassou ao que costumamos chamar cine-folhetinesco, melodramas mediocres, nos quais a imagem era relegada a um plano inferior, passando a imperar a superdialogação exaustiva e irritante.

Os romances de Robert Louis Stevenson, ricos de imaginação criadora e fantasia, apresentaram-se aos produtores americanos como uma fonte inesgotavel de êxitos.

A transposição cinematografica dos seus livros, como dos de inumeros outros autores, é feita tendo-se em vista qualquer ator ou atriz que garanta, futuramente, o sucesso financeiro da realização.

A cenarização de "The Master of Ballantrae", titulo original de "Minha Espada, Minha Lei", foi confiada a Herb Meadow que teve de amoldar o papel principal ao "estilo" de Errol Flynn. Não conhecemos o livro de Stevenson, no entanto, é facil imaginar que o mesmo sofreu varias modificações. Dificilmente, consegue-se adaptar á tela, em sua integra, um romance ou peça teatral.

Ao versátil William Keighley, especializado em filmes de "gangster" (Contra o Império do Crime) e de aventuras (As Aventuras de Robin Hood), devemos os bons momentos do filme, principalmente, o seu ritmo visual pleno de agilidade e dinamismo.

As cenas das lutas de espadas "travellings" pada, valorizadas pelo emprego dos cortes com absoluta precisão e segurança, podem ser apontadas como as mais bem dirigidas.

Os atores secundarios comportam-se com discreção. Errol Flynn mantém a sua máscara inexpressiva em todas as sequencias do filme, esteja metido em conquistas amorosas ou batendo-se com os inimigos.

O trabalho fotografico e o acompanhamento musical são dois aspectos de indiscutivel valor cinematografico. A excelente fotografia em côres de Jack Cardiff por ter sabido aproveitar as tonalidades discretas e suaves. O ritmo musical de William Alwin que é, atualmente, um dos maiores autores de roteiros musicais para o cinema, por ter pontilhado de modo impecavel todas as cenas do filme, na mais completa harmonia com as imagens e o ritmo.

Em suma, uma pelicula tecnicamente elogiavel, mas, fraquissima do ponto de vista artistico.

BORRASCA — A partir de domingo no São Luiz, apresenta como maior credencial o nome do seu diretor: Anthony Mann que, ultimamente, nos ofereceu aquele correto "O Preço de um Homem". Merece atenção.

3-D — Todo mundo está esperando, ansiosamente, a exibição de "Sangari", marcada para a proxima segunda-feira no Art-Palacio. Nos circulos cinematograficos locais, é só o que se comenta. Que não seja um "bluff" semelhante ao da "guilhotina ou, desculpem, panorâmica" — JOMARD MUNIZ DE BRITTO.

CLUBES — Exibirá, hoje, o Clube Vinillanti Cura a pelicula de Henry Hathoway, "Lobos do Norte", com George Raft, Henry Fonda e Dorothy Lamour.

Pela SCDP é impróprio até 10 anos. Servirá de ingresso o convite n.º 3.

A sessão terá lugar á rua do Riachuelo, 105, iniciando-se ás 19.30 horas.

CARTAZ DO DIA

S. LUIZ — «Minha espada, minha lei», com Errol Flynn.
ART — «Messalina e o bombeiro», com Silvana Pampanini.
TRIANON — «Encruzilhada», com Raf Valone.
PARQUE — «Gentil tirano», com Robert Taylor.
COLISEU — «Vitimas do destino», com Julieta Greco.
PATHE' — «A Fornarina», com Paola Barbara.
BOA VISTA — «A doce inocencia», com Mitzi Gaynor.
TORRE — «Feitiço branco», com Susan Hayward.
IDEAL — «O porteiro».
ELDORADO — «Carnaval em Caviar», com José Lewgoy.
REAL — «Ouro no mar».
ESPINHEIRENSE — «Abbott e Costello no Planeta Marte».
POPULAR — «Do outro lado da rua».
ENCRUZILHADA — «Os 4 descomphecidos».
S. JOSE' — «E' deste que eu gostos».
IMPERIO — «Sentinelas do deserto».
RIVOLI — «A estrada dos homens sem leis», com Lizabeth Scott e Robert Ryan.
GLORIA — «Bela e bandida».
CAJUEIRO — «O melhor dos homens máus».
SOLEDADE — «Robin Hood, o principe dos ladrões», com Jon Hall.
LAN — «Matar ou morrer», com Gary Cooper.
S. JORGE — «Carmem».
GUARARAPES — «Capitão Blood».
CENTRAL — «O comprador de fazendas», filme nacional.
CAXANGA' — «Tambores distantes».
ATLANTICO — «Flechas incendiarias».
CASA AMARELA — «O tesouro dos bandoleiros».

ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO MARCEL MARTIN — No Sindicato dos Empregados no Comercio, á rua da Imperatriz, foi inaugurada ontem a exposição do pintor francês Marcel Martin. Trata-se de um dos artistas atuais mais conceituados de sua patria. Realizou a sua formação na Academia de Belas Artes de Paris e na Academia Julien. Possue quadros nos principais museus da Europa e já realizou exposição nos Estados Unidos e em varios paises da America do Sul. Seus trabalhos são da melhor categoria e refletem um temperamento artistico dos mais fortes e originais. Na gravura Marcel Martin (ao centro) e um aspecto da exposição.

RAINHA DAS VARIEDADES
RADIO TAMANDARE
voto em.....
nome.....
end.....

CONSULTORIO DE ORIENTAÇAO PSICOLOGICA
Desajustamentos da Crianca e do Adulto. Disturbios neurosexuais. Medicina Psicóssomatica
Prof. Albino GONÇALVES FERNANDES
Da Faculdade de Ciências Medicas de Pernambuco
Chefe da Secção de Ortofrenia e Higiene Mental
Cons. Edificio Almare - Sala 201, 2.º - Av. Guararapes, 134

Rádio

Volta o sucesso das "Variedades"

O GRANDE ESPETÁCULO, no Palacio do Rádio — Sensação na tarde de hoje, com as VARIEDADES FERNANDO CASTELÃO — Repete-se com novos quadros, a parédia de «O Maior Espetáculo da Terra» — As emoções de um circo num programa de radio

O festejado animador do nosso radio, FERNANDO CASTELÃO, atendendo ás solicitações do seu grande público, fará repetir, na tarde de hoje, o grande sucesso das VARIEDADES que volta ao cartaz sensacionalmente.

Estreando com êxito retumbante, causando verdadeira sensação, volta hoje, a tarde, o novo cartaz das vesperais de sabado, O GRANDE ESPETACULO que atraiu as atenções de todo o público, na semana passada.

No Palacio do Radio, a partir das 15 horas, estaremos assistindo mais uma apresentação brilhante das VARIEDADES FERNANDO CASTELÃO que estarão no ar, oferecendo aos sintonizadores da RADIO TAMANDARÉ, a mais popular emissora do nordeste, um mundo de novidades e de sucessos.

Teremos varias sequencias surgidas recentemente, com agrado geral, como ESTE MUNDO CURIOSO, um sucesso marcante, ESCOLINHA MUSICAL CAYRÚ, com o maestro Nelson Ferreira, RAINHA DAS VARIEDADES, com seu palpitante concurso e tambem a parada de sucessos musicais do radio pernambucano que é HIT PARADE, onde desfilam os grandes cartazes e as grandes melodias.

Finalizando a serie de sucessos das VARIEDADES FERNANDO CASTELÃO, teremos a repetição, na tarde de hoje, ás 17 horas, do mais recente e retumbante êxito do radio pernambucano que é O GRANDE ESPETACULO, idealizado pelo animador Fernando Castelão e pelo produtor Fernando Luiz, com a valiosa colaboração do maestro Guedes Peixoto, este talentoso regente pernambucano.

Atendendo aos pedidos do público, será repetido O GRANDE ESPETACULO da semana passada, que foi uma parodia do filme **O maior espetaculo da terra**, recentemente exibido no Recife.

As emoções de um circo serão trazidas para um programa de radio, em novos e sensacionais quadros, destacando-se a presença de trapezistas, equilibristas, levantadores de peso e finalmente dos dois palhaços do espetaculo BOTÕES e SOCEGO, autenticas figuras extraidas do filme.

Teremos ainda o belissimo quadro de LILI, tambem baseado no cinema e onde a meiga garota do cinema aparece tal e qual é, chegando a surpreender o público. Portanto, O GRANDE ESPETACULO será o sucesso maximo da tarde de hoje, na grande programação das VARIEDADES FERNANDO CASTELÃO, a maior atração das tardes de sabado, no radio pernambucano.

Flashes

Ruy Ricardo estará animando mais uma SABATINA DANSANTE, hoje, a partir das 15 horas, pelo microfone da Radio Clube de Pernambuco.

* * *

DE SETE EM SETE, show fim-de-semana de Vampré, estará no ar, hoje, ás 20 horas, focalizando a semana em revista, pelas ondas da RADIO TAMANDARÉ, num oferecimento da Casa Londres para os ouvintes da associada.

* * *

A equipe esportiva da semissora que fala melhor em esportes e que obedece o comando de Cléo, estará focalizando amanhã, diretamente da Ilha do Retiro, todos os lances do choque entre o NAUTICO e o IBIS. Como sempre a irradiação estará a cargo de Cléo e Laudenor, enquanto que Ivan Fernandes e Itamar Pereira se encarregarão dos comentarios.

* * *

EM BUSCA DO PASSADO, novela de Alberto Madeira, ocupa o cartaz da NOVELA ARROZ MIMO, atração de hoje, ás 20 e 30, com o magnifico elenco de radiatro da RADIO TAMANDARÉ, sob a direção do veterano Ernani Dantas.

* * *

Diariamente, ás 20 horas, a PRA-8 está apresentando o PROGRAMA POLITICO com divulgações sobre a campanha da sucessão, sob a responsabilidade do Comité Pró-Candidatura do General Cordeiro de Marias.

* * *

Pinto Lopes apresentará hoje, ás 21 horas, mais uma vitoriosa audição do seu cartaz que Gelomatic apresenta todos os sabados, na RADIO TAMANDARÉ. Focalizando especies da vida e dos costumes do nordeste, brilhará MINHA TERRA, MINHA GENTE.

* * *

A's 20.30 de hoje a Radio Clube de Pernambuco estará oferecendo mais uma audição de JANTAR MUSICADO CARBOLENO.

* * *

FIM DE SEMANA divertirá a valer, na onda da RADIO TAMANDARÉ, durante uma hora de gargalhadas, a partir das 21 e 35, reunindo comediantes e cantores, em sucessos comicos e musicais, agrupados numa montagem de Luiz Queiroga.

* * *

REPRISES FAVORITAS é o cartaz que estará no ar pelas ondas da PRA-8 hoje, ás 21 horas, numa cortezia de Asman.

Serviço Brasileiro da B. B. C.

Programa para hoje:

20.00 — Sumario das noticias; 20.05 — Sumario dos programas; 20.06 — A Grã Bretanha de hoje; 20.26 — Interludio musical; 20.30 — O que significa a palavra? n. 3: Igualdade, por Maurice Cranston; 20.37 — Interludio musical; 20.45 — Letras e artes; 21.00 — Noticiario; 21.15 — Fim da transmissão.

POSTA RESTANTE DO "DIARIO DE PERNAMBUCO"

Na Posta Restante deste jornal há cartas para as seguintes pessoas:

C — Carlos Pena Filho, Carlos Moreira.
D — Dario de Almeida Magalhães.
E — Educandario.
H — Horacio Oliveira (dr.)
J — Julio Barbosa, Jesuino Antonio Davila, José Lucas Alves.
L — Lary.
O — Oliveiros Litrento, Otavio Morais.
P — Propagandista-Viajante.

NA "MIRUEIRA", OS COMANDOS DA BÔA VONTADE

Amanhã, pela manhã, grande «show» no Leprosário da Mirueira — FERNANDO CASTELÃO comanda a nova sensação das manhãs domingueiras — Pela RADIO TAMANDARE', a grande campanha de ação social

A partir das 10 e 30 da manhã de amanhã, pelas ondas da RADIO TAMANDARÉ, a mais popular emissora do nordeste, FERNANDO CASTELÃO estará apresentando mais uma sensacional audição do seu cartaz de sucesso, COMANDO DA BOA VONTADE.

A visita de amanhã, com a grande caravana de artistas da mais popular, está marcada para a MIRUEIRA, onde será realizado o grande show no Leprosario, levando um pouco de alegria e divertimento áquela colonia de recuperação humana.

OS COMANDOS DA BOA VONTADE farão o seu grande desfile de atrações, divertindo e alegrando os Lazaros, através desta nova sensação radiofônica das manhãs domingueiras.

Pela RADIO TAMANDARÉ, teremos a grande campanha de ação social que Fernando Castelão vem realizando com os artistas das associadas que todos os domingos, pela manhã, visitam um asilo, um hospital ou um orfanato do Recife, para levar alegria aos que vivem afastados da sociedade.

OS COMANDOS DA BOA VONTADE já estiveram no Hospital Infantil Manuel Almeida, em Parnamirim, com um grande show, promovendo a campanha para a aquisição de um aparelho receptor, afim á ser doado aos infelizes menores, recolhidos áquela casa de saúde.

A segunda visita dos COMANDOS DA BOA VONTADE foi feita á Casa de Detenção do Recife, onde se realizou brilhante «show», com a participação inclusive de varios detentos, surgindo a segunda campanha para a aquisição de um microscopio para o laboratorio da Detenção.

Amanhã, teremos a exibição dos COMANDOS DA BOA VONTADE, diretamente da Colonia da Mirueira, quando surgirá a terceira campanha. Haverá um movimentado «show» sob o comando de Fernando Castelão, reunindo aplaudidos cantores do nosso radio, inclusive LUCIA MARIA, a revelação de 54, RAIMUNDO SANTOS, a mais bela voz do nosso radio, JOSE' ORLANDO, o guarachero e tantos outros valores.

FESTA DO TERCEIRO ANIVERSARIO DE "A TABA SE DIVERTE"

Promete constituir um acontecimento marcante na vida radiofônica da cidade a grande festa de terceiro aniversario de A TABA SE DIVERTE, que o querido animador Almeida Castro está preparando para segunda-feira no auditorio A do Palacio do Radio. Cobiclinhos, Bumba-meu-boi, Sebastião Lopes e sua gente, Luperce Miranda — o maior bandolinista das Americas são alguns dos cartazes já anunciados para a festa aniversaria do mais brasileiro dos nossos programas de auditorio.

Agora, Almeida Castro anuncia tambem a presença do «homem mais gordo do Brasil» e de Amaro CANELA DE AÇO evocando o legitimo «Pastoril» pernambucano.

Salente-se que, além das atrações artisticaas, Almeida Castro oferecerá uma lembrança de seu programa ao público de auditorio de cinco em cinco minutos, coroando a distribuição de premios com os dois mil cruzeiros em utilidades da «Valsa do Aniversario». Comediantes, cantores, maestros e a Grande Orquestra Tamandaré estarão presentes, encerrando o espetaculo uma apoteose ao frêvo com Egidio, o maior dos nossos passistas.

Edgard Campelo, exportador de medalhas religiosas de ouro, com escritorios á rua Cambos do Carmo, 60 1.º andar, sala 105, patrocinará a apresentação de Sebastião Lopes e sua gente na grande festa aniversaria de A TABA SE DIVERTE, segunda-feira, a partir de 20.30, no Palacio do Radio, sob o comando de Almeida Castro.

DEBATES SOBRE ENERGIA ATOMICA

WASHINGTON, 23 (U P.) — Um pequeno grupo de senadores continuava falando, incessantemente, esta manhã, para atrasar a aprovação do projeto de lei sôbre a energia atômica. A's 8 da manhã, 46 horas depois de haver começado a sessão que foi a mais prolongada nesses seis últimos anos, não havia mais que três senadores na desolada Câmara e três espectadores na galeria.

Dois dos três senadores eram republicanos: Edward J. They, de Minesota e Andrew F. Schoeppel, de Arkansas.

O democrata era Mike Monroney. O amplo debate, que começou ás 10 da manhã de quarta-feira, começou com a oposição de um grupo de senadores á ordem que o presidente Eisenhower dirigiu á Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos para que fosse contratado, com uma empresa privada, o fornecimento da energia atômica á junta do Vale de Tennessee. A ordem foi aprovada e faz parte do projeto de lei que tem por fim dar acesso ás companhias privadas á produção e uso da energia atômica e fazer mais amplo o intercâmbio de informação sôbre essa energia com os paises aliados.

Os senadores que se opõem á lei decidiram atrazar o mais possivel sua aprovação, demorando os debates sôbre o assunto.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

AGUARDEM, no mês de AGOSTO...
ROMANCE MATUTO
Na P. R. A. - 8 Produção: ALDEMAR PAIVA

Alvi-rubros e ibienses prontos para a grande luta

Ivson e Lula fora de cogitações – Provavel lançamento de K'eber e Aredo - Os alvi-rubros confiantes

Flagrante da concentração dos alvi-rubros

Em prosseguimento ao campeonato pernambucano de futebol, jogarão, amanhã, no estadio da Ilha do Retiro, os quadros representativos do **Náutico** e do **Ibis**, numa partida que está despertando grande interesse nos circulos esportivos, tendo em vista a posição que os disputantes ostentam na tabela.

O **Ibis** levará á cancha sua equipe completa, sem problemas tecnicos entre suas linhas; enquanto o **Náutico**, segundo podemos apurar, não contará com todos os seus elementos, desde que alguns deles se encontram enfermos.

LULA SERIA OPERADO

Segundo nos informou o diretor do Departamento Medico do Nautico, dr. Pedro Paulo de Carvalho, tanto Ivson como Lula estão com a saude precaria, principalmente o zagueiro central, que deverá ser operado, imediatamente.

KLEBER E AREDO, PROVAVELMENTE

Corre, nos meios desportivos locais, que o tecnico Palmeira pretende lançar, contra o **Ibis**, o zagueiro Kleber, na sua verdadeira posição, em substituição a Lula, enquanto que Aredo seria lançado no ataque, numa autentica prova de fogo.

E' muito louvavel essa atitude do tecnico, porque a renovação de valores é uma necessidade.

Desse modo, ibienses e alvi-rubros tudo farão para que o público esportivo recifense não se decepcione com o espetaculo que virá logo após o grande classico.

Coisas do Futebol

NILSON SABINO PINHO

O proximo «classico das multidões» vem empolgando o nosso publico apreciador do futebol. E' grande, assim, a expectativa reinante em torno do prelio que reune as equipes representativas do Esporte e do Santa Cruz.

Ambos liderando a tabela de pontos do certame, sem derrota, os quadros estão, na verdade, habilitados a realizar uma grande partida, capaz de agradar aos aficionados. Um problema, entretanto, a todos preocupa.

Qual dos juizes não «queimados» pelos dois clubes estará em condições de conduzir corretamente o sensacional cotêjo?

Sherlock, Zago e Ivanildo, como se sabe, são recusados, o primeiro pelo Esporte e os dois ultimos pelo Santa Cruz.

Assim, contaremos, entre os mais cotados para apitar o encontro, com o sr. Morgado, mediador português, que não tem sido muito feliz em suas atuações, nesta capital.

Com efeito, o juiz lusitano, embora demonstrando conhecer as regras do «association», no que se refere á manutenção de sua autoridade em campo, entretanto, ainda não conseguiu firmar-se em definitivo.

Oxalá que, dirigindo Esporte x Santa Cruz, o sr. Anisio Morgado saiba conduzir o prelio de modo a que tudo termine na santa paz do Senhor. Aliás, é necessario que s. s. não sendo daqui nem de Niteroi, tenha em mente que esse «classico» entre rubro-negros e tricolores geralmente apresenta algumas irregularidades no que diz respeito á disciplina dos «cracks» que nele tomam parte.

Terá, assim, o arbitro português de entrar em campo prevenido, com disposição para ensinar aos «players» o modo correto de se comportarem em campo. E, em caso contrario, apontar-lhes o caminho que vai dar no chuveiro, tal qual faz o pernambucano Sherlock, lamentavelmente «queimado» pelo gremio da Ilha, por motivos que não vêm ao caso.

Seria uma pena fosse o nosso público prejudicado na apreciação do «classico» por uma arbitragem defeituosa. Sim, porque a verdade é que Esporte e Santa Cruz sempre lutam com ardor, empenhados em partidas de grande sensação, quando não se interessam os seus pebolistas pelas jogadas bruscas. E ao juiz caberá evitar que o prelio desande para a violencia, punindo de saida os jogadores faltosos. Isso esperam do arbitro indicado para apitar o «classico», aqueles que pagam para presenciar um bom jogo de futebol.

A equipe do «Diarbuco», que amanhã jogará em Catende

Excursão do "Diarbuco" a Catende

Composta de 25 pessôas a «delegação Pelopidas Soares» — Jogo amistoso contra a equipe local

A convite do vereador Pelopidas Soares, seguirá, amanhã, pelo trem de Alagoas, a delegação do «Diarbuco» que disputará, á tarde, uma partida amistosa no estadio «Costa Azevedo», com uma selecionada equipe de amadores locais.

Na cidade do açucar, grande recepção está sendo programada para a delegação «Pelopidas Soares», que será chefiada pelo redator esportivo do DIARIO, João Guerra de Holanda. Composta de 25 pessoas, a embaixada será integrada de jornalistas e funcionarios do mais antigo orgão da America Latina.

Catende é hoje um dos mais adiantados centros futebolisticos do nosso Estado, porque os continuadores da admiravel obra social do «Tenentes» não se descuidaram de proporcionar aos seus operarios toda a assistencia, inclusive a educação fisica, que é um dos principais fatores do desenvolvimento de um povo.

O estadio, que tomou o nome do saudoso industrial, é um dos grandes patrimonios do Centro Operario de Cultura Leão XIII, o mais organizado clube interiorano.

A equipe do «Diarbuco» terá a seguinte constituição para o amistoso de amanhã: **Ferreira — Carioca — Sano — Lebre — Escoteiro — Djalma — Amaro — Secura — Zézinho — Amauri — Milton — Celito — Carlonê e Petronio.**

ESGOTAMENTO DA EQUIPE PERNAMBUCANA

FORTALEZA, 23 — (De Viriato Rodrigues para o DIARIO DE PERNAMBUCO) — A equipe pernambucana está esgotada, pois três "classicos" foram marcados para ela, consecutivamente. O primeiro contra os mineiros o de ontem, contra os cariocas e hoje, frente aos paulistas.

O medico Leão Montezuma, que está assistindo aos atletas pernambucanos, não tem medido sacrificios no sentido de que os mesmos fiquem completamente refeitos.

Esta tarde, antes do jogo frente aos paulistas, o dedicado clinico fará uma revisão medica. Injeções de vitamina no sangue e outros medicamentos foram receitados. A concentração está sendo rigorosa e nenhum atleta poderá se afastar da Escola Industrial de Fortaleza, sob pena de ser severamente punido.

DEPARTAMENTO DE DESPORTOS DA CAPITAL

O Departamento de **Esportes** da Capital está convidando os representantes dos clubes abaixo, na proxima segunda-feira, dia 26 do corrente mês pelas 20 horas, afim de escolherem juizes referente aos jogos a serem programados para os dias 31 deste e 1.° de agosto proximo vindouro.

Profissionais **e Aspirantes:** Santa Cruz Futebol Clube e Esporte Clube do Recife.

Amadores e Juvenis: Auto Esporte Clube e Clube Nautico Capibaribe.

2.a Categoria: Zonas Norte e Sul: Agua Fria, Tacaruna, Odeon e Atlantico.

Instala-se hoje, em São Paulo, o Congresso Internacional de Cancer

Reune delegações de cientistas de 49 paises — Grande interesse

RIO, 22 (Meridional) — Será inaugurado amanhã, ás 11 horas, na capital paulista, o VI Congresso Internacional de Cancer.

A cerimonia se realizará no auditório do Pavilhão de Industrias do Parque Ibirapuera, com a presença do governador de São Paulo, sr. Lucas Nogueira Garcez, e do ministro da Saúde, sr. Mário Pinotti.

O conclave despertou grande interesse em todo o mundo, estando inscritas no mesmo delegações de 49 paises.

BUREAU DE IMPRENSA

Junto ao auditório do Pavilhão de Industrias, será instalado o «bureau» de imprensa do Congresso, sob a direção do jornalista norte-americano Patrick Mac Grady.

Enviados especiais de vários jornais e agencias noticiosas estrangeiras farão a cobertura do certame, dentre eles representantes do «The New York Times», «Time Magazines», «Associated Press» e «Internacional News Press».

CONFERENCIA DO DR. PAUL C. AEBERSOLD

O dr. Paul C. Aebersold, diretor da Divisão de Isótopos da Comissão de Energia Elétrica dos Estados Unidos, que tambem participará do Congresso de Cancer, proferiu, ontem, na Santa Casa de Misericordia, uma conferencia sobre o emprego dos rádio-isótopos na terapia do câncer.

NOVOS MEMBROS DO C. N. E. R.

RIO, 22 (Meridional) — **O sr. Osvaldo Aranha encaminhou ao presidente Vargas os decretos de nomeação dos demais membros do Conselho Nacional de Empréstimos Rurais, isto é, de representantes dos Ministérios da Agricultura, Trabalho, Fazenda, Sociedade Nacional de Agricultura, Confederação Rural Brasileira, etc. O Conselho deverá ser instalado na primeira quinzena de agosto.**

OLIMPICO x HAVAI

Domingo proximo, no campo do Havai em Peixinhos, o Olimpico F. Clube disputará uma partida amistosa com o quadro local.

Para este encontro que se pronuncia dos mais empolgantes a direção tecnica do Olimpico está convocando os seguintes jogadores:

Arlindo — Fernando I — Fernando II — Dida — Osvaldo — Berto — Amaro — Ernesto — Joab — Aurelio — Julio — Toinho — Petronio — Wilson — Jordão — Vadinho — Zé Hugo — Cabeleiro — Tesca — Romildo — Quincas — Gilberto — Graciano — Gerson — Carlos — Morais — Mason — Carlos — Morais — Zé Maria — Edmundo — Edvaldo e Francelino

NOS BASTIDORES ESPORTIVOS

1 — Em vez do centro-avante Ivson será operado de apendicite o zagueiro Lula, ficando, assim, o Náutico privado do concurso de ambos, que se acham visivelmente adoentados.

* * *

2 — Encontra-se nesta cidade, desde quarta-feira, o dr. Guilherme de Souza Gomes, professor de fisiologia da Escola Nacional de Educação Fisica e figura de projeção nos desportos nacionais. Veio rever amigos e tratar de assuntos do seu particular interesse.

* * *

3 — O desportista Alberto Moura Galvão continúa na ardua tarefa de renovação de contratos de diversos atletas profissionais da equipe rubro-negra. Segundo informou á nossa reportagem, a coisa vai bem, inclusive porque o assunto com o medio Pinheirense já está acertado.

* * *

4 — Os nadadores brasileiros, que fizeram magnifica exibição no Clube Português, seguiram, ontem, pela manhã, com destino a Salvador, onde continuarão com o seu grande programa de difusão do esporte e arte aquaticos, patrocinado pelo Conselho Nacional de Desportos.

* * *

5 — E' dos mais curiosos o caso de Edinho. Não sabemos se o rapaz é mesmo insubmisso conforme reza na certidão expedida pela 23.ª C. R. de João Pessoa. Afinal de contas, uma certidão é coisa muito seria. Entretanto, tambem existe um certificado de alistamento que, ao ver de alguns, salva a situação do rapaz. Onde estará a verdade?

* * *

6 — O desportista Jorge Costa foi homenageado ontem, á noite, em sua residencia, em vista da sua transferencia para o Rio Grande do Sul, devendo embarcar muito breve. Ao desportista alvi-rubro os nossos votos de felicidades.

ESCRITORIO ELEITORAL

GOES DE ANDRADE

Edificio Sertã -- Sala 302

(220'6)

AMADORISMO EM MARCHA

Basquetistas juvenis cearenses contra pernambucanos

Luta sensacional pela melhor colocação entre as equipes nordestinas — Delegação de bola ao cesto alvi-rubra viaja para Natal — Desportos universitarios — Quadrangular de de Minas Gerais

Notas de Raimundo PADILHA

Seguiu para João Pessoa, na manhã de hoje, a delegação do Clube Esportivo Almirante Barroso. A embaixada alvi-marron está assim constituida: Presidente, tenente Martins Viana; cronista, Jorge Costa; jogadores: Chico — Moisés — Viana — Edeir — Jorge — Cacador — Carlos — Túlio — Zéfilho — Paulo. Tecnico, Gilson Correia.

O NAUTICO VAI A NATAL

Seguirá, na próxima segunda-feira, por via aerea, com destino a Natal, a équipe principal de Bola ao Cesto do **Nautico.** Incorporado á delegação alvi-rubra, viaja o nosso confrade Gilton Pessoa, das Associadas. Naquela cidade, o clube de Eladio tomará parte no quadrangular entre clubes do Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia.

SEGUNDA DERROTA DA SELEÇÃO

Jogando, ante-ontem, contra um dos mais fortes concorrentes ao titulo máximo do Certame Nacional de Basquetebol Juvenil, ora se realizando na capital cearense — os cariocas — a seleção de Pernambuco sofreu o seu segundo revés. Dessa feita, jogando mais que os vitoriosos, os pernambucanos não obtiveram resultado satisfatorio. Ao triar-o apito final da noitada, o **placard** assinalou o escore de: cariocas 48 e pernambucanos 47. Amanhã terão os nossos o seu quarto compromisso, agora enfrentando os donos da festa, os cearenses.

SUL-AMERICANO DE BASQUETEBOL

Teremos, hoje, á noite, no ginasium do Pacaembu, em São Paulo, a ultima rodada do Campeonato Sul-Americano de Basquetebol Feminino. Para a noite de hoje, está programado o encontro decisivo entre as seleções do Chile e Brasil. Tanto as brasileiras como as chilenas encontram-se invictas no certame, não havendo, portanto, favoritismo. As nacionais, embora senhoras de boa performance, não poderão ter ainda como certo o titulo maximo, uma vez que as chilenas vêm aparecendo com destaque no certame.

O VOLEIBOL

Realizou-se, á noite de ontem, na **Federação Pernambucana de Desportos Amadores,** uma reunião extraordinaria, sendo discutidos varios assuntos, inclusive a confecção do Calendario do Campeonato Matuto e tambem a realização do Campeonato Aberto de Bola ao Ar. Depois de longos debates ficou definitivamente acertada a data de terça-feira para o inicio do certame.

DESPORTOS UNIVERSITARIOS

O diretor de volei da **FAPE,** tendo em vista a realização dos jogos universitarios programados de 3 a 9 de setembro, em São Paulo, resolveu:

1.° — Convocar os seguintes atletas: Fernando P. Gomes, Almir Cintra Avila, Valdo Lins, Sabastião Salazar, Vicente Perrucci, Fuad Hazin, Roberto Ramalho, Jandui Leite, Marcilio Brekenfeld, Olavo Nobrega, Edir Carneiro Leão, Eduardo A. Pinheiro, Antonio R. Albuquerque, Washington L. Borba, Zeudo Costa Vidal, Etelminio B. Filho, Luiz Carlos Pires, Fabio Carvalho, Adisio Moraro, José Barbosa Tojal, Edson Maia, José A. Sobral, Geraldo Felipe Souza, Antonio C. Rêgo, José P. Rêgo Lima, Fernando C. Lins, Ilson Carneiro Leão, José Oscar Soriano e Antonio Pedro Didier.

2.° — Determinar que os treinos sejam realizados na Escola de Aprendizes Marinheiros, nas sextas-feiras, ás 20 horas.

3.° — Solicitar aos atletas que praticam essa modalidade de esporte cujos nomes não foram apresentados pelas suas Faculdades que desejam colaborar com a FAP, para se apresentar ao diretor Ari Fleichman no horario acima mencionado.

4.° — Desconvocar os atletas que faltarem a dois treinos consecutivos ou três alternados, sem apresentar justificativa.

CAMPEONATO «MATUTO» DE VOLEI E BASQUETE EM MINAS GERAIS

As eliminatorias do Campeonato de Basquete e Volei, do Interior de Minas Gerais, prosseguem em ritmo acelerado, visando um final rapido. Com as finais marcadas para o dia de amanhã, em Belo Horizonte, as equipes classificadas terão poucos dias para se apresentar. Em nota oficial as Federações estão exigindo que todas as equipes estejam em Belo Horizonte até amanhã. Isso porque todas tomarão parte na rodada de abertura, que prevê jogos desde a manha até á noite, no ginasio do **Minas Tenis Clube.**

EM CARATINGA, INTERIOR MINEIRO

Os resultados finais de Caratinga já são conhecidos. Isso porque apenas dois concorrentes disputaram a classificação da região. Os resultados das eliminatorias foram as seguintes: BASQUETE — Vitoria do Figueira, de Governador Valadares, nos dois jogos contra o Caratinga. No primeiro jogo o Figueira venceu por 43x39 e no segundo por 43x42. Com estas duas vitorias o clube de Governador Valadares representará a região.

VOLEI MASCULINO — Classificado o Caratinga Tenis Clube, depois de duas vitorias sobre o Figueira. 2x1 nos dois jogos (15x8, 11x15 e 15x10 no primeiro; 15x13, 11x14 e 15x9 no segundo.

VOLEI FEMININO — Não houve competição. Classificado o Figueira, unico inscrito.

EM S. JOAO NEPOMUCENO

Tambem em São João Nepomuceno, apenas duas equipes se apresentaram para as eliminatorias, o Mangueira local, e o Múriaé Tenis Clube. Os resultados foram os seguintes:

VOLEI FEMININO: Venceu o Muriaé nas duas partidas por 2x0, 15x8 e 15x8, no primeiro jogo, e 15x10 e 15x6 no segundo, foram os resultados numericos.

BASQUETE — Classificado o Muriaé, unico concorrente.

VOLEI MASCULINO — Classificado o Mangueira, tambem unico concorrente inscrito para as eliminatorias.

EM SABARA'

Teve prosseguimento, ontem, o campeonato do interior, com a realização de quatro partidas de voleibol e uma de basquete. Em voleibol, na categoria feminina, Divinopolis derrotou Pará de Minas, pela contagem de 2x1, enquanto a A. A. de Nova Lima venceu o Siderurgica por 2x0. (15x11 e 15x12). Em voleibol masculino o Formiga foi derrotado por W. O. pela equipe de Pará de Minas, enquanto o Siderurgica impôs 2x0 ao Vila Nova (15x11 e 15x13).

CAMPEÕES OS PARAENSES DE MINAS

Em basquetebol, a equipe de Pará de Minas venceu a final disputada com Divinopolis por 46x33. Os quadros e marcadores foram os seguintes:

PARA' DE MINAS: Pereira (4) — Plinio (11) — Nisio (9) — Zé Raimundo (22) e Barbosa.

DIVINOPOLIS: Delfim (16) — Reinaldo (12) — Marco Antonio (3) — Venicius (2) — Hudson e Antonio.

OS DESCLASSIFICADOS

Até o momento foram desclassificados: Em voleibol feminino, Vespasiano e Pará de Minas; masculino, Vespasiano e Vila Nova; em basquete, Divinopolis e Formiga.

O REMO

Finalmente, amanhã teremos a grande prova inter-estadual de remo, na bacia do Capibaribe, quando se exibirão duas guarnições de «out-riggers» a 4 remos, com patrão, do Rio G. do Norte. Os remadores potiguares terão como adversarios os barcos do **Esporte, Barroso** e da **Federação Academica Pernambucana de Esportes,** esta ultima em fortes preparativos para tomar parte em setembro próximo, nos Jogos Universitarios Brasileiros, a realizar-se na capital bandeirante, em comemoração ao 4.° Centenario do Estado.

«SKY» AQUATICO

Abrilhantando a competição inter-estadual, estarão presentes, no Capibaribe, os esquiadores do **Cabanga Iate Clube,** que realizarão varias demonstrações de esquiagem aquatica. Estas exibições serão efetuadas antes do pareo de «out-rigger» a 4 remos.

QUADRANGULAR DE BASQUETE EM MINAS

Foi iniciado, domingo, pela manhã, com pleno exito, o torneio «Antonio Dutra Ladeira», entre os quadros de basquete do «Sara Kubitschek» (Casa de Correção), Yala, Atlanta e XV Veranistas. A primeira rodada, disputada com muito ardor na quadra do presidio da rua Uberaba, contou com a presença de grande público e ofereceu transcurso sensacional. Todos os clubes se apresentaram completos, bem treinados e revelaram amplas credenciais para obterem o valioso troféu instituido pelo gremio dos detentos.

VENCEU O «SARA KUBITSCHEK»

O jogo de abertura do quadrangular foi travado pelos quintetos do «Sara Kubitschek» e XV Veranistas, tendo os quados assim formados:

«SARA KUBITSCHEK» — Jonas — Nelmo — Evandro — Doris — Badu — Osmar — Geraldo — Edson.

XV — Jão — Berti — Ildeu — Lourenço — Wilson — Pedro — José da Cruz — Dirceu — Oliveira.

No inicio da contenda, o XV Veranistas deu a impressão de que não perderia a disputa, tal era a segurança com que a sua turma se comportava. Entretanto, com o correr do tempo, os comandados de Jonas Soares foram á frente e, finalmente, marcaram 45x34. Contagem justa, já que foi conseguida á custa de muito esforço.

Na arbitragem estiveram Walter Carneiro, do Atlanta, e J. Alfredo, do Yale, com seguro trabalho.

ATLANTA, 35 x 33, NO PRORROGAÇÃO

Para o segundo jogo foram a campo Atlanta e Yale com as seguintes equipes:

ATLANTA — Tuca — Celso — Quintiliano — Tropia — Walter — Gidlásio — Nenem — Frerdy.

YALE — Arnaldo — Gui — Waltef — Dutra — Artur — J. Alfredo — Novato.

(Conclue na 8.ª pagina)

DRAMATICA VITÓRIA DOS CARIOCAS

Quando tudo estava praticamente perdido, o "placard" foi transformado para 47x48

Reação fóra do comum dos pernambucanos, nos minutos finais da peleja — Fibra e bravura para conseguir eliminar os metropolitanos — Com 12 pontos de diferença, perdemos por apenas um — Ficará gravada nos anais da história do basquetebol do «Leão do Norte» — Detalhes técnicos

FORTALEZA, 23 (De Viriato Rodrigues para o DIARIO DE PERNAMBUCO) — Uma rodada dupla foi disputada, ontem, á noite, na quadra da Fenix Caixeiral, pelo Campeonato Brasileiro de Basquetebol. O primeiro cotêjo reuniu as falanges de São Paulo e Rio Grande do Norte e, logo depois, as representações do Distrito Federal e de Pernambuco, e este, por sinal, o melhor **match.**

Noutro local faremos as apreciações do prelio em que estiveram envolvidos os «fives» bandeirante e potiguar. Nesta reportagem, cumpre-nos comentar a pugna entre cariocas e pernambucanos, que atraiu as atrações gerais do publico.

O DESENROLAR DA PELEJA

De um primeiro periodo fraco de movimentação e tecnica, pois os dois «fives» passaram o tempo a tomar o pulso um do outro, não podiamos avaliar o que seria a etapa complementar, rica de tecnica, cheia de «chaves» e bloqueios» e cuidado dos preliantes para evitar a dilatação do «placard» contra as suas cores. Evidentemente, os rapazes de Pernambuco, que vieram de uma partida de grandes proporções, na noite anterior, sentiam-se fisicamente cansados para enfrentar uma equipe da categoria do Distrito Federal, equipe descansada e apenas perturbada, pois logo que chegou a Fortaleza, rumou diretamente ao campo, afim de preliar.

O que vimos foi algo de imaginario. Começando por perder mais de 12 pontos, os pernambucanos, desassombrados e viris, se jogaram á luta com uma tenacidade incrivel para debelar o «placard» já largo a certa altura. Certamente, para alcançar a vitoria, poucas esperanças havia, em virtude do tempo ir escoando-se a olhos vistos. E era preciso, pelo menos, diminuir a diferença.

Reação fenomenal reconhecida por toda a assistencia que bradava a uma só voz: «Pernambuco — Pernambuco — Pernambuco!» De 40 x 23, os jovens pernambucanos conseguiram uma coisa absurda para o quadro que enfrentavam: 48x47, «placard» que afinal ficou com os cariocas.

MOVIMENTADISSIMO O COTEJO

E' desnecessario esclarecer o entusiasmo reinante na quadra da Fenix Caixeiral. A torcida local prorrompeu em palmas, não aplaudindo os vitoriosos, mas os vencidos. Era a fibra pernambucana, com muito sangue e raça, que ali se achava cumprindo uma «performance» admiravel, sem perder, por um instante, a calma, sem se exasperar, sem praticar nenhum ato de insubordinação e, pelo contrario, fiel ás determinações do tecnico Ernesto Lenck, que era para quebrar as ultimas reservas de força do poderoso «five» carioca.

Assim terminou o jogo. Cotêjo de lances estonteantes, pois as duas falanges, quando iam ao ataque, o publico deixava escapar um «ai» de nervosismo natural aos «suspenses» criados. Vitoria do «five» carioca, conseguida, porém, pelo oportunismo e experiencia, aproveitando de todos os defeitos demonstrados pelo quadro do «Leão do Norte», entre os quais o de fazêr um jogo de experimentação do adversario quando na primeira. Deixando de improvisar um jogo corrido, para perturbar o adversario frio, com a prisão da bola nas mãos, como se a equipe carioca fosse ingenua e temperamental.

Desse erro tatico do primeiro tempo, concedeu aos metropolitanos a oportunidade de fazerem um marcador elastico, afim de se reservar para o tempo complementar. Erro condenavel que exigiu, no periodo final, muita força e trabalho, afim de que o marcador ficasse estabelecido naquele estampado: 48x47.

DETALHES DA PELEJA

O match entre cariocas e pernambucanos apresentou os seguintes detalhes tecnicos:

Local — Quadra da Fenix.

Vencedor — Distrito Federal, pela contagem de 48x47.

Juizes — Noli Coutinho, do Distrito Federal, e Etienne Filho, de Minas Gerais, com uma atuação que podemos classificar de impecavel, pois de fato os dois competentes apitadores estiveram num dia bem feliz, marcando todas as faltas com o maximo de precisão.

Apontador — Chico Cunha.

Cronometrista — Osvaldo Valente.

Equipes e cestinhas — DISTRITO FEDERAL — Zezé (2), Sebastião (1), Paulo (5), Guilherme (10), Edson (9), Barcelar (2), Liberato (19). PERNAMBUCO — Fred (3), Gildo (2), Giovani (13), Rui (9), Zeudo (8), Beto, Isaac (6), Aluisio, Luciano, Edson e Adalberto (6).

«Placard» do cotêjo: DISTRITO FEDERAL — 2x0 — 2x1 — 4x1 — 4x3 — 4x4 — DISTRITO FEDERAL — 6x4 — 6x6 — DISTRITO FEDERAL — 8x6 — 8x7 — 10x7 — 11x7 — 13x7 — 15x7 — 17x7 — 17x9 — 17x11 — 19x11 — 19x13 — 21x13 — 23x3. (Primeiro tempo) — DISTRITO FEDERAL — 25x13 — 27x13 — 27x14 — 27x15 — 27x16 — 27x17 — 27x19 — 29x19 — 30x21 — 31x21 — 33x21 — 33x23 — 35x23 — 35x25 — 37x25 — 39x29 — 40x25 — 40x27 — 40x29 — 40x31 — 41x31 — 41x33 — 43x33 — 44x33 — 44x35 — 46x35 — 47x36 — 46x37 — 46x39 — 46x40 — 46x42 — 46x44 — 47x44 — 48x44 — 48x45 — 48x47 — (Final).

Esse cotêjo ficará gravado na historia do basquetebol do Leão do Norte como uma lição de amor á terra pernambucana.

TORNEIO PAI E FILHO, DO CLUBE INTERNACIONAL DO RECIFE

Continua despertando interesse as partidas deste interessante torneio no clube do Bemfica.

Em prosseguimento, haverá, hoje, as seguintes disputas:

Edgar e Paulo Monteiro x Silvio e Silvinho Vasconcelos.

Torquato Castro e José Cordeiro x Francisco e Mario Lopes.

CLUBE PORTUGUÊS

O Clube Português levará a efeito, hoje, uma animada «boite-show» dedicada aos participantes do Congresso de Biblioteconomia, ora em realização nesta capital. Tocarão para as dansas o Benny Wolkoff e o seu Conjunto Melodico.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

OS PERNAMBUCANOS CHORARAM A DERROTA

Um quadro que emocionou o público desportivo de Fortaleza

Giovani caiu em prantos, dizendo: «Eu fui o culpado» — O conforto dos cariocas

FORTALEZA, 23 (De Viriato Rodrigues para o DIARIO DE PERNAMBUCO) — Viveu o público desportivo desta capital momentos de indizivel entusiasmo quando os pernambucanos, perdendo para os cariocas por uma contagem de 40x25 e faltando apenas 5 minutos para terminar a peleja, reagiram de modo sensacional para deixar na quadra o «placard» de 48x47.

LAGRIMAS DERRAMADAS

Logo após o cotêjo, a emoção dominou a todos. Os jovens players de Pernambuco, esgotados e sem forças, não puderam esconder as lagrimas e cairam num chôro que comoveu ao público.

Giovani caiu em prantos. O jovem atleta, o mais positivo, dissera entre lagrimas: «Eu fui o culpado». E Rui, o mais perfeito da equipe, não se continha: «Estamos perdidos... estamos perdidos».

OS CARIOCAS ABRAÇAM OS PERNAMBUCANOS

Um dos fatos mais comentados foi aquele em que os cariocas, logo após o cotêjo, correram todos e abraçaram seus colegas de certame. Compreenderam eles a necessidade de levar aos derrotados a sua palavra de incentivo, de cordialidade.

Finalmente, pernambucanos e cariocas se encaminharam para a Escola Industrial de Fortaleza, de braços dados, numa demonstração perfeita de compreensão e entendimento.

IPOJUCAN JA' NA PORTUGUESA

RIO, 23 (Meridional) — Embora já tivesse seguido para S. Paulo desde quarta-feira, Ipojucan ainda pertencia ao Vasco. Mas já desde ontem, o popular atacante pertence definitivamente aos lusos bandeirantes. Havendo correspondido inteiramente nos exames procedidos, tanto medico como tecnico, Ipojucan foi contratado e, dotro lado, entendeu-se a Portuguesa com o Vasco para a compra do passe ato realizado igualmente na tarde de ontem, recebendo o clube cruzmaltino a soma de seiscentos mil cruzeiros. Logrou, assim, a Portuguesa um abatimento de 200 mil cruzeiros, pois, como é sabido, a base fixada pelo Vasco fôra a de 800 mil.

BRONZE JOSE' ARAUJO

Com o resultado do jogo Auto Esporte x Great Western é a seguinte a colocação dos cronistas no Concurso do Bronze "José Araujo":

Milton Ribeiro	9	pontos
Helio Pinto	8	"
Rildo Uchoa	8	"
Sinésio Santa Clara	7	"
Guerra de Holanda	6	"
Gilson Correia	6	"
Raimundo Jorge	6	"
Curupira Junior	5	"
Lenilson Cavalcanti	5	"
Norberto Vale	5	"
Antonio Almeida	4	"
Armando Chaves	4	"
Brivaldo Franklin	4	"
Célio Tavares	4	"
Fernando Tavora	4	"
Itamar Pereira	4	"
Jason Melo	4	"
Luiz Miranda	4	"
Renato Silva	4	"
Vladimir Maia	4	"
Gilton Pessoa	3	"
Haroldo Praça	3	"
Ivan Fernandes	3	"
Stélio Gonçalves	3	"
Adonias Moura	2	"
Darcy Menezes	2	"
José Maria Garcia	2	"
Jason Borges	2	"
Laudenor Pereira	2	"
Viriato Rodrigues	2	"
Arlindo Vilaça	2	"

Proximo jogo, domingo, 25,7,54 — Nautico x Ibis.

Eleição do novo presidente do Auto Esporte

Terça-feira próxima, ás 20 horas, estará reunido o Auto Esporte Clube, em assembléia extraordinaria, para a eleição do novo presidente. Todos os socios estão sendo convidados a comparecer.

"O CRUZEIRO"

SE NA SUA CIDADE AINDA NÃO HOUVER UM AGENTE DE "O CRUZEIRO" ESCREVA O QUANTO ANTES PARA GIUSEPPE MADDALENA & CIA. LTDA. — RUA MADRE DEUS, 66 — TERREO — RECIFE — ENDEREÇO TELEGRAFICO "REVISTA" E SE TORNE UM AGENTE DA MAIOR E MELHOR REVISTA DA AMERICA LATINA.

RADIO TAMANDARÉ

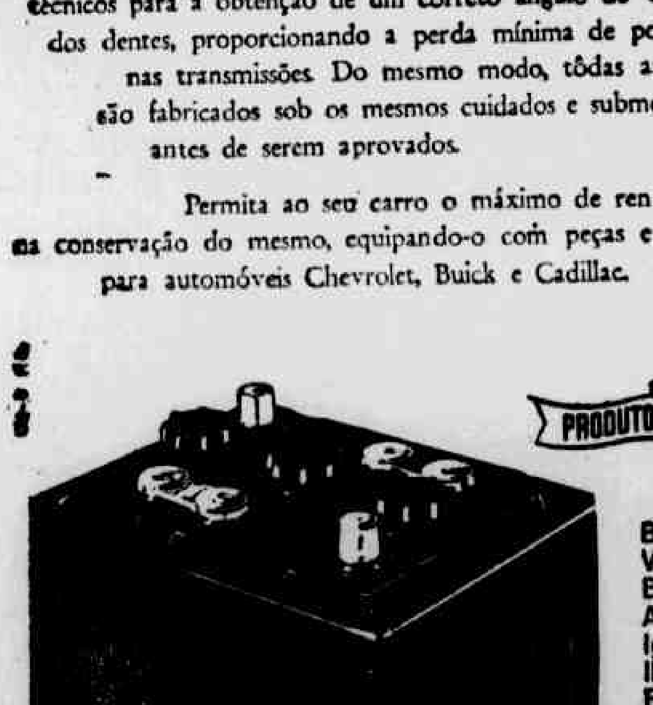
em ondas médias
e curtas
3.265 quilociclos
800 quilociclos

porque seu carro trabalha melhor com

peças e acessórios GM

O fresamento das engrenagens GM obedece a todos os requisitos técnicos para a obtenção de um correto ângulo de contato e perfil ideal dos dentes, proporcionando a perda mínima de potência do motor nas transmissões. Do mesmo modo, tôdas as peças e acessórios GM são fabricados sob os mesmos cuidados e submetidos a rigorosos testes antes de serem aprovados.

Permita ao seu carro o máximo de rendimento e economize na conservação do mesmo, equipando-o com peças e acessórios legítimos GM, para automóveis Chevrolet, Buick e Cadillac.



PRODUTOS GM GARANTIDOS — PEÇAS E ACESSÓRIOS

Baterias Delco
Velas AC
Bombas de gasolina AC
Amortecedores Delco Lovejoy
Ignição Delco Remy
Iluminação Guide Lamp
Radiadores Harrison
Rolamentos Hyatt
Rolamentos New Departure
Oleos Delco
Lonas para freios Inlite
Freios hidráulicos Delco Brake
Anéis de segmento Pedrick
Carburadores Rochester
Molas GMB

As baterias DELCO são também produtos de alta qualidade garantidas pela GENERAL MOTORS

temos grande sortimento de peças para transmissões Hidramatic, Dynaflow e Power-Glide.

SEÇÃO DE PEÇAS GM

MESBLA

RUA DA PALMA, 251

● MESBLA - UMA TRADIÇÃO NO RAMO DE AUTOMOBILISMO

Org. Norte-Brasileiro

Facil triunfo da seleção paulista

Derrotado o conjunto de basquetebol do Rio Grande do Norte 67x22

FORTALEZA, 23 (De José Gusmão Bastos) — Excepcional apresentação a estréia do selecionado de São Paulo frente ao do Rio Grande do Norte. Os bi-campeões brasileiros, fazendo jús ao seu indiscutivel favoritismo, colheram um triunfo facil, e brindaram nos aficionados com uma grande exibição.

De fato, em nenhum momento da pugna, os riograndenses do Norte foram adversarios á altura dos bandeirantes e o placard final de 67x22 fez inteira justiça aos mesmos. Os paulistas são muito altos, e levavam nitida vantagem nos reboques. Atacam com inteligencia e marcam com precisão, homem a homem.

A torcida, favoravel sempre aos quintetos nortistas, não deixou de incentivar, continuamente, a representação do Rio Grande do Norte. Mas os paulistas não se impressionaram e mantiveram o mesmo ritmo de jogo, desde o principio até o fim.

MARCHA DA CONTAGEM

Primeiro tempo: São Paulo 2 x 0, R. G. do Norte 2x2, S. Paulo 4x2 — 6x2 — 7x2 — 7x4 — 7x5 — 9x5 — 10x6 — 10x7 — 11x7 — 13x7 — 15x7 — 16x7 — 16x9 — 18x9 — 19x9 — 21x9 — 23x9 — 25x9 — 25x11 — 27x11 — 29x11 — 31x11 — 33x11 e 35x11.

Segunda fase: 36x11 — 37x11 40x11 — 42x11 — 42x12 — 42x12 44x14 — 46x14 — 48x14 — 48x15 50x15 — 51x15 — 53x15 — 53x17 55x17 — 55x17 — 57x19 — 59x19 60x19 — 61x19 — 62x19 — 63x20 65x20 — 67x20 e 67x22.

QUADROS E CESTINHAS

São Paulo atuou com os seguintes atletas: Zécarlos (9) — Pindaro (4) — Severo (3) — Eurico (8) — Ronaldo (1) — Pimenta, Ricardo (6) — Braga (3) — Paulilo, Valdebar (22) — Adalberto (6) e Danilo (5).

O Rio Grande do Norte com Luiz (3) — Miguel (4) — Leite (5) — Roberto (6) — Zémarcos (7) — Nito (8) — Aluisio (9) — Moisés (10) — Gessênio (11) — Edson (12).

AUTORIDADES

Funcionou a dupla Milton Agra (Pernambuco) e Aécio Borba (Ceará), com um ótimo trabalho. Antonio Paulino foi o cronometrista e Alvaro Melo o apontador.

Obdulio Varela não resistiu e teve que falar

Como o reporter do «O Cruzeiro» venceu a obstinação «Del Gran Capitain»

MONTEVIDÉU, 23 (U. P.) — A teimosia, a obstinação e a força de vontade de um reporter conseguiram finalmente quebrar o silencio em que se encerrara Obdulio Varela que, durante seus 25 anos de jogador de futebol, jamais dera uma entrevista á imprensa.

A's 4,30 da madrugada de ontem, «El gran Capitan» consentiu em receber o jornalista Leopoldo Oberst, da revista «O Cruzeiro», do Rio de Janeiro, que esperara por este momento durante 32 horas, sob um frio glacial á porta da residencia do famoso crack.

Ainda ás 3 horas da manhã, a «France Presse» falou com o jornalista brasileiro, que se encontrava em seu posto, abrigado num grosso sobretudo, de luvas e boina, rodeado por um grupo de pessoas. Nessa altura, Leopoldo Oberst confiava em obter a entrevista com o consagrado jogador. Só arredava pé de seu posto para ir a um café próximo, afim de alimentar-se e logo regressar para a frente da casa de Obdulio. Varias pessoas lhe ofereciam pousada, assim como diversos motoristas queriam que ele permanecesse em seus carros para preservar-se do frio. Mas o reporter repelia todos esses oferecimentos, afirmando que permaneceria de guarda até que obtivesse a entrevista com Obdulio. Varias pessoas que o acompanhavam tambem lhe traziam café ou mate para ajudá-lo a se defender da inclemencia da temperatura. Os jornais e as estações de radio informavam os aficionados e estes se solidarizavam com a atitude do jornalista. Sabia-se que Obdulio estava penalizado com a situação do reporter e julgava-se que abandonaria sua intransigencia e finalmente concederia uma entrevista, pela primeira vez em sua vida, o que realmente aconteceu, quando o dia já nascia sobre a capital uruguaia.

Depois da entrevista, Oberst, semi-morto de cansado, nada póde dizer sobre sua palestra com o famoso jogador da «Celeste Olimpica», seguindo imediatamente para o seu hotel, afim de gozar um bem merecido sono depois de 32 horas ininterruptas de vigilia.

GRANDE ARBITRAGEM

FORTALEZA, 23 — (De Viriato Rodrigues) — A arbitragem de Nolly Coutinho e Etienne Filho foi das melhores. Os dois juizes agiram sempre com correção e se algumas falhas se verificaram, não empanaram em absoluto o brilho da partida.

Os pernambucanos incorporados estiveram com os dois apitadores e apresentaram felicitações pelo magistral desempenho.

Duas novas sedes serão construidas para o Fluminense

Indicada uma comissão para estudar os planos de expansão do grêmio tricolor

RIO, 23 (Meridional) — Já é sabido estar o Fluminense em adiantados estudos de grandes planos de ampliação de suas instalações, planos esses que, realizados, tornarão o tricolor um dos maiores centros esportivos do mundo e, sem dúvida, no maior da America do Sul.

Tem, por exemplo, a atual diretoria do Fluminense em mãos dois grandiosos projetos de realizações que bem dizem da preocupação dos dirigentes tricolores de atender ao ininterrupto crescimento do clube, crescimento que, pelo seu vulto, já torna pequena a majestosa sede de Alvaro Chaves, impondo, por conseguinte, medidas capazes de oferecer a solução para esse problema, cada dia mais premente e angustioso.

Foi assim que surgiu a idéia da instalação de uma nova sede na Barra da Tijuca, logo seguida de outro projeto indicando o aproveitamento de larga area de terreno na Avenida Brasil.

Afim de estudar esses planos, o presidente Antonio Leite indicou uma comissão composta dos srs. João Alves, Edgard Soutello, Manuel de Moraes e Barros, Magalhães Castro e Jorge Semner, a qual deverá apresentar seu parecer já nos proximos dias de agosto próximo.

SERAO DUAS NOVAS SEDES

Vale esclarecer mais que ao contrario do que chegou a ser suposto, não se trata de dois projetos antagonicos, isto é, que o aproveitamento de um determina o abandono do outro. Não. São dois planos paralelos e que se completam.

— Aliás, elucidou o presidente Antonio Leite, com referencia á sede na Barra da Tijuca, pode-se considerar o assunto como praticamente resolvido, ficando para decidir a da Avenida Brasil. Esta decisão, espero, será dada pela comissão designada para estudar a questão até o dia 10 do próximo mês.

Respondendo a uma nossa pergunta, explicou o presidente Antonio Leite:

— Na Barra da Tijuca ficarão instalados o hipismo, o golf, o tenis, etc. E, na Avenida Brasil, o futebol, o atletismo, o basquete, etc., as atividades, enfim, que necessitam ficar num ponto mais central, mais accessivel.

SERA' AMPLIADA, TAMBEM, A ATUAL SEDE

— Mas, não se pense, acrescentou o dedicado e diligente mentor tricolor, que a atual sede venha a ficar num plano secundario. Bem ao invés, ela será, igualmente, muito ampliada, recebendo, alem do mais, uma piscina olimpica, uma sala de armas da mesma forma que novas quadras de tenis, um ginasio, etc.

— Não tenha duvida, disse mais, terminando, Antonio Leite, que o Fluminense virá a ser o que todos nós, de há muito, ansiamos que seja.

O CONGRESSO EUCARISTICO SERA' REALIZADO NO RIO

RIO, 23 (Meridional) — O bispo auxiliar do Rio de Janeiro, dom Helder Câmara, voltando a falar sôbre o Congresso Eucaristico Internacional, disse que o mesmo será realizado no Rio, pois foi o próprio Papa que assim determinou e não há razão para que aquela assembléia de fé seja realizada em São Paulo, como foi noticiado.

CAIU O AVIAO DE PASSAGEIROS

HONG KONG, 23 (U.P.) — Um avião de passageiros da companhia Cathay Pacific caiu, hoje, nas águas do mar da China, perto da ilha de Hainan, que está em poder dos comunistas. Todavia, as 17 pessôas que ocupavam o aparelho conseguiram salvar-se, antes que o mesmo afundasse.

PROTESTO DO NAUTICO

Campos da SILVA

Não resta a menor dúvida que o protesto apresentado pelo **Clube Nautico Capibaribe** relativo á irregularidade do jogador tricolor Edinho foi uma verdadeira bomba atômica caida nos meios desportivos locais. E o caso vem agitando a opinião dos desportistas pernambucanos que acompanham com o máximo interesse o já sensacional caso. Tenho ouvido varios palpites e li tambem num vespertino local a noticia de que o jogador em causa havia comparecido á 21.ª C. R. desta capital, onde lhe informaram que a sua situação estava legal, havendo sido determinado o dia 18 do proximo mês para a entrega do seu Certificado de Reservista. Francamente, como esta noticia não me convence absolutamente. Deve haver algum engano ou a mesma foi fornecida por algum interessado em provocar confusão. A imprensa desta capital já publicou a cópia do documento em poder do **Nautico**, uma certidão fornecida pela 23.ª CR, de João Pessoa, na qual consta a informação de que o jogador Edinho é insubmisso, desde o dia 3 de novembro de 1950, em virtude de não se ter apresentado para prestação do Serviço Militar. Desta maneira, estou certo de que jamais a 21.ª CR poderá fornecer um Certificado de Reservista a este cidadão, declarado insubmisso, sem antes solicitar informações á 23.ª CR, sediada em João Pessoa. Se estas informações forem pedidas, naturalmente que a resposta será igual á contida no documento em poder do **Nautico**, assinada pelo responsavel pela referida CR. Isto é logico e não pode padecer nenhuma dúvida. Um outro ato que merece atenção, é o seguinte: se o referido jogador foi considerado insubmisso em 3 de novembro de 1950, conforme consta no documento acima citado, é logico que, na epoca em que assinou o seu contrato, estava irregular, estando assim sem nenhum valor o Certificado de Alistamento que apresentou, pois estes documentos só têm validade apresentado por pessoas, no maximo, com 21 anos de idade. Com a idade que Edinho tinha ao firmar contrato com o gremio tricolor, o unico documento que provaria a sua quitação com o Serviço Militar seria a Caderneta de Reservista. Um fato que vem comprovar a sua irregularidade é que, surgido o protesto do **Nautico**, correu imediatamente á CR para regularizar sua situação. Por que não se dirigiu á 23.ª CR, de João Pessoa? Ainda mesmo que Edinho apresente no dia 18 de agosto a sua Caderneta de Reservista de 3.ª categoria não destruirá, absolutamente, a acusação de que, quando firmou o seu contrato, não estava quites com o Serviço Militar, pois o referido certificado naturalmente terá a data da sua entrega. Não sou entendido nestes assuntos, porém estou certo de que o protesto apresentado pelo gremio alvi-rubro está perfeitamente legal e provará perante os membros do TJD que houve, na verdade, burla aos dispositivos da legislação esportiva em vigor, que diz claramente que qualquer profissional só poderá firmar contrato, quando fizer prova da sua quitação com o Serviço Militar. E isto não foi feito. Aguardemos os acontecimentos e vejamos com quem está a razão. Somente as autoridades militares poderão dar a palavra final sobre o palpitante assunto. Depois do julgamento, posso assegurar que ficará provada a burla á legislação desportiva, tanto da parte do atleta, como da parte do empregador, o seu atual clube, e tambem por parte da Presidencia da FPD, que registrou o contrato sem a apresentação dos documentos exigidos.

Amadorismo, etc.

(Conclusão da 1.ª página)

O jogo teve transcurso equilibrado, revezando-se os antagonistas no dominio do marcador. O Atlanta esteve com oito pontos de vantagem na primeira etapa, mas permitiu vigorosa reação do adversario. Na fase final notou-se equilibrio de forças, tanto que o tempo regulamentar terminou empatado: 31 x 31. Na prorrogação de 5 minutos, assinalou o Atlanta a sua proesa, por 35x33.

Muito boa a arbitragem de J. de Castro, do XV e Jonas Soares, do «Sara Kubitschek».

MELHORES DA RODADA

Entre os participantes da primeira rodada destacaram-se: Badu, Jonas e Sargento, do «Sara Kubitschek», Celso, Gildásio, Walter e Quintiliano, do Atlanta: Dutra, Arnaldo e J. Alfredo, do Yale; e J. de Castro, Wilson, Berti e Ildeu, do XV Veranistas.

DOMINGO, NOVA ETAPA

Domingo próximo, será cumprida mais uma etapa do certame, quando jogarão, ás 9 horas, os vencedores da primeira rodada: Atlanta x «Sara Kubitschek». Em seguida, preliarão XV e Yale. O torneio será encerrado no dia 1.o de agosto com os jogos: XV x Atlanta e Yale x «Sara».

C. MARANHÃO S. A.

COMERCIO E INDUSTRIA DE CARNES E CONSERVAS

COPIA AUTENTICA DA ATA DA SESSÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINARIA, DE C. MARANHÃO S. A. — COMERCIO E INDUSTRIA DE CARNES E CONSERVAS —, REALIZADA AOS OITO (8) DIAS DO MÊS DE ABRIL DO ANO DE MIL NOVECENTOS E CINCOENTA E QUATRO (1954)

Aos oito (8) dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e cincoenta e quatro (1954), pelas dez (10) horas, na sua séde social á Avenida João de Barros, trinta e sete (37), nesta cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, reuniram-se em Assembléia Geral Extraordinaria, em primeira (1.ª) convocação, os acionistas da sociedade C. MARANHÃO S. A. — Comercio e Industria de Carnes e Conservas, — sob a presidencia do Diretor Presidente Constantino Carneiro Maranhão, que convidou para primeiro e segundo secretarios, respectivamente, os acionistas José Carneiro Maranhão e Julio Constantino Carneiro de Albuquerque Maranhão. Constituida a mesa e verificando que haviam sido cumpridas todas as formalidades legais e que se acham presentes acionistas representando numero legal de ações declarou abertos os trabalhos e mandou que o senhor primeiro secretario procedesse a leitura do aviso de convocação publica nos Diario Oficial e DIARIO DE PERNAMBUCO nos dias vinte e oito (28), trinta e trinta e um de março e um (1) dois (2) e três (3) de abril, do corrente ano, do teôr seguinte: — "C. Maranhão S. A. — Comercio e Industria de Carnes e Conservas — Assembléia Geral Extraordinaria — 1.ª Convocação — Pela presente ficam convidados os senhores acionistas para uma Assembléia Geral Extraordinaria, a realizar-se no dia oito (8) de abril do corrente ano, ás 10 horas, na séde social, á Avenida João de Barros, 37, nesta cidade afim de deliberarem sobre o aumento de capital e consequente reforma dos Estatutos. Recife, 25 de março de 1954. C. Maranhão S.A. — Comercio e Industria de Carnes e Conservas — C. C. Maranhão, Diretor Presidente." Terminada a leitura o sr. Presidente pediu ao sr. secretario que passasse a fazer a leitura da proposta da Diretoria e do parecer do Conselho Fiscal, que são do teôr seguinte: — "Senhores acionistas. Como é do vosso conhecimento tem nossa sociedade tido ultimamente um ritmo de desenvolvimento muito mais acelerado do que vinha acontecendo há anos atrás. Decorrente isto, principalmente, do desdobramento de nossas atividades, que sairam do setor comercial para entrar nas atividades industriais, com a instalação de uma Fabrica de carnes e conservas bem como de um moderno Matadouro Industrial. Este ultimo empreendimento, que é de larga envergadura irá necessitar de novos investimentos de capital, afim de atender ao seu atual desenvolvimento, convindo ressaltar que esta industria irá dispender em suas instalações grande soma de dinheiro. Trata-se, além de mais, de uma atividade industrial nova em todo o Norte do pais, já que não existe, do Estado do Rio de Janeiro até o Amazonas, nenhum Matadouro Industrial. Assim, será nossa firma a primeira a fazer o aproveitamento total dos produtos e sub-produtos de bovinos e suinos em toda esta vasta região do pais. Para atender a esta situação estamos propondo o aumento de nosso capital social de cinco milhões de cruzeiros (Cr$ 5.000.000,00) para quinze milhões de cruzeiros (Cr$ 15.000.000,00), sendo o referido aumento realizado pelo acionista Constantino Carneiro Maranhão com a transferencia de seu credito na sua conta corrente de emprestimo para conta de capital. Com o parecer do Conselho Fiscal, espera esta Diretoria que a Assembléia Geral Extraordinaria aprove o aumento como está proposto. Sala das sessões, 5 de abril de 1954. ass. Constantino Carneiro Maranhão — Diretor Presidente — Ney Albuquerque Maranhão — Julio Carneiro Maranhão — Diretores Auxiliares." Lida a proposta da Diretoria, é então lido o Parecer do Conselho Fiscal." O Conselho Fiscal de C. Maranhão S. A. — Comercio e Industria de Carnes e Conservas —, reunido extraordinariamente para tomar conhecimento da proposta da Diretoria para aumento do capital social de cinco milhões de cruzeiros (Cr$ 5.000.000,00) para quinze milhões de cruzeiros (Cr$ 15.000.000,00), é de parecer que seja aprovado pela Assembléia Geral Extraordinaria. Sala das Sessões, 6 de abril de 1954. Dr. Diogenes Vieira Brasil — Dr. João Vieira de Menezes — José Anicéto Sobrinho." Terminada a leitura dos mencionados documentos o sr. Presidente submete á discussão pelos senhores acionistas sendo unanimemente aprovada pelos presentes a proposta do aumento do capital social de cinco milhões de cruzeiros (Cr$ 5.000.000,00) para quinze milhões de cruzeiros (Cr$ 15.000.000,00) dividido em quinze mil ações ordinarias ao portador, do valor nominal de um mil cruzeiros (Cr$ 1.000,00) cada uma. Em seguida o acionista Ney Albuquerque Maranhão, com a palavra, propõe, que, com a aprovação do aumento do capital social, passe o artigo 5.º dos Estatutos da sociedade a ter a seguinte redação: — "O Capital social, integralmente subscrito e realizado, é de quinze milhões de cruzeiros (Cr$ 15.000.000,00, dividido em quinze mil ações ordinarias ao portador, do valor nominal de um mil cruzeiros (Cr$ 1.000,00) cada uma". A aludida proposta é submetida a votação, sendo unanimemente aprovada. Nada mais havendo a tratar foi pelo Presidente suspensa a sessão para ser lavrada a presente ata. Reaberta a sessão o secretario leu a presente ata, que foi aprovada unanimemente, pelo que o sr. Presidente encerrou a sessão. Eu, Julio Constantino Carneiro de Albuquerque Maranhão, lavrei e subscrevo a presente ata, que vai assinada pelo sr. Presidente e demais acionistas presentes, ass. Julio Constantino Carneiro de Albuquerque Maranhão — Constantino Carneiro Maranhão — Ney Albuquerque Maranhão — José Carneiro Maranhão — Maria do Carmo Barbosa Maranhão — Suzana Carneiro Maranhão de Lima — Eduardo Sigismundo Alvares Pereira de Lima.

Confere com o original, a que me reporto.

RECIFE, 13 de Julho de 1954.

C. MARANHÃO S. A.
Com. e Ind. de Carnes e Conservas
CONSTANTINO CARNEIRO MARANHÃO
Diretor Presidente

Pagou na 1.ª via Cr$ 60.000,00 em estampilhas Federais que estavam inutilizadas com a data de 17 de 7 54 e assinatura de verba n.º 7.423 [illegible] N.º 12818 de 1954.

ALFANDEGA, 17 7 1954.

Assinatura ilegivel
O Escriturario

CERTIFICO que um exemplar de igual teôr no qual constam os sêlos de arquivamento no valor de Cr$ 101,50 federal, em estampilhas, foi arquivado sob n.º 715, por despacho da Junta Comercial em sessão de 22-7-954.

Junta Comercial do Estado de Pernambuco, 23 de julho de 1954.

ADAUCTO PESSOA GUEDES
Pelo Diretor-Secretario

(237)

Cr$ 985,00, MEIA DUZIA DE CADEIRAS MEXICANA MACIÇA ESTILO FUNCIONAL — MOVELARIA ALIADA — LIVRAMENTO, 25.

(22621)

FESTA DO MOTOCOLOMBO'

Reiniciando as suas atividades sociais, a diretoria do Motocolombó Esporte Clube organizou o programa social deste mês, constando de um suntuoso baile no dia 31 do corrente.

As providencias já estão sendo tomadas pela direção social do gremio alvi-rubro do Largo da Paz, estando o "Baile das Rosas fadado a alcançar grande sucesso, uma vez que está sendo esperado com muita ansiedade por todos seus associados, e ainda para maior brilhantismo será apresentada uma das melhores orquestras da cidade — "Jazz Band Academica de Pernambuco", sob a direção de Padua Walfrido.

As reservas de mesas já podem ser adquiridas na secretaria do clube, diariamente bem assim a direção do Motocolombó comunica aos seus associados a indispensavel apresentação da carteira social com o recibo n. 7. Comunica ainda, aos srs. associados ainda não possuidores da Carteira Social, a fineza de adquirirem as mesmas, na secretaria. O traje será passeio.

ENCALHE DO "GUARATINGA"

RIO, 23 (Meridional) — Informa o Ministério da Marinha que o navio Guaratinga expediu um S.O.S. na madrugada de hoje. O navio foi localizado á altura de cinco milhas ao sul do farol do Cabo de Sta. Marta, estando encalhado na praia.

Para o local está se dirigindo o rebocador Tritão que tentará o desencalhe. Foi igualmente sido providenciada, pela Capitania dos Portos de S. Catarina, a remessa de outros socorros.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

MAIA — Leiloeiro Oficial — HOJE — Ás 3 horas da tarde — Em sua Agencia: — Rua da Conceição, 78. PRIMOROSO E GRANDE LEILAO

AO CORRER DO MARTELO — AOS SNRS. NOIVOS ! ! E PESSOAS DE FINO GOSTO ! !

Importante e rica sala de jantar de imbuia com 12 ps. em estilo "COLONIAL MEXICANO" (Em estado de nova) — Primoroso grupo de ferro batido com 5 ps. — Secular comoda em "JACARANDA" (Pico de Jaca) — Nova bicicleta para rapaz — Confortavel dormitorio conjugal de imbuia com 6 ps — Importante bureau "Ministro" em sucupira — Grupos estofados — Importante mesa para maquina em imbuia (Fab. Paraná) — Grupos estofados — Quadros de parede em prata Mexicana — Aluminios — Importante Radiola Jupiter — automatica para 10 discos — Grande coleção de discos — Otima sala de jantar de imbuia com 12 ps. — Grande quantidade de moveis avulsos — Louças — Vidros — Utensilios para copa e cozinha, e tudo mais presente ao leilão que serão vendidos HOJE AO CORRER DO MARTELO

MAIA: — Adianta dinheiro por conta de seus Leilões — Presteza e Correção — NOTA: — Caução no ato da Arrematação

AGENCIA: — RUA DA CONCEIÇÃO, 78 — FONE: — 4-0-9-0

(243)

ILEGÍVEL

Pelos Municipios

CRONICA DO INTERIOR

Leis de Previdência

Samuel SOARES

Quem, como simples expectador, toma conhecimento da legislação social vigorante no país, há de se impressionar, vivamente, com as medidas de assistência e de amparo adotadas para com o trabalhador brasileiro de quase todas as classes.

Entre os setores ainda não bem contemplados nas leis trabalhistas, está o do homem do campo, do trabalhador rural que não conta com o amparo de nenhum Instituto para efeito de assistência médica, de ferias, de aposentadoria, etc. O que existe, para êle, neste particular, depende da iniciativa dos próprios empregadores, verificando-se, felizmente, nos casos das empresas de maior porte, testemunhos eloquentes de espirito humanitário por parte de seus dirigentes.

Contudo, e apesar de tudo, o senso de irresponsabilidade e o desprêzo pela sorte dos humildes vêm influindo para que a êstes não seja dispensado o amparo a que têm incontestavel direito.

O contribuinte dos Institutos de Previdencia, via de regra, fogem, desde que possivel, de recorrer ás vantagens legais que lhe são atribuidas. Isto porque as dificuldades burocraticas, o descaso dos responsaveis pelos serviços para que se contrataram ou foram designados, a pouca ou nenhuma solicitude, enfim, em atender a uma obrigação resultante do compromisso assumido, sob futeis e exquisitos pretextos, embaraçam a pratica dos beneficios para cuja prestação concorrem, financeiramente, os empregados e os empregadores.

Não discutimos, na hipótese, se o funcionário que presta serviços a tais Institutos bem ou mal remunerado. A questão está em que faça a quem de direito as suas reclamações, demonstrando a sua justeza e procedencia. E se lhe não convem continuar, sob condições precárias, porque fora da instituição lhe é possivel obter melhor compensação, é evidente que não há decisão mais acertada que a de mudar de setor ou de profissão.

O que não é justo porque antes de tudo é deshumano e iniquo, é que, por este ou aqueles motivo, o associado do Instituto, que paga, em dose alta, a sua contribuição financeira a que não pode fugir, e em favor de quem a lei assegura vantagens e beneficios, figure junto a tais instituições, como um individuo humilhado que deve suplicar e receber mal a assistência a que tem direito.

VERTENTES

O PSD e o PSP de Vertentes apoiam Cordeiro de Farias

A suprema magistratura do Estado — Declarações — Movimento Eleitoral — Esportes — Notas

José de ALMEIDA

A estas horas já está assentada definitivamente a candidatura do general Cordeiro de Farias, á suprema magistratura do nosso Estado. E para isto, contou s. excia. como o apoio das facções politicas de grandes atuações no solo pernambucano como sejam: o Partido Social Democrático, pela maioria de seus membros e tendo á frente o sr. Etelvino Lins, governador do Estado; Partido Social Progressista, chefiado pelo sr. Osvaldo Cavalcanti da Costa Lima; Partido Democrata Cristão, sob a orientação do deputado monsenhor Arruda Câmara; Partido Libertador que obedece a orientação do senador Novais Filho, outros pequenos partidos e ainda dissidencia da União Democrática Nacional nas pessoas do deputado federal Carlos de Lima Cavalcanti e deputados estaduais, Alde Sampaio e Celso Cursino.

Em nosso municipio, podemos informar com segurança que o PSD se encontra totalmente unificado em favor da candidatura Cordeiro de Farias, conforme nos declarou o presidente e chefe desta agremiação partidária neste municipio, deputado Teófilo Cavalcanti. Por outro lado, o Partido Social Progressista secção deste municipio, sufragará o nome do general. Conta este partido entre nós com o apoio do sr. João Alexandre de Oliveira que obedece a orientação do sr. Osvaldo Lima e o sr. José Correia de Araujo, da ala do sr. Otivio Correia

Podemos ainda informar com segurança que o vereador Odon David de Souza ex-lider da bancada da UDN á Câmara Municipal local, encontra-se ao lado da candidatura Cordeiro de Farias. Pelo menos, foi o que declarou este influente politico da Vila de Cambucá á nossa reportagem.

CANDIDATURA JOÃO CLEOFAS: — Por outro lado encontram-se os udenistas sob a orientação do dr. Gilberto Bezerra, prontos para sufragar o nome do ex-ministro João Cleofas. Estes, estiveram sempre ao lado do «queremos Cleofas» e continuam firmes.

MOVIMENTO ELEITORAL: — Intenso tem sido o movimento no Cartorio Eleitoral deste municipio.

Os principais partidos que atuam aqui, o PSD, a UDN e PSP cujos delegados são os srs. Emidio Cavalcanti, Gilberto Bezerra e João Alexandre de Oliveira, têm estado numa atividade nunca vista, inscrevendo novos eleitores, renovando titulos e transferindo eleitores de outras zonas. Até agora, o Cartório Eleitoral já atingiu a inscrição de mais de seis mil eleitores. Entretanto, dada a saida de habitantes deste municipio para o sul do país, esperam os «matemáticos» politicos, que somente cerca de quatro mil concorrerão ao pleito nas próximas eleições de outubro.

ESPORTES: — Está atravessando uma época de grande animação, a vida esportiva em nossa cidade. Isto, graças a atuação persistente, inteligente, animadora do tte. Cicero Laurindo de Sá, delegado de policia deste municipio.

Há anos que se encontrava paralizado este setor da vida da cidade e que tanta falta fazia aos aficionados do esporte «bretão». Com a chegada desse verdadeiro «sportman», o que temos visto é Vertentes enfrentando outras agremiações futebolisticas todos os domingos, oferecendo assim a Associação Vertentense de Esportes, momentos de intensa vibração aos habitantes desta cidade.

Mas, a atividade do sr. Cicero de Sá, não tem se limitado apenas a prática do «esporte rei». O voleibol tambem se encontra em franca animação. Ao que tudo indica, o tte. Cicero irá mais longe; já fala na organização de um time de basquetebol.

Aliás, graças a este dinâmico esportista, Vertentes conta hoje com rapazes adestrados e que sob a orientação técnica daquele esportista sabem defender com entusiasmo e habilidade as cores do seu time quando entra em campo. E sob a sua orientação e direção a Associação Vertentense de Esportes está se levantando. O «Estádio da Restauração» no momento em que estas notas forem publicadas, já se encontra oficialmente inaugurado. O quadro de futebol acha-se devidamente calçado, camisas com monogramas, rêdes, bolas e um conjunto a altura da nossa cidade. O mesmo acontece com o sexteto de volei.

Ao lado deste homem que Vertentes esportivo deverá increver o seu nome no «Livro de Ouro», encontramos este não menos esportista que é o dr. Vio de Souza, chegado há poucos dias a nossa cidade, e que tem demonstrado as suas qualidades de verdadeiro amante dos esportes. Outro que muito tem colaborado neste setor é o dr Jaime Santana. O seu interesse, o seu desvelo pela causa esportiva de nossa cidade merece tambem um registro especial. Os irmãos Pimenta, Silvio e Airton, muito concorreram para o maior soerguimento dos esportes em nossa terra. A nossa satisfação é que Cicero, Vio, Jaime e os irmãos Pimenta prossigam nesta jornada para o maior nome e prestigio de Vertentes no cenário esportivo matuto. E, quem sabe se um dia não seremos tambem convidados a participar desse certame que se denomina de «Campeonato Matutos», ao lado de Limoeiro e Caruaru, para falarmos somente dos mais fortes e mais constantes concorrentes matutos...

REGISTRO SOCIAL: — «Batizados — Na Matriz desta cidade, foi levada á Pia Batismal, no dia 11 do corrente mês, a menina Jaildete Maria, filha do casal José de Almeida, Honorina Ferreira de Almeida. Serviram de padrinhos o sr. Manoel Henrique Ferreira Filho e esposa sra. Maria Ferreira de Assunção, avós maternos da pequerrucha.

BARREIROS

O CUSTO DE VIDA BARREIRENSE, TORNA-SE INSUPORTAVEL

Exploração nunca vista nas feiras da cidade — Juri — Desportos

Décio FRANÇA

BARREIROS, 9 de julho: — A atenção da população deste municipio, ultimamente, está voltada para o custo de vida local que, dia a dia, vem aumentando consideravelmente, tanto nas casas comerciais, como nas feiras aos sábados e domingos, realizadas nesta cidade. A carne, o peixe, o pão, frutas e cereais, sofrem altas de preços constantemente e sem justificativas para tal, bem assim, o sabão, o côco, ovos e finalmente, todos os gêneros de primeira necessidade. Esperamos que os poderes públicos tomem serias medidas nesse sentido, não ficando indiferente a essa incerta situação que atualmente atravessa os habitantes desta velha comuna pernambucana.

JURI: — Sob a presidencia do dr. Anibal Vanderlei Cavalcanti, juiz de Direito desta comarca, reuniu-se ontem, o Tribunal Popular, para julgar o reu Luiz Ramos da Silva, acusado de crime de morte. Na tribuna de acusação, funcionou o dr. Brávlio Didior, que, antes de se ocupar do processo, pronunciou expressivas palavras de saudação ao juiz Anibal Vanderlei, por motivo de ser aquela sessão de juri a primeira presidida pelo digno magistrado, nas funções de novo juiz desta comarca, tendo ainda feito elogiosas referencias ao dr. Leonino Correia, antigo advogado do nosso fôro. A defesa esteve a cargo do dr. Leonino Correia. O Conselho de Sentença, reconheceu a tese de legitima defesa sustentada pela defesa, absolvendo o réu.

DESPORTOS: — No próximo dia 18, a Associação Esportiva Central Barreiros, no estádio Costa Azevedo, enfrentará o forte quadro da Usina Catende S.A., com a mesma equipe que venceu o «Leão XIII» em nossas plagas. A comitiva barreirense, viajará em ônibus especial, tendo como presidente o desportista dr. Plácido de Britto e Silva.

ANIVERSARIOS: — Transcorreu no dia 7 do corrente, a data natalicia da srta. Teresa Gonçalves de Carvalho; irmã da professora Djanira G. Carvalho. — Transcorrerá no dia 16, a data natalicia do jovem Hélio Albuquerque, funcionário da R.F.N., em Paquevira e filho do sr. Etelvino Alves de Albuquerque, tambem funcionario da R.F.N., residente nesta cidade. — Decorrerá no próximo dia 14 do corrente, o natalicio da srta. Sirlene, filha do vereador Agostinho de Lima e Silva e de esposa sra. Clarice de Lima, residente nesta cidade.

HISTÓRIAS DO PITOBINHA

Regis VELHO

Num dia da semana passada, numa roda de amigos, em frente ao «Cinema Holanda», o Pitobinha contou uma de suas histórias, que verdade ou mentira bem caracteriza o momento anárquico que atravessamos.

O Pitobinha é um dos tipos populares mais interessantes com que conta atualmente a cidade de Gravatá. E' um bom contador de anedotas e na arte de macaquear, poucos o igualam

Que digam o confrade Odilon Pio, o prefeito Devaldo Borges e o ribula Elias Torres.

Contava o Pitobinha que, estando certa vez em Porto Alegre, um viajante perdera uma pasta com dois milhões de cruzeiros. O homem ficou quase louco, porém, procurou tomar as providencias que no caso se faziam necessárias.

Anunciou pelas estações de rádio e foi a policia.

Não poude dormir e alimentou-se mal durante dois dias.

No terceiro porém, recebeu um chamado de uma delegacia e sem perda do tempo, ansioso lá compareceu. Odelegado lhe fez algumas perguntas sobre o menores referentes aos documentos contidos na carteira e necessários para a identificação de que o viajante era mesmo o dono da pasta e do dinheiro nela existente.

Tudo acertado, sem nenhuma dúvida de que a pessoa presente era mesmo o dono do objeto em questão, o delegado o entregou, intacto como o havia recebido da pessoa que ali o entregára para que fosse restituido a quem de direito.

O «cometa» esfuperato e transbordante de contentamento, perguntou ao delegado como se explicava não haver ladrões em Porto Alegre?

Disse-lhe então a autoridade que, no momento, de fato, lhe parecia não haver, pois todos haviam saido e chamou-o para uma outra dependencia, mostrando-lhe um grande quadro com vários retratos de ladrões que ali operavam, causando desassossêgo a população.

E para onde foram esses larápios? — perguntou o viajante.

E o delegado respondeu-lhe: o Getúlio colocou todos nos Institutos.

BANDEIRA DA ONU PARA S. PAULO

NAÇÕES UNIDAS, 22 (Meridional) — As Nações Unidas anunciaram ontem, que o secretário geral Dag Hammarsjoeld revelou o desejo de fornecer uma bandeira da ONU á cidade brasileira de São Paulo pelo transcurso do quarto centenário de fundação dêsse importante centro urbano.

Na impossibilidade de comparecer pessoalmente á cerimônia, o secretário geral delegou ao sr. Paul Vanerden Saw, diretor do Centro de Informações das Nações Unidas no Rio de Janeiro a incumbência de fazer entrega á cidade de São Paulo dêsse simbolo da organização internacional.

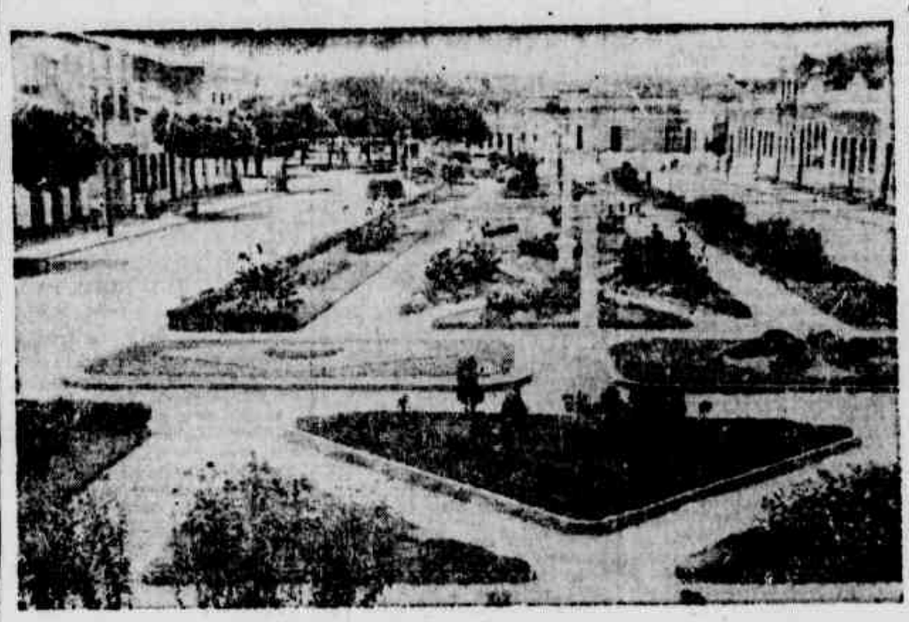
UM MILHAO DE CHEQUES SEM FUNDO

RIO, 22 (Meridional) — Nada menos de 1.555.625 cruzeiros é o total dos cheques sem fundo que foram retidos pelo Procurador Geral do Distrito Federal para a Corregedoria da Policia, afim de serem instaurados os competentes processos.

Palmares sob a administração do sr. Luiz Portela

Grande surto de progresso — Distribuição de leite à pobreza — Novos logradouros públicos — A avenida Pedro Paranhos

Reportagem de Manoel ALBUQUERQUE



Um aspecto da Praça Ismael Gouveia

Nenhum proposito nos anima a reproduzir o que este jornal publicou o ano passado a respeito da administração do sr. Luiz Portela Carvalho, á frente do Municipio dos Palmares. O que o ilustre governante realizou entre o primeiro semestre de 53 e o segundo semestre de 54, com os proprios recursos da Prefeitura, até mesmo os seus adversários politicos reconhecem. Os melhoramentos já concretizados, não só na cidade como nos distritos, já constituiram um marco de sua passagem pela mais alta investidura municipal. Realmente, só se pode fazer uma idéia imparcial do que se passa no interior do Estado, percorendo-o e auscultando o seu póvo. Chegando a metrópole palmarense logo se tem uma idéia do seu progresso, notadamente no que diz respeito ao seu embelezamento. Palmares possui uma bôa iluminação além de um bom serviço dágua, graças ao contrato realizado entre a Prefeitura e o S.E.S.P. Inegavelmente, o atual prefeito de Palmares procura colocar a sua cidade numa posição de relevo, entre as demais do Estado, muito embora já seja considerada das principais do interior, no sentido economico e social. Entre os novos Logradouros Públicos, podemos destacar pela sua importancia, as pracas «Ismael Gouveia» e da «Luz». Os seus canteiros e iluminação, despertam na verdade, a curiosidade pública; os seus passeios foram todos revestidos de belta fina.

As atenções do Prefeito sempre estiveram voltadas para o embelezamento da cidade; por isso, tomou a arrojada iniciativa de levar avante a construção da avenida «Pedro Paranhos», dada a sua extensão calculadamente, de 800 metros por 20 de largura. Segundo vimos no projeto, a referida avenida terá duas faixas de rolamento, refúgio ao centro, receberá posteamento e cuidadosa arborização de palmeiras além de uma bôa distribuição de luz.

— Uma das coisas tambem, que não foram esquecidas pela administração municipal tem sido a construção de prédios para o serviço público, não só na cidade como nos distritos, assim discriminados, Mercado Público, em Santo Antonio das Trempes, Casa de Força e Luz, no mesmo distrito, outro na cidade para o mesmo fim, um tipo Pavilhão para a Praça «Ismael Gouveia», três residencias no bairro do Matadouro Publico e outro para o serviço de Ambulatório em Santo Antonio. Conforme vimos na planta, A Prefeitura construirá esta ano, um conjunto de casas nos bairros pobres, o qual se destina ao serviço de lavanderias, banheiros, sanitários, chafarizes publicos, etc.

REFORMA NA REDE DE ENERGIA ELETRICA — Enquanto muitas cidades do interior do Estado estão ás escuras, Palmares tem uma bôa iluminação pública, graças ao seu Prefeito que encarou esse serviço com coragem e abnegação. Fazendo uma reforma radical na sua instalação, mandou construir uma nova Casa de Força, centralisando sua distribuição de energia, onde foi instalado um novo conjunto adquirido recentemente, o qual produz hoje, o dobro da energia de que antes dispunha a cidade. O sistema de voltagem que era de 220 passou para 380, dai uma economia sensivel de energia, em virtude da grande extensão das linhas, com ausencia de transformadores. Com esse melhoramento a cidade está plenamente servida, nesse particular.

TERRAPLENAGEM E CALÇAMENTO — O serviço de calçamento da cidade, terraplenagem e meios fios especialmente, continua sendo atacado, ávido que está o Prefeito de lançar por toda a cidade os marcos do Plano Urbanistico por ele traçado, e que constitui uma grande realização. Já foram assentados 6984 metros lineares de meios-fios, além do nivelamento e calçamento de várias ruas.

DEPARTAMENTO DE ENSINO E CULTURA — Ressaltamos nesta nota, o serviço relevante que vem prestando á instrução pública o Departamento de Ensino e Cultura, o qual vem preenchendo satisfatoriamente a sua finalidade. O antigo e tradicional Ginasio dos Palmares vem merecendo especial atenção por parte daquele Departamento. Se o seu concurso era grande, tornou-se maior ante a determinação do Poder Municipal em ministrar instrução inteiramente grátis, para ambos os sexos. Várias conferencias e festivais são realizados no seu auditorio. Esse Ginásio sofreu ultimamente, uma grande reforma não só no seu edificio como tambem em todo o material interno.

A Prefeitura, subvenciona 11 escolas de ensino supletivo, além de varias inteiramente grátis, de curso superior. Instituiu bolsas escolares no Ginásio N.S. de Lourdes; mantem 13 escolas primárias e ainda subvenciona 23 urbanas e rurais.

GUARDA MUNICIPAL — E' interessante ressaltar tambem o serviço que vem prestando a Guarda Municipal, criada na gestão atual. Para se ter uma idéia, embora ligeira, bastaria levar em conta que durante o ano de 1953 não se têm registrado naquela cidade arrombamentos nem furtos dignos de menção.

DISTRIBUIÇÃO DE LEITE — Vem de merecer aplausos gerais por parte da ordeira população de Palmares, a atitude do seu ilustre Prefeito, mandando distribuir leite às pessoas reconhecidamente pobres e mui especialmente às crianças desamparadas. Essa distribuição ascende a uma média de 60 a 70 litros diariamente, além de 400 litros que são vendidos pelo preço de Cr$ 3,50. Se todos os Prefeitos, seguissem o exemplo do sr. Luiz Portela, a mortalidade infantil não seria tão alarmante no interior do Estado.

SITUAÇÃO FINANCEIRA — Não obstante todos esses melhoramentos, a Prefeitura dos Palmares se acha em dia com todos os seus compromissos.

POLITICA — Apesar da oposição por parte dos seus adversários politicos, o sr. Luiz Portela de Carvalho, prossegue, sem esmorecimento, a sua obra em pról do Municipio que dirige e estamos absolutamente certos que o grande eleitorado de Palmares, será justo, elegendo-o como seu legitimo representante á Câmara dos Deputados, nas proximas eleições de 3 de outubro.

Sr. Luiz Portela, prefeito de Palmares

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

FALTA ABSOLUTA DE CARNE EM S. PAULO

S. PAULO, 23 (Meridional) — O vice-prefeito em exercicio, na Prefeitura bandeirante, declarou: «que requisitará á força militar para trazer o gado destinado ao abastecimento da cidade, onde estiver, se para tanto fôr necessario, afim de suprir normalmente á população».

O sr. Porfirio Paz aludiu a entendimentos que teve com o presidente da COFAP, acrescentando que o abate dá aos interessados o lucro de 16%, não havendo, portanto, motivo de ser aumentado o preço do produtos. A respeito da requisição, disse que o plano já está completamente elaborado, devendo ser empregado, para isto, a força do Exército.

REPARTIÇÕES FEDERAIS

D. R. DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

Está sendo convidado a comparecer ao Serviço Medico da Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos, no horario de 9 ás 11 horas, o telegrafista da classe H, Wilson Benevides Ferreira Lima.

O CAFE' NO MEXICO E EM EL SALVADOR

RIO, 22 (Meridional) — Segundo informações recebidas pelo Instituto Brasileiro do Café, a produção cafeeira do México para o ano 1954-55 será de 1.700.000 sacas, das quais ... 1.500.000 poderão ser exportadas, produzindo 180 milhões de dolares ou 2 biliões e 250 milhões de pesos. O México manteve o terceiro lugar como nação produtora de café, depois do Brasil e da Colômbia.

Relativamente á República de El Salvador, a colheita do mesmo ano está estimada em 1.000.000 sacos ou 1.500.000 quintais.

VIDA ESCOLAR

FACULDADE DE MEDICINA

Encontram-se abertas na secretaria dessa Faculdade, até o dia 7 de agosto do corrente, as inscrições para o curso de aperfeiçoamento sobre **Histologia Normal e Diagnostico Histologico**, a cargo do catedratico Helio Gomes de Mattos Mendonça.

O curso será exclusivamente para medicos e funcionará no Instituto Ozorio de Almeida, de 8 a 28 de setembro proximo, diariamente, das 19 ás 21 horas, exceto aos sabados. As aulas terão inicio logo após o encerramento das inscrições, recebendo diplomas os candidatos presentes pelo menos a 80% dos trabalhos realizados.

— Encontram-se tambem abertas na secretaria, até o dia 11 de setembro do corrente ano, as inscrições para ao curso de aperfeiçoamento em **Neurocirurgia**, lecionado pelo professor interino de Clinica Propedeutica Cirurgica, Manoel Caetano de Barros.

O curso será exclusivamente para medicos e funcionará no Hospital Pedro II, diariamente, de 13 de setembro a 23 de outubro de 1954.

— Está sendo convidado a comparecer, com urgencia, ao arquivo desta Faculdade, afim de tratar de assunto de seu interesse, o cirurgião dentista João Pontual Fluza, concluinte da turma de 1953.

NAZARÉ DA MATA

Festa da ex-aluna do "Ginásio Santa Cristina"

Programa — Sociais — Vida Religiosa — Diversas

J. M. Vieira de MELO

O TEMPO: — O inverno está no fim, pois o intenso frio é prova disso. Até ontem, choviscou, hoje, porem o dia amanheceu claro, de sol.

HORA SANTA: — Em nossa Catedral, no domingo, ás 19 horas, teve lugar a «Hora Santa», tendo d. Carlos Coelho produzido um sermão, com cânticos pelos fiéis.

FESTA DA EX-ALUNA: — No próximo sábado, terá lugar, nosse educandario «Ginásio Santa Cristina», a tradicional festa da ex-aluna com o seguinte programa: Dia 23, 16 horas — Encontro amistoso das ex-alunas com a diretoria do Ginásio. Dia 24 — 6,30 — missa, 10 horas, sessão presidida por d. Carlos Coelho, 12 horas, almoço, 14 horas bingo e leilão americano, 16 30, benção do Santissimo. Há muito entusiasmo por esse festival que sempre ali se vem realizando há muitos anos.

CASAMENTO: — No sábado, ás 16 horas, terá lugar o casamento dos jovens José Mesquita, comerciante em Natal, e a srta. Niéida Negromonte Spineli, filha do sr. Moacir Spineli e de sua esposa sra. Laura Negromente Spineli, nesta cidade os noivos irão residir em Natal

CARTORIO ELEITORAL: — Ultimamente tem havido muita procura de titulos, mas ainda existem cerca de mil, dos antigos, para entrega. Do dia 10 de agosto em diante, será escrivão eleitoral o sr. Emilio Moura Maranhão, do 3º. Cartorio local. O dr. Juiz tem dado audiencias diarias, estando o serviço em dia.

CALÇAMENTO: — Parece que, ainda este ano, recomeçarão os trabalhos de pavimentação da cidade paralizados há mais de um ano.

PELO CINE-LUX: — Anunciam para sábado e domingo próximo, os filmes: «Os três destinos», e «Guerrilheiros das Filipinas». Na «matinée» — «Sêde de vingrigo». Breve, «Sêde de vinganca».

VISITANTE: — Encontra-se entre nós o joven estudante Marcus Vinicius, filho do sr. Antonio Vilaça e de sua esposa, residentes em Limoeiro.

ENFERMO: — Em Recife, encontra-se enfermo, internado no Hospital do Centenário, o sr. Laurindo Teobaldo de Azevedo, proprietario e agricultor neste municipio.

FESTA DA «FAIXA AZUL — No domingo, teve lugar na sede do «Academico» a esperada festa da Companhia de cerveja «Faixa Azul», com um jogo de volei em sua quadra. Após, um churrasco e tarde dançante. Várias pessoas de destaque social ali se achavam presentes

NOIVADO: — Com a senhorita Aida Bandeira de Miranda, filha do sr. Artur Bozerra de Miranda, já falecido, e de sua esposa sra. Eulalia Bandeira de Miranda aqui residente, contratou casamento o tte. Osires de Souza Ferraz, da Policia Militar do Estado.

EDITAL

A Agência do BANCO DO BRASIL S. A., sita á Avenida João Pessoa, nº 418, nesta cidade de Arcoverde, do Estado de Pernambuco, avisa a quem interessar possa que se acha exposto a venda o imóvel «ALDEIA VELHA», de sua propriedade, medindo 20 (vinte) hectares, aproximadamente, confrontando-se ao Norte, com terras de Elias de Carvalho; ao Sul, com terras de Adélia Duca, ao Leste, com terras de Jordão Freire da Silva e ao Oeste, com terras de José Pacheco Luna. O imóvel, situado na chapada da Serra do mesmo nome, dista 5 (cinco) quilometros do centro desta cidade.

Os interessados devem dirigir-se á Agencia do Banco do Brasil S/A., em Arcoverde, apresentando suas propostas, por carta, no prazo de 30 (trinta) dias.

Arcoverde (Pe.), 14 de julho de 1954.

Pelo Banco do Brasil S/A. — Arcoverde (Pe.)

Oscar Olimpio de Araujo — Gerente

Mauricio Ferraz — Contador Int.º

(248)

OTIMA OPORTUNIDADE

Importante Empresa oferece trabalho a organizadores capazes, entre 25 e 35 anos, exigindo-se Carta de Fiança e referências. Boa remuneração. Cartas dirigidas a S. M. na Posta Restante deste Jornal.

(239)

AO COMERCIO DO INTERIOR

Precisa-se nomear agente distribuidor do Frigorifico Jundiaí S.A. de São Paulo, para as principais cidades deste Estado. Os interessados deverão se dirigir á Caixa Postal n. 1370 — Recife — Estado de Pernambuco.

PUBLICIDADE

Do Amazonas ao Rio Grande do Sul

Os «Diarios Associados», a revista «O Cruzeiro» e as «Emissoras Associadas», oferecem uma cobertura completa para anuncios nas capitais e grandes centros do interior do país.

Consulte o Departamento de Publicidade do DIARIO DE PERNAMBUCO.

BANCO DO POVO S. A.

DIVIDENDO 67

Ficam convidados os acionistas dêste Banco, a virem receber em nossa séde social, á rua do Imperador Pedro II, n. 494, o dividendo n. 67, relativo ao 1.º semestre do corrente ano, na base de 10% ao ano, sôbre o nosso capital realizado de Cr$ 50 000 000,00.

Recife, 14 de julho de 1954.

a) Antonio Martins do Eirado
Diretor 1.º Secretário.

Abastecimento d'agua para São Lourenço

Pezar pelo falecimento do tabelião Leocádio Porto — Distribuição de titulos eleitorais — Abastecimento dágua

Os deputados Santa Cruz Valadares e Tabora de Almeida pediram a inserção na ata dos trabalhos de um voto de profundo pesar pelo falecimento do sr. Leocadio Porto, ex-tabelião e prefeito de Caruarú.

TITULOS

O sr. Aurino Valois fez uma sugestão ao Tribunal Regional Eleitoral para que promova a distribuição dos titulos retidos na última eleição de vez que já são grandes os encargos dos cartorios.

RODOVIA

O mesmo deputado solicitou urgentes providencias da secretaria da Viação no sentido de mandar reparar a rodovia Caruarú-Altinho-Agrestina.

ABASTECIMENTO D'AGUA

O sr. Wilson Pimentel, em projeto de lei, autoriza o Executivo a construir o serviço de abastecimento dágua de São Lourenço, séde do municipio do mesmo nome. Para fazer face as despesas decorrentes do serviço aludido fica autorizado o Executivo a abrir o credito de cinco milhões de cruzeiros.

EXPLICAÇÃO PESSOAL

Em explicação pessoal, o sr. Diocleciano Pereira Lima fez considerações sobre a posição da UDN na recem-criada Frente Parlamentar, lendo, em seguida, o telegrama pelo sr. João Cleofas do jornalista Carlos Lacerda e publicado na imprensa.

Graves acontecimentos

(Conclusão da ultima pagina)

centaram que, em consequencia desse fato, está em perigo todo o sistema de segurança da Alemanha Ocidental. Teme-se que John revele os segredos não só dos alemães ocidentais como tambem dos seus aliados.

O desaparecimento de John causou, em Berlim ocidental, grande repercussão.

REPERCUSSÃO NO SETOR OCIDENTAL

BERLIM, 23 (UP) — O desaparecimento do chefe da policia de segurança, Otto John, causou maior repercussão no setor ocidental de Berlim, do que qualquer outro acontecimento desde que os russos iniciaram o bloqueio da cidade, em 1948. A imprensa pede que se convoque o Parlamento atualmente em férias, e que o serviço de segurança seja colocado sob vigilancia parlamentar.

Funcionários do Serviço de Contra Espionagem dizem que o desaparecimento de John põe em perigo todo o sistema de segurança da Alemanha Ocidental. Teme-se que ele denuncie os agentes secretos que atuam na zona oriental e que revele aos comunistas os segredos não só da propria Alemanha Ocidental, como tambem dos seus aliados.

REORGANIZAÇÃO DO GOVERNO DA ALBANIA

ROMA, 23 (U.P.) — A reorganização do govêrno da Albânia pode ser um indicio de que melhoraram as relações entre êsse pais e a Iugoslavia, segundo opinam fontes autorizadas. O novo ministro da Defesa, Bequir Balloku, é um bom amigo dos iugoslavos.

De acôrdo com informações os albaneses refugiados em Roma, jamais foram colocados na lista dos que deveriam ser liquidados. Antes de a Iugoslavia se separar da União Soviética e depois da segunda guerra mundial, Balloku trabalhou em estreito contacto com os oficiais do exército iugoslavo.

A 28 de dezembro de 1948, o jornal Politika, de Belgrado, informava que havia sido executado e que seus parentes tinham se internado na Albânia. Baliok substituiu o general Enver Hoxha no Ministerio da Defesa, na recente reorganização e o chefe da policia, Mehmet Shehu ocupou a presidência do Conselho de ministros. Hoxha era não só ministro da Defesa, mas tambem presidente do Conselho de ministros e ministro do Exterior.

Circulos fidedignos de Roma declaram, todavia, que não se sabe se perdeu outros dois cargos que tinha: secretário geral do Partido Comunista e presidente do Politburo. Os exilados albaneses em Roma calculam que ha uns 7.000 russos em sua patria, que não conta com mais de 1.000.000 de habitantes. Manifesta-se, por outro lado, que os sovieticos mantêm bases de submarinos na Albânia.

Todavia, os chefes militares aliados declararam que se podia neutralizar, rápidamente, aquele pequeno pais no caso de rebentar outra guerra. Também se diz que há um esquadrão de 40 aviões russos na Albânia, inclusive vários «MIG-15». Em várias ocasiões, os refugiados albaneses acêrca de disturbios em sua patria: revoltas, bombardeios e assassinatos. Não se confirmou, contudo, o informe distribuido em paises estrangeiros por uma agência italiana de que havia começado uma revolução na Albânia. Pessoas de toda confiança declararam que, em Tirana, capital daquele pais, reinava completa calma.

Resurgimento, etc.

(Continuação da 1.ª pagina)

trabalhismo naquele Estado. O sr. Adhemar de Barros contará com o apoio oficial do partido, mas determinará essa aproximação com a cupola do PTB mais uma fragmentação do que resta desse agrupamento em torno da Comissão de Reestruturação do PTB, presidida pelo sr. Rodrigo Barjas Filho.

«PODE ACONTECER»

As declarações atribuidas ao sr. João Goulart, segundo as quais o PTB poderá marchar com a candidatura do sr. Adhemar de Barros em São Paulo motivaram um speech do sr. Barreto Pinto durante a sessão de ontem na Camara.

Disse o orador que estava autorisado pelo proprio sr. João Goulart a declarar que não teve nenhum ehtendimento com o sr. Adhemar de Barros mas — frisou — não estava longe de fazêlo porque, se uma vez marcharam juntos para o Catete, nada obstaria que, de novo, marchassem juntos, desta vez para a conquista dos Campos Eliseos.

Em Bruxelas, etc.

(Conclusão da ultima pagina)

via exposto que a reunião não podia celebrar-se antes de se conseguir êxito nos seus esforços para reconciliar os partidarios e inimigos da Comunidade de Defesa Européia, a menção, agora, da data de 9 de agosto parece indicar que, até aquele dia, se tenha conseguido êxito em tais esforços. Até agora, tudo quanto se fez nesse sentido fracassou redondamente, segundo fontes autorizadas dignas de crédito. Os adversários do plano, encabeçados pelo ministro da Defesa, general Pierre Koening, se negaram a desistir de sua atitude e aceitar uma formula de pacificação que tenha probabilidades de ser aceita pelos vizinhos da França.

RESOLUÇÃO DOS EE. UU.

WASHINGTON, 23 (U.P.) — O Congresso dos Estados Unidos está estudando a conveniência de aprovar uma resolução, redigida em fortes têrmos, que tenha por fim fazer com que a França ratifique o Tratado da Comunidade de Defesa Européia (CDE).

Nos circulos do Congresso informou-se, hoje, que os membros da Comissão das Relações Exteriores do Senado debateram essa idéia com o secretário de Estado, John Foster Dulles, ás portas cerradas, á última hora de ôntem. Esta manhã, não se conhecia a opinião de Dulles a respeito. Não há dúvida, todavia, que tal resolução obteria o apôio de muitos senadores, se bem que alguns deles acreditem que a Farnça poderia interpretá-la como uma ameaça e provocar, por essa razão, mais dano do que bem.

Os partidários da idéia insistiram, não obstante, que a resolução podia servir para que a França ratificasse o tratado da CDE. Este estabelece a criação do exército europêu, integrado pelas forças da França, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Alemanha Ocidental. Resulta, portanto, no rearmamento dêsse último pais e, por essa razão, não o tem ratificado a Assembléia Nacional Francesa. A França e a Itália são os únicos paises que, até agora, não ratificaram o tratado. Uma das possibilidades que os senadores discutiram ontem com Dulles consistia em convocar o Senado — e talvez também a Camara de Representantes, para uma sessão especial para aprovar o acôrdo em que se conceda á Alemanha plena soberania no caso de que não se ratifique o tratado da CDE.

Não se chegou a decisão alguma definitiva sobre o assunto. O presidente da comissão, Alexander Wiley declarou que Dulles voltará a comparecer perante o grupo senatorial na proxima semana.

ATOS DO GOVÊRNO ESTADUAL

(Conclusão da 4.ª página)

co solidariedade absoluta candidatura Cordeiro Farias. Junto minha esposa, filhos, genros. Abraços. a) Pedro Cavalcanti, Esteliana Leite Cavalcanti, Cremilda Cavalcanti, Ruth Cavalcanti, Elcy Cavalcanti, Pedro Cavalcanti Filho, Rui Cavalcanti, Ivo Tenório, Dorgival Leite Piancó, Adolfo Leite Cavalcanti, Edilson Leite Cavalcanti».

De São José do Belmonte — «Reitero vossencia meu apoio candidatura eminente general Cordeiro Farias logo primeiros momentos aquela indicação vários partidos solicitei deputado Oscar Carneiro transmitisse vossencia meu entusiasmo tão alta solução politica pernambucana e reafirmando agora faço inspirado superiores interesses nosso Estado defendi tanto denodo e patriotismo vossencia. Saudações. a) Elay Jaldes».

De Vertentes — «Separados os campos da luta iniciada a batalha ponho-me as ordens de vossencia como bom leal soldado pessedista firme ao lado da candidatura do eminente general Cordeiro de Farias por quem lutarei com entusiasmo e coragem dentro principios honestidade sempre nortearam nosso partido. Cordiais saudações. a) Claudio Correia de Araújo».

De Itapetim — «Povo Itapetim tem o maior prazer convidar solenidade instalação municipio dia 21 corrente oportunidade de passagem general Cordeiro de Farias teremos máxima alegria tributar vossencia nossa gratidão independencia municipio. Respeitosas saudações. a) Padre João Leite, Francisco José Maria, Geraldo Ferreira, Antonio Piancó.»

De Gloria de Goitá — «Estou visitando todo municipio e colhendo certeza gloria marchará firme lado candidatura general Cordeiro de Farias que representa altivez dignidade nosso Estado. Pode confiar vitoria candidato partido eleição 3 outubro próximo. Saudações. a) Reinaldo Carneiro».

De Carpina — Congratulo-me V. Excia. vitoria primeira etapa luta solução nacional. a) João de Petribu».

De Gravatá — «Embora não residindo no nosso Estado tive felicidade assistir imponente reunião Teatro Santa Isabel tirando conclusão V. Excia. repetir atitude patriótica saudoso Senador Borba em 1922. Respeitosas saudações. a) Cesar Nunes Machado».

OSVALDO — Leiloeiro Oficial

ENORME LEILÃO!

Terça-feira, 27 do corrente, às 3 horas da tarde — Na AGENCIA OSVALDO, à Rua da Aurora, 65 — Fone 2096
O LEILÃO SEM PREÇOS LIMITADOS!

Distinta sala de copa, americana: — Primorosos Conjuntos para Dormitorio, Sala de Jantar e Sala de Visitas; — Imponente Bureau, com tampo de vidro; — Otima Estante; — Cadeira de Rodizio; — Geladeira; — Fogões; — Camas «Patente»; — Receptores de Rádio; — «Pick-ups»; — Miudezas e Grande Variedade de Moveis Avulsos.
TUDO VERDADEIRAMENTE AO CORRER DO MARTELO!

(250)

Ainda muito grave,

(Conclusão da 3.ª página)

A. S. e a nioniazida não tenham reabilitado muitos doentes, mas a verdade é que, num balanço posterior, muitas recaidas se hão de verificar, agora já em individuos resistentes ás drogas, o que torna grave o problema.

Infelizmente o arsenal terapeutico atual, de grande valia está sendo mal aplicado, principalmente pelos medicos não especializados, de maneira que se emprega a terapeutica em formas avançadas, do TP cavitarias, ou, cavitarias localizadas que se prestam á cirurgia. O resultado de tão exdruxulas indicações é que o doente de tuberculose, em nosso meio, quase sempre torna-se resistente ás drogas e numa alta percentagem não se restabelece e, quando apela para a cirurgia esta encontra dificuldades de atuação eficiente e não fica a salvo das disseminações pós operatorias por motivo dos doentes se apresentarem resistentes aos antibioticos e quimioterapicos.

O que fazer? Consultar sempre o tisiologo e nunca insistir no uso de antibioticos e quimioterapicos se o caso é avançado, sobretudo se há caverna. Reservando os remedios para o pós operatorio. No caso de querer tentar um quimioterapico lançar mão da isoniazida associada ao P. A. S., reservando a estreptomicina para o pré e pós operatorios. Na realidade, a associação de antibioticos e quimioterapicos, nas formas exsudativas, iniciais, dão resultados satisfatorios, curam os doentes, mas só o especialista é que sabe selecionar os casos que se prestam ao tratamento medico e os que são do dominio da cirurgia, evitando, assim, que os excelentes antibioticos e quimioterapicos esgotem os seus efeitos sem ter alcançado o objetivo principal: a cura do doente.

Lançando-se um olhar no campo da tuberculose vemos que esta doença, no Brasil, assume, agora, feição muito menos grave, como atestam as verificações anátomo-patologicas, tendendo para as formas de predominancia produtiva; e que a terapeutica evoluiu bastante no periodo de 8 anos, com a descoberta de antibioticos e quimioterapicos, de atuação nunca vista, mas, assim mesmo, os problemas da tuberculose continuam complexos, desafiando a perspicacia dos tisiólogos, o estudo dos anatomo-patologistas que investigam nas peças desecadas e, por fim, de tudo isso, vão surgindo normas diferentes no combate á decantada peste branca.

No momento está realizando o VII Congresso Nacional de Tuberculose, no Rio, como sempre sob os auspicios da Federação Brasileira das Sociedades de Tuberculose, e entre os temas a serem discutidos está «Queda da mortalidade por tuberculose, no Brasil, e suas causas». Sei que há relatores e correlatores sensatos, não se deixando entusiasmar pelo fenomeno epidemiologico, mas outros espalharão aos quatro ventos, como se tem feito, o fim proximo da tuberculose, fazendo crêr que a campanha vai ás mil maravilhas, no Brasil, pais ainda em fase de epidemia tuberculosa, com as populações altamente infetadas, baixo nivel economico social e muita ignorancia. Todos devem continuar a trabalhar na luta contra a decantada peste branca e ninguem tem o direito de ensarilhar armas ou reduzir o seu esforço, só porque se alardeia uma baixa de mortalidade que é ainda muito pouco, em face do muito que se tem a fazer.

Estabilidade, etc.

(Continuação da 1.ª página)

o Senado na conferencia mundial de energia, a ser realizada em Quitandinha, entre 25 deste e 10 de setembro.

Foi convocada uma sessão extraordinaria para as 21 horas, por falta de «quorum» na sessão da tarde.

Elaboração, etc.

(Conclusão da ultima pagina)

conduzem á celebração de uma conferencia em breve praso. O gabinete tem tambem diante de si questões de politica exterior tais como as negociações sobre o Canal de Suez, no Egito, e as relativas ao rearmamento da Alemanha, caso não se consiga a formação do exército europeu, segundo os informantes.

MINÉRIOS

ALVES, COSTA & COMP.

DEPARTAMENTO DE MINÉRIOS
Classifica — Compra de toda especie
RECIFE: — Rua das Ninfas 278 — Telefone n. 3354
End. Teleg.: «URANITA»

(111)

ONTEM NO AEROPORTO

(Conclusão da 3.ª página)

jornalista Luis Beltrão, redator da «Folha da Manhã» e presidente da AIP.

Foi passageiro do Constellation da linha domestica da PANAIR.

EM TRANSITO, HOJE, PARA A EUROPA VANJA ORICO

Deverá transitar, hoje, pela madrugada, por esta cidade viajando a bordo do Constellation da PANAIR, da linha Buenos Aires-Beirute, a artista brasileira Vanja Orico, que se celebrizou após o seu aparecimento, no filme nacional O CANGACEIRO, de Lima Barreto. Segundo estamos informados vai primeiramente á Italia e dali até á Alemanha, para posar numa pelicula cuja primeira parte já foi rodada no Brasil.

AVIÕES ESPERADOS HOJE

Quatro aviões internacionais são esperados, hoje, nesta cidade: PANAIR, de Buenos Aires para Beirute; SAS, de Santiago, para Estocolmo; SWISSAIR, de São Paulo, para Zurique e PANAIR, de Frankfurt, para Buenos Aires.

PASSAGEIROS EMBARCADOS NO CONVAIR, DA CRUZEIRO DO SUL, PARA O RIO

Embarcaram, ontem, nesta cidade no CONVAIR, da CRUZEIRO, para o Rio, Guionaldo Valentim Pinto, João Alba, José Feijuel, Celecina Sá Pereira, Mario Moreira Caldas, Waldecy Fernandes Pinto, Carlos H. Dantas, Wilson de Barros Leal, José Guelman, Creusa Guimarães, José Sales, Alfredo Bandeira de Melo, Adalgisa Ribeiro, João G. Ribeiro, Maria J.S. Silva, José Marcolino A. Azevedo, Adolfo Dimenstein, Eurico Gonçalves da Silva, Edward Menezes Caldas, Arlindo Gouveia, Dorothy Costa, Rosa Capanema Auler, Reinaldo Auler, Lynch Edmund James, Maria do Carmo de Souza Pinto, Abelardo C. Pinto, João Carlos Barreto, Eneida Maria da Silva, Oscar Luis da Silva, Aguinaldo Simonetti, Romildo Rodrigues Moreira, Francisco P.F. Cunha, Evaldo Pais Barreto, Alvaro Ramos, Dulce Ramos, José Vieira Simões, Amantino Adorno Vazzão, Yedo Eraiane, Carlos de Lima Cavalcanti, Alzira Cavalcanti, Edilson Rodrigues Lima, Luis Carlos Eul, Anibal Bruno de Oliveira Firmo e Taraílde Simas.

OS QUE VIAJARAM PELO CONSTELLATION DA PANAIR

Viajaram para o Rio, pelo Constellation da PANAIR: Aguinaldo Xavier Pessôa, Florivaldo Vieira, João Silva, Maria Silva, Mercia Moura, Luis Lins, George Pimentel, Clarice Pimentel, Celina Maria Pimentel, Alfredo de Arruda Camara, Carlos Martins Rodrigues, Moisés Khaiserverim, José Lopes Santos, Maria dos Anjos Santos, Marina Leitão, Aroldo Alves, William Beattie, Eduardo Santos, Alice Falcão, Jorge Campelo, Evaldo Barreto, Cesarina Barreto, Leonor Leão Barreto, Cesar Leão, Marina Jayes, Roberto Monteiro, Joaquim Oliveira, Yladir Maranhão, Edison Garcia, Maria Bernardete Martins, Ana Maria Martins, Maria do Carmo Dias Martins, João Dias Martins, Mario Pimentel, Dulce Pimentel, Inocencio Almeida, Eduardo Cruz, Milton Albuquerque, Maria da Penha Albuquerque, Milton Albuquerque Filho, Manoel Rodrigues, Jean Louis Marfaing e José Maia de Paiva.

MOVIMENTO DOS AVIÕES DE CABOTAGEM

Passageiros embarcados, ontem, nesta cidade, nos aviões da PANAIR: para Maceió, Francisco Vilas-Bôas, Carlos Andretta, José Carlos Camargo, Ivo Braga, Mario Pereira; para Salvador, Oswaldo Bratke, Helena Bratke, Carlos Bratke; para Salvador, José Sand, Mariano Lima, Otavio Mobiglia, Antenor Silva, Oswaldo Fiore, Idamya Busim, Paulo Nunes, Isa Almeida, Mauricio Lopes, Orlando Leme, Manoel Vilar, Leda Carvalho, Mary Proença, Roberto Pavez, Caetano Liberatore, Ricardo Capanema, Bruno Hermany, Flavio Figueiredo, Aldo Danra, Paulo Catunda, Helena Rodrigues, Maria Rodrigues, Sonia Escher, A. Ferreira Matos, Ney Bianchi, Maria Kelly Santos; para o Rio, Edith Santos, Joaquim Santos, José Pereira Sobrinho, Edmundo Alves Lima; para João Pessoa, Antonio Cruz, Nemesio Miguez, Cristiano Davis, Cecil Davis; para Natal, Augusto Alves; para Fortaleza, Diva Oliveira, Mauricio Tigre, Maria Alice Tigre, Armando Almeida, Tereza Belo, Manoel Maranhão, Francisco Queiroga; para Parnaiba, José Malheiros; para São Luis, Luis Gregorio Bastos; para Belem, Robert Fielden, Myra Jane Fielden, Gary Lee Fielden, Anita Jane Fielden e Martin Muler.

Pela CRUZEIRO: para Salvador, Leonardo Arantes Coelho; para o Rio, Maria Georgina Dantas Gomes, Delcio Fonseca, Bernard Dubu, Violet Broad, Martin Broad, Leonard Broad, Peter Neil, Luis Gonçalves; para Fortaleza, Adriano Martins, Edna Eloy da Costa e Mario Eloy da Costa.

Pelo LOIDE: para Maceió João Felix da Silva, Manoel L. Vasconcelos, Rubens de Moura, José Rojas, Maria Amalia Edgmont, Gustavo Edgmont, Cesar Belo, Isaac Soares, Henedina Teixeira; para Salvador, Daniel Luis Berrosta, William Simpson, Michael Niximof, Roberto Neves, Eduardo Rodrigues de Araujo, Avian Cornisteann, José Ferreira Lustosa, Anibal Americo Simões; para o Rio, Antonio Vauttilatti, Diogenes Xavier Soares, Waldemar Luis da Silva, Hermes Enéas Coutinho; para São Paulo, Dalila Bezerra de Carvalho, Izolina Bittencourt, Josefa Maria de Conceição Simon ou Magnus Sigvard, Maria da Conceição Jorge; para Belo Horizonte, Alberto Souza.

Pela REAL: para Maceió Roberto Campos, José Geraldo Maia, José Oliveira Silva, Joaquim Barros Correia, Viegas Mario Duarte, Alvaro Pais, José Rodovalho, Nicacio Pinto do Rego; para Salvador, Maria Adelaide Tarquinio, Maria Julia Xavier; para o Rio, Mario Baras, Abrahão Kaufman, Tuba Averbuch, Jaime Averbuch, Miriam Averbuch, Rosa Manculio, Rosa Manculio, filha, Leonardo Manculio, Maria Rodrigues, Severino Silveira Tavora, João Agripino e Alberico Fonseca.

Pela VARIG: para Maceió, Rodolfo Manoel, Benedito Coutinho, Amaro S. Souza, irmão Braulio, irmão Rodolfo, Heriberto Rodrigues; para Aracajú, Roland Munique; para o Rio, Ivo Renard, Domingos Hidalgo, Jobi Straffer; para Natal, Cornelio Giordanette, José Fiuza Lima, Helder Mesquita, Faustino Alves da Silva, Alcindo Guimarães, Jurandyr Silva e José Vieira.

Pela AEROVIAS: para Maceió José Costa; para Aracajú, Oswaldo Alves, Jordano Silveira, Alcides Silva; para Salvador, Renato dos Santos, Wilson Lelo, Samuel Barbosa, Joaquim Beato, Cilas Reis, Jonas Lima, Vicente Machado, Jurandir Rodrigues, Jeronimo Rocha; para o Rio, Rubens Ribeiro, Henrique Yampolsky, Rosil Lacerda, Ivany Delgado, Berta Tabatchnik, Maria Menezes, Naiel Mutchnik, Jorge Cubis, Ozéas Ferreira, Betty Silveira, Daisy Silveira, Roberto Correia, Davina Andrade, Alcindo Pereira, Aldeck Palacio; para São Paulo, Rubem Souza, Felipe Campos, Guilherme Kerr, Abigail Braga, Maria Sampaio.

Rasgou, etc.

(Continuação da 1.ª página)

e rasgou tudo em pedacinhos gritando: «Vou prestar homenagens á Justiça e á maioria desta Casa, quando esta afastou do processo os dois principais responsaveis e aquela quando absolveu, o maior responsavel. A unica satisfação que tenho para comigo mesmo é esta: rasgar o inquérito. E o faço».

E rasgou mesmo, deixando a tribuna, após breves considerações.

O sr. Arnaldo Cerdeira falou elogiando o lançamento do nome do sr. Brochado da Rocha como candidato ademarista ao governo gaucho. Os srs. Flores da Cunha e Pagnoncelli exaltaram o «Dia do Colono».

O ATENTADO

O sr. Chico Macedo comentou o noticiario relativo ao atentado contra o general Estilac Leal, dizendo ser absurdo que um paraguaio venha ao Brasil para participar de uma trama subversiva.

Plano para

(Continuação da 1.ª página)

mar ou desmentir a noticia divulgada.»

Aignda no gabinete do general Zenóbio, o reporter foi informado de que nenhuma nota seria distribuida, hoje, a respeito dos acontecimentos de São Paulo. O gabinete do ministro está aguardando a conclusão do inquérito, que se processa em São Paulo, e seu envio ao Rio. Nos escritórios da «Real de Transportes Aéreos» o reporter ouviu o sr. José Magalhães, gerente da empresa no Rio. Declarou que nenhum tripulante de nome Denis trabalha na companhia, acrescentando que também não tivera conhecimento até aquele momento da prisão de qualquer funcionário da «Real» em São Paulo.

Sob o céu italiano

(Conclusão da ultima pagina)

los Gomes, consagrado pela platéia italiana nas celebres noites do «Guarany» e do «Escravo». O zelador do Museu nos explica que um acidente, felizmente sem maiores consequencias, estragara dias antes o pedestal sobre o qual ficava o busto do imortal compositor brasileiro. E sabendo-nos brasileiro, disse, num sorriso: «Carlos Gomes voltará ao seu lugar, por sinal destacado, no centro deste grande salão. Isto é, seu busto voltará, porque ele, pela sua musica, pela lembrança que deixou do seu talento jamais estará ausente, um só minuto do Scala.»

GALERIA VITORIO EMANUELE

Saindo da Praça do Scala o caminho mais agradavel é atravessar a Galeria Vitorio Emanuele, outra obra de arte. Gigantesca, a galeria Vitor Emanuel liga a praça do Scala a outra praça não menos famosa: a praça Duomo. No seu interior, ao longo das duas verdadeiras avenidas que se cruzam exatamente na parte central da galeria, estão lojas e cafés, com tudo que a pessoa desejar comprar. Para ter uma idéia da Galeria basta dizer que a cupula central é mais alta que o edificio do DIARIO.

Uma espiada demorada pelas vitrines nos dá uma idéia dos preços das coisas na Italia. Se uma sanfona é baratissima, custando uma Scandalli de 120 baixos até 50.000 liras, ou sejam 5.000 cruzeiros em moeda brasileira, outros artigos, como peças do vestuario, são cobrados por preços altos. Um sapato de classe media não fica por menos das 6.000 liras, ou quase 600 cruzeiros.

Quando deixamos a Galeria Vitor Emanuel, considerada desde a sua construção em 1878 como a mais vasta passagem coberta da Europa, vamos ter á praça Duomo.

A CATEDRAL DE MILÃO

«Piazza Duomo» é a praça da Catedral famosa em todo o mundo. Diante do maravilhoso templo uma parça simples e ampla, toda mosaicada na sua parte central. Ali, diante da Igreja, se concentram centenas de pombos e é costume dar de comer ás avesinhas, — que baixam para vir buscar o alpiste nas mãos da gente. Claro que os vendedores de alpiste se encontram pertinho, cobrando 100 e 150 liras pelo saquinho.

A Catedral é considerada uma das sete maravilhas do mundo. Em estilo gotico, sua construção foi iniciada em 1386. Como todos os grandes templos catolicos que visitamos até hoje na Europa, entre eles a Catedral de Colonia, seu interior é simples e confortador.

E' ela o maior monumento de Milão, onde ainda se destacam como pontos de interesse o Palazzo Marino, na praça do Scalla; os museus Poldi e Brera, as colunas romanas de São Lourenço, o monumento ao Soldado Desconhecido e a praça do Mercado.

Não nos foi possivel visitar o Cemiterio Monumental, universalmente conhecido pelos seus manumentos funerarios altamente artisticos.

Haviamos demorado na Basilica de Santo Ambrosio, construida no ano de 386, renomada por suas esculturas, pinturas e mosaicos de grande valor historico. Lá estão os tumulos de Santo Ambrosio, São Gervasio e São Protasio.

REMINISCENCIAS DA GUERRA

A curiosidade de ver uma area com as marcas da guerra nos fez ir até o fim da via Torino e da via Meravigi até Corso Magenta. Nos suburbios da cidade ainda existem marcas do conflito, em ruinas de velhos predios.

E' tudo muito pouco, porém, para fazer lembrar que a Italia atravessou um periodo tão duro de sua historia. O poder de recuperação, a força do trabalho e da produtividade da gente peninsular puderam reerguer Milão, conservando seus encantos historicos, sem prejuizo de suas caracteristicas de cidade moderna e atraente.

Pernambuco Tramways & Power Company, Limited

AVISO

«A PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER COMPANY, LIMITED», comunica aos seus consumidores que, de acordo com a autorização do Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Publicos, no proximo domingo, dia 25 de julho de 1954, nos locais e horas abaixo mencionados, será interrompido o fornecimento de energia eletrica, com o fim de trabalhar na conservação e melhoramento de suas redes de distribuição.

ENTRE 6.30 E 11.30 HORAS

Rua Imperial — Largo da Paz — Estrada dos Remedios — Vila dos Remedios — Rua São Miguel — Rua da Mangueira — Ibura — Vila do Ibura — Vila Dois Rios — Av. Liberdade — Engenho Curado — Dua Falcão Lacerda — Cavaleiro — Av. Manuel Rabelo — Estrada de Sucupira — Socorro — Municipio de Jaboatão e adjacências.

A ADMINISTRAÇAO

(216)

FATOS DIVERSOS

(Conclusão da 5.ª página)

tória daquele Juizo ao juiz de Direito da 2.ª Vara Criminal do Recife.

A 22 de março de 1953, em companhia dos individuos Valdonio da Silva Peixe, vulgo Vavá; José Augusto Marques, apelidado por **Baiano**, e José Pastor, conhecido pela alcunha de **Zezé**, Jorge Manoel do Nascimento promoveu várias libações alcoolicas á rua Imperial, no Largo da Paz, em Tegipió e em Sucupira, cujo Posto Fiscal invadiu para agredir o inspetor de trânsito José Venancio de Albuquerque e seus auxiliares Francisco Xavier Bion e José Manoel de Souza, ferindo-os a cacête.

Valdonio da Silva Peixe e José Pastor já cumpriram as penas a que foram condenados, faltando agora ser capturado **Baiano**, que continúa homisiado em lugar desconhecido da policia.

— A's 10 horas, em frente á praça do Grande Hotel, no Cais Martins de Barros, o investigador n. 89, Aquilino Alves dos Santos, auxiliado por seu colega Luiz Gonzaga da Silva, efetuou a prisão do réu Alexandre Freire de Rezende.

Está, tambem, condenado pelo juiz de Direito de Jaboatão a cumprir á pena de 2 meses e 15 dias de prisão simples, como incurso nas sanções do art. 19 (porte ilegal de arma), da Lei das Contravenções Penais, de acôrdo com a carta precatória remetida por aquele Juizo ao juiz de Direito da 5.ª Vara Criminal do Recife.

Alexandre Freire foi preso a 4 de novembro do ano passado, na séde do municipio de Jaboatão, quando a policia local o surpreendeu portando uma pistola **Mauzer F. N., calibre 6,35** mm., tendo o infrator deixado que o processo corresse á sua revelia.

Apanhado pelo policial em estado de coma na rodovia

A's 10 horas de ontem, o fiscal-geral da Delegacia de Trânsito, Ernesto, foi deixar na sala de curativos do Pronto Socorro um popular que, momentos antes, apanhára desacordado em plêna rodovia Carpina-Páudalho, no trecho denominado mata de São João.

Aquele policial, prestando declarações ao investigador Olivio Aureliano de Castro, referiu que regressava ao Recife, quando percebeu um corpo prostrado em meio da estrada.

O desconhecido, de quem apenas se sabe o apelido — **Parnaiba** — entre outros ferimentos, apresentava incisões no rosto, tudo indicando que foi vitima de bárbaro atentado. Em seu poder não se encontrou documento de espécie alguma e continúa recolhido ao HPS, em observações, sem falar.

Hoje os debates, etc.

(Conclusão da 1.ª pagina)

nistro da Agricultura, prestou ao sr. Agripino os seguintes esclarecimentos, relativos á convenção da UDN:

«Cleofas votou a descoberto no general Cordeiro de Farias, timbrando em chamar atenção para essa maneira de proceder, sabidamente irregular. Fez um trabalho ostensivo junto aos convencionais em favor do general Cordeiro.

Essa preocupação de provar aos demais convencionais e a toda gente se destinava a mascarar as manobras que, na mesma ocasião, realizavam os elementos queremistas. Não escapou ao menos aos observadores o fato de o deputado Pio Guerra, pessoa da absoluta confiança de Cleofas, interomper a passagem de inumeros convencionais que se dirigiam ao gabinete indevassavel».

MODIFICAÇÕES NOS ESTATUTOS DA UDN

RIO, 23 (Meridional) — O TSE aprovou as modificações introduzidas nos estatutos da UDN, inclusive uma emenda, do sr. João Agripino, que pune os casos como o de Cleofas de quatro maneiras: com a advertencia sigilosa; com advertencia pública; com desligamento temporario e afinal, com exclusão pura e simples.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

Solidariedade, etc.

(Continuação da 1.ª página)

vantado contra Getulio Vargas, ainda e sempre decidido a destruir os fundamentos civicos e morais do regime destaurado a 29 de outubro, o partido do brigadeiro tem de ser, por definição, a força primordial de resistencia ás manobras do impenitente autor do golpe de 37.

Perde, porisso, o direito ao uso da nossa gloriosa legenda qualquer grupo que se rebele contra a orientação de Eduardo Gomes e se alie ao nosso incansavel adversario. Trazendo ao velho companheiro os protestos de irrestrita e fervorosa solidariedade no momento em que reassume a sua atitude de luta em prol da dignidade de Pernambuco e defesa dos ideais democraticos, formulo ardentes votos pela vitoria da causa personificada pela candidatura Cordeiro de Farias que, como general, reacende hoje nas almas bem formadas as labaredas de suas ardentes aspirações. Abraços. Odilon Braga."

LANÇADA A CANDIDATURA BROCHADO DA ROCHA

PORTO ALEGRE, 23 (Meridional) — Na convenção do PSP, realizada ontem á noite, foi lançada a candidatura do deputado Brochado da Rocha ao governo gaúcho. Essa candidatura virá cindir violentamente o PTB do Estado, retirando grande número de votos que seriam antes dado ao sr. Alberto Pasqualini, reforçando, assim, a posição do sr. Ildo Meneghetti já apoiado por forte coligação de partidos.

O general, etc

(Continuação da 1.ª página)

hoje, a esta cidade, o general Cordeiro de Farias e sua comitiva para encerrar a primeira etapa de sua campanha politica como candidato ao governo do Estado.

A's 21 horas, realizou-se, em frente á Prefeitura local, o comicio de encerramento que constituiu uma verdadeira consagração á candidatura do ilustre militar. Nele tomaram parte o deputado federal Ulisses Lins, o jornalista José Antonio de Souza Leão, o sr. Evandro Paiva Onofre, em nome do prefeito, professor Dercilio Gomes, em nome do PDC; udenista Juarez Gomes Lopes, vereador Ubirajara Chaves, em nome do PSD, universitario Carlos Pena Filho, deputados Oscar Carneiro e Clélio Lemos e o general Cordeiro de Farias. Constantemente, foram aplaudidas as referencias elogiosas feitas ao governador Etelvino Lins, filho desta cidade.

O medico Raul Lafayette ofereceu um jantar ao candidato coligado, ao qual estiveram presente sas figuras representativas dos diversos partidos politicos que se acham unanimemente unificados em torno da candidatura do general Osvaldo Cordeiro de Farias.

O candidato coligado compareceu a uma festa no clube local e esteve, por muito tempo, em companhia do deputado Ulisses Lins, d. dr. Raul Lafayette e membros de sua comitiva, no Clube dos Carroceiros, recebendo entusiasticas manifstações do povo humilde de Sertania.

A impressão deixada no espirito do povo de Sertania pelo candidato escolhido pelos principais partidos para a disputa do cargo de governador do Estado fôi a melhor possivel, causando mesmo a melhor impressão possivel.

Loteria do Estado de Pernambuco

273.ª EXTRAÇÃO

1.457 PREMIOS — 23 de julho de 1954 — PLANO «R»

1.º PREMIO — 0968 — Cr$ 50.000,00 — RECIFE
2.º PREMIO — 6444 — Cr$ 4.000,00 — RECIFE
3.º PREMIO — 9294 — Cr$ 3.000,00 — RECIFE
4.º PREMIO — 8500 — Cr$ 2.500,00 — RECIFE
5.º PREMIO — 8038 — Cr$ 1.500,00 — RECIFE

Os números 0967 e 0969 (aproximações anterior e posterior do 1.º premio) estão contemplados com Cr$ 2.500,00.

Os bilhetes terminados em 968 (centena do 1.º premio) Cr$ 400,00.

Os bilhetes terminados em 444 (centena do 2.º premio) Cr$ 300,00.

Os bilhetes terminados em 294 (centena do 3.º premio) Cr$ 200,00.

Os bilhetes terminados em 65, 66, 67 e 68 (dezenas do grupo do 1.º premio) estão contemplados com Cr$ 25,00.

TODOS OS BILHETES TERMINADOS EM 8 (FINAL DO 1.º PREMIO) CR$ 25,00.

Bilhetes contemplados com Cr$ 800,00 — 2715 — 2875 — 2305 — 4818 — 4645 — 4256 — 5275 — 6306 — 7441 — 7886.

Bilhetes contemplados com Cr$ 500,00 — 0900 — 0010 — 0800 — 2896 — 3341 — 3806 — 5662 — 5433 — 6135 — 6823 — 7302 — 7988 — 8320 — 9903 — 9861.

Bilhetes contemplados com Cr$ 300,00 — 0924 — 0075 — 1088 — 1223 — 1947 — 2862 — 2672 — 3104 — 4337 — 5705 — 6036 — 6220 — 7836 — 7892 — 7097 — 7254 — 7857 — 8626 — 8714 — 8114 — 9977 — 9762 — 9953 — 9990 — 9403.

Bilhetes litografados em fundo bêje com dizeres em tinta verde.

Recife, 23 de julho de 1954.

ILEGÍVEL

CASAS

BAIRRO DO RECIFE

ALUGAM-SE salas e salões amplos e confortaveis, no Edificio Alfredo Fernandes. Tratar na Administração do mesmo, sala 413. (243)

BAIRRO do Recife — Salas para escritorio. Alugam-se no Edificio São Gabriel Anexo, à rua da Assembleia, 47 — Fone 9568. (19868)

SANTO ANTONIO

ALUGA-SE o quarto andar do predio n.º 203, sito à rua Nova, bairro de Santo Antonio, com os seguintes comodos: 3 quartos, 2 salas, cozinha, banheiro, servindo para uma bôa pensão, com bastante agua, servido a motor. Preço Cr$ 1.300,00. Tratar com o Sr. Fonseca — Rua Direita n.º 6. (22134)

ALUGA-SE — Uma boa sala para escritorio à rua Matias de Albuquerque n. 81 — 2.º andar — (atraz da rua Nova). Tratar com o Sr. Pires. (22808)

ALUGA-SE um otimo quarto de varanda, com bastante agua e arejado, com ou sem refeição, a rapaz ou a casal sem filho. Rua Nova, 203 — 2.º andar. (22449)

ALUGA-SE uma vaga para bureau à Avenida Guararapes, Edificio Santo Albino — 7.º andar — sala 726. (22431)

ALUGA-SE parte de uma sala, para pequeno escritorio, no centro da cidade, com moveis, luz e telefone. Informações com H. Matos, fone 6887 — das 10 às 11 e das 14.30 às 19 horas. Praça da Independencia, 75 — 1.º — sala 3. (altos Salatiel). (22401)

OTIMO ponto — Para qualquer negocio, especialmente para uma agencia de Banco. Casa antiga, necessitando de reforma de acôrdo com o gosto do pretendente. Area de duzentos metros quadrados aproximadamente. Não tem luvas. Aluguel oito mil cruzeiros mensais. Ver na rua da Palma 263 e tratar na Casa J. Lopes 61A.

SÃO JOSÉ

ALUGA-SE — Uma sala, a casal sem filho ou para fins comerciais. Tratar: rua Imperial, 748.

ALUGA-SE por 2.300,00 mensais, otimo salão comercial, de esquina, em rua de grande movimento, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

A' rua Imperial, 897, precisa-se de uma pessoa para cuidar de duas criancinhas, no horario das 12 às 18 horas. (22470)

ALUGA-SE um otimo quarto, a casal sem filhos ou rapaz solteiro, com entrada independente, fogão, lavador, em ambiente selecionado. A tratar à rua Capitão Temudo, 56 — Cabanga. Preço Cr$ 300,00 mensais.

ALUGA-SE uma sala grande, um quarto de frente; serve para qualquer negocio, quase esquina, com à rua São João. Tratar à rua Augusta, 542, ou com Vitoria na Tinturaria Zéferreira — Rua Nova. (22643)

ALUGA-SE sob contrato de 2 anos, uma casa, frente moderna, na rua dos Pescadores n.º 85, com 4 quartos, 2 salas grandes, corredor, cozinha com balcão, banheiro, lavandaria e muita agua. Forrada e mosaicada. Cr$ 2 800,00. Tratar na rua São João n.º 303 — 1.º andar. (22613)

ALUGAM-SE uma casa e um 1.º andar, à rua Vidal de Negreiros, bom local, comodos regulares. Muita agua, fornecida por motor eletrico. A tratar à Estrada de Belém, 393. (22424)

ALUGAM-SE à rua da Concordia n.º 781, a loja, parte do primeiro andar e um apartamento residencial no 2.º andar, tratando-se com Leite, à rua do Brum n.º 106, fone 9202. (22427)

ALUGA-SE separadamente, o primeiro andar e o segundo, do predio à Praça Sergio Loreto 405, tendo cada andar, dois amplos salões sanesdos, servindo somente para fins comerciais. A tratar na rua Sete Setembro n.º 127 (21723)

PENSÃO Arcoverde — Rua da Concordia 706 — oitão. Pensão familiar. Alimentação sadia e variada, quartos com janelas, terraço e 1.º andar terraço para refeições. Aceita-se mensalistas e diaristas, dormidas e refeições avulsas. Rua da Concordia, esquina com São João, muito central, perto de transportes de onibus e estradas de ferro, onibus para todas as linhas. (22459)

POR 3.600,00 mensais, aluga-se sem luvas, um excelente salão comercial, à rua Passo da Patria, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

PASSA-SE a chave do 1.º andar, muita agua, ventilado, 2 quartos. Motivo viagem. Imperial, 265 — Praça Sergio Loreto. (22422)

SALAS isoladas e salas conjugadas para grandes escritorios. Alugam-se boas salas para escritorios, em edificio novo, servido por 2 elevadores, à rua da Detenção 66. (400)

AFOGADOS

ALUGA-SE uma otima casa, na Estrada dos Remedios, a tratar no Beco do Araujo n.º 27 — Estrada dos Remedios. (22009)

ESTRADA dos Remedios — Aluga-se casa acabada de construir Cr$ 1.400,00 mensais. Informações telefone 28.371. (22421)

PREÇO de Ocasião — Vende-se uma casa, com 10 comodos, quintal grande, situada à 6.ª rua — Vila São Miguel n.º 251 — Afogados. Motivo viagem. (22229)

VENDE-SE uma casa à rua S. Miguel, 348, em Afogados, casa muito grande, com 1.º andar e grandes comodos, tanto no andar terreo, como no 1.º, com 4 salas e 6 quartos, saleta, cozinha, 2 sanitarios, sendo um completo, quarto sanitario fora para empregadas, grandes terraços no andar terreo e no 1.º; dezenove metros de frente por 112 de fundo, já murado e com portão de ferro dando para outra já aberta, prestando-se tambem maravilhosamente para a construção de 20 apartamentos. A tratar com Silva Pereira, na Avenida Dantas Barreto, 38. Está aberta para correr a qualquer hora. (22620)

VENDO a casa n.º 250, à rua São Miguel, Afogados, com os seguintes comodos: 2 quartos, 1 sótão, 3 salas, cozinha com azulejo, WC completo, lavandaria, quintal. A tratar na mesma. (22633)

ESTANCIA

ALUGAM-SE 3 casas acabadas de construir, à rua Santos Araujo e paralela a mesma, com sala unica, 3 quartos e demais dependencias. Chaves para ver, à rua São Miguel, 348, com João Francisco. A tratar à Praça da Casa Forte, 407. (22628)

VENDE-SE a casa, sita à rua Carlos Laet, 144, com 3 quartos, 2 salas, sala de copa, banheiro e cozinha. A tratar: Edificio Seguradora — 8.º andar — sala n.º 814. (22340)

JARDIM S. PAULO

ALUGA-SE por 1.200,00 mensais, uma confortavel casa, em otimo local, a tratar diariamente das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco (22467)

BOA VISTA

ATENÇÃO — Na "Pensão das Moças", em ambiente exclusivamente feminino, aceitam-se pensionistas de boa conduta. Rua do Riachuelo n.º 433. (22471)

ALUGA-SE uma otima loja, na rua da Matriz n.º 37. A tratar à rua do Aragão, 70. (22639)

ALUGA-SE na Boa Vista, à rua das Fronteiras, 1.º andar residencia confortavel, sala, terraço, 4 quartos, 2 sanitarios, copa e cozinha. Tratar: Penha, 68 — com José. (22634)

ALUGAM-SE na Hospedaria, à rua da Imperatriz n.º 41 (2.º andar). Quartos com entrada independente, como tambem quarto de frente e camas avulsas. Bem arejado, higienico e muita agua. A tratar com D. Terta. (22463)

ATENÇÃO — Aluga-se um quarto em casa de familia. Fornecemos refeições a moças, rapazes e a domicilio. Edif. Ruth — apto. 304 — Travessa do Veras. (22314)

ALUGA-SE casa de 2 pavimentos, 3 quartos, sala unica, terraços, 3 sanitarios e dependencias à rua General Semeão, 184. Tratar rua Nova, 306 — 2.º — sala 306 — Severa. (22128)

ALUGA-SE à rua D. Bemvinda, 101 (Praça Chora Menino), uma casa, com 3 quartos, sala, banheiro completo, quarto e banheiro p. empregados. A tratar junto n.º 89. (22416)

ALUGA-SE a sala n.º 1, do predio sito à rua da Imperatriz n.º 35, prestando-se para consultorio medico e dentista. Tratar no mesmo endereço, com o Sr. Manoel. (22046)

ALUGA-SE à rua Velha, 37 — 1.º andar, com 7 salas, 2 saneamentos, grande corredor, o mesmo serve para consultorio, laboratorios e escritorios. Tratar: Hospicio n.º 63. (22443)

ATENÇÃO — Alugam-se quartos, bons, arejados, a rapazes, moças ou casal sem filhos, tambem uma garage servindo para rapaz, com refeição. Ambiente familiar. D. Bosco n.º 554, em frente ao Colegio Salesiano. (22371)

ALUGAM-SE quartos com janela, no primeiro andar, em ambiente completamente familiar à rua do Riachuelo, 413. (22287)

ALUGAM-SE quartos e vagas, com janelas e com ou sem refeições, a rapazes e casais sem filhos, Casa terrea. Rua da União 243. (22450)

ALUGAM-SE 2 quartos conjugados na Boa Vista, localizados à rua das Fronteiras n.º 274 — 1.º andar — apto. 4, a rapazes, moças ou um casal sem filhos. (22281)

ALUGA-SE — Um bom salão comercial, servindo para armazem, amplo escritorio ou laboratorio em predio novo, situado a rua Velha n.º 365 (Boa Vista). A tratar à Praça Arsenal da Marinha n.º 237 — telefone 9178. (22124)

ALUGAM-SE quartos com janelas, no 2.º andar, do predio, no Largo de Santa Cruz, 418, a casais sem filhos pequenos e a senhores de bom comportamento. (22400)

ALUGAM-SE quartos, com refeições, à Avenida Manoel Borba, 71. A tratar pelo fone 4138. (21968)

ALUGA-SE sob contrato, otima casa comercial, à rua da Soledade, 413. Informações com Fernando no Reculador da Marinha, à rua Nova, 223. (22263)

ALUGA-SE na Boa Vista, à rua Velha, 302, uma casa, com 4 quartos, 2 salas, 1 copa, 2 cozinhas, 1 fogão a gás e 1 garage. Tratar junto no n.º 300. (22232)

ALUGAM-SE otimos e confortaveis quartos, a casal sem filhos e a rapazes idoneos, com ou sem refeição. Ambiente familiar. Barão de São Borja, 162. (22005)

CASA na Boa Vista — Aluga-se um primeiro andar, com 3 quartos, duas salas, terraço, copa, cozinha com armario embutidos, banheiro completo e dependencias para empregados. À rua Marques de Amorim, 219. Tratar no terreo. (22140)

LOJA e Deposito — Alugam-se juntos ou separadamente, podendo ainda, a loja ser dividida pois dispõe de dois serviços sanitarios. Area da loja — 90 mts 2. Area do deposito — 200 mts 2. Predio recem-construido, otimo acabamento, situado na rua Barão de São Borja n.º 199. Preços acessiveis. Tratar à Avenida Marquês de Olinda, 191 — fones 9684 e 9734. (56)

PENSÃO Santa Terezinha — Alugam-se quartos com ou sem refeições. Ambiente familiar de fino trato. Avenida João de Barros n.º 1455. (187)

SALA Comercial — Servindo para deposito, laboratorio, loja, etc. localizada à Avenida Manoel Borba, 62. Ver das 9 às 17 horas. (22335)

VENDE-SE uma casa de comodos, na rua Conde da Boa Vista, 12 quartos, servindo para pensão. Preço 35.000,00. Fiador idoneo. A tratar: rua da Soledade, 433 — Mario. (22030)

ZUMBI

VENDEM-SE 3 casas, em terreno proprio, à Travessa do Fidelis, Zumbi, dentro do alinhamento, agua e luz. A tratar à Av. Caxangá, 855. (22321)

CORDEIRO

ALUGAM-SE 2 casas modernas, recentemente pintadas, sitas à rua Francisco Vita ns. 229 e 241, com 3 quartos internos, 1 externo, sala unica, cozinha, banheiro, 2 terraços e um lavatorio. Tratar na Praça do Mercado de São José n.º 204. Chave no n.º 241, na mesma rua. (210)

APARTAMENTO no Cordeiro — Aluga-se um apartamento no Cordeiro, sito a Avenida Caxangá n.º 1783, com sala, 3 quartos, cozinha e banheiro duplo. Chave diariamente, no n.º 1793 Farmacia São Sebastião — Cordeiro. Condições. Tratar pelo telefone 2377, das 14 às 15 horas. Diariamente. (22460)

CASAS para Aluguel — Cordeiro — A tratar na Usina Ceramica — Rua Eliseu Cavalcanti s/n. — transversal da Avenida Caxangá, altura do n. 1512, ou pelos fones 28063 — 28603 — 9368. (21601)

CASA no Cordeiro — Aluga-se uma à rua Fco. Vita, recuada, toda estucada, sala unica, 2 gabinetes, sendo um completo, 3 quartos internos e um externo. Informações à rua Sete de Setembro n.º 297, ou pelo fone 4198. (22456)

VENDE-SE magnifica casa à rua Capitão João Roma n.º 52, no Cordeiro com 4 quartos, copa, cozinha, sanitarios, toda mosaicada. Facilita-se parte do pagamento. A tratar com J. Rodrigues — Rua Conde da Boa Vista n.º 1214, das 7 às 9 e 12 às 14 horas. (22420)

IPUTINGA

ALUGA-SE casa moderna, recuada, oitão livre, murada, sala, 3 quartos e dependencias. Tratar à rua da Conceição, 140 — Boa Vista. Preço Cr$ 1.000,00. (22640)

VENDE-SE na Iputinga, a 60 metros da Avenida Caxangá, uma casa, com 4 quartos, sala, cozinha, 2 saneamentos, 2 terraços, entrada para automovel, pelo preço de Cr$ 270.000,00 à vista. A tratar com Osvaldo — Rua 7 de Setembro n.º 42 — Fone 2628. (202)

VENDEM-SE duas casas recem-construidas para pronta entrega na 2.ª rua transversal a Alusio Baltar, em Monsenhor Fabricio — Iputinga. Tratar com o Sr. Domingos, na casa n.º 658, da mesma rua. (22461)

GRAÇA

ALUGA-SE moderno apartamento, com 2 salas, terraço, 6 quartos, sendo 2 externos, 2 banheiros, um completo, cozinha com fogão a gás, dispensa, garage, lavandaria e quintal, à rua Anunciada, 166 — 1.º. (22636)

EDIFICIO Sylla — Aluga-se um apartamento confortavel n.º 2, 1 sala, 4 quartos, 2 banheiros, sendo 1 completo, cozinha, dispensa, quintal, jardim. Bruno Maia, 332 — junto Colegio Agnes. Tratar Conde Boa Vista 839 — tel 3449. Preço modico. Chave apto n. 1 (22130)

CAPUNGA

APARTAMENTO — Aluga-se à rua das Pernambucanas n.º 45 1.º, otimo apartamento, com terraço, sala unica grande, três quartos internos, um externo, dois saneamentos, lavandaria, cozinha completa e pequeno quintal. A tratar pelos fones 7975 e 6985. (710)

ALUGA-SE um apartamento com dois quartos internos e um externo, sala unica, cozinha, dois WC, um completo, sito à rua João Ansberto Lopes n.º 70, na Capunga, chaves no andar terreo, para correr e a tratar com Raul, no Cajueiro, lote 2, quadra 55, todos os dias das 12 às 14 horas e aos domingos o dia todo. (22625)

ALUGA-SE uma casa de construção moderna, com dois pavimentos, à rua Guilherme Pinto n.º 94 — Capunga. A tratar no Banco Central de Pernambuco. (21911)

VENDE-SE uma boa casa, à rua da Alegria, 247, a tratar à rua Amaro Bezerra, 379 — Capunga. (22365)

PRADO

POR 2.000,0 mensais, aluga-se uma otima casa terrea, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens, do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

TORRE

ALUGAM-SE 4 casas novas, sendo duas na rua Real da Torre, junto ao numero 1453 e duas na rua Vicente Ferreira (por traz das primeiras) com os seguintes comodos: 2 pavimentos: no primeiro, 4 quartos, WC, banheiro completo, hall; no terreo, salas de visitas e de jantar, terraço, WC copa, cozinha, quartos para empregados, garage, WC, banheiro para empregados, lavandaria, etc. Tratar pelo telefone 9469, com Braulio. (22603)

ALUGA-SE uma casa, à rua Jaguaribe, 37 c/ 4 quartos, 2 salas, 2 saneamentos, 2 terraços, entrada p/ automovel. Chaves c/ o vigia. Tratar: Imperatriz, 50, com Leonardo. (22374)

ALUGA-SE na Torre, à rua Visconde de Uruguai, junto ao n.º 598, uma casa nova, com 4 quartos, 3 terraços. Chaves com o vigia Peroba. Tratar à rua da Imperatriz n.º 50, com Leonardo.

VENDE-SE ou aluga-se boa casa, com dois pavimentos, à rua Costa Gomes n.º 183. A tratar no Edif. Sto. Albino, sala 825 (22601)

MADALENA

ALUGA-SE sob contrato de um ano, uma otima casa, à rua Menezes Drumond, 233, na Madalena, com quatro quartos internos e um externo, salas de visitas, jantar e copa, dois terraços, um interno, cozinha, dois sanitarios, um completo, garage e lavandaria. A tratar à rua Gouveia de Barros, 90 (19189)

ALUGA-SE uma casa na rua do Bemfica, 1015, com um sotão grande, 3 salas, 8 quartos, 2 saneamentos, 3 quartos externos, garage, etc. Tratar na rua do Sossego, 410 ou pelo telefone 4317. (22429)

ALUGA-SE uma casa na rua de Bemfica, 1815, com um sótão grande, 3 salas, 8 quartos, 2 saneamentos, 3 quartos externos, garage, etc. Tratar na rua do Sossego, 410 ou pelo telefone 4317. (22429)

ALUGA-SE à rua Real da Torre, 1124 uma casa com 6 quartos, 2 salas, 2 banheiros, toda estucada, etc. A tratar à Praça Maciel Pinheiro n.º 328, com Martins. (22337)

MADALENA — Vende-se a casa recem-construida, ainda não habitada, à rua Ulisses Pernambucano, junto ao n.º 51, com 4 quartos espaçosos, garage, etc. Tratar à Av. Oliveira Lima, 1046 (defronte ao antigo Quartel da Soledade). (22093)

ESPINHEIRO

ALUGA-SE otima casa reconstruida, à rua São Salvador, 125 — Espinheiro. Aluguel Cr$ 4 000,00. Tratar na mesma. (22128)

ALUGA-SE ou vende-se uma confortavel casa, com 4 quartos, sala, cozinha sanitarios, etc., sita à rua da Hora, 175, tratar com J. Rodrigues, à rua Conde da Boa Vista n.º 1214 das 7 às 9 e 12 às 14 horas. (22420)

ALUGAM-SE casas nas ruas Senador Pedro Corrêa e Carneiro Vilela. Tratar: rua Mariz e Barros, 328 — 3.º — Fone 9004. (22355)

ALUGA-SE, no Espinheiro, em casa de familia, um dormitorio independente, para duas moças tambem de familia. Podendo-se fornecer ou não refeições. A tratar à rua da Detenção n.º 219 — Armazem ou pelo fone 28903. (22208)

ALUGA-SE uma casa à rua Marechal Deodoro, 214 (continuação à rua Marquês do Paraná — Espinheiro), com 3 quartos internos, 1 externo, garage, quintal grande, com diversas fruteiras. A tratar pelo fone 3160. (22397)

CASA no Espinheiro — Vende-se uma com pavimento superior, 3 quartos internos, 1 externo, 2 salas, copa, cozinha, 3 terraços, 2 sanitarios, sendo 1 completo, terreno proprio medindo 14x32. Preço de ocasião. Facilita-se o pagamento. Imobiliaria Vera Cruz — Edificio Banco Auxiliar do Comércio, salas 21-22 — Fone 7899. (186)

CASA no Espinheiro — Vende-se uma, com pavimento superior, 3 quartos internos, 1 externo, 2 salas, copa, cozinha, 3 terraços, 2 sanitarios, sendo um completo, terreno proprio, medindo 14x32. Preço de ocasião, facilita-se o pagamento. Imobiliaria Vera Cruz — Edificio Banco Auxiliar do Comércio — salas 21-22 — Fone 7899.

RESIDENCIA — Aluga-se uma confortavel residencia à rua Barão de Contendas n.º 80 — Espinheiro, com 2 pavimentos e telefone, preço Cr$ 6.500,00. A tratar no Banco Nacional de Pernambuco S/A. — Secção de Administração de Bens — Fones 7141-7143. (180)

VENDE-SE uma casa à Avenida João de Barros, 1814, com sala grande, 3 quartos internos, 1 externo, 2 banheiros, terraço e quintal. Preço Cr$ 280.000,00. Tratar na rua 7 de Setembro n.º 328 — fone 4384. (22142)

VENDE-SE uma casa nova, de 2 pavimentos, na rua Carneiro Vilela. Tratar com Valdemar — fones 4384 e 2364. (22149)

VENDE-SE na Avenida João de Barros, uma casa, com quatro quartos, sala de visita, jantar, copa e cozinha, 2 WC, oitão livre, garage. Tratar em Campo Grande, à rua Majestade n.º 30 — transversal da Tenente Fortuna. (22438)

VENDE-SE à rua Manoel Arão n.º 102 — Espinheiro, proximo à nova Av. Canal, casa, com dois pavimentos, estilo moderno, com três quartos, sanitario completo, com terraço, no superior e duas salas, dois quartos, copa, cozinha, sanitario e quarto de empregados, dois terraços no terreo e garage. Pode ser corrida diariamente. Tratar pelo fone 28373.

ENCRUZILHADA

ALUGAM-SE, na rua Hipolito Braga, 40, defronte do mercado da Encruzilhada, dois amplos salões comerciais. Tratar no local, diariamente. (22348)

CASA Desocupada — Vendo otima localizada à rua Dr. José Maria, a trezentos metros do mercado. Informações com Silva Ferreira, na rua da Concordia, 270. (22370)

VENDE-SE uma casa nova, moderna, com 3 quartos, 2 salas, terraços, terreno proprio, no bairro da Encruzilhada. A tratar à rua Prudente de Morais, 184 — Hipodromo, com o sr. Costa Lima. (22638)

HIPODROMO

VENDE-SE no Hipodromo, casa, com 4 quartos, 2 salas, terraço, jardim, etc. Quintal arborizado. Tratar: Estrada de Belém, 701. (22637)

CAMPO GRANDE

ALUGA-SE uma casa recentemente construida, com sala unica, três quartos, terraço grande cozinha azulejada, WC e lavandaria, à rua João Fernandes Soares n.º 133 (paralela à Avenida Professor Andrade Bezerra), em Campo Grande. Tratar com Wilson, na Camisaria Confiança. (22430)

ALUGA-SE uma casa, à rua Marechal Deodoro, 214 (continuação à rua Marquês do Paraná — Espinheiro), com 3 quartos internos, 1 externo, garage, quintal grande com diversas fruteiras. A tratar pelo fone 3160, chaves na casa defronte n.º 221. (22644)

CASA em Campo Grande — Aluga-se à rua Miguel Nunes, uma casa moderna, com 2 quartos internos, 1 externo, 2 terraços, entrada para automovel, jardim, WC, cozinha, quintal murado, etc. A tratar na rua da Praia n.º 154, com Aureliano. (22624)

POR 1.500,00 mensais, aluga-se um excelente salão comercial de esquina, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

VENDE-SE uma casa sita à rua (antiga Santa Cecilia, 188), em Campo Grande, com 3 quartos, terraços, 2 salas, grande terreno, saneamento. A tratar à rua Gervasio Pires, 227. (22313)

VENDE-SE moderna casa, fino acabamento, toda estucada, mosaicada, cozinha, azulejos, quatro quartos, local privilegiado pertinho de tudo. Rua Tenente Fortuna n.º 326 — circular de Campo Grande. (22613)

ARRUDA

SALÃO Comercial Novo — Rua Sete Pecados, 111, junto da feira do Arruda, aluguel sem luvas. Tratar: Edificio Santo Albino, sala 415. (22392)

AGUA FRIA

CASAS em Prestações — Estilo Funcional, com três quartos, duas salas, agua, luz, piso de taco e mosaico, estucada no aprazivel arrabalde de Agua Fria Onibus a um minuto. Preço: Cento e oitenta mil cruzeiros (180.000,00), sendo 30% a vista e o restante a longo prazo. Tratar à rua da Palma n.º 421. (22143)

VENDE-SE a casa à rua Zeferino Agra n.º 115 tratar com Castro Wanderley, Travessa do Marquês do Herval n.º 415 e na mesma rua. (22279)

FUNDÃO

ALUGA-SE uma casa na rua da Esperança, Campina do Barreto, com 7 comodos, agua, luz, etc. A tratar na rua Marcilio Dias n.º 310. (22610)

CAJUEIRO

CASAS à prestação, localizadas no terminal do onibus de Cajueiro, compreendendo 93 residencias, c/ 63 m2, todas com o minimo de três quartos, duas salas, cozinha e banheiro interno, bem como seis comerciais: cinema, açougue, bar farmacia, mercearia e lavandaria estão a venda com minimo 30% de entrada e o restante em sessenta prestações mensais. Continua ainda, à venda sem entrada inicial e em sessenta prestações os terrenos de Cajueiro. "restam poucos lotes" procurem no Cajueiro: Raul Silva João Candido ou Antonio Wanderley. Preço a partir de Cr$ 140 000,00. (21462)

BEBERIBE

ALUGA-SE um quarto, taqueado, estucado, com janela, muita agua, numa casa de pequena familia, para moça que trabalhe ou casal sem filho. Local: Vila Cavalcanti, casa 56, à rua transversal na Av. Beberibe, oitão de n.º 1701 Arruda. A tratar com Madame Olivia. (22373)

ROSARINHO

VENDE-SE a casa 304, à Avenida Santos Dumont — Rosarinho, com 5 quartos, terreno com 40 mts. de fundo, arborizado. Tratar: Estrada de Belém, 190. (22334)

TAMARINEIRA

CASAS em Tamarineira — Vendem-se duas casas, com 4 quartos internos, todas com armarios embutidos, 1 quarto externo, 2 terraços, 2 salas, 2 saneamentos, um completo, copa, cozinha com armario e balcão. Terreno proprio, medindo 16x40 e 14x28. Preço de ocasião. Negocio urgente. Imobiliaria Vera Cruz — Edificio Banco Auxiliar do Comercio, salas 21-22 — Fone 7899

NA rua Visconde de Abaite, vende-se a casa 113, 2 quartos, sala, copa-cozinha, terreno proprio. Tratar na rua do Diario, 96, com Anisio. (22606)

PARA Rendimento — Vendo otima casa antiga, bem conservada, alugada por Cr$ 2.000,00. Preço venda, Cr$ 140.000,00. Informações com Mota — Rua da Imperatriz n.º 38 — Galeria. (242)

TAMARINEIRA — Aluga-se uma casa, com 4 quartos, sendo 2 externos, copa, sala unica, 3 sanitarios, lavandaria, terraço, etc. A tratar à rua da Estrela, 64 — transversal a Gois Cavalcanti — das 8 às 11 e das 12 às 14 horas. (22197)

VENDE-SE ou aluga-se a casa 213, à rua São Vicente, sala, 3 quartos, copa, cozinha, quarto externo e garage. Tratar na rua do Diario, 96, com Anisio. (22606)

AFLITOS

ALUGA-SE — Proxima à Avenida Rosa e Silva, dois pavimentos, quatro quartos, três sanitarios, duas salas, dois terraços, garage, etc. Detalhes pelo fone 3104, c/ Soares Brito. (202)

CASA AMARELA

ALUGA-SE uma casa, em Casa Amarela, à rua Logradouro, com 4 quartos, 2 saneamentos, a tratar à rua Afonso Pena, 486 — Boa Vista. (22136)

ALUGA-SE uma casa, construção moderna, à rua São José n.º 40, na Estrada do Encanamento n.º 937, Aluguel Cr$ 1.300,00. Tratar no Edificio Seguradora — sala 720. (22629)

ALUGA-SE um confortavel bungalow de estilo antigo, sito à rua Oscar Pinto, 294 (transversal às ruas Bela Vista e da Harmonia, Casa Amarela, possuindo os seguintes comodos: 3 salas, 4 quartos internos, 1 salão externo, 2 terraços sendo um todo fechado, com grades de ferro, dois WC, cozinha, lavandaria, garage, um pequeno sitio com arvores frutiferas, tanque para capacidade de 2.000 litros dágua, todos os quartos com janelas. A tratar na rua do Aragão, 123 — Boa Vista — Recife. (22645)

ALUGA-SE — Otima casa na Estrada do Encanamento, recem-construida, ainda não habitada. Dois pavimentos, 4 quartos, 2 sanitarios completos, demais dependencias e bom quintal. Tratar com Marcelo — sala [illegible] — Edif. Santo Albino, Av. Guararapes, fone 7704. [illegible]

ALUGA-SE — Uma residencia rodeada de grande terreno situada à rua Bela Vista n.º 320, em Casa Amarela. A tratar no Edificio Duarte Coelho — Bloco C — sala 1003 — das 8 às 12 e das 14 às 18 horas, ou pelo telefone 3535.

CASA Amarela — Aluga-se à rua Bento de Loyola, 161, à familia de fino trato, uma otima casa, com os seguintes comodos: andar superior — 3 quartos amplos, hall e sanitario completo; andar terreo — sala, copa, escritório, sanitario, cozinha e dispensa. Dependencias externas para empregados. Ver e tratar na mesma, diariamente, das 9 às 12 horas. Aluguel Cr$ 3.500,00. (200)

NA rua da Harmonia, vende-se a casa 319, 3 quartos, 2 salas, copa, cozinha. Preço 150.000,00. A tratar na rua do Diario, 96, com Anisio. (22604)

OTIMA Ocasião — Vende-se um ponto comercial à rua Padre Lemos, em Casa Amarela com uma vitrine, um balcão e uma armação servindo para qualquer ramo de negocio, pois o mesmo já encontra-se aberto. Tratar à rua da Palma n.º 204 — 3.º — sala n.º 6, com o sr. Caio Viana Barreto. (22626)

PARA Rendimento — Vendo 3 casas modernas, perto do mercado, alugadas por Cr$ 4.500,00. Preço Cr$ 450.000,00 às 3. Negocio urgente, com Mota — Imperatriz n.º 38 — Galeria. (242)

VENDE-SE otima residencia, com 4 quartos, salas estar e jantar, cozinha, garage, lavandaria, 3 WC, oitões livres, local alto, com 15 de frente, ainda não habitada. Ver à rua Conselheiro Pireti, defronte ao 368. Tratar: rua Valdevino Vanderlei, 80 — Olinda. (22463)

VENDO otima casa, perto do mercado de Casa Amarela, com 3 quartos, sala, cozinha, com balcão, saneamento, terraço, jardim, pequeno quintal, lavandaria, etc. Cr$ 155.000,00. Negocio urgente, com Mota — Rua da Imperatriz, 38 — Galeria. (242)

CASA FORTE

ALUGA-SE uma casa conjugada, oitão livre, com 3 quartos, 3 salas, um terraço, na Avenida 17 de Agosto n.º 2262. A tratar no n.º 2204. (22618)

ALUGA-SE em Casa Forte, na rua D. Rita de Souza n.º 232, uma casa moderna, com 5 quartos sala de jantar, cozinha, dispensa, 2 sanitarios, lavadouro, 2 terraços, garage, otimo galinheiro e grande quintal, com otimas fruteiras. Tratar no Edif. Ouro Branco, sala 303 (21595)

MONTEIRO

ALUGA-SE grande casa, à Avenida 17 de Agosto n.º 2490, com cinco quartos internos, dois externos, duas grandes salas copa cozinha, dois sanitarios, dois terraços e grande sitio arborizado. Informações pelo telefone 4537. (22616)

OLINDA

ALUGA-SE um salão comercial, saneamento, quintal, melhor local de movimento, no Varadouro Olinda, por Cr$ 1.300,00 mensais. Informações: fones 2773 — 3037, ou à Avenida Joaquim Nabuco, 192, com Amaro, ou então à rua Dr. José Mariano, 208 — Recife (22339)

ALUGA-SE uma excelente e confortavel casa terrea, à Avenida Rio Doce n.º 665, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

ALUGA-SE ou vende-se por .... 5.000,00 mensais ou .. .. 1.100.000,00, uma confortabilissima casa para familia de fino trato, constando de dois terraços, amplo salão de estar, com janelões de basculhantes, sala de refeições, cozinha com balcão de marmore, três sanitarios, sendo um de luxo, dispensa, cinco quartos taqueados e estucados, hall e jardim de inverno, amplo dormitorio, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

ALUGA-SE uma casa, à rua João Manguinho, 226, com 1 sala, 2 quartos, banheiro, cozinha, terraço, etc. A tratar à rua Antonio Rangel, 128 — Encruzilhada. (22413)

CASA em Olinda — Vende-se uma, à rua Henrique Dias n.º 156, com 2 amplas salas, de visita e jantar, copa, cozinha, 5 quartos, terraço, gabinete sanitario, lavandaria, nova, desocupada, etc., por Cr$ 200.000,00, sendo Cr$ 100.000,00, à vista e Cr$ 100.000,00 a longo prazo. Imobiliaria Vera Cruz — Edificio Banco Auxiliar do Comércio — salas 21-22 — Fone 7899.

CONFORTABILISSIMA Casa — Aluga-se por 3.000,00 mensais, uma de dois pavimentos, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens, do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

CASA em Olinda — Aluga-se uma sita à Ladeira de São Francisco n.º 124 (junto ao Convento), com 2 salas, 3 quartos internos, 1 externo, demais dependencias. Aluguel Cr$ 1.500,00. Tratar na mesma. (22445)

LINDA casa residencial no Bairro Novo — Olinda. Vende-se, à rua Dr. Manoel de Almeida Belo n.º 328, com sala grande unica, hall, 4 quartos sendo 1 no andar superior, guarda-roupas embutidos, 2 WC, copa, cozinha, pequena dispensa, 2 terraços, garage, quarto de empregado e lavandaria. Tudo em fino acabamento, terreno .... 24,00x30,00. Area cuidadosamente ajardinada e calçada. Preço: Cr$ 900.000,00 (novecentos mil cruzeiros). Favor não aparecer quem não estiver em condições de comprá-la. A tratar na mesma. (22303)

VENDE-SE uma casa recentemente construida, no Bairro Novo. Tratar com Paulo Lima — "Coletoria Estadual de Olinda" — Varadouro, das 7 às 11 e 13 às 16 horas. (22289)

VENDE-SE uma casa, com terreno, 2 terraços, sala unica, 3 quartos, copa cozinha, WC completo. Preço 250 000,00. Praça Dr Vitoriano Regueira, 319 — Bairro Novo. (22289)

PINA E BOA VIAGEM

ALUGA-SE uma casa, com 1º andar, na rua Dom José Lopes, com 2 salas 4 quartos internos e 1 externo, duas cozinhas, 3 terraços 3 saneamentos e garage. Informações à rua Palmares 159 ou Movelaria Copacabana à Praça Maciel Pinheiro, 366. (22730)

ALUGA-SE à rua João Cardoso Aires, entrada na Av. Beira Mar n.º 6306, uma casa, em meio de grande sitio de cajueiros, cercada por terraços e tendo agua em abundancia. Tratar no Banco de Credito Popular de Pernambuco, com o Sr. Hermano. (22435)

BOA Viagem — Alugam-se apartamentos, com 2 e 3 quartos garage, etc., à rua dos Navegantes n.º 783. Tratar no Cais de Santa Rita, 284. (106)

BOA Viagem — Aluga-se um palacete, com 2 pavimentos, 4 quartos internos, 2 externos, 2 WC internos, 1 externo, garage, 3 salas etc. Tratar na Avenida Marquês de Olinda, 175 — fundos, fone 9277 (21732)

CASA no Pina — Aluga-se, com 3 quartos, 2 salas, cozinha, WC e banheiro, Isolada, bom quintal, coqueiro, a 100 metros do mar. Aluguel modico. Tratar com A. Meneses — fone 9605, das 12 às 14 horas. (22418)

CASA em Boa Viagem — Aluga-se na rua Serinhaém n.º 40, proxima ao 2.º Posto de Salvamento, com 3 quartos, sala, terraço, 2 sanitarios, cozinha, garage e quarto de empregados. Aluguel Cr$ .. 2.000,00 e prazo de um ano. Tratar à Avenida Rio Branco, 103 — 2.º — sala 204 — Fone 9497. (22396)

NA rua Julio Pires — 2º Jardim — Vende-se a casa numero 68, fino acabamento, com dois pavimentos, instalações completas e mobiliada. Pode ser vista diariamente, das 14 às 17 horas. Facilita-se o pagamento (22600)

POR 2.300,00 mensais, aluga-se um moderno e excelente apartamento, com quintal, garage, etc.; por 1.000,00 alugam-se confortaveis residencias, com sala unica, três quartos, quintal, a tratar diariamente, das 8 às 17 horas, na Carteira de Administração de Bens do Banco Aliança de Pernambuco. (22467)

DIVERSOS LOCAIS

ALUGA-SE à familia de fino trato, casa funcional, recem-construida, com 2 pavimentos, sala unica, 3 quartos internos, grande terraço em ceramica, cozinha, lavandaria, banheiro a cores, quarto e banheiro para empregada, jardim e quintal. Rua Abrão Lincoln, 52. Tratar com Sr. Norberto, fone 9016. (211)

ALUGA-SE por preço modico uma casa recentemente construida, no principio da rua Conselheiro Barros Barreto n.º 16 no Porto da Madeira (em frente ao Instituto Santo Amaro), a poucos metros do poste do bonde e do onibus da Avenida Beberibe com luz e agua encanada abundante. A tratar com Mario Burle, na rua Eduardo de Carvalho, 31 (transversal à rua Afonso Pena). (22425)

CASAS de Residencia — Vendem-se nos bairros de São José 80 e 90 mil cruzeiros; Boa Vista 400 e 650 mil cruzeiros; Derbi 550 mil cruzeiros; Espinheiro 500 mil cruzeiros; Encruzilhada 350 mil cruzeiros; Estrada dos Remedios 160 mil cruzeiros; Estancia 230 mil cruzeiros; Areias 80 e 100 mil cruzeiros e em outros pontos da cidade. Tratar no Edificio Antonio Barbosa, 4.º andar — salas 405, 406-407. (84)

COMPRAS e vendas de casas e terrenos, em diversos locais. A tratar com Osvaldo — Rua 7 de Setembro n.º 42 — Fone 2628 (202)

CARPINA — Aluga-se uma otima casa, três quartos, dispensa, saneamento com agua encanada, dois terraços, jardim, quintal, sita à rua da Feira, 507. Chaves no n.º 517. A tratar à rua do Sossego n.º 682 — Recife. (22123)

GRANJA Pau Ferro — Margem da rodagem, 16 quilometros da cidade, cercada, arborizada, plantações, casa morador, cacimba, agua potavel, casa morada bem terraço entrada com portão, clima admiravel. Tratar à Estrada do Arraial, 3353 — Casa Amarela. (22323)

GRANJAS em Chã de Capoeira, antes de Paudalho, com 800 fruteiras frutificando 4 casas, uma de farinha 85.000,00. Outra em Carpina, 60.000,00, São Miguel, 921 — Olinda. (22447)

PRECISA-SE comprar um ponto para negocio, mesmo residencial, nos bairros de Santo Antonio, Boa Vista ou São José. Comunique à rua Cambôa do Carmo, 75. (22343)

VENDEM-SE diversas casas, sendo duas belissimas e amplas, à rua João Ramos (Vila dos Bancarios), 404 e 220, bem como varias outras, com 3 quartos, sala, cozinha, banheiro, etc. Casa Amarela. Grande oportunidade, em vista elevação preços materiais e salario minimo. Tratar com Botelho, pelo telefone 9317, ou à rua da Harmonia, junto do numero 370 — Casa Amarela. (22256)

VENDEM-SE — Casas e terrenos em Boa Vista, Madalena, Boa Viagem, Torre, Espinheiro, etc., com facilidade de pagamento. Imobiliaria Vera Cruz — Edificio Banco Auxiliar do Comércio, salas 21-22 — Fone 7899.

VENDO um sitio, com 10 hectares, todo plantado de fruteiras, com 200 pés de cocos frutificando, 2 casas de colonos e agua, na principal estrada, que vem de Goiana à Aliança, com Albuquerque, na rua Guimarães Peixoto, 206, em Casa Amarela. (22631)

TERRENOS

ATENÇÃO — Lotes em Areias, em frente ao Engenho Uchôa, a partir de 60 prestações mensais, sem entrada, a tratar no Edificio Santo Albino — sala 417. (22038)

ATENÇÃO — Vendem-se à vista dois otimos terrenos. Um à beira-mar, com 13x37 e outro na Candido Pessôa, lado nascente, com 12x30. Tratar. Edif. Duarte Coelho — Bloco B — apto 1003 — 10.º andar. (10715)

ASSEGURAR uma transação imobiliaria perfeita para vender e comprar terrenos, casas, sitios e propriedades, utilizando-se dos serviços da Organização Farrapeira. Terrenos desde Cr$ 9.000,00, sem entrada para pagamento em 5 anos, junto ao Departamento de Caça e Pesca do Nautico Organização Farrapeira — Edificio Santo Albino — sala [illegible] — Fone 7253. (734)

GRANJAS — Pechincha, Cr$ ... 30.000,00, o hectare, cortadas de rios, em Monjope, a 22 quilometros, pavimentados, do Recife. Negocio direto com Humberto Constantino, rua 7 de Setembro, 167, apto. 1, telefone 2207 (22648)

OTIMO Negocio — Vende-se por preço de ocasião, 8 lotes de terreno, sitos no primeiro loteamento do Ibura, 4 lotes junto à Vila dos Industriarios em Areias e 8 lotes junto à Avenida Manoel Rabelo em Sucupira. A tratar no Edificio Santo Albino — sala 417. Facilita-se pagamento. (22038)

OTIMA Oportunidade — Lotes em Rio Doce — Distando 200 metros da praia, em Sucupira em 60 prestações mensais. A tratar no Edificio Santo Albino — sala 417. (22033)

(Conclúe na 12.ª página)

(Conclusão da 11.ª pag.)

SENSACIONAL loteamento em Olinda (Bairro Novo), agua, luz transporte à porta e pagamento em 100 meses. Restam poucos lotes. Carros à disposição do comprador. Informações e vendas, rua Nova 282 — 2.º. (22241)

TERRENOS — Vendem-se: um na Encruzilhada, medindo 12x37 por Cr$ 130.000,00 e outros em Campo Grande, Boa Viagem, Beberibe e Olinda (Bairro Novo). Tratar no Edificio Antonio Barbosa 4.º andar, salas 403-406-407. (84)

TERRENOS no Prado — Vendem-se cinco lotes, sendo 4 de 12 mts. x 36 mts. e 1 de 25 mts. 32,50 mts., situados à rua Ulisses Pernambucano, com esquina para a avenida central, a tratar no Edificio Santo Albino, salas 1007-1008 diariamente. (22398)

TERRENOS — Vendem-se otimos lotes medindo 15 metros de frente, por 40 de profundidade no aprazivel bairro da Boa Vista, em rua calçada, com 30% divididos em 18 meses. Tratar na Corretagens e Comercio Ltda. — Edificio Antonio Barbosa, 4.º andar, salas 403-406-407.

TERRENO — Para grande edificio. Vende-se com três faces livres, medindo 27x34 (1.458 mts. 2). Local: Praça Coração de Jesus, do lado do cine Boa Vista, à rua D. Benvinda. Tratar com H. Constantino, rua Sete de Setembro, 167 — apto. 1, fone 2297. (22648)

TERRENOS — Preços de ocasião. Vende-se magnifico terreno, 12x56 (672 mts.2). Na Praça Coração de Jesus, ao lado do cine Boa Vista. Tratar com H. Constantino, 7 de Setembro, 167 apto 1 fone 2297. (22648)

VENDE-SE um excelente terreno com 12 metros de frente, por 36 de comprimento localizado à Avenida Beira-Mar, em Olinda, com frente para a praia. A tratar com E. C. Albuquerque — rua do Bom Jesus, 226 — 1.º andar. Fone 9568 (21769)

VENDEM-SE quatro (4) lotes, na praia do Rio Tapado, medindo 12x30. Rua da Praia n.º 93 — terreo. (22290)

VENDE-SE uma área medindo .. 17.460 m2, na Estrada da Imbiribeira, servindo para industrias ou loteamentos, pelo preço de Cr$ 1.800.000,00 com entrada de 35% à vista e o saldo a combinar. A tratar com Osvaldo — Rua 7 de Setembro n.º 42 — Fone 2623. (202)

VENDE-SE otimo terreno, de 16 mts. por 35 mts. de fundo, denominado lote n.º 4, à rua Ernesto Paula Santos, em Boa Viagem, entrada à Avenida Beira-Mar n.º 4080, com vista para o mar. [illegible] no edificio Sulacap, sexto andar, sala 610 (170)

NEGOCIOS A VENDA

ALAMBIQUE — Vende-se um com capacidade para 2.400 litros de aguardente em 24 horas, descontinuo, a vapor, com esquenta garrafa e serpentina, cloro u-

bas de madeira, sendo uma de .. 22.000 litros e 4 de 25 mil litros; 2 grandes depositos de madeira, uma maquina de soldar e uma de encher. Tratar no Edificio Seguradora — sala 525. (22356)

CARVOARIA — Passa-se um ponto com deposito para 2.500 sacos, na rua da Constancia, 910 — Campina do Barreto. Tratar no local ou na rua Galvão Raposo, 160 Madalena, Cr$ 20.000,00. (22308)

CONSULTORIO Dentario — Vende-se ou aluga-se um, no centro da cidade, todo equipado. A tratar no Edif. "Ao Anel de Ouro", à rua Nova n.º 200 — sala 25 — 2.º andar, das 16 horas em diante. (22316)

CARVOARIA — Vende-se uma no populoso bairro dos Afogados, próxima à Estação da RFN, fazendo um grande movimento comercio, motivo: viagem. Tratar com Geraldo Cavalcanti, à rua Imperial, 1075 — 1.º. (22434)

ESTABELECIMENTOS Comerciais — Vendem-se na Boa Vista, otimo armazem de estivas, com 2 frentes, fazendo grande movimento, com telefone, cofre, etc. Outro à rua da Concordia, com duas frentes, telefone, cofre, balança e demais utensilios. Tratar no Edificio Antonio Barbosa, 4.º andar — salas 403-406-407. (84)

ESCRITORIO — Passa-se urgente, com representações ou somente os moveis, localizado num dos melhores predios da Avenida Guararapes, sala ampla, com reservado. Tratar com Nilson, na Otela — Sulacap — sala 118 — 1.º andar (22379)

INDUSTRIA, de pequeno capital, toda produção colocada à vista vende-se por Cr$ 15.000,00. Cartas na posta restante deste jornal para Industrial. (22283)

LAVANDARIA — Vende-se uma, bem movimentada e em otimo ponto. Tratar na Av. Beberibe 1432. (21908)

MERCEARIA e Carvoaria — Vende-se uma, à rua do Principe 524. Motivo de viagem, com bom separado e moradia. (22344)

MERCEARIA — Vende-se com predio ou separada, tem moradia. Mercadorias em balanço. Moveis e utensilios, registradora, Frigidaire, balança Dayton, etc. A tratar: rua Falcão de Lacerda, 669 — Tegipió. (22650)

MERCEARIA — Vendem-se mercadorias com moveis e utensilios, por motivo de viagem, pelo custo, não vende ponto. Muito boa moradia, com aluguel antigo. Rua Falcão de Lacerda, 669 — Tegipio. (22451)

OTIMO ponto na rua Tobias Barreto — No centro da cidade. Instalação completa, maquina registradora, cofre, balanças, etc. Tratar: Duque de Caxias, 205 — 1.º — Marinheiro.

OTIMA Padaria — Vende-se uma otima Padaria, sita à rua do Comercio n.º 280, em Paratibe, municipio de Paulista, com cota de 100 sacos mensais e fazendo otimo negocio (facilita-se o pagamento). O motivo da venda explicar-se-á ao interessado, negocio a tratar na mesma ou à rua da Praia n.º 97 (22443)

VENDE-SE
FERRAGEM COMPLETA SEMI-NOVA PARA ENGENHO E MOENDAS, COM CASTELOS E ARMAÇÃO DE FERRO — Edf. S. Gabriel — salas 14 e 15 — Caixa Postal 609 — fone 9491 — Recife — Pe. (22460)

FUNEBRES

JOSE' NILO DE ANDRADE LIMA

2º. ANIVERSARIO

Laura de Andrade Lima, José Nivaldo, dr. Paulo Ramos, dr. Everaldo Ramos, Heloisa, Ademar e Heraldo de Andrade Lima, Iran Inojosa de Andrade, esposa e filhos convidam seus parentes e amigos para assistirem às santas missas que mandam celebrar por alma do seu saudoso e inesquecivel esposo, pai, sogro e avô — JOSE' NILO DE ANDRADE LIMA — no dia 26 deste, às 7 1/2 horas, nas igrejas do Colegio Salesiano do Recife, da Nazaré da Mata, de Vicencia, de São Vicente e Petrolandia; no dia 27, às 9 horas na capela do engenho Patos, em São Vicente.

Ao senhor bispo D. Carlos Coelho, aos revdmos. padres e a todos que comparecerem a este ato de piedade e fé cristã o nosso sincero agradecimento. (22436)

GERMANO BERG

7º DIA

Edith Berg e filha, Alvaro Ramos e esposa (ausentes), Alcides Silva e esposa (ausentes), Romaguêra Carneiro Monteiro e esposa (ausentes), Plinio Sales Medeiros e esposa (ausentes) e Viuva Pequena Berg Fuhro e filhos (ausentes), ainda constrangidos com o súbito desaparecimento de seu inesquecivel esposo, pai, irmão, cunhado e tio — GERMANO —, convidam seus parentes e amigos para assistir ás missas que em sufragio de sua alma mandam celebrar, segunda-feira, 26 do corrente, ás 8 horas, na Basilica do Carmo, antecipando-se agradecidos a todos que comparecerem a esse ato de piedade cristã. (234)

GERMANO BERG

7º DIA

Os Diretores e funcionários de Armindo C. Moura Comércio S/A., convidam os seus parentes, fregueses e amigos, para assistir ás missas de 7º dia que em sufrágio da alma de seu estimado amigo e auxiliar — GERMANO BERG —, mandam celebrar, segunda-feira, 26 do corrente, ás 8 horas, na Basilica do Carmo, agradecendo, desde já, a todos que comparecerem a esse ato de piedade cristã. (234)

ANERINA C. DO REGO BARROS

30º DIA

José Americo de Miranda e familia convidam seus parentes e amigos para assistir á missa que mandam celebrar ás 7 horas do dia 26 na Matriz de Palmares por alma de sua comadre e amiga ANERINA.

Antecipadamente agradecem a este ato de piedade cristã. (22432)

POR motivo de viagem — Vende-se uma bem montada mercearia, no Jardim São Paulo, à rua 14 n.º 11, inclusive um radio Philips, uma maquina Singer 1 sofá cama (imovel e 1 fogão marca Tigre. A tratar no citado endereço. (22311)

POR Cr$ 15.000,00, vende-se um automovel Wander, tipo "Citroen", com 6 cilindros, cor preta, pintura nova, forro e rodagem semi-novos, maquina em bom estado. Tratar à rua Engenheiro Bandeira de Melo, 41 — Casa Forte, proximo ao novo Posto Texaco. (22465)

PRECISA-SE comprar um ponto para negocio, mesmo residencial, nos bairros de Santo Antonio Boa Vista ou São José. Comunique: rua Cambôa do Carmo, 73. (22343)

VENDEM-SE dois pontos de bomba de gasolina. A tratar com Constantino na Praça Hotel Central — fone 3003 (21628)

VENDE-SE um consultorio dentario, em estado de novo instalado, no centro da cidade e um terreno em Bairro Novo, Olinda, medindo 12x30 a 300 metros da praia, antes do terminal do onibus. Ver e tratar com Petronio — Edif. Arnaldo Bastos — sala 49 — 4.º andar, nas 2.as e 6.as, das 9 ás 11 horas e nas 4.as, das 3 ás 5 horas da tarde. (22290)

VENDE-SE em perfeito estado de conservação, dois engenhos para moer cana, nomes Tigre e Lila, por preço de ocasião. Para maior detalhe, procurar o proprietario à rua José Bonifacio, 611, na Torre. (10)

VENDE-SE por motivo de viagem o Instituto de Beleza Flor de Recife, no bairro do Pina, à rua Ondina n.º 93. A tratar no mesmo local. (22382)

VENDE-SE um negocio, com uma casa, mais outra casa na Avenida Manoel Borba. A tratar na rua Santa Cruz, 74. (22362)

EMPREGOS COMERCIAIS

CORRESPONDENTE — Precisa-se de um que seja bom datilografo, tenha redação própria e possua algum conhecimento de contabilidade. Exigem-se referencias. Cartas, de proprio punho, para Ellene, na posta restante deste jornal (22313)

COBRADOR — Necessito de um rapaz menor para trabalhar em uma secção de cobrança na cidade, ordenado e comissão. Fineza se se apresentar quem estiver em condições. Tratar: Edif. Sael — 3º — sala 320. (22612)

COSTUREIRA — Precisa-se de uma com pratica de corte. A tratar à rua da Imperatriz n.º 102. (22141)

COSTUREIRA — Precisa-se de uma com bastante pratica em confecção de slacks e camisas. A tratar na rua da Imperatriz n.º 102. (22141)

ENGOMADEIRA — Precisa-se de uma. Tratar à rua da Imperatriz n.º 102. (22141)

MOÇA — Importante companhia estrangeira precisa de uma datilografa, que tenha pratica dos serviços de escritorio, de boa aparencia e que tenha noção de correspondencia comercial. Pedimos o não comparecimento de quem não esteja em condições. Tratar à rua Floriano Peixoto, 85 — 1.º — salas 101-102. (22608)

MECANICOS, ajudantes praticos, ajudantes de torneiro, soldadores. Precisa: Posto De Soto — Rua Passo da Patria, 343. (236)

PRECISAM-SE de carpinteiro e armadores para construção. Bom ordenado. Apresentar-se na Sub-Estação da CHESF, Avenida San Martin, 200 — Bongi. (22611)

PRECISA-SE de um homem para trabalhar com pequena turma de trabalhadores, no campo. Tratar: 12 ás 13 horas, à rua Arrêdo Coutinho, 263 — Varzea — terminal. (22407)

PRECISAM-SE de competentes marceneiros. Fineza não se apresentar quem não estiver em condições. Rua de São João, 508 — em frente ao [illegible] (22531)

SERRALHEIRO Mecanico — Competente precisa trabalhar. Precisamos. Paga-se bem. Tratar: Albuquerque Ramos & Cia. — Imperatriz, 110. (129)

VENDEDORES — Preciso relacionado medicos, hospitais e outro para trabalhar em domicilio, novidade americana. Exigem-se referencias. São Gonçalo, 60, à tarde. (22415)

EMPREGOS DOMESTICOS

COZINHEIRA — Precisa-se de uma para casa de pequena familia, que seja competente, limpa e que dê referencias. Paga-se muito bem. Rua Conselheiro Aguiar, 1684 — Boa Viagem. (22440)

COZINHEIRA — Precisa-se para um casal e uma arrumadeira e copeira. Rua do Espinheiro, 522. (22423)

COPEIRA-Arrumadeira — Precisa-se de uma urgente. Exige-se pessoa de meia idade. Tratar pela manhã. Rua Conde de Irajá, 257 — Torre (proximo do cinema). (22633)

COZINHEIRA — Casa de 3 pessoas de familia de tratamento Rua do Futuro, 386 — esquina Teixeira Pinto — Aflitos. (201)

COZINHEIRA Competente — Precisa-se de uma, urgente, exige-se pessoa de meia idade. Orde-

nado de Cr$ 300,00 400,00. Tratar pela manhã Rua Conde de Irajá, 257 — Torre (proximo do cinema). (22633)

EMPREGADA — Para criança. Precisa-se de uma, à rua da Soledade, 79 (Boa Vista).

EMPREGADA para arrumação e lavagem, precisam-se no prolongamento da rua Amelia 63 — (por traz da casa 575, da rua da Hora) — Espinheiro. (22358)

EMPREGADO — Precisa-se à Av. Rosa e Silva, 1321 — Aflitos. Exigem-se referencias. (22438)

PRECISA-SE de uma empregada para serviço domestico em casa de um casal idoneo. A tratar à rua do Alecrim n.º 224 — São José. (21720)

PRECISA-SE de uma empregada para arrumação e pequena lavagem, que tenha conduta e durma no emprego. A tratar das 9 ás 12 horas, à rua Barão de São Borja, 63. (22432)

AUTOMOVEIS

AUTOMOVEL — Compramos, vendemos trocamos e facilitamos — rua da Concordia, 223-229 — [illegible] (317)

AUTOMOVEL — Vende-se ou troca-se 1 carro Renault 1953, semi-novo, 1 DKW 1938, todo de aço, 1 barata Fiat, conversivel. Tratar à rua Imperial n.º 1032 — Fone 6788. (22339)

AUTOMOVEL — Vende-se ou troca-se um automovel marca Hillman, em perfeito estado de conservação, por uma caminhonete de marca americana, com caçamba, propria para viagem ao interior. Ver e tratar na rua do Hospicio, 371 — Fone 2221. (22437)

AUSTIN 1952 — Vende-se ou troca-se c/ facilidade de pagamento, um automovel Austin A-40 semi-novo. A tratar à rua Joaquim Nabuco n.º 344 — Capunga. (22346)

BARATA Ford conversivel — Vende-se uma tipo 41, com pintura, forro, capota novos, toda parte mecanica, à qualquer prova, completamente equipada, com radio pneus faixa branca, farol de estrada e demais accessorios. Ver e tratar à rua do Lima, 244. Preço base Cr$ 130.000,00. (22366)

BARATA Ford 49 — Vende-se uma, em perfeito estado de conservação, radio e faixa branca. Preço Cr$ 100.000,00. Tratar no Edif. Duarte Coelho — sala 1005 — Bloco C. (22370)

CITROEN 49 — Vende-se em perfeito estado de conservação. Preço Cr$ 65.000,00. Tratar à rua da Concordia, 897 — das 12 ás 14 horas. (22661)

COUPÊ Ford 41, em estado de novo, rodagem nova, faixa branca, vende-se caro e urgente. Tratar com L. Andrade — Fábrica da Sanbra — Areias. Tambem troca-se por carro pequeno. (22391)

CARRO Volvo — Vende-se um carro semi-novo e pouco rodado A tratar à Av. Beberibe, 1449 — Arruda. (22399)

FORD "Peltudo", ultima remessa, 1950, semi-novo, usando oleo 30, 4 portas, radio original, pneus super balão e com amortecedores novos, reforçados, dupla ação. Tudo mais original da fabrica, [illegible] mente rodado na cidade. Imperatriz, 233. (22434)

JEEP Willys — Vende-se um, modelo 1948 em otimo estado de conservação, motor oleo 30, funcionando. Preço Cr$ 65.000,00. Tratar na rua da Concordia, 84. (2020)

JEEP Land Rover 52 — Vende-se um semi-novo com capota de metal. Tratar: Imperatriz, 227 — Preço 90.000,0. (22414)

LOTAÇAO — 17 passageiros, em bom estado de conservação, otima linha. Tratar: Posto Shell de Boa Viagem. (21721)

RADIO para Studebaker legitimo Stratoliner, vendo, a tratar à rua das Florentinas, 221, com o sr. Bezerra. (22303)

SKODA — Vende-se um, ano 949, tratar na Nobre da Lacerda n.º 46 — transversal à Estrada dos Remedios — Madalena. (22141)

VENDE-SE Jeep Land-Rover 1950 tudo bom pronto para viagem, a tratar com Cavalcanti no Salão Santo Antonio à Av. Guararapes, 207 — parte posterior. (22317)

VENDE-SE ou troca-se com facilidade de pagamento, um Ford 1951, semi-novo. A tratar à rua Joaquim Nabuco, 344. (22346)

VENDE-SE ou troca-se por carro menor Kaizer 50, otimo estado, todo original. Tratar: Cais Santa Rita, 310 — Oficina A. Freire. (22406)

VENDE-SE Ford 37, em otimo estado de conservação. Matriculado na melhor praça do Recife — Brahma Chopp. Tratar com o proprietario. (22464)

VENDE-SE ou troca-se uma Station Vagon Jeep Willys (micro-onibus), maquina, forro, pintura e rodagem, 100% ano 1951. Ver e tratar, dias uteis, c/ Alexandre — Palma, 295 — terreo. (22022)

BICICLETAS

BICICLETA — Vende-se de meia carreira estado novo e um para c/r nas mesmas condições. Informações pelo telefone 7915. (22301)

BICICLETAS — Precisam-se comprar duas, sendo uma para menina, tamanho 22 ou 24 e outra para menino de mesmo tamanho, que estejam em perfeito estado ou semi-novas. Tratar na rua da Praia, 28, com Marcos. (22647)

CAMINHÕES

CAMINHÕES — Precisamos contratar caminhões para transporte de rachões e pedras britadas. Pagamos o frete imediatamente. Tratar na Organização Coelho — Rua da Concordia, 143 — 3.º andar — Fone: 7250. (47)

CAMINHÕES Novos! .. Adquira um chassis, por melhor que seja. Visite mesmo sem compromisso a secção especializada de Carrosserias da Serraria Duarte Coelho, pela garantia absoluta na fabricação tornaram-se as melhores do Estado. Rua Duarte Coelho n.º 261 — Olinda (396)

CAMINHÕES — Vende-se ou troca-se 1 caminhão Ford 1948, reduzido, 1 caminhão Fargo 1948, c/ rodagem nova. Ver e tratar à rua Imperial n.º 1032 — Fone 6788. (22339)

MOVEIS NOVOS E USADOS

ALUGUEL de moveis. Movelaria Nacional, à rua Estreito do Rosario, 204, aluga toda a variedade de moveis, para escritorios pensões e casas de familia. Secção de moveis, exclusivamente novos para venda, aos melhores preços da praça. (20717)

CR$ 985,00 meia duzia de cadeiras mexicanas, maciças, estilo Funcional. Movelaria Aliada — Livramento, 25. (22021)

BOM e Barato — Por motivo de mudança, vendem-se urgente: sala de visita em jacarandá, gabinete Maida, com três peças, piano Dorner, grande espelho c/o cristal, eletro-radio automatico em gabinete de imbuia dormitorio com 10 peças, sala de jantar rustica, em sucupira autentica comoda portuguesa, radio Philips, refrigerador de 7 pés, imagens antigas em cedro, moveis avulsos e demais objetos da residencia. Ver e tratar urgente, à rua do Paissandu' 735. (22480)

MOVEIS Usados — Compram-se moveis de toda especie, utensilios domesticos, maquinas de costura, etc. Pagamento imediato. Telefone para 2477 e chame Eduardo. (315)

MOVEIS — Vende-se urgente, dormitorio completo, imbuia, de S. Paulo, 9 peças, Cr$ 6.000,00. Dormitorio imbuia maciça 3 peças guarda-tudo, cama, mesinha cabeceira; Cr$ 3.000,00, sanefas, coluna artistica. Diariamente: Padre Anchieta n.º 507 — Torre. (22410)

MOVEIS Usados — Compram-se pelos melhores preços. A tratar com o sr. Azevedo, à rua da Conceição, 78 ou pelo fone 4090 (401)

VENDE-SE uma sala de jantar em imbuia, semi-nova, movel feito em S. Paulo. Ver à rua do Hospicio, 362 — 1.º andar. (22367)

VENDEM-SE otimos bureaux, com cadeiras giratorias de molas. A tratar com Mauricio — Rosa e Silva, 1711 — Fone 23.246. Das 8 as 13. (22603)

VENDE-SE uma sala de jantar, em madeira trabalhada, por preço baratissimo, uma maquina de lavar roupa, completamente nova de fabricação canadense e alguns moveis avulsos. Ver e tratar: Conselheiro Portela, 621 — Espinheiro. (22466)

VENDEM-SE por preço de ocasião, uma sala de jantar e um dormitorio completos, em imbuia maciça, fazendo-se tambem em separado a venda de cada conjunto. Rua Jardim n.º 29 — São José. (22642)

VENDE-SE por motivo de viagem, 1 sala de visita, semi-nova, na rua Porto Carreiro, 122 — Derby. Entrada da rua fica defronte do Colegio Americano Batista. (22641)

REFRIGERADORES

REFRIGERADORES — Kerrin: serviço completo e garantido de refrigeradores, frigorificos, maquinas de lavar roupa, aparelhos de ar condicionado. Pintura e revisão. Laqueamos moveis. Rua 24 de Maio n.º 201. (21962)

REFRIGERADOR — A compra do século — Vende-se novo, Philco, de luxo, ainda na embalagem original da fabrica, à rua Gomes de Matos, 92 (Encruzilhada). (22349)

REFRIGERADOR Norge — Vende-se um usado, funcionando perfeitamente, em bom estado de conservação. Preço de ocasião, de 7 pés cubicos. Ver e tratar à rua da Palma n.º 383. (22472)

MAQUINAS

ATENÇAO — Vendem-se quatro maquinas Singer, uma moderna e três antigas, preço a começar de Cr$ 4.500,00. Rua Tapajós, 143 — Vila Tamandaré (por traz da igreja Santa Luzia) — Estancia. (22146)

GRADE para Trator — Vende-se completamente nova, preço de ocasião, com 8 discos de 20 polegadas, recortados ou troca-se por tijolos ou telhas novos de construção. Tratar com Evaldo — Rua Bom Jesus, 160 — terreo (22372)

INSTALAÇAO Completa para Agave — Motor de 30 HP a óleo Diesel, de baixa rotação, marca National, cerca 3 meses de uso, com 3 batedores, prensa, transmissões, exaustor, triturador para açucar, instalados em Campina Grande. Vende-se a tratar à rua Bom Jesus n.º 156 — Recife. (22389)

LILLA, engenhos para cana e outras maquinas, vendemos diretamente da fabrica. Avenida Guararapes — Edificio Santo Albino — 7.º andar — sala 726 (22431)

MAQUINAS de costura, ganhe Cr$ 500,00, isso acontecerá se comprar sua maquina na Casa Egypto — Rua Tobias Barreto n.º 23. (22417)

MAQUINA de Escrever — Vende-se uma Remington Rand, nova, modelo 1954, nunca usada. Big Bargin, à rua Gomes de Matos Jr., 92 (Encruzilhada). (22349)

MAQUINA Remington — Vende-se uma maquina de escrever Remington 12, em perfeito estado, à rua Dr. Joaquim Portela, 137 — Encruzilhada. (22395)

MAQUINA Singer "Maravilha", vende-se uma semi-nova, com todas as peças inclusive nervuras. Preço Cr$ 14.000,00. Tratar na rua Artur Coutinho n.º 62 — transversal à Av. Cruz Cabugá (Vila 13 de Maio), oitão do Serviço Social Contra o Mocambo — Santo Amaro. (22622)

MAQUINA Impressora — Vende-se uma, rama 16 em folha, semi-nova, por preço de ocasião. Ver e tratar à rua Velha, 41 — diariamente. (22614)

URGENTE — Vende-se uma maquina de costura Singer, modelo J. A. 178034, c/ 5 gavetas. Preço unico, Cr$ 5.500,00. Tratar na rua da Concordia, 916. (22632)

VENDEM-SE tornos mecanicos novos e usados. Tratar em Renda Priori & Cia Rua Padre Muniz 127 — Telefones 6977-6025

VENDE-SE — Uma maquina registradora e duas balanças Filizola, das pequenas, semi-novas, com 50% de abatimento. Tratar na rua Padre Lemos, 38 — Casa Amarela. (22412)

VENDE-SE uma maquina de costura Singer, moderna, c/ motor, ultimo modelo, toda equipada. A tratar na rua Imperial, 624. (22435)

VENDEM-SE uma maquina de escrever Remington americana, modelo S-R-B-1, carro 13, nova, uma maquina de somar grande, eletrica, marca R. C. Allen uma balança para ouro marca Felix pesando até um quilo, um cofre inglês Reliance-Patente, um cofre francês Haffner-Eres. Ver e tratar à Av. Guararapes, 86 — 7.º — sala 714 — Edif. Santo Albino — bairro de Santo Antonio. (22468)

VENDE-SE uma maquina de costura de fabricação alemã, com um mês de uso. A tratar com Bio, na Alfalataria Norma — Duque de Caxias n.º 368 — 1.º. (22457)

PIANOS

PIANOS — Auto-Pianos, Sarefinas, etc., consertos em geral autentico material, inovação de tecnica moderna, pelo sistema Leench-Tam pelo já credenciado profissional Natanael Pessoa, à rua Vidal de Negreiros n.º 204 (antigo Patio do Terço) — fone 6950

TÉCNICO Alemão de Pianos — Especialista, 38 anos de prática e estudos em Stutgart, Leipzig Berlim, Hamburgo, Paris, Londres Buenos Aires. Recomendado da Nunciatura Apostolica. Consertos em geral em qualquer tipo de pianos, orgãos e harmonios. Moderniza-se, afina-se e lustra-se. Preserva-se contra insetos. Material e trabalho absolutamente garantido. Serviços a domicilio. Tratar com a direção no Studio Recife-Olinda — 15 Novembro, 84 — Fundão. (20614)

VENDE-SE urgente otimo piano alemão, cordas cruzadas, lira de metal. Rua Velha, 353 — Boa Vista.

VENDE-SE um piano de afamado fabricante, cordas cruzadas, cepo metal, otimo estado de conservação. Ver à rua do Hospicio, 362 — 1.º andar. (22367)

VENDE-SE um piano alemão, cordas cruzadas, cêpo de metal teclado de marfim, otima sonoridade, preço Cr$ 12.000,00. Vende-se tambem um harmonium (sarafina) alemã, com 6 registros, em gabinete tamanho medio. Preços de ocasião. Avenida Caxangá n.º 112. (22337)

VENDE-SE com urgencia otimo piano alemão, magnifico som, com instalação fluorescente e em perfeito estado. Preço de ocasião. Ver e tratar a qualquer hora, à rua do Sol n.º 340, em Olinda. (22380)

VENDE-SE um piano da marca "Pleyel", em perfeito estado de conservação. Tratar à rua 24 de Junho, 294 — Campo Grande — das 8 ás 11. (22380)

ESCOLAS E CURSOS

ARTIGO 91 — Inicio de novas turmas para os exames em fevereiro vindouro. Turma especial para senhoritas. Escola Tecnica Modêlo — Avenida Manoel Borba n.º 108 — 1.º andar. (744)

ARTIGO 91 — Matricule-se na Escola Mercurio. Ensino eficiente de todas as materias. Rua Sete de Setembro, 297 — fone 4198. (22456)

A' Escola "D. Bosco", à rua Imperial, 897, mantém uma "Escola Materna", internato para criancinhas de 4 a 9 anos. Tambem semi-internato. Prepara alunos do curso ginasial. Ainda um eficiente curso de taquigrafia e materias avulsas. Curso noturno para adultos de ambos os sexos. (22470)

ASTROLOGIA — Curso pratico cientifico. Ensino pessoal e por correspondencia. Edificio Vieira da Cunha — sala 219 — 2.º — Caixa Postal, 1165 — Recife. (22081)

CURSO de Vestibulares de Direito — Padre Herminio Aureo de Queiroz — 2.as, 4.as, 6.as, ás 18,30. Edificio Inalmar — Avenida Dantas Barreto, 564 — sala 104 (1.º andar). Matriculas: Patio do Carmo, 25. (22445)

CONCURSO do IAA — Prepare-se na Escola Mercurio. Rua Sete de Setembro n.º 297 — Fone 4198. (22456)

DATILOGRAFIA — A' Escola Mercurio é tradicional na cidade. Matricule-se hoje mesmo para fazer o seu curso de Datilografia. Sete de Setembro, 297 — Fone 4198. (22456)

ESCOLA de Acordeon Pernambucana — Cursos teorico e pratico. Aulas individuais. Direção da professora Thereze L. Dagnausser. Rua Conde da Boa Vista 526 — apartamento n.º 32 — Boa Vista, nesta cidade. (21128)

ESCOLAS Militares — Admissão: Cadetes, Naval, Aeronautica Esa. Metodo conforme Diretoria Ensino Militar. Curso: Quatro meses. Cel. Hollanda — Riachuelo (Vila Sto. Antonio). (22604)

ENGLISH — Professor americano, cursos na American University, Washington, iniciando turmas e aulas privadas. Conversação, correspondencia comercial, etc. A tratar das 18 ás 21 horas. Arthur B. Smith — Edificio Ruth — apto. 301 — Travessa do Veras (Praça Maciel Pinheiro).

LATIM — Italiano — Aulas destas linguas, à rua Silvino Lopes 34 — oitão da Igreja de Casa Forte (22184)

O melhor passaporte para os bons empregos é um diploma da Escola Remington. Faça imediatamente sua inscrição em nossas aulas de: Datilografia — Taquigrafia — Correspondencia Comercial e Inglês. Escola Remington — Rua Nova, 259 — 1.º — Recife. (Não tem filial). Diretora: Crysólitha Bittencourt. (550)

DIVERSOS

ACORDEON 48 Baixos — Vende-se um novo, 2 registros, marca Universal, com estojo, preço Cr$ .. 6.500,00. Tratar com Arnaldo Monteiro — Quartel do 14.º R. I. — Socorro. (22583)

AGRADEÇO a D. Frei Atanazio Krajezyk duas graças alcançadas e duas a D. Vital, com a promessa de publicar nesta folha. Garanhuns — J. L. Machado. (22426)

AVISO — Por motivo superior, fica cancelado a rifa do cavalo que ia extrair-se no dia 31 do corrente. Responsavel: Nilson Aluisio (22619)

ALGUEM lhe deve? Promissorias, Duplicatas, Vales, tudo enfim que represente valor. Advocacia em geral. Dr. Isaias Rubinsky — Edificio Vieira da Cunha — sala 127 — 1.º andar — Rua Floriano Peixoto n.º 85. (22362)

AOS Pobres — Consultas aos melhores médicos e médicas especialistas na cidade, a Cr$ 50,00 Radiografias. Exames de Sangue, Fezes Urina e outros, a preços populares. Extração de dente, sem dôr, Cr$ 20,00 Obturação, Cr$ .. 25,00. Serviço Bandeirante — Edificio Trianon — 4.º andar — sala 401 — desde 8 horas da manhã. (21356)

ACHA-SE nesta capital, vinda de Salvador, a professora Alice Galante Alves Brito, que deseja encontrar-se com sua tia Rosa da Costa Guimarães e seus primos Armando, Armirio e Armiria Guimarães da Silva, esposa do sr. Gonçalo da Silva, quem souber do paradeiro desta familia, é favor informar para Pensão Avenida — Rua da Concordia n.º 341. (22363)

ARTIGOS do Norte? No "Ponto Chic", Imperatriz n.º 89. (22444)

ATERRO de Caliça — Compra-se qualquer quantidade posto na Ilha do Leite. Tratar na Organização Coelho Ltda. — Rua da Concordia, 143 — 3.º — sala 201. (46)

ATENÇAO — Consertam-se relogios, com garantia na secção de joias da Movelaria Aliada — Livramento, 25. (18819)

ATENÇAO — Não se preocupe com o vidro do seu carro quebrado, procure Severino Batista à rua Estreita do Rosario, 161 que terá seu serviço pronto com garantia.

ABELHAS — Vendem-se colmeias e nucleos de italianas e uruçu à rua da Regeneração, 427 — Agua Fria — Fone 6950. (149)

AGRADEÇO ao glorioso São Judas Tadeu, 2 graças temporarias que estou alcançando. B. d O (21333)

ATENÇAO Revendedores — N. Bezerra avisa aos revendedores de joias e relogios, que acaba de receber grande partida de relogios, brincos, transcelins e medalhas de ouro. Tudo a preços de grosso. Vendas exclusivamente à vista, porém, muito mais barato. N. Bezerra — Rua da Palma, 295 — 2.º andar, salas 210-211 — Fone 7660. (653)

ARQUITETURA, construções, calculos. Peça orçamento sem compromisso. Edif. Duarte Coelho, sala 1307, Bloco C. (22079)

BLUSAS — Em geral a preços sem competidor, só na Casa das Blusas — Avenida Manoel Borba n.º 30 — Fone 4096 (22347)

BOLOS de Noiva — Primeira Comunhão — Aniversario e novidades para 15 anos. Flores e enfeites de goma, preços especiais salgadinhos e doces. Mme. Engracia Cardoso — Praça Maciel Pinheiro, 342 — 1.º — Casa Arte (143)

CELANITE — Para alvejamento de açucar, vende-se um lote de 53 caixas desse produto. Preço interessantissimo, tratar com Evaldo — Rua do Bom Jesus, 160 — terreo. (22372)

CHAPÉUS para Senhoras — Encomendas, pinturas e reformas — Ponto Chic — Imperatriz, 89. (22444)

CORRETAGENS e Comércio Ltda. — Encarrega-se de comprar, vender e permutar casas, terrenos e estabelecimentos comerciais. Edificio Antonio Barbosa, 4.º andar — salas 403-406-407. (84)

CAUTELA Perdida — Perdeu-se a cautela n.º 03803, da Secção de Penhores da Caixa Economica Federal de Pernambuco (Matriz), pelo que vai ser fornecida uma 2ª via da referida cautela, ficando a 1ª sem nenhum valor.
Recife, 23 de julho de 1954 (22472)

CASTANHA de Caju' — Compra-se qualquer quantidade, à rua do Apolo n.º 153 — Recife (66)

ESPINGARDAS X Revolver — Trocam-se uma espingarda St. Etiene, francesa legitima, 2 canos, calibre 12 e duas Floubert 9 mm., tambem francesas, por um revolver calibre 32, qualquer marca. Tratar com Evaldo — Rua Bom Jesus, 160 — terreo. (22372)

EMPRESTIMOS Populares, até Cr$ 1.000,00 para pagamento em 4 prestações mensais. Tratar na Cooperativa Mista Banco Auxiliar do Credito e da Construção Ltda. Séde provisoria à rua da Concordia nº 143 — 3.º. Tem elevador. Sala 302. (23)

FINANCIAMENTO para construção de casa propria, de Cr$ .... 30.000,00 a Cr$ 100.000,00. Pagamento até 10 anos, sem despesa inicial. Habilite-se fazendo um deposito ou abrindo uma C/Corrente na Cooperativa Mista Banco Auxiliar do Crédito e da Construção Ltda., com retirada livre e talão de cheque gratis. Informações sem qualquer compromisso, na sede provisória, à rua da Concordia n.º 143 — sala 302, 3.º andar. Tem elevador. (23)

HOSPITAL das Bonecas — Mudou-se para travessa dos Martirios n.º 31 — São José. Entender-se com o sr. A. Lopes. (Especializou-se no sul do país). (22627)

ILUMINAÇAO — Faça uma visita sem compromisso à Casa Pernambucana, na Praça Maciel Pinheiro, 354 e observe tudo que V. S. precisar para iluminação, lustres de cristal, luminarias, apliques, lanternas, lampeões, plafoniers de 3, 14 até 12", com lindas pacias em cores variadas, etc. Fornecemos orçamentos e projetos, atendendo chamados pelo fone 2279 sem compromisso. Facilidades nos pagamentos. Serviço de eletricidade em geral. (127)

JOIAS Empenhadas — Compra-se e faz-se qualquer negocio, com as cautelas de penhor da Caixa Economica. Procure Alderedo Farias, das 11 ás 12 e das 17 ás 18 horas, na rua Diario de Pernambuco n.º 90 — 2.º andar.

LEIA com muita atenção — Encontra-se nesta cidade a mais celebre quiromante da época, cientista Madame Izabel, senhora de grandes conhecimentos na quiromancia e ocultismo, desvendando todos os misterios da vida numa, no passado presente e futuro com uma só consulta, ela guiar-vos-á nesta senda misteriosa, que se chama a vida com muitos anos de estudos na ciencia, numa peregrinação, através de todo continente europeu, aparecendo a todos que a procurar seus grandes conhecimentos, todos os dias, das 8 ás 20 horas. Estrada do Arraial, 3692. (22307)

MATERIAIS Usados — Trilhos, eixos, de aço, polias, consolos, mancais, etc. Vendem-se na Usina Ceramica do Cordeiro Limitada. Rua Eliseu Cavalcanti s/n. — transversal da Avenida Caxangá, altura do n.º 1312 — fones 28063 — 28603 e 9563. (21259)

OBESIDADE, magreza, defeitos do corpo, rugas, pelos, verrugas, massagem médica, facil Ginástica — Instituto Bosch — Praça Maciel Pinheiro, 384 — 1.º andar (2-340)

OLHOS, Ouvidos, Nariz e Garganta, consulta a Cr$ 50,00, aos melhores especialistas da cidade. Operações — Tratamento. Serviço Bandeirante — Edificio Trianon — 4.º andar — sala 401, desde 8 horas da manhã. (21356)

PERUS Mamouth Bronzeados — Vende-se um casal desta magnifica raça, com oito meses de idade. Ver e tratar à rua Teles Junior n.º 75 — Espinheiro. (22376)

PLANTAS de oliveira, enxertadas, com dois anos, importadas da Italia, aceita-se encomenda para qualquer quantidade. Tratar com Renda, Priori & Cia. — Fones 6025 e 6977

PONTO Chic — Vende todos os artigos do Norte. Imperatriz, 89. (22444)

SAUDE, Obesidade, Magreza, Raquitismo, Asma e Prisão de Ventre. Massagem e Ginastica medica — Instituto Fisioterapico — Praça Maciel Pinheiro, 384 — 1.º. (333)

UM magnifico cão raça Collie (de pedigree) Dois meses de idade, muito recomendável para crianças ou para fazenda. Telefone 6520, ou tratar com Black n.º 1338 (junto do Reservatorio Dágua de Prazeres). (147)

VENDEREI para V. S. ferragens, cutelarias, vidro, papel e bijouterias, à base de comissão, nos Estados de Pernambuco, Paraiba, Rio Grande do Norte e cidade de Fortaleza. Nascimento, posta restante deste jornal. (22333)

VENDE-SE uma lancha c/ cabine com adaptação p/ vela ou motor, construida inteiramente de cedro, com 4 metros de comprimento por 1 de largura. Preço de ocasião. Tratar à Av. Guararapes, 26 — Edif. Santo Albino, 7.º andar, sala 714. (22149)

ARTES E ARTISTAS

COMPANHIA DRAMATICA NACIONAL

A Companhia Dramatica Nacional, orgão do Serviço Nacional de Teatro do Ministerio da Educação e Cultura, vai iniciar, hoje, a Temporada Oficial de Teatro da Prefeitura do Recife, apresentando a peça de Guilherme Figueiredo **A raposa e as uvas.**

O primeiro cartaz da temporada da C. D. N. apresentará ao nosso público Nathalia Timberg, Sonia Oiticica, A Fregolente, Magalhães Graça, Ribeiro Fortes e Adalberto Silva.

Os figurinos e cenarios são de Anisio Medeiros.

A estréia da Companhia Dramatica Nacional será ás 20.30 horas, no Teatro Santa Isabel. Os ingressos podem ser encontrados com Lisboa, no Deposito Falsca, no horario habitual.

SOC. DE CULTURA MUSICAL

Movimentam-se os meios musicais do Recife para dois esplendidos momentos da mais pura arte com os proximos concertos do violinista de fama mundial, Szigeti. E' esta a segunda vez na historia da «Cultura» que o celebre virtuose do violino pisa o palco do Santa Isabel. Ninguem esqueceu até hoje sua passagem em nossa capital, quando produziu profunda emoção pela sua arte inconfundivel e sua tecnica de mestre.

Szigeti é, hoje em dia, um dos cinco maiores violinistas do mundo, com uma tecnica cada vez mais transcendental e uma sensibilidade mais apurada.

Os concertos de Szigeti, cujas datas estão fixadas para 24 e 26, respectivamente, hoje á tarde e segunda-feira, á noite, serão exclusivamente para os socios da «Cultura», divididos em grupo A e B, para efeito da distribuição das localidades.

CONCERTO DA SINFONICA

O Departamento de Documentação e Cultura está avisando aos interessados que já começou a distribuição de ingressos para o Quinto Concerto Oficial da Orquestra Sinfonica do Recife, a realizar-se ás 17 horas e 30 minutos de amanhã, no Teatro Sta. Isabel.

O referido concerto conta com a participação da cantora portuguesa Idalina Fragata Leite Pinto, sendo o regente da orquestra o maestro Felipe Caparrós.

AUDIÇÕES DA DISCOTECA PUBLICA

E' o seguinte o programa de auditorio para hoje:

Weber — Oberon — Abertura, execução da Orquestra Konzertgebon de Amsterdam sob a direção de Willem Mengelberg; Debussy — Printemps — Suite sinfonica; execução da Orquestra Filarmonica Royal, sob a direção de Sir Thomas Beecham; Mozart — Concerto n. 4 em mi bemol maior para corneta e orquestra, na execução de Dennis Brain.

EDITAL

L. FIGUEIREDO (RECIFE) S.A., avisa a quem interessar possa que a firma desta praça Sociedade Importadora de Produtos Industriais Ltda., estabelecidos á Rua Vigario Tenorio, 193, comunicou ter se extraviado o conhecimento original n. [illegible], emitido no porto de Santos, pela firma Sociedade Caravelas de Despachos Ltda. e consignados A ORDEM, no vapor ORANIA, vgm 5, entrado em 8-7-1954, relativo a 5 (cinco) caixas c/lixa papel nacional, pesando 370 quilos e marcadas SIPIL.

Si nenhuma reclamação fôr apresentada a esta agencia dentro do prazo de 5 (cinco) dias, contados da primeira publicação deste, conforme § 1.º, do artigo 9.º, do Dec. 19.473, de 30-12-40, serão os referidos volumes entregues ao notificante, independente do conhecimento original.

Recife, 20 de Julho de 1954.

p/ L. Figueiredo (Recife) S/A.
Secção de Navegação
Geraldo Magela Ferreira
(232)

Teatro MARROCOS

Avenida Dantas Barreto

Companhia de Comedias BARRETO JUNIOR

HOJE — ÀS 20,30 HORAS (AMANHÃ VESPERAL)

O MAIOR SUCESSO COMICO DO TEATRO BRASILEIRO !

A PENSÃO DE DONA STELA

Original de Gastão Barroso

PREÇOS: CADEIRA NUMERADA 15,00
CADEIRA LATERAL 10,00

4 MESES NO TEATRO RIVAL DO RIO DE JANEIRO

"EMBAIXADA NESTOR MOREIRA"

Estiveram ontem em nossa redação os estudantes baianos Reinaldo Mauro Oliveira, Arnobio de Araujo Duarte, Genesio Mascarenhas Filho, Wagner Cunha de Carvalho, Edmilson Santana Moura, Angelo Carlos Brito, Carlos Fernando Santana e Clementino Almeida.

Integram a «Embaixada Nestor Moreira», constituida de alunos do Colegio Estadual e do Instituto Normal da Bahia. A viagem tem como objetivo conhecer as cidades de Aracajú Maceió e Recife, assim como suas instituições culturais.

Amanhã, regressarão por via aérea a Salvador.

CORTESIA

Falar todo o tempo em penteados, maquilagem, vestidos, refleto uma coqueteria a um narcisismo exagerado, pois existem muitos assuntos para se conversar. Além disso, os outros tambem devem tomar parte na palestra.

* * *

Para reuniões sem etiqueta e para festinhas intimas, não devem ser impressos convites. O convite deve ser formulado por telefone ou por carta quando, não for possivel fazê-lo pessoalmente.

* * *

O nascimento de uma criança deve ser comunicado aos parentes e aos amigos mais intimos, dentro de 24 horas. Deixar passar mais tempo, é um sinal de desatenção.

* * *

Os presentes devem ser feitos na ocasião devida. Em caso contrario, a pessoa que os recebe fica em posição embaraçosa, perguntando-se o motivo do gesto.

* * *

Embora atualmente o luto já não seja guardado com tanto rigor, é sempre de bom tom guardá-lo pelo menos para os parentes muito próximos.

* * *

Não convide por convidar, para se mostrar amável. Se esses convites são aceitos, ver-se-á em dificuldades para atender aos hospedes.

* * *

Não fica bem falar pelos cotovelos. Tambem não é de bom tom ficar em um canto, fechada como uma ostra. A virtude está no meio termo.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA

— Patrimonio Nacional —

NAVIOS PARA O NORTE

ARATAIA (Cargueiro) — Esperado a 28, para: Cabedelo, Natal e Macáu.
CAMPEIRO (Cargueiro) — Esperado a 29, para: Cabedelo, Natal, Areia Branca e Macáu.
ARATIMBO' (Paquete) — Esperado a 2.8.54, para: Fortaleza e Belém.

NAVIOS PARA O SUL

ITATINGA (Paquete) — No armazem n. 10, sairá a 25, ás 16,00 horas, para: Maceió, Salvador, Vitoria, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Antonina, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.
ITAQUATIA' (Paquete) — Aguardando atracação, sairá para: Maceió, Salvador, Vitoria, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Antonina, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.
RIO GUAPORE' (Cargueiro) — Esperado a 24, para: Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.
ARARANGUA' (Paquete) — Esperado a 28, para: Maceió, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande e Porto Alegre.

Informações com o agente:
EDWALDO G. NEVES BAPTISTA
Avenida Alfredo Lisboa Edif. COSTEIRA - Telefone 9214
Secção Fretes

DURANTE AS FESTAS

O figo deve ser a fruta preferida, nas ocasiões das festas, porque os médicos a consideram nutritiva, peitoral e emoliente. Seu suco favorece o funcionamento dos intestinos. Os figos da Grecia são os melhores.

* * *

Se o cabelo permitir, um penteado bem indicado para recepções é o feito para trás fazendo-se na nuca vários caracois pequenos.

* * *

As flores não devem ser esquecidas na decoração do lar, pois sua beleza tem valor que permite multiplicar os aspectos mais diversos dando-lhe uma atração singular. Mesmo simples trazem consigo um mundo de alegrias.

* * *

Nada mais indicado do que colocar dentro dos guardanapos cobrados para o almôço ou jantar, pequenos guardanapos de papel. Desse modo estaremos evitando que os guardanapos, muitas vêzes de tecido finissimo, fiquem deselegantemente manchados de baton.

* * *

A noite, depois das agitações diárias, quando os convidados já se houverem retirado, é recomendável um banho que produzirá o efeito de um sedativo e facilitará um repouso aprazivel.

* * *

Os perfumes usados devem ser ligeiros, de uma fragrancia suave, que lembre as suaves madonas antigas e não as mulheres fatais, as quais sempre se descrevem exalando essencias pesadas enervantes.

* * *

Estando ou não em festas é preciso tomar as medidas necessárias para salvaguardar a saúde e a beleza do organismo. Excessos alcoolicos são fatais. As comidas, os gelados, os cremes devem ser evitados depois da meia-noite.

CONCURSOS DO I. A. A.

Estão sendo convidados a comparecer com urgencia ao 8.º andar do edificio sede do Instituto do Açucar e do Alcool, á avenida Dantas Barreto, levando os documentos que apresentaram no ato de sua inscrição para o concurso de escriturario os candidatos de ns. 3, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 43, 50, 51, 53, 54, 55, 61, 68, 70, 75, 78, 125 e 160.

Tambem deverá comparecer o candidato ao concurso de Oficial Administrativo, inscrito sob o n. 28.

FESTA DOS ESTUDANTES DE CARPINA

Como nos anos anteriores, os estudantes de Carpina realizarão hoje, á noite, tradicional festa.

Um grande programa foi elaborado e se espera que o mesmo se revestirá de brilhantismo.

Entre outros entretenimentos, os estudantes promoverão uma **boite** nos salões do Clube Lenhadores ao som da Jazz Boite, sob a regencia de Inaldo Vilarim da PRA-8. Tambem tomará parte na **boite**, onde se exibirá para os carpinenses, a rumbeira Susy Mora, conhecida por «A Boneca Loura do Mambo», acompanhada por Clacho, «El Tumbador».

Os festejos estão a cargo da diretoria da Associação da Gente Moça Carpinense composta dos academicos Sergio Murilo Silva, Anibal Batista Ramos, Maelbe Batista Ramos, Fernando Cyneiros, João Agapito de Sá, Ruy Freire, Pedro de Castro e Ivan Farias do Rego.

PLANO NACIONAL DE OBRAS E SERVIÇOS MUNICIPAIS

O inspetor regional de Estatistica Municipal, Laercio Coutinho de Barros, acaba de receber comunicação telegrafica dos srs. Osmar Cunha e Araujo Cavalcanti, respectivamente, presidente e secretario geral da Associação Brasileira de Municipios, informando que no Congresso Nacional dos Municipios Brasileiros, realizado em São Lourenço, foi aprovado o plano de obras e serviços municipais, com fundo financeiro proprio.

O referido plano que muito contribuirá para o progresso das Comunas brasileiras, está dependendo de um projeto de lei, ora em transito na Camara Federal, dispondo sobre as bases e diretrizes para a sua organização.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

BOA VISTA

HOJE

2,30 - 4,30 - 6,30 - 8,30

Nada pode separar uma mulher... eu busca de um homem! Ao seu lado ela estava num paraiso!

A Fox apresenta:

MITZI GAYNOR e SCOTT BRADY
— em —
A DOCE INOCENCIA

Filmado em TECNICOLOR — Censura LIVRE

PARQUE

Amanhã

1 - 2,40 - 4,20 - 6 - 7,40 - 9,20

Emocionante! Vigoroso! Realista! Drama policial que revela a realidade brutal do crime e do vicio, cuja ação transcorre nas ruas de São Paulo, onde foi filmada inteiramente.

A Columbia apresenta:

MIRO CERNI — SILVIA FERNANDA
e CLEYDE YACONIS em
NA SENDA DO CRIME

Uma produção da Vera-Cruz — Imp. 18 anos

HOJE — Imp. 10 anos — 1,30 - 3,30 - 5,30 - 7,30 - 9,30
GENTIL TIRANO

Amanhã

SÃO LUIZ

1,30 - 3,30 - 5,30 - 7,30 - 9,30

«BORRASCA» — Um drama impressionante pelo realismo e perfeição técnica.

Um só homem — animado por um ideal enfrenta a furia do mar e a ira dos homens.

BORRASCA

— com —

James STEWART
Dan DURYEA
e Joanne DRU

Drama da Universal

Improprio até 14 anos

HOJE — 1,30 - 3,30 - 5,30 - 7,30 - 9,30 — Imp. 14 anos

MINHA ESPADA, MINHA LEI

AMANHÃ ÁS 10 HORAS DA MANHÃ EM PRÉ-ESTRÉIA

Robert STACK em
TRILHA da AMARGURA
Censura: 18 anos

SEGUNDA-FEIRA NO
(A partir das 10 hs. da manhã)

ART-PALÁCIO

O FILME QUE FOI CONSIDERADO PELA CRÍTICA MUNDIAL O MAIS PERFEITO EM 3ª DIMENSÃO

O PRIMEIRO FILME EM 3ª DIMENSÃO ESPECIALMENTE FILMADO PARA A TELA PANORAMICA

Elenco:
Fernando LAMAS
Arlene DAHL
Patricia MEDINA
Um filme da
"PARAMOUNT"

3ª DIMENSÃO

NENHUMA EMOÇÃO PODE SER MAIOR DO QUE QUANDO VOCÊ MESMO É PARTE DO ESPETÁCULO QUE ASSISTE !!!

AVISO — Para maior comodidade do público, os oculos serão vendidos. Os espectadores que não possuirem os oculos necessários para assistir á 3.ª Dimensão poderão comprá-los na EMPRESA ESPECIALIZADA, por preço á parte do preço de ingresso, em GUICHET separado da Bilheteria, á razão de Cr$ 13,00 (Treze cruzeiros). Tratando-se da exibição de um filme de longa duração, os oculos vendidos oferecem o maximo conforto pois são autenticos «Polaroid», de fina e esmerada fabricação

HOJE — "MESSALINA E O BOMBEIRO" — IMP. ATÉ 18 ANOS

TRIANON

SEGUNDA-FEIRA

Sensacional !

"A VOZ DA CARNE"

— com —

Eleonora ROSSI DRAGO
Filme PARAMOUNT
(Imp. até 18 anos)

AMANHÃ — 10 HORAS

" MALDIÇÃO DE CAIM"

(Avant-Première)
(Imp. até 18 anos)

HOJE

12,00 - 14,50 - 17,00 - 19,10 - 21,20

RAF VALOME
CLAUDINE DUPUIS

— — em —

A ENCRUZILHADA

Prod. ART-FILMS
(Imp. até 18 anos)

HOJE no

COLISEU

18,30 e 20,30

O drama das mulheres segregadas da sociedade e do amor Juntas na miseria, no crime e no vicio, todas seriam salvas por uma palavra de compreensão e carinho:

"VITIMAS DO DESTINO"

(Censura até 18 anos)

Com a deusa do existencialismo Juliette Greco, Suzane Clautier e dezenas de jovens estreantes. Filme de JULIEN DUVIVIER Distribuição da França Filmes

HOJE, em Pré-Estréia, às 15 horas — O filme que é uma consagração à beleza de Paris. O maximo realismo e poesia nos varios dramas, dos mais emocionantes:

SINFONIA DE UMA CIDADE

(Censura até 10 anos)

NOTA — Em virtude de atrazo, «A Prisioneira da Torre de Fogo» foi substituido por esse extraordinário filme de J. Duvivier

HOJE no

PATHE

Largo da Paz * Aldeia

Soirée às 18,30 e 20,30

O drama de Rafael e suas famosas madonas. A duplicidade da natureza humana — um genio ao segurar o pincel, mas um monstro ao enfrentar os amores de suas lindas madonas:

"A FORNARINA"

(Censura até 18 anos)

Com Paola Barbara, uma verdadeira madona

Pelicula da Cadef

TERÇA-FEIRA:

A comedia que ninguem resiste. Canções e malicia num filme excepcional:

"A PEQUENA ESCAMPOLO"

Com Amedeu NAZZARI e Lilia SILVI

AGUARDEM:

"VITIMAS DO DESTINO"

O verde na casa

As flores custam caras e se estragam depressa. Em compensação qualquer florista lhe fornecerá belos ramos verdes a pouco preço, e eles, em um pequeno apartamento, lhe darão a ilusão de estar em um jardim.

A arrumação dos ramos, requer, porém, maior cuidado do que a das flores: é indispensavel escolher o canto discreto que os valorise sem que o seu volume se torne uma invasão, encontrar o vaso apropriado, de gosto rustico, de cobre, de grosso vidro opaco, de recamica e arrumar os ramos de maneira que o peso das folhas e o comprimento das caules não ameacem a cada momento virar o vaso se é pequeno ou de material leve.

As moças japonesas aprendem na escola a arte de compor as flores nos vasos: uma arte onde entra a arte e a geometria, algumas normas filosoficas, muito simbolismo e um pouco de religião. Para nós, graças ao céu, a coisa não é tão complicada. Basta ter um pouco de bom gosto.

IOFOSCAL

O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

A AGUA DO PEIXE

E' um habito quase geral nas donas de casa, depois de ter fervido algum peixe, jogar fora o caldo, no entanto, pelo seu poder nutritivo poderia servir para preparar uma otima sopa.

Em uma panela ponha um pouco de azeite com um dente de alho e logo que este estiver levemente dourado, tire-o. Acrescente um pouco de massa de tomate diluida com caldo do peixe e deixe cozinhar. Uma meia hora antes de levar á mesa derrame na panela o resto do caldo, faça-o ferver e acrescente uma massa para sopa, em quantidade que faça a sopa ficar um pouco densa.

MASSA PARA FLORES

CONTRIBUIÇÃO DE ROSA DE BRITO

Deve ser preparada respeitando a ordem dos ingredientes:

1 colher das sopa de araruta;
2 colheres das de sopa de agua;
Meia colher das de chá de parafina.

Leve ao fogo para cozinhar até formar um grude, e amasse com fecula de batata; adicione algumas gotas de glicerina.

Vôe pela

REAL

consorcio com Aerovias Brasil

de RECIFE para:

MIAMI — BUENOS AIRES — MONTEVIDÉO e ASSUMPÇÃO

ou para:

Belém, S. Luiz, Parnaiba, Terezina, Camocim, Fortaleza
Natal, João Pessôa, Campina Grande, Maceió, Aracajú, Paulo Afonso
Salvador, Ilhéos, Conquista, Vitória, Campos, Rio
Santos, São Paulo, Belo Horizonte, Cuiabá, Goiania, Anápolis
Uberlândia, Curitiba, Londrina, Florianópolis, Porto Alegre
e mais 60 cidades brasileiras

Utilize os serviços da maior emprêsa de navegação aérea da América do Sul

PROCURE CONHECER OS NOSSOS HORARIOS E TARIFAS EM NOSSAS

AGENCIAS

Rua da Praia n. 41 Fone 7634
Rua Vigário Tenório, 177 Fone 9325

DJALMA

LEILÃO DE ARTE

(EM CONTINUAÇÃO)

HOJE -- SABADO, 24 DE JULHO ÁS 20 HORAS

RUA DA IMPERATRIZ N. 193 (Terreo)

SUNTUOSAS PEÇAS DE VALOR ! ! ! !

PRIMOROSA COLEÇÃO ! ! ! !

ATENÇÃO — A maior parte dos objetos pertencia a conhecido colecionador pernambucano.

HOJE ÀS 8 HORAS DA NOITE

Leiloeiro Djalma Eusebio Simões

IOFOSCAL
O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO — RECIFE — BRASIL — SABADO, 24 DE JULHO DE 1954

IOFOSCAL
O fortificante indicado para as crianças em idade escolar

Bidault: "Genebra é outro Munich"

Elaboração do tratado de defêsa da Asia, antes do início da conferencia

O enviado especial do DIARIO DE PERNAMBUCO e colegas da imprensa paulista entre os famosos pombos da Piazza Duomo, em Milão

E' êsse o objetivo do secretário de Estado, John Foster Dulles

Barreira contra uma nova agressão comunista — Atitude da Inglaterra

WASHINGTON, 23 (UP) — Os aliados continuaram, hoje, com ritmo acelerado, as negociações iniciadas há tempo para estabelecer a Organização do Tratado da Asia Sul-Oriental (OTASO). Nos circulos autorizados, informou-se, esta manhã, que estavam sendo feitos esforços com o fim de fixar, antes de duas semanas, a data, o lugar e as nações que participarão da conferencia em que se debaterá e firmará esse tratado que tem por objetivo opôr uma barreira a qualquer novo avanço que pretendam empreender os comunistas no sudéste da Asia.

O secretario de Estado norte-americano, John Foster Dulles e os ministros das Relações Exteriores de seis paises pelo menos, acudirão á conferencia na qual se estabelecerá a OTASO. Os ocidentais desejam atuar com a maior rapidez possivel afim de impedir que uma nova agressão comunista se siga ao armisticio da Indochina.

Seu plano consiste em ter preparadas as partes mais importantes do Tratado, antes que comece a conferencia. Informantes autorizados declararam hoje, que a conferencia não durará, provavelmente mais de uma semana. Dulles concluiu o tratado de paz com o Japão em prazo extraordinariamente curto. O fato de que a conferencia se celebre é, em si, um triunfo para o secretario de Estado que vem insistindo desde algum tempo, para que os aliados estabelecam uma aliança contra o comunismo, no sudéste da Asia.

Dulles quer que a OTASO se estabeleça antes de 21 de setembro proximo, data em que começará, em Nova York, a Assembléia Geral das Nações Unidas. O secretario norte-americano tem o proposito de assistir a essa reunião, desde o seu inicio, com o fim de lutar contra qualquer tentativa que possa fazer-se no sentido de que a China comunista ingresse no organismo internacional de paz.

ATITUDE BRITANICA NO PACTO ASIATICO

LONDRES, 23 (UP) — O secretario do Exterior, Anthony Eden, informou, hoje, ao gabinete sobre o armisticio da Indochina, firmado em Genebra, durante uma reunião que iniciou os trabalhos para levar á prática o plano britânico para um pacto de defesa da Asia Sul-Oriental. Eden deu informe enquanto ressurgiam os rumores acerca de uma reorganização de gabinete e até o possivel afastamento do primeiro ministro Winston Churchill.

Esses rumores foram provocados pela conversação, que durou 40 minutos, entre Eden e a rainha Elizabeth II e que teve lugar ontem á noite. Churchill convocou o gabinete para uma reunião, em seu despacho da Câmara dos Comuns, antes de seguir para sua casa de campo, em Chartwell, afim de passar o fim da semana.

Fontes informadas disseram que Eden deu conta detalhada das cláusulas secretas dos três acordos de suspensão das hostilidades, concertados nas conversações de Genebra. Acredita-se tambem que o governo se tem ocupado, ao mesmo tempo, da atitude britânica sobre o pacto asiático de defesa, tendo em vista a realização de uma conferencia ali, ou talvez em Washington.

Os Estados Unidos e a Grã Bretanha, todavia, não chegaram a um acordo sobre a forma de adotar a aliança em questão, e, segundo fontes informadas, estão já iniciando com urgencia, negociações que

(Conclue na 10.ª pagina)

Grande vitoria de Mendés-France

PARIS, 23 (U. P.) — Mais uma grande vitoria, e que veio praticamente coroar o esforço por êle desenvolvido na conferência de Genebra sobre a Indochina, obteve, hoje, na Assembléia Nacional, o sr. Mendés-France. Por 561 votos contra apenas 5, dum total exato de 566 votantes, a Assembléia Nacional deu prioridade á ordem do dia apresentada pelo Partido Radical Socialista e aceita pelo govêrno. Antes, a Assembléia rejeitara por 392 votos contra 185 em 577 votantes a prioridade requerida para a ordem do dia apresentada pelo Movimento Republica no Popular, em oposição no gabinete de Mendés-France.

OPOSIÇÃO AO GOVERNO DE PIERRE MENDÉS-FRANCE, NO PARLAMENTO

Os acordos de paz foram obtidos sem o consentimento dos Estados indochineses

PARIS, 23 (U.P.) — Os inimigos politicos do chefe do govêrno francês, Pierre Mendes-France, conseguiram atrasar a aprovação final do tratado de armisticio que se firmou em Genebra e pôs fim á guerra da Indochina. George Bidault, ex-ministro das Relações Exteriores, a quem Mendés France substituiu enquanto se celebravam as negociações de Genebra, é quem dirige a oposição contra o chefe do govêrno.

Ele e outros deputados da oposição não compareceram á Assembléia Nacional ontem, na hora marcada para o debate sôbre o tratado. Por essa razão, adiou-se a sessão até as três da tarde de hoje.

As linhas gerais da oposição a Mendés-France foram reveladas, ontem, por Edouard Frederick-Dupont, que foi o ministro dos Estados Associados da Indochina, no govêrno do ex-primeiro ministro Joseph Laniel.

Frederick-Dupont disse que o govêrno de Laniel teria podido resolver o problema da Indochina tão bem como o resolveu Mendés-France, ou talvez melhor. Os observadores politicos disseram esta manhã, que as criticas contra Mendés-France serão, sem dúvida, acres, porém acrescentaram que não servirão para impedir a ratificação do tratado do armisticio. Após o debate de hoje, Mendés-France começará a trabalhar em uma série de problemas que manterão ocupados os seus ministros pelo menos até meiados de agosto.

Acredita-se que o chefe do govêrno dirigirá sua atenção, em primeiro lugar, para o norte da Africa. Logo começarão as negociações com os representantes do Marrocos e Tunis, os quais tratarão, sem dúvida, de obter a completa independencia dos seus territórios. A ratificação do Tratado da Comunidade de Defesa Europeia (CDE), que estabelece a criação do exército europeu e o rearmamento da Alemanha, será o segundo problema a ser resolvido.

Os comunistas e neutralistas estão preparando, ao que parece, um novo movimento de propaganda que tem por fim impedir a ratificação do tratado, baseando-se no armisticio da Indochina. Segundo os comunistas, a cessação do fogo na Indochina, demonstra que se pode chegar a um acôrdo com a União Sovietica e que, portanto, podem resolver-se os problemas europeus mediante negociações diretas com ela, o qual elimina a necessidade do exercito europeu.

ADIADA A VOTAÇÃO DO ACORDO

PARIS, 23 (U.P.) — Os inimigos do primeiro ministro Mendés-France conseguiram adiar a votação final sobre o acôrdo de armisticio na Indochina. A oposição está sendo liderada por Georges Bidault, antigo ministro do Exterior, a quem Mendés-France substituiu em plena conferência de Genebra.

Bidault e outros deputados da oposição não compareceram á sessão da tarde de ôntem, quando deveria se iniciar o debate de Genebra. E a discussão foi adiada para as três horas da tarde de hoje.

PARTICIPAÇÃO DOS SOVIETICOS EM CONFERENCIA

GENEBRA, 23 (U.P.) — Os jornais moscovitas Pravda e Izvestia tinham dado a entender, anteriormente, que uma proposta solicitando a realização de uma conferência internacional para aliviar a tensão mundial seria o próximo movimento diplomático dos comunistas.

Hoje, pela manhã, a emissora de Moscou transmitiu uma declaração do govêrno soviético, dizendo que o Kremlin está disposto a participar de outras negociações internacionais.

O govêrno soviético considera — diz a declaração — que os acôrdos obtidos em Genebra, para a suspensão do fogo e estabelecimento da paz na Indochina contribuem para aliviar a tensão internacional e criam, por conseguinte, as condições favoráveis que são necessárias para resolver outros importantes problemas mundiais na Asia e na Europa.

Os problemas que, segundo a declaração russa, podem ser resolvidos, são os relativos á carreira armamentista, a proscrição das armas atômicas, o estabelecimento de um sistema de segurança coletiva e, por último, o problema alemão.

TÉRMINO OFICIAL DA LUTA NO LAOS E CAMBODJA A 7 DE AGOSTO PRÓXIMO

Asseguraram os rebeldes a cessação de fogo, no Vietnam setentrional, amanhã

HANOI, 23 (UP) — A guerra terminou quase por completo, hoje, nas duas terceiras partes das dispersas frentes da Indochina. Em fontes autorizadas, informou-se que a cessação do fogo se pôra em vigor terça-feira, em certos setores do Vietnam setentrional, porém os rebeldes disseram que será o domingo a data em que silenciarão seus canhões.

O fim oficial da luta ficou fixado para 7 de agosto no Laos e Cambodja. Os guerrilheiros rebeldes efetuaram, ontem, incursões de sabotagem que os franceses qualificaram de «importantes» contra as linhas ferreas Hanoi-Haifong, Tourane-Hue-Quang e Saigon-Nhatrang.

Quarenta sacerdotes noviços vietnamitas da missão de Hanoi foram os que primeiro tomaram passagem quando se abriu, esta manhã, o escritório encarregado da evacuação.

O escritório conta com cinco agencias, onde trabalham empregados civis e militares. Nelas foram expedidas passagens para 6.200 franceses que vivem em Hanoi, os quais principiarão a sair da cidade nos fins deste mês. Ao mesmo tempo prosseguem os estudos dos planos para a evacuação dos vietnamitas leais.

Esses planos serão executados tão depressa quanto for possivel. Muitos comerciantes começaram a liquidar seus estoques de artigos. A imprensa de Hanoi publicou, ontem, a noticia da cessação do fogo sem grande destaque e sem comentários. Somente o diário ultra-nacionalista «Dan Chu» pediu á população que puzesse bandeiras a meio-pau, em sinal de dôr. Esse pedido foi criticado por muitas pessoas nos circulos locais.

CESSAÇÃO DE FOGO NO VIETNAM

HANOI, 23 (UP) — O Estado Maior francês anunciou, hoje, que a cessação de fogo, no norte do Vietnam, começará ás 7 da manhã do dia 27 do corrente. De acordo com as instruções recebidas de Genebra, o Estado Maior francês em Hanoi ordenou aos seus soldados que suspendam o fogo naquela data.

Os rebeldes têm enviado a mesma ordem ás unidades que se encontram em lugares isolados nos arrozais do delta e das montanhas que o rodeiam, no Vietnam setentrional. O Estado Maior francês anunciou, tambem, que os rebeldes porão em liberdade 270 prisioneiros franceses a 20 de julho.

ORGANIZADA A EVACUAÇÃO

HANOI, 23 (UP) — Foi aberto, hoje, pela manhã, o escritorio de evacuação, que organizará a retirada dos franceses e elementos reais desta cidade, a ser entregue aos rebeldes. Os primeiros a tirarem passagem foram 40 sacerdotes noviços vietnamitas da missão católica em Hanoi que não desejam cair em mãos dos comunistas.

Dr Sylvio Paes Barreto
Dentista
Seguradora 8.º — Fone 7346

SOB O CÉU ITALIANO

Diante de uma das sete maravilhas do mundo: a imponente catedral de Milão

Na «Piazza Duomo» com os pombos — Uma visita maravilhosa: o Scala — A guerra passou e Milão se reergueu moderna e atraente — 5.000 cruzeiros por um lindo acordeon de 120 baixos

Almeida CASTRO
(Enviado especial á Europa)

MILÃO, julho — Com seu milhão e meio de habitantes, Milão é uma cidade moderna e movimentada, que guarda poucas lembranças da devastação causada pela ultima guerra. Centro industrial chave da Italia, a bela cidade foi o alvo preferido dos bombardeiros aliados. Depois da guerra, refez-se rapidamente e das ruinas saiu uma cidade moderna, que guarda, comtudo, suas preciosas relíquias historicas.

E' Milão, talvez, uma das poucas cidade do mundo em que o desembarque na estação central da estrada de ferro nos dá uma boa impressão. Geralmente, as ruas proximas ás gares de ferrovias são sujas e frequentadas por gente não muito boa. Nesta cidade as coisas são diferentes. Diante da majestosa «Stazione Centrale» uma de suas praças mais belas — a «Duque de Aosta» — dá ao visitante a sensação de limpeza e organização que os jardins bem cuidados traduzem ao primeiro contacto.

O «Scala de Milão» visto do angulo da Galeria Vitorio Emanuele

O «SCALA»

Ninguem chega a Milão que não procure, de pronto, conhecer o famoso teatro «Scala», sonho dos grandes artistas e palco de glorias imorredouras. Uma rua estreita, com nome ilustre, nos levou á praça do Scala. Quatro edificios formam os lados do quadrado. O mais feio e mais sujo deles é o celebre teatro. Não há dúvida que essa primeira impressão é decepcionante. Suas linhas arquitetonicas são as mesmas dos nossos teatros Santa Isabel, no Recife; e da Paz, em Belem do Pará, inclusive com os arcos formando o hall externo. Sobrias e expressivas. Mas a côr da pintura — um vermelho-amarelado — e alguns estragos no reboco das paredes externas fazem descrer que aquele possa ser o grande Scala de Milhão.

Logo, porém, se abrem as portas e o visitante penetra no hall a impressão muda inteiramente. Quando se chega ao salão de espetaculos, o silencio do visitante extasiado, fala mais alto que qualquer palavra.

É preciso ver a decoração interna, a riqueza da boca de cena, a imponencia dos «andares» de camarotes e frizas e deixar que o pensamento recue no tempo para favorecer a imaginação. Diante dos nossos olhos parecem se realizar espetaculos que não vimos, Caruso, Muzio e nosso Carlos Gomes se confundem nas execuções diante do grande palco, onde tantas celebridades foram consagradas pelo aplauso entusiastico do povo.

Estamos no «Teatro alla Scala», de Milão.

MUSEU DA OPERA

A visita se completa com o passeio entre os mestres da musica, representados em bustos, autografos, vestuario, partituras e toda sorte de «ricordis» do Museu do Scala. Verdi, Puccini e tantos outros mestres do teatro estão ali imortalizados em bronze e marmore e através de seus autografos, da mais importante e preciosa coleção do genero.

Estranhamos a ausencia de material referente ao nosso Car-

(Conclue na 10.ª pagina)

GRAVES ACONTECIMENTOS NA ALBANIA

As tropas lusas não passarão por territorio Indú

NOVA DELHI (U.P.) — O govêrno indú repeliu, hoje, um pedido do governo português para que permitisse a passagem de tropas portuguesas, por território da India, em direção á possessão libertada de Dadra. Recorda-se que, em outubro do ano passado, o governo indú havia proibido a passagem de soldados portugueses pelo territorio da India.

Por outro lado, um porta-voz do governo indú, contestando afirmações do representante português disse: «O governo da India repeliu, por infundada, a afirmação contida no comunicado de hoje, dado pelo Ministério do Exterior de Lisboa, de que se tinha cometido uma «agressão» contra a possessão de Dadra. Segundo as informações recebidas pelo governo de Nova Delhi, um grupo de 30 goaenses entraram em Dadra, onde a policia portuguesa os recebeu com fogo. A população de Dadra acudiu em apôio desses goenses, verificando-se, então, uma rapida luta em que a policia foi desarmada. Ambas as partes sofreram baixas. O governo português, que mantem mais de 6.000 soldados africanos e outras tropas coloniais em Daman e Diu, acreditou adequado qualificar êsse grupo de goaenses patriotas de «grupo de mercenários».

Isto não é senão uma injustificada ofensa do governo português aos seus proprios cidadãos que foram levados ao desespero pela cruel opressão exercida pelo regime colonial português nas colonias da India. O governo indú detesta a violencia. Porém, assevera com firmeza que os goaenses têm todo o direito de reclamar, de forma pacifica, seus direitos humanos fundamentais. Se tais esforços são recebidos com violencia, como parece ser intenção das autoridades portuguesas, estas devem sofrer as consequencias de sua equivoca politica. O governo da India não pode nem recorrer ao uso da força para impedir que os goaenses exerçam seus direitos.

O governo da India deseja declarar, mais uma vez, que o povo indú não permanecerá indiferente ante violencias praticadas contra os habitantes de Goa, que são seus congeneres».

Em consequencia do expurgo do chefe do governo, general Hoxha

Disturbios que atingem proporções de guerra civil — Manifestava simpatia pelo «titoismo»

ROMA, 23 (U.P.) — Refugiados anti-comunistas albaneses informaram, hoje, que desórdens das proporções de uma guerra civil estão ocorrendo, na Albania, depois da queda do general Enver Hoxha. Esses refugiados procedem de Bari, porto leste da Italia, no Adriatico, frente á Albania.

Todavia, nos circulos oficiais desta capital não se conseguiu provar tais noticias. Hoxha, chefe do govêrno desde 1945, foi derrubado e reorganizado um novo govêrno, presidido por Mehmet Shohu, que era chefe de policia e ministro do Interior. Explicaram que os disturbios foram promovidos por partidários de Hoxha. Não deram, contudo, detalhes dos choques que estajam se verificando, entre os partidarios de Hoxha, a policia e o exercito, ambos agora sob o dominio de Shehu.

Segundo os refugiados, Hoxha foi despojado do poder, devido á simpatia que demonstrou para com o marechal Tito, da Iugoslavia. A Albania está sofrendo uma grave crise econômica. O pequeno pais está, rodeado por paises anti-sovieticos e os outros satélites de Moscou, só podem chegar a ele por ar, ou em submarinos. As autoridades do território livre de Trieste observaram, durante as ultimas semanas, um aumento muito grande do numero de refugiados que chegavam procedente da Albania e da Bulgaria.

Uns 10.000 albaneses fugiram para a Iugoslavia, em busca de asilo. Segundo os funcionarios de Trieste, que estão guardando os refugiados, o bloco comunista do Kremlin está desenvolvendo uma campanha de grande envergadura para impedir que se constitua uma aliança balcanica, entre Iugoslavia, Turquia e Grécia.

EM PERIGO O SISTEMA DE SEGURANÇA

BERLIM, 23 (UP) — O alto comissariado norte-americano declarou hoje que o dr. Otto John, chefe da policia de segurança da Alemanha ocidental, foi, provavelmente, á rezas para Berlim oriental. Esse foi o primeiro comentário feito pelos aliados ocidentais sobre o misterioso desaparecimento de John. Este desapareceu, terça-feira, á noite, juntamente com um médico comunista, o dr. Walfang Wohlemuth. O médico deixou uma nota, dizendo que ambos iam a Berlim oriental e ali permaneceriam.

O Ministério do Interior da Alemanha Ocidental manifestou que John foi sequestrado. Os funcionarios do serviço de contra-espionagem expressaram hoje que os comunistas detiveram, na Alemanha oriental, grande número de agentes dêsse serviço, pouco depois do desaparecimento de John. Acres-

(Conclue na 10.ª página)

FORT BRAGG (Carolina do Norte, EE. UU.) — Perante Altos funcionários do Departamento da Defesa, o exército norte-americano fez sua primeira demonstração pública dos foguetes super-sônicos capazes de levar explosivo atômico. Os foguetes «Honest John» (João Honesto), medindo cada um 9 metros de comprimento e pesando 3 toneladas, deixaram os aparelhos de lançamento com jatos de fogo alaranjado, e desapareceram á distancia. Diz o exército que têm um alcance de 30 klm. e produzirão em combate o efeito de centenas de granadas. (Telefoto United Press)

EM BRUXELAS

Projetada a realização de uma conferência de ministros do exterior de seis nações

A fim de discutir as idéias da França sôbre o exercito europeu

PARIS, 23 (U.P.) — Nos circulos governamentais diz-se, hoje, que se projeta uma conferência de ministros do Exterior de seis nações, em Bruxelas, para os dias 9 e 10 de agosto, afim de discutir as idéias da França sôbre o exército europeu com as de seus associados.

Acrescenta-se que o presidente do Conselho de ministros, Pierre Mendés-France, pensa pedir a Assembléia Nacional que se pronuncie sobre o exército europeu quase imediatamente depois dessa conferência. Os planos do diligente chefe do govêrno foram discutidos no Conselho de presidentes das Câmaras, em sua reunião semanal com o sr. Jean Masson, sub-secretário da presidência, segundo fontes bem informadas.

Mendés-France prometeu ao ministro do Exterior belga, Paul Henri Spaak, numa entrevista mantida, aqui, há poucas semanas, que concorreria a uma conferência da Comunidade de Defesa Européia, antes que o discutido plano do exército europeu fosse apresentado á Assembléia Nacional, porém, não fixou a data para o mesmo. Como Mendés-France tambem ha-

(Conclue na 10.ª pagina)

ILEGÍVEL

EDIÇÃO ESPECIAL DEDICADA AO CAFÉ

DIARIOS ASSOCIADOS

O JORNAL ★ DIÁRIO DE S. PAULO ★ ESTADO DE MINAS ★ DIÁRIO DE NOTICIAS ★ DIÁRIO DE PERNAMBUCO ★ EXEMPLAR CR$ 5,00

15 de Julho de 1954

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
MEC

DIARIOS ASSOCIADOS
EDIÇÃO ESPECIAL

O CAFÉ NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

A primeira edição que os "Diarios Associados" consagraram ao café foi dada à estampa em 1927. Constituiam, então, o nucleo inicial da cadeia de jornais, emissoras, revistas e estações de televisão, os dois orgãos do Rio de Janeiro. Apenas dois anos tinha a nascente organização, à qual deveria o Brasil a execução de um programa de brasilidade, que, então como hoje, é o mesmo, inalteravelmente aplicado aos superiores interesses nacionais. Já vivia a Republica velha o seu ultimo quatrienio, ferida irremediavelmente pelo longo abuso do sitio. As instituições politicas, inadequadas às aspirações do povo brasileiro, desajustadas aos fenomenos mais recentes da estrutura das sociedades, se evidenciavam cada vez mais inadaptadas aos novos problemas que o Estado moderno era chamado a resolver.

Mas, para os "Diarios Associados", que se bateram contra o estado de sitio, defendendo, obstinadamente, a tese de sua incompatibilidade com as tradições de civilização e de cultura que assinalam a presença do Brasil na historia do Ocidente, algumas questões mereciam, e iriam merecer, sempre, sua dedicada atenção. A do café era, então, uma delas, o se-lo-ia em todo o futuro. Decorrido mais de um quarto de seculo daquela primeira preocupação, o numero que ora vimos a dedicar ao café, confirma, na perspectiva historica, que sustentamos a mesma linha inicial do nosso programa de atividades, como orgãos de opinião publica e cadeia de jornais. Quem conheceu, quem teve oportunidade de compulsar a primeira edição sobre o café, publicada em 1927, fronteou, sem duvida, um esforço literalmente gigantesco, para reunir numa edição tudo quanto se havia dito, pensado e trasladado para o papel, realizado e criado, sobre o nosso principal produto. O novo esforço, agora consubstanciado nesta edição, não foi menor do que o outro, porem enfrentou objetivos diferentes, e mentalidade aplicada a outras diretrizes, da que então se preocupava com problemas menos complexos do que hoje.

A terceira década do seculo, na altura do ano de 27, ainda não tinha se assoberbado com a crise em cujas tenazes hoje nos debatemos. Nem no Rio, nem nos Estados, as questões sociais haviam adquirido a intensidade, a agudeza, a extensão na trama das quais hoje bracejamos. Foi a época implicada entre duas guerras, as duas grandes guerras deste meio seculo. A paz não fôra perturbada, até então, pela novidade brutal de setembro de 1939, com a furia do nazismo, a ascenção violenta do fascismo, e o surto do comunismo russo, e não se entornara sobre a humanidade o clarão de fogo das batalhas, que iriam acentuar os desajustamentos entre classes, entre nações, e entre dois blocos, em que se divide o mundo, nos dias de hoje. Daí a edição de 1927 do café não apresentar aspectos tão desenvolvidos, quanto os que a atual, esta edição, apresenta no que diz respeito à ciencia aplicada à cafeicultura, e a tecnica da respectiva execução.

O leitor atento vai notar, que hoje demos mais importancia à parte técnica, enquanto que aquela procurou realçar muito o literario, no café. Esta é uma época técnica, por excelencia técnica. As colaborações dessa natureza, por nós acolhidas nestas colunas, superam em numero as demais. Passada a época de aventura na cafeicultura, a época do avanço pelo interior, com o desbravamento de terras virgens, nas zonas da Alta Paulista, da Noroeste, da Sorocabana, o cafeicultor tem que se voltar, se quiser sobreviver, para a contribuição que a técnica lhe proporciona, a fim de conservar as suas lavouras. Em 1927, a região de Marilia apenas começava a ser colonizada. Cidades hoje florescentes da Sorocabana, ainda não existiam. A Noroeste despertava, ao esforço dos desbravadores. A terra era virgem, estava intacta na sua fertilidade. Não fôra ainda exaurida pela cultura predatoria a que se entregaram os exploradores do solo. Hoje, a situação do cafeicultor é outra, diferente daquela. E a recente campanha, levada a cabo pela Secretaria da Agricultura, pela restauração do solo, demonstra, muito bem, que estamos vivendo outra quadra historica, a da tecnica da conservação da terra, sem o espirito de aventura dos primeiros tempos, da fase tranquila de 1927, quando ainda se tinham preocupações vadias, e o parnasianismo não morrera de todo, vencido pelo modernismo, pela intranquilidade dos precursores de novas formas de vida e convivencia.

A edição do café, deste ano, nesta altura do seculo, 27 anos depois da primeira, não surgiu, portanto, fortuitamente. Quisemos fixar a nova fisionomia da cafeicultura, em relação com a realidade social, economica e politica do Brasil dos nossos dias. A sociedade de então, de há vinte e sete anos, não fôra abalada, ainda, pela novidade que é a ascenção do proletariado, pelo surto industrial e pela interligação dos interesses da industria com os da lavoura, que alguns empreendedores sempre procuraram compreender. Nesse longo periodo — periodo marcado pelo tempo historico e sua intensidade, com todos os acontecimentos que foram registrados na historia do mundo, — nesse longo periodo evoluiu muito a cafeicultura, embora os metodos praticados há um quarto de seculo, ainda sejam os mesmos, em algumas circunstancias, isto é, cultura predatoria, despreocupação com a técnica, insensibilidade às novas modalidades de tratamento do cafeeiro.

O café, no entanto, é o Brasil, em que pese ao lugar comum, demasiado surrado e batido. Vale para nós tanto quanto as maiores riquezas que deram prosperidade a outros paises. Deveriamos, pelo menos, cuidar bem de sua economia, da produção às vendas e consumo. Os numerosos estudos aqui reunidos, vieram mostrar o que falta à economia cafeeira em numerosos pontos. Com o intuito de concorrer para alertar o cafeicultor, o homem publico, o mandatario, para o problema de ordem nacional, que é a ameaça que pesa sobre a cafeicultura, e ao mesmo tempo, homenagea a base da riqueza nacional, foi que elaboramos esta edição, e vimos lançá-la em circulação. Não é facil lêr com boa vontade e assimilar com interesse. Quando, porém, a ruina se aproxima de uma riqueza, literalmente formidavel, é provavel que não haja insensatos tão grandes, que não se precatem contra a destruição. E' para esse fim, que lançamos esta edição do café, colocando-a na perspectiva historica, no periodo de um quarto de seculo.

COLABORADORES

ILUSTRAÇÕES

Tarsila do Amaral — Portinari — Di Cavalcanti — Quirino da Silva — Clovis Graciano — Livio Abramo — Nelson Nóbrega — Aldemir Martins — Mick Carnicelli e Percy Lau.

ARTIGOS

Assis Chateaubriand — Lucas Nogueira Garcez — Bento Munhoz da Rocha — Wenceslau Brás — Ruy Gomes de Almeida — João Pacheco e Chaves — Candido Motta Filho — Odilon Nogueira de Matos — Pierre Monbeig — George V. Robbins — Horacio Cintra Leite — James M. O'Connor — Andrés Uribe — Mario Rolim Telles — J. E. de Paiva Neto — Sebastião Gonçalves da Silva — Silvio M. Alves de Lima — Fernando Góes — Geraldo Banas — Carlos Lindenberg — Saulo Ramos — Barros Ferreira — C. D'Agostino — José de Mello Morais — Ernani Silva Bruno — Raimundo de Menezes — Ruy Miller Paiva — Dirceu Lino de Mattos — Jack Evans — Theophilo de Andrade — Sebastião Pagano — Florestan Fernandes — Carlos Borges Schmidt — J. Quintiliano A. Marques — Guido Cezar Rando — Rino Natal Tosello — A. Carvalho — Olavo Baptista Filho — Benedito Ribeiro — Paul W. Wilm — Tito Livio Ferreira — J. F. de Almeida Prado — Abran Brick — C. A. Krug — Rogerio de Camargo — Temistocles Linhares — Stenghel Guimarães — José Testa — H. E. Jacob — Alfredo Ellis Junior — Aureliano Leite — Heitor Ferreira Linea — Salvio Pacheco de Almeida Prado — André Tosello — Olov Naas — Francisco Malta Cardoso.

DIRETOR DE REDAÇÃO: — João de Scantimburgo.
SECRETARIO desta edição especial: — Joaquim Pinto Nazario. — DIAGRAMADOR: Benjamin Steiner.
FOTOS: — Nicolau Leite — Chico Vizzone — Olavo Esteves — Valter Freitas — Antonio Lucio.

A PARTE GRAFICA foi executada pelas corporações do "Diario de S. Paulo" e "Diario da Noite", sob a chefia de Francisco Ortega.

O CAFÉ E A POLITICA AGRICOLA BRASILEIRA

JOÃO PACHECO E CHAVES
(Ex-presidente do I.B.C.)
Especial para o DIARIO DE S. PAULO

O café, na economia agricola brasileira, não pode ser considerado isoladamente; pelo contrario, deve ser abordado como parte de problema mais amplo, que é o da Agricultura nacional. Muitos enganos em nossa politica cafeeira decorrem do unilateralismo com que vêm sendo abordados os problemas do café, em detrimento da propria economia cafeeira.

O fato de ocupar o café lugar de destaque na pauta de exportação do Brasil, especialmente em nosso comercio com os Estados Unidos, deu-lhe, sem duvida, acentuada prioridade nas cogitações dos responsaveis pela economia brasileira e imprimiu à politica cafeeira rumos muitas vezes diversos dos que exigiam sua cultura e sua consolidação em bases economicas estaveis. O café-moeda predominou sobre o café-produto.

A Agricultura no Brasil pode ser dividida, a grosso modo, em duas grandes categorias economicas: Agricultura de Exportação; Agricultura de Subsistencia.

Quando os produtos incluidos na segunda categoria são produzidos em quantidade superior ao consumo interno, passam a contribuir para a primeira categoria, sem, entretanto, se fixarem como produtos de exportação, pois o seu aparecimento é esporádico e ocasionado por fatores circunstanciais.

Nos ultimos anos, assistimos mesmo os produtos da primeira categoria passarem para a segunda, sob o cognome ridiculo de "gravosos". O café quasi chegou a ser incluido entre os produtos gravosos, escapando desse triste destino apenas pela alta dos preços havida no mercado internacional decorrente de dois motivos: um de calamidade publica — a geada — e, o segundo, pela modificação na orientação economico-financeira do Governo Federal, atendendo a algumas exigencias da Agricultura de exportação.

Essa situação momentaneamente satisfatoria poderá, entretanto, mudar se ocorrerem quedas substanciais nos preços vigentes no mercado internacional, bem como, se o custo das mercadorias agricolas continuar a subir, como é de se prever, pois nada se pode fazer, até o presente momento, para melhorar as condições do custo da produção agricola rigidamente ligado ao custo crescente da mão de obra.

O café, hoje, pode ser negociado dentro dos niveis de preços do mercado internacional. Mas se continuar a expansão da area plantada com novos cafezais, deverá nos anos futuros crescer a produção de forma a ser alterado o equilibrio existente entre esta e o consumo do café, com provavel declinio nos preços do mesmo e sua consequente equiparação aos demais produtos da Agricultura de Exportação, no Brasil.

Com relação aos produtos incluidos na categoria da Agricultura de Subsistencia, dificilmente poderão eles passar em definitivo para a primeira categoria ou mesmo para uma fase de abundancia e estabilização quantitativa, se não fôr traçada com realismo uma politica agraria para o pais.

Duas são as principais reivindicações da lavoura brasileira com relação à sua produção: preços crescentes e financiamento barato. Ambas, entretanto, são apenas necessidades parciais, pois não atingem o amago da questão, que reside na redução do custo de produção.

A primeira reivindicação leva-nos não só à situação de não podermos, concorrer com os demais paises produtores de generos, mas, também, à resistencia aos centros consumidores brasileiros e estrangeiros.

A segunda, quasi sempre nos leva à elaboração de planos irrealizaveis ou a tentativas fiduciarias pouco objetivas.

A verdadeira politica da Agricultura para o Brasil deve ser aquela que crie condições de produção abundante e barata, isto é, a que permita custos mais baixos, obtidos com a utilização de conservação e distribuição dos produtos agricolas. O café não escapa ao fatalismo que pesa sobre a Agricultura brasileira, pois pouco pode hoje o lavrador de café fazer para melhorar suas condições reais de produção, como pouco podem os demais agricultores brasileiros fazer com as suas lavouras anuais ou permanentes, a fim de tira-las das condições precarias em que vivem e coloca-las em fase de competição.

Não que falte, sempre, à Agricultura, financiamento e preço, mas faltam-lhe sobretudo os elementos necessarios para uma orientação segura e realistica, que lhe permita estabelecer em bases estaveis os seus projetos de cultura.

A utilização em larga escala da adubação, da pequena mecanização e do armazenamento, decisivos para a estabilidade e a diminuição do custo de produção agricola brasileira, não poderá se tornar realidade, entre nós, sem a intervenção do poder publico, que nela deveria ter a diretriz de sua politica agricola.

No passado proximo, o grande entrave à agricultura brasileira residiu na politica cambial que protegia a importação e prejudicava a exportação, agravando produtores e consumidores os primeiros, pelos preços vis alcançados pelos seus produtos e os segundos, pelos preços elevados por que conseguiam adquirir os poucos artigos que eram importados. Esta situação foi parcialmente corrigida com o regime da Portaria 70 da SUMOC e da Lei 2145 de 29|12|53, com os quais a atual politica economico-financeira do governo reconheceu o fato e procurou corrigi-lo.

A segunda grande tentativa, no que diz respeito a uma politica agraria entre nós, encontra-se na discutida aplicação dos agios provenientes de cambiais de importação.

Com a criação do Conselho Nacional de Administração dos Emprestimos Rurais procura o governo Federal rejuvenescer o financiamento agricola por meio de facilidades na concessão do credito rural.

A par de todas as duvidas generalizadas sobre o funcionamento de um orgão novo, sem base crediticia organizada, sem quadros administrativos, devemos também levantar outra que nos ocorre: a de saber se o despejo de maior quantidade de numerario na agricultura, pelo financiamento direto dos produtores, terá efeito benefico na diminuição dos preços de custo dos produtos agricolas; ou, se terá simplesmente efeito liberatorio para o credito até hoje aplicado na agricultura e que procurará melhor colocação em outras atividades.

Por outro lado, não se pode estabelecer, definitivamente, uma politica de credito rural asentada no confisco cambial de parte ponderavel da produção agricola brasileira; e, especialmente, quando o confisco pesa especialmente sobre um só produto, que é o café.

Os ágios, com o tempo, deverão diminuir e tenderão a desaparecer, pois é logico que o governo tudo fará para que isto aconteça, visando o retorno à normalidade. Ora, é evidente que a politica de credito rural não poderá ficar adstrita a uma tal aplicação precária de meios. A nosso vêr, melhor aplicação teriam os ágios se com eles fosse executada uma politica de defesa do nosso principal produto de exportação, através de fundo de estabilização do café; e, com as demais disponibilidades fossem atacados os grandes problemas da agricultura brasileira, dando base organica a uma politica agraria, pela concretização do ideal de uma industria nacional de adubos, pela implantação da pequena mecanização (não motomecanização) que poderá ser utilizada em todo o territorio e em quase todas as culturas do país; e, finalmente pela criação da indispensavel e tão falada rede de armazens e frigorificos, que permitirá obviar as nossas deficiencias nesse setor e nos dos transportes, bem como possibilitar a padronização dos produtos agricolas para efeito de exportação e consumo.

Com relação ao café, tornam-se necessarias, ainda, medidas adicionais e especificas. Dentre estas, a mais urgente é prover-se o seu argão representativo de elementos necessarios para defesa do produto no plano economico-financeiro e para a melhoria das condições de produção pelo auxilio indireto, técnicamente orientado. A perspectiva de safras crescentes para os anos vindouros e de possivel desequilibrio entre a produção e o consumo, em detrimento da primeira, obriga-nos a cautela, para não incorrer nos erros do passado. Erros que não mais serão corrigidos pela utilização das terras virgens pois foram elas que permitiram, até o presente momento, a sobrevivencia de uma Nação cuja economia se alicerçou em uma agricultura de exaustão.

DEFESA DO CAFÉ NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

WENCESLAU BRAZ

PEDE o meu prezado amigo Assis Chateaubriand a minha colaboração para um numero especial do "Diario de S. Paulo", dedicado ao café.

Excelentes razões pessoais tinha eu para não acender ao gentil convite, mas sua insistencia amiga e generosa me forçou a aquiescer.

Lembrei-me de um episodio de minha administração federal referente ao concurso de meu governo à feliz e oportunissima iniciativa do Governo de São Paulo, então confiado às mãos seguras e honestas de Altino Arantes.

Este eminente paulista, alarmado pelos preços baixissimos do café e pela gravissima situação da lavoura cafeeira, organizára um plano de defesa para o qual pedia o apoio e o concurso do Governo Federal.

Destacou para o Rio o seu ilustre secretario da Fazenda, o meu saudoso amigo e companheiro de turma, dr. Cardoso de Almeida, a quem concedi imediatamente a audiencia solicitada.

Cardoso desde logo expôs a situação: Café a menos de oito mil réis por arrôba, lavoura exausta, sem recurso algum, ameaçada de colapso, bradava por socorro urgentissimo.

A proposta do Governo Paulista era a seguinte: O Governo do Estado compraria café com os recursos financeiros que a União lhe forneceria prestando contas de cada dez mil contos adiantados, com o objetivo de elevar o preço da mercadoria a treze mil réis por arrôba.

Desde que o preço subisse além de treze mil réis o Governo passaria a vender café, até que ele descesse a esta importancia. Se baixasse, o Governo entraria de novo no mercado para comprá-lo.

Se das operações de compra e venda resultasse prejuizo, ficaria êste exclusivamente a cargo do Governo Paulista; se lucro, seria êste repartido igualmente entre a União e o Governo de São Paulo.

Julguei a proposta perfeitamente viavel, mas dependente do Congresso para a respectiva emissão.

Antes de pronunciamento do Congresso, julguei conveniente convocar as comissões competentes e os chefes principais do Congresso para uma reunião, na qual eu exporia, como expus, o teôr e as vantagens da proposta feita pelo Governo de São Paulo.

Imediatamente uma grande e prestigiosa figura do Parlamento não ocultou sua oposição, dizendo com certa acrimonia: São Paulo! Sempre São Paulo! Café! Sempre Café!

Repliquei de pronto: "Não se trata de defender São Paulo, nem seu café, aliás dignos de todo amparo, mas sim de defender a economia nacional, os altos interesses do país que vivem principalmente do café, produto que nos dá mais ouro do que todos os outros reunidos.

Pobre do Brasil se não fôsse essa rubiácea!

E' nela que se baseia a nossa pobre situação economico-financeira, especialmente nêste periodo de guerra mundial!

Precisamos arrancá-lo das garras do capital estrangeiro, que abusa da nossa fraqueza!

Cruzar os braços e vêr a "debacle" do café, do Estado de São Paulo e do proprio Brasil seria um crime de nossa parte e um verdadeiro suicidio.

Sinto-me na obrigação de agir em defesa dêsse produto básico, como quem cumpre um dever imperioso".

Percebi que minhas palavras tinham calado no espirito da grande maioria, senão de todos, até mesmo no do opositor, que sempre foi um grande patriota.

Depois de rapida discussão, surgiu uma proposta no sentido de amparar toda a produção nacional, com o que concordei, afirmando que começaria imediatamente pela defesa do café.

Aprovada pelo Congresso e sancionada a Lei, o Governo de São Paulo agiu imediatamente e fê-lo com extraordinario e completo êxito.

Café a treze mil réis por arrôba! Grande alegria dos lavradores de café, que viram realizadas suas justas aspirações.

A liquidação das operações de compra e venda do café feita pelo Governo de São Paulo deu um lucro de mais de cem mil contos, soma na época vultosissima e que foi repartida entre a União e o Governo de São Paulo!

Não terminarei sem prestar minhas homenagens aos lavradores de São Paulo e ao eminente paulista, dr. Altino Arantes.

Aos primeiros porque, salva a lavoura paulista pelas providencias tomadas a que me referi, puderam atender aos insistentes apêlos feitos pelo meu Governo para o aumento da produção de generos alimenticios, a fim de que não nos faltassem e pudessemos corresponder aos instantes pedidos dos nossos aliados.

Realmente conseguimos realizar tanto um como outro objetivo.

Cereais não nos faltaram e pudemos ainda vendê-los aos nossos aliados.

Não tivemos filas nem cambio negro!

Quem se der ao estudo de nossos balanços comerciais internacionais verificará os saldos financeiros que tivemos em 1918 e 1919, que determinaram não pequena elevação do cambio e com esta a valorização da nossa moeda.

Quanto à homenagem ao dr. Altino Arantes, desejo acentuar que todos os Governos, quando intervêm no mercado, comprando ou vendendo, especialmente em alta escala, ficam expostos a severas criticas, não raro injustas.

Pois bem. O Governo de Altino Arantes agiu por tal forma que só mereceu aplausos gerais.

Entre os grandes serviços prestados a São Paulo e ao Brasil por êsse eminente patricio, não é de menor importancia a defesa que fez do café em hora tão angustiosa da vida nacional.

O CAFE' NA ECONOMIA NACIONAL

Sua influência inflacionária e deflacionária

RUI GOMES DE ALMEIDA

Falar de café, nos dias em que vivemos, sujeita-nos aos mesmos riscos que corre o individuo que mexe em formigueiro.

Nos nossos 30 anos de café, cremos não ter vivido periodo de maior incompreensão e confusão. Aos interesses dos que produzem o café, dos que com ele comerciam e dos que o industrializam, junta-se, mais acentuadamente que nunca, a sêde de divisas, necessarias à alimentação de nossa defeituosa organização economica. Dia a dia mais se exige do café e, dia a dia, nos afastamos da meta, onde se supõe estar a solução.

Falar a verdade sobre o café e seus problemas, submete, quem fala, invariavelmente ao risco das más interpretações. Não é por certo tal possibilidade, senão razões de outra ordem, que nos leva a abandonar facetas mais palpitantes e atuais, para tecermos considerações em torno de um aspecto pouco discutido, eu seja, o da influencia inflacionaria e deflacionaria do café no sistema economico brasileiro.

No quadro geral de nossa economia, o café atua sempre e ao mesmo tempo, nos dois sentidos, predominando aquela ou esta corrente, segundo o seu preço alto ou baixo. No intercambio comercial com o exterior, ele é fator deflacionario ou inflacionario, de acordo com o maior ou menor numero de divisas que nos proporciona e que nos possibilita comprar mais ou menos bens de produção e de consumo. Se é alto o seu preço e, por consequencia, maior o volume de bens a importar, surge a tendencia, nesse setor, de preços mais acessiveis. Tal tendencia, porém, é neutralizada e largamente superada pela corrente inflacionaria, que decorre da influencia desse alto preço no nivel de preços do restante da produção nacional, muito mais importante em volume e valor que a importação. Se, pelo contrario, o preço do café é baixo, é inverso o fenomeno. Quando gozamos de preço razoavel para o café, observa-se o equilibrio, certa estabilidade em todos os setores de atividades. Por outro lado, um exame nas mutações dos preços do café, nos ultimos 70 anos, revela-nos que, em todas as vezes que elas fogem ao principio da razoabilidade, da justa remuneração à produção, o país aumenta as suas importações de generos alimenticios; quando elas não correspondem às necessidades minimas de remuneração ao esforço do lavrador, há produção abundante desses mesmos gêneros. Nos ultimos 25 anos, com interrupções que não invalidam a tese, podemos observar as três fases. A de preço baixo, não remunerador, que vai de 1930 a 1940; a de recuperação e obtenção de preços convenientes que se estende daí até 1948-49 a de forte ascensão e preços altos de então para cá.

Café a preço alto significa, portanto, produção nacional a preço alto e queda na produção de generos alimenticios. Café a preço baixo quer dizer produção nacional a preço baixo e abundancia de generos alimenticios. Café a preço conveniente, razoavelmente remunerador, exprime estabilidade, certa normalização em todos os setores. Isto, raciocinando a "long rang", como se faz mister em economia.

Atuando como imã, o café arrasta para cima (como no caso atual) ou para baixo, o nivel dos preços das demais utilidades produzidas e consumidas no país. Preço alto de café propicia a formação, em todos os setores de corrente especulatorias; exige maior volume de papel moeda em circulação e consequente expansão dos meios de pagamentos; imprime consideravel aumento na velocidade da circulação e do crédito etc.

Longe de nós afirmar que o estado inflacionario ou deflacionario se agrava ou se ameniza apenas em funcão do preço do café. Há outros e poderosos fatores. O que apontamos é, contudo, relevante. E' tese facil de ser desenvolvida, mas não tão facil de ser compreendida.

Desenho de Clovis Graciano

O CAFÉ E O PARQUE INDUSTRIAL BRASILEIRO

ASSIS CHATEAUBRIAND

A PARTIR do segundo quartel do século XIX, com o ocaso dos ciclos do açucar e do ouro, a coluna vertebral da economia brasileira passa a ser o café, que, desde então até hoje, iria se constituir no principal sustentáculo do comercio exterior brasileiro e da nossa riqueza economica. Já em meados do novecentos, ganha o café, para nós, uma guerra. Dinheiro de que era suprido o Brasil, com recursos cambiais abundantes, permitiu ao governo imperial reforçar a sua marinha de guerra, mandando fazer unidades navais na Inglaterra e nos arsenais do Rio.

A guerra do Paraguai pôde ser vencida, graças às forças navais que atuaram contra Solano Lopez. Este foi esmagado em Riachuelo, pois foi essa a grande, decisiva batalha da áspera campanha em que se empenhou o Brasil. Se o ditador paraguaio não tivesse sido impedido na sua aventura imperialista e na sua furia bélica pelas belonaves brasileiras, teria, provavelmente, descido o rio, com a finalidade de atacar Buenos Aires. Se viesse a ser bem sucedido na sua temeraria empresa, tomaria Montevidéu e a Banda Oriental, invadindo, então, o Rio Grande do Sul, com apoio nas operações da esquadra atlântica.

Sumariamente focalizado esse episodio histórico, devemos dar-lhe a primazia na defesa da nação, contra o delirio imperialista de um ditador, empolgado pela sua volupia de conquista, segundo o figurino napoleônico, no qual se inspirara. Desde então até aos nossos dias, o café tem pago tudo no Brasil, com o peso da sua percentagem nas estatisticas do nosso comercio exterior.

Seria longo relacionar aqui a participação do café no regime brasileiro de trocas internacionais. Tenhamos presente o que representa ele até hoje, como fonte de divisas, para a manutenção do nosso comercio exterior. E', segundo o último relatorio do Banco do Brasil, de 67%, a sua parte nesse intercambio, tendendo, em que pese ao paradoxo, a crescer, com os novos preços na base dos quais são pagas as suas importações nos mercados estrangeiros.

Podemos afirmar, portanto, que o café paga tudo no Brasil, inclusive as farras dos brasileiros, suas loucuras, nas cidades da Europa e dos Estados Unidos. As mais tolas veleidades de turistas daqui, as dissipações e o desperdicio em gastos, que viajantes brasileiros fazem na Europa, sobretudo na França, se abastecem nesse rio de café, que é um rio de ouro, a privar a economia brasileira de recursos em cambiais, para nutrir os caprichos de brasileiros afortunados, graças ao nosso maravilhoso produto. Fomos, sempre, desde longa data, um povo imprevidente. Passam os anos e não aprendemos. Mergulhamos em crises, bracejando nas suas dificuldades, algumas imensas, e não saimos da curva do café, vale dizer, do cimento decisivo desse apoio. Não procuramos explorar outras riquezas.

A industria brasileira ainda não ultrapassou, em cursos de comercio regulares, a fronteira das trocas internas. As materias primas que alimentam o parque manufatureiro de todo o país, adquiridas com divisas estrangeiras, não encontraram, ainda, compensação na industria, a qual, na realidade, não contribui com cambiais, para pagá-las. E' o café, portanto, que sustenta a nossa produção industrial. Aí está o único brasileiro que até hoje não foi alforriado. E' um rei que não passa de escravo, porquanto o Brasil vive, movimenta-se a nação, em virtude do seu suor e do seu sangue. Não temos consciencia desprezando-o, como vimos, fazendo obstinadamente. Assim cavamos a nossa propria ruina economica a qual se antecipa, como perspectiva na queda das exportações e no surto dos concorrentes.

O café assemelha-se hoje a um cigano, tanto o temos maltratado. Sua carreta roda, de ano em ano, num itinerario que, nalguns casos, já se vai tornando incompativel com sua natureza tropical. Decaem as lavouras cafeeiras, que não nos apresentam a relativa opulencia de outras épocas, por isso que a ignorancia dos brasileiros, sobretudo dos nossos homens publicos, as conserva em estadio vegetativo. A precaria estabilidade da cafeicultura deve-se a essa excêntrica mentalidade, que tem tanto de leviana, quanto de suicida.

No roteiro do café, do vale do Paraiba ao Norte do Paraná, e na sua expansão, diremos indecisa, para outras regiões menos favorecidas, cifra-se esse dado decisivo da psicologia do brasileiro, que é o seu imediatismo e a sua imprevidencia. Organizamos a cafeicultura, estendemos sobre vastas areas de terra o maior empreendimento agricola do mundo, mas não soubemos ainda conservá-lo, em condições de fazê-lo servir permanentemente à economia da nação.

Deveriam os brasileiros, que se dobram à primeira dificuldade, inspirar-se no exemplo da Colombia, onde as condições geográficas da cultura cafeeira são de tal maneira dificeis, que temos a obrigação de homenagear os nossos concorrentes com o respeito de nossa admiração pela tenacidade com a qual, sem dúvida, nos edificam. Não há termo de comparação entre as condições fisicas da cafeicultura colombiana e as da brasileira.

Numa região acidentadíssima, escarpada, montanhosa, os trabalhadores rurais descem, muitas vezes amarrados em cordas, para colher o fruto, no fundo de grotas e de montes abruptos. Nessas condições, o café é despolpado e tratado segundo técnica que o vinha colocando a 5 cents acima da qualidade brasileira, no mercado internacional. Os colombianos reputavam o preço de seu café, menos por objetivo de lucro excessivo, do que pelo alto custo de sua produção.

Mas agora nós os ultrapassamos, por isso que continuamos a seguir a politica errada das "valorizações", que funestos resultados já deu no passado. Segundo li numa carta, o lugar, hoje, do mundo onde se compra café mais barato é em Nova York e, do mesmo passo, onde se compra mais caro o produto é no Brasil pois está ele agora 4 a 5 cents mais caro do que no principal mercado norte-americano.

Repete-se, assim, a velha e melancólica anedota: a cabra está, de novo, agarrada em nossas mãos, a fim de trinta e seis paises produtores de café nela mamarem por nossa estulta conta. Temos um oficio, pelo qual somos conhecidos desde 1936: o de pegadores de cabras, para que o resto da humanidade cultivadora do café beba o leite da riqueza nas suas tetas. E' preciso, urgentissimamente, que os brasileiros encontrem outra profissão, a profissão entre todas rendosa, de bem cuidarem da economia cafeeira, que nos proporciona recursos abundantes, para sustentarmos esta civilização periclitante. Sobretudo a industria brasileira, está no imperioso dever, desde logo, de se associar ao empreendimento gigantesco, que é a cafeicultura, com o objetivo de conservá-la, de tratá-la segundo a sua natureza, de tirar dela elementos para as nossas necessidades.

O que se observa na industria é um acentuado desajustamento da economia manufatureira, com a economia rural, sobretudo com a cafeeira, quando só poderemos ter uma industria florescente com uma agricultura próspera. Em que pese o paradoxo, o café não tem merecido da industria toda a consideração que a sua importancia postula, no quadro da nossa economia de país ainda na fase de sub-desenvolvimento.

A civilização do planalto é produto do café, mas este não foi ainda retribuido na proporção do que já deu, pela industria que aqui se desenvolveu e apresenta notaveis índices de prosperidade. E' preciso que se opere o reajustamento entre a cafeicultura e o parque industrial brasileiro, sobretudo o paulista, e que esse reajustamento se conserve, a fim de que se abram para o Brasil novas avenidas no itinerario do progresso.

FASTÍGIO, DECLÍNIO E RECUPERAÇÃO

LUCAS NOGUEIRA GARCEZ

JÁ afirmei, em conferencia pronunciada em Curitiba por ocasião das cerimonias comemorativas do centenario da emancipação paranaense, que o café representou, para o Brasil, um presente da Providencia no mais oportuno dos momentos. Realmente, ansiava a colonia por uma nova riqueza, quando PALHETA, a instancias do Governador do Maranhão, JOÃO DA MALA GAMA, apareceu no Pará, procedente da Guiana Francesa, com as primeiras mudas de café que seriam plantadas entre nós. Coincidiu o evento, a um tempo, com o fim do ciclo do ouro e com a desorganização de nossa agricultura tradicional, que entrava em crise diante da concorrencia açucareira das colonias espanholas inglesas. Esses fatos concorreram, certamente, para o rapido impulso que tomou a cultura do café no Norte e no Nordeste, expandido-se a "rubiacea", embora em pequenas lavouras esparsas, numa imensa extensão territorial que ia das regiões amazonicas do Rio Branco ao Pará e ao Maranhão, de onde passou para as serras cearenses de Merouca e de Ibiapaba antes de atingir Pernambuco.

Mas estava escrito que se destinaria especialmente ao sul essa nova riqueza. Realmente, setenta anos depois da celebrada aventura de PALHETA, já se assinalavam no Rio de Janeiro as primeiras plantações de café. De tal forma se fortaleceu ali a nova lavoura, que em 1823 já era ela considerada a produção tipica do Imperio. Sua importancia continuou a crescer com o fortalecimento, em todo o mundo, do prestigio dessa bebida estimuladora. Em meados do seculo passado, o café já dominava soberanamente a economia nacional, assegurando a moeda de intercambio de que necessitávamos para manter o ritmo das importações, de que dependiamos então ainda mais do que hoje.

Não se concluira ainda, porém, a migração dessa planta erradia, que antes de atingir o Brasil já dera a volta ao mundo. Com efeito, ela em breve abandonaria o Rio para galgar o altiplano e invadir o Vale do Paraiba, de onde iniciaria a avançada mais avassaladora de toda a sua aventurosa historia. Seu aparecimento em terras bandeirantes foi assinalado entre 1830 e 1840, e pouco tempo depois ela já representaria o alicerce de nossa economia, ligando-se indissoluvelmente ao fabuloso desenvolvimento da Provincia e do Estado de São Paulo e de sua capital. Há um seculo — recordou-se ainda há dias nas comemorações do centenario do "Correio Paulistano" — a cidade de São Paulo era um pobre burgo, quase uma aldeia, cuja população não ia muito além de 15 mil almas. De repente, animada por forças estranhas e imprevisiveis, começou a crescer, ao mesmo tempo que uma vaga de energias novas avassalava todo o Interior. Era o milagre do café que se iniciava...

Do vale do Paraiba a lavoura estendeu-se a Campinas, de onde enveredou para Amparo e Mogi-Mirim, numa direção, e para Limeira e Rio Claro, na outra, atraindo-a em seguida às terras roxas de Ribeirão Preto, bem como o solo branco da Araraquarense. Em breve já era ela vista tambem nos vales do Rio do Peixe, na Noroeste, em avanço tambem para o Paranapanema, na Sorocabana, acabando por transpor os limites do Paraná e do Mato Grosso, depois de espraiar-se pelos Estados de Minas Gerais e Espirito Santo. Em 1933, apogeu dessa expansão, os cafezais já abrangiam o Estado inteiro, com exceção de sua parte sul.

Foi fabulosa a transformação operada na economia paulista e em toda a vida nacional pelo café. Dele tudo tem dependido no Brasil, a quem esse grande produto vem propiciando, nestes ultimos trinta anos, cinquenta por cento, em media, de suas receitas cambiais. Em 1952, essa proporção elevou-se a 73%, tendo sido de 64% em 1950 e de 54% em 1949. Não é preciso, diante disso, acrescentar que toda a economia nacional, inclusive o movimento de industrialização do País, repousa nessa riqueza. Sem ela, continuariamos ainda a viver, economicamente, em pleno regime colonial.

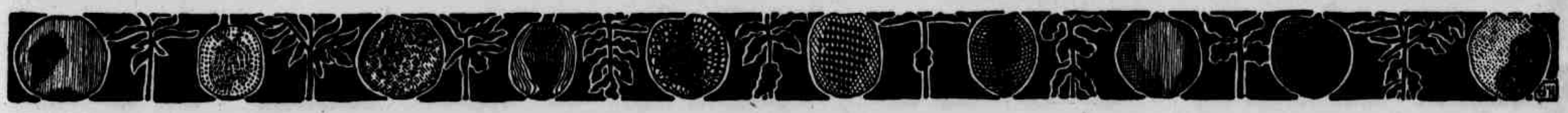
Daí, a preocupação com que observamos os problemas que essa lavoura enfrenta. Já vão longe, com efeito, os tempos em que só viamos no café a planta rustica e resistente que entre nós encontrara clima e solo ideais para o seu desenvolvimento. A broca do café, primeiro, e em seguida as numerosas pragas em cujo combate se esfalfam hoje os nossos fazendeiros, vieram destruir a lenda, em que se compraziam os que olvidavam os dissabores dos primeiros lavradores cariocas e fluminenses, de que o cafeeiro é isento de inimigos naturais. Ao contrario, é constante a vigilancia que exige, permanente a luta que impõe aos agricultores, para que se mantenha em condições otimas de produtividade. Além disso, se, de um lado, o progresso foi carreado pelo café aos sertões, de outro aí estão, para atestar sua furia destruidora, o abandono, a desolação, as ruinas, a decadencia das velhas zonas de que ele fugiu. Tem sido o café, realmente, um nômade fabricante de desertos, pela sua sêde de terras virgens, que ele procura, conquista e submete desde que sente devorado o humus das terras em que fôra anteriormente plantado, e que deixa exaustas e empobrecidas.

O comercio do produto tem sido, igualmente, uma fonte permanente de preocupações. As crises de 1906 e de 1930, para só citar as duas manifestações mais terriveis da super-produção, devem manter-nos sempre alertas, mesmo em instantes de equilibrio estatistico, como o que atravessamos. Ainda estão na memoria de todos os efeitos desastrosos da crise iniciada em 1929, e em virtude da qual fomos forçados a queimar quase 80 milhões de sacas de café e a abater centenas de milhões de cafeeiros.

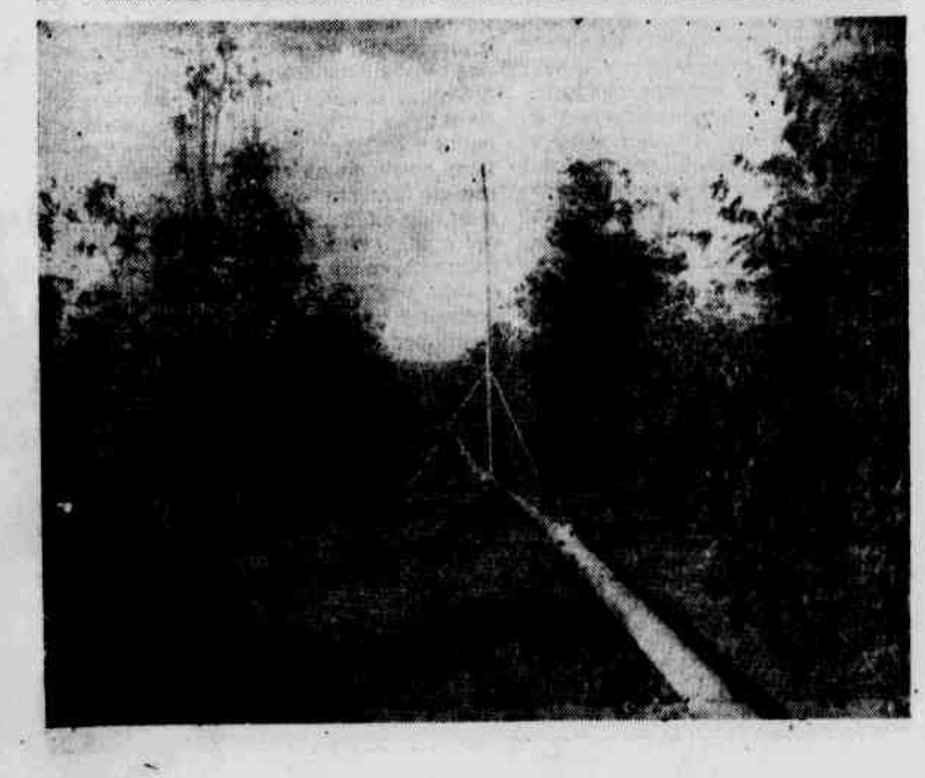
As durissimas, mas proveitosas lições que tiramos desse imenso desastre, nos habilitam a encarar racionalmente os problemas da cultura cafeeira. Passamos a ter sempre presente no espirito a realidade: o café continua a ser a base, no momento indispensavel, da nossa economia, mas não podemos praticar essa lavoura dentro dos esquemas simplistas que nos levaram aos erros do passado. Em primeiro lugar, devemos estimular o desenvolvimento da policultura, como fator de diversificação e equilibrio economico, e ao mesmo tempo reorganizar a produção cafeeira tendo em vista o problema importantissimo da conservação do solo e as questões essenciais do preço e da qualidade do produto. Já sabemos, felizmente, que o café só se tornou entre nós um formador de desertos, por ter sido pouco racional sua cultura, por permitirmos que ele esgotasse até o fim a fertilidade da terra e a entregasse depois à obra destruidora da erosão. Os problemas da adubação e da recuperação das terras cansadas já não representam misterios para nós, e a experiencia nos ensinou tambem que a qualidade do produto depende tanto da terra e do clima quanto da variedade da planta e dos processos de beneficio do café. Compreendemos ainda que o aumento da produtividade representa o elemento fundamental da redução do custo da produção, problema de tanta importancia em regiões que lutam com falta de mão de obra agricola. Lembramo-nos com saudades dos velhos tempos da imigração intensiva e espontanea que nos ajudou a resolver o problema do trabalho servil e que injetou sangue novo no organismo nacional, mas não alimentamos ilusões quanto às exigencias do imigrante moderno, e assim nos empenhamos em aperfeiçoar o aspecto social da vida rural, cuidando do conforto e da comodidade dos agricultores. Avaliamos o valor da tecnica, mas entendemos que ela deve ser posta ao serviço do homem, e não este ao serviço daquela, razão por que nos esforçamos por incrementar e ampliar os serviços de assistencia ao lavrador, ajudando-o a beneficiar-se dos progressos que a civilização vem pondo ao seu alcance.

Essas são as linhas gerais da reorganização por que vêm passando em São Paulo não só a cultura do café, mas toda a agricultura. Para essa obra contamos com aparelhamento tecnico e cientifico de primeira ordem, como o dos Institutos Agronomico e Biologico de São Paulo. Mas contamos, sobretudo, com a inteligencia de nossos lavradores, que nos estão provando a possibilidade dessa reforma. Em São Paulo, velhos cafezais de setenta anos, convenientemente adubados e tratados, estão voltando aos antigos niveis de produção, demonstrando que as lavouras de trinta e quarenta anos não estão fatalmente votadas, como até aqui, à decadencia e ao abandono. Entramos, assim, numa nova era em que o café passará a agitar-se menos na busca de terras virgens, do que no retorno aos solos, já recuperados, que abandonara.

Como descrer, assim, do futuro desse grande produto, que imprimiu traços tão caracteristicos à civilização paulista e que nos possibilitou a grandeza com que ora nos apresentamos perante a admiração do mundo?



Cambuhy



Texto de Sebastião Gonçalves da SILVA — Fotos de Olavo ESTEVES

Numa série de reportagens feitas, há algum tempo, sôbre a Fazenda Cambuhy, (Matão, na Araraquarense), focalizamos aspectos da exploração da "maior fazenda de café do mundo". Relatamos o que de mais importante ali se executa: o seu programa de renovação de velhos talhões, plantando lavouras novas em terras esgotadas pela exploração de culturas anuais; a utilização das novas variedades de café selecionadas pelo Instituto Agronômico; o critério e o vulto da adubação química e das instalações para irrigação, e, notadamente, o seu plano de produção de matéria orgânica para atender aos seus 5,5 milhões de cafeeiros. Publicadas separadamente, essas reportagens perderam o sentido de conjunto, motivo pelo qual decidimos condensá-las nesta nova publicação, justificada pela edição especial do DIARIO DE SÃO PAULO dedicada ao café, na qual não deveria deixar de figurar, ainda que resumidamente, algumas informações sôbre o que se faz na "maior fazenda de café do mundo". O que se vai ler aqui, portanto, é apenas um relato sumariado do que designamos "plano do café" de Cambuhy, no qual algumas inovações e, sobretudo, o acêrto com que foi programado e está sendo conduzido — com inversões impressionantes de capital — poderão servir de orientação aos cafeicultores que buscam melhores rumos nesta quadra favorável ao produto.

A FAZENDA CAMBUHY vem do século passado, quando foi aberta, em 1884, por Gavião Peixoto, que plantou 700 mil cafeeiros; passou, em 1911, para as mãos de Leoncio (Nhônhô) Magalhães, que ampliou as lavouras para 3 milhões e traçou a sua organização com tanmanho descotinio que ainda hoje predominam suas grandes linhas; em 1924 foi adquirida por um grupo inglês — "Cambuhy Coffee and Cotton State Ltda.", que visava à exploração de café e algodão, este posteriormente abandonado — o qual conservou as ações até janeiro deste ano, quando foram as mesmas adquiridas pelo grupo brasileiro Moreira Salles. Nos ultimos tempos sua orientação encontra-se entregue ao sr. E. G. Seddon, sul-africano conhecedor de pecuaria de corte e antigo dirigente das plantações de laranja do Anglo, em Pitangueiras, que traçou e executa um "plano do café", onde a melhor técnica agronomica é adotada: praticas conservacionistas, adubação quimica e organica intensivas, irrigação, motomecanização e utilização das novas variedades obtidas pelo Instituto Agronomico.

Verdadeiramente notavel é o que se pratica hoje em dia em Cambuhy. E mau grado tudo ser feito em grande escala, requerendo, obviamente, grandes inversões, as técnicas adotadas estão ao alcance dos medios e grandes cafeicultores, adotadas que sejam as extensões de suas fazendas. Cambuhy é, assim, um modelo de exploração cafeeira e muito disso se deve à perfeita articulação com o Instituto Agronomico — de quem recebe a indicação das mais modernas técnicas; de sua parte, executa e observa o comportamento das mesmas e mantém, em cooperação com a Organização Rockefeller, uma pequena estação experimental, especialmente dedicada ao estudo do café, cereais e quimica agricola (ervicidas, fungicidas e inseticidas).

NUMEROS DE CAMBUHY

Como documentario sobre a "maior fazenda de café do mundo", aqui reproduzimos alguns dados sobre Cambuhy. Sua area é de 22.993 alqueires, nos quais a exploração cafeeira predomina economicamente; figuram, ainda, culturas comerciais de Citrus e lavouras de cereais e frutas, essas para consumo interno; nas extensas pastagens são engordados anualmente 15 mil cabeças de gado (mantidos tambem com a finalidade de produção de esterco e "composto" para a adubacão organica dos cafezais).

Na ultima safra foram colhidas 70 mil sacas de café beneficiado (mais de um terco de Quenia, que surgiu nos ultimos tempos como concorrente brasileiro), cujo valor ultrapassa dos 200 milhões de cruzeiros (mais do dobro da receita do Estado do Piauí e maior que a de muitas outras unidades do país). Nos viveiros de Cambuhy estão sendo preparadas 1,5 milhão de mudas para substituir talhões esgotados; as lavouras consomem anualmente mais de 5 mil toneladas de fertilizantes quimicos e 30 mil de "composto" organico; estão sendo ultimadas as construções de 60 represas e adquiridos equipamentos para irrigação de todos os cafezais, devendo isso custar cerca de 60 milhões de cruzeiros; os terreiros de preparo do produto cobrem uma area de 100 mil metros quadrados e os varios conjuntos de beneficiamento preparam 2 mil sacas diarias.

Dentro de Cambuhy vivem 12 mil pessoas, em colonias bem construidas; 22 teams de foot-ball disputam torneios internos; há creche, serviço de saude, linha de onibus privativa; consome essa população 23 mil sacas de arroz, 1.800 cabeças de gado; ligando as varias dependencias existem 400 quilometros de otimas estradas (extensão equivalente à Rio-São Paulo). Tudo é grande em Cambuhy e fazem dela "a maior fazenda de café do mundo".

O PLANO DO CAFE'

Dois são os problemas em foco na Fazenda Cambuhy, o aproveitamento de terras cansadas para a instalação de novas lavouras e a mais perfeita utilização das variedades do café obtidas pelo Instituto Agronômico de Campinas. Em tôrno da solução desses dois problemas, desenvolve-se um esforço notavel, em grande parte já vitorioso e em vias de ser completado pela experimentação em larga escala de alguns processos de produção de adubo organico, mecanização da lavoura e irrigação.

Situada no grupo de solos denominado bauru superior — arenoso e pobre em materia organica — grande parte das lavouras da Fazenda se encontrava com dezenas de anos de produção; muito embora sempre se lhes dispensasse o melhor trato, o depauperamento do solo e a velhice das plantas faziam com que as produções fossem escasseando ,a requerer substituição. Levar a efeito uma renovação em tão extensa area em curto prazo seria tarefa inexequivel, além de interferir de maneira drástica na receita da propriedade; assim, foi estabelecido o chamado "plano do café", ou seja a substituição parcial dos talhões tomando por base a produtividade (3 litros por pé, media de 5 anos). E uma vez estabelecido tal criterio, cumpria executar os trabalhos da maneira mais econômica e capaz de assegurar os melhores rendimentos das novas plantações.

NOVAS VARIEDADES

Se para resolver a questão da terra muito houve o que fazer, menores foram as preocupações com a planta. E' que já o Instituto Agronômico selecionara variedades de grande precocidade e elevado rendimento, bastando utilizá-las para que o binômico planta-solo tivesse a sua pri-

A MAIOR FAZENDA DE CAFÉ DO MUNDO

meira parte integralmente resolvida. Lotes de café Bourbon, Mundo Novo e — posteriormente — Caturra foram instalados e dali procederam as sementes para o enviveiramento anual de centenas de milhares e até mais de um milhão de mudas, com as quais se procede o replantio de talhões inteiros, que a baixa produtividade recomenda serem erradicados.

E o trabalho prosseguirá até que a renovação alcance a todos os talhões, nos quais novas técnicas foram tambem introduzidas, notadamente as que dizem respeito ao contrôle da erosão, mecanização e adubação. Assim, graças ao material de alta qualidade obtido pelo Instituto Agronômico, que colabora estreitamente com esta Fazenda, pôde ela dispensar-se de ensaiar variedades ou buscar na seleção o que mais conviria, servindo-se do que a melhor pesquisa agronômica indicava como o que de melhor há em materia de cafeeiros.

ADUBAÇAO QUIMICA

Multiplos e complexos, no entanto, foram os problemas com que a Fazenda Cambuy se defrontou para corrigir as deficiencias ou complementar as exigencias do solo. As questões relativas às praticas conservacionistas — terraços em glebas mais ingremes e curvas de nivel na maioria dos casos, de vez que se trata de "terreno bem feito" — e as de irrigação foram mais facilmente enfrentadas, de vez que mais dependiam de recursos financeiros (que não faltam à propriedade), paralelamente aos conhecimentos técnicos, dos quais se encontravam suficientemente informados os dirigentes da organização.

A fertilização, contudo, exigiu o mais serio estudo e foi nesta parte que mais impressionante se revelou o "plano do café" de Cambuy. A adubação de 5 milhões de cafeeiros não se atende apenas com recursos financeiros e o vulto das inversões na aquisição de elementos para fertilização quimica ou de instalações para a produção de materia organica, por si só, justificavam precaução e segurança na utilização, para não comprometer o êxito do empreendimento, se mal conduzido.

Pois ainda neste particular foi conseguido o mais completo sucesso. A adubação quimica foi fundamentada nas experiencias efetuadas na Estação Experimental de Pindorama, pondo em evidencia, mais uma vez, o valor das pesquisas do Instituto Agronômico e as vantagens de atuar o cafeicultor em estreita articulação com a técnica. Uma formula foi estabelecida consumindo cada cafeeiro um quilo da mesma, em duas aplicações: no inicio das chuvas, reforçada em potassio (para favorecer a frutificação) e pouco antes da colheita, com maior concentração de azôto (para proteger a vegetação). Cerca de 5 mil toneladas anuais de misturas são absorvidas pelos 5,5 milhões de cafeeiros dessa propriedade e para se ter idéia do vulto desse volume bastaria dizer que orça pela casa dos 150 milhões de cruzeiros o total invertido na aquisição, preparo e aplicação de tão grande quantidade de adubos.

PRODUÇAO DE MATERIA ORGANICA

Na produção de matéria organica em grande escala foi introduzida uma inovação que talvez promova revolução na sua técnica. Em Cambuhy está-se processando uma experiência notável: a criação de gado em regime de confinamento, visando ao aproveitamento integral do estêrco e à produção de um tipo de "composto" altamente concentrado e rico.

O que de mais extraordinário ocorre, é que há uma inversão nos objetivos da criação do gado: enquanto normalmente é a pecuária explorada visando carne ou leite, restando o esterco como subproduto, no caso em foco o "produto" visado é o estêrco, passando a carne a ter um interesse subsidiário, embora venha a ser igualmente beneficiada com o processo. O sistema de confinamento difere da estabulação, porque os lotes de animais recolhidos ao galpão jamais dele se afastam, mesmo para receber banhos de sol ou executar ginastica funcional — confinados, poupam energia, ganham docilidade, aumentam rapidamente de peso (pretende-se um rendimento de 6 arrobas em três meses, ou seja um ganho diário de 1 quilo ou mais) com a ministração de rações adequadas e — isso é o importante na experiência de Cambuy — a produção de grande volume de esterco em mistura com a cana, fornecendo, um produto de elevado teor como fertilizante.

Encontram-se ainda em fase inicial as observações em torno desse metodo de engorda-produção-de-esterco, mas tudo indica que os resultados corresponderão ao que se aguarda, havendo porisso grande ansiedade entre os que têm conhecimento da experiência.

Mas como ela ainda não terminou, de outros recursos lança mão a Fazenda Cambuy para a adubação organica dos cafezais: cobertura de solo com capim cortado, adubação verde com o feijão fradinho e fertilização com o "composto" produzido pelos metodos tradicionais, fazem parte do programa.

IRRIGAÇAO E MECANIZAÇAO

Evidentemente, a produção intensiva de café — mesmo em lavoura tão extensiva — não poderia prescindir do grande recurso que vem se revelando ser a irrigação. Assim é que, na primeira etapa do "plano do café" foram instalados equipamentos para suprir de água cêrca de 1,5 milhões de pés, cuidando-se no momento de estender os beneficios da irrigação a todas as lavouras restantes, ou sejam mais 4 milhões de pés.

Para isso, nada menos de 60 reservatorios estão na última fase de construção e redes de canalização começaram a ser estendidas pela área dos cafezais, devendo orçar pela casa dos 60 milhões de cruzeiros o montante das inversões a serem feitas únicamente para construir represas e equipar a propriedade com tubulações e motores com os quais poderão completar as chuvas nos periodos de sua escassez, assegurando a produção das lavouras promovida pela adubação e pelo elevado rendimento das variedades plantadas.

Abandonando o sistema da colonização para adotar o da empreitada de serviço, a Fazenda Cambuy alterou sensivelmente o regime tradicional de exploração de uma propriedade cafeeira. Ha dois anos isso aconteceu e os efeitos se mostraram beneficos. Em parte, muito provavelmente, isso se deve à substituição paralela da mecanização por tração animal pela motomecanização, requerendo isso menor número de braços e alargando mais as áreas destinadas à produção de capins para o fabrico de "composto". As novas lavouras são plantadas para trato mecânico (4,5 m. entre linhas e 2,5 m. entre plantas), permitindo o rendoso trabalho de tratores arrastando grades. Uma frota de 90 tratores se incumbe de substituir braços e de demonstrar a possibilidade da mecanização da lavoura cafeeira.

COLABORAÇAO COM A IBEC

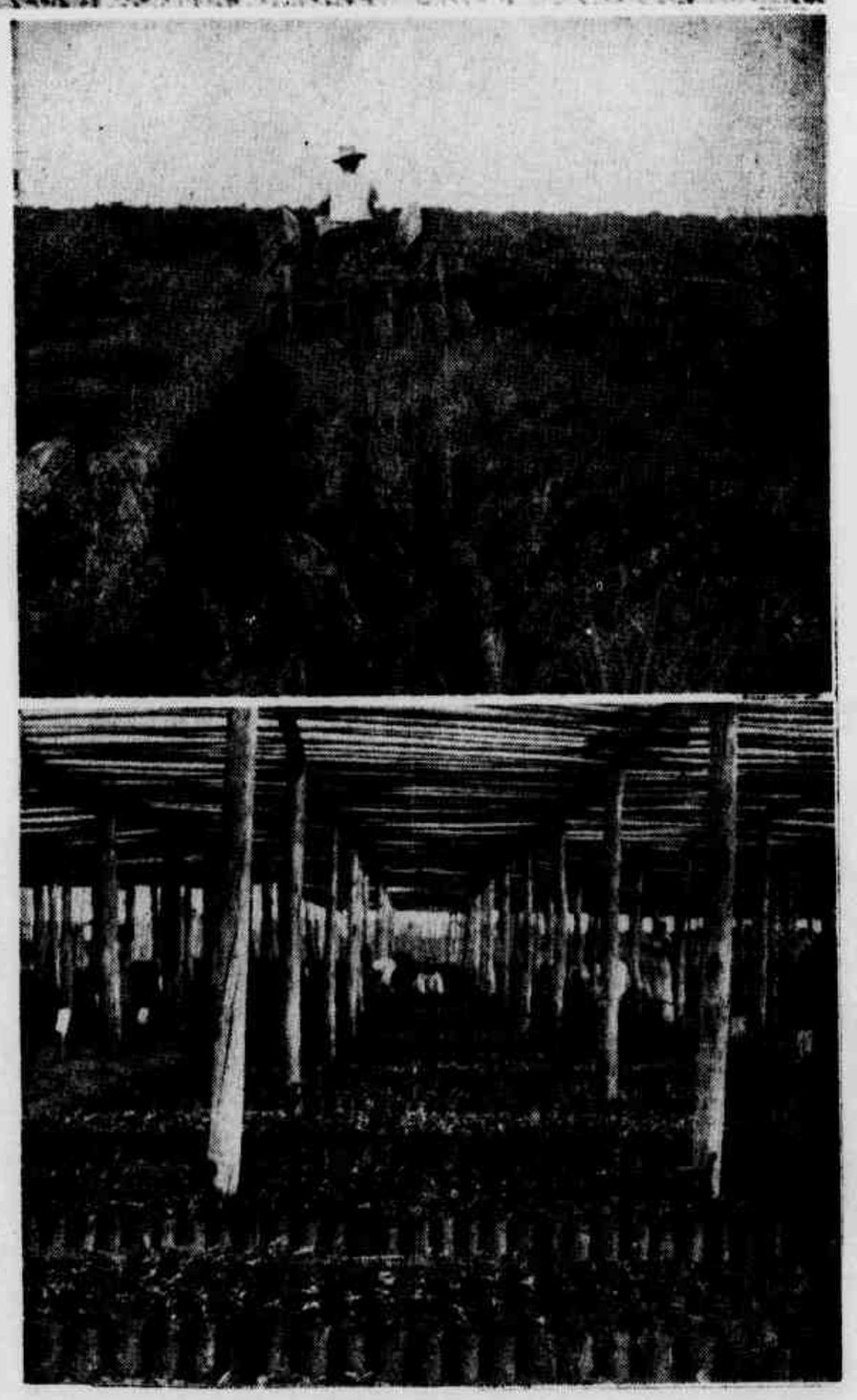
Numa pequena área, proxima à sede, acha-se instalada a I.R.I. — IBEC Research Institute — estação experimental mantida pela IBEC (Internacional Basic and Economic Corporation), entidade filiada à Organização Rockefeller, que tantas iniciaivas tem tomado em favor da agricultura e das populações rurais.

São instalações modestas, mas uma equipe de técnicos especializados, dirigidos pelo sr. Laurence Quinn, supre deficiencias materiais com um programa de trabalho cujos resultados prenunciam o maior interesse para a lavoura paulitsa.

Uma secção é especialmente dedicada ao café — sob a responsabilidade do sr. J. Medcalf — que mantém coleções das novas variedades em observação, trabalhando em estreita colaboração com o Instituto Agronomico: lotes de cafés Mundo Novo, Caturra e Bourbon são submetidos a ensaios de espaçamento, adubação e rendimento, complementados com as observações em larga escala obtidas nas plantações da Fazenda.

A secção de cereais — orientada pelo sr. F. Gulloeve, cuida especialmente de observações em torno do milho e do arroz, enquanto que a secção de quimica, a cargo do sr. Jorge Swierczynski, mantém ensaios de utilização de ervicidas em substituição às capinas, em milho e café (os primeiros resultados são altamente animadores) e também para a eliminação de plantas invasoras nas pastagens, trabalhos eses feitos em combinação com o Instituto Agronomico e a Escola de Piracicaba.

A manutenção dessa estação experimental é atribuição da I.R.I., participando a Fazenda Cambuy da mesma, como associada: paralelamente, a Fazenda mantém um campo de introdução e observação de plantas, prevendo a diversificação de atividades em futuro próximo.



MAIOR PROPAGANDA DO CAFÉ

GEORGE V. ROBBINS
(Gerente-geral da Maxwell House Division da General Foods Corporation — Ex-presidente da National Coffee Association)

NEW YORK. — Tanto os torradores como os distribuidores de café estão atravessando, presentemente, um periodo dificil de reajustamento após os avanços súbitos no preço do produto desde dezembro a março último. O comercio varejista nos Estados Unidos está agora assimilando os "stoks" substanciais que comprou quando o preço do grão subiu em virtude das perspectivas de escassez devidas à geada no Paraná e S. Paulo em julho do ano passado. Esses "stocks" de café torrado em mãos dos varejistas atingiram o seu nivel mais alto a 30 de abril de 1954.

Como é natural, o consumo nos Estados Unidos diminuiu devido aos altos preços. Aliás, teria de ser assim para que a procura pudesse ficar em equilibrio com um suprimento reduzido. Ainda é muito cedo para se poder determinar, com exatidão, a medida daquela perda no consumo, mas parece que em termos de sacas de café cru essa perda anda ao redor de 10%, embora seja de esperar, mais tarde, uma percentagem um pouco maior.

CAFE' SOLUVEL

Mas, a perda no consumo de café torrado é maior do que aquela percentagem indica, embora tal perda seja, em grande parte, compensada pelo enorme incremento no consumo de café soluvel. Em verdade, o produto soluvel foi a salvação da industria de café, de vez que êle tornou possivel a mutos milhares de consumidores nos Estados Unidos continuarem tomando café, o qual, doutra forma, teria ficado fora do alcance do poder de compra desses consumidores.

O atual nivel de preços teve efeito adverso sôbre o comercio nos Estados Unidos, de vez que é necessario maior capital do que dantes para conduzir o mesmo volume de negocios ou mesmo um volume em escala menor.

A industria de café aqui, cujas operações foram sempre baseadas numa margem de lucro fixa, percebe agora uma renda menor sôbre o capital empregado.

PROPAGANDA

Mas, o comercio de café nos Estados Unidos está fazendo todos os esforços possiveis no sentido de manter a rubiacea "A Bebida Favorita da America" em face da reação severa do público consumidor perante os altos preços. A esse respeito, o Bureau Pan-Americano do Café está conduzindo uma boa propaganda durante a presente crise, não obstante os seus recursos limitados. Fundos mais amplos tornariam possivel um programa mais vasto de propaganda, a qual teria por finalidade manter vivo o interesse do público americano pelo café até que maiores suprimentos do produto chegassem ao mercado.

Uma tal campanha mais vasta criaria, naturalmente, um mercado maior para o produto que facilmente poderia absorver quaisquer excedentes futuros.

APRECIAÇÕES DO REPRESENTANTE DO I.B.C. EM NOVA YORK

Horácio Cintra LEITE

NOVA YORK — Da posição do Brasil, como o maior produtor de café do mundo e, consequentemente, como o maior país exportador de café para os Estados Unidos, decorre a grande responsabilidade do representante do Instituto Brasileiro do Café neste país. O Escritorio do I. B. C. em Nova York é a fonte natural de informações onde a Industria do Café — como aqui é chamada a classe dos que lidam em assuntos cafeeiros — vai buscar a interpretação dos acontecimentos e das noticias, as vezes contraditorias, que vêm do Brasil. A posição do representante do Brasil tem por isso uma importancia vital no desenvolvimento dos negocios de café no maior mercado do nosso produto.

A consciencia dessa responsabilidade, e a capacidade para resolver os mais complexos problemas que diariamente se nos apresentam são requisitos essenciais para desempenhar essa importante e delicada tarefa. A necessidade de defender a todo o transe os interesses do Brasil, como produtor de café, não deve entretanto obscurecer tambem a necessidade de compreendermos em todo o seu alcance os problemas peculiares da Industria Cafeeira deste país; em outras palavras, a manutenção de um perfeito equilibrio entre interesses que as vezes parecem opostos, mas que em ultima analise são os mesmos, é necessaria para que um clima de boa vontade e simpatia prevaleça entre vededor e comprador; isto é, entre produtores e consumidores. Para facilitar essa tarefa uma perfeita coordenação deve existir entre o Escritorio de Nova York e a sede do I B. C. no Rio de Janeiro.

Infelizmente é peculiar aos nossos costumes e a nossa gente, subestimar a importancia dos fatores que estão longe dos olhos e dos interesses locais, e que por isso nos parecem de pouco valor. Daí, as vezes, a expressão de surpresa que demonstramos quando as consequencias do nosso descaso se fazem sentir. Outro fator negativo para o nosso trabalho, advem da variedade das fontes de informações sobre assuntos cafeeiros existentes no Brasil. Mais de um departamento governamental fala e opina oficialmente sobre café; acontece, por isso aparecerem nos jornais dos Estados Unidos noticias as vezes contraditorias e até inveridicas causando perturbações no mercado e confusão no espirito dos consumidores, decorrendo daí a suspeição que há propositos inconfessaveis na nossa politica cafeeira.

Esse fato demonstra uma falha no manejo das noticias sobre café, que precisa e pode ser corrigida; um comando unico, que naturalmente deve ser o I. B. C., a par de um Departamento Técnico de Relações publicas, seria a solução. Os comunicados e informações à imprensa devem sair exclusivamente desse departamento e as noticias para serem publicadas e difundidas nos Estados Unidos devem ser enviadas ao nosso Escritorio. Este deve ser a unica fonte de informação sobre assuntos de café do Brasil. Dessa maneira muitas das dificuldades hoje existentes e as necessidades de esclarecimentos posteriores seriam evitadas e uma maior confiança dos interessados e do publico em geral seria estabelecida.

Ao estudarmos a situação do Brasil no que concerne as nossas exportações de café para os Estados Unidos, verificamos que temos vindo paulatinamente perdendo o mercado em favor de nossos concorrentes. Essa tendencia tem sido constante e tem-se acentuado nos ultimos anos. Quais as causas desse fenômeno? Como remediá-lo? Uma analise mais profunda não cabe aqui; entretanto, é preciso que os nossos técnicos a façam. Um fator porém, é visivel e necessario se torna que o apontemos. Sendo o café uma mercadoria que produzimos para ser vendida, devemos olhá-lo como comerciantes e, consequentemente, agirmos como comerciantes e não como politicos.

A tendencia tem sido considerar o café como uma fonte de obtenção de dolares e, de força politica. Temos olhado para o café com olhos imediatistas, não olhamos nunca para o amanhã do café. O resultado está aí a vista de todos. De supridores de 71% do mercado americano em 1931 passamos para 52% em 1953. A Colombia, que em 1931 exportava para os Estados Unidos 18% exportou 26,6 em 1945. Como disse, existem muitos fatores concorrendo para esse resultado, um entretanto é aparente e este é o completo descaso da arte de "salesmanship" por parte dos responsaveis pelos destinos do café no Brasil.

No curso dos meus trabalhos em Nova York, venho observando como os colombianos operam e os resultados por eles alcançados. São verdadeiros "especialistas" na arte de "salesmanship". A sua organização "Federacion Nacional de Cafeteros de Colombia" é administrada por técnicos, e o seu unico escopo é vender o melhor café pelo melhor preço. Nesse sentido eles têm mantido uma constante propaganda da alta qualidade de seus cafés e procurado criar uma atmosfera de simpatia e de confiança para a sua organização. Esse trabalho continuado e honesto está produzindo os seus frutos. Não devemos olhar para os Colombianos e sua organização com espirito de inveja e desconfiança.

Antes, devemos procurar seguir-lhes o exemplo e procurar fazer o que eles estão fazendo; afinal a questão é de método e não de pessoas. Com a criação do Instituto Brasileiro do Café em dezembro de 1952, o Brasil e a classe dos cafeicultores ficou de posse de um organismo que deverá imprimir aos negocios do café, de agora em diante, esse carater comercial que nos estava faltando.

Tenho certeza que os nossos representantes da lavoura, que fazem parte da Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, não são menos capazes que os nossos colegas da Colombia. Esperemos, pois, com confiança, o resultado de sua ação.

Fotos de JEAN MANZON

Fomento do consumo do café

JAMES M. O'CONNOR
(Presidente da National Coffee Association dos EE. Unidos)

Não tem precedente a séria situação em que atualmente se encontra a industria de café tanto nos Estados Unidos como nos paises cafeicultores. Sabemos, naturalmente, que grande parte dos nossos problemas são devidos à geada que destruiu uma boa parte da safra brasileira de 1954-55 e criou uma situação estatistica extremamente apertada. Esse fato provocou uma alta dos preços para niveis jamais atingidos na historia da industria cafeeira.

E' facil de ver que a geada não poderia ter ocorrido em pior oportunidade. Devido em grande parte aos esforços conjuntos dos paises cafeicultores associados ao Bureau Pan-Americano do Café, o consumo da rubiacea aumentou grandemente nos Estados Unidos durante os ultimos anos e, até há alguns meses, esse consumo estava destinado a registrar ainda maiores ganhos. Porém, essa tendencia foi sustada pelos altos preços atuais, pelo menos momentaneamente, e agora se conjetura qual a porção daquele consumo, recentemente perdido, que vai ficar como perda definitiva.

Numa reunião do Conselho Diretor da National Coffee Association, que se realizou a 17 de maio de 1954, os representantes de firmas torradoras bem como os representantes dos armazens de "cadeia" chegaram à conclusão unanime de que as vendas de café torrado no varejo, durante os meses de abril e maio deste ano, mostraram um declinio de 20 a 25% em comparação com o volume de vendas durante o mesmo periodo do ano passado. E êles notaram, tambem, que essa tendencia decrescente ainda não foi sustada.

RECUPERAÇAO DE VENDAS

O Conselho Diretor da National Coffee Association ao tomar em consideração a forte resistencia do publico consumidor aos altos preços, receia, naturalmente, maior declinio nas vendas quando se tornar necessario majorar os preços atuais do café em pó para se equipararem às cotações correntes do café cru. O Conselho Diretor da N. C. A. nutre, porém, esperanças de que uma melhor situação nos suprimentos resultante de um remanescente maior do que se esperava para o 1.o de julho de 1954 e as estimativas mais favoraveis sobre o vulto da safra 1954/55 poderão eliminar a pressão altista nos preços do grão. Essa eventualidade tornaria assim menos dificil, do que é agora, a recuperação do volume que se perdeu durante a recente crise.

Por outro lado, a maior intensidade na propaganda dos produtos concorrentes do café tais como leite, chá, cerveja e bebidas carbonatadas tem, naturalmente, contribuido para complicar ainda mais a nossa já dificil situação. Os nossos concorrentes têm-se aproveitado, assim, de uma oportunidade ideal para fomentar o consumo de seus produtos. Embora não tenhamos ainda cifras que mostrem o aumento no consumo daquelas bebidas concorrentes, conseguido à custa do café, sabemos, no entanto, que o consumo do chá subiu aproximadamente 25% durante os ultimos meses e de que essa tendencia crescente ainda continua. Outrossim, os sucedaneos e aditivos do café estão aparecendo no mercado em numero cada vez maior.

Mas um dos piores males com que nos debatemos atualmente consiste no uso de quantidades excessivas de agua no preparo da bebida tanto nos restaurantes como em casa. A esse respeito, devemos mencionar as conclusões contidas num estudo recente sobre o problema, onde se diz que muitos restaurantes estão usando uma quantidade de agua tão excessiva na infusão que chegam a obter, com uma libra do pó, o dobro de xicaras, da bebida. Embora estejamos aconselhando 40 xicaras para cada libra do pó, grande numero de donas de casa fazem agora uma infusão tão fraca a ponto de conseguirem 60 xicaras e até mesmo mais com uma só libra de café. O preparo do café desse modo inadequado tem indubitavelmente contribuido para influenciar os consumidores a preferir outras bebidas. O Instituto de Preparo do Café, do Bureau Pan-Americano do Café, está realizando uma campanha educativa com o fim de corrigir tais abusos. E' essa uma tarefa bastante dificil, a qual vai exigir consideraveis fundos e muitos esforços para que possa produzir os efeitos desejados, mas cremos que tal empreendimento poderá ser realizado com êxito.

CONCORRENCIA E PROPAGANDA

Devido ao fato de que o mercado consumidor está passando agora por uma fase de severa concorrencia, o Conselho Diretor da National Coffee Association sente-se grandemente preocupado sobre as futuras tendencias no consumo da rubiacea. Presentemente os fundos para propaganda do consumo do café são totalmente inadequados em comparação com o dinheiro gasto pelos nossos concorrentes. O Bureau Pan-Americano do Café merece ser congratulado pelo excelente trabalho a favor do consumo do produto, não obstante os fundos limitados de que dispõe para semelhante empreendimento. Deve-se dizer, a proposito, que a cooperação entre o Bureau e a National Coffee Association é das mais estreitas e proveitosas para toda a industria tanto aqui como nos paises cafeicultores.

Evidentemente ninguem duvida de que com o retorno de maiores suprimentos, o preço do produto deverá gradualmente baixar e com isso os nossos problemas de hoje serão simultaneamente simplificados. E' obvio, porém, que tanto os paises cafeicultores como a industria de café nos Estados Unidos terão de trabalhar muito mais pelo fomento do consumo de café como bebida se, com efeito, desejam recuperar o volume recentemente perdido e restabelecer, assim, o café no lugar que de direito lhe pertence como "A Bebida Favorita da America".

O futuro do café depende dos produtores

NOVA YORK — Os cafeicultores do mundo inteiro encaram atualmente um futuro cheio de dificuldades. Durante os últimos seis meses, a incerteza do público consumidor, em relação ao café, teve como consequência uma redução no consumo que, se não for remediada imediatamente, poderá tornar-se grave. Essa situação cria problemas sérios, que devem ser resolvidos com energia e prontidão pelos paises produtores.

Embora todos os setores da indústria do café tenham sido afetados por essas mudanças básicas notadas na atitude dos consumidores, os produtores de café necessitam, mais do que ninguém, que se aliviem as dificuldades dessas sombrias perspectivas.

Pode-se dizer, em 1954, que o futuro encerra uma nova e promissora era para os cafeicultores. Ficam para trás as décadas de competição e de superprodução, de esforços divididos e desperdicios. Devemos agir, no futuro, com espirito de unidade e cooperação. Os cafeicultores precisam de atuar de acôrdo, para resolver as dificuldades da indústria do café, e, ao mesmo tempo, compreender a situação dos consumidores, nossos socios, nem sempre silenciosos.

O incerto equilibrio entre o consumo e a produção tem sido constantemente causa de crises. Da produção deficiente advêm a escassez e os altos preços para os consumidores; da superprodução, os excedentes e os baixos preços para os produtores. Ambas situações são indesejáveis, não contribuindo para a estabilidade da indústria, apesar das vantagens momentaneas que trazem para um grupo ou para outro.

Andrés Uribe C.

(Representante da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia nos EE. UU.)

PRODUÇAO E CONSUMO

Devemos aumentar a produção e o consumo de café, simultaneamente. Numa grande campanha de cooperação, os paises produtores devem levar adiante um programa com o objetivo de tornar o café a bebida preferida no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, o consumo pode ser aumentado ainda enormemente. O cidadão norte-americano, em média, toma 750 xicaras de café por ano, o que é pouco, comparado com a média do consumo individual de chá dos ingleses, que é de 1.200 xicaras por ano.

Antes, porém, de procurarmos fazer com que os norteamericanos bebam mais café, é necessário recobrarmos os consumidores que substituiram o café pelo chá e por outras bebidas, durante a recente crise. Tem aumentado notavelmente o consumo do chá, das bebidas carbonatadas e dos sucedaneos do café. Dificuldades pelas quais a indústria do café tem passado, para conseguir uma grande parte do mercado das bebidas não alcoolicas.

Nossos competidores não desistirão dessas vantagens voluntariamente. Os produtores de café terão de estabelecer e manter intenso programa de anúncios, para recobrar os consumidores perdidos. Considerando os fundos à sua disposição, o Bureau Pan-Americano do Café realizou uma excelente tarefa, conseguindo que a maioria do público dos Estados Unidos continuasse fiel ao café. Infelizmente, porém, seus esforços têm sido prejudicados pelos seus recursos financeiros limitados ao passo que nossos competidores continuam a fazer progressos. Os cafeicultores devem pensar em aumentar o orçamento do Bureau Pan-Americano do Café, se quiserem que o seu produto concorra vantajosamente no mercado norte-americano de bebidas.

OS ESFORÇOS DO BRASIL

Naturalmente, seria loucura incrementar o consumo do café sem incrementar a sua produção. Em toda parte, os consumidores têm louvado os valentes esforços dos cafeicultores do Brasil no sentido de manter a produção do café no mesmo nível do consumo, manifestando, muitos dêles, publicamente, a sua simpatia e a sua admiração pelos desafortunados lavradores brasileiros que, apesar da geada que, em julho do ano passado, destruiu a sua safra, continuam a plantar café.

Não há dúvida de que a produção do café aumentará na maioria dos paises produtores, nos próximos anos. Mas os problemas que os produtores e os consumidores enfrentam não poderão ser resolvidos apenas com a obtenção de safras maiores. Em consequência dos ruinosos preços do passado, em muitas áreas tem sido gravoso o desenvolvimento das modernas técnicas agrícolas, e muitos paises produzem o café, hoje, como o produziam há séculos. Excepto pelo aparecimento do café solúvel, a indústria da torrefação do café tem, do mesmo modo, sofrido com a continuação de métodos obsoletos. Com técnicas do século 19, os lavradores do século 20 não estão aparelhados para competir com adversários modernos.

A indústria do café, especialmente nos setores do cultivo e do beneficiamento, está com uma tremenda necessidade de melhoramentos técnicos, para que possa diminuir os preços da produção e da venda do seu produto. Isso somente pode ser conseguido mediante um programa de pesquisas, contínuo e de grande escópo, adequadamente financiado e levado a efeito com os melhores especialistas. Não é possivel exagerar o excelente trabalho científico que está sendo realizado em Campinas, Brasil, e em Chinchina, Colombia, bem como em outros paises, tanto da America Latina como da Africa. Todavia, foram apenas tocados os setores de conhecimentos fundamentais sôbre o assunto, sendo necessário ampliar muito mais os conhecimentos atualmente disponiveis.

COOPERAÇAO

Fatores tais como a luz solar, a umidade, o terreno, a temperatura e a pressão atmosférica são apenas compreendidos parcialmente, quanto às suas relações com a flor e o fruto do cafeeiro. O que acontece no subsolo também ainda é desconhecido. Assim, o cultivo, a adubagem e a conservação do solo são praticados em muitos paises segundo métodos tradicionais, que estão longe de oferecer garantias de resultados mais eficientes.

O café tem sido vitima de doenças e de insétos desde que começou a ser cultivado. Com poucas exceções, a falta de um programa contínuo de pesquisas para debelar esses males, faz com que sejamos forçados a utilizar recursos dos tempos dos nossos antepassados. Com a ciência moderna, sem dúvida nenhuma, dois ou três milhões de sacas de café deixariam de se perder anualmente, se se pudesse trabalhar em tal projeto.

A cooperação entre os paises produtores deverá, necessariamente, incluir o intercambio de informações científicas e de conhecimentos técnicos, bem como a padronização do material estatístico. E' um fato lamentável que os nossos centros de pesquisas estão constantemente dispendendo grandes somas em estudos experimentais que já foram prèviamente feitos em centros de pesquisas de outros paises. Essa duplicação de trabalho deve ser eliminada, em beneficio da execução de outros projetos que não são feitos por falta de fundos.

Finalmente, devemos explicar aos consumidores a história dos preços do café. Está provado, irrefutàvelmente, que o aumento dos preços do café é considerado pelo consumidor como uma injustiça pessoal e não como uma reação econômica normal, em virtude da lei da oferta e da procura. Os consumidores que ganham bem não hesitarão em pagar pelo café um preço mais alto, desde que estejam convencidos de que se trata de aumento justificavel.

NECESSIDADE DE PROGRAMA

Os produtores não tornaram conhecidos do público consumidor dos Estados Unidos os fatores econômicos que enfrentam os cafeicultores. Poucos dos que bebem café sabem que a sua lavoura requer enorme investimento, em terras, mão de obra, maquinismos, adubagem e combate aos insétos daninhos. Poucos sabem como são custosas as operações de beneficiamento do produto e da sua colocação no mercado. Quando todos esses fatores se tornarem conhecidos do público norte-americano, poderemos estar certos da sua compreensão e do seu patrocinio.

São êsses os fatos que devem ser convertidos em ações concretas e em material informativo. Os problemas que se apresentam aos paises produtores não são de fácil solução, mas poderão ser resolvidos mediante um programa vigoroso e cuidadosamente planejado, com vistas à cooperação e à compreensão mútua entre os produtores da melhor bebida não alcoolica do mundo. O momento requer ação resoluta, se quisermos conseguir uma expansão dinamica do mercado, capaz de absorver a expansão da nossa produção.

Lunário do Café

EDGARD BRAGA

Sobre franjas invioladas rolam serpentes,
lambem hervas negras, queimam o espanto.
Oh, asas transidas de sol,
castelo, sede, silencio!

O mar encrespado pela vigilia do vento
embala, trirremes escamadas de purpura
cria o ritmo do abandono,
a fome insaciavel das hárpias.

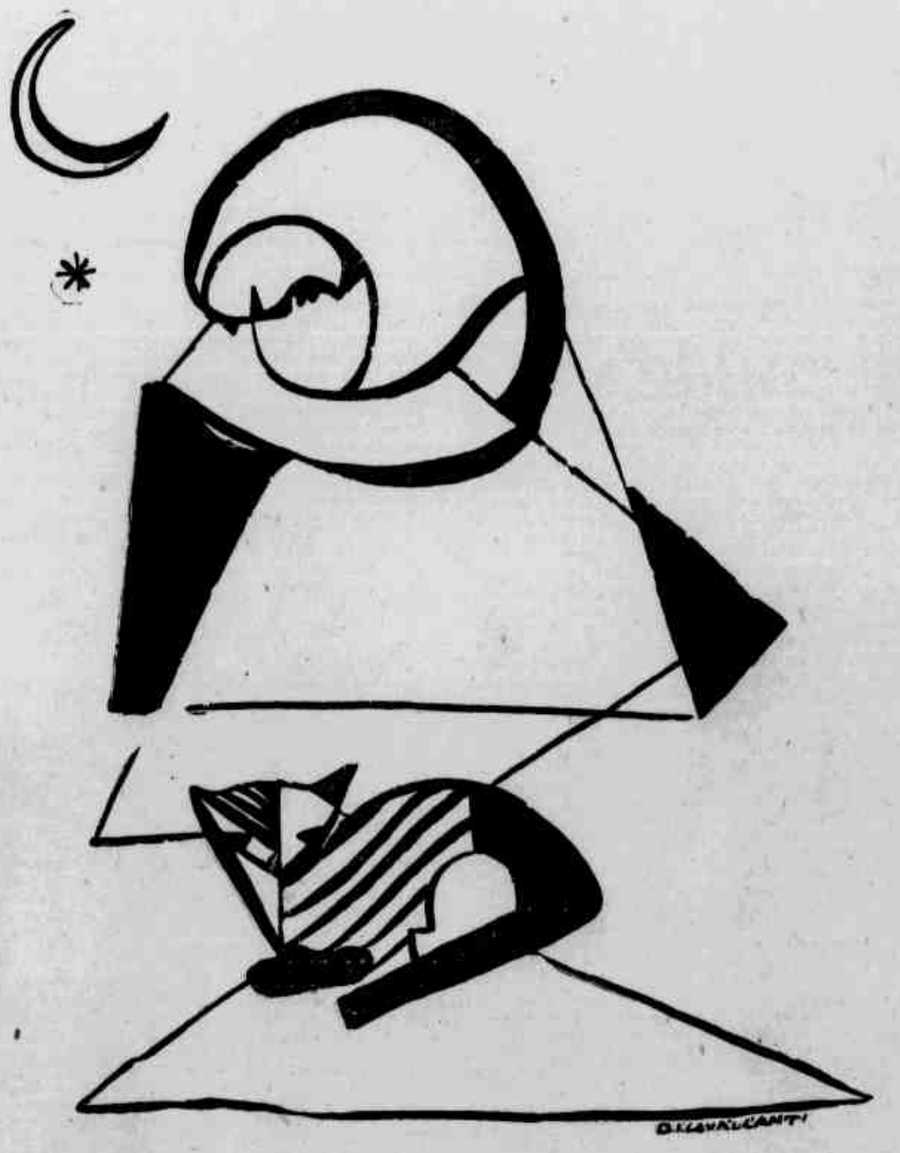
Reacendei, ó Invicta, a brasa e o ouro,
o escudo alijado no fosso, os cornos caprinos,
a videira e o sonho
no olhar do infante, memoria
para sempre perdida onde Troia foi um dia.

A solidão do Amor tece a interminavel tunica,
o filtro de Polidana enche de luar o sexo nu da Eleita.
Tingem-se de lama pedras votivas,
um deus cego ronda palpebras de pranto,
amortece a vigilia dos velhos deuses corruptos...

Segundo ciclo

"Djogg, djogune!"
Em que cimo te ocultas sonambulo,
em que pouso vives a gloria do "Djébel Sabor",
onde arderam outrora
sarças sangrentas,

Descem fulvas cabras as esquivas encostas,
o tropel de seus cascos acorda os ramos tombados.
Bebeste, no ocaso, fantasma das frondes,
o leite do antigo rebanho de Melanto?
Passaro, tua côr é uma cereja soprada das dunas
sobre o pensamento da noite atraiçoado em estrela.
Colhe a lua o rubi do Kovah,
ergue ao mito um novo templo.
Os manes de Kavus-Kai eternizam a aurora!



Junto a teus pés, cadeira
dormia o gato pedres

Terceiro ciclo

Atrás da nuvem meu olhar distante
solta seu barco, além, rumo do rio
em que navego procurando a Ausente,
oh, deusa, perdida em neblina e frio.

Enfunado de som — musica e poema
Abro, como flamula, na viagem.
Avanço, recolhendo o outrora
ainda fruto nos ramos da paisagem.

Lundum

Então, chamei o meu povo,
(Valetes, clero, nobreza),
Gente minha, vou partir,
quero o cavalo alazão,
meu cachorro perdigueiro,
café, distancia, violão.

Sinhozinho de Iáiá,
sinhozinho, parta não.

Sou dono deste condado,
Tenho negra, tenho escravo,
Trezentas léguas de mundo,
Muito ouro de contado.

Sinhôzinho de Iaiá,
Sinhôzinho, parta não

Dêem-me o cavalo alazão,
Minha negra na garupa,
Meu cachorro perdigueiro,
Clavinote e violão!

Sinhôzinho de Iaiá,

Sinhôzinho, parta não..

Eh, jongo, de bungolê,
Jongo, bungolêlê!

Sinhôzinho, parta não...

Quarto ciclo

Desce o luar no fio do sereno.
Nenhum rumor, (sonham as arvores),
O café esconde a noite no terreiro,
Dorme a fazenda em seus retratos marciais.
Longe, sobe da boca abrasada da mata,
o canto incorpóreo dos negros foragidos.
Há nas senzalas um apagado fôgo
de lagrima caida das estrelas.
Eh, jongo, de bungolê,
jongo, bungolêlê...

Modinha do café

Cadeira de balanço,
primeiro verbo criado,
fantasma de minha Avó
em prece muda, vigilia,
onde estão aquelas contas
que desfiavam saudades?
A noite, na hora ultima
ouço que ouço tua fala,
esse acalanto manso
de quem espera, à espera
de um outro manhecer.
Junto a teus pés, cadeira,
dormia o gato pedrês,
fazia rendas a negra
roubada à derriça e à barba
das traições de meu Avô.

Cadeira de ontem, passado,
(tempo passado, esquecido)
és transcendencia de lenda,
criaste o verbo ao balanço
de teu breve sono de Ave.

O' cadeira de um destino,
memoria, afogada nave!

Quinto ciclo

Carreiam as horas a angustia da nuvem.
Carreia o rio o negro sangue do Kava.
As ruas carreiam o passo,
o passo carreia a vida.

E' noite no pêlo fulvo das cabras do Iêmen,
Mortos, no exilio, velhos pastores sonham montanhas.
A noite é o crivo do pranto,
Flui da ruina o oleo do olvido.
O' forasteiro, aqui, Troia foi um dia

Eh, jongo, de bungolê,
Jongo, bungolêlê!

Solta seu barco, além, rumo do rio
em que navego procurando a ausente

[redacted]

PIERRE MONBEIG

E' M PRIMEIRO fato se impõe ao observador: a progressão da produção mundial desde há mais de um seculo. Essa progressão pode ter sido entrecortada de curtos periodos de crise, de recuos momentaneos; mas, em geral, continuou indiscutivelmente. Na medida em que o permitem os documentos antigos, avalia-se em cerca de 50.000 toneladas a produção mundial antes da Revolução Francesa de 1879. Já estamos melhor documentados para indicar a cifra de 100.000 toneladas em 1835, em seguida à de 300.00 vinte anos mais tarde. E', então, que tem lugar a expansão gigantesca do café: 600.000 toneladas em 1850, 900.000 em 1900 e um bom milhão às vesperas da primeira guerra mundial. Desde então, o aumento continuou, a despeito das crises e dos conflitos entre as nações. Alguns anos foram excepcionalmente frutuosos: 1927, com quase .... 2.200.000 de toneladas, 1931, que atingiu ao mesmo nivel, e 1933, que ultrapassa os .... 2.300.00 de toneladas. A segunda guerra marca uma sensivel regressão (excelente maneira de reduzir as crises!), e depois a retomada da produção mundial levou-a ao redor de .... 1.900.000 de t. (1.916.000 em 1952). Em consequencia, e apenas se se atem a este aspecto global da produção, a economia cafeeira apresentava-se particularmente euforica. Como poderíamos julgar de outra maneira uma produção cuja tendencia constante é o aumento? Não devemos desejar uma melhoria constante dos bens postos à disposição dos homens? A palavra de ordem da economia do mundo americano não é a de produzir sempre mais, a fim de assegurar a satisfação de todos? Não considerando senão as estatisticas mundiais referentes a um longo periodo, a economia cafeeira parece aceitar sem dificuldade os "slogans" oficiais do Novo Mundo. E, entretanto, sabe-se bem que isso não é precisamente assim: o malthusianismo economico não é privilegio de algumas velhas nações da cansada Europa, porque voluntariamente se destruiram impressionantes quantidades de café, se derrubaram plantas e se abandonaram terras suscetiveis de recuperação. Sem essas limitações voluntarias da produção, as cifras atuais seriam evidentemente ainda mais elevadas do que são.

Diante dessa produção crescente, o consumo mundial se apresenta com tendencia analoga. Certamente, não se podem ignorar as crises ditas de superprodução, que marcam a historia do café, essas crises das quais São Paulo teve uma experiencia cruel desde 1900. Durante muito tempo, a produção mundial foi superior ao consumo; se se consideram as relações dos dois termos em trinta anos, constata-se que é somente desde 1949 que o consumo leva vantagem sobre a produção. Lembram-se ainda os anos tragicos como os de 1927, 1929, 1933, nos quais a diferença entre os dois elementos ultrapassava, às vezes, 12 milhões de sacas. Mas, uma vez reconhecida essa situação, uma vez reconhecido tambem o que ela comporta de dramatico para o produtor, é preciso outrossim constatar que, desde há 30 anos, a demanda mundial conheceu, no seu conjunto uma progressão geral. Alguns anos após o fim da segunda guerra mundial, o mundo consome pelo menos sete ou oito milhões de sacas a mais do que alguns anos seguintes à primeira guerra mundial.

AUMENTO DE CONSUMO

O aumento progressivo da demanda corresponde, antes de tudo, ao aumento do numero dos consumidores em virtude do crescimento demografico nos paises compradores Estados Unidos e Europa. Mas é necessario não perder de vista o fato de que o consumo de café é função do genero de vida e do nivel de vida. Do genero de vida porque são sobretudo as populações urbanas dos paises fortemente industrializados os consumidores de café. Do nivel de vida, porque essas massas urbanas, essencialmente trabalhadoras, rareiam suas compras, detêm seu consumo desde que tenda a diminuir seu poder aquisitivo. O desequilibrio que se exagerou entre produção e consumo nos periodos de grande crise cafeeira, origina-se a um tempo de uma aceleração do ritmo crescente da produção e de uma diminuição do ritmo crescente do consumo. E' conveniente salientar que a Europa, com um consumo de 10.200.000 de sacas em 1953, não reencontrou ainda completamente seu nivel medio de antes da guerra: quer dizer que a totalidade da população europeia não atingiu ainda a capacidade aquisitiva que tinha antes de 1939.

A geografia do consumo do café não se explica unicamente pela distribuição desigual dos níveis de vida. Ela deve tomar em consideração os habitos alimentares de que os povos são os herdeiros, habitos que não evoluem senão muito lentamente. A despeito de poderes aquisitivos relativamente elevados, os trabalhadores ingleses, canadenses ou australianos são mediocres consumidores de café; eles são bebedores de chá, assim como os habitantes do Meio-Dia da França são bebedores de vinho. O consumo de café faz progressos nos paises muçulmanos, por exemplo na Africa do Norte.

Tudo isto mostra que o interesse dos paises produtores de café é difundir o uso do café. Ora, tal será obtido ao mesmo tempo por uma habil publicidade e pela melhoria das condições de vida das massas urbanas e rurais. O Brasil encaminhará tanto mais café à Europa quanto mais as usinas lá funcionarem a pleno rendimento e quanto mais os salarios sejam elevados. Porque o estudo dos problemas cafeeiros não deve perder de vista o fato de que se trata de um produto alimentar senão de luxo, em todo caso não indispensavel. Em periodo de diminuição de trabalho, se os salarios são insuficientes, o cidadão da America do Norte ou da Europa Ocidental restringe o seu consumo de café. Seu comportamento é o mesmo se os preços de venda se elevam muito. Uma alta dos preços do café corre o risco de determinar uma diminuição do consumo. Supondo-se que as mães de familia norte-americanas ou europeias se deixem convencer perfeitamente de que as calamidades da Natureza justificam o aumento dos preços, a sua filantropia não irá ao ponto de pagar o café familiar a não importa que preço, a fim de ajudar os plantadores: elas comprarão menos.

A SENSIBILIDADE DO MERCADO

O mercado do café está pois submetido a influencias multiplas, que lhe conferem extrema sensibilidade. Como todos os mercados de produtos agricolas, depende ele das variações da colheita em função dos acidentes climaticos: colheita excedente ou deficitaria em relação aos meios a longo prazo Mas a situação do café difere daquelas de generos alimentares vitais como o trigo, a carne, o arroz, cuja demanda é submetida a fraquissimas variações. Salvo em circunstancias muito excepcionais, como as guerras e os bloqueios que as acompanham, a procura desses produtos fundamentais varia muito fracamente de um ano para outro. Pode-se assim falar de produtos alimentares-chave, cujos mercados não sofrem senão muito pouco os efeitos da especulação (já menos exato é isto para o mercado de carne...) As coisas são bem diferentes para o café. E' porque negociantes de café encontram-se numa situação estrategica extremamente importante, que lhes dá a possibilidade de exercer sobre os preços pressões frequentemente graves. Ao contrario, as condições do mercado desfavorecem os agricultores e aumentam a vulnerabilidade das economias nacionais nos paises produtores.

DESLOCAÇÃO DOS CENTROS DE PRODUÇÃO

Não apenas houve modificação no volume da produção, mas, ao mesmo tempo, houve profundas mudanças na distribuição dos paises produtores. Assim como a economia global se nos apresentou como que desprovida de estabilidade, assim tambem a cartografia do café passa por perpetuas transformações: ela é mais coisa do desenho animado que do verdadeiro cartografo. Contentemo-nos com traçar as grandes linhas dessa historia geografica do café, que, originario das terras altas da Abissinia, foi levado à Arabia provavelmente no seculo XIII ou XIV. Do famoso país de Moka os europeus difundiram a cultura cafeeira nos seus novos dominios do Oceano Indico e da Asia das Monções durante o seculo XVIII; a planta foi introduzida nas colonias do rei de França (Ilha de França e Ilha Bourbon), de onde passará bem mais tarde a Madagascar; por seu lado, os holandeses a levaram à India, ao Ceilão, depois a Java e a Sumatra, de onde ela se espalhou por todas as ilhas da Insulindia para atingir as Filipinas. O seculo XVIII foi, de qualquer maneira, o da marcha para o Oriente, para os paises de população forte, de terras ricas e de civilizações avançadas.

Contemporaneamente, os mesmos holandeses levavam para a Europa amostras de café, pequenos arbustos que conservaram nos jardins botanicos ou que presentearam amavelmente aos seus vizinhos, os reis da Inglaterra e da França. Não se via no cafeeiro senão uma curiosidade exotica, interessante de ser conservada nas estufas. Levados pela curiosidade cientifica foi que, pouco a pouco, os botanicos neerlandeses, ingleses e franceses se divertiram em levar alguns pedaços arrancados aos exemplares preciosamente conservados aos paises da America. Foi assim que o café fez sua aparição em Surinã em 1714, alcançando em seguida todas as Guianas, a Venezuela e depois o Brasil. A mesma aventura se repetiu na Jamaica britanica e nas Antilhas francesas, particularmente em São Domingos. Os resultados dessas plantações foram tais, que as Antilhas se tornaram rapidamente o grande fornecedor de café da Europa do seculo XVIII. São Domingos desempenhou então papel que representa hoje São Paulo — enquanto que a produção do Extremo Oriente era decisivamente secundaria. Quanto à Africa, o continente natal do café, seu papel era nulo. Em suma, a difusão da cultura cafeeira encontra-se historicamente associada à expansão das grandes potencias maritimas atlanticas.

As guerras da Revolução e do Imperio, as comoções sociais que desencadearam em São Domingos as reformas abolicionistas da Convenção, puseram termo à supremacia das Antilhas no mercado mundial de café. Os ingleses haviam tentado apoderar-se de São Domingos para subtrair aos plantadores e negociantes franceses essa importante fonte de rendimento; conseguiram-no quando os tratados de 1815 reconheceram São Domingos como terra britanica. Mas as lavouras encontravam-se em mau estado, e a atenção dos ingleses se encontrava já voltada para os paises asiaticos, para as culturas de chá. A cultura antilhana não teve senão um papel acessorio, que conserva ainda (Haiti).

A hegemonia foi assegurada pelas lavouras do Extremo Oriente; as colonias holandesas, Java em primeiro lugar, passaram a dominar o mercado mundial durante a primeira metade do seculo XIX, enquanto que o café introduzido no Brasil por Palheta ganhava terreno lentamente.

Sabe-se muito bem como a cultura cafeeira passou do Maranhão à Bahia, ganhou depois a região fluminense e se introduziu em São Paulo pelo vale do Paraiba do Sul. Nas ultimas decadas do seculo XIX, a cartografia sofreu pois uma nova transformação: os grandes centros produtores encaminham-se para oeste, as Indias neerlandesas experimentam o mesmo declinio que haviam experimentado as Antilhas. O café torna-se o grande produto do Brasil e da America Latina. Pode-se marcar o ponto culminante dessa evolução na escala mundial, indicando que, durante o periodo 1930-1934, a America Latina forneceu 90% da colheita do globo; só o Brasil dá, então, 74% da produção americana e 67% da produção mundial. E a Africa? A terra natal do café conserva sempre o seu lugar secundario, pois que não fornece senão 3,5% da colheita total.

SUPREMACIA LATINO-AMERICANA

Tais eram as grandes linhas da cartografia do café às vésperas da segunda guerra mundial. Mas a tarefa do geógrafo não é apenas a de classificar os paises segundo a ordem das estatisticas, como se classificam corredores ou como se distribuem prêmios a escolares. Se inicialmente é preciso descrever e cartografar, preciso é depois tentar compreender e explicar. E' preciso tentar colocar os problemas, se não resolvê-los.

Ora, é manifesto que o problema colocado por esta distribuição da cultura cafeeira é o da supremacia latino-americana (e sobretudo brasileira) em relação à contribuição muito pequena das outras regiões, e sobretudo da Africa.

A primeira explicação que se apresenta ao espirito é emprestada do determinismo clássico: condições naturais particularmente favoráveis agiram em favor dos paises da América Latina, enquanto que condições menos próprias agiram contra as regiões africanas. E' certo que a cafeicultura se beneficiou, no Brasil, na Colômbia e na América Central, de um conjunto de condições fisicas excepcionais: umas são de ordem climática, pois o cafeeiro é um arbusto essencialmente tropical ou subtropical (sob a condição de que não sobrevenham grandes frios) e porque o mundo latino-americano se estende precisamente nas latitudes onde imperam êsses tipos de clima (condições térmicas e, também, distribuição das precipitações atmosféricas favoráveis ao desenvolvimento do ciclo vegetal). De outro lado, o cafeeiro se dá bem nas regiões de altitude média relativamente forte; é o caso tanto dos planaltos do interior de São Paulo, como das zonas inferiores dos Andes do norte e das cadeias da América Central. Enfim — mas não sem resumir e esquematizar — as delicadas exigências pedológicas do cafeeiro são facilmente satisfeitas nos paises tropicais da América Latina; não apenas necessita êle de terras férteis, mas, ainda, de terras bastante espessas e de uma consistência tal, que as raizes possam facilmente nelas penetrar. Tais tipos de solo os paises da América Andina com os aluviões vulcânicos, o Brasil com a decomposição dos basaltos ou com as melhores de suas terras saibrosas, com elementos calcáreos, possuiam em grandes extensões. Entre todo os Estados do continente americano, encontrava-se o Brasil como o mais dotado porque, além dessas vantagens climáticas, e pedológicas, tinha a fortuna de possuir vastos planaltos onde as lavouras são de instalação relativamente facil, onde a circulação é de organização simples; ajuntemos ainda que o carater já ameno de seu clima tropical pode fazer acreditar que se poderia impunemente cultivar o cafeeiro sem o sombreamento e sem a irrigação: as primeiras rendas são suficientemente elevadas para assegurar um lucro substancial, e o espaço não falta para os lavradores em busca de terras virgens. Terminemos esta rápida enumeração das vantagens geográficas do Brasil, lembrando que as terras de café, pelo menos em outros tempos, se encontravam próximas dos portos e que a produção se inseria facilmente na vasta corrente comercial do Oceano Atlântico.

Passemos à contra-prova, isto é, perguntemo-nos se os paises africanos dispõem de condições naturais tão favoráveis ou, bem ao contrário, se elas são menos generosas e, consequentemente, se a natureza desfavoreceu o continente onde nasceu o café. Permitir-se-me-á encaminhar o leitor ao interessantissimo relatório sôbre a agricultura africana redigido por Rui Miller Paiva. Este excelente conhecedor dos problemas brasileiros mostrou muito bem a situação da cafeicultura na Africa.

E' seguramente tentador raciocinar apressadamente e pensar que o Continente Negro, inserido entre os trópicos, deve reunir todas as condições necessárias e suficientes à grande cultura cafeeira. Que se olhe isso mais de perto, e se lembrará que a Africa Negra engloba não sòmente regiões desertícas e subdesertícas mas, também, enormes extensões equatoriais. Ora, não é na Amazonia que brotam nossos cafeeiros, mas em São Paulo; e nada há de surpreendente, pois, em que seja preciso subtrair a floresta congolesa do domínio africano da rubiaceas. De outro lado, a Africa não possui planaltos de altitude média tão extensos como os do Brasil tropical. Mais ainda: êsses planaltos africanos não têm as mesmas terras que as do Brasil cafeeiro; a terra roxa não é africana. E, totalmente ao contrário, o que é africano é a laterite, a couraça de solo endurecido imprópria às culturas de arbustos, quando não a todas as culturas. Há, todavia, um setor africano favorável ao café, setor cuja importância não deve ser negligenciada: o das altas montanhas e das terras vulcânicas de leste, no Ruandi, no Tanganica, no Kenia e ainda na Rodésia, esta Rodésia que me parece ser a terra africana mais semelhante ao Brasil paulista e paranaense. E' nesta parte da Africa que as lavouras de café encontram as melhores condições. Mas, não é isto pouca coisa? E esta análise sumária não é suficiente para concluir admitindo que o meio natural desfavorável explica facilmente a debilidade do café africano em 1939?

Mas pode a gente se perguntar se esta conclusão não peca por precipitação. Porque é Rui Miller Paiva quem nos explica, bem claramente, que se as condições naturais não parecem muito propicias à extensão das lavouras da Arábica, o problema não tem absolutamente o mesmo aspecto se se examinam as possibilidades da Robusta. Esta variedade dá-se bem nas zonas de fraca altitude que se estendem por grandes superficies. De mais a mais, existe toda uma gama de variedades cuja capacidade não foi ainda bem estudada, mas que, "in loco", puderam dar resultados satisfatórios tanto em Angola quanto no Congo Belga, na Africa Equatorial Francesa, no Cameron ou em todas as terras que dão para o golfo da Guiné. Tem-se a impressão de que, em todas essas regiões, a experiência cafeeira não chamou a atenção nem dos agronomos, nem dos botânicos e nem mesmo dos lavradores, mas que, tudo bem pesado, as condições naturais não são fundamentalmente hostis ao café; que elas lhe são, mesmo, provavelmente favoráveis.

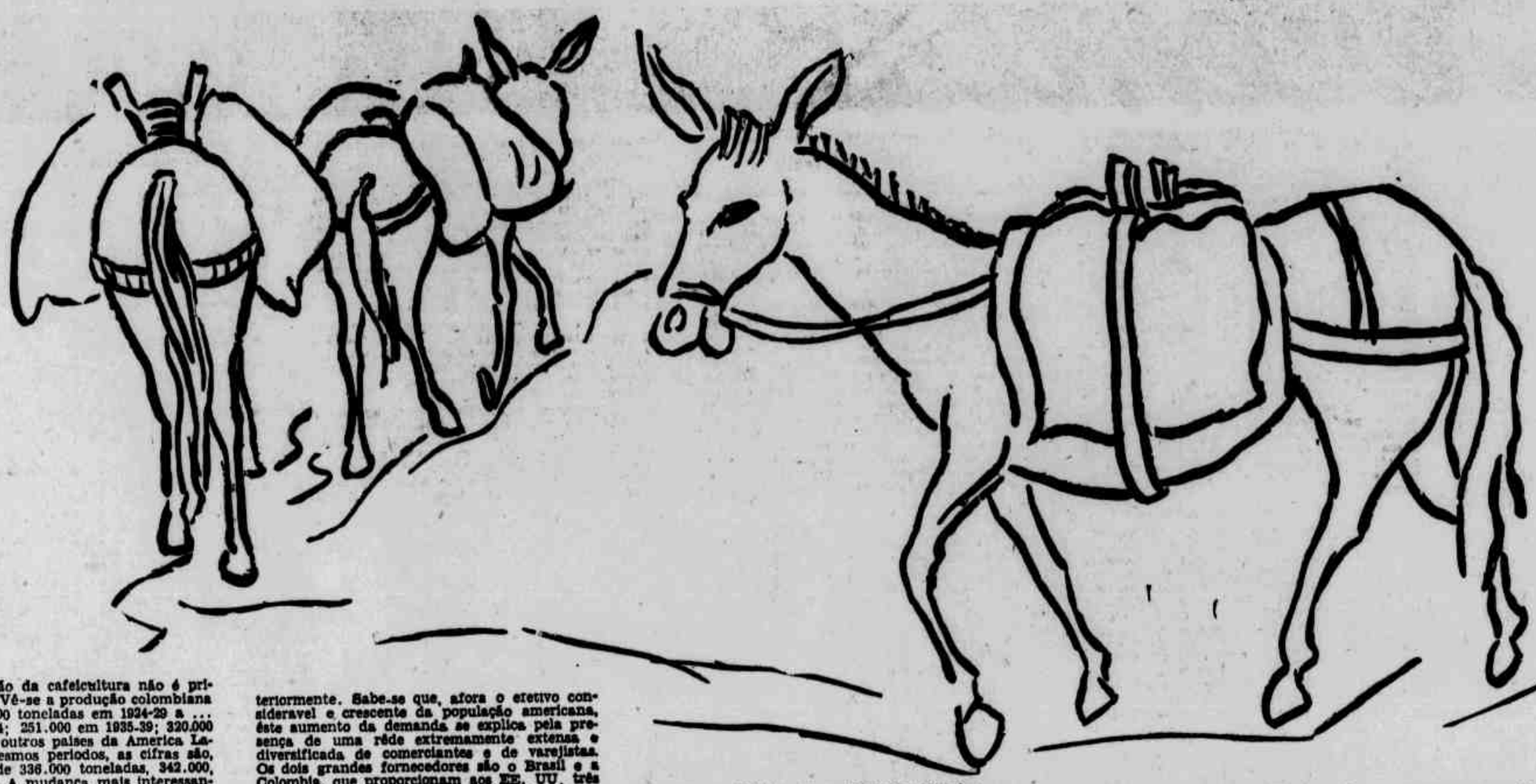
Ao menos tanto quanto às condições naturais, é à forma de valorização da Africa que é preciso imputar a lentidão com que ali se desenvolveu a cafeicultura. Os europeus, tarde chegados à Africa Negra, que é a do café, consideraram-na antes como um continente a explorar do que como uma terra a cultivar. Os colonizadores procuraram preferivelmente extrair os produtos do solo e do subsolo pela colheita e pelas minas, do que planejar instalar solidamente ali culturas rendáveis. Os investimentos particulares foram ali mais do tipo comercial que do tigo agrícola ou industrial; na sua origem, encontram-se quase exclusivamente sociedades de comércio e, numa parte mais reduzida (e muito pouco em zona portuguesa ou francesa), organizações de mineração apoiadas por sólidos estabelecimentos bancários. Não foi senão lentamente que o interesse dos capitalistas se voltou para as culturas de plantação, numa época em que o mercado mundial do café já se encontrava dominado pela América Latina e quando, em consequência, não era muito interessante aplicar grandes capitais nos cafezais africanos. Ao contrário, as grandes potências industriais, na Europa a princípio e depois nos Estados Unidos, tinham muito mais motivos para investir, seja no Brasil, seja nas outras repúblicas americanas, porque cada investimento em países de população mais densa que a Africa tropical não apenas era rendavel mas, ainda, abria novas possibilidades de ali vender os produtos das indústrias europeias ou norte-americanas. Os lucros eram maiores em se emprestando aos govêrnos latino-americanos à procura de créditos para valorizar o café, do que em se investindo na jungla africana. Encontramo-nos pois diante de um complexo de fatores, uns se ligando diretamente aos diferentes meios naturais, outros participando das condições históricas ou das conjunturas econômicas; e é a ação dêsses fatores, solidários uns com os outros, que contribui para explicar a debilidade da participação africana na cafeicultura mundial no período de entre as duas guerras. Para completar brevemente êste esbôço, é indispensável tomar em consideração o passado dos países da América Latina. Mais precisamente ainda, do passado brasileiro e paulista, isto é, da presença, neste país, de elementos ativos, habituados não sòmente à agricultura, mas também aos negócios, e dispondo de capitais que permitiram a "démarrage" da cultura.

TENDENCIAS RECENTES DOS MERCADOS PRODUTORES

Curta que seja em relação às dos grandes vegetais cultivados, a história do café revela a rapidez com que se deslocaram os centros produtores. Produto destinado a satisfazer necessidades não-essenciais, o café é vulnerável, é preciso repeti-lo. Acontecimentos politicos, modificações da conjuntura econômica podem precipitar o crescimento de novos locais de produção e originar uma concorrência séria às regiões que pareciam gozar de um monopólio a longo prazo.

E' aliás o que ensina já claramente a marcha do café no interior do Brasil apenas. Não é aqui lugar para lembrar o que foi essa marcha do café desde as velhas fazendas do vale do Paraiba até as novas lavouras de Mato Grosso, do Paraná e mesmo do Paraguai, passando por Campinas, Ribeirão Preto, Jau, Avaré, Marilia, Londrina e tôdas as outras cidades do café. E não é o caso, tambem, de repetir quais foram as causas dessa progressão perpétua: a mais evidente é o cansaço das terras, que leva o lavrador do café a partir para fundar uma nova fazenda. Lembremos, todavia, que o sistema de cultura devastador não é, êle mesmo, senão o aspecto de um todo mais completo, em que os fatores economicos, a estrutura social e a mentalidade dos pioneiros não são menos eficazes que a natureza das terras tropicais. Como quer que seja, pode-se interpretar a marcha do café no interior das fronteiras do Brasil como representando, no quadro nacional, um fenomeno que não deixa de ter analogias com os que se podem observar no quadro mundial. As zonas novas entram em concorrencia com as zonas velhas e as substituem, assim como os novos paises produtores tendem a entrar em concorrencia com os produtores tradicionais.

Sabemos muito bem que a tendencia preponderante na cartografia do café é o desenvolvimento das produções não-brasileiras. Segundo uma "enquete" da ONU, a participação do Brasil passa de 62% da colheita do mundo em 1924-29 a 67% em 1930-34, depois a 60% em 1935-38, situando-se em 47-48% para os anos de 1948 a 1950, incluidos. Durante êsse tempo, a produção africana se elevou progressivamente de 55.000 toneladas a 84.000, 132.000, e passa a 295.000 em 1950 e a 315.000 em 1952. Isto quer dizer que a participação africana, que era apenas de 8%, "circa", antes da guerra, foi de 16,6% em 1952. A produção do grupo Kenia-Uganda-Tanganica, que era de 751.625 sacas, passa a 1.325.000; a da Africa Francesa, de 212.950 a 1.287.000; a Angola, partindo de 278.650, ultrapassa um milhão de sacas em 1951; e a produção etiope foi multiplicada por três.



Desenhos de
QUIRINO DA SILVA

A intensificação da cafeicultura não é privilegio da Africa. Vê-se a produção colombiana elevar-se de 163.000 toneladas em 1924-29 a ... 213.000 em 1930-34; 251.000 em 1935-39; 320.000 em 1950. Para os outros paises da America Latina e para os mesmos periodos, as cifras são, respectivamente, de 336.000 toneladas, 342.000, 383.000 e 403.000. A mudança mais interessante é provavelmente a do México, que viu sua produção partir de 54.000 toneladas em 1939 para chegar a 60.000 em 1950 e 95.000 em 1954, o que o faz o terceiro produtor mundial.

O melhor resumo da situação será fornecido pelo quadro seguinte:

ANOS	Produção Brasil	Produção outros paises	Total mundial
	(em sacas de 60 quilos)		
1924	14.560.000	6.762.000	22.944.000
1930	17.418.000	8.633.000	25.729.000
1935	20.927.000	10.028.000	27.110.000
1940	16.455.800	12.138.000	25.593.800
1945	12.700.500	12.478.000	25.178.500
1950	16.733.000	15.966.000	32.719.000
1952	15.273.000	16.675.000	31.948.000

Assim, a supremacia do Brasil sôbre os outros paises produtores é menos esmagadora do que no principio do seculo. Na maioria das regiões onde as condições naturais permitem a cafeicultura, esta se desenvolve. Assiste-se em todo lugar a uma mobilização de todos os recursos naturais. Da mesma forma que deveria chegar um tempo em que o Brasil explorasse o capital mineiro que a natureza pôs dentro de suas fronteiras, que chegou o momento em que a China explora as suas carvoeiras e que a India tece o seu próprio algodão, assim tambem vem o momento em que se plantam cafezais em todas as zonas tropicais onde se reunem as condições topograficas, climaticas e pedológicas indispensaveis. Nos paises da America Latina (e na Insulindia, onde se assiste a uma retomada da cafeicultura) o desejo de fazer valer tôdas as possibilidades a fim de reforçar as economias nacionais e elevar os niveis de vida, é o fator que mais age. Nos territorios coloniais da Africa a situação não é a mesma, pelo menos à primeira vista. A ótica das metropoles mudou com a guerra e com o após-guerra; elas começam a revisar suas mentalidades africanas, e a fase da colheita, aquela da extração brutal das riquezas do solo e do sub-solo, cede lugar pouco a pouco a um periodo de valorização mais completa, mais cuidadosa. Acessòriamente, as autoridades coloniais pesquisam as maneiras de produção capazes de elevar os niveis de vida indigena, e as culturas arboriferas (cacau, café, palmas oleosas) são consideradas como aptas para ativar essa evolução. Mais ainda, as potencias coloniais européias procuram livrar-se do peso que constituem para elas as compras dos paises que exigem pagamento, aos menos parcialmente, em dollars e cujos preços são frequentemente superiores àqueles dos mesmos produtos obtidos nos trópicos africanos. O Brasil, velho país do café, encontra hoje a concorrencia de paises mais jovens, que se comportam economicamente em relação a êle da mesma maneira que êle o faz e tende com felicidade a fazer cada vez mais relativamente aos velhos paises industriais. Concebe-se que uma nova geografia dos paises produtores implique numa nova geografia comercial que suscite problemas tanto mais delicados e que faça nascer perigos tanto mais graves quanto a geografia financeira do mundo, que igualmente se modificou.

A GEOGRAFIA COMERCIAL

O café é o tipo de genero que, produzido numa determinada area geografica, é consumido na sua maior parte numa area geografica totalmente diferente. Êle poderia ser tomado como o exemplo mais expressivo da geografia comercial do mundo tal qual se organizou em fins do seculo XIX com a tomada de posição das economias capitalistas.

Se os produtores são paises tropicais e subdesenvolvidos, os consumidores são paises temperados e de alto nivel de vida, onde a industrialização é muito desenvolvida. Sem duvida devemos completar estas indicações lembrando a importancia dos hábitos alimentares, que fazem com que os anglo-saxões e os eslavos continuem bebedores de café. Uma vez feita esta reserva, não é menos verdade que a demanda do café é tanto maior quanto o nivel de vida e a urbanização são elevados. Não é portanto surpreendente que os dois grandes centros de importação sejam de um lado os Estados Unidos e de outro a Europa ocidental. Em 1952, sôbre um total mundial de 32.286.898 sacas importadas, os EE. UU. compraram .... 20.266.045 (62%) e a Europa Ocidental ..... 9.128.169, ou seja 28%; o resto do mundo não participa pois das importações senão com uma parte módica de 10% (dever-se-ia ainda ajuntar às importações européias as da Africa do Norte francesa, que aumentam de ano para ano). Há, pois, uma fortissima concentração das importações. Esta concentração se encontra no interior do mercado europeu, onde França, Alemanha e Italia têm a parte de leão. Sempre com relação a 1952, a França tomou 29% das importações européias, a Italia 11%, a Alemanha 10% e a Bélgica cerca de 9%, i. é, 59% para quatro importadores.

O enorme mercado americano está em constante desenvolvimento: sua importação aumentou de 55,2% em volume entre o periodo 1934-38 e o periodo 1948-52. Paralelamente, os EE. UU. adquiriram nêste ultimo periodo 65% do café negociado no mundo, contra cerca de 50% anteriormente. Sabe-se que, afora o efetivo consideravel e crescente da população americana, êste aumento da demanda se explica pela presença de uma rêde extremamente extensa e diversificada de comerciantes e de varejistas. Os dois grandes fornecedores são o Brasil e a Colombia, que proporcionam aos EE. UU. três quartas partes de sua importação. A novidade é que, não obstante o volume das importações de proveniencia brasileira seja atualmente mais elevado do que antes da guerra .... (10.988.000 sacas em média para os anos 48-52 contra 7.929.000 para 1934-38), a proporção que cabe ao Brasil declina. A média das importações colombianas evolui de 2.902.000 de sacas para o periodo 1934-38 para 4.603.000 para 1948-52; há portanto progressão absoluta, mas é conveniente assinalar que a participação colombiana permanece em 22% e que aquela enfraqueceu de 60,3% para 48,8%. Constata-se uma melhoria da posição dos outros paises da America Latina entre 1949 e 1952, mas ela é mediocre. Ao contrario, os cafés africanos se elevaram de 427.647 sacas em 1949 a ..... 1.228.094 em 1952, ou seja, de 1,9% a 6%. Porcentagem mediocre, mas progressão sintomatica. Ela significa, de um lado, que os EE. UU. tornados potencia "leader" de uma parte do planeta, são, "volentes nolentes", obrigados a comprar em tôda parte onde seus interesses politicos e militares se desenvolvem; e significa, de outro lado, que o mercado americano procura na Africa tipos de café destinados à mistura, tipos que não lhe fornecem todos os seus vizinhos do hemisferio ocidental. Êste ultimo fator age em favor dos cafés da America Central e da Colombia. Sabe-se que a qualidade do café colombiano (a situação é a mesma para São Salvador e a Guatemala) lhe assegura uma cotação superior à do café brasileiro nas praças americanas.

A evolução do mercado europeu foi perturbada pela guerra. Ela trouxe um recuo sensivel do consumo cafeeiro e desorganizou um mercado que compreendia funções complexas de importação e de redistribuição. Esta função de redistribuição tinha sido assumida seja por paises como a Bélgica ou a Holanda, situados em posição geografica especial, seja por praças de comercio localizadas em grandes portos importadores como o Havre e Bremen. As regulamentações muito estritas, os racionamentos, o fechamento dos escritorios de café para assegurar o controle dos estados, modificaram a situação. A dificuldade fundamental residia, no após-guerra, nas regulamentações das compras de café, que, por exigencia dos pequenos produtores latino-americanos e em medida menor do Brasil, deviam ser efetuadas em dollars. Eis aqui o fator decisivo que explica a importancia dada pela Europa à produção africana. Viram-se portanto as aquisições de café africano pela Europa passarem de 16% do total em 1934-38 a 40% em 1950, enquanto que as importações de origem latino-americanas caiam de 71 a 59%.

Em certos casos, esta evolução pôde agir em favor do Brasil: assim, a Grã-Bretanha cessa suas compras de paises secundarios, que lhe forneciam 49% de seu café antes da guerra, e pede ao Brasil que lhe forneça 35% africanos. A orientação foi do mesmo genero para a Alemanha, com a diferença de que esta aumentou menos suas aquisições da Africa comparativamente à Grã-Bretanha. A Italia, decepcionada com suas experiencias africanas, voltou-se quase inteiramente para a America Latina, tal como a Suiça, cuja situação financeira é excepcional. A evolução da França foi ao mesmo tempo mais radical e mais complexa. Mais radical pois que, não somente nos dias imediatos à guerra, mas ainda em 1950, a França havia reduzido suas importações, afetando a diminuição sobretudo os paises americanos: a parte do Brasil de suas necessidades em 1950 (2% antes da guerra), tomando o resto em seus territorios desmoronava de 45% em 1934-38 para 26% em 1950, com 34.900 toneladas. Mas as compras de café africano subiam brutalmente de 19% a 75%, com 112.300 toneladas; as importações asiaticas (Indochina), antigamente apreciaveis, eram negligenciadas. Mas em 1952 já se nota uma mudança, pois as importações de proveniencia africana caiam a 102|880 toneladas, ou seja, 65% do total importado, enquanto que as importações brasileiras subiam a 49.847 toneladas, isto é, 31% do total. A tendencia se afirma mais fortemente ainda em 1953, quando os cafés africanos baixam a 82.922 toneladas (54%) e os cafés brasileiros sobem a 60.897 toneladas, ou seja, 40%, quase o nivel de antes da guerra. Os dois derradeiros anos foram marcados pela reaparição dos cafés da America Central, cujas importações passam de 1.635 toneladas em 1952 a 7.508 em 1953 (progresso muito nitido do Haiti). No principio de 1954 produziu-se uma diminuição nas importações francesas; ela se manifestou mais sobre as remessas brasileiras do que sobre as aquisições efetuadas nos territorios franceses de ultramar. E' necessario provavelmente procurar explicação para isso na alta dos preços sobre Santos e Nova York, que rapidamente repercutiram nas vendas varejistas na França e provocaram uma autolimitação das compras da clientela media. Alem disso, os primeiros meses de cada ano são raramente os de maiores compras francesas de café brasileiro. Enfim, quando se considera o mercado francês de café, seria economicamente desejavel nele se incluirem as importações da Africa do Norte. No Marrocos francês as entradas de café são superiores a mais de um milhão de toneladas dos seus niveis de 1938 e o valor passou de perto de 11 milhões de francos a 1.258.000.000. Para a Argelia, a importação cafeeira, que era de 16.700 toneladas em 1938 (ou seja, 73 milhões de francos), atingiu 21.200 toneladas e a 7.171.000.000 de francos em 1951; o ano seguinte marcou uma muito fraca regressão, que foi logo contida. O papel dos paises franceses na economia cafeeira continua portanto essencial, reforçado ultimamente pela reabertura da bolsa de café do Havre.

Em conclusão, e se a observação diz respeito ao conjunto das trocas mundiais durante um longo periodo, os efeitos imediatos da guerra se apagam. O mundo compra cada vez mais café, e as grandes correntes não apresentam modificação radical. Os Estados Unidos continuam os grandes compradores. Indices de transformação, entretanto, são indiscutiveis: eles afetam sensivelmente o Brasil, cujas exportações tendem a se enfraquecer, senão em quantidades absolutas, pelo menos em proporção. Esta situação reflete bem a baixa de capacidade de produção que conheceu (momentaneamente) o país; ela reflete, tambem, as imperfeições do produto; provém, enfim, dos preços praticados.

CONSEQUENCIAS DA ECONOMIA CAFEEIRA

Superficial que seja este estudo da geografia economica do café, ele seria muito incompleto se não se lembrassem a fragilidade e a dependencia dos paises produtores.

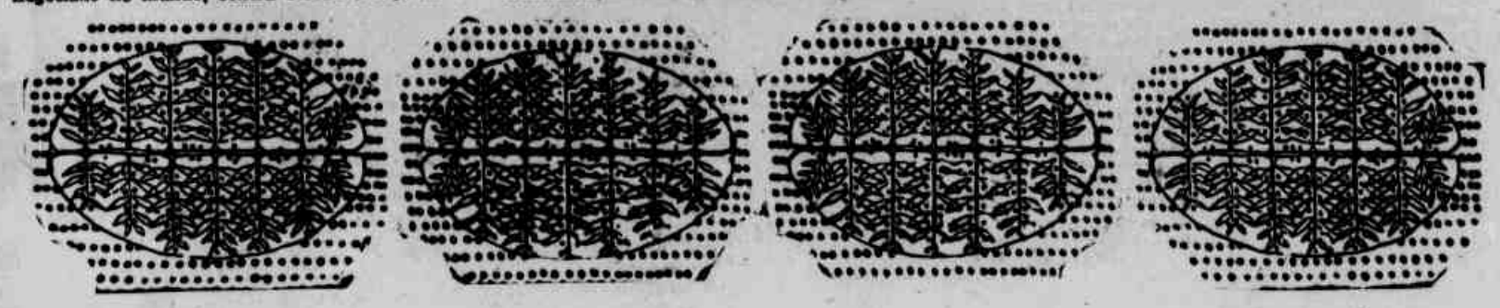
Esta fragilidade reside desde logo nas ameaças constantes que as intemperies ou as doenças dos arbustos fazem pesar sobre a agricultura cafeeira. Será necessario assinalar as catastrofes que as geadas, frequentemente demais, causaram às lavouras brasileiras? Depois da geada de 1953 assinalava-se que as exportações para a totalidade dos exportadores se achavam reduzidas em 1954 a 31.500.000 sacas, enquanto a demanda poderia absorver 33 milhões. Os consumidores objetarão que a subida dos preços compensam (e mesmo largamente) as perdas dos produtores; mas isto assim seria se esses preços elevados não beneficiassem muito mais os negociantes e os especuladores do que os agricultores.

Mais perigosas ainda do que as intemperies climaticas, são precisamente as oscilações dos preços, que afetam impiedosamente os paises produtores. Porque, na maior parte destes, o café é a peça-mestra do seu comercio exterior. A menor pressão que se exerça sobre eles, estremece inteiramente o edificio nacional. Em relação ao valor total das exportações nacionais, a parte do café variou de 49,12% em 1920 a 75,79% em 1925, ano record. A guerra fez cair esta porcentagem a 26,21% em 1942, mas em 1952 ela atingiu a cifra alarmante de 73,71%, o que quer dizer que as exportações voltam a encontrar-se na situação que precedeu à crise de 1929-30. Na Colombia, o café constitui 85% das exportações. Grande fonte de rendas para um bom numero de cidadãos, o café é tambem a melhor fonte de rendas para os Estados, pois ele é a materia fiscal por excelencia.

Ora, a despeito da progressão constante dos preços, o poder aquisitivo do café não é satisfatorio, pois que se trata de materia prima alimentar, apenas inicialmente trabalhada antes de sua exportação, que se quer trocar por produtos infinitamente mais onerosos. Os preços elevados do café brasileiro permitiram obter apreciaveis quantidades de divisas; a situação foi muito satisfatoria em 1949 e 1950, mas no ano seguinte os preços dos produtos importados aumentaram de tal modo, que essa alta anulou o aumento de volume das vendas de café e a melhoria dos preços. A gravidade do problema se encontra reforçada pelas mudanças que se produzem nas importações: parcialmente industrializado, o Brasil, que não demanda mais tecidos, é comprador de maquinas que custam caro; a melhora dos niveis de vida, a extensão das culturas, as necessidades da industria implicam em aquisições maciças de carburantes que, eles tambem, custam caro; as necessidades das novas industrias relativamente a materias primas ainda inexploradas ou inexistentes, aumentam ainda o volume e o valor das importações. Ora, o café é, cada vez menos, capaz de fazer face à maré crescente das necessidades: no primeiro semestre de 1952 ele não cobria senão 40% das importações. O Brasil não tem o privilegio dessa canhestra situação, pois que, não obstante o preço do café colombiano se haja elevado de 7,6% entre 1951 e 1952, o preço dos produtos importados aumentou de quase 50%; o país teve que renunciar a importações vitais.

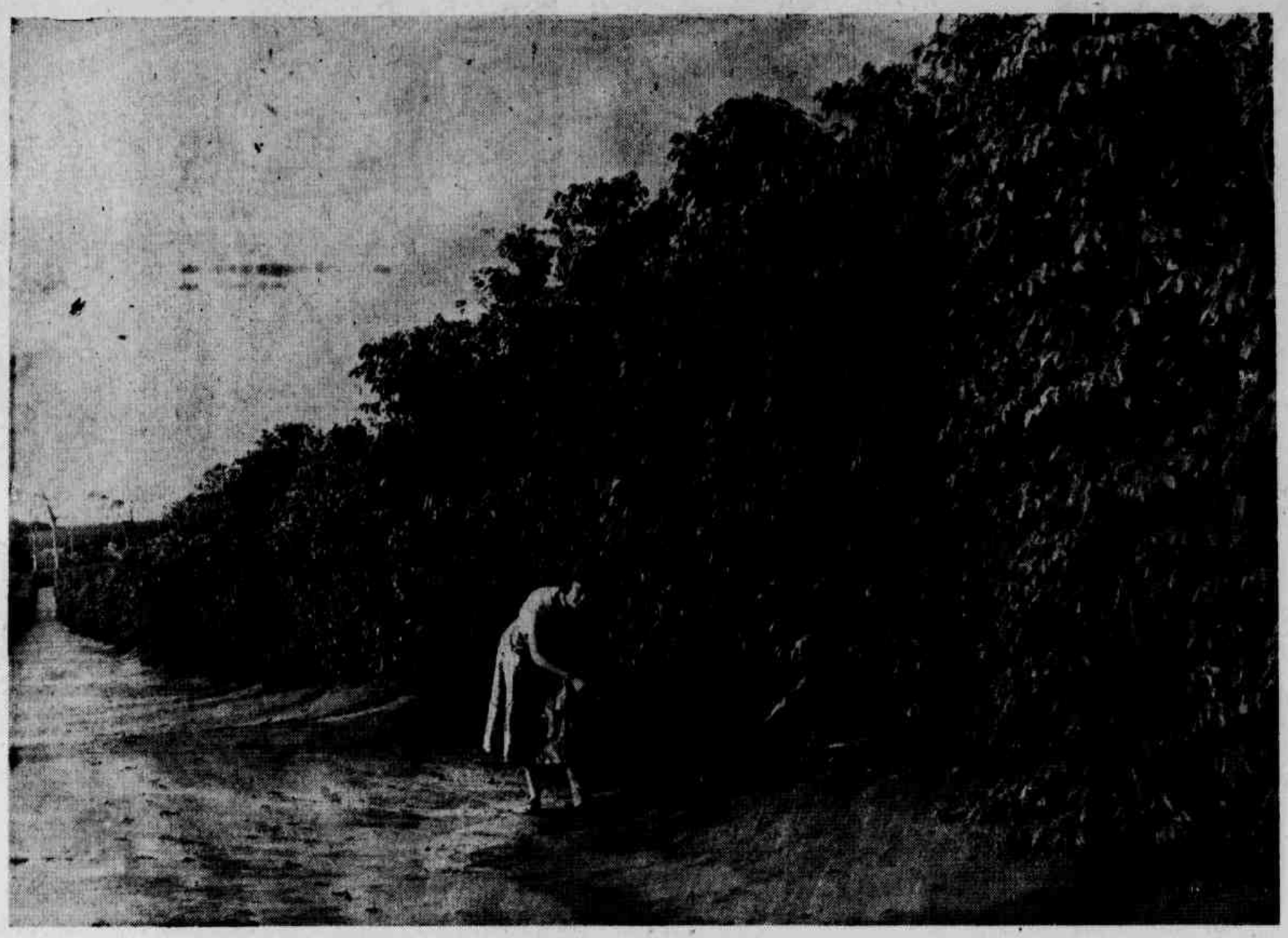
Um ultimo fato se ajunta à sensibilidade das economias dos Estados da America Latina produtores e exportadores de café: a preponderancia norte-americana sobre o mercado mundial. Em 1950, as compras de café custaram aos Estados Unidos mais de um bilião de dollars, ou seja, 12,5% de suas importações. Fonte de dollars para os paises vendedores? Seguramente, mas tambem dependencia, quando se constata que 80% das exportações brasileiras para os Estados Unidos são constituidas pelo café, que a porcentagem sobe a 98% para Salvador, etc. Direta ou indiretamente, as firmas americanas se encarregam da melhor parte do comercio de exportação tanto nos portos brasileiros ou colombianos, quanto nos das Republicas da America Central. As mesmas casas adquirem interesse direto na cultura cafeeira, como o testemunha a recente constituição de uma sociedade cafeeira no Paraguai. Compreende-se facilmente que o principal comprador esteja em condições de agir sobre os mercados exportadores e, consequentemente, sobre a produção e os produtores. A intensificação das trocas bilaterais entre os paises da America Latina e os da Europa poderia permitir a uns e outros aliviar o fardo que sobre eles faz pesar o rei-dollar. Mas isto teria que supor, desde logo, que as necessidades de café da Europa aumentassem substancialmente, ultrapassando bem largamente o que elas eram antes da segunda guerra mundial. Não é permitido pôr em duvida essa possibilidade no momento em que as economias da Europa Ocidental e suas produções são condicionadas por uma situação politica incerta? De outro lado, a desproporção que existe, malgrado as recentes evoluções, entre um grande produtor, o Brasil, e a multidão de produtores secundarios americanos, entrava a realização de uma politica economica comum, facilitando inteiramente o jogo do principal comprador.

A geografia economica do café reflete perfeitamente o mundo atual: dela apreendemos aquilo que subsiste ainda de uma época em que os grandes paises industrializados do hemisferio norte dominavam as economias e exploravam os recursos dos paises tropicais. Mas, ao mesmo tempo, esta geografia permite medir os esforços dos paises subdesenvolvidos para se libertarem ao preço de mil dificuldades. A analise mesmo sumaria dos problemas do café traz à luz a falta de equilibrio que reina nos paises ocidentais, onde as trocas são condicionadas pela divisão do mundo em setores monetarios. Há poucos mercados que sejam tão incertos, devido às possibilidades de expansão das culturas, ou às flutuações das colheitas, seja, tambem, por causa de rivalidades consequentes e a incidencias sociais e politicas que afetam um genero alimentar de luxo.



Geremia LUNARDELLI

L. V. GIOVANNETTI



Um dos espetaculos mais belos do Brasil são os cafezais do sr. Geremia Lunardelli, na Fazenda Cascata, no Paraná. Todos os visitantes ficam maravilhados com a exuberancia das arvores, a abundancia dos frutos e a beleza do cafezal

Na historia da imigração rural italiana no Brasil, que representa um capitulo interessante no progresso economico do Estado de São Paulo e da transformação social numa região importantissima da nação, Geremia Lunardelli ocupa um lugar de relevo: exatamente o primeiro lugar. Em verdade, ele não deveria ser considerado "imigrante", porque quando chegou a Santos, com a familia, não tinha mais que um ano de idade; e cresceu aqui, formou-se, por assim dizer, no ambiente agricola paulista; é, em suma, um completo brasileiro. Ele, porém, trazia no sangue, no espirito e em todo o seu complexo humano, sedimentos e virtudes que vinham de longe, através de gerações, de experiencias e de lutas. Os Lunardelli eram gente veneta, daquela "Marca Trevigiana", região antiquissima e quase privilegiada na historia da Italia: terra de civilização completa e de costumes rurais perfeitos. São virtudes que as gerações comunicam e que sempre se afirmam instintivamente: vontade de trabalhar, espirito de observação, desejo de progredir, capacidade de poupança. Os trevisanos são agricultores magnificos, não somente pela resistencia e pela paixão de iniciativa, mas tambem pela vontade de progredir e transformar a propria situação e a propria vida. Essas qualidades se afirmaram tambem no Brasil. A familia Lunardelli foi como as outras chegadas no mesmo navio, encaminhada através da Hospedaria dos Imigrantes à Fazenda de Corumbataí, neste Estado, e ali permaneceu alguns anos, numa lavoura de café. A infancia de Geremia passou-se assim numa zona da rubiacea e isto talvez contribuiu a infundir-lhe o amor e a paixão do cultivo do café, que foi o amor e o orgulho de toda a sua existencia.

Mas os Lunardelli possuiam o desejo natural de progredir e tentar uma rapida conquista de posição melhor. Depois de alguns anos, com um pequeno peculio, fruto do seu trabalho na fazenda, deixaram Corumbataí e se transferiram para Jundiaí, onde tentaram uma cultivação de cebolas. Era já o espirito de observação e o desejo de progresso economico que se afirmavam. Mas não foram bem sucedidos e voltaram para o trabalho do café. Geremia viveu assim até 17 anos no mundo cafeeiro e se fez notar não só pela sua disciplina no trabalho, mas tambem pela inteligencia e hábito de observação. Quando tantos outros eram ainda moços despreocupados, ele já era homem com um proposito resoluto de progredir e conquistar a independencia economica. De fato, tentou então pequenas especulações comerciais, comprando e vendendo animais e, enfim, com um pequeno peculio conseguido com iniciativas corajosas e uma conduta exemplar, comprou com um seu parente, um pequeno sitio. Foi aquela a primeira modestissima etapa de uma marcha triunfal.

Mesmo sendo moço conquistára a simpatia, estima e benevolencia de fazendeiros importantes. Entre eles, sempre lembra o coronel Schmidt.

Esse grande agricultor, que tambem devia a sua vitoria unicamente à propria iniciativa e ao proprio trabalho, simpatizou com aquele menino italiano, que demonstrava tanto amor à terra e já uma indiscutivel competencia na agricultura cafeeira. E se constituiu, espontaneamente, seu fiador moral. Lunardelli, que entre outras qualidades tem a da gratidão, sempre fala com particular afeto.

Esses foram os primeiros passos, os alicerces do grande edificio que agora constitui um Principado agrario, um dos maiores do Brasil e, no ramo café, o maior do mundo. A historia da afirmação desse homem que, chegando da Italia infante, se formára no ambiente rural paulista, é um romance. Sucessos estimulantes, imediatamente acompanhados de perigos e desastres, ameaças de derrotas completas e vitorias conseguidas com uma audacia singular, o espirito de observação e um tino comercial instintivo. Mais de uma vez os perigos pareceram mortais, mas sempre a energia e capacidade daquele que já era um chefe, dominaram os obstáculos e conseguiram a vitoria. E aqui é necessario acrescentar que um elemento fundamental do sucesso, foi o principio de honradez comercial que em Geremia Lunardelli dominou desde o começo da sua maravilhosa aventura como qualidade imperativa. Quando outra gente, em momentos de crises, teria aproveitado da situação para faltar aos compromissos assumidos e pedir e obter beneficios indiretos dos credores, ele recusou, sistematicamente, mesmo as vantagens das moratorias legais e considerou norma constante dos seus negocios respeitar todos os compromissos assumidos. Isso lhe granjeou ao inicio da sua grande carreira, um renome que no mundo dos negocios se chama credito Aquele moço que sabia dominar as dificuldades, não faltar aos seus deveres financeiros, prever quase o futuro e não desanimar quando tantos outros perdiam a confiança e renunciavam à luta, obteve rapidamente, no grande mercado cafeeiro de Santos e na zona do interior onde trabalhava, um respeito particular e uma sólida fama. E' necessario insistir sobre esses pontos porque aqui está a verdadeira base da vitoria de Lunardelli. Na sua bandeira que glorifica São Paulo e o Brasil, pode-se inscrever o lema: "Trabalho e Honra". São principios sempre respeitados como diretrizes de uma longa ação construtora. E foram essas virtudes economicas e comerciais que facilitaram as vitorias de Lunardelli, porque mantiveram aberto o crédito financeiro nos Bancos e no mercado de Santos, mesmo nos momentos de crises gerais agudas, que, como vendavais, destruiram tantas fortunas e aniquilaram posições que pareciam formidaveis.

FASE DE FORMAÇAO

Esse periodo é o da formação da empresa de Lunardelli. E' a fase das construções pequenas e do progresso prudente: uma fase, em suma, preparatoria. Mas, é nesse tempo que se afirmam as qualidaddes do futuro Chefe, a sua enérgica vontade, o seu descortino, a sua decisão imperial de vencer. E' ainda um modesto fazendeiro, mas já goza de uma popularidade singular e de uma consideração invulgar no mundo produtivo paulista. De fato, revela, cada dia, coragem extraordinaria, capacidade de prever, calcular e agir resolutamente. Não é espirito de aventura nem jogo de azar; é calculo das possibilidades, exame refletido das condições gerais, visão certa do tempo economico iminente. São, todos conjuntos, os dotes de um Grande Chefe.

O moço que aos 18 anos de idade, iniciava a sua carreira comprando uma parte de um pequeno sitio em Sertãozinho, aos 30 anos já era um fazendeiro estimado e um forte comerciante de café e possuia na sociedade rural brasileira, um nome respeitado.

E aqui começa a segunda fase verdadeiramente audaciosa e surge o primeiro grande perigo. Compra em Olimpia a Fazenda Pau D'Alho e aí constrói a sua moradia. Ele diz agora que foram os dias mais belos da sua existencia. Parecia-lhe ter conquistado tudo o que mais desejava: uma bela propriedade, uma situação tranquila, uma vida feliz. Já era casado com uma admiravel mulher da mesma terra trevisana de Mansul, chegada no Brasil junto com ele no mesmo vapor e na mesma idade; admiravel mulher, que ainda hoje, forte e cheia de inteligencia, é sua companheira dedicada como o foi durante tantos anos e lhe deu numerosa e magnifica familia. Tudo corria bem. Mas, sobreveio um vendaval. Uma estiagem prolongadissima arruinou a produção daquele ano 1916 e mais tarde uma geada, igual àquela que recentemente causou tantos danos no Paraná, destruiu quase completamente as plantações das duas suas grandes fazendas na região de Olimpia. Lunardelli ficou com 20.000 pés de café. Era a ruina completa. Qualquer outro, ao contemplar aqueles campos devastados, teria perdido o espirito e a vontade de luta. Era como um General que contemplasse os destroços do seu exercito. Aqui porém se afirmou o tino comercial e a perspicacia do Homem. Compreendeu que aquele desastre geral, teria determinado um aumento do preço do café. E o fazendeiro Lunardelli se transformou num negociante especulador. Comprou café, utilizou o renome que possuia e infundiu coragem às casas comerciais de Santos que desanimavam. Com o crédito que possuia, voltou à sua fazenda e reconstruiu o que a geada tinha destruido. Muitos que já o consideravam arruinado, ficaram incredulos diante de tanta energia e insistiram em previsões sinistras. Os fatos rapidamente lhe deram razão. O preço do café subiu rapidamente, as fazendas renovadas deram frutos e a posição financeira e moral daquele jovem corajoso se afirmou em todo o Estado. E começa, então, aquela fase de grandes empreendimentos que consagraram a vitoria de Lunardelli.

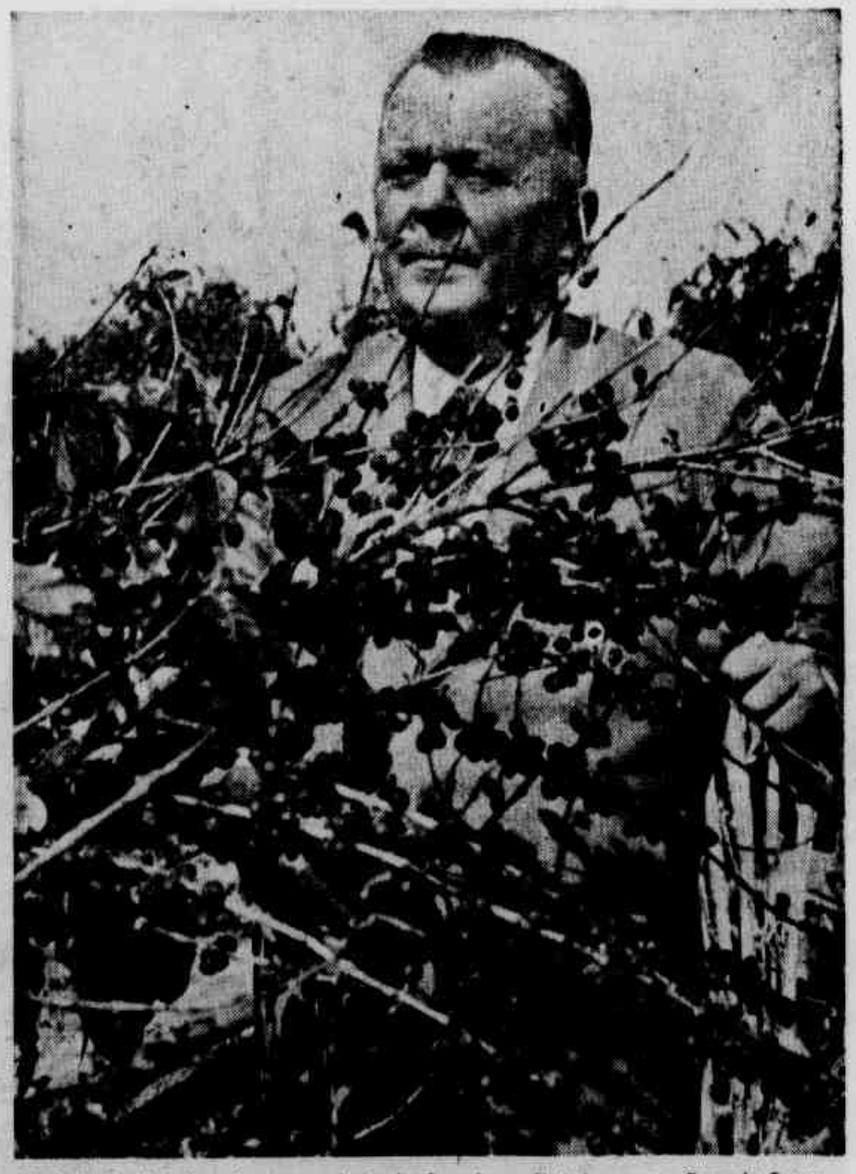
AS GRANDES EMPRESAS

Compra novas fazendas, planta centenas de milhares de cafeeiros, retalha e vende terras, cada dia realiza uma coisa nova. A gente do interior admira esse homem que no pleno vigor da juventude, já é um Chefe, um Capitão da industria cafeeira, que é incansavel e cada dia tenta um novo empreendimento. Entretanto, como toda a vida rural brasileira é uma sequencia de crises e sucessos, quase de ciclos bons e maus, de fortuna e desastres, de biblicas vacas magras e vacas gordas, eis que chega a tremenda crise de 1929. E' o desastre economico-financeiro que abafa a fortuna rural paulista. Os preços do café caem num abismo, o mercado entra numa crise profunda, a moratoria se torna uma necessidade; fazendeiros ficam arruinados às centenas, os Bancos fecham totalmente o crédito. Lunardelli, que tinha feito uma viagem à Europa para estudar os mercados, sente também a ameaça terrivel. Vence, porém, o momento dramatico, em virtude do renome conquistado, da conduta exemplar sempre mantida, da ilimitada confiança conseguida com uma norma de ação exemplar. O crédito fechado quase para todos, permanece aberto a Lunardelli. E quando ele fala desse periodo tragico da economia paulista, diz com espirito reconhecido: "Devo tudo ao Brasil e aos brasileiros, que tiveram confiança em mim e me ajudaram no momento dificil". Destarte, quando tudo, ou quase tudo, corria perigo mortal, a energia do homem, o crédito por ele conseguido, a fama que já acompanhava todas as suas iniciativas, consagraram definitivamente as suas qualidades e abriram as portas para maiores afirmações. Esses anos sucessivos a 1930, foram todos vitoriosos. Parece que o Chefe renova as energias e possui um espirito de conquista. Compra fazendas, retalha terras, cria um colossal patrimonio zootecnico, estuda e aperfeiçoa a formação de um capim especial, que serve ao mesmo tempo para alimentar o gado e destruir as formigas. E é naquele momento que se lança na grande empresa da criação das grandes fazendas no Norte do Paraná. E' o capitulo glorioso brasileiro da formação de Londrina e do surto cafeeiro no norte paranaense. São principalmente paulistas que desbravam aquela região e formam as fazendas prodigiosas. E Lunardelli se coloca em primeiro lugar: compra terras, desbrava a mata secular, planta cafeeiros aos milhões, e cria aquelas propriedades admiraveis que um tecnico paulista da Secretaria da Agricultura, numa inspeção ao Norte do Paraná, classifica em primeiro lugar e declara admiraveis de qualquer ponto de vista. Lunardelli é desde então o maior produtor de café tambem no Paraná, mas não coloca limites à sua atividade. Cria tambem no Estado de Goiás grandes fazendas e plantando ..... 2.000.000 de pés de café. E depois chega a Mato Grosso, onde forma fazendas com centenas de milhares com centas. E enfim ultrapassa o rio e amplia a sua ação no vizinho Paraguai. O Rei do Café estende, cada ano, o seu reinado, e afirma dest'arte o seu Imperio criador no mercado da preciosa produção brasileira. Em algarismos, possui no Estado de São Paulo em 6 municipios, 7 fazendas com mais de 4 milhões de pés de café; no Estado do Paraná, em 8 municipios, 9 fazendas com mais de 8 milhões de pés de café; em Goiás, 1 fazenda com 2 milhões de pés de café, em Mato Grosso, 1 fazenda com 200 mil pés de café. E esses algarismos são incompletos, porque cada mês a incessante atividade de Lunaredlli constrói coisas novas e amplia as plantações. Já observei que a operosidade desse extraordinario homem, não se limita ao café. E' um dos maiores criadores de gado do Brasil com vastissimas fazendas, muitas dezenas de milhares de cabeças de bovinos e vastissimos campos de capim "colonion", que resultou, depois de longas experiencias, um dos melhores, não só para o gado mas tambem para destruir as formigas. Com essa forragem, Lunardelli, se colocou em primeira luta contra as sauvas, que são uma praga da agricultura brasileira. E tambem existem no "principado lunardeliano" grandes plantações de algodão e cereais. No Paraná, milhares de alqueires de canaviais que fornecem a materia prima a uma grande usina de açucar, a qual produz 200 mil sacas por ano.

AMOR E INTELIGENCIA

Todo esse colossal patrimonio foi organizado, e para ser mais exato, criado por um só homem em poucos decenios. Uma vida util ao Brasil, exemplar na coragem, na intuição e no método experimentado. E convem insistir neste ponto. Nada do que existe no colossal patrimonio de Lunardelli é devido ao acaso ou à fortuna. Ele não encontrou jazidas de petroleo, nem minas de ouro ou prata. Cultivou a terra com amor e inteligencia, teve a visão do futuro e das possibilidades. Não descansou um dia e trabalhou com o método verdadeiramente cientifico, experimentando e renovando tudo o que lhe parecia imperfeito. De forma que as suas propriedades são consideradas perfeitas pelos tecnicos e pelos economistas. Conquistou, assim, não somente aquele titulo do Rei do Café, que se afirma nos algarismos da produção, mas tambem a justa fama que é aquela que mais lhe dá prazer, de agricultor perfeito. E' esse o unico ponto no qual Geremia Lunardelli, que é o homem mais modesto do mundo, demonstra um legitimo orgulho. Quando nas conversações intimas entre amigos, que são sempre interessantissimas, ele chega a esse capitulo, fala com autoridade. E não hesitou a dizer ao grande Rockefeller: "Nós paulistas somos tão bons agricultores quanto os melhores americanos". Orgulho legitimo, porque 40 anos de trabalho assiduo, de observação inteligente, de experimentos sempre renovados, valem bem os mais completos cursos universitarios. Aliás, a demonstração dessa capacidade agrotecnica está nas imensas plantações de café que parecem maravilhosos jardins, nos gabinetes que em cada fazenda estudam e organizam a luta contra as doenças dos cafeeiros e dos insetos daninhos, a seleção das plantas forrageiras, o

DOMINANDO UM IMPERIO — Instalado no mirante de sua fazenda, um verdadeiro trono, o sr. Geremia Lunardelli, o "Rei do Café", contempla, orgulhoso e embevecido, a vastidão dos seus cafezais



Trabalhador infatigavel, servo voluntario do esforço diuturno, o sr. Geremia Lunardelli, o maior plantador de café do mundo, tem energia de mocidade e entusiasmo de juventude

ILEGÍVEL

O clichê fixa um magnifico aspecto dos cafezais do "rei do café", um carreador de arvores de 5 metros

particular método da criação de bovinos. Esse singular homem que não conhece descanso, que do seu grande salão escritorio na rua Libero Badaró dirige com mensagem telefonica um exercito de tecnicos, trabalhadores e que muitas vezes durante cada mês visita em aeroplano, propriedades situadas em 4 Estados distantes, é como um general que dirige uma grande batalha quotidiana. Magnifica batalha na qual não há vitimas e que somente produz beneficios para toda a coletividade e para a economia de um grande país. E por isso é natural a afirmação de que Geremia Lunardelli não é somente um dos maiores produtores do Brasil e o Rei do Café, mas um dos homens exemplares e representativos de uma época e de um país. O que ele construiu em poucos decenios é colossal. Quem visita Lunardelli no Salão, que é o seu gabinete de trabalho, vê nas grandes fotografias que ornam as paredes, a geografia do seu principado agrario. E fica admirado não somente pela imponencia do panorama que se lhe oferece e pela poesia que emana das infinitas fileiras de plantas produtoras e das enormes manadas de bovinos e de todo o conjunto de uma imensa riqueza agraria, mas tambem pela simplicidade afavel do homem que criou tudo aquilo e que se conserva modesto e bom.

São homens como ele que formam a força e a resistencia de um país: os criadores da riqueza, os Chefes, os Capitães do exercito produtivo.

O CATEDRATICO

Temos falado até agora do grande agricultor, do desbravador de matas, criador de enormes Fazendas de café, do produtor da riqueza. Apresentamos, agora, algumas caracteristica do lado humano e social dêsse homem extraordinário.

Lunardelli, já o dissemos, é afavel e modestissimo. Diz frequentemente: — "Não frequentei cursos escolares, nem estudei regularmente; não tive tempo; o trabalho ocupou toda minha vida". Na realidade êle é um autodidata que com o contacto com homens de alta categoria, com os negócios agricolas, comerciais e financeiros, com as relações aprendeu muitas coisas e assimilou as doutrinas do nosso tempo. Mesmo assim êle sabe controlar-se e evita discutir assuntos que não conhece a fundo. Mas quando fala de questões agrárias, dos problemas brasileiros, da produção e da organização rural, é um mestre, com uma capacidade rara de simplificar as questões dificeis e apresentá-las com uma completa clareza. Nessa matéria, que afinal de contas é a mais importante para o progresso brasileiro, êle é um "Lente Catedrático". Ouvi-lo é um prazer e uma vantagem, porque sempre se aprende alguma coisa util e se admira aquela singular capacidade de tornar faceis os assuntos mais dificeis. Também porque Lunardelli, sem alguma ostentação e sem barulho, está enfrentando e resolvendo um dos problemas fundamentais da vida econômica e social brasileira: um problema que é no mesmo tempo humano e politico, rural e social: o da utilização e educação no trabalho moderno do homem do norte. Todos no Brasil falam dessa questão, que êxodos recentes dos Estados nortistas para a região paulista e outras do sul, colocaram na mesa da discussão nacional. Todos falam, expõem doutrinas sociais e históricas admiráveis, apresentam planos, fazem recomendações e previsões. Poucos realizam. E também entram no debate os pessimistas e céticos, afirmando ser quase impossivel e até inutil tentar a transformação do nortista num agricultor moderno, porque condições especiais, tradições, resignações e todo um complexo quase inferior que vem de longe, opõem obstáculos insuperáveis a uma rápida transformação. Lunardelli, que cursou a Universidade do trabalho, que se criou em uma Fazenda, que labutou lado a lado com homens provenientes de todos os recantos do mundo, da Europa e do Brasil, não é escravo das teorias e como homem moderno que é, atribui valor somente aos fatos. "Por que — pergunta — o nortista não deve ser tão útil trabalhador como os homens de outras regiões?"

O TRABALHADOR NORTISTA

"Porque não lhes ensinaram o trabalho moderno, não os utilizaram, nem lhes deram oportunidade de aprender, insistir ou transformar". E para demonstrar essa sua doutrina, fez uma coisa simples e eloquente. Nas suas grandes plantações de Goiás, chamou para trabalhar todos os homens da Paraiba do Norte. Eles, guiados e ensinados por êle e seus ajudantes, desbravaram a mata, plantaram 2 milhões de pés de café, formaram cafezais magnificos que são admirados por todos os competentes. Os que julgam mal o trabalhador nortista e põem um argumento preliminar de incapacidade tradicional, e os que sustentam a necessidade de transformar a economia nortista e organizar as migrações internas, que resolverão o problema rural dos Estados centrais e meridionais da República, visitem as grandes plantações que Lunardelli formou no Estado de Goiás e ficarão completamente persuadidos. Este é um titulo de mérito indiscutivel, até certo ponto uma antecipação do futuro. Em todo caso é uma demonstração e um ensinamento. E o criador não se gaba disso. Parece-lhe coisa natural e fácil. Como todos os que pensam e realizam coisas novas e admiráveis, julga que tudo isso foi espontâneo e quase corriqueiro. E por isso não exageram os amigos que afirmam ser Geremia Lunardelli não sòmente um dos maiores agricultores do Brasil, mas também um precursor que ensina a resolver, com demonstrações práticas, problemas fundamentais da economia social do país. Ora, existe também um Geremia Lunardelli que em outros séculos seria um feudatário ou um senhor de Fazendas. Um daqueles que, particularmente no Norte, foram, ao mesmo tempo, mestres produtores e chefes politicos, os que criaram indústrias, produziram riquezas e construiram a força civil da nação. Entretanto, êle possui uma admirável simplicidade, um espirito jovial, uma gentileza superior e institiva. Quando fala dos seus empreendimentos, da sua vida inatacável, da atividade prodigiosa que não lhe permite uma semana de descanso, nunca assume um tom superior de Mestre. Parece quase desejoso de diminuir a importância do seu esforço e das suas vitórias. Goza, porém, em recordar o passado e, por assim dizer, documentar as vitórias conseguidas com os métodos melhores. A mesma clareza de idéias e igual capacidade realizadora, êle revela quando fala dos problemas gerais e particulares da vida rural e da economia agricola do país. Em todos êsses temas êle tem idéias claras, que não são teóricas mas sim positivas. E, indiscutivelmente, um "experimentador" no exato sentido clássico da palavra. Tudo o que êle realiza é fruto de tentativas, experiências e observações meditadas. Provar e comprovar, era a norma de Galileu. O principio do grande florentino é também a norma experimental do Rei do Café.

O ESTUDIOSO DOS PROBLEMAS DA TERRA

Os que pensam, não conhecendo o homem singular, que grande parte da sua fortuna foi devida ao acaso ou à boa sorte, não o conhecem e o julgam mal. Realmente êle é um assíduo estudante dos problemas da terra e todos os seus empreendimentos, e quase todos os seus atos, são resultados de reflexões, meditações e provas positivas. E êsse é um dos seus grandes títulos de honra. Outra qualidade peculiar, é o conhecimento da terra. Não todo o solo brasileiro é conveniente para o café. Sòmente zonas privilegiadas garantem bons resultados. Lunardelli afirma que o maior mestre nessa materia "é o caboclo" e que os caboclos lhe ensinaram muitas coisas. Naturalmente êle sabe e admite que a ciência moderna transforma terras fracas em glebas boas e que um campo reduzido, quase a uma situação inferior pelo longo esfôrço produtivo, pode ser melhorado e reconduzido a uma boa produção. Isso, porém, custa dinheiro e num país, vasto como o Brasil, pode representar uma segunda futura etapa da agricultura. No momento atual, um bom agricultor que enxerga no problema produtivo todos os lados, procura o maior resultado com o mínimo esfôrço, e escolhe no imenso panorama rural os pontos mais apropriados e mais aproveitaveis.

Falar com Lunardelli sôbre todos êstes pontos e da técnica das plantações e culturas é um prazer também para o profano. O dialogo entre o mestre e o discipulo ignorante se torna interessantissimo. Mais que discussão econômica é poesia virgiliana. Há, entretanto, também um outro lado do carater e das normas dêsse agricultor que conseguiu uma posição tão destacada na economia e na vida social da metropole e do Brasil. E' a sua compreensão dos deveres sociais da riqueza, da obrigação e do prazer do homem rico vitorioso, em contribuir para tudo o que serve para enaltecer uma cidade, um Estado, uma Nação, e elevar a cultura e o espírito do povo.

O HOMEM SOLIDARIO

Lunardelli, que começou a sua vida pública como prefeito de Olímpia, afirmou essas suas qualidades naturais, na sua inicial ação administrativa. E depois, quando a complexidade do seu empreendimento e a formação do maior patrimônio rural do Brasil, o obrigaram a dedicar toda a atividade aos problemas rurais, nunca abandonou aquele princípio, nem ficou insensivel aos problemas públicos. Por isso a sua ação benfazeja na Capital e no Interior é incessante e generosa. Ninguém sofre uma recusa quando lhe apresenta um plano de utilidade geral, ou pede um auxilio para empreendimento de interesse coletivo. O senso da solidariedade humana é nele profundo e operante. E por isso êle está sempre na primeira linha também na contribuição às iniciativas artisticas do Museu de Arte de S. Paulo. Ofereceu obras magnificas. E um dia em que um dos maliciosos, tentou discutir a oportunidade e a espontaneidade daquele gesto, êle respondeu com uma admirável e eloquente simplicidade: "trata-se de iniciativas e afirmações úteis para todos e honram uma cidade e uma geração". Não se podia de forma mais eloquente afirmar um programa. Esse é o Rei do Café, homem da terra que se fez com o trabalho, mas que é dotado de uma inteligência extraordinária, de uma força moral superior e de um descortino incomparável. Vem de origem paupérrima, construiu um edificio economico maravilhoso, criou para si, para os seus e para a nação brasileira, um grandioso organismo produtivo e ensinou e ensina cada dia, que o trabalho honrado, a perseverança, a vontade de vencer os obstáculos, são virtudes civicas que conquistam o respeito universal.

Lunardelli criou uma familia admirável. Deu ao Brasil 6 filhos, todos educados no trabalho rural e comercial, três filhas e um delicioso grupo de netinhos. São o seu amor e a alegria da sua vida. Assim mesmo, no campo intimo e humano, êle é exemplar e útil ao Brasil. O menino de poucos meses que chegou a Santos com uma familia modestissima de colonos venetos e iniciou humildemente a sua vida rural nas Fazendas paulistas, conseguiu o primeiro lugar, no reinado dos cultivadores e produtores de café do mundo. E no Brasil está agora no primeiro lugar entre os criadores agricolas de coisas perfeitas e soberbas. E tudo isso foi conseguido com os métodos mais dignos, com uma clarividência extraordinária e com força de vontade incomparável.

Sem dúvida o ambiente foi propicio e as circunstâncias favoráveis. Não tudo, porém, foi sempre facil. As tormentas econômicas escureceram, frequentemente, o horizonte. Mérito indiscutivel, o verdadeiro grande mérito, de Lunardelli, foi ter enfrentado os perigos e as situações dramáticas com ânimo firme e uma vontade indomável de vencer. E é por isso que êle está na primeira linha, no atual panorama economico brasileiro, não só como um vitorioso, mas também como mestre capaz, cheio de inteligência e bondade indomável.

A vida é maravilhosa e feliz, quando um homem chega ainda cheio de energia ao outono da existencia. Parece viver numa incessante primavera e os netinhos que dão à sua magnifica casa tanta gloria e alegria, são as flores que a embelezam cada dia. Geremia Lunardelli, possuindo um singular equilibrio e um admiravel senso da realidade, recusou todos os titulos que lhe foram oferecidos por diversos governos europeus e pela Santa Sé. E' "principe" da agricultura brasileira, no delicioso reinado da sua familia e na estima e admiração dos amigos. Frequentar esse gentil homem do campo privar com ele, ouvir as suas palavras simples e persuasivas importa admira-lo e querer-lhe bem. Ele é uma força a serviço da nação brasileira e no mesmo tempo uma demonstração do que pode conquistar a inteligencia e o trabalho honrado. E é tambem, e talvez antes de tudo, uma gloria para a Italia onde nasceu e que lhe forneceu as qualidades essenciais intimas do seu magnifico carater. E é gloria para o Brasil, sua patria de formação, onde viveu e vive tão nobremente e a cujo progresso deu uma inteira existencia nobre e digna.

A FAZENDA "SANTA MARIA", do sr. Geremia Lunardelli, situada em Porecatu, no Estado do Paraná, é uma escola de aprendizagem para aqueles que quiserem saber como se cultiva a terra racionalmente

Cafeiro "Bourbon-amarelo", plantado em terras de "barba de bode", no sitio do sr. Adolfo Chebabi, em Nova Odessa. Com apenas 18 meses, as arvores, que são adubadas com esterco avicola, já estão produzindo o "ouro verde".

Pés de café de 3 a 4 anos, adubados com esterco de galinha: observe-se o crescimento alcançado, logo após a colheita.

ESTERCO ALTAMENTE FERTILIZANTE E ECONOMICO

FORNECE A AVICULTURA O ADUBO PARA O CAFÉ

Esterco de galinha ensacado repousa em frente ao aviario, aparecendo o galinheiro rustico, sob cujo ripado é colhido esse valioso e economico adubo.

COM A CONSIDERAVEL melhoria verificada nos preços do café, e a rapida industrialização do após-guerra, em nosso país, apareceram aplicações economicas, para os grandes volumes de esterco produzidos nas granjas, e mercado consideravel para produção avicola. Todos os melhoramentos que se faziam necessarios na lavoura cafeeira, tornaram-se realizaveis. Novas lavouras em nivel, plantadas com linhagens mais produtivas, adubações organicas e quimicas, o combate às pragas, executado já com tanto exito, e a irrigação das lavouras, só foram possiveis em consequencia dos preços alcançados pelo nosso principal produto. Muita outra coisa ainda poderá ser feita no sentido de melhoria de nossa produção cafeeira, tanto em quantidade como em qualidade, se os preços se mantiverem em niveis compativeis com a tecnica mais adiantada.

RUBENS TELLECHEA CLAUSEL
(Engenheiro-Agrônomo)

MATÉRIA ORGANICA

Como fontes de matéria orgânica, desde as adubações verdes, à cobertura do solo com capim, o tradicional esterco de curral, os restos das colheitas das fazendas, todos os suprimentos possíveis devem ser usados e darão sempre ótimos resultados. No equilíbrio agro-pastoril, entretanto, é que vemos a solução ampla e capaz de atender racionalmente à adubação orgânica do cafeeiro. O esterco produzido por bovinos, equinos, asininos, suinos e aves, bem aproveitados e completado com misturas minerais, atendem perfeitamente às necessidades de nossa agricultura, especialmente da lavoura cafeeira.

Mas é sôbre o esterco das aves, que cada dia maior importância toma, que desejamos tratar. Sua elevada concentração de elementos fertilizantes e os resultados observados com seu emprêgo, o fazem muito justamente procurado. Em relação aos demais estrumes apresenta maior capacidade de adubação com relativamente menores inversões para sua produção.

PLANOS PARA ADUBAÇAO

Para a adubação de 100.000 pés de café, anualmente, com 2 kgs. por pé, o que constitui, complementado com elementos minerais, uma boa adubação, necessitaríamos de 12.000 aves na base de 18 kgs. por cabeça. Êsse número de aves representa uma inversão total de aproximadamente Cr$ 1.400.000,00, mas que poderá ser realizado progressivamente, em parte com a inversão de lucros iniciais.

No sistema "AVISCO", com o qual temos trabalhado, são construidos galinheiros de 4 x 10 metros para 250 aves. O aviário que, inicialmente não devera ter capacidade menor que 1.500 aves, ou seja, uma unidade homem de serviço, é constituido de sete galinheiros, dos quais um serviria provisoriamente de depósito, e uma casa do tratador. Seria o programa para o primeiro ano, onde se verificariam as possibilidades locais e se treinaria o pessoal para o segundo ano do programa. Seriam criados 2 lotes de pintos, 1.000 fêmeas Leghorn ou 2.000 mistos New Hampshire em julho e setembro. Não se construiriam pinteiros nesse primeiro ano, mas se utilizariam os próprios galinheiros em construção para a criação.

No segundo ano elevar-se-ia o número de aves para 4.000, em um mesmo aviário. Construir-se-ia mais uma casa para tratador, mais 9 galinheiros e um depósito repartido para ovos e alimentos. Seria necessário construir um pinteiro para 3.000 pintos, onde seriam criados 2 lotes de 2.200 pintos fêmeas Leghorn, em julho e setembro, ou 3 lotes mistos New Hampshire em maio, julho e setembro.

No terceiro ano seriam então construidos 23 galinheiros completando o programa de 12.000 aves, em dois novos aviários de 4.000 aves cada um.

Não é interessante trabalhar, nas condições de nossas fazendas, com aviários maiores que 4.000 aves. Seriam feitas criações sucessivas cada 45 dias, a partir dos primeiros dias de abril e constituidas de 3.000 pintos cada uma. Trabalhando com pintos fêmeas Leghorn, um pinteiro é suficiente para completar êste programa. Para pintos mistos da raça New Hampshire, se faz necessário construir um outro pinteiro e receber lotes sucessivos cada 20 dias, a partir de meados de maio.

As inversões para execução dêste programa seriam aproximadamente as seguintes em Cr$:

ANO-PROGRAMA	PRIMEIRO	SEGUNDO	TERCEIRO
Capacidade em aves	1.500	4.000	12.000
	Cr$	Cr$	Cr$
Construções:			
Casas	20.000,00	20.000,00	40.000,00
Pinteiros	—	30.000,00	30.000,00
Galinheiros	70.000,00	90.000,00	320.000,00
Depósitos	—	20.000,00	40.000,00
Instalações			
TOTAL	90.000,00	160.000,00	430.000,00
Custo das aves (até 5 meses)	75.000,00	160.000,00	480.000,00
Totais parciais	165.000,00	320.000,00	910.000,00
Totais acumulados	165.000,00	485.000,00	1.395.000,00

Como vemos nêste quadro, sem entrarmos na discussão econômica da exploração dos bovinos ou das aves, nem nos resultados das adubações, verificamos que a inversão com as aves é consideràvelmente menor. Não é nosso propósito, evidentemente, com esta comparação, diminuir a importancia do estêrco de curral, mas apenas mostrar que a avicultura pode constituir um ótimo meio de incorporarmos matéria orgânica nas lavouras cafeeiras, permitindo, através de menor volume a transportar, elevado valor fertilizante, uma mais completa realização dos programas de adubação organica.

Em confinamento, como já vem sendo experimentado na engorda intensiva de bois, a produção diaria de esterco, se eleva a 28-30 kgs. por cabeça. Considerando os periodos de limpeza, poderemos calcular em 1.700 toneladas a produção anual de um destes cocheirões em estabulação permanente e de 850 toneladas para encerras de 12 horas. Até que esteja comprovada a economia da engorda intensiva em nosso meio, deveremos tomar por base o calculo de 850 toneladas, que é suficiente para adubar anualmente 40.000 pés de café com 20 kgs. por cova. Para distribuição de 30 kgs. por cova, cada 2 anos, como é usual, seria suficiente a produção de um destes cocheirões para 28.000 pés. Pelos dados acima, verificamos que as inversões para adubação de 40.000 pés de café com esterco de galinha ou curral, seriam comparativamente as seguintes:

ESTERCO DE GALINHA		ESTERCO DE CURRAL	
	CR$		CR$
AVIARIO	280.000,00	COCHEIRAO	500.000,00
AVES	192.000,00	BOVINOS	720.000,00
	472.000,00	TOTAIS	1.220.000,00

Com base em dados contábeis, podemos afirmar que na execução de um programa como este chegaremos ao fim do 3.o ano de produção, ou seja 3 anos e meio após o inicio deste plano, na pior das hipoteses, com todas as inversões recuperadas. Se atribuirmos ao esterco produzido o valor de Cr$ 1,00 por kg. chegaremos ao lucro liquido de Cr$ 375.000,00.

Programas menores poderão ser calculados na base deste esquema geral e seria aproximadamente o seguinte para 50.000 pés de café:

1.o e 2.o Ano — Como planejado acima.

Terceiro Ano — Construção de apenas 3 galinheiros e criação de 3.000 pintos mistos New Hampshire para lotação das novas instalações e substituição das aves em produção.

O COCHEIRAO "IRACEMA"

Em um plano de aproveitamento de outras fontes de matéria organica nas fazendas, vemos grandes possibilidades de rivalizar em custo e exequibilidade com o estereo de galinhas apenas o estrume de curral. A fabricação de "composto", como tem sido preconizado nos ultimos anos em S. Paulo, parece-nos solução parcial, adequada a algumas propriedades, mas demasiadamente cara em sua elaboração para a maioria de nossas fazendas de café. Não há duvida, entretanto, de que os bovinos pelo grande volume de esterco que produzem, devem constituir os principais produtores de matéria organica. Os cocheirões do tipo "IRACEMA", parecem-nos a forma mais economica da produção de um bom estereo de curral. Estes cocheirões podem ser construidos com materiais relativamente baratos, até mesmo, com eucaliptos, previamente tratados para maior duração.

As dimensões usuais são de 60x20 metros, com uma capacidade de 240 cabeças de bovinos adultos. Seu custo varia, de acordo com informações colligadas, de Cr$ 500 a Cr$ 600.000,00, nos atuais preços dos materiais de construção, incluindo instalação de agua.

Não basta produzir grandes volumes de estêrco, mas devemos tomar cuidados especiais para que ele chegue às plantas com os mais elevados teores em elementos fertilizantes.

A decomposição dos estrumes ocasiona, especialmente, perdas do valioso nitrogênio (azoto). Consegue-se, felizmente, evitar essas perdas pela adição de superfosfato de cálcio, tanto nos pinteiros como nos galinheiros e cocheirões. A adição é feita na base de 100 grs. por metro quadrado de galinheiro tipo ripado, por semana, e de 1 kg. pela mesma área para galinheiros com "cama" alta, por mês. Nos cocheirões aplicam-se de 3 a 5 kgs. por metro quadrado e por semana, dependendo do tempo de permanência dos animais na encerra.

Devemos esclarecer que outros fosfatos ou calcáreos não realizam o fixação que se obtem com o superfosfato simples de 18 a 20% de P_2O_5. Êsse superfosfato simples é constituido de fosfatos mono, bi e tri-cálcicos e gêsso (sulfato de cálcio). E' justamente êste último sal que se combina com o azoto amoniacal desprendido nas fermentações, formando sulfato de amônio, produto mais estável. Superfosfato triplo também não se presta a essa fixação, e nem as formas de superfosfato granulado são recomendáveis, pela sua pequena superfície de contacto com o meio em fermentação.

Mas, voltando às granjas avicolas, devemos esclarecer aos lavradores que somente a exploração econômica da avicultura pode proporcionar estereo em custos adequados à adubação cafeeira. Granjas deficitárias significam estereo multissimo caro, em comparação com outras formas de adubação organica e mineral. A avicultura, por outro lado, para ser lucrativa, deverá ser técnicamente planejada e executada. Em nenhum caso se deve iniciar aviário sem informação completa do vulto das inversões, do tipo das instalações a serem construidas e possibilidade de aproveitamento das já existentes, em muitos casos inaproveitadas.

Para essas informações deverão procurar o Departamento de Indústria Animal, a Associação Paulista de Avicultura e visitar um bom número de avicultores bem sucedidos, dos muitos existentes em nosso Estado.

Instalações econômicas, administração racional, interesse econômico dos tratadores e encarregados na produção das granjas e boa comercialização dos produtos avicolas, são fatores fundamentais do sucesso.

Intensifiquemos, pois, senhores lavradores, a produção de nossa agricultura, especialmente da lavoura cafeeira através de adubações minerais e organicas, venha esta de cocheirões ou galinheiros, para a prosperidade dos lavradores e pela melhoria das condições econômicas de nosso país.

Gado submetido a confinamento integral nos estabulos da usina Itaquara, com a finalidade de obter materia organica.

JACAZINHOS
Laminas de pinho para mudas de:
CAFÉ — CACAU — MAMÃO — EUCALIPTOS
MADEIRAS SIT'FAZ LTDA.
RUA VISCONDE DE INHOMERIM, 860
FONE: 9-9366 — SÃO PAULO

Os solos de São Paulo e a cultura cafeeira

J. E. DE PAIVA NETTO
Chefe da Secção de Agrogeologia
(Instituto Agronômico)

O café entrou, em São Paulo, pelo Vale do Paraíba, ocupando principalmente os solos do terciário e os contrafortes das Serras da Mantiqueira e do Mar. Portanto, são solos provenientes do Arqueano, ou sejam, Massapés e Salmourões. Em seguida, tomou as direções Oste e Norte e, por fim, Noroeste.

Na parte Oeste e Norte, inicialmente, as culturas se alastraram sobretudo pela Baixa Mogiana, cujos solos, em geral, também provêm do Arqueano, isto é, Massapés e Salmourões.

Continuando sua trajetoria, as culturas cafeeiras atingiram nossos solos de Terra-roxa-legitima, chegando até ao Norte do Estado. Prosseguindo em sua faina desbravadora, os nossos fazendeiros tomaram, por fim, a direção Noroeste, para aí assentar suas lavouras cafeeiras. As principais vias de tranporte hoje existentes nessa direção, são: a Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Araraquarense, Noroeste do Brasil e Estrada de Ferro Sorocabana, e talvez, hoje, mais de 70% da produção cafeeira do Estado acham-se assentadas nestas glebas. Em grande parte são solos provenientes do Cretáceo, e essencialmente arenosos, como veremos mais adiante.

Nesta palestra vamos abordar particularmente os três grandes tipos de solos que mais interessam à cultura cafeeira, e citar apenas algumas outras manchas de solo no Estado, que são, a nosso vêr, de bastante interesse para um futuro mais proximo.

Segue adiante, um resumo geral desses três grandes tipos de solos.

SOLO MASSAPÉ-SALMOURÃO

Area — A area existente, já estudada, deste tipo de solo, no Estado, abrange cerca de 5.900.000 hectares, ou sejam, 24,0% da area total.

Origem geologica — Provém este grande tipo de solo de rochas do complexo cristalino, ou seja, de rochas predevonianas. Os tipos principais dessas rochas são: gnaisses, granito, micaxistos etc. As analises mineralogicas das frações "areia grossa e areia fina+limo", mostram grande riqueza em minerais primários, ricos em potassio e magnesio.

Topografia — São solos em geral de conformação muito acidentada; a altitude pode variar entre 3 e 1.700 m. acima do nivel do mar.

Vegetação natural primária — São estes solos, quando ainda virgens, cobertos por densas matas, apresentando, no geral, aspecto subhidrofilico.

Perfil do solo — Deve-se dizer logo de inicio, que os solos tipicamente massapés são bastante argilosos, enquanto que os salmourões são mais pedregosos. A fração mais grossa é, no geral, constituida por fragmentos de quartzitos e cristais de feldspatos mais ou menos caolinizados. Os granitos são mais responsaveis pelo subtipo salmourão, ao passo que os gnaisses e micaxistos são responsaveis pela origem do subtipo massapé.

Por enquanto, eses dois subtipos só podem ser perimetrados conjuntamente. A razão reside, sobretudo, na inexistencia ainda de mapa petrografico detalhado. A coloração destes solos é, em geral, amarelada ou avermelhada, podendo os primeiros 30 cm. apresentar coloração parda ou acizentada escura, devido ao maior ou menor teor em materia organica. A coloração amarelada ou avermelhada se deve aos óxidos hidratados de ferro.

Tanto no solo massapé-salmourão como nos outros tipos não há, no geral, uma diferença pedologica intensa entre suas varias profundidades (0—1,5 m), mas sim, variação de ordem continua.

Por esta razão, no geral, os perfis são divididos da seguinte maneira: Primeira camada ou solo aravel, com espessura de 0—35 ou 30 cm.; segunda camada de 40-80 cm. e terceira camada, de 80-150 cm. Em casos especiais, seguem-se ainda outras camadas, como sejam: de 150-200; 200-250; 250-300 e 300-500 cm. Este esclarecimento serve para os demais tipos que serão descritos adiante.

Os solos pertencentes a este grande tipo massapé-salmourão, são, no geral, pouco permeaveis á agua. Apesar de relativamente resistentes aos fenomenos da erosão, sofrem, às vezes, profundamente desse grande mal, quando as rampas são muito fortes.

São solos ricos em elementos quimicos no estado potencial, o que é claramente revelado pela analise quimica total, bem como pela analise mineralogica, que revela grande quantidade de micas, feldspatos etc. Neste particular este solo se diferência completamente dos demais, no Estado. A fração argila é constituida essencialmente por caolinita, podendo estar presente tambem hidrargilita.

TERRA-ROXA-LEGITIMA

Area — Foram mapeados cerca de 1.700.000 hectares de terra-roxa-legitima, ou sejam, cerca de 7,3% da area total do Estado de São Paulo.

Topografia — Esse grande tipo de solo possui topografia, em geral, amena; entretanto, em alguns pontos do Estado encontramos encostas mais ou menos acidentadas. A altitude varia entre 480 e 900 m. acima do nivel do mar; grande parte, porém, está situada entre 500 e 700 m.

Geologia — A idade geologica é a triásico-jurássica. O magma diabásico, ou sejam, as eruptivas-basicas, são as rochas responsaveis pela origem desse grande tipo de solo e a sua composição mineralogica é variavel.

A terra-roxa-legitima provém de rochas diabásicas. Contudo, pelos estudos sobre a genese desse solo, ainda em andamento, podemos subdividi-lo nos dois subtipos:

a) Solos de terra-roxa-legitima, proveniente de produtos de decomposição antiga do magma diabásico, isto é, de fenômenos geológicos, cuja idade é a mesma das erupções básicas.

b) Solos de terra-roxa-legitima, proveniente de produtos de decomposição procedente do intemperismo da época atual.

No primeiro caso, as capas de decomposição mostram, em geral, fenômeno intenso de caolinização, ao passo que, no segundo praticamente a totalidade do Al_2O_3 está livre e solúvel no HCl concentrado e a quente, e o SiO_2 na forma coloidal. No primeiro, a intensidade da lixiviação, tanto das bases como do SiO_2, foi menor do que no segundo caso.

Para encontrarmos os dois extremos, isto é, a elevada riqueza de bases na rocha viva e o baixo teor em bases da capa decomposta, como ficou dito acima, basta analisar amostras retiradas a 2cm de distancia uma da outra. A análise quimica dos trocáveis, no material da capa de decomposição, é praticamente idêntica encontrada em camadas de solo à profundidade de cêrca d 2m para baixo.

Vegetação arbórea natural — Jequitibá (Cariniana sp), Peroba (Aspidosperma olivaceum M. Arg.), Jangada-branca (Heliocarpus americanus L.), Pau d'alho (Gallesia gorazema Moq.), Ceboleiro (Phytolacca dioica L.), Araruta (Centrolobium tomentosum Benth), etc. Matas geralmente consideradas boas e do tipo subhidrófilo.

Perfil do solo — Constitui um perfil autóctone de terra-roxa-legitima "sui generis", principalmente devido á sua grande porosidade, que é da ordem de 65 a 70%, embora de composição mecanica a ser considerada quase argilosa.

Sua coloração é bem tipica e muito dificil de ser traduzida para outro idioma, a não ser por meio de anotações das tabelas de côres, tais como "Tabela Internacional de côres de Ostwald" (Verlag Unesma G.m.b.H. Grossbothen-Leipzig"), empregada em nossos trabalhos.

A tradução ao pé da letra da palavra "roxo" para a lingua inglesa seria "violet" o que, sem dúvida, não corresponde bem, ou, pelo menos não corresponde ao que um desconhecedor poderia esperar de tal tipo de solo, quando o visse pela primeira vez. Na tabela de côres citada, essa côr "roxa" está compreendida entre ng5 para o solo sêco e pi6 para o solo úmido, o que talvez corresponda melhor a tradução de marrom-avermelhado. Praticamente, não há variação de côres nas diversas profundidades do perfil.

São solos, em geral, muito profundos, podendo-se chegar a 20 m sem encontrar rocha, mesmo semidecomposta. Quando ainda de posse de sua textura natural, são permeáveis. Entretanto, depois de 20 a 30 anos de cultura, em geral, se forma um horizonte fluvial impermeável, entre 30 a 60 cm de profundidade. Este horizonte não só impede a penetração da água como tambem dificulta a penetração das raizes das plantas. A matéria organica está, em seus 80%, distribuida nos primeiros 40 cm de solo, o mesmo acontecendo com as bases trocáveis. Estas vão diminuindo até atingir um teor mais ou menos constante para profundidades maiores do que 2m e que é da ordem de 1 a 1,5 e.mg por 100 ml de solo natural.

A análise mineralógica revela que, praticamente, não existem mais minerais primários da "rocha mater", a não ser: quartzo em pequena porcentagem, isto é, da ordem de 1 a 6%; ilmenita e magnetita. Em parte, talvez, êstes minerais sejam de formação secundária. A quase totalidade do material é constituida por cêrca de 15% de caolinita: $Al_2O_3nH_2O$; $Fe_2O_3nH_2O$ e SiO_2nH_2O. O magnésio e o potássio, além de se encontrarem na forma tipicamente trocavel, provavelmente, ainda se apresentam na parte interna dos géis de silica ou silica e aluminio, com estrutura talvez já criptocristalina e que facilmente se decompõe por HCl diluido (+ 5N) e a quente. O teor em magnésio e potássio, neste estado, pode atingir 1 1/2 vezes o teor trocável do elemento respectivo. Pela fluorização, ou seja, pelo ataque total da terra fina, foram obtidos teores, em potássio e magnésio, representando o dôbro do teor trocável.

Dados quimicos — Quando novos, êstes solos são de grande fertilidade e considerados ricos em elementos quimicos minerais. O poder sortivo, relativo as bases, provêm "in totum", da materia organica. Em solos novos, ou melhor, de recente derrubada, a parte acidóide organica está quase totalmente saturada pelas bases; neste caso, o indice pH é da ordem de 7. O fósforo não organico está, em grande parte, ligado aos hidróxidos mais ou menos hidratados de ferro e aluminio. Baseado em trabalhos já executados e nos ainda em andamento, pode-se admitir que os tipos de ligação entre o PO_4 e os sesquióxidos são os mais diversos possiveis, isto é, desde quantidades infinitesimais solúveis em água até, provavelmente, aos fosfatos de ferro e aluminio, já em estado pelo menos criptocristalino.

Esta situação faz com que o PO_4 se encontre em todos os gradientes de extração possivel, dificultando, assim, a fixação de um método de extração que nos forneça o fósforo mais ou menos assimilável pelas plantas.

Dados fisicos — Segundo analise mecanica, estes solos são classificados como BA, isto é, "barro argiloso", no quadro internacional de classificação de analise mecanica de Buitenzorg. A textura intima dos granulos é tipicamente argilosa, entretanto, no geral, fortemente cimentada, de forma a exigir uma peptização mecanica energica. A composição quimica da fração fina destes solos, como dissemos, é essencialmente constituida por óxidos mais ou menos hidratados de ferro e aluminio e silica coloidal. Trata-se, portanto, de material que, por simples envelhecimento coloidal, possui grande tendencia a forte cimentação. Este estudo de coisas dificulta em muito, o estabelecimento de técnica razoavel e execução de analise mecanica. E' esta dificuldade ainda agravada pela grande instabilidade da suspensão, pois a facilidade em flocular é imensa. Este problema tem sido em parte resolvido, usando-se como peptizantes: carbonato de amonio, silicato de sodio e mesmo eletrolitos coloidais organicos. A peptização é, no geral, facilitada usando um pistilo de borracha, para desfazer os granulos secundarios. Não há outro no Estado que apresente porosidade tão grande como este, observam-se em perfis autóctones, comumente, 70% de poros, ou sejam, 30% somente de "fase solida". Isso faz necessario o estabelecimento de metodos especiais para os testes fisico. Tanto é assim que, no geral, não podem ser aplicadas a estes solos as teorias encontradas sobretudo na literatura européia e americana. Isto, maximé nos problemas de agua no solo.

Cultura importante — Café (Coffea arabica L.), cana (Sacharum sp.) milho, algodão, amendoim (Arochis Kippogaea L.).

SOLO ARENITO DE BAURU

Area — A area desse grande tipo de solo no Estado compreende 6.200.000 hectares, perfazendo cerca de 25,1% da sua area total.

Topografia — E' no geral, de topografia regular, entretanto apresenta, em certos pontos do Estado, paredões abruptos com desniveis de até 200 m. As altitudes oscilam entre 400 e 750 metros acima do nivel do mar.

Geologia — Provêm este grande tipo de solo do arenito Bauru-Cretáceo de deposição fluvio-lacutres. A composição mineralogica do arenito Bauru é essencialmente representada por quartzo. Dentre os minerais acessorios, podemos citar: magnetita, ilmenita, granada, rutila, turmalina, piroxenio, calcedonia, opala e limonita. A area dessa formação geologica é bem irregular em contraste com as demais; sua espessura é de 50 m., aproximadamente. A irregularidade dessa formação é, sobretudo, devida aos vales da erosão, formados pelos rios do Peixe, Aguapei, Tietê e São José dos Dourados.

Vegetação arbórea natural — Guarantã (Essenbeckea leocarpa Engl.), urindiuva (Astronium urudeuva (alb), Engl.), peroba (Aspidosperma olivaceum M. arg.), pau d'alho (Gallesia gorazema Moq.), etc., matas essas contendo boa percentagem de madeiras de lei.

Perfil do solo — Este grande tipo de solo é, no geral, essencialmente arenoso. A materia organica está distribuida nos primeiros 40 cm. de solo. Sua côr é geralmente clara, acinzentada escura ou avermelhada. A materia organica e os compostos mais ou menos hidratados de ferro são os responsaveis pela coloração destes solos. Abaixo de 40 cm., o perfil pode apresentar uma camada mais ou menos argilosa, isto é, um horizonte fluvial mais ou menos denso, o qual pode chegar a prejudicar o desenvolvimento do profundo das raizes das plantas. A profundidade deste horizonte pode, entretanto, variar bastante.

A fração argila é essencialmente constituida por caolinita, estando tambem presente o quartzo e, em pequena percentagem, um tipo de argila montmorfionitica. Estas observações foram obtidas por espectros radiograficos. Ainda na fração argila encontram-se óxidos mais ou menos hidratados de ferro e de aluminio, variando bastante, percentualmente.

E' interessante notar-se a presença do tipo montmorilonitico na "fração argila" destes solos. Provavelmente originaram-se de produtos cineriticos vulcanicos, que fazem parte do material de cimentação do arenito Bauru-Cretáceo.

São solos, em geral, profundos e permeaveis; entretanto, casos há em que o arenito quase aflora.

São facilmente erosaveis, principalmente quando cultivados com plantas anuais, tais como o algodão. Devem sempre ser protegidos por todos os meios, contra esses danos.

Dados quimicos — Quando novos, são regularmente ricos em elementos trocaveis e mesmo no estado potencial.

Hoje em dia as grandes produções de café e algodão do Estado de São Paulo provêm desses solos. São, contudo, considerados solos de fertilidade efemera, necessitando de adubações maciças de materia organica e adubos minerais.

Culturas principais — Assentam-se nesses solos cerca de 70% de nossa cultura cafeeira e cerca de 80% de nossa cultura algodoeira, além de boa parte de cultura de arroz (Orysa sativa L.) e milho.

Há 22 anos

Eska AUTOMÁTICO

dá pontualidade aos brasileiros

As poucas sementes trazidas por Palheta, germinaram em solo fecundo, transformando-se em marco imperecível de nossa civilização. Orgulho do povo bandeirante, o café é hoje a base da economia nacional. Desde 1932, Eska Automático vem contribuindo, em todos os setores de atividade, para tornar mais produtivo o labor dos paulistas. Regulado em diversas posições e montado sôbre 17 rubis, Eska Automático tem características que causam admiração aos próprios relojoeiros. Dá corda a si mesmo e possui ainda longa reserva de corda para continuar dando pontualidade, mesmo quando fora do pulso. Admire os últimos modelos em seu relojoeiro.

Regulado em diversas posições
Automático a prova de quedas - água - pó
temperaturas extremas - eletricidade

Eska AUTOMATICO

O 1.º RELÓGIO AUTOMÁTICO LANÇADO NO BRASIL

penam - casa de antigos - 67.032

O DESENVOLVIMENTO DA RÊDE FERROVIÁRIA E A EXPANSÃO DA CULTURA DO CAFÉ EM S. PAULO

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Em meados do século passado, a carta das vias de comunicações de São Paulo pouco diferia da dos ultimos tempos coloniais. Da Capital irradiavam diversas estradas que foram, em suas direções principais, seguidas pelas estradas de ferro a partir de 1860. A primeira, a mais antiga, datando do inicio da colonização, ligava o litoral ao planalto através da ingreme Serra do Mar; a segunda, acompanhando o Vale do Paraiba, punha São Paulo em comunicação com o Rio de Janeiro; a terceira, a mesma seguida pelo Anhanguera, dirigia-se para Goiás, via Jundiaí. Campinas, Mogi Mirim, Casa Branca, Batatais e Franca; a quarta, rumo ao sul do

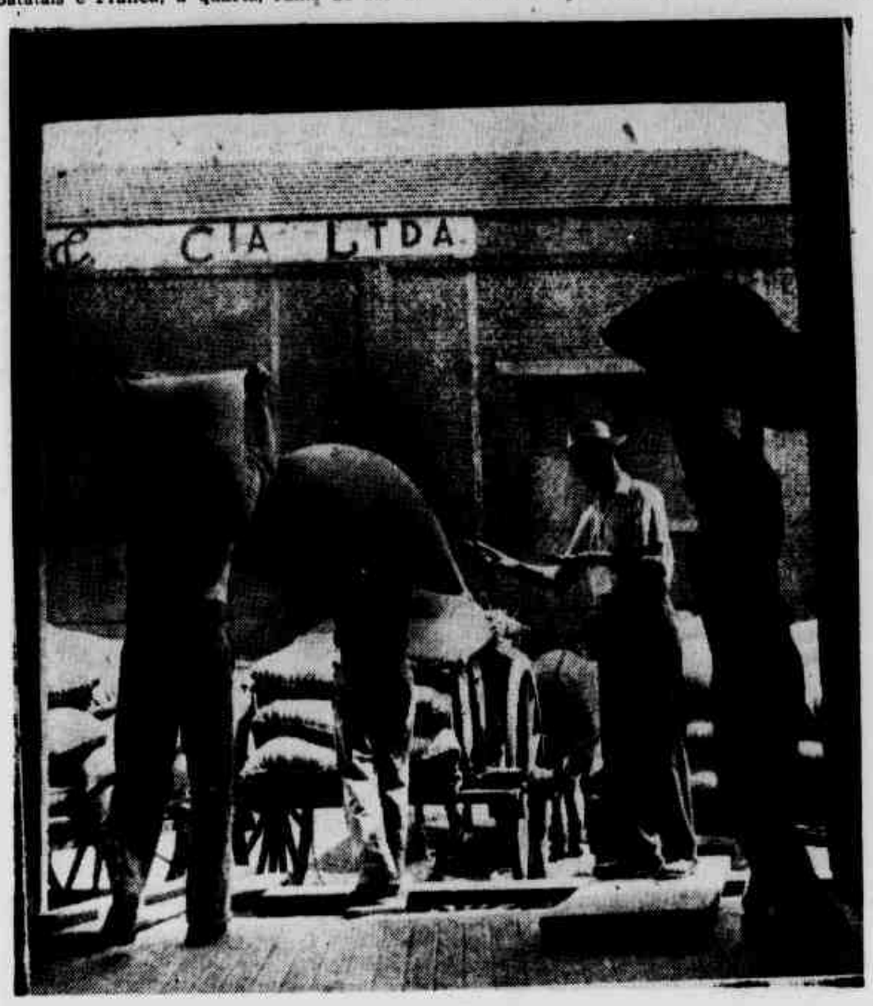


Foto de Jean Manzon

Brasil, passando por Sorocaba, Itapetininga e Faxina, a mais importante numa certa época, pelas feiras de Sorocaba e pela sua finalidade militar servindo às remessas de tropas nas campanhas do Prata; uma quinta, para as raias de Minas, passando por Juqueri, Atibaia e Bragança; uma outra demandava à Vila da Constituição, hoje Piracicaba, passando por Parnaiba, Itu e Porto Feliz, de onde seguiam em canoas, pelo Tietê, os que se destinavam a Mato Grosso; finalmente, uma setima, espécie de ramal da de Santos, servia o litoral desde Ubatuba até Iguape.

Depois da independencia, a situação quase não mudou. Apenas começaram a povoar-se os "campos de Araraquara", já inscritos nos mapas do fim do seculo XVIII, para cujos lados a povoação de Jaboticabal aparecia como sentinela avançada. A região de Campinas começava a ser invadida pelo café e o Vale do Paraiba, exatamente pela sua posição geografica, continuava a parte mais povoada. No litoral, Ubatuba, São Sebastião e Santos disputavam aos portos fluminenses a primazia na exportação do café que, vindo do oeste fluminense, aclimatara-se tão bem no chamado "Norte de São Paulo". As demais regiões permaneciam na mesma. Tal a situação da provincia ao se cogitar do estabelecimento das vias ferreas.

O engenheiro Adolfo Pinto que foi quem melhor estudou a historia da viação ferrea paulista, divide em quatro fases "perfeitamente distintas à época decorrida desde as primeiras tentativas para a construção do caminho de ferro até o pleno desenvolvimento e aclimatação em São Paulo, desse maravilhoso meio de transporte". A primeira fase, como sempre acontece, é a dos ensaios malogrados, cujo grande mérito consiste em preparar o terreno para futuras realizações. A segunda fase, já de notaveis resultados positivos, caracteriza-se pelas concessões feitas com os favores de zona privilegiada e garantia de juros. Na terceira fase (1880) as estradas ainda se constrõem com o privilegio de zona, mas já dispensam a garantia de juros. Finalmente (1891) sobreveio a quarta fase, definida pelo regime da plena liberdade: a industria ferroviaria, em completo desenvolvimento, emancipa-se da proteção do Estado, tornando-se livre a qualquer um a construção de estradas de ferro, com a unica restrição de respeitarem-se os direitos adquiridos.

Como é facil de compreender, pelas datas que mencionamos, essa evolução juridica corresponde, naturalmente, ao desenvolvimento ferroviario do Estado. À medida que a estrada de ferro ganha a confiança de fazendeiros e capitalistas, vai dispensando, gradativamente, os favores e os privilegios até o regime de liberdade que caracteriza a ultima fase.

Foi o Brasil um dos primeiros paises a se preocupar com as estradas de ferro. Dez anos apenas haviam decorrido do invento de Stephenson, já no Brasil era votada a lei de 31 de outubro de 1835, de iniciativa do então regente do Império, Feijó, concedendo privilegio para a construção de estradas de ferro do Rio às provincias de Minas, Rio Grande e Bahia. Como o trajeto para o Rio Grande não podia ser feito senão atravessando o territorio paulista, é justo que se considere essa lei como a primeira tentativa para o estabelecimento de uma ferrovia em São Paulo. Infelizmente não teve execução. "O problema a resolver era evidentemente superior às forças e recursos do país, ainda então na infancia de seu desenvolvimento economico e com uma população verdadeiramente insignificante para a sua grandeza". (A. Pinto). Dois anos mais tarde, uma primeira lei paulista concedia privilegio para a construção de uma estrada de ferro de Santos a Campinas, Piracicaba, Itu, Porto Feliz, referindo-se tambem a uma possivel ligação navegatoria do Paraíba com o Tietê. As localidades apontadas eram então as mais importantes do interior paulista e, tinham a sua economia baseada inteiramente na cana de açucar. O café estava comecando a sua penetração no Oeste e as plantações ali eram ainda insignificantes, não alcançando 12% da produção total da provincia. Dificuldades que não cabem aqui mencionar determinaram o fracasso dessa segunda tentativa, à qual se seguiu uma terceira, pretendendo ligar o Rio a São Paulo, tambem fracassada.

Mais de dez anos decorreriam ainda antes que se ouvisse pela primeira vez no Brasil o silvo de uma locomotiva, graças à iniciativa de Mauá, quando, em 1854, inauguraram-se os quinze primeiros quilometros da sua estrada de ferro ligando o porto Mauá à Raiz da Serra de Petropolis. No ano seguinte construiam-se os primeiros quilometros da Estrada D. Pedro II que deveria mais tarde atingir a cidade paulista de Cachoeira.

Enquanto a "Pedro II" avançava rumo a Minas e São Paulo, os paulistas procuravam construir a primeira estrada ligando Santos ao planalto. Aliás, esta ligação era extremamente necessaria; estavamos nos meados do seculo e começava a intensificar-se, na medida do possivel, o povoamento do oeste paulista.

Em 1855 o Conselheiro Saraiva, presidente da Provincia, calculava em dois milhões de arrobas a produção de café, açucar e outros generos que deviam ser transportados pela estrada projetada; em 500.000 arrobas a quantidade de generos não levados ao litoral por falta de meios de transporte e em um milhão de arrobas os generos importados; portanto, 3.500.000 arrobas transportaveis pela via ferrea. Isto, sem contar o transporte de pessoas cujo numero devia ser avultado, pois passavam anualmente pela barreira do Cubatão cerca de 40.000 cavaleiros. E apontava as vantagens que adviriam da construção dessa estrada: o desenvolvimento do comercio de Santos, o desenvolvimento do trabalho livre e da colonização espontanea, a redução do preço dos transportes a uma terça parte do que se pagava, o melhoramente dos processos industriais, o aumento do valor das terras, a cessação das despesas publicas com a estrada, a ser substituida pela linha ferrea, a influencia das facilidades de comunicaçções sobre o estado moral e politico da provincia e finalmente a criação do espirito de empresa. Terminava desejando que tão grande melhoramento logo se realizasse, pois viria abrir para o comercio, para a agricultura e para a civilização esses ferteis vales que se estendiam até o rio Paraná.

Assim, contando com as boas graças do governo, concedeu-se ao Marquês de Monte-Alegre, a Pimenta Bueno e a Mauá, privilegio para construção de uma estrada de ferro que, partindo de Santos se dirigisse a Jundiaí. Tal concessão, acompanhada de muitos favores, tornou possivel a organização em Londres da São Paulo Railway e em novembro de 1860 eram iniciados os trabalhos da construção. A transposição da cordilheira maritima, com uma diferença de nivel de quase 800 metros, constituiu serio obstaculo à construção. Devia a barreira ser vencida pelo sistema funicular. Em julho de 64 inaugurava-se o primeiro plano inclinado e em 66 a linha atingia S. Paulo para no ano seguinte alcançar Jundiaí.. Estava, pois, construido o primeiro lance do sistema ferroviario paulista, exatamente o mais importante e mais dificil: o mais importante pela ligação com o litoral e o mais dificil pela Serra do Mar, transposta por uma serie de planos inclinados, trabalhos de engenharia, verdadeiramente admiraveis.

Pouco depois de inaugurada a Santos-Jundiaí, tratou-se do primeiro projeto de articulação ferroviaria, fazendo partir uma nova estrada de ferro da estação de Rio Grande, na Santos-Jundiaí, para o vale do Paraiba, até Jacareí. Da importancia desta linha, dizia o Presidente Saldanha Marinho que se obteria um extraordinario aumento de riqueza pública e notavel prosperidade da provincia de São Paulo. Esse melhoramento interessava a cerca de 200.000 habitantes, os quais seriam assim tirados da quase segregação em que viviam, obtendo facil, rápida e barata comunicação não só com a capital, como principalmente com o consideravel mercado de Santos. Uma parte importante do sul de Minas aproveitaria com isto e este aproveitamento seria de grande interesse para São Paulo. Apesar da disposição do governo em auxiliar o "norte" de São Paulo, fracassou este projeto de estrada de ferro e as disposições legislativas que lhe diziam respeito foram revogadas em 1871 pela mesmo lei que autorizou a construção da linha São Paulo-Cachoeira.

Felizmente o governo se interessava pelo problema. O Cons. Carrão dizia que a estrada de Santos a Jundiaí não era mais do que o começo da transformação do sistema de viação existente. Outras estradas viriam cortar os sertões paulistas, de abismadora fertilidade.

Outras estradas viriam. As terras do Oeste estavam à espera dos trilhos. "Basta saber, dizia Saldanha Marinho, que a atual estrada de ferro finaliza seis leguas aquem do terreno produtivo dessa parte da provincia que a mesma estrada interessa, e que desde Santos até Jundiaí nenhuma cultura importante é possivel, para ficar convencido da necessidade do prolongamento da estrada ao menos até onde principia a haver verdadeira uberdade do solo e lavoura em estado mais consideravel".

Não adiantaria a ponta dos trilhos em Jundiaí. O prolongamento devia ser feito para Campinas, a capital agricola da provincia, onde mais se desenvolvera a cultura cafeeira. Assim, a idéia da construção de uma estrada de ferro Campinas não podia deixar de interessar seriamente aos grandes e ricos fazendeiros do Oeste, já que a São Paulo Railway não se interessava pelo prolongamento de suas linhas.

O relatorio Saldanha Marinho, de 1868, traz coisas admiraveis. O grande estadista incentivava os fazendeiros e capitalistas a pôrem mão à obra, mostrando que não havia possibilidade de parar, desde que a Companhia Inglesa não se interessava e que o governo não dispunha de meios suficientes para levar avante a emprêsa. Finalmente apelou para os paulistas, convocou uma reunião em Campinas a que concorreu grande número de pessoas dali e da Capital e abriu-se a subscrição para a fundação de uma Companhia Paulista.

Assim, por iniciativa do estadista pernambucano que então presidia a Provincia de São Paulo, fundou-se a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A simples menção dos nomes de algumas pessoas presentes à reunião de Campinas significa muita coisa: eram todos abridores de fazendas no Oeste. A 11 de agosto de 1872 era inaugurado esse trecho até Campinas. Começa aqui a evolução ferroviaria de São Paulo. a Paulista não ficará em Capinas: com enorme rapidez estenderá seus trilhos acompanhando a marcha do café. Outras companhias se fundarão e sempre veremos, salvo algumas exceções, as etapas dessa evolução ferroviaria intimamente ligadas aos interesses fazendeiros e por elas acompanharemos em periodos decenais a marcha do povoamento de São Paulo.

1870 — 1880

A decada de 1870 a 1880 marca o primeiro grande avanço para Oeste. Itu, Rio Claro, Mogi-Mirim, Sorocaba, animadas com a mensagem de Saldanha Marinho e com os resultados praticos que começavam advir da companhia inglesa, interessam-se pela estrada de ferro. A abertura de grandes fazendas nos vales do Pardo e do Mogi-Guaçu exigiam esse movimento. Itu, centro de propaganda republicana, foco de capitalistas e fazendeiros, e Sorocaba com as suas feiras de gado, tambem exigiam o importante melhoramento para uma ligação mais rápida com a capital. Fundam-se, então, três companhias destinadas a levar os trilhos para o oeste.

A Ituana, a primeira delas, recebe autorização e garantia em outubro de 70 para construir uma estrada a partir de Jundiaí: no mês seguinte era iniciada a construção da linha que em abril de 73 atingia Itu. Nesse mesmo ano contratava o prolongamento até Piracicaba, o qual, por dificuldades internas da companhia, só póde ser aberto ao trafego em 1879.

Os sorocabanos reclamavam nessa mesma época a sua estrada de ferro. Pela primeira vez um estrangeiro — Maylasky — põe-se à frente para a realização da emprêsa. O primeiro projeto não passava de um simples prolongamento da Ituana, mas finalmente resolve-se construir a estrada de S. Paulo, não mais a Sorocaba apenas, mas até à fábrica de ferro do Ipanema em 77.

Ainda em 1872 funda-se em Campinas a Companhia Mogiana. Repete-se o caso da Paulista, anos antes: os incorporadores da nova companhia são na maioria fazendeiros nos vales de Jaguari e do Mogi Gauçu. O projeto primitivo, visando atingir apenas Mogi-Mirim é modificado e os trilhos atingem Casa Branca em 78 e São Simão em 80, com um ramal para o Amparo.

Enquanto estas três companhias faziam construir suas estradas, a Paulista avançava na direção de Rio Claro. Não para servir a cidade de Rio Claro propriamente, mas para servir às grandes fazendas ali abertas: Santa Gertrudes, São Jerônimo, Ibicaba, onde o Senador Vergueiro fizera uma das primeiras tentativas do trabalho livre. Em 11 de agosto de 1876 era inaugurado o trecho até Rio Claro, servindo Limeira e Santa Barbara que começava a desenvolver-se pela imigração de norte-americanos fugidos à guerra da secessão nos Estados Unidos, razão por que mais tarde o núcleo formado junto à linha ferrea e então conhecida por "estação de Santa Barbara", tomou o nome de "Americana". E' notavel ainda hoje a quantidade ali de familas originarias dessa imigração de sulistas norte-americanos.

Não se concluira ainda esta nova linha e já se empenhava a Paulista na importante empresa de chegar os seus trilhos à margem do Mogi-Guaçu: partindo de Cordeiro, nas proximidades de Rio Claro, atingia o Porto Ferreira em 80, prolongando-se até Descalvado.

E' fato digno de menção que o grande desenvolvimento da Paulista foi realizado exclusivamente com capitais levantados na provincia por meio de ações. Uma unica vez para terminar a linha do Porto Ferreira, recorreu a operações de credito, negociando com o Banco do Brasil um emprestimo de mil contos. Seus incorporadores, como vimos, eram todos abridores e proprietarios de fazendas nas terras do Oeste, tinham, pois, ali os seus interesses e naturalmente tudo faziam para o progresso da estrada de ferro.

O vale do Paraiba continuava a parte onde mais condensada se achava a população. Por ali penetrara o café em territorio paulista. Bananal e Areias foram os primeiros municipios produtores e em breve todo o vale se cobria da rubiacea, de tal modo que em 1835 os portos paulistas exportavam cerca de 96.500 sacas pelos portos fluminenses de Parati e Angra dos Reis. Entretanto, só em 1875 a "D. Pedro II" atingia Cachoeira. Organizou-se em S. Paulo uma companhia para encontra-la naquela cidade, de modo que em 77 estava feita a ligação. Em 1880 estabelecia-se em Cruzeiro a ligação com o sul de Minas. Por diversas vezes cogitou-se de ligar os ultimos municipios do chamado "norte" de S. Paulo a um ponto qualquer da "Pedro II". Areias, Bocaina, Bananal e Barreiro foram os pontos visados. Todavia, só mais tarde foi possivel a construção das linhas do Barreiro e de Bananal.

Ao terminar a decada de 1870-1880, a carta ferroviaria de São Paulo traduzia o roteiro do café. "Atrás do café, e por vezes à sua frente, penetram as ferrovias", diz Sergio Milliet, e disso tivemos a prova no periodo que acabamos de percorrer. Apenas a Sorocabana fugia à regra. No ano de 1880 contava a provincia 1.212 ks. de estradas de ferro, dos quais 1.073 foram construidos desde 1870.

1880-1890

A decada de 1880 a 1890 é a de maior vulto no desenvolvimento ferroviario do seculo XIX: dobra-se a quilometragem existente, apresentando a elevada soma de 2.425 kms. Os pontos extremos de 1880 são ultrapassados à medida que se amplia a area cafeeira.

De muito as terras do Oeste eram reconhecidas como superiores às do vale do Paraiba, cuja produção vai se reduzindo de ano para ano (as estatisticas de 1886, por exemplo, já no-lo apresentam como pouco mais de 25 por cento apenas da produção total). Entretanto, eram as novas terras muito mais sujeitas às geadas, razão por que só depois de 1860 foi a expansão se fazendo notavel. Empreenderam nessa epoca os fazendeiros uma verdadeira cruzada, afrontando os chamados "ninhos de geadas", replantando o café nas mesmas terras vitimadas no ano anterior. Nem sempre isto dava resultado, como aconteceu em 1870 e 72 em que duas geadas fortissimas seguiram-se no curto espaço de dois anos. Mas eram tão vantajosas aquelas terras que, apesar desse risco, foram surgindo os grandes centros cafeeiros de Limeira, S. Carlos, Araraquara, Descalvado, Jaboticabal e Ribeirão Preto que se tornaria em breve o maior centro produtor, talvez do Universo. "O exemplo de uns serviu de incentivo à tenacidade de outros", diz o Dr. Taunay. Citavam-se com orgulho os nomes dos campineiros, ituanos, tieteenses, capivarianos, enterrados nas clareiras das matas do sertão durante anos e anos, a plantar café com a esperança do triunfo final, no mesmo solo sovado pela geada anual. Assim, alargava-se a area cafeeira de S. Paulo, pois o desmatamento reduzia cada vez mais o perigo e a intensidade das geadas.

CHEGAM OS IMIGRANTES

Inicia-se neste decenio o serviço de introdução de imigrantes promovido pelo Conde de Parnaiba em substituição ao braço escravo, um ano antes deste ser abolido. E com a abolição, numerosos fazendeiros do oeste fluminense e norte paulista empreendem formidavel "rush", vindo trabalhar nas terras do oeste, contribuindo assim de maneira notavel para a grandeza de S. Paulo. "Abrir fazendas no Oeste" era como que uma palavra de ordem. E atrás das fazendas, sempre penetrando as ferrovias.

A Mogiana atinge Ribeirão Preto em 83, Franca em 87 e as margens do Rio Grande no ano seguinte. Diversas cidades são alcançadas por uma rede de ramais: Itapira, Pinhal e Poços de Caldas, em Minas; por fim, em 89, incorpora-se-lhe a Companhia Ramal Ferreo do Rio Pardo que desde o ano anterior mantinha em trafego a linha de Casa Branca a S. José do Rio Pardo, e que é prolongado até Mococa.

Entusiasmado por esse rapido progresso da viação ferrea em S. Paulo, interessou-se o governo imperial em construir uma estrada que, partindo de Rio Claro se dirigisse às margens do Paraná ou do Parnaiba, com direção a Mato Grosso. Do estudo dessa estrada foi incumbida uma comissão dirigida pelo Eng. Pimenta Bueno que concluiu que "três direções se ofereciam para a escolha do traçado: pelo vale do Tietê, pelo do Mogi-Guaçu e pelo divisor das

EXPORTAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO, 123
CAIXA POSTAL 1185 - FONE: 2-8084
End. Teleg.: CANPESA
SANTOS

FÁBRICA
PLÁSTICOS "IDEAL"
RUA GASPAR FERNANDES, 244
SÃO PAULO
(Ipiranga)

COMERCIAL ANTONIO PÉREZ S. A.
COMÉRCIO E EXPORTAÇAO DE CAFÉ
E FABRICAÇAO DE ARTIGOS PLÁSTICOS

FILIAIS
VERA CRUZ
MIRANDÓPOLIS
GARÇA
Estado de São Paulo

MATRIZ
RUA SÃO BENTO, 290
5.o andar - Sala 2
TELS. 33-3551 e 32-2558
SÃO PAULO

FILIAIS
MARIALVA
MARINGÁ
APUCARANA
Estado do Paraná

aguas desses rios", que foi a adotada. A linha depois de passar por S. Carlos, Araraquara, Ribeirãozinho (hoje Taquaritinga) seguia pelos vales dos rios Onça e Turvo até às margens do Rio Grande que atravessava na Corredeira dos Indios, proxima à vila mineira de S. Francisco de Sales. Depois seguia pela margem direita desse rio até Sant'Ana do Paranaiba, com um percurso de 658 kms. a contar de Rio Claro, ponta dos trilhos da Paulista. Este projeto não teve execução e o seu traçado, como veremos, foi, em parte, seguido por outras estradas de ferro.

Cuida-se então da ligação Rio Claro-Araraquara. A Paulista contrata os serviços, devendo o prolongamento passar pelo Morro Pelado (hoje Itirapina) e por S. Carlos, afastando-se o menos possivel do traçado Pimenta Bueno que, em vez de procurar o Morro Pelado, se aproximava do Morro do Cuscuzeiro, 20 kms. à direita daquele. Surge uma questão em que se empenham o Visconde do Rio Claro e o Conde do Pinhal, referente ao traçado, protestando contra aquela direção com o fundamento de afastar-se ela do traçado Pimenta Bueno.

O governo resolve não aprovar as plantas que já lhe haviam sido apresentadas pela Paulista e determina novos estudos; em face dessa atitude, a Paulista desinteressa-se pela construção. O governo imperial publica, então, edital de concorrencia para a construção da linha de acordo com o referido traçado Pimenta Bueno, compreendendo um ramal para Brotas, Dois Corregos e Jaú. E' dada preferencia à proposta dos irmãos Adolfo e Luiz Pinto, organiza-se a "Companhia de Rio Claro", e em outubro de 1884 a linha é inaugurada até S. Carlos, até Araraquara em 85 e o ramal de Jaú é aberto ao trafego em 87. Dois anos mais tarde era a empresa vendida à "The Rio Claro S. Paulo Railway" e pouco depois comprada pela Paulista.

Das estradas paulistas a que menos avançava era a Sorocabana. Dificuldades de traçado fizeram com que só em 1889 alcançasse Botucatu. Além do mais, só de Botucatu em diante plantava-se café; a região cortada pela estrada até aquela cidade era de poucos recursos econômicos: Tietê era alcançada em 1883 e Itapetininga só em 1895.

Ituana, não tendo cuidado de prolongar a linha de Piracicaba de modo a levá-la aos ricos municipios de Brotas e Jaú, como devia ter feito, interessou-se pelos lados de S. Manuel e Lençóis. Para isto, obteve concessão da linha do Porto Martins a S. Manuel ao mesmo tempo que monopolizava o serviço de navegação do Piracicaba e Tietê, desde o Porto João Alfredo até o Porto Martins. Para tanto, já havia chegado seus trilhos ao referido Porto João Alfredo, nas proximidades de Piracicaba.

Tal fato resultou num conflito com a Sorocabana, referente ao privilegio de zonas. Por fim, tudo foi resolvido, delimitando-se as zonas das duas estradas. A Sorocabana teria como zona privilegiada, do lado esquerdo de suas linhas, toda a margem direita do Paranapanema; para tanto foi-lhe dado concessão para, de Botucatu, prolongar suas linhas naquela direção. A Ituana, por sua vez, teria por zona privilegiada, ao lado direito de sua nova linha, toda a margem esquerda do Tietê, recebendo autorização para atingir Lençóis e Agudos. Não tendo a linha da Ituana passado de S. Manuel, dez anos depois caducou este privilegio, o que permitiu que, mais tarde, a Paulista prolongasse suas linhas de Dois Corregos até Agudos, atravessando o Tietê.

O velho projeto de ligar-se as ultimas cidades do "norte de S. Paulo à "Pedro II" teve a sua realização na "Estrada de Ferro do Bananal", ligando esta cidade a Barra Mansa, estrada que sempre interessou mais o territorio fluminense que o paulista. Outras pequenas estradas são construidas neste decenio: a de Itatiba e a Bragantina. Outras, exclusivamente para servir aos interesses fazendeiros: a Descalvadense (1889) e a de Santa Rita (1890) e a da Fazenda Dumont, em Ribeirão Preto. As duas primeiras, cuja construção fôra facilitada pela Paulista vieram, mal inauguradas, a integrar-se no sistema ferroviario dessa Companhia.

Consideravel foi o progresso de S. Paulo na década que acabamos de percorrer. O comercio de exportação e importação que em 1868, no primeiro ano depois de inaugurada a Santos-a-Jundiaí, havia sido de umas 50.000 toneladas de mercadorias, elevara-se ao triplo, orçando o valor oficial da exportação em Cr$ 30.000.000,00. Roberto Simonsen calculou em quase cem milhões de cruzeiros o capital invertido em estradas de ferro nessa época.

1890 - 1900

Neste decenio, todas as estradas prolongam suas linhas, e todas com os interesses ligados ao café. A propria Sorocabana, como veremos. O governo republicano incentiva a imigração e continua o "rush" de familias do Estado do Rio e Norte de S. Paulo. "As zonas da Paulista e da Mogiana foram as que melhor aproveitaram a mão de obra do imigrante. Ao começar a imigração iniciava-se o seu desbravamento. E ao terminar este, embora outras regiões já se abrissem ao forasteiro, as conveniencias da civilização instalada atrairam sempre o colono" (Sergio Milliet). Por isto, estas duas estradas são as que mais progridem.

O avanço mais notavel é o da Paulista, que em 1892 atinge Jaboticabal e inicia a construção do ramal do Mogi-Guaçu, a partir de Rincão no rumo das grandes fazendas que ali se abriam em ferteis terrenos diabásicos; destas, a mais importante — Guatapará — vai atrair tambem os trilhos da Mogiana. De S. Carlos tira a Paulista dois ramais (Ribeirão Bonito e Areia Vermelha) e a grande fazenda de Santa Veridiana, do Cons. Antonio Prado, é atingida pelos trilhos até as linhas da Mogiana, nas proximidades de Casa Branca (Baldeação).

A Mogiana continua a construção de ramais e o prolongamento dos já existentes. Serra Negra é ligada ao ramal do Amparo e o de Itapira prolonga-se na direção da divisa de Minas a fim de ligar-se mais tarde com a "Rede Mineira", tornando tributaria de S. Paulo uma boa parte do Sul de Minas. Constroem-se as linhas de Sertãozinho e Cajuru, sempre em busca das grandes fazendas.

Na Sorocabana o fato mais importante neste periodo é a sua fusão com a Ituana. Assim, é feita a ligação das duas linhas: Itu-Mayrink e Vitoria-15 de Novembro, na linha de São Manoel. Nesta direção os trilhos são prolongados até Agudos, região já fortemente cafeeira, e na direção do Paranapanema, até Avaré, iniciando, dessa maneira, a conquista da vastissima e rica região que passou a denominar-se "Alta Sorocabana". De Araraquara, uma nova estrada de ferro prometia a civilização ao vasto sertão do Rio Preto.

Vemos aparecer aqui pela primeira vez, a estrada exploradora. Até aqui as estradas têm caminhado sempre em regiões já povoadas; de agora em diante o prolongamento dos trilhos já se faz juntamente com a exploração das regiões novas, antes mesmo do proprio povoamento.

Ainda nesta década a "Bragantina" completa suas linhas, constroi-se a estrada inutil (tanto que não existe mais) de S. José do Barreiro e funda-se em Campinas a "Companhia Funilense" destinada a ligar o "bairro" do Funil. O estabelecimento de um nucleo colonial no extremo da linha vem dar alento à empresa, valendo-lhe frequentes subvenções oficiais. Finalmente, ainda em Campinas, o "Ramal Ferreo Campineiro" (ora transformado numa linha de "tramways") estabelece a ligação com as velhas fazendas da região de Cabras.

Ao findar o seculo XIX, apresentava São Paulo indices animadores de um progresso sempre crescente: 3.373 kms. de linhas ferreas, quase 2.300.000 habitantes e mais de meio bilião de cafeeiros, formando a "onda verde" que embascabou o italiano Ferri. "Eis o maior fenômero econômico do seculo"! foi a exclamação do grande cientista ao contemplar os cafezais paulistas.

1900-1910

A metade oriental do Estado de S. Paulo estava povoada ao começar o seculo XX. Agudos, Jau, Jaboticabal, Orlandia eram os pontos extremos das ferrovias na conquista do interior. A Mogiana, avantajando-se a todas as demais companhias, levou mais longe seus trilhos, alem do rio Grande, conquistando para S. Paulo todo o triangulo mineiro. Fora disto, apenas alguns nucleos de povoamento em pleno sertão: Santa Cruz do Rio Pardo, Rio Preto. Alem, "terras desconhecidas habitadas por indios", como se escrevia nas cartas geograficas.

A primeira decada do seculo XX marca exatamente a conquista dêste sertão desconhecido, com a Noroeste e a Sorocabana. Entretanto, antes disto, vejamos a situação das demais estradas. A Paulista atinge Bebedouro e Barretos, passando do dominio do café para o da pecuaria. A linha Mogi-Guaçu alcança Pontal e Viradouro, nas proximidades do rio Pardo. De Bebedouro, a "S. Paulo-Goiás" busca a zona de Olimpia, com a intenção de prolongar-se em territorio paulista até a cachoeira do Maribondo. Outras pequenas estradas vêm colaborar no progresso do Estado: a de Morro Agudo e a de Monte Alto, esta fruto de uma iniciativa inteligente que prestou relevantes serviços à região de Jaboticabal.

Das estradas de penetração vimos ter sido a Mogiana a primeira a atingir a fronteira do Estado, em diversos lugares, e mais uma vez o faz, via Igarapava, até Uberaba a juntar-se com a linha de Franca. Alem disto, prolonga alguns de seus ramais — Vargem Grande a Jataí — sempre na direção dos grandes cafezais.

No sul do Estado, Itapetininga permanecia ponta de trilhos desde muito tempo. O prolongamento é feito até Itararé, ligando-se à S. Paulo-Rio Grande. Na direção do Paranapanema os trilhos chegam a Salto Grande.

Vimos que a caducidade do privilegio da margem esquerda do Tietê, concedido à Ituana, antes de sua fusão com a Sorocabana, permitiu à Paulista atravessar aquele rio e atingir Agudos. Isto se fez em 1903. O relatorio da Paulista nessa epoca apresenta os motivos desse prolongamento. Não só os municipios novos de Pederneiras e Bauru, situados à margem esquerda do Tietê, exportavam seus produtos pela Paulista, demandando para este fim a estação de Jau, como tambem grande parte da produção de Agudos utilizava-se do mesmo escoadouro. A necessidade de melhor atender aos interesses da referida zona, a circunstancia de poder ser o regime de tarifas da Paulista, em seu conjunto mais barato que o de qualquer outra estrada concorrente, em consequencia da maior intensidade do trafego, e finalmente o fato de se fazer a metade do percurso entre Agudos a S. Paulo em bitola larga, portanto em melhores condições de velocidade e conforto do que por estrada inteiramente de bitola estreita, eram razões que de sobra justificavam aquela resolução.

APRECIAÇÃO E VANTAGENS

Na mesma ocasião que se concedia concessão para essa linha, a Sorocabana recebia tambem autorização para o prolongamento até Bauru. Isto trazia, por conseguinte, o encontro das duas estradas em Agudos. Não se alarmou a Paulista. Longe de encontrar inconveniencias, descobriu vantagens, principalmente de ordem publica, nessa aproximação de dois grandes sistemas de viação, em ponto tão afastado do litoral, estabelecendo facil comunicação entre o sul e o oeste do Estado, portanto, permitindo e estimulando as relações do comercio inter-regional, já que uma das mais sensiveis lacunas do desdobramento de nossa rede ferroviaria era sem duvida a falta de meios de comunicação entre as zonas servidas pelos grandes sistemas de viação do Estado. Nestas condições, o encontro das duas linhas em Agudos, representava, incontestavelmente, mais um passo para o desenvolvimento economico do Estado; que em sua natural tendencia à expansão não haveria de viver sempre exclusivamente à custa da corrente de relações com a capital e o porto de Santos.

Assim acreditavam os diretores da Paulista, que tambem faziam previsões: "Se, transposto o Tietê e avançando em demanda da região de Agudos, a Paulista acaba de fazer obra de reconhecida conveniencia publica em relação à parte civilizada do Estado, não menos valioso será o resultado de seu esforço em favor do desenvolvimento dessa outra importante porção do territorio paulista que vai das nascentes do Feio às barrancas do Paraná, a qual, apesar de compor-se, segundo referem poucos que a penetraram, de excelentes terras de cultura e de medir a superficie equivalente a quase 1/4 do territorio do Estado, entretanto traz ainda no proprio nome de terra ignota, com que até hoje figura nas cartas geograficas do país, o mais significativo atestado de tão desmerecido como completo, abandono em que há sido deixada. Levando a ponta de seus trilhos para aquelas bandas, a Paulista põe ao imediato alcance daquele sertão o mais fecundo propulsor de seu povoamento, o instrumento que mais facilmente poderá abri-lo às beneficas incursões do trabalho e da civilização".

Compreendendo a conveniencia de haver naquelas paragens todos os recursos da vida civilizada, promove a Paulista a fundação de uma povoação no ponto terminal da linha, a qual se chamou "Piratininga".

Desenvolvendo-se as duas linhas na mesma região, surgiu logo a amendrontar os interessados, o espantalho da concorrencia prejudicial aos interesses de ambas. A Paulista informava aos interessados: A concorrencia só poderia ter lugar em relação a Agudos, onde as duas estradas se cruzavam e ali o prejuizo que cada uma poderia ter alem de estar naturalmente limitado à referida localidade, achar-se-ia equitativamente distribuido pelas duas estradas. No referente à região alem de Agudos, a concorrencia não seria possivel, porque seguindo as duas linhas direções diferentes — a Sorocabana para Bauru e a Paulista fraldeando a serra de modo a acharem-se as estações terminais a perto de 15 kms. uma da outra, é evidente que cada zona se serviria da estrada que a percorresse. E se mais tarde as duas linhas quisessem prolongar-se, não só os seus proprios interesses, como os da grande região sertaneja aconselhariam, exigiriam mesmo, que cada qual continuasse a seguir direção diferente para o que não faltaria zona apropriada. Alem dos pontos extremos existiam por explorar nada menos de cinco extensos vales, com uma superficie total maior do que a de alguns Estados do Brasil. Entretanto, só muito mais tarde prolongou a Paulista as suas linhas; apenas estabeleceu a ligação Pederneiras-Bauru.

A Sorocabana ficou em Bauru e logo em seguida o prolongamento a que se refere acima foi executado, mas por outra estrada de ferro — a Noroeste do Brasil — com o fim de estabelecer a ligação com a fronteira do Paraguai. Estrada com finalidades estrategicas, abriu à civilização uma das mais ricas regiões do Estado. A sua construção apresentou dificuldades inumeras, mas apesar disto foi feita com notavel rapidez. Dois grandes embaraços à construção se ofereceram: os indios que ali habitavam (ficou na memoria de todos o massacre do abnegado monsenhor Claro Marcondes e sua comitiva) e a zona pestilenta que a estrada atravessa junto ao Tietê. Antes dos engenheiros, devia a Noroeste ser obra de higienistas, pois como se diz geralmente, na sua construção "cada dormente custou a vida de um operario".

Entre o vale do Tietê e a Araraquarense que atingia Taquaritinga, havia uma das mais ricas zonas cafeeiras do Estado em ferteis "terras roxas", que neste decenio se vê servida pela viação ferrea — a Douradense. Estrada tipicamente fazendeira obedeceu a um traçado incrivel só para atender às grandes fazendas, pelo que o povo, sempre pronto a pilherias, batizou-a logo de "estrada cata-café". Ligando primeiramente Ribeirão Bonito (ponto terminal dum ramal da Paulista) a Dourado e a Boa Esperança, teve depois suas linhas estendidas até Ibitinga, Bocaina, Bariri e Jaú.

CONQUISTA DO SERTAO — 1910-1920

Este decenio consolida a conquista do "sertão desconhecido": a Araraquarense atinge Rio Preto (1912), a Sorocabana alcança Santo Anastacio, nas proximidades do rio Paraná (1920) e a região servida pela Noroeste começa a povoar-se. Este é o primeiro caso em São Paulo, da estrada preceder o povoamento. Como um colar, vão surgindo inumeras povoações, ora transformadas em grandes centros de trabalho: Pirajuí, Lins, Penapolis, Birigui, Araçatuba. Grandes fazendas recem-abertas incumbem-se do progresso da região.

A São Paulo-Goiás chega a Olimpia e a Paulista, a fim de melhorar as condições de seu traçado constroi a linha de Itirapina, evitando-se assim a serra do Cuscuzeiro. A Mogiana constroi suas ultimas linhas alcançando o sul de Minas e ligando-se à Paulista em Pontal e em Guatapará. A São Paulo-Minas, servindo-se de uma pequena estrada fazendeira, partindo de São Simão, dirige-se para São Sebastião do Paraíso, em Minas, ligando-se tambem a Ribeirão Preto por um ramal hoje paralisado. No litoral a "Southern São Paulo Railway" estabelece a ligação com o vale do Ribeira. Assim, a carta ferroviaria do Estado quase se completa, pouco se diferenciando do estado atual.

1920-1940

Alguns acontecimentos importantes assinalam este periodo: a Sorocabana atinge o rio Paraná em Porto Epitacio, pondo-se assim em ligação com a extensa zona navegavel daquele rio; a Paulista atinge por sua vez o Porto do Cemiterio, no rio Grande, o que vem lhe trazer grandes vantagens quanto ao transporte do gado do Triangulo mineiro, dá começo à eletrificação da linha tronco e inicia o prolongamento alem de Piratininga, numa zona pioneira onde surgem repentinamente grandes centros de população: o exemplo de Marilia tem sido citado em diversos trabalhos estrangeiros; na Noroeste constroi-se a variante Araçatuba-Jupiá, evitando-se a zona terrivelmente maleitosa das margens do Tietê e dando nascimento a uma nova zona pioneira, cujo desenvolvimento é notavel: Andradina, por exemplo, cuja existencia data apenas da inauguração da estação (1937) já em 1938 era elevada a comarca, e como esta, outras cidades ali estão surgindo ou já surgiram: Guararapes, Mirandopolis, Alto Pimenta; a Araraquarense que desde 1912 tinha a ponta dos trilhos em Rio Preto prolonga-os até Mirassol e cuida-se agora do prolongamento até Porto Getulio Vargas (exporto do Tabuado), no rio Paraná, completando-se assim, mais ou menos, o plano do governo imperial elaborado pelo engenheiro Pimenta Bueno, ao qual já nos referimos no devido lugar. Outras pequenas estradas aparecem pelo Estado: uma delas, teve vida efemera — a "Oeste de São Paulo" que, partindo do municipio de Jabuticabal pretendia seguir pelo vale do rio Turvo, na direção que agora está sendo seguida pelo prolongamento da Araraquarense. Infelizmente a "Oeste" não passou dos dez primeiros quilometros; limitou-se a ser estrada de fazendeiros e com a crise de 1929 perdeu completamente o movimento, a ponto de seus trilhos serem retirados; dela hoje nada mais resta alem da simples lembrança. Duas outras estradas merecem menção pelas suas finalidades singulares: a de Campos do Jordão destinada a servir os grandes sanatorios dessa maravilhosa estação de cura, e a de Piquete, com finalidade militar, pela fabrica de munições a que ela serve, nas proximidades de Lorena. Finalmente, o fato mais importante de 1920 para cá, na historia ferroviaria de S. Paulo, vem a ser a construção da Mayrink-Santos, na Sorocabana, quebrando assim o monopolio da antiga S. Paulo Railway referente às comunicações do litoral com o planalto. A construção desta linha é um dos exemplos admiraveis de esforço e capacidade da engenharia brasileira, pois o meio geografico, quer pelo relevo e natureza do solo, quer pelo clima, ou quer ainda pela floresta, opôs serias dificuldades à construção, mas que foram finalmente vencidas. Foi preciso perfurar 31 tuneis e construir inumeros viadutos. Esta região é uma das mais umidas de todo o litoral brasileiro e alem disto, na parte baixa, a malaria ameaçava dizimar os trabalhadores, té que em 1933, a luta foi rigorosamente dominada pela distribuição de quinina, visitas medicas etc. O indice malarico que era de 16,5% em 1929 foi reduzido para 1,54% ao se inaugurar a linha em 1937. As vantagens desta ligação, saltam aos olhos do menor observador: alem de quebrar o monopolio da companhia inglesa, facilitava as comunicações pela igualdade de bitola com as demais estradas do interior, com exceção unica da Paulista que por ter a maior parte de suas linhas na bitola de 1,60 não se interessa por outra via alem da SPR.

Em 1929 o norte do Paraná começa a oferecer ao mundo uma das mais interessantes zonas pioneiras que se conhece. Uma estrada de ferro partindo de Ourinhos, sobre a Sorocabana, penetra logo em territorio paranaense, colaborando extraordinariamente no desenvolvimento da referida zona que, apesar de pertencer administrativamente ao Paraná, pode ser considerada como região economica paulista.

O TRAÇADO

Depois de examinar a extensão das estradas de ferro em S. Paulo, é necessário que verifiquemos rapidamente alguma coisa referente ao traçado das mesmas. Adolfo Pinto já escreveu que "o desenvolvimento das estradas de ferro em S. Paulo não obedeceu a um plano previamente delineado; as malhas da grande rêde de viação foram sendo tramada dia a dia, sem nenhuma preocupação de conjunto, sem sistema ou coordenação de partes, visando um certo resultado geral, ao menos nos primeiros tempos". Aberta a linha de Santos a Jundiaí, fadada a ser a chave de tôdas as comunicações com o interior, a construção de tôdas as que se lhe seguiram se foi operando aos pedaços, à medida que os interesses agricolas o determinavam.

Lançando-se os olhos sôbre a carta ferroviária paulista, o que desde logo se vê é um grande tronco que avança para o interior, seguindo mais ou menos a linha média do território do Estado. Êste grande tronco é formado pela Santos a Jundiaí e pela artéria principal da Paulista, a que vêm ter inúmeras ramificações de várias ordens, constituidas pelos seus proprios ramais e pelas linhas das outras estradas: Central, Sorocabana, Itatibense, Mogiana, Araraquarense, Monte Alto, S. Paulo-Goiás e Noroeste, tôdas perfeitamente articuladas a êsse grande eixo central que se estende de Santos até às margens do rio Grande.

Fugiríamos à nossa alçada se examinassemos a questão das bitolas, o regime tarifário ou as condições técnicas do traçado. Entretanto, podemos notar alguns defeitos neste traçado, decorrentes das proprias circunstancias em que se operou o desenvolvimento das estradas: Já mencionamos o erro da Ituana que devia levar seus trilhos até Dois Carregos, Brotas e Jau, e não ficar, como ficou, em S. Pedro, tornando esta cidade ponta de trilhos sem ser boca de sertão. Ainda outro defeito na propria Ituana diz respeito ao seu ponto de partida que deveria ser a Capital e não Jundiaí, só porque alí haviam chegado os trilhos da "Inglêsa". Seria muito mais racional partisse a linha da Capital, desenvolvendo-se por exemplo, até Jaú, via Parnaíba, Itú, Capivari, Piracicaba S. Pedro etc.

Outro grande defeito de traçado é o desvio da Mogiana a partir de Casa Branca dirigindo-se para S. Simão e Ribeirão Preto em vez de seguir sua direção natural, por Cajuru e Franca. De fato S. Simão e Ribeirão Preto, achando-se na direção exata do ramal de Pôrto Ferreira da Paulista, deveriam ser servidas pelo seu prolongamento natural até às margens do rio Pardo. Empenhou-se nisto a Paulista, mas o governo deu a vitoria à causa da Mogiana, depois de demorada questão.

A penetração das estradas paulistas nos Estados vizinhos representa uma importancia considerável para a economia paulista, pois coloca na dependencia econômica de S. Paulo, como verdadeiros satélites, extensas regiões de Minas, Goiás, Mato-Grosso e Paraná. Vimos que neste ponto nenhuma estrada se avantajou à Mogiana, que em cinco pontos diferentes penetra em territorio mineiro, articulando-se de tal modo com as ferrovias mineiras que torna muito mais faceis as comunicações do Sul de Minas com S. Paulo do que com o resto do proprio Estado de Minas. Assim também o triangulo mineiro, por via da Mogiana e da Paulista. O norte do Paraná, zona pioneira, já vimos ser uma região economicamente paulista, e a Noroeste faz todo o sul de Mato Grosso penetrar na órbita de S. Paulo. Um simples fato da vida quotidiana mostra bem esta ligação, para não dizer dependência: o Banco do Brasil, ao anunciar as suas agências, menciona as de Araguari, Campo Grande, Corumbá, Curitiba, Goiania, Guaxupé, Ponta Grossa, Uberaba, Uberlandia e Varguinha, como "situadas na rêde ferroviária de S. Paulo."

CONCLUSÃO

Já é tempo de concluirmos alguma coisa da vasta exposição que fizemos do desenvolvimento ferroviario, em periodos decenais. Vimos que ele está condicionado ao roteiro do café e intimamente ligado ao povoamento do Estado. Apresentamos abaixo um quadro ilustrativo, contendo a quilometragem das estradas, a população e o desenvolvimento da cultura cafeeira, nos periodos que analisamos.

Ano	Habitantes	Kms	Cafeeiros
1860	695.000	0	26.800.000
1870	830.000	139	60.462.000
1880	1.107.000	1.212	69.540.000
1890	1.385.000	2.425	106.300.000
1900	2.279.600	3.373	220.000.000
1910	2.800.400	4.825	696.701.545
1920	4.592.188	6.616	826.644.755
1930	7.160.705	7.099	1.188.058.354

Cremos que pela nossa exposição ficou demonstrada a interdependencia a que nos referimos entre a estrada de ferro, o café e o povoamento. Como muito bem observou o prof. Pierre Monbeig "a progressão dos trilhos segue de perto, mas apenas segue os homens e o desbravamento. A via ferrea progride aos saltos, tendo por ponto terminal durante três ou quatro anos um centro urbano importante, uma boca de sertão; durante esse periodo forma-se mais para diante um novo foco de densidade, nasce e se desenvolve uma pequena cidade pioneira. E, é somente quando a companhia da estrada de ferro está segura de encontrar frete e viajantes, que ela se decide a levar os trilhos até a cidade pioneira, que de chofre recebe como que uma chicotada: os terrenos valorizam-se, desenvolve-se o comercio e todos os dias chegam novos desbravadores. A antiga ponta dos trilhos, pelo contrario, perde sua atividade: torna-se centro administrativo e escolar, aparecem algumas fabricas, a estação desdobra-se em oficinas de consertos; tudo sossega e toma um aspecto provinciano. A "boca de sertão" está mais adiante".

Os trilhos são criadores de paisagens. E tão grande é a distinção entre estas paisagens que o povo considera como verdadeiras regiões do Estado exatamente as regiões ferroviarias, conhecidas pelos nomes das diversas estradas de ferro. Assim, se a estrada de ferro, na maioria dos casos paulistas, seguiu a marcha da agricultura, é ela que nessa terra nova, onde os homens pela primeira vez exploram as riquezas do solo, gera uma consciencia regional. Talvez isso indique uma nova necessidade da politica ferroviaria: a estrada de ferro foi e, felizmente continua sendo o melhor instrumento de penetração, mas ao mesmo tempo ela deve ser empregada, habilmente, como um elemento de fixação e estabilização do povoamento das zonas rurais.

A serviço do Brasil...

PONTE ENTRE O PRODUTOR

E O CONSUMIDOR DE CAFÉ...

Há decênios que o café representa em nossa balança comercial o primeiro produto de exportação. É o maior produtor de divisas para o comércio internacional. E é pela sua participação no mercado brasileiro de café que a Standard Brands se orgulha de contribuir também para o engrandecimento dêste país, no qual está radicada desde 1931.

Durante anos, a Standard Brands figurou entre os maiores compradores de café brasileiro nos Estados Unidos.

Em 1952, resolveu estabelecer-se no Brasil como compradora e exportadora de café, tornando-se assim uma grande produtora de divisas para o país. Mas a Standard Brands não compra e exporta, simplesmente: não age apenas como intermediária: industrializa o café para o consumo público, colaborando, assim, de maneira direta, para a imposição do café brasileiro.

Só em 1953, as exportações de café brasileiro pela Standard Brands produziram 45 milhões de dólares para a economia nacional. E disputando o mercado consumidor americano não só pela alta qualidade de seu famoso produto — o Chase & Sanborn Coffee* — mas também através de uma intensa propaganda, a Standard Brands é um instrumento ativo da implantação do café brasileiro no maior mercado internacional que possuímos.

Os produtores brasileiros de café podem estar certos de que a organização internacional da Standard Brands representa um esfôrço permanente para aumentar o consumo dêsse produto básico nos Estados Unidos.

Quanto maior a produção, quanto melhor a sua qualidade**, mais fácil e mais positiva será essa tarefa, de tão vital importância para a economia brasileira.

* O Chase & Sanborn Coffee, apresentado na 1.ª Exposição de Café, em Curitiba, foi distinguido com a Medalha de Ouro do certame.

** Os Laboratórios da Standard Brands criaram Benefax, um produto destinado a colaborar com os fazendeiros no beneficiamento do café em coroja.

Standard Brands of Brazil, Inc.

PRODUTOS FLEISCHMANN E PRODUTOS ROYAL

FILIAIS EM:

RIO DE JANEIRO: Belo Horizonte, Salvador, Campos, Juiz de Fora e Vitória

SÃO PAULO: Curitiba, Florianópolis, Santos, Campinas e Ribeirão Preto

PÔRTO ALEGRE: Pelotas e Santa Maria

RECIFE: Fortaleza e Belém

FÁBRICAS EM: PETRÓPOLIS, R. J., E JUNDIAÍ, E. S.

CAFE' PATRIARCA

MARCA REGISTRADA

Café Patriarca

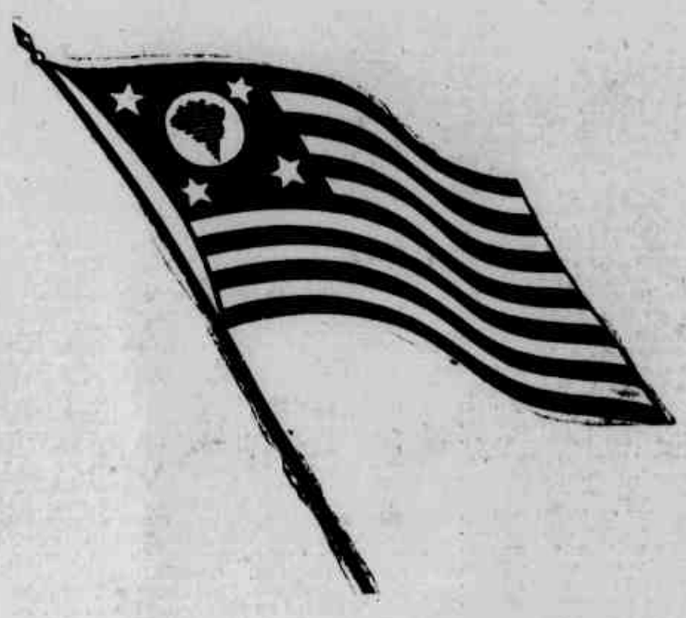
QUALIDADE

AROMA

PUREZA

RUA AUGUSTA, 2709 - Telefone, 80-1220

SÃO PAULO



Missão Cumprida

Felizes os que podem chegar ao fim de uma jornada, na convicção de que cumpriram o seu dever.
É o que ocorre conosco, que diáriamente fazemos rodar pelas estradas, centenas de caminhões transportando as riquezas que o genio empreendedor dos paulistas, cria cada dia.
Chova ou faça sol, nas estradas infindáveis do incomensuravel hinterland brasileiro, o caminhão roda sempre, rumo ao seu destino — motor e musculos ajudando a nação a vencer. Após longa viagem onde obstáculos de toda ordem são galhardamente vencidos, os homens que labutam no transporte de cargas, retratam o semblante de vanguardeiros do nosso progresso e afirmam orgulhosos: "*Mercadoria entregue - Missão cumprida*"
Nêste ano do IV Centenário, quando os paulistas rememoram os feitos gloriosos dos seus filhos, as emprêsas de transporte de cargas, saúdam a nobre gente bandeirante e reafirmam sua fé no destino maravilhoso desta grande terra!

Emprêsa Cairu de Transportes Ltda.
Avenida do Estado, 1571 - Fone: 33-7042

Emprêsa Imperial de Transportes Ltda.
Rua Frei Gaspar, 707 - Fone: 9-1817

Emprêsa Nacional de Transportes Ltda.
Rua do Hipódromo, 980/1000 - Fone: 9-2191

Emp. S.E.S. Transp. Urgentes S. Paulo Ltda.
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fone: 32-6661

Emprêsa de Transportes Astral Ltda.
Rua Dr. Julio Cesar da Silva, 229 - Fone: 9-3618

Emp. de Transp. Com. e Imp. Caramuró Ltda.
Rua Dr. João Alves Lima, 240 - Fone: 9-6810

Emprêsa de Transportes Glória
Rua Visconde de Parnaiba, 2277 - Fone: 9-7224

Emprêsa de Transportes Minas Gerais S. A.
Rua do Hipódromo, 1465 - Fone: 9-1111

Emprêsa de Transportes São Luiz Ltda.
Rua 25 de Março, 113 - Fone: 32-7425

Expresso Alvorada
Fone: 51-9465

Expresso Arco Iris Ltda.
Rua Borges Figueiredo, 1250 - Fone: 9-7171

Expresso Cury
Rua Santa Rosa, 277 - Fone: 33-4087

Expresso Gimenes Ltda.
Alameda Barão de Limeira, 229 - Fone: 32-4265

Expresso Itulutaba
Rua Mamoré, 618 - Fone: 52-1005

Expresso Orion Sociedade Ltda.
Rua Lopes Coutinho, 447 - Fone: 9-2485

Expresso Paulista
Rua Borges Figueiredo, 156 - Fone: 9-5096

Expresso Santa Helena
Parque D. Pedro II, 924 - Fone: 33-3833

Expresso Universo Ltda.
Rua 25 de Janeiro, 197 - Fone: 34-7727

Flexa de Ouro S.A. - Transp. Com. Imp.
Rua Martim Buchard, 319 - Fone: 33-1274

Interbrasil - Transp. Com. Repr. Ltda.
Rua Flórida, 54 - Fone: 35-6407

Rápido Rodoviário Ruas S. A.
Av. Presidente Wilson, 2419 - Fone: 33-3004

Rodoviário Progresso
Rua Camomil, 113 - Fone: 9-5005

Transportadora Aurora Ltda
Rua Flórida, 74 - Fone: 33-7566

Transportadora RA Ltda.
Rua Visconde Parnaiba, 2303 - Fone: 9-9767

Transportadora Santos Ltda.
R. Paula Souza, 208 - 2.º - s/ 26 - Fone: 34-4573

Transporte Harmonia Ltda.
Rua Cel. Francisco Amaro, 403 - Fone: 32-8319

Transporte Vencedor
Parque D. Pedro II, 784 - Fone: 33-4608

Transportes Kosmos Ltda.
Rua Dr. Almeida Lima, 1414 - Fone: 9-6203

Transportes Metalma S. A.
Av. Presidente Wilson, 2119 - Fone: 33-7944

Transportes SANCAP Ltda.
Parque D. Pedro II, 882 - Fone: 33-7766

Sua mercadoria chega mais depressa pela Rodovia

SINDICÁTO DAS EMPRÊSAS DE TRANSPORTE INTERESTADUAL DE CARGA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desenho de DI CAVALCANTI

Café e Negro

Ernani Silva BRUNO

Não existe ainda pesquisa sistematizada que mostre, em toda a sua extensão, o papel do escravo na economia cafeeira de São Paulo, como não se fez ainda um estudo que definisse os valores culturais com que o negro contribuiu para o que se poderia chamar de "civilização paulista".

Este breve ensaio — menos ensaio aliás do que artigo de jornal — não pretende mais do que dar uma idéia do primeiro daqueles aspectos da formação historica de São Paulo: a contribuição dos negros na implantação e na expansão da cultura cafeeira durante o seu primeiro século de existencia.

Fundamentam-se as notas que se seguem em monografias, memorias, tratados e manuais antigos relativos à cafeicultura; em livros de cronistas e memorialistas que viveram ou conheceram as "zonas do café" no século passado; em depoimentos de viajantes que estiveram em São Paulo no decorrer do oitocentismo; em relatorios de governos da provincia; e, mais raramente, em "estatutos" de fazendas cafeeiras do tempo do regime servil. (1)

As referencias e depoimentos aqui reunidos mostram as condições economico-sociais da capitania de São Paulo em fins do século dezoito, com os elementos que propiciaram a implantação do café; o roteiro da expansão cafeeira em terras paulistas e a condensação de escravaria negra nas zonas de produção; e alguns aspectos da atividade dos cativos nas fazendas.

São Paulo em fins do século XVIII

QUAIS as condições economico-sociais da capitania de São Paulo quando, em fins do século dezoito e primeiros anos do dezenove, começaram a se inserir em sua paisagem a lavouras de café, a principio quase como culturas de quintal? Deve-se recordar em primeiro lugar que o bandeirismo e a emigração de paulistas para as terras do ouro haviam colocado a região vicentina em absoluto segundo plano dentro dos quadros da economia colonial brasileira, toda ela baseada, essencialmente, na lavoura da cana e na produção do açucar. Em fins do setecentismo perguntava significativamente o historiador Frei Gaspar da Madre de Deus em carta ao governador Lorena: "Mas para que recordar o comercio e agricultura dos tempos mais antigos, se não ignoro que por espaço de quase dois séculos não se fez açucar algum nesta capitania; que cessou totalmente a navegação para Angola e que acabou o comercio com o Reino por falta de frutos que se transportassem?" (2)

De agricultura, em São Paulo, restavam as culturas ralas de mantimentos a que se referia, em 1766, o governador Morgado de Mateus: "A raiz de todo o mal é o metodo de lavoura que se pratica... Para terem o necessario alimento ignoram todos o meios que não seja o de irem fazer roças no mato virgem, e estão tão preocupados desta opinião que nem só não há que não diga que não pode nestes paises haver outra coisa; até os mesmos filhos do Reino que cá vivem de há muitos anos são deste parecer; todos afirmam que a terra é fria, e que não tem substancia senão na superficie; que se não pode usar arado, que alguns já usaram dele, que tudo se lhe perdeu". (3) "... Só se planta em mato virgem pelo pouco que custa e pela repugnancia que têm de se sujeitarem ao maior trabalho de cultivarem os campos como nesse Reino. Apenas colhe cada um para seu sustento proprio, muito pouco sobeja para vender ao publico. Ninguem trata de aproveitar os efeitos do pais (produções do solo), por cuja causa se acha o povo reduzido à mais lastimosa pobreza". (4)

Essa situação perdurava ainda na penultima década do setecentismo, como se pode verificar pela leitura das "Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na capitania de São Paulo", em que José Arouche de Toledo Rendon, depois de traçar um panorama tão sombrio como aquele descrito pelo Morgado de Mateus sugeria que, nas obras publicas empreendidas na capital de São Paulo se empregassem os indios — pouco aplicados à lavoura — pois dessa forma os escravos negros, que andavam assalariados nessas tarefas urbanas, "iriam trabalhar na cultura das terras dos seus senhores". (5) Arouche viu bem: foram precisamente as disponibilidades em escravos negros — em parte retornados da mineração com seus senhores — que permitiram em fins do século dezoito, através de um esforço provavelmente penoso de readaptação, uma lenta recuperação da economia agraria paulista, com base especialmente na cultura da cana de açucar. Aliás, já em 1768 assinalara o proprio Morgado de Mateus que os escravos negros só representavam "uma especie de riqueza certa" quando ocupados na mineração ou nos engenhos de açucar. (6)

Açucar, fumo, algodão e gado

Ao contrario do que ocorrera desde tempos mais remotos em Pernambuco ou no recôncavo da Bahia, não havia, portanto, se consolidado em São Paulo até o fim do século dezoito e o começo do dezenove — e Sérgio Buarque de Holanda destacou a importancia desse fato — uma tradição agricola realmente grande e prospera, com quadros definitivos. (7) Isso explica, em grande parte, a aceitação rapida que teve, por parte dos lavradores paulistas, a cultura cafeeira, e a sua expansão particularmente acelerada por vastas regiões da provincia.

Por outro lado, a organização da fazenda de cana e engenho de açucar — exigindo a concentração de numerosos escravos negros e porisso explorada por homens abastados — podia fornecer de inicio os quadros dentro dos quais se implantaria em terras de São Paulo a cultura cafeeira. O café não teria podido de pronto se estabelecer e prosperar se a situação geral da economia rural paulista fosse a de extrema desorganização de meados do setecentismo, ou se não pudessem os fazendeiros dispôr de braços cativos em quantidade razoavel — uma vez que os roceiros livres, em geral cabocios, de modo nenhum se prestariam ao tipo de trabalho sedentário e coletivo reclamado pelas grandes explorações açucareira e cafeeira. Paradoxalmente, a pobreza da herança rural paulista — temperada, todavia, por um minimo de recursos e organização, em fins do século dezoito, em consequencia do renascimento da cultura canavieira — constituiria a melhor condição para que na provincia se inserisse a cultura cafeeira com possibilidades de um desenvolvimento amplo.

As lavouras de mantimentos, as de tabaco — possibilitando trocas com escravos africanos — as de algodão — permitindo o desenvolvimento de uma industria de panos grosseiros para vestuario dos cativos — e a criação e comercio de animais — dando ensejo à organização das tropas de transporte — foram outros tantos elementos que, na humildade da sua significação economica, contribuiram, no entanto, para que se completasse o quadro em que ia projetar-se o ciclo do café em S. Paulo

Bananal, Campinas e Ribeirão Preto

Já se escreveu muita coisa a proposito da introdução do cafeeiro no' Brasil e dos caminhos que ele percorreu na sua expansão através das provincias do Rio de Janeiro, de Minas e de São Paulo. Basta assinalar aqui que, das vizinhanças da Côrte, onde se iniciou provavelmente no periodo de 1760 a 1768, a nova cultura teria começado a se expandir para algumas regiões fluminenses e depois mineiras e paulistas. Parece provavel que, pela contiguidade do territorio fluminense, onde a expansão cafeeira se fizera de Mendanha para São João Marcos e Rezende, a sua penetração em territorio paulista tenha ocorrido pelos distritos de S. José do Barreiro, Areias ou Bananal — não podendo ser posta de lado, todavia, a possibilidade de que as primeiras plantações tivessem sido feitas em distritos do litoral como Ubatuba ou São Sebastião, na mesma época.

Foram essas duas zonas — o Vale do Paraiba e o litoral-norte — aquelas em que, no começo do seculo passado, a lavoura de café se implantou como elemento económico positivo. Plantava-se "muito café" — segundo a "Memoria em que se mostra o estado econômico, militar e politico da capitania geral de São Paulo" (1814), de Chichorro — na região das vilas de Ubatuba, São Sebastião e Vila Bela. (8). E da importancia da nova cultura ao longo do Vale do Paraiba dão testemunho as referencias contidas no relato de Saint-Hilaire, em 1822: Bananal ficava no meio de uma região onde se cultivava muito café e cujos habitantes "contavam por isso com rendas consideraveis"; em Areias havia proprietarios de fazendas que possuiam quarenta, sessenta, oitenta e até cem mil pés de café, "com que ganhavam somas enormes"; o produto era bastante cultivado em Cachoeira e em Guaratinguetá; e começavam a cuidar dele os lavradores das cercanias de Taubaté e de Jacareí, mais ao sul. (9)

No oeste e no sul da provincia, apesar de contar Martim Francisco nos seus "Jornais de Viagem" (1803-1804) que os lavradores, sobretudo em Itú, iam se aplicando "com toda a força" à nova lavoura, não teve importancia na época a cafeicultura. (10) E segundo as reminiscencias de Ricardo Gumbleton Daunt, os senhores de engenho campineiros desse tempo tinham em geral em grande desprezo a cultura do cafeeiro, "que reputavam ser um ramo apenas de quitanda, não obstante a boa aceitação que em pontos da provincia do Rio de Janeiro esta nova lavoura tinha adquirido". (11) Contra o café, nessas zonas, conspiravam fatores climaticos — nos primeiros tempos, no oeste, o temor das geadas — e as condições relativas ao transporte, que impossibilitavam de modo geral a internação das fazendas produtoras.

Em meados do seculo passado estava já em seu apogeu a cafeicultura no vale do Paraiba: em 1854 trabalhavam nas fazendas de café de Bananal 7.662 escravos; 4.345 nas de Taubaté; 4.069 nas de Areias; 2.800 nas de Pindamonhangaba; 2.435 nas de Jacareí; 2.300 nas de Queluz; 1.621 nas de Lorena; 1.605 nas de Guaratinguetá. (12) Entretanto, pouco depois, em 1859 — segundo uma referencia do brigadeiro Machado de Oliveira, baseada em estatisticas — em certas areas do extremo "norte" paulista já eram evidentes os sinais de cansaço das lavouras cafeeiras: em Bananal, por exemplo, a colheita daquele ano revelava o declinio sensivel dos cafezais. (13)

Na expansão do café para o Oeste coube a Campinas o papel decisivo. De 1835 a 1840 alguns fazendeiros começaram a substituir suas lavouras de cana pelas de café e em 1842-1843 já se fizeram colheitas importantes. (14) Contando nove fazendas de café em 1836 (com a produção insignificante de oitocentas arrobas) (15) tinha Campinas em 1852 oitenta e nove fazendas (200 mil arrobas) (16), em 1854 cenot e setenta e sete fazendas (6 mil escravos, 335 mil arrobas) (17) e em 1860 cento e oitenta e nove fazendas (700 mil arrobas). (18) Partindo de Campinas em meados do seculo, os cafezais se estabeleceram logo em Limeira e em Rio Claro, e depois de 1860, em São Carlos, Descalvado e Araraquara. A consolidação da cafeicultura no Oeste correspondeu ao começo de sua decadencia no Vale do Paraiba, agravada esta ultima ainda mais tarde, pela emigração de fazendeiros e negros para a zona da Mogiana. "Nas vesperas da abolição — escreve Dacio Aranha de A. Campos — era assás elevado o numero de pretos nas fazendas da Mogiana e da Paulista, tendo diminuido consideravelmente a quantidade deles no Vale do Paraiba". (19) E em 1888 Joaquim Floriano de Godoi clamava contra a propaganda "para retirar de seus lares milhares de trabalhadores nacionais e empregá-los nos serviços agricolas do Oeste". "Para este fim — acrescentava — os meios percorrem a escala de todas as seduções, e quando estas afrouxam surge a prepotencia dos meirinhos e das subdelegacias". (20)

Capitais, terras e mão de obra

Sem duvida em sua expansão pela provincia de São Paulo — através do Vale do Paraiba e em parte do Oeste - a cultura cafeeira aproveitou de início os quadros economicos — capitais, terra, edificações, mão de obra — dispostos para a lavoura da cana e a produção do açucar. O café foi substituindo a cana na medida em que se revelou uma inversão de capitais mais compensadora. Da competição entre as duas culturas e da substituição de um produto de exportação por outro — explorado nas mesmas condições e dentro do mesmo regime de trabalho — encontra-se uma infinidade de testemunhas, não só nos livros de viajantes que percorreram a provincia na época, e nos trabalhos de memorialistas e cronistas do passado de São Paulo, como nos próprios relatorios do governo provincial em meados do oitocentismo. A mudança da cultura do açucar para a do café — dizia-se no relatório do governo de São Paulo em 1852 — é uma tendência que os nossos fazendeiros manifestam e se vai operando insensivelmente." (21) O relatório de 1855 ainda era mais positivo: "A cultura do café tende a reduzir consideravelmente, se não a obsorver, todas as demais industrias agricolas, e oferece atualmente o aspecto mais lisonjeiro. A cultura da cana se reduzirá às proporções compatíveis com o consumo da provincia e o de alguns municipios de Minas." (22) Finalmente, o relatório de 1864 mostrava que a cultura canavieira tinha sido quase abandonada, porque os lavradores preferiam a do café por ser mais vantajosa. (23)

A parte mais consideravel das inversões, na cafeeicultura, foi sempre a relativa à mão de obra: a aquisição e renovação da escravatura. Inversão que foi aumentando à medida que as lavouras se ampliaram e que encareceram os cativos, sobretudo depois da extinção do tráfico. Depoimento bastante expressivo a proposito da mão de obra nas fazendas paulistas de café foi registrado em 1822 por Saint-Hilaire, na zona de Areias. Perguntando em que empregavam o dinheiro — somas enormes — os proprietarios de cafezais das redondezas, respondeu-lhe um informante: "O senhor pode ver que não são construidas boas casas e mobiliando-as; comem arroz e feijão; vestuario também lhes custa pouco; nada gastam com a educação dos filhos, que se entorpecem na ignorancia e são inteiramente alheios aos prazeres da convivência; mas é o café que lhes traz dinheiro; não se pode colher café senão com negro; ' pois comprando negros que gastam todas as rendas, e o aumento da fortuna se presta muito mais para lhes satisfazer a vaidade do que para lhes aumentar o conforto." (24)

Para o reforço do abastecimento de negros das lavouras cafeeiras de São Paulo de meados do século passado, em diante, além dos desembarques clandestinos, contribuiram consideravelmente os engenhos de açucar decadentes do nordeste do Brasil. Sabe-se que entre 1852 e 1859 emigraram mais de vinte e sete mil negros do norte para o sul do país (25) e segundo Pedro Calmon a media, entre 1850 e 1870, foi de trinta mil escravos por ano: "A Bahia e o Maranhão substituiram, depois do trafego, o congo e Angola, relativamente às plantações paulistas." (26) Mercado abundante de pretos nortistas localizou-se, por exemplo, em Casa Branca, entre 1870 e 1880: tôda a região da Mogiana se fornecia de braços trazidos, em lotes de cem a duzentos trabalhadores, por tropeiros baianos. (27) O preço dos escravos, que era de quinhentos a setecentos mil réis em São Paulo, em tôrno de 1850 (28) — o que já se achava que era um despropósito, assinalando o relatório de um presidente da provincia que, porisso, os negros tinham se acumulado só em poder de fazendeiros muito opulentos (29) — depois atingiu então a cifra elevadissima: comprados na Bahia ou no Rio os cativos custavam em tôrno de 1880, no Oeste de São Paulo, de dois a três contos de réis. (30)

(CONCLUI NA 14.a PAG. DESTE CAD.)

A BOLSA AO AR LIVRE DOS GRANDES E PEQUENOS NEGOCIOS DE CAFE

As transações começam no passeio, sobem a escada dos prédios próximos e terminam nos escritórios dos corretores — No começo era só café — Depois entrou o algodão e por ultimo os terrenos

Reportagem de Barros FERREIRA (Dos "Diarios Associados")

NO começo apenas ali se discutiam negocios de café. E grandes transações foram feitas. Começavam nos passeios, subiam a escada dos predios vizinhos e eram fechados em cima das escrivaninhas dos escritorios, depois de amavel batepapo ou animada discussão. Foi assim durante muitos anos. O local merecera a preferencia por uma força de habito e de aglutinação. Era uma bolsa a descoberto. Seu recinto estava limitado apenas pelas paredes dos predios vizinhos. E dessa maneira veio a denominação mais precisa que podia ser dada àquele pequeno logradouro: Largo do Café. Assim ficou sendo conhecido. Depois a Prefeitura consagrou a denominação. Mandou colocar uma placa azul com as letras necessarias. E a vida continuou no mesmo ritmo. Prosseguiram os negocios de café.

Depois, com a grande crise de 1930, outras atividades agrarias surgiram. E passou tambem a ser ali negociado algodão. Por volta de 1934 São Paulo começara a produzir em grande escala essa fibra que chegou a predominar sobre o café. Foi na epoca em que os cafezais eram devastados para o plantio de algodoais. E aquela bolsa ao ar livre e ambulante, constituida por corretores que chegam e corretores que vão, passou a lidar com o novo artigo. Depois, veio a reabilitação do café. A saca começou a subir de preço. Aumentou tambem o dinheiro. Surgiu a especulação do solo. E com o café e o algodão entraram os terrenos. Atualmente, ali se vende chão aos metros e aos alqueires. E' hoje o negocio predominante. Um escritorio de negocios imobiliarios estende uma placa, no primeiro andar, por baixo de varias janelas.

Mas o largo não perdeu, por isso ,os seus velhos corretores da rubiacea. Só que estes andam meio desanimados por falta de negocios. O café tornou-se produto tão caro e procurado que os seus possuidores não carecem mais de agentes para grandes vendas. Os corretores mais ativos atualmente são os de terrenos. Mas não se limitam tambem só a negocios. O football faz parte das discussões. Há os que tratam de esporte e negocios, meio a meio. E há tambem os que, apopleticos, de chapeu caido sobre a nuca, dão preferencia, em certos dias, à discussão do merito dos clubs sobre a alta das cotações.

ASPECTOS ATUAIS

O movimento começa cedo. Por volta das 8 horas já há corretores parados pelos passeios ou encostados às portas proximas. Em volta, surgiram atividades mantidas pela afluencia desses ativos intermediarios. No inicio, só existia um café na esquina. Depois, foram montados diversos e estão sempre com movimento. Uma oficina, de consertos relampago de calçado, foi instalada num rés-do-chão que mais parece uma cova, e até uma torrefação montou um posto para a venda de café moido na hora, bastante afreguezado.

Mas os corretores de café, os das caixinhas, como os outros dizem, são menos afobados e começam a comparecer depois das 10 horas. Alguns chegam mais cedo. Mas duas andorinhas não fazem verão.

Diferem dos demais. Não se lhes observa no rosto a inquietação dos outros. Falam pausadamente. Têm gestos comedidos. São homens graves. Muitos deles de procedencia oriental. Não há pressa nos seus movimentos. Parecem indiferentes ao tempo, e imunes à preocupação da marcha dos ponteiros. Se metem a mão no bolso e retiram alguma coisa, não é em busca de relogio. O que exibem em seguida é uma lata de tamanho medio. Abrem-na. Dentro só há grãos de café. Só aquilo interessa. Aquele conjunto de grãos suscita logo opiniões:

— Bom.

— Não é bom, é otimo.

— Nem tanto.

— Tipo 4, do melhor. Doce.

— Quantos sacos?

— Mil, para pronta entrega.

— Quanto quer?

— Dois e meio.

— O café é bom. Mas acho um tanto caro. Não sei se arranjará comprador...

— Já tenho.

— Parabens. A esse preço é bom negocio.

— Tambem para quem compra.

Outro entra na conversa. Tem tambem café para vender. Excelente. Tira a lata do bolso. Exibe os grãos. Um corretor escolhe uma semente. Mordisca-a. Dá opinião elogiosa.

— De que zona?

— Só podia ser da Mogiana. Desta qualidade só mesmo lá.

AS ZONAS

E trava-se, então, a discussão continuamente repetida:

— Há café tão bom como da Mogiana, o de Marilia, por exemplo...

— Não vale nada em comparação com o da Mogiana. Doce, só mesmo lá.

— E depois, o da Noroeste.

— Exagero. O da alta Paulista é muito bom. Tem tipos excelentes. Não é questão só de zona, mas tambem de fazendeiro. Uma boa fazenda da Paulista dá café comparavel ao da Mogiana. Até melhor que muito ali colhido.

— A Araraquarense tem tipos muito bons.

— Melhor do que da Mogiana, não.

— Ora, conforme.

EVOCAÇÃO

Um corretor começa a discutir preços. Um diz que a saca de café está custando demais.

— E a desvalorização da moeda? — aparteia um. — O café vale mais porque o cruzeiro vale menos.

— Papagaio. O dollar é cotado a 18 cruzeiros e pouco pelo Banco do Brasil e depois vendido a 60 cruzeiros e mais. Quem ganha rios de dinheiro é o governo.

— Sabe de uma coisa? E' mesmo bom que haja muito dinheiro. Se não teriamos uma crise igual à de 1930. Vocês se recordam? Em 1933 e 1934, que desastre! Um saco de café em coco, de variação, comprava-se a 6 mil réis. Seis mil réis, ou seja, como agora se diz, seis cruzeiros. O café de arvore era vendido pelos fazendeiros a 9 cruzeiros.

— Vendi café limpo, chato, graudo, da Mogiana, a 30 cruzeiros a saca. Informa outro — Entreguei mil sacas por esse preço. E o fulano que comprou ainda torcia o nariz e achava que não tinha feito bom negocio. Havia café mole excelente. E quando alcançava 35 cruzeiros a saca o fazendeiro esfregava as mãos. Nunca se viu desmoralização tamanha de preços. Que bruta miseria!

O jornalista vai ouvindo sem ser notado. Vai registrando aquelas conversas, espontaneas, como flagrantes. Nada de pose. Palavras e opiniões brotam espontaneamente, sem pose, nem premeditação.

Assim é o largo do Café.

Começam a chegar ao largo os homens de negócio do café

Aqui se reunem e conversam. Ofertas e contra-ofertas em todas as bocas. Fecham-se negócios a cada minuto.

BANCO F. BARRETTO S.A.

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 269 - 1.º andar

Caixa postal 8.377

MAIS DE MEIO SECULO A SERVIÇO DA COLETIVIDADE

Matriz: MOCOCA

DEPARTAMENTOS EM:

SAO JOSE' DO RIO PARDO — ALTINOPOLIS — CACONDE — CAJURU' — CASA BRANCA — SANTA ROSA DE VITERBO — SANTO ANTONIO DA ALEGRIA — SAO SEBASTIAO DA GRAMA — SAPECADO (hoje DIVINOLANDIA) e TAPIRATIBA

DEPOSITOS — DESCONTOS
CAUÇAO E COBRANÇAS

Literatura do Café

FERNANDO GÓES

INTRODUZIDO no Brasil em 1727, depois de mil e uma peripecias romanescas, só cento e vinte anos depois, ao que parece, é que o café apresenta sua primeira manifestação literaria, com um romance — vamos dizer historico — de Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano, que Capistrano de Abreu, com um excesso inexplicavel de boa vontade, considerou "uma das melhores obras do seculo passado, surtas em nossa patria", e que João Ribeiro, ao descobrir a brochurinha de 58 paginas, em um alfarrabista do Rio, pensou tratar-se do primeiro romance brasileiro — "A cronologia e a prioridade, escreveu o velho mestre, coisas tão estimaveis na bibliografia e na literatura, vão dar-lhe o primeiro lugar entre os romancistas".

Enganava-se João Ribeiro, pois antes de Azambuja Suzano já outros autores brasileiros haviam publicado romances — Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Teixeira de Sousa, Joaquim Manoel de Macedo, e em Portugal, no seculo anterior, uma senhora de nome pedantemente arrevezado — Dorotéa Engrassia Tavareda Dalmira, pseudonimo da paulista Tereza Margarida da Silva e Orta, editara as enfadonhas "Aventuras de Diófanes".

Mas se Azambuja Suzano não é o primeiro romancista brasileiro, seu livro — "O capitão Silvestre e frei Veloso ou a plantação do café no Rio de Janeiro", é o primeiro romance que trata do café, situando-se, portanto, como o iniciador daquilo que poderemos chamar de literatura do café, e que se pode definir ou compreender, de modo geral, como sendo aquelas manifestações literarias — poesia, romance, conto, ensaio — em que o café repercutiu de modo decisivo, como tema, ou influiu como inspirador.

O ROMANCE E O ROMANCISTA

Luís da Silva Alves de Azambuja Suzano nasceu no Rio de Janeiro, em agosto de 1785 ou 1791, há duvidas a respeito. Mas morreu, sem duvida nenhuma, aos 16 de agosto de 1873, no Espirito Santo, aonde viveu mais de cinquenta anos, sua vida de "escritor cosmopolita", como lhe chama um dos seus criticos. Quando moço, Azambuja Suzano participou das lutas pela Independencia, "já correspondendo-se com os mais decididos patriotas do Rio de Janeiro, já se esforçando para que com toda a calma se prestasse o juramento á mesma Constituição, quando os animos se achavam na provincia exaltados e a tropa insubordinada", informa Sacramento Blake.

Foi advogado e funcionario publico, — é obvio — e dessas duas profissões deixou lembranças em suas obras, pois de sua bibliografia constam varios estudos sobre leis, comentarios ás ordenações e aos regulamentos dos ministerios, monografias precursoras dos respeitaveis escritores do DASP de nossos dias. Azambuja Suzano preocupado em ser util "a todas as familias e a todos aqueles que têm de pedir a juizo os seus direitos hereditarios"; em "servir de guia a todos os administradores, tesoureiros, coletores" etc., ou ainda "a todos os empregados em repartições publicas" como se lê nos subtitulos explicativos dos seus livros.

Servir, ser util, devia, aliás, ser um dos caracteristicos marcantes desse escritor, pois nas 22 obras que dele foram arroladas, vemos que os compendios de gramatica e de ortografia, misturam-se aos "principios de aritmetica mercantil", ás traduções de Anacreonte e de Terituliano, a uma "arte da agricultura", a um "silabario" para ensinar a ler a lingua portuguesa, a uma historia de Portugal, a uma seleta latina... Em meio a isso tudo, o escritor carioca publicou três romances: "Um roubo na Pavuna", que classificou como "romance historico"; "A baixa do Matias, ordenança do conde dos Arcos, vice-rei do Rio de Janeiro", a que ele após o subtituto estranho de "romance historico-juridico", e o ultimo, a que chamou, modestamente de "romance brasileiro", e que é "O capitão Silvestre".

A rigor, "O capitão Silvestre e frei Veloso ou a plantação do café no Rio de Janeiro", não é um romance, e o proprio Azambuja parece reconhecer isso, ao esclarecer, no prologo, que o assunto escolhido, ainda que "util e agradavel", desvia-se da "estrada ordinaria dos romancistas e comicos, para quem são as intrigas de amor o eterno ponto de suas lucubrações". No seu romance não há nada disso. E', antes, uma narrativa historica, em tom jocoso, de dois fatos: o primeiro conta a tentativa do marquês do Lavradio em introduzir o café no Rio de Janeiro, em 1774, por inspiração de frei Veloso e a recusa ou má vontade dos fazendeiros de então em cultivar a rubiácea; o segundo é a historia da chegada do café a Paris, por intermedio de Solimão Agá, embaixador do imperador Maomé IV, soberano da Turquia. E o epilogo é um elogio, uma exaltação do café.

O que há de interessante na narrativa de Azambuja Suzano, são alguns dialogos da primeira parte, em que se nota, por exemplo, a resistencia dos lavradores em plantar café, convencidos que estavam que só a cana de açucar era bom negocio e produzia dinheiro. Um desses lavradores é o capitão Silvestre, amigo de frei Veloso, que o procura para contar da proposta do vice-rei:

— "... o vice-rei nos mandou chamar a uns poucos, de Irajá, de Saquarema, de Surui, do Campo Grande, de toda a parte. Fomos á sala, cuidando que era alguma coisa; e sáise de lá o homem com um açafatinho de frutas vermelhas pequenas, e entra a dar meia duzia a cada um, para que fossemos plantar, que era coisa muito boa, muita riqueza, para mandarmos para o reino. Ora! vamos agora plantar frutinhas e doidices da cabeça do vice-rei! Eu, logo em baixo do palacio mesmo, botei as minhas fora: tomara eu plantar cana, que me importa cá do café!"

Frei Veloso adverte, com sabedoria:

— "Fez mal, sr. capitão, de botar fora essas frutas..."

Mas o capitão, irado, diz que todos o imitaram, que não se conformavam de terem saido de casa para ir buscar "uma asneira para plantarem. Ainda mais que a cana era a plantação ideal."

O religioso faz então a defesa do café contra a cana de açucar.

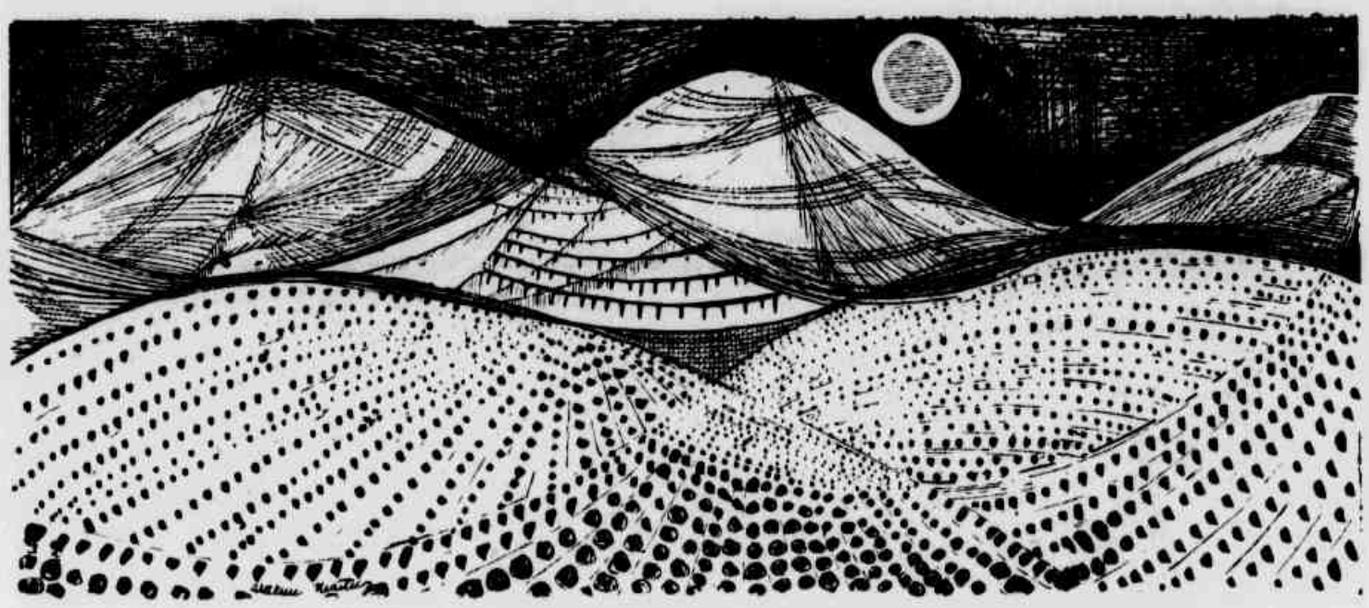
— "O café há de dar mais lucro do que a cana. Depois de plantado dura muito mais tempo do que o pé de cana: dispensa moendas, carros, bois e caldeiras; dispensa muitas despesas, que fazem com o cozimento do açucar; e dá mais dinheiro uma arroba de café do que uma arroba de açucar. O vice-rei manda plantar, porque se conhece bem que o café há de ser mais a riqueza dos fazendeiros do Brasil do que as outras coisas que se cultivam.

E, combatendo a monocultura, o escritor arremata, pela boca de frei Veloso:

— "Além de que, bom é ter de tudo: quando uma coisa não dá, dá outra. Todos não têm posses para terem engenho: mas têm para café, para anil, para mandiocas, para muitas outras coisas, que bem trabalhadas e governadas, dão em proporção um lucro, que, bem calculado, é igual, se não maior, de umas coisas do que de outras.

E' então que o capitão quer saber de onde veio o café. E Veloso entrega-lhe um livro aonde se conta a historia do café até sua vinda para a Martinica. Silvestre lê a narrativa, mas não se convence, e faz então uma observação curiosa: além da situação economica, a cana de açucar dava-lhe uma situação social e de classe, que a rubiacea até então não havia dado a ninguem:

— "A cana — diz ele — correndo bom o tempo, dá bom dinheiro, e sempre um homem goza da nobreza e privilegio de sonhor-de-engenho, que não ouço falar que o café tenha, nem o algodão, nem o anil que são lavouras de gente somenos".



Retirando-se Silvestre, o religioso pensa em como são atrasados os nossos lavradores e fazendeiros, recusando-se a todas as experiencias e encastelados á rotina, que por comodismo não querem largar. "Deus nos dê paciencia com estes araras, murmura por fim Veloso, que ainda que se lhes ensine a falar, não lhes entra na cabeça nenhum raciocinio".

Pelos trechos que foram transcritos, pode-se avaliar do estilo de Azambuja Suzano, que se não era brilhante, mostra a vivacidade do espirito do autor, e mais ainda, uma certa liberdade de linguagem, no que se refere á influencia que devia ter do português de Portugal. Nesse romance, que o escritor carioca, com aquele gosto que tinha em dar sub-titulos explicativos aos seus livros, poderia ter chamado de "romance historico da agricultura no Brasil", as formas brasileiras de falar e escrever aparecem, já, bem definidas, e se recordarmos que o volume foi publicado em 1847, não há como não louvar Azambuja Suzano por isso.

ROMANCES DO CAFE'

Basilio de Magalhães, o grande estudioso de tudo o que se refere ao café, recorda-se de ter lido, publicado em um jornal de Campinas, um romance sobre a rubiacea, cujo titulo não se lembra, mas de autoria de Benedito Otavio de Oliveira, "mestiço de grande talento e tão correto prosador quanto inspirado poeta". O enredo dizia respeito a uma fazenda de café, já influenciada pela existencia de imigrantes italianos. Refere-se Basilio de Magalhães, ainda, a um "romance de costumes paulistas", publicado no Rio, em 1914, com o titulo de "Colhendo", escrito por Nina Felicio dos Santos, que se apresentou com o pseudonimo de Nios, e narra, no dizer da autora, "a simples historia de uma melancolica vida de mulher, que o acaso malfazejo improvisou fazendeira no interior de São Paulo".

Mas os chamados "romances do café", ou melhor, tentativas, material para o que será, um dia, o romance do café, surgiram depois de 1930, e possivelmente, o que é curioso, influenciado muito menos pela rubiacea do que pela cana de açucar, inspiradora subrepticia dos romancistas que pretenderam narrar o que chamaram "o drama do café". Não vai, nessa observação, nenhuma intenção maliciosa, mas é interessante notar como só depois que surge, vitorioso, o sr. José Lins do Rego com os primeiros romances do seu "ciclo da cana de açucar", tivemos aqui em São Paulo algum interesse pelo que se começou a chamar de "romance do café". Nem foi somente o sr. José Lins do Rego que trouxe esse interesse.

O chamado romance de 30,, com sua preocupação pelas coisas da terra, a influencia das culturas e plantações sobre a civilização rural, que era uma derivante delas, o estilo direto da narração desataviada, jornalistica, o tom de reportagem, mesmo, com que inicialmente se apresentou o romance nordestino de 30, terão, provavelmente, influenciado, e muito, os livros que foram então escritos e publicados. Antes, porém, de fazermos um exame desses romances que pretenderam narrar o drama do café, vamos falar de um livro, surgido em 1934, mas escrito muito antes, entre 1915 e 1922.

"TERRA ROXA"

O sr. Rubens do Amaral confessou, mais de uma vez, não saber se o seu livro "Terra róxa" é um romance ou uma reportagem. "Parece-me que é um romance de jornalista, porque tem mais de reportagem que de romance", disse ele em uma entrevista. E contou, que quando no Paraná, em 1914, fazia jornalismo em Curitiba, foi que pensou em escrever um romance que narrasse como é a vida em uma fazenda de café. "Fiz, primeiro um esquema da vida de ano no cafezal: o cultivo, a florada, a colheita, a seca, o beneficio, o embarque..." E, talvez por ter obedecido assim, a um esquema rigido, em que nada faltasse, em que tudo fosse contado com abundancia de detalhes, de explicações, é que em muitos passos de "Terra róxa" temos a impressão de estarmos lendo não um romance, mas uma monografia sobre o café. O homem de jornal que é o sr. Rubens do Amaral, preocupado em nada fantasiar, em informar primeiro para depois comentar, fez com que o seu romance se transformasse em um verdadeiro guia sobre a cultura cafeeira, guia que, é preciso reconhecer, é dos mais interessantes, porque escrito em uma forma plastica e viva, bastante movimentada, agil. E, excelente observador, o sr. Rubens do Amaral vai anotando, a todo instante, uma serie de coisas sobre os costumes dos colonos, sua linguagem, sua moral, suas festas populares e suas danças. Vai ao minimo detalhe quando descreve os trajes de casamento dos roceiros, e não se esquece, inclusive, de fazer observações agudas sobre as relações de raças entre os imigrantes italianos, os colonos nacionais e as familias dos pequenos fazendeiros, sobre o duro sistema de trabalho imposto ao trabalhador rural, sobre o atraso dos colonos brasileiros ou sobre a mentalidade economica do colono europeu, que emprega toda a familia no trabalho, e acha inutil, perfeitamente inutil, colocar os filhos menores na escola rural. A esse respeito, um dos personagens, proprietario de fazenda, narra o que lhe aconteceu, quando instalou em suas terras um escola, e comunicou aos colonos que deviam, obrigatoriamente, enviar seus filhos para frequentar ás aulas:

"Na vespera da abertura das aulas, porém, vieram ao escritorio três deles, em comissão, tendo á frente um português, o Manuel Lopes, que tomou a palavra, enrolando e desenrolando nas mãos a aba do chapéu:

— "Os meninos vêm á escola amanhã, conforme o aviso. Mas, o patrão queira desculpar... Seria bom que tudo ficasse bem claro, para evitar duvidas futuras...

— Que duvidas?

— E' que o sr. Gonçalves, quando nos deu o aviso, não explicou as coisas bem...

— Não explicou o que?

— O patrão queira desculpar. Não é que a gente desconfie...

— Afinal, não entendo!

— Quanto é que os meninos ganham para vir á escola?...

Pouco depois, alguns colonos se despediram, foram com a famiila, para uma fazenda aonde não havia escola, e os filhos, por causa disso, podiam trabalhar, o que favorecia o orçamento.

O "Terra roxa", do sr. Rubens do Amaral, é, assim, um livro rico de informações, e que seria de grande utilidade nas mãos de um pesquisador social, de tal maneira o jornalista se preocupou com tudo, a respeito de tudo narra um fato, conta um episodio. Acontece, porém, que do ponto de vista da população rural, o que se passa nessa fazenda cuja vida ele nos conta, e que é uma fazenda de café, pode-se se passar, igualmente, em uma fazenda de algodão. Habitos, vida, educação, moral, nada aqui é determinado por influencia do café, donde se conclui que não existe, em toda a região descrita, o que se poderia chamar de uma civilização do café. Ele em nada influi, não determina nada, não leva a nada. E, mais adiante, ao vermos mais alguns romances do café, constataremos que essa observação é exata.

De qualquer modo, o romance do sr. Rubens do Amaral, que retrata a vida em uma fazenda paulista, em 1918, na epoca que ficou conhecida como a da "geada grande", é, ainda, a melhor, a mais robusta contribuição ao romance do café, se excetuarmos, o excelente, o magnifico livro que o sr. João Pacheco conserva inédito — "Recuo do meridiano".

O TRIO DA DERROCADA

Se o romance do sr. Rubens do Amaral não foi escrito sob a influencia direta dos "romances de 30", — sabemos que ele data de 1922 — sua publicação, essa sim, foi motivada pelo aparecimento daquelas obras. "Escrevi-o e guardei-o, confessa o escritor. Doze anos ficou ele guardado. Agora sai impresso.

E' que cada vez mais a literatura brasileira se volta para o Brasil interior, em seus aspectos proprios e caracteristicos, fugindo um pouco á orla litoranea das cidades e ás influencias transatlanticas do cosmopolitismo". Logo em seguida, afirma: "E eu quis trazer tambem o meu depoimento sobre a região do café, que era um continente por descobrir e explorar e onde plantei um marco, á espera de que compareçam, na mesma rota, outros navegadores, exploradores e povoadores".

O sr. Rubens do Amaral não ficou muito tempo á espera de que outros exploradores viessem tentar povoar o continente quase virgem do romance do café. Três anos depois do seu livro, surgiu o primeiro deles, o sr. Leão Machado, com o "Espigão da Samambaia". Isto foi em 1937. Três anos mais tarde, em 1940, o carioca Luis Martins prossegue na rota iniciada por seu conterraneo Azambuja Suzano, há quase cem anos, e publica o romance "Fazenda". Um ano depois, um paulista e fazendeiro tambem, edita "A derrocada", encerrando-se, mais uma vez, o interesse pelo romance do café.

São, os três, reportagens incompletas, os livros dos srs. Leão Machado e Rubem Rocha tendo muito coisa de semelhante, no modo pelo qual vêem o problema que resultou na crise do café, em 29 e 30.

Mais artista, escrevendo bem, com certa desenvoltura o sr. Leão Machado, em meio a uma historia banal de amor entre a filha do administrador de uma fazenda e um colono, que acaba em tragedia por ter surgido um rapaz formado da cidade, filho de um comissario de café em Santos, mostra os erros dos fazendeiros, o abandono em que o governo deixa os pequenos sitiantes, que acabam sendo penhorados pelo fisco, a boa vida que levam os comissarios, que como intermediarios nunca têm nada a perder.

O tom do seu livro é bastante nacionalista, e não são raros trechos como este, declamatorio e discursivo:

"Apesar de tudo, o roceiro é um vencedor. Tudo quanto temos, estradas e cidades, nasceu do trabalho anonimo dos campos, largados na mais espantosa indiferença! E alem de forte e vencedor, o caboclo é o pioneiro que verdadeiramente investe pelo sertão, pois o colono estrangeiro, italiano ou alemão, hungaro ou português, só sabe caminhar nas veredas que a foice atrevida do caipira abriu na muralha formidavel da mata virgem".

Rubem Rocha, falecido pouco depois de publicado o seu romance, escreveu mais um panfleto do que uma obra de ficção. Se o sr. Leão Machado, com alguma habilidade, conduz suas criticas através das situações que vão surgindo com os seus varios personagens, o romancista de "A derrocada" escreve verdadeiros artigos contra o governo e as medidas que são postas em pratica sobre o café. A queima, as taxas elevadas, a retenção do produto nos pontos de embarque, o abandono da propaganda, o desleixo na conquista de novos mercados, merecem-lhe criticas veementes e acerbas. Os especuladores, os manobradores de altas e baixas, a ganancia dos agiotas e dos banqueiros, são por ele examinados, e as palavras de acusação são candentes. Esquece-se do romance, dos personagens, do entrecho, da historia que está contando, e passa a apontar as causas da crise e seus autores, para sempre concluir que sem o café o país está perdido, é a derrocada total. E exclama, patetico:

"Adeus lavoura de café:

Adeus credito externo tambem. Adeus, unica fonte de cambiais. Adeus, unico produto que dá ouro para o Brasil.

Adeus!

Era uma vez uma nacionalidade.

Virão os abutres.

E repartirão entre si os despojos da nossa profunda incompetencia.

Da nossa criminosa inercia.

Adeus lavoura do café!

Adeus, Brasil".

"A derrocada" é um livro escrito nesse tom e nesse estilo de pontos de exclamação.

Se o sr. Rubens do Amaral guardou o seu romance na gaveta, doze anos, o sr. Luís Martins, menos paciente, porque talvez muito mais jovem, guardou o seu apenas um ano. E o resultado, ele proprio o confessa, é que a forma se ressentiu "de excessiva fascinação pelo pitoresco", e o romance não conseguiu libertar-se, em sua fatura, do aspecto de documentario, de reportagem, que fez o sucesso, pouco antes, de alguns romancistas do norte. Mas, se o proprio autor reconhece, nesse ponto, os defeitos de sua obra, a que após — cioso deles como o seu conterraneo Azambuja — o subtitulo grave de "drama da decadencia do café" não o olhamos por esse aspecto. Vamos vê-lo pelo outro, pelo do drama da decadencia do café, que me parece não haver no caso, pois o drama, a decadencia é quase que exclusivamente do fazendeiro, cidadão alheio aos problemas da terra e que se torna lavrador apenas porque a mulher lhe trouxe de dote uma fazenda.

Esse fazendeiro, por acaso, não gosta da vida rural, não se dá bem nesse meio, acha os colonos uns b r o n c o s, uns estupidos, cuja presença lhe provoca asco, e não dirige a fazenda, deixa-a entregue ao administrador, que por sinal tambem é relapso, não se interessa pelo seu cargo, não sabe mandar, não não toma conta de nada. E' fatal, então, que a fazenda vá por agua abaixo, vá cair em mãos de quem sabe governá-la, e que no caso é um filho de imigrante, que enriquece, mas se torna ambicioso de posição social, sente necessidade de, pelo casamento, ascender de classe, e afinal consegue o seu intento. Há, no romance, um drama, ou varios dramas pessoais, mas nenhum ocasionado pelo café. O fazendeiro do sr. Luís Martins podia ser proprietario da Standard Oil ou das industrias Matarazzo, que levaria ambas a falencia, com a sua indolencia, o seu desinteresse, a sua falta de energia, de força de vontade. No caso, a vitima foi a fazenda de café que a mulher lhe trouxe com o casamento...

CAFE' & POESIA

Na poesia parece que a literatura do café tem sido mais feliz do que na prosa de ficção. Os poetas têm tido mais sensibilidade e mesmo mais inteligencia, mais arte, em se aproveitar do café. Utilizando-o como imagem, Castro Alves chamou-o de "baga de Ceilão", o que, se não é uma maravilha, não deixa de ter o seu encanto. Alberto de Oliveira, o parnasiano, descrevendo uma fazenda decadente, tem estes dois belos versos:

"Secos cafezeiros, só com as varas
Acenando espectrais aos horizontes..."

E não nos esqueçamos do final do soneto "Pai João", de Ciro Costa, quando o poeta diz que:

"...os frutos do café são globulos
(vermelhos
do sangue que escorreu do negro
(escravizado!"

Os poetas modernistas, porém, foram os que mais se utilizaram do café, quer em poemas, quer em imagens, como aquela — entre muitas — de Cassiano Ricardo, que caracteriza o seu José Prequeté como sendo

"o moleque mais pretc
do que pó de café".

Manuel Bandeira, em um "poema feito sob medida" — "Ponta de trilho", faz a para frase de uma cantiga popular:

"Marcha soldado,
Pé de café!
Se não marchar direito
O Brasil não fica em pé".

Isso, no campo das imagens. Se passássemos para o que se poderia denominar de louvação do café, então este artigo não teria

(Conclui na 14.a pagina deste caderno)

Ilustração de Aldemir Martins

O CAFEEIRO - SUA INTRODUÇÃO NO PAÍS

José de Mello MORAIS
(Reitor da Universidade de S. Paulo)

Em 1727, por questão das fronteiras do Brasil ainda colonia, surge em Caiena o Sargento-Mor Francisco de Mello Palheta. Amplo chapeu bordado, roupas finas "un manteau juste-au corps et cullotte d'écarlate", espadim ao lado, como ressalta de sua figura reconstituida por Marques Junior, dir-se-ia D'Artangnan, fugido com vida dos inesquecíveis "Três Mosqueteiros".

Não admira, portanto, que a senhora Claude d'Orvilliers, espôsa da suprema autoridade da Guiana Francesa, metesse no bolso da casaca de Mello Palheta sementes de cafeeiro para o plantio no Pará, embora isso fosse proibido. O que não é capaz de praticar uma mulher rendida diante de galanteador que fidalgamente lhe rende homenagens?

Afirmar-se-á que tudo isso não passa de lenda atraente. Pouco importa. A fantasia vale, não raro, mais do que a realidade. E o certo é que Francisco Mello Palheta, ao regressar de Caiena, trouxe ao Brasil sementes e mudas de cafeeiro, distribuindo-as por gente de prol em Belém. Graças a esta distribuição, não tardou que a cultura do cafeeiro se estendesse no hoje Estado do Pará, pois, em 1732, eram remetidas sete libras de café para Lisboa pela barca "Santa Maria". E em 1742 existiam no Pará 17.000 pés de cafeeiros, com exportação, em 1750, de .. 4.835 arrobas de café.

E foi de lá que se deslocou o cafeeiro rumo a São Paulo com sua aparição em 1760, no Rio de Janeiro. Os cafezais, que surgiram, logo a seguir, em São Paulo, Minas Gerais e Espirito Santo, provêm de sementes de café oriundos das plantações fluminenses.

O escravo foi utilizado para o arroteio dos cafeeiros. Com a escassez da população não seria possível, a principio, a expansão geral da cafeicultura no Brasil, sem se recorrer à escravidão. E não se envergonhe que isso tenha acontecido. Qual a nação que não lançou mão de escravos para firmar sua prosperidade, sobretudo nas lides agrárias? Mas, não foi só a cafeicultura que exigiu a escravatura. A cana de açucar, também, maximé em Pernambuco.

Com as sementes e mudas, os cafeeiros trazidos de Caiena por Francisco Mello Palheta e com o concurso do braço do escravo negro, arrebatado da Africa pela cobiça desmedida do homem branco, o Brasil se converteu em cafeeicultor. O café se transformou em riqueza para o país.

NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Com a cafeicultura, o Estado do Rio de Janeiro conheceu tempos aureos. O desbravamento de seu território começou com a cana de açucar e gado grosso nas baixadas e lezirias. Nos vales e terras acidentadas, cultivava-se algodão, anil, bem como cereais. E pode dizer-se que a economia rural fluminense, ao encerrar-se o século XVIII, assentava-se nessas culturas.

Lutava-se contra as inundações, porque o senhor dos engenhos se localizava à beira dos rios, sempre de preferencia nas planicies. Era a época do ciclo de açucar, e do apogeo de Pernambuco com sua "Casa Grande e Senzala". Paratu, Angra dos Reis, Campos, Cabo Frio, Estrela eram então nucleos vivazes de atividade económica (Oliveira Viana).

O cafeeiro, porém, alterou, por completo a tendência para a exploração agricola que era levada a efeito nas baixadas e nos terrenos planos. Conquistou a região da Serra, no século XIX. Canta Galo e Madalena influindo no desenvolvimento da cafeicultura até Campos e Rezende, justamente donde ela se irradiou para a Zona da Mata, em Minas Gerais e através do Vale do Paraiba, para São Paulo. E não tardou muito em verificar que as "cidades do açucar" perdessem, no tocante a seu esplendor, para as cidades do café.

O Vale do Paraiba se agigantou com o cultivo do cafeeiro. Surgem palácios que deslumbram D. Pedro II. As propriedades rurais ostentam solares dignos de principes e nobres.

Onde o café aparece em escala avantajada para a exportação, cria-se a opulência. E' assim no Espirito Santo, no Rio de Janeiro, em São Paulo e hoje em dia no Paraná. Só depois, com o perpassar dos tempos e a incuria dos que a êle se dedicam, vem a decadência das "Cidades Mortas" de Monteiro Lobato.

NO ESTADO DE S. PAULO

O cafeeiro penetra em São Paulo, acompanhando a estrada das tropas, a qual ligava a capital paulista à Côrte, agora capital federal. Repontam os cafeeiros, quer pelos declives das fraldas, quer pelas lombadas, das morrarias das Serras do Mar e da Mantiqueira. Diz-se-ia que os cafezais fluminenses invadiam o território de Piratininga. Bocaina, São José do Barreiro, Queluz, Silveira são conquistados pelo cafeeiro. O seu avanço se detem nas divisas das águas do Paraiba com o Tietê, entre Jacarei e Mogi das Cruzes.

Em seguida, ou quase concomitantemente, Campinas, já cafeeicultora, conquistou o galardão de irradiadora do cafeeiro pelo Estado de São Paulo, nas suas esplendidas terras roxas, principalmente onde medram, em suas matas exuberantes, os pau d'alho, figueira branca, jangada brava, ceboleiro e palmito branco. Não lhe faltam, outrossim, os cambarás de meia legua, o jaborandi pintado e o sapurussu.

E o cafeeiro se transforma no brasão da riqueza de São Paulo para o bem do Brasil. O ciclo do açucar e do ouro, nos tempos coloniais, e tudo o mais posteriormente, são de somenos importância em confronto com o café (Roberto Simonsen) na estruturação econômica da nação. Se não fosse o café, o Brasil, sem carvão, nem petróleo, seria país desprovido de significado na América do Sul, sobretudo após o colapso da borracha na deslumbrante amazonia.

PREVIDENCIA DE D. PEDRO II

Com o dobrar dos anos, entrou-se a compreender que a Agricultura, para ser prospera, necessitava de viver sob o influxo da ciência, aproveitando os seus ensinamentos, bem como a Indústria. A Europa se preocupava com a redução das colheitas nos seus campos. Na Inglaterra se funda a estação experimental de Rothsmstd. Preconiza-se a rotação das cultura, já em voga na Flandres. Isso, todavia, não basta para a produção agricola ser de vulto como é indispensável, principalmente no que diz respeito a gêneros alimenticios.

O Brasil, por seu turno, não poderia fugir a tal contingência, mais cedo ou mais tarde. Os cafeeiros, aqui e acolá, mostram perda de vitalidade em face do declinio de fertilidade dos solos. E D. Pedro II, o inesquecivel imperador deste país, localiza em Campinas o Instituto Agronômico, entregando a sua direção a Dafert, jovem de louros cabelos, mas cientista de fato.

Como o grande Pasteur, que se meteu a resolver o sério problema das doenças do bicho da seda, na ignorância de tudo quanto se referia a Sericicultura e o resolveu brilhantemente, Dafert encarou, de frente, a restauração dos cafezais, com o auxilio de adubação, sem ter visto sequer um cafeeiro até então. Mercê de seus estudos a êsse respeito, cria renome internacional ao Instituto Agronômico e a Campinas.

E de Dafert o preconicio de emprêgo de matéria orgânica, como adubo indispensável, nos cafezais. Só não o sabem os que não leram os ótimos relatórios que deu à estampa na qualidade de diretor do Instituto aludido. Dafert não se preocupou com a técnica do plantio do cafeeiro. Diante da produção que alcançava, não raro, 300 (trezentas) arrobas por mil pés nas regiões novas, jamais preconizaria alteração nessa técnica, empiricamente arquitetada pelos paulistas e observada até nossos dias com notável êxito pelos que transformaram o "hinterland" paulista em mares verdes de cafeeiros.

Frise-se bem: — nos primórdios da primeira República, Dafert assegurava que era imprescindivel empregar adubos organicos para que os cafezais se conservassem em condições propicias à produção abundante e remuneradora e, no "II Centenario do Café do Brasil", Mello Moraes afirmava, com conhecimento de causa que, na adubação de cafezais, precisa-se, antes de tudo não poupar esforços nem razoáveis sacrificios, com o fim de carrear aos renques dos cafeeiros, substancias organicas, pouco importando que seja muito rica ou não em principios fertilizantes. Entre esterco de curral, o mais bem preparado, a preço elevado e o bagaço de cana meio velho, que se tenha quasi de graça opte-se, sem pestanejar, pelo segundo, salvo se, previamente, se alimente o firme proposito de não se recorrer a adubos minerais. E não se diga que o provimento das solos com substancia organica é de todo em todo irrealizavel em São Paulo, pois felizmente já se contam muitas propriedades agricolas onde isso se encontra convertido em promissora realidade. Tambem se pode, para isso, lançar mão de plantas apropriadas, como se faz em Java, com a Crotolaria anagenides, que produz por hectare 42 a 61 toneladas de sibstancia verde, contendo, ademais, azoto equivalente 370 kgs. de sulfato de amonia.

E conseguida a incorporação da materia organica ao solo dos cafezais, o qual fica, assim, e dentro em pouco, enriquecido de humus, está dado um grande passo para o aumento das colheitas. E' que, com isso, se logra, de um lacto, que varios fatores da produção se apresentem favoraveis ao intento principal que se tem em vista, pois aumenta-se o numero de bacterias, melhoram-se as propriedades fisicas, permitindo que a agua penetre com facilidade no terreno e seja ai conservada por mais dilatado tempo, a beneficiar a vegetação, sobretudo quando as chuvas rareiam."

Leram bem. A aplicação de estereo de curral "composto", lixo fermentado, restos de colheitas, leguminosas, nos cafezais, é coisa velha, sabida e ressabida. Os mais antigos cafeicultores careavam para os pés de café a serrapilheira das matas.

FERTILIZANTES MINERAIS

Mas, Dafert não se limitou a experiencias com adubos organicos na restauração dos cafezais. Abalou-se ao estudo experimental do emprego dos fertilizantes minerais com o mesmo e precipuo fim, muito embora a Quimica Agricola apenas começasse a balbuciar. Até hoje a maior parte das formulas de adubação mineral do cafeeiro, em voga em São Paulo, alicerceia-se nos seus ensinamentos.

Posteriormente, o Instituto Agronomico relegou a deploravel esquecimento esse assunto de capital importancia não apenas para São Paulo, mas para todo o Brasil. Com Theodureto Camargo é que retornou ao exame, com experiencias bem planejadas, do problema de adubação dos cafezais.

E é por isso mesmo que em "II Centenario do Café", Mello Moraes se viu obrigado a encarar a questão em bases mais teoricas do que experimentais, em "A Adubação do Cafeeiro", conferencia feita sobre os auspicios das associações rurais existentes em 1927, em São Paulo. Nada havia a esse respeito, além do que Dafert fizera em Campinas e outros dados colhidos em fazendas de propriedade particular, com a colaboração da "Luiz de Queiroz".

Desafia-se a quem quer que seja que empregue fertilizantes minerais nos cafeeiros, com orientação diversa da que ali se defendeu para esse fim, uma vez que não existam trabalhos experimentais, dificeis de execução por longos e demorados. As experiencias com cafeeiro no campo é problema de investigação que requer elevado preparo cientifico de quem delas se encarregue.

Veja-se, portanto, o que foi preconizado por Mello Moraes, lembrando que se trará à tona somente o seguinte:

O FOSFORO

A incorporação de fosfatos aos terrenos ocupados por cafeeiros não oferece assinalavel dificuldade, pois convém, que seja levada a efeito com a regra de Wagner, que tão otimos resultados proporcionou à Alemanha. Para isso, portanto, precisa-se recorrer à composição quimica do café e sabido é que um quilo deste produto como é posto à venda no mercado, provém de cerejas que encerravam 3.974 grs. de acido fosforico, resulta que cada arroba de café beneficiado, retirou, de fato, do solo, 59,61 grs. ou 60 grs. do mencionado composto fosfatado. Consequentemente, uma colheita de 100 arrobas por 1.000 pés remove, para fora dos cafezais, 6 quilos de anidrido fosforico, o que vale dizer que basta restituir ao terreno que acuse bom teor do referido elemento, em numeros redondos, e para evitar quebras na distribuição, 8 a nove quilos de fosforo pesado na forma precipitada, ou seja 44 a 50 grs. de escoria de Thomaz (185 de P295), ou o equivalente em outro adubo fosfatado, por cafeeiro, e que mais seja adequado às terras roxas.

Em solos, porém, pobres em fosforo, e na hipotese improvavel da produção ser das mesmas 100 arrobas, conviria dar o duplo do que foi estipulado, nos primeiros anos, baixando essa quantidade, a seguir, progressivamente, até o limite já fixado.

E agindo desta maneira o cafeicultor ficará em condições de auferir lucros imediatos, cooperando também para que as gerações futuras reconheçam que ele, nem sempre deixou atrás de si terras imprestaveis e privadas de sua fertilidade.

O POTASSIO

Com a adubação potassica, porém, não é possivel fixar uma regra tão rigida, como se procedeu a respeito, sobretudo, do fosforo. E por isso, a sua aplicação será tratada sob varios pontos-de-vista que comporta, pois assim se dará margem a que se trace a rota a ser observada no uso do potassio, como fertilizante, nos cafezais. E seja considerado, em primeiro lugar, o ponto a que se chegaria, se o assunto fosse ventilado apenas em face da lei da restituição. E para isto translade-se para aqui o quadro mencionado por Mac Clelland, em "Suggestion on Coffe Plating for Porto Rico".

ANALISE PARCIAL DO CAFE'

ELEMENTOS	3.880 kgs. de cerejas inteiras	1.000 kgs. café exportado proveniente dos 3.880 kgs. de cerejas	Pergaminho e polpa derivados dos mesmos 3.880 kgs.
Acid. Fosf.	3.974 ks.	2.897 ks.	1.077 ks.
Potassa	28.720 ks.	14.441 ks.	14.279 ks.
Azoto	23.856 ks.	16.800 ks.	7.026 ks.

A simples inspeção desses numeros mostra que 1.000 quilos de café exportados retiram do cafezal 14 quilos e 441 gramas de potassio calculado na forma, de oxido ou, convertendo-se a produção na unidade usual no meio agricola paulista, ressalta que 100 arrobas em grão carregam consigo 21 quilos e 661,5 grs. do mencionado oxido. Em números redondos 22 quilos, portanto, que, expressos em cloreto a 50 de K20 e sulfato a 48% se transformam, respectivamente, em 44 e 45 quilos e 833 grs.

Por conseguinte, o cafeicultor que, colhendo 100 arrobas por 1.000 pés, devolver a esse cafeeiro toda a palha e mais 44 grs. de clorureto ou 45.84 de sulfato de potassio, por arvore e por ano, pode afirmar, abertamente, que está agindo, no que concerne à lei da restituição.

Ponderar-se-á, porém, que este cálculo, para ser teoricamente exato, precisaria englobar o potassio, que é deslocado para as camadas profundas do solo, ficando, por isso, fora do alcance das raizes até do próprio cafeeiro. E' a pura verdade. Nas condições aqui ventiladas para adubação dos cafezais, esse argumento não tem a minima força pois foi previamente estabelecido que solos recebessem materia organica, a qual indubitavelmente, tem potassio e restabeleceria com sobra o deficit em registro. Contudo, se se quiser levar em consideração a proporção deslocada e, adimitindo-se que Deherain determinou em Grignon, ficará inteiramente sanado o desfalque, em terras com bom poder absorvente, juntando-se mais 5 quilos de oxido de potássio, por hectare e por ano. Ter-se-ia assim firmado que a adição de potassio seria realizada, à razão de 57 grs. de cloreto ou 59,5 de sulfato aproximadamente, por arvore, que produzisse um quilo e meio de café beneficiado, uma vez que a ela se devolvesse a palha.

Com isso, que é tudo o que se logra deduzir diretamente da lei da restituição e do deslocamento de potassio, força é convir que ficaram estabelecidos dois dados que servem para orientar a adubação potassica dos cafezais.

E, agora, seja encarada a questão a vista do que se sabe em relação ao aproveitamento do potassio que é fornecido como adubo. Em se tratando de vegetais cujos ciclos decorrem, por completo, em menos de um ano, considera-se que 50% apenas do referido fertilizante, por via de regra, são usados pelas plantas.

Ora, a ser admitido este criterio, muito embora seja bem conhecido que a percentagem de 50% fica sempre sujeita a largas variações, a quantidade de potassio, que foi aqui calculada pela lei da restituição, precisaria ser duplicada e seria expressa em 88 grs. de cloreto ou 91.666 de sulfato, por pé de café e por ano.

Sucede, porém, que o cafeeiro não é anual, devendo, portanto, aproveitar, a seguir, parte do que a principio não lhe serviu e, por outro lado, com bases em acertos de Fruwirt, permite que seja catalogada entre as plantas capazes de se valerem, em larga escala, dos fertilizantes potassicos. Por isso, e principalmente lembrando que as terras de São Paulo, onde as colheitas de café atingiram cifras enormes, não se assinalaram, geralmente, por demasiado teor em potassio, não admira que Dafert chegasse a afirmar que se o cafeeiro pôde apoderar-se do que o solo tinha daquele elemento, estava à altura de muito mais de 50% dos adubos potassicos, em presença de substancia organica. Sob este amplo aspecto afigura-se que não haverá erro em se admitir que, em emprego continuo, o potassio aproveitado será orçado em cerca de 75% do oxido ou em algo acima. E nestas condições cada cafeeiro receberia, anualmente, pouquissimo menos, 60 grs. de cloreto ou 62,5 de sulfato de potassio.

E extratando, em rápido esforço, o que foi dito, saltam em relevo os seguintes algarismos que, como altas balizas, orientam o emprego do potassio no cafeeiro quando se devolve, integralmente a palha aos cafezais:

Quantidade de potassio expressa em gramas, aproximadamente, por arvore e por ano:

DEDUZIDO DE	OXIDO	CLORETO DE 50 K20	SULFATO A 48% DE K20
Lei da restituição	22,00	44.00	45.84
Lei citada e deslocamento no solo	26,50	57,00	59,40
Lei citada e aproveitamento de 50% ...	44,00	88,00	91,67
Lei citada e aproveitamento de 75%	30,00	60,00	62,50

A vista disso, porém, é bom desde logo confessar que nenhuma referencia se fez a respeito do potássio que existe no solo. E assim se procedeu, com premeditação prévia. E' que, para jogar com o conteúdo do terreno nesse elemento, não se pode, em absoluto, generalizar, porquanto acontece, não raro, que nos solos cujas análises comuns lhe dão franco carater de rico, precisam desse fertilizante para proporcionar abundantes colheitas e outros, muito menos ricos, comportam-se de maneira justamente inversa. Por isso, já em 1921 Dumont propunha que se dosasse o potássio nas diferentes frações que são deslocadas pela análise fisico-mecanica para o julgamento dos terrenos e agora está entrando em voga, com o mesmo fim, o método de Neubauer baseado no cultivo do centeio, em pequenos vasos, e da análise posterior dessa planta, quando adquire determinado desenvolvimento, todavia, embora se alimente a mais fagueira esperança a proposito, principalmente, deste último método, convém recordar que Wiergner salienta que, por enquanto, se deve esperar pela farta e larga contraprova experimental, pois só depois disso é que os dados por ele fornecidos farão jus à segura confiança.

De passagem registre-se que o método Neubauer foi experimentado na "Luis de Queiroz" por Treischler, antes de quem quer que seja no Brasil. Outro método, o de Mitscherlich, divulgado em primeira mão, por Mello Moraes, em Piracicaba, há bem mais de vinte anos e agora ali reavivado por Pimentel Gomes e Malavolta, em virtude de grande renome que esse método está atualmente adquirindo nos Estados Unidos para a comprovação de deficiencia de potássio e fósforo nos solos, poderá servir de elucidação da adubação mineral do cafeeiro.

Por enquanto, precisa-se fizer que, no concernente aos solos, bem como no relativo ao modo pela qual reagem à adubação potássica, somente o proprio cafeicultor será o juiz capaz de avaliar a rigor o que constituirá o ideal para a sua propriedade agricola. E no seu caso especial, poderá talvez saber se está agindo certo ou não, tendo presente que os grãos de café provenientes de cafezais suficientemente providos de potássio são muito bem formados consoante já afirmava Dafert, em Campinas, e acaba de ser provado — após 10 anos consecutivos de experiencias, por Jac. Clelland em Porto Rico.

O AZOTO

O azoto tambem não oferece largo aso a que seu emprego nos cafezais se enquadre em molde único e inflexivel, como se faz com o fósforo e, por isso, convém, a principio, notar que, em São Paulo, quando as terras roxas acusam 0,18 por cento do mencionado elemento, as plantas nelas cultivadas e submetidas à acurada e continua observação não só patenteiam beneficiadas pelos compostos minerais azotados. E no concernente ao cafeeiro o que figura exato, salvo exceções locais, é que êle se mostra sadio e vigoroso dando elevadas colheitas, embora o teor em azoto do terreno em que se encontra, oscile entre 0,1 a 0,9 e contanto que tenha à sua disposição, os demais elementos de que necessita. E isto não deve causar estranheza, pois é suficiente lembrar que 0,98 representa, em solos com volume aparente de 1,34 a existencia de 3.618 quilos de azoto por hectare em camada de 30 cms. de profundidade. Servindo-se do mesmo cálculo e em terreno que, na Alemanha, possuia 0,096, 0,106 e 1,5 de volume aparente, Pffeifer registra 4.545 quilos do referido elemento, para igual área e idêntica profundidade.

Destarte, e recordando que Pffeifer julga ser impossivel com o concurso exclusivo de fertilizantes minerais a restauração do azoto naturalmente armazenado nos solos, e que, por outro lado, esse elemento assim armazenado supre as exigencias das colheitas, por demasiado lapso de tempo, não seria temeridade alguma dizer que nos cafezais onde a porcentagem do aludido elemento variasse de 0,1 a 0,08, uma incorporação de adubos, à razão de 100 grs. de salitre ou 80 de sulfato de amônio a 20 por cento, por cafeeiro, não proporcionaria grande margem a que fosse tachada de deficiente. E' que, com esta quantidade, oferecer-se-ia ao cafeeiro, em forma facil de ser aproveitada, a mor parte do azoto de que precisa, economizando-se tambem o que exista naturalmente nos terrenos ocupados pelos cafezais.

À medida, porém, que a porcentagem do azoto revelada pelas análises de terra entre a ser expressa em números menores, será indispensavel que se lance mão dos adubos azotados, em doses mais elevadas. E se outras considerações não pesassem na balança, resultaria, para colheitas de 100 arrobas por 1.000 pés, que (admitindo-se em 1.000 quilos de café exportavel [6,8 quilos de azoto, consoante os dados registrados por Jac. Clelland a adubação seria efetuada sob a influencia da lei das restituições e, na hipotese de se devolver integralmente a palha aos cafezais, à razão de 157 grs. de salitre ou 1266 de sulfato de amônio (cálculo aproximado) ou ainda em porção equivalente de outros fertilizantes azotados, por árvore e por ano.

E para a mesma produção de 100 arrobas por 1.000 pés julgando que o aproveitamento dos fertilizantes acima aludidos nominalmente seja apenas de 75 por cento, aconteceria que a quantidade, por cafeeiro, ascenderia a 210 grs. de salitre ou 168,0 de sulfato.

Contudo surge, para estes ultimos numeros uma pequena restrição que, por força, necessita ser posta em destaque: as doses de fertilizantes azotados minerais, quando não sejam diminutas, devem ser incorporadas aos solos, em duas vezes, no minimo. Facil seria a explanação do que serve de fundamento para que assim se proceda. Todavia, e como isso demandaria demasiado numero de minutos para ser debatido, seja permitido que, em abono do asseverado se diga apenas que é deste modo que age, sob conselhos dos mais renomados mestres do assunto, em todos os paises, onde se aduba, sistematicamente.

CALCIO E MAGNESIO

Por força não se poderá desprezar o calcio e o magnésio na adubação dos cafezais. O cafeeiro necessita desses elementos. Sem magnésio, não há formação de clorofila nos vegetais superiores. Esse elemento é componente que integra a complexa molécula dessa substancia verde que, nas folhas, ao lado de xantofila e carotina, constitui a sede da sintese da materia organica. Ademais, aparece nos frutos dos cafeeiros.

O calcio é também indispensavel às plantas, salvo excecões de vegetais inferiores. O cafeeiro dele se serve para seu desenvolvimento, precipuamente no que tange ao crescimento de suas raizes. Acontece, contudo, que o calcio tem papel saliente no combate à acidez dos solos. Por isso, será muito mais conveniente que se examine o que concerne em relação ao cafeeiro, mas em relação ao solo em que ele se encontra. Os cafezais se comportam bem se a acidez dos terrenos fica compreendida entre os indices pH 6 a 6,5, isto é, em proximo da reação neutra, que é pH 7.

Ora, o controle disso é facil. Serve para esse fim o metodo de Daikuhara, posto em voga no Brasil pela "Luis de Queiroz" ou o de Hopkins, etc. Ultimamente, Guido Ranzani, assistente da Cadeira de Química Agricola de Piracicaba, vem efetuando o controle da acidez com hidrato de calcio, chegando a obter curvas interessantes no confronto de dados de laboratorio como os obtidos nos campos em aberto. Por interpolação, obtêm-se resultados que se prestam para a aplicação do calcio nos solos acidos. E Guido Ranzani é dos que mais conhecem pedologia no Brasil.

ELEMENTOS MENORES

Pesquisas bem firmadas já revelaram que as plantas, além do azoto, potassio, fosforo, calcio, magnésio, etc., precisam para o seu desenvolvimento de diversos elementos minerais, em quantidades minimas. Por isso, esses elementos são designados por elementos menores ou em traços. A Cadeira de Química Agricola da "Luiz de Queiroz" já tem examinado o comportamento do cafeeiro em face da carencia desses elementos e pode assegurar que o zinco, se ausente, faz com que o cafeeiro apresente folhas pequenas, internódios curtos e, nas pontas dos galhos, um tufo de folhinhas cloróticas. O manganês, em deficiencia, provoca o amarelamento das folhas, como se fosse a conhecida carencia de ferro. O boro ocasiona a dormencia das gemas terminais e crescimento em seu lugar de ramos em leque e, por fim, o molbdemio acarreta clorose difusa.

Isso demonstra, à evidencia, que os cafezais só serão exuberantes, extremamente sadios, se os solos possuirem esses elementos menores. A sua ausencia induz disturbios fisiologicos no cafeeiro.

CONCLUSÃO

Não se tenha duvida que São Paulo aproveitando-se das conquistas cientificas que se referem ao emprego de fertilizantes minerais, não só dos classicos, mas dos chamados elementos menores não perderá jamais o seu penacho de maior produtor de café do Brasil. Para isso, é indispensavel cuidar ainda da incorporação simultanea de materia organica nos cafezais. Rolim Teles demonstrou que, com dejeções de galinhas, obtêm-se exitos esplendidos nas colheitas do café. E' a ressureição de fertilizante semelhante ao celebre guano do Peru. E Rolim Teles está certo no que executa em sua propriedade agricola.

E' bom não se esquecer de que o combate à erosão, agora posta em relevo, já era praticado com perfeição pelo eminente e inesquecivel paulista Carlos Botelho, bem assim por Martinho Egidio de Sousa Aranha, na fazenda Guatapará em Ribeirão Preto.

Os cordões de proteção às aguas de chuvas nos declives eram executados. Cordões de contornos e valetas coletadoras eram dispostos com maxima eficiencia pelos cafezais.

E por fim é forçoso lembrar que os cafezais de São Paulo foram plantados com a técnica de nossos maiores e chegaram a produzir até 400 arrobas por 100 pés de café. Vinte sementes selecionadas por cova e desbaste posterior. Diz-se que pseudos técnicos se rebelam contra isso. Ignorancia ou má-fé? Sem os conselhos deles, Francisco Schimidt se tornou criador de riquezas para o Brasil, plantando cafeeiros aos milhares. Desfrutava do titulo de Rei do café com justiça. Agora é substituido por Lunardelli que pratica a cafeicultura nos moldes do padrão apontado. Orgulhem-se, portanto, do que eles fizeram e fiquem quietos para o bem do Brasil.

CIA. PRODUTORES DE ARMAZENS GERAIS
Av. Governador Manoel Ribas s/n.
Caixa Postal, 172
End. Telg.: "Produtores"
Paranaguá - Est. Paraná

40 ANOS de especialização em
ENCERADOS
são uma garantia para o comprador!
Nossa longa experiência no ramo e nosso amplo estoque facilitam a escolha do encerado exatamente indicado para cada serviço — com a segurança de oferecer o que há de melhor!

PREÇOS DE FÁBRICA
Consultem-nos sem qualquer compromisso
ALMEIDA LAND S. A.
COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO
MATRIZ: Rua Florencio de Abreu, 663 - Rua Washington Luiz, 43
Fones: 32-1622 32-1625 e 36-6686
FILIAL: Av. Duque de Caxias, 90 - Fone: 52-6525
(entre o Largo do Arouche e a Av. São João) - São Paulo
Norton 5.204

O PODER POLI[illegible] CAFE

ESQUEMA PARA UM ENSAIO

CANDIDO MOTA FILHO

EM 1930, o café pacifico e tranquilo, que se mostrava em lavouras alinhadas e disciplinadas, foi promovido a general. A ele foi atribuido, mercê da crise de 1929, a vitoria da revolução chefiada pelo sr. Getulio Vargas. Não queremos dizer aqui se essa promoção foi justa ou injusta. Mas ela serviu para acentuar, mesmo com seu unilateralismo economico, como numa civilização cafeeira, que o café possui um respeitabilissimo poder politico.

Porque havia os que sustentavam tese oposta. O café, pelo processo facil de sua cultura, era um eliminador do espirito de luta. Abrindo caminho sem dificuldades, despertava o horror às grandes lutas. Não possuia, portanto, nenhuma das caracteristicas da psicologia militar. No fundo, o fazendeiro de café era como um nostalgico pastor primitivo, a vigiar, sem inquietações, o seu imenso rebanho vegetal. Assim, quando nos aproximavamos de 1932 e já se falava de um possivel movimento paulista, ouviamos esta frase que, no momento, nos ferira profundamente: — "O café não forma soldados e, muito menos, revolucionarios. Forma tão só os frequentadores do Automovel Club!"

Influencia positiva ou negativa, força é convir que sempre existiu essa influencia politica do café. E' verdade, entretanto, que com ele, no plano politico, não encontramos a predominancia dos fatores negativos, senão dos positivos. A formação e manutenção das fazendas de café, o sistema economico e financeiro que elas exigiram, a formação de cidades e de tipos sociais que elas permitiram e animaram chegaram até a transfigurar a concepção pouco animadora da civilização tropical.

O café, na sua aparencia acomodada, vem influindo decisivamente, não só pelo seu cultivo como tambem pelo seu consumo. A partir do seculo XIV, ele aparece na Europa como uma infusão tentadora. Era algo de excentrico provindo dos misterios asiaticos. Porém, aos poucos, vai ganhando fama. Sabia-se que ele se tornara na Persia, que Montesquieu humanizara, uma bebida vulgar, mas que, apesar de sua vulgaridade, trazia, em si mesma, um certo sabor demoniaco.

Uma lenda a esse respeito propagou-se pela zona mediterranea: — Um pastor, paciente e nostalgico como todos os pastores, notára a vivacidade de suas ovelhas cada vez que comiam, na pastagem, pequenos frutos de uma pequena arvore repolhuda, que seria o café. Fazendo uma infusão com esse fruto, o pastor, depois de bebê-la, encontrára a alegria na vida.

A lenda era uma forma de contar a verdade, porque o Oirente dava o seu testemunho sobre a influencia do café no espirito do homem. Na Arabia, quando ele começa a ser aceito, tem tal poder de sedução, modifica de tal modo o comportamento humano, que começa a ser visto como uma bebida pecaminosa contraria ao Alcorão.

No velho Cairo, o café entrara com todas as fascinações do pecado. E em determinado momento, isto por volta de 1534, diante da campanha que lhe movem sacerdotes maometanos, são destruidas impiedosamente as casas que o vendiam. O mesmo acontecera em Constantinopla onde surgira, às escondidas, como uma irresistivel e saborosa tentação infernal.

Mas o café, ao contrario do que diziam os temerosos de seu poder sedutor, não era uma bebida de perdição. Ele avivava a inteligencia. Ele restaurava a força dos exaustos, punha de pé os doentes combalidos. Houve contra o café impostos proibitivos. Houve conflitos a ponto de ameaçar a ordem publica. Mas foi sobrepondo-se a tudo isso. E com essa tradição de luta, como que marcado por um genio subversivo e espantoso, o café entra na Europa cristã, vencendo as campanhas dos moralistas, dos vinhateiros e cervejeiros.

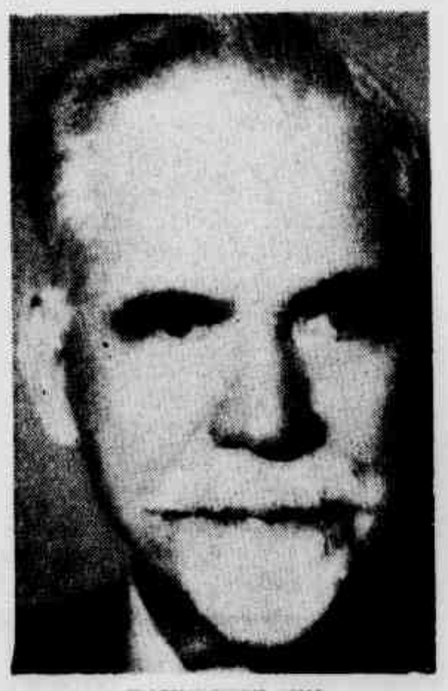
A partir de 1670, o café já participa de todas as decisões importantes. E' pretexto para graves discussões filosoficas e religiosas e para ataques frontais aos reis por direito divino, como os que foram feitos a Carlos II da Inglaterra.

ALIADO DA INTELIGENCIA

Tornou-se tempos após a bebida propicia às confidencias e conspirações. E Paris inaugura seus cafés famosos, frequentados por intelectuais, politicos e revolucionarios.

No seculo XVII, o café deixára de ser um privilegio dos habituais da "Virginia Coffee-House" ou da Embaixada de Mahomet IV, junto à Côrte de Luiz XIV, onde o exotico Solimão Aga o fazia servir em maravilhosas xicaras de porcelana. O povo tomára gosto pela bebida e era ele que animava, no Café Procopio, em Paris, as conjeturas e planos de Diderot e Rousseau.

Os beberrões saiam pelas ruas cambaleando e, desregrados pelo alcool, chegavam, não



WASHINGTON LUIS

raro, ao desespero e à loucura. O café tem uma atuação diferente. Mostra-se, antes de tudo, um poderoso aliado da inteligencia. E como aliado da inteligencia é com a sua aceitação, que se proclamam as virtudes do intelectualismo. Quando, em nossos dias, o sociologo Lewis Munford acentua, em obra notavel, a influencia da maquina nos rumos da civilização moderna e mostra que ela, antes de aparecer como vontade de poder nas usinas, já se fazia sentir nos mosteiros, esquece-se de que inventores da maquina bebiam café. A economia burguesa que surge nos lances das grandes empresas maritimas e nos centros comerciais, cresce e se amplia por entre goles de café. Para suportar a luta que travára para a formação do federalismo americano, Madison, o pai da Constituição, bebia café. E conta-se que o argumento de Washington para mostrar a Jefferson as vantagens do sistema bicameral, foi o de esfriar o café quente da xicara no pires.

Torna-se pois o café, vencendo todas as resistencias, uma bebida incomparavel, ideal dos conciliabulos politicos prolongados e dificeis, a bebida que faz o homem cordial, designativo feliz que encontrou Buarque de Holanda para o homem brasileiro.

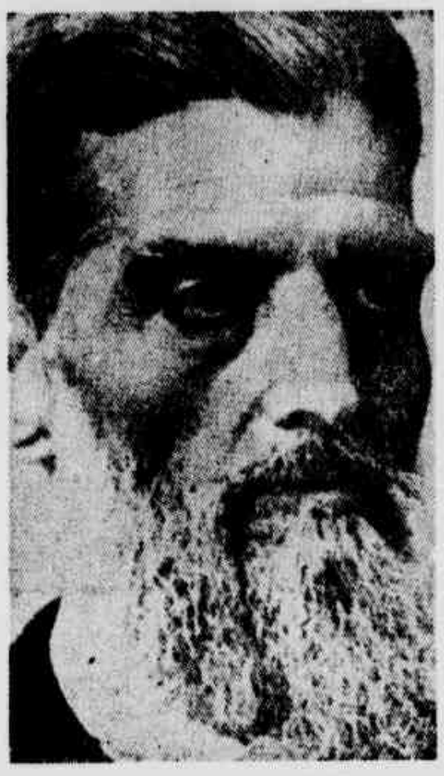
O homem brasileiro, como homem cordial, desconheceu a cultura do trigo. Cultivou superficialmente o vinho como uma aventura. Na sua ampla e desconexa economia rural, o Brasil passa do periodo da cana de açucar para o periodo do café. E esse periodo do café, que suporta até hoje, todas as inconsequencias da economia brasileira, é o que vai dar estilo organico à vida politica do país.

E' a solução para um país empobrecido e esgotado, antes de alcançar sua independencia. Na vastidão tropical, a terra é dificil e rebelde, as aguas são excessivas, as matas são excessivas, a seca é excessiva, e nessa vastidão, o café é um conquistador admiravel, que vai vencendo as distancias. Quando ele começa a aparecer alinhado e cuidado, em certas chacaras do Rio de Janeiro, ainda vinha com cheiro de planta exotica e pecaminosa, recomendavel, quando muito e com muito cuidado, como medicamento.

SENHOR DE S. PAULO

Por esse tempo — 1817, o país se estremecia nas primeiras guerras libertadoras, enquanto que, pelo trabalho do braço escravo, o açucar era a razão de ser da agricultura latifundiaria, a principal fonte de renda do país.

O engenho e a casa grande configuravam o Brasil rural. Mas a casa grande não se separava da senzala, isto é, de um milhão e quinhentos mil escravos importados, que viviam



PRUDENTE DE MORAIS

em terras do senhor de engenho, de sua familia e de sua prosapia.

Mas, no sul, principalmente na provincia do Rio de Janeiro e em S. Paulo, onde as condições climaticas e geofisicas são outras, o dinamismo da penetração bandeirante, não encontra mais os antigos pretextos e se volta, robusto e surpreendente para a exploração de uma nova riqueza agricola. O café das chacaras do Rio e das chacaras de Jundiaí, está agora no vale do Paraíba e em Campinas, fazendo recuar, por toda parte, as culturas do açucar. Em 1885, o fazendeiro era senhor do café, e o café senhor de S. Paulo. Em nome dele vinha o colono estrangeiro, derrubavam-se florestas e fundavam-se cidades. Era com ramos de cafeeiro que D. Pedro I mandava enfeitar os bonés e as espingardas de seus soldados.

O café aparece no ciclo economico da independencia do país. Uma monarquia constitucional e representativa que desde logo, se integra no regime parlamentar à maneira da Inglaterra, sofre, naturalmente, as consequencias do artificialismo politico. As populações das cidades não tinham ainda alcançado grau necessario de maturidade. A forma organica e eficiente de apoio estava nos vastos dominios rurais. No Estado do Rio, pelas bandas de Vassouras, seguindo o Paraíba e em São Paulo. Chama a atenção para esse ponto, Oliveira Viana, em suas "Instituições politicas brasileiras", quando escreve: "Leia-se, por exemplo, a historia do Municipio de Vassouras (Rio de Janeiro), com a sua larga e constante atuação nas lutas regenciais e as suas representações famosas contra o projeto de lei na Camara dos Deputados. Leia-se e ver-se-á que todos estes "movimentos", ditos democraticos ou liberais, eram exclusivamente provocados pela aristocracia dos grandes cafesistas da terra fluminense, da "nobreza" daquela localidade prospera e vibratil: — os Campos Bello, os Paty de Alferes, os Ubá, os Duas Barras, os Correia e Castro, os Teixeira Leite, os Rocha Werneck, os Leite Ribeiro — gente de prol, grandes senhores feudais que entravam no cenario politico sempre assistidos de consideraveis parentelas e de uma coorte de homens acontiados".

AR DE FAMILIA

A fazenda era uma organização autarquica e, consequentemente, um quadro de ensinamentos visiveis. A organização iniciante do país, como se podia verificar, tinha esse apoio robusto. Era, como acentua Oliveira Vianna, lembrando Halbwachs, de condições muito rudimentares, não passava de uma multiplicidade de feudos autonomos — cujo modelo nos era dado, pode-se dizer, ao Sul, pela "Fazenda de São Bento", dos padres Jesuitas e, ao norte, pelos "engenhos reais", tais como nô-los havia escrito Antonil, nos começos do seculo III".

A fazenda de café que se organizava, ampla e abastada, dava a impressão de uma baronia feudal. Havia dentro dela, um sentido atuante de comunidade. A fazenda devia produzir café, mas tambem produzir tudo ou quase tudo que seus habitantes necessitassem. Por isso chega a ter aquilo que as cidades não têem. Ao contrario da instabilidade urbana, com uma população oscilante e de passagem, a fazenda de café é a estabilidade e a ordem. Forma-se um tipo social com um visivel "ar de familia". Todos ali se conhecem e mantêm um quadro de valores exatos. Cobrindo, dominadoramente, imensa região do planalto meridional, as fazendas abrem na historia, ao mesmo tempo, um sentido de liberdade e de responsabilidade. Um viajante português, que visita uma delas, no meado do IV seculo, fica impressionado com a abundancia de produção. "E' o pomar a primeira coisa que o surpreende, "um belo jardim com suas colmeias, hortas e frutas, cercado por uma extensa parreira". Depois do pomar, os diversos engenhos da fazenda. Primeiro, o de café: — um verdadeiro e magnifico engenho". Depois, o de moer milho: — "tambem provido pela queda d'agua, para consumo da familia e gente de trabalho. Em seguida, o engenho de farinha: — que rala, tornando em massa a raiz da mandioca, e move a farinha no torrador". E o descascador de arroz movido tambem a agua. E a grande mó, que serve para extrair da mamona o azeite, "empregado para a iluminação da fazenda e outros misteres variados" (Correia Junior — Viagem à Fazenda de Santa Fé, 1869).

A fazenda é assim um ponto de apoio. Quem nela vive, vive. E daí a maxima dos fazendeiros fluminenses e paulistas: — "Nesta casa só se compram ferro, sal, polvora e chumbo". Dentro dessa independencia economica, dessa ordem e dessa abastança, forma-se uma concepção de vida que vai realmente refletir na direção politica do país. Na Côrte se fazem ouvir os experimentados senhores rurais. Eles vivem de experiencia e mandam seus filhos estudar em Coimbra ou nas Universidades Inglesas. Depois os remetem para a Academia de Direito de São Paulo e do Recife.

ORDEM RURAL

Se pudessemos contar tão só com as massas urbanas, em 1824, quando foi outorgada a nossa primeira Constituição, poderiamos dizer que a organização politica do país seria um fracasso e cairia naquela terrivel "anarquia dos mandões", a que se referia Rui Barbosa. Porém, a monarquia constitucional encontra uma ordem rural para prestigiá-la. A impressão que dava era de que havia um poder unico, o Imperador, porque os senadores os deputados gerais e os deputados provinciais saiam das urnas, por indicação do Imperador. No entanto, havia essa força formidavel, influencia da gleba, determinando o criterio da escolha. Só assim se poderia vencer a "apatia e indiferença das grandes massas da população" a que se referia Francisco Belisario, em seu livro "O regime eleitoral do Imperio". Henry Koester, dando sua impressão, sobre a vida do fazendeiro, escreve algumas linhas que se aplicam aos proprietarios das fazendas de café no Estado do Rio e em São Paulo: — "O grande poder do agricultor, diz ele, não somente sobre seus escravos, mas se distende sobre as pessoas livres das classes pobres; o respeito que os barões exigem dos moradores de suas terras; a assistencia que recebem dos rendeiros em caso de insulto por parte de um vizinho igual; a dependencia dos camponeses e o seu desejo de ficarem sob a proteção particular de um individuo rico, que seja capaz de livra-lo de toda a opressão e de falar em sua defesa ao Governador ou ao juiz; todas essas circunstancias se combinam para fazer a similitude ainda mais flagrante (com o regime feudal europeu). Eu mesmo senti o poder que me caira das mãos. Reunira um numero vultoso de trabalhadores livres: — e a propriedade é respeitada milhas a derredor."

A crise ocasionada, no crepusculo da monarquia, com a supressão do braço escravo, poderia realmente ter conduzido o país a uma situação anarquica sem remedios. Não havia providencia alguma do poder do Estado que pudesse contorna-la. Criara-se, com a supressão da escravatura uma situação ruinosa que provinha da imprevidencia oficial. Mas o fazendeiro paulista possuia uma organização e um espirito de organização. E é dele que parte principalmente a iniciativa de atrair o braço livre estrangeiro. Pouco depois, surgiu a Republica. Eduardo Prado, com o seu ardor polemico e sua entranhada convicção monarquica, escreveu então (Micelaneas) que a Republica era uma vingança dos fazendeiros, inconformados com o ato liberal do Imperio, pondo termo à escravidão. Os republicanos histericos estavam a serviço do reacionarismo rural e desumano. Mas não era essa a realidade. Os proprios fazendeiros sentiam o artificio em que viviam e tomavam providencias para extingui-la. Não viam, como muita gente da Côrte via só uma ameaça ao direito de propriedade. A campanha abolicionista era levada principalmente pelos republicanos, por politicos fazendeiros e filhos de fazendeiros. Pois a Republica não nasce em Itú? O saudoso José Maria dos Santos, escrevendo sobre os republicanos paulistas e a abolição, chegou a acentuar: — "que a velha Itú, com o seu ar todo fazendeiro e titular do Segundo Imperio, chegou a fazer-se sede de um dos acontecimentos que mais concorreram para o descredito e destruição da monarquia no Brasil". E esse publicista quer saber qual o motivo pelo qual foi Itu escolhida para a reunião da convenção republicana. Foi o café. O café, que tambem se desenvolvera com o braço escravo, era, entretanto, um esforço do Brasil independente. O escravo era uma necessidade dolorosa que o passado legara à vida rural. Mas, mesmo assim, "entre as provincias do Imperio, S. Paulo nunca chegou a ser aquela de mais numerosa escravatura", diz José Maria dos Santos. Oliveira Viana, dá como tipo exemplar do grande fazendeiro o da familia Almeida Prado. Um Almeida Prado, José Vasconcelos de Almeida Prado, depois de formar a guarda avançada do Club Radical, é quem expõe suas idéias modernas e libertadoras, inspiradas no que vira nas viagens que fizera à Europa. Campos Sales vinha da gleba. E Bernardino de Campos, desde que se instalara no no campeão do abolicionismo. A Republica era a livre iniciativa, era a autonomia das provincias, enfraquecidas e desmoralizadas pela centralização crescente. Era a debilidade da lavoura cafeeira, que já era uma afirmação de ordem e construção. Quase todos os propagandistas de São Paulo provinham da vida rural. Eram filhos ou netos de fazendeiros. Prudente de Morais, advogado em Piracicaba, representava uma das familias mais antigas e mais notaveis da aristocracia agraria, da Provincia. O seu irmão Manuel de Morais Barros, que promovera um telegrama aderindo ao manifesto de 70 era fazendeiro e possuia vasta escravaria. Glicerio e Jorge Miranda eram fazendeiros. Americo Brasiliense era, por muitos titulos, ligado à aristocracia rural paulista.

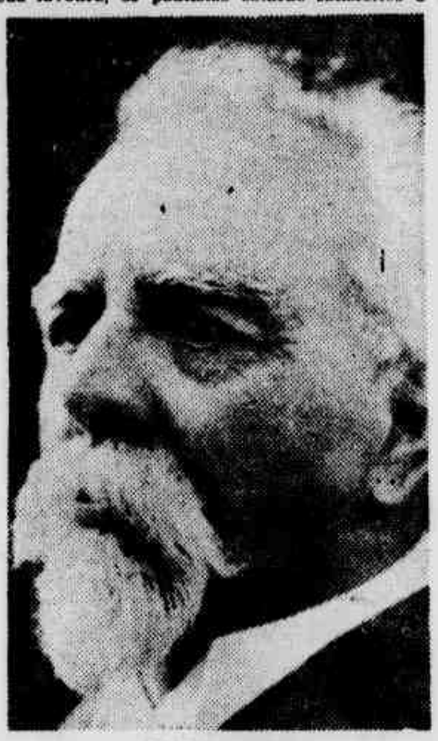
CENTROS DE CONSPIRAÇOES

Eram homens dessa estofa que se reuniam em Itú. Mas Campinas, com suas opulentas fazendas, alimentava tambem o republicanismo, principalmente a partir de 1873. As fazendas eram centros de conversas, de planos e de conspirações. Depois de 1882, faz-se a campanha abolicionista em São Paulo em moldes verdadeiramente revolucionarios. "Antonio Bento, como escreve José Maria dos Santos — perdendo completamente a fé nos processos legais, ante a resistencia conservadora apoiada no sistema eleitoral de base economica, entrou a promover simplesmente o abandono das fazendas pelos escravos". Esse aspecto abre os horizontes e revela um futuro inseguro e tragico. Os deputados republicanos eleitos, num banquete realizado no teatro São Carlos, em 1882, estabeleciam por isso, como base de orientação, preparar o país para reformas economicas e politicas a fim de que a lavoura "possa obter braços com facilidade".

Basta considerar-se a posição de Campos Sales no Parlamento nacional, quando se discute o problema servil. Como poderia ele facilitar com o seu voto a emancipação, se representa um dos distritos agricolas mais importantes da provincia? Interrogado a esse respeito pelo deputado Dantas Filho, procura assumir uma posição de firmeza e equilibrio: "Visto que o nobre deputado faz referencia a essa circunstancia, aliás verdadeira, eu devo acrescentar que, na circunscrição eleitoral que represento, a grande maioria, senão a totalidade dos eleitores, tem seus interesses vinculados à lavoura, e, por isso, julgo-me autorizado a dizer que represento aqui os votos dos proprietarios".

Falando em "proprietarios" e, portanto "em senhores de escravos", Campos Sales, entretanto, era republicano e almejava solução para o problema servil.

O movimento republicano não era puramente romantico e fora da realidade, como se chegou a dizer. Era conduzido, isso sim, por uma visão antecipada dos males monarquicos. A escravidão, quando ele surgiu, traduzia a crise do trabalho e, portanto, a crise da lavoura de café. Prudente de Morais, no tempo do projeto Dantas, companheiro de Campos Sales, diz da tribuna do Parlamento: — "Os paulistas não fazem resistencia, não fazem questão disto, do que eles fazem questão seria e com toda a razão, é da substituição e permanencia do trabalho e desde que o governo cure seriamente de empregar os meios que facilitem a substituição do trabalho escravo, desde que facilite a aquisição do braço livre, que garantam a permanencia do trabalho, a conservação e o desenvolvimento de sua lavoura, os paulistas estarão satisfeitos e



CAMPOS SALES

não farão questão de abrir mão dos seus escravos, mesmo sem indenização, porque para eles, a melhor, a verdadeira indenização está na facilidade de obter trabalhadores livres, está na substituição do trabalho..."

E acrescentou altivo e tranquilo, por entre aplausos e protestos: — "O Brasil não caminhará desassombrado para o futuro de grandeza e opulencia a que está predestinado, enquanto os seus movimentos forem embaraçados pelas peias da monarquia e enquanto no seu solo a planta só crescer regado pelo suor e pelo sangue do misero escravo."

Depois de 13 de maio, como o proprio Joaquim Nabuco estava convencido, a Republica estava vitoriosa. E São Paulo com os seus cafezais, estava preparado para ela, porque compreendera, em tempo que o café dependia antes de tudo do trabalho livre.

REPUBLICA, CAFE' E PROGRESSO

A República cresceu em torno da ordem cafeeira. As lavouras, pela organização que tinham, animavam o progresso e não permitiam a desordem. Sob o influxo do cafe, que se torna, principalmente em S. Paulo, um dos fenomenos econômicos mais impressionantes do mundo, aprimora-se, no país, a técnica da civilização, os meios de transportes e os elementos de conforto e, com isso, a fazenda se integra na vida comum e o homem da gleba se confunde com o homem da cidade. Para servir à zona cafeeira, por iniciativa de Mauá, constrói-se a Estrada de Ferro D. Pedro II. Como conclui Fernando de Azevedo, "à organização latifundiária e escravocrata, alicerçada sôbre o instituto social da escravidão e praticada segundo métodos empiricos, sucedeu um sistema capitalista de exploração agricola, fundada sôbre o trabalho livre e duplamente desenvolvido pela aplicação à cultura do café, de processos técnicos e pelo enriquecimento do sistema de viação e de transporte". "A expansão cafeeira, escreveu Roberto Simonsen, verificada no vale do Paraíba e, em maior escala no planalto de S. Paulo (o que fez de Santos o maior porto mundial de exportação), constitui um dos maiores cometimentos agricolas de todos os tempos..."

A civilização cafeeira cria, naturalmente, uma politica sob a influência do café. O café é a preocupação da República, porque é êle a riqueza nacional. Ele não só estimula e exige o progresso, não só facilita a cultura, como também influi no comportamento político pelo seu valor de estimulante econômico e de estimulante individual. E, de qualquer forma, um criador de energias e um formador de quadros politicos ordenados, numa América semi-pastoril desordenada e acaudilhada. Ela não se consome na vida rural, mas fomenta o desenvolvimento dos centros urbanos e é o germe fecundo de uma vida nova, diferente da vida rural.

Graça Aranha, em Paris, em companhia desvia-se dos terrores da guerra civil. O "coronel" do interior, isto é, o fazendeiro e o "bacharel" da cidade, isto é, o filho do fazendeiro, traçam as diretrizes da vida politica.

Graça Aranha, em Parisi em companhia do monarquista Joaquim Nabuco, na sua preocupação de desvendar os rumos nacionais, explica o extraordinário progresso paulista, caminhando de um sistema agrário para uma audaciosa organização industrial pelo tipo de homem politico que criou através da lavoura do café.

De fato, ela que deu numerosas figuras que se notabilizaram no Parlamento monárquico, quando o café sediava-se no Estado do Rio, oferecia na República, não só suas figuras fundadoras, como também os pioneiros de sua indústria. Charles Morazé, no seu livro "Les trois âges du Brésil", intitula o capitulo que estuda a ascenção de S. Paulo, através de suas fazendas e dos negócios urbanos do café, — "La République des proprietaires". Campos Sales, aliás, se dizia, como republicano, em pleno parlamento monárquico, que era o representante dos "proprietários". O sentido da propriedade porém tinha para a vida politica do país, o mesmo sentido que lhe deram os americanos e os fundadores da República, em França, em 1879: sem o direito de propriedade não há liberdade!

O govêrno seria então, o "mínimo de govêrno e o máximo de iniciativa". A ordem seria uma consequência da liberdade de organização. Quando, em 1902, se reunem, em Petrópolis, os fazendeiros de café, para cuidar da defesa do produto, o govêrno está alheio a essa reunião. Mas, dentro em pouco, essa intervenção se faz, com grande sucesso, com o famoso Convênio de Taubaté, no govêrno de Jorge Tibiriçá, em S. Paulo. Essa intervenção é, entretanto, inspirada no dever que tinha o Estado de socorrer a lavoura e de assegurar a livre expansão da mesma. Já em 1906, na mensagem que dirige ao Congresso, o presidente Rodrigues Alves aceita a tese intervencionista. "Ponderando, diz Rodrigues Alves, nessa situação dificil, o Congresso não hesitou em consignar na lei do orçamento, em vigor, uma autorização contendo as medidas reputadas suficientes para a solução de todas as dificuldades do momento. Por força dessa lei, o govêrno está autorizado a entrar em acôrdo com o dos Estados cafeeiros para regular o comércio do café, promover a sua valorização, organizar e manter um serviço regular e permanente de propaganda com o fim de aumentar o seu consumo, podendo endossar as operações de crédito necessárias para êsse fim, observadas certas condições".

LIVRE INICIATIVA E INTERVENÇAO

Dentro dêsse critério, o intervencionismo continua no govêrno Afonso Pena, prossegue no govêrno do marechal Hermes e alcança o seu apogeu no govêrno Epitácio Pessoa. Este presidente, na mensagem que dirigiu ao Congresso em 1922, podia dizer: "A situação da lavoura era das mais alarmantes. A queda simultanea do câmbio, com o encarecimento da massa total da importação, aumentava cada vez mais o desiquilíbrio da balança do comércio exterior. A economia geral do país começava a ressentir-se profundamente. O govêrno entendeu que lhe cumpria acudir ao nosso principal produto e resolveu intervir no mercado.

Por êsse tempo os efeitos desorganizadores da guerra mundial de 1914 se faziam sentir. Não era mais possivel recuar. O presidente Bernardes prossegue, portanto, na defesa oficial do produto.

Em 1929, apesar de todos os esforços, a crise se avoluma no horizonte, como uma tempestade. Na mensagem dêsse ano, do presidente Washington Luis, percebia-se a dificuldade que se avoluma. E na que enviou ao Congresso, em 1930, sentia-se já envolvido por essa tempestade, escrevendo: "Continuam a imperar e de modo formidavel, as consequências terriveis da grande guerra que, durante anos, abalou profundamente o mundo civilizado. Todos os povos querem refazer a sua situação econômica e financeira e, para êsse fim, diminuem inflexivelmente as suas despesas, reduzem o seu consumo, e o que é de notar, procuram produzir o que consomem".

E acrescenta, de forma dramática: "Os Institutos de Defesa fizeram os adiantamentos até os seus extremos recursos; os bancos, em geral, socorreram a agricultura, fazendo as operações mercantis com desassombro, até além mesmo das prudentes normas bancárias. Tudo, porém, tem limite e a crise cafeeira chegou ao seu, produzindo-se então verdadeiro pânico. O pânico não se explica, constata-se. E' inútil examiná-lo, estudá-lo, descrevê-lo. Só há que informar que êle se verificou com todas as consequências desastrosas, com todos os prejuizos que formam o seu sinistro cortejo habitual, influindo dolorosamente sôbre toda a vida nacional".

Não demorou para que, com os frutos dos desentendimentos havidos na sucessão presidencial, a revolução marchasse do sul e do norte do país para conquistar o país economicamente em colapso.

Vitoriosa a revolução, podia o sr. Getulio Vargas, em discurso que pronunciou, em Ribeirão Preto, em 22 de julho de 1938, falar, diante dos produtores de café, na mudança do eixo econômico. E explicar: "O colapso de 1929 processou-se em quadros mais vastos e complexos. Era lógico e inevitável. S. Paulo, no segundo decênio dêste século, transformara-se em núcleo preponderante do progresso do país; a sua evolução do patriarcalismo econômico para o regime complexo da produção de concorrência decorrera rapidamente, adquirindo equilíbrio surpreendente e promissor".

"Quando chegavamos ao ponto mais alto dessa ascenção, desencadeou-se a catástrofe, com o seu cortejo de sintomas alarmantes".

Esse govêrno aparecia assim como filho dileto de uma catástrofe. E é êle que inicia a nova fase do intervencionismo do Estado, para o Estado. Vai se extinguindo, dai por diante, "a República dos proprietários". Proíbe-se o plantio de novos cafeeiros e se destroem as sobras pela incineração, mediante o pagamento pelo govêrno de uma irrisória "quota de sacrifício", que não dava para cobrir o custeio do produto.

Surgem os aparelhos oficiais. O Conselho Nacional do Café passa, em 1933, a ser o Departamento Nacional do Café. Depois, a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil. Mas, o govêrno não se contenta com isso. Todas as iniciativas devem partir dele e de mais ninguem. Em 1933, cuida, oficialmente, da melhoria do produto, criando, no Ministério da Agricultura, um Serviço Técnico do café. Em consequência surgem pelo país usinas destinadas ao despolpamento, secagem, beneficio e rebeneficio do café, que se situam em Padua, Bom Jardim, Miracena, Laje, Natividade, Itaperuna, Monte Verde, Santa Barbara, Santa Maria Madalena, S. Francisco, Santa Teresa, Cordeiro e Entre Rios, no Estado do Rio. As usinas centrais de Ipauçu, Botucatu, Piraju, Santo André, Pi

RODRIGUES ALVES

rajui e Birigui, em S. Paulo; as de Carangola, Ponte Nova, Leopoldina, Muriaé, Manumirim e Coronel Pacheco, em Minas Gerais.

Aos poucos, com essa subordinação do proprietário ao Estado, com essa burocratização da politica cafeeira, o quadro politico é completamente outro.

A definição do regime torna-se ambigua e indefinida. Não há mais tipos politicos capazes de assegurar, como na monarquia e na república, a ordem, o equilíbrio social e a liberdade. Num manifesto ao povo paulista, Luis Carlos Prestes, em meio da confusão geral, acha então oportuno proclamar: "Ao dirigir-me ao povo paulista, avalio bem, como comunista, o papel que S. Paulo está destinado a desempenhar na vida democratica, no sentido da qual nossa Pátria dá os primeiros passos. Em S. Paulo se encontra o mais numeroso proletariado do Brasil; em S. Paulo se concentra a massa camponesa mais numerosa e também importantes forças politicas e econômicas da burguesia nacional". E afirma ainda o chefe comunista:

"Não foi, portanto, por acaso que a quintacoluna e a reação tentaram fazer de S. Paulo o centro de suas atividades criminosas. Em S. Paulo os espiões e sabotadores organizaram, aproveitando-se das restrições que um regime de opressão impunha ao povo, a sua máquina ainda não destruida, visando ontem impedir a nossa participação ao lado das Nações Unidas e hoje lançar o país na aventura de golpes e no cáos".

A FERROVIA QUE VENCEU A SERRA DO MAR

Representou o papel de maior destaque no transporte da grande riqueza de nosso país

A Estrada de Ferro Santos a Jundiai e o escoamento das safras cafeeiras paulistas — Sua contribuição — Conquistando divisas para o Brasil — A história da antiga São Paulo Railway

A Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, desde sua fundação em 1864 até nossos dias, esteve sempre ligada intimamente ao desenvolvimento da economia do Estado. Constituindo o escoadouro por excelencia da maior riqueza nacional — o café.

Sua posição, ligando o maior porto cafeeiro do mundo, a S. Paulo e fazendo junção com duas das principais ferrovias do país em Jundiaí — Sorocabana e Paulista — e através desta ultima com a Mogiana, Araraquara, E. F. Goiás e Noroeste — coloca-a em situação privilegiada no que tange aos transportes das grandes zonas agricolas do Estado.

A posição estratégica da ferrovia não é só responsavel pelo progresso que experimenta a cada ano que passa, através da constante preocupação em acompanhar o vertiginoso ritmo de progresso de S. Paulo, como tambem constitui motivo para colocá-la entre as primeiras estradas de ferro do país, apesar de possuir apenas 139 quilometros de linha dupla.

Assim a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí tem sido sempre, sem duvida, o fator mais importante na ligação da capital ao porto de Santos e às mais distantes regiões paulistas. Da mesma forma que o Tietê representou a via de conquista dos bandeirantes das mais selvagens regiões, a Santos a Jundiaí serviu, na segunda metade do seculo passado, de elemento positivo na formação da economia do Estado, representada, principalmente, pelo café.

Recebendo em Jundiaí os mais variados produtos, ela ultrapassava a capital paulista indo deixar nos trapiches e armazens de Santos cargas valiosas. Marchava ao encontro do mar, fomentando uma economia ainda incipiente, que aos poucos foi crescendo e se transformou na base de nossa riqueza.

Sua historia é a propria historia da grandeza do café. Serviu-o em todas as ocasiões. Participou de suas grandes épocas e de suas crises. Como o café, jamais sentiu a ameaça de extinção.

Vista parcial de um grupo de casas para empregados, construido pela Estrada em Jundiaí

Superou todas as dificuldades nos 90 anos de sua existencia e hoje constitui um dos patrimonios mais caros do país.

xxx

Todos aqueles que se serviam da antiga "Inglesa" para o transporte de suas mercadorias, encontraram-na sempre em condições de satisfazer esse transporte com plena garantia e segurança.

Marchou ela sempre paralela aos progressos do Estado e jamais teve quem a superasse no desenvolvimento de novas realizações em favor de uma coletividade que venceu uma etapa da vida economica nacional, marcando um mundo de glórias que hoje tem seus reflexos estampados no poderio economico da nação.

Sua posição entre as estradas de ferro do país foi sempre de realce, não só pela sua formação historica, mas tambem pelo crescente progresso que é dado vêr a cada ano que passa. A Santos a Jundiaí, superando a Serra do Mar, deu a S. Paulo um porto, e esse porto deu ao Brasil o maior escoadouro de café do globo.

Assim, foi a grande ferrovia, legitimo patrimonio historico e economico da Republica, que auxiliou efetivamente o escoamento do café que vinha da Mogiana, Paulista, Araraquarense, e outras regiões do Estado num sentido mais amplo, mais significativo ou seja da transformação do produto em divisas.

Sua participação na evolução da lavoura cafeeira do país foi por demais importante. Lançando no porto de Santos o produto da terra, conseguiu ela um vasto patrimonio que hoje não encontra rival.

Na luta diária de levar o produto da terra e trazer o manufaturado, quando ainda nossa industria era incipiente, ganhou aos poucos o prestigio que hoje goza entre as ferrovias do país.

Para se ter uma idéia de sua participação ativa nos transportes de café basta citar que nos ultimos trinta anos a ferrovia trouxe a Santos nada menos de 180 milhões de sacas do produto. Esse volume seria hoje mais elevado, se nos ultimos anos não se tivesse deslocado para a zona da Sorocabana, Noroeste e Paraná-Sta. Catarina o grosso da produção cafeeira. O progresso unificado nos transportes rodoviarios nos ultimos anos serviu de estimulo à Estrada. Sempre procurando se impor no conceito do país, reaparelhou-se rapidamente a fim de fazer face a essa concorrencia.

Sentindo diminuir seu movimento de carga a ferrovia buscou inovações, aplicou-as e se manteve num nivel superior, mostrando assim seu sentido de realizar um programa para o bem da economia nacional.

Jamais marcou passo. Lutou, superou uma serie de dificuldades e manteve o ritmo de progresso que sempre esposou desde a sua fundação.

A SANTOS A JUNDIAI DE HOJE

Hoje, depois de ter sido encampada pelo Governo Federal, encontra-se aparelhada para enfrentar qualquer situação no que tange aos transportes, principalmente, de mercadorias.

Continua levando os grandes carregamentos de café para Santos e contribuindo para a conquista de divisas, hoje tão necessarias à economia nacional.

Alem do transporte ferroviario a E. F. Santos a Jundiaí tambem mantem seu sistema rodoviario, a fim de superar a concorrencia no setor.

Nos mesmos moldes da organização das ferrovias, o transporte rodoviario tem a mais sadia finalidade — servir bem à coletividade nacional, fomentando a economia do país.

Composição elétrica de passageiros, partindo de São Paulo com destino ao interior

SUPEROU COM A TRAÇÃO ELÉTRICA AS DIFICULDADES DE COMBUSTÍVEL

Um programa que se encontra em vesperas de concretização — Uma administração orientada no sentido de conseguir o maximo gastando um minimo

Falar na historia da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí e sua contribuição para conquista das maiores riquezas nacionais não é esquecer sua luta para tornar-se numa ferrovia que se desenvolve em bases tecnicas e economicas.

Na luta de toda a ferrovia nacional para manter o melhor trafego possivel a questão dos combustiveis sempre foi primordial e as crises internacionais constituem permanente ameaça para o nosso sistema de transportes.

O elevado custo e a eventual escassez de carvão, de oleo e outros combustiveis sempre foram o fantasma das ferrovias nacionais. Essa situação constantemente foi olhada com o maior desvelo pela Estrada de Ferro Santos a Jundiaí desde sua encampação, fato que constituiu a maior preocupação de sua administração.

Em 1946, as maquinas a vapor faziam 99% do trafego total e apenas 1% correspondia a tração Diesel. Os gastos eram enormes e o rendimento reduzido.

A administracão da E. F. Santos a Jundiaí, lutava para superar essa situação. O ideal era a tração eletrica. Sistema mais seguro, mais eficiente e mais barato.

Estabeleceu-se um plano, no sentido de se ir reaparelhando a ferrovia vendo, principalmente, o lado do combustivel e tudo com o objetivo de atingir a tração eletrica.

Em 1947, diminua o movimento a vapor e, com a compra das 4 primeiras locomotivas de 1.000 HP, ganhou maior vulto a tração Diesel-eletrica. No ano seguinte, a situação melhorou ainda, e em 1949, graças ao emprego de novos metodos de trabalho, 33% do trafego era feito através da tração a oleo. As economias conseguidas eram espetaculares, permitindo amortizar o capital empatado em 10 meses apenas, com uma redução de despesas para quase metade do que anteriormente se gastava.

Em 1950, a ferrovia já fazia boa parte de seus transportes através da tração eletrica inaugurada em julho do mesmo ano Estava dado o primeiro passo para atingir o ponto visado pelos seus dirigentes.

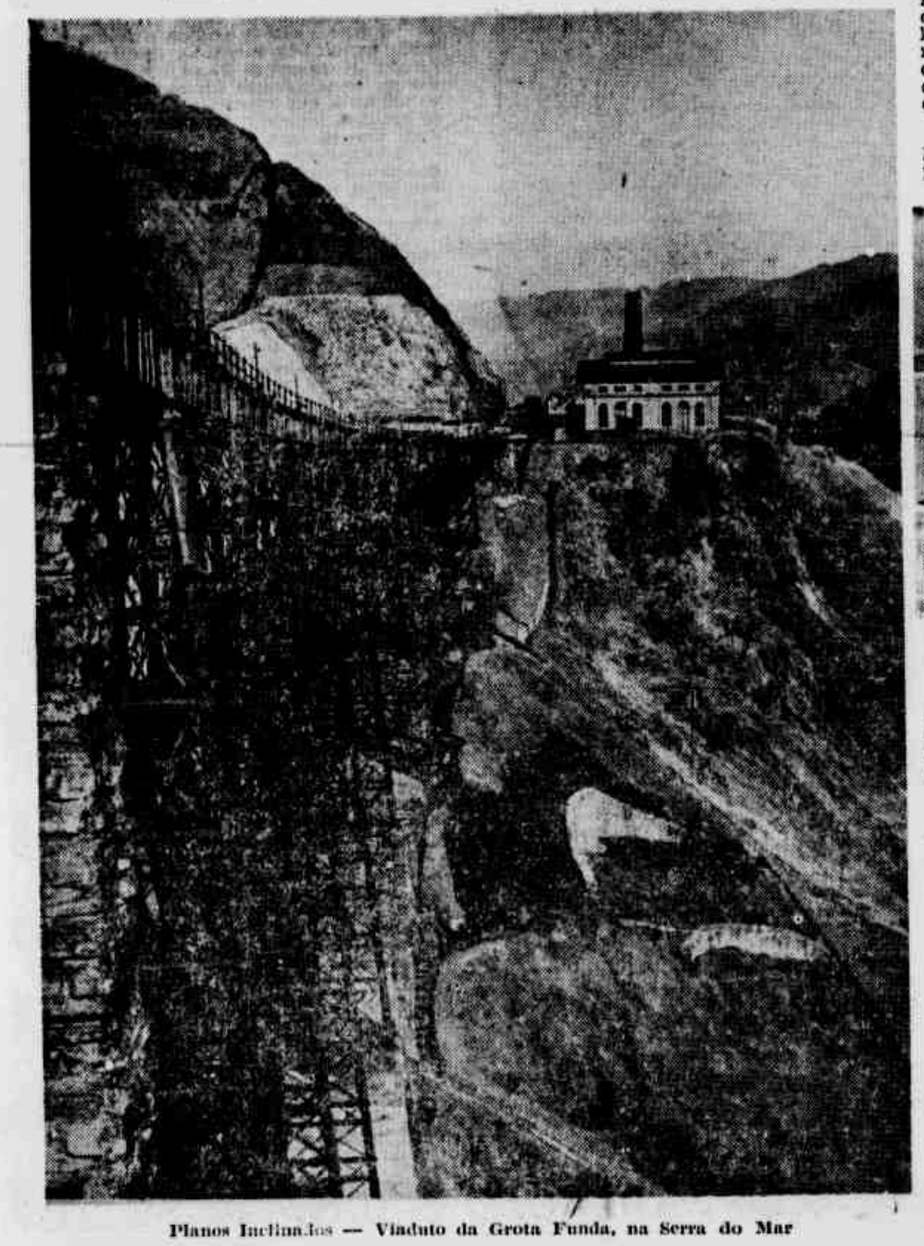
Nos anos seguintes aumentou constantemente a tração eletrica, superando os demais sistemas e os transportes passaram a ser feitos com maior eficiencia e rapidez. Reaparelhando-se, rapidamente, construindo novas linhas, a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí marchava agora em ritmo celere para concretizar um plano jamais atingido pelas ferrovias do país — eliminação da tração a vapor.

De 52 ao primeiro trimestre de 54, experimentou a ferrovia grande progresso nesse setor, eliminando quase por completo os trens a vapor, que representam hoje apenas cerca de 40% de todo seu movimento. Estava assim praticamente concretizado um plano que a principio parecia dificil, mas que a persistencia e a continuidade de administração conseguiram realizar: — transportar o maximo, gastando um minimo.

OLEODUTO SANTOS A S. PAULO

Uma das marcantes realizações da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí foi a construção do Oleoduto Santos a S. Paulo, obra de grande envergadura, cuja integração na economia nacional vale pelas dificuldades que foram superadas para a sua concretização. Sua finalidade é excepcional.

Desafogando o porto de Santos, aliviando o trafego da E. F. Santos a Jundiaí, serra acima, de mais de 1 1/2 milhões de toneladas anuais de produtos petroliferos e assegurando o transporte de materias-primas e dos produtos das refinarias de Cubatão, Capuava e Matarazzo, com uma capacidade conjunta de 66 mil barris diarios, contribuiu para a maior rapidez e segurança no abastecimento de toda a vasta zona do "hinterland" de Santos, estendendo-se pelos Estados de S. Paulo, Minas, Goiás, Mato Grosso e Paraná. Assim como com o café, na segunda metade do seculo passado, e agora com os produtos petroliferos, a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí reuniu em torno de si, por um lado, o fomento e transporte do maior criador de divisas e, de outro, uma das principais necessidades da vida economica nacional.



Planos Inclinados — Viaduto da Grota Funda, na Serra do Mar

Oleoduto Santos-São Paulo — Estação Terminal de Utinga — Tanques de armazenagem

A Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, nascida na segunda metade do seculo passado, predestinada a vencer em toda a linha, foi sem duvida a grande ferrovia que participou mais intimamente da construção do mundo economico nacional.

Transportou ela, desde seus primeiros dias, o café, auxiliou o desenvolvimento dessa cultura e lançou-o no mundo, transportando-o até sua ultima etapa.

Os méritos reunidos em todos os 90 anos de existencia lhe asseguram hoje posição de vanguarda na economia nacional. Garantem-lhe base segura para novas conquistas e novas realizações que refletem no progresso do país.

SITUAÇÃO FINANCEIRA E TRANSPORTE NA E. F. SANTOS A JUNDIAI

Um dos fatores mais significativos da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí é a evolução de suas finanças. Para que se tenha uma idéia dessa evolução, damos abaixo um quadro de sua receita bruta nos ultimos anos e de suas despesas com combustiveis e energia eletrica.

1939/45 (media) — Administração inglesa ..	195 milhões de cruzeiros
1946 Administração inglesa	396 milhões de cruzeiros
1947 Administração nacional	383 milhões de cruzeiros
1948 Administração nacional	355 milhões de cruzeiros
1949 Administração nacional	353 milhões de cruzeiros
1950 Administração nacional	383 milhões de cruzeiros
1951 Administração nacional	508 milhões de cruzeiros
1952 Administração nacional	613 milhões de cruzeiros
1953 Administração nacional	789 milhões de cruzeiros

Despesas com combustiveis e energia eletrica

1946 Administração inglesa	104 milhões de cruzeiros
1949 Antes da eletrificação	65 milhões de cruzeiros
1951 Depois da eletrificação	59 milhões de cruzeiros
1952 Depois da eletrificação	51 milhões de cruzeiros
1953 Depois da eletrificação	46 milhões de cruzeiros
1954 (Previsão) — Depois da eletrificação	40 milhões de cruzeiros

Os dados a seguir alinhados mostram de maneira clara a importancia da Santos a Jundiai para a vida de São Paulo e a eficiencia de seus serviços:

ANO	PASSAGEIROS — N.o Suburbios	Total	CARGA TOTAL (Toneladas)
1947	13.187.404	25.047.436	6.342.464
1948	19.549.049	27.589.064	5.975.143
1949	21.615.861	29.350.227	5.906.792
1950	24.085.624	31.785.294	6.394.226
1951	26.313.637	35.617.075	7.567.264
1952	28.801.681	38.040.530	8.297.387
1953	32.581.754	42.577.810	8.664.080
(*) 1954	8.630.506	11.506.947	2.114.005

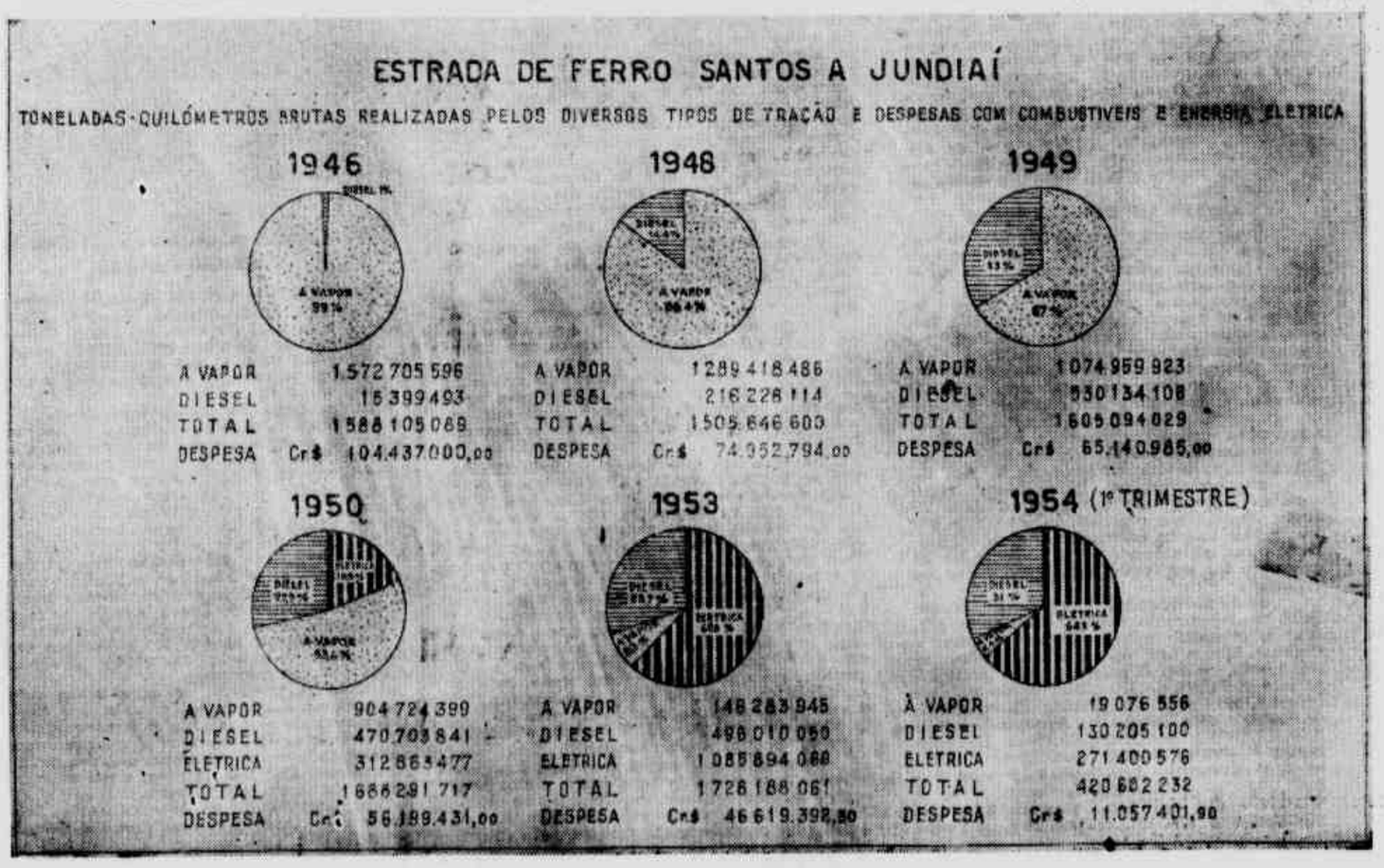
(*) — 1.o Trimestre

O transporte de Santos para São Paulo, que em 1946 se julgava limitado a 2.200.000 toneladas anuais, atingiu ..... 3.591.514 em 1951, com margem para alcançar 4.200.000 toneladas imediatamente e ultrapassar 6.000.000 toneladas com o recebimento dos novos vagões de grande capacidade. O transporte de produtos de petroleo, cuja capacidade foi considerada esgotada em 1947, teve a seguinte evolução:

ANO	EM VAGÕES (Toneladas)	PELO OLEODUTO (Toneladas)
1947	690.605	——
1948	854.859	——
1949	977.769	——
1950	1.160.872	——
1951	1.457.295	152.000 (três meses)
1952	1.609.986	1.260.329
1953	973.571	2.024.704
(*) 1954	233.785	538.315

(*) — 1.o Trimestre

Subiu em 62,7% em 1950 para 72,1% em 1953 a percentagem de mercadorias importadas e exportadas por Santos, e movimentada pela movimentada pela Estrada.



A POESIA DO CAFÉ

SAULO RAMOS

NA velha zona de terra roxa do nordeste paulista, onde há cem anos os cafezais chegaram fazendo continência aos horizontes, uma epopéia foi escrita sôbre a terra e está sendo desesperadamente declamada pela ainda eloquente tristeza dos galhos sêcos das lavouras, que atiram braços descarnados para o céu e contam a história virgem de um povo ingênuo, tocado de poesia e esquecido dos poetas.

Quando os cafezais chegaram, penteando de verde a paisagem das seculares árvores descabeladas, trouxeram a semente única de nosso destino. Desde então, em seus impecáveis postos de sentinelas alinhadas — numes tutelares eternizados em estátuas de folhas — êles velam por nós. Estavam de pé, arrepiados na ânsia de infinito dos espigões e coroados pela poeira vermelha das manhãs, quando surgiram as casas grandes, os negros de péle liquida, os feitores de espora de prata, os sinhôs de poucas palavras, as sinhás das lendas dos pomares, as tropas estreladas de guisos, as fogueiras de labaredas de lua, os violões encordoados de gemidos, as porteiras batendo nas bôcas dos pastos e o sino acordando o destino dos dias meninos. Estavam de pé, baforando as serrações das madrugadas, quando surgiram as estradas de ferro fazendo cidades pular de dentro do mato, com gente nova, costumes novos, casas novas, destinos novos. Estavam de pé fazendo transfusão de terra na pálida aventura econômica do país, quando surgiram riquezas entumecidas, crises hemorrágicas, mercados de febres intermitentes, com intermediários, corretores, Bolsas, comissários, apostas, cotas de sacrifício, dollars, cinzas, estefanóderes, misérias, fomes, maleitas, geadas, granizos e sêcas. Estavam de pé, sustentando tudo isto, alimentando tudo isto, causando tudo isto, sofrendo tudo isto.

E ainda estão de pé sôbre a terra enrugada, esgotada, explorada, espremida até à última gôta de seiva, assistindo ao novo bandeirismo das terras novas, às aventuras desesperadas dos últimos sertões, à ilusão sempre verde das zonas virgens, tentando dizer que, apesar das terras negras da Ucrânia e das amarelas da China, ainda são êles os senhores da terra mais rica do mundo, da terra que, impunentemente abandonada, se desmorona arrastando homens magros a um abismo de sol, empoeirando estradas retirantes que demandam cidades de chaminés e apitos, recebendo pancadas de enxadas que cavam sepulturas, cuspida pelas chuvaradas de pedra e enrugada pelas noites geentas. E essa terra, com essa gente, com essa história, apostada e perdida nos mercados, acaba sem poetas!

E' com tristeza que se observa o alheiamento da poesia brasileira diante de nossas grandes realidades. Nossa evolução poética, depois de haver encontrado um sentido nas revoluções estéticas da primeira metade do século, vem sofrendo uma série desnecessária de revoluções precipitadas, cada qual mais apressada em sobrepujar a anterior a fim de conseguir um lugar na história como iniciadora de alguma coisa. Semanalmente surgem novas gerações, anunciando tendências novas, sem a mínima observância dos resultados obtidos pelas experiências das outras. Nessa evolução, processada em retalhos, as gerações semanais introduziram o sistema, absurdo e pernóstico, de fazer revoluções sem ter havido decadência, mesmo porque não chega a haver realização decisiva e culminante em nenhuma das correntes literárias atuais.

Com esse arquivamente burocrático de revoluções, que vai desde o jacobinismo e o ufanismo mais piegas até à mais pernóstica abstração intelectualizada, a poesia brasileira teve de caminhar, fatalmente, para os ambientes fechados, embriagar-se com uisque e iluminação indireta, estudar gestos, decorar nomes, comparecer a recepções e tornar-se escandalosamente facil numa inversão de valores, onde pontificam os mais audazes valores invertidos. A poesia de festa à meia voz, a poesia de maneiras estudadas, a poesia de club, a poesia suplementar isolou a literatura da sensibilidade popular, que se alimenta de versinhos radiofônicos, rimas estridentes, metrificação das histórias quadriculadas de frustrações amorosas e de versificações enfáticas das idéias dirigidas por partidos políticos.

Enquanto isso, neste pedaço ensolarado da América, o povo segue criando a vida, com longos sofrimentos e breves alegrias, sem nada receber da poesia novíssima, seriamente preocupada em decifrar os últimos símbolos da poesia inglesa. Estamos em hiáto, achamo-nos em barranco de rio sem canoa, somos um fogaréu boquiaberto diante dos aceiros das queimadas sem brisas. Entre as nossas realidadas ignoradas, entre os símbolos poéticos plasmados constantemente pela vida diária de nossa gente, entre os temas esquecidos e as mais profundas regiões inexploradas de nossos abismos interiores, está o café. Há dois séculos que os cafezais se cobrem de floradas, penteiam-se de chuvas, tremem de geadas, coroam-se de poeiras, transpiram gotas vermelhas, carregam-se de sol, semeiam riquezas, cálos, ilusões, misérias, e massacram infâncias, penetram intimismos, criam símbolos. Há dois séculos que participam de nossa preocupação diária, de nossa estrutura econômica, de nossas narinas, nosso paladar e nossa insônia. Há dois séculos que são atirados, apostolados e perdidos em roletas e aventuras financeiras, com terra, gente, suor e tudo, sem que a poesia disso se aperceba ou com isso se impressione.

OS POETAS

Entretanto, antes que o café fosse exilado para esta terra de histórias e de lendas, mesmo quando era apenas o licor negro escorrido do Oriente, já havia tido seus poetas. No século XVI, depois de haver saído das colinas do Yemen, das mãos lendárias de Kaldi, o café entrou para a poesia através dos versos do xeque árabe Therif Eddin, seu primeiro e legitimo poeta. Depois, encontrou o carinho emocionado de Belighi, o espírito alegre de Delille, e o entusiasmo idealista de Rousseau. Quando condenado pelos govêrnos europeus como bebida diabólica e causadora de revoluções, teve sua liberdade defendida por Milton, Voltaire, Goldoni, d'Alembert, Saint Pierre, Talleyrand, Bach e tantos outros artistas, poetas, cientistas e filósofos.

No Brasil, onde sua presença repetiu a epopéia das bandeiras, onde amalgamou raças e dirigiu destinos, onde oprimiu vidas e absorveu gerações, onde foi condenado ao fôgo por inquisidores a serviço de um louco inconsequente, teve apenas uma literatura ocasional. Ciro Costa, Emilio de Menezes, Hermes Fontes, tentaram lembrar o café em seus versos. Entretanto, se não fosse, mais tarde, a sensibilidade de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e Cassiano Ricardo levar os cafezais para seus poemas, o café teria ficado completamente isolado de nossos ritmos e de nossa emoção.

Monteiro Lobato, lamentando esse antigo alheiamento da poesia brasileira diante do filho adotivo da terra e, com seu imenso e apaixonado entusiasmo pelas coisas muito nossas, descrevendo o avanço irresistive. da "onda verde", profetizou:

"O café é uma epopéia. Quando nossa literatura largar o chazinho que beberica no Alvear e compreender a sua verdadeira missão, a epopéia ,a tragédia, o drama e a comédia do café serão os grandes temas de quantos sentirem em si a fagulha divina Hoje, coitadinha, está ela tão entretida com o seu chá das cinco, com os rodopios em torno das salas das meninas histéricas, com a cintura dos almofadinhas, com as escorrências mercuriais que o francês exporta que é bom, mesmo, não se meta a estragar com as mãos de mico o grande tema. Que folego é mister! Que amplitude de visão, que dureza de alma, que sobrehumana coragem para ver, sentir e contar a historia da Onda Verde que digere as florestas virgens!"

Por uma desapontadora ironia do destino para com a poesia brasileira, essa amplitude de visão, essa dureza de alma, essa sobrehumana coragem de ver, sentir e contar a historia do café foram atingidas por um poeta francês: Luc Durtain que, em sua "Suite Brasileira", penetrou intimamente na beleza verde, vermelha e preta da poesia dos cafezais. A primeira poesia dessa grande epopéia, particularmente paulista, que já havia impressionado outros poetas estrangeiros, entre êles Villaspesa, teve que nascer em francês e, felizmente, foi repatriada por Gulherme de Almeida. Precisou nascer na França, numa última tentativa de dispertar a atenção da poesia brasileira que, à força de tanto imitar à francesa, acabará imitando Luc Durtain para encontrar-se a si mesma.

Durtain, bebendo a beleza florada do café, foi o primeiro que soube dizer: "Sôbre as moitas do cafeeiro, linhas sérias que enchem vales e colinas, rendilhando dos horizontes léguas e léguas, despejou-se uma espuma branca. O' guirlandas de estrelas, que cheirais a flor de laranjeira!"

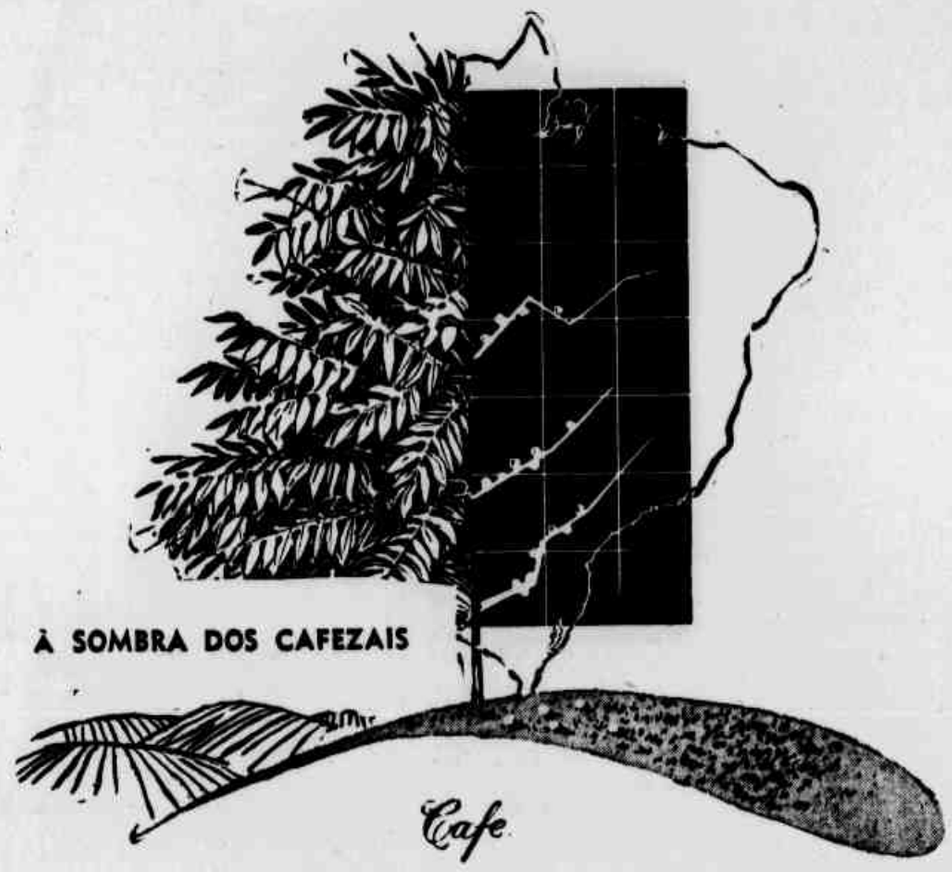
"Vem aí a colheita, os gestos pacientes
que modelam os ramos,
Os grãos granizando nos baldios, a
poeira dos rodos, a espuma e os pés
descalços da lavagem,
o terreiro tórrido, as máquinas por onde
o grão viaja em montes ou filas,
até as colunas das estatísticas, até as
burras dos Bancos:
Mas hoje estais de férias! Tempo sagrado, brilho inutil,
grimpas estendidas sob os pés dos raios alegres!
O' perfume que nada tens de café,
perfume de núpcias!...
Núpcias do trabalho,
Núpcias do homem rude com o mundo..."

Esse formidavel poeta francês apenas de passagem pelo Brasil, penetrou profundamente nossa alta poesia e, para escrever com tanta intensidade emocional sôbre o café, precisava ter escrito de São Paulo:

.....

"Orgulhoso São Paulo, com seus
[homens ásperos, suas mulheres finas,
seus algarismos, suas usinas, seus
[rancores!
São Paulo que, do Golfo a Matto
[Grosso
pésa como um blóco de aço. E' êle que
[parece
puxar para baixo toda a América,
[puxar o Brasil
para os pensamentos frios expostos ao
[contacto do Polo.
Porque é em vão que o continente
arfa sob o Equador e que os trópicos
[incham como velas:
São Paulo pésa mantendo o Brasil co-
[mo uma âncora!"

No momento em que nossos poetas deixarem de lado a preocupação da literatura intelectualizada, o café terá sua poesia. Não será mais essa produção infantil, ocasional, descritiva que temos produzido até agora. Será poesia de alta emoção, porque todos os nossos anseios de liberdade, nossos mundos interiores, nossas emoções estéticas estarão sempre profundamente ligados com a vida e os símbolos que florescem na terra, onde a criação celebra o noivado eterno entre a beleza das coisas e a alma dos homens.

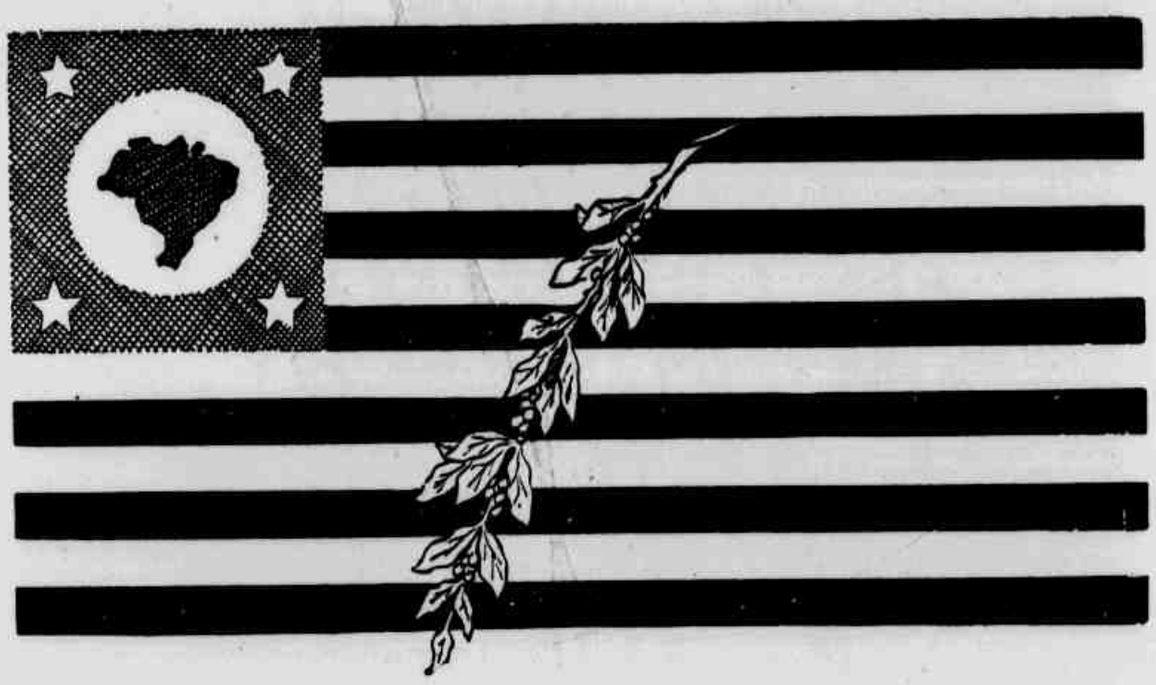


Foste o alvorecer de nossa economia. Abriste caminhos à nossa civilização. Fonte generosa de onde sempre fluiram os recursos com que pudemos enfrentar e superar as fases dificeis da existência, és a causa principal da presença brasileira no concêrto das nações. A Pátria te deve uma oração. A oração que erguemos — o pensamento voltado para os destinos do Brasil — à sombra dos cafezais.

CIA. PAULISTA DE ADUBOS

Rua Senador Queiroz, 312 - 7.º andar

MASTER



No ano glorioso do IV Centenário e no mês que marca a jornada heróica de um povo, comemorada a 9 de Julho, rendemos nossa homenagem à terra bandeirante e ao seu povo, que através da Historia, vem escrevendo páginas brilhantes de Glória, Amor e Trabalho.

LANIFÍCIO FILEPPO S. A.

KEDLEY • DUMOND • SOLAM

CASIMIRAS DE QUALIDADE

O CAFÉ E A INDUSTRIA

GARIBALDI DANTAS

O maior e [illegible] .to economico de São Paulo e quiçá do Brasil foi incontestavelmente, a entrada do café, como planta de valor comercial, nas terras férteis de Campinas e, posteriormente, com a descoberta da terra roxa, pelo vale do Mogi Guassú. Antes dessa notavel efeméride, São Paulo não representava grande força economica no país, eis que, afora as lavouras que lhe davam razão de bem estar, como a cana de açucar e outras, ainda não se havia implantado definitivamente a industria, como elemento de fortalecimento e engrandecimento.

Com o café, veio a civilização, e sobretudo veio a arrancada para o interior, o vasto interior antes apenas levemente salpicado de cidades, sem grande força ou expressão economicas. Entendemos por civilização, a rede de organizações inerentes à vida e expansão cafeeiras, como estradas de ferro e de rodagem, sistema bancário, e acima de tudo o pulular de novas cidades, centros de atração de populações de outras regiões do Estado, do estrangeiro e de outras partes do país.

Dada sua natureza especial — uma saca de café representa sempre, excepto em periodos conturbados, valor comercial de vulto — pôde o café justificar, nesses primeiros tempos, sua penetração pelo "hinterland", porque seu transporte, ainda que dificil e relativamente oneroso, naquelas épocas, podia ser feito, pois não tirava do valor comercial do produto sinão fração aceitavel. Nesse sentido o café, depois de ser semeador de cidades, tornou-se arma de penetração economica notavel, planta, portanto, pioneira, no seu sentido de expansão pelas regiões até então desconhecidas ou mal desenvolvidas.

CAFE' — FORMADOR DE CIDADES E AGENTE DE PIONEIRISMO ECONOMICO

A expansão e o desbravamento das regiões novas do mundo, em qualquer parte, sempre se fez à custa de algum incentivo especial. O "rush" das populações aventureiras pelo Oeste norte-americano foi consequencia da descoberta do ouro. A penetração identica, mas em escala menor, pelo Vale do Amazonas, só se justificava em vista da tremenda atração exercida nas populações migrantes do Nordeste pelos altos preços da borracha. "Ouro negro", como lhe era cognificada a natureza, ou ouro de verdade, não passavam de sinônimos. Ambos transformavam massas pauperrimas e sedentas de dinheiro, massas intrepidas e cobiçosas, em populações mais tarde ricas e sedentarias, nas cidades formadas em seu redor, ou nos centros de abastecimento que se levantavam, nessas regiões, para atender aos imperativos de dinamismo desbravador.

Assim, foi sempre a historia do desbravamento das novas regiões. São Paulo e o café seguiram o mesmo padrão de desenvolvimento. As noticias dos milagres da terra roxa, os lucros então fabulosos das novas fazendas abertas nesses rincões privilegiados drenavam, como verdadeiras bombas de sucção, as populações e os homens de aventuras e empreendimento das antigas terras cafeeiras de outros Estados. Quem perlustrar a historia do desbravamento e colonização, no seu sentido economico, das novas terras cafeeiras que se expandiam pela Mogiana, encontrará nomes e pessoas quase sempre ligados às lavouras da rubiacea fluminenses e mineiras. O café é planta esgotante, pelos métodos antigos de exploração. Sua historia, no plano nacional, é uma estrada de devastações. Tambem no plano paulista, a mesma coisa aconteceu. Onde o café assentava raizes, depois só havia desolação. Lavouras de pouca produção, de inicio, eram, mais tarde, pastagens, culturas de caracter secundario, até ficarem como desertos, enquanto os capitais ai formados, nas boas horas, se iam, em pós da fertilidade das terras mais moças.

Dada sua natureza peculiar, e tendo em vista a grande reserva de terras novas, excelentes, como o massapê e a terra roxa, quando as lavouras de uma geração começavam a definhar, em rendimento, a lei era sempre a mesma: a procura incessante das regiões virgens. Uma ânsia de lucro, mais do que o desejo de consolidação do que se fazia, representava a mola vital do expansionismo economico paulista de toda segunda parte do século dezenove.

Errada ou não essa orientação, os rumos da civilização se infletiam no sentido das lavouras de café. E com isso, São Paulo tomava outra feição economica, iniciando a formação de novos capitais, à custa dos lucros do café, indispensaveis a outras formas de atividade.

O CAFE' E A FORMAÇÃO DE CAPITAIS

Com a riqueza criada pelo surto cafeeiro, consequente à descoberta das terras férteis da Mogiana, e posteriormente, de outras regiões do "hinterland", com a expansão das cidades, o lançamento das ferrovias em busca das zonas produtoras do "ouro verde", com a entrada maciça do imigrante estrangeiro, após o advento da escravatura, com essa febre de progresso que sacudiu o meio economico bandeirante nos fins e começos do século passado e presente, tornou-se o café o agente principal da formação de economias ou capitais disponiveis para outras formas de atividade.

Foi, porém, graças, em grande parte, à lavoura de café que a industria aqui pôde estabelecer-se, com capitais tirados da terra generosa. Não que o fazendeiro de café fosse, por natureza, propenso a outra qualquer forma de atividade, a não ser a da terra, mas porque, enriquecendo-se, criava em seu derredor um mundo de interesses conexos, nos quais se plasmava a estrutura de uma nova civilização.

Direta ou indiretamente, das economias, da riqueza, do lucro do café sairam capitais com que se foram levantando as industrias paulistas e nacionais. Essa, a primeira grande contribuição do café ao industrialismo brasileiro.

O MERCADO INTERNO RESULTANTE DA ECONOMIA CAFEEIRA

Criando riquezas, levantando cidades e fazendas, o café foi ampliando de tal maneira o mercado interno que a industria teria de se aproveitar dele mais cedo ou mais tarde. As dificuldades de importação na primeira conflagração mundial apressaram o surto industrial, não resta dúvida, mas a base da atividade fabril residia, acima de tudo, na existencia de mercados que se fortaleciam à medida que a onda cafeeira invadia e avassalava o sertão bandeirante e de outros Estados.

Uma industria, no seu sentido generico, não se pode criar, nem subsistir, se lhe faltarem certas condições básicas, como a energia, o capital, o técnico, o operario, a maquinária. Tudo isso se consegue formar ou adquirir, mas a base de qualquer movimento industrial permanente é a existencia do mercado proprio. Sem dúvida, esse mercado precisaria ser acobertado da competição dos centros fabris mais antigos e aperfeiçoados e certamente o foi, através das barreiras aduaneiras que realmente permitiram elementar defesa do industrialismo nascente do país. A maior garantia, por [illegible] e a do mercado interno, com poder aquisitivo suficiente e permanente. Isso, o café é que foi o principal elemento, a mola realmente impulsionadora. Em seu derredor, em torno de sua prosperidade é que as primeiras industrias de certo vulto se levantavam, porque achavam meios de colocar sua produção, com facilidade e vantagem.

OS RECURSOS CAMBIAIS DO CAFE' POSSIBILITARAM A IMPORTAÇÃO DE MAQUINARIA

Mais dinheiro entrou no Brasil, com a exportação de café, do que com qualquer outra forma de trabalho, inclusive com o do ciclo do ouro das épocas coloniais. Esse vasto manancial de recursos nem sempre foi desbaratado, como se insinuava no passado, com gastos perdularios de seus detentores, em viagens de recreio no exterior. A grande parte ficou no país, transformada em bens de produção básica. De onde sairam as cambiais da importação de maquinaria da industria brasileira senão, em parte acentuada, da exportação cafeeira? De onde provem ainda a principal fonte de recursos para pagar o que a industria necessita, sob forma de certas matérias primas não existentes no país, ou sob forma de outras necessidades senão com os recursos cambiais postos à disposição da nação pela exportação do café?

Certamente, algumas industrias disso prescindiram, trazendo maquinária, à guisa de capital, mas a quase totalidade do parque fabril fez-se ou nasceu à custa dos pagamentos oriundos das cambiais obtidas na exportação nacional. E como o café, em varias decadas, e mesmo na atualidade, é que proporcionava esses recursos, contribuindo com mais de dois terços do valor de nossas vendas no exterior, pode-se perfeitamente compreender a estreita dependencia em que se achou sempre o industrialismo brasileiro na boa ou má sorte do café.

Se bem que, em alguns anos, a participação do café, no total da exportação do país, tenha caido sensivelmente, já mais recentemente, nos ultimos exercicios, aumentou sensivelmente, conforme se poderá depreender do quadro anexo ao presente estudo, pelo qual se nota que 1952 essa contribuição alcançava 72 por cento, ou mais de dois terços, das vendas do Brasil.

Para o Estado de São Paulo o café é, sinão tudo, pelo menos, quase tudo, no que tange a valores de exportação, a ponto de representar, em anos recentes, 86 por cento do seu valor total. Certamente, isso foi devido ao retraimento de vendas de alguns produtos, como algodão, mas de qualquer maneira continua o café sendo o esteio da exportação paulista e nacional, o maximo elemento fornecedor das cambiais de que a nação precisa para cobrir sua pesada importação de bens essenciais.

Em resumo, e levando em conta as linhas gerais da questão, não há exagero em se afirmar que o industrialismo nacional, maximé o bandeirante, encontra no café, nos recursos de sua exportação, os elementos de que não pode prescindir para fazer face aos seus compromissos de materias primas e combustiveis, cada vez mais elevados, e sobretudo às suas necessidades de novos bens de produção, como maquinaria.

A INQUIETAÇÃO NACIONAL E A RESPONSABILIDADE

A dependencia da exportação do Brasil, e por conseguinte, de sua propria situação economica, da produção cafeeira é evidente e por isso mesmo começa a despertar serias inquietações. Os preços altos dos ultimos anos apenas escondem parte da gravidade do problema. O que é serio, o que impressiona, o que ameaça o futuro é a queda da produção cafeeira do país em face da mundial. Os dias em que o café do Brasil representava a maior parte das safras mundiais são pagina virada. A expansão de fora se processa a ritmo forte. As safras da Colombia já ultrapassam seis milhões de sacas. As da Africa seguem pelo mesmo caminho. A produção mundial é de ordem de 34.000.000 de sacas, das quais a do Brasil já não representa sinão quarenta e seis por cento. O quadro anexo dá idéia exata dessa situação que se torna tão seria e aguda quanto maior é a dependencia da exportação brasileira do valor das vendas de café. Na media de 1928-32, a produção do Brasil em relação à do mundo ultrapassava 87 por cento. Nos ultimos anos, conforme ainda quadro anexo, não passa de 47 por cento, em media. Está o Brasil perdendo terreno a olhos vistos e como isso pode ser permanente, eis que, uma vez formadas novas lavouras de café, no estrangeiro, nada mais as ameaçará, livres que se acham de fatores climatericos adversos, a situação se agrava do lado brasileiro, tendo em vista a maior possibilidade de geadas nas novas zonas cafeeiras do Norte do Paraná.

Fenomenos destruidores, como a geada do ano passado naquela região brasileira, se contribuem para afastar, por algum tempo, ligeira crise de oferta, aguça, porém, a pressão de novos aumentos em outros paises, de que dificilmente nos poderemos esquivar. Os altos preços atuais escondem ou disfarçam a gravidade do problema uma vez que a soma de dinheiro carreada para o país, em divisas estrangeiras, é impressionante e dá, aos que analisam de leve o problema, impressão de euforia, tanto mais perigosa, quanto mais sedutora. A tentação de procurar, em elevações sempre maiores de preços, a solução do problema básico que é a queda de produção em relação à dos demais competidores, deveria ser posta a nú, para impedir calamidades de imprevisiveis repercussões na vida do país.

A responsabilidade da industria na economia do café, não pode ser aferida através de sua maior ou menor produção, uma vez que [illegible] respeito fraca será sua atuação. Mas, o assunto deve e está sendo encarado sob outro prisma. A nova produção cafeeira do país, a que se processa nas zonas velhas, pela recuperação dos cafezais esgotados, ou pelo plantio de outros, sob novos moldes; e a que se levanta nas regiões novas, está hoje ligada, de maneira indissoluvel, à vida industrial. A produção desse artigo, nos dias atuais, já não pede apenas fertilidade natural. Pede tecnica, pede adubos, pede maquinaria moderna, adaptada às condições próprias do cultivo da planta, pede novos capitais.

Grande parte desses elementos da nova produção cafeeira terão de ser atendidos pela industria. E' verdade que de adubos ainda somos carentes. Mas, forças novas estão de tal maneira perquirindo e procurando as riquezas naturais do país que não será de espantar se dentro de algum tempo a industria de fertilizantes nacional consiga suprir grande parte de nossas necessidades. O café é planta de cultivo dificil que nem sempre pode ser feito por processos mecanicos modernos. A natureza peculiar de suas radicelas, a colheita, a natureza de seu plantio, sem espaços intercalares amplos, dificultam o uso extensivo e intensivo de maquinaria de carpir e cultivar os solos. Mas, já há fazendas modernas de café onde se vem conseguindo, com menos gente, produzir mais e mais barato, graças às novas maquinas.

Fabricas de tratores e caminhões nacionais, fabricas de maquinaria agricola adaptada ao café são as novas promessas que a industria oferece ao café. Quando a isso se ajuntarem os aparelhos de irrigação, de que a futura economia cafeeira não pode mais abrir mão, ter-se-á o quadro da dependencia, diriamos melhor, da estreita união entre a lavoura e a industria, dentro do clima economico interno e nacional.

O que a lavoura cafeeira deu para a industria, em função de amplos e generosos mercados, a industria promete devolver sob forma de engenhos de produção eficientes. Integra-se assim à economia cafeeira a propria existencia da industria nacional.

E se tal não bastasse para justificar a responsabilidade da industria na manutenção do café, como condição de sua propria sobrevivencia ou segurança, ainda se poderia citar o exemplo de homens das fabricas que, certos do futuro do café em bases modernas, estão se voltando para sua exploração, de maneira ordenada e cientifica. Já não se contam pelos dedos os fazendeiros de café egressos de fabricas. E nem são poucos as fazendas-modelo que devem sua grandeza e prosperidade ao espirito de racionalização e tecnica saidos das fabricas do país.

A RECUPERAÇÃO CAFEEIRA NACIONAL, E NOTADAMENTE PAULISTA, UNIDA A' INDUSTRIA

Que há uma recuperação cafeeira, mais em São Paulo do que em outros Estados, não resta duvida, em face de dados recentes. De 1.000.000.000 de cafeeiros em produção, há poucos anos, passa-se agora a 1.400.000.000 segundo informações da secretaria da Agricultura. Essa recuperação pode ser intensificada, se a industria continuar a reconhecer na estabilidade e expansão cafeeiras sua propria razão de ser. Não haverá mercado seguro, sem café, e não poderá haver importação essencial, se o café não lhe assegurar os meios indispensaveis. Ora, como essas duas condições são a propria vida da industria, segue-se que a sua preocupação de estimular, associar-se aos naturais anelos de segurança da economia cafeeira representa, não somente anselo de natural fraternidade nacional economica, mas igualmente o senso frio e seguro de suas proprias necessidades.

Os dirigentes da industria declararam, todas as vezes em que isso era necessario, a sua politica: a defesa dos interesses fabris está ligada à dos campos. O binomio economico — industrial e lavoura — é o que convém ao país, porque é o unico que lhe dá estabilidade, segurança e prosperidade.

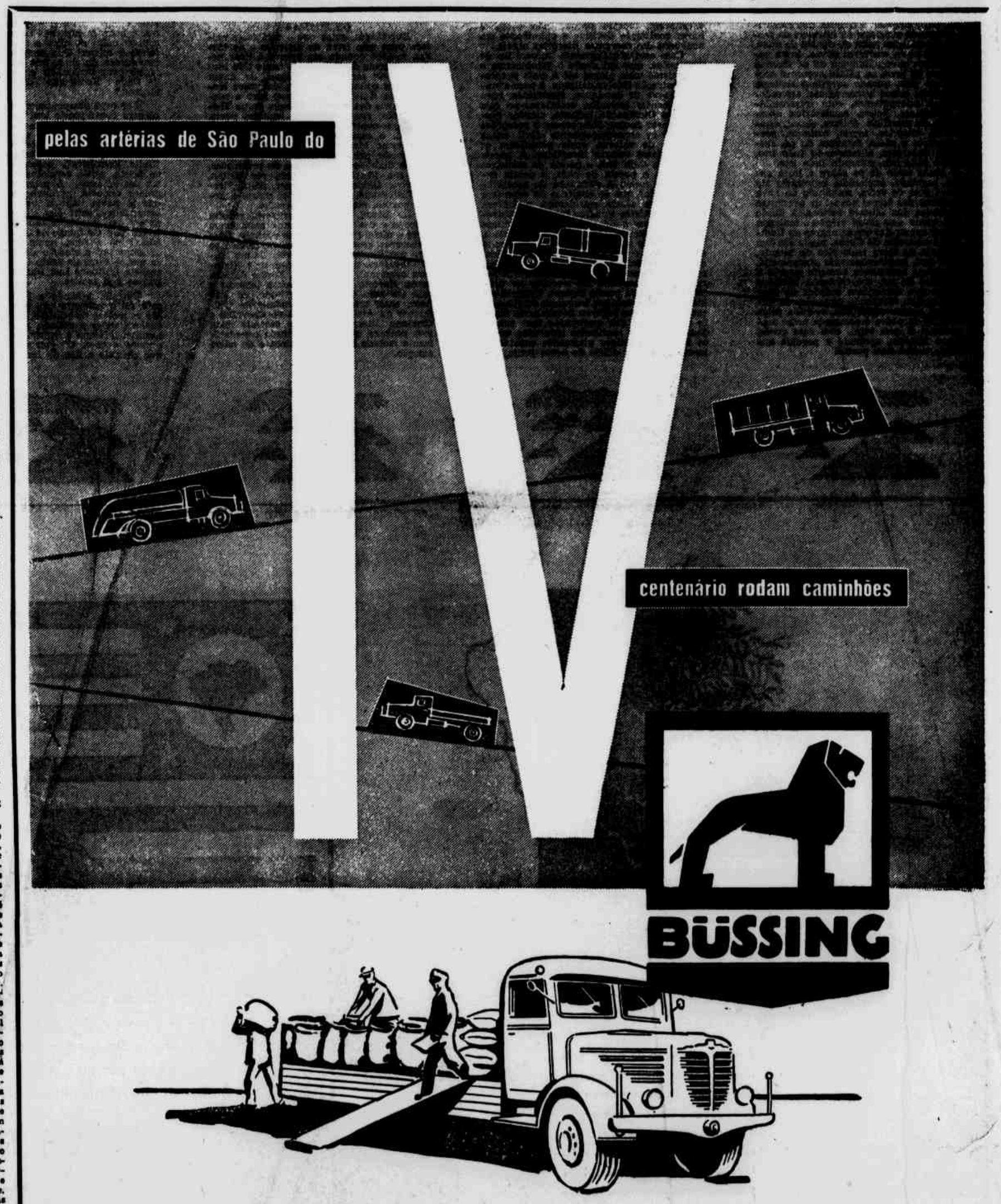
A industria está, pois, vivamente interessada na vida, na recuperação e expansão da economia cafeeira. Os dias em que as duas forças se digladiam, por não se fazerem entender com clareza, não são agora sinão lembrança do passado. As duas agora estão e devem estar unidas, em torno dos mesmos problemas, os problemas da produção, dos fatores que o oneram, dos mercados, das necessidades peculiares a cada uma. Já não há mais aquele perigoso daltonismo que enxergava na industria apenas a parte pior, desconhecendo-lhe o manancial de valores que ela representa, força que sustenta imensas massas consumidoras que são mercados da lavoura.

O artificialismo inicial de algumas industrias, como a da juta, muitas vezes erroneamente, em função da deficiencia de materia prima local, até esse já desapareceu, eis que a existencia do mercado dessa materia-prima, outrora importada, levantou, no Extremo Norte, uma nova força economica pujante, a da produção de juta e similares, tão boa quanto o que de melhor nos chegava do exterior. Essa é uma demonstração atual do que pode a industria fazer, criando mercados de materias primas e produtos agricolas, beneficiando assim a agricultura do país.

A ATRAÇÃO DAS CIDADES E O PROBLEMA DO BRAÇO RURAL

E' conhecida a tese de que a industria, despovoando os campos, cria-lhes problemas insoluveis. Nessas condições, o industrialismo, longe de ser um bem, seria a ruina da lavoura.

Esse problema não é peculiar ao nosso meio. Existiu nos Estados Unidos, quando a nação amiga passava pelo mesmo estagio de transformação em que nos encontra-



Sólidos e poderosos, eles também estão dando sua contribuição a êste colosso que é São Paulo:

TRANSPORTAM PRODUÇÃO, A SEIVA DO PROGRESSO!

BÜSSING DO BRASIL S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

SÃO PAULO
Garagem e Exposição: Av. Henry Ford, 1011
Escritório: R. 15 de Novembro, 244 - 9.º and.
Telefone: 37-3792

RIO DE JANEIRO
Garagem e Exposição:
Rua Sargento Silva Nunes, 254
Travessa da Avenida Brasil - Bonsucesso

vamos. Resolveram os norte-americanos esse deslocamento de braços dos campos para as cidades de maneira objetiva e pratica, de maneira altamente economica e construtiva. Deram aos braços dos campos, sempre abundantes, em vista de seu alto poder de natalidade, eficiencia que antes não conheciam, mercê de maquinaria especialmente construida para os afazeres rurais. A mecanização agricola dos Estados Unidos eliminou a tração animal, desmobilizando as pastagens em milhões e milhões de alqueires; deu a cada trabalhador que ficava nos campos uma força de produção dez vezes superior à que decorria do emprego de utensilios manuais. Permitiu ainda pagar maiores salarios aos trabalhadores rurais o que, melhorando os seus padrões de vida, assegurou-lhe condições de existencia mais decentes e confortaveis, em residencias higienicas, dotadas do que há de mais moderno em radios, geladeiras e outros aparelhos que tornam a vida moderna mais amena e suave.

O êxodo, o chamado êxodo de braços dos campos para as cidades, em São Paulo notadamente, não é mal, senão quando encarado ou analisado em periodos curtos. Como todo mal traz em seu proprio remedio, esse desequilibrio está sendo corrigido pela mesma forma por que o foi nos Estados Unidos, através do emprego de maquinaria. Até havia uma decada, quem possuia em São Paulo, em trabalhos agricolas, tratores, maquinas de irrigação, podia ser apontado pelos dedos. Eram como ilhotas de progresso em meio a um oceano de conservadorismo. Hoje, quem não possui tais aparelhos é que não está mais em dia, já não representa a regra geral. A exceção de ontem tornou-se a regra de hoje.

Com isso, o problema do braço, mesmo no caso do café, que é incontestavelmente lavoura dificil de adaptar-se às modernas praticas de mecanização, esse problema perde importancia. Verdadeira revolução de principios, de metodos, de concepção está em andamento na vida agricola do país, especialmente nos dominios do café. As novas lavouras que terão de se fazer em nosso meio, para assegurar a hegemonia cafeeira brasileira, estarão entrosadas às novas concepções da economia rural. Caso contrario, cairemos, cedendo lugar aos mais empreendedores, nos dominios do café.

Tem-se dito que o braço que fica nas fazendas de café representa o que há de menos eficiente no potencial de trabalho nacional, os homens menos empreendedores, os mais doentes, os menos audaciosos. Isso só é verdade, em parte. Quando as fazendas começam a pagar, como o fazem hoje, salarios compensadores, porque o café lhes permite tal coisa, já essa situação não perdurará. Viverão nas fazendas de café homens tão bons quanto os que dela se ausentaram em outras épocas.

O café dependeu, no passado, do braço italiano, em grande parte, que veio justamente quando se promoveu a abolição da escravatura. O que foi essa caudal humana, despejada nas fazendas de São Paulo, as fazendas de café, diz bem a estatistica da entrada de imigrantes em nosso meio, nos ultimos tempos. O ciclo do italiano não foi seguido, senão em escala modesta, pelo do português, espanhol ou japonês. Mas, não precisaremos de novos ciclos de braços, se soubermos aproveitar nossa propria gente de maneira inteligente, dotando-a de elementos que lhe possibilitem maior produtividade, e consequentemente, melhores niveis de remuneração.

A INDUSTRIA E A PRODUÇÃO DE CAFE' NÃO SE HOSTILIZAM, NEM SE DESTROEM, MAS SE COMPLETAM

A vida, a expansão, o futuro da industria do país, não se acham condicionados, como fenomenos inevitaveis, à crise da agricultura, à destruição da riqueza cafeeira. O exato é o inverso. A industria está de tal maneira ligada à sorte do café que é como se essas duas forças economicas estivessem unidas por um cordão umbilical indissoluvel. São verdadeiros irmãos siameses. Suas divergencias são de superficie e momentaneas. Nunca, estruturais e profundas. Seus objetivos são os mesmos: a expansão do mercado interno, para aí ter escoadouro de suas atividades, a recuperação das safras cafeeiras, para que haja recursos com que o país possa atender ao seu incessante desenvolvimento economico.

Nesse sentido, que é o unico aceitavel, a industria e o café não podem e não devem ser considerados como forças que se hostilizam, mas como elos de uma grande corrente.

A industria teve no café sua propria razão de ser, pelo menos no inicio de suas atividades. O café vai encontrando na industria seu grande aliado, que lhe proporciona meios e instrumentos com os quais poderá tentar a nova fase, o novo ciclo de recuperação e expansão. Os problemas que eram até ontem aparentemente insoluveis, estão sendo agora atacados à luz de criterio mais racional, utilitario e compreensivo.

À luz desse novo espirito as mentalidades perdem as arestas do passado, e os ressentimentos cedem lugar ao espirito de cooperação. A lavoura e a industria, café e fabrica, se sentem hoje de tal maneira juntos e unidos que até estranham os dias em que se pensava de forma diversa.

SÃO PAULO
Imigrantes Entrados
SEGUNDO AS PRINCIPAIS NACIONALIDADES

Anos	Todas as nacionalidades(*)	Italianos		Espanhois		Portugueses		Alemães		Austriacos		Japoneses	
	Numero	Numero	%	Numero	%	Numero	%	Numero	%	Numero	%	Numero	%
1870/1879	11.330	3.411	30,11	300	2,65	1.660	14,65	1.091	9,63	176	1,55	—	—
1880/1889	183.505	144.654	78,83	5.538	3,02	22.613	12,32	2.354	1,28	2.500	1,41	—	—
1890/1899	734.985	340.243	58,54	86.994	11,84	59.011	8,03	7.176	0,98	14.910	2,03	—	—
1900/1909	364.834	174.634	47,48	88.524	24,07	57.097	15,52	3.881	1,06	5.377	1,46	835	0,22
1910/1919	446.582	105.834	23,70	135.326	30,30	132.682	29,71	6.731	1,51	5.084	1,14	27.114	6,07
1920/1929	487.253	74.778	15,35	63.814	13,10	113.366	23,27	32.719	6,71	8.662	1,78	57.164	11,73
1930/1939	198.122	12.429	6,27	6.584	3,32	36.284	18,31	10.397	5,25	1.323	0,67	101.666	51,31
1940/1949	53.992	9.519	17,63	1.317	2,44	18.114	33,55	2.091	3,87	763	1,41	2.946	5,46
1950/1952	113.049	28.535	25,24	18.051	15,97	40.745	36,04	4.397	3,89	806	0,71	348	0,31
Total	2.593.652	894.037	37,90	406.448	15,65	481.572	18,55	70.837	2,73	39.693	1,53	190.083	7,32

(*) Exclusive brasileiros.

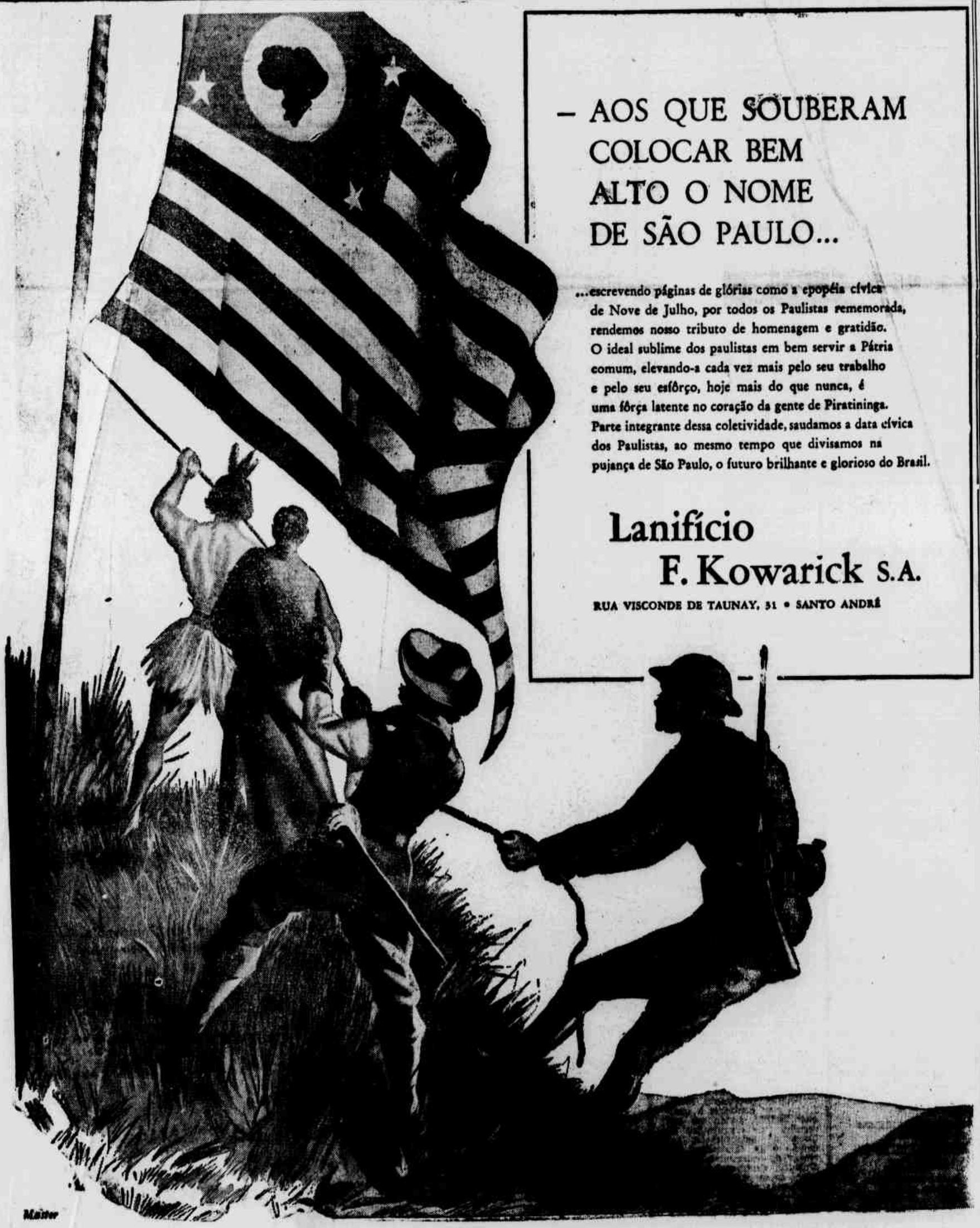
EXPORTAÇÃO DE CAFE'

ANOS	BRASIL			SÃO PAULO		
	Volume 1.000 sacas	Valor Cr$ 1.000	Valor Porcentagem sobre a exportação total	Volume 1.000 sacas	Valor Cr$ 1.000	Valor Porcentagem sobre a exportação total
1901	14.760	509.598	59	9.613	342.538	100
1902	13.157	409.841	56	8.714	279.184	100
1903	12.927	384.298	52	7.994	241.319	99
1904	10.025	391.587	50	6.572	253.087	99
1905	10.821	324.681	47	7.454	218.558	99
1906	13.966	418.400	52	10.166	306.356	99
1907	15.680	453.764	53	11.470	340.776	99
1908	12.658	368.285	52	8.940	275.094	99
1909	16.881	533.870	53	13.453	429.323	99
1910	9.724	385.493	41	6.835	278.243	99
1911	11.258	606.529	60	8.720	477.663	99
1912	12.080	698.371	62	8.935	527.512	100
1913	13.267	811.690	63	10.229	488.000	100
1914	11.270	439.715	58	8.494	350.094	99
1915	17.061	620.490	60	12.120	453.699	98
1916	13.039	389.201	52	9.943	456.750	93
1917	10.606	440.258	37	7.845	336.764	80
1918	7.433	352.727	31	5.391	268.384	72
1919	12.963	1.226.463	56	9.496	946.577	87
1920	11.525	890.958	49	8.481	671.363	78
1921	12.369	1.019.065	60	8.770	761.327	91
1922	12.873	1.504.166	64	8.330	1.071.741	93
1923	14.466	2.124.028	64	9.668	1.489.951	91
1924	14.236	2.928.572	76	9.506	2.030.986	96
1925	13.482	2.900.092	72	9.101	2.075.166	95
1926	13.751	2.347.645	74	9.218	1.656.934	98
1927	15.115	2.575.625	71	10.285	1.865.670	96
1928	13.881	2.840.415	72	8.956	1.994.308	95
1929	14.281	2.740.073	71	9.212	1.965.937	94
1930	15.288	1.827.577	63	9.318	1.279.526	90
1931	17.851	2.347.079	69	10.895	1.604.869	94
1932	11.935	1.823.948	72	6.153	1.028.816	92
1933	15.459	2.052.858	73	10.384	1.452.853	93
1934	14.147	2.114.512	61	10.185	1.555.097	80
1935	15.329	2.156.599	53	10.434	1.551.777	75
1936	14.186	2.231.473	46	9.677	1.613.423	62
1937	12.123	2.159.431	42	7.621	1.425.427	58
1938	17.113	2.296.110	45	11.358	1.642.758	60
1939	16.499	2.234.280	40	11.063	1.605.085	52
1940	12.046	1.589.248	32	8.393	1.155.885	47
1941	11.052	2.017.116	30	7.548	1.465.580	46
1942	7.280	1.965.809	26	4.511	1.291.409	41
1943	10.112	2.802.734	32	7.393	2.146.078	55
1944	13.555	3.879.343	36	10.976	3.251.684	61
1945	14.172	4.260.340	35	10.279	3.254.688	53
1946	15.505	6.441.463	35	11.306	4.964.203	51
1947	14.830	7.755.099	37	9.902	5.751.075	54
1948	17.492	9.018.564	42	11.223	6.435.731	60
1949	19.369	11.610.705	58	11.440	7.339.379	73
1950	14.825	15.907.569	64	8.377	9.591.995	78
1951	16.358	19.447.884	60	7.463	9.234.233	64
1952	15.821	19.212.708	74	8.330	10.410.785	85
1953 (*)	6.550	8.218.647	72	3.390	4.351.320	86

(*) Janeiro-junho.

PRODUÇÃO DE CAFÉ
PERCENTUAIS DE SÃO PAULO

Anos	SÃO PAULO Em relação ao Brasil	SÃO PAULO Em relação ao mundo	Brasil em relação ao mundo
1928/32 média	68,0	59,5	87,6
1933	63,1	48,5	76,1
1934	73,2	57,5	78,6
1935	66,6	40,8	61,3
1936	66,6	48,1	72,3
1937	69,8	48,6	69,6
1938	66,7	45,9	70,2
1939	64,2	38,5	65,0
1940	61,3	35,8	57,6
1941	57,9	29,6	50,8
1942	61,7	29,9	47,8
1943	53,3	29,1	43,2
1944	42,8	20,7	35,5
1945	42,9	24,0	51,8
1946	48,7	27,5	52,0
1947	46,6	25,6	46,8
1948	52,9	30,1	55,1
1949	45,6	26,4	52,4
1950	43,8	20,5	51,8
1951	44,1	20,8	48,4
1952	45,7	21,4	46,9
1953 (*)	42,4	...	...



— AOS QUE SOUBERAM COLOCAR BEM ALTO O NOME DE SÃO PAULO...

...escrevendo páginas de glórias como a epopéia cívica de Nove de Julho, por todos os Paulistas rememorada, rendemos nosso tributo de homenagem e gratidão. O ideal sublime dos paulistas em bem servir a Pátria comum, elevando-a cada vez mais pelo seu trabalho e pelo seu esfôrço, hoje mais do que nunca, é uma fôrça latente no coração da gente de Piratininga. Parte integrante dessa coletividade, saudamos a data cívica dos Paulistas, ao mesmo tempo que divisamos na pujança de São Paulo, o futuro brilhante e glorioso do Brasil.

Lanifício F. Kowarick S.A.

RUA VISCONDE DE TAUNAY, 51 • SANTO ANDRÉ

INICIATIVA PRIVADA OU SOCIALISMO DE ESTADO?

FERNANDO P. CARDOSO
(Presidente do Sindicato de Adubos e Colas no Estado de São Paulo)

Creio firmemente no principio da iniciativa privada como sendo o sistema econômico mais consoante com as liberdades do homem e como sendo o meio mais eficaz para o desenvolvimento de nosso país.

A iniciativa privada, somente ela, favorece o arrojo dos pioneiros, possibilita a aceitação de riscos próprios dos empreendimentos novos, estimula a competição que gera progresso, e dá ensejo ao temor do fracasso que produz pertinacia e eficiência. Não serão essas as condições básicas de trabalho para a construção de uma Nação nova como a nossa? Teria havido bandeirantes alargadores de fronteiras e sertanistas plantadores de café se o brasileiro prezasse antes de mais nada a segurança?

Mas a iniciativa privada resulta no capitalismo e êste sugere a intervenção do Estado toda vez que abdicar do risco, da competição e da audácia, do progresso e do humanitarismo.

O sucesso do capitalismo está, pois, na harmonização dos direitos e dos interesses do consumidor, do operário e do proprietário. Qualquer movimento ou tendência em prejuizo de um dos três grupos de interessados, poderá conduzir ao socialismo de Estado.

Privilegios, monopólios e vantagens unilaterais significam redução da concorrência, com prejuizo do consumidor quanto a preço e qualidade dos produtos a êle ofertados. O consumidor, então, recorrerá ao governo.

Salários insuficientes, descaso pelos problemas sociais, pessoais e familiares do trabalhador, são infrações de direitos do Operário. Este, então, se socorrerá do governo ou se lançará à conquista do governo.

Ausência de lucro, remuneração inadequada do capital, ferem direitos legitimos do proprietário e, chegando a paralisar a produção, levarão novamente à intervenção do governo, porque o consumidor não pode ficar sem o produto e o operário sem trabalho.

Estamos atravessando uma fase de incompreensões, imediatismos e abandono de principios. Por tudo socorre-se do governo, para depois condenar o governo por intervir na economia. Por nada o governo se intromete no dominio econômico, para depois realizar muito menos que a iniciativa privada.

Devemos compreender bem a essência do capitalismo, precisamos estar dispostos a assumir riscos, a produzir sem privilegios, a empreender para o futuro, a aperfeiçoar e progredir, a viver em concorrência, a pensar no consumidor e no operário, com que criaremos alicerces seguros para o sistema da iniciativa privada, a fim de nos atirarmos de corpo e alma à cruzada, já encetada, contra o dirigismo excessivo, contra a estatização da produção, contra as intromissões ilegais no dominio econômico".

(Adaptação de palavras pronunciadas na solenidade de posse da nova diretoria do Sindicato de Adubos e Colas no Estado de São Paulo).

O CAFÉ E A S[redacted] NO MUNDO

C. D'AGOSTINO

Os povos, mormente os civilizados, alicerçam a sua pujança economica, para as grandezas nacionalistas, numa ou mais mercadorias de sua predileção produtora. Quase sempre é do privilegio, das vantagens naturais em suas culturas, que uns sobre outros preponderam economicamente, como a da juta da India, do trigo do Canadá, a do algodão e do petroleo da America do Norte, a dos marmores da Italia, a do carvão da Inglaterra, os produtos quimicos da Alemanha, as modas e perfumes da França, e assim por diante, com as suas distinções mercantis. São os aperfeiçoamentos ou quantidades produzidas que lhes proporcionam as preferencias, como é ainda da "mater-natura" a habilitação de seus homens nas peculiares dedicações produtoras, na sua melhor e natural aptidão. Destarte, do carvão ao trigo, do aço ao petroleo, das fibras e demais materias-primas para as suas industrializações, das aguas aos climas terapeuticos, das escassas às abundantes fontes de energia hidraulica, em resumo, das ferteis regiões, supridas de elementos ecologicos favoraveis, as menos proliferas, de como se compõe o globo terraqueo, a alternativa de sua produtividade criou para os povos, discrepancias economicas, tornando-os interdependentes nas trocas do que possuem e carecem, para as suas aspirações civilizadoras, as hodiernas e imprescindiveis permutas entre os homens.

Desde a era dos bufarinheiros, quando esses primitivos mercadores iam, de feira em feira, vendendo e trocando bujigangas de fascinação feminima, nasciturno da barganha que viria até nossos dias secundada de Bolsas, Bancos, Armazens Gerais, meios transportadores, os orgãos por onde se desenvolve e circulam as coisas do moderno comercio, compreendido como indispensavel à prosperidade dos povos; ainda que remontemos a tempos mais distantes, os dos fenicios, navegadores mercantis, devemos convir que o intercambio entre as nações, proveio justamente da desigualdade com que a natureza, no campo do trabalho, atende ao homem na sua nutrição e anseios de progresso. Resumindo-se em quatro os elementos necessarios à alimentação fisica e ilustrativa da humanidade: a agua, a terra, o fogo e o ar, porem, disparas em sua existencia na superficie terrestre, sofre, assim, o homem os altibaixos nos suprimentos de vida; se é nesses quatro fautores que buscamos atingir as metas de nossa civilização, nos produtos e meios com que alcançá-las, não há duvida de que nem esses basicos componentes da economia, atendem por igual o mundo àquelas aspirações, pois jamais eles se apresentam conjuntamente em toda a parte. Vê-se que nem mesmo os embriões economicos se dispõem a prover o homem na qualidade, malgrado existam para o seu aproveitamento, ressaltando mais uma vez a razão das permutas mercantis, para completá-las com as mercadorias delas fundamentalmente originadas. A variedade da influencia ecologica, esse estado simbiotico dos fatores naturais, que se não entrelaçam em todo o orbe, obriga-nos a conseguí-los, intercambiando com as nossas as especies alheias. Eis então o comercio em seu imperio vital para os povos do mundo.

O café é a mercadoria benfazeja ao nosso país, acolhido pela "natura" em nosso clima e solo, proporcionando-nos a predominancia perante outros povos. Transporte, industria, finanças, comercio, outras lavouras, cambio despesas de manutenção publica (os impostos), em suma, a defesa e civilidade de nossa terra, concentram-se quase só na exploração desse produto, porque dele aufere proventos de valia patria. E' a sua força economico-centrifuga.

Desde quando o trouxera Palheta, transplantando-o em nosso chão, vindo de Caienna, em 1727, tendo nascido em Kaffa, na Etiopia, migrando logo para a Arabia, Turquia e Java, daqui dirige-se para o norte da Europa, pela Italia, França, Inglaterra e Holanda; em Paris torna-se a bebida predileta, instalando-se já nas calçadas do "Café de la Paix"; singrando os mares de Gama e Cabral, toma a direção das Americas, aporta em Martinica, depois em Paramaribo e Caienna, para finalmente, chegar ao Brasil através de Belem do Pará. Daí é transportado para o Rio de Janeiro pelo chanceler Castelo Branco, de onde se distribui pelas terras de S. Paulo, chegando às plagas baiana e de Pernambuco, floresce tambem nas lavouras fluminenses e capixabas. O seu desenvolvimento fôra auspicioso, prenunciando uma era nova na historia da economia nacional. "Os verdes mares dos cafezais", como cantara o vate, trouxeram, pelo exito inicial do seu plantio, a prosperidade e o progresso à nossa terra. Em 1888, na abolição da escravatura, receou-se o perecimento economico do "ouro verde", pois o trabalho passara de cativo a assalariado. Mas, a lembrança de Antonio Prado, então ministro da Agricultura do governo imperial, sugerindo a imigração italiana, superara o grande impasse. Colonizadas as fazendas, alastraram-se os seus cafezais, devotando-se esses obreiros da terra de Mazzini, arduamente, à tarefa contra a transição encarecedora, e do proficuo labor, dá a grande gente da Peninsula, ao Brasil, por São Paulo, a posição do papel preponderante no comercio universal do café. De lá, até nossos dias, a sua cultura, incrementando o desenvolvimento social-economico da nação, passou por sucessivas fases, algumas marcadamente aureas e felizes, outras de tristes desenlaces. Não obstante todas as suas crises e seus esplendores, é ainda a dadivosa planta que há mais de dois seculos encontrou em nossa terra o seu natural "habitat", que predomina em nossa economia.

Em São Paulo, espalhadas por 325 municipios, somam elas 1.089.394.644, tendo já alcançado 1.308.486.115, conforme estatisticas de 1942. No campo do intercambio nacional, contribui com 64% sobre o que exporta o país, dando, portanto o maior contingente de cambio às importações. Só 45 municipios de nosso Estado não possuem a lavoura da rubiacea. No Brasil, é uma arvore genuinamente paulista pela adaptação e impulso quantitativo que lhe imprimiu a gente bandeirante. Duzentos e vinte anos após a sua chegada em Belem, depois de inusitado progresso da sua cultura, foi o café introduzido no Paraná, como tambem agora em Mato Grosso, no Estado do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco teve sempre vida timida. A sua existencia naquelas regiões mostra-se sem predominancia qualitativa-produtora. Pela facilidade e abundancia de seu transporte, até as estradas de ferro, consideram-no como principal objeto de lucro às suas atividades. Em 1953, passou pelo trafego da Cia. Paulista de E. de Ferro, de um total de 63 municipios cafeicultores, cerca de ..... 1.900.000 de sacas. A "Noroeste" de 27 municipios, transportou, nesse mesmo ano, 1.617.338 sacas. A "Araraquarense" percorrendo 33 cidades, conduziu para consumo e exportação aproximadamente 1.000.000. A "Sorocabana" de 111 localidades interioranas, produtoras do café, carregou ..... 1.382.328 sacas. Finalmente das mais importantes, a "Mogiana", da zona onde se colhe o melhor café do mundo, trasladou em seus vagões cerca de 1.000.000. Só o café, não se computando as demais receitas formadoras de seu patrimonio, alimenta o transporte das maiores ferrovias do Brasil, dando-lhes o suficiente para a sua manutenção. Dos cafezais em produção no país, ... 2.093.000.000 de pés, metade deles encontra-se nas terras de São Paulo. O restante distribue-se pelo Paraná, com 250.000.000; Minas Gerais, com 430.000.000; Espirito Santo, com 210.000.000, Bahia, Rio, Pernambuco, Goiás e Mato Grosso atingem 111.000.000 de arvores.

Inegavelmente, como afirmamos atrás, sobre os produtos que sedimentam a riqueza dos povos, o café, para nós, é a viga central na sustentação do edificio economico brasileiro. Nele encontram-se o fluxo e o refluxo das nossas atividades. Dele se esparge a força mercantil do país. Indiscutivelmente, é uno no impulso dessa força. Mas apesar disso, sofre as consequencias de vicissitudes alheias à sua cultura. Como se não bastassem as que lhe impõe a natureza, através dos seus ciclos de intemperies, secas, chuvas temperaturas baixas e elevadas danificando fisicamente a planta encarecendo o onus da sua produtividade tambem os homens lhe gravam os males com planos de descomedida avidez à sua riqueza meios de bajulação politica aos seus produtores como o que se iniciara em 1912 com o articulado "Convenio de Taubaté". Nessa epoca dera-se inicio às pretensões artificiais aos seus maiores preços. Os dirigentes do país tomados de engenhosas prestidigitações valorizadoras manobraram-no, com desprezo às comuns e reais formas economicas e comerciais de sua produção. E' que já se prestava o café, por excelencia, ao intercambio com o mundo, tinha natureza intrinseca, qualidade inconfundivel no seu uso, de passado remoto era a preferencia à sua bebida sobre as demais, de igual genero. Nenhuma se lhe equiparava no paladar, alem de ser o estimulante ideal às energias humanas. Podiamos explora-lo diante do agrado com que se incutira ao seu bebedor, chegando a ponto de consagra-lo como habito indispensavel. Entretanto, essa primeira artificialidade a que o submeteram dera promissores resultados; fôra satisfatoria, mas abrira a porta a consecuções especulativas, de natureza identica, que mais tarde se fizeram em torno do produto. A mais grave delas, que provocara até solução de continuidade ao regime politico que tinhamos adotado, a ditadura do sr. Getulio Vargas, foi a do "Plano Valorizador" no ano de 1922, do governo Epitacio Pessoa, justo, porem, se diga, imposto a esse homem publico pelos então dirigentes de S. Paulo, o qual consentiu com relutancia, em manifesto constrangimento, temeroso, por certo, de seus desastrosos efeitos. Confiara-se o "Plano" ao sr. Conde Siciliano, homem probo, afeito às lides comerciais, tinha-se nele o arquiteto eximio da obra, sempre que a argamassa de sua construção não faltasse, isto é, o dinheiro. Deveriamos impor ao mundo o seu maior preço, sob compras do governo. O acrescimo seria provocado pelo artificio da aquisição. Adquiriam-no até nas Bolsas, onde se cotasse, ainda que fora do país, para elevalo indefinidamente em seu valor. "Jogavamos na alta", como se diz em termos bolsistas, sem nos apercebermos que alimentavamos, desta maneira, as produções de nossos concorrentes, como, o mundo seu consumidor, convencendo-se do ardil artificioso de nossa pretensão, aguardava só faltar-nos os recursos pecuniarios para a derrocada do plano e adquirir, então, o café por menores preços, o que realmente aconteceu; conseguiramos ouro para as Carteiras do Banco do Estado de S. Paulo, mas de nada adiantara ante as consecutivas necessidades financeiras às suas incessantes compras; contavamos paga-lo com a venda do café, assim valorizado, quando até ao cambio afetara o seu insucesso. O "Plano" transformara-se "num saco sem fundo" de incalculaveis danos; tradicionais familias, da noite para o dia, viram-se despojadas de suas terras e cafezais, algumas até jogadas à miseria. Foi quando, opondo-se à sucessão governamental que se deveria processar no momento, levantara-se no sul, sob o comando do atual presidente da Republica, a sublevação pelas armas, depondo o governo constituido pela veneravel figura de Washington Luiz. A infeliz frase deste insigne homem de "que faliriam os fazendeiros, mas ficariam os cafezais", fortaleceu o animo da tropa insurreta contra São Paulo, porque sabia do desapontamento popular ante a palavra repulsiva daquele grande paulista em não querer pactuar com os erros da pretendida valorização, manifestando-se contrario a qualquer auxilio, ferido em seu orgulho de organizador da Caixa de Estabilização, temendo vê-la falida em seu mister de conversibilidade do dinheiro, desprezara os conselhos de amparo aos prejudicados, vitimas imbeles da fantasia valorizadora; aproveitando-se disso o ar. Getulio Vargas, chefe da revolução, prometera a restauração imediata da prosperidade ao paulista. Não hesitaria ele em acolher os invasores rebeldes, recebe-los-ia para o reerguimento ao prejudicial estado de seu café. Haviam fracassado os dirigentes de sua terra. Alvitrou-se, então, a queima da rubiacea. O inverso do engodo valorizador, não menos prejudicial, porem, face a importancia do café nos mercados do mundo. Se o "Plano" tinha em si robustecer a posição de S. Paulo, quiçá a do Brasil, no comercio internacional, fundando-lhe a hegemonia economica, não seria, contudo, a diminuição da sua capacidade comercial e produtora a medida mais aconselhavel para a desejada preponderancia universal. Se a forma ficticia de sua valorização fora danosa, desde que se alojara na falsa imposição de preços, pela consecutiva compra oficial do café, a outra, coatora às reposições de estabilidade, vinha de ser tambem onerosa, porque significava o desfalque na predominancia brasileira que se decidira promover, desfalque em seus stocks pela queima, como nas futuras produções, seccionando as suas plantas. A situação, era, em todos os aspectos, vantajosa aos nossos competidores, que já se haviam beneficiado com o malogrado "Plano Valorizador" de 1922. A custa dele; de outros processos improficuos, adotados pelo governo revolucionario, puderam outros povos ampliar suas plantações, garantidas pela retenção do produto, determinada pelo nefasto processo valorizador. Criara-se o D.N.C., incineram-se em 9 anos mais de 80 milhões de sacas. Presenteamos o governo norte-americano, a titulo de auxilio belico, com 400.000 sacas do seu melhor tipo, agia-se sempre com temor da super-produção, como se ela não fosse orgulho e riqueza aos olhos do mundo. Era estribilho da epoca, nas paginas dos jornais e nas conversas entre os interessados na mercadoria "os excedentes de café", sem outra preocupação que a da queima, sua destruição, como imprestavel e nocivo à economia patria. Mante-lo na sua produtividade, expo-lo aos consumidores, assim, a preços mais baixos, para dominarmos a concorrencia que se alteava perigosamente, como a sentimos agora, não fora obra da imaginação dos dirigentes que haviam tomado o país pelas armas, em face da "debacle" provocada por um plano mal sucedido, se não pensarem que o reverso da medalha seria o indicado, lançando-se aos sistemas restritores, de onus iguais ou maiores ao produto, os mesmos que deram causa à revolução. Esquecidos das intemperies que ferem, periodicamente, o café arrasaram as suas arvores, queimaram os seus stocks, dir-se-ia, estarem acometidos satanicamente de um anatema, pois desafiavam a mãe natureza naquilo que só a ela competia fazer na obra alternada da compensação produtora do homem, e eis que antes, as secas, depois, as geadas, reduzem esses valiosos frutos para o país, em cerca de 50 por cento das antigas colheitas. Em 1933-34, o Brasil tirava das suas fazendas, 29.634.000 sacas, em 1953 a cifra veio a 15.730.000 de sacas de café. O consumo universal, de 26.800.000 de então, está previsto neste ano para 40.000.000 de sacas, distribuidas entre os EE.UU., Canadá, Europa e seus paises produtores. Dizia alguns, contrariamente ao que escrevemos, os altos preços compensa a falta produtora. Mas quem assim fala é Midas pela boca de nossos dirigentes, jamais a deusa da fecundação intermina; aquela que prefere o ouro à riqueza prolifera, quando é esta, em termos sociologicos, a que afere a prosperidade dos povos; nas quantidades disponiveis e nos menores preços de seus produtos, assentam-se a supremacia e parcimonia das nações. Notadamente quando ela nos é prodigalizada pela natureza.

Somos um povo policiado economicamente impedimos a liberrima produtividade de nosso solo ao café. Se o problema é de preço elevado, inversamente às maiores produções, não tardará que nem a vantagem dele será compensadora, porque acabaremos por não ter o que oferecer à exportação, sucumbiremos à rivalidade de outros cultivadores, empenhados no mesmo afã, como por exemplo, a Africa que já supre com 43% o consumo de café no continente europeu.

Quem se aprofundar nas estatisticas sobre o "ouro verde", do sr. José de Queiroz Telles, não só se convencerá de que temos andado mal em nossos contraditorios passos, como constatará a decadencia em que o colocamos, consequentes de um dirigismo estrabico, escasso nas suas produções e em cambio para exportar.

Desde a sua chegada em nossa terra o café e suas vicissitudes, têm influido poderosamente nas condções de vida do povo brasileiro, quando de maneira preudicial, deve-se aos homens que o supervisionaram, as causas dos danos. Mercadoria de cultivo agricola, como é exposta às alternativas prdutoras, só deveria ser tratada com interpretações equivalentes a esta sua condição natural, jamais com mirificos planos. Não é justo consentir que, tendo o café encontrado, na fertilidade do solo patrio seu ingenito florescimento, torne-se obeto de cogitação pessoal nos seus destinos economicos, contrarios à sua natureza. Protejemo-lo para a nossa preponderancia mercantil nos mercados consumidores. Alimentemos as suas maximas produções. Lembremo-nos de que quando procuramos substitui-lo pelo algodão, em 1930, devido a falencia de seu plano valorizador, foram os Estados da America do Norte, o maior e melhor produtor da malvacea que nos aljaram da concorrencia, ocasionando, na epoca, quase o total desaparecimento dessa fibra das lavouras nacionais, porque nunca poderiamos competir com os preços daquele país.

O que o café significa para nós, tem o algodão nos Estados Unidos a mesma importancia. Consagremos, portanto, à rubiacea a prosperidade que ela merece, excluamo-la das invencionices economicas, para, com a sua venda, dominarmos o mundo cafeista, mercê do privilegio ecologico com que a Providencia premiou a sua produção em nosso Brasil.

Todo o CAFÉ que você produzir poderá ser de ALTA QUALIDADE

Depois de longas experiências, foi criado, pelos cientistas da Standard Brands, Inc. um produto que eleva a percentagem de café de superior qualidade. Êste produto chama-se BENEFAX. É um pó à base de enzimas, que torna mais rápida a digestão da mucilagem ou mel do café. Usado de maneira adequada, BENEFAX proporciona as seguintes vantagens:

1. Controla a fermentação, possibilitando a padronização de um tipo de café superior em tôdas as safras.

2. Reduz o tempo de fermentação para seis a oito horas: pode-se, no mesmo dia, colher, despolpar e fermentar o café, deixando-o em condições de ser levado para os secadores.

3. Porque acelera o processo de fermentação, BENEFAX evita o congestionamento dos tanques na fôrça da safra, aumentando-lhes dessa forma a capacidade, sem despesas para sua ampliação.

Empregue BENEFAX no tratamento do café em cereja e obtenha melhores cotações no mercado!

de café despolpado e exige 2,125 Kgs. de BENEFAX.

Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturá-lo. Misture-se bem.

MANTENHA *Benefax bem fechado na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Assim êle conservará melhor suas propriedades.*

IMPORTANTE!

1 Kg. de BENEFAX dá para 400 Kgs. de café despolpado. 1m³ equivale a 850 Kgs.

* * *

PARA MAIORES DETALHES DIRIJA-SE À
STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
CAIXA POSTAL 2315
RIO DE JANEIRO

A STANDARD BRANDS, INC. É UM DOS MAIORES COMPRADORES DE CAFÉ BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS.

ÚLTIMA OPORTUNIDADE

no Norte do Paraná!

CIA. MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ

Terra fertil

NÚCLEOS CRUZEIRO E RIO DE AREIA

TERRAS PRÓPRIAS PARA CAFÉ

Ligadas a Maringá por estrada de rodagem construida pela Companhia. Matas magnificas e extensos palmitais, entremeados de perobas e outras madeiras de lei.

VENDAS EM NOSSO ESCRITÓRIO DE MARINGÁ

CIA. MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ

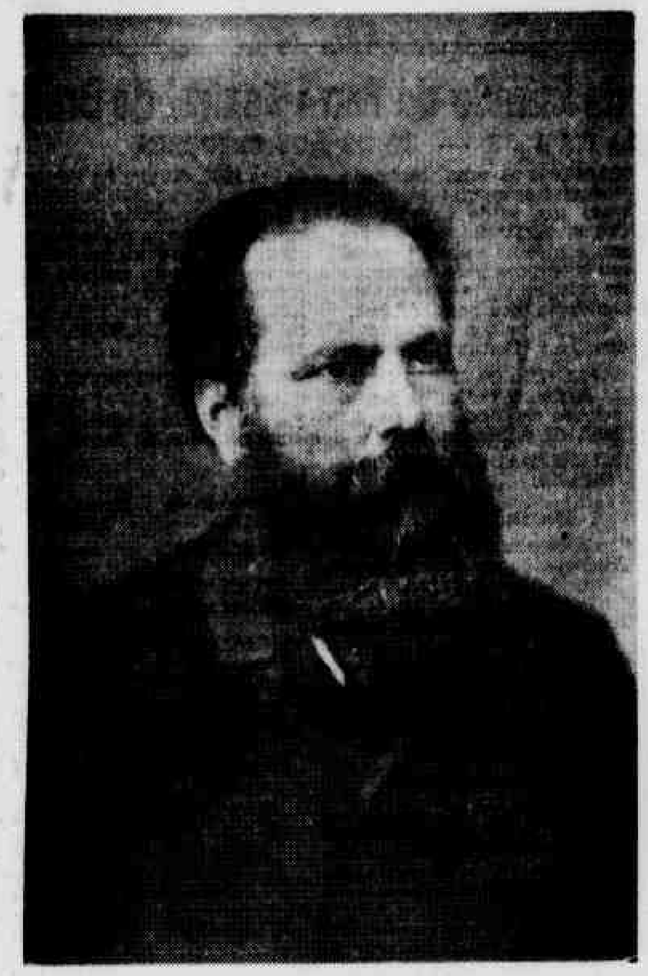
anteriormente

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

Sédes: São Paulo, rua S. Bento, 399 - 8º and. - Caixa Postal, 2771
Inscrição N.º 7, do Registro Geral de Imóveis, do Comarca de Fóz do Iguaçú, de acôrdo com os Decretos-Leis N.º 58 de 10-12-1937 e N.º 3079 de 15-9-1938.

EM LOUVOR DO CAFÉ

Candido FONTOURA



PEDRO BAPTISTA DE ANDRADE

Dois homens notáveis da época em que eu era estudante não quiseram deixar nada escrito para a posteridade: Padre Chico e Pedro Baptista de Andrade. Ambos muito queridos, respeitados e admirados de todos, tinham uma verdadeira alergia a fazer o que estou agora fazendo, que é sujeitar-me à critica impiedosa dos possiveis leitores. Eles tinham razão, como idolos que eram, em não querer expôr-se; mas como todos os homens que se evidenciam têm de pagar o tributo da maledicência, os posteros também não os perdoam por não lhes terem deixado nada escrito para censurar ou admirar.

Padre Chico tinha tal circulo de verdadeiros veneradores, que ainda não conheço quem de longe com êle pudesse emparelhar-se; e isso não só pelo fato de ser o maior orador sacro da época, como pela sua natural bondade e simplicidade. Quando passava pela cidade, de tilburi, a grande maioria dos pedestres parava para tirar o chapeu. Era o rei da oratória e da bondade que passava e todos sentiam-se no dever de lhe prestar essa homenagem.

Em casa de meu saudoso tio Monsenhor Ezechias tive a felicidade de ouvi-lo na intimidade varias vêzes, numa das quais êle disse: — Ezechias, quando tenho de fazer um sermão profundo, tomo café antes de subir ao púlpito; mas quando é um sermão sentimental, tomo um cálice de vinho do pôrto.

Pedro Baptista de Andrade, era outro rei, mas destronado, porque seu ambicionado império, que era o de pesquisas, não existia. Ele foi incansável pesquisador e pioneiro das aplicações industriais da nossa flora, especialmente do café. No ambiente e na época em que viveu, porém, faltaram-lhe o estímulo e os elementos materiais, para que suas idéias e suas descobertas tivessem desenvolvimento e seguimento prático. Nada tendo deixado escrito, sua obra, teve a sorte que sempre esteve reservada ao ensinamento dos apóstolos: sómente com o tempo, e o surto de clima e circunstâncias adquadas, é que ela começa a dar todos os frutos de que era capaz. E' o que justamente se está observando com o café, cujo aproveitamento e apresentação industrial sómente agora vai entrando no caminho das realizações.

Esta edição deu-me nova oportunidade para apresentar os antigos estudos do saudoso Mestre, Prof. Pedro Baptista de Andrade, bem como os estudos práticos do americano Prescott, além de outras contribuições tôdas relativas à nossa tradicional bebida, temas que tratei em folheto publicado há 23 anos, sob o titulo "O café como bebida e fonte de outros produtos".

O resumo dêsse trabalho, publicado no "Journal de Pharmacie et Chimie", de Paris, teve grande repercussão nos meios cientificos, sendo transcrito, em parte até na Russia. Estou citando êsse fato porque a apresentação dos estudos do Prof. Pedro Baptista de Andrade foi de grande utilidade cientifica e industrial no estrangeiro. Sua fórmula, sob o nome de "Extrato volumétrico de café", em forma liquida, foi o ponto de partida para uma nova era no uso da saborosa infusão.

Essa iniciativa deu origem, em 1933, a duas detalhadas consultas do conhecido Prof. Pellerin, autor do mais acatado tratado de Bromatologia de então. E' evidente que tão notória autoridade não se decidiria a manter essa correspondência comigo se não tivesse encontrado nêsses estudos algo de praticável na industria européia.

TEORIA E PRATICA

As fórmulas estudadas em laboratórios experimentais são apenas ponto de partida. O mesmo espanto de Fleming, descobridor contemporâneo da penicilina, ante o novo mundo criado posteriormente graças à genial iniciativa. Assim o "Extrato volumétrico do café", em época e terreno diferentes, veio tendo tamanha evolução durante estes vinte anos, que não parece ter nenhuma ligação com a iniciativa original. E isso não só pela procedência da descoberta, cuja lingua é tão pouco conhecida, como pela negligência com que defendemos os nossos valores.

Na Europa, e presentemente nos Estados Unidos, onde várias firmas de grande importância não dão tréguas ao seu aperfeiçoamento, chegaram ao requinte de apresentar um extrato de café, em contendo a dose para uma xicara de bebida. Basta aquecer a água ou o leite, e nêle dissolver o pó, para se ter uma xicara grande de café, ali sempre acompanhada de uma pequena dose de crême de leite, porque em geral, nos Estados Unidos, não é usado o "café pequeno".

Uma das maiores dificuldades da expansão do café é a grande delicadeza de sua preparação, que tem dado origem a vários processos. O mais primitivo dêles é o do ser econômico, exige uma lavagem perfeita, sem o que fica com uma cada de óleo rancificado, que torna o café de mau gôsto. E também, se fôr feito em vasilhame em que haja um minimo de ferrugem, forma um tanato, que lhe dá péssimo gôsto. Todos os outros numerosos modos de preparar o café são demorados e incômodos, comparados com a facilidade com que se faz o chá. Dessa desigualdade originava-se uma concorrência muito desigual. Quantas pessoas preferem o chá, apenas pela facilidade da sua preparação!

AUMENTO DO CONSUMO

Eis porque teve grande importância a iniciativa do Prof. Pedro Baptista de Andrade, atualmente em franco desenvolvimento, vindo possibilitar o aumento do consumo do café, não só pela facilidade do seu uso, como qualidade que oferece.

Pedro Baptista de Andrade condenava o nosso velho processo de torrar o café, dizendo que não o torrávamos, mas o queimávamos. E de fato dizia a verdade. O processo que usamos altera a composição do café, fazendo sublimar a cafeina e produzindo modificações quimicas profundas. Tanto é verdade, que naquele mesmo trabalho citei um antigo método empregado em nossos laboratórios para extrair cafeina da fuligem das chaminés das torrefações. Esse processo, de cujo autor não me lembra o nome, foi-me comunicado pelo saudoso Prof. Antonio Carini.

Mas passando ao café como bebida, parece fora de dúvida que do ponto de vista alimentar e terapêutico, bebemos um café inferior, não só porque ficamos com o de pior tipo, mas devido ao processo de torrefação que empregamos. Não creio que possamos corrigir êsse método senão quando tivermos estudos esclarecidos, que provem a superioridade do sistema americano de torrefação.

Tive, mais de uma vez, oportunidade de verificar quanto o café nos E. U. é realmente uma bebida revigorante. Uma dessas experiências foi realmente impressionante: estava fazendo compras nas grandes lojas "Macy's", havia mais de uma hora. Sentia-me cansado, com a cabeça pesada e iame retirar, quando deparei uma "cafeteria" da própria casa. Tomei uma chicara grande de café, com a respectiva dose de crême. O cansaço e a dôr de cabeça desapareceram, e graças a isso fiquei mais uma hora e meia fazendo compras.

Em 1908, nos Estados Unidos, fôra lançado o primeiro café solúvel ("instant coffee") pelo Sr. G. Washington, que teria iniciado suas experiências em 1900. Como aluno do Prof. Pedro Baptista de Andrade, já em 1902, tinhamos conhecimento dos seus estudos sôbre essa forma de café. Foram, portanto, simultâneas as experiencias, no Brasil e nos Estados Unidos, com a diferença de que, lá, a idéia foi encarada com espirito prático e por isso, venceu; aqui, como tantas outras, pereceu à mingua de estimulo, e em consequência de nossa pobreza, que não permite gastos com pesquisas.

A VISAO DE PEDRO BAPTISTA DE ANDRADE

Entusiasta que sou do nosso café, não quis deixar de referir um dêsses incidentes corriqueiros de viagem, mas que contribuiu para demonstrar a exatidão dos principios fundamentados por Pedro Baptista de Andrade, que estudou vinte produtos e subprodutos do café, sem que dos seus ensinamentos nada fôsse aproveitado em nosso país.

Nos Estados Unidos a preferência do café sôbre o chá parece evidente, pois em mais de uma "cafeteria" não se encontra chá, precisamente ao contrário do que acontece aqui, onde se consegue chá na maioria dos cafés públicos.

O povo americano é essencialmente prático e sabe muito bem que os homens valem pelo que comem e pelo que pensam; por isso os alimentos são por êles considerados equivalentes aos remédios e rigorosa e cientificamente estudados e fiscalizados. Para os falsificadores lá não há perdão. Assim, tudo fazem para que o espirito, êsse precioso capital humano, seja norteado por uma sadia orientação, fazendo entrar na cabeça, como verruma, desde a infância, que o melhor negócio que existe no mundo consiste em ser útil, em ser bom, e seguir o caminho reto, que é o mais curto entre dois pontos. Tudo indica que o método que êles adotam, como preconizava Pedro Baptista, e o uso que fazem do café, com crême, devia ser também aqui sériamente estudado e depois divulgado. E' evidente que êsse extraordinário povo não daria preferência ao uso do café, se êste não correspondesse a uma utilidade real.

EFEITOS DO CAFE' COMO BEBIDA

Não tenho conhecimento de um estudo completo dos efeitos do café como bebida, no organismo humano. Realmente, é caso difícil. O café varia segunda a procedência, o sistema de torração, etc. Quantas variedades haverá de café e de sistemas de torrá-lo? Não desejo entrar nesse exame; entretanto, nunca será possivel dar como procedente uma conclusão, enquanto não se encontrar uma vase média para ponto de referência.

Mas, em meio de tantas dúvidas que ainda cercam o problema dos efeitos fisiológicos do café como bebida, de onde me vem a veleidade de discretear sôbre êle?

A solução do problema provàvelmente não reside em trabalhos que visem estabelecer a composição média do café crú, pois sabemos que êle não é usado como tal, mas sim depois da torrefação, operação ainda cheia de mistérios, durante a qual fundamentais modificações se operam no grão, desaparecendo alguns produtos existentes, outros transmudando-se, vários outros surgindo até.

Entre os produtos que surgem no café após a torrefação, é interessante salientar uma vitamina do grupo B, o ácido nicotínico, cujo teor aumenta no grão, à medida que progride a torrefação. A própria bebida contém essa vitamina, como demonstraram Hughes e Smith, na proporção de 1 ou 2 mg por xicara de café.

Ainda não pude encontrar estudos completos das transformações que sofrem as sementes do café ao serem torradas. Mas é evidente que uma grande transformação se opera, com aumento de volume e diminuição de pêso, e ainda com a formação dum delicado odor, que quimicamente é explicado pela perda da água e transformação do clorogenato de cafeina em essência e produtos empireumáticos.

Inúmeras substâncias têm sido descritas como formadas durante a torrefação: amônia, metilamina, trimetilamina, piridina e seus homólogos, acetona, furfurol, pirrol e derivados, hidroquinoma, resorcina, ácidos livres (acético, clorogênico, valeriânico, etc.), e finalmente cafeol ou cafeona.

Eis, segundo Prescott, algumas transformações que se operam durante a torrefação do café:

1 — A água é expelida; parte do vapor formado concorre para outras reações no interior do grão.

2 — As substâncias voláteis são total ou parcialmente expelidas.

3 — Os açúcares são parcialmente caramelizados e carbonizados e alguns dêles, tais como as pentosanas, produzem pequenas quantidades na furfuraldeido e outros produtos.

4 — A celulose é parcialmente carbonizada e enegrecida.

5 — O amilo pode ser decomposto em dextrina ou glicose, ou sofrer alterações mais profundas.

6 — Os constituintes lenhosos desdobram-se e carbonizam-se parcialmente.

7 — Os glicósides desdobram-se em seus agrupamentos constituintes e alguns dos produtos dessa decomposição perdem-se.

8 — As substâncias protéicas experimentam modificações, geralmente de caráter hidrolítico, resultando em uma fragmentação molecular parcial.

9 — A cafeina livre volatiza-se em notável proporção.

10 — Os ácidos gordurosos voláteis são eliminados; os óleos fixos sofrem o "cracking" em produtos mais simples.

11 — Forma-se gás carbônico por decomposição ou oxidação.

Como a cafeina é a substância à qual se tem querido atribuir a maioria dos efeitos do café, seria interessante conhecer o paralelismo ou as divergências que acaso existem entre a sua ação e as dos demais produtos que acabamos de citar, alguns até de composição desconhecida.

Constam das preciosas informações prestadas, a pedido nosso, pelo eminente Prof. Silva Melo, sôbre a ação do café no aparelho digestivo, das quais nos valemos repetidas vêzes neste trabalho, as observações que se seguem:

"Pela torrefação dos grãos de café formam-se substâncias empireumáticas de composição ainda não estabelecidas. Mas mesmo essas substâncias, a julgar pelas pesquisas de Achangelsky e Rinz, parecem ter um efeito reforçador na ação da cafeina, aumentando no homem o volume de ar inspirado e expirado, acelerando a respiração, embora sem a tornar mais profunda.

Pela torrefação do café há formação de óleo de café, de alcoóis e aldeidos voláteis, de corpos semelhantes e fenol, de ácidos gordurosos voláteis, etc. Erdmann pôde isolar o ácido furfúrico, que tem sôbre os vasos periféricos e o calor interno efeito inverso ao da cafeina, contrabalançando a sua ação. São os produtos voláteis de torrefação que condicionam a baixa tensão superficial da infusão de café, que por essa razão é também encontrada nos produtos que se propõem substituí-la, procurando conservar-lhe cheiro e sabor".

Outro gênero de antagonismo também aparece, embora menos claramente, nos estudos do Prof. Juhn Bunker, o qual mostrou, com experiências em animais, que doses de cafeina, mortais se administradas em água distilada, tornavam-se inócuas quando propinadas na infusão da café. As razões do fenômeno são obscuras, mas é evidente a sua importância para o conhecimento da ação fisiológica da bebida.

Apesar da ação do café no organismo não depender de um só de seus componentes ou sòmente de suas propriedades químicas, pois adiante veremos o papel desempenhado pela baixa tensão superficial, já referida, aliás, é inegável ser a cafeina o principal daqueles componentes. Seu efeito existe seguramente e se depreende de observações muito anteriores aos intrincados métodos de exploração fármaco-dinâmica de que dispomos hoje."

A respeito, diz ainda o Dr. Silva Melo:

"Fato interessante, que tem impressionado grande número de pesquisadores, é que povos primitivos, selvagens, no mais baixo grau de desenvolvimento, tenham descoberto a cafeina em todas as plantas que, na natureza, parecem contê-la. Isso aparece com evidência quando consideramos os diferentes produtos que contêm cafeina e que são usados nas diversas partes do mundo; o thea chinense, o café preparado com os grãos da coffea arabica, o chocolate proveniente do theobroma cacau, o guaraná da paulinia sorbilis, a cola da cola acuminata, de origem africana, o chá do ilex cassinae dos peles vermelhas. E' surpreendente que êsses povos primitivos, independentemente uns dos outros, tenham encontrado na natureza, com certeza por assim dizer absoluta, todas as plantas que contêm cafeina, e que tenham inventado a maneira de aproveitá-las, para o seu uso habitual. Do ponto de vista farmacológico, tal descoberta é extremamente interessante, porque o principio ativo de todos os preparados obtidos depende de uma substância de ação fisiológica semelhante e que se verificou pertencer sempre quimicamente ao grupo da cafeina".

EFEITOS FISIOLOGICOS DO CAFE'

Hoje em dia não temos senão uma idéia de conjunto sôbre a multiplicidade dos efeitos da cafeina no organismo; detalhes, talves só sejam conhecidos em relação ao tubo gastrointestinal. Do mesmo clinico patricio são também os informes segundo os quais a cafeina pura, tanto por via bucal como subcutânea, tem um efeito desfavorável na secreção do suco gástrico. Diz o Dr. Silva Melo:

"A infusão de café é mal suportada nos diversos casos de doenças gástricas, e em geral contra-indicada na hipercloridria, embora haja casos onde o seu efeito é bem tolerado. Nêsse particular, devemos pôr em relêvo que a quantidade de cafeina do café é muito menor que a do chá e a do cacau; num mesmo peso, as fôlhas de chá têm quase 3 vezes mais e os grãos de chocolate quase o dôbro da cafeina que contêm os grãos de café. Nessas condições, é interessante que um dos grandes objetivos da indústria moderna tenha sido o de procurar libertar o café de sua cafeina, para aumentar o seu grau de tolerância, principalmente no caso de individuos nervosos ou doentes.

Estudando o efeito do café sôbre o intestino, deparei aí um ponto deveras interessante da questão e que necessita ser resolvido experimentalmente. Nas doses habituais, o café tem uma ação regularizadora sôbre o intestino, como é de observação corrente e tem sido posto em evidência por grande número de autores. O seu uso tem sido proposto em lugar do chá, que tem antes um efeito constipante sôbre o intestino, a ponto de sir Hermann Weber declarar que a população rica de Londres sofre de prisão de ventre devido ao chá por ela consumido.

Tal fato deve corresponder à verdade, porque o chá, tanto preto como verde, é empregado habitualmente por médicos e leigos em casos de diarréia. O café, pelo contrário, como é notório, tem um efeito sôbre o peristaltismo, favorecendo a exoneração intestinal, principalmente quando tomado em jejum. Nos casos do seu abuso há, com frequência, prisão de ventre, porque os individuos, sob o efeito excitante da cafeina, pouco sentem a necessidade de alimento, e, dessa maneira, nutrem-se insuficientemente, apresentando não raro acentuado emagrecimento.

Que, nessas condições, haja prisão de ventre por insuficiência alimentar, é por demais natural, mesmo havendo um efeito favorável do café sôbre o peristaltismo intestinal. Tal efeito não é constante, nem sempre evidente, principalmente nos individuos habituados ao uso dessa bebida. Mas, em muitos casos, a sua ação é decisiva e há muitos individuos que dêle se servem devido ao seu efeito excitante sôbre o intestino. Há mesmo pessoas que não podem absorvê-lo sem sentir efeito laxativo, principalmente quando tomado em jejum. Tal fato tem sido posto em evidência por diversos autores, e Harnack acredita que tal ação seja devida a fenômenos fisicos, tendo a infusão do café uma tensão superficial mais baixa que a agua e sendo muito mais hipertônica que o sangue. Nessas condições, ela pode excitar o peristaltismo gastro-intestinal, produzindo efeitos diferentes e até inversos dos produzidos pelo chá. Os produtos da torrefação devem representar aí um papel essencial, porque a cafeina como tal não tem êsse efeito, que, por outro lado, é ainda encontrado nas infusões de café sem cafeina. Como quer que seja, parece haver aí um ponto de alta significação e que precisa ser aprodundado. Seria isso o estudo experimental fisiológico, da ação comparada do café, do chá e eventualmente do mate sôbre os movimentos gástricos e principalmente intestinais".

NOVAS PESQUISAS NACIONAIS

Nos últimos anos, após a publicação do nosso trabalho, aumentaram muito as contribuições, tanto no Brasil como no estrangeiro, sôbre a ação fisiológica e até terapêutica do infuso de café, tal como é bebido. Grande mérito teve, nesse sentido, o Departamento Nacional do Café, ao promover a série de pesquisas cujos resultados foram editados em volume, sob a direção do saudoso Prof. Helion Póvoa, em 1944, sob o titulo "Estudos médicos sôbre café". Nesse precioso volume encontram-se numerosas colaborações assinadas por estudiosos pesquisadores, os quais destacaram os valiosos efeitos da bebida como estimulante do metabolismo, como inibidor da fadiga muscular e da fadiga mental. Particularmente interessantes são os que salientam o benéfico efeito do café na realização do trabalho mental, em que êle aumenta a capacidade de concentração de atenção inicial, bem como a sua manutenção por maior prazo. Também dignos de interêsse são os resultados da absorção de café para diminuir a fadiga do esforço, em que ficou provado que o coração, sob a ação do café, se adapta melhor ao esforço fisico. Aliás, êsses resultados foram confirmados na Alemanha, onde se apurou, em experiências cientificamente controladas, que os atletas produziam melhores "performances" após a ingestão do café forte.

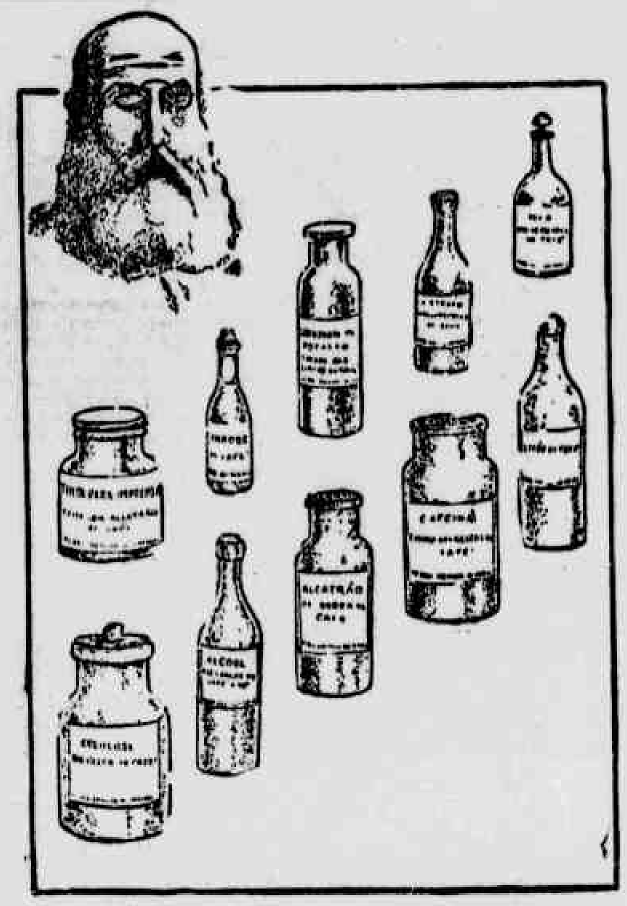
DOS ASSOALHADOS EFEITOS TOXICOS DO CAFE'

Alguns inimigos do café quiseram, por sua vez, desvirtuar-lhe a ação estimulante, para coloca-lo entre as drogas que alimentam os vicios orgânicos prejudiciais à saúde, como sejam o alcool, o fumo, a cocaina, a morfina, o ópio, etc. A êste respeito, o Dr. J. W. Mallet, depondo, certa vez, perante um Juizo Federal, especificou que a cafeina e o café não eram formadores de vicio, no sentido integral da expressão.

"A definição de vicio traduz, sem dúvida, um hábito prejudicial e injurioso, quiçá deprimente, e que se manifesta tão firmemente aferrado a um individuo, que dificil se torna abandoná-lo, a não ser com grande dificuldade e com extraordinário sofrimento. E a continua prática do vicio requer uma cada vez maior procura da droga que o alimenta. Ora, é sabido que com relação as bebidas que contêm cafeina, o desejo de tomá-las cessa imediatamente após o ato de ingerí-las, e, nestas condições, o café não oferece possibilidades de vicio. Indiscutivel é o conceito do Dr Mallet, pois o contrário é o que se observa com outros vicios, dado que quanto mais um individuo procura atender às suas exigências, mais se entrega ao imperativo do consumo da droga, tornando-se, por isso, um escravo de seu uso.

O dr. Brady acredita que a tão decantada ação prejudicial do café é principalmente psiquica, conforme evidenciam as suas palavras: "Muitos dos reclamos que pesam sôbre o café, como bebida, nada mais expressam que uma fantasia mórbida. As pessôas de temperamento dispéptico ou neurótico têm a presunção de que o café deve ser prejudicial porque êle é bom e inofensivo, e dessa forma evitam o prazer de saboreá-lo."

A longevidade, por sua vez, tem sido discutida em relação ao uso diário do café. O próprio autor de "All about Coffee" afirma que quase todas as pessôas têm sempre um ou outro conhecido, vivendo há longos anos, a despeito do uso diário do café. A êste respeito, ocorreu-lhe lembrar as palavras do célebre professor Metchnikoff: "Em alguns casos, os centenários estiveram entregues ao uso do café". O leitor certamente se lembrará da resposta de Fontenelle, quando seu médico descreveu o grave dano que lhe vinha do uso do café, agindo como um verdadeiro veneno: "Bom, respondeu Fontenelle, nêste caso, eu venho me envenenando desde há cêrca de 80 anos. "Há centenários que viveram mais tempo do que Fontenelle e beberam ainda mais café do que êle. Elizabeth Durieux, natural de Savoia, atingiu a idade de 114 anos. O seu principal alimento foi o café, do qual tomava, diariamente, nada menos que quarenta xicaras pequenas. Ela era jovial e de companhia alegre e sempre festiva, e, nas refeições, usando o café como bebida, tomava-o em quantidade de surpreender a um árabe. Sua cafeteira estava sempre no fôgo, da mesma maneira que um bule de chá, num rancho da Inglaterra".



Amostras de sub-produtos resultantes das pesquisas de Baptista de Andrade

Entra mês, sai mês
Entra ano, sai ano
só tomo

CAFÉ AMERICANO

AVENIDA JABAQUARA, 848 — TEL.: 7-5500 — S. PAULO

Os empreendimentos da Cia. Esmeralda, na multiplicidade de suas casas, apartamentos e terrenos, constituem em uma verdadeira cidade que satisfaz às aspirações de um lar perfeito. Os seus edifícios atendem aos mais rigorosos requisitos de qualidade e boa aplicação de capital. Estão excepcionalmente bem localizados; caracterizam-se pelo máximo confôrto, sábio aproveitamento de espaço e beleza de linhas. Alicerçada na experiência que já conquistou em iniciativas de escól, a Cia. Esmeralda de Imóveis desenvolverá o máximo de esforços para que a "Cidade Esmeralda" continue crescendo, mas conservando imutáveis suas características de comodidade e estética — para satisfação dos seus proprietários e maior valorização dos bens nela aplicados.

CIA. ESMERALDA DE IMÓVEIS
Rua Cons. Crispiniano, 344 - 9.º - Fones: 33-1663 - 35-9612 - 35-9613

INCORPORAÇÃO DE CONDOMÍNIOS • CORRETAGEM DE IMÓVEIS
ADMINISTRAÇÃO PREDIAL • CASAS POPULARES • LOTEAMENTOS

SITUAÇÃO DO CAFÉ NOS MERCADOS EXTERNOS

A SAFRA DA RUBIACEA PROSSEGUE A INDUSTRIALIZAÇAO — INVERSAO DOS "TERMS OF TRADE"

GERALDO BANAS
(Dos "Diarios Associados")

Nos últimos cinco anos, a rubiácea transformou-se em "estrêla" do mercado de produtos primários. A súbita ascensão de suas cotações, em 1949, e agora, em dezembro de 1953, contrasta com o comportamento de todas as outras matérias-primas (com exceção do cacau), e os comentaristas perderam-se na profecia da futura evolução dos preços de um produto tão singular.

No Brasil, todavia, esse fato não é suficientemente apreciado. Fala-se nas geadas, na diminuição da oferta e em outros fatores técno-estatísticos que intervêm na equação dos preços do mercado; mas, no comércio internacional entram mais de 38 produtos primários, e cada um deles enfrenta, no curso de sua história, condições especiais que justificam a evolução de seus preços e que não obedecem à tendência conjunta do mercado. Mas, no caso do café, essa situação "hors pair" já perdura há 4 anos, e é isso que intriga os observadores.

* * *

Na realidade, não se deve limitar o exame a um período curto, ou estabelecer comparações com os preços de antes da segunda guerra mundial. Em 1937, por exemplo, quando o café era cotado a US$ 0.11 por libra-peso, registramos um período de baixa excepcional. Os preços recebidos nos mercados externos não chegavam para pagar o custo da produção; assim, todos os índices desse período não podem servir como pontos de referência.

Um recente trabalho da ONU (Organizações Unidas) permite estabelecer um quadro mais completo, pois abrange meio século e inclui 37 produtos primários.

Na base dos algarismos apresentados pelo mencionado trabalho, podemos distinguir três grupos de produtos; um primeiro grupo, cujos preços reais (calculados em dollars, com o poder de compra de 1950) aumentaram em relação ao ano de 1900; um segundo, cujos preços se mantiveram na altura dos níveis do começo do século, e finalmente, um terceiro grupo, que baixou as suas cotações nos últimos cinquenta anos. O café figura no primeiro grupo, juntamente com o petróleo e mais três outros produtos. Mas, se calcularmos a contribuição regional dos grandes fornecedores de matérias-primas para o abastecimento dos mercados internacionais, percebemos que a América Latina se beneficiou, mais do que os demais blócos, com a evolução dos preços.

PARTICIPAÇÕES DE PRODUTOS VALORIZADOS NAS EXPORTAÇÕES

AMERICA LATINA	Porcentagem
Café	21,7
Petroleo	19,9
Linhaça	1,1
Algodão	4,3
Estanho	1,0
	48,0
BLOCO DA LIBRA	
Estanho	1,9
Juta	4,6
Café	0,6
Petroleo	6,4
Algodão	3,0
	16,5
ESTADOS UNIDOS E CANADA'	
Fumo	1,9
Algodão	7,6
	9,5

Para a America Latina, os produtos primarios que melhoraram os seus preços nos ultimos cinquenta anos, representam 48% de suas exportações; para o bloco Sterling somente 16,5%, e para o Canadá e os Estados Unidos, menos de 10%.

Mas, o reflexo desse fenomeno sobre a balança de pagamento dos paises continentais foi excepcionalmente favoravel como revela a evolução dos "terms of trade" equação. Quando o indice é inferior a 100, a cotação dos produtos vendidos ao exterior é favoravel; quando o indice é superior a 100, isto indica a alta dos preços dos produtos importados.

EQUAÇAO DAS TROCAS 1950 = 100

ANOS	America Latina	Estados Unidos
1937	66	132
1938	58	135
1949	75	114
1951	97	91
1952	89	96
1953	92	99
1954	108	98

Do quadro ressalta, claramente, a influencia da alta do café em novembro de 1949, e dezembro de 1953, sobre a relação dos "terms of trade" de nosso continente e dos Estados Unidos. A evolução nos dois blocos é diametralmente, oposta revelando os interesses contrarios que assumem no mercado o vendedor e comprador de materias-primas.

— :: —

Quais são, afinal, as condições especificas da alta dos preços do café? Elas são varias e algumas nem siquer ligadas a fatos inerentes à lavoura da rubiacea. Normalmente, sem a segunda guerra mundial, e sem a transformação de inumeras colonias em Estados independentes, a Africa e mesmo a Asia, figurariam, hoje, nas estatisticas como grandes produtores de café.

A América Latina, e especialmente o Brasil, se acharíam empenhados numa luta competitiva, e provavelmente, os preços da rubiacea não ultrasssariam de muito os miseraveis niveis de 1934-38.

Mas, como os acontecimentos nos ultimos quinze anos não obedeceram a esse esquema de "normalidade", observou-se uma profunda modificação de estrutura na divisão internacional do trabalho: grandes partes da Asia desapareceram como fornecedores de produtos primarios para os mercados internacionais; em outras, o custo da produção de borracha e estanho foi encarecido pela erupção de guerras civis e pela necessidade de secundar os trabalhadores nas plantações e nas minas, com soldados e outros elementos de segurança.

Em outras palavras, a produção de materias-primas em escala mundial, não aumentou no mesmo ritmo da produção industrial, e dessa discrepancia resultou uma escassez permanente dos primeiros.

Esta é a primeira conclusão que se pode tirar das estatisticas. Uma segunda, interessa à planificação da produção pelas "metropoles" européias. O "Colonial Office", de Londres, e as instituições congeneres de Paris e Bruxelas, começaram, ainda durante a ultima guerra, a estimular a produção de materias-primas necessarias à sua industria. Ora, a capacidade produtiva dessas regiões não pode ser aumentada do dia para noite, e os indigenas que se deslocaram para as plantações de sisal, algodão, amendoim e para as mineraçoes de cobre estanho, estão fazendo falta nas culturas de café e cacau.

Se mencionarmos, ainda, que, em muitos paises primarios se desenvolveu um esforço manufatureiro que, tambem, utilizou materias-primas industriais, explica-se o relativo desinteresse pelo cultivo de café e cacau que, em primeiro lugar, são produtos destinados à exportação.

— :: —

E' verdade, que o quadro acima pintado se modificou um pouco ultimamente. Os planos de industrialização não estão sendo executados com rigor, e os altos preços alcançados pela rubiacea estimularam o interesse pelo café em vastas regiões da Africa.

Ou, em outras palavras o espectro da "superprodução", — que segundo as leis da "normalidade" já deveria ter-se apresentado, há varios anos — só num futuro mais dilatado agirá sobre o nivel dos preços internacionais do café.

Transplantando nossa observação, do plano internacional para o nacional, chegamos à conclusão de que os paises "fornecedores de materias-primas", a despeito de sua industrialização local, não diminuiram a sua dependencia dos mercados externos. Se escolhermos alguns exemplos classicos, verificaremos que a importancia de um determinado produto nas exportações desses paises, não diminuiu entre 1937 e 1953:

PARTICIPAÇAO DE DETERMINADOS PRODUTOS NAS ESPORTAÇÕES DOS PAISES NOVOS

Paises	1937	1953
Egito		
Algodão	74%	85%
Thailandia		
Arroz	45%	62%
Australia		
Lã	42%	47%
Burma		
Arroz	43%	73%
Ceylão		
Chá	51%	53%
Islandia		
Peixe	81%	95%
Paquistão		
Algodão	44%	43%
Irak		
Petroleo	65%	86%
Peru		
Algodão	25%	35%

Todavia, essa intensificação das exportações do tipo "monocultura", não é devida ao aumento do volume de produção dessas materias-primas mas, sim, à melhora de seus preços.

*

Resumindo a situação nos mercados de produtos primarios, chegamos à conclusão de que, dentro de um aumento generico de todas as mercadorias neste setor, o comportamento do café foi particularmente favoravel.

Essa circunstancia beneficiou, em primeiro lugar, os paises latino-americanos, que estão entre os maiores produtores de rubiácea:

O CAFE' COMO FATOR DE EXPORTAÇAO

PAISES	Participação da rubiácea nas exportações totais de cada pais 1937	1950	1953	Importação do pais nas exportações mundiais de café
Brasil	42%	64%	69%	52%
Colombia	65%	78%	84%	19%
Costa Rica	36%	32%	38%	1%
Rep. Dominicana	10%	15%	24%	1%
Equador	17%	29%	25%	1%
El Salvador	95%	89%	88%	4%
Guatemala	68%	78%	77%	4%
Haiti	52%	54%	66%	0,5%
Mexico	4%	8%	12%	2%
Nicaragua	50%	65%	53%	1%
Etiópia	46%	54%	47%	0,2%
				85,7%

Essa analise do passado todavia não nos deve iludir em relação ao futuro. E' possivel que os fatores de "normalidade" induzam a Africa a prosseguir no seu esforço de intensificar a produção da rubiácea; mas, é possivel, também, que a "anormalidade" prevaleça, e que os movimentos politicos tendentes a substituir o regime colonial pelo de "dominio" e talvez, mesmo por Estados independentes, crie condições dificeis para a expansão da rubiácea.

Se prevalecer essa segunda hipotese, o nosso café manterá, ainda por mais alguns anos, a sua posição "hors pair" no conjunto dos produtos primarios.

Reduzido o débito e elevada a receita da Estrada de Ferro Central do Brasil

LISONJEIRA A SITUAÇÃO APRESENTADA EM 1953 — ÁGIOS AOS CREDORES

A Estrada de Ferro Central do Brasil está empenhada em pagar todas as suas dividas atrasadas. Em 1953, já deu um passo importante nesse sentido pagando grande parte dos seus débitos.

Ao assumir à direção da importante ferrovia, a atual administração tratou imediatamente de saber quanto a Estrada devia e por um levantamento feito pela Contadoria Geral, foi apurado que os compromissos a curto prazo e os da divida consolidada, vencidos e não resgatados até 22 de janeiro do ano passado, ascendiam a Cr$ ..... 1.022.266.198,70, existindo ainda em processamento contas de exercicios anteriores na importancia de Cr$ ..... 138.946.356,00.

PAGANDO PESADOS AGIOS AOS CREDORES

Via-se então a Central do Brasil numa situação bem incomoda pois era obrigada a sujeitar-se a exigencias e imposições absurdas de seus fornecedores como o pagamento de 40 e até 100% a mais nos preços das mercadorias, a fim de não ficar sem estas.

A receita prevista na proposta orçamentaria elaborada para o exercicio de 1953 era de Cr$ 843.629.252,00 (com otimismo), tudo indicando que fosse esse numerario insuficiente para atender a todas as despesas fixadas para esse exercicio, pois nele não haviam sido computados gastos com o pagamento de abono de emergencia, salario-familia e gratificações adicionais, instituidos por lei e orçadas em Cr$ 712.580.000,00.

REDUZIDO O "DEFICIT"

Considerando que a receita da exploração industrial da ferrovia não apresentava qualquer margem para ser utilizada na liquidação dos compromissos vencidos a Administração da Estrada para a cobertura, do "deficit" na medida do possivel. E como solução inicial, foi feita a revisão da proposta orçamentaria, incluindo-se nas mesmas despesas inadiaveis, como o pagamento do abono de emergencia, salario-familia e gratificações reduzindo-se ainda mais outras, embora consideradas como imprescindiveis.

Com essa providencia, o "deficit" do novo orçamento foi logo reduzido de Cr$ 606.209.252,00.

A segunda providencia foi o encaminhamento, ao ministro da Viação, de uma pormenorizada exposição sôbre a situação da emprêsa, solicitando os recursos necessarios à regularização dos negocios da Estrada com os seus fornecedores, solicitação essa plenamente de acôrdo, aliás, com a lei n. 1.163, de 22 de julho de 1950.

REDUZIDO O DEBITO E ELEVADA A RECEITA

Essa pretensão da Central do Brasil, depois de correr os canais competentes, foi deferida pelo Presidente da República, que autorizou o Banco do Brasil a elevar para Cr$ 200.000.000,00 uma conta de financiamento que já registrava um saldo devedor de Cr$ 93.432.200,90, e bem assim a ajustar com a Central um programa para utilização do referido financiamento na liquidação dos seus débitos.

Graças, pois, a essas providencias, a Central pagou, ainda em 1953, dividas na importancia de Cr$ 1.020.038.878,30 por conta do citado financiamento, e tanto na parte financeira como no setor dos transportes, a receita própria foi elevada, de Cr$ ..... 1.106.973.995,90 em 1952, para Cr$ 1.191.284.748,80, em 1953.

MAIOR O INDICE DE LIQUIDEZ FINANCEIRA

Assim, o indice de liquidez financeira que, em 31 de dezembro de 1952, era de 0,185 foi, em 31 de dezembro de 1953, de 0,685, conforme a demonstração que se segue:

EXIBILIDADE A CURTO PRAZO:

Discriminação	Exercicio de 1952	Exercicio de 1953
Credores com garantia bancaria	94.132.287,80	—
Titulos a pagar (compromissos vencidos)	171.201.526,40	—
Tráfego mutuo	173.126.643,20	80.209.234,40
Caixa de Aposentadoria e Pensões	216.802.410,40	297.245.397,60
Pessoal a pagar	144.675.186,60	13.510.644,80
Contas a pagar	483.172.853,70	172.314.346,30
SOMA	1.283.111.108,10	663.279.623,10

DISPONIBILIDADES:

Discriminação	Exercicio de 1952	Exercicio de 1953
Caixa	45.501.041,60	3.198.730,90
Estações, C/Caixa	12.583.605,20	—
Renda em transito	3.918.119,30	14.763.597,80
Bancos	52.556.125,80	81.372.719,70
Tráfego mutuo	123.301.166,40	175.570.719,70
SOMA Cr$	237.860.058,80	274.905.227,70
Recursos do Financiamento da Lei n. 1.163, de 22-7-950	—	179.961.121,70
Cr$	237.860.058,80	454.866.349,40

$$\text{indice de liquidez em 31-12-953} = \frac{237.860.058,80}{1.283.111.108,10} = 0,085$$

$$\text{indice de liquidez em 31-12-953} = \frac{454.866.349,40}{663.279.623,10} = 0,685$$

como se vê, a situação apresentada em 1953, mesmo não sendo boa, é bastante lisonjeira, quando comparada com a de 1952, cujo calculo obedece ao mesmo criterio.

Desta situação resultou imediato aumento de confiança nas operações da Central que pode recomeçar as suas compras de material e contratar serviços a justo preço, atenuando de modo sensivel os efeitos da elevação do custo de vida.

Outro aspecto ainda interessante das providencias tomadas, foi a possibilidade de liquidação, em dia, de todos os beneficios concedidos pelo Govêrno na lei do abono de emergencia e no recente estatuto de funcionalismo. Ainda para esse fim foram recebidos recursos do Tesouro, pois o regime da Estrada era e ainda é deficitária, se bem que o prejuizo esteja em marcha descrescente, conforme demonstram os Balanços Gerais de 1953 e os dados referentes aos primeiros meses de 1954.

Organização Joaquim de Figueiredo S. A.

Despachos Alfandegários — Armazenamentos — Financiamentos

(Cobrança dos fretes no destino)

Av. Presidente Vargas, 446 Telefones:
Sala 604 — RIO 43-0117 e 43-0532

Café PIONEIRO 100% PURO RENDE E AGRADA MAIS

CAFÉ PIONEIRO SEMPRE O 1.º

Só torramos cafés finos

CAFÉ PIONEIRO S/A.

PRAÇA PRINCEZA IZABEL, 38 - Fone: 51-7838 - SÃO PAULO

End. Telegr. "Rydan" Telefone 23-3197

A. DE ANDRADE

Corretor Oficial de Café

Negocios de disponivel, Bolsa e cafés a chegar — Prática de trinta anos de atividade no ramo

Referencias: Qualquer firma de café do Rio de Janeiro

Rua Conselheiro Saraiva, 30 - 1.º — Rio de Janeiro

FAZENDA SANTA MARIA DA CALUNGA

MUNICIPIOS DE MOGI-MIRIM E ITAPIRA

ESTAÇÃO DE VERGEL

CIA. MOGIANA

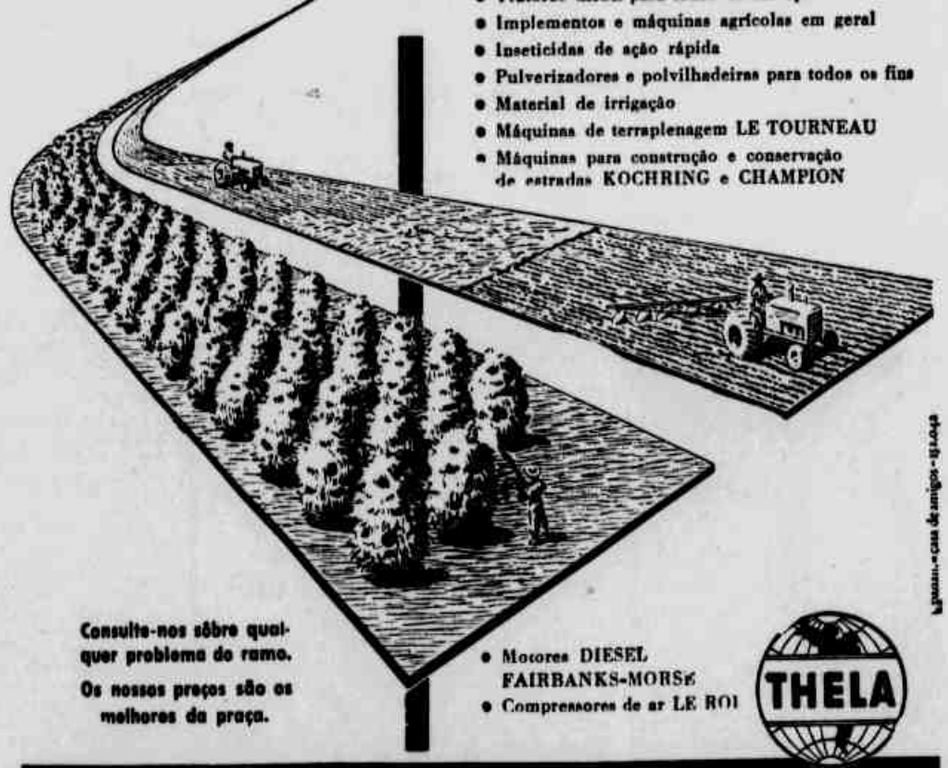
Propriedade do CONDE RAUL CRESPI

MARCA DE QUALIDADE

integrada no desenvolvimento agrícola do país

A Thela Comercial S.A. está cooperando, há longos anos, para o desenvolvimento das fontes de produção do país, com produtos de confiança, maquinaria de alta classe e assistência especializada. Adquiriu, assim, uma excepcional experiência dos problemas e necessidades da Lavoura, Pecuária e Indústrias conexas, o que a coloca na vanguarda da batalha da produção nacional.

THELA



- Tratores CASE para todos os serviços
- Implementos e máquinas agrícolas em geral
- Inseticidas de ação rápida
- Pulverizadores e polvilhadeiras para todos os fins
- Material de irrigação
- Máquinas de terraplenagem LE TOURNEAU
- Máquinas para construção e conservação de estradas KOCHRING e CHAMPION

Consulte-nos sôbre qualquer problema do ramo.
Os nossos preços são os melhores da praça.

- Motores DIESEL FAIRBANKS-MORSE
- Compressores de ar LE ROI

THELA

THELA COMERCIAL S.A.

Avenida Duque de Caxias, 133/53 - Telefone 52-6191

Filiais: Rio de Janeiro, Curitiba e Barretos

CAFE' CAPITANIA E O ESTADO DO ESPIRITO SANTO

CARLOS LINDENBERG

E' discutida até hoje pelos estudiosos, a historia da entrada do Café (Coffea Arabica) no Brasil, sendo mais corrente, que quem trouxe as primeiras sementes, foi o sargento-mor português Francisco de Mello Palheta, que a 27 de maio de 1727 as introduziu no atual Estado do Pará, adquiridas em Caiena, como presente da senhora Claude de Orvilliers.

Dessas pouquissimas sementes, proveio a imensa produção cafeeira, que faz ainda hoje a maior riqueza do país. Incontestavelmente ao precioso arbusto deve a nação brasileira sua pujança, uma vez que tem sido ele, em todas as epocas, a base de sua economia, a fonte perenemente salvadora, a corrigir as liberalidades e os desmandos dos homens.

No Estado do Espirito Santo, antiga provincia e Capitania Hereditaria do mesmo nome, a historia do café é naturalmente mais nebulosa e controvertida do que a de sua entrada no Brasil, não se conhecendo ao certo a data em que foi ali introduzida a valiosa planta.

Certos fatos, entretanto, e, principalmente o nome — Café Capitania — dado ao produto oriundo de seu solo ao tempo das Capitanias Hereditarias — levam a crer que foi um dos primeiros Estados a cultivar em escala de exportação, a tão querida rubiacea.

Nenhum outro Estado, Provincia ou Capitania, jamais adotou o nome citado, para seu café. Entendem por isso os conhecedores da materia, que o nome apareceu naturalmente, sem ser escolhido, mas, porque o café era produzido, era exportado, vinha de uma das Capitanias Hereditarias, em que se dividia o Brasil.

E' evidente que se outras Capitanias, ao tempo, exportassem café, de certo teria se generalizado a alcunha de — Café Capitania — indicativa do produto que então surgia. Isso, entretanto, não ocorreu.

Por outro lado, o "Café Capitania", ao que afirmam alguns tecnicos, não é uma variedade exotica entre as culturas do genero, no Espirito Santo; é antes uma transmutação do café crioulo, por força do meio ambiente", como escreveu Josué Prado, antigo comerciante, presidente da Bolsa do Café do Estado e incansavel batalhador pela produção de café de qualidade.

Ora, o fato de não ser uma variedade especifica, tambem abona nossa opinião, sendo mais um forte argumento para concluir-se, que o nome se originou em função da procedencia, ou seja — **Café da Capitania**.

Café Capitania quer dizer, produto uniforme de grãos graudos, aroma agradavel, bebida suave e, seria original e estritamente mole, se não fosse a colheita impropriamente feita e o mau preparo a que é submetido. Quer dizer ainda, plantação sombreada, terras quentes do litoral, cafezal de longa duração, colheitas regulares, embora de produção relativamente pequena. Ao que tudo indica as plantações de café capitania do Espirito Santo, que datam da era das Capitanias Hereditarias, são precursoras das lavouras sombreadas das Americas, atendendo-se principalmente às datas conhecidas do inicio do cultivo sombreado da referida planta na Colombia, Venezuela, America Central, Mexico e no proprio Brasil, onde são quase as unicas existentes.

Essa especie de lavoura sombreada, é adotada ainda hoje no Espirito Santo, nos lugares mais quentes, desde a orla maritima até cerca de 40 quilometros do litoral, seguindo a rotina dos primeiros desbravadores, que implantados na periferia, rumaram paulatinamente para o centro.

O sistema de plantio é o usado comumente em todo o país: derrubada e queimada a mata, é plantado o café em caroço na distancia de dois a três metros, e, com ele, cereais por alguns anos, entre as lheiras, que teimosamente continuam dispostas de morro baixo.

Nas limpas ou capinas, sem obedecer a alinhamento, mas à pratica, os lavradores, vão plantando ou apenas cultivando as mudas que nascem expontaneas de uma especie de eritrina indigena, a qual dão o nome de "mululo" ou "mulungu", que servirão de sombra para o cafeeiro. A sombra dessa arvore de crescimento rapido, é que se escondem os cafezais, que afirmam pessoas antigas, possuirem alguns mais de cem anos, embora ainda produzindo.

A arvore de sombra, morre aos 30 anos, porem, suas sementes já produziram outras arvores, que carinhosamente cuidadas, as substituem.

Nas grandes secas, que, tambem há geralmente no inverno, de abril a outubro, essas arvores perdem as folhas, mas, mesmo assim, sua ramaria proteje seus pupilos contra os ventos e a evaporação rapida do copioso orvalho das longas noites, aproveitado pelas plantas mantidas verdes, em contraste com as culturas a céu aberto e sol vivo, cujos galhos esturricados apontando para o firmamento, parecem clamar pedindo vingança pelas iniquidades sofridas.

As lavouras sombreadas são mais faceis de limpar, contentando-se com uma capina. O mato nasce com menos força e intensidade devido à sombra, sendo que a erosão é praticamente desconhecida, a despeito do alinhamento feito no sentido da maior declividade.

A colheita, lamentavelmente, é feita em geral, como em todo o Brasil. A derriça ou as varas derrubando as folhas, quebrando galhos finos e maltratando a arvore, atiram ao chão o café seco no pé, juntamente com o maduro em cereja, o verdolengo e o verde, para ser depois tudo varrido com a sujeira, pedras, cisco, gravetos, que irão constituir as chamadas impurezas que auxiliam a desvalorizar o produto.

O sistema de preparo obedece, igualmente, à velha rotina. Pessima lavagem, café em montes fermentando para afrouxar a casca; secagem em terreiros de terra ao sol quente, vendo-se todo misturado, desde o café seco no pé, ao verde; pilação defeituosa, sendo que em algumas propriedades, ainda é usada a antiquissima "bolandeira", peça de museu, que só serve para esmagar o grão do café. A despeito de tudo isso, de todos os maus tratos infligidos às plantações e ao proprio café, o produto é claro, graudo, embora de aspecto feio, aroma agradavel, bebida excepcionalmente suave.

Naturalmente, devido a seus predicados, é que o Café Capitania foi sempre procuradissimo, até mesmo após a guerra de 1914, obtendo vantajosos agios nos mercados europeus. Era o café preferido por Sua Santidade o Papa, a quem o sr. Pietrangelo De Biase, da extinta firma Vivacqua Irmãos S. A., remetia anualmente um saco para seu uso.

Com o aprimoramento pela qualidade, dos cafés paulistas, parece que estes foram preferidos pelos mercados, mesmo porque em muito maior quantidade, sendo hoje o Capitania usado como qualquer outro café melhor, para fazer ligas.

As principais lavouras de Café Capitania, como em geral as lavouras de café do Espirito Santo, obedecem ao regime da pequena propriedade e estão localizadas nos municipios de Vitoria (capital) Cariacica, Fundão, Serra, Aracruz, Viana e São Mateus.

Os tipos variam de 5 a 8, simplesmente, pela falta de cuidado na colheita e preparo do produto.

Se fossem seguidos os processos e metodos, aliás, faceis e praticos usados pelos indios colombianos, sem duvida, o Capitania, atingiria com vantagem, os niveis em qualidade e preço, dos melhores **milds** produzidos por aquele grande, rico e simpatico vizinho.

Infelizmente, a rotina de mais de cem anos é dificil de ser quebrada, principalmente entre os lavradores descrentes das novidades e desconfiados dos ensinamentos e promessas dos tecnicos do governo.

Varias campanhas têm sido feitas pelo governo do Estado, pelo Ministerio da Agricultura e pelo Departamento do Café, no sentido de melhorar a qualidade do produto, orientando os lavradores e interessados no preparo das terras, no plantio, na colheita, na produção e no preparo do produto, tudo, porem, sem resultado apreciavel. Alem de tudo, qualquer "escolha" é vendida por preço compensador, entrando em ação a lei do menor esforço, tão tentadora nesses tropicos. Aquele que quiser sentir a força da rotina, é bastante observar as lavouras existentes em Morro Agudo e Austin, suburbios do Rio de Janeiro, a menos de 20 quilometros da avenida Rio Branco, na margem da estrada asfaltada Presidente Dutra, caminho forçado da maior Escola de Agricultura da America do Sul, e, verificará assombrado, que as lavouras novas ali existentes, de laranja e outras culturas, todas, elas, são plantadas em filas de morro abaixo, provocando a erosão e o esgotamento do solo. Não se vê um unico talhão plantado em curva de nivel, tudo igualzinho e de acordo com o velho habito.

Se isto acontece no Distrito Federal, às portas do Ministerio da Agricultura, dentro da Escola de Agronomia e do centro mais civilizado do país, imaginemos, nos grotões invios, só conhecidos geralmente, pelo fisco e pela policia.

As lavouras de café a céu aberto, no Espirito Santo, vão num ritimo crescente, atingindo já sua produção a mais de dois milhões de sacos anualmente apesar dos estragos devastadores da "broca". Embora combatida tenazmente pelo governo estadual com a colaboração do Ministerio da Agricultura e do I. B. C., e pelos grandes fazendeiros, como pelos pequenos sitiantes, essa praga parece disposta a constituir mais um onus definitivo para o café. Dentro de pouco tempo a produção do Estado ultrapassará a casa dos três milhões de sacas, carreando para o país grande soma de divisas sendo que atualmente em sua balança comercial, já se verifica um saldo de mais de cem milhões de dollars, todos os anos. Contrariamente ao que acontece com as plantações a céu aberto, as lavouras do estimado Capitania estão estacionarias e vão até regredindo. As colheitas desse café orçavam em media em cerca de vinte mil sacas por ano, porem, como novas lavouras desse tipo (sombreadas) pouco se formam, é natural que a produção vá minguando com o correr do tempo.

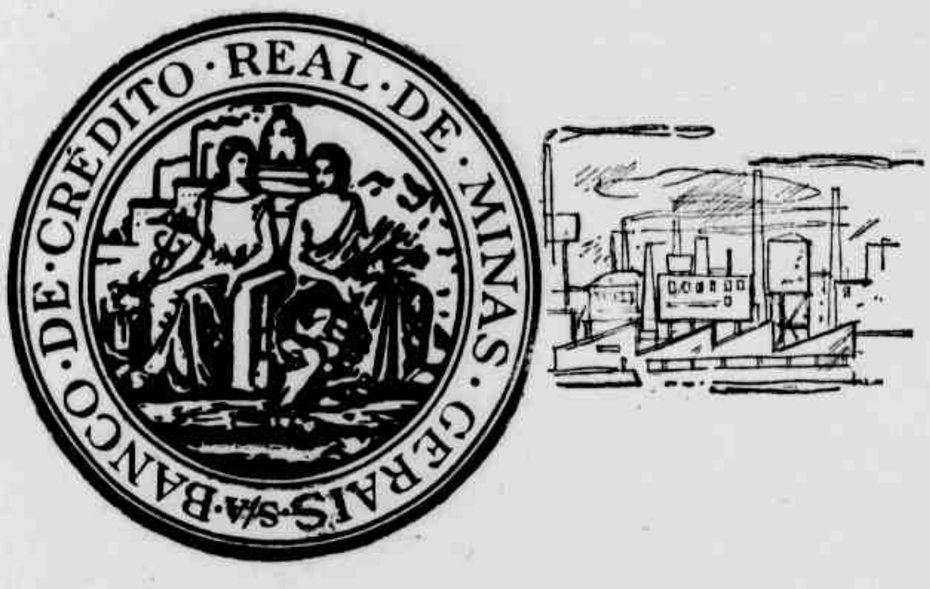
E' indiscutivel que o lavrador brasileiro, principalmente o pequeno agricultor, é bem mais adiantado do que o cafeicultor colombiano, venezuelano ou da America Central. Entretanto, estes que começaram o cultivo do café bem depois de nós, oferecem aos mercados internacionais, produto muito superior em qualidade e valor.

Seu incontestavel e principal segredo está no sombreamento metodico de todas as lavouras, nos processos faceis, logicos e praticos de colheita e preparo do produto.

Não se diga que é uma questão de clima e de mais trabalho, porque o clima ali é mais ingrato do que o nosso, e se a colheita é mais dispendiosa, as limpas serão insignificantes, uma compensando as outras e o preço obtido nos mercados, compensando tudo fartamente.

No Brasil o que se observa é a velha rotina impedindo o progresso, o comodismo presidindo a ação, o clima auxiliando a inercia, a abastança oferecida pelo proprio produto inferior dispensando maior esforço fisico e de inteligencia, trazendo como resultado, a estagnação e perda de mercados que preferem produtos finos.

A verdade, porem, é que as lavouras de Café Capitania do Espirito Santo, ali estão, antigas, antiquissimas mesmo, demonstrando ao Brasil a rota a seguir para que o país conserve suas terras e lavouras secularmente, produza café finos e de qualidade superior, preservando sua economia, garantindo seu futuro, e concorrendo, então, nos mercados internacionais, com o melhor café do mundo.



Cooperando, há 65 anos, com as fôrças produtoras do país

Quando, aos 22 de agôsto de 1889, o Imperador Dom Pedro Segundo assinou o decreto que autorizava o Banco de Crédito Real de Minas Gerais a funcionar, iniciou êste uma fase de franca colaboração com as fôrças produtoras do país, facilitando-lhes crédito indispensável às suas múltiplas atividades. Daquela data aos dias de hoje, o Banco de Crédito Real de Minas Gerais tem ampliado ao máximo sua capacidade de servir, instalando agências por todo o interior e contribuindo, dessa forma, para o aumento da produção agrícola e industrial do país.

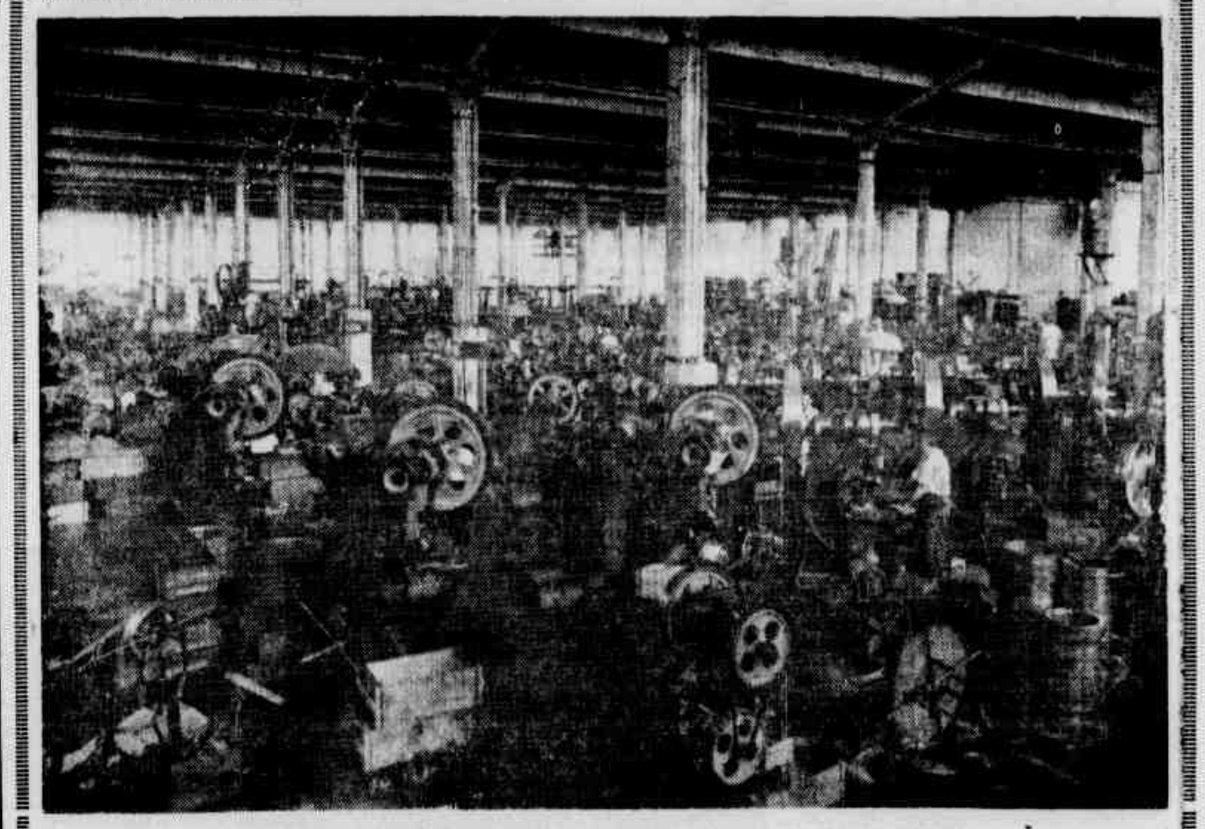
BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S.A.

FUNDADO EM 1889

MOKA

O CAFE'

MAIS GOSTOSO DO BRASIL



UMA VISTA INTERNA DA FABRICA A LIANÇA DE ARTEFATOS DE METAIS

NOSSA HOMENAGEM -

A Fábrica Aliança de Artefatos de Metais dirige também sua saudação à lavoura cafeeira do nosso Estado e de todo o país, numa referência especial ao trabalho daqueles que emprestam todo seu esforço na produção maior e melhor do produto básico de nossa prosperidade, alicerce do nosso progresso.

Fábrica Aliança de Artefatos de Metais

MAX LOWENSTEIN & CIA.

Avenida Edu Chaves, 9 — Jaçanã

TOSTES S/A COMERCIO E INDUSTRIA

IMPORTAÇÃO e EXPORTAÇÃO

Café — Cereais — Tecidos e Ferragens em Geral

Revendedores Autorizados da Ford Motor Company Exports Inc.

Agentes da Esso Standard do Brasil Inc.

MATRIZ:

Manhumirim — Minas Gerais

Rua Raul Soares, 165

FILIAIS:

Manhumirim — Minas Gerais

Rua Benjamin Constant, s/n

Caratinga

Av. Minas Gerais, s/n

Rio de Janeiro

Rua 1.º de Março, 161 — 1.º andar

CAFÉ E NEGRO

(CONCLUSÃO DA 1.a PAG. DESTE CAD.)

O formigueiro negro

Era tremenda a repercussão do preço dos cativos no custo das fazendas de café, pois sendo o preto, no regime de cativeiro, pau para toda obra, sôbre êle recaiam as mil e uma pequenas ou grandes atividades desse mundo ainda meio isolado que era o latifundio cafeeiro paulista do século XIX.

Eram por certo menos sacrificados que os outros esses escravos ocupados em tarefas estranhas à plantação e ao beneficiamento do café: tropeiros, arreadores, carreiros, pedreiros, carpinteiros, serradores, oleiros, campeiros, ferreiros, carroceiros, tratadores de bois ou de cavalos, porqueiros, tratadores de aves, carregadores de comida, farinheiros, fabricantes de sabão, matadores de formiga, jardineiros, mecânicos. (31) Pretinhas costureiras que com seus banquinhos e seus balaios faziam os trabalhos determinados pela dona da casa, sentadas em volta dela. (32) Rendeiras que faziam trabalhos finos. Alfaiates, sapateiros, consertadores de roupa. Lavadeiras e engomadeiras que lustravam — para usar uma frase do Barão do Pati do Alferes — "a cambraia e finissimos morins de nossas camisas e dos vestidos de nossas damas". (33) Mucamas arrumadeiras, que preparavam os quartos para a noite, colocavam as velas nos castiçais e areavam as bacias para os banhos, utilizando-se de cinza de pau d'álho limões cortados pelo meio. (34) Cozinheiras ou cozinheiros, despenseiros, copeiros — todos personagens colocados, na escala social, acima dos negros do eito, a ponto de cantarem os jongueiros:

Nego do eito vira copeiro
Não oia mai pra seu parceiro ... (35)

E ainda moleques encarregados de serviços domesticos que hoje parecem pitorescos, mas que faziam parte da rotina da vida fazendeira. Alguns desses crioulinhos, nas propriedades bananalenses, segundo a evocação de E. V. Pereira de Souza, em dias de refeição de gala manejavam abanadores de luxo, feitos com grandes penas de pavão, para espantar as moscas. Serviam ainda esses molecotes para atender a qualquer chamado dos senhores. Não tendo se generalizado ainda o uso dos fosforos, os fumantes precisavam às vezes de fogo e o negrinho trazia brasa dentro de uma colher. "Alguns dos mais serelepes dispensavam a colher e traziam a braza na propria mão, movimentando-a como se fôra guiso de chocalho". (36) Outros crioulos jovens apenas viviam se afundando nas matas, com seus senhores moços, caçando passarinho, ou pescando de rede ou de anzol nos ribeirões. (7) E havia ainda os negros velhos que regavam a horta, ou sentados à sombra de alguma árvore ficavam fazendo peneiras, trançando samburás para as colheitas ou jacazinhos para as replantas de café. (38)

Os servos do rei café

Os que suportavam mais duramente o peso do mundo cafeeiro eram porém os negros incumbidos das tarefas diretamente ligadas ao preparo das terras, o plantio, a colheita e o beneficiamento do café.

Na região de Areias, no começo do oitocentismo, calculava-se que um cativo pudesse fazer a colheita de mil cafeeiros, achando no entanto alguns observadores que eram necessarios três trabalhadores para um cafezal de dois mil pés. (39) Em meados do século o cálculo de mil árvores por escravo era dado ao viajante norte-americano Greene Arnold, como de praxe, na provincia de São Paulo. (40) Muitos anos depois — como se verifica pelo inquérito realizado em 1883 sôbre as condições de exploração das fazendas de café fluminenses, mineiras e paulistas — Van Delden Laerne escreveu que cada cativo tinha a seu cargo, em média, 3.644 árvores. (41).

Usaram-se, em São Paulo, os dois metodos de colheita de café: o do lençol e o da terra. Para o primeiro, dividam-se os trabalhadores em pequenos grupos de cinco escravos; quatro deles estendiam o lençol, mais ou menos da largura da distancia de dois renques de cafeeiros, e o quinto derrubava os frutos. Por êsse metodo, semelhante ao dos árabes, tinha-se em vista evitar o contacto do café com a terra. (42) Pelo chamado processo da terra, certo numero de negros tinha de colher algumas carreiras ou uma parte determinada do cafezal; seguindo uns aos outros, cada qual puxava para junto de si, segurava com uma das mãos um galho do cafeeiro e com a outra pelava o ramo; os frutos e os galhos pelados caiam por terra e aí ficavam até que a colheita do talhão estivesse terminada; em seguida, cada cativo limpava o seu quinhão por meio de peneiras de taquara, no fim do século substituidas por peneiras de arame importadas da Inglaterra. (43) Para as colheitas os fazendeiros utilizavam homens, mulheres e crianças, tendo havido até quem sugerisse que para essa tarefa se educassem macacos... (44)

Pode-se facilmente imaginar como seria penoso o trabalho dos negros da roça nas fazendas cafeeiras: "Os escravos, desde a madrugada, ao toque do sino, até o anoitecer, com a enxada na mão — segundo a evocação de D. Maria Pais de Barros, de uma propriedade piracicabana de 1860-1870 — iam executando, quase sem descanso, sob o chicote do feitor, os mais árduos trabalhos." (45) Trabalhos que se foram tornando cada vez mais duros, como póde testemunhar Laerne em 1883: "Agora a vida dos escravos é em geral mais dura do que há uns dez anos. São eles obrigados a trabalhar mais do que no tempo em que custavam mais barato... Partem em turmas de vinte e cinco a trinta, entre as quatro e meia e as cinco horas, para começar o trabalho antes das seis, e terminar, mais ou menos, às sete da noite. Êste horário é o habitual, mas no tempo da colheita continuam a tarefa sob a luz artificial, nos terreiros e nos engenhos." (46) Era um espetaculo doloroso — contam os memorialistas — o dos cativos, na boca da noite, recolhendo da roça: "Lá vinha aquilo a passo cadenciado, em rigida forma, cada qual, negro ou negra, uma enxada ao ombro. Tangia-os solene, à mão um relho de longa haste, o feitor." (47) Alguns dos cativos carregando ainda feixes de lenha, que traziam para suas senzalas, ou capim para as cavalariças da fazenda.

Outras fases importantes do serviço dos negros na cafeicultura eram o da secagem de café nos terreiros e o do beneficiamento. Por meio de rodos de madeira colocados em suas mãos, o café era revolvido nos terreiros e à tarde reunido em grandes montes que se cobriam com lençois especiais de lona para livrar o grão, já meio seco, do orvalho da noite — trabalho [illegible] às vezes era feito atropeladamente, pela [illegible]aça de chuva.

O beneficiamento, nos primeiros tempos, era feito em muitas fazendas por meio de pilões manuais manejados pelos cativos; em monjolos, que apresentavam condições mais vantajosas, pois economizavam enforços e mão de obra, calculando-se que cada um deles correspondia ao trabalho de doze homens, no mesmo espaço de tempo. Só a partir, provavelmente, de 1830, e mais acentuadamente de 1840, começaram a ser substituidos, os pilões manuais e os monjolos, nas melhores fazendas, pelos carreiros movidos por juntas de bois ou pelos pilões hidráulicos. Depois de 1860 e mais intensamente depois de 1870 começaram a se vulgarizar várias maquinas modernas de beneficiamento entre os lavradores paulistas — aparelhos que vieram resolver os problemas criados com a extinção do tráfico e as dificuldades em que se viram os cafeicultores de aumentarem os braços empregados no preparo do café. Os ventiladores mecanicos, por exemplo, substituindo as peneiras manejadas outrora pelas escravas, representaram economia notavel: por meio deles um homem podia fazer, com maior perfeição, o trabalho antes feito por dezesseis ou vinte pessoas armadas de peneiras e trabalhando dez horas por dia. (48)

E' evidente, porém, que os engenhos mecanicos não dispensavam todo o trabalho dos negros. Ainda em 1883, referindo-se aos separadores (destinados a classificar os grãos de café de acordo com a forma e o tamanho), Louiz Couty mostrava que eles não prescindiam "da catação, dos olhos e dos dedos das escravas", que trabalhavam com peneiras de taquara ou de arame. "Uma propriedade que colhesse quinze mil arrobas exigia uma media de vinte dêsses trabalhadoras durante o ano todo." (49)

Muitas dessas tarefas de beneficiamento do café, entregues aos negros, além de penosas eram terrivelmente insalubres. A lida com o engenho de pilões, por exemplo: "O pó impalpavel que os negros respiram continuamente durante o tempo do soque e ventilação do café — escrevia um médico em 1844 — lhes altera a saude. Esse pó é extremamente irritante, ataca os pulmões e observa-se constantemente que os trabalhadores, durante o tempo desse serviço, adoecem muitas vezes, e eu tive ocasião de notar que o seu sofrimento era sempre do peito, e que sua respiração era apressada..." (50). No rosto e nos cabelos dos cativos, durante certos trabalhos, se acumulava uma camada tão grossa de pó, que eles se tornavam irreconhecíveis. (51) Essas condições se atenuaram com a introdução das maquinas. Em 1870 André Rebouças e Antonio de Paula Freitas, em parecer lido na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e referente ao aperfeiçoamente das maquinas Lidgerwood, escreviam que esses maquinismos poupavam a vida dos escravos, "que no antigo sistema dos pilões eram sacrificados pelo asfixiante pó do café". (52)

O cativo e o colono livre

Mostram os aspectos aqui focalizados, ainda que a largos traços, que em São Paulo — como no Rio de Janeiro e em Minas Gerais — foi decisivo o papel representado pelo escravo negro na implantação e na expansão da cafeicultura, de fins do século dezoito a fins do dezenove, para tristeza daqueles que defendem a todo transe o arianismo paulista e acham por isso que teve carater episodico o apoio das fazendas de café no regime servil.

Sem duvida, na historia da cafeicultura brasileira a região paulista foi aquela em que a passagem do regime de cativeiro para a de trabalho livre se fez dentro de condições melhores, pois estava propiciada, desde meados do século passado, pelas experiencias desenvolvidas em numerosas "colonias de parceria". Experiencias nem sempre animadoras, todavia: uma porção de questões entre lavradores e colonos — em que se envolveram os consules de alguns paises — comprometeu inclusive a continuação da entrada de imigrantes europeus, em seguida ao estabelecimento dos primeiros nucleos coloniais. Por outro lado, a alta continua do café permitia na época aos fazendeiros paulistas — como aos fluminenses e aos mineiros — comprar cativos no norte do Brasil por mais que subisse o seu preço. (53) Sabe-se que a entrada de colonos europeus só se intensificaria a partir da oitava decada do século passado, acentuadamente desde 1887.

Em todo o caso a existencia de trabalhadores livres nos cafezais paulistas, desde 1847, tem levado alguns observadores, na caraterização da historia do café em São Paulo, a uma simplificação excessiva: para esses as lavouras cafeeiras se apoiaram episodicamente no cativeiro e logo se envolveram em um complexo de fatores que acarretaram a implantação do trabalho assalariado.

Não foi bem assim. Sem o braço do negro — africano ou crioulo — o café não teria penetrado — em termos de produto de significação economica — em territorio paulista, em fins do século dezoito ou começo do dezenove: e não teria caminhado, ao longo do primeiro século de sua historia, da região de Bananal para a de Campinas e desta para a Mogiana.

(1) Os "estatutos" de uma fazenda cafeeira de Copivari, de 1862, foram publicados por F. A. Veiga de Castro, "Um fazendeiro do século passado" Revista do Arquivo Municipal, XCVII, pags. 35 e seguintes; (2) Cit. por Afonso de E. Taunay, "Ensaios de História Paulistana", pag. 93; (3) "Documentos Interetes", XXIII, pags. 3 e seguintes; (4) Idem, ib., pag. 253; (5) José Arouche de Toledo Rendon, "Reflexões sôbre o estado em que se acha a agricultura na capitania de São Paulo" (1788), "Documentos Interessantes", XLIV, pags. 198-199; (6) "Documentos Interessantes", XXIII, pag. 393; (7) Sérgio Buarque de Holanda, prefácio a "Memorias de um Colono no Brasil", de Thomas Davatz, pag. 1314; (8) Chichorro, "Memoria em que se mostra o estado economico, militar e politico da capitania geral de São Paulo" (1814), "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", vol. 36, I, pag. 221; (9) Saint-Hilaire, "2.a Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo" (1822, pags. 130 e segs., 161, 178 e segs., 185, 186, 197, 198 e 201; (10) Martim Francisco, "Jornal das Viagens pela Capitania de São Paulo", (1803-1804), Revista do Instituto Histórico Brasileiro, vol. 45, I, pag. 7 e 16; (11) Ricardo Gumbleton Daunt, "Reminiscências do distrito de Campinas em bairro freguesia e vila" (1879, "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", XL, pag. 337; (12) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do café no Brasil", III, pag. (13) Idem, ib., pags. 183-187; (14) Leopoldo Amaral, "Campinas — Recordações", pag. 35-36; (15) Paulo Rangel Pestana, "A expansão da lavoura cafeeira em São Paulo", "Revista do Brasil, Ano I, n.o 2, Fevereiro de 1916, pag. 110 e segs." (16) Idem, ib., pag. III, (17) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do café no Brasil", III, pags. 131-132; (18) Emilio Zaluar, "Peregrinação pela Provincia de São Paulo", pags. 148 a 151; (19) Dácio Aranha de A. Campos, "Tipos de povoamento de São Paulo", "Revista do Arquivo Municipal", LIV, pag. 5 e segs. (20) Joaquim Floriano de Godoi, "A Provincia do Rio Sapucaí", pags. 106-107; (21) "Relatório do Presidente da Provincia Nabuco de Araujo" (1852), pag. 36; (22) "Relatório do Presidente da Provincia José Antonio Saraiva" (1855) pag. 16; (23) "Relatório do Presidente da Provincia F. I. Marcondes Homem de Melo" (1864), pag. 28; (24) Saint-Hilaire, op. cit., pag. 198; (25) Cit. por Afonso de E. Taunay, "Pequena História do café no Brasil", pag. 86; (26) Pedro Calmon, "História Social do Brasil", II, pag. 151; (27) Idem, ib., pag. 152; (28) F. A. Veiga de Castro op. cit., pag. 39; (29) "Relatório do Presidente da Provincia J. J. Fernandes Torres" (1858), pag. 23; (30) Afonso de E. Taunay, "Pequena História do café no Brasil", pag. 238-239; (31) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Café no Brasil", V, pags. 204 e 407; (32) Maria Pais de Barros, "No Tempo de Dantes", pag. 24; (33) F. P. de Lacerda Werneck (Barão do Pati do Alferes), "Memoria sôbre a fundação e custeio de uma fazenda na provincia do Rio de Janeiro" (1860), pag. 73; (34) Maria Pais de Barros, op. cit., pag. 24; (35) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Café no Brasil", IV, pag. 291; (36) Afonso de E. Taunay "Pequena História do Café no Brasil", pag. (37); J. C. Alves de Lima, cit. por Benedito Pires de Almeida, "Tietê, os Escravos e a Abolição" "Revista do Arquivo Municipal, XCV, pag. 51; (38) Amelia de Rezende Martins, "Um Idealista Realizador — Barão Geraldo de Rezende", pag. 254-265; (39) Saint-Hilaire, op. cit., pag. 197-198; (40) Samuel Greene Arnold, "Viaje por America del Sur" (1847-1848), pag. 112; (41) Cit. por Afonso de E. Taunay, "Pequena História do Café no Brasil", pag. (42) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Café no Brasil", VII, pag. 214; (43) Idem, ib., VII, pag. 212; (44) Domingos Jaguaribe, segundo Basilio de Magalhães, "O café na historia, no folclore e nas belas artes", pag. 197; (45) Maria Pais de Barros, "No Tempo de Dantes, " pag. 98-99; (46) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Cafe no Brasil", VII, pag. 447; (47) Renato Jardim, "Reminiscências", pag. 35 e 99; (48) Herbert Smith, "Uma fazenda de café no tempo do Imperio" (Tradução de um capitulo de Brasil — The Amazons and the Coast" (1879), pag. 14; (49) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Café no Brasil", VII, pag. 241; (50) Idem, ib., V, pag. 40-41; (51) Augusto Ramos, "Maquinas primitivas para beneficiar café", "O café no 2.o centenário de sua introdução no Brasil", I, pag. 77; (52) Cit. por Hildebrando de Magalhães, "Contribuição para a história do café", na mesma publicação, I, pag. 232; (53) Cit. por Afonso de E. Taunay, "História do Café" no Brasil, VI volume citavo, p. 97.

LITERATURA DO CAFÉ

(Conclusão da 3.a pag. deste caderno)

mais fim, pois louvaram-no romanticos, parnasianos e modernistas, em versos medidos e sem metrica, rimados e sem rima, de todos os jeitos, de todas as formas.

Mas, ultrapassando essa fase da simples imagem, da louvação, do poema em que se fala do café pelo café, um poeta há, Ribeiro Couto, que escreveu todo um poema de exaltação não ao café, propriamente dito, mas à civilização que ele criou, influenciando a paisagem social, alterando a composição etnica das regiões onde penetrou, modificando, violentamente, o barometro economico das zonas em que suas arvores cresceram. O poema da "Noroeste", é, por tudo isso, o mais belo, a meu ver, dos poemas sobre o café, e poema donde se fala pouco, muito pouco mesmo do café, mas onde surgem, "turbulentas e ricas", as cidades que ele criou, e as vilas, as pequenas estações à beira da estrada, que amanhã serão, poderosas, importantes como os grandes centros.

"Abro sobre os joelhos o mapa
[do meu guia;
vou seguindo curioso a linha
[da estrada de ferro
com os pontos minusculos das
[povoações e das cidades;
General Glicerio, Penapolis, Miguel
[Calmon, Promissão,
Guaiçara, Lins, Monlevade, Presidente
[Pena, Cafelandia,
Guarantan, Cincinato Braga, Lauro
[Muller, Toledo Piza,
Presidente Alves, Mirante, Araribá, Avaí,
Nogueira, Tibiriçá, Val de Palmas,
[Bauru
E' todo o país adolescente do café,
A TERRA VIÇOSA E CALIDA
ONDE UMA CIVILIZAÇÃO NOVA SE
[IMPROVISOU
ao longo dos trilhos anunciadores".

Os romances do café preocuparam-se com o drama da decadencia do café, com os seus maleficios, com as desgraças que as altas do produto, artificialmente elaboradas, vieram provocar. No poema belo e admiravel de Ribeiro Couto, é a humanidade nova que o café criou em seu derredor que ele vê, são italianos, são judeus, são nortistas, são paulistas, são negros, mulatos, brancos, que se misturam, para construir toda uma civilização moderna de que o café é o marco:

"Os sobrados do largo da Sé, em
[taboletas largas,
anunciaram empressas vendedoras de
[terras
colonizadores de escritorio
com inverossimeis dominios e posses
[imemoriais.
Italianos, japoneses, brasileiros, polacos,
[portugueses, alemães,
vieram com escrituras perfeitas.
requereram divisões em Bauru
e espalharam-se pela terra bruta.
As matas foram caindo.
Depois, nas roçadas humidas de chuva,
viçaram os cafezais inaugurais.
E tinham nascido as cidades vermelhas".

O que os romancistas não conseguiram, conseguiram-no os poetas. Os romancistas, preocuparam-se em descrever como se planta o café, como ele é colhido, como é embarcado, quanto custa para ser beneficiado; descreveram as operações bancarias para se conseguir um emprestimo, e os juros escorchantes cobrado pelos banqueiros, e as especulações criminosas dos comissarios. Os poetas, ou mais especialmente Ribeiro Couto, viram o café como fator de civilização, como criador de cidades e de riquezas coletivas. Não se preocuparam com a pessoa do fazendeiro, mas com a humanidade dos campos e das cidades, que vivia em função do café.

A mais recente contribuição à literatura do café, é um poema — "Café", de um poeta filho de fazendeiros e neto de fazendeiros. E' toda uma queixa e uma lamentação pelo abandono em que deixaram cair a preciosa rubiacea. No seu todo, é um poema que quase chega a agradar, embora o poeta não tenha a força, o impeto, o sentimento do cantor da "Noroeste". Seus versos, num certo sentido, se aproximam do espirito que norteou os romancistas do café, quando, por exemplo, escreve uma diatribe contra a Bolsa ou condena a rua XV, em Santos, em que, com um mau gosto imperdoavel, aconselha o colono, no final do poema:

"Abandona a cultura do café
e livra tua pela desse sol,
deixa morrer, à mingua, os cafezais
Poupa a mão e trabalha com o pé,
entra num time e aprende futebol:
naris e pé compensam muito mais!"

A poesia popular e folclorica, escapa aos limites deste estudo. Mas para concluir, e não ficarmos com a má impressão, tão anti-literaria, tão anti-poetica dos ultimos versos citados, coloquemos aqui uma quadra divulgada em um dos eruditos e excelentes trabalhos de Basilio de Magalhães, e colhida na zona cafeeira da Paraiba:

"Quem tivé fia bonita,
Não mande apanhá "café".
Si fô minina, vem môça;
Si fô moça, vem muié".

NAS VEIAS DO CAFEEIRO CORRE O SANGUE RICO DO BRASIL!

A Caixa Econômica Federal do Paraná, pelo seu Conselho Administrativo, rende sua homenagem àqueles que, em qualquer setor de atividade, fizeram, do Café, o sustentáculo pujante da economia brasileira, conferindo especial menção aos que, para o Ouro-Verde, conquistaram e desbravaram as terras mais férteis do mundo: as paranaenses.

Curitiba, julho de 1954.

(a) *Benjamim de Andrade Mourão* — Presidente
(a) *Manoel de Oliveira Franco Sobrinho* — Vice-Presidente
(a) *Othelo W. Lopes* — Diretor

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO PARANÁ

Matriz em Curitiba e 38 Agencias a serviço da Canaã do Brasil!

Banco Brasileiro de Descontos S.A.

ESTADO DE SÃO PAULO
Adamantina
Alvares Machado
Andradina
Araraquara
Assis
Bariri
Bauru
Bilac
Birigui
Brás (urbana)
Braúna
Cafelandia
Campinas
Candido Mota
Cosmorama
Dracena
Duartina
Fernandopolis
Florida Paulista
Galia
Garça
Getulina
Guarantã
Ibirarema
Irapuru
Jaú
Junqueiropolis
Lapa (urbana)
Lins
Lucélia
Marilia
Martinópolis
Mercado (urbana)
Mirandópolis
Osvaldo Cruz
Ourinhos
Pacaembu
Parapuã
Pederneiras
Penápolis
Pinheiros (urbana)
Piraju
Pirajuí
Pompéia
Presidente Alves
Presidente Bernardes
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Promissão
Rancharia
Regente Feijó
Ribeirão Preto
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastacio
Santos
São José do Rio Preto
São Manuel
Tupã
Tupi Paulista
Valparaiso
Vera Cruz
Votuporanga

ESTADO DO PARANA'
Apucarana
Arapongas
Assaí
Bandeirantes
Cambará
Cambé
Cornélio Procópio
Curitiba
Jandáia do Sul
Londrina
Mandaguari
Marialva
Maringá
Paranaguá
Paranavaí
Rolandia
Santa Amélia
Sertanópolis

DISTRITO FEDERAL
Centro
Madureira

ESTADO DE MATO GROSSO
Campo Grande

ESTADO DE MINAS GERAIS
Belo Horizonte
Juiz de Fora

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Campos

SEDE — RUA ALVARES PENTEADO, 164 e 180 e

Rua 15 de Novembro, 233 — SÃO PAULO

CAPITAL E RESERVAS .. .. .. Cr$ 246.000.000,00

DR. J. CUNHA JUNIOR — Diretor-Presidente
GALDINO ALFREDO DE ALMEIDA JUNIOR — Diretor-Vice-Presidente
AMADOR AGUIAR — Diretor-Superintendente
DONATO FRANCISCO SASSI — Diretor-Gerente
LUIZ SILVEIRA — Diretor-Adjunto
LAUDO NATEL — Diretor-Adjunto

CAFÉ: SÍMBOLO INDESTRUTÍVEL DA ECONOMIA BRASILEIRA

PLANTANDO CAFÉ SÃO PAULO CRESCEU — E CADA UM DE SEUS VEIOS DE PROGRESSO, ACHA-SE LIGADO À CULTURA CAFEEIRA. O CAFÉ TRANSPÔS FRONTEIRAS E LEVOU AO ESTRANGEIRO O GRITO ECONÔMICO DO BRASIL.

CADA CAFEEIRO EM SÃO PAULO, REPRESENTA UM PASSO A MAIS EM SUA AUTONOMIA ECONÔMICA.

PLANTAR CAFÉ É ARRANCAR DO SÓLO O MARCO DETERMINANTE QUE UNE O PROGRESSO PAULISTA À ECONOMIA NACIONAL E AO MERCADO ESTRANGEIRO.

A COMPANHIA DOCAS DE SANTOS

Empresa pioneira em construção e exploração portuária no país, concessionária do Porto de Santos, o maior empório cafeeiro do mundo, saúda as classes produtoras da Nação brasileira, em particular a dos cafeicultores, cujo produto – o Café – constitui e constituirá por longos anos a mola mestra impulsionadora da riqueza de São Paulo e do Brasil.

ILEGÍVEL

CONTRIBUI PARA A RECUPERAÇÃO DE NOSSO SOLO A CIA. ITAÚ DE FERTILIZANTES

AUMENTO DE PRODUTIVIDADE GARANTINDO A FERTILIDADE DAS TERRAS BRASILEIRAS

DIMINUIÇÃO DA ACIDEZ ATRAVÉS DA APLICAÇÃO DO PO' CALCAREO — COMO APLICÁ-LO E CONSEGUIR MAIORES SAFRAS — OS FATORES QUE DETERMINAM A QUEDA DA PRODUÇÃO AGRICOLA

A restauração e conservação da fertilidade do solo é hoje um dos problemas que devem ser encarados com objetividade pelo lavrador brasileiro.

A diminuição constante das safras e seus reflexos, provocam, como consequencia, a elevação de preço dos produtos agricolas de consumo interno e trazem ainda como resultado, o desequilibrio financeiro do país.

O aumento da produtividade é o remedio ideal para uma nação sub-desenvolvida. E, para se conseguir o aumento da produtividade, é necessario mais alguma coisa do que plantar a semente, fazer a limpa e esperar a colheita.

Mesmo que o solo lavrado ainda contenha minerais uteis, tais como micas, feldspatos e outros, sua decomposição é demasiadamente lenta, se não forem aplicadas boas quantidades de materia organica e calcareo.

Essa aplicação se refletirá, desde logo, no aumento de produtividade das terras cansadas por cultivos descuidados de anos sucessivos.

FATORES DA NATUREZA

As forças da natureza tambem influem, decisivamente, na queda da produtividade das terras, reduzindo de muito o conteudo de calcio do solo. As chuvas, lavando o solo nos terrenos arados, contribuem para uma perda anual de 300 a 700 quilos de carbonato de calcio por alqueire — o que representa muito mais do que pode ser restituido à terra em forma de esterco e residuos das colheitas. Em regiões de chuvas frequentes — por exemplo — esta perda poderá até exceder essa quantidade. O solo torna-se acido, sobremaneira, reduzindo grandemente o efeito das adubações em geral.

O HOMEM

O elemento humano tambem contribui para a retirada do calcio do solo através das colheitas, visto que esse elemento forma a parte estrutural das celulas da planta. Assim é que as perdas, devido à lavagem do solo, colheitas e erosão, têm destruido o equilibrio do solo brasileiro, tornando-o acido e improdutivo. A calagem — aplicação do calcareo — torna-se necessaria, pois se trata de medida que beneficia todas as culturas, com exceção da batatinha. A necessidade é enorme em nosso país, uma vez que 85 por cento do solo brasileiro se constitui de terras acidas. E o corretivo para isso está no pó calcáreo.

APLICAÇÃO

A aplicação do pó calcareo varia segundo o tipo de solo e o de cultura. As terras necessitam tanto mais de pó calcareo, quanto mais acidas, argilosas e ricas em materia organica.

Geralmente, a necessidade total de calcareo é muito maior do que a quantidade que o solo pode assimilar anualmente. E' muito comum o solo precisar de 10 toneladas por alqueire, podendo, no entanto, assimilar apenas 2 ou 3 toneladas anuais.

Nesse caso, o lavrador ao aplicar quantidades maiores do que 2 ou 3 toneladas de uma só vez, fará uma especie de imobilização de capital sem renda de juros, ou quase isso.

A eliminação da acidez do solo é questão de aplicação do calcareo, durante certo numero de anos. Trata-se de defeito do solo, que não pode ser eliminado de um momento para outro. E' necessario que o fator tempo seja considerado para que se possa ter resultados positivos e duradouros.

A quantidade de calcareo que uma terra pode assimilar por ano está, contudo, relacionada à questão da acidez. O teor de argila e humus do solo tambem deve ser considerado. As terras ricas de materia organica e bem barrentas, podem assimilar quantidades duplas e mesmo triplas de calcareo, comparando-se com terras arenosas e secas. Outro fator é o teor de agua que o solo possui durante o ano, cuja importancia não deve ser desprezada. Haja vista que as terras de baixada umida podem assimilar o dobro ou mesmo o triplo que terra semelhante, porem, de alto de morro.

Deste modo na tabela grande que segue, arrumamos os varios tipos de terra da seguinte maneira: chamamos com as letras maiusculas A, B e C as terras de diferentes teores de argila, com os algarismos 1, 2 e 3 as de teor diferente de materia organica e com as letras minusculas a, b e c os varios graus de acidez.

CLASSIFICAÇÃO DAS TERRAS POR LETRAS E ALGARISMOS

Quanto à FINURA	Quanto à RIQUEZA ORGANICA	Quanto à ACIDEZ
A = argilosas	1 = humosas	a = pH de 5,5 a 6
B = medias	2 = regulares	c = pH de 5 a 5,5
C = arenosas	3 = pobres	e = pH de 4,5 a 5

EXEMPLOS — Deste modo as terras ricas, mas muito maltratadas, dos espigões da parte noroeste do Estado de São Paulo seriam "C3a"; as terras roxas cansadas "A3b"; os massapés de São João da Boa Vista, "B2b"; os salmourões de Atibaia "C2c"; as varzeas do Paraiba "A1c"; as areias finas de cerrado da região de Itirapina "C3c"; etc.

Quilos de pó calcáreo a aplicar conforme o tipo de solo, por hectare

TIPO DE SOLO	TERRAS SECAS		TERRAS ENXUTAS DE BOA RETENÇÃO DE AGUA		BAIXADAS UMIDAS	
	Aplicação anual kg/ha	Numero de anos para atingir o pH 6	Aplicação anual kg/ha	Numero de anos para atingir o pH 6	Aplicação anual kg/ha	Numero de anos para atingir o pH 6
A 1 a	—	—	850	5	1.200	7
A 1 b	—	—	1.200	8	1.800	12
A 1 c	—	—	1.800	12	2.500	20
A 2 a	—	—	750	5	900	7
A 2 b	800	6	1.000	8	1.300	12
A 2 c	1.000	10	1.400	12	1.800	20
A 3 a	—	—	650	5	—	—
A 3 b	700	6	800	8	1.100	12
A 3 c	900	10	1.100	12	1.400	20
B 1 a	—	—	750	4	1.000	6
B 1 b	—	—	1.000	6	1.300	10
B 1 c	950	8	1.300	10	1.600	15
B 2 a	600	3	700	4	800	6
B 2 b	700	5	850	6	1.000	10
B 2 c	850	8	1.100	10	1.400	15
B 3 a	500	3	600	4	—	—
B 3 b	600	5	750	6	900	10
B 3 c	850	8	900	10	1.100	15
C 1 a	500	2	600	3	—	—
C 1 b	650	4	850	5	1.100	8
C 1 c	850	6	1.100	8	1.500	12
C 2 a	450	3	550	8	250	5
C 2 b	600	4	700	5	900	8
C 2 c	750	6	—	—	1.100	12
C 3 a	400	2	500	2	—	—
C 3 b	500	4	—	—	700	8
C 3 c	600	6	—	—	900	12

OBSERVAÇÕES A ESTA TABELA

1) Aplicações de calcareo de acordo com a tabela devem, no geral, produzir nos climas umidos brasileiros, a produção economica maxima, isto é, aquela que produz para o lavrador o melhor balanço economico sem depauperar o solo, e sim, ao contrario, conseguindo recuperação lenta, mas duradoura da fertilidade das terras.

2) Falta de dados na tabela significa que não existem nos climas umidos brasileiros terras do tipo em questão.

3) As quantidades anuais de calcareo desta tabela correspondem à capacidade maxima que geralmente pode ser assimilada pelo solo por ano.

4) Sem adição de materia organica, as terras do grupo C só poderão ser suficientemente enriquecidas pelo calcareo quando se tratar de algumas das culturas calcifilas (algodão, sisal, alfafa).

5) Falta de controle da erosão diminui muito a quantidade de calcareo que uma terra pode assimilar anualmente.

6) As culturas mais sensiveis ao calcareo, ou seja, as que produzem os maiores aumentos de colheita graças tão somente ao calcareo (culturas calcificadas) são, mais ou menos, por ordem de necessidade decrescente de calcareo: tamareira, **uva**, oliveira, **alfafa**, centeio, **algodão**, cevada, **sisal**, gergelim, **trigo**, tremoço, sorgo, pessego, castanheiro, melão, espinafre, **laranjas** e outros citros, alpiste, linho, lentilha, **capim colonião**, figo, côco da Bahia, **amendoim**, **beterraba**, **ervilha**, **soja**, **guandu**, girassol, tungue, **fumo**, **feijão**.

7) As culturas menos necessitadas do calcareo, isto é, capazes de dar boas colheitas em terras acidas (porem adubadas e enriquecidas com materia organica), são, mais ou menos por ordem crescente de necessidade de calcareo: **batatinha**, pinheiro, seringueira, eucalipto, arroz, chá preto, **capim gordura**, erva mate, **mandioca**, **cacau**, **alface**, **batata doce**.

A adubação conveniente promove abundante formação de frutos, como se vê nestes ramos de café

Isto mostra o perigo apresentado pelo capim gordura: ele pode vegetar bem em terras ácidas e pobres, enganando assim os lavradores, pois neste caso o gado come muito, mas se alimenta pouco.

A fim de se obter pastagem realmente nutritiva, é preciso aplicar calcareo mediante a ração de 3 em em 3 anos ou de 4 em 4 anos. Não será preciso, assim, procurar outros capins: o próprio capim gordura passará a ser capim rico. O capim gordura tem a má fama de não alimentar bem o gado justamente por poder crescer em terras descalcificadas.

8) Vê-se que muitas das nossas mais importantes culturas ficaram no grupo intermediário, das culturas de relativa tolerância de acidez: café, cana, milho, mamona. Pelos conhecimentos atuais, os seus limites econômicos de pH são aproximadamente:

Café	5,3 a 6,0	Milho	5,4 a 6,1
Mamona	5,8 a 6,2	Cana	5,8 a 6,4

Abaixo do limite inferior, o calcareo constitui a maior necessidade da planta, quando o solo, evidentemente, não possui outros defeitos graves como esterilidade organica, profundidade muito escassa, extremo grau de erosão, teor demasiado de areia, pessima retenção de agua, etc. Portanto, do ponto de vista economico, o calcareo será o ingrediente que, por unidade de preço, trará os maiores lucros graças à elevação das colheitas.

Entre os dois limites de pH mencionados, o calcareo será tão importante quanto os adubos propriamente ditos e a materia organica. Por unidade de preço, algum outro elemento deverá ser o agente que possa promover o melhor balanço, economico. Acima do limite superior dos valores pH mencionados, se aumento de colheita puder ser promovido, não o será pelo uso do calcareo, que deverá desempenhar papel secundario entre os ingredientes a serem dados ao solo. Neste caso, no geral, bastam uns 300 quilos de calcareo por hectare anualmente, a fim de compensar a lixiviação inevitavel (ação descalcificante do nosso clima umido).

9) Nas culturas de ciclo longo, e quando o calcareo só possa ser aplicado uma vez em 3 a 4 anos, principalmente junto com materia organica, convem usar calcareo em pó e pedrisco, a fim de durar mais no solo (o calcareo Itau graças ao teor alto de carbonato de calcio de 90% e baixo teor de residuo insoluvel, apenas da ordem de 3%, seria neste caso de ação demasiadamente rapida, se fosse inteiramente pó fino). Obedece ele, porém à legislação em vigor, isto é, passa inteiramente na peneira n. 10 (abertura de malha de 1,65 mm.) e cerca de 55% passam pela peneira n. 50 (abertura de malha de 0,29 mm.).

AOS HOMENS DA LAVOURA, DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO, QUE CONSTRUIRAM A GRANDEZA DE SÃO PAULO, EM BENEFÍCIO DO BRASIL,

A HOMENAGEM DA

COMPANHIA NACIONAL DE ESTAMPARIA,—

QUE HÁ MEIO SÉCULO INTEGRA COM ORGULHO O MAIOR PARQUE MANUFATUREIRO DA AMÉRICA LATINA.

• JULHO DO ANO DO IV CENTENÁRIO DE S. PAULO E DO III CENTENÁRIO DE SOROCABA.

O CAFE'

ANTONIO M. ALVES DE LIMA

APESAR de ter-se já escrito muita coisa a respeito, vamos fazer mais algumas considerações.

Como sabemos, o café foi descoberto na Abissinia, quando pastores de cabras observavam que algumas destas, depois de terem comido algumas folhas e frutos desse arbusto tornavam-se muito vivazes. Provaram então, os grãos, que acharam não só de gosto agradavel, como tendo a propriedade de dar às pessoas uma maior resistencia à fadiga.

Dessa região equatorial africana espalhou-se o cafeeiro primeiramente pelas regiões vizinhas e depois, pelos vales e colinas da Arabia, cujo clima sêco produziu o celebre café Moka, semelhante ao Bourbon Miudo de Ribeirão Preto, Cravinhos e Batatais, não só pelo seu delicado e suave aroma, como pelo seu excelente sabor; isto, em contraste com os cafés produzidos em zonas umidas, como no Rio e Espirito Santo etc., que favorecem a fermentação ácida, dando à bebida Rio, gosto acre e cheiro desagradavel.

PLANTAÇÕES

As primeiras sementes foram trazidas para o Pará — depois desenvolveram-se as plantações nos Estados do Rio, São Paulo, Minas Gerais, e depois, no Espirito Santo, Paraná, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso. Do Estado do Rio, onde existiram importantes fazendas, com vastas residencias, verdadeiros solares, e as benfeitorias correspondentes devido aos metodos primitivos, com culturas em terrenos acidentados, sujeitos a fortes erosões, colheita, seca e beneficio precarios, no fim de certo numero de anos, esta zona entrou em franca decadencia.

Os cafezais que se foram estendendo pelo Vale do Paraiba, pelos traçados da Sorocabana, Paulista e Mogiana sofreram a mesma sorte, inclusive Minas.

Atualmente, as melhores lavouras estão situadas nos pontos mais distantes das estradas de ferro e no Estado do Paraná, que muito sofreu com as ultimas geadas.

O Estado de São Paulo que possuia cerca de 1.600.000.000 pés e chegou a produzir 8.500.000 sacas, está reduzido a 1.060.000.000 pés, com uma media de 30 a 40 arrobas por mil pés. Estes ultimos anos a produção tem sido de 8.000.000. Antigamente, em anos de carga grande, colhia-se 200, 300, até 400 arrobas por mil pés. Ultimamente, fazendeiros adiantados, empregando metodos mais racionais, orientados pelas experimentações e pelo Instituto Agronomico de Campinas, estão demonstrando — ainda que em escala muito reduzida — que, com muito esforço, nova técnica, persistencia e despesas elevadas, é possivel, não só restaurar as lavouras antigas, como formar cafezais esplendidos, não inferiores aos das zonas mais afamadas, inclusive as do Estado do Paraná.

Mencionemos entre os novos pioneiros o sr. Dario Meirelles e sobretudo sua esposa da. Marieta Alves de Lima Meirelles, que se tem revelado uma autentica e progressista fazendeira, com 50.000 pés de café de lindo aspecto plantados com toda a regra. O sr. Antonio Bento Ferraz com esplendida lavoura nova, plantada em curva de nivel; o novo cafezal da Fazenda Sete Quedas; o dr. Rolim Telles e o esforçado dr. Emanoel Bianchi no municipio de Campinas.

Em Catanduva, o sr. Zancaner com belos talhões de 11 anos com uma carga formidavel. Em Ribeirão Preto e em outros pontos, fazendeiros estão com muitos talhões renovados e replantados.

A seleção de sementes, de mudas plantadas em covas estercadas e completadas com adubos minerais, as curvas de nivel e o terraceamento, chuvas oportunas, analise das terras e, ultimamente, analise das folhas, metodo moderno para se conhecer as necessidades reais das plantas, são os fatores para a cultura racional e imprescindiveis para a restauração dos cafezais.

Não se julgue, entretanto, que surjam grandes plantações rapidamente, pois é preciso não se esquecer:

a) — Que a grande maioria das lavouras está esgotada e velha e que os melhores cafezais começam a declinar depois de 15 e 16 anos, e assim, sucessivamente, pois 85% não recebe os tratos e adubações necessarios, nem combate à erosão.

b) — Que, com o envelhecimento progressivo, as falhas aumentam cada ano e, em conseguencia, impõem-se as replantas em escala cada vez maior, exigindo um planejamento para substituição, anual e metodica, dos milhões de pés em decadencia; organização de grandes viveiros com mudas selecionadas, confecções de grande volume de esterco, composto, adubos organicos de origem vegetal (algodão, mamona etc.), e animal (galinha etc.) e minerais (azotados, potassicos e fosfatados). Estes a serem embarcados em navios lotados para redução dos fretes e vendidos pelo custo.

c) — Que é preciso dar trato regular às lavouras, sem que lhes faltem braços.

d) — Que se lhes forneça recursos a longo e a curto prazo, pois a recuperação da lavoura exigiria de 10 a 30 anos, com muitos gastos, e, até 4 anos, o seu custo se eleva a mais de 40 cruzeiros por pé, fora os juros, o custo das terras e das benfeitorias.

PROPAGANDA

Para não ficarmos adstritos praticamente aos mercados da America do Norte, que generosamente "permite a entrada livre dos nossos produtos, ao que revidamos com pesados impostos alfandegarios", dever-se-ia na Asia e outros lugares, nas modalidades manter uma discreta propaganda na Europa, adequadas e não destri-la insensata e deliberadamente como fizeram com as propagandas anteriores, feitas pelo Instituto de Café de São Paulo, abandonadas por baixa politicagem.

Em 1930 e 31 o Instituto de Café de São Paulo, fez contratos importantes com 13 paises, dentre esses a Russia, Inglaterra, Norte da Africa, paises balticos, Japão etc. Depois de longas conversações e com aprovação do governo americano, foi feito um contrato direto com o Centro Sojus (Centro de Cooperativas russo) em virtude do qual 8.500 cooperativas espalhadas pela Russia se comprometeram a estabelecer 1.000 casas para a venda de café torrado e em xicaras e com um aparelhamento técnico. Os russos chegaram a montar mais de 600 dessas casas, conforme fotografias enviadas. Isto, mediante uma subvenção anual, durante 3 anos, de 12.000 sacas de café inferiores que estavam a preço vil, sobrando e sendo queimadas nessa época! Os russos pretendiam ainda introduzir o café no exercito!

Os ultimos diretores do Instituto, entretanto, não só desprezaram esse contrato, como os realizados com os paises do oriente medio, que apenas pediam facilidades para adquirir os cafés parceladamente, em depositos em determinados portos.

O contrato penosamente elaborado com a importante firma Mitsui do Japão que, naquela época, dispunha de um capital de 500 milhões de cruzeiros, com a condição de fundarem 10 importantes estabelecimentos para a venda de café torrado e em xicaras, além da obrigação de estender essa propaganda e vendas a Shangai, tambem foi posto de lado, e assim por diante, numa displicencia criminosa.

Tivessemos honrado esses contratos devidamente e o consumo desses paises europeus e asiaticos somente, teria aumentado naquela época de cerca de 3 a 4 milhões de sacas e não teriamos recorrido à queima de cerca de 70 milhões de sacas, que arruinou a maioria dos fazendeiros.

POSIÇAO ESTATISTICA

O fato é que a produção do Brasil que já atingiu cerca de 30.000.000 de sacas em 1927, devido às geadas, secas, esgotamento e falta de amparo oficial, caiu para 15.000.000 de sacas. A da Colombia tem aumentado e passou para 6.200.000 de sacas. A produção da Africa, embora de qualidade inferior (exceto os cafés de Kenia), está em franca ascenção, pois a Inglaterra, França, Belgica e Portugal, e ultimamente, os americanos, estão aplicando grandes capitais e técnica moderna para o aumento da produção nas regiões mais favoraveis; tanto assim, que sua exportação dobrou.

CAFE' SOLUVEL

Desde 1930 tenho me batido pela fabricação e adoção deste produto, pelas multiplas vantagens que oferece ao nosso país, principalmente, que passo a enumerar: a) ficariam aqui os residuos, cerca de 80%, que constituem um excelente adubo, para as proprias lavouras de café e outras culturas, além de muitos subprodutos, conforme estudos feitos por quimicos competentes. b) haveria enorme redução nos fretes e carretos e na sacaria, o que seria uma verdadeira providencia para um país desorganizado como este, onde a maioria das empresas ferroviarias, com exceção da Cia. Paulista que rivaliza com as melhores de outras nações e a Santos-a-Jundiaí, não dá vasão aos produtos.

Haja vista o clamor pelas deficiencias e desserviços da rede Paraná-Santa Catarina, com trilhos velhos, causando descarrilamentos seguidos e com mais de 1.000 vagões emprestados à Sorocabana. A falta de caminhões e peças, muitos dos quais estão ou estiveram atolados! c) A fabricação do café soluvel em usinas localizadas nos pontos de maior convergencia de produção, traria uma grande economia e facilitaria sobremaneira a sua propaganda e distribuição por mar, por terra, por aviões, no Brasil e em outras nações como a America do Norte, Europa, Asia e Republicas sul-americanas, pois a facilidade de prepará-lo em xicaras, tende a aumentar e popularizar o seu consumo.

Os residuos para adubação proveniente de 5.000.000 sacas corresponderiam a cerca de 200 milhões de quilos, cujo valor seria no minimo de 100 milhões de cruzeiros.

A fabricação deste café soluvel seria uma verdadeira industria nacional, como a que já foi iniciada com o Nescafé, excelente misturado ao leite, forma a mais usada nos Estados Unidos.

Pois bem, enquanto que interesses contrarios dentro do nosso país combaterem o café soluvel, por incrivel que pareça, o D. N. C. e o Departamento de Saude do Rio de Janeiro, diabólicamente, proibiram, até há pouco tempo, a fabricação, a venda e o consumo deste produto! Entretanto, outros paises mais adiantados compreenderam o seu enorme alcance e o tem fabricado em escala cada vez maior. Os Estados Unidos, por exemplo, já estão, convertendo mais de 1 milhão de sacas de café soluvel.

O seu consumo aumenta cada dia e já o estão exportando para o Japão e... até para o Pará e Amazonas!

FINANCIAMENTO

Tem sido insuficiente para a lavoura que precisa quase mendigá-lo; isto, devido à falta de compreensão e visão dos governos, tanto o legislativo como o executivo.

Há mais de 30 anos pleitea-se um aparelhamento bancario adaptado ao noso meio, nos moldes do que já existe na Europa, nos Estados Unidos, com o Federal Reserve Banks, e mesmo na Argentina, com o Banco Hipotecario para créditos a longo prazo; e o Banco de La Nacion para custeio, caução de titulos; tudo a juros módicos. Este último banco, não só ampara os agricultores por essas formas, como oferece-lhes espontaneamente recursos para não sacrificarem suas safras.

Se o Brasil quizer manter a estrutura e hegemonia do café, promovendo novas plantações e a substituição gradual das lavouras decadentes, é necessario o emprego de somas consideraveis a longo prazo, para o custeio anual. E' preciso ainda, prover o financiamento dos warrants, conhecimentos, pois o café leva meses e mais de ano para chegar aos portos.

Há algum tempo cafés do Paraná levaram 2 e 3 anos para chegarem a Santos!

Ainda agora a Colombia, que já está tão bem aparelhada, como vamos expôr adiante, acaba de fundar o Banco dos Cafeicultores, com o capital de 50.000.000 de pesos — equivalentes a 750.000.000 de cruzeiros.

ORGANIZAÇAO CAFEEIRA DA COLOMBIA

O sr. Carlos Arnaldo Krug, diretor do Instituto Agronomico de Campinas, que visitou esse país, depois de lamentar que o Brasil não possuisse um orgão eficiente, coordenador da politica cafeeira, representando e defendendo os legitimos interesses dos produtores, o que ocasionou as nossas tremendas crises, resultado da nossa imprevidencia e falta de uma politca cafeeira inteligente e racional, livre de influencias perturbadoras, passa a descrever a Federacion Nacional de Cafeteros, entidade inteligentemente concebida e estruturada e admiravelmente administrada: cumprindo sua nobre missão de 1927.

E' mantida com uma taxa de 25 centavos (3,75 cruzeiros.—) por saca de café exportado.

Entre os atributos mais importantes, notamos; propaganda, melhores sistemas de cultura e beneficio, comprar e administrar armazens gerais, cooperativas, caixas de créditos; organizar e administrar estações experimentais; laboratorios, escolas, bibliotecas, filmes educativos; comissões técnicas para o estudo de tudo nos outros paises produtores; cooperar na organização de transportes; comprar e revender sementes, máquinas, adubos, ferramentas; fomentar as industrias complementares do café.

A sua organização é baseada em comités municipais, departamentais e no Comité Nacional, com 10 membros, dos quais o Ministro da Fazenda Nacional, da Fazenda e Relações Exteriores, o gerente da Caixa de Crédito Agrario, um membro designado pelo Presidente da República e "5 membros e suplentes eleitos pelo Congresso Nacional de Cafeicultores", que é a cupula da organização.

O Comité Nacional tem por fim fazer cumprir os contratos celebrados entre a Federacion e o govêrno; defender a industria cafeeira; eleger os representantes da Federacion no Banco da República, na Caixa de Credito Agrario, no Conselho das Estradas de Ferro. — A fiscalização financeira da Federacion é feita pela Superintendencia Bancaria.

A representação dos lavradores é baseada na sua produção. Mantem 40 armazens onde o café pode ser depositado; recebem os cafeicultores 90% da Federacion que intervem no mercado para garantir os preços minimos, exportando diretamente para o exterior.

Dispõe a Federacion de vultoso capital (3 milhões de cruzeiros) proveniente da taxa e dos lucros de suas operações.

Cuida da higiene rural; empregando numerosos engenheiros, topografos, médicos, dentistas com o fim de melhorar o padrão de vida dos cafeicultores e suas habitações, oferecendo-lhes bos água potavel assistencia médico-dentaria, adiantando e fornecendo os recursos para as construções.

CONCLUSAO

Como se depreende deste relato, os cafeicultores da Colombia estão sob a proteção patriotica do seu governo, que sabe honrar a sua missão dando mão forte à Federacion dos Cafeteros.

Verdadeira lição de civismo e sabedoria!

Para o Brasil manter sua atual posição de produtor, precisa, além da reforma de sua mentalidade fiscal e demagógica:

a) estabilizar a moeda envilecida, cuja circulação passou de 3 biliões em 1930 para 45.000.000.000 desorientando e desmoralizando todas as atividades economicas e sociais; tornando impossiveis quaisquer orçamentos, planejamentos ou programas sujeitos a reajustamentos continuos;

b) que o patrimonio do D.N.C., incorporado ao I.B.C., e outros recursos que lhe advierem pelas taxas, sejam aplicados honestamente para as suas finalidades.

c) que seja feita a reforma bancaria, compativel com o nosso progresso, para amparar e fomentar todas as atividades reprodutivas;

d) que o honrado governo de São Paulo, espontaneamente, entregue o patrimonio integral, superior a 500.000.000 de cruzeiros, do Instituto de Café (atual superintendencia), sem mais delongas à lavoura, para ela poder organizar seu Banco, nas modalidades mais convenientes, inclusive as da Caixa Luzatti, de que a FARESP está cogitando seriamente, pelo que deve merecer o apoio de todos;

e) que o produto dos agios cambiais seja devolvido aos seus legitimos donos, para manutenção e recuperação dos cafezais, que constituem o esteio da nossa economia. Isto, como reparação material e moral.

O BRASIL É O MAIOR EXPORTADOR DE CAFÉ DO MUNDO!

Você também tem direito a um bom café!

EXIJA QUALIDADE!

CAFÉ JARDIM

SÍMBOLO DE QUALIDADE DESDE 1890

VELHOS CAFÉS DA Paulicéia

OS BONS TEMPOS EM QUE A "JEUNESSE DORÈE" BRILHAVA

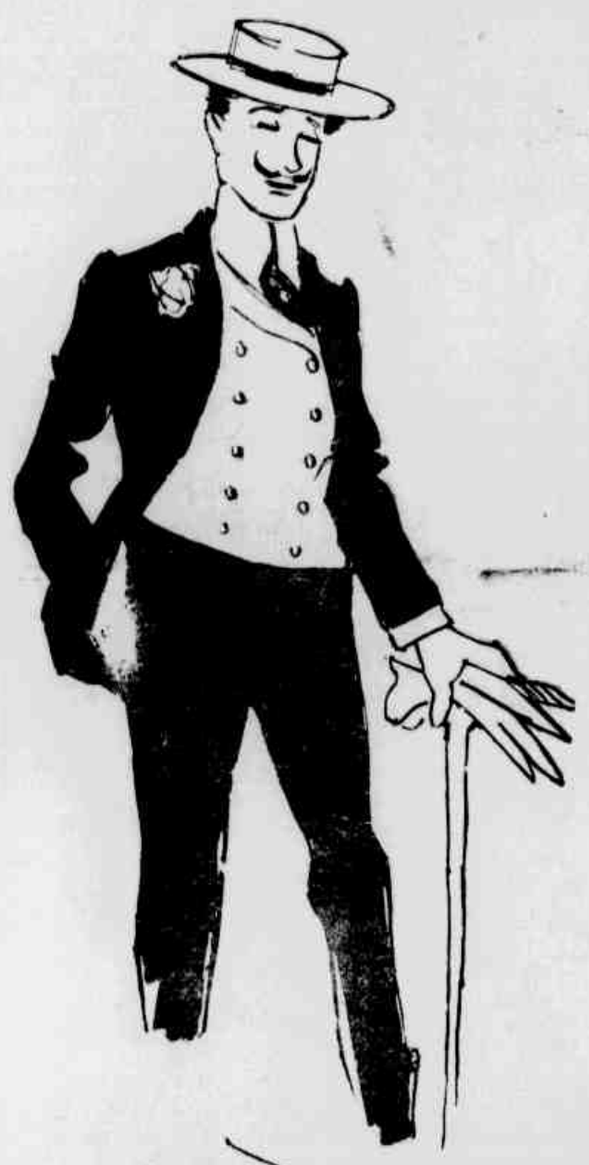
Quando uma xicara da preciosa bebida custava 40 réis! — O Fischer e as suas implicancias — Um cachorro que se celebrizou nas rodas dos notivagos — O cabaré do "Sapo Morto" — As homenagens postumas ao Cunegundes — Um episódio romântico vivido pelo poeta Ricardo Goonçalves — E a saudosa boêmia morreu...

Texto de RAIMUNDO DE MENEZES
Ilustrações de MICK CARNICELLI

O primeiro café que existiu em São Paulo — se não foi o primeiro, pelo menos foi um dos primeiros — funcionou entre os anos de 1850 e 1860, e ficava na rua do Imperador, esquina do Beco do Colegio, hoje Patio do Colegio.

Era sua proprietaria uma mulher, mais conhecida pelo jocoso apelido — Maria Punga — do que pelo verdadeiro nome — Maria Umbelina ou Maria Emilia Vieira. A Maria Punga, muito popular na Paulicéia daquele tempo, uma parda acaboclada, sabendo coar café como ninguem, tinha sua freguesia certa: estudantes de Direito, na sua maioria, que a procuravam no intervalo das aulas, negociantes, boiadeiros, e gente da redondeza, a que não faltavam moradores da rua Tabatinguera, rua do Principe e mesmo do Patio São Gonçalo...

A casa era modesta: "casa velha, pintada de verde, com meia braça de beiral sobre a via publica, uma porta para a rua, outra para o beco. Ambas com as competentes meias-portas". A turma entrava palrando. A algazarra era grande. A gordalhuda proprietaria, "toalha na cabeça, argola de ouro nas orelhas, e no colo um raminho de arruda e figa de guiné contra mau olhado", servia o café ali mesmo no alpendre. O café da Maria Punga tornara-se famoso. Tinha o seu segredo: era coado só para três pessoas de cada vez, mas era preciso que as três o estivessem aguardando, à mesa, do contrario que esperassem completar o numero. Enquanto isso, "batiam um papo"...



O café custava 40 réis a xicara — que maravilha! Alem do café, sempre saborosissimo, constituiam consumo obrigatorio, acompanhando-o, para o seu melhor paladar, gostosissimos bolos de fubá, broinhas de polvilho, bolinhos de tapioca, alem de bons bocados, mães bentas, cocadas, geléas... Um mundo de coisas de deixar a gente com agua na boca. Não havia bebidas alcoolicas.

O mobiliario não ficava atrás em parcimonia: seis cadeiras, uma ou duas mesas pequenas e, em rigor, não passava de uma duzia o numero de xicaras.

Os dobrões de cobre de 40 réis rolavam na mesa e eram enfiados imediatamente pela Maria Punga na gaveta através de uma fenda, tinindo alegremente e tornando mais alegre ainda a chistosa proprietaria, vendo seu negocio ir de vento em popa.

A freguesia regalada ganhava a rua da Imperatriz, aos magotes, sempre a conversar. Na rua deserta, o silencio era apenas interrompido pelos pregões das pretas que vendiam cuscuz e pelo martelar dos caldereiros, arrumando seus tachos...

Outra mulher que se dedicou a identico mister no velho São Paulo de 1874, foi a popularissima Nhá Maria do Café, a qual, todas as manhãs, segundo o bem informado cronista Antonio Egidio Martins, para atender à numerosa freguesia, costumava fazer saborosas empadas de farinha de milho com piquira ou lambari e vendia cada uma a 20 réis, com uma tigelinha de café a 40 réis. À noite, preparava o apreciado cuscuz de bagre e camarão de agua doce, "o qual, ainda bem quente, se acabava em poucos minutos, sendo preciso fazer outros para contentar os seus fregueses, os quais, para não serem logrados ficavam de prontidão, na propria quitanda, à espera da ocasião para comprarem, por 40 réis, um grande pedaço..."

OS BIFES DA "SEREIA PAULISTA"

Entre 1860 e 1864, havia em S. Paulo quatro confeitarias: duas na rua do Comercio, as do Jacob Koskiel e do Pereira Junior, uma na rua direita, de Gaspar Leonardi, onde foi mais tarde a Stadt Coblentz", de Jacob Friederiks, e a de Rodovalho & Irmão, na rua do Imperador. Destas, porem, de acordo com Almeida Nogueira, a melhor e mais do tom era a de Pereira Junior, Confeitaria do Leão, e que ficava bem na esquina da rua da Quitanda. Alem dessas confeitarias, havia muitas doceiras, algumas das quais de merecida nomeada, as Lessas, por exemplo, moradoras na rua da Boa Vista, que, por encomenda, forneciam os mais esquisitos doces, geléias, bolos, pudins e confeitos para as festas familiares e as *opas* ou festins de formaturas.

Num domingo — 23 de setembro de 1877 — a cidadezinha de São Paulo foi alvoroçada com a noticia da inauguração do bonito jardim da cervejaria denominada "Stadt Bern", com caramanchões, jogos de bolas etc. O "Stadt Bern" ficava na rua de São Bento, 73, num predio terreo de seis portas. A entrada, que era franca e gratis, se fazia tanto pela rua de São Bento como pela de São José, atual Libero Badaró. Na noite festiva, a orquestra do antigo teatro S. José tocou, entre as escolhidas peças do seu repertorio, a valsa Lungfrau. Cada copo de cerveja nacional custava 160 réis...

Outro estabelecimento congenere que marcou epoca pelas alturas de 1888 foi a "Sereia Paulista", que ficava tambem na rua de São Bento. Era seu proprietario o alemão Fischer, que tanto tinha de vermelho quanto de simpatico. Toda a boemia fina da cidade ali marcava encontro. Havia uma particularidade: ao contrario das outras casas similares, não havia separação de sexos, nem se exigia uma disciplina que fosse das mais rigorosas...

A "Sereia Paulista" era ao mesmo tempo casa de banhos e de bifes. Os bifes se tornaram celebres. Custavam 500 réis e eram uma delicia! Mediam sempre, exatamente, o mesmo tamanho, tinham a mesma espessura, e vinham, invariavelmente, acompanhados de oito batatas cozidas, sempre iguais no volume, na consistencia e na cor. E tudo isso, como já dissemos, ficava em 500 réis! Belos tempos... O freguês, se quisesse, poderia regalar-se com saborosa cerveja alemã, por 10 tostões a garrafa!

O Fischer, sempre sorridente, atrás do balcão, comandava os empregados, cumprimentando a freguesia e obsequiando-a com atenções. Não era, porem, homem de muitas graças. Paciente, cordato, era inflexivel em certos principios. Uma coisa, por exemplo: nunca serviu café na sua casa.

Uma noite, porem — conta-nos um cronista da epoca — apareceram dois rapazes de boa roda, sentaram-se e ferraram uma palestra que não tinha fim, a beber cerveja e a mastigar. Passou a hora habitual de fechar, e os homens firmes na prosa. Fischer cabeceava no seu posto. A certo momento, pediram café, e o alemão declarou secamente que não havia. Os homens continuaram a beber cerveja, e, um tempo depois, imploraram:

— Oh Fischer, manda vir café...

— Xa lhes disse que non há.

Passa mais uma hora, e os homens repetem, em tom gemebundo, o mesmo pedido. Fischer, caindo de sono, farto da caceteação, chama um empregado e manda buscar duas xicaras de café no Java, que ficava a dois passos dali e que não se fechava durante a noite. Os fregueses pediram a nota. Fischer havia lançado na mesma — tantos bifes a 500 réis, tantas garrafas de cerveja a 1$000 e, finalmente, duas xicaras de café a 5$000 cada uma.

Era a vingança. Os fregueses, que eram rapazes da alta roda, como já se disse, acharam tudo muito justo, pagaram e partiram, ao clarão da madrugada. No dia seguinte, voltaram, comeram, beberam, palestraram e, para fechar a noitada, pediram café. Fischer não se pôde conter, e explodiu, franzindo as sobrancelhas:

— Gafé? Gafé? Nem que zenhorres baca tez gontos te réis gata jicara!

E nunca mais este homem de principios reincidiu na exceção...

O CUNEGUNDES...

Foi, entre os anos de 1896 e 1897, que viveu aqui em São Paulo um boemio de quatro costados, frequentador assiduo dos meios noturnos e elegantes da cidade. Era conhecido apenas pelo apelido, que se tornou popularissimo nas rodas dos paulistanos da epoca: Cunegundes. O Cunegundes, por mais estranho que pareça, era um cachorro, que chegou a merecer a imortalidade de cintilante cronica do escritor Veiga Miranda, no livro "Passaros que fogem". Ali vem traçado com muita felicidade o seu perfil. O autentico perfil de um cachorro-boemio.

Sempre surgia depois da meia-noite. Atravessava o largo do Rosario e vinha direto à Confeitaria Castelões. Ali passava por debaixo das mesas, recebendo afagos de todo mundo. Alguns dos alegres bebedores gritavam logo, assim que o avistavam:

— Garção, um chope e sanduiches para o Cunegundes!

E o Cunegundes regalava-se como bom boemio. Aquela vida não era das piores. Depois do Castelões, tomava o rumo do Politeama. Entrava sem dar a minima satisfação ao porteiro. Ia bater na frente da platéia, aproximando-se de um e de outro conhecido, sempre entre palmadinhas de agrado. Terminado o espetaculo, quedava-se na porta do teatro, a receber carinhos de todos. Em seguida, como ultimo retardatario, diante da rua deserta, ainda sem sono, demandava os cafés-concerto dos bairros elegantes. Onde mais demorava era no "El-Dorado", que era o da sua preferencia não se sabe bem por que. Talvez, por lá vivesse alguma cadelinha da sua predileção.

De tanto beber e comer, altas horas da madrugada era visto a implicar com os cocheiros, com os guarda-noturnos, com os varredores da Limpeza Publica, e com ...os outros cachorros. Verdadeira idiossincrasia nutria ele pelos vira-latas!

Nunca soube bem onde morava. Certo é que, na sua existencia boemia, rara a manhã em que se não metesse em algum sururu, de que, quase sempre, levava a pior. Saia ganindo, com lancinantes dentadas nas costas, e muitas vezes sangrando...

Conta-nos Afonso Schmidt que o Cunegundes, após noites tão tormentosas, ia refugiar-se na tipografia de Edgar Leuenroth, num casebre da rua Maria Domitilia. Ali dormia o dia inteiro debaixo dos caixões de tipos. Quando o estabelecimento fechava ao anoitecer, lá saia ele, outra vez, a perambular por aí...

(CONCLUI NA 15.a PAG.)

Reunido o café no terreiro, formam-se os pequenos montes. O trabalhador maneja o rastelo

Os primeiros sacos, já prontos, são colocados sobre a cabeça dos trabalhadores

Peneira-se para logo em seguida ensacar-se

Fase inicial: inicia-se a colheita

A SITUAÇÃO DO CAFÉ

A situação do café é, no momento, muito favoravel aos produtores. Nunca os seus preços estiveram em niveis tão elevados. Comparando-os com os do periodo de 1924 a 1929, que foi considerado o periodo aureo da cafeicultura nacional, constata-se que são cêrca de 13 vezes maiores.

Grande parte dessa melhoria de preços é, evidentemente ficticia, pois reflete apenas a perda do poder aquisitivo de nossa moeda. Mas ainda que se desconte a desvalorização ocorrida nesse periodo — o que se pode fazer reajustando os preços de acôrdo com o indice de custo de vida — constata-se que os preços atuais continuam a ser superiores àqueles em 31 por cento, o que prova que são de fato melhores. Aliás, se os preços quando deficionados mostram-se mais elevados, pode se inferir tambem, a grosso modo, que são mais lucrativos para os produtores, pois é de se admitir que o custo de produção por mil pés não tenha aumentado em ritmo maior do que o custo da vida e que a produtividade média das lavouras do nosso pais não tenha caido, uma vez que ainda hoje, a exemplo do que ocorreu no passado, grande porcentagem dela, se localiza em terras virgens e férteis do Norte do Paraná, Oeste de São Paulo, Norte do Espirito Santo e Minas Gerais.

Também em relação aos demais produtos agricolas, o atual preço do café mostra sensivel vantagem, pois a sua elevação foi muito mais acentuada.

Enquanto o seu preço subiu, como já foi dito, cêrca de 13 vezes, em relação ao preço médio de 1924/29, o do algodão subiu apenas 5,2 e o do milho 7,9 vezes. Comprova-se, assim, que a situação dos preços do café é muito satisfatoria, tanto num sentido historico, isto é, comparando com os preços do passado, como também num sentido relativo, isto é, em confronto com os preços dos demais produtos.

QUADRO II
PRODUÇAO E CONSUMO MUNDIAL DE CAFE'

ANO AGRICOLA	PRODUÇAO EXPORTAVEL	ANO AGRICOLA	CONSUMO
1929/30	41.021	1930	26.331
1930/31	29.396	1931	27.938
1931/32	41.491	1932	24.665
1932/33	33.767	1933	25.464
1933/34	43.028	1934	24.819
1934/35	31.577	1935	26.928
1935/36	36.653	1936	26.346
1936/37	42.583	1937	26.586
1937/38	39.171	1938	25.988
1938/39	38.024	1939	25.988
1939/40	32.220	1940	28.569
1940/41	26.120	1941	28.553
1941/42	26.348	1942	27.858
1942/43	25.923	1943	25.710
1943/44	24.484	1944	24.710
1944/45	22.144	1945	26.070
1945/46	25.675	1946	28.609
1946/47	29.296	1947	28.083
1947/48	27.917	1948	31.596
1948/49	30.918	1949	32.726
1949/50	28.911	1950	29.518
1950/51	30.285	1951	31.658
1951/52	29.725	1952	32.666
1952/53	32.297	1953	34.099
1953/54	32.016	—	—

FONTE: — Bureau Pan-Americano do Café

A situação começa a mudar a partir do ano de 1940/41. Devido ao envelhecimento, maltrato e abandono das lavouras de café e de uma serie de anos de condições climatericas desfavoraveis, principalmente no Brasil onde ocorreu uma forte geada e anos sucessivos de sêcas calamitosas, as produções começaram a ser inferiores ao consumo. A partir desse ano, apenas por duas vezes, em 1942/43 e posteriormente em 1946/47 é que as produções foram iguais ou ligeiramente superiores ao consumo anual. Em todos os demais anos, até o momento, as produções anuais têm sido inferiores ao consumo anual. Graças a essa decalagem de produção, os estoques puderam decrescer e o Brasil pôde então em agosto de 1944, suspender a queima dos cafés que vinha se processando desde abril de 1931 e que antigira a mais de 78 milhões de sacos.

Com o término da guerra, a situação do café torna-se mais favoravel, pois além da produção continuar inferior, inicia-se um incremento de consumo nos paises importadores, especialmente nos Estados Unidos. Assim é que de um consumo anual médio de 26,4 milhões no periodo de 1929 a 1939, passa-se a 30,3 no periodo após guerra de 1946 a 1951, para atingir 32,6 milhões em 1952 e 34,1 em 1953. Devido a esse aumento de consumo, os estoques mundiais descem a niveis inferiores. De um estoque total de 16,3 milhões em 1949/47, passa-se, progressivamente a 5,9 em 1953/54. A percentagem do Brasil nesses estoques continua muito elevada pois os demais paises mantêm apenas o que consideram necessarios ao funcionamento normal dos canais de suprimento do produto.

Estando a situação estatistica, assim caracterizada por pequenos estoques, consumo crescente e sob a expectativa de uma redução prolongada de produção — pois o ritmo das novas plantações mostrava-se até então pequeno — era natural que os preços subissem. Isso, porém, somente ocorre em meados e fins de 1949 quando o Govêrno Brasileiro termina de vender os estoques de café mantido pelo antigo Departamento Nacional de Café. Até então os preços do café em Nova York mantinham-se em niveis baixos, muito inferiores aos vigorantes em 1929. Apenas em 1947, é que voltam a alcançar esses niveis, isto é, 22 centavos por librapêso. No ano seguinte, mantêm-se nos mesmos niveis e somente reagem em 1949 e em 1950, atingindo cerca de 49 centavos.

No segundo semestre de 1953, ocorre outra grande elevação de preços. Fortes geadas no Paraná e em São Paulo trouxeram uma sensivel diminuição de produção e gerou-se a expectativa de que o suprimento para o ano proximo não fosse suficiente para atender o consumo normal dos cafés brasileiros. A situação então prevista no Brasil, era a seguinte: iniciara-se o ano comercial de 1953-54 com apenas 2,9 milhões de excedentes e aguardava-se uma pequena safra exportavel, de 14,1 milhões, de modo que para atender a uma exportação, considerada normal, de 15 ou 16 milhões, para o estrangeiro e de 0,9 ou 1,0 milhões de sacos para o comercio de cabotagem e consumo nos portos, deveriamos chegar no fim desse ano comercial, isto é, em junho de 1954, praticamente sem estoque. E teriamos, a seguir, de enfrentar uma safra muito reduzida devido aos efeitos da geada, e que podia ser calculada em apenas 12 ou 13 milhões. Com o suprimento nesses niveis, não poderiamos atender o ano comercial de 1954-55, satisfazendo os pedidos de nossos consumidores. E tampouco os demais paises produtores de café poderiam atender essa diferença, pois não contavam com maiores excedentes. Previa-se pois, o agravamento da situação de escassez e nessas condições os preços tinham que subir a niveis elevados, o que de fato ocorreu no fim do ano passado e principio deste quando as cotações do tipo Santos em Nova York passaram de cerca de 58 centavos em novembro, a mais de 88 em abril deste ano.

Constata-se, assim, que as modificações porque passa a posição estatistica do produto, mudando de uma situação de abundancia para uma de escassez, são acompanhadas por elevações de preços e podem ser por elas respondiveis a partir de 1949. Aliás, sabe-se que nesse period não houve uma politica premeditada, de alta de preços, por parte do nosso Governo, pois não tivemos outra retenção de estoques, além daquela normalmente feita pelo comercio. Tampouco houve uma politica cambial de desvalorização do cruzeiro, de maiores consequencias. O proprio ágio de 5 cruzeiros que foi dado à exportação do café pela Instrução 70 da SUMOC contribuiu com apenas 28% de aumento, enquanto o aumento global de 1949 para cá, foi de cerca de 450%.

As cotações do café, em centavos, no mercado de Nova York, que não estão sob a influencia dessa portaria, confirma que a elevação foi muito alta, mesmo sem esses ágios. Assim é que, em certos meses deste ano, a cotação chegou a ser 4 vezes maior do que as de 1947 e 1948, que por sinal, foram praticamente iguais aos preços de 1929.

ANO	TRIGO (1) Cents Bushel	TRIGO (1) Indice	MILHO (1) Cents Bushel	MILHO (1) Indice	ALGODÃO (1) Cents Bushel	ALGODÃO (1) Indice	CAFE' (2) Cents Bushel	CAFE' (2) Indice
1929	103.6	100	79.9	100	16.78	100	22.00	100
1930	67,1	65	59.8	75	9.46	56	12.87	58
1931	39,1	38	32.1	40	5.66	34	8.37	38
1932	38,2	37	31.6	39	6.52	39	10.50	48
1933	74.4	72	52.0	65	10.17	61	9.00	41
1934	84.8	82	81.5	102	12.36	74	11.12	51
1935	81.1	80	65.5	82	11.09	66	8.87	40
1936	102.5	99	104.4	130	12.36	74	9.37	42
1937	96.2	93	51.1	65	8.41	50	11.0	50
1938	56.2	54	48.6	61	8.60	51	7.37	33
1939	69.1	67	58.8	71	9.09	54	7.50	34
1940	68.2	66	61.8	77	9.89	59	7.00	32
1941	94.4	91	75.1	94	17.03	101	11.12	51
1942	110.0	106	91.7	115	19.04	113	13.37	61
1943	136.0	131	112.0	140	19.28	116	13.37	61
1944	141.0	136	109.0	136	20.73	124	13.37	61
1945	150.0	145	127.0	159	22.52	134	13.37	61
1946	191.0	184	156.0	195	36.64	218	17.37	79
1947	229.0	221	215.0	270	31.93	190	22.54	102
1948	199.0	192	130.0	163	30.32	181	22.63	103
1949	188.0	181	125.0	156	28.58	170	27.38	124
1950	198.0	191	158.0	198	40.00	238	49.55	225
1951	—	—	—	—	—	—	53.82	245
1952	213.0	206	145.0	181	34.05	203	53.25	242
1953	200.0	193	133.0	166	31.82	190	55.95	254
1954 (3)	206.0	198	143.0	179	30.50	181	80.83	367

(1) — Preços médios recebidos pelos agricultores.
(2) — Preços médios disponiveis Nova York — Santos — tipo 4.
(3) — Média janeiro a abril para o café e janeiro a março para os outros produtos.

Aliás, o quadro III também nos mostra outro aspecto interessante da situação do café, que é a de apresentarem os seus preços, elevações maiores do que os dos outros produtos agricolas daquele pais, pois o aumento verificado nos preços do algodão, milho e trigo, nem sempre chega a duas vezes o preço médio de 1929.

Após constatar que a situação do café do ponto de vista de seus preços, é muito favoravel e que isso se deve a uma posição estatistica de escassez, podemos melhor julgar as perspectivas que se oferecem a êsse produto, no proximo futuro, isto é, a possibilidade de seus preços se elevarem, manterem-se ou cairem a niveis inferiores.

Antes de fazermos considerações sôbre as modificações que podem ocorrer na posição estatistica desse produto no proximo futuro, devemos dizer que no momento ao chegarmos ao fim da safra comercial 1953/54, a situação já não se apresenta como fôra prevista em novembro ultimo e que acima descrevemos.

Em lugar de 14,1 milhões de sacos, conforme fôra previsto, colhemos no Brasil 15,1; e em lugar de exportarmos 15 ou 16 milhões, devemos exportar não mais de 14,5 milhões. De modo que os excedentes com que entraremos no proximo ano agricola, serão de cerca de 2,5 milhões. Além disso, a previsão da atual colheita será de 13,4 milhões em lugar de 12 milhões. Teremos assim um suprimento de quase 16 milhões para atender os nossos fregueses. De modo que a situação de escassez é menos grave do que se previa, não obstante ser ainda bem acentuada.

Para o proximo futuro, a posição estatistica do café pode se modificar sensivelmente. Esses ultimos 5 anos de preços elevados têm incentivado enormemente os plantios em nosso pais e em grau bastante menor nos paises nossos concorrentes. Aliás o aumento de produção dêsses paises nunca se faz de forma rápida, como no Brasil. Ele vem de periodos anteriores e segue um ritmo mais ou menos constante.

Do terreiro para a tulha

Da tulha vai diretamente para os caminhões

RUY MILLER PAIVA
(Consultor Técnico do Instituto Brasileiro do Café)

sem saltos bruscos. Assim é que a Colombia e os demais paises dêste hemisferio, (exceto o Brasil) passaram de uma produção de 6,6 milhões no periodo de 1925 a 1929, para cerca de 10 milhões no periodo de 1945 a 1949, para atingir 10,9 e 13,0 em 1952 a 1953. E' verdade que êsses numeros se referem à produção exportada, e o aumento dêsses ultimos anos é, em parte, devido ao melhor trato das lavouras e à restrição natural que se faz no consumo interno, quando os preços se mostram mais elevados. O plantio de novas lavouras na Colombia, segundo informações divulgadas no "Coffee Annual-1953" de George Gordon Patton & Co., tem sido muito pequeno. Apesar de dispor de terras e de condições de clima adequadas, falta-lhe mão de obra suficiente para incrementar o plantio de novas lavouras.

O México parece dispor de melhores condições nesse sentido, uma vez que conta também com abundante massa obreira que poderia ser usada na cultura. Todavia, as noticias a êsse respeito mostram-se contraditorias quanto à qualidade das áreas disponiveis.

EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE CAFE' POR REGIÕES
Sacas de 60 quilos

	1925 a 1929	1930 a 1934	1935 a 1939	1940 a 1944	1945 a 1949	1951	1952	1953
Brasil . . .	14.102	14.936	15.035	10.802	16.266	16.358	15.821	15.562
Outros paises da America Latina	6.657	7.590	8.787	8.549	9.989	9.657	10.714	13.010
Africa . . .	761	1.297	2.313	2.521	3.950	5.269	5.120	5.025
Asia e Oceania	1.676	1.603	1.616	157	197	556	478	731
TOTAL .	23.196	25.436	27.807	22.039	30.402	31.840	32.133	34.328

FONTE: — Bureau Pan-Americano do Café

O Continente Africano mostra um incremento de produção mais rapido do que o dos paises dêste hemisferio (exceto o Brasil). De uma exportação de 761 mil sacos no periodo de 1925 a 1929, êle passou a 3.950 milhões no periodo de 1945 a 1949, para manter-se acima de 5 milhões nos anos seguintes: 1951, 1952 e 1953. Parte do incremento dêsses ultimos anos, deve-se ao melhor trato e ao menor consumo interno que os preços altos determinam. Mas, foram também feitas novas lavouras em certas regiões dêsse continente, como em Angola, Costa do Marfim e outras. Contudo, trata-se de café de bebida inferior, da espécie Robusta, que melhor se adapta às condições dominantes naquele continente. A plantação do café arábico não pode ser aumentada sensivelmente, por falta de áreas desocupadas que disponham de solos e climas adequados à sua cultura.

No Extremo Oriente, apenas a Indonésia é que apresenta um aumento sensivel de exportação. Esse aumento é devido, tambem, em grande parte, a uma restrição de consumo, não obstante existirem ai condições favoraveis para o café robusta e de estarem sendo formadas novas lavouras dessa variedade.

A razão dessas regiões não apresentarem um incremento rápido de produção, encontra-se no fato de ser o café uma planta exigente em solo e clima e de ser uma cultura que demanda um trato cultural permanente, o ano todo, o qual não pode ser dado se não se dispuser de agricultores experimentados e de uma pouplação obreira habilitada. Como tais condições não são encontradas, com abundancia, torna-se dificil a ampliação rápida de sua lavoura. E mesmo quando isso ocorre, é por um periodo curto de tempo, pois uma vez aproveitados os recursos ai existentes e que se acham disponiveis, a produção tende a se estabilizar ou a crescer lentamente à medida que novos recursos podem ser postos à disposição ou adáptados à cultura. Mesmo o café robusta, que é menos exigente em terra e clima, não pode prescindir do empresario rural e da massa trabalhadora organizada, o que fez com que seu incremento tambem não seja rapido.

PRODUÇAO E CONSUMO

A julgar pelo que tem ocorrido nessas regiões e pelas possibilidades que as mesmas oferecem à cafeicultura, poder-se-ia concluir que a atual situação de escassez deveria permanecer por muitos anos, pois a producão não poderia atender rapidamente ao aumento de consumo.

Acontece, porém, que o Brasil constitui uma excecão a essa regra. Temos a sorte de contar com uma área extensa, que dispõe de solo e clima adequados ao café arabica e de uma população rica em elementos para organizar e executar os trabalhos agricolas de uma fazenda de café. Dêsse modo, tôdas as vêzes que os preços sobem podemos aumenta' rápidamente a nossa producão. Ainda agora, nesses ultimos cinco anos, foram plantados cêrca de 450 milhões de pés que poderão, se o ano correr bem, dar uma producão de mais de 7 milhões de sacos. E isso sem contar os 300 milhões que foram plantados em São Paulo, além dos de Minas e Espirito Santo, que ainda dispõem de terras virgens adequadas à cultura.

Nessas condições, a situação de escassez de café podera se transformar no proximo futuro numa situacão de abundancia em que os preços poderão cair à nivels baixos.

A vista dessas perspectivas, cabe-nos indagar sôbre as medidas que poderiam ser tomadas para manter os preços em nivels satisfatorios. No passado, quando ocorreram condições semelhantes, as soluções adotadas foram, principalmente duas: proibição de plantio e retenção de estoques.

A pimeira dessas medidas, quando tomada com a antecedencia necessaria, apresenta a vantagem de evitar as superproducões. Mas é uma medida dificil de ser adotada, principalmente com a cultura cafeeira, onde as lavouras em terras novas são tão mais lucrativas que as de terras velhas. Com sua adoção, prejudica-se o proprietario dessas terras novas e impede-se desenvolvimento de novas regiões. E' um caso tipico, em que o interesse individual entra em conflito com o interesse coletivo. Mas não deixa de se uma medida util, quando aplicada dentro das regras que conduzem a uma ordenação racional do plantio.

A segunda medida, a retenção dos estoques, encontra fundamento no fato da demanda do café ser inelastica. Se um aumento de oferta faz com que os preços caiam em proporção maior do que aumenta o consumo, pode-se tornar vantajosa uma retenção, pois dentro de certos níveis, pode-se obter maior receita com a venda de volumes menores de café. Essa medida apresenta, entretanto, uma série de graves inconvenientes entre os quais devemos citar a tendência de se fazer uma retenção exagerada, a fim de se obterem preços mais elevados e, tambem, a tendência de se manter a retenção em carater permanente, uma vez que os produtores reclamam sempre que se procura colocar no mercado os excedentes retidos nos anos anteriores. Devido a essas dificuldades, o emprego da retenção resulta, quase sempre, num incremento de plantio de novas lavouras. E, consequentemente, entra-se num ciclo vicioso, pois maiores retenções passam a ser reclamadas para se atender aos novos aumentos de produção.

Para evitar tais inconvenientes pode-se exigir que a medida seja acompanhada pela proibicão do plantio a que acima nos referimos e que tambem apresenta, como vimos, sérias desvantagens.

Uma terceira solução para os problemas dos excedentes, e que não foi devidamente aproveitada no passado, pelos responsaveis pela nossa politica cafeeira, não obstante as vantagens que oferece, é a de ampliar o mercado consumidor do café. Dissemos há pouco, que a demanda do café é inelástica e que os preços tendem a cair em maior proporção quando se aumenta a quantidade oferecida. E' possivel, porém, através de uma propaganda eficiente, aumentar ou modificar essa curva, de modo que maior quantidade de café seja consumida aos mesmos preços, o que ocorre, quer aumentando o numero de consumidores, quer fazendo com que cada um passe a beber maior numero de xicaras.

A possibilidade de se aumentar o consumo do café, parece ser muito ampla. Existem extensas regiões do globo que não têm o hábito de beber café e que poderiam adquiri-lo se fôsse feito um movimento nesse sentido. O café é uma bebida que pelo seu paladar e aroma, pode facilmente conquistar novos consumidores.

Nas regiões onde já existe o hábito de beber café, a quantidade consumida pode tambem ser incrementada, bastando para isso a execução de uma propaganda eficiente. E' o que ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos, que não obstante apresentarem em 1953 um indice mais elevado de consumo "per capita", com 17 libras, poderiam consumir ainda mais se fôsse intensificada a campanha já iniciada, aliás, pelo Bureau Pan-Americano de Café. Através de lemas como o de "coffee breack" em que se aconselha que se interrompa o serviço durante o dia para beber uma xicara de café, ou o de "one for the road", com o qual se estimula os americanos a tomarem um café quando voltam para casa, à noite, guiando o seu carro, poder-se-ia incrementar sensivelmente o consumo dêsse produto. Tambem a intensificação do consumo do café gelado ou de um refresco de café, poderia dar ótimo resultado.

Quanto ao Continente Europeu, a situação é mais ou menos identica à dos Estados Unidos, não obstante já ter ocorrido ai uma recuperação intensa da quantidade consumida no passado. Assim é que em 1955, com 10,2 milhões, o seu nivel de consumo aproximou-se do nivel do periodo de 1935 a 1939, que foi de 11,5 e que caira para 2,6 milhões no periodo de 1940 a 1944. Ainda assim, existem grandes possibilidades para se incrementar o consumo do café nesse continente. Encontram-se paises, como os Escandinavos, onde o consumo atinge a 13 libras "per capita" e outros como a Italia e a Espanha, onde o consumo em 1953 foi de 3,1 e 0,7 libras "per capita", respectivamente.

AUMENTO DO CONSUMO DO CAFE'

O problema do incremento de produção nesse continente difere, porém, daquele dos Estados Unidos. Depende menos de uma propaganda de consumo do que de entendimentos e acôrdos comerciais que permitam diminuir os impostos e as barreiras alfandegarias que impedem a entrada do café. Uma inteligente politica comercial com esses paises, seguida de uma intensa politica de venda, poderia fazer com que o consumo do café, fosse ai, muito aumentado.

Nao há dúvida que o consumo do café pode ser muito aumentado nas diferentes regiões do globo. Resta saber se esse incremento pode se dar aos niveis atuais de preços ou se teria que ser a niveis inferiores.

Segundo as leis da demanda, a quantidade consumida de um produto, aumenta à medida que caem os seus preços. De modo que, a preços menores, é natural que se consumam maiores quantidades de café. Um programa de incremento de consumo tem maiores possibilidades de sucesso, quando os preços estão baixos. Todavia, encontram-se diversos argumentos que nos levam a admitir que, mesmo aos atuais niveis de preços, o consumo do café pode ser muito aumentado. Se considerarmos que o café é um produto relativamente barato — pois o que se gasta com o seu consumo representa uma percentagem muito pequena das despesas totais de uma familia — podemos admitir que os consumidores continuam a beber a mesma quantidade de café, independente dos preços.

Aliás, a estatistica nos mostra que entre os diferentes paises, não há uma correlação obrigetoria entre os preços e o consumo. Há paises que são grandes consumidores, apesar dos preços elevados; e ao contrario, há outros em que o consumo é pequeno, apesar dos preços baixos. Na Finlandia e na Belgica, por exemplo o café é caro, custando no varejo, quando torrado, 2,37 e 1,71 centavos por libra-peso, respectivamente; e no entanto, o consumo é elevado, atingindo 12,1 e 12,7 litros "per capita", respectivamente. Na Argentina e Canadá, ao contrario, os preços são baixos, ambos com 1,03 centavos por libra e no entanto o consumo também é baixo, alcançando apenas 4,0 e 7,1 libras "per capita", respectivamente.

O nivel de preço é apenas um dos elementos que determinam a quantidade consumida e não deve ser o mais importante, porque, como foi dito acima, a despesa que se faz com o consumo é item muito pequeno nas despesas totais de um individuo. Nos Estados Unidos, a firma G. Gordon Patton em seu "Coffee Annual 1953" calcula que em 1953 apesar do consumo ser tão elevado, a despesa com café representa apenas 0,7 por cento da renda "per capita".

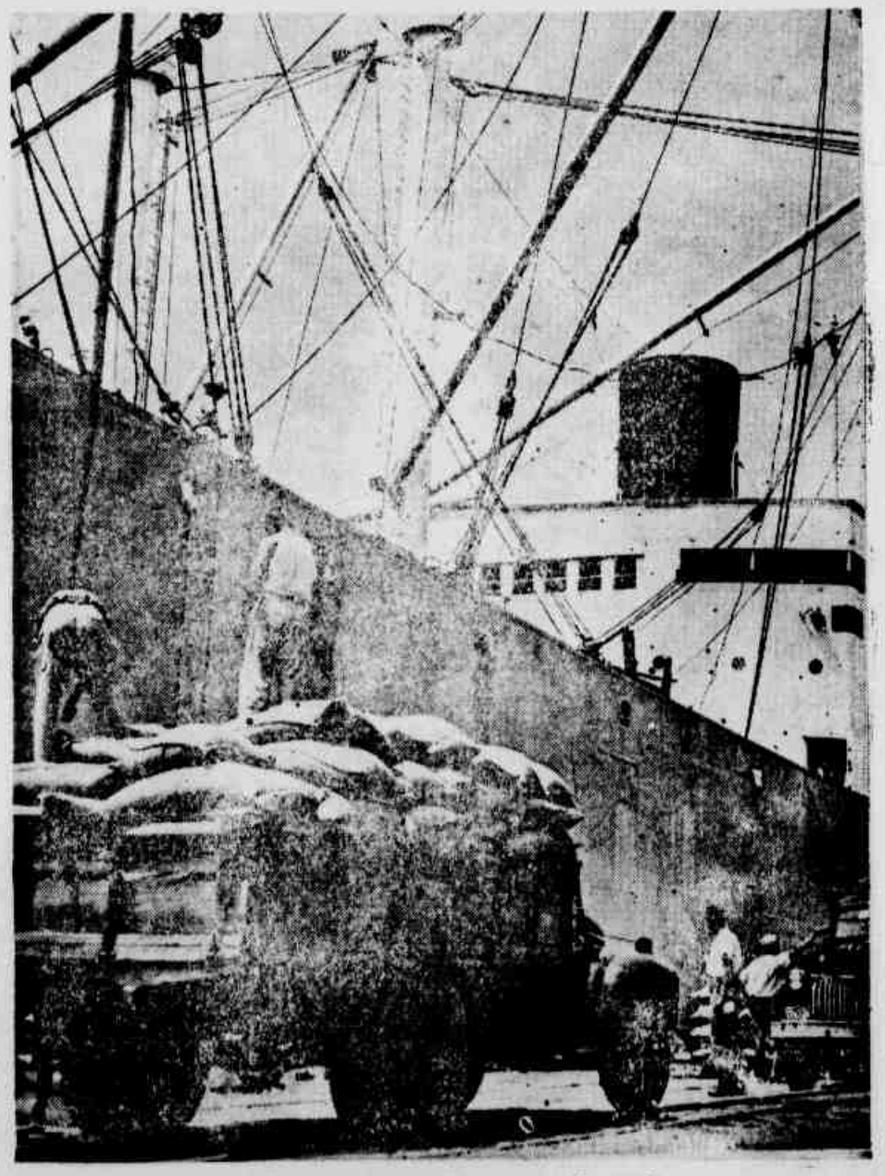
Nessas condições, quando os preços se elevam, a redução do consumo que ocorre, deve ser considerada mais como reação psicologica de pou a duração do que propriamente uma modificação de habito de carater permanente

A julgar por esses elementos, parece pois que são grandes as possibilidades de se conseguir um aumento de consumo de café aos atuais niveis de preço, possibilidade essa de grande significação para nossa cafeicultura, pois não teriamos assim, no próximo futuro, que pensar em estocar os excedentes e em enfrentar o problema dos preços baixos.

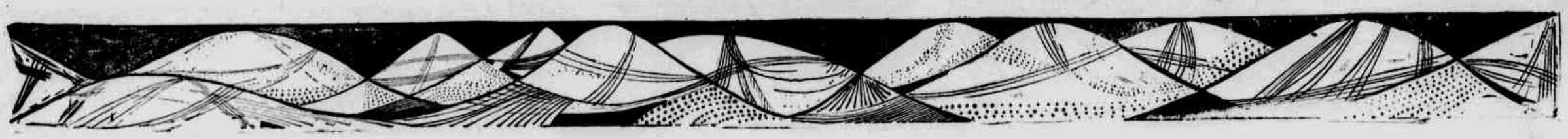
Há, todavia, uma dificuldade. E' que aos niveis atuais de preço, as produções poderão continuar a crescer em ritmo acelerado. Já vimos que o café, aos preços atuais, é uma cultura muito lucrativa, de modo que é de se esperar que as produções, quer do Brasil, quer dos demais paises, continuem a crescer aos niveis atuais de preços. E, nesse caso, seria necessario incrementar ainda mais o mercado consumidor desse produto.

Apesar dessa dificuldade, intencificar o consumo do café nos paises importadores, ainda é o melhor programa que se nos apresenta, para mantermos favoravel a situação do nosso café.

Dos caminhões para os navios



E do porto para todas as partes do mundo



AMERICAN COFFEE CORPORATION

EXPORTADORES DE CAFÉ

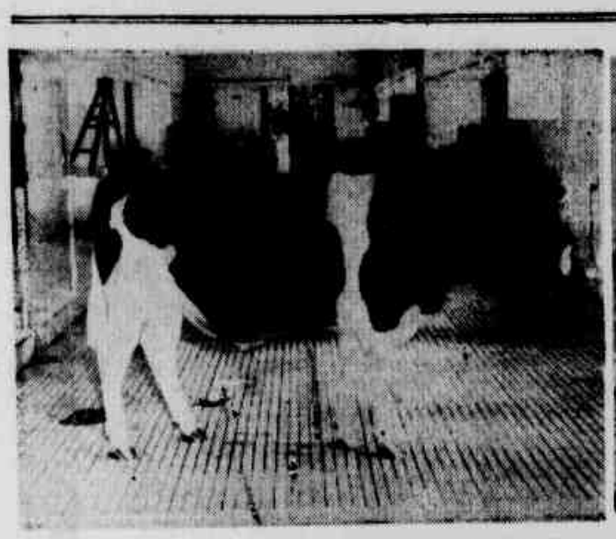
SANTOS – RIO DE JANEIRO – PARANAGUÁ

SUBSIDIARIA DA

THE GREAT ATLANTIC AND PACIFIC TEA COMPANY

New York

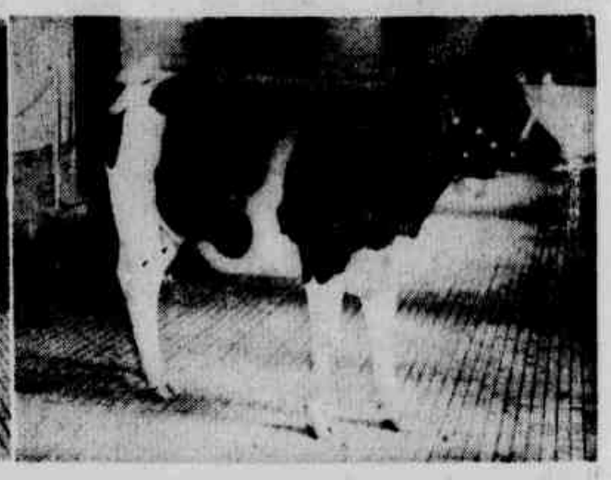
Distribuidores da afamada marca EIGHT O' CLOCK



RECTOR HOARNE, nascido a 31 de março de 1953, de pura origem, pesando cêrca de 500 quilos, obteve o 3.o Premio na Exposição de Agua Branca, realizada em abril

CAROLINE HOARNE, nascido a 23 de fevereiro de 1953, de pura origem, pesando 600 quilos, conseguiu o 2.o Premio da XI Exposição Nacional de Animais, recentemente realizada em Agua Branca.

ROLAND I HOARNE FORBES, nascido a 15 de março de 1953, puro de origem, com 400 quilos, obteve Menção Honrosa, na Exposição Nacional de Animais, realizada em abril, no Parque da Agua Branca.



ALTANEIRA HOARNE, nascida a 30 de março de 1953, pura por cruzamento, com 400 quilos, foi galardoada com o 2.o Prêmio — Classe Novilha — na XXI Exposição da Agua Branca.

SOUZA DANTAS FORBES & CIA. LTDA.

INCENTIVO À ECONOMIA NACIONAL

Fundada durante a última guerra, tornou-se uma das mais importantes firmas do país

Coloca-se entre as primeiras exportadoras de café de Santos — Contribuição para a melhoria os rebanhos brasileiros

A firma comissaria e exportadora Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda. foi fundada por ocasião da Segunda Grande Guerra, no ano de 1941.

Foi uma época cruciante para as exportações brasileiras. Os submarinos do Eixo rondavam os mares do Atlantico Sul, pondo em risco não só vidas humanas como também navios transportes que navegavam para os Estados Unidos.

A guerra estava no auge. As dificuldades eram grandes e o movimento exportador minimo.

Nem por isso os seus fundadores recuaram. Fundaram, em Santos, a firma exportadora, que mais tarde veio colocar-se entre as primeiras do Estado.

Se de um lado a situação internacional era de panico, de outro a economia interna não apresentava estabilidade. Haja vista que em 1941 a media, em arrobas, de café, por mil pés, atingiu o insignificante indice de 18.97. Esse indice era menor do que a metade dos resultados colhidos nos três anos anteriores.

Os preços medios do café brasileiro posto a bordo eram de 182 mil réis, pouco superiores aos anos de 1939 e 1940, quando se iniciou a guerra.

FUNDAÇAO

A ideia da fundação da firma partiu do sr. Francis de Souza Dantas Forbes, elemento sempre ligado às coisas do café. Durante longos anos foi comprador de café no interior do Estado e agente de varias firmas.

Grande conhecedor da situação e com longa pratica no ramo, não teve duvidas em concretizar aquele objetivo, fundando na praça de Santos uma firma comissaria exportadora.

Deve-se levar em conta que a ocasião não parecia propicia, em face da situação internacional e tambem da pouca produtividade do café na safra de 1941. Corajosamente, sem temer situações piores no futuro, lançou, em 1941, as bases de uma firma que deveria prosperar e ganhar foros de grande comissária e exportadora.

Os negocios, de fato, tomam rumo certo e suas atividades se desdobram com a abertura de filiais no Rio de Janeiro e em Paranaguá.

Contudo, em Santos, preponderou sempre o maior volume dos negocios no setor cafeeiro.

Paranaguá, no entanto, com o aumento vertiginoso nos ultimos 10 anos das safras cafeeiras do Norte do Paraná, passou a figurar como importante porto de exportação da rubicea. Grande volume de negocios de café começou a ser feito através daquele porto.

Justificou-se, então, a manutenção, pela firma, de um escritorio para atender ao movimento que cada dia aumentava.

DE COMERCIANTE A PRODUTOR

O socio titular da firma, em face das perspectivas de produção espetacular dos cafezais paranaenses, decidiu adquirir duas glebas de terra no norte do Paraná, onde formou as fazendas Urupês e Papagaio. A primeira, com cento e vinte mil pés, e a segunda, com cento e trinta mil. Estas fazendas deverão começar a produzir ainda este ano.

A localização das propriedades é das melhores. Não fôra as ultimas geadas, poderia conseguir, em Maringá, onde se localizam, os melhores indices de produção por mil pés (arroba) só mesmo suplantados pelos de Apucarana.

Contudo, é nesta região do norte do Paraná que está localizado o maior numero de cafeeiros novos e em produção. Segundo dados colhidos junto à Associação Paranaense de Cafeicultores, o setor do Mandaguari, que inclui Maringá, possuia, antes da ultima geada, cento e vinte cinco milhões de pés de cafés novos e trinta e cinco milhões em franca produção.

A safra prevista fora de seiscentos e vinte mil sacas, o que representava quase um sexto de toda a produção cafeeira do Estado do Paraná e pouco menos de um decimo da produção paulista.

CONSTITUIÇAO DA FIRMA

A firma Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda. está localizada no coração comercial da cidade de Santos, ou seja, na rua do Comercio 91.

Os seus socios-gerentes são três: Francis de Souza Dantas Forbes, Bernardo de Almeida e Herondino Macuco Borges.

Herondino é outra figura que desde há muito vem trabalhando nesse setor. Foi classificador de café, fato que lhe proporciona grandes conhecimentos no comercio cafeeiro. E' uma garantia para os negocios de Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda em face de sua longa experiencia no ramo.

A bordo do "Brasil", no qual embarcou recentemente, com destino aos Estados Unidos, o sr. Francis de Sousa Dantas Forbes, à esquerda, vendo-se ainda, ao centro, o sr. Herondino Macuco Borges, e à direita o sr. Bernardo de Almeida.

Bernardo, também está ligado ao comercio cafeeiro há muitos anos. Sempre foi contador de firmas comissarias e exportadoras da rubiácea, angariando nesses longos anos, conhecimentos uteis que hoje são aplicados em favor de sua firma. Conhece toda a engranagem do comercio cafeeiro.

OUTRAS ATIVIDADES

Além de comissarios e exportadores, possuem, em Apucarana, a região mais produtiva do Norte do Paraná, máquina de beneficiar café. Localizados nessa região, onde o indice de produtividade atinge às vezes cem arrobas por mil pés, encontraram aí amplo desenvolvimento para sua atividade, paralela às atividades que exercem em Santos, Paranaguá e Rio de Janeiro.

Essa região paranaense é a segunda do Estado em volume de produção cafeeira. A safra prevista, que sofreu posteriormente efeitos da geada, era de quatrocentas e vinte e cinco mil sacas.

O número de cafeeiros novos da região é de 14 milhões, enquanto existem cêrca de 17 milhões em franca produção.

Trata-se, portanto, de uma região das mais produtivas do país, cuja média por alqueire não é suplantada por qualquer outro Estado brasileiro.

Dessa forma, em Apucarana, a firma Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda. tem encontrado campo para o desenvolvimento de seus negócios, que prosperam de forma segura.

FIRMA SUBSIDIARIA

Com o decorrer dos anos, após a instalação dos escritórios de Santos, Rio e Paranaguá, os negócios se avolumaram e exigiram nova firma subsidiária, que desafogasse o movimento cafeeiro no porto paulista.

Nasceu, então, a idéia de uma firma subsidiária, que foi logo posta em prática. Hoje aí está Figueiredo, Forbes & Cia. Ltda.

Essa organização passou a trabalhar nos negócios cafeeiros e, aos poucos, foi-se impondo e ganhando o prestígio já conseguido pela sua co-irmã.

Os mesmos sócios movimentaram-na com o objetivo de torná-la uma das legítimas expressões do comércio cafeeiro do Brasil. Hoje, enquanto a firma Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda. exporta o grosso do café paulista, colocando-se em segundo lugar entre suas concorrentes, e com um volume de exportação dos maiores, Figueiredo, Forbes, & Cia. Ltda. vão aos poucos se movimentando no comércio cafeeiro e já têm a seu favor embarques, relativamente grandes, em face de seus poucos anos de vida.

Até 31 de maio último o movimento das duas firmas foi o seguinte:

	Sacas
Souza Dantas, Forbes & Cia. Ltda.	362.551
Figueiredo, Forbes & Cia. Ltda. . .	32.537

A diferença no volume da exportação é explicada pela tradição de Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda., fator que a firma mais recente tem de superar, uma vez que nasceu ontem.

Êsses resultados ainda poderão ser modificados pelos embarques de café em junho. Esperam os responsáveis pela comissária exportadora atingir a casa das quatrocentas mil sacas com êsses embarques.

CONFISCO CAMBIAL

A firma Figueiredo, Forbes & Cia. Ltda., impetrou há pouco mandado de segurança contra o confisco cambial, que foi concedido liminarmente e depois reformado por efeito de recurso ao Tribunal Federal de Recursos, que mais tarde denegou o mandado.

Esse fato, que teve a mais ampla repercussão no mundo econômico do país, ainda não foi julgado em última instância. Caberia, segundo nos afirmaram, recurso após a publicação do Acordão pelo Tribunal Federal de Recursos.

A medida de ordem judicial da firma Figueiredo, Forbes & Cia. Ltda. foi a primeira no país e atraiu para si — segundo referimos acima — não só as atenções do comércio cafeeiro como também de todos os setores econômicos do Brasil.

Patrocinou a questão o advogado Luiz Arroubas Martins, que, para tanto, baseou-se num parecer do prof. Sampaio Dória.

Essa questão ainda é de grande atualidade e talvez obtenha solução favoravel, que venha beneficiar não só à firma impetrante e demais firmas do ramo, assim como, principalmente, a todos os produtores de café do país.

Assim, a posição de Figueiredo, Forbes & Cia. Ltda. vai aos poucos se firmando entre suas concorrentes no mercado cafeeiro e ganhando prestigio que virá refletir em sua maior solidez econômica.

Além das atividades exercidas no comércio cafeeiro e lavoura, Francis Forbes mantém, em Valinhos, um dos melhores planteis de gado reprodutor e leiteiro do Estado.

PECUARIA

A Granja "Santa Carolina", de sua propriedade, possui gado de raça holandesa, produzindo grande quantidade de leite, destinado ao consumo.

E' um estabelecimento moderno, com todos os requisitos da técnica atual, onde a ordenha é feita mecanicamente, em amplos compartimentos, especialmente construidos para êsse fim, realçando-se as condições de higiene e ordem.

A Granja pode ser considerada modelo. Representa ela uma colaboração para o aprimoramento do plantel e maior produção de leite e produtos derivados.

PREMIOS

Vários prêmios foram conquistados pelo plantel da Granja "Santa Carolina" na XXI Exposição Nacional de Animais, realizada, recentemente, na Agua Branca.

Entre os premiados destacamos RECTOR HOARNE, nascido a 31 de março de 1953, de pura origem, pesando cêrca de 500 quilos e que obteve o 3.o prêmio.

CAROLINE HOARNE, nascido a 23 de fevereiro de 1953, de pura origem, pesando 600 quilos, obtendo o 2.o prêmio.

ROLAND I HOARNE FOBES, nascido a 15 de março de 1953, puro de origem, com 400 quilos, obtendo Menção Honrosa.

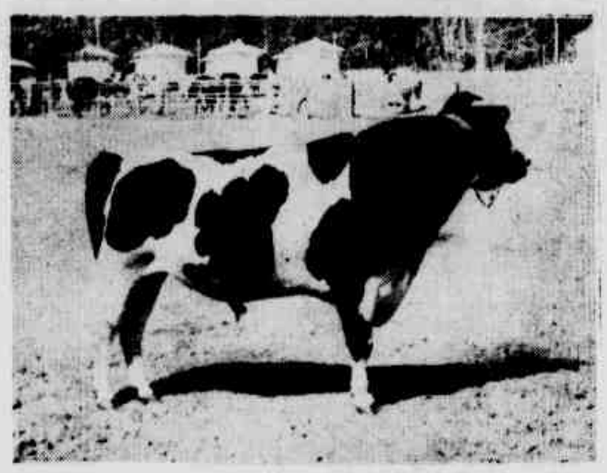
ALTANEIRA HOARNE, nascida a 30 de março de 1953, pura por cruzamento, com 400 quilos, recebeu o 2.o prêmio — Classe Novilha.

ESPERTA ROLAND, nascida a 28 de junho de 1952, pura por cruzamento, com 800 quilos, distinguida com Menção Honrosa.

Assim, Francis de Souza Dantas Forbes forma também entre os principais pecuaristas do país, contribuindo para melhorar a criação bovina nacional.

ESPERTA ROLAND, nascida a 28 de junho de 1952, pura por cruzamento, com 800 quilos, foi distinguida com Menção Honrosa, na Exposição Nacional de Animais, realizada em abril deste ano.

Grupo formado de duas novilhas e dois bezerros, puros de origem. Avida Marksman e Atilada Marksman, são as representantes femininas e Dandy Rag Aple e Greso Fobes Marksman, os representantes masculinos, que se vêem no "cliché".



HOARNE ROLAND CIV, reprodutor holandês, com 6 anos de idade, pesando 1.100 quilos.

GLENAFTON HIGHMARK, reprodutor canadense, com 1.000 quilos e 4 anos de idade

Secão da classificação da firma Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda., na cidade de Santos

Vista externa da maquina de beneficiar café "S. Francisco", em Apucarana

O Departamento de Cafeicultura da FARESP manteve e mantem contacto com todos os orgãos competentes, tanto no país como no exterior e principalmente no nosso principal mercado comprador: o norte-americano. Vemos aqui uma fotografia já antiga (data de 1947), em que aparece (à esquerda) o sr. George Robbis, então presidente da National Coffee Association, dos Estados Unidos, visitando uma fazenda de café em companhia do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado (à direita), diretor daquele Departamento. (Foto do Serviço de Imprensa da FARESP).

As Associações Rurais existentes no interior e filiadas à FARESP têm como objetivo representar legalmente a classe agricola dos respectivos municipios e defender os seus legitimos interesses. Entre suas finalidades, incluem-se as de assistencia no tocante à aquisição de utilidades agricolas, feita através de Cooperativas Agricolas ou por secções de compras das proprias Associações. Vemos aqui um tipo de secção de compras comum em muitas entidades que se consolidaram em seus municipios. (Foto do Serviço de Imprensa da FARESP).

DEFENDE A FARESP PARA A PRODUÇÃO CAFEEIRA UMA POLITICA DE ESTABILIDADE PERMANENTE

No quadro geral da organização da vida rural brasileira, ocupa a FARESP, sigla de Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, destacada posição, decorrente de varios fatores, entre os quais sobreleva, naturalmente, a par da escolha de seus diretores, homens que vieram do interior, a circunstancia de ter surgido e se desenvolvido no Estado que mais progrediu no Brasil. A nova organização da vida rural brasileira possui a sua cupula na Confederação Rural Brasileira, de criação recente e em cuja fundação influiu decisivamente a FARESP, o que dá uma idéia de seu imenso prestigio em todo o país e mesmo no exterior.

OS VARIOS SETORES DE ATIVIDADE DA FARESP

Caracteriza-se sobretudo a FARESP pelo abrigo que dá a todos os produtores agricolas, desde os grandes até os pequenos, cuja união explica justamente a grande força representada por essa entidade que nasceu no interior e veio para a capital, sem perder as suas intimas ligações com o interior. Ela vive do interior e suas manifestações são sempre o traduzir do pensamento dos homens reunidos em torno das associações rurais que formam seu imenso e cada vez mais desenvolvido quadro social. Quem assiste às reuniões semanais da diretoria da FARESP verifica quão amplo é o campo de ação dessa entidade, que, pela primeira vez na historia do associativismo rural paulista, passou a encarar com seriedade e espirito construtivo e combativo todos os problemas que afetam a produção agricola.

Uma rapida visão dos Departamentos que formam a Diretoria Executiva da entidade mostra quão é vasto esse campo. Ali são tenazmente defendidos, não apenas o café, cuja importancia nos propomos encarar de modo especial nesta reportagem, mas também a carne, o leite, as frutas, o algodão, os cereais, as raizes e tuberculos, a lã, as industrias rurais, o cooperativismo, etc. etc. Qualquer que seja o setor agricola, tem ele seus legitimos representantes na FARESP e, quando alguma lacuna existe, procuram os produtores interessados imediatamente preenchê-la, pois [illegible] que somente tendo pela frente o escudo da FARESP e da Associação do interior a que pertencem poderão os homens da gleba vencer e ver atendidos, cedo ou tarde, seus legitimos interesses.

IMPORTANCIA DO CAFE EM SAO PAULO

Se pretendemos aqui dedicar maior atenção ao café, assim agimos sem qualquer esquecimento de qualquer outro setor importante da FARESP o que seria inteiramente imerecido — por dois motivos principais de pronto expostos: esta é uma edição dedicada ao café, em primeiro lugar; em segundo lugar, ninguem ignora a importancia historica do café em terras bandeirantes. Não são leigos, mas tecnicos e economistas que o afirmam: o elemento humano, o meio fisico e o apreço mundial pelo café fizeram a grandeza deste Estado. Os mesmos economistas assinalam a circunstancia de que as produções se sucedem aqui com uma instabilidade que seria desanimadora. Entretanto, a adaptação relativamente celere às novas situações criadas pela reação do comercio externo sobre nossa economia tem feito do Estado de São Paulo o centro e o simbolo do dinamismo economico do Brasil.

Orgãos tecnicos federais já têm assinalado que nenhuma outra região do país mostrou, até agora, capacidade tão notavel de se transferir de um setor de atividade economica para outros fatores de produção como a nossa. Mais ainda: não apenas São Paulo tem sabido transladar rapidamente capital e trabalho de uma zona para outra, como ainda atrair novos braços e novos capitais para atividades que substituem, parcial ou totalmente, aquelas que haviam sido afetadas, direta ou indiretamente, pelos azares da procura mundial. Essa superioridade sobre as outras regiões brasileiras lhe advem do homem, do meio geografico e do cosmopolitismo do grande produto que, já vai para um seculo, se identifica com São Paulo: O CAFE'. A combinação — homem, terra e café — fator determinante de agilidade com que São Paulo, perdendo algum ponto de apoio economico, imediatamente encontra outro, é fato tão conhecido que dispensa maiores comentarios.

RETROSPECTO DA VIDA DA FARESP

Posto isto, antes de entrarmos propriamente na materia do café, desejam os DIARIOS ASSOCIADOS fazer um ligeiro retrospecto da vida da FARESP e falar dos seus objetivos. Inicialmente deve ser desfeita a idéia que alguns ainda conservam a proposito dessa entidade, qual seja de que os fazendeiros fazem individualmente parte do seu quadro social. A FARESP não tem socios. Seu quadro social é formado pelas Associações Rurais e Cooperativas Agricolas. Estas, sim, possuem socios individuais. Sucede que apenas indiretamente fazem os agricultores parte da FARESP, à qual estão diretamente filiadas as entidades a que pertencem os lavradores e os criadores. E' facil compreender assim o extraordinario contingente rural representado pela FARESP, cujo quadro social é hoje formado por 201 (duzentas e uma) Associações Rurais e Cooperativas Agricolas, cobrindo praticamente todo o Estado de São Paulo. A Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo é a unidade do país que possui o maior numero de associações, [illegible] da do Rio Grande do Sul, Minas e outros.

E' o seguinte o resumo do movimento associativista da FARESP: Associações filiadas e registradas no Ministerio da Agricultura: municipais, 75; regionais, 40; especializadas, 2: associações filiadas à FARESP e ainda não registradas naquele Ministerio: municipais, 30; regionais, 13; especializadas, 1; cooperativas agricolas, 40. Total, 201. Associações existem, como a do Litoral Paulista, que possuem mais de 3.000 socios. Outras associações antigas, que precederam mesmo a existencia da FARESP e que hoje integram seu quadro social, como as de Barretos, dos Fazendeiros da Zona de Jaú, de Araçatuba, de Rio Preto e tantas outras tradicionais em suas zonas, possuem mil ou quase mil socios. Mais de 40.000 fazendeiros, grandes e pequenos, alem de tecnicos agricolas, formam assim, hoje, a FARESP e suas federadas.

Como orgão de representação da classe, além de consultivo do poder público, encontra-se a FARESP representada nos diferentes orgãos da administração publica e colabora com os poderes constituidos na solução dos problemas de economia e produção agricola brasileira, sem deixar nunca de colocar em primeiro plano a defesa intransigente dos interesses da classe, cujas aspirações reivindica e cujo pensamento, permanentemente auscultado no interior, através de concentrações regionais e municipais, continuamente externa e defende.

Grandes serviços tem prestado aos agricultores em seus varios anos de vida relativamente curta, não somente no tocante à aquisição e fornecimento de utilidades indispensaveis às atividades rurais, como na luta por melhores condições de trabalho no campo e, fundamentalmente, pela defesa dos varios produtos agricolas e pela reivindicação do trabalhador rural, através de uma efetiva assistencia medico-economico-rural. Suas atenções estão voltadas para esses importantes aspectos e muito se espera ainda de sua ação nesse campo.

Defende a FARESP, de modo geral, um tratamento justo para os agricultores e para a produção agropecuaria, reivindica preços compensadores para os produtos da terra, lidera movimentos esclarecedores visando ao reajustamento de preços para os produtos agricolas e à consolidação do prestigio e dos direitos dos agricultores. E luta finalmente por uma maior participação da classe nos destinos economicos, politicos e sociais do país, defendendo uma consciencia ruralista e municipalista. Pelos serviços que presta, vem grangeando cada vez maior numero de simpatizantes e é cada vez maior o numero de fazendeiros que se agremiam em associações no interior do Estado de São Paulo ou que aumentam os quadros sociais das já existentes.

A FARESP, prolongamento historico de duas outras grandes organizações de carater interestadual, a Federação das Associações de Pecuaria do Brasil Central e a União das Associações Agropecuarias do Brasil Central, passou verdadeiramente a projetar-se no Estado depois de 1946, ou seja, há oito anos, data em que adquiriu sua atual forma juridica e civil. Até então era orientada no sentido da defesa da pecuaria e de alguns setores agricolas. A ampla visão dos dirigentes da FARESP, nessa ocasião, (a maioria dos quais ainda hoje se encontra à testa da FARESP) imprimiu então à entidade que iria liderar a classe rural do Estado mais adiantado da Nação um rumo certo e amplo.

Data de então a criação dos varios Departamentos da FARESP, todos os quais tiveram um desenvolvimento extraordinario, não sendo demais destacar, de modo especial, na reportagem de hoje, o Departamento de Café, orientado desde a sua criação pelo sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, socio fundador da Associação dos Fazendeiros da Zona de Jaú, hoje Associação Rural de Jaú.

PROLONGAMENTO DE VARIAS ORGANIZAÇÕES

A existencia de associações de lavradores, ao lado das de pecuaristas, determinou no primeiro grande inicio do movimento associativo de que resultou o aparecimento da FARESP, em 1942, a mudança do nome primitivo da Federação das Associações de Pecuaria do Brasil Central, fundada pelo sr. Iris Meinberg, sucessivamente reeleito presidente e ainda hoje presidente da FARESP e tambem da Confederação Rural Brasileira, para União das Associações Agropecuaria do Brasil Central (1945).

Mais tarde, a nova legislação associativa rural (que não permitia base interestadual para os orgãos de carater federativo) deu origem à fundação da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo — FARESP — nome que passou a adotar a entidade criada em Barretos e que reestruturou, posteriormente, seu quadro social. Desligaram-se assim as filiadas dos outros Estados e se iniciou uma nova fase na vida da entidade, que se voltou de modo especial para a solução dos problemas rurais no Estado de São Paulo.

Em 2 de março de 1942, na cidade de Barretos, realizava-se a hoje já historica reunião de fundação da Federação das Associadas de Pecuaria do Brasil Central. Nasceu nesse dia, concretamente, a entidade já existente no consenso geral dos homens do campo, que vinham até então atuando nas diversas entidades pecuarias e agricolas do interior dos Estados de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso. Uma verdadeira precursora dessa Federação foi a Comissão Executadora das Resoluções do I Congresso Pecuario do Brasil Central, realizado em Barretos em abril de 1941, a qual já vinha atuando, depois de memoravel certame, como elemento de ligação entre as diversas organizações agricolas da chamada região do Brasil Central. Nesse certame, que teve repercussão nacional na época assim como o II Congresso Pecuario do Brasil Central, realizado dois anos depois, na cidade de Campo Grande, do Mato Grosso, por convocação da Federação e mais 13 associações agropecuarias (que já formavam seu quadro social) foi apresentada uma tese intitulada "A Federação Pecuaria do Brasil Central", de autoria do sr. Rafael Kamprad e da qual foi relator o sr. Mario Mazzei Guimarães. Ficou então decidido que fosse confiada à Comissão Executadora das Resoluções do I Congresso a tarefa de estudar o assunto e procurar concretizar a ideia. Tendo em vista a urgente necessidade de se articularem as entidades pecuarias dos referidos Estados, foram adotados, em Barretos, de comum acordo, com as entidades agricolas mineiras, goianas e matogrossenses, os preparativos para a fundação da Federação. O III Congresso Pecuario do Brasil Central realizou-se em 1945, na cidade de Goiania.

OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA E TRANSFERENCIA PARA SAO PAULO

O atual presidente da FARESP e da Confederação Rural Brasileira, deputado Iris Meinberg, dirigiu os trabalhos da reunião de fundação da primeira Federação, à qual estiveram presentes os membros da Comissão Executora e os delegados do Sindicato dos Invernistas e Criadores de Gado e [illegible] Associação dos Pecuaristas do Vale do Rio Grande e hoje Associação Rural do Vale do Rio Grande), Sindicato dos Criadores do Sul de Mato Grosso (depois Associação dos Criadores do Sul de Mato Grosso), Centro dos Criadores de Nhecolandia, Sindicato Pecuario do Estado de São Paulo, sediado em Campinas e depois extinto, Associação Comercial, Industrial e Agropecuaria de Itulutaba, Sociedade Goiana de Pecuaria e Sindicato Pastoril e Agricola de Araxá.

A sede institucional da Federação ficou sendo, desde a reunião de fundação, a capital de São Paulo, tendo Barretos permanecido como sede provisoria até que fosse julgada conveniente a transferencia da entidade para a capital paulista.

A Federação das Associações de Pecuaria do Brasil Central, precursora da FARESP, foi transferida para S. Paulo em 13 de abril de 1944. Há dez anos, portanto, reiniciava-se modestamente na Capital paulista a obra começada no interior. Ocupava então a Federação algumas salas no 10. andar do edificio da rua 7 de Abril, 34, mudando depois para sede propria na rua Barão de Itapetininga, 224, onde ocupa atualmente dois andares. Seus serviços cresceram e se multiplicaram. De 11 entidades federadas que a Federação primitiva apresentava quando saiu de Barretos, em 1942, passou a contar, um ano depois com mais de 30 e, hoje o numero se eleva a 201.

MOVIMENTO DO INTERIOR PARA A CAPITAL

O fundamento principal do rapido desenvolvimento atingido pela FARESP reside no apoio que encontrou na classe agricola do interior que sempre viveu desarticulada e lutou por isso com as maiores dificuldades para poder realizar seus desejos e satisfazer suas necessidades. Como ocorre com todos os movimentos novos, não recebeu desde logo tal apoio. Sua aceitação nos meios ruricolas foi gradativa e à medida que obtinha vitorias positivas para a classe. O combate à desarticulação dos agricultores foi o ponto alto das atividades e a razão mesma do exito da Federação das Associações de Pecuaria do Brasil Central, depois União das Associações Agropecuarias do Brasil Central e hoje Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo. Tratava-se de congregar elementos distantes e de importância, sem classe organizada. Reunindo enorme material através de congressos e outras realizações, procuraram os elementos que forjaram a FARESP, na origem e nos anos subsequentes (com a adesão de lideres do interior e de dirigentes de outras entidades agricolas da Capital) exprimir as aspirações mais intimas e expontaneas dos agricultores do centro do país e depois do nosso Estado, em particular.

FUNDAÇAO E CONSOLIDAÇAO

Tratando-se de entidade que surgiu da periferia para o centro, procurou ela basear seu desenvolvimento e o fortalecimento do espirito classista no estimulo à fundação e principalmente consolidação de novas associações rurais. Entre os serviços novos criados, incluiam-se os de assessória econômica e juridica, de divulgação e de organização e expansão. Periòdicamente percorriam os diretores da FARESP, pessoalmente, o interior do Estado, utilizando-se de todos os meios de condução no sadio propósito de lançar e difundir a chama do associativismo rural e do aumento da riqueza nacional pelo amparo efetivo ao produtor rural. Todos os recursos foram mobilizados nessa campanha.

Recursos foram destinados a intensificar a fundação de novas associações rurais em municipios onde ainda não existiam tais organismos representativos da classe e êsse movimento ainda hoje prossegue, pois nesse setor, em nosso país, a despeito de estar o nosso Estado na vanguarda, existem ainda nos 435 municipios paulistas, 162 que não possuem associações.

A Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo foi reconhecida pelo Ministério da Agricultura (pela portaria nº 100), em 8 de fevereiro de 1946, como orgão de defesa e representação da classe agricola paulista, e está registrada sob o numero 2, Série FAR, na Secção de Pesquisas Econômicas e Sociais do Serviço de Economia Rural, do referido Ministério.

O espirito de união do homem do campo e o desejo de sua emancipação econômica, de que se originou a Federação de Barretos, vivem ainda hoje na FARESP. A entidade é a mesma, embora com nome duas vêzes mudado, e a chama acesa continua ardendo.

IMPORTANCIA DOS RELATORIOS

A atual diretoria da FARESP, cuja constituição reproduzimos adiante, entrou no terceiro e último ano de sua gestão, iniciada em janeiro de 1952. Na última quinzena de fevereiro do ano próximo, será realizada a assembléia geral anual dos delegados das federadas. Nessa ocasião, apresentará o presidente da entidade o relatório da diretoria referente às atividades desenvolvidas no exercicio findo e serão eleitos os novos dirigentes da entidade. Como vem acontecendo nos anos anteriores, o relatório é importante documento em que, não sòmente são prestadas minuciosas contas sôbre as atividades realizadas, como é feita uma verdadeira analise da situação econômico-financeira do país e, em particular, dos problemas agro-pecuários e da situação da FARESP, condicionada àquela situação e visando à defesa do agricultor, como entidade maxima do associativismo rural do interior.

E' a seguinte a diretoria que atualmente dirige os destinos da FARESP:

Presidente, sr. Iris Meinberg; **vice-presidentes**: srs. Clovis de Sales Santos, Durval Accioli e Manuel Carlos Ferraz de Almeida; **secretário-geral**, engenheiro agronomo José Cassiano Gomes dos Reis; **secretário**, engenheiro-agrônomo Felipe Rodrigues Siqueira Netto e sr. Ademar de Carvalho Gomes; **tesoureiros**, srs. Galileu Bicudo, Luiz Fortunato Moreira Ferreira e Euclides Teles Rudge. **Direção dos Departamentos: Cafeicultura**, sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado; **Cotonicultura, Fibras Diversas e Sericicultura**, Sr. Geraldo Martins de Azevedo; **Pecuária de Corte**, sr. João Rodrigues da Cunha; **Pecuária Leiteira**, sr. Hélio Miranda; **Cereais**, engenheiro agrônomo Luiz de Almeida Prado; **Fruticultura**, sr. José Pires de Almeida; **Avicultura**, sr. Kataro Watanabe; **Olericultura**, engenheiro-agrônomo Rubens de Paula Eduardo; **Raizes e Tuberculos**, sr. Jarbas do Amaral Carvalho; **Serviço Social Rural**, sr. Alkindar Monteiro Junqueira; **Industrias Rurais**, sr. Dario Ferreira Guarita; **Imigração e Colonização**, sr. Mário Penteado de Faria e Silva; **Cooperativismo**, Francisco Antonio de Toledo Piza; **Silvicultura, Conservação do Solo, Mecanização e Irrigação**, sr. Luiz Alvarenga; **Lavoura Canavieira**, sr. Renato Resende Barbosa.

Comissão Fiscal, srs. Adelcke Rosseto, Antonio de Oliveira Flores e Luiz Edmur Pereira Barreto, suplentes, srs. Francisco Lopes Gonçalves Correia, João Volpe e Quintino Maudonnet.

Conselho Deliberativo: Adalberto do Amaral, Donato Mascarenhas Filho, Fortunato Mazzei, Heitor Carvalho Gomes, Hélio Rubens Junqueira Caldas, Joaquim Azevedo Passos, João Rodrigues Borges, Leven Vanpré, Lingard Miller Paiva, Oscar Pereira Lima, Rafael de Moura Campos, Raul Renato Cardoso de Melo Filho, Ubirajara Roxo, Valdemar Sanchez e João Gomes Martins Filho.

Atualmente, estando licenciado o deputado Iris Mienberg, presidente efetivo da FARESP, ocupa a presidência em exercicio da entidade o sr. Manuel Carlos Ferraz de Almeida.

A FARESP E A POLITICA CAFEEIRA

Iniciando suas atividades no setor cafeeiro, em 1946, cuidou o departamento de Cafeicultura da FARESP, dentro de uma unidade e continuidade de ação que jamais sofreu qualquer interrupção, da DEFESA DE UMA POLITICA DE ESTABILIDADE ECONOMICA DA PRODUÇAO CAFEEIRA.

De nada valeria, em verdade, para o produtor — sujeito a tôda sorte de contratempos oriundos da natureza — ter preços elevados demais em anos de safra pequena e excessivamente baixos quando as colheitas aumentavam.

Pautando a politica da estabilidade pela garantia de um preço justo, defendeu a FARESP, por longos anos, a entrega da direção da politica cafeeira à própria classe, que, sentindo realmente o problema, dêle cuidaria melhor. Defendeu por isso a extinção do D. N. C., orgão ditatorial, que, entregue a politicos, asfixiava a lavoura, impondo-lhe compulsòriamente tôda a série de restrições e sacrificios.

Extinto o D. N. C., cuidou imediatamente a FARESP de estudar a criação de um novo orgão, que, orientado e dirigido pela classe, evitasse a repetição dos êrros do passado e estivesse, ao mesmo tempo, aparelhado em recursos e elementos humanos capazes de defender a classe dos ataques imediatistas, partissem de onde partissem.

Dessa forma, depois de grandes lutas, viu finalmente a classe aprovada pelo decreto-lei 1779, de dezembro de 1952, a criação do Instituto Brasileiro do Café, que, embora não tenha uma constituição ideal, está entregue a uma Junta Administrativa composta de 30 membros, entre os quais 17 representantes da lavoura brasileira. Espera ainda a lavoura cafeeira possuir a maioria de diretores na Diretoria Executiva, que, dessa forma, cumprirá à risca as diretrizes firmadas pela Junta Administrativa do I. B. C.

A classe cafeeira conta, por conseguinte, hoje, com o seu orgão de defesa próprio, que, por certo, bem defenderá os seus legitimos interêsses, que são, em última análise, os interêsses do próprio país.

CONFISCO CAMBIAL

O CAFE' REPRESENTA NO MOMENTO O ELEMENTO CARREADOR DE 85% DAS CAMBIAIS DO PAIS. Pode-se assim calcular o valor dêsse produto na vida e na economia nacionais. Entretanto, e infelizmente, em vista de um desequilibrio na balança comercial do país, desequilibrou-se também a sua balança cambial, estabelecendo, como conseqüência, uma desvantajosa disparidade entre os valores do câmbio oficial e os do câmbio livre e constituindo assim um verdadeiro confisco cambial.

Com efeito, tomando-se por base o preço minimo recentemente fixado, temos os seguintes preços, em cruzeiros, para o café:

Cambio livre	Cr.$ 5.740,00 por saca
Cambio oficial	Cr.$ 2.560,00 por saca
Diferença	Cr.$ 3.180,00 por saca

OS SALDOS DOS AGIOS CAMBIAIS

Recebe dêsse modo o lavrador A MENOS cêrca de ... Cr$ 3.180,00 por saca, que são recolhidos ao "Fundo da Agricultura", no Banco do Brasil CONTRA ESSE CONFISCO têm lutado a FARESP e suas federadas, as quais prosseguirão nessa luta, até que seja conseguindo um tratamento mais equanime e mais justo para a lavoura em geral.

Com a politica da Instrução 70, surgiu o problema dos saldos dos ágios resultantes do confisco cambial, cujo montante ascende a mais de 10 biliões de cruzeiros e cuja aplicação reclama a FARESP em benefício dos lavradores.

CONSUMO DO CAFE' E PROPAGANDA

Não descurou finalmente a FARESP do problema do consumo do café. Vem-se batendo pelo seu desenvolvimento e expansão e, nesse sentido, empreendeu o diretor do Departamento de Cafeicultura daquela entidade, sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, entendimentos na América do Norte e na Europa, a fim de tomar contacto e sentir os reclamos dos consumidores.

Aconselhou aquêle titular o desenvolvimento da propaganda do café, que tão bons resultados tem proporcionado ao nosso principal produto, bem como fez, reiteradamente, outras recomendações, entre as quais a de ser apoiada a manutenção do Bureau Pan Americano do Café, cujas atividades foram iniciadas quando o consumo de café nos Estados Unidos era de 13 milhões de sacas, consumo êsse que elevou a 20 milhões. E finalmente propôs a extensão dêsse serviço à Europa, onde o sucesso deverá certamente repetir-se.

Impossivel seria, após os diversos aspectos relatados com respeito à existência e atividades da FARESP, enumerar todos os demais problemas, atuais, recentes ou remotos, em cuja solução tem se empenhado, no setor cafeeiro, a FARESP. Será, entretanto, bastante afirmar que, jamais desde o seu aparecimento e constituição efetiva, deixou a FARESP, pelo seu Departamento de Cafeicultura, sempre dirigido, como se disse, pelo seu atual titular, de atuar ou pronunciar-se em face de cada uma das questões surgidas no setor cafeeiro. E o tem feito intransigentemente, dentro da linha de orientação traçada na politica de estabilidade para a produção e para o comércio do café, apanágio de tôdas as lutas e de tôdas as reivindicações que tem liderado e conduzido a bom têrmo.

Este mapa é bem uma demonstração da extraordinaria marcha do associativismo rural em São Paulo, unico em todo o país. Elaborado pelos Serviços de Organização e Expansão e de Divulgação da FARESP, mostra (em preto), os municipios em que existem Associações Rurais e Cooperativas Agricolas filiadas àquela entidade representativa da lavoura paulista. Os claros representam municipios em que ainda não existem associações, mas em todos eles já existe uma consciencia ruralista e se realizam alí trabalhos visando à fundação de Associações Rurais, para defesa e representação da classe rural nos respectivos municipios.

VALIOSO PATRIMONIO COMERCIAL DE NOSSOS MEIOS ECONOMICOS

Na sala de café, vendo-se os srs. Broad, Hennessey e Lidio Santos Paulo. Trata-se da secção de classificação da firma

Vista parcial externa de um dos armazens da firma em Santos

VERDADEIRO ELEMENTO DE EQUILÍBRIO NO MERCADO DISPONÍVEL DE SANTOS

Historia de uma das mais tradicionais e conceituadas firmas cafeeiras do país — A "Casa Exportadora Naumann Gepp S. A." — Com representações espalhadas por todo o mundo — Atendeu sempre os mais exigentes compradores da rubiacea no globo

A tradição da firma "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. S." constitui, no comércio de café, um dos mais valiosos patrimônios comerciais econômicos. Das mais antigas em Santos, representa o GEPP — como é mais conhecida — um verdadeiro elemento de equilibrio do mercado disponivel de Santos. Dedicando-se à exportação de café, evidencia-se como elemento catalizador, o que significa uma garantia aos seus permanentes supridores.

Mantem ainda a "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A." completa rêde de representações por todo o mundo, participando nas operações de café de todos os tipos, como compradores dos cafés que se destinam aos EE. Unidos, e também dos graúdos, que alcançam grande preferência por parte do mercado importador da Alemanha, onde o GEPP conta com uma grande soma de compradores constantes.

UM POUCO DE HISTORIA

A fundação da firma CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP sob a denominação de "Naumann Gepp & Cia. Ltda.", tem lugar antes de 1898, por iniciativa de um ex-funcionário da antiga organização de exportadores e representantes de armadores ingleses que atuavam no Brasil (Bradshaw & Co.) fundada em meados de 1700. Esse antigo funcionário da Bradshaw, sr. Edward O. Broad, associando-se ao sr. Frank Naumann, então corretor de café na praça de Santos, e ao sr. Francis Willian Gepp, proporcionou a fundação da firma "Naumann, Gepp & Cia. Ltda., que foi autorizada a funcionar no Brasil pelo decreto 2.785, de 4 de janeiro de 1898, com o capital inicial de .... 100.000 libras esterlinas.

Inicialmente, os escritorios centrais da firma foram localizados em Londres.

Constituiu-se então a primeira diretoria na Inglaterra e no Brasil (rotativa) figurando os nomes dos srs. Frank Naumann, Francis Willian Gepp, Edward Oppenhein Broad, Max Michaelsen e João Francisco Wright.

DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÕES

A 1.o de janeiro de 1942 sofreu a firma a primeira transformação, passando a denominar-se "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP LTDA.", com sede e escritórios à rua 15 de Novembro, n. 75, onde funciona há mais de 50 anos.

Posteriormente, em 29 de novembro de 1944 foi transformada em sociedade anônima, com a denominação de "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A.", nome que até hoje conserva. O capital registrado foi de 23.400.000,00 cruzeiros, mantendo-se na atualidade.

Diante da nova transformação foi eleita nova diretoria, recaindo a escolha nos nomes dos srs. Theodoro Max Lange, Clarence Hennessey e Jorge Alberto Broad.

EXPORTAÇAO PARA TODOS OS PAISES

A norma predominante nas atividades da "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A.", sempre foi a de exportar para todos os paises solicitantes do nosso café. Sempre esteve aparelhada para atender a todas as exigências do mercado importador de qualquer procedência, quer nas solicitações de cafés finos quer nas operações de qualquer outro tipo de café. Seu conceito no exterior sempre foi testemunhado pela preferência inequivoca que tem merecido por parte dos mais intransigentes dos compradores de cafés de todo o mundo. A atestar a solidez, segurança e principalmente a confiança, evidencia-se o volume de negocios cada vez mais amplo que o GEPP realiza no mercado exportador de café, nivelando-se entre as mais importantes e prestigiosas firmas do ramo no mercado internacional. Sua presença no mercado cafeeiro de Santos, continua sendo não só uma garantia como também um importante fator de equilibrio que impõe nas operações do produto nobre e esteio da economia nacional.

ARMAZENS E INSTALAÇÕES

Para atender ao extraordinário volume de suas operações a "Casa Exportadora Naumann Gepp S. A.", mantem um conjunto de três armazens próprios, situados à rua Xavier Silveira, 108, rua São Leopoldo, 250 e Marquez de Herval, 133.

Todos os armazens são dotados de requisitos técnicos indispensaveis à boa conservação do produto e a normalidade dos trabalhos técnicos exigidos pelo ramo. Objetivando sempre a segurança e eficiencia, foram instaladas as mais modernas maquinas e equipamentos, propiciando, dest'arte, um rendimento nas operações, do mais alto nivel técnico.

Para se ter uma idéia da amplitude das atividades da "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A." basta uma leve observação dos espaços uteis de seus armazens em Santos, que somam um total de 4.250 metros quadrados assim distribuidos: Armazem da rua São Leopoldo, 1.250 metros quadrados, com capacidade para ... 50.000 sacas; armazem da rua Marquês de Herval, 1250 metros quadrados, com capacidade para 50.000 sacas e, finalmente, o novo armazem localizado à rua Xavier da Silveira, com ... 1.750 metros quadrados e capacidade para a movimentação de 10.000 sacas de pilha por dia!

FILIAIS NO PAIS

Conta a "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A." com filiais no Rio de Janeiro e Vitoria, além de firma associada em Paranaguá. Não podia a firma central deixar de ampliar a sua rede de representações em outros Estados, obedecendo assim a um imperativo de ordem comercial, ao mesmo tempo que considerou o extraordinário aumento nas exportações através de outros portos brasileiros. No caso de Paranaguá, por exemplo, onde a firma conta com empresa associada, a "CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP (PARANA') S. A.", registrou-se consideravel aumento no volume de negocios e embarques de café em periodo verdadeiramente recorde.

Por outro lado, não descurou o GEPP do problema das importações, tanto assim que mantem no Rio de Janeiro e em São Paulo, firma associada que se dedica, exclusivamente, às atividades importadoras, a S. A. IMPORTADORA GEPP, cujos escritorios estão localizados à rua Brigadeiro Tobias, 356, 4.o andar, São Paulo.

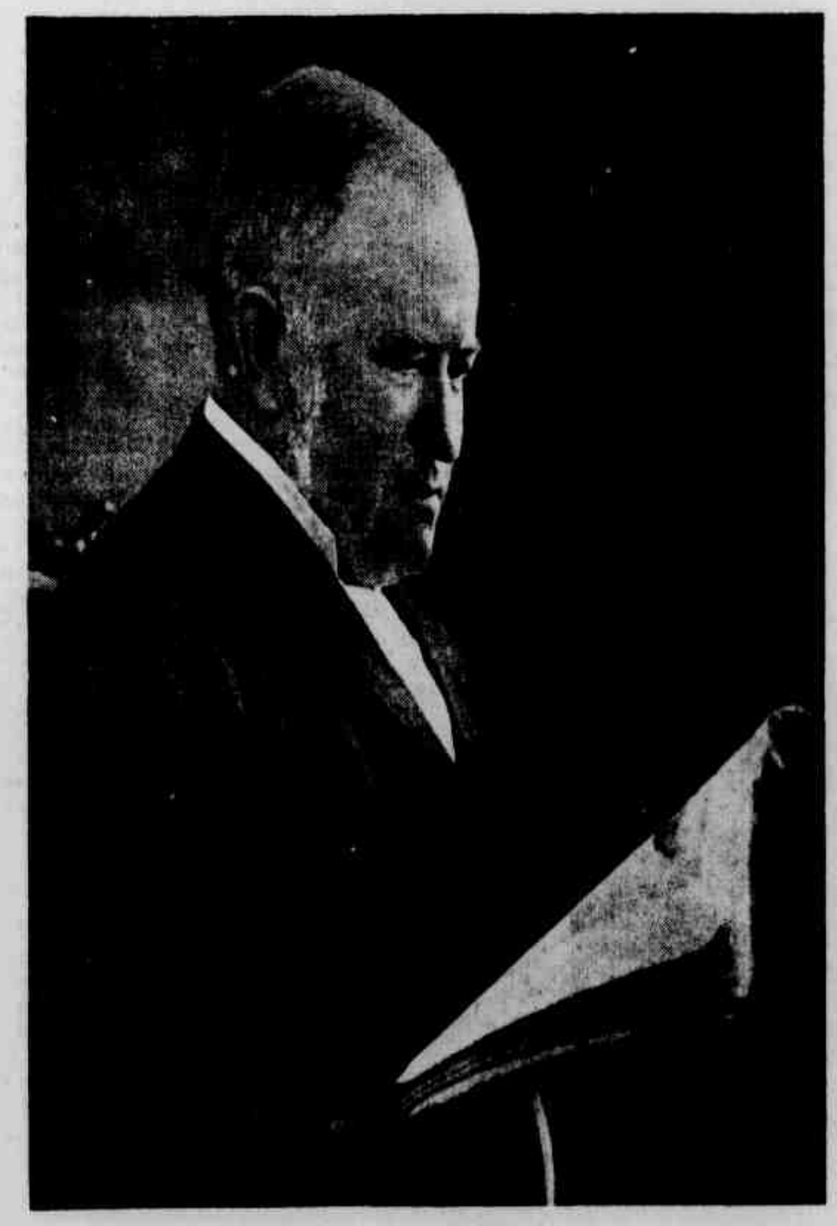
O sr. Edward Oppenhein Broad, idealizador da firma, que se associou a Frank Naumann, para fundá-la em Santos.

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR

As firmas NAUMANN GEPP estão espalhadas por todo o mundo, dedicando-se, em sua maioria, aos problemas da exportação e importação de café, grangeando para esse tradicional nome no comércio internacional as simpatias e preferências das maiores empresas ligados ao comércio mundial de café.

Não se está longe de afirmar que, em qualquer parte do mundo, onde se efetuar operações no ramo cafeeiro, ali se faz sentir a ação operosa e eficiente das firmas NAUMANN GEPP, quer importando, quer exportando, porém sempre presente.

Prevalecem ainda as firmas NAUMANN, GEPP & Co., LTD., em Londres; NAUMANN, GEPP & Co. INC., em New York; NAUMANN, GEPP (EAST AFRICA) LTD., em Nairobi, Kenya, e NAUMANN, GEPP & Co., em Hamburgo.



O fundador da firma, sr. Frank Naumann, que ocupou a primeira presidência em 1898

A sala do café, em foto colhida há cerca de 30 anos, vendo-se os srs. Theodoro Max Lange e Jorge Alberto Broad, ainda hoje diretores da firma.

O CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

JACK EVANS

(Diretor-Gerente de Maxwell House, Coffee Division de General Foods Corporation)

É-me imensamente grato, e de maneira especial no momento, ter esta oportunidade de me comunicar com meus amigos do Brasil. Durante os quarenta anos em que tenho trabalhado na industria do café, nunca houve antes uma ocasião em que fosse mais importante do que agora uma verdadeira compreensão entre os cafeicultores da America do Sul e os consumidores da America do Norte.

Eu e os que, como eu, se acham relacionados com a torrefação do café, nos Estados Unidos, estamos numa posição unica, a qual nos permite manter uma perspectiva realista dos acontecimentos e das atitude dos que atuam tanto no principio como no fim dessa longa cadeia de negocio do café, desde o cafeicultor até o consumidor. Familiarizados, como estamos, com os direitos de soberania e de desenvolvimento economico das terras onde se cultiva o café, sabemos quais são as razões naturais que explicam a variação dos preços desse produto. Ao mesmo tempo, conhecemos suficientemente bem os nossos compatriotas para compreender a forte reação publica contra a alta dos preços do café. Se todos pudessem, como nós, ter a vantagem dessa posição, em que podemos observar os dois extremos da industria do café, seguramente haveria muito menos intensidade nessa reação dos consumidores, e muito mais compreensão tanto dos consumidores como dos produtores de café.

COMPREENSAO

Essa compreensão deve vir, e eu estou certo de que virá. No mundo atual, as barreiras tradicionais entre as nações estão rapidamente desaparecendo, e a interdependencia economica entre elas cada dia se torna mais importante. A falta de entendimento entre os povos dos varios paises pode constituir um obstaculo, impedindo que as suas mutuas relações economicas e sociais se realizem com facilidade, e, por essa razão, devemos fazer todos os esforços para que tal obstaculo desapareça. Poderá julgar-se estranho que uma coisa aparentemente tão insignificante como o preço de uma xicara de café possa afetar as relações economicas entre grandes nações. Entretanto, não se trata de uma possibilidade afastada, a julgar pelas manifestações havidas recentemente, tanto na America do Norte como na America do Sul, com a alta dos preços do café provocada por causas naturais.

Desde que nós, que compramos café na America do Sul e o distribuimos na America do Norte, estamos numa posição especial, entre produtores e consumidores, temos uma oportunidade unica para conseguir o desejado entendimento.

Em nosso país, continuaremos em nosso papel de interpretes das complexidades economicas do café, para que os consumidores tenham uma idéia mais precisa dos fatores naturais que governam os preços. E devemo-nos aproveitar de oportunidades como esta, para dizer aos nossos amigos, produtores de café da America Latina, que os consumidores norte-americanos hão de fazer julgamentos justos desde que fiquem a par dos verdadeiros fatos.

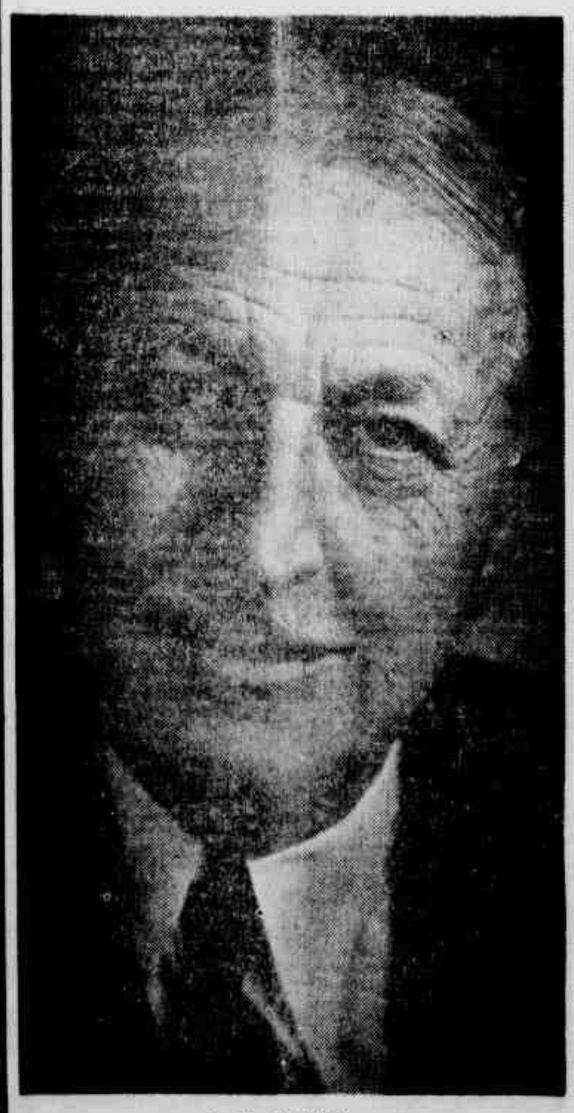
CONHECIMENTO DO PUBLICO

Nós, que servimos um publico exigente e, nas condições atuais, descrente, compreendemos que nenhum elemento isolado da industria do café poderá resolver esse dificil problema que é o de fazer o publico conhecer os fatos, porque nossa sociedade e complexa, e hoje, mais do que nunca, o café se acha completamente exposto aos ataques incessantes das outras industrias de bebidas não alcoolicas do mercado norte-americano. O objetivo final desses ataques, bem financiados e bem organizados, é desfazer o notavel prestigio que, com o esforço intenso de longos anos de trabalho, a industria do café conseguiu dar ao seu produto.

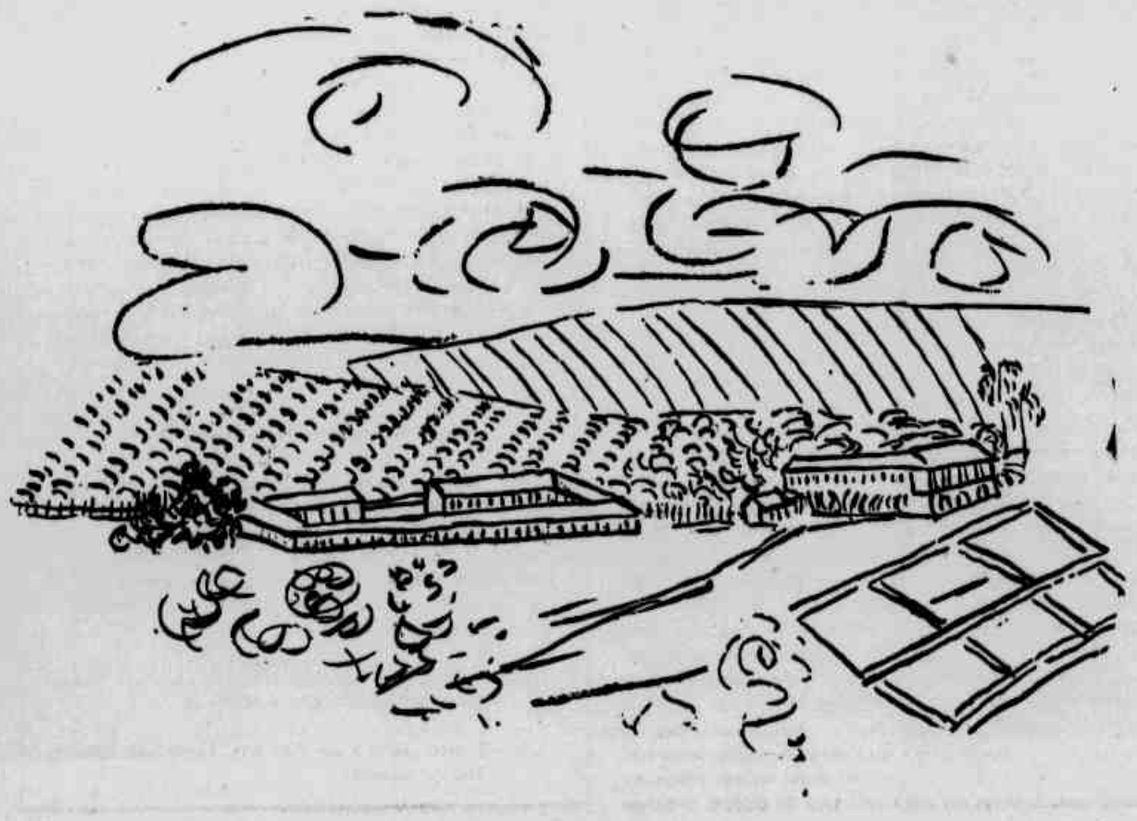
O torrador de café dos Estados Unidos está perfeitamente consciente da necessidade de se aumentarem os recursos com os quais possam ser iniciadas e mantidas, numa base continua, as medidas de contra-ataque, suficentes em escopo e em importancia, capazes de restabelecer o lugar que de direito cabe ao café na alta estima dos consumidores norte-americanos.

AUSPICIOSOS PROGRESSOS

E' notavel o trabalho que, nesse sentido, está sendo feito pelo Bureau Pan-Americano do Café, mas os recursos de que o Bureau dispõe parece que se tornam pequenos em comparação com os dos seus poderosos competidores, em conjunto. Apesar dessa grande desvantagem, têm sido feitos progressos no sentido de que o café ocupe posição de relevo, prejudicada recentemente pelo desfavor do publico. Esses progressos são encorajadores, mas não justificam nenhuma diminuição dos esforços, nas medidas de contra-ataque, nem complacencia por parte do comercio do café. Ao contrario, o que observamos agora é o começo, e não o fim, de uma luta que, para ser travada com vantagem, exige que todos nos esforcemos, com diligencia e engenhosidade, com uma orientação vigorosa que disponha de fundos substancialmente maiores, necessarios à realização da nossa tarefa comum.



J. K. EVANS



Civilização

CADA planta cultivada pelo homem engendra um conjunto de técnicas sociais, agricolas e econômicas normalmente irredutivel a um outro tipo de cultivo. As grandes areas rizicolas da terra, por exemplo, opõem-se, por seus regimes de propriedade e trabalho, por suas técnicas agricolas e comerciais, pelos habitos mentalidades e concepções dos seus habitantes, às areas onde imperam os vinhedos ou as em que dominam o algodão ou a cana de açucar. Quando a origem desses cultivos perde-se na noite dos tempos, tal como ocorre com a vinha no Mediterraneo ou com o arroz no Oriente, a integração homem-planta é tão profunda que dificilmente poderá ser dissociada. Estabelece-se nessas areas não somente uma paisagem, mas todo um conjunto de comportamentos, técnicas, instituições etc., distinto do de outras regiões. A antiguidade do cultivo da vinha no Mediterraneo, diz Perrin, "modelou os camponeses e as regiões viticolas duma maneira irredutivel, criando mentalidades e habitos especiais que se refletem na paisagem". (1) Afirmação identica poderá ser feita em relação às regiões rizicultoras do Oriente.

Estes exemplos nos mostram que uma dada planta é suscetivel de criar em torno de si um verdadeiro complexo cultural. Podemos, neste sentido, falar de uma "cultura do arroz" ou do "complexo cultural do arroz". Estas expressões, todavia, nos levariam a pensar de imediato, em problemas agricolas e não em problemas antropológicos. A impropriedade dessas expressões fez com que Perrin e Gourou (2) falassem, respectivamente, em "civilização da vinha" no estudo que fez sobre as regiões vinhateiras da terra e em "civilização do vegetal" para definir o complexo cultural que caracteriza a civilização do Extremo Oriente.

O estudo desses complexos é tarefa de antropologia. Aos geografos compete apenas, ao assinalar sua existencia, investigar os seus reflexos sobre a paisagem. Um bom exemplo destas atitudes nos é fornecido por dois trabalhos publicados na coleção "Géographie humaine", dirigida pelo prof. Deffontaines (3): "La Civilisation de la Vigne" de Perrin e "Une Civilisation du Miel" de Vellard (4). No primeiro, a preocupação é essencialmente geografica enquanto que, no segundo, é predominantemente antropológica.

O cultivo do café tanto quanto o da vinha ou o do arroz criou tambem um sistema de vida agricola e tipos de relações humanas peculiares. As técnicas que exige, o regime e condições de trabalho que impõe, a estrutura agraria e social que determina são, entre outros, alguns dos seus elementos de diferenciação. O estudo destes problemas ainda está para ser feito quer do ponto-de-vista da sociologia, quer do da antropologia cultural quer, ainda, do da geografia. Nosso proposito, neste artigo, é abordar esse problema do ponto-de-vista geografico, coisa que, por razões óbvias, faremos de maneira extremamente sintética.

Do ponto-de-vista do geógrafo interessam mais, como já dissemos, as repercussões que um determinado tipo de atividade exerce sobre a paisagem. No caso especial do café, esta tarefa é mais facil e de certo modo mais comoda do que a da investigação do complexo cultural que essa planta criou. A instabilidade especial do seu cultivo, aliada à sua presença numa região de povoamento historicamente recente, onde se mesclam raças, técnicas e mentalidades em continuo processo de reacomodação às novas condições de meio natural e humano, dificulta sobremaneira a tarefa tanto do sociólogo quanto do antropólogo. A tarefa do geógrafo em face dessas circunstancias não é menos dificultada mas pode ser vencida de maneira relativamente mais facil. De nossa parte, ao procurarmos abordar esse tema, tivemos que optar entre a explicação daquilo que pode ser justamente denominado de complexo cultural do café e o exame das influencias que esse complexo exerceu sobre o desenvolvimento da civilização paulista. Optamos por este ultimo criterio, primeiro porque não poderiamos dar uma explicação geográfica a um fato ainda não estudado e, segundo, porque os estudos que ainda estamos realizando sobre o café, não nos permitem ir além do exame de suas influencias sobre a transformação da paisagem e da vida em nosso Estado. E' isto, portanto, o que iremos expor, de maneira muito condensada, nas linhas que se seguem.

O CAFÉ E A VALORIZAÇAO DA TERRA. — Em fins do século XVIII e princípios do XIX o café já era uma planta conhecida em alguns pontos do Estado, particularmente na zona litorânea. Seu cultivo, porém, era feito em pequena escala, sem significação para a nossa economia. Por essa época a cana de açucar constituia o nosso principal produto agricola. Produto que, diga-se de passagem, pouca influência exercia sôbre o devassamento da terra ou sôbre as condições econômicas então existentes. Não tínhamos, por essa época, condições propicias para enfrentar a região canavieira do Nordeste. A cana de açucar, como outros produtos aqui cultivados ou era simples atividade de subsistência ou atividade de pequena monta, propiciatória de lucros modestos. A progressiva substituição da cana pelo café na região de Campinas, por exemplo, iniciada por volta de 1835, confirma essa afirmação.

A lavoura canavieira que tanto sucesso obteve no Nordeste, enriquecendo-o e dando-lhe uma posição de liderança na vida politica, social e econômica do país no decorrer de todo o periodo colonial foi, em S. Paulo, uma atividade de importância estritamente local. A dispersão geográfica das áreas propicias ao seu cultivo, sua maior distância da zona portuária, com a qual suas relações eram dificultadas pelas condições do relêvo, a ausência de interêsse do govêrno central pela sorte da capitania, o fato da região nordestina já ter toda sua estrutura politica, social e econômica assentada na economia do açucar etc., foram fatores hostis ao sucesso da lavoura canavieira em S. Paulo.

A realidade paulista, de Tibiriçá, Anchieta e Nóbrega até meados do século XIX, foi a pobreza. A terra valia pouco porque nenhum dos produtos então conhecidos permitia sucesso ao seu cultivador. Os relatos antigos falam da vinha, do trigo e da criação de carneiros. As condições atuais de clima e solo, todavia, permitem-nos julgar êsses cultivos como simples atividades de fundo de quintal, isto é, sem possibilidades de expansão tanto em virtude de condições ecológicas quanto humanas e econômicas. Esta ausência de oportunidade para a exploração dos recursos da terra foi provavelmente, uma das causas a estimular a arrancada das Bandeiras.

Para que possamos compreender em toda a sua significação o papel desempenhado pelo café na valorização das nossas terras não nos podemos esquecer do passado. Precisamos lembrar-nos dos preadores de índios, dos traficantes de burros, dos comedores de içá, isto é, daqueles que, em todo o periodo colonial e até a segunda metade do século XIX aqui viviam e serviam de intermediários entre a floresta (caça ao índio) e o nordeste açucareiro ou entre os campos sulinos (comércio de burros) e a zona de mineração de Minas Gerais. Sem economia própria, vivendo entre o sonho do ouro que não se realizava e a realidade crua de um meio pobre em recursos e possibilidades agricolas, os povoadores do velho "arraial dos sertanistas" exerciam atividades que se iam modificando à medida que se modificavam os centros mais ativos e prósperos da colônia. O trabalho da terra, já por si pouco atrativo ao colonizador que para aqui vinha em busca de fortuna facil, era agravado pela relativa pobreza dos solos então suscetiveis de exploração imediata e pela ausência de uma planta capaz de superar todas as resistências que o meio natural e humano ofereciam.

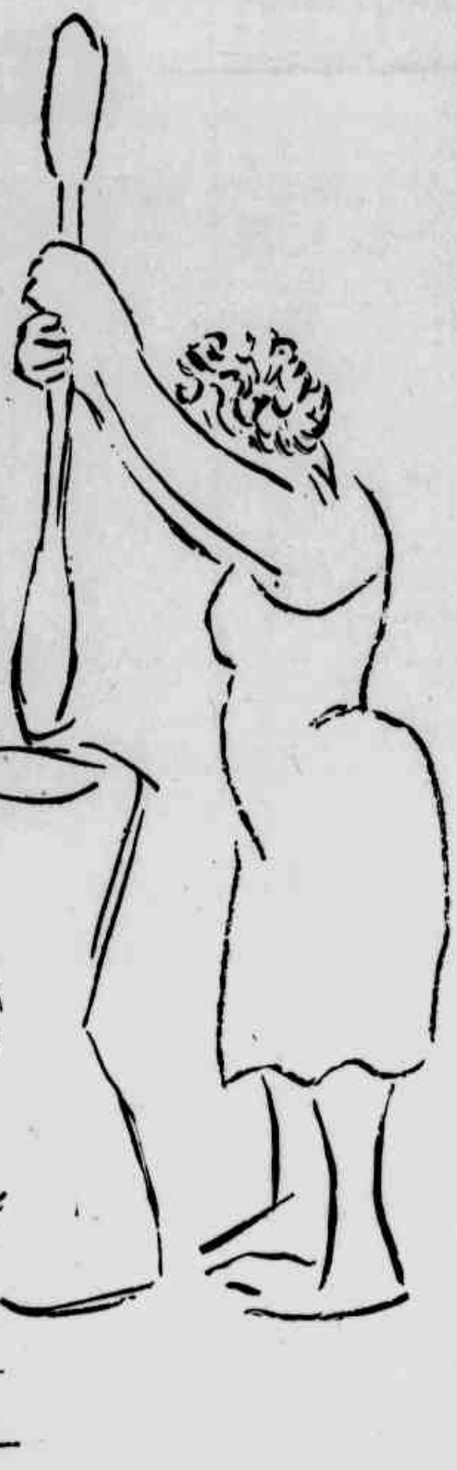
Quando o café inicia sua invasão no Estado, penetrando-o pelo vale do Paraiba, o prenúncio de novos dias começa a se manifestar. De início o exército verde aquartela-se em Areias e Bananal, onde continuava ligado à economia fluminense. Logo depois, porém, sua marcha em direção de S. Paulo se acentua, até atingir, ainda na primeira metade do século XIX algumas das áreas já povoadas do oeste e norte paulistas, tais como Campinas, Mogi-Mirim, Franca, Piracicaba, etc.. A chegada deste exercito verde não representou simplesmente uma mudança de género de vida, uma escolha deliberada do que se fazia e os que se deveria fazer dai por diante. Mais do que um simples fenômeno de substituição de tipos e atividades econômicas, a intodução do café em nosso Estado assinalou o início de uma revolução socio-econômica cujas consequências atuais nos são dadas pela industrialização de S. Paulo. O primeiro sinal desta revolução foi a progressiva valorização da terra. Valorização não apenas monetária mas valorização agricola em face da nova planta, graças ao seus tipos de solo e às condições do clima do nosso Estado. Encontrando aqui condições de "habitat" extremamente favoraveis, o café vingou com notável pujança. Zonas até então incultas, cobertas de matas, foram avidamente ocupadas, devassadas e cultivadas com o arbusto do café. Para plantá-lo, cortaram-se canaviais, desprezavam-se o milho, a mandioca e tôdas as demais formas de atividades menos lucrativas e menos compativeis com a ambição de fortuna latente nos homens do planalto, desde a agitada área da busca do ouro e esmeraldas. Valorizando a terra, o café promoveu a sua ocupação e utilização, ampliando progressivamente a área de povoamento do Estado. A maior fecundidade e produtividade do café nas "terras roxas" fez com que se criasse um novo conceito de "terra boa" e a sua procura, a partir de então, conduziu as ondas de povoamento para o norte — zona de Ribeirão Preto e Franca — e para Oeste — Rio Claro, Araraquara, Jaú, Botucatu etc. Valorização da terra e expansão geográfica do povoamento, em resumo, são as duas primeiras manifestações visíveis da revolução agricola provocada pelo café.

O CAFÉ E OS TRANSPORTES — As atividades econômicas, anteriores ao advento do café, foram incapazes de desenvolver um razoável sistema de circulação e transporte entre nós. Embora a área efetivamente povoada e utilizada para fins agricolas ou pastoris abrangesse apenas cêrca de um terço da atual superficie do Estado, era extremamente dificultada pelas péssimas condições apresentadas pelas estradas. A impossibilidade de um tráfego regular e eficiente de veiculos, tais como carroças, diligência,s etc., fez surgir o "tropeiro". O tropeiro vai desempenhar um importante papel no transporte do café, sobretudo em seus primeiros dias. Esse processo de transporte, porém, sobretudo pela sua morosidade e baixa capacidade de carga não sobreviveria por muito tempo. O constante aumento da produção e a necessidade do seu escoamento para o exterior começou a reclamar, em fins do século XIX, melhores condições de transporte.

Dada a natureza e a orientação dos nossos rios, êles nunca se prestaram como via de circulação. A lavoura do café teve contra si êste "handicap". Ao contrário dos Estados Unidos, por exemplo, que contaram com excelentes vias fluviais e que puderam interligá-las por canais artificiais, antes do advento da estrada de ferro, o Estado de S. Paulo

do CAFÉ

Dirceu LINO DE MATTOS



Desenhos de QUIRINO DA SILVA

só pôde contar com os seus caminhos terrestres, mal traçados e mais conservados. A única solução, na época, era a estrada-de-ferro. Esta, de início, surge à base de investimentos de capitais estrangeiros (S.P.R.). Posteriormente, porém, o seu desenvolvimento se faz por iniciativa do Estado e de particulares, sendo de se notar que dentre êstes últimos os grandes fazendeiros de café ocupam um lugar de destaque.

O café, além de fator de valorização da terra e da expansão geográfica do povoamento, foi também um criador de estradas. Estas surgem para atendê-lo, para transportá-lo da fazenda ao porto de Santos. O progressivo desenvolvimento da nossa rêde ferroviária não é consequência indireta da economia cafeeira mas um produto direto, imediato, dessa economia. As etapas de seu desenvolvimento e os seus traçados, testemunham a íntima relação entre o café e as ferrovias. As nossas ferrovias seguem os espigões ou buscam as grandes manchas de terra roxa. Em mais de um caso, examinando-se em detalhe o seu traçado, verificamos que as estradas-de-ferro faziam curvas — que em sua maioria ainda continuam inalteradas — para travessar fazendas de café. Não foram sòmente as condições de relêvo e a malícia dos construtores — ante a política ferroviária do govêrno — as causas exclusivas dos traçados serpenteantes que algumas de nossas estradas apresentam. A grande fazenda, ou pelo menos, as fazendas dos "grandes" chefes políticos a acionistas das ferrovias particulares, precisavam ser cortadas pelos trilhos.

A ferrovia no espigão não resultou de uma fuga premeditada do vale, isto é, das áreas suscetíveis de ocorrência da maleita. A marcha do povoamento em S. Paulo, no período pré-cafeeiro, se fez ou pelo menos se iniciou no fundo dos vales. As cidades do vale do Paraíba são testemunhas dessa etapa histórica como são, tambem, as cidades do vale do Tietê, tais como Parnaíba, Cabreuva, Itu, Porto Feliz e Tietê. O povoamento começa a se deslocar para o espigão com a chegada do café. Este fato é válido para todo o Estado excetuada, naturalmente, a região do vale do Paraíba. A evolução histórica dessa região, aliás, é sensivelmente distinta da que registram as regiões do oeste.

Que relação existe entre a estrada de espigão e a lavoura cafeeira? Uma relação profunda. O café, por suas exigências ecológicas, comportou-se entre nós como planta de espigão. No espigão ocorriam os melhores tipos de solos, particularmente a terra roxa. Os grandes vales como os do Tietê, do Paranapanema e outros eram esculpidos em arenitos muito pobres. Esses arenitos, no espigão, ocorriam em manchas ou eram subjacentes aos derrames de lavas ou aos arenitos formadores de solos relativamente férteis. Mas, a êste problema de solo, ocorria um outro, de importância talvez mais decisiva: a formação de geada branca. A geada branca é um fenômeno característico de fundo de vale, sendo sua ocorrência nos espigões um fenômeno menos comum. O perigo das geadas, portanto, levou o café para os espigões e, consequentemente, os homens e suas obras. As cidades do

café, são, em sua quase maioria, cidades de espigão. Não foi o perigo da maleita a causa dêste processo de povoamento e o motivo capaz de explicar o traçado da nossa ferroviária.

O CAFE E AS CIDADES — A urbanização é um fenomeno historicamente ligado à evolução industrial. Os paises mais urbanizados são aqueles em que a industria atingiu o seu maior grau de desenvolvimento. Em sentido oposto, os paises ou regiões agricolas, são as menos urbanizados. Viajando pelo interior, há cerca de dois anos, com um professor francês, ouvi deste, depois de visitarmos Sorocaba, Itapetininga, Botucatu e Piracicaba, a seguinte exclamação: "é estranho que uma região sem economia industrial possua tantas e tão importantes cidades".

O desenvolvimento urbano de São Paulo é, sem duvida, um fenomeno curioso e ele se processou quase que exclusivamente em virtude do desenvolvimento da lavoura cafeeira. Os contrastes de urbanização entre as areas que são ou foram cafeeiras e as em que o café não se desenvolveu, são muito expressivos. Tomemos para exemplo duas areas: a de Campinas à Araraquara, onde encontramos excelentes cidades, tais como as de São Carlos, Rio Claro, Jaú, Araraquara etc., e a do ramal Itararé ou, de um modo geral, toda a chamada região sul do Estado compreendida entre o planalto de Paranapiacaba a leste,, o rio Itararé ao sul e os trilhos da media e baixa Sorocabana ao norte, onde o desenvolvimento urbano foi e continua sendo medíocre. Excetuadas Sorocaba, Tatuí e Itapetininga, toda essa area constitui o dominio de povoados e vilas como Bofete, Itaí, Capão Bonito e Itaporanga, etc. A Sorocabana mesmo, por exemplo, atravessa, entre Sorocaba e Botucatu, uma região pobre onde o café nunca alcançou grande desenvolvimento. Esse trecho do seu percurso, pobre em aglomerados humanos, contrasta vivamente com aquele que se estira de Botucatu a Chavantes, onde se erguem cidades como Avaré, Piraju e Santa Cruz do Rio Pardo, e onde o café, nas duas primeiras decadas do século atual, vicejou com exuberancia em seus espigões.

Um outro aspecto do problema, já assinalado linhas acima e que está associado ao desenvolvimento cafeeiro, foi o da fuga aos rios. Excetuadas as cidades antigas a que já nos referimos, as demais são, via-de-regra, cidades atravessadas apenas por pequenos corregos ou ribeirões. E' evidente que, como diria Rubens Borba de Morais, toda gramatica tem regras e exceções e estas sempre confirmam aquelas. No caso presente, as exceções correspondem quase sempre a cidades de ramais — quando surgiram devido ao café — ou às cidades que se originaram e se desenvolveram à base de outros tipos de atividades economicas. No primeiro caso poderiamos citar, assim de memoria, Pirajú, Santa Cruz do Rio Pardo, São José do Rio Pardo etc. No segundo caso, os melhores exemplos são os de Piracicaba (economia canavieira) e Sorocaba (feira de burros, algodão, industria). Esta fuga ao rio, este desprezo pelo vale tão caracteristico do processo de povoamento aqui operado após a introdução do café, explica-se pela impraticabilidade da navegação fluvial. Os nossos rios, pela sua natureza e, particularmente, pela sua orientação, nunca puderam ser utilisados como vias de circulação. Esta circunstancia vai operar aqui, um fenômeno semelhante ao que ocorreu no Nordeste, descrito e interpretado por Gilberto Freyre (5). O rio não atrai o homem porque êste não quer, não sabe ou não pode utiliza-lo como fonte de energia, como fonte para irrigação, como via de circulação ou, ainda, como centro de atividade pesqueira. As cidades fluviais, por isso, surgem de costas para o rio, utilizando-o apenas como escoadouro dos seus detritos. As cidades fluviais olham para o lado do espigão, isto é, para o lado onde a mancha verde dos cafezais emoldura a fimbria do horizonte.

Seria esta fuga aos rios um fenômeno caracteristico na urbanização e, mesmo, na marcha do povoamento das regiões? Os fatos não justificam esta suposição. Regiões com caracteristicas tropicais muito mais pronunciadas revelam uma situação inteiramente oposta à que ocorre no planalto paulista menos quente, menos úmido e mais salubre. Na Amazônia, por exemplo, assim como nas regiões quentes e úmidas da A'frica e da Asia do Sudeste o povoamento se tem processado segundo a norma clássica, isto é, seguindo o curso dos rios. Na Asia do Sudeste, por exemplo, o arroz orientou o povoamento para as planicies quentes e úmidas como o faz entre nós, na Baixada de Iguape, e nas planicies aluviais e inundaveis do vale do Paraíba. Enquanto o arroz conduz o homem para o vale, o café o conduz para os espigões interfluviais. O povoamento ao longo dos espigões, em S. Paulo, é um fenômeno intimamente ligado ao desenvolvimento da lavoura cafeeira que aqui procura, como dissemos, melhores solos e melhores condições climáticas.

O CAFE' E AS TECNICAS DA VIDA SOCIAL — O café em São Paulo não surge como uma atividade econômica supletiva ou substitutiva. Antes do seu advento, nenhuma atividade conseguira polarizar as energias humanas na luta contra as hostilidades do meio. Fazendas de criação quase desprovidas de gado, lavouras canavieiras dispersas ao longo das áreas já povoadas, comerciantes pobres estabelecidos na capital pequenos sitiantes produzindo um pouco de gêneros alimentícios, etc., viviam cada um a sua vida, alheios entre si, indiferentes ao seu próprio destino. Embora dependessem das mesmas coisas para o seu próprio sucesso, os interêsses imediatos, a ignorância e a ausência de uma atividade que atraisse os elementos mais ativos e empreendedores da época reduzia a nossa sociedade a um aglomerado de atividades heterogêneas e muitas vezes opostas em seus interêsses. O café vai ser o polarizador das energias. A identidade de propósitos vai criar um espírito de solidariedade social e econômica que cêdo se manifestará na vida política do país. O nosso Estado que, até então, era uma parcela insignificante e inexpressiva da vida do país, irá, pouco a pouco, galgando os mais elevados cargos da administração pública e da política nacional.

Modifica-se, com o café, a nossa estrutura demográfica e social. O escravo e, por conseguinte, o elemento negro, até então pouco importante nessa estrutura passa a integrá-la como elemento indispensavel ao seu funcionamento. O regime escravocrata constituiu a base do trabalho agricola nas fazendas do vale do Paraíba. Ele teve importância também em algumas regiões do centro e norte do Estado, como Campinas, Franca, etc.. Cedo, porém, inicia-se entre os fazendeiros o movimento pró-imigração e por mais complexas que sejam as causas dêsse fenômeno, as condições técnicas e econômicas da produção do café não lhe são estranhas. Apenas das condições pouco favoráveis oferecidas ao imigrante, foi o café quem possibilitou a sua vinda e a sua instalação em carater definitivo no Estado. O café provoca por êste meio não apenas um enriquecimento da nossa estrutura étnica mas também um crescimento demográfico que foi, sem dúvida, o mais ativo e rápido do país. A presença do imigrante, aqui trazido pelos interêsses da lavoura cafeeira, irá desempenhar um importante papel na futura industrialização do Estado.

Define-se, com o café, uma estrutura social. Modificam-se as bases do prestigio que até então serviram para distinguir os diferentes estratos da sociedade. Surge o "fazendeiro" e com êle a "aristocracia do café". São os membros desta aristocracia, os "coroneis", que irão, de fins do século XIX até 1930 dominar de uma maneira quase total a vida politica não apenas do Estado, mas do país. Para ser aristocrata ou gente de cima não bastava ter fazendas, ser rico ou possuir diplomas: antes de tudo, era necessário ter café. Dizer-se "fazendeiro" — só era fazendeiro quem plantava café — era o mesmo que dizer "abra-te Sésamo" para que se lhe fossem de imediato abertas todas as portas do prestigio e do sucesso.

O colono, de início como elemento supletivo e depois substitutivo da mão-de-obra escrava, origina uma nova classe social, antes inexistente no Estado e no país. O colono, em São Paulo, não é um colonizador no sentido exato da palavra. Quando desembarca em Santos êle já está preso a um contrato com o fazendeiro. Não chega, portanto, como um homem livre, capaz de criar por sua própria iniciativa e esfôrço novas condições de vida e de trabalho na região. Substituindo ao escravo na lavoura, sua posição social quase que chega a ser a do próprio escravo. Sua liberdade, sobretudo nos últimos anos do século passado e primeiros do século atual, era mais aparente que real. Estava preso ao senhor da fazenda pelo contrato e pelas dívidas. Esta situação de dependência econômica, só raramente rompida por um ou outro elemento, fazia com que a classe dos colonos, do ponto-de-vista do prestigio social, lidasse com a dos escravos. Não fôra a côr da pele, a confusão seria quase total. De qualquer modo, porém, ela se distinguia do escravo e do si-

diante, entre as quais se colocava ao iniciar-se a formação da estrutura social originada pela economia do café.

Não é sòmente sôbre a estrutura social que o café irá exercer sua ação. O espírito associativo, estimulado pela necessidade de defesa de interêsses comuns, toma corpo. Ele se manifesta tanto nas organizações para a defesa de interêsses econômicos quanto nas organizações de carater recreativo e mundano. A vida social se intensifica e com elas a necessidade de boas maneiras. Civiliza-se o homem rústico que era o paulista, o "bitter man" que antes do café só tinha diante de si asperezas a vencer. Para vestir-se, vêm da França os figurinos e os costureiros. Da França vêm o champagne e os comestiveis finos. Vem também da França o modelo dos "chateaux" que ainda hoje caracterizam a paisagem urbana de alguns bairros da capital, como os Campos Elíseos e Higienópolis. Surgem, em São Paulo e nos grandes centros do interior, os clubs, onde se reunem os fazendeiros para jogo e seus filhos para os vesperais ou saraus dansantes. Ergue-se em São Paulo um teatro onde se exibem companhias estrangeiras de óperas, de "ballet" e teatrais.

A febricitante vida social criada pelo café apoiou-se na ativa vida econômica por êle originada. Surgem as instituições bancárias, os escritórios comerciais, a bolsa do café, os grandes empórios e "magazins" etc. A vida social e econômica, enfim, monótona e modesta ainda em principios da segunda metade do século XIX, modifica-se de tal modo e com tal intensidade que não é possivel considerá-la sem termos presente ao espírito êsse arbusto de ramos verdes e frutos vermelhos que invadiu nossas terras, trazendo-lhe e criando-lhe as condições de progresso e civilização que hoje ostenta.

CONCLUSAO — Não se restringe aos aspectos acima assinalados a influência exercida pelo café em nossa evolução social, política e econômica. O desenvolvimento demográfico, as modificações das técnicas agricolas, o aprimoramento da vida intelectual e social, a posição do café na revolução de 1930, as relações diretas e indiretas entre êle e o surto industrial de São Paulo, etc., são outros tantos aspectos que a exiguidade de espaço não nos permite considerar neste artigo. Cremos, porém, que os elementos aqui abordados são suficientes para justificar o título do trabalho. O café não criou apenas um complexo cultural cujas caracteristicas intrinsecas estão por ser estudadas. Mais do que isso, êle foi um poderoso agente de civilização. Pelas marcas que imprimiu à paisagem tanto quanto pelas alterações que provocou em nossas condições de vida, parece-nos justo considerar a fase cafeicultora, em nossa evolução histórica, como autêntica civilização do café

1 — Perrin, A. — La Civilisation de la Vigne. Col. "Géorr. Humaine", Lib. Gallimard, Paris.

2 — Golrou, Pierre — A geografia e as civilizações. Os principios do método geográfico. Rev. Bras. de Geografia, a X. nº2, abr-jun, 1948.

3 — Col. "Géographie Humaine" dirigida pelo prof. P. Deffontaines e editada pela Libr. Gallimard, Paris. (23 vols. já publicados).

4 — Vellard, J. — Une Civilisation du Miel. Col. "Géogr. Humaine", Libr. Gallimard, Paris.

5 — Freyre, Gilberto — Nordeste. Livr. José Olimpio, Rio de Janeiro.

SEMENTES PARA NOVAS CULTURAS

ENTRE todas as praticas agricolas a mais econômica é a do uso de sementes de melhor capacidade produtiva.

Os gastos que se fazem em uma cultura qualquer são os mesmos, quer usando-se sementes de elevada capacidade de produção, quer se usem sementes sem essa capacidade.

De modo que é de todo interesse que se estabeleçam as novas culturas e replantes das antigas com sementes tratadas agronomicamente e oriundas de entidades oficiais que tenham programa de seleção de café.

Por esse motivo, o Instituto Brasileiro do Café entrou em entendimento com o Governo do Estado de São Paulo, no sentido de comprar, por intermedio de sua Secretaria da Agricultura, todas as sementes disponiveis procedentes de culturas originadas no Instituto Agronômico de Campinas.

MAIS 10 MILHÕES

Pretende o Instituto Brasileiro do Café com essas sementes, cerca de [illegible].000 quilos, distribuidos nos diversos Estados cafeeiros, obter 10 milhões de cafeeiros que se constituirão em núcleo de observação e futura produção de sementes.

Além dessas, a Secretaria de Agricultura de São Paulo distribuirá, aproximadamente, mais de 50.000 quilos.

O Instituto Brasileiro do Café comprará da Secretaria de Agricultura sementes com garantia de germinação, variedade e origem, depois as venderá pelo preço de custo aos lavradores.

Serão aplicados, nessa operação, cerca de 4 milhões de cruzeiros, os quais voltarão com a venda dessas sementes.

Distribuir-se-ão, assim, sementes oriundas de culturas feitas com sementes do Instituto Agronômico de Campinas, das variedades "Bourbon Amarelo", "Bourbon Vermelho", "Caturra Amarelo", "Caturra Vervelho" e "Mundo Novo".

Na quantidade programada para recebimento do Instituto Brasileiro do Café, uma parte é de origem especial e será distribuida a lavradores escolhidos para se constituirem, no futuro, campos de fornecimento de sementes.

CENTRO DO COMÉRCIO DE CAFÉ DO RIO DE JANEIRO

EMBARQUE DE CAFE' NO PORTO DO RIO DE JANEIRO E TRANSPORTE PELAS RUAS DO CAIS

MERCADORES DE ELITE

Theophilo de ANDRADE

QUANDO o Centro do Comercio de Café do Rio de Janeiro completou, a 19 de dezembro de 1951, o seu primeiro cincoentenario, o jornalista Theóphilo de Andrade, que há vinte anos acompanha, como economista, a vida cafeeira do Brasil publicou em "O Jornal", do Rio de Janeiro, o seguinte artigo:

"Celebrou-se, ontem, uma data da cidade: o cincoentenario do Centro do Comercio de Café. Vale pela importancia que na historia da vida economica do Rio de Janeiro tem tido o comercio cafeeiro, outrora disperso e sem organização, mas, desde meio século, reunido em um gremio que tem a dignidade de uma verdadeira Ordem, pelos preceitos de decencia e pelo alto padrão que soube preservar em suas relações com os fazendeiros no interior, e com os importadores, nos paises do ultra-mar.

Tempo houve em que o Rio de Janeiro era o principal porto de exportação do café do Brasil. O deslocamento das fazendas, na direção do sul, e a conquista do planalto paulista pela rubiácea, fizeram com que o Rio perdesse o monopólio do escoamento das safras, o que se passou a fazer, predominantemente, por Santos e ainda pelos portos de Vitoria, Paranaguá e Angra dos Reis. O Rio sofreu, sobretudo, com a queda da cultura no Estado do Rio, que foi a principal provincia cafeeira do Brasil, nos tempos do Império, e que hoje é um produtor de segunda classe. Mas se o volume de exportação de outras praças cresceu pelas circunstancias acima referidas, nem por isso o comercio cafeeiro desta cidade perdeu a sua posição.

Soube manter o seu nível, graças aos métodos de mercadejar e até atrair a exportação dos cafés situados em regiões distanciadas, como São Paulo e até o Paraná tendo, ainda, recentemente, batido novos records nas cifras de sua exportação.

Nas priscas eras do Império, o comissario de café era um homem que tocava todos os instrumentos. Era ele o banqueiro do lavrador, o comitente, o armazenista, o beneficiador e o exportador do produto. Com o correr do tempo, as funções foram especializando-se. O banqueiro surgiu como a classe à parte. Os armazenadores de instituiram em companhias de armazens gerais. E a propria classe cafeeira se dividiu em três ramos, que são herméticos mas distintos, embora muitas firmas exerçam, cumulativamente, as atividades diversificadas, que são as de comissario, exportador e corretor de café.

Foi esta gente, que, tradicionalmente, converge para a rua da Quitanda, organizada em classe, pela primeira vez, em 1901, graças à capacidade de liderança do Conde de Avelar. Foi ele quem, há meio século, reuniu sob um teto unico os comerciantes de café para realizarem, diariamente, os seus negocios, exibirem as suas amostras, fazerem suas ofertas e fixarem por esta forma, a media dos preços que indicam a posição do mercado.

O Centro do Comercio do Café, como todas associações, teve altos e baixos em sua vida, de acordo com a propria existencina acidentada de um produto que, tanto depende das condições climáticas reinantes em cada safra, como da capacidade de absorção dos mercados internacionais, abalados pelas crises e pelas guerras, que sempre infelicitam a humanidade.

A maior delas se verificou, provavelmente, durante a primeira guerra mundial, pois, naquela época, os principais fregueses do porto eram exatamente os paises em luta. Foi naquela ocasião, terminado o conflito em 1918, que se fez sentir a ação remodeladora de um leader de escol, o comerciante Galeno Gomes.

Desde então, a marcha do Centro tem sido sempre ascensiva. Por sua presidencia, passaram homens energicos e dedicados, sempre interessados em manter o padrão da classe e defendê-la contra os prejuizos decorrentes da ação intempestiva dos poderes publicos, que incursionan.. regularmente, pelo comercio do produto, na realização das suas diversas politicas de "defesa dos preços", que não raro se transformam em ações valorizadoras, com graves repercussões na economia publica. E' de recordar-se, aqui, os nomes de homens como Oliveira Castro, Silvio Figueira e Paulo Rodrigues Alves. Registro especial deve ser aberto ao de Julio Avelar, prole fiel do fundador do Centro, que, durante oito anos — entre eles os da segunda guerra mundial — prestou relevantes serviços não somente à classe, como ao Brasil, cooperando com o Departamento Nacional do Café, na politica de assistencia ao produto.

Em sua ultima fase, veio a presidencia do Centro às mãos de um elemento da geração nova, criado dentro da propria classe, e que nela trilhou todos os passos, de auxiliar de escritorio a grande exportador, revelando-se, desde cedo, um dos grandes técnicos de café que hoje o Brasil possui — o sr. Rui Gomes de Almeida. A ele vai dever o Centro, ademais, a iniciativa da construção de sua nova sede, que será uma realidade, dentro de algum tempo, pois para isso já existem os recursos necessarios.

O que tem caracterizado a ação do Centro do Comercio de Café, nos ultimos anos, é a sua moderação e a sua clarividencia, seguindo uma politica radicalmente contraria às especulações, mas de defesa do produto, dentro da velha e sempre nova lei da oferta e da procura.

A sua atuação foi notavel, muito especialmente, quando, na administração Corrêa e Castro na pasta da Fazenda, se traçou o plano de liquidação dos estoques do D. N. C., plano duramente combatido por um grupo de especuladores e que, na pratica, se mostrou frutuoso, pois foi depois da extinção do fantasma dos cafés daquela autarquia, que se prestavam a toda sorte de manejo por parte dos especuladores da baixa, que o produto pôde firmar-se, definitivamente, triplicando os seus preços e dando, consequentemente, ao Brasil três vezes mais dollars que antigamente.

O comercio de café, pela sua organização, pelos homens que o compõem e pelos seus metodos de trabalho, é uma classe selecionada, de nivel muito alto. O seu gremio, agora cincoentenario, constitui um orgulho para a cidade.

O café, que é um produto nobre, tem a manejá-lo uma classe de mercadores de elite.

HISTÓRICO

JA' em fins do século passado, o comercio de café do Rio de Janeiro contava com uma tradição de muitas decadas. Não tinha, porém, chegado a congregar-se em uma associação para a defesa dos interesses da classe, que eram multiplos, pois o comercio de café englobava, já naquela época, não somente os exportadores, como os comissarios e ensacadores, que, muitas vezes, eram uma só firma. Os encontros dos interessados se faziam em plena rua, muito especialmente na esquina da rua dos Beneditinos. Mas as operações eram vultosas e não se compadecia com o genero do proprio comercio que se negociasse nas calçadas e nas ruas, quando as operações do disponivel são realizadas, em grande parte, à base de amostras, e, as amostras precisam ser vistas, examinadas e classificadas. Foi por isso que, ao iniciar-se o século, já estava madura, entre os comerciantes do ramo, a idéia da necessidade de um lar que acolhesse os mercadores que se dedicam à compra e venda de artigo de tamanha importancia para a economia do país.

Como acontece sempre em tais ocasiões, o que estava faltando era um "leader", isto é, uma personalidade com capacidade de comando suficiente para arregimentar a classe. Esse "leader", porém, existia, tácitamente reconhecido por todos: era o Conde Avellar. Sob o seu comando, foi resolvida a fundação do gremio que já então recebeu o nome de Centro do Comercio de Café do Rio de Janeiro.

O áto da fundação teve lugar no Salão do Centro Comercial, à rua General Camara, n. 2, no dia 19 de dezembro de 1901, à 1 hora da tarde. Foram socios fundadores as seguintes firmas:

Avellar & Cia.; Theodor Wille & Cia.; J. J. Torres & Cia.; Machado, Estacio & Cia.; Sousa, Irmão & Cia.; Costa, Pereira & Cia.; A. Xavier de Faria; E. Johnston & Cia.; Araujo Maia & Cia.; Veiga & Cia.; Antenor Dutra & Cia.; Carrijó & Cia.; Manoel Gusmão; Gouveia, Brandão & Cia.; Luiz Moreira & Cia.; Bandeira, Soares & Cia.; Adolpho Schmidt Irmão & Cia.; Meireles, Costa, Zamith & Cia., Samuel Popper; Miranda Junior & Cia.; Machado Guimarães, Morta, Santos & Cia.

O Conde de Avellar, a quem cabia a iniciativa da fundação, convidou para presidir os trabalhos, o dr. Arthur F. Machado Guimarães, homem de grande prestigio no meio, que, por sua vez, convidou para secretariar os trabalhos da reunião de fundação o proprio Conde de Avellar e o dr. Gustavo Maia.

Dando inicio aos trabalhos, explicou os motivos da reunião o Conde de Avellar, que, na mesma ocasião, apresentou à Assembléia o projeto dos Estatutos, elaborados, a seu pedido, pelo eminente jurista, o dr. Amaro Cavalcanti.

Recebeu êle emendas dos srs. Gustavo Maia Machado Guimarães, João Paulo de Almeida Magalhães, J. J. Torres, do Conde de Avellar e do sr. E. Johnston, todas pessoas que haveriam de marcar a sua atuação no Centro, por muitos anos. A Comissão de Redação Final foi constituida pelos srs. Dr. Francisco Teixeira Leite Guimarães, Leopoldo Duque Estrada e Gustavo de Araujo Maia.

A primeira Diretoria, eleita por aclamação, foi composta pelos srs. Conde de Avellar, Presidente; Gustavo de Araujo Maia, Secretario; e Antonio da Silva Maia, Tesoureiro.

De acordo com os estatutos então aprovados, o Centro teria por objeto a defesa dos direitos e interesses do comercio de café e a êle pertenceriam os ensacadores, exportadores, corretores e lavradores de café.

E' de notar que, já em sua hora de fundação, o Centro abria as suas portas aos lavradores do café. E, efetivamente, um dos seus primeiros átos, foi endereçar um longo e bem fundamentado memorial ao Presidente do Estado de Minas Gerais, solicitando que fossem tomadas "medidas de auxilio à lavoura de café, de modo que ela pudesse superar a crise intensa da baixa dos preços".

Aquela tradição foi conservada até hoje.

O comercio de café do Rio de Janeiro, até mesmo nos presentes dias de organização das classes em sindicatos, continua fiel à sua orientação inicial, de defender os interesses da lavoura, pois sabe perfeitamente que somente uma lavoura prospera poderá permitir o bom desenvolvimento do comercio, fazendo com que a exportação do produto reverta em beneficio da nação.

Mas, uma das finalidades da fundação do Centro era, como dissemos, proporcionar um lar ao comercio do café. Os primeiros dirigentes do gremio meteram mãos à obra, com coragem e rapidez, de sorte que, pouco mais de dois anos depois, a 3 de setembro de 1903, era inaugurada a primeira sede, sita à rua da Quitanda, 191, com festas e discursos, e a presença do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Republica.

A fachada foi de Morales de los Rios, em estilo Renascença Espanhola, e o edificio projetado por Bandeira & Frota e construido por Sandim & Ferreira, em terreno alugado ao Mosteiro São Bento.

Mas, a diretoria fundadora não estava ainda satisfeita. O Prefeito Pereira Passos acabava de lançar a avenida Central, que depois recebeu o nome atual, de Barão do Rio Branco. E ela preconizava a aquisição de um quadrilátero, que pegaria a rua da Quitanda e terminaria na avenida, exatamente onde hoje se ergue o Banco da Prefeitura. O Conde de Avellar, de posse de uma opção para o terreno, convocou uma reunião da Assembléia e expôs os seus planos. O café deveria acompanhar o progresso da cidade. A aquisição valeria, ademais, como negocio pela valorização forçada do terreno. Eram necessarios para a compra apenas cento e vinte contos e, posteriormente, se poderia concentrar, ali, o comercio cafeeiro, com escritorios e armazens.

A construção toda importaria em uns dois mil contos, que seriam pagos, muitas vezes. Mas, desgraçadamente, nem sempre as idealizações dos pioneiros são compreendidas. O comercio de café da época era composto por um grupo de 237 comerciantes inscritos. Mostrou-se indiferente à grande idéia. A Assembléia Extraordinaria, compareceram, como anotou Silvio de Magalhães Figueira, em discurso que pronunciou ao comemorar-se o Cincoentenario do Centro, apenas 14 firmas e o capital inscrito não passou de 36 contos.

O Conde de Avellar e Araujo Maia, desgostosos, demitiram-se. O seu esforço, porém, breve seria reconhecido, quando, já em 1906, foi inaugurada, com solenidade, uma placa, na sede da agremiação, com os nomes dos primeiros diretores.

A partir de então, o Centro entrou em rotina, como associação de classe. O comercio se habituou a frequentá-lo, como quem toma o café pela manhã, o almoço ao meio-dia e o jantar ás oito. Aos poucos, foi-se formando uma geração de homens com capacidade de defender os interesses da classe, sobretudo em face dos poderes publicos que, a partir de 1906, isto é, do Convenio Taubaté, tem intervindo, permanentemente, na economia cafeeira, criando situações que não raro interferem, desastradamente com as operações do comercio.

E' grande, neste meio século decorrido, a lista dos presidentes e diretores que teve o Centro. Entre os mortos, deve ser dado destaque especial, ao lado dos pioneiros da primeira diretoria, a figura do Galeno Gomes, que, durante doze anos, foi o guia incansavel, prestigiado por todos. Secundou-o o sr. Cristiano Heyn Hamann, com a mesma dedicação e, praticamente, pelo mesmo tempo.

Por toda aquela época, e por muito mais, durante trinta e cinco anos, contou o Centro com os serviços do dr. Cid Braune, primeiro como Secretario Geral, e depois como Consultor Juridico, até o ultimo dos seus dias, pois faleceu a 12 de janeiro de 1954.

Com o correr dos anos, verificaram os membros do Centro que a velha sede, embora ainda pudesse servir, não mais preenchia as finalidades para que fôra construida, motivo por que se resolveu a demolição e a construção de uma nova, cuja pedra fundamental foi lançada a 19 de dezembro de 1953, quando o Centro completava 52 anos de vida. Do ato, foi lavrada uma áta, cujo exemplar numero um foi colocado dentro da pedra fundamental, e cujos termos foram os seguintes:

"Aos dezenove dias do mês de dezembro do ano da graça de mil novecentos e cinquenta e três, ás dez e meia horas, na Cidade do Rio de Janeiro, à rua da Quitanda, numero cento e noventa e um, no mesmo local do predio antigo, construido em mil novecentos e três e demolido no ano que agora finda, é lançada a pedra fundamental do novo edificio do Centro do Comercio de Café do Rio de Janeiro. E a diretoria desta associação, composta dos senhores Marcelino Martins dos Santos Filho — presidente, Silvio de Magalhães Figueira — secretario e Azarias Martins Villela — tesoureiro, e assistida pelo seu consultor juridico doutor Cid Braune, bem como as firmas de comercio, corretores e intermediarios de negocios de café, abaixo assinados, na presença de testemunhas amigas, aproveita a solenidade para depositar nesta urna — de par com lembranças do dia de hoje, cartões, moedas e jornais — guardando-a para a Historia, a seguinte declaração:

Ao lançarmos esta pedra fundamental, voltamos, comovidos, o nosso pensamento para os homens que, no começo do século, fundaram este Centro e se traçaram como programa dar um teto aos comerciantes de café. Daquela plêiade de beneméritos, destacamos como pioneiros da idéia, os senhores Conde de Avellar, o Conselheiro Antonio da Silva Maia e Gustavo de Araujo Maia. Nenhum deles está vivo. Recordamo-lhes por isso mesmo os nomes com reconhecimento porque foi à sua inspiração que nos movemos à construção deste novo edificio.

Os propugnadores do primeiro predio do Centro não pensaram talvez na sobrevivencia dos proprios nomes. Maior razão para que manifestemos o nosso reconhecimento aos que se foram, pela obra que, engrandecida, vai servir de abrigo aos que virão.

O tempo cêdo apagará da memoria dos homens, os nomes dos que aqui hoje comparecem. E é a bem dizer certo que nenhum deles estará vivo, quando, daqui a dezenas ou mesmo centenas de anos, se abrir este cofre.

Esperam êles, porém, que, qualquer que seja o regime em que venham a viver os que o abrirem, tenham a mesma confiança que nos anima no principio da cooperação e da boa-vontade entre os homens, que é o élo que os mantém unidos e que assegura, ao mesmo tempo, a continuidade do trabalho e da cultura, através das gerações.

A cooperação é, em si mesma, uma renuncia, um desprendimento da pessoa em beneficio dos seus semelhantes. E foi esta a idéia que iluminou o caminho dos que traçaram o programa generoso da construção de uma casa para o comercio de café, em mil novecentos e um, quando se fundou o Centro. Graças aos seus sacrificios, as paredes se levantaram e o têto se distendeu, abrigando, durante cinquenta anos, os homens do café. E a casa simbolizou a classe e tornou-se uma tradição. Ao abrigo do tempo e das intempéries, o comercio de café se consolidou como classe, fiel aos sãos principios da honestidade e da moralidade, para o maior engrandecimento da Patria.

Desejamos que a nova casa que vai nascer desta pedra, seja a continuação ininterrupta de tão enobrecedora tradição.

Quando o novo edificio se elevar aos céus, enriquecendo o conjunto urbano da nossa bela cidade, ninguem avaliará sequer o seu custo, não em dinheiro, que este constará dos arquivos, mas em anseios, angustias e trabalhos realizados, altruisticamente, por uns poucos, em beneficio da coletividade. E, verdade seja escrita, a obra só está sendo realizada porque os lidadores tiveram uma vontade de ferro. São êsses beneméritos os Senhores Marcelino Martins dos Santos Filho, atual presidente da Casa, Julio de Sousa Avellar, antigo presidente, e Abrahão Jabour, antigo membro do Conselho, todos chefes de grandes firmas exportadoras, capitães de comercio, possuidos de admiravel dinamismo, que aceitaram o duro encargo de constituir a Comissão de Construção, responsavel pela realização da obra. E' graças a êles que a idéia está passando do estagio do sonho para o da realidade.

E' de justiça que fique também assinalado nesta áta o nome do sr. Rui Gomes de Almeida, que foi presidente do Centro do Comercio de Café, nos anos em que a idéia da construção da nova séde amadureceu, e da qual êle se transformara em força propulsora. A diretoria por ele presidida, da qual eram membros os consócios Antonio Esteves Marques e Azarias Martins Villela, teve o privilegio de dar os passos decisivos que asseguraram o financiamento da obra projetada e que está sendo executada pela firma Graça Couto & Cia. Ltda., sob a fiscalização do engenheiro dr. João Szilard.

Esperamos que a casa cuja construção agora se inicia, tenha vida longa, e que séculos decorram antes que a ação do tempo ou as transformações da cidade levem gerações futuras a demolir o que hoje estamos construindo com tanto carinho.

No dia em que isso acontecer, que os inventores deste cofre, em qualquer época em que for aberto, meditem no exemplo de energia, altruismo e espirito associativo que, no quadro de uma civilização justamente orgulhosa do seu individualismo e de sua livre-empresa, congregou, neste ano da graça de mil novecentos e cinquenta e três, homens de boa-vontade. E' que nós, os trabalhadores do café do começo da segunda metade do século XX, da Cidade do Rio de Janeiro, divisamos na cooperação que harmoniza os interesses, o evangelho dos que, dentro da mesma profissão, ganham o pão com o suor do seu rosto.

Oxalá, tenham os inventores deste cofre, no dia em que for aberto, igual consolação para as lides da vida!"

E' a seguinte a Diretoria que dirige o Centro do Comercio de Café do Rio de Janeiro, que funciona, provisoriamente, enquanto está em construção a sua nova séde, à rua Visconde de Inhauma, 39, 9.o andar:

Diretoria:

PRESIDENTE: MARCELINO MARTINS DOS SANTOS FILHO
da firma Marcelino Martins Filho & Cia.

SECRETARIO: DR. SYLVIO DE MAGALHAES FIGUEIRA
da firma Ed. Figueira & Cia.

TESOUREIRO: AZARIAS MARTINS VILLELA
da firma A. VILLELA CAFE' S/A.

CONSELHO ADMINISTRATIVO:

O Conselho Administrativo é composto das seguintes firmas:

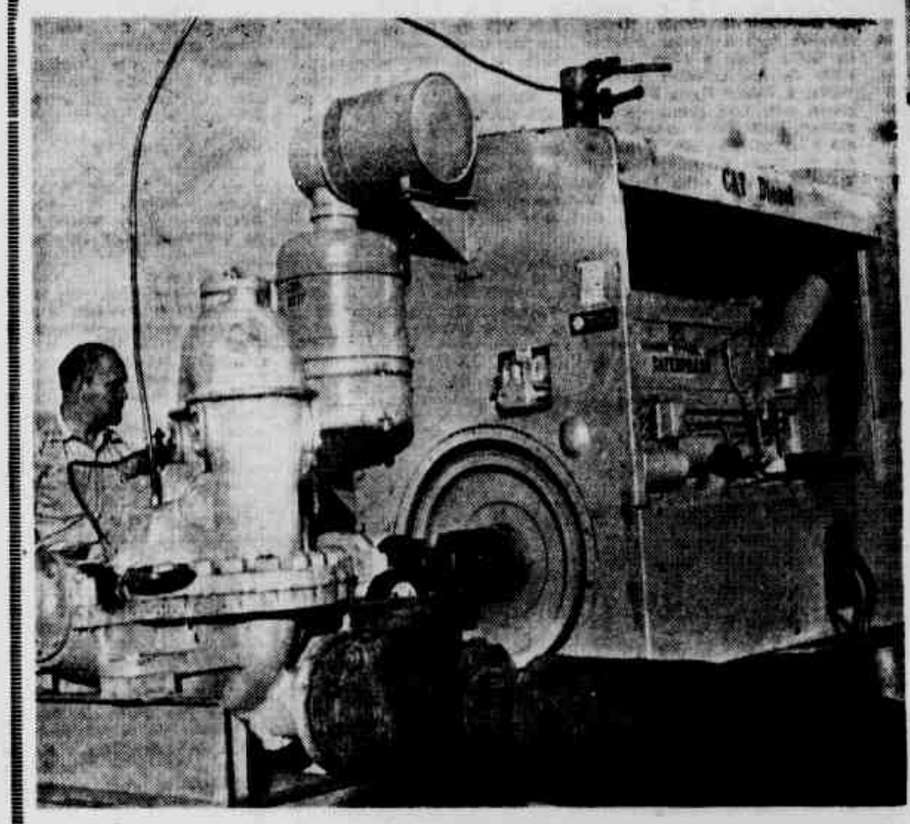
A. VILLELA CAFE' S/A.
CIA. BRASILEIRA DE CAFE'
COMERCIO E INDUSTRIA — BARBOSA MARQUES S/A.
ED. FIGUEIRA & CIA.
MACIEL GOMES S/A. Comissaria-Exportadora
MARCELINO MARTINS FILHO & CIA.
DJALMA, BRANCO S/A.

ORTENBLAD, PAIVA & CIA. LTDA.

PIONEIROS EM IRRIGAÇÃO NO BRASIL

RUA LIBERO BADARÓ, 152 – 16.º ANDAR
FONE: 32-7304
SÃO PAULO

Tradicional fotografia de irrigação em funcionamento em uma fazenda de Batatais, um dos primeiros conjuntos instalados no Brasil



A maior moto-bomba já trazida ao Brasil para integrar um conjunto de irrigação. Caracteristicas. Motor "Caterpillar" de 250 HP e bomba "Economy" de dois estagios. Quatro unidades foram importadas e instaladas nos municipios de Matão (2) e Tupã (2)

APARELHOS INSTALADOS E EM FUNCIONAMENTO NOS SEGUINTES ESTADOS E MUNICIPIOS:

S. Paulo
Altinopolis
Alvares Machado
Amparo
Angatuba
Araçatuba
Araraquara
Assis
Atibaia
Avanhandava
Jariri
Barra Bonita
Batatais
Bebedouro
Bocaina
Brodosqui
Brotas
Campinas
Catanduva
Cedral
Colina
Cravinhos
Dois Corregor
Duartina
Fernandopolis
Franca
Galia
Garça
Getulina
Guaira
Guará
Guaraçai
Ibitinga
Igarapava
Ipoã
Ituverava
Jaborandi
Jaboticabal
Jardinopolis
Jau'
Lavinia
Lins
Macatuba
Marilia
Matão
Miguelopolis
Mirandopolis
Morro Agudo
Neves Paulista
Nuporanga
Orlandia
Pederneiras
Pedregulho
Penapolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajui
Pitangueras
Pontal
Porangaba
Presidente Alves
Promissão
Ribeirão Preto
Rifania
Sales Oliveira
São Carlos
S. Joaquim da Barra
S. Manoel
S. Paulo
São Simão
Serra Azul
Serrana
Sertãozinho
Tabapuã
Taquaritinga
Terra Roxa
Tieté
Tupã
Uchoã
Valparaiso

OUTROS ESTADOS

Minas Gerais
Aymores
Arceburgo
Conquista
Monte Santo
Bahia
Entre Rios
Itaberaba
Salvador
R. G. do Norte
Natal
Estado do Rio
Itaguai
Marquez de Valença
Padua
Rezende
Três Rios
Vassouras
Viuva Graça
Paraiba
Campina Grande
R. G. do Sul
Porto Alegre
Paraná
Andirá
Jacarezinho
Ribeirão Claro
Distrito Federal
Campo Grande
Jacarepagua
Santa Cruz
Pernambuco
Recife

Opina o sr. Plinio de Castro Prado

Comprovada a eficiência do sistema de irrigação artificial através do maior rendimento do café

Possui a fazenda Bom Jesus serviço social identico ao da legislação vigente para a industria e o comercio — Não existe escasses de braço — Moderna maquinaria agricola, base da excelente produção da fazenda

O sr. Plinio de Castro Prado quando falava ao reporter

As mais recentes conquistas da técnica no campo da agricultura têm encontrado a melhor aplicação na lavoura nacional, proporcionando maior rendimento, levando-se em conta as primeiras experiências, que têm assegurado melhores perspectivas para as diversas culturas.

Recentemente, nossa reportagem visitou a Fazenda Bom Jesus, em Jardinopolis, na Alta Mojiana, de propriedade do sr. Plinio de Castro Prado.

Ao primeiro contacto com a fazenda, nota-se a preocupação que tem o seu proprietário em recorrer aos métodos mais modernos no setor agricola, a fim de estabelecer condições necessárias para que as suas diversas culturas encontrassem o maior amparo técnico e com êle pudesse conseguir o maior rendimento.

A Fazenda Bom Jesus possui 1.110 alqueires de terra, com cêrca de cem de reservas florestais. Prevalece, assim, mais de 90% de área utilizada em culturas e pastagens, o que representa índice dos mais elevados.

Apesar do café ser a principal cultura, contudo, o sr. Plinio de Castro Prado tem como norma adotar a policultura e além de arroz possui uma plantação de trigo das maiores na região.

Um fato que não fugiu a observação da reportagem foi a existência de carros de bois ao lado das mais modernas máquinas agricolas. Liga-se desta forma a uma tradição das mais caras para o Brasil, quando ainda os carros de bois, "gemendo", pelas estradas, ajudaram a construir a economia agricola do país.

A par dêsse sistema primitivo de transporte viam-se grandes tratores e um sistema modernissimo de irrigação por aspersão, que segundo seu proprietário é hoje um dos principais fatores de aumento da produção da Fazenda Bom Jesus.

A' propósito, ouvimos o sr. Plinio de Castro Prado sôbre as vantagens que são asseguradas pelo sistema de irrigação.

"As primeiras experiências com a irrigação artificial foram feitas nas lavouras de café, arroz e trigo, na safra 1953/54, das quais colhi os melhores resultados" — afirmou-nos o sr. Plinio de Castro Prado.

"Na lavoura cafeeira — continuou — apesar de termos tido chuvas regulares na região, nos meses de julho a setembro, notou-se, desde logo, a diferença na plantação irrigada. A frutificação é mais ou menos igual. No entanto, o mesmo não ocorre em relação à vegetação. As árvores irrigadas denotam uma vegetação maior. Não há queima, pois a lavoura irrigada apresenta brotos mais viçosos, desaparecendo os ponteiros. Todos êsses fatores — prosseguiu o sr. Plinio de Castro Prado — proporcionam maior rendimento à cultura cafeeira. Quanto a outras culturas como no caso do arroz, a diferença é enorme. O êxito da irrigação aqui foi total. Nos lotes irrigados, a média de colheita por alqueire foi de 110 sacas, contra 40 das áreas que não se beneficiaram da irrigação. O rendimento aí foi de mais de cem por cento, o que não deixa de ser extraordinário. Nessa proporção, sem qualquer tropeço, quase que se pode triplicar a produção rizicola.

Passando a abordar a plantação de trigo, disse-nos o sr. Plinio de Castro Prado: — "Não semeio trigo em larga escala, porque o clima dessa região não é propicio. Contudo, com a irrigação artificial poderíamos cultivar, satisfatòriamente, êsse cereal, que ainda constitui o grande consumidor de divisas de nosso país. As minhas plantações de trigo servem ao consumo de meus empregados, e a mim próprio, num total de quase 250 pessoas.

Os resultados conseguidos nesta última safra — prosseguiu — animaram-me a plantar 10 alqueires, o que fiz em abril passado. Espero que com a irrigação tenha resultado superiores aos que tive na primeira experiência.

Desta forma — disse-nos a irrigação artificial me proporcionou nesta safra colheitas superiores às dos anos anteriores.

Disse mais ainda o sr. Plinio de Castro Prado, que a eficiência do aparelho de irrigação, importado diretamente dos Estados Unidos e precedido de estudos pelo sr. Alberto Ortenblad, poderá ser comprovada pelos descrentes em sua fazenda.

PRODUÇAO E O BRAÇO HUMANO

A seguir, abordamos o sr. Plinio de Castro Prado sôbre a produção de sua fazenda. Disse-nos:

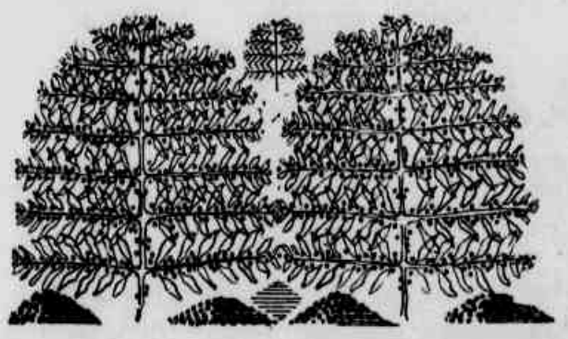
"Tenho, no momento, 200 mil pés de café, sendo 110 mil de 40 anos e 80 mil de 3 a 6 anos. A produção média por alqueire é de 60 arrobas. As últimas geadas me trouxeram prejuizos, a quebra de cafeeiros foi de cêrca de 20 mil.

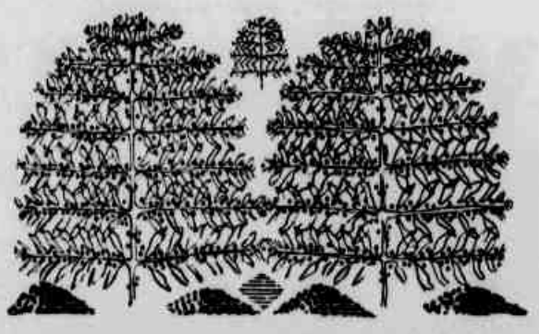
Trabalham na fazenda Bom Jesus — continuou — 39 famílias, num total de 226 pessoas, e o salário médio atingiu, no último ano, em média, Cr$ 1.200,00 em dinheiro, sem computar moradia e gêneros fornecidos a baixo preço: arroz a 5,00 o k., carne a 5,00 o k., leite a 1,00, trigo a 2,00. Revelou ainda que não existe falta de braço para as suas lavouras e que mantém um serviço social, para atender seus empregados, idêntico ao da legislação vigente para o empregado de indústria e do comércio.

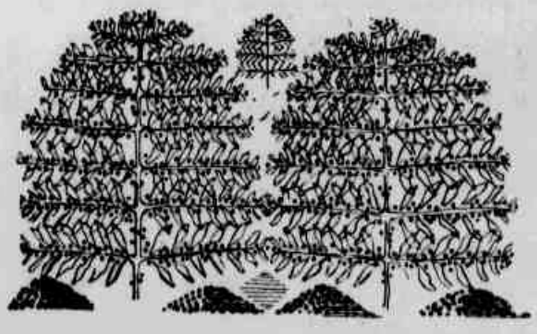
Esta última providência do sr. Plinio de Castro Prado, veio, sem dúvida, favorecer o trabalhador rural, que encontra, dêste modo, meios que lhe assegurem uma assistência eficiente e que o amparam em tôdas as circunstâncias.

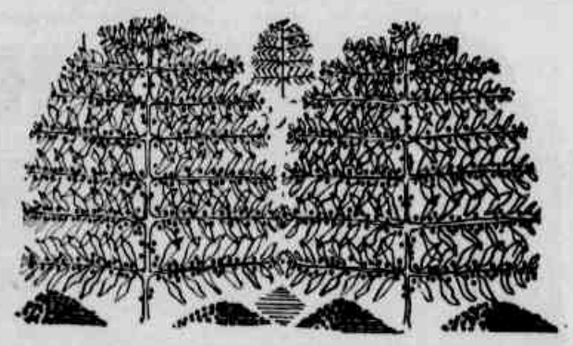
E' por outro lado, êsse serviço social motivo para fixar o homem à terra, impedindo que procure os grandes centros. Está aí por que o sr. Plinio de Castro Prado assegurou-nos que em sua fazenda não existe falta do braço humano para tocar suas lavouras. O trabalhador encontra todo o apôio sem que precise se locomover para outras regiões à procura de maiores facilidades.

Varios aspectos da fazenda Bom Jesus, vendo-se um cafezal cujo indice de produção atinge a 60 arrobas por mil pés. O aumento dessa produção foi conseguido graças à irrigação artificial









NOBILIARQUIA DO CAFÉ

Sebastião Pagano
Aquarelas de J. de C. Mendes

O titulo é improprio se o tomarmos na acepção legitima, mas podemos admiti-lo por relação, pois não proveio nobreza "pelo café", e sim houve os que, da nobreza de sangue foram também à nobreza do trabalho plantando café. A esses esforços foram acrescidos titulos reais e imperiais que mais destacaram a dignificante faina de uns, ressaltando-lhes ainda mais a progênie. Assim, por ambos os motivos se diz com certo orgulho "nobreza do café", ou "aristocracia cafeeira", como sendo mais um titulo de honra.

Essa chamada "nobiliarquia do café" não é privilegio de São Paulo, e sim comum a outros Estados como o do Rio, que foi a mais rica das provincias do segundo reinado. Quasi toda a aristocracia fluminense vivia dos tratos da lavoura, quando o "café do Rio" iluminava os cartazes das grandes cidades como simbolo da melhor qualidade. Dentre os grandes nomes da agricultura dessa época, destacam-se titulares, ministros, senadores, diplomatas, desembargadores, generais, bispos, e a propria Casa Imperial, que tinha suas fazendas, dentre as quais a celebre Fazenda Imperial, que dom Pedro I comprou na região onde, depois, seu filho, o imperador dom Pedro II fundou a magnifica cidade de Petropolis. Famosas são as casas das fazendas fluminenses, unicas no seu esplendor e requinte. De arquitetura nitidamente brasileira, inconfundiveis na sua beleza, em tudo quanto possa caracterisa-las como grandes solares patriarcais a que se emprestou a elegancia do gosto francês nos serviços e nos detalhes que caraterizam a mundanidade de que eram palco. Riquissimos interiores em que resplendeu o mobiliario brasileiro, [illegible] da India ou da França, riquissimos tapetes, lustres de cristal da Bohemia ou candelabros portugueses. No Estado do Rio como em São Paulo, ao tempo do esplendor cafeeiro, o serviço interno era dirigido e feito por auxiliares europeus, como governantes, secretários, mordomos, criados, amas e até cozinheiros e copeiros além de tratadores de cavalos e outros animais. Tudo era importado, porque o Brasil podia exportar também pois havia aquele equilibrio maravilhoso que foi o da balança comercial e financeira do Imperio e que a Republica destruiu completamente. As viagens facilimas e baratas permitiam aos filhos das mais ilustres familias se educarem na Europa, de forma a estarem preparados, pela educação e [illegible] enfrentarem a vida, do que resultou esse primor que foram essas gerações que conservaram habitos senhoriais, ele[illegible] a [illegible] civilização.

Se a quasi totalidade dos fazendeiros provinha das antigas familias nobres portuguesas e já brasileiras, muitos titulos, sem dúvida completaram essa ascendencia saidos do trabalho nobilitante nas lavouras de café, e que não é pouco, pois não é facil desbravar sertões, estender caminhos e estradas de ferro, devassar regiões adustas e fa[illegible] delas plantações produtivas levando trabalho a muitos e gerando riquezas para todos. Verificou-se em São Paulo um fenomeno impressionante que foi a lenta e segura mudança do braço escravo pelo braço livre, que permitiu a muitos plantadores paulistas se adaptarem à mudança quando veio bruscamente a Abolição. Não se verificou o mesmo no Estado do Rio, senão em menores proporções, o que provocou a ruina daquela região fazendaria que, aliás, já vinha estendendo suas atividades pelo vale do Paraiba que, em bôa parte, sofreu o hiato da Abolição porque manteve a mesma mentalidade fluminense. Para além de Campinas, porém, nos extremos da imensa área de cultivo do café, a situação foi outra: os Prado, os Penteado, os Arruda Botelho, os Vergueiro e outros, já tinham se adaptado à mudança

1. O CAFE' NA PROVINCIA FLUMINENSE

Fortunas fabulosas se ergueram no Estado do Rio saidas da plantação do café, e da cana quando o Brasil mantinha, no mundo inteiro, o primado da produção, e, sinonimo de milionario, em Paris era "brasileiro", havendo mesmo canções que o significavam ao aludir a "un riche brésilien" como hoje se diz "um milionario americano". Palácios suntuosos, jardins magnificos surgiram na Côrte, em cidades adjacentes e nas fazendas. Assim, o 2º barão, visconde e conde de Nova Friburgo (Bernardo Clemente Pinto Sobrinho) — decretos imperiais de 18 de dezembro de 1873, 11 de abril de 1888 e 1889 — deixou fama pelo esplendor da sua vida e pela suntuosidade das suas residencias uma das quais, o atual palácio do Catête, que não é mais que uma ála do palácio de proporções tres vezes maiores e que estava sendo construido. Os jardins da sua mansão em Friburgo, traçados por Glaziou, são hoje os jardins públicos da cidade. Sua fazenda do Gavião, em Cantagálo, onde nasceu em

A Condessa do Pinhal aos 104 anos de idade

1835 e faleceu em 1914, era grandiosa. Dono de inumeras plantações de café, grande empreendedor e homem de negocios, era filho do 1º barão com grandeza, de Nova Friburgo, tendo se casado em 1880 com dona Ambrosina Leitão da Cunha Campbell, filha dos barões de Mamoré e viuva de Archibald Campbell. Seu pai, o 1º barão, com grandeza de Nova Friburgo (Antonio Clemente Pinto), — decretos de 28-3-1854 e [illegible]-4-1860 — também foi grande fazendeiro, deixando-lhe grande fortuna. Seu irmão, o 1º barão, visconde e conde de São Clemente (Antonio Clemente Pinto), — decretos de 3-7-1863, 11-4-1888 — nascido em 1830 e falecido em 1898, casara-se em 27 de abril de 1859 com dona Maria Fernandes Chaves, filha dos barões de Quarahim. Negociante e proprietario abastado, moço fidalgo com exercicio na Casa Imperial, deixou excelente fortuna e algumas fazendas. O barão com grandeza de Quarahim (Pedro Rodrigues Fernandes Chaves) — decreto de 14-3-1855 — foi sobretudo politico e diplomata.

O 1º barão e 1º visconde com grandeza de Ararusma (José Carneiro da Silva) — decretos de 5-5-1844 e 15-4-1847 — foi grande agricultor, e, para melhorar as condições de vida economica da região de Campos e Macaé, como deputado em 1884 lutou pela construção do canal que liga essas duas ricas regiões de cultura do açucar e do café. Casado com dona Francisca Antonia de Castro, filha dos barões de Sta. Rita, foi pai do 2º visconde de Araruama, do visconde de Ururahy, do barão de Monte Cedro e do barão de Quissaman. Quando faleceu em Quissaman em 3 de maio de 1864, deixara grande fortuna e uma tradição e cultura recolhida por seus descendentes. O 2º barão e 2º visconde de Araruama (Bento Carneiro da Silva) — decretos de 3-11-1866, 28-3-1877 e 19-9-1877 — também foi fazendeiro. Casou-se com dona Raquel Francisca de Castro Néto. O 1º barão de Ururahy (João Carneiro da Silva) — decreto de 15-4-1847 — irmão do 1º visconde de Araruama, foi plantador de café e açucar no Estado do Rio, tendo nascido em Campos e falecido em Macaé. O 2º barão e visconde de Ururahy (Mamoel Carneiro da Silva) seu sobrinho — decretos de 19-9-1879 e 21-3-1888 — casou-se com dona Ana de Loreto Viana de Lima, filha o duque de Caxias, seu sogro, foi fazendeiro, falecendo em sua fazenda Santa Monica. O barão de Monte Cedro (João José Carneiro da Silva) — decreto de 17-12-1881 — foi adeantado plantador de cana, fundando o engenho central de Quissaman. O barão e visconde de Quissaman (José Caetano Carneiro da Silva) — decretos de 18-3-1883 e 25-3-1888 — nascido em Quissaman em 17 de agosto de 1836, faleceu na sua fazenda de Quissaman, tendo alternado a cultura do açucar com a do café.

O 1º barão de Amparo (Manoel Gomes de Carvalho) — decreto de 17-1-1853 — falecido aos 77 anos em Barra Mansa, em 1855, era fazendeiro e grande capitalista, tendo deixado grande fortuna, que seu filho, o 2º barão do Amparo (Joaquim Gomes Leite de Carvalho) — decreto de 30-1-1867 — muito desenvolveu. Casou-se com dona Amelia Teixeira Leite de Carvalho. Era irmão do visconde de Barra Mansa e do Rio Negro.

Nascido em Amparo da barra Mansa em 1830 faleceu quasi centenario em Vassouras, na fazenda de sua propriedade. Começa aqui uma grande linha de fazendeiros de café e de cana dos quais alguns representantes se estenderam ao Estado de São Paulo. O barão e visconde com grandeza de Barra Mansa (João Gomes de Carvalho) — decretos de 5-5-1867, 15-1-1868 — foi rico proprietário e fazendeiro em Barra Mansa. Faleceu solteiro em 1899 tendo nascido em 1839. Seu irmão, o barão do Rio Negro (Manoel Gomes de Carvalho) — decreto de 15-5-1867 — nascido em 1836, faleceu em Paris em 1898. Casou-se com sua sobrinha dona Emilia Gabriela Teixeira Leite de Carvalho. Foi rico fazendeiro, proprietario e capitalista. Levava vida suntuosa, tendo varias residencias magnificas, entre as quais o palácio Rio Negro que, depois, foi adquirido pelo governo republicano para residencia de verão dos presidentes, em Petropolis. Sua unica filha, jovem de rara beleza, abraçou a vida religiosa e fundou em Roma uma Congregação.

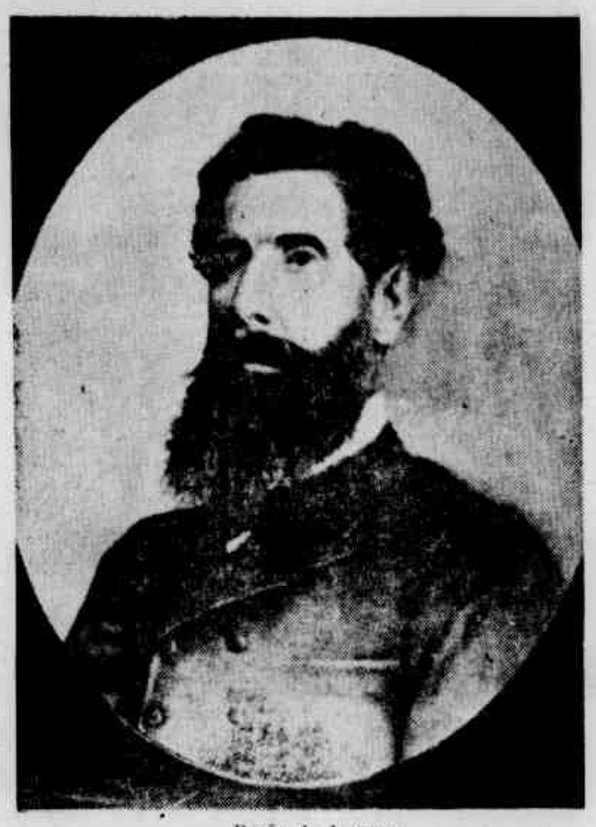
O barão de Aguas Claras (dr. Augusto de Sousa Leite) que teve a honra de, em sua fazenda, em 1887, hospedar S. M. o Imperador dom Pedro II, sendo creado barão nesse ano, em 2 de maio, era muito rico e levava uma vida de grande esplendor.

O 1º barão de Itambé (Francisco José Teixeira) — decreto de 15-11-1846 — nascido na Conceição da Barra, em São João D'El Rey, na Provincia de Minas Gerais, em 6 de setembro de 1780, veio a falecer em 22 de março de 1866 em Vassouras, no Estado do Rio — rica região de fazendeiros opulentos, cujos descendentes se estenderam até São Paulo e Santa Catarina. Em 13 de setembro de 1802, casou-se com dona Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro. Foi rico lavrador e banqueiro, gozando de imenso prestigio politico. Foi pai do barão com grandeza de Vassouras (Francisco José Teixeira Leite) nascido em São João d'El Rey em 1804 e falecido em 1884. Casou-se em 1830 com sua prima dona Maria Ismenia Leite Ribeiro, e, em segundas nupcias, em 1851, com outra prima, dona Ana Alexandrina Teixeira Leite. Foi dos mais ricos fazendeiros no Estado do Rio, gozando de imenso prestigio politico, sendo muito dado a obras de caridade e beneficencia, de que Vassouras é atestado. Era sobrinho do barão de Ayuruóca e sogro do visconde de Taunay. O 1º barão de Ayuruóca Custodio Ferreira Leite) — decreto de 14-3-1855 — nasceu na fazenda de seus pais no Rio das Mortes, a 3 de dezembro de 1783, vindo a falecer na fazenda da Barra do Louriçal, em Mar de Espanha, ainda em Minas Gerais, em 17 de novembro de 1859. Casou-se com dona Teresa Maria Rosa de Magalhães Veloso. Homem de espirito largamente empreendedor, também foi grande plantador de café e de cana. Foi pelo visconde com grandeza de Taunay (Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay) — decreto de 6-9-1889, — nascido em 22 de fevereiro de 1843, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 25 de janeiro de 1899, — que os barões de Vassouras se ligaram a São Paulo, pelo casamento de dona Cristina Teixeira Leite (filha do barão de Vassouras) em 8 de janeiro de 1874, com o futuro visconde de Taunay. O doutor Gofredo da Silva Teles, que foi prefeito de São Paulo e tambem fazendeiro, nêto do barão de Vassouras, também representa, no cume social de São Paulo, essa brilhante estirpe mineiro-fluminense.

Outro ilustre fazendeiro fluminense nascido em Minas em 19 de setembro de 1772 (no arraial de São Sebastião, em Mariâna) e cujos descendentes tambem existem em São Paulo, foi o 1º visconde com grandeza e marquês de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta). Faleceu no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1842 e se casou em 1801, na Bahia com dona Ana Constança Guilhermina de Castro Cardoso. Deixou grande fortuna ao seu filho, o 2º visconde de Barbacena, com grandeza — decreto de 31-7-1830 — (Felisberto Caldeira Brant Pontes), nascido na Bahia em 1802 e falecido no Rio de Janeiro em 28 de maio de 1906, aos 104 anos. Militar, diplomata, politico, presidente do Rio de Janeiro, dedicou-se afincadamente ao progresso industrial e agricola do país, construiu a estrada de ferro dom Pedro II (hoje Central do Brasil), a estrada de ferro de Cantagalo, a de dona Teresa Cristina. Cultivou grandemente a cana de açucar e também o café.

O barão de Paraná (dr. Henrique Hermeto Carneiro Leão) — decreto de 16-5-1888 — nascido no Rio de Janeiro em 1847 e aí falecido em 1916 também deixou descendentes em São Paulo e tradição rural. Era filho dos marqueses de Paraná, e irmão do barão de Santa Maria e da viscondessa de Cruzeiro. Casou-se com d. Zeferina Marcondes Machado, e foi adeantadissimo agricultor e criador no municipio de Sapucaia no Rio de Janeiro. Seu pai, visconde com grandeza, conde e marquês de Paraná (Honorio Hermeto Carneiro Leão) — decretos de 26-6-1852, 12-10-1853 e 2-12-1854 — politico, magistrado e fazendeiro deixara-lhe, alem de um nome ilustre, a tradição agricola, como o demonstra a sua Fazenda do Lordelo, no municipio de Carmo, em frente a Porto Novo do Cunha, junto ao Paraiba, de sede faustosissima. O visconde com grandeza de Cruzeiro (Jeronimo José Teixeira Junior) — decreto de 13-6-1888 — dono de béla fortuna, foi igualmente fazendeiro. Seu irmão, o barão de Santa Maria (Nicolau Neto Carneiro Leão) — decreto 17-5-1871 — faleceu, em 1894, foi fazendeiro de café no municipio de Pirahy e, depois, em Minas Gerais. A baronesa de Paraná, que faleceu há poucos anos no Rio de Janeiro, era tia de dona Alexandra Marcondes, esposa do professor doutor José Carlos de Ataliba Nogueira, que é bisneta também do marechal barão e visconde de Maracajú, irmão do barão de Rio Apa.

O 1º barão, visconde com grandeza e marquês de Monte Alegre (José da Costa Carvalho) — decretos de 23-8-1841, 16-12-1843 e 2-12-1854 — que foi magistrado, jornalista, politico, membro da Regência, deputado senador, e teve as mais altas e variadas incumbências, foi também negociante e fazendeiro de café, deixando descendentes em São Paulo, onde faleceu em 18 de setembro de 1860, tendo nascido na Baia em 7 de fevereiro de 1796. Casou-se com dona Genebra de Barros Leite, em 1822, viuva do brigadeiro Luis Antonio, falecida em 1836 (era filha de Antonio de Barros Penteado e de sua esposa dona Maria de Paula Machado); em segundas nupcias, casou-se em 1839 com dona Maria Isabel de Souza Alvim, que, depois da morte do marquês de Monte Alegre, casou-se com o doutor Antonio da Costa Pinto e Silva — parente de seu primeiro marido. Viuvo, o doutor Costa Pinto casou-se com uma prima de sua mulher, dona Maria Nazaré (que era filha de dona Maria Inocencia de Sousa Queiroz Campão) e foram pais de dona Maria da Conceição, que se casou com o conselheiro Antonio Prado, e de



Barão de Jaguara

dona Maria Nazaré, que se casou com o doutor J. B. da Rocha Conceição (cf. pg. 210 de "Memorias de um magistrado do Imperio" anotadas por Americo Jacobina Lacombe).

O 2º visconde com grandeza e 2º marquês de Paranaguá (João Lustosa da Cunha Paranaguá) — decretos de 18-1-1882 e 13-6-1883 — também deixou descendentes em São Paulo nas lides fazendarias, na cultura do café. Nascido na fazenda do Brejo do Mocâmbo, freguesia de N. S. do Livramento, depois vila e comarca de Paranaguá, no Piauí em 1821, faleceu no Rio de Janeiro em 1912. Casou-se em 1847 com dona Amanda Pinheiro Paranaguá, que faleceu em 1874, e era filha do visconde de Mont-Serrate (Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos). Seus descendentes, fazendeiros em São Paulo, continuaram a tradição de cafeicultores, entre êles meu amigo Luis de Oliveira Paranaguá.

O barão de Louriçal (Francisco de Assis Monteiro Breves) — decreto 17-12-1881 — foi rico comissario de café no Rio de Janeiro, e seu parente, o comendador Breves, era dono de fabulosa fortuna cafeeira, podendo fazer vir do Rio de Janeiro, para suas fazendas de São Joaquim da Grama, Piral e São João Marcos, a Companhia Teatral de João Caetano. Era o "capitão mata gente" (que nunca matou ninguém) um dos maiores fazendeiros de então, tendo descendentes em São Paulo.

Seria interminavel a sequencia de titulares fazendeiros de café no Estado do Rio e em Minas Gerais, que se ligaram a familias de São Paulo. Alguns, propriamente não têm ligação a não ser quasi só [illegible] como o 1º barão com grandeza, marquês de Jundiaí e visconde do Rio Sêco com grandeza (Joaquim José de Azevedo) — decretos de 1-12-1822 e 12-10-1826 — aliás, já era fidalgo cavalheiro desde 1808 pelo Principe Regente dom João (depois João VI) que lhe deu o Senhorio de Macaé, em 1812, o fez barão e, em 1818, viconde por Portugal. Nascêra em 1761, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 1835. Casado em 1787 em Lisbôa com dona Maria Carlota Miliard, em segundas nupcias casou-se no Rio com d. Mariana da Cunha Pereira, filha dos marquêses de Inhambupe. Também foi fazendeiro no Estado do Rio. Os marquês de Inhambupe e os de Baependi, deixaram descendentes em São Paulo e cultivaram café.

Uma referencia, porém, muito especial seja feita por grande consideração e estima: à aristocracia também "do café", mas não paulista, e sim [illegible] (embora sejam os mineiros irmãos de sangue paulista) poder-nos dizer que pertence Sua Eminência, o Senhor Cardeal-Arcebispo de São Paulo, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (que pelo lado materno tambem se entronca à genealogia paulista) bisneto do barão e visconde de Caethé (José Teixeira da Fonseca e Vasconcelos) — decretos de 12-10-1825 e 12-10-1826 — que faleceu em 10 de fevereiro de 1838, tendo nascido na fazenda de seus pais, em Sabará, (tão ligado às tradições auriferas de São Paulo) em 18 de outubro de 1867.

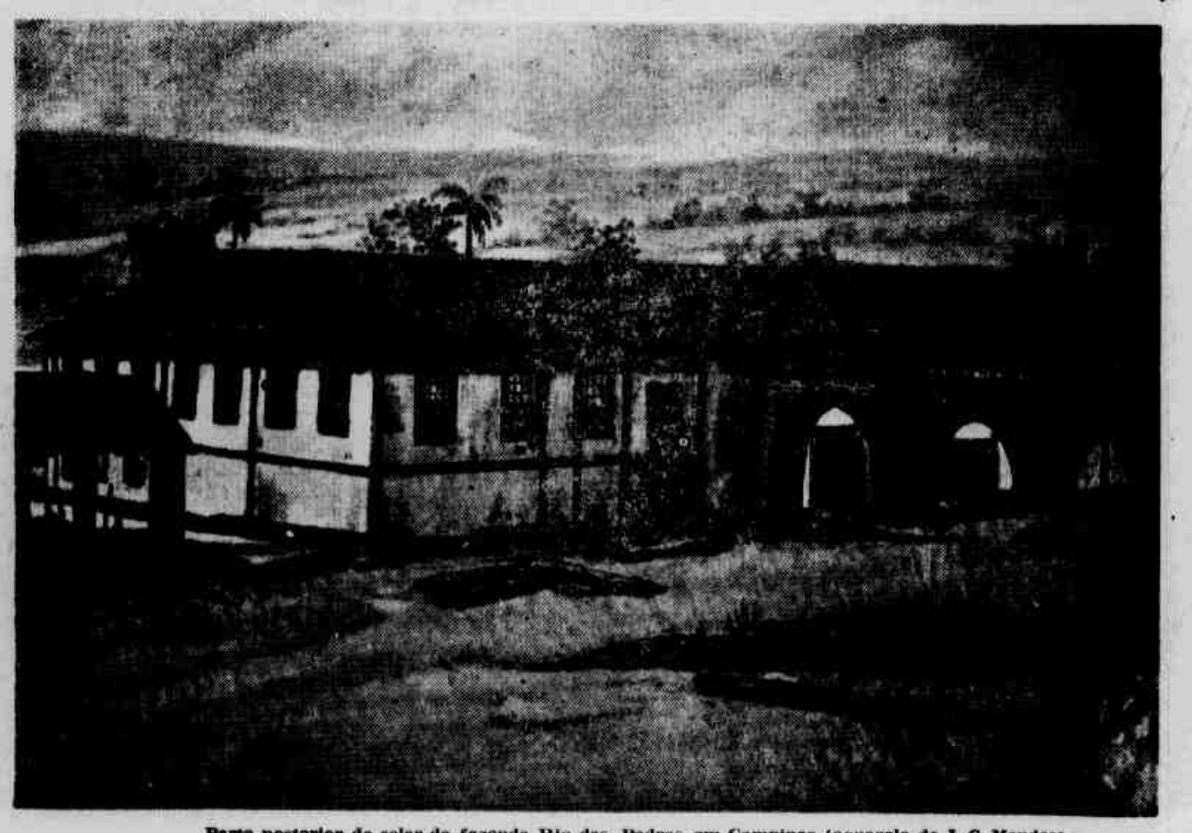
2. FAZENDAS DO VALE DO PARAIBA

O café foi descendo do Pará ao Paraná, mas, ao chegar ao Estado do Rio, derramou-se pelo vale do Paraiba, pela zona do sul de Minas, pela zona paulista de Santa Isabel, Bragança, Amparo, Itapira, Casa Branca, seguindo seu curso por Campinas, Mogi-Mirim, Rio Claro, Sorocaba, Itú, Porto Feliz, Tatuí, Botucatú, São Manoel, Lençoes, Jaú, e, daí para o extremo interior de São Paulo até o norte do Paraná, onde as geadas o deterão coercitivamente. Durante a Regencia todo o segundo Reinado, o café foi sendo plantado no vale do Paraiba, que se tornou altamente prospero, vindo a decair com a alvorada da república. Essa região, era, até então, famosa pela sua riqueza e excelencia do seu café, rivalizando com o do Estado do Rio. Toda a "zona velha" do caminho primitivo do Rio era cortada de grandes fazendas localizadas em Bananal, Areias, São José do Barreiro, Queluz, Lorena, Silveiras, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Caçapava, terminando praticamente nas escalas de São José dos Campos, Jacareí e Mogi das Cruzes, para, depois, estender-se por Santa Isabel, Atibaia, Bragança, Jundiaí, Itatiba, sem falar no Sul de Minas, e, afinal, Campinas — a princesa do Oeste — então a séde mais importante dos cafézais paulistas, de onde se irradiou para o Interior, levado por caudais de esforços daquêles homens de aço que se embrenhavam pelas densas florestas a abate-las pela energia que impunham aos seus empreendimentos empurrando para longe a réstes de luz do trabalho produtivo, até que Ribeirão Preto, na republica, se tornou a capital do café. Familias riquissimas destacaram-se naquela região, do Paraiba, como a do barão de Aguiar Toledo (José de Aguiar Toledo), que também foi (a 22-4-1854) 2º barão de Bela Vista e visconde de Aguiar Toledo (em 31-7-1877,) natural de Bananal, onde nasceu a 13 de junho de 1823, e aí faleceu em 1898. Foi abastado fazendeiro, gozando de grande prestigio como chefe conservador, que o levou duas vezes ao Parlamento. Seu genro, o barão de Aguiar Vallin (Manuel de Aguar Vallin) — decreto de 16-9-1884 — também foi fazendeiro em São Paulo (a baronesa de Aguiar Vallin faleceu no começo de 1954) bem como seu irmão, o barão de Almeida Vallin (Luciano José de Almeida Vallin) — 3-11-1888 — fazendeiro em Bananal, casado com dona America Brasília de Toledo, filha dos viscondes de Aguiar Toledo. Seu tio, o barão de Joatinga (Pedro Ramos Nogueira) — decreto de 28-3-1877 — também foi fazendeiro em Bananal, sendo celebre sua fazenda Loanda. Era casado com sua prima dona Placidina Nogueira de Almeida.

O barão de Bananal (Luis da Rocha Miranda Sobrinho) nascido em Rezende em 7 de agosto de 1836 e falecido no Rio de Janeiro em 28 de outubro de 1915 — barão por decreto de 29-5-1869 — [illegible] dos mais ricos fazendeiros daquela vetusta zona do norte do Estado de São Paulo. Seu cunhado era o visconde de São Laurindo, em Portugal. Levava grande estado de vida, e ainda hoje se conserva sua admiravel fazenda, a casa grande, a capela, tendo, infelizmente, desaparecido o antigo mobiliario e as alfaias. E' sua neta a ilustre jornalista dona Carmen de Almeida (Capitú). Em primeiras nupcias, foi casado com dona Amelia Nogueira da Rocha Miranda, falecida em 1875; em segundas, com dona Adriana Nogueira Torres da Rocha Miranda, sendo conhecida a familia Rocha Miranda como uma das mais ricas do começo do seculo XX no Rio de Janeiro.

Hoje, desviada a estrada de rodagem para o Rio, aquela zona, tudo apresenta um melancolico aspecto de passado esplendor, adormecido na graça da paisagem e na beleza das construções, por vezes em ruina. Mesmo as cidades que resistiram à queda do café, têm algo de triste na sua fisionomia de antiga cidade rica, ostentando imensos solares, tranquilos edificios que deixaram seu destino residencial e pa-

A fazenda Quilombo, em Campinas, com sua séde e senzala (aquarela de J. C. Mendes)



Parte posterior do solar da fazenda Rio das Pedras, em Campinas (aquarela de J. C. Mendes)

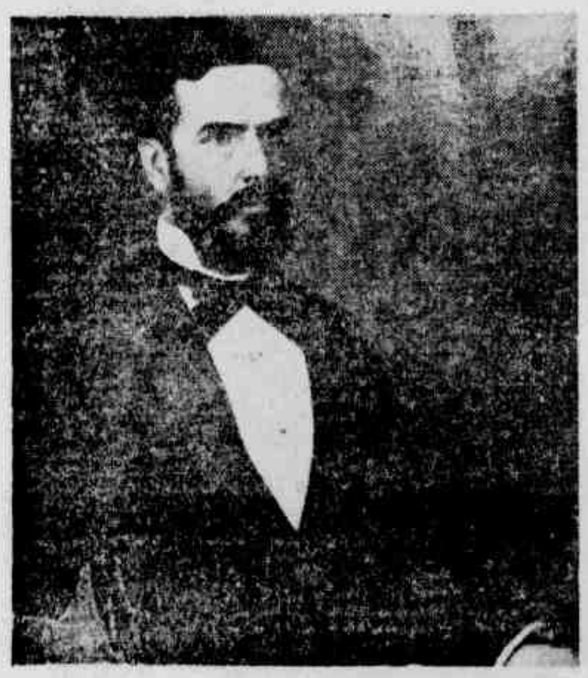
laciano para incluir-se entre os edificios oficiais ou de cultura. Deixando Queluz, [illegible] Cachoeira e Silveira, em [illegible] vamos encontrar muitos fazendeiros, entre os quais o barão da Bocaina (Francisco de Paula Vicente de Azevedo) — decreto de 7-5-1887 — cuja fazenda São [illegible] ainda se encontra com seus herdeiros, meus amigos. Era irmão do senador da República doutor José Vicente de Azevedo, grande filantropo, depois conde pontifício, que também deixou tradição de cafeicultura em sua família, [illegible] pelos seus filhos: meu saudoso amigo doutor José Vicente de Azevedo e meu caro amigo doutor Paulo Vicente de Azevedo. O barão da Bocaina, falecido em 1938, deixou viuva dona [illegible] Bueno Lopes de Oliveira, baronesa da Bocaina, senhora de [illegible] tudes e felizmente ainda viva, sendo, depois do falecimento da baronesa de Aguiar Valin, a última titular do Imperio em São Paulo, tendo sido baronesa já na República, embora filha de um republicano notavel pela sua dignidade e idealismo. O barão da Bocaina — nascido em Lorena — era filho do coronel José Vicente de Azevedo e de sua mulher dona Angelica Moreira de Azevedo, [illegible] do conde de Moreira Lima e do barão de Castro Lima. O conde de Moreira Lima (Joaquim José Moreira Lima) foi também barão e visconde do mesmo titulo — decretos de 14-4-1883, 1-3-1885 e 7-5-1887, respectivamente — nascido em Lorena, era filho de Joaquim Moreira Lima e de sua mulher dona Carlota Leopoldina [illegible] de Castro Lima, que, depois [illegible] viuva, foi, pelo Imperador dom Pedro II, por decreto de 16-8-1879, erigida viscondessa de Castro Lima. Era o conde de Moreira Lima irmão [illegible] barão de Castro Lima e do barão de Santa Eulalia. Fazendeiro muito rico, muito lhe deveu o município de Lorena; chegou a ter 54 fazendas e terras sem fim. O barão de Castro Lima (Antonio Moreira de Castro Lima) — decreto de 14-10-1884 — também nascido em Lorena, foi ai abastado fazendeiro, dispondo de sua imensa fortuna em obras pias de Lorena e Guaratinguetá. O barão de Santa Eulalia (Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira) — decreto [illegible] 1888 — também nascido em Lorena, casou-se em 7 de março de 1867 com sua prima dona Eulalia Moreira Rodrigues de Azevedo, filha do conde de Moreira Lima. Alem de fazendeiro, foi promotor público, presidente da Camara Municipal, varias vezes deputado e vice-presidente da Provincia.

O barão com grandeza de Lorena (Estevão Ribeiro de Rezende) filho do marquês de Valença, — decretos de 7-10-1853 e 16-1-1867 — [illegible] foi fazendeiro nessa região, e, seus parentes, vindos do Rio, trão entroncar-se [illegible] paulista do sangue e fazendeiro.

Ainda no vale do Paraiba, podemos destacar, como fazendeiros, o barão e visconde com grandeza de Guaratinguetá, Francisco de Assis e Oliveira Borges) — decretos de 2-12-1854, 10-4-1867 e 17-5-1871, do qual descende meu caro amigo doutor Cesar Salgado, procurador do Estado. Seu palácio era suntuoso e de grandes proporções, não tendo, infelizmente, restado senão pouco do antigo esplendor interior. Faleceu em São Paulo a 19 de abril de 1879. Era seu contemporaneo e parente o 1º barão com grandeza de Pindamonhangaba (Manuel [illegible] Oliveira e Mello) — decretos de 15-11-1846 e [illegible] — também grande fazendeiro, tendo sido coronel do 1º esquadrão da Guarda de Honra, acompanhando, como tal, a S. M. o imperador dom Pedro I, [illegible] do grito do Ipiranga. Reveador de S. M. a Imperatriz. Casou-se em 1817 [illegible] Maria Justina do Sucesso, filha do barão de Paraibuna

em [illegible] com dona Maria Angelina de Siqueira, viuva do capitão Rafael José Machado, não tendo deixado geração [illegible] matrimonios. Faleceu em 6 de agosto de 1863. O 2º barão e visconde com grandeza de Pindamonhangaba (Francisco Homem de Mello) — decretos de 6-7-1867 e 22-1-1877 — também foi fazendeiro. Seu filho, o barão de Homem de Mello (Francisco Inacio Marcondes Homem de Mello) — decreto de 4-7-1877 — homem politico de [illegible] grandeza e intelectual de renome, contentou-se com a herança fazendaria de seu pai, não obstante ser grande empreendedor: diretor do Banco do Brasil e presidente da estrada de ferro São Paulo-Rio de Janeiro.

O barão e visconde de Palmeiras (Antonio Salgado da Silva) — decretos de 16-2-1867 e 13-8-1887 — falecido em 1888, casou-se em 1835 com sua sobrinha dona Maria Bicudo Salgado, filha de Inacio Bicudo de Siqueira Marcondes e de sua esposa dona Francisca Salgado da Silva. Também foi grande



[illegible] de Paraiba

fazendeiro. Sua filha, dona Antonia Salgado da Silva, foi baronesa de Lessa por seu casamento com seu primo o barão de Lessa (Eloy Bicudo Varella Lessa) — decreto de 20-6-1887 — tendo se dedicado à lavoura cafeeira como seus pais.

O barão com grandeza de Paraibuna (Custodio Gomes Varella Lessa) — decretos de 6-11-1850 e 16-5-1851 — faleceu em Pindamonhangaba em 1855. Casou-se em 1790 com dona Florinda Maria Salgado (natural de Lessa), e, em segundas nupcias, com dona Benedita Bicudo Salgado, que foi agraciada com o titulo de viscondessa de Paraibuna — decreto de 18-6-1887 — (depois de viuva do barão do mesmo titulo) e continuou com dedicação o trato das propriedades agricolas deixadas por seu marido. Eram pais do barão de Lessa, e, por seu primeiro matrimonio era o barão pai do barão de Pindamonhangaba.

O barão de Paraitinga (Manuel Jacinto Domingues de Castro) — decreto de 17-5-1872 — nascido em São Luís do Paraitinga, em 1810, casou-se com dona Maria Justina de Gouvea Castro. Tinha grande [illegible] politica em seu distrito e, sobretudo, dis[illegible] tuna devida às suas fazendas.

O barão de Romeiro (Manuel Inacio Marcondes Romeiro) — decreto de 31-1-187[illegible] — falecido em Pindamonhangaba em 1890, casou-se com dona Mariana Marcondes Cabral, e, em segundas nupcias, com dona Mariana Marcondes de Oliveira Cesar, filha de Antonio de Oliveira Cesar e de sua esposa dona Maria Angelica de Oliveira Cesar. Foi importante lavrador e capitalista.

O barão de Taubaté (Antonio Vieira de Oliveira Neves) — decreto de 18-7-1877 — nascido em Taubaté em 1815, casou-se em 1844 com dona Francisca Marcondes de Oliveira Cabral, tendo sido importante lavrador de café em Pindamonhangaba, dispondo de avultada fortuna [illegible] obras pias.

O 1º barão com grandeza de Jacarei (Bento Lúcio Machado) — decretos de 6-12-1849 e 2-12-1852 — nascido em 1790, não só foi grande fazendeiro como homem de negócios, deixando avultada fortuna e grande número de obras de caridade, vivendo vida fidalga e discreta. O 2º barão de Jacarei (Licinio Lopes Chaves) — decreto de 20-8-1889 — era filho do 1º barão de Santa Branca (Francisco Lopes Chaves) — decreto de 23-12-1887 — todos igualmente fazendeiros de café.

O barão e visconde de Tremembé (José Francisco Monteiro) — decreto de 30-5-1867 e 7-5-1887 — casou-se com dona Maria Belmira de França Monteiro, irmã do barão de Araujo Ferraz. Era o visconde irmão do visconde de Mossoró. Ambos, ricos fazendeiros, tendo esplendidas casas. O barão de Araujo Ferraz (Francisco Inácio de Araujo Ferraz) — decreto de 17-6-1882 — casado com sua sobrinha dona Francisca Belmira de França — foi negociante e comissário de café no Rio de Janeiro e diretor do Banco do Brasil. Quanto ao barão e visconde de Mossoró (José Felix Monteiro) — decretos de 25-7-1877 e 16-10-1888 — casado com dona Mariana Augusta Varella Monteiro — negociante em São Paulo, dono de grande fortuna, foi um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios, pois era homem esclarecido visando o aperfeiçoamento técnico dos trabalhadores.

O barão de Novaes (Elias Dias de Freitas Novaes) — derradeiro titular do Império, por decreto de 15 de novembro de 1889, data da proclamação da república — nascido na provincia de São Paulo em 20 de julho de 1838, faleceu no Rio de Janeiro a 20 de julho de 1915. Foi grande comerciante e industrial, dirigindo várias empresas industriais e fazendeiras. Seu filho, o major Manoel de Freitas Novaes, herdeiro da sua magnifica fazenda "Boa Vista" em Cruzeiro, ainda conservou, na sua imensa "casa grande" os apartamentos que serviram SS. MM. II. dom Pedro II e dona Teresa Cristina. O mesmo arranjo, a mesma decoração, o mesmo toque de respeito e alegria se conservou depois da monarquia deposta, nesses aposentos de suas majestades. No lago do parque, o bote com que brincavam os jovens principes ficou perpetuamente ancorado.

3. CAMPINAS — PRINCESA DO OESTE

Nos antigos títulos da velha Campinas cafeeira, destaca-se o barão de Cascalho (José Ferraz de Campos) — decreto de 14-8-1867 — nascido em Itu e falecido em 24 de setembro de 1869. Casou-se com dona Umbelina de Camargo (na então vila de São Carlos, depois Campinas) filha de Antonio Pompeu de Camargo Penteado e de sua mulher dona Ana de Arruda Campos. Foi importante fazendeiro em Campinas e Limeira sendo a sua séde a fazenda Cascalho. Foi pai do barão de Monte Mór, e do barão de Porto Feliz. O barão de Monte Mór (José Bonifácio de Campos Ferraz) — decreto de 22-7-1874 — faleceu em Campinas em 1884, tendo se casado, em 1839, na vila de São Carlos, com dona Francisca e Paula Andrade, não tendo deixado geração. O barão de Porto Feliz (Candido José de Campos Ferraz — decreto de 6-11-1887 — falecido em Rio Claro em 1880, tendo se casado com dona Francisca Dias de Toledo, filha de Antonio Dias de Toledo e de sua mulher dona Miquelina de Assumpção. Foi opulento fazendeiro e proprietário no município de Rio Claro e de Limeira, tendo sido um dos primeiros a iniciar a criação de colônias agricolas, fundando a Colônia de Boa Vista. Foi chefe do Partido Conservador.

O barão de Piracicamirim (Antonio de Barros Ferraz) — decreto de 25-9-1889 casado com dona Rita Ferraz, filha de José Ferraz de Campos e de sua esposa dona Maria da Anunciação Camargo, também foi fazendeiro.

Há um entrosamento de familias fazendeiras de Porto Feliz, Tieté, Itu, Campinas, que figuram nos fastos da nobiliarquia. O barão de Almeida Lima (Manuel Bernardino de Almeida Lima) decreto de 28-2-1885 — (fazendeiro em Tieté e Capivari) nome unido à sociedade paulistana, liga-se a uma série de grandes agricultores, como seu cunhado, o barão de Atibaia (irmão de sua mulher e prima, dona Ana Jacinta de Arruda), Joaquim Antonio de Arruda (cujo titulo foi criado em 15-11-1862). Fazendeiro na região de São Carlos, casou-se em 1841 com dona Gertrudes Leopoldina Soares, irmã do barão de Paranapanema, (Joaquim Celestino de Abreu Soares) — decreto de 15-9-1887 também foi rico fazendeiro, possuindo esplendida mansão. A baronesa de Paranapanema faleceu a 22-5-1931, desaparecendo, com ela, a ultima titular do Imperio em Campinas. A. Teodoro de Sousa Campos, in "Monografia de Campinas", pág. 284).

Parente do barão de Almeida Lima era o barão de Jarão (dr. Joaquim José de Assumpção) — decreto de 25-10-1888 — natural de Tieté, da linha dos Assumpção de São Paulo (todos meus amigos, entre os quais Paulo de Assumpção - que não é fazendeiro - cuja esposa, dona Fifi Lebre de Assumpção, símbolo de elegância e de bom gôsto, é primeira "hostess" de São Paulo, tendo seus avós, os condes de São Joaquim, tido esplendidas fazendas).

O barão de Anhumas (Manoel Carlos de Sousa Aranha) — 25-9-1889 — foi rico fazendeiro em Campinas. Casado com sua prima dona Ana Teresa de Sousa Aranha, era, pois, cunhado do marquês de Três Rios, que foi barão, visconde, conde e marquês dêsse título, por decretos de 14-7-1872, 19-7-1879, 16-2-1880 e 7-5-1887, respectivamente. Era o marquês dono de grande fortuna, e o seu solar foi a primeira sede da Escola Politécnica. Tenho no fardim de inverno de minha residência um velho lampião que pertenceu a uma das suas fazendas em Amparo, e que foi vendida. Falecido aos 80 anos, em 1901, vem o seu enterro descrito pelo "Comércio de São Paulo", então dirigido por Eduardo Prado, tendo saído o solenissimo cortejo da rua do Carmo para a Consolação por um trajeto que levou três horas a ser percorrido. Em primeiras núpcias foi casado com dona Ana Cecilia da Silva, e, em segundas, com dona Maria Hipolita, baronesa viuva de São João do Rio Claro e filha do barão de Itapetininga e de sua primeira mulher dona Ana Eufrosina Mendes. Além de abastado fazendeiro, foi várias vêzes deputado provincial, gozando de enorme prestigio. O barão de São João do Rio Claro (26-11-1856) — Amador Rodrigues de Lacerda Jordão — também foi fazendeiro, e sua esposa, dona Maria Hipolita dos Santos, era filha de fazendeiro, pois o barão de Itapetininga (Joaquim José dos Santos Silva, conhecido antes por "cadete Santos") — decreto de 7-6-1864 — também foi fazendeiro, notabilizando-se, porém, por uma chacara que possuia no vale do Anhangabaú. Das suas primeiras núpcias teve uma única filha, a futura baronesa de São João do Rio Claro e, depois, marquêsa de Três Rios; das segundas, com dona Cerina de Sousa Castro, teve uma filha, dona Antonia dos Santos, que se casou com Eduardo Prates, que depois veio a ser conde pontificio e também fazendeiro, e, até fins do primeiro quartel do século XX, teve uma das maiores fortunas de São Paulo, tendo doado o vale do Anhangabaú à Municipalidade (que em sinal de gratidão até hoje nem sequer colocou uma placa no local). A sua fazenda Santa Gertrudes, admirava os estrangeiros. Manuel Bernardez, que em 1908 publicou um livro "El Brasil, su vida, su trabajo, su futuro", embora habituado às grandes "estâncias" argentinas que foram (e ainda o são) o que de mais grandioso há em matéria rural e social (meu pai — que era uruguaio — tinha sete estâncias no norte do Uruguai e na Argentina), dizia ser "la más considerable del Estado, pues tiene una explotación de un millón de plantas de café". Naquele tempo era "rei do café" o coronel Fredecico Schmidt; depois foram os Junqueiras, e, atualmente, leva vantagem a todos o gigante Geremia Lunardelli. Mas a fazenda do conde de Prates, se não era a do "rei do café" era um primor de conservação, de modernidade, de instalações, de esplendor, também criando-se lá cavalos de raça, como os das Ardennes, os Percherons, e gado excelente. A baronesa de Itapetininga, enviuvando em 11-7-1876, casou-se com o barão de Tatuí (Francisco Xavier Paes de Barros, — decreto de 19-8-1879 — que foi grande fazendeiro em São Paulo. Tanto os Barros, quanto os Paes de Barros ou Moraes Barros, sempre foram fazendeiros. Os Paes de Barros formam verdadeiras dinastias — a uma delas pertence pelo lado materno meu queridissimo amigo Fernando Nobre, o XI da "Fernandada", como diz, sendo seu gracioso e varonil netinho XIII dessa linhagem, poderia citar ainda meu saudoso amigo Renato Paes de Barros e tantos outros. Nascido em Sorocaba, em 26 de maio de 1831, faleceu o barão de Tatuí em São Paulo em 8 de dezembro de 1914, naquela suntuosa e enorme residência da alameda Cleveland. Casou-se em primeiras núpcias com sua prima dona Gertrudes de Aguiar Paes de Barros, filha do 1º barão de Itu (Bento Paes de Barros) — por decreto de 12-10-1848. O barão de Itu fazia parte do maior grupo dos mais abastados fazendeiros de São Paulo, pois na sua familia a agricultura sempre foi marcada tradição. Faleceu em Itu, em 1858, sendo casado com dona Leonarda de Aguiar. Seu filho, que foi 2º barão de Itu, visconde, conde e marquês do mesmo titulo — decretos de 31-8-1880, 7-3-1885 e 7-5-1887, respectivamente — foi ainda mais rico que o pai, e grande fazendeiro. E' sumamente evocador contemplar de longe as fazendas da região de Itu, com seus muros, a casa grande, a capela, a senzala, as grandes e velhas árvores, tudo refletindo grandeza e tempo. Estive várias vêzes em Itu, as primeiras, hospede de Francisco de Paula Leite, indo com seu sogro, meu saudoso amigo Ariovaldo Amaral, nascido nessa tradição maravilhosa. Casado com sua prima, dona Antonia de Aguiar Barros, filha do 1º barão de Piracicaba, continuou a tradição paterna de explorar o sertão paulista, tendo rasgado florestas até então indevassadas, servido por grande escravaria. Seu sogro, o 1º barão de Piracicaba (Antonio Paes de Barros) — 2-12-1854 - sem dúvida é o patriarca do café na então Provincia de São Paulo, em sua fazenda de São João do Rio Claro. Nessa época era o café o

[illegible] de ANTONIO DE ALVARES PENTEADO

rico veio de ouro da fortuna de São Paulo e de tal monta foram os trabalhos agricolas e o desenvolvimento da prosperidade de regiões antes abruptas e inacessiveis, que o 1º barão de Piracicaba (que foi várias vêzes deputado ao Legislativo provincial), foi o primeiro a apresentar um projeto para a construção de uma estrada de ferro ligando a capital de São Paulo a Rio Claro, prevendo a enorme importância que esta última cidade — então vila — teria no parque ferroviário do Estado e do Brasil. Nascera em São Paulo, a 4 de março de 1791 e faleceu em 11 de outubro de 1876, também em São Paulo. Seu filho, o 2º barão de Piracicaba (Rafael Tobias de Aguiar Paes de Barros) — decreto de 31-12-1889 — casou-se em primeiras núpcias com dona Leonarda de Aguiar de Barros, e, em segundas, com dona Maria Joaquina de Melo Oliveira, filha do Visconde do Rio Claro (José Estanislau de Oliveira). Foi importante lavrador no município de Itu, sendo ainda banqueiro e filantropo. Construiu soberbo palácio em São Paulo, na antiga rua Alegre (hoje Brigadeiro Tobias) o que tinha os mais grandiosos portões e grades de ferro fundido, talvez do Brasil. Seu filho, João Oliveira de Barros, mostrou-me esplendida mobilia que ornava uma das salas do palácio e deu-me algumas fotografias. O visconde do Rio Claro, seu sogro (decreto de 25-3-1849) foi 1º barão de Araraquara (decreto de 30-5-1867) e também importante fazendeiro na região de Araraquara, continuando a tradição seu filho, o 2º barão de Araraquara (Estanislau de Oliveira) — decreto de 28-2-1885 — sendo esclarecido fazendeiro em Anapolis, destacando-se a extensão das suas propriedades.

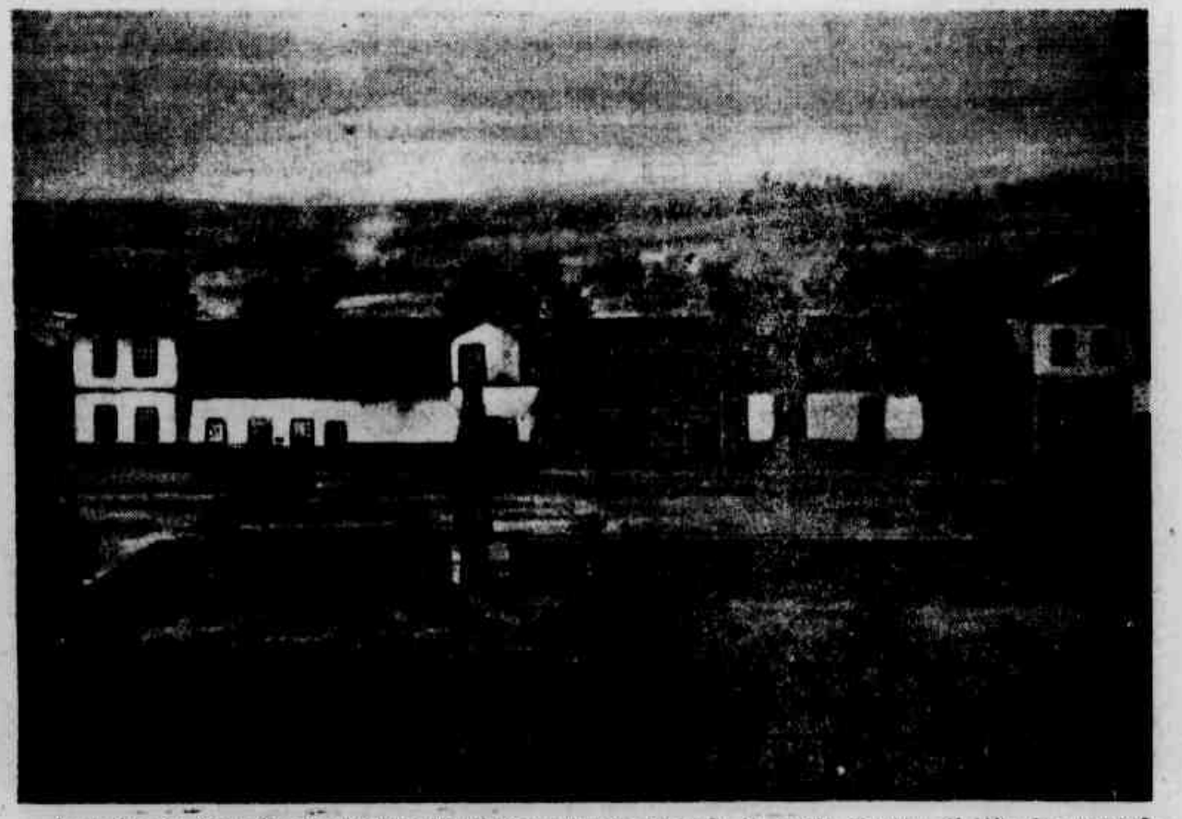
A marquesa de Santos (dona Domitila de Castro Canto e Melo) — decreto de 16-10-1826 — e viscondessa com grandeza - decreto de 15-10-1825 — filha dos 1ºs viscondes de Castro e irmão do 2º visconde do mesmo titulo e da baroneza de Serocaba, nascida em São Paulo em 27 de dezembro de 1797 e ai falecida no seu secular palacio, na rua do Carmo, ainda hoje existente, em 1867. Depois de viuva de Felicio Muniz Pinto Coelho de Mendonça, casou-se com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, nascido em Serocaba em 1793, e foi por êsse casamento, grande fazendeira possuindo entre outras uma fazenda em São Paulo, no Anastácio. Note-se que Sorocaba é a cidade que deu os maiores fortunas do Brasil, ultimamente. Seus descendentes, continuaram essa tradição de esplendor e riqueza. Sua irmã, que se casou com Boaventura Delfim Pereira, que veio a ser barão de Sorocaba por decreto de 12-10-1826, não teve tão vastas propriedades pois seu marido foi mais superintendente geral das quintas e fazendas imperiais. Tampouco sua filha, a condessa de Iguassu (filha legitima do imperador Dom Pedro I) foi fazendeira. Seu marido foi o conde de Iguassu (Pedro Caldeira Brant) — decreto de 2-12-1840, sob a Regência, pois Dom Pedro I era falecido — nascido em 1814 e falecido em 1884, era filho dos marquêses de Barbacena. Seu pai, o 1º visconde de Castro com grandeza (João de Castro Canto e Melo) — decretos de 12-10-1825 e 12-10-1826 — casado com dona Escolastica Bonifácia de Toledo Ribas (nascido em 1740 e falecido em 1826 em São Paulo) no fim da vida foi apenas homem de côrte, fidalgo cavaleiro da Casa de S. M. Fidelissima, gentil-homem da Imperial Camara, Monteiro-mór e camarista de S. M. o imperador Dom Pedro I. Seu irmão, o 2º visconde de Castro com grandeza (João de Castro Canto e Melo) — decreto de 12-10-1827 — nascido em São Paulo em 1778 faleceu em Porto Alegre em 1853 e se casou com dona Inocência Laura Vieira de Azambuja, foi apenas militar. Mas, a marquesa, gostava do campo, e dirigia admiràvelmente tudo; apreciava os cavalos, e pessoalmente incentivou a criação do Derby Club de São Paulo. Sua coleção de objetos de prata se tornou tão famosa quanto o esplendor da sua vida e o seu prestigio. A familia Tobias de Aguiar foi dona de imensos cabedais, como se revela pelas suntuosas residências que teve em São Paulo, principalmente na rua Alegre e campos da Luz. Teve a marquesa mais um filho, que faleceu criança e duas filhas, a duquesa de Goiás (4-7-1826). Sua Alteza a senhora dona Isabel Maria de Alcantara Brasileira, nascida em 1834 e falecida em 1867, e a duquesa de Ceará por decreto imperial no dia do seu nascimento a 13-8-1827 — dona Maria Isabel de Bragança, falecida em 25 de outubro de 1828 (êsses dois ducados, o de Caxias e o de Santa Cruz — um cunhado de Dom Pedro I — são os quatro únicos concedidos pelo Império).

4. DE ESPLENDOR A ESPLENDOR

O barão de Araras (Bento de Lacerda Guimarães) — 7-5-1887 — foi grande fazendeiro no município de Araras. Dentre seus filhos, dona Ana de Lacerda Guimarães casou-se com Antonio Alvares Leite Penteado, que depois foi conde pontificio em 1908 pelo papa hoje santo Pio X, e que foi importante fazendeiro, verdadeiro desbravador dos sertões paulistas, indo rasgar fazendas em lugares invios, tendo deixado imensa fortuna, a maior de São Paulo, — senão a maior do Brasil na data do seu falecimento em Paris, em 1912. A baronesa de Araras, com seu marido dotou de um patrimônio a capela de N. Sra. do Patrocinio de Araras, cidade da qual são fundadores. Dentre seus filhos, genros e netos ficou a tradição da cafeicultua. O barão de Araras, era irmão do 2º barão de Arary (José de Lacerda Guimarães) — decreto e 7-5-1887 — casou-se em segundas núpcias com sua sobrinha dona Maria Dalmácia de Lacerda Guimarães, que faleceu aos 102 anos em 1952. Era também abastado fazendeiro, e, à sua morte, sua viuva continuou e desenvolveu de tal forma as plantações de café que contavam-se por milhões os pés da preciosa rubiacea, cultivados pelos mais adiantados processos.

O conde Antonio de Alvares Penteado, nascera em Mogi Mirim a 3 de fevereiro de 1854. A sua fazenda Palmares, em Casa Branca, era uma das mais ricas de São Paulo, tendo mais de 200 familias de colonos, pois antes de 1888 já era um verdadeiro modelo, tendo substituido o braço escravo por colonos, dotando-a de maquinismos agricolas e também criando gado. Não mais se ouviria dizer aí "vou te vender pra serra acima" que significava vender o escravo para Campinas e adjacencias, pois a senzala nessa região era dura. Também foi, ao seu tempo, o maior defensor do café no mercado estrangeiro, sobretudo quanto às especulações feitas à sombra da "lei Shermann". Quanto às artes, deixou tradição entre seus filhos, dos quais, meu amigo o conde Silvio Penteado, que também é fazendeiro, fez construir o teatro Sant'Ana (seu pai possuia outro do mesmo nome na então rua Boa Vista, hoje 3 de dezembro, e que foi demolido), em 1920, e é um alto atestado, nos nossos dias, de quanto pode um "grand seigneur" resistir aos embates do mercantilismo atual, pois êsse teatro, em pleno coração de São Paulo, não deve dar senão prejuizos, sendo mantido, embora seu terreno seja precioso. Seu irmão, deixou sua fortuna ao Museu de Arte de São Paulo, e, tanto o conde Antonio, quanto o conde Silvio,

A magnifica séde da fazenda Anhumas, em Campinas (aquarela de J. C. Mendes).



A grandesa da "Casa das Maquinas" da fazenda Santa Ursula, do barão de Ataliba Nogueira dá idéia das proporções propriedade agricola (aquarela de J. C. Mendes).

ILEGÍVEL

doaram (em moeda atual) mais de cem milhões a obras de cultura. Mantem o conde Silvio, o magnifico "haras" de Tamboré, no sitio historico de Barueri, onde há uma secular aldeia de indios. Nessa região, também a marquesa de Santos possuia uma fazenda chamada Vacaria.

Migo Mirim parece ter sido fadada à elegancia dos seus titulares, cujas familias sempre ostentaram grande padrão de vida, alternando-a com longas temporadas na Europa, sobretudo Paris, e a sua fazenda da Barra, como fazia. Assim, o barão de Pirapitingui (José Guedes de Souza) — decreto de 7-5-1887 — casado com dona Carolina Alves Guedes, filha de Antonio Alves de Almeida Lima e de sua primeira esposa dona Maria Emilia de Toledo, irmã da baronesa de Ibitinga, era importante fazendeiro em Mogi Mirim, Santa Rita do Passa quatro, com terras no Paraná, tendo por duas vezes hospedado em sua casa S. M. I. o senhor dom Pedro II e a imperatriz dona Tereza Cristina quando de sua visita àquela cidade. Deixou grande fortuna, e, das suas quatro filhas, todas da minha grande estima, dizia com razão meu saudoso amigo José Luis Barbosa de Oliveira "dona Olivia (dona Olivia Guedes Penteado) foi rainha" (teve o mais requintado salão da República em São Paulo, patrocinando as artes, especialmente a arte moderna), "dona Betitta (dona Albertina Guedes Nogueira) — é princesa" (extraordinaria pela sua gentileza e sua imensa e variada cultura), "dona Zitta (dona Zitta Guedes Galvão) é duquesa" (pelo natural encanto de toda a sua natural fidalguia, mantendo aberto seu incomparavel salão parisiense), e, "dona Mira (dona Altimira Guedes Penteado) é santa" (penso que nada pode superar a pureza de sentimentos religiosos e caridade desta senhora excepcional que é a propria bondade personificada). Mais do que todas as heranças da opulencia agricola, o barão de Pirapitingui deixou uma herança viva das mais belas que se transmitiu, felizmente a seus descendentes, filhos e netos ilustres, dentre os quais Fernando Galvão, dona Georgina Galvão Vicente de Azevedo, dona Maria Penteado de Camargo - que continua a tradição de arte e elegancia de sua saudosa mãe, dona Carolina Penteado da Silva Teles, mãe de doutos filhos, meus amigos.

O barão de Socorro (Luis de Souza Leite) — decreto de 16-8-1888 — nascido em Mogi Mirim, em 1848, casado com dona Deolinda de Sousa Arantes, foi abastado fazendeiro no municipio de Amparo, e, como vereador, deu liberdade a todos os seus restantes escravos, em numero de 56. Foi feito barão por justiça do Imperador, pois não tinha apêgo à monarquia, tanto que, no advento da República, "resignou o titulo" e aceitou varios cargos publicos (dizem os barões de Vasconcelos).

O barão de Atalíba Nogueira (João de Atalíba Nogueira) — decreto de 20-6-1888 — também foi importante fazendeiro em Jaguari, sendo uma das maiores fortunas da Provincia. Foi o criador da Estrada de Ferro Mogiana, da Cia. Mac Hardy e Banco dos Lavradores, e tomou a iniciativa de grandes empreendimentos que demandavam grandes capitais e larga visão. Entre outras propriedades tinha a fazenda Santa Ursula. O barão nasceu em 1834, e casou-se em 1864 com dona Luisa Xavier de Andrada, filha do capitão Camilo Xavier Bueno da Silveira. Levava uma vida de esplendor ao lado da mais perfeita e natural simplicidade. Quando da queda do Imperio, o barão e a baronesa retiraram-se para Paris, onde levaram vida senhorial, e tão esplendida eram a sua residencia e a sua convivencia, que era, de fato, chamada "embaixada do Brasil", pois ofuscava a embaixada oficial (então Legação). O barão é avô do meu querido amigo o ilustre catedratico de Direito, professor doutor José Carlos de Ataliba Nogueira, nome que reflete uma tradição magnifica. Dona Ursula, filha dos barões de Ataliba Nogueira, conserva na fazenda paterna precioso acêrvo de recordações; sua irmã, dona Gulomar de Ataliba Penteado, é mãe de dona Yolanda Penteado Matarazzo, que possui em Campinas a bela fazenda Empyreo; dona Camila de Ataliba Nogueira, filha dos barões desse apelido, casou-se com o doutor Luis Albino Barbosa de Oliveira, 2º filho do Conselheiro Albino Barbosa de Oliveira, presidente do Supremo Tribunal do Imperio, e tio de Ruy Barbosa (que se chamava Ruy Barbosa de Oliveira). Os Barbosa de Oliveira também foram abastados fazendeiros em Campinas, e a sua fazenda Rio das Pedras tornou-se celebre centro de elegancia, uma pequena côrte, e, por vezes, a própria côrte. Nela ainda se encontram preciosidades historicas, como um esplendido retrato do conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, pintado em 1856 por Berandier. Meu saudoso amigo Albino Barbosa de Oliveira, proprietario dessa fazenda (Falecido em 5 de março deste ano) tinha muito

D. Veridiana Prado

carinho por essa soberba herdade, e fui seu hospede algumas vezes; uma delas alojaram-me no "quarto do primo Ruy", guardando de tudo ótima lembrança. Moços fidalgos da Casa Imperial, os Barbosa de Oliveira também pertencem — alem da aristocracia do sangue — a essa chamada "aristocracia do café" que tanto honra nossas tradições de trabalho e de amor à terra. O conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira era casado com dona Isabel Augusta de Sousa Queiroz, filha de Francisco Antonio de Sousa (irmão do brigadeiro Luis Antonio) que, vindo para São Paulo, se casou com dona Isabel Inácia da Conceição. Este, era filho de José Luis de Sousa Queiroz e de sua mulher e prima dona Ana Maria de Macedo Sousa Queiroz. Cabe lembrar que todos os membros da familia Sousa Queiroz tiveram ou têm fazenda.

Temos assim feito, por Francisco Antonio de Sousa Queiroz, a ligação de parentesco dessa com outras grandes familias também de fazendeiros em São Paulo, como os Ribeiro de Rezende, os Costa Pinto, os Costa Carvalho, os Silva Prado, os Conceição, os Serra Negra, os barões de Rezende, os Penteado, os barões de Limeira, os Vergueiro e muitas outras que se destacaram na cultura do café.

O barão da Limeira (Vicente de Sousa Queiroz) — decreto de 1-2-1847 — nascido em São Paulo em 1813 e falecido em Baependi, em 1872, era filho do brigadeiro Luis Antonio de Sousa e de dona Genebra de Barros Leite. Foi importante fazendeiro e dono de grande fortuna, dedicando-se a obras de beneficencia. Era irmão da marquesa de Valença e do barão de Sousa Queiroz. Este último (Francisco Antonio de Sousa Queiroz), barão com grandeza por decreto de 14-10-1874, casou-se em 1833 com dona Antonia Eufrosina Vergueiro, filha do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Nascido a 8 de dezembro de 1806 em São Paulo, falecido em 4 de julho de 1891. Seu pai, o brigadeiro Luis Antonio, que então era tido como a primeira fortuna da Provincia, ao falecer, deixou-lhe importantes propriedades agricolas que, sob sua inteligente administração, contribuiram muito para o progresso da Provincia. Quanto ao seu cunhado, o senador Nicolau de Campos Vergueiro, visconde de Vergueiro por decreto de 31-12-1880, casou-se com sua sobrinha dona Agueda Faro Vergueiro, neta do 1º barão do Rio Bonito e irmão do 3º barão do mesmo titulo (ambos do Rio de Janeiro). Foi comerciante e fazendeiro. O irmão do visconde, comendador José Vergueiro, reconstruiu a antiga estrada de Santos, que passou a ser chamada estrada Vergueiro, desde 1864. Quanto ao senador Vergueiro, com seus filhos José, Nicolau e Antonio de Freitas Caldas (seu genro) fundou a firma Vergueiro e Cia. Com o fito de fazer colonização, tendo dado inicio aos trabalhos em julho de 1847, na sua fazenda de Ibicaba, onde fundou a colonia Vergueiro, fazendo o mesmo na sua fazenda Angelica, tendo nesta 350.000 pés de café, e, na outra, 1.250.000. Realizou o mesmo noutras fazendas, sendo a sua fazenda de Ibicaba um modelo, tendo nela se hospedado dom Pedro II e dona Tereza Cristina; dona Isabel e o conde d'Eu, o naturalista Sellow, Costa Carvalho, Kidder, Flechter, Libero Badaró, Hercules Florence, o principe Henrique da Prussia (irmão do imperador Guilherme II) o marquês de Paranaguá, o conselheiro João Alfredo, o prof. Garceix, diretor da Escola de Minas, Jong-king-sing — embaixador da China; Antonio Prado, o barão Homem de Mello, Vitor Meireles, Marcel Monnier — membro da Sociedade de Geografia de França; ministros, embaixadores e outras pessoas gradas.

Outro titular do Imperio também fazendeiro em São Paulo foi o 1º barão de Campinas (Bento Manuel de Barros) — decreto de 21-9-1870. A 2ª baronesa de Campinas, dona Maria Luisa de Sousa Aranha — decreto de 9-1-1875 — também foi grande fazendeira. Em 1817, casou-se com o coronel Francisco Egidio de Sousa Aranha, seu primo-irmão, que, com seu irmão Pedro Aranha foi o iniciador do plantio de café na então vila de São Carlos, hoje cidade de Campinas. Foram pais do marquês de Três Rios e da baronesa de Itapura (dona Libania de Sousa Aranha). A baronesa de Campinas tinha sido agraciada com o titulo de viscondessa de Campinas por decreto de 19-7-1879, mas, constando a mesma ter falecido, o decreto foi arquivado, dizem os barões de Vasconcelos.

O barão de Itapura (Joaquim Policarpo de Sousa Aranha) — decreto de 19-1-1883 — seu genro, também foi grande e abastado fazendeiro em Campinas. Possuia a fazenda Chapadão e muitas terras. Da sua opulencia resta ainda o palácio que fez construir, hoje sede das Faculdades Campineiras, e onde, há doze anos, quase consecutivamente, sempre tive um pequeno apartamento, para quando, uma vez por semana, vou àquela cidade para as aulas nas duas Faculdades em que leciono. A fachada é em lindo estilo Luís XIV, e o salão nobre ainda ostenta magnifico e pesado lustre de cristal da Boêmia. E' tão bem construido esse palácio, que suas dependencias, nos dias quentes são frescas, e, nos dias frios, são tépidas. Meu quarto é assim, e, embora não seja como o de minha casa, com minha cama georgeana, é delicioso lá dormir. O palácio foi generosamente doado às Faculdades Campineiras pela unica filha dos barões de Itapura, dona Isolete de Sousa Aranha.

5. CAMPINAS E ARREDORES

O 2º barão de Campinas (Joaquim Pinto de Araujo Cintra) — decreto de 13-8-1889 — nascido em Atibaia, alem de magistrado, foi fazendeiro, e, da sua esplendida fortuna, fez dadivoso uso, tendo fundado o Hospital Ana Cintra. Seu parente, o barão de Cintra (José Joaquim da Silveira Cintra) — decreto de 26-11-1887 — nascido em Mogi Mirim, foi opulento fazendeiro, deixando imensa fortuna, e levando grande estado de vida.

O barão Geraldo de Rezende (Geraldo Ribeiro de Sousa Rezende) — decreto de 19-6-1889 — era filho do marquês de Valença, Estevão Ribeiro de Rezende, primeiro "ministro itinerante" de dom Pedro I, a quem acompanhou a Minas, e de sua mulher dona Ilidia Mafalda de Sousa Queiroz de Rezende. O barão Geraldo de Rezende casou-se com sua prima dona Maria Amelia Barbosa de Oliveira, filha do conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira e de sua mulher dona Isabel Augusta de Sousa Queiroz. Era um dos maiores fazendeiros de Campinas, sendo a sua fazenda Santa Genebra (em França) citada como modelo de cultura e adiantamento. A sua fortuna era imensa. Era irmão da condessa de Cambolás e da marquêsa de Palarim (na França). Seu irmão, o 2º barão de Rezende (Estevão Ribeiro de Sousa Rezende) — decreto de 7-5-1877 — nascido em Piracicaba a 19 de agosto de 1840, casou-se com dona Ana Candida da Conceição, filha do barão de Serra Negra. Era um dos mais prosperos fazendeiros de Piracicaba. A sua casa foi esplendida, tendo, em 1886, hospedado S. M. o Imperador dom Pedro II e SS. AA. II. a Senhora Princesa Imperial dona Isabel e seu esposo o marechal conde d'Eu. Quando fui hospede da magnifica chacara Nazaré, em Piracicaba, propriedade de meu amigo Jorge Pacheco e Chaves (cuja familia também possuia fazendas magnificas; e seu pai, Elias Pacheco e Chaves, construiu, para sua residência, o palácio dos Campos Eliseos, hoje, sede do Governo paulista) tive ocasião de visitar a baronesa de Rezende, naquela mesma casa aristocratica da fazenda Monte Alegre, rodeada de jaqueiras centenarias. Era famosa a chacara São Pedro, e a cultura dessa familia era extraordinaria: a mesa da biblioteca, estava coberta de revistas estrangeiras. Ao lado da cultura, a caridade era profunda e viva, e o sanatorio São Luis, de Piracicaba, e a igreja da Imaculada Conceição, são disso atestado. Cultivava-se nessa fazenda, não só o café, mas também o açucar, sendo o Engenho Central, de Vila Rezende, o mais adiantado do Estado. Seu sogro, o barão de Serra Negra (Francisco José da Conceição) — decreto de 17-5-1871 — nasceu em Piracicaba (então vila da Constituição), aí falecendo em 1900 na sua fazenda Rio das Pedras. Além de rico comerciante, era abastado fazendeiro, tendo sido o primeiro agricultor a introduzir aperfeiçoados aparelhos para beneficiar o café, alem de modernos arados. E sua faina agricola não se detinha no café; além de outras culturas, foi o primeiro plantador de algodão no seu municipio. Riquissimo, extremamente caridoso, levava também vida de grande opulencia, tendo por duas vezes hospedado SS. AA. II. a Senhora Princesa Imperial dona Isabel e seu esposo o marechal conde D'Eu. Seu filho, o conde de Serra Negra (Manoel da Conceição) — titulo pontificio — foi o "rei do café" do seu tempo, indo abrir fazendas nos confins do Estado, onde não chegavam as estradas de ferro. Foi um verdadeiro pioneiro. Gastou muitos milhões de cruzeiros na propaganda gratuita do café do Brasil na Europa para onde se mudou com seus filhos e sua esposa, a nossa querida amiga condessa de Serra Negra que, ajudando-o nas exposições em Bruxelas, Paris e Londres, traduziu para o francês o livro do conde de Afonso Celso "Por que me orgulho do meu país" presenteando visitantes ilustres com um exemplar. Aliás, é dona de invulgar cultura, tendo 40 volumes escritos sobre mulheres ilustres. Dentre suas fazendas, destacava-se a de Vila Vitória, em Botucatu, que a condessa manteve até [illegible]ra.

O barão e visconde de Indaiatuba (Joaquim Bonifacio do Amaral) — decretos de 16-2-1876 e 19-7-1879 — nascido em São Carlos em 1815, foi um dos mais adiantados fazendeiros de café. Casou-se em 1839 com sua sobrinha dona Ana Guilhermina Pompeu do Amaral. A sua fazenda Sete Quedas foi famosa pela sua opulencia e pela beleza das suas linhas, os seus muros, a senzala, tudo o que caracteriza uma grande e linda fazenda, em meio a uma vegetação admiravel, tendo por duas vezes hospedado SS. MM. II. Uma filha do barão de Mota Paes (José Ribeiro de Mota Paes) — decreto de 23-12-1877 — nascido na Bahia, e irmão do barão de Camanducaia — dona Lucinda, casou-se com um sobrinho do visconde de Indaiatuba. O barão também foi agricultor nessa região, deixando, ao falecer em 19 de dezembro de 1915, em Espirito Santo do Pinhal, magnificas fazendas, algumas das quais passaram a seus netos, e [illegible], Mota e Silva do Amaral.

O barão de Ipanema (Francisco Alves Cardoso) — decreto de 24-11-1888 — falecido em Bragança em 1900, fazendeiro de café nos municipios de Itatiba e Bragança, eminente chefe conservador, deixou grande fortuna e fama pelo excelente café que produzia. Nessa região de Bragança a Campinas houve fazendas muito prosperas, embora seus donos não levassem vida de inusitado esplendor, mas de discreta riqueza. O barão de Itatiba (Joaquim Ferreira Penteado) — decreto de 18-3-1832 — destacou-se como plantador de café. Casado com sua parenta dona Ana Francisca de Paula Camargo Penteado, suas fazendas estendiam-se até Campinas, e, ao falecer, legou ao seu filho, o barão de Ibitinga (Joaquim Ferreira de Camargo Andrade) — decreto de 7-5-1887 — ricas propriedades e alto teor de vida. Casou-se com dona Candida Franco, e, em segundas nupcias com dona Maria Higina Alves de Lima, viuva do dr. João Carlos Leite Penteado (irmão do Conde Penteado), filha de Antonio Alvares de Almeida Lima e de sua esposa dona Maria Emilia de Toledo. Faleceu em Campinas em 1815, deixando consideravel fortuna.

O barão de Jaguára (dr. Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra) — decreto de 20-6-1888 — destacou-se mais como politico que fazendeiro, tendo sido presidente da Provincia de São Paulo em 1889 e deputado à Assembléia Geral, tendo dado eficiente combate à febre amarela em Santos e Campinas. Tinha uma fazenda na Lapa, nos arredores de São Paulo. Foi dos fundadores e presidente da Companhia Mogiana.

O barão de Jambeiro (David Lopes da Silva Ramos) — decreto de 20-8-1889 — também foi rico fazendeiro.

O 1º barão de Japy (Joaquim Benedito de Queiroz Teles) — decreto de 7-5-1887 — foi grande fazendeiro. Nascido em Jundiaí em 16 de junho de 18[illegible],

Martinho da Silva Prado Junior

faleceu em São Paulo em 25 de julho de 1888, ocupou varios e importantes cargos publicos, sendo também abastado agricultor. Era filho do 2º barão de Jundiaí, irmão do conde de Parnaíba e da 2a baronesa de Jundiaí. Casou-se, em 1839, com dona Maria Januaria de Meraes Queiroz, que era sua tia materna. O 2º barão de Jundiaí (Antonio de Queiroz Telles) — decreto de 24-8-1870 — nascido em Jundiaí em 1787 e falecido em Campinas em 1870, foi importante lavrador, senhor de grande fortuna e teve a felicidade de hospedar, em 1846, S. M. o imperador dom Pedro II, em sua casa de Jundiaí, célebre pela sua opulencia. Era casado com sua sobrinha dona Ana Leduina de Moraes Jordão. Sua filha, a 2a. baronesa de Jundiaí (dona Ana Joaquina do Prado Fonseca) — decreto de 7-5-1887 — também teve belas fazendas. Seu filho, o barão, visconde com grandeza e conde de Parnaíba (Antonio de Queiroz Telles) — decretos de 31-12-1880, 7-5-1887 e 23-12-1887 — foi advogado em Itú, politico, presidente da Provincia, recebendo então a visita de SS. MM. Imperiais, mas, destacou-se, sobretudo, como agricultor, e, especialmente, pelo bem que fez à Agricultura no governo de São Paulo, incentivando a imigração e o progresso agricola. Como presidente da Cia. Mogiana, levou os seus trilhos em direção a Minas, Mato Grosso e Goiás. Era a "marcha para o Oeste" já preparada pelo barão de Ataliba Nogueira.

O barão e visconde da Cunha Bueno, que também foi barão de Itaquary (Francisco da Cunha Bueno) — decreto de 6-6-1887, 2-1-1889 e 7-5-1887, respectivamente — casado, em primeiras nupcias com dona Eudoxia Henriqueta de Oliveira, em segundas, com dona Teresa de Aguirre, foi chefe politico e rico fazendeiro em São Paulo. A viscondessa, há pouco falecida, era irmã do atual bispo de Sorocaba. A familia Cunha Bueno, aliás, nunca perdeu essa esplendida tradição de cafeicultores e comissários de café. A fazenda Buenopolis foi uma das mais belas, importantes, modernas e grandiosas propriedades agricolas de São Paulo. Nesse tempo, havia outras também imponentes, como a do Cambuí, do riquissimo fazendeiro Nhonhô Magalhães, homem de incalculável capacidade de trabalho.

O barão de Descalvado (José Elias de Toledo [illegible]) — decreto de 23-12-1887 — nascido em Mogi Mirim em 7 de novembro de 1816, filho de Elias Antonio Aranha de Camargo e de sua primeira mulher dona Maria Gertrudes de Toledo, destacou-se como fazendeiro de café. O 2º barão de Dourado (José Luis Borges) — decreto de 13 de agôsto de 1889 — também largamente cultivou o café. Era casado com dona Amália Carolina de Oliveira, filha dos viscondes do Rio Claro, e irmã do 2º barão de Araraquara, do barão de Melo e Oliveira e da 2ª baronesa de Piracicaba. O barão de Melo e Oliveira (Luis José de Melo e Oliveira) — decreto de 28-3-1885, criando-o barão dêsse titulo em substituição ao decreto de 28 de fevereiro de 1885 que o erigia barão de São João do Rio Claro; troca idêntica fizera o barão de Itaquari para barão da Cunha Bueno, e o mesmo fizera o barão de Ramalho, que fôra agraciado barão da Agua Branca — foi importante fazendeiro e capitalista.

O barão, visconde com grandeza e conde do Pinhal (Antonio Carlos de Arruda Botelho) — decretos de 19-7-1879, 23-2-1885 e 7-5-1887 — nascido em Piracicaba em 1827 e falecido em sua fazenda do Pinhal em 1901, casou-se em 1855 com dona Francisca Teodora Coelho, e, em segundas núpcias, com dona Ana Carolina de Oliveira, filha dos viscondes do Rio Claro. Dotado de incalculável capacidade de trabalho, fundou várias empresas de Estradas de Ferro, e, com o barão de Tatuí, fundou o Banco de São Paulo. Era, entretanto, grande fazendeiro, de onde lhe vinha a fonte rica dos seus cabedais, tendo sido um dos primeiros a introduzir o trabalho livre nas suas vastas propriedades agricolas, organizando para isso colonias alemãs. Troncos, correntes, ferros torturantes não havia nas suas fazendas. A condessa do Pinhal faleceu em São Paulo em 1945, com 104 anos de idade e perfeita lucidez. Uma prima-irmã de meu cunhado, dona Dolores Trujillo Santiago, casou-se com um sobrinho do conde do Pinhal, Francisco de Arruda Botelho, e sua unica filha (já falecida) dona Maria Eulália de Arruda Botelho casada com Jair Arantes de Noronha, deixou uma única filha, sendo, pois, primos de meu sobrinho (v. "A familia Arantes", do dr. Arnaldo Arantes, pg. 76). Também foram fazendeiros, pois é uma tradição dessa nobre familia. Nas suas muitas fazendas, o conde do Pinhal plantou café, mas nalgumas também algodão. Muito abastado, gostando do esplendor - que sempre se notou nas suas residências, o conde do Pinhal também hospedou SS. MM. II. Dom Pedro II e dona Teresa Cristina, em sua fazenda de São Carlos, honra que também coube aos Cunha Bueno na mesma cidade. Naqueles tempos em que as vitórias, os fáetons, troleys, tilburis, charretes, bicicletas, faziam parte dos confortos fazendários, as novidades vindas da Europa em matéria de veiculos eram tão importantes quanto os objetos de luxo, as rendas, as roupas de cama e mesa, as porcelanas. Vi em Campinas, em casa de uma colecionadora, algumas porcelanas que foram do serviço de mesa do conde do Pinhal. Finissima porcelana francesa trabalhada com perfeição. Quando visitei pela primeira vez o Museu Imperial na amável companhia de S. A. I. o Principe Dom Pedro Gastão de Orléans e Bragança, de quem era hospede, meu saudoso amigo Alcindo Sodré me fez correspondente do Museu, pedindo-me que lhe arranjasse porcelanas (ao menos pratos) dos titulares do Império. Confesso que negligenciei um pouco, mas consegui alguns belos exemplares. Aliás, a coleção dêsse rico Museu é magnifica, e bem fala de uma época de esplendor e riquesa. No Rio de Janeiro, é famosa a coleção de louças brazonadas de dona Iracema Garcia Braga, havendo em São Paulo a célebre coleção de Eldino Brancante. Sobrevindo a República, o conde do Pinhal retirou-se da vida pública, nada querendo com o regime.

O barão de Tatuí (Francisco Xavier Paes de Barros) — decreto de 19-8-1879 - que foi socio do conde do Pinhal nalguns empreendimentos, nascera em Sorocaba a 26 de maio de 1831, tendo aí falecido em 1914. Casou-se com sua prima dona Gertrudes de Aguiar Paes de Barros, filha dos barões de Itu, e, em segundas núpcias, com dona Cerina de Sousa Castro, baronesa viuva de Itapetininga. Influente chefe politico, deputado em várias legislaturas, rico proprietário agricola, levava vida de grande esplendor.

6. O CAFE' TRANSPÕE FRONTEIRAS

O 1º barão e visconde com grandeza de Congonhas do Campo (Lucas Antonio Monteiro de Barros) nascido em 13 de outubro de 1765 e falecido no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1851 — decretos de 12-10-1825, 12-10-1826 e 2-6-1841, respectivamente — casou-se com sua prima dona Maria Teresa Joaquina de Sauvan, e foi o primeiro presidente da recém-erecta provincia de São Paulo, creador da Biblioteca Pública, em 1825. Além de magistrado, tendo chegado a presidente do Supremo Tribunal de Justiça, era fazendeiro, deixando em seus descendentes essa maravilhosa tradição, contando-se entre êles o meu prezado amigo Marcos Antonio Monteiro de Barros, (filho de Herminia da Silva Prado e de Augusto Monteiro de Barros), casado com a condessa Marinella D'Aragona, de velha estirpe napolitana. E falando em titulares estrangeiros, alguns dos quais também se inte-

Grandiosa sédo da fazenda Sete Quedas, do visconde de Indaiatuba (aquarela de J. de C. Mendes.

Séde da fazenda Quilombo, em Campinas (aquarela de J. de C. Mendes).

graram na tradição cafezista de São Paulo, citarei meu avô, Dom Pedro de Santis, primogenito da Casa marquial de Rafael que, com sua esposa, minha avó, dona Teresa del Verme (de nobilissima e marquial família) também foi rico fazendeiro na região de Jaú, Pederneiras, Agudos e São Manoel — zona do melhor café de São Paulo, havendo fazendas centenárias dando excelente produto de árvores seculares. E', aliás, a região das maiores fazendas brasileiras de café sombreado, como a fazenda Olho d'Agua.

O irmão do visconde Congonhas do Campo, barão de Paraopeba (Romualdo José Monteiro de Barros) — decreto de 2-12-1854 — que foi membro do govêrno provisório e presidente de Minas Gerais, era senhor de rica lavra mineral em Congonhas do Campo, naquela provincia, e também possuia uma fazenda. Seu sobrinho, filho do visconde, foi barão de Santa Aida (Lucas Antonio Monteiro de Barros) — decreto de 29-11-1886 — e foi fazendeiro em Barra Mansa na provincia do Rio de Janeiro. Quanto ao barão de Monteiro de Barros (Luis de Sousa Monteiro de Barros) — decreto de 5-5-1883 — foi importante agricultor na provincia de Minas Gerais. Seu primo, o barão de Jauru (Cesar Sauvan Viana de Lima) — decreto de 11-1-1873 — nascido em 1824 em São Paulo, tendo estudado na Europa, em 1850 entrou para a carreira diplomática.

Em São Paulo, o 1º barão com grandeza de Iguape (Antonio da Silva Prado) — decretos de 12-10-1848 e 2-12-1854 — iniciou uma cadeia de grandes fazendeiros, destacando-se também seus irmãos. Sua fortuna começou na Bahia, voltando a São Paulo muito rico. Tinha bom coração e fez muitas obras pias. Durante muito tempo me acostumei a ver seu retrato num dos salões da casa da condessa Pereira Pinto, sua neta, quando lá ia diàriamente, pode-se dizer, para o "serviço de côrte" de SS. AA. II. o Principe Dom Pedro de Alcantara e sua familia, que se hospedava nessa casa então de dona Margarida Calógeras (hoje viuva Michel Calógeras). O retrato é bem pintado, mas o artista impos aos olhos de quem o vê um envelope sôbre uma salva subscrito "Ilmo. e Exmo. Senhor Barão de Iguape". Sua filha, dona Veridiana Prado, que se casou com seu tio Martinho da Silva Prado, residindo então no velho solar da rua da Consolação, demolido em 1953, continuou a tradição paterna, e suas fazendas proporcionaram-lhe grande riqueza, levando vida faustosa e requintada, construido lindo palácio de estilo francês com jardim de Glaziou. De Martinho Prado se pode dizer que foi o primeiro plantador de café no Interior de São Paulo. Seu filho, Eduardo Prado — de quem fui o primeiro a escrever a biografia, publicada em artigos no "Diário de São Paulo" — tinha uma fazenda célebre pelas tradições literárias e pela vida política do seu dono, cuja fuga para a Bahia, em 1896, e dali para a Europa, meu caro amigo Cid de Castro Prado (cuja família também tem as mais importantes tradições latifundiárias) narra com muita síntese e beleza no seu livro "Viagem à Bahia" (pág. 27). As fazendas de dona Veridiana Valéria da Silva Prado, a "Santa Veridiana" e a "Santa Cruz" estavam nas mãos de seus filhos, o conselheiro Antonio Prado (então com 25 anos de idade que também dirigia sua própria fazenda de Araras) e Martinico Prado, em 1864, bem como as propriedades de Mogy, sob a orientação daquela ilustre senhora. Abrindo grandes fazendas em Ribeirão Preto, a Guatapará e a São Martinho, além do Patrimônio Antonio Prado, ao lado da atual Estação de Barracão, onde estabeleceu o serviço de imigração, o conselheiro Prado foi um dos maiores fazendeiros de São Paulo. Em 15 de novembro de 1887, com seu cunhado Elias Chaves (que era casado com sua irmã dona Anésia Prado) fundou a Cia. Prado-Chaves, que ainda existe, e que foi a primeira Cia. brasileira a remeter café para o estrangeiro. Seu nome de grande agricultor firmou-se, bem como o de seus irmãos. Nascido em 1839, faleceu em 1929. Foi, durante 12 anos, prefeito de São Paulo, que remodelou. Seu palácio na chácara do Carvalho ainda existe. Como ministro da Agricultura, tornou-se credor do reconhecimento público quando deu diretrizes as mais modernas à Lavoura, o que grandemente beneficiou os fazendeiros também de São Paulo. Teve grande vida, na qual se tem uma idéia pelo comovido livro de sua filha dona Nazaré Prado.

A família Silva Prado, os do Prado (de Itu), os Castro Prado, os Almeida Prado, sempre tiveram, no cultivo da terra, a mais bela das tradições de trabalho produtivo, verdadeira fonte nobre de riqueza.

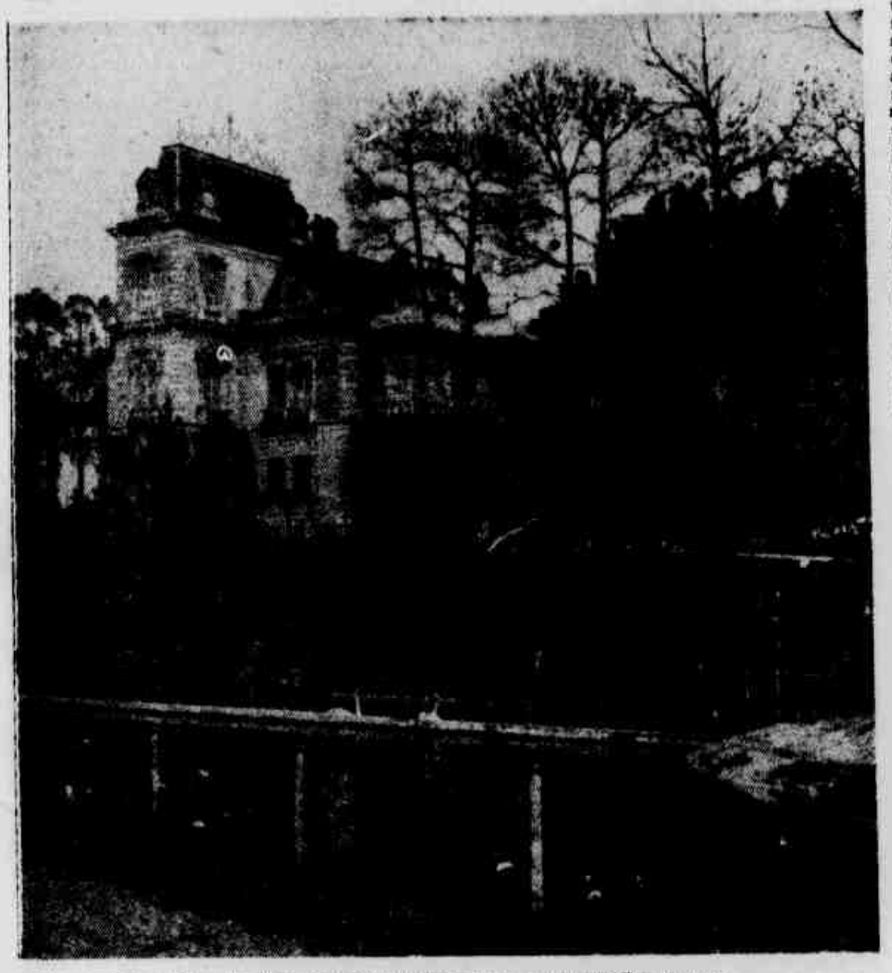
O barão de Silveras (Antonio Tertuliano dos Santos) — decreto de 13-2-1867 — foi importante fazendeiro no município de Rio Claro, proprietário, e negociante.

O barão de Tietê (José Manuel da Silva) decreto de 2-12-1854 — nascido em Santo Amaro em 1793 e falecido em São Paulo em 27 de março de 1877, foi comerciante, formando grande fortuna e tinha várias fazendas. Vice-Presidente da Provincia, foi deputado várias vêzes e também deputado geral.

O barão de Antonina (João da Silva Machado) — decreto de 11-9-1843, com grandeza, por decreto de 13-8-1860, tendo deixado grande fortuna e ocupado importantes posições, apesar da sua humilde origem, como tropeiro, no Rio Grande do Sul, de onde era natural da vila de Taquary, nascido em 17 de junho de 1782 e falecido, em São Paulo, a 19 de março de 1875, segundo os barões de Vasconcelos, além de grande fazendeiro, foi diretor da fábrica de ferro de Ipanema, deputado, senador, veador de S. M. a Imperatriz e fidalgo cavaleiro da Casa Imperial.

O barão de Piratininga (Antonio Joaquim da Rosa) — decreto de 13-11-1872 — que faleceu solteiro em 1886, foi homem de letras, também fazendeiro, tendo deixado o famoso sitio Santo Antonio, em São Roque, uma das jóias da arquitetura colonial brasileira, monumento nacional tri-secular.

Fazendas há maravilhosas no interior de São Paulo e antigas como a dos Mesquitas, em Louveira, a dos Vieira de Carvalho; algumas que não pertenceram a titulares do Império, que gostaria de citar, mas nem sempre se pode ser completo. Se alguma omissão ou engano houve não me cabe a intenção; agradeceria mesmo a gentileza dos complementos e retificações por carta pessoal. Alguns titulares do Império também não vão citados como o marquês de São Vicente (Candido José de Araujo Viana) o barão de Ramalho (Joaquim Inácio Ramalho) o barão de Paranapiacaba (João Cardoso de Menezes e Sousa) o barão de Embaré (Antonio Ferreira da Silva) e outros que mais foram juristas também poetas e politicos que fazendeiros. Alguns titulares pontificios como o Conde Asdrubal do Nascimento o Conde de Lara o Barão Duprat e outros foram grandes fazendeiros. Quanto aos titulares estrangeiros como só estamos tratando os do Império naturalmente são excluidos embora já as gerações seguintes sejam brasileiras como o visconde de Nova Granada; o 1º conde Siciliano — casado com uma senhora brasileira dona Laura Coelho dama de grande beleza e bondade, falecida em 1917; já com seu filho o 2º conde Siciliano a familia está ligada aos barões Smith de Vasconcelos aos Carneiro da Cunha (alguns meus amigos). Aqui já se verificam com intensidade crescente os casamentos entre brasileiros e estranjeiros fato que não se verificava sob o Império em que a sociedade paulista muito fechada só fazia alianças matrimoniais no circulo restrito das suas familias havendo inúmeros casamentos entre primos irmãos e tios e sobrinhos o que é interessantíssimo para a sociologia e a genética. Outros titulares estrangeiros como o conde Queirolo o conde Gamba o conde Crespi o conde Matarazzo e outros já se encontram suficientemente ligados a familias de tradição fazendária e êles próprios possuem fazendas magnificas como a fazenda Amalia do conde Matarazzo que homenageou sua nora a condessa Amália Ferreira Cintra Matarazzo da minha maior estima. Titulares estrangeiros vieram plantar café em São Paulo e principalmente na antiga comarca de Curitiba hoje Estado do Paraná no norte como o principe Gabriel de Bourbon e seus cunhados os principes Sebastião e André Lubomirsky, o principe Eugenio da Baviera, o conde Donnesmarck, o conde Dessewffy o duque e a duquesa de Ancona e inúmeros outros do meu conhecimento; a própria familia Imperial do Brasil com S. A. I. Dom Pedro Henrique de Orléans e Bragança com sua fazenda São José; seu primo o principe Felipe de Saxe Coburgo Gota e Bragança — que procurou terras no Paraná — seu primo e sobrinho Dom Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança formando a região de Jacarezinho e Maringá uma verdadeira "tranchée du Gotha". E se Antonil (João Antonio de Andreoni) — nasceu entre 1670 e 1680 — vivesse mais século e meio não teria escrito o seu famoso livro "Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas com várias noticias curiosas do modo de fazer o açucar plantar e beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas e descobrir as da prata; e dos grandes emolumentos que esta conquista da América meridional dá ao reino de Portugal com êstes e outros gêneros e contactos reais" publicado em 1711 que lhe deu aborrecimentos. Bastaria preocupar-se com o café ainda hoje a maior fonte de renda do Brasil e que se impos ao estrangeiro como verdadeiro produto brasileiro. Aliás familias brasileiras como os Mendes Gonçalves, os Oliveira Cezar e os Alves Lima levaram o café para Buenos Aires e se identificaram à sociedade argentina. Em Montevidéu, lembro-me bem, a propaganda do café era feita por patricios nossos em "tarritos" contendo libras esterlinas e colheres de prata parecendo-me o simbolo aurifero e argentário representando essa riqueza inaudita e que envolve o mais belo esforço de trabalho brasileiro e que foi a nota de honra e de esforço dessa aristocracia paulista que amanhou a terra e produziu — no maior impacto histórico e real anti-comunista — constituindo também a "aristocracia do café" ou a nobiliarquia do café que quer dizer "nobreza do trabalho" — o que também é interessante para a ciência econômica a politica e a sociologia.



O palácio de dona Veridiana Prado com seu magnifico parque

A tri-secular "casa grande" do chamado "sitio santo Antonio", em São Roque, que foi do barão de Piratininga

VELHOS CAFÉS DA PAULICÉIA

(CONCLUSÃO DA 1.a PAG.)

Era o Cunegundes tão popularizado no meio das rodas do notivagos paulistanos daqueles tempos, que, quando em 1897, se criou o cabaret "Sapo Morto", foi logo inscrito como "socio fundador e honorario". Ao Cunegundes seguiam-se os nomes de mais trinta rapazes levados da breca e que mais tarde se tornaram homens respeitaveis... Cotizaram-se para montar a taverna romantica. "Uns queriam-na chique, no centro, com lustres, altos reposteiros, garçãos de uniforme exotico, porteiros de libré; outros desejavam-na picaro num porão, mesas pretas, fogão à vista, quintos de vinho, barris de cerveja, canecas de louça, caixeiras de touca, como nas gravuras dos romances..." Reuniram-se todos num jantar opiparo, seguido de baile ruidoso, para discutir o assunto. Foi um regabofe que durou três dias e três noites e que ficou celebre em S. Paulo. A farra inesquecivel realizou-se na Ponte Grande e ali esteve presente todo tempo o nosso Cunegundes. Pois bem, ao final do tudo, o cabaret do "Sapo Morto" nasceu . morto Não sobrou um vintem sequer para o resto das despesas. Gastaram tudo nas três noitadas memoraveis.

Uma manhã a triste noticia se espalhou pela cidadezinha: o Cunegundes fôra encontrado morto numa vala de beco, vitima daquela vida desregrada. Não houve quem não lamentasse. Alguns choraram. Outros tiveram um nó na garganta. O certo é que, naquela noite, as rodas boemias de São Paulo dispersaram-se mais cedo, comentando o tristonho fim do companheiro sem par. Os jornais do dia seguinte teceram-lhe o necrologio. Alguem chegou a escrever sentido soneto, que, durante muito tempo, andou repetido de boca em boca...

OS VELHOS BARES E CAFE'S

Nos principios deste seculo, o "Schortz" dava a nota como ponto de reunião preferido pelos literatos, jornalistas e boemios da moda. Ficava na rua 15 de Novembro, esquina do Beco do Inferno, que, depois, ficou sendo Travessa do Comercio, e hoje Alvares Penteado. A velha cervejaria instalara-se no sobrado de um andar, com parapeitos de ferro, e fachada pardo-escuro, completamente fora do alinhamento. Por dentro era atulhada de mesinhas pequenas. Serviam café e chopes. Os chopes eram apreciadissimos. Os mais gostosos da epoca. Tinham fama. Ali, entre um "duplo" e um "escuro", discutiam-se os "pratos do dia". No ar, o fumo dos cigarros inebriava tudo. A algazarra era medonha.

Logo adiante ficava o Café Guarani, com a redação de "O Pirralho", no primeiro andar, e mais ainda o Java, o America, o Brandão e Academico, em locais diversos. O Progredior, na rua 15 de Novembro, teve fama. O poeta Ricardo Gonçalves tinha por lá a sua roda, que marcou epoca. Certa vez, já narrou o episodio Aureliano Leite, a roda realizava um ruidoso concurso. O vencedor seria aquele que emborcasse maior numero de chopes. A horas tantas, deram um balanço no dinheiro e verificaram angustiados que não chegava para saldar as despesas. Estava presente, à mesa ao lado, a artista alemã Ireth Schultz. Alguem lembrou de um plano. Ricarda, num comovente improviso, saudaria a prestigiosa estrela. O poeta desempenhou-se cabalmente, resultando disso, como esperavam, que os admiradores de Ireth Schultz trouxeram para a sua mesa a roda de Ricardo e financiaram todas as despesas feitas e por fazer...

Toda a vida boêmia daquele tempo gravitava no Largo do Rosario. Era ali que se ajuntavam em diversas rodas os estudantes, os estroinas, os notivagos. A confeitaria mais frequentada era a Castelões. Ficava pegada à Chapelaria Alberto, que fazia esquina com a ladeira São João. A freguesia do Castelões, na informação abalizada de Cicero Marques, compunha-se de duas turmas distintas: a da manhã e a da tarde, e esta prolongava-se até à noite, por volta das 8 horas. Depois disso, um ou outro retardatario aparecia. Às 10 horas, fechava-se o estabelecimento.

Os cafés dos bons tempos eram sempre uma especie de escritorio, ponto de palestra, de reunião de amigos, e havia quem tomasse ali suas refeições. E isso era apontado como "excesso de parcimonia e frugalidade..." A maioria contentava-se, quando muito, com uma "média" com pão e manteiga. E uma "media" custava 400 reis! Nunca se dava gorgeta. Quanto à manteiba, era ela aplicada no pão mediante um pincel. Os melhores fregueses eram aquinhoados quase sempre com uma porção mais avantajada. Era muito comum, os garçons gritarem para a cozinha:

— E para o moço do chapeu grande: carregue na brocha!

E os cafés dessa especie foram desaparecendo com o correr dos anos. São Paulo foi crescendo, foi agigantando-se. Vieram os cafés "expressos". E ninguem teve mais tempo para um "bate-papo", na vertigem da luta pela vida... Os tempos boêmios ficaram apenas na lembrança dos velhos paulistanos.

SALVIO PACHECO DE ALMEIDA PRADO, continuador da tradição cafeeira dos Almeida Prado.

Empenharam-se em luta ardua para garantir a sobrevivência da cafeicultura

O PIONEIRISMO DOS ALMEIDA PRADO NA CRIAÇÃO DA MAIOR RIQUEZA NACIONAL

Salvio Pacheco de Almeida Prado, cafeicultor por vocação e por tradição — A historia de sua familia é uma historia de bandeirismo e um dos capitulos da propria historia do café

JOÃO PACHECO DE ALMEIDA PRADO, grande animador da cafeicultura jauense.

Inaugurando o Serviço de Irrigação Artificial da Fazenda São Sebastião da Bela Vista, de propriedade do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, em Itapuí, em agosto de 1952, o prof. Lucas Nogueira Garcez, referindo-se aos Almeida Prado, disse: paulista, acabo de presenciar uma irrigação artificial, na Fazenda São Sebastião da Bela Vista. Os Almeida Prado, que souberam contribuir, de maneira magnifica, para a difusão da cultura cafeeira em São Paulo, saberão, tambem, colaborar, de modo exemplar, para que a cultura da rubiacea não desapareça do solo paulista. Parabens a Salvio Pacheco de Almeida Prado, que soube ser digno dos seus antepassados. Parabens a Itapuí, que dá a outros municipios este exemplo extraordinario".

As palavras do governador do Estado tinham o seu fundamento em fatos recentes e remotos, que atestam as qualidades de cafeicultor nato de Salvio Pacheco de Almeida Prado. Eis, num breve relato, o que tem representado a sua atividade nesse setor.

Nos ultimos dez anos, dos quais oito ininterruptamente à frente do Departamento de Cafeicultura da FARESP, vem se empenhando na defesa dos interesses do café. Combatido muitas vezes, mas sempre respeitado, tem-se esforçado por impor uma orientação segura e sem vacilações à cafeicultura organizada de nosso Estado, orientação essa onde a estabilidade da atividade é uma constante, onde a firmeza de atitudes é o caracteristico dominante. O café para Salvio Pacheco de Almeida Prado é quase uma idéia fixa. Conhecedor profundo dos seus problemas, nos mais diversos aspectos, desde a cultura e suas praticas, o comercio e todos os seus segredos, até o consumo na quase totalidade dos mercados do mundo, está sempre atento aos acontecimentos e às tendencias que vão surgindo ao redor do café, sendo, por isso, invariavelmente, dos primeiros a sair a campo para, com a sua experiencia e sua ponderação, aclarar situações, traçar uma orientação ou conduzir uma bandeira de luta e de reivindicações.

Salvio Pacheco de Almeida Prado, o homem do café nas boas e más horas, que em função do café já enfrentou sucessivas fases de fastigio e depressão economica, não é um cafeicultor apenas por vocação, que já lhe é grande, mas tambem por tradição, que lhe é maior ainda. E' ele um dos representantes da ultima de cinco gerações de cafeicultores.

A historia de sua familia, que é uma historia de bandeirismo e um dos capitulos da propria historia do café, pode assim ser resumida:

Por volta do inicio do século passado, o tenente Vicente de Almeida Prado, seu bisavô, filho do capitão-mor João de Almeida Prado e penultimo filho do ouvidor Lourenço de Almeida Prado, deixava a casa paterna em Itú, rumando para Limeira, onde constituiu uma nova fazenda de café.

Homem de larga visão, prevendo o alcance do café na vida futura do país acreditando assim na sua pujança economica, e ainda prevenindo suas gerações vindouras, adquiriu juntamente com seus irmãos e cunhados, a gleba de terra que seria mais tarde o berço da cafeicultura jauense.

Em 20 de setembro de 1858, era lavrada em Rio Claro, antiga sede da comarca, a escritura de compra pelos seis irmãos Almeida Prado, ao sr. Gomes Botão, primeiro morador de Jaú, da gleba de terra que se localizava à margem do ribeirão Pouso Alegre.

Dando corpo ao projeto, dirigiram-se eles pelos meios de transportes da época, da qual a fragil canoa era um dos veiculos, pelo Tietê — a estrada mais conhecida — às terras adquiridas para iniciar o ciclo cafeeiro, que ainda hoje perdura.

Por volta de 1867, João Pacheco de Almeida Prado, o segundo filho do tenente Vicente de Almeida Prado, recem-casado, iniciava a formação da fazenda Ibirapitanga, nas terras dos espigões que ficam à margem esquerda do ribeirão Pouso Alegre.

Plantara ele os três primeiros talhões de café da fazenda, aos quais, numa eloquente demonstração de sua fé e espirito religioso, denominou de "Fé, Esperança e Caridade".

Contudo, não logrou terminar a obra iniciada, pois, vitima de insidiosa molestia, e à mingua de recursos, veio a falecer na propria fazenda, deixando viuva, com um filho de um ano, de nome João, e outro por nascer, que veio a se chamar Vicente. A estes competiria terminar a obra iniciada por seu pai e alimentar a tradição ruralista da familia.

Esta tarefa foi cumprida, pois, começando a faina desbravadora muito cedo, ajudaram a completar a formação da fazenda, iniciando a seguir, o trabalho em suas proprias terras. Já no fim do século passado, adolescente ainda, iniciava João Pacheco de Almeida Prado, o Joanico Prado, como era conhecido, orfão em tenra idade, as plantações da Fazenda Nova América. Iniciava também seu irmão Vicente Neto a formação da Fazenda Vista Alegre, onde a nova geração Almeida Prado prossegue desenvolvendo sua atividade produtora de café.

Completando a formação dessa última fazenda, hoje de propriedade de seus descendentes, revelando ter herdado a fé na nobre planta, e com um sentido de previsão que lhe foi reservado, fez por acobertar de vicissitudes as suas gerações futuras, comprando uma gleba de terras roxas no Norte do Paraná, onde, como o desbravador que foi de Jaú, se dedicaria à nova faina realizadora. No entanto, não pôde cumprir a aspiração que teve, de formar nova civilização cafeeira, pois sucumbiu em 1937.

Prosseguindo no determinismo reservado pela história à familia Almeida Prado, os oito filhos de Joanico Prado (entre os quais Salvio), repetindo a proeza dos seus antepassados cêrca de 90 anos mais tarde, e capitaneados por João Pacheco de Almeida Prado Filho, em vida conhecido por Janjão Pacheco, iniciam a abertura da fazenda Mitacunhá, no Norte do Paraná.

Iniciaram os irmãos Pacheco de Almeida Prado a abertura da Fazenda Mitacunhá por volta de 1940.

O acesso às terras foi conseguido por picadas feitas a foice e facão, construindo o Janjão Pacheco e o Otavio, os dois pioneiros da iniciativa, o primeiro pouso, que foi denominado Ranchão.

Daí em diante, conjugados os esforços de toda a irmandade — integrada por João, Antonio, Otavio, Paulo, Salvio e Decio — e pelos cunhados Silvio de Almeida Sampaio e o saudoso Antonio de Souza Amaral, a iniciativa tomou corpo, possuindo hoje a fazenda que tem 2.167 alqueires de terras, cerca de um milhão e quinhentos mil pés de café.

Como complemento à obra civilizadora, orientados pelo espirito progressista de Janjão Pacheco, fundou-se um patrimonio anexo à fazenda.

Seguindo o progresso do café, o patrimonio tomou vulto, passando a denominar-se VILA PRADO, tendo sido já elevado a distrito de paz.

* * *

Pelo breve histórico acima, constata-se a estirpe de cafeicultor nato do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, cuja ação pessoal deslocou-se da atividade particular para a vida pública, sendo hoje um dos "leaders" da classe agrícola no país.

Quando, em 1929, foi atingido pela crise, procurou, como todos os lavradores da época, desdobrar suas atividades, a fim de evitar o sacrificio do patrimonio de familia, que já não suportava os encargos que sobre ele pesavam. Compreendendo que um dos efeitos da crise se devia, em grande parte, ao desligamento do produtor face à comercialização do café, tornando-se assim uma das causas do seu agravamento, entendeu Salvio Pacheco de Almeida Prado de continuar no café, transferindo, contudo, da roça para o porto de exportação a sua trincheira de luta. Alongaria até ali e, talvez, até ao consumo, o interesse dos produtores, defendendo-os intransigentemente.

Em 1933, dirigia-se para Santos, onde procurava complementar a atividade agrícola de seus maiores, defendendo o fruto do seu trabalho e o de sua familia até sua fase comercial, encarregando-se de levá-lo, ele próprio, ao consumidor de além-mar.

À frente de um modesto escritório de corretagens de café, que ainda mantém, atravessou longo periodo de sua vida ativa, até que, com a melhoria da situação, retornou às lides agrícolas, adquirindo a Fazenda S. Sebastião, no municipio de Itapuí.

Em 1945, ao iniciar-se, em São Paulo, um movimento aglutinador mais ativo da classe, constituida a Comissão de Mobilização da Lavoura, dela fez parte, funcionando ainda como assessor no Convênio Cafeeiro realizado naquele ano.

Ao ser fundada a FARESP, como resultado da fusão da antiga União das Associações Agropecuárias do Brasil Central com as demais associações existentes no interior, em 1946, passou a ocupar o cargo de diretor do Departamento Especializado do Café, no qual ainda se mantém até hoje, em atendimento aos apelos das associações filiadas à entidade federativa, as quais, através do voto, têm-no mantido no cargo.

Ainda com o objetivo de complementar o ciclo de levar a produção o mais próximo possivel do consumo, fundou uma firma exportadora na praça de Santos, sem, contudo, ter podido, até agora, realizar o seu sonho final. Lavrador evoluido, não se olvidou de manter contacto estreito e continuo com os consumidores. Suas constantes viagens aos Estados Unidos, o principal mercado do café brasileiro, e a paises do Velho Mundo, têm-lhe proporcionado valiosos subsidios para uma compreensão mais ampla e necessária dos problemas que cercam a comercialização do café fora do Brasil — subsidios que o sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado tem colocado a serviço da cafeicultura nacional, quer através da FARESP, quer através dos vários órgãos da administração pública, quer através da imprensa, de que tem sido um dos ativos colaboradores.

Constitui preocupação permanente do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado acompanhar a evolução da técnica agrícola, dotando suas modelares propriedades rurais das mais adiantadas conquistas da ciência no campo agrícola.

Entre os diversos melhoramentos representativos dessa técnica, introduzidos em suas fazendas, destacou-se, sem dúvida, o serviço de irrigação artificial, inaugurado, conforme dissemos de inicio, pelo governador do Estado, sr. Lucas Nogueira Garcez.

Na ocasião, saudando o ilustre visitante e os demais integrantes de sua comitiva, o sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, depois de tecer várias considerações em tôrno da cultura cafeeira, terminou a sua oração reafirmando a sua fé nos destinos dessa lavoura, dizendo o seguinte: "Estamos certos de que, dessa forma, continuaremos o trabalho gigantesco encetado pelos nossos maiores, com a mesma fé herdada, contribuindo para levar avante mais esta etapa da admirável jornada do café. Afirmamo-vos, em memoria e em homenagem àqueles que souberam criar tamanha riqueza: nossa geração há de saber conservá-la. O café não desaparecerá de São Paulo."

A menina Maria Isaltina, filha do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, sob a sombra de frondosos cafezais, na fazenda S. Sebastião, em Duartina.

JOÃO PACHECO DE ALMEIDA PRADO FILHO, um dos pioneiros da cafeicultura no norte paranaense

Fazenda Nova América, fundada por Joanico Prado, hoje de propriedade de seus descendentes

Vista tomada da sede da Fazenda São Sebastião da Bela Vista, vendo-se ao fundo a cidade de Itapuí.

Vila Prado, na sua fase de fundação

Vista do lago e de uma das colônias da Fazenda São Sebastião, no Municipo de Duartina, de propriedade do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado.

Fazenda Mitacunhá, no Norte do Paraná.

À Sombra da Idade de Ouro

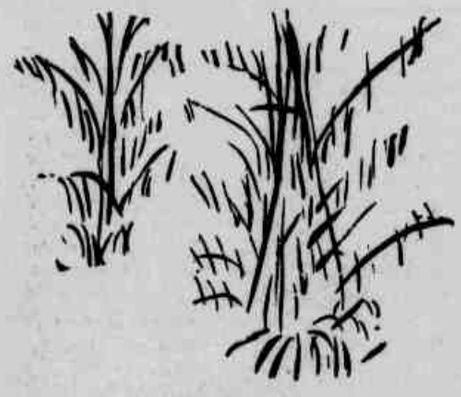
FLORESTAN FERNANDES
(Da Universidade de S. Paulo)

O café proporcionou um esplendor econômico e social ao Vale do Paraíba, jamais conhecido anteriormente em terras paulistas. Zaluar, que percorreu várias cidades e fazendas do Vale no terceiro quartel do século XIX, faz afirmações deveras informativas a respeito do padrão de vida dos fazendeiros e de suas famílias. "Os grandes proprietários de terrenos, deixando de frequentar os povoados, e reconcentrando-se em suas fazendas, que são os verdadeiros castelos feudais de nosso tempo, fazem convergir aí tôda a vida, que reflui das povoações para essas moradas ostentosas onde muitas vêzes o luxo e a riqueza disputam primazia à magnificiência dos palácios da capital" (1). Esse depoimento seria logo confirmado pelo testemunho de outros viajantes, especialmente os franceses, e ainda hoje encontra uma corroboração indireta. Quem pecorre a mesma região em nossos dias e visite as fazendas mais conservadas, poderá de fato admirar o confôrto e a grandeza das sedes encontrando aquí e alí um pouco dêsse antigo fausto — na comodidade dos móveis, feitos para uma longa duração e para um uso intenso; na extensão da sala

de jantar e de estar, própria para o aconchêgo nas horas de lazer, para o convívio íntimo e para a recreação associativa; e, enfim, na fisionomia dessas rústicas mansões senhoriais, que inspiram segurança em face do mundo exterior, mesmo aos seus visitantes mais afoitos ou apressados. Sobravam, pois, razões a Zaluar, quando escrevia: "Como é diferente a vida da roça da existência monótona da povoação! Alí as distrações abundam. Vive-se na sala, vive-se nos passeios, vive-se na conversação da intimidade" (2).

Todo êsse esplendor, porém, estava destinado a fenecer, a extinguir-se, a tornar-se muito cedo uma grandeza pretérita. O café que o criara, não o manteria no mesmo lugar indefinidamente. Os mais ambiciosos e tenazes deslocaram-se com a planta, procurando-lhe terras novas, o que uma ficção permitia descrever como consequência da avidez dos cafeiras por "terrenos virgens". Outros, menos animosos, ficaram por lá mesmo, onde a ruina os achou, reduzindo-os com seus familiares, conforme circunstâncias variáveis, a uma indissimulável penúria, a uma vida pacata mas apertada, ou a uma existência confortável mas sem ostentações. Atrás da lenta extenuação das terras, vieram outros males para o equilíbrio econômico das fazendas: as crises do café, em 1880 e no começo do século; escassez de braços, produzida pela desagregação do regime servil e pela incapacidade financeira de muitos fazendeiros do Vale de "importar", trabalhadores estrangeiros, por volta de 1887 (3), a geada de 1918; a crise econômica de 1929; a broca... As resistências se quebraram. Os que não se arruinaram completamente foram tentar a sorte em outras plagas ou reduziram drásticamente o seu estalão, conformando-se às novidades do marasmo econômico. Uma transformação dessa ordem não se operaria sem deixar marcas profundas. A contradição entre o passado recente e a realidade seguinte vai situar diversamente os indivíduos no mesmo cenário natural. A sociedade se altera internamente com maior rapidez que o ambiente físico exteriormente. Mas ninguém quer dar pela coisa. O fluxo da vida continua incessante, sem que a confiança no futuro e a convicção de prosperidade possam bafejar a um grande número, como antes.

E' dentro dêsse ethos, no qual com muita simplicidade o orgulho se mistura com o desencanto, que o pesquisador precisa se projetar, ao inquirir os descendentes dos antigos senhores rurais, quaisquer que sejam as posições por êles ocupadas atualmente na sociedade. O passado permanece vivo: tôda uma herança moral continua a insinuar-se nos comportamentos cotidianos e nos ideais de vida, criando obrigações variadas e laços invisíveis de solidariedade, ou agitando sentimentos contraditórios, em particular contra os estranhos (ou os intrusos, como seria melhor dizer), canhestramente disfarçados. Na memória dos mais velhos se conserva uma imagem nítida da velha ordem social. Ouve-se então que "os fazendeiros de prol" de Taubaté chegavam a possuir três (e não duas, como supunha Zaluar) residências: uma na fazenda, uma na cidade e outra em Tremembé, para assistirem às festas religiosas, especialmente a de Bom Jesus. As evocações reconstroem uma sociedade idealizada, mas que não está longe do modêlo original. As obrigações, os direitos, os graus de prestígio e as posições sociais são definidos em torno de um polo constante: a pessoa dos fazendeiros. A julgar por essas evocações, em vez de simbolizarem na hierarquia social, êles seriam a própria fonte de tôda e qualquer classificação social naquela sociedade.



AS CAMADAS SOCIAIS

Em primeiro lugar, viriam os que se ocupassem com as chamadas "profissões nobres". Era a camada dominante, constituída pelas "Pessoas de prol". Todavia, em seu seio os fazendeiros representavam "a verdadeira aristocracia rural". A essa camada também pertenceriam o clero e os que exercessem "profissões liberais", desfrutando de grande preeminência os juizes e tabeliães. Em segundo lugar, estariam os sitiantes, dos quais nos informam que eram pouco numerosos, mas em geral muito considerados pelos fazendeiros. O sitiante, por sua vez, tanto podia estar ligado a "famílias boas", explicando-se sua situação econômica pelas sucessivas partilhas de propriedades antigas, quanto ser um camarada ou agregado protegido por algum senhor. O primeiro gosava, naturalmente, de maior prestígio e mantinha relações íntimas com os membros da camada dominante. Em terceiro lugar, contar-se-iam os "comerciantes". "Tôdas as pessoas que viviam do comércio, como proprietários e negociando com os próprios recursos entravam nessa categoria", afirmou-nos o informante. Os beneficiadores e comissários de café eram igualmente classificados e tratados como "comerciantes". Contudo, quando o fazendeiro fôsse também beneficiador, prevaleceria a qualificação mais elevada. De modo geral, assevera-se, os "comerciantes" não recebiam o tratamento como "iguais" por parte dos fazendeiros nem eram incluídos em seus círculos de "amigos" ou de relações sociais íntimas. Os fazendeiros chegariam a recusar-se a lhes vender suas fazendas, mesmo nos casos de grande precisão. Atestou-nos um descendente de antigos fazendeiros que, "nos bons tempos", as fazendas só seriam vendidas a pessoas conhecidas. Por fim, viria a quarta camada, composta por indivíduos de "profissões mecânicas". Os dados contidos nas evocações permitem distinguir diversos estratos: 1º) os "caixeiros", vendedores de balcão, que mereciam maior consideração, por saberem ler e escrever; 2º) os "agregados e bolieiros", que contavam com a simpatia dos fazendeiros e recebiam dêles favores diretos (terras para cultivo de mantimentos ou serviços que os expunham à condição de "pessoas de confiança", em contacto permanente com os familiares do chefe ou com êle próprio 3º) os "feitores", que exerciam certa autoridade sôbre os camaradas, comunicando suas faltas ao fazendeiro — embora não ganhassem mais, desfrutavam do prestígio inerente à situação que ocupavam em face dos interêsses daquele 4º) os "camaradas", que se incluiam no último patamar da última camada: trabalhavam para os fazendeiros por dia, por empreitada ou por mês; mas, às vêzes, alcançavam parceria em certas produções ou dispunham da regalia de usar pequenas áreas da fazenda, para a produção dos mantimentos de subsistência. O agregado recebia maior consideração talvez por ser menos dependente ou por participar de forma mais direta do convívio com o fazendeiro ou com seus familiares; é certo que alguns descendiam de "famílias boas" arruinadas, recebendo um tratamento mais afetivo por parte dos fazendeiros. Quem não tinha uma posição certa nessa hierarquia era o "administrador da fazenda". Tanto poderia ocupar uma das posições inferiores, da primeira camada, quanto estar no tope da segunda. De fato, o seu prestígio e classificação dependeria de sua situação pessoal. Se descendesse de uma "família boa" ou se fôsse parente do fazendeiro, seria incorporado socialmente à primeira camada; se tivesse sido anteriormente um antigo camarada, que "subira" graças à devoção aos interêsses do fazendeiro e a simpatia conquistada no ânimo dêste, se classificaria na segunda camada. Por isso, ser administrador de fazenda tanto podia significar perda de prestígio, quanto traduzir ascenção social. A primeira alternativa é ilustrada pelo dito — "E'. Fulano já esteve mal uma vez. Chegou a ser administrador de fazenda!"

ESTABILIDADE NAS RELAÇÕES

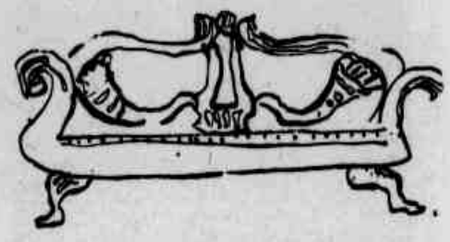
O que releva notar, nessas evocações — cuja veracidade sociológica como meio de reconstrução do passado real, não nos interessa aqui — é o realce em que é posta a estabilidade nas relações sociais e nas implicações do prestígio no tratamento recíproco. Elas retratam um sistema de posições sociais em que a mobilidade existe, é reconhecida, mas pode ser contida dentro de certos limites, sem transformar-se portanto, numa ameaça à ordem social. Um Zé dos Anzois qualquer nunca passaria de um zero dentro dêle; pois a ascenção social dependia de relações pessoais, de conhecimento mútuo e principalmente do reconhecimento pessoal do esfôrço realizado, dentro de um círculo restrito de critérios de avaliação. Elas descrevem um sistema de relações sociais em que o direito de mandar e o dever de obedecer se regulam pela tradição e em que o parentesco coloria fortemente tôdas as esferas de ajustamentos sociais, conformando os interêsses ou reativando as obrigações mútuas. Um exame superficial sugere desde logo que a imagem retida não reproduz mais o regime social imperante no Vale no período de fastígio indiscutível do café, no terceiro quartel do século passado(4). Mas o seu modêlo atenuado, no qual tôdas as normas e padrões de comportamento senhoriais, que regulavam o tratamento recíproco do senhor e do escravo (5), foram abolidos. A insistência nos aspectos mais característicos da antiga organização social senhorial demonstra, porém, que se associa, nos meios humanos em que essas lembranças se conservam, atitudes de lealdade e de preferência para com os princípios em que se fundavam as relações humanas no passado. Trata-se de uma impulsão de conservantismo social que é mais ativa e significativa que a mera "saudades de antanho". Ela configura tôda uma perspectiva social que vincula ao passado os indivíduos que a aceitam, levando-os a procurar fora do presente uma inspiração para o ajustamento às situações sociais atuais e as medidas de valor para o exame crítico das "novas condições de vida". Vemos nessas evocações o clima sociocultural que alimenta as reflexões intelectuais, pessimistas mas construtivas a seu modo, de autores como Alberto Tores e Oliveira Viana.

Poderiam alegar que atitudes dessa natureza, polarizadas em torno do passado e da sua significação, são inadequadas aos ajustamentos e contrôles sociais impostos pelas situações de vida emergentes. Isso é verdadeiro principalmente quando as tendências conservantistas se produzem em uma sociedade em mudança e quando elas contrariam as tendências evolutivas de transformação de ordem social. No caso das comunidades localizadas no Vale do Paraíba, é o que parece ocorrer, à primeira vista. Em quase tôdas as zonas, impôs-se a substituição do cultivo do café pelo de outras plantas ou pela criação de gado. Além disso, várias atividades industriais ou extrativas se introduziram aqui e alí, sendo que a própria "lavoura de café" tende a ser explorada através de técnicas mais modernas. O afluxo de imigrantes, nacionais e estrangeiros, também contribuiu para afetar as antigas condições de existência e para criar novos focos de alteração da ordem social. Deixando de lado essas e outras questões — pois não temos o propósito de fazer uma análise sociológica das transformações sociais que se operam atualmente nas comunidades do Vale (6) — seria o caso de se indagar se as atitudes apontadas prejudicam de certa forma os descendenes dos membros das velhas "famílias boas", em particular no que concerne à competição com os imigrantes nacionais e estrangeiros que lá se fixaram.

PASSADO E PRESENTE

Através de entrevistas que fizemos, com descendentes dessas antigas famílias, alguns dos quais fazendeiros, outros funcionários públicos ou professores, constatamos que essas atitudes se vinculam a uma rede atual de interêsses sociais. Para essas pessoas, a conservação de atitudes que as associam ao passado representa uma fonte de prestígio social e lhes confere uma dignidade tôda especial, em confronto com os moradores mais recentes, enriquecidos por meio de atividades que gravitam, em torno do comércio, da criação de gado ou de certas indústrias, e quase sempre através de penosos esforços considerados pouco conspícuos, em face dos exemplos legados pelos antepassados e defendidos pela tradição. De modo que a vinculação ao passado, além de ser logo emocional e moralmente compreensível, possui fundamentos sociais fàcilmente assinaláveis. Não constitui portanto, uma mera ficção, para obter sensação de segurança e o sentimento de continuidade social. E' também o ponto de apôio para o funcionamento de certos critérios de preservação do prestígio antigo, abalado pelo empobrecimento relativo ou completo, tanto quanto pela ascenção econômica de famílias adventícias; e o back ground que assegura, em condições econômicas e sociais relativamente adversas, a obtenção de posições sociais compatíveis com aquêle prestígio e com as concepções de dignidade, herdadas do passado. Os imigrantes estrangeiros e os seus descendentes, bem como os mineiros e seus descendentes, que se localizaram pela região, apesar de sua crescente hegemonia econômica, não encontram vantagens em romper com as linhas de acomodações estabelecidas por essa complexa noção de superioridade social. De um lado, já acharam tais pessoas exercendo a autoridade política e administrativa ou a direção das melhores fazendas. Aprenderam a respeitá-las desde o início, embora introduzindo distinções inevitáveis, que excluem uma avaliação uniforme dos símbolos de prestígio e dos critérios de graduação social, sustentados em nome da tradição. De outro lado, para êles próprios a ascenção social deixa de medir-se sòmente pelo sucesso econômico. A aceitação, na qualidade de amigo íntimo ou de parente afim, em grupos domésticos mais ou menos exclusivistas, possui a significação evidente de reconhecimento público de sua integração às camadas socialmente dominantes da sociedade.

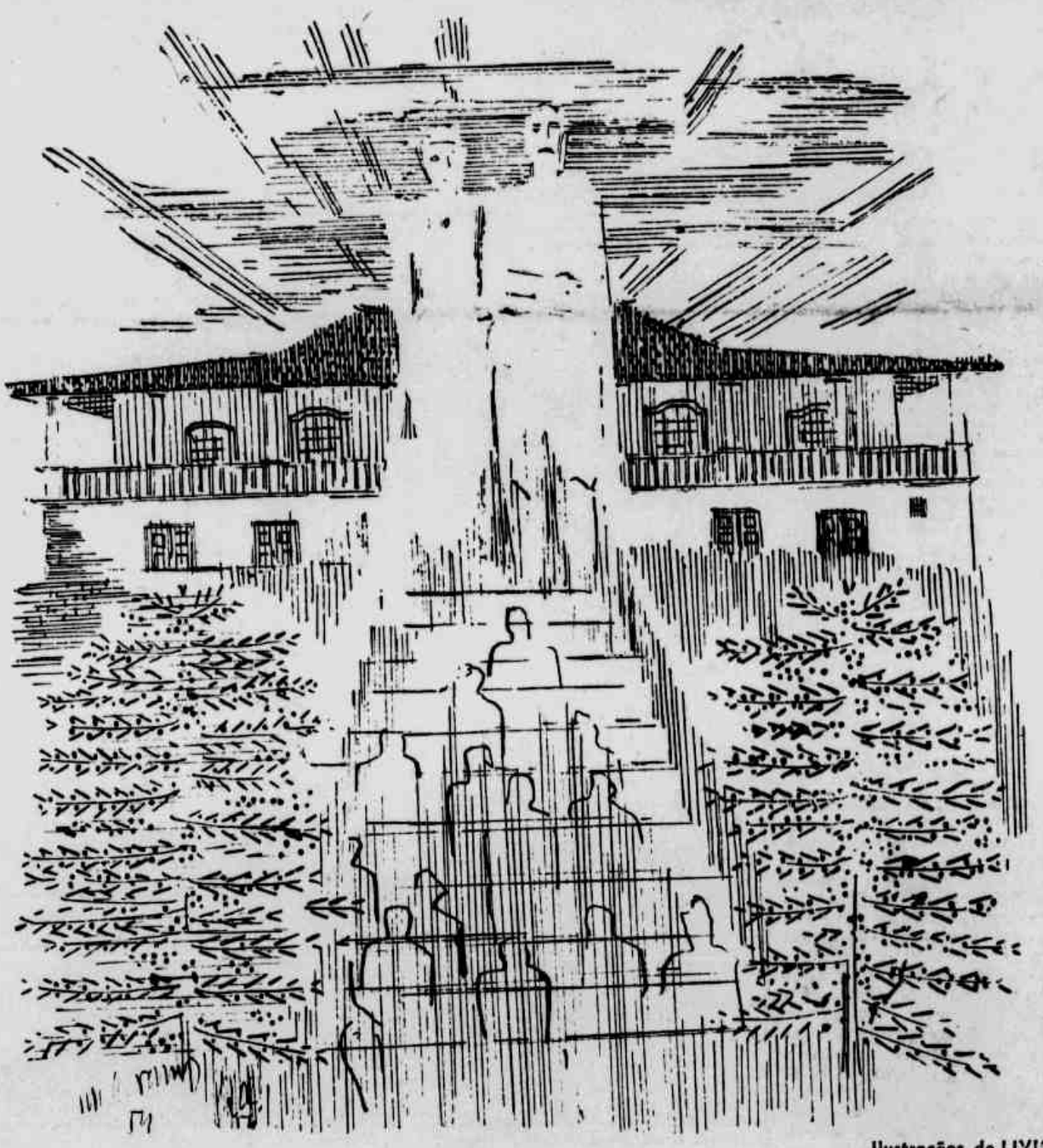
Uma esfera em que as referidas atitudes parecem produzir efeitos contraproducentes, tendo-se em vista os interêsses ou as necessidades reais dos seus portadores, é a que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades econômicas nascidas do esfacelamento da velha ordem senhorial e do antigo sistema econômico, baseado na exploração exclusiva do café. A maioria dos informantes assevera que os mineiros traziam consigo recursos para adquirir terras e encetar a criação de gado. Todos reconhecem, porém, que os imigrantes estrangeiros, especialmente os italianos, não contavam com tais recursos. Obtiveram seu capital pela poupança. Aceitaram os precalços oriundos da própria ocupação em atividades menosprezadas e da observância de um nível de vida muito inferior ao que seria tolerável, de acôrdo com a tradição. Pelo que pudemos observar, tanto os mineiros, quanto os italianos, os sírios e libaneses, os japoneses, empregaram em maior ou menor grau as mesmas técnicas de poupança. A diferença entre êles parece estar mais no fato de possuirem os mineiros, que iniciaram a exploração da criação de gado, pecúlios acumulados anteriormente, nas localidades de onde provinham. Aos moradores nativos, entretanto, tais técnicas de acumulação de capital estavam naturalmente vedadas. Não só não seria digno ocuparem-se em determinadas tarefas ou serviços, como não seria conspícuo sujeitar-se, mesmo transitòriamente, a um padrão de vida que sacrificasse direta ou indiretamente o prestígio da família. Em consequência, os descendentes dos antigos moradores, que possuíam alguns recursos ou mantinham intactas suas propriedades, em particular as fazendas, puderam ajustar-se sem dificuldades às condições de acomodação com os mineiros e com os imigrantes estrangeiros. Os que nada ou pouco possuíam, porém, ficaram por assim dizer imobilizados por uma situação econômica incômoda, presos a empregos que não expunham seu prestígio mas que também não proporcionavam rendas capazes de contribuírem para restaurar a influência anterior de suas famílias. Daí o dilema: ou procurar outros meios de vida fora do Vale, em cidades como São Paulo, por exemplo; ou aceitar as condições insatisfatórias de existência social. E' neste setor, entre os que optaram pela permanência nos lugares queridos, em circunstâncias mais difíceis, que é mais viva a lembrança do



passado e em que se patenteiam ressentimentos mais intensos contra os "mineiros" e contra os "estrangeiros". Sabem que também poderiam ter se "enriquecido", se se dispusessem, a tempo, a pagar um preço que lhes parecia tão alto pela prosperidade.

A força da tradição tende a operar-se uma indisfarçavel diferenciação, com referencia aos interesses sociais dos descendentes dos antigos fazendeiros. Todos mantêm certas convicções, relativas à importancia da agricultura e do café na economia brasileira. Mas, os que conseguiram preservar uma situação econômica autônoma, se identificam mais com as possibilidades de desenvolvimento rural da região. Os que se viram reduzidos a uma posição de heterenomia econômica, por causa da dependência de empregos na administração pública ou particular, se identificam mais com as possibilidades de desenvolvimento dos núcleos urbanos. Pode-se verificar êsse contraste pelas atitudes em face dos mineiros. Entre os entrevistados, um fazendeiro ancião nos afirmou, referindo-se ao passado: "Os fazendeiros daquela época entendiam que lavoura era café. O resto para êles era quitanda. "Outro, também ancião disse-nos: "Para o fazendeiro é uma vergonha comprar alguma coisa que a terra dá. E' como papai dizia: o fazendeiro que compra o que pode produzir na fazenda (arroz, feijão, frutas, etc.), não é fazendeiro". Um descendente de fazendeiro de café, mas que atualmente é funcionário público, sustentou por sua vez no mesmo diapasão que o café é o único produto que oferece garantia ao fazendeiro. No seu entender, "os antigos fazendeiros de café eram homens de carater, de energia, de independência moral e de palavra", qualidades que supõe existirem até hoje nos que se dedicam a essa atividade. Todavia, os fazendeiros que defendem essas ideias, procuram transformar suas fazendas, introduzindo nelas a criação de gado. E' verdade que criticam os mineiros por não se associarem emocional e praticamente às suas representações sôbre o padrão ideal de organização das fazendas, extraído das experiências tradicionais. Acham que êles reduzem as fazendas a meras empresas mercantis, destruindo as antigas benfeitorias ou pomares, reduzindo ao mínimo o pessoal e não cuidando de construir ou manter instalações para residência do fazendeiro e sua família. Mas os imitam, procedendo em maior ou menor escala quase do mesmo modo, talvez premidos pelas circunstâncias ou pela natureza do novo género de exploração. Já os que vivem de serviços que dependem da existência e do progresso de núcleos urbanos, vêem na substituição do café pela criação um mal irreparável — e dele culpam os mineiros. Armam duas equações, expressas por um informante da seguinte maneira: a) "onde entra o boi, sai o homem"; b) "o mineiro é o maior inimigo da civilização: onde êle cria, desaparecem os seres humanos e a vida civilizada"

Nesse sentido, é interessante o que nos adiantou um funcionário federal, entrevistado em Jambeiro: "O leite é mais seguro (que outros produtos sucedâneos do café). Tem saída garantida e não precisa de braços. Duas pessoas, quando muito, podem lidar com o gado" "A fazenda do meu pai (...) tinha 90 famílias. E agora que foi vendida para mineiros, tem umas 3 famílias. Três famílias dão conta do serviço". "Isso é ruim para a cidade. Paralisa o comércio. Das fazendas têm saído muita gente". Elas têm poucos colonos agora. Da cidade também tem saído gente". Como se vê, pondo de lado outros aspectos, atrás de uma relativa uniformidade ideológica, começam a surgir, entre os descendentes das antigas " famílias boas ", certas diferenças, matizadas pela polarização dos interesse economicos deles na nova estrutura social em formação. E' que o mundo que os unia indissoluvelmente está se esfacelando com celeridade e os seus destinos só se prendem pelo passado, mal se cruzando no presente, graças a afinidades que não podem possuir uma influência prática determinante.



Ilustrações de LIVIO ABRAMO

Outra esfera, em que as atitudes indicadas parecem provocar efeitos negativos: à medida em que se associam a valores legitimados pela tradição, aquelas atitudes tendem a transformar-se em critérios de avaliação do presente e de exame crítico dos valores nascinevitáveis. Os focos de vida social moderna que se chocam mais diretamente com tais orientações de avaliação crítica são os que se

(CONCLUI NA PAG. 14 do 5.o CADERNO)

AS "ESTRADAS DO CAFÉ" E A SUA GRANDE TRANSVERSAL

Carlos Borges SCHMIDT

Antiga calçada da Serra de Ubatuba, na estrada entre Taubaté e aquela cidade litoranea, mandada executar por Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, então presidente da Provincia, no que foi auxiliado, financeiramente, por grandes fazendeiros e comerciantes do Vale do Paraiba. A construção da calçada esteve a cargo do engenheiro Charles Bernard, tendo a ordem de serviço sido datada de 11 de junho de 1864. A fotografia foi tomada em 1925 pelo Coronel Cornélio Schmidt.

O iniciar-se a segunda metade do seculo XIX, a produção cafeeira do chamado "norte" de São Paulo atingiu a sua maxima projeção. Cerca de dois milhões e setecentas mil arrobas do valioso produto eram colhidos na região. Estas cifras representavam oitenta por cento da produção total da Provincia de São Paulo, muito embora naquela área se encontrassem apenas quarenta por cento da população total da terra bandeirante. Faltavam ainda cinco lustros, de vez que isso somente se verificou em 1877, para que a atual Estrada de Ferro Central do Brasil, denominada São Paulo-Rio de Janeiro quando de sua inauguração, lançasse, a partir da Capital paulista, os seus trilhos até Cachoeira, onde se ligaria à Estrada de Ferro D. Pedro II que, desde o Rio de Janeiro, ali fora ter dois anos antes. Até que a estrada de ferro, margeando o Paraiba, se incumbisse de carrear para o porto de Santos todo o café oriundo da região, fôsse aquele colhido no proprio Vale do Paraiba, fôsse o produzido no meridião mineiro, fôsse aquele obtido além Quebra-Cangalha, nos vales do Paraitinga e Paraibuna, tôda a safra cafeeira da tradicional área paulista, por velhos e ásperos caminhos, seguia, em lombo de burro, para os portos de mar da costa adjacente.

Outra estrada para o mar tinha inicio, em um ponto da precedente, duas leguas além da vila de Santo Antonio do Paraibuna, no lugar denominado Juca da Varginha. Atravessava para a margem direita do Rio Lourenço Velho e rumava em direção à freguesia do Bairro Alto, passando pela fazenda do Brigadeiro Rafael Tobias e pelo lugar denominado Cachoeiras, à margem do Paraibuna, sem, contudo, atravessá-lo. Passava a estrada por fora do povoado do Bairro Alto e margeava o Paraibuna pela esquerda, até certa altura. Depois abandonava o vale do rio e procurava o espigão da Serra do Mar, para descê-la por baixo da pedra do Corcovado, indo terminar em Ubatuba.

Outra estrada vinha tambem ter ao porto de Ubatuba, e esta era a principal. Tinha inicio no Corrego da Foice, divisa da provincia de Minas Gerais, na freguesia de São Bento do Sapucaí, de onde procurava a cidade de Pindamonhangaba. Desta, a estrada atravessava o serrote da fazenda de d. Fausta — nas divisas entre os municipios de Taubaté e de S. Luiz — e cruzava o Rio Paraitinga na entrada da vila de São Luiz do Paraitinga. Daí continuava em direção ao Rio Paraibuna para atravessá-lo, transpor a Serra do Mar e descer em rumo de Ubatuba. Ai chegada, transpunha o Rio da Barra e ia terminar na Prainha, local de embarque dos produtos para ultramar. Eram consi- [illegible] tos como ramais desta [illegible] da a que de Guaratinguetá, pelo Jaboticatuba, vinha encontrá-la no Bairro do Chapéu, perto da vila de S. Luiz do Paraitinga, bem como aquelas que, da vila de Cunha, vinham unir-se a ela, uma pelo norte outra pelo sul do Rio Paraitinga. Como ramal tambem podia ser tida a estrada que partia de Taubaté, cruzava o Ribeirão do Itaim, passava pela varzea dos Remedios, atravessava o Rio Una e o Ribeirão do Taboão, indo entroncar-se na estrada de Pindamonhangaba a São Luiz do Paraitinga, na altura do Ribeirão das Almas.

A estrada que possuia como ponto terminal Parati, começava no alto da Serra da Mantiqueira e alcançava a vila de Lorena. Depois de transpor a Serra da Quebra Cangalha, atravessava os rios Paraitinga e Jacuí, chegando a Cunha. Depois seguia em direção à Serra de Parati, na fronteira com a provincia do Rio de Janeiro. Eram ramificações suas a ligação com a freguesia do Embaú e aquela que, partindo de Guaratinguetá, vinha encontrar a estrada de Parati no lugar denominado Retiro.

A Cachoeira vinha ter uma estrada que partia do alto da Serra de Itajubá, extremo da provincia de Minas Gerais e que, depois de descer para o Vale do Paraiba, passava pela freguesia do Embaú. De Cachoeira a estrada procurava a Serra da Quebra Cangalha e o Morro do Pinhal, cruzava o alto Paraitinga e prosseguia à procura de Mambucaba. Uma ramificação vinha alcançá-la, partindo da Vila de Silveira. Expedia tambem um galho que se dirigia à vila de Cunha.

A estrada Cesaréa tinha inicio no Salto, divisa entre Queluz e Rezende, daí se dirigindo para a vila de Areias. Subia para a Serra da Bocaina e alcançava o vale do Mambucaba, pelo qual seguia até o porto deste nome, no litoral fluminense.

As "estradas provinciais", assim consideradas aquelas que ligavam os centros de produção com os portos de mar, formavam, na região, um amplo sistema de comunicações, articulado na "estrada geral para a côrte", que, ligando a cidade de São Paulo à capital do Imperio, unia entre si as povoações que se plantavam ao longo do Rio Paraiba. A estrada para a côrte, depois de deixar São Paulo atravessando Mogi das Cruzes, alcançava a aldeia da Escada, penetrando no Vale do Paraiba. Passava por Jacareí e São José dos Campos, atravessava a freguesia de Nossa Senhora d' Ajuda de Caçapava, a cidade de Taubaté e a de Pindamonhangaba. Depois atingia a capela de Nossa Senhora Aparecida e a cidade de Guaratinguetá, a vila de Lorena e em seguida a de Cachoeira, então denominada Bocaina. Daí por diante deixava de acompanhar o Rio Paraiba e seguia em rumo da vila de Silveira. Além desta, alcançava a de Areias, atingia a freguesia de São José do Barreiro e a cidade de Bananal. Terminava pouco adiante o trecho paulista, no Banco de Areia, na divisa com a provincia do Rio de Janeiro. Seguia ela, de um modo geral, o traçado da primeira rodovia construida entre as duas grandes capitais brasileiras. Nela se encontravam os caminhos que demandavam o mar.

A primeira das estradas que do Vale do Paraiba se encaminhavam para um porto de mar — no sentido de São Paulo para o Rio de Janeiro — partia de Caçapava e rumava em direção à Serra do Jambeiro. Transposta esta, entrava no vale do Rio Capivari, na margem direita deste curso fluvial, afluente do Paraiba. Depois de passar o Morro do Varjão descia para o Paraitinga. Atravessava este curso de agua e logo a seguir o Rio Paraibuna, chegando à vila de Santo Antonio do Paraibuna. Pela margem esquerda do rio deste nome atravessava o Ribeirão da Fartura e continuava acompanhando o Rio Lourenço Velho pela sua esquerda. Mais adiante cruzava-o, e em seguida o Rio Claro, o Rio Pardo e o Ribeirão Capoeirinha, já proximo ao alto da Serra do Mar. Transpunha o espigão e descia para o litoral. Na baixada litoranea passava pelo aterrado do Padre Ferreira e atravessava duas vezes o Rio de Santo Antonio, para chegar, em seguida, à freguesia de Caraguatatuba. Daí seguia pela praia, atravessava o Rio Juqueriquerê e, depois de atingir o Bairro de São Francisco, acompanhando o sopé da Serra do Dom, chegava à vila de São Sebastião.

De Bananal partiam duas estradas: a do Ramos e a do Ariró. A primeira atravessava a Serra do Ramos e o Rio do Braço, indo ter ao porto do Jeromirim. A outra seguia em direção ao porto do Ariró.

Esse o sistema de comunicações compreendido pelas "estradas provinciais", as quais, apoiadas na transversal, da "estrada geral para a côrte", permitiam e asseguravam a circulação de toda a produção agricola da região e, em particular, das safras cafeeiras que se sucediam, ano por ano, cada vez maiores. E' dessa "estrada geral" que será tratada a seguir, objeto central que é deste retrospecto historico, em que se assinalam as dificuldades e contratempos que tiveram de ser removidos e vencidos, para o estabelecimento dessa via publica, que viria desempenhar importante papel no ciclo agro-econômico da produção cafeeira, em futuro não muito remoto.

— :: —

As relações entre o Rio de Janeiro, desde a era quinhentista até o primeiro quartel do seculo XVIII, foram efetivadas sempre, no todo ou em parte, por via maritima. Fosse pelo porto de Santos, fosse pelo antigo "caminho de terra", o percurso exigia sempre, pelo menos, um certo trajeto por mar. Esse caminho terrestre, a antiga "trilha dos Guaianá", por onde penetrara o interior Martim Corrêa de Sá em 1597, tinha começo em Parati, onde vinham ter os do Rio de Janeiro, em canoas desde Sepetiba. O recortado extremo da costa, desta altura do percurso, implicaria em extenuantes volteios se preferido o trajeto terrestre, razão pela qual optavam os viajantes pelo percurso maritimo.

Em Parati, onde começa a trilha indigena, o caminho internava-se pelo interior, transpunha a Serra do Mar, ganhava o vale do Paraitinga e em seguida o do Paraiba, um caminho ia lá ter, partido de São Paulo, ramificado do vale do Paraiba, a partir do entroncamento da antiga trilha dos Guaianá, aproximadamente. Aliás, existia, no vale do Paraiba, mais de uma estrada derivante para além Mantiqueira.

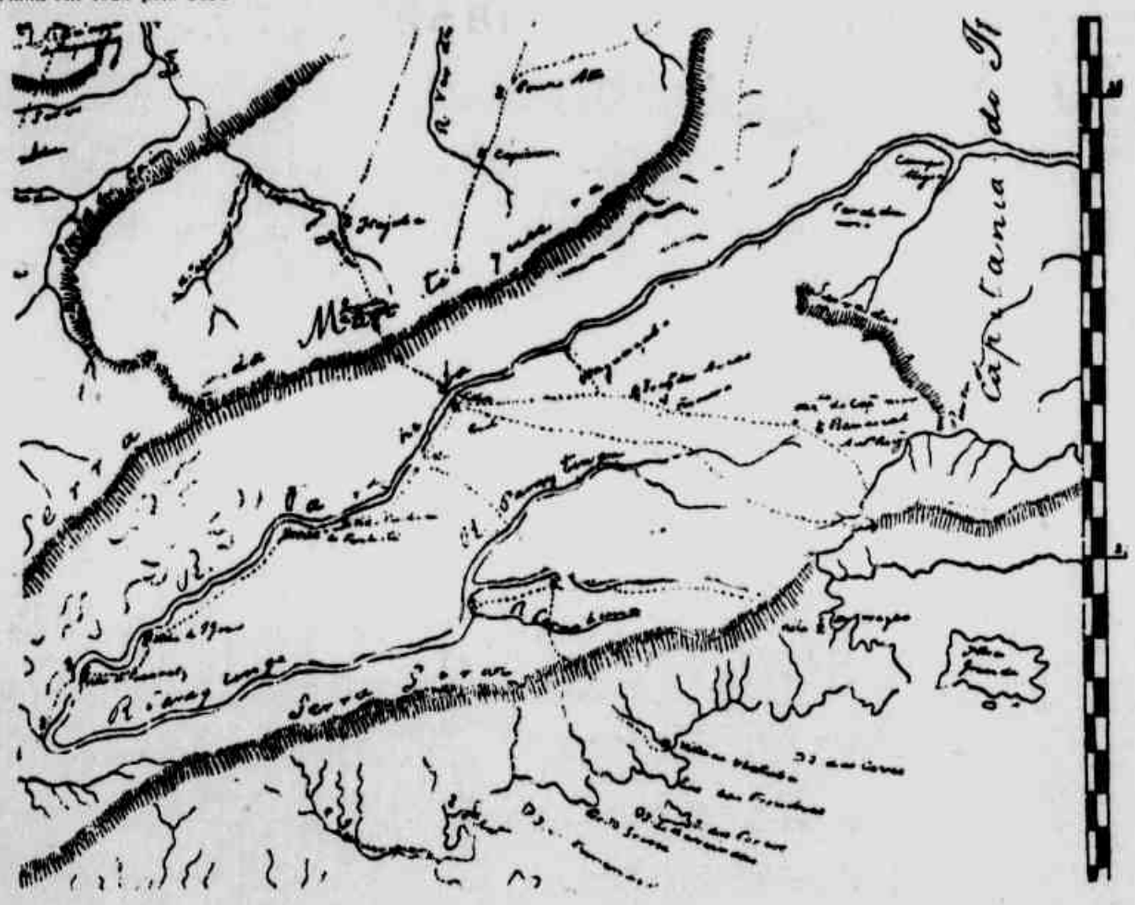
No inicio do seculo XVIII, o caminho das Gerais, vindo de São Paulo, seguia pelo vale do Paraiba até o porto do Guaipacaré, onde ficavam as roças de Bento Rodrigues proximo de onde mais tarde surgiria Lorena. Daí, seguia em direção à Mantiqueira.

Descobertos os depositos auriferos de Minas Gerais, cedo um intenso movimento de gente e tropas mostrou a necessidade de uma ligação direta entre o Rio de Janeiro e a zona de mineração. Foi então aberto o "caminho novo", por Garcia Rodrigues Paes Betim, filho do notavel sertanista Fernão Dias Paes Leme, tarefa essa concluida logo nos primeiros anos do setecentismo. Evitava-se, dessa forma, o caminho de Parati para as comunicações entre o Rio de Janeiro e as Gerais, mas São Paulo continuava com suas comunicações extremamente dificeis com a sede do governo colonial. Deveria continuar a servir-se do "caminho velho" para as relações com a Guanabara. Ou então pelo mar, via Santos.

Descobertas as minas de Cuiabá, em 1719, por Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros, e logo mais, em 1724, as de Goiás, por Bartolomeu Bueno da Silva, não tardou que o governo da recem-criada capitania paulista viesse a se preocupar com os novos problemas a que tais fatos deram origem. Entre estes, importante se mostrou, para Rodrigo Cesar de Menezes, o do transporte dos Reais Quintos de ouro para o Rio de Janeiro. Os imprevistos que poderiam sobrevir durante o transporte maritimo, fosse desde Santos, fosse desde Parati, quando as rendas da Coroa estariam ao sabor da furia do mar ou da audacia da pirataria, levaram Rodrigo Cesar de Menezes capitão-general de São Paulo, a tentar a solução exclusivamente terrestre entre os dois centros administrativos da Colonia. Deliberou, por isso, abrir o caminho de terra, entre as últimas vilas paulistas do Paraiba e a região de Santa Cruz, já articulada por via terrestre com a sede do governo geral, no Rio de Janeiro.

Rodrigo Cesar de Menezes encarregou da emprêsa ao capitão-mór de Guaratinguetá, o qual se associara a diversas pessoas para levar a cabo a empreitada, mediante a recompensa da concessão de sesmarias ao longo do trajeto. Desta sua deliberação, Rodrigo Cesar de Menezes fez ciente o governador do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1725 (1), ocasião que representou para solicitar que assegurasse àqueles que iam se desincumbir da tarefa a concessão de sesmarias no distrito de seu govêrno. Em março do mesmo ano o capitão-general de São Paulo leva ao conhecimento do Rei a sua determinação em unir, por terra, São Paulo ao Rio de Janeiro (2). E frisa na sua comunicação, que tal empreitada se faria sem despesa alguma que fosse para a Real Fazenda. Homens poderosos de São Paulo tinham-se responsabilizado pela efetivação da obra mediante a recompensa em sesmarias. Os trabalhos de abertura do caminho já tinham tido inicio. Feita em março esta comunicação, em setembro desse mesmo ano vinha de volta uma carta régia aprovando a decisão de Rodrigo Cesar de Menezes (3).

Iniciada a obra, parece ter Rodrigo Cesar de Menezes



A "Carta Corográfica da Capitania de São Paulo" de João da Costa Ferreira, datada de 1793, mostra o caminho para o Rio de Janeiro já aberto através a região onde se situariam, mais tarde, as cidades de Areias, Barreiro e Bananal. Segundo é possivel notar, partia êle de Lorena, passava pelo Paiol de Itaguaçaba, atravessava a freguesia das Areias, o lugar chamado Ferreiro (?), a fazenda de um Capitão-Mór, depois Bananal e em seguida o lugar assinalado como Antonio Rodrigues. Pouco adiante entrava em território do Rio de Janeiro. Por esta época, e nesse ponto é bem claro o mapa de João da Costa Ferreira, já havia sido abandonado o percurso que acompanhava o Rio Paraiba, além de Lorena, por iniciativa de Martim Lopes Lobo Saldanha, em 1775. O local onde se ergueria mais tarde a cidade de Rezende, e que pela época se denominava Paraiba Nova ou Campo Alegre, aparece na carta, próximo à volta que o Paraiba faz antes de receber o Rio Barreiro, sem nele estar assinalada qualquer via de comunicação. E' que se restava ainda algum sinal do primitivo caminho por ali aberto, esse não passaria de um simples trilho pelo meio do mato, ou pouco transitada picada.

encontrado certas dificuldades por parte dos que primeiro se tinham encarregado da obra, por isso que a tarefa precisou ser redistribuida. A Câmara de Taubaté foi atribuida a feitura das primeiras oito léguas de caminho, a de Pindamonhangaba as oito léguas seguintes e à de Guaratinguetá, um terceiro trecho de igual extensão. Mais oito léguas finais foram atribuidas a Domingos Antunes Fialho. Ao todo, trinta e duas léguas de percurso. Antes de terminar o ano de 1725, segundo tudo faz crer, a picada, em toda a extensão do projetado caminho, estava já aberta (4).

No ano seguinte — 1726 — Rodrigo Cesar de Menezes esbarra com as primeiras dificuldades de ordem politica, dado o choque de interesses que a nova ligação S. Paulo-Rio iria provocar em relação aos moradores de Paratí, primeiro, e os de Angra dos Reis, logo a seguir. Pretendiam uns e outros obstar a abertura do caminho interior, por isso que tal realização viria prejudicar os seus interesses economicos, à margem que ficariam da rota de comunicações entre os dois grandes nucleos populacionais do centro-sul brasileiro. Por isso, moradores de Parati e moradores de Angra dos Reis requereram fosse impedida a abertura de dita via, pois a tal se realizar, aquelas vilas da marinha extinguir-se-iam. Queriam que o caminho passasse por elas, e não pelo sertão. Queriam que o caminho viesse em volteios e evoluções pelas reentrancias da costa maritima que desde Parati se desenvolve em golfos, bacias e enseadas até Sepetiba, nas pescarias dos padres da fazenda Santa Cruz. Pediam mesmo, como extrema medida, que o governo do Rio de Janeiro determinasse a prisão dos moradores de Guaratinguetá que, a serviço da abertura da estrada, entrassem no seu distrito

Em face de tal atitude, da população litoranea, Rodrigo Cesar de Menezes apela para o Rei. Que não criassem dificuldades os de beira mar. Pelo contrario, deveriam eles ir ajudar na feitura da obra, que o interesse superior da Colonia e do Reino estava em jogo. Ordens teriam vindo, taxativas. Porque o governo do Rio determinou fossem os de Parati e Angra dos Reis a auxiliar na tarefa que se impunha levar a cabo. Mas, parece jamais foi prestada essa ajuda aos planaltinos. Em 1728 os do litoral não tinham feito cessar suas queixas e muito menos ido a auxiliar a abertura do caminho (5). Mau grado ordens taxativas. E reais recomendações de que fosse prestado todo apoio, pelo governo do Rio de Janeiro, ao capitão-mór de Guaratinguetá e seus associados. Que a eles se dessem toda a ajuda e favor. Recomendações que não foram as primeiras; e que não seriam as ultimas (6). E Rodrigo Cesar Menezes insiste e torna a insistir. Naquele mesmo ano, estando ele em viagem de inspeção às minas auriferas de Cuiabá, escreve, da longinqua paragem, mais uma carta ao Rei, solicitando ainda uma vez fose determinado ao governo do Rio de Janeiro fizesse ele concluir a parte que lhe deveria caber, nas terras de seu distrito (7).

Em substituição a Rodrigo Cesar de Menezes, Antonio da Silva Caldeira Pimentel assume a governança da capitania paulista, no ano mesmo de 1728. Imediatamente volta a reforçar perante a metropole os insistentes pedidos de seu antecessor. E de Portugal partem ainda novas determinações ao governo do Rio de Janeiro, sempre no sentido de que prestasse a maior ajuda possivel aos de São Paulo, visando àquele importante desiderato (8).

Dois anos depois de iniciados os primeiros trabalhos de abertura do caminho para o Rio de Janeiro, ainda não estavam, os incumbidos da tarefa, muito seguros de que a concessão de sesmarias, em retribuição aos seus esforços, estivesse garantida. Uma carta-régia de 1728 assegura esse direito aos encarregados das obras. Receberiam sesmarias nas terras atravessadas pelo caminho. Os que antes tinham requerido terras naquela area e não haviam retirado as cartas de confirmação, perderiam seus direitos eventuais em favor dos novos solicitantes. Mas as sesmarias, determinavam as reais ordens, obrigavam aos seus concessionarios a pôr o caminho corrente (5). Mais tarde foi proposto ao rei se obrigasse aos sesmeiros a cultivar suas terras e, ao mesmo tempo, a conservar os trechos de caminho existentes em suas concessões. Isto porque, afirmava o governador do Rio de Janeiro, as rendas publicas seriam insuficientes para custear tal trabalho, de vez que "os matos neste pais cortam-se hoje, fecham-se amanhã" (9). Imperativo da pujança vegetal de um clima quente e umido. E o monarca português autorizou a que se fizesse pela forma que lhe tinha sido sugerida (10).

Um obstaculo, logo nos primeiros tempos — além da questão com os moradores de Parati e Angra dos Reis — se levantou contra a abertura do caminho para o Rio de Janeiro: os padres da fazenda Santa Cruz. Opuseram certa resistencia a que o caminho passasse pelas suas terras. Assim tambem outros poderosos da região pretenderam criar dificuldades.

Desde o começo, como já foi dito, Rodrigo Cesar de Menezes abriu uma picada ao longo de todo o trajeto, predelineando o traçado definitivo. Fê-lo dissimuladamente, para logo que lhe fosse permitido, surgir com os Reais Quintos de ouro em Pleno Rio de Janeiro (11). E em 1728, com carregadores indios, bateu com a carga em plena cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A frente da tropa humana, carregada com o precioso rendimento fiscal, seguiu o capitão-mór de Guaratinguetá com o seu tróço de roceiros a limpar a trilha que o mato já vinha tapando. Foram assim até certo ponto, onde terminava o caminho dissimulado, proximo a fazenda dos padres da Companhia, na baixada fluminense. Vinham já com seus cinquenta dias de marcha e de trabalhos. E não teriam saido do mato, disse mais tarde o governador do Rio de Janeiro em carta ao Rei, se os de uma aldeia dos mesmos religiosos não ajudassem à gente de São Paulo na sua extravagante viagem (9).

Essa caminhada pelo mato, entre a ultima vila paulista e o afazendado nucleo religioso, por isso que dali ao Rio o caminho era franco e transitado, deveria Rodrigo Cesar de Menezes ter feito realizar logo depois, possivelmente no ano seguinte, de aberta, ou explorada, a primeira picada de locação do caminho. Porque o proprio governador do Rio de Janeiro é quem afirma, em 1729, em carta ao Rei, que por tal picada já se tinha furtado muito ouro ao Real Quinto. Muito extravio poderia ter ocorrido por ser uma via de comunicação não frequentada, por nova e precaria, sobretudo.

Mas voltemos ao caso dos padres de Santa Cruz. Feitas as primeiras objeções à abertura do caminho pela sua fazenda, o Rei determinara ao reitor da Companhia que não dificultasse os trabalhos. Este respondeu à real determinação esclarecendo que não queria que o caminho passasse através seus cultivados nem ao pé da aldeia dos seus escravos, ao mesmo tempo em que informava ter mandado abri-lo pelos matos de suas terras (9).

E se o fizeram realmente, não o foi nas mais desejaveis condições. Abriram uma picada por lugares pouco adequados. Alagadiços e partes intrataveis — segundo informação levada ao Rei (12). Picada feita em continuação ao caminho aberto pelos paulistas, o qual ia em direção ao Rio Guandum. Passava por fora do cercado onde os padres reuniam os seus escravos, fechados, e ia se meter na Estrada Real. Esta estrada principiava na "pescaria e barra de Sepetiba", onde iam ter as embarcações de Parati e mais portos do sul. Segundo essa informação enviada ao Rei, o que os padres tencionavam mesmo, dada a evidente má vontade e descaso com que cumpriam as reais ordens, era fechar ou impedir, não sómente o caminho novo de São Paulo, como o de Sepetiba. Não queriam ninguem atravessando suas terras. Mas à vista das informações que lhe foram dadas, determinou mais uma vez o Rei que os padres fizessem o caminho "pelo rumo de suas terras, direito ao marco que tem na borda do Rio Guandum, e dali até se meter na Estrada Real que vem do fim da Serra de Marapicú, direito ao Rio de Janeiro" (13). Já estavamos, a esta altura, por volta de 1732. No ano seguinte nova ordem é dada ao governador do Rio de Janeiro para que insistisse junto aos padres no sentido de que concluissem o caminho sem mais tardar. E se isso não fosse feito, o governador que o mandasse executar por conta deles e das mais pessoas que o deviam executar (14).

Uma carta do Conde de Sarzedas menciona o fato de ter Antonio da Silva Caldeira Pimentel mandado abrir, em 1728, uma picada no teritorio fluminense, em continuação ao caminho já feito na parte paulista, por onde passaram os Reais Quintos daquele ano. Já os de 1732 não tinham seguido pelo mesmo por não estar aquela parte ainda concluida (15). José Fernandes de Carvalho e seus socios tinham se incumbido de transformar em caminho transitavel aquelas sete léguas de picada em terras do Rio de Janeiro, mediante pagamento em sesmarias. Urgia que levassem a cabo a empreitada, por isso que os padres da fazenda Santa Cruz tinham oferecido passagem por dentro da mesma enquanto não terminassem o trecho a que se tinham obrigado fazer, em continuação às sete léguas de José Fernandes de Carvalho (16).

Ainda em maio de 1733 é transmitida uma ordem real, por intermedio do Conde de Sarzedas, capitão-general de São Paulo, a Manoel de Freitas de Affonseca, que servia de governador do Rio de Janeiro, para que obrigasse os padres a fazerem o incruado caminho, de vez que estes estavam embaraçando a sua abertura (17). O governo do Rio de Janeiro, por sua vez, estava autorizado a prestar toda a ajuda de que necessitasse José Fernandes de Carvalho na abertura do caminho (18), a quem seria dado o mantimento de que precisasse, obtido dos moradores do Rio de Janeiro. Ao coronel Domingos Antunes Fialho, de Guaratinguetá, o Conde de Sarzedas faz um apêlo para que se entregasse seriamente ao serviço, a fim de pô-lo na "última perfeição". Acreditava que dêsta vez fosse tudo terminado, porque o Rei já determinara aos padres de Santa Cruz que abrissem o caminho às suas próprias expensas (19).

No ano seguinte, em 1734, afinal, o Conde de Sarzedas podia comunicar ao Rei: "O caminho que se abriu desta cidade para o Rio de Janeiro se acha concluido e por êle vão remetidos os Reais Quintos, que consistem em 852 marcos, 6 onças, 78 oitavas e 57 grãos, e em dinheiro do Real Donativo e Quintos de Indios oito contos oitenta mil e quatrocentos e oitenta réis" (20).

Aberto de ponta a ponta, não ficara, entretanto, na "última perfeição", ainda. Em 1738, Gomes Freire de Andrade falava na necessidade de rematar o caminho para o Rio, em que "há anos se trabalha" (21), inclusive o trecho dos padres. E de acôrdo com as ordens do Rei era preciso terminá-lo. Os povoadores novos da região precisavam continuar com as roças, definitivamente, ou acabar com ela de uma vez, para que outros ocupassem os seus lugares. As sesmarias deviam mudar de mãos para que a obra não desse por água abaixo (22). Mas, o estado do caminho deveria ainda por muitos anos permanecer assim apenas dando passagem.

Quatro decadas mais tarde, em 1775, Martim Lopes Lobo Saldanha capitão-general de São Paulo, dirigindo-se ao seu colega de Minas Gerais, afirmava estar no empenho, já tentado, de abrir e povoar o caminho por terra para o Rio de Janeiro. Poderia tratar-se apenas de melhorá-lo, porque aberto já estava, e há anos (23). Mas, no ano seguinte o próprio Martim Lopes, em carta ao Vice-Rei Marquês de Lavradio, dá conta de seu plano de rasgar uma variante do caminho primitivo aberto, inicialmente, por Rodrigo Cesar de Menezes.

E mandara já abrir uma picada de exploração. "A facilidade e felicidade — diz — com que se abriu a picada até perto de São João Marcos foi tanta que em poucos dias pelas cabeceiras dos ribeirões e por excelentes paragens, livres quanto podem ser de morros e das voltas que se davam no caminho da Paraiba, que por êsse novo caminho se hão de atalhar três dias de viagem".

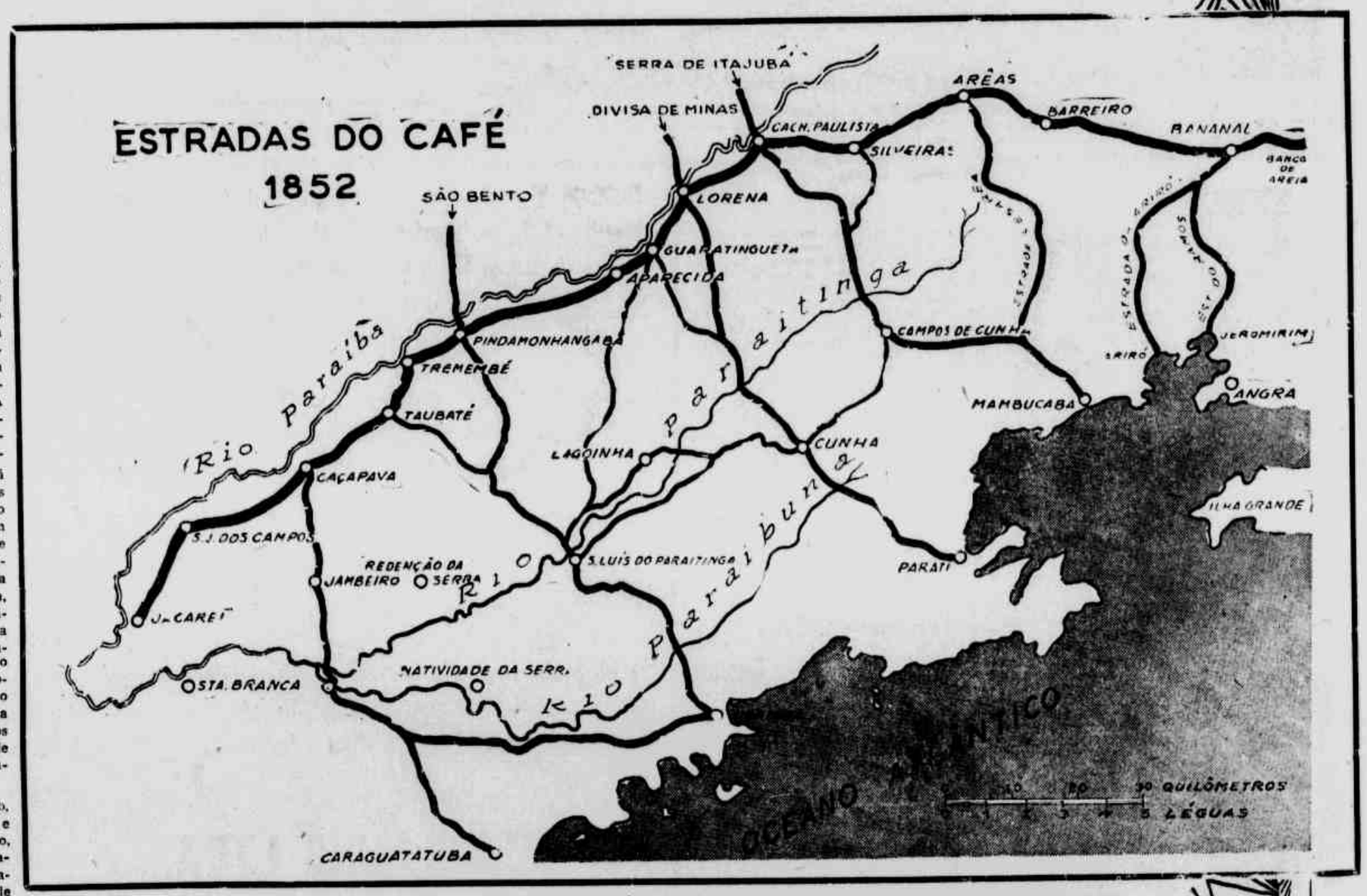
Não foi sem dificuldade que Martim Lopes fez a dita exploração. O vigario da Paraiba Nova se opusera à abertura do novo caminho ou melhor, dessa variante (1776). Mas as vantagens dêste eram insofismaveis, em vista da "quase impossivel conservação daquele caminho do Paraiba, pois eram precisas para o tempo das aguas tantas pontes... que em algumas partes se não podiam fazer e era preciso haverem canoas e nadarem os cavalos no tempo das aguas", etc. Martim Lopes pusera mãos à obra e esperava, em breve, rematar a empreitada. "Dentro de três meses há de estar aberto e povoado este novo e melhor caminho, não só da parte que pertence a esta capitania de São Paulo mas também do Estado de V. Excia.", dizia êle ao Vice-Rei (24).

E assim foi sendo feito. Foi sendo feito porque o caminho custou a ficar pronto de vez. Em 1781, dizia Martim Lopes Lobo Saldanha a Martinho de Melo e Castro, tratando de assuntos de sua administração, "ter facilitado a comunicação desta capitania com a do Rio de Janeiro, abrindo o caminho por terra" como fizera presente por oficios de dezembro de 1776 e abril de 1778 (25). Mas em 1792, já passados quase setenta anos dos primeiros trabalhos mandados executar por Rodrigo Cesar de Menezes, as obras do segundo caminho para o Rio ainda estavam por concluir. Nesse ano o capitão-mór de Guaratinguetá, Manoel da Silva Reis, resolvera remantar a obra do caminho, e estava determinado a fazê-lo depois da colheita de suas roças. Era seu plano melhorar o traçado, abrindo atalhos, ao chegar ao Rio Piraí. Essa providencia evitaria a passagem pelo Morro do Frade e outros, facilitando o comercio com a Ilha Grande como era chamada Angra dos Reis.

Deixaria também o caminho livre das boiadas que por aquela parte costumavam romper "do caminho da Paraiba Nova para êsse". Isto, comunicado que foi ao capitão-general da capitania de S. Paulo, obteve dêste a devida autorização para levar a cabo o serviço (26).

Pelo visto, o primeiro caminho, aquele mandado abrir inicialmente por Rodrigo Cesar de Menezes, acompanhava o curso do Rio Paraiba, passando pela freguezia da Paraiba Nova, hoje Rezende (27). Martim Lopes Lobo Saldanha deliberou abrir nova estrada e, mesmo contra a vontade do vigario da Paraiba Nova, lançou outro traçado pelo sertão, entre o primeiro caminho e o mar, traçado que deveria se aproximar bastante daquele seguido pela primeira estrada de automoveis aberta entre as duas grandes capitais brasileiras, na terceira década dêste século e onde se plantaram Silveiras, Areias, Barreiros e Bananal, seguindo, de um modo geral, o mesmo itinerario da estrada perlustrada por Martius, Saint- Hilaire e Zaluar no oitocentismo. Aquela estrada a que se referia Antonio Manoel Melo Castro e Mendonça, capitão-general de São Paulo, em carta dirigida a dom Rodrigo de Sousa Coutinho, em 1797: "Pretendo igualmente erigir em Freguezia a povoação do Bananal, por ficar no caminho do sertão que segue desta capitania para a do Rio de Janeiro" (28).

O velho caminho aberto inicialmente por Rodrigo Cesar de Menezes, "o caminho da Paraiba", abandonado por aquele outro "do sertão", de iniciativa de Martim Lopes Lobo Saldanha, demoraria desdeixado por quase século e meio até que fôsse o seu traçado geral aproveitado novamente, para nele ser lançada a rodovia Presidente Dutra, modernissima auto-estrada de nossos dias.



REFERENCIAS

1) — "Documentos Interessantes", publicação do Arquivo do Estado de São Paulo, vol. XX, p. 153; 2) — "D.I.", vol. XXXII, p. 118. 3) — "D.I.", vol. XVIII, p. 170; 4) — "D.I." vol. XX, p. 207; 5) — "D.I.", vol. XXXII, p. 164 e L. p. 163; 6) — "D.I.", vol. L, p. 17 e XVIII, p. 219 7) — "D.I.", vol. XXXII, p. 193; 8) — "D.I." vol XVIII, p. 261; 9) — "D.I.", vol L, p. 157; 10) — "D.I.", vol. L, p. 170; 11) — "D.I.", col L p. 245; 12) — "D.I." vol. L, p. 171; 13) — "D.I.", vol. L, p. 245; 14) — "D.I.", vol. L, p 267. 15) — "D.I.", vol. XLI, p. 43; 16 — "D.I." vol L, p. 265; 17) — "D.I.", vol. XLI, p. 58; 18) — "D.I.", vol. XLI, p. 60; 19) — "D.I.", vol. XLI, p. 61; 20) — "D.I.", vol. XL, p. 137; 21) — "D.I.", vol L p 308; 22) — "D.I.", vol. L, p. 309; 23) — "D.I.", vol. XLII, p. 90; 24) — "D.I.", vol. XLII p 159 25) — "D.I.", vol. XLIII, p. 393; 26. — D. I.", vol. XLVI, p. 164; 27) — Max Vasconcellos, "Vias Brasileiras de Comunicações", 6.a edição, Rio, 1947 p. 185: "Rezende é cidade desde 13 de julho de 1848 e sede de um dos maiores municipios do Estado do Rio de Janeiro. Foi fundada em 1744 por Simão da Cunha Gago, vindo de Aiuruoca. Em 1747 construiu-se a capela de Nossa Senhora da Conceição, confiados os serviços do culto ao padre Teixeira Pinto. A 24 de julho de 1849 era vila, levantada pelo coronel Fernando Dias Pais Leme. Teve o nome de Paraiba Nova e depois o de Campo Alegre. Era o Timburibá, do gentio". 28) — "D.I.", vol. XXIX, p. 45.

ORGANIZAÇÃO LEVY

SANTOS • ESTADO DE SÃO PAULO

S. A. LEVY COMISSÁRIA E EXPORTADORA DE CAFÉ

FUNDADA EM 1892 PELO CORONEL JOSÉ LEVY

Capital e Reservas Cr$ 35.000.000,00

Rua do Comercio, 24
1.º andar
Telefone, 2-3047

Caixa Postal, 123
End. Teleg.
"LEVY"

Diretoria - Flaminio Levy - Presidente
- Renato Freitas Levy - 1.º Vice-Presidente
- Dr. Olyntho S. A. Farto - 2.º Vice-Presidente
- Oswaldo Ferreira da Silva - Diretor-Gerente

CIA. ALIANÇA DE ARMAZENS GERAIS

FUNDADA EM 1923

Capital e Reservas Cr$ 15.000.000,00

Rua do Comercio 24
2.º andar
Telefone, 2-5076

Caixa Postal, 613
End. Teleg.
"ALIANÇA"

Diretoria - Dr. Antonio José Levy - Diretor-Presidente
- Murillo Veiga de Oliveira - Diretor-Superintendente
- Mauro de Arruda Almeida - Diretor-Gerente
- Dr. Cassio de Freitas Levy - Diretor-Secretario

J. LEVY & CIA. LTDA.

FUNDADA EM 1937

Capital e Reservas Cr$ 6.300.000,00

Rua do Comercio 24
3.º andar
Telefone, 2-2044

Caixa Postal, 019
End. Teleg.
"JOTALEVY"

Diretoria - Jacob Emilio Levy - Diretor-Superintendente
- José Theodoro Carvalhaes - Diretor-Gerente
- Flaminio de Freitas Levy - Diretor-Secretario

ALIANÇA IMOBILIÁRIA LTDA.

FUNDADA EM 1944

Capital e Reservas Cr$ 23.000.000,00

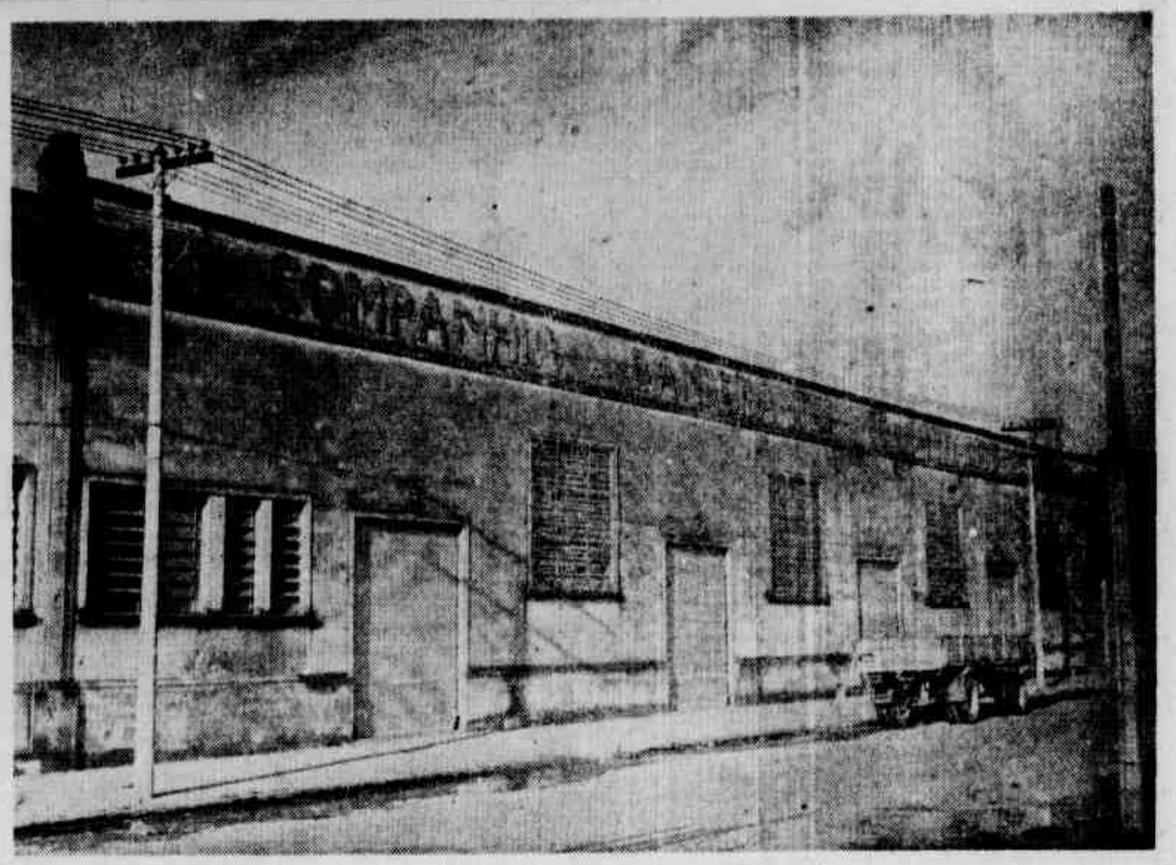
Rua do Comercio 24
3.º andar
Telefone, 2-3693

Caixa Postal, 820

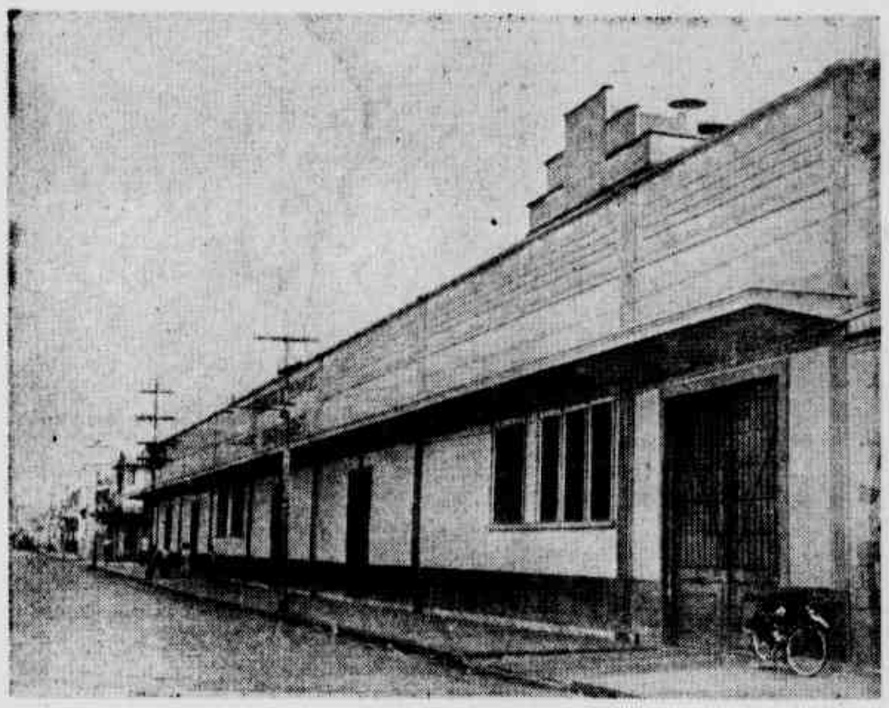
Diretoria - Flaminio Levy - Presidente
- Dr. Antonio José Levy - Vice-Presidente
- Murillo Veiga de Oliveira - Diretor-Gerente
- Arnaldo Martins Siqueira - Diretor-Secretario
- Antonio C. Amarante Levy - Diretor Superintendente

Na vanguarda dos negocios cafeeiros a Cia. Bandeirantes de Armazens Gerais

rmazem numero 2 da rua Caiubi, em Santos



Armazem de São Paulo na av. Presidente Wilson



Armazem numero 1 da rua Dr. Manoel Tourinho, em Santos

CONTRIBUI PARA O FORTALECIMENTO DO COMÉRCIO E LAVOURA NACIONAIS

Ramificam-se pelo Interior do Estado suas filiais -- Números que revelam a solidez e a vitalidade da firma santista

A Companhia Bandeirantes de Armazens Gerais, é uma das mais solidas firmas armazenadoras sediadas na praça de Santos. Ligada ao comercio cafeeiro, desde 1o. de março de 1935, data de sua fundação, foi aos poucos se ampliando em face do crescente volume dos negocios cafeeiros e hoje coloca-se na vanguarda desse tipo de comercio.

O capital inicial foi de mil contos. Hoje, seu capital atinge a casa dos 60 milhões de cruzeiros com reservas que chegam a quase vinte milhões.

Apesar de ter sua sede em Santos mantem filiais em S. Paulo, Lins, Marilia, Vera Cruz e Tupã, zonas cafeeiras do Estado. Os armazens próprios da Cia. Bandeirantes totalizam uma area de 50 mil metros quadrados, com a seguinte distribuição: Santos — 24 mil metros quadrados; São Paulo — 15 mil metros quadrados; e Interior — 11 mil metros.

Dispõe ainda de secção de transporte, instalada em moderna garage, também própria, cujos veiculos transportam, exclusivamente, as mercadorias destinadas aos seus armazens.

ESTATISTICA

Sòmente nos armazens de Santos, recebeu a Companhia, até 31 de dezembro de 1953, o total de 17.464.132 sacas de café, conforme dados que seguem:

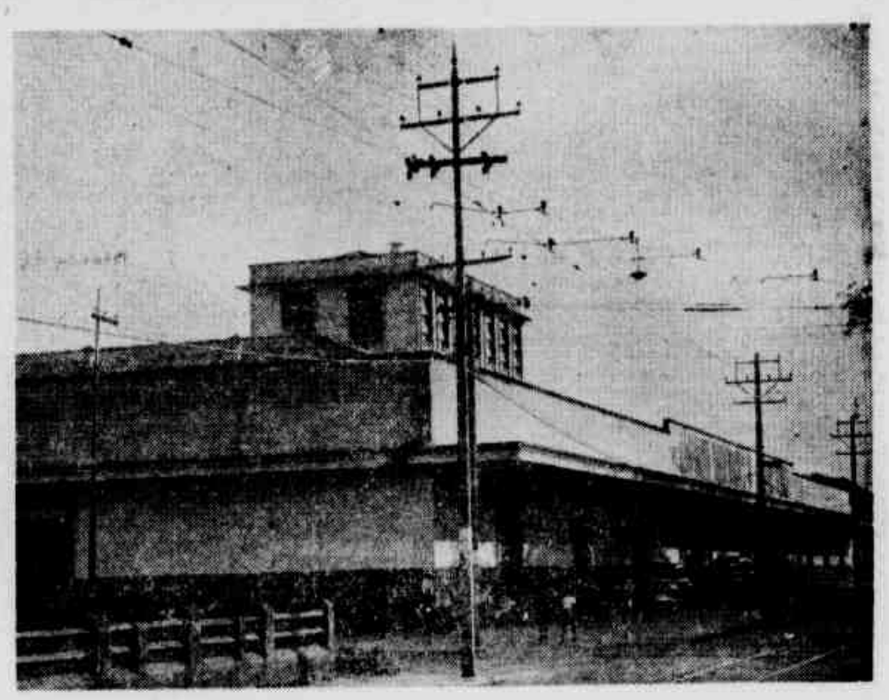
1935/39	2.212.921 sacas
1940/44	3.466.932 sacas
1945/49	6.705.495 sacas
1950/53	5.078.784 sacas

Outros dados merecem especial registro. Trata-se do faturamento de café.

No ultimo ano emitiu, por conta de seus depositantes, 2.567 faturas, com 1.117.320 sacas, que somaram o valor de C$ 1.625.120.357,40. Não menos significativo é o movimento da caixa da Companhia que registrou durante o último exercicio, entre recebimentos e pagamentos, a cifra de Cr$2.474.126.317,50.

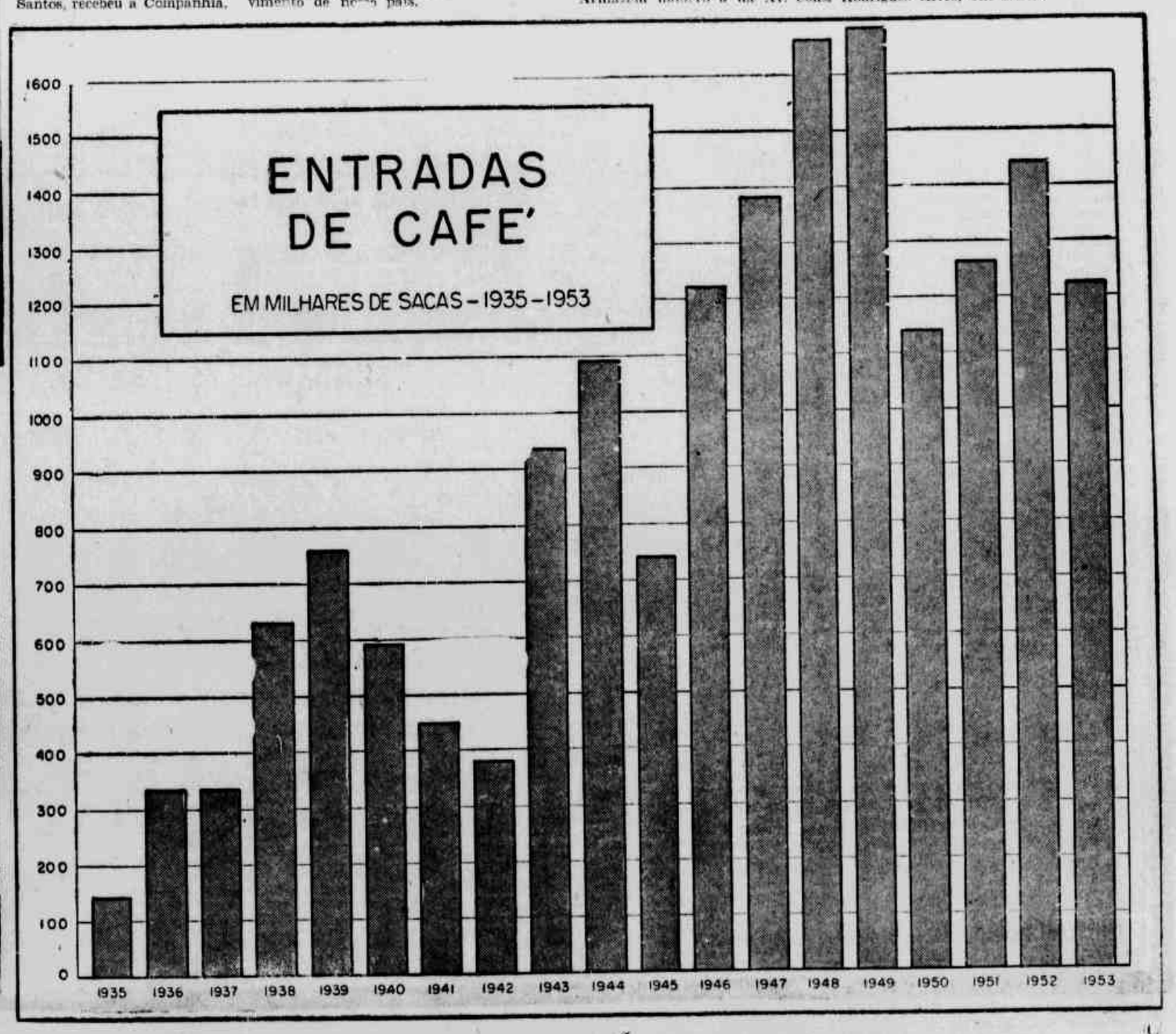
Adicionando-se a estes numeros o movimento de suas filiais, por cujos armazens transitam, anualmente, milhares e milhares de volumes, poder-se-á aquilatar dos valiosos serviços que presta à lavoura e ao comércio.

São numeros que revelam a vitalidade de uma firma, cujo objetivo principal é incentivar aqueles setores da economia nacional, dando-lhes maior pujança e fortalecimento, no sentido de sempre contribuir para o desenvolvimento de nosso país.



Armazem numero 3 da Av. Cons. Rodrigues Alves, em Santos

Armazem numero 4 da rua Borges, em Santos



Armazem numero 5, da rua Dr. Manoel Tourinho, em Santos

UMA CAFEICULTURA EM BASES CONSERVACIONISTAS

SERÁ A MELHOR GARANTIA DE NOSSA ESTABILIDADE ECONÔMICA

O CAFE' E A CONSERVAÇÃO DO SOLO

J. QUINTILIANO A. MARQUES
(Chefe da Secção de Conservação do Solo do Inst. Agronomico)

A importancia da conservação do solo para o Brasil é patente para quem quer que se dê ao trabalho de examinar as condições de seu ambiente fisico, de sua historia, de sua evolução economica, e, sobretudo, dos processos aplicados na exploração de suas terras. Os recursos renováveis com que a natureza nos brindou e, muito especialmente o solo, têm sido impiedosamente malbaratados por uma verdadeira agricultura de exploração. Praticas agricolas comprovadamente nefastas têm provocado um profundo desequilibrio em nossa natureza e um irreparavel dano ao nosso solo, êsse inestimavel patrimonio da coletividade.

Em consequencia do máu trato do solo a nossa agricultura tem sido, em sua quase generalidade, forçada a um verdadeiro nomadismo, em continua e insaciavel busca de terras virgens para substituição daquelas já esgotadas e improdutivas que vai deixando em sua evolução pelo territorio brasileiro.

A nossa cafeicultura é um exemplo tipico dêsse nomadismo, em razão de sua elevada exigencia de fertilidade do solo e notadamente de riqueza em humus. Hoje já estamos explorando as ultimas reservas de terras virgens adequadas á cultura do café. Assim, se quisermos garantir a estabilidade dêsse insubstituivel produto da terra, que tem sido o verdadeiro sustentáculo de nossa economia, teremos que assegurar a formação racional das lavouras que de agora em diante se instalarem nesse remanescente de terras boas que nos resta para usufruir, e, ao mesmo tempo estabelecer praticas conservacionistas em proporções adequadas nas lavouras já formadas.

O DEPAUPERAMENTO DO SOLO NOS CAFEZAIS

O esgotamento da fertilidade do solo nos cafezais, responsavel pelo nomadismo da cultura no país, é devido às seguintes causas principais:

1. ação da erosão, transportando nas enxurradas que escorrem sobre o solo particulas em suspensão e elementos nutritivos em dissolução;
2. lavagem dos elementos nutritivos da solução do solo pelas aguas que percolam livremente através os horizontes ou camadas de que se constitue o perfil do solo;
3. oxidação e volatilização acelerada da materia organica e do nitrogenio por efeito da ação direta dos raios solares sobre o solo superficial e pelas elevadas temperaturas que caracterizam o nosso clima; e, finalmente,
4. retirada e exportação de elementos nutritivos essenciais, no café colhido dos cafezais.

Cada uma dessas causas, é por sua vez condicionada por uma série de fatores que as tornam mais ou menos intensas, valendo citar por exemplo como agentes indiretos a intensidade das chuvas as temperaturas elevadas, a cobertura vegetal, a topografia, a natureza do solo etc.

Dessa forma a fim de se conseguir uma perfeita conservação do solo será necessario estabelecer medidas que controlem, ou neutralizem o efeito desses multiplos agentes de desgaste da fertilidade nos solos cobertos pelos cafezais.

O conceito de conservação do solo, tem que ser, por conseguinte, amplo bastante para abranger não apenas o controle da erosão, com o qual é por alguns simplisticamente identificado, mas tambem o controle das perdas por lixiviação através do perfil do solo e por combustão acelerada da materia organica, e, ao mesmo tempo, a reposição gradual dos elementos nutritivos que vão sendo retirados do solo pelas colheitas. O objetivo da conservação do solo deverá ser o de manutenção da produtividade do solo em nivel o mais aproximado possivel do estagio inicial, controlando os agentes desgastadores e ao mesmo tempo repondo gradualmente as perdas inevitaveis.

PRINCIPAIS PRATICAS CONSERVACIONISTAS

Alguns dos fatores de depauperamento da produtividade do solo nos cafezais escapam, pela sua propria natureza, a um controle pratico e econômico, haja vista aqueles que dizem respeito ao clima, a condições naturais de topografia, de solo etc. Entretanto, uma porção consideravel dos agentes causadores de desgaste da integridade do solo pode ser controlado pelos agricultores dentro das normas da economia e da pratica.

Dentre os fatores de depauperamento do solo que podem ser facilmente controlados pelos agricultores, figuram de uma maneira geral todos aqueles que dizem respeito à densidade da cobertura vegetal uma boa parte daqueles que se relacionam com as caracteristicas do solo, e, dentro de certos limites, aqueles que se referem à topografia.

As praticas conservacionistas principais em cafezais ou sejam aquelas já comprovadas pelos resultados experimentais rigorosamente obtidos nas instituições de pesquisas agronomicas, ou pela pratica e experiencia dos proprios cafeicultores, são especialmente as seguintes:

A) Praticas de carater edafico, ou seja de beneficio direto à fertilidade do solo:

1. seleção das glebas em função da capacidade de uso do solo;
2. controle das queimas;
3. controle da consorciação de culturas; e,
4. adubações de manutenção e restauração, especialmente a organica.

Praticas de carater vegetativo, ou seja de intensificação da cobertura do solo:

1. redução de capinas durante o periodo chuvoso;
2. alternativa de apinas em ruas contra as aguas;
3. ceifa do mato em condições de erosão muito perigosa;
4. capinas seletivas, deixando o mato que compete pouco com o cafeeiro;
5. adubação verde e plantas de cobertura do solo no periodo chuvoso;
6. cobertura com falha de capim ou acolchoamento especialmente das areas de erosão muito perigosa.
7. sombreamento nas regiões de chuvas abundantes e regularmente distribuidas durante todas as estações do ano;
8. renques de vegetação cerrada a espaços regulares especialmente nas regiões de topografia acidentada e de melhor distribuição de chuvas.

C) Praticas de carater mecanico, ou seja de sistematização do terreno visando o controle da erosão:

1. disposição racional dos carreadores e escoadouros de modo a evitar o perigo de esburacamento de caminhos;
2. plantio em contorno com espaçamentos mais cerrados dentro das linhas em nivel;
3. construção prévia de terraços tipo camalhão de base larga nos terrenos de topografia mais favoravel;
4. construção prévia de terraços tipo patamar continuos ou descontinuos (banquetas individuais);
5. construção de terraços tipo camalhão de base estreita chamados "cordões em contorno", nos cafezais já formados;
6. construção de terraços tipo patamar descontinuos tambem denominados banquetas individuais, nos cafezais já formados em terrenos muito inclinados;
7. coveamento em rodisio nos cafezais já formados;
8. estabelecimento de canais escoadouros para disposição segura dos excessos de enxurrada não retidos no cafezal.

Uma vez que conforme vimos anteriormente, são bastante complexas e variadas as causas do desgastamento do solo, complexas e variadas, tambem, deverão ser as medidas aplicadas para o seu controle.

Cada uma das praticas conservacionistas acima apontadas, além de apresentarem certas limitações e desvantagens ao lado de seus beneficios, caracterizam-se tambem por serem especificas e de adaptabilidade limitada dentro do amplo problema de conservação do solo.

Dessa forma cada pratica proporciona soluções apenas parciais e limitadas, razão porque para consecução de uma solução o mais aproximado possivel da perfeição, será sempre necessario aplicar simultaneamente um conjunto de praticas devidamente selecionadas, de modo a abranger, com a maior amplitude possivel os diversos angulos do problema.

A escolha do melhor conjunto de praticas que deverão integrar um programa de conservação do solo em cafezal, dependerá, naturalmente, das condições particulares de cada fazenda, ou mesmo de cada gleba do cafezal. De um modo geral, entretanto, pode-se dizer, que será necessario aplicar pelo menos uma pratica de cada um dos três grandes grupos mencionados, não deixando, de se ter em vista evidentemente, que tanto mais perfeita será a conservação do solo quanto maior fôr o numero de praticas conservacionistas aplicadas conjuntamente.

Na impossibilidade de tratar detalhadamente de todas as praticas conservacionistas em cafezal, em um trabalho como este, vamos focalizar ligeiramente apenas quatro aspectos que reputamos capitais no problema geral de conservação do solo em cafezal ou seja:

1. a formação de cafezais com previsão do controle de erosão, através plantio em curvas de nivel e medidas complementares.
2. o controle da erosão nos cafezais já formados;
3. a intensificação da cobertura vegetal do solo nos cafezais, como medida de controle da erosão, controle das perdas por percolação através do perfil, e também de controle da combustão acelerada da materia organica;
4. a reposição gradual das perdas inevitaveis, através de adubações organicas e minerais de manutenção.

NECESSIDADE DE RACIONALIZAÇAO DOS NOVOS PLANT'OS

O disciplinamento do plantio de novas lavouras de café é uma medida urgente para o país tendo-se em vista a duração da cultura e os prejuizos que decorrem por anos sucessivos, em consequencia de um plantio defeituoso como esses das ruas esquadrejadas em desconsideração ao relevo do terreno, que predomina em nossas lavouras.

Em se tratando de café, produto que sustenta a Nação e que o mau uso do solo está eliminando de nossas disponibilidades agricolas, urge com mais razão ainda obrigar a formação racional das novas lavouras que se estabelecem, de forma a assegurar a sua maior duração e a sua maior produção.

A não ser para plantar racionalmente em curvas de nivel e segundo os ditames da técnica agronomica será preferivel nada plantar. Assim pelo menos ficará intacto para as gerações melhor aparelhadas e instruidas de amanhã esse patrimonio inestimavel das nossas ultimas reservas de terras adequadas para a cultura do café.

Um balanço que se dê hoje nas ultimas reservas que ainda nos restam de terras virgens dentro da faixa ecológica do habitat do cafeeiro, deixa-nos verdadeiramente apreensivos quanto ao futuro desse inigualavel patrimonio fornecedor de divisas que é a nossa cafeicultura.

Os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro praticamente já não mais dispõem de terras virgens propria para o cafeeiro. Do decantado Norte do Paraná resta também já bem pouco para abrir e para formar com novas lavouras dentro da mancha de terra roxa. Resta ainda um pouco mais na região de terras roxas de Dourado em Mato Grosso e algumas pequenas manchas de terras ricas ao Sul de Goiás. Atingidas essas estaremos no fim de nossos recursos naturais propicios à cafeeicultura. A lavoura de café hoje já está entrando na vizinha terra paraguaia.

Assim, pois, será urgente para a Nação restringir um pouco a velocidade de desbravamento para café de forma a assegurar o futuro de nossa riqueza. Não fosse o fato de estar a grande maioria das novas lavouras de café sendo formadas de forma inteiramente contraria à técnica agronomica, repetindo de maneira clamorosa os mesmos erros dos lavradores que formaram as antigas lavouras do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo, não haveria mal em que essas ultimas reservas fossem já de uma vez exploradas.

Entretanto, o que se está observando é uma desordenada e imprevidente corrida em que a ganancia dos lucros imediatos domina inteiramente quaisquer interesses patrioticos. O lema é formar novas lavouras a qualquer preço e de qualquer maneira para aproveitar os altos preços atualmente vigorantes para o café, e, dessa forma o patrimonio nacional vai se delapidando de forma irreparavel e alarmante.

A formação racional das novas lavouras, ainda que não se faça no mesmo ritmo da formação livre e desordenada, assegurará produções mais duradouras e maiores por unidade de area.

O refreamento que possa decorrer de um condicionamento da forma de plantio será até beneficio para a economia do país, evitando o perigo da superprodução e do aviltamento de preços que já nos levou há bem pouco tempo aos drasticos recursos da queima do produto e da proibição indiscriminada de novos plantios.

Além do mais, o estabelecimento de uma cafeeicultura em bases racionais daqui para o futuro, de forma a assegurar altas e continuas produções por unidade de area a um custo o mais baixo possivel, com auxilio da mecanização, será a forma mais acertada de o Brasil fazer face à competição internacional que cada ano mais acentua, e agora mais ainda com as possibilidades em vista do desenvolvimento da cultura de café no continente africano.

BENEFICIOS DO PLANTIO EM NIVEL

A erosão tem sido, sem dúvida alguma, um dos fatores mais importantes de depauperamento de nossas culturas de café, acelarada e facilitada pela formação defeituosa e antirracional das lavouras, com as ruas dispostas a favor das águas e sem as necessárias medidas para controle da erosão, em completa desconsideração às mais elementáres normas da conservação do solo.

A ciência agronômica e a prática dos agricultores têm já sobejamente demonstrado que a simples disposição das ruas de plantas seguindo as curvas de nivel do terreno, contribui com grande eficiência para facilitar a infiltração das águas de chuva e controlar a erosão. Ensáios por nós realizados na Secção de Conservação do Solo, do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo, demonstraram, por exemplo, até 1952/53, em culturas anuais do tipo do algodão e do milho, em declividade entre 6,5 e 10,8%, em média para os tipos de solo arenoso, massapé e rôxa, que, enquanto o plantio com as ruas morro abaixo perde anualmente cêrca de 30 toneladas de terra por hectare e cêrca de 7,3% da chuva caída, a forma de plantio segundo as curvas de nivel do terreno perde apenas cêrca de 14 toneladas de terra por hectare e cêrca de 4,9% da chuva caída. Dessa forma, o plantio em contôrno proporcionou um controle de 54% nas perdas de terra e de 33% nas perdas de água.

Em culturas permanentes, como os cafezais, êsse efeito controlador da erosão, apresentado pelo plantio em nivel, se acentua sobremaneira, já que a permanência das ruas, anos após anos, em um mesmo local, vai acentuando, com o passar das máquinas, com as operações culturais e com a própria terra retida, a formação de barreiras mecanicas de terra, que funcionam como verdadeiros terraços ao longo de cada rua.

O beneficio do plantio em nivel se faz sentir imediatamente na estabilização e mesmo no aumento das produções, em consequência da erosão que deixa de se processar e da maior quantidade de água retida no solo.

Além disso, a disposição das ruas de plantas segundo as linhas de nivel do terreno, facilita e ameniza sobremaneira o trabalho das máquinas de cultivo, de trato e de colheita, tornando mais eficiente e mais barata a mecanização da lavoura.

Está já comprovado, também, que o plantio em curva de nivel é uma operação simples e exequivel pela totalidade de nossos agricultores, demandando, praticamente, o mesmo tempo e o mesmo custo que o plantio em linhas retas, do sistema antigo.

COMO PLANTAR EM CURVA DE NIVEL

No plantio em curva de nivel, as ruas do cafezal são dispostas paralelamente a linhas niveladas básicas, locadas a espaços regulares no terreno. A distancia entre essas linhas básicas dependerá do grau e regularidade dos declives, do tipo de solo e das práticas de controle a serem associadas. Costuma-se espaçar as linhas niveladas segundo a distancia entre os terraços ou cordões a serem construídos, ou mesmo dos carreadores a serem deixados. No caso dos terraços tipo camalhão, de base larga, construídos previamente, ter-se-á em cada terraço uma linha básica para traçado das paralelas que marcarão as ruas do cafezal.

No plantio em contôrno haverá ruas apenas em uma direção, ficando as plantas ao longo das ruas, o mais próximo possivel uma das outras.

Distinguem-se duas modalidades principais de plantio de cafezal em curva de nivel: aquela já bem difundida, em que as plantas, em número ao redor de 4, são aglomeradas em covas comuns, e aquela, ainda em fase experimental, em que o mesmo número de plantas é espalhado em linhas ao pares ou mesmo individualmente, em covas alongadas ou em sulcos contínuos, de modo a formar um verdadeiro rênque.

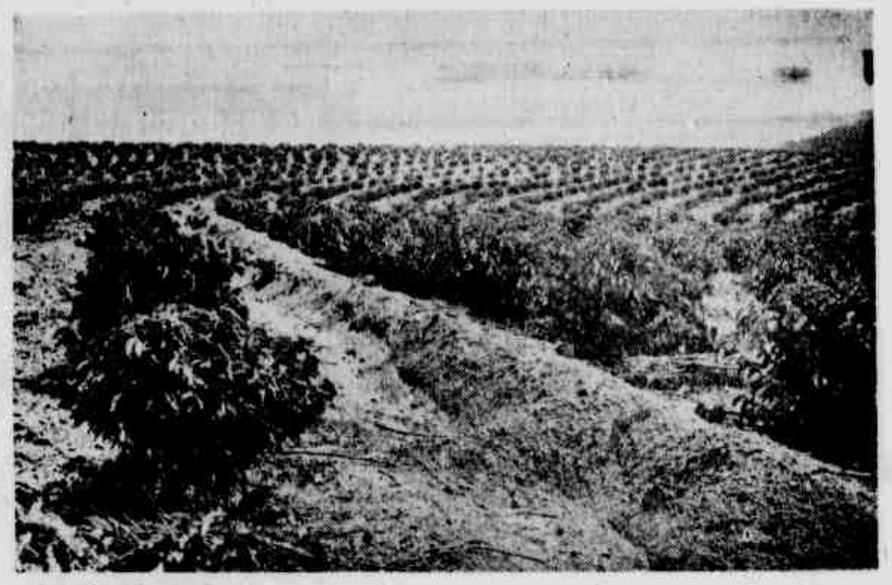
No primeiro caso, costuma-se dar um espaçamento tal, entre covas, que os "pés" (cêrca de 4 plantas) formados tenham individualidade, e, depois de plenamente desenvolvidos, apenas se entrelacem ligeiramente (cêrca de 1/4 a 1/3 do diametro). O espaçamento entre ruas deverá ser tal que permita a livre passagem de pequenos tratores e de seus implementos. Os espaçamentos, tanto entre ruas como entre covas, ao longo das ruas, crescem em proporção diréta com o porte normal da variedade e com a fertilidade do solo. Quando aumenta a declividade do terreno cresce a distancia entre ruas, para facilitar a passagem de máquinas, decrescendo, em compensação, a distancia entre covas ao longo das ruas, de forma a manter aproximadamente constante a área destinada a cada planta.

No caso do plantio em rênque a idéia é distribuir as plantas (cêrca de 4) que nos plantios usuais formariam um "pé", pelo espaço que usualmente seria deixado entre "covas". Uma vez que o plantio de um único pé por cova, em nossas condições de cultivo a pleno sol, é desvantajoso para os cafeeiros, procura-se fazer o plantio de rênques de forma tal a assegurar sempre a proteção recíproca das plantinhas no início de seu desenvolvimento. Assim, ou as plantas são distribuidas aos pares, na metade do espaçamento usual, ou são distribuidas, individualmente, em cada quarto ou quinto do referido espaçamento.

DEFENDER TAMBEM AS LAVOURAS JA' FORMADAS

A par do empenho com que se deve encarar a formação racional das novas lavouras será de suma importancia, tambem, procurar estabelecer proteção contra a erosão das lavouras já formadas irracionalmente.

Varias praticas poderão ser usadas na proteção contra a erosão de tais lavouras, mas enfase especial deverá ser dada aos de terraços tipo camalhão de base estreita comumente denominados "cordões em contorno" para as lavouras situadas em terrenos de topografia não extremamente denominados banquetas individuais para as lavouras formadas em declividades extremamente fortes.



Café em curva de nivel com "cordões em contôrno" para reforço da proteção contra a erosão, na Fazenda São Bento, em Campinas.

Os cordões em contorno têm constituido a pratica conservacionista de carater mecanico mais exequivel e eficiente para a proteção da maioria de nossas lavouras cafeeiras. Em virtude de sua pequena largura podem ser construidos sem sacrificar os cafeeiros já formados, zigzagueando por entre os mesmos, nos intervalos entre suas copas. São, por outro lado, faceis de construir e de manter.

INTENSIFICAÇAO DA COBERTURA VEGETAL

A intensificação da cobertura vegetal do solo nos cafezais é uma das maneiras mais eficientes de se promover a sua conservação. Com efeito, por seu intermedio consegue-se não apenas controlar de certa forma as perdas por lavagem dos elementos nutritivos nas aguas que percolam através do perfil do solo, e tambem a combustão acelerada da materia organica por ação diréta dos raios solares.

De varias maneiras se faz sentir o efeito da densidade da vegetação e dos residuos vegetais sobre a erosão do solo: pela cobertura que protege o solo contra o impácto direto das gotas de chuva; pela absorção de uma parte da agua das chuvas antes dessas atingirem o solo; pela infiltração facilitada, em consequencia dos obstaculos superficiais interpostos ao livre escoamento das enxurradas e dos canaliculos de penetração abertos no solo; e, finalmente, pelo travamento do solo por efeito mecanico das raizes e residuos organicos.

A ação da vegetação de cobertura do solo no controle das perdas de elementos nutritivos nas aguas de percolação resulta da fixação de elementos nutritivos já solubilizados e encontrados livres na solução do solo. As plantas de cobertura do solo, especialmente aquelas de sistema radicular profundo, ao incorporarem os nutrientes do solo em seus tecidos para devolvê-los posteriormente em condição de compostos organicos não prontamente soluveis, promovem uma verdadeira contracorrente de ascensão dos nutrientes essenciais, contrapondo-se, dessa forma, às lavagens pelas aguas de percolação.

O controle da decomposição acelerada da materia organica do solo proporcionado pela vegetação de cobertura, decorre do sombreamento do solo resultante. Abrigada da ação diréta dos raios solares a materia organica se conserva mais tempo no solo. Por outro lado, as proprias plantas de cobertura contribuem com os seus residuos e com a sua massa para reabastecer a reserva de materia organica do solo.

Há varias maneiras de se intensificar a cobertura do solo nos cafezais, inclusive com o proprio cafeeiro reduzindo os compassos de seu plantio. Nos cafezais já formados nem sempre se pode economicamente aumentar muito a densidade da vegetação de cobertura do solo, uma vez que essa vegetação pode competir seriamente com os cafeeiros em umidade e elementos nutritivos prontamente assimilaveis. A questão toda está na maneira e na época de se intensificar a cobertura do solo. Os fenomenos de erosão e lavagem por percolação que se procura controlar com as plantas de cobertura ocorrem mais intensamente exatamente no periodo chuvoso do ano em que há menor perigo de as plantas de cobertura competirem em umidade com os cafeeiros.

As plantas de cobertura nos cafezais poderão ser plantadas especialmente, preferindo-se nesse caso as leguminosas de sistema radicular profundo, ou podem ser as proprias hervas daninhas que crescem espontaneamente entre os cafeeiros. Em qualquer caso dever-se-á procurar sempre a mais densa cobertura possivel nas épocas de chuvas intensas, e, ao mesmo tempo a redução ou eliminação completa das plantas de cobertura logo que as chuvas não oferecerem mais perigo.

AS ADUBAÇÕES DE MANUTENÇAO

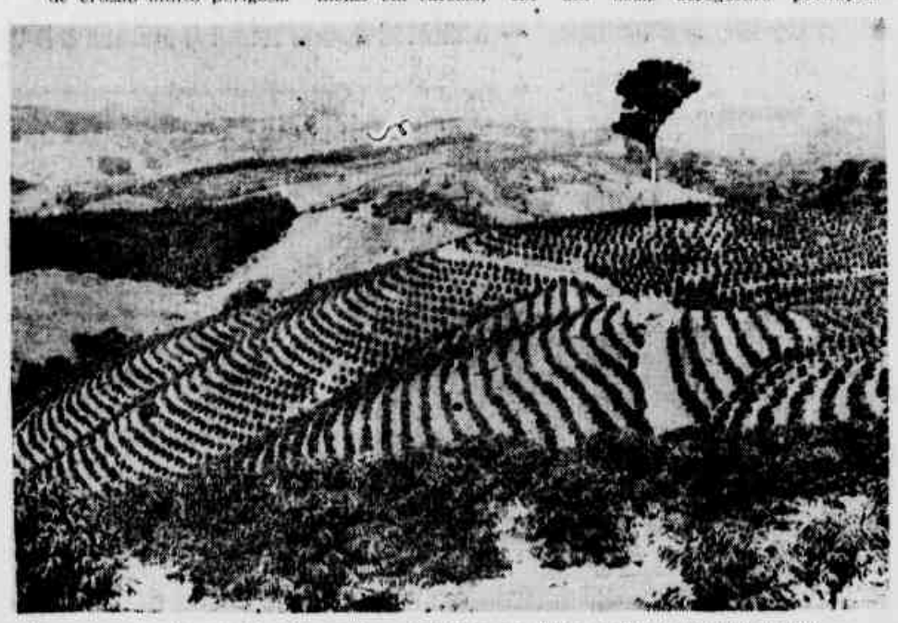
A manutenção e a restauração sistematica da fertilidade do solo nos cafezais por meio de um plano racional de adubações organicas e quimicas terá que completar as praticas de controle das perdas de fertilidade nos planos integrais de conservação do solo.

E' mais econômico e mais eficiente reparar periodica e sistematicamente as perdas sofridas pelo solo em sua fertilidade mantendo-o sempre com o minimo necessario de elementos nutritivos essenciais, do que deixar que o solo se esgote demasiadamente para depois tentar recuperá-lo com adubações e tratamentos salvadores.

No programa de adubações periodicas e sistematicas cabe um papel de especial interesse às adubações organicas em consequencia do fornecimento de nitrogenio a medida que os cafeeiros dele necessitam, e tambem de fornecimento dos demais elementos nutritivos e de seus efeitos benéficos sobre as propriedades fisicas do solo.

A produção em larga escala de adubos organicos, especialmente de esterco e de composto, é um dos itens essenciais de qualquer programa de conservação do solo em nossas fazendas de café. Para conseguir uma produção de adubos organicos em larga escala, de forma a poder suprir as necessidades da lavoura cafeeira, uma das maneiras mais eficientes e, econômicas é a combinação da exploração cafeeira com a exploração pecuária em um planejamento conservacionista bem equilibrado. Haja vista o caso da criação de bovinos presos diariamente em mangueirões com abundante cama de capins para fornecimento de grandes volumes de materia organica e o dos galinheiros para fornecimento de adubos organicos concentrados.

Complementando esse programa, há sempre necessidade de se incluir as adubações verdes e as adubações quimicas, já que dificilmente se consegue esterco ou composto em quantidades suficientes para aplicar a intervalos menores que 2 ou 3 anos em uma mesma gleba.



Curvas de nivel em topografia acidentada, na Usina Itaiquara em Tapiratiba

CARTEIRA COMERCIAL PAULISTINHA

Uma lembrança que perpetuará o IV Centenário — CARTEIRA COMERCIAL PAULISTINHA — em seu trigésimo terceiro milheiro de tiragem. Edição especial, em homenagem ao Padre Manoel da Nóbrega, fundador da grande metrópole bandeirante.

À venda em todas as papelarias.

Editores: Rothschild Loureiro & Cia. Ltda.

Oscarito, o glorioso cômico, fala por milhões... e quando êle prefere e recomenda Café Paulista, é com razão... porque é um café delicioso, aromático, cem por cento puro, cem, por cento café da mais alta qualidade!

exija sempre

O bom café vale um minuto de espera

CAFÉ PAULISTA

J.M.M.-PUBLIC

SAMPAIO BUENO S. A. COMISSÁRIOS E EXPORTADORES

Fundada por um grupo de lavradores de Jaú é hoje uma das mais prestigiosas organizações

Superou todas as crises no mercado cafeeiro, sem que se abalasse sua estrutura administrativa e financeira — História da firma

Sampaio Bueno S. A. Comissarios e Exportadores iniciaram seus negocios no mercado cafeeiro de Santos a 6 de setembro de 1924.

A organização nasceu de um grupo de lavradores de Jau, tendo à frente os srs. Francisco Sampaio Bueno Neto, Olavo Pacheco de Almeida Sampaio, Alcides Ribeiro de Barros, Joaquim Gomes dos Reis e José Galdino do Amaral Carvalho.

Guiada por um numero de cafeicultores de maior prestigio, atravessou os anos ganhando solidez e se impondo no comercio santista como uma das mais prestigiosas empresas do ramo.

Avolumam-se os negocios na Praça de Santos e a firma sempre ativa, chefiada por Olavo Sampaio, ganhava foros de grande comissaria e exportadora.

xxx

Em 29 de junho de 1940 transformou-se em Sampaio Bueno & Cia. Ltda. e, em junho de 1945, em sociedade anonima. Mantendo um ritmo de negocios dos mais elevados, Sampaio Bueno galgou as melhores posições na praça de Santos, mantendo um patrimonio dos mais respeitaveis.

Projetou-se, de 1945 para cá, no mercado cafeeiro santista, como era de se esperar, em face da orientação segura dos seus dirigentes.

Desde a sua fundação, mantendo sempre equilibradas as suas ações nesse setor comercial, nenhuma das crises que surgiram constituiu obstaculos capazes de tolher a sua marcha ascendente.

Soube superar tudo da melhor maneira, sem que fosse afetada em sua estrutura administrativa e economica.

Aí está uma das razões por que o seu prestigio no mercado santista é sempre olhado com admiração e respeito.

Aí se encontra o segredo de sua solida posição economica.

xxx

Aparelhada para enfrentar qualquer situação, a firma Sampaio Bueno constitui uma das mais vivas realidades do comercio cafeeiro santista.

Seus atuais dirigentes, figuras ligadas aos mais importantes circulos cafeeiros mantem a mesma orientação imprimida no passado, quando ainda a firma lutava para se erguer e se projetar entre as mais conceituadas do país.

Impulsionam-na com a mesma tempera, a mesma fé e o mesmo objetivo de bem servir à economia nacional.

DIRETORIA

Francisco Sampaio Bueno Neto — Diretor Geral.

Floriano de Freitas Guimarães e Emmanuel Vita Bitran — Diretores.

ACIONISTAS

Alem dos diretores acima são acionistas da firma as seguintes pessoas:

Tharcilla de Almeida Sampaio.

Vicente Pedro de Almeida Sampaio

Byron Evangelista de Almeida

José Luiz de Mendonça

Milton Vaz de Camargo

Anna de Almeida Sampaio

Francisca de Almeida Sampaio

Maria Amelia de Almeida Sampaio

CONSELHO FISCAL

Martinho Verdinassi

Antonio Manoel da Fonseca

Rubens Moraes Alves de Lima.

SUPLENTES

Heitor de Azevedo Muniz

José de Toledo Arruda

Antonio de Andrade Nogueira.

Emanuel Vita Bitran, diretor e classificador e Vicente P. de Almeida Sampaio, auxiliar de classificação.

Olavo Pacheco de Almeida Sampaio — fundador da firma Sampaio Bueno S. A. Comissarios e Exportadores.

O escritorio da firma em Santos, vendo-se, da direita para a esquerda, os srs. Francisco Sampaio Bueno Neto, Floriano Freitas Guimarães, diretor e chefe do escritório Byron Evangelista de Almeida, Cesario Campos, Ivo Vieira, Camilo Vieira, Whitney Vivian Martins e José Correia Ferraz de Arruda

CAIXA POSTAL, 535

End. Teleg. MELLÃO

Telefone. 2-7197 — 2-7198

Mellão Nogueira
COMISSÁRIOS EXPORTADORES S.A

RUA JOSÉ RICARDO, 40 SANTOS

TOLEDO ARRUDA - COMISSÁRIA E EXPORTADORA S. A.

Com apenas 4 anos de vida já forma na vanguarda do mercado

CONSTITUIDA POR UMA IRMANDADE DE JAUENSES

Toledo Arruda, Comissaria Exportadora S.A., é uma das mais novas firmas do comercio cafeeiro santista. Sua fundação verificou-se em março de 1950. Contudo, nesses quatro anos de vida já conseguiu firmar-se entre as mais prestigiosas organizações da praça de Santos.

Com quatro anos de vida, essa organização é constituida de homens experimentados nos negocios de café, o que representa garantia permanente para seus negocios e melhores perspectivas para o futuro.

A diretoria é composta de uma irmandade jauense, que sempre esteve ligada a problemas cafeeiros e tráz conhecimentos dos mais úteis para o novo ramo que abraçaram na praça de Santos.

São seus diretores:

José de Toledo Arruda, diretor-presidente

Plinio de Toledo Arruda, diretor-superintendente;

Francisco de Toledo Arruda Junior, diretor-gerente;

Paulo de Toledo Arruda, gerente.

A firma dedica-se, desde a compra do café, no interior do Estado, até a exportação do produto.

Está ligada a uma organização associada na capital paulista "Arruda, Teles & Cia.", que explora o ramo de importação e comercio de automoveis, peças e artigos eletricos. Localiza-se à rua Vitoria, 129. Também possui uma garage, na mesma rua, com filial no bairro do Bom Retiro.

Toledo Arruda, Comissaria Exportadora como quase todas as firmas santistas também planta café, possuindo a Fazenda São Francisco, em Jandaia do Sul, no Norte do Paraná, que está em formação e tem a área de 100 alqueires.

Em Cambé, tambem no Norte do Paraná, possui uma filial que é responsavel por uma máquina de beneficiamento de café.

As ramificações da firma, no Norte do Paraná, são motivo para assegurar maiores negocios e melhores perspectivas para manter bem alto, o seu conceito, tornando-se cada vez mais solida, financeiramente.

Aspecto da sala do café de Toledo Arruda Comissaria e Exportadora S. A.

EXPORTAÇÕES

As principais exportações da firma destinam-se aos Estados Unidos Alemanha e Suecia. Esses embarques são feitos através dos portos de Santos, Paranaguá e Rio de Janeiro, mantendo representantes nesses dois ultimos.

O movimento exportador de Toledo Arruda, Comissaria e Exportadora ganha, cada dia que passa, maior volume, conquistando novos negocios que englobam seu patrimonio economico na praça de Santos.

Aliás, é bom que se diga que o seu presidente, sr. José de Toledo Arruda, é presidente do Departamento dos Exportadores de Café da Associação Comercial de Santos e diretor do Sindicato do Comercio Atacadista de Café, no Estado de São Paulo, o que é um fator de conceito da firma perante as suas concorrentes.

Seus irmãos, como dissemos acima, de tradicional familia de Jaú, sempre se mantiveram ligados aos negocios de café, formando, desta forma, uma equipe, capaz de levar avante a organização nascida ontem, e que hoje, já se encontra entre as bem conceituadas da praça santista.

Toledo Arruda, Comissaria Exportadora tem, assim, à frente um futuro dos mais risonhos, graças à firme orientação imprimida por uma irmandade, que sempre labutou nas zonas cafeeiras do Estado e sempre encontrou nesse ramo motivo para novas conquistas no mercado da rubiacea.

A DEFESA DA CULTURA CAFEEIRA

PROBLEMAS GERAIS DE IRRIGAÇÃO

GUIDO CESAR RANDO
(Diretor da Divisão de Conservação do Solo da Secretaria da Agricultura)

A irrigação das terras agricultáveis se situa entre as práticas mais modernas e racionais de exploração agrícola, já que inteligentemente aplicada às culturas, aumenta consideràvelmente a sua produtividade.

A prática de irrigação é milenária, tão velha quanto a própria civilização. No Estado de São Paulo, porém, foi Fernando Costa com sua grande autoridade de maior dos nossos homens da terra que agitou pela primeira vez os problemas da irrigação, quando pronunciou em 14 de Agôsto de 1925, na Câmara dos Deputados Estaduais um discurso tratando da irrigação de nossas lavouras, de cujo texto extraímos o seguinte:

"Precisamos enveredar para a política do estímulo à produção, pois só ela pode trazer o bem-estar do povo. Não podemos ficar à mercê do tempo com relação à nossa produção agrícola. Devemos encaminhar os nossos agricultores para a aplicação dos modernos conhecimentos de irrigação. As terras sendo adubadas e, tendo-se água suficiente para fazer a irrigação na época precisa, a agricultura deixará de ser uma loteria, na frase pitoresca de um japonês. Plantou êle arroz, em terrenos sêcos e foi bem sucedido na colheita, devido à abundância de chuvas nesse ano. Plantou no segundo ano, com as mesmas esperanças, no mesmo lugar e, por falta de chuvas, não colheu a semente que fôra lançada à terra. Convidado pelo patrão a fazer o terceiro plantio, respondeu desanimado — plantio de arroz aqui é loteria... — E' essa a situação duvidosa e premente em que ficam constantemente os nossos agricultores.

As chuvas escassas nas épocas precisas são um desastre certo para aqueles que despenderam dinheiro e perderam tempo à espera da produção que faltou. O aproveitamento dos nossos corregos é hoje um dos problemas mais importantes a resolver".

Foi o próprio Fernando Costa, então Interventor Federal em São Paulo, que em 1º de Setembro de 1944, enviou ao Conselho Administrativo do Estado um anteprojéto de decreto-lei, acompanhado de expressiva exposição de motivos, sôbre o financiamento do reflorestamento e de serviços de irrigação e drenagem das terras, o qual foi aprovado transformando-se no Decreto-lei nºs. 14.266 de 7 de novembro de 1944 e, posteriormente, modificado pelos Decretos de nºs. — 14.307 de 23 de Novembro de 1944 e 14.690 de 26 de abril de 1945. Da importância de cinquenta milhões de cruzeiros destinada ao financiamento de serviços de irrigação e drenagem, apenas foram aproveitados cerca de seis milhões e meio de cruzeiros, correspondentes a 13 projetos, de um total de 236, estudados e encaminhados ao Banco do Estado de São Paulo. Este aproveitamento parcial e irrisório da verba consignada, se deveu a questões de garantias bancarias e a defeitos técnicos dos projetos.

A irrigação é antes de tudo um problema eminentemente técnico; bem planejada e conduzida, resulta em beneficios, porém, a não observância de certos detalhes de aplicação, poderá tornar o solo parcialmente improdutivo.

O planejamento, pois, de uma cultura, além de seu aspécto puramente topográfico e hidráulico, envolve o conhecimento apurado das técnicas derivadas da ciência do solo e suas relações com a fisiologia vegetal; a sua orientação é trabalho para agrônomos especializados.

IRRIGAÇAO SUPLEMENTAR

Estima-se que uma têrça parte da superficie da terra recebe menos que 250 milimetros de água anualmente, e que outra têrça parte, recebe entre 250 e 500 milimetros.

Em regiões com uma precipitação anual superior a 750 milimetros, a irrigação não é considerada essencial a uma exploração economica da agricultura. Nestas condições de clima, o que mais interessa é a distribuição da chuva nos mêses do ano. Tomando-se como base esse limite de 750 milimetros, debaixo do que as culturas só se desenvolvem com irrigação, verifica-se que o Estado de São Paulo tem água de chuva suficiente para a sua exploração agrícola, sem haver necessidade de irrigação artificial. Esta entra nêste caso, como suplemento em épocas de escassez de água, devido apenas à má distribuição das chuvas pelos mêses do ano.

Chove em São Paulo, em média anual, entre 1.200 à 1.300 milimetros; no entretanto, periódicamente ouvê-se o clamor contra a sêca. Isto deve-se tão-somente à falta d'água em ocasiões em que a planta mais necessita dela para o seu crescimento. Os prejuizos que sofrem nossas culturas são devidos à irregularidade da distribuição das chuvas pelos mêses do ano.

O problema da irrigação pode ser visto sob dois aspéctos mais importantes:

a) Regiões onde o verão é seco e o inverno úmido.

b) Regiões onde o inverno é seco e o verão é úmido.

No primeiro caso situam-se regiões onde a precipitação é baixa, o que elimina qualquer tentativa de agricultura sem irrigação. Nestas condições se encontra todo o Oeste dos Estados Unidos, que recebe apenas 250 milimetros de chuva por ano; dada esta escassez de água, desenvolveu-se e se aperfeiçoou a técnica da irrigação e hoje, 11 milhões de hectares de terra são irrigados, para um potêncial irrigável da região de 22 milhões de hectáres.

No segundo caso, onde as condições de calor e úmidade se reúnem, não há necessidade da irrigação. Este é o caso particular do Estado de São Paulo, que muito se assemelha à região do Oeste dos Estados Unidos. Nestes casos, a irrigação entra como equilibrio de produção, assegurando as safras quando a distribuição das chuvas se realiza de uma maneira irregular.

A agricultura de São Paulo nunca se baseou na irrigação mas sim na fertilidade de suas terras e no humus. Este fato comprova o que afirmamos atrás, sôbre a relativa importancia da irrigação para clima de alta precipitação pluviométrica. Nestes casos em que a irrigação artificial é suplementar, entrando como fator de segurança, deve-se verificar bem a questão economica do projéto em estudos. Caso contrario, o prejuizo é certo, mórmente face aos elevadissimos preços dos equipamentos de irrigação.

Promete a irrigação solucionar o problema da sêca nas lavouras cafeeiras do Estado.

Devemos ter sempre em mente que o emprego da irrigação é um estágio bem avançado da agricultura e, antes de se fazer uso dela, melhor seria a adoção de práticas mais elementares como o combate à erosão, a umificação, o emprego de sementes selecionadas e outras.

Vemos, com relação à cultura do café, à qual devemos o impulso tomado pela irrigação no Estado, que sòmente os preços elevados deste produto justificam a instalação de custósos aparelhamentos.

De uma maneira geral, as vantagens da irrigação suplementar são as seguintes:

a) aumento de produção
b) safras equilibradas
c) melhor germinação das sementes
d) safras antecipadas
e) qualidade superior dos frutos
f) possibilidades na aplicação de certos fertilizantes
g) melhoria de pastagens

Não resta dúvida de que os grandes interessados na irrigação são os cafeicultores e horticultores; dois produtos, café e hortaliças, que têm alto preço e mercado seguro, garantem o capital nêles empregado.

Fora dessas culturas, há certo desinterêsse dos agricultores, o que se justifica, principalmente para os cereais que não têm mercado e nem preço compensador; não pagariam os investimentos com materiais de irrigação que são de elevados preços.

Dentre os cereais, o arroz é uma exceção; necessita de umidade para seu desenvolvimento sendo que, por essa razão, é plantado em baixadas e irrigado em condições técnicas favoráveis e a baixo custo.

SISTEMAS DE IRRIGAÇAO

Diversos são os sistemas de irrigação adotados, sendo os principais, a aspersão, a inundação e sulcos de infiltração. Cada um dêstes se adapta a determinadas condições técnicas do projeto, havendo, entretanto, maior interêsse pelo processo da aspersão, que é o que mais se aproxima da maneira natural das chuvas, além de ser, de uma maneira geral, o mais vantajoso.

Os cafeicultores, na luta contra a sêca, adotam a irrigação por aspersão; os mesmos aparelhos têm servido para as culturas do arroz e melhoramentos das pastagens; os usineiros e citricultores, vêm adotando êste sistema de rega com grande êxito.

O sistema de aspersão apresenta sôbre os diversos processos utilizados para irrigação, as principais vantagens:

a) economia de água
b) distribuição uniforme sôbre o terreno
c) pequena perda por infiltração e escoamento
d) evita a erosão do solo
e) funciona bem em qualquer tipo de topografia de terreno, desde que convenientemente projetado.
f) em certos casos, pode ser utilizada para o emprêgo de fertilizantes.

A par dessas vantagens, existem dificuldades que às vêzes são insuperáveis em certas condições mais primitivas de trabalho. O equipamento requer para seu manejo, gente mais capacitada que a média dos empregados da fazenda. Tanto a parte de manejo dos equipamentos com suas mudanças periódicas, como o funcionamento da parte motriz, geralmente motô-

Irrigação por aspersão em cultura de café

BASF 1865

Badische Anilin- & Soda-Fabrik A.G.

LUDWIGSHAFEN — ALEMANHA

Produtora e Exportadora de Adubos Azotados

SULFATO DE AMÔNIO BASF
URÉIA BASF
AZOCAL BASF
NITRAMON POTÁSSICO BASF
"NITROFOSKA" BASF

Produtora e Exportadora de Inseticidas e Fungicidas

BHC SÊCO E EM PÓ MOLHAVEL
LINDANE SÊCO E EM PÓ MOLHAVEL
LINDAME LIQUIDO "PERFEKTAN"
ENXOFRE PÓ MOLHAVEL "KUMULUS"

Representantes exclusivos:

"QUIMICOLOR"

COMPANHIA DE CORANTES E PRODUTOS QUIMICOS

MATRIZ: RIO DE JANEIRO
AV. RIO BRANCO, 20 — 17.o ANDAR
TELEFONE: 43-7024
END. TEL.: "CORANQUIM"
CAIXA POSTAL 158

FILIAL: SÃO PAULO
R. BOA VISTA, 162 — 14.o — Salas 1410-12
TELEFONE: 36-0591
END. TEL.: "QUIMICOLOR"
CAIXA POSTAL 5187

res de explosão a óleo Diesel, e as bombas centrifugas, trazem certos entraves ao processo.

No entretanto, parece-nos que o custo inicial da instalação, que é relativamente elevado, tem limitado de muito a aquisição por parte dos agricultores, dos equipamentos necessários. Um financiamento bancário especializado deve ser estudado, para possibilitar a ampliação dos conjuntos existentes no Estado.

O custo dos equipamentos para cafezais têm variado de 4 a 15 cruzeiros por pé de café, ou cêrca de 3.200 a 12.500 cruzeiros por hectare — conforme a situação da lavoura com relação à fonte d'água — dos diferentes orçamentos de firmas especializadas e da situação cambial.

Não há dúvida, foi o café com suas altas cotações, que trouxe o interêsse dos agricultores pela irrigação por aspersão, pois que, por sulcos, infiltração ou inundação, já era anteriormente usada, principalmente nas culturas de cana de açucar e arroz em varzeas.

Diversas firmas comerciais e industriais desenvolveram suas atividades no setor da importação e produção de equipamentos para a irrigação de cafeeiros a princípio e, posteriormente, adaptando-os a culturas.

As dificuldades de importação, deram margem ao incremento da produção nacional de tubos de aluminio, engates, aspersores, bombas e motores elétricos. Ficamos, no entretanto, na dependência da importação da parte básica, ou seja, a fôrça motriz a óleo Diesel, que é a mais empregada. Sem a importação dêstes acessórios, as demais peças do conjunto fabricadas atualmente no país ficam inaproveitadas.

Irrigação por inundação

Firmas industriais estrangeiras, especializadas nestes equipamentos para irrigação, têm feito estudos para instalarem aqui no Brasil, fábricas para a sua produção, principalmente de aspersores e bombas.

Criou-se assim, uma nova atividade comercial e industrial que, se bem orientada, poderá trazer benefícios à nossa agricultura.

ESFORÇOS DA SECRETARIA DA AGRICULTURA

Com o incremento verificado nas importações de materiais e devido ao interêsse sempre maior dos agricultores, solicitando estudos e projetos, a Secretaria da Agricultura instalou em diversos pontos do Estado, escritórios de irrigação devidamente equipados, onde o engenheiro agronomo presta tôda a sorte de orientação técnica aos lavradores da região.

Estes centros de irrigação se acham localizados em São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Lins.

Funcionando nas Casas da Lavoura e devidamente entrosados com as Zonas Conservacionistas, podem ser consultados facilmente pelos agricultores interessados em projetos de irrigação, orientação para suas lavouras irrigadas, parecer sôbre instalações executadas por firmas comerciais, reestudos de projetos, construções de barragens e quaisquer assuntos correlatos.

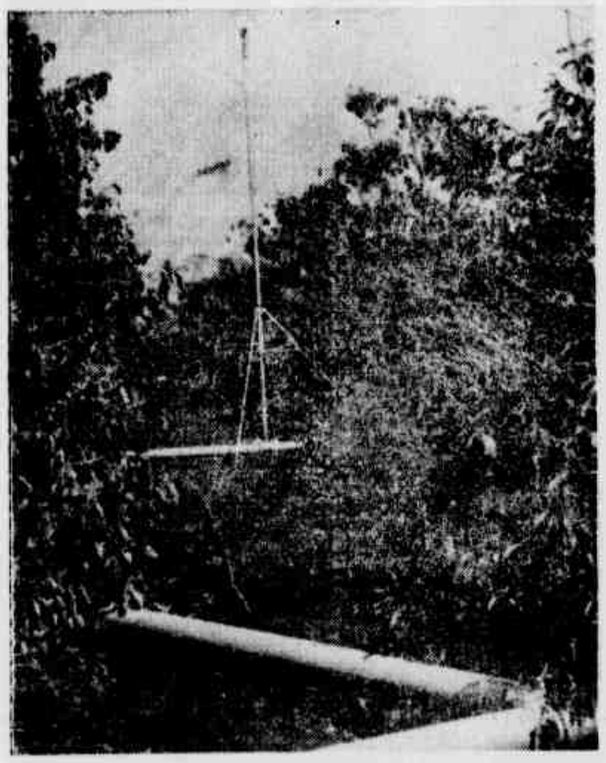
Os escritórios de irrigação têm prestado auxilios os mais variados conforme a sua localização: o de São Paulo foi o mais empregado em irrigação de horta e consultas técnicas solicitadas pelas firmas importadoras de equipamentos para irrigação; o de Ribeirão Preto, foi mais procurado para a construção de barragens e inspeção de aparelhamentos já instalados por diversas firmas importadoras ou produtoras que, por deficiência técnica, não estavam funcionando a contento; Lins, São José do Rio Preto e Campinas, tiveram suas atividades voltadas para cálculos e projetos de irrigação para cafezais e construção de barragens.

De uma maneira geral, houve aumento sensivel nos trabalhos da Secção de Irrigação e Drenagem da Secretaria da Agricultura, entre os anos de 1952 e 1953.

No ano de 1952, foram projetados conjuntos para irrigação por aspersão para uma área de 358 hectáres e em 1953 êste número foi elevado para sete vêzes mais, ou seja, 2.305 hectares; o mesmo se deu com relação às barragens de terra que, de um movimento de 12.599 metros cúbicos, foi para 222.313 com um volume d'água armazenada de 231.250.000 litros em 1952, para 2.213.818.500 litros para 1953.

Estes dados ilustram o que têm sido as atividades da Secretaria da Agricultura, neste particular, e como vem acompanhando satisfatòriamente o progresso dêstes dois últimos dois anos, no setor de irrigação.

Não se esqueçam os lavradores de que a irrigação pode ser uma faca de dois gumes: bem aplicada e planejada é econômica. Mal projetada e pior conduzida, poderá acarretar desastre para a agricultura, além de tornar o solo improdutivo.



Aspeco da tubulação tomado numa fazenda de café

PLANTAR CAFE' COLHER RIQUEZA

Plantar café e um imperativo irrecusavel da nossa estrutura econômica! Cada cafeeiro plantado em São Paulo, representa um poderoso élo ligando a prosperidade paulista ao prestigio do Brasil nos maiores mercados externos. E São Paulo somente continuará mantendo o posto de leader da nação brasileira e a Importancia internacional de que goza, se aumentar cada vez mais a sua produção cafeeira. Plantar café nas terras de São Paulo é ter certeza de recuperar o custo da produção, é contar com lucro certo!

Situação dos cafeeiros em S. Paulo
(em bilhões de pés)

1920	1,7
1934/36	2,9
1946	2,1
1949	2,2
1954	1,1 (novos e em produção)

BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO S. A.

"O meu arco tenho posto na nuvem: este será por sinal do concerto entre mim e a terra. E acontecerá que quando eu trouxer chuva sobre a terra aparecerá o arco nas nuvens."

(GENESIS, IX-13 e 14)

O MELHOR SEGURO AGRICOLA CONTRA SECAS, GEADAS E PRAGAS É A IRRIGAÇÃO POR ASPERSÃO "RAINBOW" (ARCO-IRIS)

Estatisticas cuidadosamente elaboradas a respeito das precipitações pluviometricas comprovam a irregularidade e a falta das chuvas justamente nas épocas oportunas, quando as plantas mais carecem delas. Para suprir a falta ou má distribuição das chuvas é que a técnica moderna encontrou a irrigação por aspersão. Na maioria dos casos, no entanto, esses maravilhosos aparelhos são lembrados pelos lavradores somente quando suas plantações sofrem as consequencias da estiagem e quando não há mais tempo para que as providencias indispensaveis sejam tomadas.

LAVRADOR! Ouça este conselho da previdencia: Mande instalar um conjunto de irrigação "RAINBOW" e pague-o com os proprios lucros do aumento da produção, já no primeiro ano. Não se impressione com as chuvas copiosas, nem com a falta de chuvas. Instale em sua lavoura um aparelho capaz de regular as chuvas, eliminando aqueles eternos fantasmas da lavoura. A técnica se encarregou de combatê-los, e hoje os equipamentos necessarios estão ao seu alcance. V. S. não pode prescindir desses novos instrumentos de trabalho agricola, que estamos aparelhados para fornecer-lhe. Arme-se para enfrentar as secas ou irregularidade das chuvas durante a florada.

CAFEZAL IRRIGADO NA FLORADA PRODUZ O DOBRO! FAÇA, POIS, CHOVER NA ÉPOCA, QUANTIDADE E LUGAR QUE DESEJAR, COM UM CONJUNTO DE IRRIGAÇÃO "RAINBOW"

Importado, de fabricação norte-americana, é o único que lhe garante qualidade e especificações exatas, como:

1) — tubos de duraluminio, de todos os diâmetros e de espessura uniforme;

2) — acoplamentos e valvulas, de proteção permanente ao tubo, caracteristica exclusiva do conjunto "RAINBOW";

3) — **Aspersores de cobertura uniforme e de capacidade comprovada;**

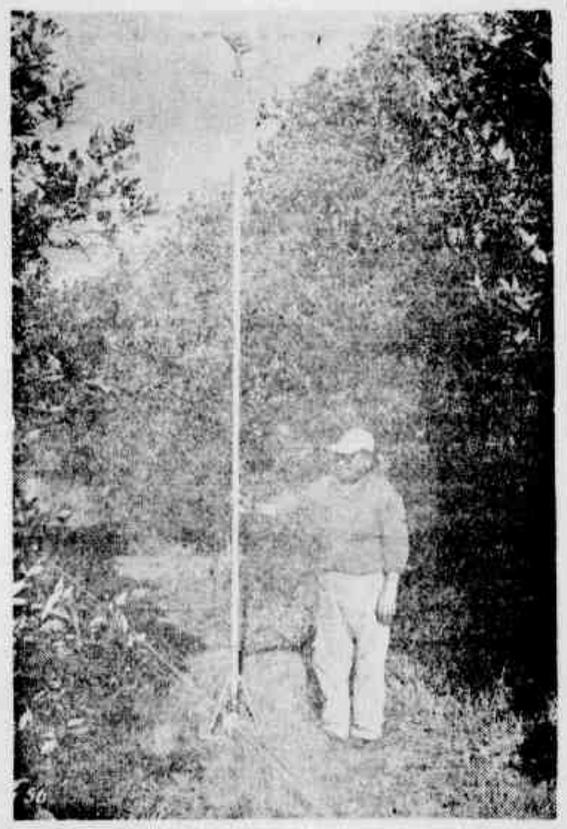
4) — Moto-bombas, calculadas e construidas especialmente para a irrigação por aspersão (não confundir com bombas usadas em várias lavouras irrigadas, que foram fabricadas para poços canalizações, construções, bombeiros etc.)

Milhões de cafeeiros já foram irrigados pelos conjuntos de irrigação "RAINBOW" e constituem um testemunho vivo, pelo seu aspecto e produtividade, da eficiencia desses aparelhos

Ainda recentemente, o Ministerio da Agricultura escolheu e adquiriu 500 conjuntos dos nossos sistemas de irrigação, numa demonstração inequivoca da confiança em sua eficiencia. A escolha do Ministerio da Agricultura obedeceu ao pronunciamento de competentes técnicos dessa pasta, que depois de acurados estudos e observações, externaram sua preferencia pelos nossos conjuntos.

x x x

FINANCIAMENTO TOTAL — Sem entrada e sem nenhuma despesa inicial, nosso Departamento de Engenharia prepara o planejamento da irrigação e os respectivos orçamentos, sem qualquer compromisso e absolutamente gratis para os interessados.



Sociedade Paulista de Melhoramentos Agricolas "COMPAGRO" Ltda.

Rua Barão de Itapetininga, 224 — 5.o andar — São Paulo
Telefone: 35-7368
End. telegrafico: RURICOLA

Recorte e nos envie hoje mesmo o cupão ao lado, contra cujo recebimento remeteremos prontamente, e sem qualquer despesa para v. s., literatura e prospectos ilustrados que o habilitarão a conhecer, nos seus minimos detalhes, todos os aspectos da IRRIGAÇAO, bem como a formular uma idéia aproximada do custo dos respectivos materiais.

A
SOCIEDADE PAULISTA DE MELHORAMENTOS AGRICOLAS "COMPAGRO" LTDA. — Rua Barão de Itapetininga, 224 — 5.o andar — São Paulo

Prezados senhores

Peço enviar-me, GRATIS, material informativo sôbre a irrigação "RAINBOW" (ARCO-IRIS).

NOME .....
ENDEREÇO POSTAL ..... (rua, numero, cidade e Estado)
CAIXA POSTAL .....
ESTRADA DE FERRO .....
PROPRIEDADE AGRICOLA .....
AREA E CULTURAS A IRRIGAR .....

FEDERAÇÃO DAS INDUSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO E CENTRO DAS INDUSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

O observador que se preocupe em efetuar analise dos fenomenos da vida coletiva em São Paulo, procurando conhecer seu panorama social-economico, não poderá deixar de ver sua atenção atraida para a vida e a atuação de duas de suas mais pujantes entidades, tais sejam a Federação e o Centro das Industrias do Estado de São Paulo, orgãos de interesse economico, atuando como força coordenadora e organizativa dos valores colocados a serviço do campo industrial. Essas associações se distinguem pelo rumo em que orientam suas atividades, sempre em busca da cooperação entre os homens das fabricas, para, numa unidade diretiva, atingirem os verdadeiros objetivos da prosperidade individual dentro de um quadro de beneficio coletivo. Não se limitam, ambas, a exercerem suas atividades na defesa imediata dos interesses dos industriais que as constituem. Muito ao contrario, procuram harmonizar esses interesses com os da propria nação e os da economia nacional. Representam ambas, inegavelmente, uma das maiores forças do progresso nacional, encarando com clarividencia e acuidade os problemas que se antepõem aos poderes publicos e aos homens das industrias, em etapa decisiva para o desenvolvimento das atividades manufatureiras do país. Daí a grande autoridade de que desfrutam, quer no seio da classe que congregam, quer na consciencia publica do país.

COOPERAÇAO DE CLASSE

A caracteristica que melhor evidencia o sentido coletivo que dirige e orienta quer a Federação quer o Centro das Industrias do Estado de São Paulo é a preocupação sempre presente de harmonizar os interesses industriais, que lhes cabem defender, com os interesses gerais. Não ha, assim, nos esforços desenvolvidos em defesa das atividades da industria, entrechoques, com os reais desejos de outras classes produtoras. Muito ao contrario, é no ajustamento e na conjugação desses interesses que as instituições paulistas baseiam a sua concepção de equilibrio das soluções economicas nacionais.

Essa orientação foi bem traduzida pelo pranteado senador Roberto Simonsen, quando, no discurso de Marília salientou que "somente interesses imediatistas ou a ignorancia dos verdadeiros fundamentos de uma sã economia podem pretender criar antagonismos intransponiveis entre as nossas varias manifestações de trabalho. Produção agricola, transformação industrial, distribuição dos produtos pelos centros de consumo, atividades de que se incumbe a lavoura, a industria e o comercio são fases diversas da criação, da utilização e do aproveitamento da riqueza que, ao contrario de criarem choques entre os seus agentes só pode uni-los pelos laços da mais estreita solidariedade entre os seus agentes.

COLABORAÇAO COM O PODER PUBLICO

Essa esclarecida e eficiente orientação que sempre presidiu os destinos da Federação e Centro das Industrias do Estado de São Paulo é responsavel pelo prestigio que desfrutam, não apenas em nosso Estado, como em todo o país. Graças à união de opiniões e pontos de vista que conseguiram para a industria paulista, Federação e Centro se impuseram não apenas à consideração da opinião publica, como do proprio governo. A ajuda e cooperação sempre dispensadas se evidenciam nos constantes apelos ao seu esforço, à sua capacidade de ação e de analise dos problemas fundamentais da economia nacional e nas solicitações a miude feitas para que integrem orgãos e comissões de carater técnico. Apenas para exemplificar, podem ser citados alguns organismos de interesse publico integrados pela Federação e Centro das Industrias, como sejam: Comissão de Mão de Obra da Secretaria do Trabalho, Industria e Comercio: Representantes: Victorio W. R. Ferraz e Egon Felix Gottschalk; Comissão Consultiva de Exportação do IV Centenario da Cidade de São Paulo: Representantes: João Cavallari Sobrinho e Ariston Azevedo; Conselho da Politica Agraria da Secretaria da Agricultura: Representante: Niso Vianna; Instituto de Organização Racional do Trabalho (I.D.O.R.T.): Representante: Paulo Ayres Filho; Conselho de Administração do Instituto de Pesquisas Técnologicas: Representante: Eduardo Garcia Rossi; Conselho Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI): Representantes: Raphael Noschese, Assad Adib Abdalla e Amynthas de Faro Sobral; Tribunal Regional do Trabalho: Representante: Wilson de Sousa Batalha; Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP): Representante: Mario Di Pierro; Comissão Estadual de Abastecimento e Preços (C. O. A. P.): Representante: Mario Geraldi; Comissão Consultiva do Intercambio Comercial com o Exterior (C. O. C. I. E.): Representante: Diniz Gonçalves Moreira; Junta Consultiva do Imposto de Consumo; Representante: Armando Figueiredo; Conselho Superior de Tarifas: Representante: Armando Figueiredo; Tribunal de Impostos e Taxas: Representantes: Francisco de Sousa Matos e Alcides Jorge Costa; Conselho Municipal de Imposto e Taxas: Representante: Lincoln de Albuquerque; Comissão de Desenvolvimento Industrial: Representante: Manoel da Costa Santos; Conselho Interamericano de Comercio e Produção: Representante: Francisco de Salles Vicente de Azevedo; Conselho Estadual de Aguas e Energia Eletrica: Representante: Aldo Mario Azevedo; Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistencia: Representante: Dacio A. de Moraes Junior; Comissão de Estudos de Enxofre, do Ministerio da Fazenda: Representante: José Ermirio de Moraes; Conselho Regional do Serviço Social da Industria: Representantes: Humberto Reis Costa, José Villela de Andrade Junior, Osmario Ribas, Diniz Gonçalves Moreira, Roberto Simonsen Filho e José de Paula e Silva; Comissão Estadual de Compras, da Secretaria da Fazenda: Representantes: Theodorico de Almeida Bessa e Luiz Carlos de Borba; Conselho Florestal do Estado: Representante: Raul Henrique Lupatelli; Fundo de Pesquisas do Instituto Agronomico de Campinas: Representante: Gofredo T. da Silva Telles; Fundo de Pesquisas do Instituto Biologico: Representante: José Thomas Sayão; Conselho de Tarifas e Transportes: Comissão Estadual de Aguas, Poluidas: Representante: Americo Capone; Plano Diretor da Cidade: Representante: eng. Macial Fleury de Oliveira; Comissão Nacional de Meteorologia: Representante: Nicolau Filizola; Comissão de Salario Minimo de S. Paulo: Representante: Mario F. Pierro e Plinio Ribeiro Mendonça; Instituto de Eletro Técnica: Representante: Aldo Mario de Azevedo.

OS PROBLEMAS DO OPERARIADO

Não é possivel deixar de assinalar, como fator caracterizador dos mais marcantes das atividades dessas entidades da indústria paulista, o interesse e a solidariedade sempre manifestados pelos problemas dos operarios. Observando o trabalho industrial por um prisma dos mais elevados, em que dirigentes e dirigidos constituem todos uma pleiade de trabalhadores pelo engrandecimento industrial de nosso país, elas defendem o principio de que não pode haver indústria forte e evoluida quando não sejam garantidas condições de nivel de vida satisfatórias para os seus operarios.

O problema da alimentação, da assistência médica e cirúrgica, da recreação e dos ensinamentos alusivos à educação civica dos trabalhadores não tem estado ausente de suas preocupações. O SESI, como orgão supletivo de assistência social para os operarios, fala e realiza por si só, melhor do que quaisquer outros exemplos, de interesse evidente da Federação e Centro das Indústrias pelo bem estar desses grandes colaboradores do progresso industrial da nação.

Sr. ANTONIO DEVISATE

APRIMORAMENTO DA MAO DE OBRA

A formação e o aperfeiçoamento da mão de obra nacional não têm sido descuidados pelas entidades. O SENAI, com seus cursos para profissionais e técnicos, tem contribuido, mais do que quaisquer outras instituições particulares, paraestatais ou oficiais, para a melhoria da mão de obra industrial, concorrendo com nada menos que dez por cento das necessidades nacionais, em cada ano. De seus quadros associativos se projetaram para o cenário nacional lideres do vulto de Roberto Simonsen e Morvan Dias de Figueiredo, este último a quem o Brasil deve, em grande parte, a fundação do SESI, ao qual se consagrou com a convicção de ser útil aos trabalhadores, à indústria e à paz social no Brasil.

COMO FUNCIONAM FIESP-CIESP

Não obstante constituirem orgãos diversos, a Federação e Centro das Indústrias têm a mesma sede social, dispondo dos mesmos serviços administrativos. Realizam, em conjunto, as reuniões de suas Diretorias, com isso objetivando, e aliás vem conseguindo, uma integral harmonia diretiva. A Federação das Indústrias compõe-se de sindicatos da indústria, a ela filiados, representando todos os setores da economia industrial de São Paulo. O Centro, por sua vez, é constituido por firmas industriais, atualmente num total de 6.750. Possuem ambas as entidades importantes departamentos administrativos e técnicos, que as tornam capacitadas a atender às suas inúmeras e diversificadas atribuições. Uma equipe numerosa de assessores juridicos, de economistas, de engenheiros, de especialistas em produtividade em assuntos ligados à mão de obra, lhes presta seus serviços profissionais quotidianamente, estudando, investigando ou pesquisando problemas ou situações.

ORGANIZAÇAO

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo são duas entidades distintas e que coexistem.

A Federação das Indústrias é orgão sindical de 2.o grau, constituida segundo a legislação sindical brasileira.

O Centro das Indústrias é uma entidade civil e representativa de todas as indústrias localizadas no Estado de São Paulo.

Essas duas entidades representativas das indústrias paulistas têm a dirigi-las as seguintes diretorias:

FEDERAÇAO DAS INDUSTRIAS

Presidente: Antonio Devisate; **1.o Vice-Presidente:** Gladstone Jafet; **2.o Vice-Presidente:** José Emirio de Moraes; **1.o Secretário:** Roberto Simonsen Filho; **2.o Secretario:** Nicolau Felizola; **1.o Tesoureiro:** Oscar R. Muller Caravellas; **2.o Tesoureiro:** Mario Di Pierro; **Suplentes da Diretoria:** Agostinho Janequine, Arthur Cortines Laxe, Augusto Lindenberg, Ivo Fracalanza, Jorge de Souza Rezende, Luiz Modolin e Paulo Ayres Filho; **Conselho Fiscal:** José Matarazzo, Manuel Garcia Filho e Victorio W. R. Ferraz; **Suplentes do Conselho Fiscal:** Hamilton Prado, Hernani de Araujo Lopes e Raphael Noschese.

CENTRO DAS INDUSTRIAS

Presidente Emerito: Armando de Arruda Pereira.

Presidente: Antonio Devisate; **1.o Vice-Presidente:** Gladston Jafet; **2.o Vice-Presidente:** José Ermirio de Moraes; **3.o Vice-Presidente:** Manuel Garcia Filho; **1.o Secretario:** Roberto Simonsen Filho; **2.o Secretario:** Mario Toledo de Moraes; **3.o Secretario:** Eduardo Garcia Rosi; **1.o Tesoureiro:** Oscar R. M. Caravellas; **2.o Tesoureiro:** Mario Di Pietro; **3.o Tesoureiro:** Oscar Augusto de Camargo; **Diretores:** Agostinho Janequine, Aldo Mario Azevedo, Americo Capone, Amynthas de Faro Sobral, Antonio Gonçalves, Antonio de Souza Noschese, Argemiro Couto de Barros, Ariston Azevedo, Arthur Cortines Laxe, Augusto Lindenberg, Brenno de Toledo Leite, Carlos Eduardo de Azevedo, Cyrano Ferraz Kehl, Dacio A. de Moraes Junior, Dagoberto Salles, Diniz Gonçalves Moreira, Domingos de Freitas Pereira, Edmundo Maluf, Eduardo Jafet, Egidio Bianchi, Egon Felix Gottschalk, Elemer Janovitz, Felix Guisard Filho, Francisco Cruz Maldonado, Francisco Garcia Bastos, Francisco Pitta Britto, Francisco de Salles, Vicente de Azevedo, Francisco da Silva Villela, Germano Schuetz, Hamilton Prado, Herbet F. de Arruda Pereira, Hernani Araujo Lopes, Hernani de Azevedo Silva, Humberto Reis Costa, João Alberto Bressan, João Baptista de Almeida, João Bantista Pereira de Almeida Filho, João Cavallari Sobrinho, João Cavalcant' de Arruda, João Miotti Sapienza, Jorge de Souza Rezende, José Eulalio de Mattos Pimenta, José Luiz Gonçalves da Silva, José de Paula e Silva, José Vieitas Junior, José Villela de Almeida, José Villela de Andrade Junior, Juvenal Chede, Lelio de Toledo Piza e Almeida, Lincoln de Albuquerque, Luiz Antonio da Gama e Silva, Luiz Carlos de Borba, Manoel da Costa Santos, Marcos Gasparian, Mariano J. M. Ferraz, Nadir Dias de Figueiredo, Nicolau Filizola, Niso Vianna, Octavio Pereira Lopes, Osmario Ribas, Paulo Ayres Filho, Paulo Reis de Magalhães, Raul Henrique Longo, Raul Henrique Lupatelli, Renato Purchio, Renato Taglianetti, Roberto Jafet, Rodolpho Ortenblad, Rubens de Mello, Ruy Calazans de Araujo, Salim Chammas, Sebastião Gomes Caselli, Serafino Filepo, Sylvio Brand Corrêa, Sylvio Oliva, Tarquinio J. Barbosa de Oliveira, Theodorico de Almeida Bessa, Vicente Branco, Waldemar Clemente e Walter Mello. **Conselho Fiscal:** José Matarazzo, Raphael Noschese e Victorio W. R. Ferraz; **Suplentes:** Felicio Lanzara, Paulo Siqueira Cardoso e René Baccheretti. **Conselho Consultivo:** A. C. Pacheco e Silva, Affonso Giaffone, Alcides da Costa Vidigal, Alcides Xande, Alexandre Torello, Alvaro de Souza Lima, Antonio F. Castello Branco, Antonio Gomes Xavier Netto, Antonio Gonçalves da Cruz, Antonio Manograsso Jr., Antonio P. S. Figueiredo, Antonio Saraiva, Aristides Pileggi, Ary Frederico Torres, Caio Cesar Netto, Caio Monteiro da Silva, Carlos Benko, Charles Wnaddell, Cyro Berlinck, Edgard O. Kocher, Eduardo Sabino de Oliveira, Eduardo Sandoli, Eduardo Simonsen, Ernesto G. Diederichsen, Fabio da Silva Prado, Fernando A. Caldeira de Menezes, Francisco Dal Pont, Francisco Fileppo, Francisco J. Marfei, Francisco Machado de Campos, Francisco Rigonelli, Fulvio Marsicano, Germano Fehr Junior, Goffredo T. da Silva Teles, Horacio Laffer, Humberto Monteiro, Ivo Fracalanza, Jayme Bulcão, João Gonçalves, Joaquim Gabriel Penteado, José de Assis Ribeiro, José Baiello Salinas, José Bastos Thomnson, José Ermiro de Moraes Junior, José Polizotto, José Thomaz Sayão, Joubert Santos, Julio Pereira de Oliveira, Julio Saurbronn de Toledo, Luiz Dumont Villares, Luiz Ferreira Pires, Luiz Modolin, Luiz Tavares Alves Pereira, Marcelo Cavallari, Matheus Sérgio, Mucio Gomes Pinto, Octavio de Sá Moreira, Odilon E. A. Souza, Paulo Abreu Paulo Alvaro Assumpção Pedro de Assis Oliveira, Paulo Caruso, Raul Cresni, Roberto Moreira, Roberto Ugolini Severino Pereira da da Silva, Sylvio Alvares Penteado, Tarquinio Oliva da Fonseca, Theodoro Quartim Barbosa, Theophilo Olynto de Arruda Filho, Vicente Amato Sobrinho, Victor Marques da Silva, Ayrosa Filho e Washington de Azevedo Soares.

SERVIÇOS

A Federação e o Centro das Indústrias foram constituidos com o precipuo objetivo de defender e propugnar pelos legitimos interesses da industria paulista e colaborar com os Poderes constituidos para o desenvolvimento economico do Brasil.

Para melhor executar o seu amplo programa de assistencia aos Sindicatos filiados e às industrias associadas, a Federação e o Centro das Industrias adotaram uma organização modelar.

Os diversos Departamentos autonomos e que compõem a administração dessas entidades são os seguintes: Secretaria Geral, Secretaria Administrativa, Departamento Juridico, Assessoria Juridica, Departamento de Economia Industrial, Assessoria Economica, Departamento Sindical, Departamento de Arrecadação e Despesa, Departamento de Contabilidade, Departamento de Repartições Publicas, Departamento do Interior, Departamento de Expansão Social e Cadastro, Escritorio no Rio de Janeiro e Boletim Informativo.

Cada um desses Departamentos tem a orienta-lo um dos diretores eleitos e que são indicados pela Presidencia das entidades.

SECRETARIA GERAL

A Secretaria Geral é a cupula de toda a organização administrativa e politica das entidades. A sua função é orientar e coordenar as iniciativas e a realização de todos os Departamentos da Federação e Centro, coadunando-os com principios sugeridos pelos orgãos diretivos.

Visando maior divulgação de assuntos de interesse da industria, funciona anexo ao gabinete do Secretario Geral um serviço de imprensa, a quem cabe a tarefa de facilitar o contato da imprensa falada e escrita com os meios industriais bem como de informar sobre as atividades da Federação e Centro das Industrias. E' responsavel por esse serviço o jornalista Virgilio de Paula Santos.

O Secretario Geral da Federação e Centro das Industrias é o dr. Humberto Dantas. São assitentes da Secretaria os srs.: Antonio Augusto de Barros Penteado, Fernando de Rezende e Benedito de Sanctis Pires de Almeida. A Secretaria Geral está instalada no 6º andar do Palacio "Mauá".

SECRETARIA ADMINISTRATIVA

A Secretaria Administrativa cabe a responsabilidade, propriamente dita, da administração das entidades. Estão afetos diretamente à Secretaria Administrativa através da chefia da Secretaria, os seguintes serviços: pessoal, expediente, protocolo, arquivo, expedição, mordomia, limpeza e portaria. Como orgão executivo da Tesouraria e da Secretaria, a Secretaria Administrativa mantem estreito contato com os departamentos de Contabilidade, Arrecadação e Despesa e de Expansão Social.

E' Secretario Administrativo o dr. Haroldo Santos Abreu. A chefia da Secretaria é ocupada pelo Dr. Helio Barbosa Fernandes.

BOLETIM INFORMATIVO

O Boletim Informativo, que se edita ininterruptamente há mais de 4 anos, é de tiragem semanal, com 9.000 exemplares. Distribuido gratuitamente a todos os associados chega ainda aos escritorios comerciais do Brasil no estrangeiro, às demais associações de classe e a inumeros assinantes. Capa em rotogravura, duas cores, e 32 páginas de texto, inclusive 9 de anuncios. Tem a direção do Dr. Haroldo Santos Abreu, diretor responsavel, sendo seu Secretario o sr. Samuel Santos.

Tanto a Secretaria Administrativa como o Boletim Informativo estão instalados no 6o. andar do Palacio "Mauá".

DEPARTAMENTO JURIDICO

Este Departamento tem como objetivo principal prestar assistencia direta aos associados e, no interesse geral da industria, opinar sôbre interpretações e consequencias das leis e regulamentos recem-promulgados, promover os mais variados estudos etc.

Quanto à assistência direta ao associado esta se efetiva através de soluções de consultas, de defesas, recursos, requerimentos em geral, mas sòmente no ambito administrativo etc.

A assistencia é preventiva e se verifica tanto no setor da legislação fiscal como trabalhista.

O Departamento Juridico se compõe de duas Consultorias (Fiscal e Trabalhista), de uma Biblioteca especializada em obras de direito e que conta no seu acervo com quase 6.000 volumes e o Expediente.

Prestam serviços a esse Departamento, alem do advogado chefe, Dr. Francisco de Souza Mattos, mais 11 consultores.

O Departamento Juridico atende, anualmente, a milhares de consultas, que são formuladas através de carta, pessoalmente ou por telefone, e está instalado no 7o. andar.

E' diretor desse Departamento o Dr. Mario Toledo de Moraes.

ASSESSORIA JURIDICA

Este Departamento é exclusivamente tecnico e tem como objetivo principal acompanhar o funcionamento da Camara Municipal, Estadual e Federal, estudando os inumeros projetos de lei apresentados e opinar sôbre a legalidade dos mesmos, sôbre o seu alcance e sugerir às entidades de classe as medidas a serem tomadas.

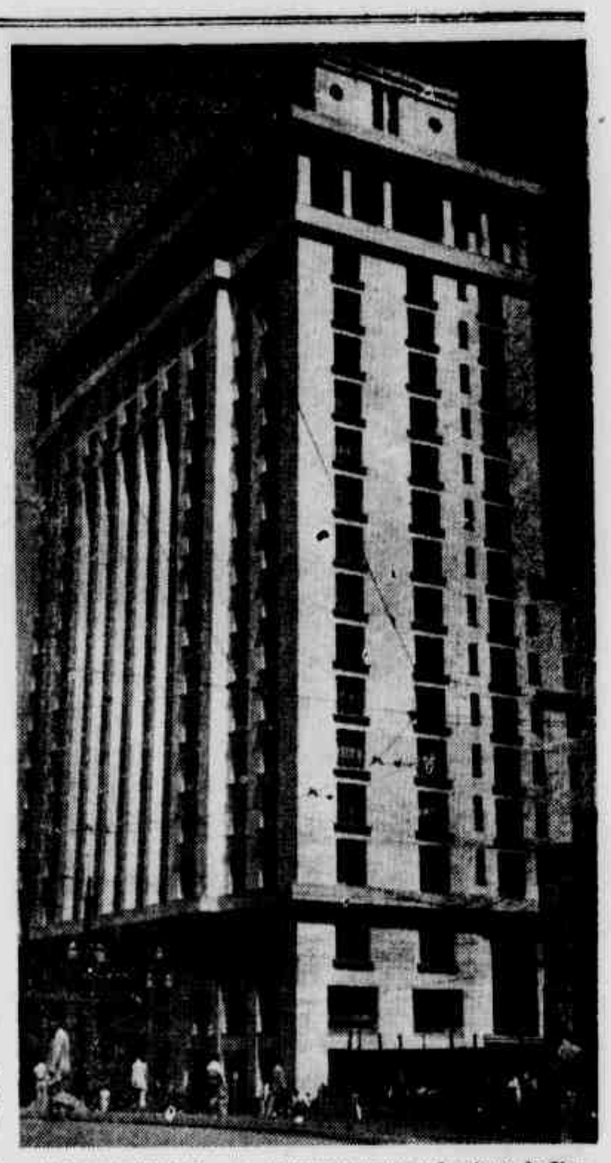
Constituem a Assessoria Juridica os seguintes assessores: Ruy Barbosa Nogueira, José de Anchieta Nogueira Junior, Oscar Barreto Filho, Rubens Gomes de Souza, Rubens Maragliano, A. F. Cesarino Junior e Francisco de Souza Mattos.

E' advogado chefe da Assessoria o Dr. Carlos Alexandre Peão.

Aos auxiliares desse Departamento cabe a incumbencia de relacionar e catalogar todos os projetos de lei em curso nas varias Camaras Legislativas, submetendo, em seguida, ao exame dos Assessores, para posterior pronunciamento.

A todos os associados, que o solicitem, a Assessoria presta esclarecimentos sôbre o andamento das varias proposições apresentadas, tanto no Legislativo Federal, como no Estadual e Municipal.

A Assessoria tem como Presidente o Dr. Mario Toledo de Moraes e está instalado no 7.o andar.



PALACIO MAUA', onde, juntamente com o Instituto de Engenharia, têm sede a Federação e o Centro das Industrias do Estado de São Paulo.

DEPARTAMENTO SINDICAL

O Departamento Sindical tem sob sua responsabilidade o expediente da Secretaria de 32 sindicatos da indústria, que se encontram sediados na Federação das Indústrias.

Os Sindicatos, que têm a sua sede social no 5.o andar do Palacio Mauá, são os seguintes: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Aparelhos Eletricos e Similares de São Paulo; Sindicato da Indústria de Artefatos de Ferro e Metais em Geral, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça de São Paulo; Sindicato da Indústria de Balanças, Pesos e Medidas, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Ceramica para Construção, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Chapéus, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Condutores Elétricos e Trefilação de São Paulo; Sindicato da Indústria da Construção e Montagem de Veiculos de São Paulo; Sindicato da Indústria de Cordoalha e Estopa de São Paulo; Sindicato da Indústria do Cortimento de Couros e de Peles, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Doces e Conservas Alimenticias, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Espelhos de Polimento e Lapidação de Vidros de São Paulo; Sindicato da Indústria de Estamparia de Metais, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Explosivos, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Formicidas e Inseticidas, de São Paulo; Sindicato da Indústria do Fumo, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria da Galvanoplastica e Niquelação, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Guarda-Chuvas e Bengalas, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Ladrilhos Hidráulicos e Produtos de Cimento, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Lampadas e Aparelhos Elétricos de Iluminação, de São Paulo; Sindicato d Indústria de Máquinas, do Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Mármores e Granitos, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Massas Alimentícias e Biscoitos de São Paulo; Sindicato da Indústria de Perfumarias e Artigos de Toucador, de São Paulo; Sindicato da Industria de Produtos de Cacau e Balas, no Estado de São Paulo; Sindicato da Indústria de Produtos Quimicos para fins industriais de São Paulo; Sindicato da Indústria de Resinas Sintéticas, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Serralheria, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Tintas e Vernizes, de São Paulo; Sindicato da Indústria de Vidros e Cristais Planos e Ocos, de São Paulo, e Sindicato da Indústria da Funilaria, no Estado de São Paulo.

Pelos funcionários do Departamento Sindical são redigidas as atas exigidas pela Consolidação das Leis do Trabalho, as das reuniões extraordinárias, redigidos memoriais, cartas, expedientes, feitas convocações para reuniões e, enfim, tomadas todas as providências de administração normalmente solicitadas pelos Diretores dos Sindicatos.

A Secretaria desse Departamento, que é exercida pelo sr. Waldemar Gola, presta aos demais Sindicatos filiados à Federação das Indústrias, que o solicitem, toda a assistência possivel, manifestada através de informações e orientações verbais ou por cartas e relacionadas com os problemas sindicais.

E' Diretor do Departamento Sindical o sr Francisco da Silva Villela.

DEPARTAMENTO DO INTERIOR

O Departamento do Interior vem realizando um amplo serviço de aproximação entre as industrias do interior, colocando-as em contacto com as da Capital e a Federação do Centro das Indústrias.

Para melhor concretização desse objetivo, foi o Estado dividido em zonas e em cada uma instalada uma Delegacia do Centro das Indústrias.

Atualmente funcionam as seguintes Delegacias do interior do Estado: **Americana:** Delegado, sr. Estevem Faraone; **Araraquara:** Delegado, sr Helio Morganti; **Bauru:** Delegado, sr. Paulo Castro, Marques; **Botucatu:** Delegado, sr. Américo Alvarez Rodrigues; **Campinas:** Delegado, sr. Pedro Zalzano Fiori; **Jundiaí:** Delegado, sr. Alberto Traldi; **Marília:** Delegado, sr. Antonio Cassadei; **Presidente Prudente:** Delegado, dr. Waldemar Faria Motta; **Ribeirão Preto:** Delegado, sr. Domingos Innecchi; **Rio Claro:** Delegado, sr. Manoel José Ferreira; **São Carlos:** Delegado, sr. Germano Fehr Júnior; **São João da Boa Vista:** Delegado, sr. Emilio Zogbi; **Sorocaba:** Delegado, sr. Antonio Padua Pinto; **Taubaté:** Delegado, sr. Antonio Magalhães Bastos.

Nas cidades de cada zona o Centro das Indústrias mantem representações locais confiadas a esclarecidos elementos da economia industrial.

Para um profícuo entendimento e estudo dos problemas peculiares a cada região do Estado, promove a Diretoria do CIESP convenções dos industriais do interior. A última, a V Convenção dos Industriais do Interior, realizou-se em 1954, em Ribeirão Preto, com grande êxito.

Para melhor orientar os industriais do interior, costuma realizar êsse Departamento séries de conferências e reuniões do interior e na capital, ocasião em que são abordados assuntos relacionados com a produção, legislação, economia etc.

O Departamento do Interior tem como chefe o dr. Clovis de Oliveira e como diretor o dr. José de Paula e Silva. Está instalado no 6º andar do Palácio Mauá.

DEPARTAMENTO DE REPARTICÕES PUBLICAS

Este Departamento é um dos que prestam serviços diretos aos associados e cuja complexidade é acentuada, dado o elevado numero de orgãos e repartições que são procurados diariamente pelos seus funcionários. Para se ter uma idéia do seu movimento, basta lembrar que em 1953 atendeu e prestou serviços a 3.592 associados.

Pelos associados são encaminhados ao Departamento de Repartições Publicas, para as providências, requerimentos e livros, solicitadas certidões, carteiras, etc. e uma série enorme de outros serviços, dentre outras, nas seguintes repartições: Delegacia Regional do Trabalho em São Paulo, Delegacia de Estrangeiros, Delegacia do Imposto sôbre a Renda, Recebedoria Federal, Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, Departamento da Receita do Estado, Junta Comercial, Prefeitura Municipal, Delegacia de Explosivos 2.a Região Militar, 4ª Circunscrição do Recrutamento, Banco do Brasil (CEXIM), Diretoria do Serviço de Transito, Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, Gabinete de Investigações, Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho do Rio de Janeiro, Delegacia de Ordem Politica e Social, Serviço de Policiamento e Alimentação Pública, Serviço de Estatística do Estado, Instituto de Geografia e Estatística, Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional, Imprensa Oficial, Comissão de Similares, Comissão de Investimentos, Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho, Indústria e Comercio, Recebedoria do Distrito Federal, etc.

E' Diretor do Departamento o sr. Artur Cortines Laxe e seu chefe o sr. Mário José Jorge. Está instalado no 5º andar do Palácio Maua.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL

Este é um dos mais importantes setores da administração da Federação e Centro das Industrias.

Através de suas várias secções, estuda o Departamento de Economia Industrial os problemas económicos, emitindo pareceres sôbre os assuntos de interêsse da industria e da economia nacional, ante a solicitação das entidades ou de firmas associadas que a êle recorrem.

Destacam-se, dentre suas atividades, as referentes à sua colaboração com as várias comissões oficiais incumbidas de opinar sôbre problemas de natureza economica, tanto de ambito estadual como federal além de funcionar como assessoria dos representantes da indústria paulista na Comissão Consultiva do Intercambio Comercial com o Exterior, Comissão de Desenvolvimento Industrial, Comissão encarregada de estudar a reforma das Tarifas Alfandegárias, etc. Tem o DEI participado ativamente do estudo dos vários acordos comerciais do Brasil com outros países.

Mantem, ainda, êsse Departamento, um serviço de informações e coletas de material de interêsse economico, um cadastro industrial e um setor especializado em estatística que estão aptos a prestar esclarecimentos a todos os que a procurarem.

O Departamento de Economia Industrial é o responsavel pela organização e publicação da revista "Visão" da industria e que em cada numero analisa um dos setores importantes de nossa industria. Editou e organizou a venda, também, do "Anuario da Industria", cuja 2a. edição já se encontra em preparativos e que contem 600 paginas, relacionando 15.000 empresas industriais e 2.800 diferentes produtos e grupos de produtos.

Para melhor atender aos associados da Federação e do Centro das Industrias, possui o DEI uma secção de licenças de importação onde são catalogadas as licenças de importação concedidas, classificados os avisos e os criterios de importação e prestados todos os esclarecimentos relacionados com esse importante serviço.

Para poder proporcionar maiores facilidades para estudos, possui uma Biblioteca especializada em economia, cujo acervo atinge a quase 2.000 volumes.

O Departamento de Economia Industrial está instalado no 7o. andar do Palacio Mauá. E' seu diretor responsavel o dr. Manuel Garcia Filho, vice-presidente da FIESP.

ASSESSORIA ECONOMICA

Este é um dos orgãos tecnicos mais novos e que colaboram com a Administração da Federação e Centro das Industrias. Dentro de seu Campo de atividades a Assessoria Economica estuda os projetos de lei e todos os assuntos de interesse economico surgidos e apresenta suas sugestões e conclusões. Para garantia de sua atividade, possui essa Assessoria, que é presidida pelo Dr. Manuel Garcia Filho, um otimo corpo de estudiosos de economia e finanças. São assessores os srs. Jorge Martins Rodrigues, Heitor Ferreira Lima, Helio Schilliger Silva, Geraldo Banas, Mozart Emidio Pereira, Olavo Batista, Roberto Pinto de Souza e Nuno Fidelino Figueiredo.

ESCRITORIO NO RIO DE JANEIRO

Para atender aos interesses da industria junto das Repartições da Capital Federal, encaminhando documentos remetidos pelas entidades, bem como acompanhando tudo quanto diga respeito às industrias de São Paulo, é mantido naquela cidade um escritorio, que serve de ponto de reunião dos industriais bandeirantes que demandam o Rio de Janeiro.

Esse escritorio tem prestado muito serviço à Federação e Centro das Industrias, mantendo os diretores em São Paulo sempre a par do movimento de assuntos de interesse da classe.

E' Diretor do Escritorio, que está instalado à rua Santa Luzia no. 735, 10º andar, o sr. Humberto Reis Costa.

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE

A esse Departamento cabe o registro de todos os fatos administrativos, obedecendo a determinações tecnicas e legais consistentes na execução e controle da contabilização das entidades seguintes: Federação e Centro das Industrias e 38 Sindicatos da Industria.

Para se ter idéia do trabalho executado pelo corpo de contadores chefiados pelo sr. Caetano Passeto, iremos dar alguns dados em numeros redondos desse serviço: lançamentos de escrituração 25.000; verificação de guias de imposto sindical 28.000; organização de propostas orçamentarias 40; organização de Balancetes mensais analisados 480; organização de Balanços do exercicio com as respectivas analises 40, alem de escrituração completa de 39 diarios e 40 razões.

E' Diretor desse Departamento o Tesoureiro da Federação e Centro das Industrias, sr. Mario Di Pino.

DEPARTAMENTO DE ARRECADACAO E DESPESA

A esse Departamento cabe a função de executar e controlar o sistema financeiro das entidades, promovendo consequentemente a realização da Receita e o controle da Despesa das entidades. Alem dessas funções especificas presta o Departamento de Arrecadação e Despesa serviços de carater assistencial, promovendo a cobrança de mensalidades dos sindicatos aqui sediados, bem como o controle da arrecadação do imposto sindical dos mesmos.

Para a execução desses serviços, esse Departamento possui as seguintes secções: Chefia, controles financeiros, controle de arrecadação do imposto sindical, cobrança de mensalidades, compras, almoxarifado, cadastro fiscal e serviços mecanizados.

E' Diretor desse Departamento o Tesoureiro da Federação e Centro das Industrias, sr. Mario Di Pino, e a chefia está afeta ao sr. Caetano Passeto.

DEPARTAMENTO DE EXPANSAO SOCIAL

Cabe a este Departamento a divulgação dos serviços prestados pela Federação e Centro das Industrias e a consequente campanha para aumento do seu quadro social.

Alem desse serviço mantem o Departamento de Expansão Social uma secção encarregada daquelas informações economicas aos associados e as firmas e organismos do exterior que solicitam.

Mantem, também, um serviço de cadastro, cuja atualização está se processando rapidamente.

E' chefe do Departamento o sr. Vicente Federico e Diretor o Dr. Sylvio Brand Corrêa.

ILEGÍVEL

CENTRO do COMÉRCIO do CAFÉ do RIO DE JANEIRO

CIA. UNIÃO DE ARMAZENS GERAIS
ARMAZENS PROPRIOS, com MAQUINAS de ENSACAR, REBENEFICIAR, BRUNIR e CATAR CAFE'
Sede: SANTOS
Filial no RIO DE JANEIRO — Rua Visc. de Inhauma, 39 3.º andar - Tel.: 43-9520 - End. Telegráfico: UNIGERAL

MACIEL GOMES S. A.
COMISSARIA — EXPORTADORA
Exportação de café
RUA DA QUITANDA, 187-A — 1.o ANDAR
Tele grama: Rubiacea fone 43-9382
Codigo: ACME
RIO DE JANEIRO — BRASIL

A. VILLELA -- CAFÉ S. A
COMPRADORES E EXPORTADORES DE CAFE'
RUA CONSELHEIRO SARAIVA, 28 — SOBR.
Telefone 23-3078 — End. Teleg. "NEVIL" — C. Postal 988
RIO DE JANEIRO

ABREU FILHOS
EXPORTADORA E IMPORTADORA S/A
COMISSARIA E EXPORTADORA DE CAFE'
Rua Visc. de Inhaúma, 64 - 5.º andar — Tels.: 23-4520 e 23-5386
Caixa Postal 1569
Armazens: Praça Marechal Hermes, 56 — Telefone: 43-2277
End. Tel.: SANRIO — RIO DE JANEIRO

Cia. São João de Armazens Gerais
ARMAZEM 13-A
AVENIDA RODRIGUES ALVES, 303 — Telefone 43-4715
Escritorio: RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 39 - 2.o andar - Sala 1
Telefone 43-5512 — End. Telegr.: "EXPRO"
RIO DE JANEIRO

Exportadora Café do Brasil Ltda.
Exportação de Café
AVENIDA RIO BRANCO, 18 — 18.º ANDAR
Endereço Telegrafico: "ITORORÓ" — Telefone: 23-5312
RIO DE JANEIRO

ARMAZENS GERAIS RIO-MINAS S. A.
SERVIÇOS DE ARMAZENAGENS — ADIANTAMENTOS DE DESPESAS — EMISSÃO DE WARRANTS — CONSIGNAÇÕES
Escritório: AV. RIO BRANCO, 20 — 12.o andar — Telefone: 43-1288
armazens: RUA PEDRO ALVES, 122-124-126 — Telefones: 23-6015 - 43-7921
Caixa Postal 4200 — Endereço Telegráfico: "RIOMINAS" RIO DE JANEIRO

ARMAZENS GERAIS DOS ESTADOS S. A
CAFE' — MERCADORIAS DIVERSAS
Telefone: 43-7789 — 43-7258 — Telegramas: "ARGESTADOS"
Escritorio: AV. RIO BRANCO, 39 — Salas 1608 - 1609
Armazens: RUA PEDRO ALVES, 41/43 — RUA ESCOBAR, 40/42
RIO DE JANEIRO

ED. FIGUEIRA & C.
Comissarios e Exportadores de Café
Sucessores CASA JOÃO PAULO
FUNDADA EM 1887
Endereço telegrafico: "JORA" - Caixa Postal 483 - Tel. 43-6222
Escritorio: AV. RIO BRANCO, 20 — 12.º andar
RIO DE JANEIRO
Armazem: RUA CEL. PEDRO ALVES, 108

BARBOSA & MARQUES S. A.
IMPORTADORES DE FERRAGENS E MATERIAS PRIMAS P/ SABOARIAS
COMERCIANTES DE CAFE'
COMERCIO E INDUSTRIA
CARANGOLA, GOVERNADOR VALADARES, ITAMBACURI, ESPERA FELIZ, CARATINGA, SANTA MARGARIDA e VOLTA GRANDE — E. DE MINAS GERAIS
FABRICAS
Sabão — Massas Alimentícias "Santa Luzia"
Manteiga "PAIVA" — Queijos "REGINA"
Refinação de Açucar — Armazem de Manimentos e Molhados por Atacado.
RIO DE JANEIRO
Rua Visconde de Inhauma, 58 — 4.o andar — Salas 406-408 — End. Telegráfico "BEMARQUES"
Telefone 43-8418

EXPORTADORES DE CAFÉS FINOS

COMPANHIA BRASILEIRA DE CAFE'

MATRIZ:

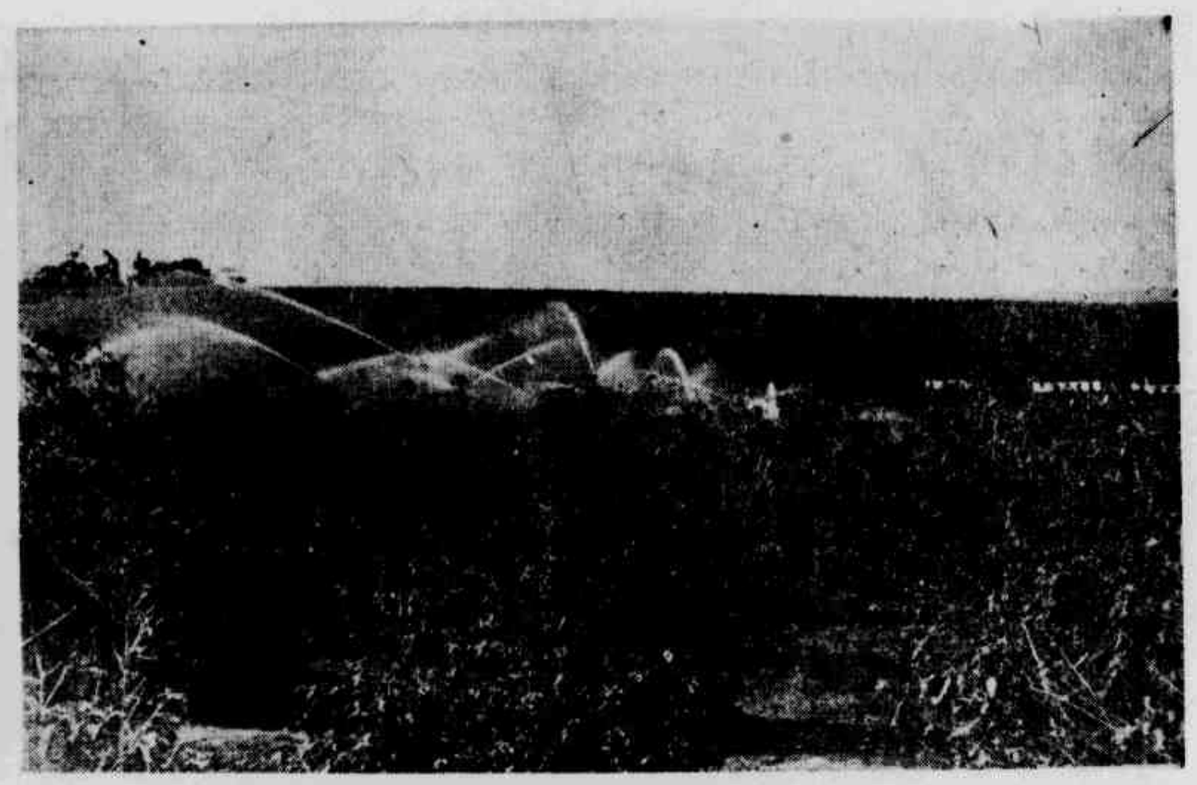
RUA VISC. DE INHAÚMA, 38 - 8.o
Telefone: 43-3390 — RIO DE JANEIRO
Filial: RUA 15 DE NOVEMBRO, 72 - 1.o
Telefone: 6-230 — SANTOS

MARCELINO MARTINS FILHO & CIA.

EXPORTADORES DE CAFE'

RUA CONS. SARAIVA, 24 — sobrado — Fone: 32-2324
RIO DE JANEIRO
Matriz: SANTA BARBARA (Estado do Rio)
SUCURSAIS
Estado do Rio: — Campos — Murundu — Santa Maria — Cardoso Moreira
Espirito Santo: — Vitoria — Itapemirim — Mimoso do Sul
Manhaussú — Estado de Minas

"COM O PROLONGAMENTO DA CARÊNCIA DE ÁGUA, AS FOLHAS EMPALIDECEM E POR ULTIMO, UMA A UMA, GRADUALMENTE, CAEM AO CHÃO, DESPINDO COMPLETAMENTE O CAFEEIRO" — A fotografia mostra dramaticamente a situação a que ficaram reduzidos os cafezais paulistas, na grande sêca de 1944. (Da coleção do dr. José Estevam Teixeira Mendes, Chefe da Secção de Café, do Instituto Agronomico).



"Irrigação e adubação, as duas armas que se completam, capazes de transformar os dramas de fome e sêde, a que estão sujeitos milhões de cafeeiros, ainda potencialmente produtivos, na apoteóse gloriosa da restauração". Fotografia de irrigação de cafezal em fazenda do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, grande cafeicultor paulista. (Da coleção da Secção de Café, do Instituto Agronômico.

IRRIGAÇÃO DOS CAFEZAIS

"Foi em março, ao findar das chuvas,

Que a terra, em sede requeimada,

Bebera longamente as aguas da estação"...

(Da poesia "O Caçador de Esmeraldas", de O. BILAC).

Rino Natal Tosello
(Engenheiro agronomo)

O insigne poeta patricio, na agudeza de sua percepção intuitiva, eternizou em estrofes singelas uma importante caracteristica climatica do Estado de São Paulo.

Março é o final das chuvas. Inicia-se a sêca, que se estende por um longo periodo estival de 6 meses, de abril a setembro. Em outubro as chuvas voltam e até março estabelecem a estação das aguas. O vai-e-vem da distribuição das chuvas não é constante; dilata-se uma estação, contrai-se outra, segundo caprichos ainda desconhecidos na sua essencia. Porém, baseado num periodo suficientemente longo de observações, a meteorologia consegue fixar em termos de "normais, maximas e minimas", os traços caprichosos do tempo. Precipitação, temperatura e insolação têm sido as observações mais usuais no sentido de definir o clima.

De acordo com os mais recentes estudos meteorologicos, conforme dados já citados pelo ilustre governador prof. Lucas Nogueira Garcez, em brilhante conferencia inaugural dos trabalhos do 2.o Congresso Panamericano de Agronomia, recentemente realizado em Aguas de São Pedro, 82% da precipitação total anual média de 1.235 milimetros, ocorre de outubro a março, no planalto paulista e seus vales interiores, com uma média mensal de 169 milimetros. Os restantes 18%, distribuidos nos seis meses estivais, de abril a setembro, correspondem a uma precipitação média mensal de apenas 36 milimetros! A chuva abunda num periodo e escasseia em outro. E' a sêca sazonal, marcante caracteristica climatica de nosso Estado.

De acordo ainda com a mesma fonte citada a estimativa média anual das exigencias de evapotranspiração (transpiração das plantas mais a evaporação do solo) é da ordem de 1.080 milimetros, 61% dos quais distribuise no periodo de outubro a março, com uma média mensal de 110 milimetros, e os restantes 39% no de abril a setembro, com média de 70 milimetros mensais. Comparando-se as médias de precipitação com as de exigencias de evapotranspiração, chega-se à conclusão que no periodo chuvoso há um excesso mensal medio de 50 milimetros, enquanto no periodo estival há um deficit mensal médio de 34 milimetros! Caracteriza-se pois em termos numericos, uma triste realidade para São Paulo — mais do que escassez de chuvas, há falta de agua para mitigar a sêde das plantas!

Como explicar então que em condições climatéricas normalmente adversas do periodo estival, possa o cafeeiro sobreviver nos espigões paulistas? Por essa razão o apelidaram de **Zebu** da lavoura. O sistema radicular do cafeeiro se aprofunda no solo e explora, no espaçamento comumente adotado de 16 palmos, um volume de terra de mais de 15 metros cubicos, que lhe proporciona cerca de 1.500 litros de agua util armazenavel nos intersticios capilares do solo. Podendo extrair do solo cêrca de 100 milimetros de agua, sem prejudicar a sua vestimenta, tem condições para tolerar 3 meses de **deficits normais**, encontrando-se porém em julho no limiar de um drama, quando se inicia a verdadeira sêca prejudicial, que é a ocasionada pela **deficiencia** de agua no solo.

Aparecem os primeiros sintomas fisiologicos de falta de agua: perdem o viço e murcham as folhas novas, primeiro, depois as mais velhas. Com o **prolongamento** da carencia de agua, as folhas empalidecem e por ultimo uma a uma, gradualmente, caem ao chão, despindo completamente o cafeeiro. Mesmo desfolhado, com as varas apontando para o céu inclemente, o cafeeiro aguarda sofrego que uma chuva ocasional lhe entumeça os botões da florada que se não abrira, ainda. E num determinismo biologico ainda não compreendido, 8 a 13 dias depois da ocorrencia de chuva, estoura a florada. O ambiente desolado temporariamente se transforma, pintado em brancos flocos e um mavioso perfume se desprende, atraindo abelhas e outros insetos para realizar a polinização. Das flores fertilizadas desenvolvem-se os chumbinhos, inicialmente à custa de reservas da propria planta. A carga pode ser inicialmente promissora, mas não há com que sustentá-la, pois faltam as folhas, orgãos vitais à elaboração da seiva tão necessaria para manter o desenvolvimento dos frutos. Com as primeiras chuvas de outubro, principiam a brotar as folhas e os ramos, veste-se novamente o cafeeiro, volta o verde carregado a colorir os espigões, mas grande parte dos chumbinhos foi sacrificada. O pequeno numero de frutos que consegue permanecer no pé fica abrigado na folhagem protetora, pressurosa de vingá-los. O cafeeiro, novamente vestido, alimenta novas esperanças. E fica-se novamente a aguardar a marcha de um tempo mais favoravel, para o proximo ano, o qual pode ser outro de ilusões desfeitas.

Dada a natureza fisiologica do cafeeiro, que frutifica sempre na palma formada no ano anterior, o efeito da sêca de um ano faz-se sentir em dois anos de colheita. As sêcas violentas promovem tambem a morte de ramos e galhos, condição que afeta as plantas **mais permanentemente**. O cafeeiro, batido seguidamente pela sêca, perde corpo, diminuindo a sua capacidade potencial de produzir. A menores colheitas correspondem menores lucros, a estes menos estimulo ao bom trato. As adubações serão feitas a intervalos maiores e por ultimo esquecidas. Logo mais, não será apenas o drama da sêca a fustigar a vida do cafeeiro.

Infelizmente, na grande maioria das lavouras de café dos nosso Estado, fome e sêde do cafeeiro têm trilhado de mãos dadas os nossos cafezais, apressando a sua decadencia. Formam um vinculo vicioso que somente poderá ser destruido, atacando-as por igual com a força rija da técnica agronomica. O meio termo e imperdoavel, justificavel em casos de impossibilidade apenas. Irrigação e adubação, as duas armas que se completam, capazes de transformar os dramas de fome e sêde, a que estão sujeitos milhões de cafeeiros, ainda potencialmente produtivos, na apoteose gloriosa da restauração.

Interessantes estudos feitos para 14 municipios cafeeiros do Estado de São Paulo, revelam que o efeito da agua e tanto mais eficiente, quanto maior o potencial produtivo dos cafezais. Assim e que nos municipios com medias mais elevadas de produção, o acrescimo da produção e maior por acrescimo de chuva. Estes sofrem tambem mais violentamente o efeito das secas. Isso demonstra maior vitalidade do cafeeiro, atestada pela sua maior sensibilidade aos fatores externos. Nos municipios de baixa media de produção e tambem baixo o acrescimo de produção em relação ao acrescimo de chuva. Sofrem menos com as secas, o que e natural, pois são lavouras em decadencia que já perderam, corpo, na maioria constituidas de pes velhos, defeituosos, e cheia de falhas, incapazes de proporcionar a devida cobertura protetora do solo, ficando mais de 60% da area desocupada, exposta aos efeitos perniciosos da erosão laminar, de um lado, e de outro aos raios causticantes do sol que, embora penetrando pouco na terra, é suficientemente persistente no sentido de dessecar rapidamente o solo, roubando-lhe a agua tão necessaria a manter as radicelas entumecidas. O solo desprotegido transforma-se aos poucos em bigorna malhada pelas miriades infinitas de pingos dagua dos aguaceiros fortes, sujeitando-o a um esforço constante de compressão que lhe oblitera os poros, vidrando-lhe a superficie que fica a espelhar o chão sem vida, no qual medram as ervas daninhas, as quais, mesmo pragas que são, representam o supremo esforço da Natureza no sentido de reconquistar o chão desnudo, a fim de protegê-lo da erosão desenfreada, dando assim ao homem uma lição primaria de conservação do solo.

Outro resultado interessante dos estudos supra mencionados, é o que se refere ao efeito cumulativo, tanto dos anos bons como dos anos ruins de precipitação no periodo estival, em relação às produções. A media de produção nos 14 municipios cafeeiros estudados melhora à medida que melhora a distribuição de chuvas no estio. Assim é, para citar apenas um exemplo, que a boa produção de 1948 foi possivel porque, em seguida à forte sêca de 1944, houve uma sequencia de anos com melhoria progressiva da distribuição de chuvas. Tambem em lavouras irrigadas o efeito da distribuição traduz-se numa melhoria progressiva da produção media, até o nivel estabelecido pelo potencial de fertilidade do solo. Conforme a propria fisiologia do cafeeiro indica, resultados plenos da irrigação devem ser obtidos a partir do 3.o ano, quando então terão desaparecidos os traços perniciosos de uma sêca violenta a que eventualmente ficara sujeito.

Nos 14 municipios cafeeiros estudados, escolhidos para representar as condições climáticas e pedologicas prevalecentes no planalto paulista e seus vales interiores, bem como zonas velhas e novas, representativas da nossa cafeicultura, os estudos revelam que, de um modo geral, nos meses de **abril, maio e junho**, parece não haver o problema da sêca nos cafezais formados, já que nesses meses as variações de precipitação media refletem-se de maneira **indefinida** sobre as variações das medias de produção. Para explicar tal fenomeno a unica hipotese plausivel, é a de que neste periodo não ocorreria deficiencia de agua no solo. De fato, as estimativas de deficiencia consubstanciam a força desta hipotese. A agua armazenada nos solos massapes, roxa e arenito Bauru, mais as precipitações normalmente verificadas, seriam suficientes para mitigar a sêde dos nossos cafezais, nos três primeiros meses do estio. De outro lado, nos meses de **julho, agosto e setembro**, as variações de produção são fortemente governadas pelas variações de precipitação. Usando a linguagem estatistica, a **regressão é altamente significativa**. Citando numeros, cerca de 80% da variação das produções é explicada pelas variações de precipitação, nos municipios de produções medias mais elevadas, enquanto que naqueles de produções medias baixas, apenas 25% das variações de produção são explicadas, consubstanciando que a reação do cafeeiro a agua de fato esta estritamente associada à sua maior capacidade de produzir. Os dados citados parecem indicar que a agua, nos cafezais ruins, deixa de ser fator limitativo da produção, consubstanciando o conceito generalizado entre os técnicos, que a irrigação é um pratica **aconselhael** para as melhores lavouras. A intuição de muitos bons lavradores, que se tornaram pioneiros da irrigação de café, já lhes ensinara aquilo que os técnicos procuram consubstanciar através de dados pacientemente coligidos e analisados. Outros lavradores, no entanto, podem ser guiados pelo raciocinio, muitas vezes falso, que lavouras menos produtivas estariam a necessitar de um socorro mais urgente, de um remedio eficaz, como se a irrigação fosse um agente milagroso na recuperação de lavouras, francamente decadentes, cujo potencial produtivo já não responde mais às excitações externas. Neste caso, calharia bem a advertencia, velha porém atualissima, feita em 1894, pelo sábio Dafert, em relatorio do Instituto Agronomico: **"Não se pode exigir que estrumes quimicos transformem o cafeeiro velho, e já quase morto, em um desses lindos arbustos de 13 e 15 anos, que deslumbram a vista pela força de sua vegetação"**... Calha bem mesmo a advertencia, pois a agua, além de alimento que é, constitui-se no unico veiculo de transporte, do exterior, para o interior das plantas, dos demais alimentos que lhes são igualmente necessarios.

Em virtude da posição de nossa costa maritima e suas montanhas, que interceptam os ventos úmidos provindos do mar, das massas de ar frio que no inverno sopram do sul diminuindo de intensidade ao norte, e do acrescimo geral de temperatura que se verifica para o interior, parece haver uma tendencia definida da **intensidade e frequencia** das secas aumentarem, no planalto paulista, com rumo norte e noroeste, apontando para o sul de Minas e norte de Mato Grosso. Enquanto a região de Campinas goza de um inverno de temperaturas amemas e distribuição relativamente boa de chuvas a região de Ribeirão Preto apresenta-se normalmente mais seca, no estio, em que à pior distribuição de chuvas se aliam temperaturas mais elevadas, resultando em maiores deficiencias de água para os cafeeiros A constancia da adversidade climatica dessa região, leva a supôr que não há um ano realmente bom para a lavoura de café, mas sim **menos ruim** ou **pior** que o antecedente. Aqui também parece ter funcionado a intuição de nossos lavradores, explicando porque foi instalado, naquela região, maior número de aparelhos de irrigação do que em qualquer outra do Estado de São Paulo. E não é também méra coincidencia que os primeiros aparelhos tenham funcionado na faixa de latitude daquela região, compreendendo toda a vasta zona da alta Araraquarense, alta Paulista e alta Mogiana. Se um **polígono das secas** fosse traçado no Estado de São Paulo, mais de 80% de nossa área agricola estaria nele contida, abrangendo quase a totalidade de nossos cafeeiros. O problema das secas existe, de um modo geral, em todo o nosso planalto e vales interiores, sendo porém numas regiões mais importantes do que em outras. Se na região de Campinas cerca de 50% dos anos demanda a irrigação dos cafezais, na região de Ribeirão Preto, segundo indicam as estimativas de deficiencia de água, todos os anos a irrigação seria necessaria.

Experiencias de irrigação pela aspersão de cafezal, já instaladas pelo Instituto Agronômico, nas estações experimentais de Ribeirão Preto e Pindorama, revelam que mesmo num inverno tido como favoravel para o cafeeiro, como o foi o de 1953, a irrigação não teria sido dispensavel. Os cafeeiros irrigados apresentaram aspecto vegetativo melhor e cargas mais promissoras, sendo que as primeiras colheitas já prenunciam o agradecimento dos cafeeiros à quantidade adicional de água que os beneficiaram. Estas experiencias, planejadas por uma equipe de técnicos que trabalha em estreita colaboração, têm por objetivo elucidar certos aspetos da irrigação do cafezal, de grande interesse pratico.

Assim, por exemplo, estão sendo investigadas questões que se relacionam com a adubação, quantidade de água e época de aplicação. Tratamentos de adubo verde e materia orgânica, de adubações quimicas completas, em diferentes dosagens, estão sendo comparadas em combinações de diferentes quantidades de água e épocas de aplicação, numa tentativa para encontrar respostas que venham beneficiar àquele contigente enorme, de lavouras cansadas, que ainda alimentam esperanças de recuperação. Outras experiencias, de irrigação de lavouras novas, a serem formadas, estão planejadas e os passos preliminares para a sua instalação, ainda este ano em 4 das principais estações experimentais do Instituto Agronomico, já foram tomados. Novos equipamentos de irrigação serão adquiridos para esse fim, com os recursos a serem obtidos através de uma frutuosa colaboração entre Secretaria da Agricultura e o Instituto Brasileiro do Café, a testa do qual se encontra o técnico de ampla visão que é Pacheco e Chaves.

Os estudos conduzidos nos 14 municipios cafeeiros do Estado de São Paulo parecem, definidamente, indicar que as exigencias médias mensais de água do cafeeiro, nos meses de julho, agosto e setembro, situam-se entre 60 e 80 milimetros. Estas exigencias estão estritamente associadas à temperatura média e, em menor grau, à insolação, do que se depreende que normalmente, em julho, as exigencias sejam menores do que em agosto e estas menores do que as de setembro. Nos ensaios de irrigação pela aspersão mencionados, aplicações de água à base de 70 milimetros mensais, descontando-se as chuvas eventualmente caidas, não promoveram perda de água por infiltração profunda, fora do alcance do sistema radicular dos cafeeiros, conforme é atestado pelo controle de umidade do solo feito antes e após as aplicações de água. Este fato contraria opinião mais ou menos difundida e alardeada, de que a irrigação promoveria um maior fluxo de água ao lençol freático, favorecendo a alimentação de acúdes e garantindo a permanencia das fontes de água subterranea. Nas condições climaticas normalmente adversas de nosso planalto e vales interiores, as deficiencias de água são grandes de mais para que as aplicações deficitarias, geralmente computadas à base de 25-35 milimetros mensais, cubram os "deficits" de água do solo e sobrem ainda para o lençol freático, maximé em se considerando que há, ainda, perdas substanciais de água durante e logo após as aplicações. Verificou-se por exemploque aplicações da ordem de 15 milimetros, feitas em dias quentes, resultaram em pequeno acrescimo da umidade do solo, em amostragens procedidas três dias após as irrigações.

A eficiencia da aplicação de água e, portanto, o rendimento da irrigação, aumenta na proporção direta da diminuição das perdas. Não podendo ser completamente eliminadas na prática podem, e devem, no entanto, ser reduzidas a um minimo. Como recurso para promover a redução das perdas seria vantajoso, para os equipamentos atualmente em uso, observar-se as seguintes regras: 1) — evitar irrigações nas horas mais quentes do dia; 2) — evitar aplicações leves ou seja estabelecer como minimo de aplicação cerca de 50 milimetros; 3) — adotar espaçamentos de aspersores que proporcionem intensidades de aplicação da ordem de 12-15 milimetros/hora. A adoção dessas regras trás como consequencia uma redução da área irrigada, uma desvantagem aparente apenas que, afinal, redundaria em maiores vantagens. Tanto na irrigação como na adubação há um paralelismo precioso que na prática não pode ser subestimado, sendo amplamente aceito pelos técnicos de café, que é melhor tratar mais convenientemente de uma área menor do que, na impossibilidade de um trato melhor, dilui-lo em migalhas inexpressivas a que as grandes áreas forçosamente conduzem por pé de café. Outra vantagem da aplicação das regras acima seria a de permitir maior durabilidade dos equipamentos, permitindo-lhes também mais tempo para que possam processar-se sem atropêlos. Um outro meio mais eficaz de redução das perdas de água, seria o da irrigação noturna, à qual está estritamente associada a técnica da **irrigação lenta**, já amplamente usada na Europa. Esta técnica consiste no emprego de aspersores de baixa preciptação, da ordem de 4-6 milimetros por hora, que funcionariam ininterruptamente durante toda à noite. A vantagem geralmente apontada é a de que proporcionaria uma economia de mão de obra, mas, de outro lado, demandaria maior quantidade de equipamento com a consequente elevação do custo inicial. Outra vantagem que lhe é apontada, seria a de proporcionar proteção aos cafeeiros contra a geada, na Italia e outros paises, revelam que proteção eficiente só é obtida na área irrigada quando aspergida ininterruptamente, desde o inicio do congelamento até o descongelamento completo, pelo calor do sol, o que envolveria periodo de 8-11 horas de trabalho, e portanto, aplicações de água da ordem de 32 a 66 milimetros.

Como às noites de geada podem suceder-se a intervalos curtos, compreende-se que muita agua seria necessaria e acudes maiores deveriam ser planejados para que, posteriormente não faltasse agua igualmente necesaria, para a defesa do cafezal contra a seca. Para evitar os inconvenientes do desperdicio de agua, aspersores especiais de precipitação ainda mais baixa, da ordem de 2 milimetros por hora, parecem ter sido já construidos na Italia, conforme se depreende da leitura de trabalhos apresentados no Congresso Internacional de Irrigação pela Asnersão, realizado na cidade de Verona. Outra consideração oportuna, que não deve ser ignorada, é que sendo os equipamentos de irrigação de cafezal projetados para cobrir a area a ser irrigada, dentro de um periodo global de 20 a 30 dias, cada dia irrigando portanto uma fração respectiva da area, somente a fração irrigada na noite da geada ficaria devidamente protegida O restante da area, ou seja aproximadamente 95% do total, ficaria exposta, sem nenhuma proteção. Parece pois logico supor que, nas condições atuais, seria praticamente impossivel consorciar os objetivos de irrigação de cafezal e combate à geada. As dificuldades são menos de ordem técnica do que economicas e, aparentemente, seriam eliminadas quando a cultura extensiva de café fosse banida e surgisse, em seu lugar, o tão decantado "pomar de café", com o qual tanto tem sonhado Estevam Teixeira Mendes e que Adolfo Chebabi procura tornar realidade, no seu modesto porém já prestigiado sitio de beira de estrada, nas proximidades de Campinas.

Na irrigação do cafezal, em escala extensiva como está sendo praticada no Estado de São Paulo, um problema de capital importancia para asegurar o exito da irrigação, é o que se relaciona com o controle de aplicação de agua. Já foi previamente mencionado que é conveniente reduzir a area a ser irrigada para que um menor numero de cafeeiros possa, beneficiar-se de mais agua no tempo em que mais a necessitem. Mas como saber na pratica, nesta ou naquela lavoura, o momento oportuno de aplica-la? A resposta por enquanto só pode ser encontrada a través de manutenção de um **balanço de agua do solo**, o qual consiste num processo que permite conhecer, num dado instante, qual a situação da agua ainda disponivel às plantas, numa camada, de solo cuja espessura é previamente investigada como sendo a mais intensamente explorada pelas raizes. Há duas tendencias escolasticas, igualmente importantes, nos processos que visam o balanço de agua. A tendencia classica é a adoção de processos de determinação **de unidade do solo**, enquanto que a outra tendencia, mais recente, é a de determinar a **evapotranspiração**, isto é a parte de agua que sob a forma de vapor é devolvida à atmosfera, através dos fenomenos de **transpiração** das plantas e **evaporação** do solo. Em ambos os casos grandes progressos estão em curso. Aparelhos simples de determinação de umidade do solo já existem no mercado, porém demandam calibração para o tipo particular de solo em que serão utilizados. Algumas formulas de evapotranspiração foram tambem obtidas e permitem estudos de ordem geral, até que sejam comprovadas ou devidamente modificadas para aplicação em nosso meio. Todos esses processos estão sendo objeto de cuidadosa experimentação no Instituto Agronomico. Qualquer que seja o processo eventualmente adotado, para o controle da irrigação em escala extensiva, nos cafezais paulistas, o seu exito não dispensa a necessidade de se manter uma equipe de técnicos, especialmente treinada, para dar a devida assistencia ao lavrador.

De acordo com Thornthwaite, o autor de um dos metodos de evapotranspiração, nos bons solos agricolas, cerca de 10 milimetros de agua disponivel do solo podem ser devolvidos à atmosfera, sem que inumeras culturas de campo (**field crops**) manifestem sintomas de deficiencia de agua. Esta hipotese, verificada num numero ainda limitado de solos e culturas parece ajustar-se muito bem para o cafeeiro, nos três tipos principais de solos de nosso Estado e que são o "massapé" a "roxa" e o "arenito Bauru" (terra arenosa), conforme constatação preliminar já feita em ensaios de irrigação de café, situados nestes dois ultimos tipos de solo. Determinações de capacidade de armazenamento de agua disponivel, nestes tipos de solo, nas camadas mais intensamente exploradas pelo cafeeiro revelam, também, resultados semelhantes, contrariando opinião generalizada que nos arenitos essa capacidade seria muito inferior à da roxa. Afora variações extermas na capacidade de armazenamento de agua disponivel, dos solos, tudo leva a crer que o problema das secas, nos nossos cafezais, está intimamente associada a fatores preponderantemente climaticos. E aqui se poderia filosoficamente repetir as estrofes do poeta: **"Foi em março, ao findar das chuvas..."**

ADUBO COMPLETO

Superconcentrado — Superpoderoso

Nitrofoska BASF

Famoso fertilizante mundialmente conhecido.

Eficiente! Econômico! Extraordinario!

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES:
RIO DE JANEIRO: "Quimicolor", Cia. de Corantes e Produtos Quimicos
SÃO PAULO: Fernando Hackradt — Adubos e Colas S. A.
PORTO ALEGRE: Bromberg Comercial S. A.
RECIFE: Cia. de Produtos Chimicos Industriaes M. Hamers

BASF

INSETICIDA LIQUIDO

Superconcentrado — Superpoderoso

Perfektan

PARA LAVOURA — PARA PECUARIA

Inseticida para pulverizar, à base de lindane, com 27-28 % Is. Gama, puro em emulsão

"QUIMICOLOR"
COMPANHIA DE CORANTES E PRODUTOS QUIMICOS
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 20 - 17.o andar — S. Paulo: R. Boa Vista, 162 - 14.o - Salas 1410/12

LEGITIMA DEFESA DO CAFEICULTOR BRASILEIRO O DISCURSO DE BOSTON

AUTENTICOS BALU ARTES DE NOSSA ECONOMIA CAFEEIRA NO ESTRANGEIRO

A historia da firma "Leon Israel Agricola e Exportadora Sociedade Anonima" — Há quase 50 anos no comercio cafeeiro — Organizações associadas nos Estados Unidos

Leon Israel, Irmãos & Company foi fundada há quase meio século, em 1903. Nessa época, a produção cafeeira tinha assegurada certa estabilidade. Os negocios ligados ao café caminhavam normalmente. Foram fundadores os irmãos Leon Israel, Samuel Israel e A. C. Israel.

Quando veio a primeira guerra mundial a firma superou facilmente as dificuldades criadas no comercio cafeeiro, com a situação internacional, graças, principalmente, à sua posição estavel e segurança economica.

Ao fim da conflagração, à qual fomos arrastados, o café tomou seu ritmo normal, apesar da forte geada de 1918.

Medidas postas em pratica no governo Epitacio Pessoa, asseguraram, novamente, a estabilidade do mercado cafeeiro.

Em 1924 a firma foi transformada para a razão social de Leon Israel Company Ltd. A diretoria era a seguinte:

Presidente: Leon Israel

Vices: Samuel Israel, Achiles Francisco Israel e Guy Snaider.

Fortalecendo-se, a firma encontrou a crise de 29, com vitalidade capaz de superá-la.

Desta forma, a crise não constituiu obstaculo capaz de travar a marcha ascendente da firma. A sua situação financeira, daí em diante, consolidou-se mais ainda, não deixando duvidas quanto às suas possibilidades futuras.

A 19 de fevereiro de 1941, já em plena Segunda Grande Guerra nova modificação operou-se na organização, passando a figurar como "Leon Israel Agricola e Exportadora Sociedade Anonima".

A diretoria atual está assim constituida: Presidente: James E. Montgomery

Vices: Robert Logan Ritchie e Ralph Brunssen.

Nos Estados Unidos, a organização associada Leon Israel Bros Inc. mantem escritórios nas cidades de Nova York, Nova Orléans, S. Francisco e Chicago, sendo o chefe da firma, em Nova York, o sr. Leon Israel Junior, e em Nova Orléans o sr. Samuel Israel Junior, ambos filhos de fundadores da organização nos Estados Unidos e no Brasil.

FILIAIS NO BRASIL

A firma possui hoje, graças ao seu progresso, filiais no Rio de Janeiro e Paranaguá, e, agencias em Jacarezinho, Londrina e Apucarana, como também um Escritorio de Exportação em Angra dos Reis, no Estado do Rio.

A ampliação dos negocios proporcionou-lhe os maiores embarques nos diversos portos cafeeiros do país.

Essa ampliação é tanto mais significativa, quando se observa que Leon Israel mantem a Fazenda California, em Jacarezinho, com 500 mil pés de café, dentro de uma área de 1.050 alqueires.

Outra, com menor número de pés de café, também no Paraná, pertence à firma. Trata-se da Fazenda Americana, em Amoreira, com 2 mil alqueires e 100 mil pés de café.

AMIGOS DO BRASIL

Antes mesmo de se falar da expansão de seus negocios no comercio cafeeiro de nosso país, deve-se realçar o fato de que Leon Israel Junior e Samuel Israel Junior, que há muitos anos participam das atividades ligadas ao café, são grandes amigos de nosso país.

Ainda, recentemente quando o senador Gillette comandou uma propaganda contra o nosso principal produto de exportação, nos EE.UU., lá estavam os antigos comerciantes santistas defendendo-nos, através de esclarecimentos à opinião publica norte-americana, ou mesmo deponde em comissões de Inquérito do Senado Yankee.

Leon Israel Junior, que hoje está à frente da organização de Nova York, foi um verdadeiro porta-voz de nossos homens de negocios, que se viram ameaçados diante da campanha Gillette.

A situação criada, inicialmente, nos Estados Unidos, contra o nosso café, teve em seu favor o desconhecimento da situação de nossas lavouras pelo povo norte-americano. Mas, Leon Israel Junior lá estava, esclarecendo, orientando, explicando a todos essa situação.

Sua posição, seus esclarecimentos auxiliaram a superar essa campanha, que, de pronto, apresentou feição politica.

O DISCURSO DE BOSTON

Após depôr no Senado norte-americano, a 10 de fevereiro deste ano, o sr. Leon Israel Junior, participou de uma reunião de homens de negocios dos Estados Unidos, no New England Export Club Inc., na cidade de Boston, e ali, num discurso que vale por uma defesa das mais felizes do nosso café, esclareceu perfeitamente o assunto. O discurso foi pronunciado dia 11 de março último.

Transcrevemos, a seguir, alguns trechos dessa defesa de nosso café, que constitui hoje um documento dos mais valiosos para todos os cafeicultores, não só do Brasil, mas também dos produtores de café latino-americanos:

Depois de várias considerações diz o sr. Leon Israel Jr. — "Sou um importador — importador de café. **Certamente** vós ouvistes **falar do produto**, particularmente **nos meses** recentes. **O furor** que se agitou em torno desta simples bebida parece ceder o primeiro **lugar** apenas àquela outra celebre causa que teve seu **climax**, aqui em vossa própria cidade há 175 anos, quando outra especie de bebida esteve envolvida. Como importador, estou no negocio para trazer aos Estados Unidos um produto estrangeiro e exportar dollars americanos.

Como exportadores, vós estais ocupados em mandar mercadorias fabricadas ou maquinarios, ou gêneros dos Estados Unidos para outros paises em troca de dollars. Obviamente, vós não podereis conseguir esses dollars para vossas exportações, a menos que vossos fregueses estrangeiros os tenham para darvos em troca de vossos produtos. E êles não teriam dollars a menos que, eu e outros importadores, lhes dessem por alguma coisa que êles têm e nos precisamos.

Especificamente, o produto com que eu negocio, café, é a maior importação americana. Mais dollars são enviados para fora em troca de café, do que para qualquer outro produto trazido para nossos portos. Ficamos com 70% da safra anual da America Latina e 96% de todo o café que consumimos provem dali.

O total anual de nossas compras da America Latina, atinge $ 3.456.000.000 e constitui mais que 40% de toda a sua exportação para o resto do mundo. Sendo o café o maior item nessas compras da America Latina, torna-se assim o item mais importante da econômica de nossos vizinhos do sul, e sustenta seu saldo de dollars, o que lhes possibilita ser fregueses dos fabricantes e exportadores daqui.

Enquanto, compramos de nossos vizinhos da America Latina três biliões, quatrocentos e cinquenta e seis milhões de dollars, valor das importações em 1952 — baseado nos mais recentes e acurados dados — êles compraram de nós três biliões, quatrocentos e setenta e sete milhões de dollars, valor de nossas produções de diversas qualidades. Assim, está visto que, temos um saldo comercial de vinte e um milhões de dollars nesta rua de duas mãos. Este saldo é importante para vós, como exportadores. Porém, a situação tem outras implicações.

Por exemplo:

Suponhamos que o chamado boicote do café se torne realidade a tal ponto que o café não fosse importado pelos Estados Unidos. Isto significaria que a America Latina teria, aproximadamente, 1 1/3 biliões de dollars, menos para despender conosco. Significaria também que o afrouxamento seria tomado por outros paises que ajudamos com dollars, desde o termino da II Guerra Mundial. Eles viriam ao comercio mundial de café com dollars, porém vendendo produtos de sua própria fabricação e nós ficariamos sem café e sem **comercio de exportação. Por exemplo, a Alemanha Ocidental, está novamente comprando café em muito maior** volume que o ano passado e o preço no varejo lá é de aproximadamente $ 2.70 a libra.

Há outras implicações na presente reação ao aumento do preço do café, aumentos que, vos asseguro, foram devidos à oferta e procura. Foi somente depois de 100 anos, após a quebra das algemas com o Velho Mundo que nos no Hemisferio Ocidental começamos a olhar para o Norte e para o Sul, envés de Leste e Oeste na bussola.

Mais adiante salienta o orador: "Se, devido aos caprichos do tempo, ou pelo fato de não haver café suficiente para satisfazer a procura mundial, nós abandonassemos os nossos vizinhos da America Latina ou os culpassemos por capricho da natureza, deste modo interrompendo a torrente livre do comercio entre estas grandes nações soberanas, estariamos causando a nós mesmos e à nossa posteridade o maior prejuizo na Historia da civilização Ocidental.

PRODUTOS YANKEES

Hoje os preços de nossos produtos de fazenda estão no nivel em que se acham porque foram postos aí por um plano do govêrno para sustentar os preços, o que encorajou tanto a super-produção como o subconsumo. O excedente, em forma de ovos dessecados, manteiga, trigo timos e também o apoio imarmazenado, milho e algodão, vindo para armazens do govêrno, para garantir empréspedem que os preços encontrem seus próprios niveis. Dificilmente se encontra um produto americano, seja ou não negociado no chamado câmbio regular, que não tenha uma estrutura artificial de preço acima e além do preço que obteria se a oferta e procura fossem os determinantes. Contudo, constantemente estamos testemunhando uma tempestade numa cafeteira porque não há café suficiente nas sobras exportáveis dos cafés de nossos vizinhos plantadores para suprir a procura mundial, procura essa, que provém do aumento da população e da recuperação econômica de outras nações, que foram ajudadas a recuperar com dollars americanos. Tudo isto, além do enfraquecimento de uma safra do maior país produtor.

Se houvesse uma tempestade de areia em Oklahoma ou Kansas, ou uma enchente na Inglaterra ou Holanda, seriamos — como seres humanos — os primeiros a compreender, e condoidos, enviar auxilio em dinheiro e trabalhadores a fim de remediar a situação. Porém, quando várias centenas de milhares de plantadores de café vão a falência devido a uma safra pobre, após 5 anos de trabalhos árduos e a produção de café cai além da procura mundial, e consequentemente há mais compradores do que vendedores, e o preço é forçado a alta, um clamor levanta-se de um extremo ao outro do país. Uns gritando por controle, outros que deveria haver uma lei, outros queixando-se de que especuladores estão forçando a alta. Gostaria neste ponto de expandir-me um pouco sôbre os fatores da lei de oferta e procura e dizer-vos algo dos problemas dos fazendeiros de café no Brasil. O ano da safra cafeeira começa em 1.o de julho e termina em 30 de junho. De alguns 40 anos de super-produção, o café na década 40/50 entrou em nova era, a de subprodução. Todos nos lembramos dos desastrosos dias de 1930/40 e enquanto estavamos vendendo algodão, matando porcos etc., o Brasil queimava café. Casualmente, gostaria de dizer ainda uma vez que parece havermos esquecido completamente, que o Brasil fez um presente às forças armadas aliadas em 1944, de quatrocentas e tantas mil sacas de café.

"STOCKS" NO BRASIL

Em 1949, os excedentes "stocks" pertencentes à então existente Agencia do Govêrno Brasileiro estavam esgotados e o mundo não podia mais contar com esses stocks excedentes em caso de emergência e teria daí em diante que depender da produção **anual para suas necessidades**. Enquanto que na **decada** 1930/40, a natureza favoreceu ano após ano, os paises produtores, e as safras foram generosas, durante a última parte da decada seguinte e assim até 1950, a natureza foi a maior parte das vezes prejudicial. Secas e mais secas, ventos frios durante as floradas, a broca e finalmente a geada no ultimo 4 de julho. Junho de 1953 viu as arvores de café no Brasil em condições saudaveis e todos os prognosticos indicavam boas possibilidades para a primeira safra brasileira após guerra de vinte milhões de sacas. Antes do golpe da geada em 4 de julho, o suprimento de café mostrava o seguinte: "Carryover stocks" de 3 milhões de sacas, mais a safra 1953/4 ou safra corrente, do então calculado suprimento de 16 milhões de sacas. De outro lado, a procura. Provável exportação de 15.1/2 milhões de sacas, deixando um "carryover" em 30 de junho de 1954 de 3.1/2 milhões de sacas com a safra começando em 1.o de julho de 1954.

No fim de novembro ultimo, o quadro mudou. A safra corrente produziu muito menos do que se esperava, principalmente devido às condições desfavoraveis ao crescimento na última estação e todas as estimativas oficiais ou não, foram revisadas para menos. A estimativa oficial do Brasil é agora de ..... 14.006.000 sacas, contra a estimativa revista de 18 de fevereiro de nossa Embaixada Americana: 14 1/2 milhões de sacas. O panorama da oferta e procura, à luz destas estimativas revisadas e após dar efeito às exportações do Brasil, para os primeiros 8 meses do ano de safra, temos a nos confrontar disponibilidades para exportação de ligeiramente mais de 4 1/2 milhões de sacas para os últimos 4 meses desta estação da safra. O Instituto Brasileiro do Café calcula que o "stock" minimo no porto, necessario para conduzir negocio de exportação é de 1 1/2 milhões de sacas assim, se presumirmos que em 1.o de março havia 4.300.000 sacas e dedubirmos o acima mencionado "stock" minimo no porto, temos 2.800.000 sacas que dividido por 4, deixa um total mensal de 700 mil sacas disponiveis para exportação, contra as necessidades normais mundiais de 1.000.000 de sacas. Nenhum alivio pode ser esperado com a vinda da safra 1954 ou seja a safra danificada pela geada, pois esta safra é geralmente calculada abaixo de 14.000.000 de sacas. Muitos cálculos descem até 12.000.000 de sacas.

LAVOURA BRASILEIRA

Em seguida o sr. Leon Israel Junior faz alguns comentarios acerca dos produtores de outras regiões.

Voltando à lavoura brasileira, diz ele:

Agora uns poucos comentários sôbre a lavoura do café no Brasil. Através de nossos subsidiários no Brasil, nós possuimos uma fazenda de café e somos seus proprietarios desde 1935. Tem aproximadamente 6.500 acres. Toda terra própria para café foi usada para produzir café, totalizando 500.000 pés de café. Nossa experiência através de um periodo de anos, não tem sido remunerativa. Durante a última parte da decada 30/40 quando o tempo foi favoravel, esta fazenda produziu safras muito boas, porém, o preço de café então existente era tal que somente lucro muito modesto era apurado e isto foi antes que qualquer despesa fosse computada, por depreciação ou juros sôbre o capital investido.

Eis os nossos resultados para 1953: produziu uma safra de 3.800 sacas e deu prejuizo de Cr$ 1.125.000,00. O custo da produção tem subido constantemente. O custo total de nossa produção em 1953 foi Cr$ 6.108.000,00. Em 1946, números comparativos mostravam uma safra de 11.165 sacas. Custo total da produção foi Cr$ 2.176.000,00 e lucro modesto foi apurado, de Cr$ 2.611.000,00. Em 1953 pagamos aos colonos o contrato de trabalhos anual de Cr$ 2.650,00 para 1.000 pés, contra Cr 800,00 em 1946. O trabalhador diarista em 1953 recebia Cr$ 35,00 por dia enquanto que em 1946 recebia Cr$ 12,00.

Suponhamos, novamente, que deixemos de comprar café. Duvido muito que a saúde do povo americano seria grandemente afetada. Duvido que houvesse algum grande levante social. Nosso país resistiu à proibição legal de outro tipo de bebida por 14 anos e favoreceu somente um punhado de thugs, gangsters e criminosos. Boicotes de café, ou leis apressadamente concebidas para controlar o jogo livre de nossos mercados poderiam ser efetivadas e impelir nossos vizinhos latino-americanos a procurar outros mercados. Mas boicotes e controles e leis nunca fariam crescer uma libra de café, ou evitar uma geada, ou fazer um cafeeiro amadurecer mais depressa, ou habilitar um colono a colher mais do que tantos grãos de café por dia, ou evitar que outras nações, — com nossos proprios dollars que os nossos vizinhos latinos preferem — competissem conosco no mercado mundial pelo suprimento disponivel.

Mas faria outra coisa. E isto é importante para vós. Poderia muito facilmente e quase inevitavelmente, tirar-vos a quota nos mercados da America Latina. E qual é o mercado latino-americano para as mercadoria americanas? Olhemos os numeros, que tambem são para 1952:

Maquinaria e veiculos, peças de automoveis, acessorios, ferramentas, etc. .....

$ 1.335.707.264.

Produtos quimicos e correlatos, $308.449.709.

Alimentos vegetais, produtos e bebidas $ 390.144.918.

Fibras textis e manufaturas $ 253.871.510.

Metais e manufaturas (exceto maquinarias e veiculos) $ 328.632.905.

Minerais e produtos não metalicos) $ 197.795.923.

Diversos 164.914.057.

Animais e produtos animais (comestiveis) ..... 123.325.864.

Produtos vegetais (não comestiveis) $ 77.560.237.

Madeira e papel ..... $ 109.772.417.

Animais e produtos animais (não comestiveis) ..... $ 28.870.295.

Tudo dito, nessa via de duas mãos que corre entre nós e nossos vizinhos do sul, testemunha a troca anual de aproximadamente 7 biliões. Estas cifras contam sua propria historia da importancia do comercio latino-americano para os EE. UU. e para a industria americana — e para situação total do emprego em nosso proprio país. Tiremos o café do quadro e o élo mais importante da corrente estará partido. O café é a principal exportação e a principal safra de dinheiro do Brasil, Colombia, El Salvador, Guatemala, Haiti, Nicaragua e Costa Rica. Está bem alto na lista de safras de dinheiro da Venezuela, Equador, Honduras e Republica Dominicana. "Café", disse a Comissão de Agricultura e Florestal do Senado americano, em um boletim em agosto de 1950, "é um exemplo perfeito do comercio internacional em uma base sã, em produto costumeiramente desejado e comprado por um país que não cultiva mas que em troca tem uma variedade de produtos manufaturados para trocar".

Senhores, fiz aqui, algumas conjeturas, como tirar o café do mercado americano. Não creio que tal coisa sucederá enquanto houver algum café. Nem acredito que boicote algum, de qualquer consequencia, se desenvolverá. O povo americano gosta de café e o comprará a qualquer preço dentro do seu alcance e do razoavel. A onda de ressentimento com respeito aos preços mais elevados do café presentemente, veio em minha opinião, não tanto porque o café talvez não valha um dollar por libra ou mais, mas porque se divulgou a impressão de que alguem estava obtendo um lucro exorbitante com ele; que havia por conseguinte alguns negocios obscuros.

O presidente dos EE. UU. indicou a Comissão Federal de Comercio para averiguar se havia alguma manipulação no comercio de café. A Bolsa de Café e Açucar de Nova York, de que eu sou vice-presidente, atualmente, telegrafou à Comissão que apreciaria a investigação e emprestaria toda a cooperação. No momento, a investigação se está processando e todos os dados disponiveis são submetidos aos agentes da Comissão. A Comissão de Agricultura do Senado apressadamente emitiu uma nota (proposta pelo senador Gilette, de Iowa, e todos vós sabeis o que ele pretende) e o Senado a passou sem chamada de votos. Esta nota poria o café sob a supervisão da Commodity Exchange Authority.

Esta nota foi agora encaminhada a House Committee of Agriculture, e varias audiencias foram realizadas. Esta comissão, alegro-me de dizer, tem tomado e está tomando o tempo e trabalho para estudar o assunto, e obviamente não pretende apressar um decreto pelo qual prejudicaria o mercado livre do café e teria, e com toda a probabilidade, contribuido para criar maiores flutuações quanto ao futuro.

Prestando declarações perante a Comissão, duas semanas atrás, o sr. Gustavo Lobo Jr., presidente de nossa Bolsa, em resposta a uma pergunta por que os controles não seriam extensivos a uma mercadoria de importação tal como o café, da mesma maneira que é feito para mercadorias domesticas, respondeu: "Em aditamento às razões praticas que já mencionei, nas quais tentei mostrar a diferença entre mercadoria de importação e domestica, e a impossibilidade de efetivar tal controle, mesmo que fosse necessario, gostaria de acrescentar que a historia mostra que as liberdades se perdem pouco a pouco. Se o café for posto sob CEA, sem razões claras e positivas, o proximo passo presumivelmente seria cacau, depois açucar e então lata, até que todas as mercadorias sejam alcançadas. E então, como há esforços para controlar margens, isso seria o proximo passo e assim o controle do governo seria completo. Controle do governo, de um mercado, cremos, será pernicioso para todos. Providencias futuras não deveriam ser tomadas quando fossem prejudiciais ao comercio de mercadorias em seu total. Firmemente acredito que mercados livres são extremamente importantes para manter o fluxo entre produtor e consumidor".

O sr. Lobo foi cumprimentado por esta exposição, e para mim, como observador naquele tempo, parecia expressar o sentimento da Comissão, independente do partido politico representado.

Atualmente, senhores, o presente aumento do preço do café fará mais para corrigir a escassez que qualquer outra coisa que fosse feita. Passar leis e gritar sobre especuladores, não realiza coisa alguma. Um aumento de preço, sim. Deixem-me citar um de vossos proprios cidadãos eminentes, autoridade nacional em economia, professor Samuel Slichter de Harvard: "Se especuladores particulares estão usando seus proprios fundos e credito para fazer subir o preço de uma mercadoria em insuficiente suprimento, suas tentativas em obter lucro para si tem o efeito, sem intenção, de desempenhar um serviço publico. O comercio de mercadorias em insuficiente suprimento, necessita de ser desencorajado e a sua produção precisa ser encorajada. Quanto mais prontamente escassez do suprimento for reconhecida e o preço elevado, mais prontamente os ajustes necessarios virão".

Senhores, vim aqui a convite vosso para discutir café como nossa maior importação americana. Para vós, como exportadores isto é tremendamente importante, como espero tenham reconhecido e estou certo de que já era de seu conhecimento. Porém, além do seu interesse pessoal investido em negocios de importação e exportação, há outras considerações envolvidas nesta "steaming coffee pot" (fumegante cafeteira); — As relações completas do hemisferio ocidental, que possam servir de base para a futura estabilidade mundial. Espero que não esteja acentuando demasiadamente a importancia de uma xicara de café. Creio ser o povo americano o mais justo na face da terra. Cremos em viver e deixar viver. Cremos em obter um lucro honesto e que o trabalhador é merecedor de seu salario. Não fazemos objeções a que outros obtenham lucro, desde que não se utilizem de nós no processo. A presente agitação sobre preços de café e a interpretação que foi dada a um resultado economico de uma causa natural, trouxe imoderadas propostas e ações apressadas. Contudo, não acredito que haja um americano que pudesse discutir o preço do café no mercado de hoje, se conhecesse todos os fatos. Eles não querem fazê-lo.

O PRODUTOR

De minha parte, e ouso dizer, da vossa — o presente tumulto tem uma significação mais profunda. Permitam-me apelar para vós em vosso proprio interesse, para fazer tudo o que esteja a vosso alcance para aliviar esta conversa de pressão de preços, holdbacks, proveito, especulação, cornering, manipulação e todos os outros males que possam ser imaginados, e colocar-se no lugar de um fazendeiro que há 5 anos preparou sua terra para produzir café e depois de esperar 5 anos, com suas arvores quase frutificando, viu uma geada fatal roubar sua safra, não somente para aquele ano, mas para os proximos dois ou tres e então — não tendo café para vender — ver-se acusado, intencionalmente, de ser aproveitador, um "squeezer" e um jogador internacional. Simplesmente isto.

Porém, eu não vos peço para fazer isto em beneficio do pobre colono ou do proprietario da fazenda, unicamente. Sugiro que é em vosso proprio interesse inteligente reconhecer que leis não fazem crescer café, que desconfiança não gera boas relações internacionais, que a falta de comercio, em ambas as direções, no mercado livre, não pode promover algo exceto mutua miseria.

Senhores, somos culpados, hoje, nos conselhos dos governos mundiais como sendo produto do capitalismo, um exemplo pendente dos males do sistema de empresas particulares. Nossos vizinhos da America Latina estão fazendo esforços valiosos para nos seguir. Eles acreditam em nós, a despeito das tentativas daqueles que menosprezam nosso sistema de vida, impelindo uma barreira entre nós e eles. E são muitas e constantes as tentativas. Se deixassemos aquela rua de duas mãos aberta e deixassemos o fluxo do trafego em uma base lucrativa e satisfatoria, devemos procurar olhar os fatos e não ser sacudidos pelo vento da emoção. Terminando, quero saudar a humilde fava de café e dizer que lamentavel como possa ser — talvez deste presente furor possa surgir um melhor entendimento de alguns problemas — que parecem simples, e que uma conclusão — com conhecimento avançado, é a estrada mais segura para perpetua ignorancia. Agradeço-vos."

As palavras do sr. Leon Israel Junior, que tanta oportunidade voltam a encontrar neste momento, quando o café é novamente vitima de indiosa campanha nos Sc- J sidiosa campanha nos Estados Unidos, atestam, mais do que quaisquer outros fatos, a sua legitima compreensão face aos problemas cafeeiros mundiais e à situação dos produtores do Brasil, em especial, com os quais está irmanado em atividade e dos quais, pela corajosa e esclarecida defesa, se tornou, desde então, credor da mais profunda gratidão.

Esse homem, mais uma equipe de bravos companheiros, conduz, em nosso país e no exterior, os destinos vitoriosos de "Leon Israel Agricola e Exportadora S. A."

Aspecto da secção de amostras da "Leon Israel"

O sr. Leon Israel Junior, à esquerda, vice-presidente da New York Coffee and Sugar Exchange, e Gutavo Lobo Junior, quando depunham perante a Comissão Bancária do Senado norte-americano, que investigou a questão dos preços do café naquele país.

Secção de classificação

Prova de xicara de café na firma "Leon Israel Agricola Exportadora Sociedade Anonima".

MALZONI & CIA. LTDA.

Comissários - Exportadores

END. TELEGRÁFICO: "MALZONI" CAIXA POSTAL: 839

RUA JOSÉ RICARDO, 35 TELEFONE: 2 $150

SANTOS

CAFÉ À NOSSA CONSIGNAÇÃO DEVE SER DESPACHADO DA SEGUINTE FORMA:

Pela Estrada de Ferro Santos a Jundiaí

Companhia Armazens Gerais de Araraquara
SANTOS – E. F. S. J. – Docas – IX Externo

Pela Estrada de Ferro Sorocabana

Companhia Armazens Gerais de Araraquara
ESTUÁRIO – Docas – IX Externo

COMPANHIA ARMAZENS GERAIS DE ARARAQUARA

Rua 15 de Novembro, 62-2.º andar
Telefones - Escritório: 2 - 2072
- Armazém: 2 - 6028

Endereço Telegráfico: "ARAQUARA"
Caixa 676 – SANTOS

VARIABILIDADE DOS CARACTERISTICOS DO CAFEEIRO

A. CARVALHO
Instituto Agronômico de Campinas

Todo o continente americano com seus 4 bilhões de cafeeiros e produzindo cerca de 85% da produção mundial, cultiva uma unica especie de café, isto é, "Coffea" arabica L". As outras regiões do mundo ou cultivam esta mesma especie ou "Coffea canephora Pierre". Em escala muito reduzida planta-se, em algumas regiões, a especie "Coffea Liberica" Bull. ex-Hiern. O genero "Coffea", no entanto, não encerra apenas estes representantes. Ao contrario, a variabilidade que apresenta é enorme e por isso mesmo os botanicos têm encontrado serias dificuldades em classificar, devidamente os seus numerosos componentes. Até há poucos anos o numero de especies de café, tidas como validas, era de cerca de 120. Hoje este numero é pouco superior a 60 e é provavel que ainda venha a ser reduzido nos proximos anos, quando se fizerem novas revisões no genero.

As informações gerais existentes indicam que é no continente africano, entre 15º LN e 20º LS, que ocorre a maior concentração de especies de café, inclusive as de maior interesse economico atual. Outras, menos conhecidas, são originarias do sul da India, da Malasia e da Indonesia. Nenhum representante do genero **Coffea** ocorre no continente americano.

Quase todas as especies estão ainda mal estudadas e pouco se conhece sobre a sua constituição genetica e citologica, sobre a resistencia ao frio ou à seca, ao ataque de molestia e pragas, enfim, sobre a sua potencialidade economica. Sabe-se, contudo, que são muito variaveis e isso se constata até mesmo quanto à sua distribuição geografica. Enquanto algumas, como **C. arabica**, têm distribuição muito limitada, em regiões de grande altitude no sul da Abissinia, outras como **C. canephora**, são disseminadas por extensas areas de altitudes e climas diversos. Variabilidade acentuada tambem se constata nos caracteristicos morfologicos como porte e ramificação, forma, textura e dimensões das folhas, forma e tamanho de flores, frutos e sementes.

Como o café representa produto de vital importancia para a economia de muitos paises e principalmente para o Brasil, seria de todo interesse que se realizassem estudos mais pormenorizados sobre as caracteristicas apresentadas por todas as especies de café e sobre o seu eventual aproveitamento em cultivo.

A variabilidade encontrada no genero **Coffea**, como a de outros organismos, pode ser hereditaria ou devida a influencias do meio-ambiente. Para se decidir entre essas duas causas e poder estudar as especies de café, a melhor solução consiste no estabelecimento de coleções vivas de plantas, contendo representantes de todas as especies descritas. Assim, em um meio-ambiente mais constante, poder-se-á analisá-las melhor. E' o que se fez com o genero **Gossypium**, em Trinidad, e o que vem sendo realizado com parte do genero **Solanum**, na Inglaterra, permitindo brilhantes investigações sobre a genetica, citologia e evolução, nestes dois grupos de plantas.

COLEÇAO DE ESPECIES

Para o estudo taxonomico de um grupo de plantas considera-se desejavel, hoje em dia, informações sobre sua constituição cromosomica e, se possivel, conhecimento sobre a constituição genetica, bem como sua diversidade morfologica e distribuição geografica. Conhecimentos da anatomia e fisiologia são tambem desejaveis, bem como informações sobre o mecanismo do isolamento entre as especies que o compõem. Estudos desta natureza somente são realizaveis quando se têm reunidas, em coleção, as especies a serem investigadas.

A reunião desse material é um tanto dificil, porque sendo o café uma planta de interesse economico mundial, os botanicos não têm hesitado em descrever numerosas especies e variedades, muitas vezes baseados em escasso material de herbario e em conhecimentos de sua distribuição geografica, dificultando consideravelmente o seu reconhecimento na natureza. O estabelecimento de coleções vivas das especies de café, além de fornecer indicações basicas sobre o valor economico, contribuiria, por certo, para seu melhor agrupamento e provavel redução do excessivo numero de especies ainda hoje tidas como válidas.

As coleções de especies de Coffea, ora existentes são poucas e todas elas muito incompletas. Sabe-se que existem pequenas coleções em Java, Tanganica e em Angola. Em São Paulo há duas coleções, ambas tambem encerrando limitado numero de especies. Uma delas foi organizada em Rio Claro por E. Navarro de Andrade e a outra se acha no Instituto Agronomico de Campinas.

Seria bastante desejavel ampliar a coleção de Campinas pela importação das especies da Africa e da Asia. Infelizmente há o constante perigo de introduzir, conjuntamente com elas, a ferrugem do café, molestia de enorme gravidade e que não ocorre no continente americano. Por esse motivo tem-se pensado em instalar apenas duas grandes coleções, uma delas na Africa, em local onde já ocorra a ferrugem e outra coleção em uma região onde não existe cultivo de café, como nos Jardins de Introdução de Plantas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Ai os paises interessados poderiam colher as informações que julgassem necessarias. Projetos de ambito internacional como estes, embora viaveis, são contudo sempre de dificil execução.

COLEÇAO DE VARIEDADES

As especies polimorfas no geral são subdivididas em variedades ou em outras categorias. E' o que se tem feito com as especies cultivadas de café, quais sejam: **C.arabica, C.canephora, e C.liberica.** Para estuda-las em detalhes, algumas estações experimentais, principalmente as que se dedicam ao melhoramento do cafeeiro, têm tambem procurado juntá-las em coleções. Assim, as variedades de **C.liberica** se acham reunidas e estão sendo estudadas na Costa do Marfim e as de **C.canephora** e **C.arabica** em paises americanos e da Africa.

Planta selecionada da variedade caturra amarelo

Tem-se encontrado maior dificuldade em classificar devidamente as variedades de C. liberica e C. Canephora do que as de C. arabica. Isto acontece pelo fato de as duas primeiras especies serem auto-estereis e se multiplicarem na natureza por fecundação cruzada. Por esse motivo, mesmo entre os representantes das variedades que as compõem, notam-se acentuadas diferenças principalmente na forma e tamanho dos frutos e sementes, tal como se tem observado em Campinas, com a var. **typica**. (= kouilouensis) de **C. canephora**.

A especie **C. arabica** é tambem polimorfa e devido ao maior valor economico as suas variedades são mais conhecidas. Embora haja notaveis diferenças morfologicas entre as variedades, o mesmo não acontece com os representantes da mesma variedade. Isto se dá por serem autoférteis e por se multiplicarem, na natureza, principalmente por autofecundação.

Coleções dessas variedades existem em varios paises americanos, em Quenia, Tanganica e em Java. No Estado de São Paulo há coleções de variedades de **C. arabica** na Estação Experimental de Lageado, em Botucatu, no Horto Florestal e Rio Claro e no Instituto Agronomico de Campinas.

Existe, porém, certa divergencia na nomenclatura empregada nestas coleções. Seria de todo o interesse uniformizar as coleções, confrontando as variedades representadas e a sua nomenclatura, adotando-se, ao mesmo tempo, uma das coleções como padrão para as demais.

VARIABILIDADE NA ESPECIE "C. ARABICA"

A coleção de variedades de "C. arabica" de Campinas encerra quase todas as variedades conhecidas fora do país e aquelas que aqui se originaram, num total de 23 variedades e diversas formas. Outras se acham ainda em estudos. Quase todos os anos são acrescentadas variedades novas, recebidas de varias procedencias, além de mutantes encontrados em viveiros ou em propriedades particulares.

O estabelecimento desta coleção tem sido de bastante proveito para execução de diversas observações e estudos experimentais como também para analisar genèticamente a variabilidade intraespecifica de "C. arabica". A realização de analises genéticas é demorada e dispendiosa, pois o ciclo "semente a semente", em café, é de 4 anos. Cerca de 12 anos são necessarios para se esclarecer o modo de herança de um caracteristico. Durante este periodo, as populações obtidas por hibridação ou por autopolinização devem ser mantidas em viveiros ou no local definitivo, exigindo trato conveniente a fim de que floresçam e frutifiquem em tempo o mais curto possivel. Não obstante consideram-se de tal importancia os resultados das analises genéticas, pela sua aplicação em planos de melhoramento, que não se hesitou em inicia-las em Campinas, ainda em 1933, quando as condições economicas referentes ao café desencorajavam qualquer estudo dessa natureza. São numerosos os dados colhidos e cada dia mais se esclarecem as relações entre as diversas variedades de "C. arabica".

Progênie da var. bourbon, em seleção na Estação Experimental Central de Campinas

Para realizar analises foi preciso fazer observações sobre o método de reprodução, sobre a melhor técnica a ser empregada nos trabalhos de autofecundação e de hibridação artificiais e sobre o modo mais simples possivel de registrar as anotações tomadas. Atualmente existem em Campinas "pedigrees" de cafeeiros de todas as variedades usadas nas analises. Estes "pedigrees" são necessarios para assegurar o prosseguimento normal das pesquisas, principalmente em se tratando de uma especie perene como é o cafeeiro.

ESCOLHA DE UMA VARIEDADE PADRAO

No estudo da variabilidade genética de uma população heterogenea, representada pelas variedades de "C. arabica", torna-se de toda conveniencia a escolha de uma delas como tipo padrão, com a qual se fazem as comparações. A variedade "typica" de "C. arabica" foi escolhida para este fim, em Campinas, por varios motivos. Primeiramente, por representar o tipo padrão de espécie, pois Linneu utilizou-a na descrição de "C. arabica" e ainda por existir em estado espontaneo na Abissinia. Além disso foi a primeira variedade a entrar em cultivo e a primeira a ser introduzida em São Paulo. Existem, ainda hoje, numerosas plantações de café onde a variedade "typica" é predominante. Deste modo todas as variedades em estudo, além de autofecundadas, são **cruzadas artificialmente com representantes da variedade "typica".** Determinam-se, assim, as diferenças genéticas, bem como o grau de dominancia dos fatores encontrados nas variedades em investigações e as suas interações.

Progênies e híbridos em classificação no viveiro de Campinas

A fim de obter resultados comparaveis, qualquer outro centro que inicie pesquisas genéticas em "C. arabica" deve usar como padrão representantes da var. "typica", da mesma linhagem encontrada em Campinas.

ANALISES GENETICAS

Quase todas as variedades de "C. arabica" vêm sendo estudadas sob o ponto de vista genético. Tem-se observado que embora sejam acentuadamente diferentes da var. typica sob o ponto de vista morfológico, genèticamente diferem da variedade padrão por reduzido numero de fatores genéticos principais. Diversas variedades bem conhecidas, por exemplo, diferem da var. "typica" apenas por um par de fatores genéticos principais, enquanto outras diferem por dois ou três pares.

Geralmente, porém, os fatores genéticos encontrados no cafeeiro são pleiotrópicos, isto é, afetam ao mesmo tempo mais de um caracteristico. Por este motivo, existe certa correspondencia entre a denominação das variedades e a dos fatores genéticos que as caracterizam. Assim, por exemplo, as variedades "anomala", "angustifolia", "purpurascens" e "xanthocarpa", diferem da variedade "typica" por apresentarem, respectivamente, os fatores genéticos "anomala", angustifolia", "purpurascens" e "xanthocarpa" na condição duplamente recessiva, enquanto as variedades "anormalis", "erecta", "maragogipe" e outras, diferem da variedade padrão por trazerem os fatores genéticos "anormalis", "erecta" e "maragogipe" na condição duplamente dominante, e assim por diante.

A fim de metodizar a taxonomia das variedades de "C. arabica" resolveu-se, em Campinas, considerar como variedade nova de café unicamente os mutantes que preencham certas condições, quais sejam: a) possuir caracteristicos diferenciais hereditorios; b) apresentar, na condição homozigota, os fatores genéticos que os diferenciam da var. "Typica"; c) apresentar fatores genéticos afetando caracteristicos que tornem o novo mutante fenotipicamente distinto da variedade padrão e das demais variedades conhecidas. Recomenda-se também que recombinações de fatores genéticos não sejam descritas como variedades, mas apenas assim citadas. Seria desnecessario mencionar que criterio identico deveria ser tomado por outros centros de investigações cafeeiras, para evitar que se torne demasiadamente complexa, com o tempo, a taxonomia de "C. arabica".

VARIABILIDADE NAS VARIEDADES

Quando se menciona que a var. **bourbon** difere da var. **typica**, por apresentar o par de alelos **tt** (típica) na condição recessiva, isso não significa que a variedade **bourbon** seja homozigota para os demais fatores que encerra, como os que condicionam sua produção, tipo de planta etc. A existência de suficiente variabilidade genética na expressão de carateristicos de interesse econômico, como a produção, tornou possivel submeter as principais variedades cultivadas a trabalhos de melhoramento e de seleção. A finalidade em vista é a de isolar progênies e linhagens de maior capacidade de produção, vigorosas, e bem adaptadas a certas condições de meio.

Os trabalhos de melhoramento do cafeeiro, no Instituto Agronômico, são extensos e compreendem estudo de progênies de numerosas plantas matrizes, em várias regiões do Estado. As produções individuais das plantas de cada progênie são controladas por um certo número de anos, depois do que se escolhem as melhores. As produções de mais de 60 000 cafeeiros já foram ou ainda se acham em contrôle e apenas são multiplicadas as que se apresentam realmente excepcionais quanto aos caracteristicos de vigor e produtividade. Convém salientar que esse plano de seleção, com uma planta perene como é o cafeeiro, é um dos mais completos de que se tem conhecimento.

Os trabalhos de melhoramento da variedade bourbon contribuiram para ampliar consideravelmente os conhecimentos da sua variabilidade, permitindo a sua subdivisão em numerosas linhagens, já um pouco diferentes entre si. O mesmo se verifica em relação às demais variedades cultivadas submetidas a trabalhos de seleção.

Algumas linhagens da variedade bourbon são variáveis quanto à produção e aspecto vegetativo, e esses caracteristicos poderão servir para caracterizá-las quando se quiser obter patente no comércio de sementes.

HIBRIDAÇOES ENTRE ESPECIES E ENTRE VARIEDADES

A fim de se obterem novas combinações de fatores genéticos têm-se realizado numerosos cruzamentos artificiais entre as espécies de café. Esses cruzamentos podem envolver espécies diplóides, isto é, que apresentam 22 cromosômios somáticos, como "C. canephora", "C. liberica", "C. congensis", "C. Dewevrei" etc., ou espécies diplóides, e a espécie tetraplóide "C. arabica", que apresenta 44 cromosômios somáticos.

Cruzamentos artificiais entre espécies diplóides têm sido feitos principalmente na India e em Java, onde também se fazem observações sobre híbridos interespecificos que ocorrem na natureza, um exemplo deles sendo o café Conuga, sôbre o qual os cientistas holandeses se referiam com bastante entusiasmo, antes da última guerra.

As hibridações entre as espécies diplóides e a espécie "C. arabica", apesar do interesse que apresentam, são mais dificeis de serem executadas. Os poucos híbridos obtidos artificialmente são triplóides, com 33 cromosômios e estéreis. Seu aproveitamento se torna possivel apenas quando se consegue duplicar artificialmente o número de cromosômios, que passa de 33 para 66. Mesmo assim, já se tem verificado que esses alopoliplóides podem não corresponder à expectativa, devido a irregularidades meióticas. A natureza também tem produzido híbridos interespecificos, às vezes com maior sucesso que o investigador. Assim, há já alguns anos, foi encontrado um cafeeiro, no município de Terra Roxa, Estado de São Paulo, extremamente vigoroso e produtivo, que realmente deve representar um híbrido entre as espécies "C. arabica" e "C. Dewevrei", embora possua 44 cromosômios somáticos. Esse híbrido é autoestéril e pode ser multiplicado apenas por estaquia ou enxertia, devendo ser plantado ao lado de linhagens de "C. arabica", com as quais se cruza facilmente. Devido ao vigor e produção excepcionais deste cafeeiro, que tem o n. 387 da Secção de Genética, o Instituto Agronômico vem realizando longa série de hibridações, cruzando-o com representantes selecionados do café bourbon, a fim de obter cafeeiros autoférteis que possam ser propagados por semente e que dêm progênies uniformes, vigorosas e produtivas. A descendência do cafeeiro original n. 387, obtida de flôres de polinização não controlada, é extremamente desuniforme, constituindo verdadeira fonte de novas recombinações genéticas.

Os cruzamentos, dentro das variedades de "C. arabica" ou entre variedades, são perfeitamente viáveis, possibilitando a obtenção de novas recombinações genéticas. Numerosas são as hibridações dessa natureza que se efetuam, anualmente, em Campinas, não somente para análises genéticas como também para melhoramento, quando se tem em mira a diversificação do material genético para futuras seleções.

Hibridos entre variedades, ou seus derivados, excepcionalmente ocorrem na natureza, cabendo ao investigador procurá-los e verificar o seu valor. O café bourbon amarelo e o Mundo Novo provavelmente assim se originaram — o bourbon amarelo pela hibridação natural entre o bourbon e o Amarelo de Botucatu, e o Mundo Novo pela hibridação entre o Sumatra ("típica") e o bourbon. Ambos são classificados, hoje em dia, como pertencentes à var. "bourbon", podendo futuramente ser descritos como variedades cultivadas (cultivar) conforme regras internacionais de botanica, em estudo para aplicação a plantas de interesse econômico.

AUMENTO DA VARIABILIDADE

Apesar de ser razoável a variabilidade genética dentro das variedades econômicas de C. arabica, há sempre interesse no aumento da sua variabilidade, a fim de se dispôr de maior número de combinações potencialmente úteis para fins de seleção.

A maneira de se conseguir esse aumento de variabilidade consiste em procurar-se aumentar a taxa de mutações dos fatores genéticos, quer por meios fisicos, químicos ou biológicos. Estudos dessa natureza não têm sido feitos para o cafeeiro. Apenas foram iniciados em Campinas, em colaboração com o Departamento de Física da Universidade de São Paulo, tratamentos de sementes e de ramos de café com raios-X, para verificar quais as dosagens mais apropriadas para esse tipo de investigação com o cafeeiro.

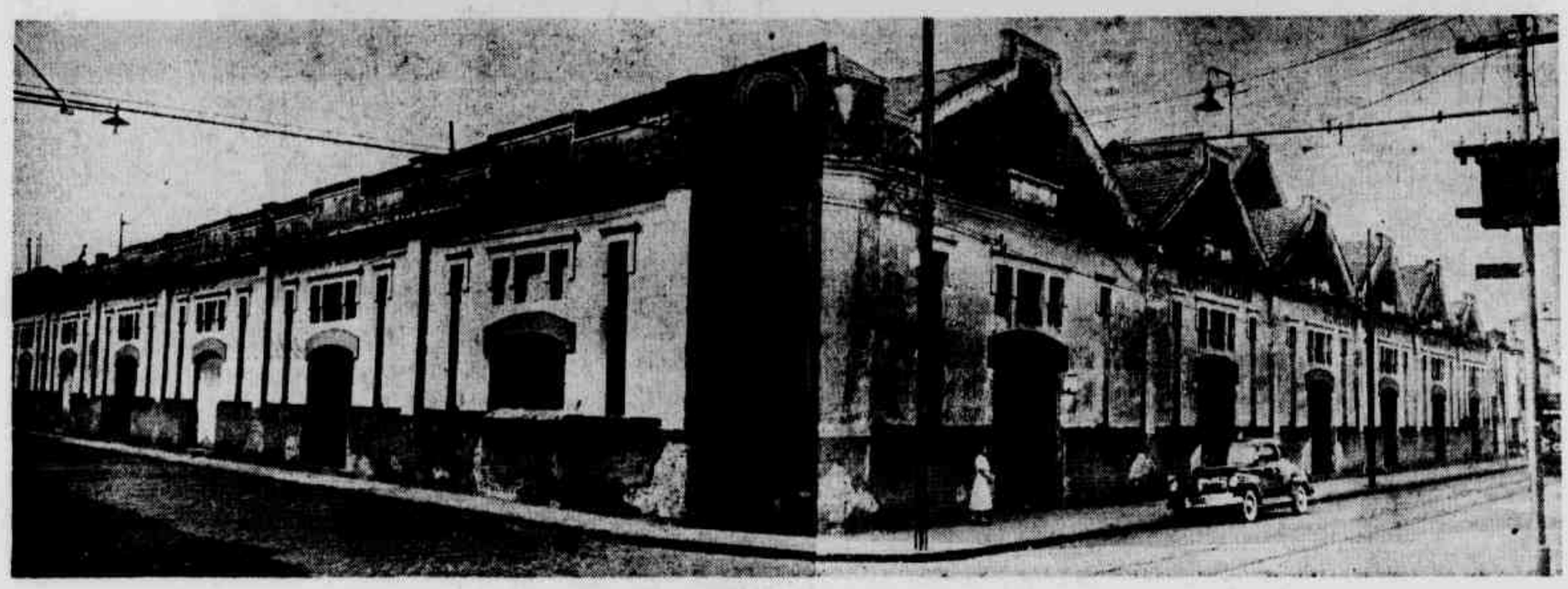
APROVEITAMENTO DA VARIABILIDADE DAS VARIEDADES COMERCIAIS

Os dois tipos de variações mencionadas, devidas ao meio ambiente ou de natureza hereditária, sempre operam em conjunto na natureza, de modo que, além do estabelecimento de coleções de espécies e das variedades econômicas, torna-se necessário a instalação de ensaios devidamente planejados, toda vez que se queira fazer investigações mais pormenorizadas, principalmente sôbre a produtividade das variedades, linhagens ou das progênies. Esses ensaios são feitos regionalmente, pois é comum notar-se diversidade na reação das variedades e diferentes meios ambientes.

Estudos dessa natureza, em realização no Instituto Agronômico de Campinas, vêm contribuindo, decisivamente, para melhor aproveitamento da variabilidade das variedades comerciais, conhecimento da reação das suas diversas linhagens e separação das mais promissoras, cujas sementes têm tido grande aceitação pelo lavrador paulista, que procura, pelo uso da boa semente e de tratos culturais adequados, manter o café dentro dos limites de São Paulo.

QUATRO ASPECTOS CURIOSOS DA AVENTURA DO CAFÉ NA EUROPA: Albergue do café, vendo-se o baixo relevo caracteristico sobre o portal; estampa de publicidade de um café vienense em 1785; o conselheiro do rei lê os jornais do dia num café vienense da segunda metade do século XIX e, finalmente, a máquina, o bule e o açucareiro Luiz XV

ALMEIDA PRADO S/A. - Comissaria-Exportadora — TRADIÇÃO NO COMÉRCIO DE CAFÉ



Armazem da rua General Camara

COLOCOU-SE SEMPRE NA VANGUARDA DAS FIRMAS EXPORTADORAS DO PAÍS

Nascida em 1910, firmou-se desde logo, e atingiu as melhores posições durante mais de 40 anos de atividades — Firmas subsidiárias que são verdadeiro padrão de organização e solidez

Almeida Prado S/A é uma das mais tradicionais firmas exportadoras de café de Santos, ocupando, durante muitos anos, a liderança dos embarques no país.

Sua fundação se deu a 1 de maio de 1910. Seu fundador foi um lavrador de Jaú, Dr. Vicente de Paula Almeida Prado, figura veneranda, e que alcançou o maior prestigio entre seus concorrentes, pelo seu espirito empreendedor. Hoje um dos maiores expoente das finanças paulistas, Vicente de Paula Almeida Prado conseguiu imprimir aos negocios de café uma nova feição, que aos poucos ia conquistando os mercados, superando os concorrentes e se impondo como uma das mais perfeitas organizações santistas.

Seus negocios com o tempo se ampliaram consideravelmente.

A todos os setores do comercio cafeeiro emprestou seu trabalho, o que redundou mais tarde na organização de uma companhia de armazens gerais e uma comissaria exportadora, subsidiaria

A firma Almeida Prado S/A, desde sua fundação, manteve posição destacada no comercio cafeeiro, concorrendo para isso o trabalho empreendido, nos seus primeiros dias, pelo seu fundador e, em continuação dessa linha pelos sucessores de Vicente de Paula Almeida Prado, notadamente o seu filho, Dr. João Adhemar de Almeida Prado.

Nunca fugiu a firma aos objetivos visados pelo seu criador. Jamais titubeou dentro de crises que afetaram o comercio cafeeiro. Manteve-se equidistante de lutas que pudessem afetar sua politica cafeeira e seu constante progresso.

Enfrentou, como firma exportadora, duas grandes guerras, mas nem por isso seu ritmo de trabalho e de constante vocação de progresso foi tolhido. Enfrentou tudo com espirito forte e jamais sentiu a ameaça de uma derrocada.

As geadas, que provocaram quebra na produção cafeeira paulista em 1918, não constituiram obstaculo sensivel, que pudesse afetar sua solidez economica.

Ao contrario, serviu de estimulo para novas conquistas. Das refregas mais duras resulta quase sempre uma soma de experiencias que serve para enfrentar novos obstaculos, novas dificuldades.

A firma Almeida Prado tambem superou com galhardia a crise de 29. Quando muitos sucumbiam diante dos fatos, então desenrolados, a organização, com a experiencia adquirida em arduas lutas, enfrentava esse novo obstaculo com a fibra, a fé de que sempre foram possuidos seus dirigentes.

E por tudo isso, Almeida Prado & Cia., figura hoje como uma das mais perfeitas organizações no comercio exportador nacional, não só pelo volume de seus negocios, como tambem pelos anos de atuação no ramo e pelas constantes lutas pela sua sobrevivencia.

Se sua posição é hoje invejavel, é porque jamais se deixou levar pelo desanimo ante as dificuldades de toda sorte que surgiram em seu caminho, procurando deter-lhe a marcha ascendente para grandes conquistas.

DADOS DA FIRMA

Sua primeira diretoria era a seguinte:

Dr. Vicente de Paula de Almeida Prado — socio-solidario; Lourenço Avelino de Almeida Prado e Hildebrando de Paula Almeida Prado — Comanditarios. Na ocasião o capital era de 150 contos.

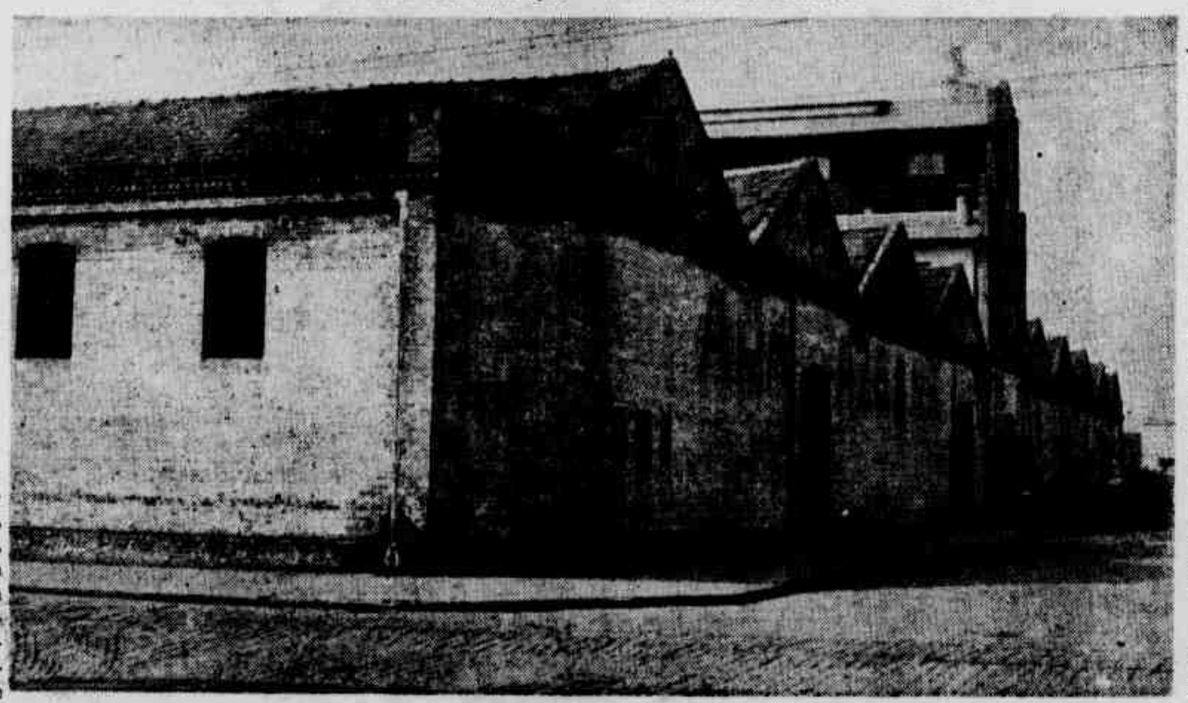
Em 27 de dezembro de 1943, foi transformada em sociedade anonima com o capital de dez milhões de cruzeiros.

Nessa ocasião, a diretoria estava assim constituida:

Diretor-Superintendente: Dr. Vicente de Paula Almeida Prado; Diretor-Gerente: Dr. João Adhemar de Almeida Prado.

Atualmente, seu capital é de 40 milhões de cruzeiros e tem como diretores:

Dr. João Adhemar de Almeida Prado — Presidente; Marcos Vieira da Cunha e Carlos Braga — Gerentes.



Armazem da rua Silva Jardim

SUBSIDIARIAS

A Companhia Paulista de Exportação é uma subsidiaria de Almeida Prado S/A. Foi fundada após a I Grande Guerra Mundial, a 8 de março de 1919, com o capital de mil contos.

Na ocasião, sua diretoria estava assim constituida:

Dr. Vicente de Paula Almeida Prado — Presidente; Jayme Saraiva de Souza Dantas — Gerente.

Alcançou essa subsidiaria o mesmo progresso da firma principal, atingindo posição das mais destacadas no comercio cafeeiro santista.

Hoje, seu capital é de 20 milhões de cruzeiros e sua diretoria é a seguinte: Superintendente: — João Adhemar de Almeida Prado; Marcos Vieira da Cunha — Gerente.

Armazens Gerais Anchieta S. A.

Foram fundados em 1934, constituindo um dos mais importantes ramos da firma Almeida Prado.

Seu capital, por ocasião da fundação, era de 200 contos e a sua diretoria era composta das seguintes pessoas:

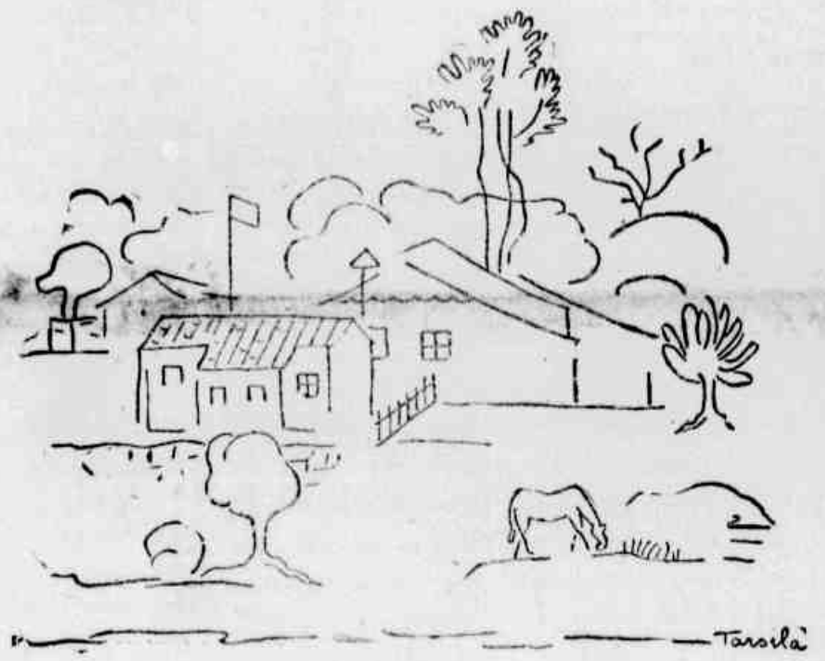
Presidente: — Carlos Braga; Gerente: — Fabio Leite de Moraes.

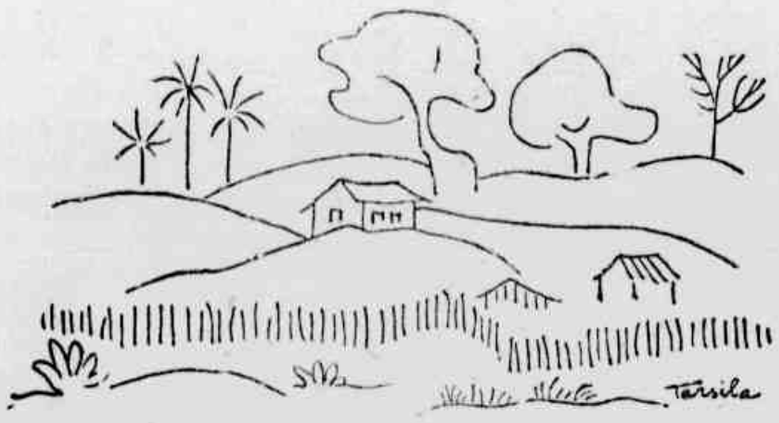
Atualmente seu capital é de 13 milhões de cruzeiros e tem a seguinte diretoria:

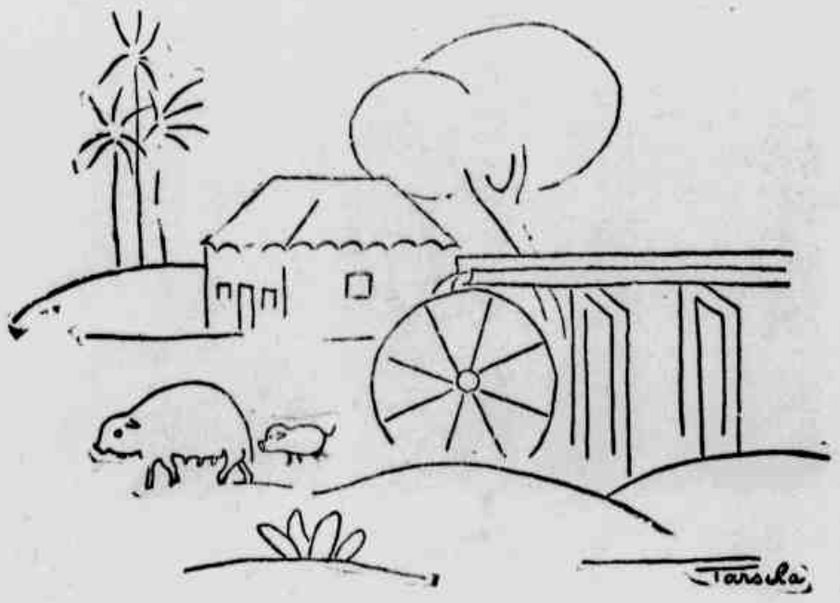
Presidente: — Dr. João Adhemar de Almeida Prado; Superintendente: — Carlos Braga; Fabio Leite de Moraes, Gerente.

Fazenda de Café

DESENHOS
DE
TARSILA DO AMARAL







OLAVO BAPTISTA FILHO

"FAZENDA DE CAFÉ" em São Paulo não é uma instituição meramente econômica, mas, sobretudo, um traço cultural na estrutura social paulista. O café não representa apenas uma fonte de riqueza, significa antes de tudo um sentido de vida, podendo-se falar da civilização do café, pois ele criou hábitos, fixou aspectos, determinou destinos, moldou consciencias, interferindo, em última análise, de forma decisiva, na estruturação da sociedade paulista contemporanea. A cultura do café, ao contrario do que sucede com muitas outras, não pode ser levada a efeito, economicamente, em pequenas areas. O cafeeiro, via-de-regra, floresce no terceiro ano e começa a produzir no quarto, quando as condições climáticas são normais. Atinge seu máximo rendimento entre os seis e oito anos e encerra o ciclo produtivo aos quarenta, embora a árvore possa viver com exuberancia até cem anos. Daí a necessidade de periódicos replantes.

Com exceção do litoral paulista, pode afirmar-se que a cultura de café está presente em todo o territorio do Estado. Há regiões de cafezal velho e as de cafezal novo; aquelas caracterizadas pela existencia da cultura cafeeira desde há sessenta anos e estas por culturas mais recentes. A rigor, deveriamos distinguir três tipos de cultura: a velha, a nova e a novissima. Como exemplos do primeiro, temos a região do vale do Paraiba e os municipios tributarios da E. F. Mogiana (mais de trinta anos), do segundo, a baixa Paulista e Araraquarense (vinte a trinta anos), e do terceiro, a alta Paulista e a Sorocabana (menos de vinte anos). Certamente, esta distribuição não pode ser rigorosa, pois há alguns municipios em zona de cultura recente que mantêm velhas plantações, como há formação de cafezais na chamada zona velha.

"Colono" é a expressão usual que designa o trabalhador que presta serviços na lavoura de café. A condição de "colono", em contraposição de "assalariado", decorre, sobretudo, do regime de pagamento a que aquele está sujeito. O "colono" vive na "fazenda" em companhia de sua familia, havendo entre ele e o "proprietario" um contrato no qual se fixa o número de pés de café de que a "familia" deve cuidar.

Varia, conforme a quantidade de "braços", a possibilidade de "trato" por parte duma familia, pois as muito numerosas podem "tocar" de oito a dez mil pés, enquanto as pequenas, de três a cinco mil. Nos tempos em que a imigração italiana era franca e se processava em jacto continuos, havia mão-de-obra sempre disponivel. O italiano era muito procurado pelo fazendeiro porque o rendimento do seu trabalho era elevado e sua familia em geral numerosa.

O pagamento do "colono" se faz geralmente na base de tarefa. E' fixada de comum acordo entre o "colono" e o "fazendeiro" a remuneração anual por mil pés tratados, inclusive os trabalhos de colheita. Normalmente o café exige duas a três "carpas" anuais, havendo fazendeiros que levam a efeito até cinco. Quando os frutos já se acham em vias de amadurecimento, procede-se à "coroação", operação que consiste em formar ao redor dos pés uma coroa de terra, cujo fim é segurar os frutos que vão caindo da árvore por já estarem secos. A colheita, a "varrição" a "abanação", a lavagem, a secagem, o beneficiamento e o ensacamento são outros tantos mistéres que reclamam muitos "braços", mormente no periodo compreendido entre 15 de junho e 15 de agosto.

Convem notar que o "administrador" é quem distribui, orienta e fiscaliza o trabalho do "colono". Não há, cotidianamente ou de forma regular, entendimentos entre o "fazendeiro" e o "colono". O "administrador" é pessoa de confiança, mais instruido, portador de experiencia e assalariado, tendo ainda, não raras vezes, participação nos lucros da propriedade.

Não obstante o contrato estipular a remuneração com base na execução de tarefas durante o ano agricola, o pagamento se faz em geral todos os meses (as mesadas).

Quando contrata a familia do colono, o proprietario abre mão de certa area de terra, cedendo-a para que nela o "colono" plante alguns produtos essenciais à sua manutenção. No meio do proprio cafezal, em intercalação, aliás prática muito frequente, plantam-se comumente o milho e o feijão. Estas culturas não só atendem ao consumo da propria familia e dos animais a ela pertencentes, mas fornecem sobras para a venda, o que constitui fonte de renda do "colono". Muitas vezes o "fazendeiro" é o proprio comprador dessas "sobras" e nesse caso abre-se um crédito na "caderneta" do "colono".

Há uma relação tão intima entre as lavouras de subsistencia e a cultura cafeeira que, por ocasião do corte de milhões de cafeeiros, em virtude da crise de superprodução, reduziu-se acentuadamente a produção daqueles gêneros no Estado de São Paulo.

O café tem preferencia pela chamada terra roxa, muito embora a sua cultura se faça até mesmo em terrenos arenosos. Pela avidez de potassa e azoto e em face do grande desenvolvimento radicular, as terras profundas e permeaveis são recomendaveis para o cafeeiro. E' frequente ouvir-se dizer que onde há o "cedro", a "copaiba", ou a "palha brava", a terra é boa para o café. As safras dos cafezais novos plantados em terra de mato, são exuberantes. Com o tempo, porém, a fertilidade doada pela mata ao cafezal vai desaparecendo, e a produção, em consequencia, decai. A prática da adubação, que poderia ter modificado o "roteiro do café", nunca foi muito generalizada em São Paulo, se bem que venha ganhando terreno ultimamente. O esterco animal está sendo empregado, quer pela facilidade de obtenção, quer ainda pela riqueza de materias orgânicas que encerra.

DEFESA DO CAFEZAL

A erosão tem sido de consequencias funestas para os cafezais das serras e das encostas. Raros são os lavradores que adotam técnicas de conservação nas suas lavouras.

Em geral, os cafezais são expostos aos raios solares, pois são formados depois das derrubadas, nas terras ferteis da mata. A exposição continua do cafezal ao sol, segundo têm observado os especialistas, é bastante prejudicial à qualidade do fruto e ao volume da produção. Toda a argumentação dos técnicos visa a demonstrar que o café precisa de sombra. A defesa do sombreamento hoje é feita por grandes técnicos. A experiencia vem sendo repetida em muitas propriedades, com êxito.

E' certo que, se o sombreamento e as curvas de nivel se vulgarizarem, haverá substancial transformação na cultura cafeeira. Os métodos de produção e trabalho serão influenciados apreciavelmente pela introdução de novas técnicas agricolas.

A colheita é uma verdadeira mobilização de esforços da comunidade que vive na "fazenda". A época em que ela ocorre vai de meados de junho até fins de agosto, atingindo o ponto máximo nos primeiros dias de julho.

O café se apresenta, a principio, em grãos verdes e duros; à medida que amadurecem, eles se tornam vermelhos e passam então a chamar-se "cereja"; quando secam, escurecem e tomam o nome de "côco". As sementes propriamente ditas ficam dentro de invólucros, sendo o de fora a epiderme, revestindo uma polpa esverdeada que serve de proteção às mesmas.

A colheita pode ser executada, principalmente, segundo os três processos descritos a seguir:

a) DERRIÇA — Consiste em arrancar os grãos de cada galho todos ao mesmo tempo. Os grãos assim arrancados, como não poderia deixar de ser, vão caindo ao chão, juntamente com as folhas que os entremeavam nos galhos;

b) DERRIÇA NATURAL — O café à medida que for secando no pé, cai sobre um pano colocado no chão com a devida antecedencia;

c) CATAÇÃO — E' a operação de apanhar manualmente o café grão a grão.

Os processos indicados, têm todos eles, as suas vantagens e seus inconvenientes, sendo o primeiro deles o mais largamente empregado nas diferentes zonas cafeeiras do Estado. A colheita pela derriça é uma operação mais rápida do que as outras, embora não seja a mais recomendada sob o ponto-de-vista econômico, porque não seleciona o fruto a ser colhido, resultando colher frutos que ainda não estão no "ponto". O café não deve ser colhido ainda verde ou verdolengo porque o fruto não progride na maturação depois de apanhado. Não ocorre, portanto, o que sucede com outros frutos que podem ser apanhados "de vez". Além do mais, juntamente com os frutos, são arrancadas muitas folhas, ficando o cafeeiro bem danificado no seu revestimento após a colheita.

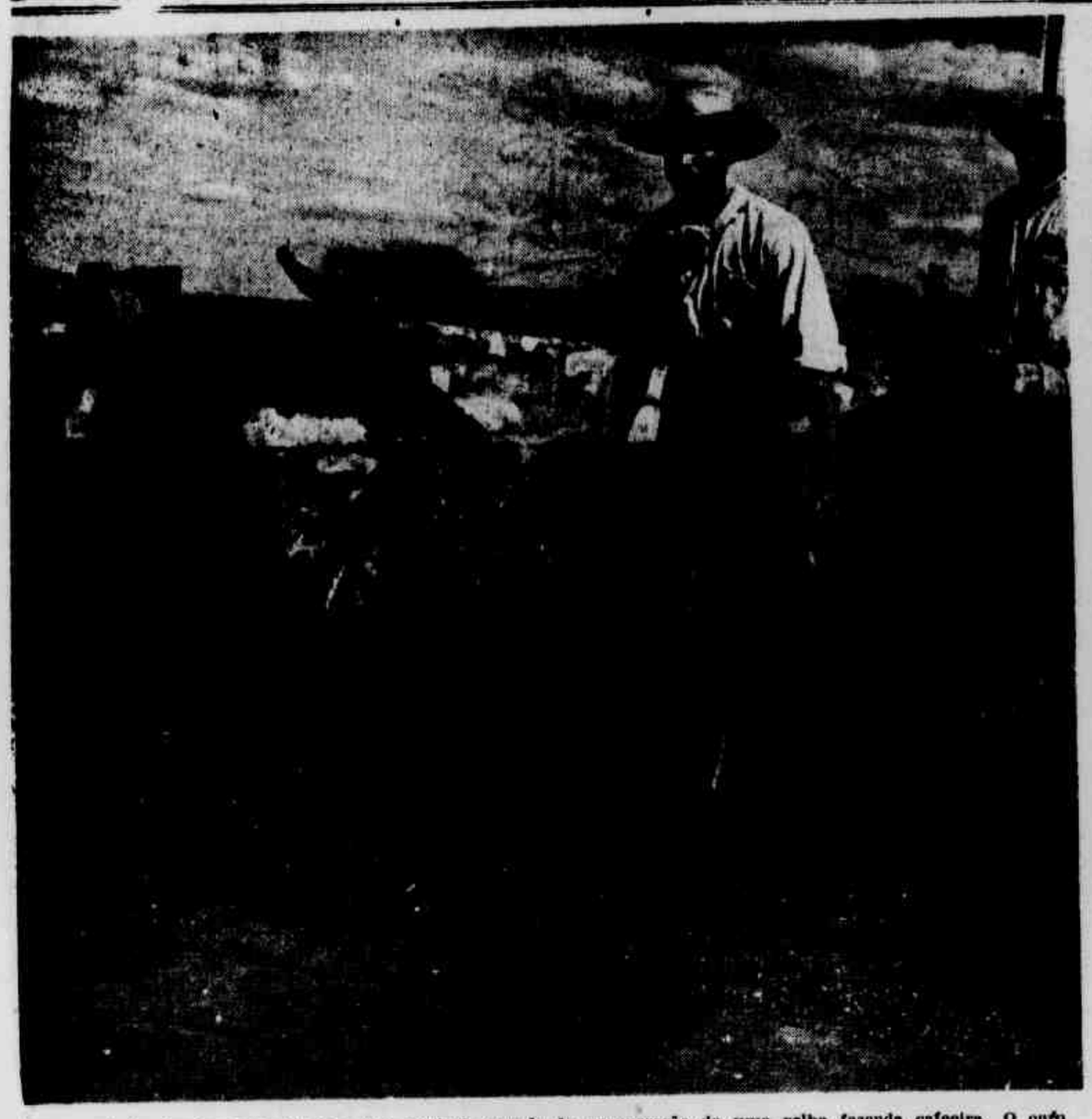
Na chamada derriça natural, o inconveniente está na demora, porque o café não amadurece por igual, havendo sempre talhões que ficam mais atrasados. No mesmo pé, a parte do cafeeiro mais exposta ao calor amadurece mais depressa do que a restante. Entretanto, há verdadeira seleção natural dos frutos no "ponto", e assim a qualidade do produto pode ser bem melhorada.

Pelo processo da catação tambem se realiza a seleção rigorosa, sendo colhidos primeiramente os frutos em condições, ficando os outros no pé para o repasse. Trata-se, porém de um processo oneroso e de aceitação restrita. O "colono" não se inclina muito pela catação, preferindo a derriça que "anda mais depressa", assim tambem pensando o "fazendeiro". A "derriça" é já uma tradição tão velha quanto a propria lavoura cafeeira, e não será substituida senão lentamente, embora os seus inconvenientes sejam conhecidos e reconhecidos.

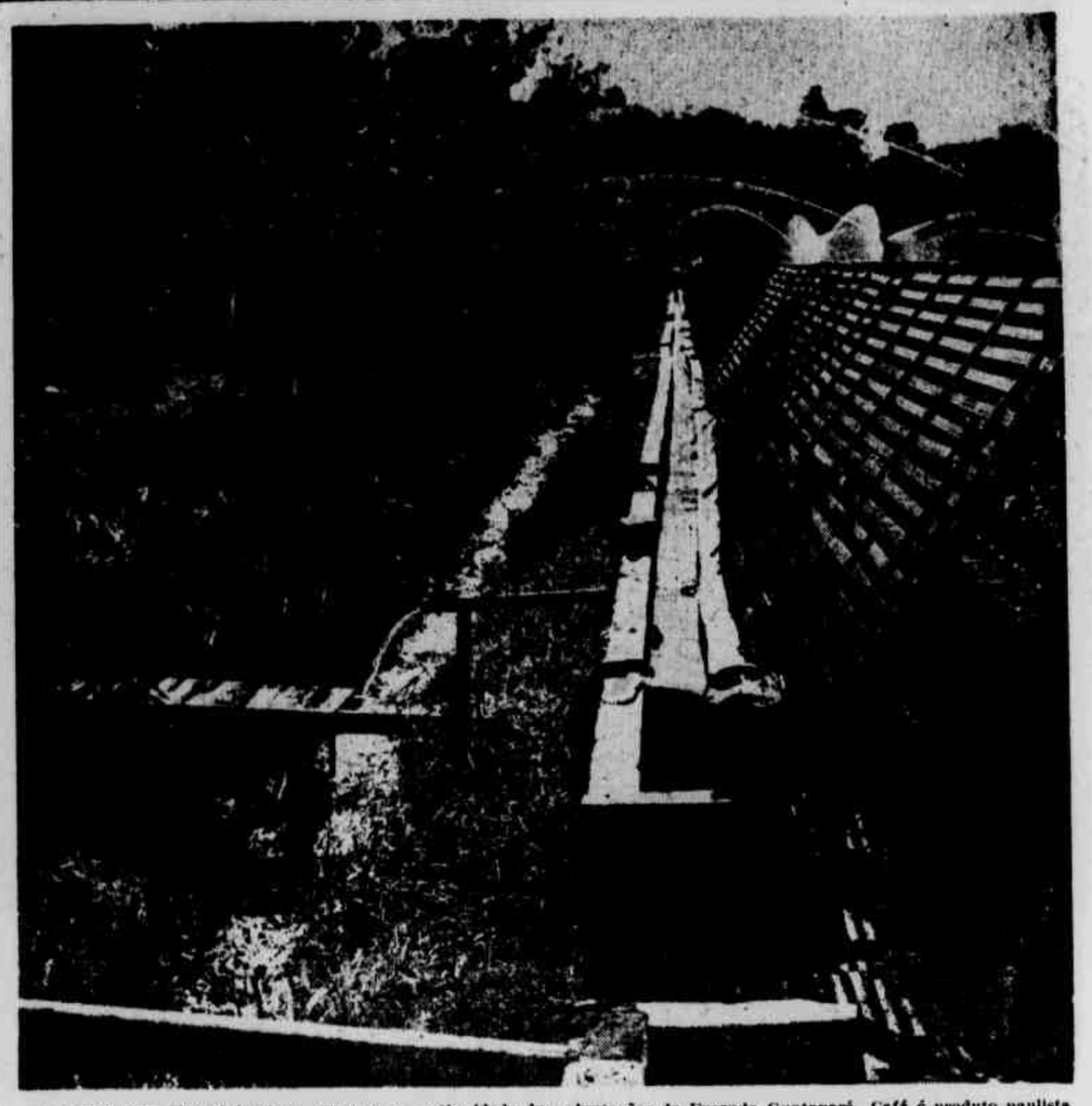
O café, uma vez derriçado, cai no chão, procedendo-se então à "variação" que vai ajuntá-lo em pequenos montes. Este ajuntamento faz com que se misture ao café muita folha e detritos que jazem ao pé do cafeeiro. Os monticulos são recolhidos e postos na peneira para serem "abanados". A "abanação" é a operação que consiste em atirar o conteudo da peneira para o alto. Durante a trajetoria, o vento se encarrega de fazer cair as folhas e outros detritos mais leves no chão, e o café então retorna livre de impurezas para a peneira. Depois, não havendo conveniencia de removê-lo imediatamente para o terreiro, amontoa-se o café no proprio cafezal, onde ele fica aguardando transporte para o lavador. Nem todo o dia há lavagem, sendo hábito fazer-se transportar o café do cafezal para o lavador no dia em que este deva funcionar.

O cafezal é sempre plantado em quadras e em lotes. A colheita nas fazendas bem organizadas é feita por lote, de forma a se ficar conhecendo o rendimento e a qualidade de cada talhão.

(CONCLUE NA PAG. 14-a DESTE CAD.)



Guatapará, dos Irmãos Morganti, é o mais notável exemplo de recuperação de uma velha fazenda cafeeira. O ouro verde, apanhado nos cafezais distantes, deságua nos terreiros.



O viveiro, com 400.000 laminas, assegura a continuidade das plantações da Fazenda Guatapará. Café é produto paulista e não pode emigrar de São Paulo.

CAFÈZAIS RESTAURADOS DA FAZENDA GUATAPARÁ

Os Irmãos Morganti (Fúlvio, Renato, Lino e Hélio) reconduzem à opulência antiga, uma das mais velhas e tradicionais fazendas de São Paulo — Repercute no exterior a recuperação para a plena produtividade daquelas famosas terras roxas, berço dos melhores cafés do mundo

NÃO há semana, nesta colheita, em que a Fazenda Guatapará, situada em Ribeirão Preto, não hospede reporteres e cinegrafistas, tanto do país como do estrangeiro. O proprio Instituto Brasileiro do Café lidera a campanha de divulgação, do que ali se faz. Impõe-se a pergunta: por que? Porque a Guatapará, que os irmãos Morganti (Fulvio, Renato, Lino e Helio) adquiriram dos herdeiros de Martinico Prado, é, palpitando aos olhos, o exemplo mais impressionante de restauração de uma velha fazenda cafeeira.

Aquelas terras roxas, que se estendem por . . 7.000 alqueires, foram das mais opulentas do Estado, com mais de dois milhões de pés de café. Depois decairam, dos velhos cafeeiros apenas um milhão subsistiu, com uma produção que mal chegava a 20 arrobas por 1.000 cafeeiros. Estaria fadada ao desaparecimento, como as grandes fazendas da região; os irmãos Morganti, porém, tornando-se os seus proprietarios, atiraram-se a um corajoso plano racional, e graças inclusive à adubação quimica, verde e organica, a par dos metodos mais modernos de lavoura, restauraram-na integralmente. A produção deste ano, daqueles mesmos cafeeiros que já nada mais rendiam, reergue-se espantosamente à media acima de 80 arrobas por 1.000 pés, num desmentido ao tabú de terras cansadas e cafezais velhos.

Percorremos a fazenda, por dois dias, em companhia do fazendeiro Helio Morganti e do seu engenheiro - agronomo Nelson Lourenço Camolesi. A propriedade, inteira, é um borborinho febricitante em torno das colheitas, que se manifestaram extraordinarias. Secando ao sol, o café nos terreiros. Estavam abarrotados os vinte e um terreiros, e na apanha, moças em bandos joviais e em trajes tipicos esparramavam-se pelos cafezais. Era uma fazenda, senão morta, pelo menos parada, e agora, tudo é vida, atividade, ao cheiro doce, tipico do café colhido. A Guatapará, assim ressurrecta, mostra aos paulistas que a terra, cuidada, é eternamente produtiva.

Num dos serões na bela casa-da-fazenda, que olha o lago, o fazendeiro Helio Morganti concedeu-nos uma entrevista, que reproduzimos pela sua oportunidade.

— "A crise da produção cafeeira no Brasil deve ser sanada onde se verificou, isto é, aqui, em São Paulo por se tratar de um problema mais facilmente soluvel, onde já existe o arcabouço fundamental, constituido pelas chamadas benfeitorias. Uma fazenda de café não se improvisa. Deve-se levar ainda em consideração que os melhores cafés do mundo são os do chão paulista. Cafezais que produziram no passado, podem e devem produzir no presente. Na realidade não existe cafezal velho, mas cafeeiros velhos, que à medida que tombam ou adoecem, devem ser substituidos. Cada replanta é um nascimento e o cafezal, assim renovado, é como a humanidade, eterno.

Uma grande parte das velhas fazendas cafeeiras de São Paulo são improdutivas porque ali impera esta rotina retrógrada que, em absoluto corresponde ao sentido racional da agricultura: falta de cultivo, adubação precaria em qualidade e quantidade; sistema de cultura intercalar, que reduz sensivelmente a produção do cafeeiro; grande numero de falhas nos talhões de cafeeiros:irrigação deficiente; a terra sujeita à erosão, ladra de milhares de toneladas de humus que as aguas das enxurradas levam aos rios".

A seguir, apontou-nos a solução para que as terras ditas cansadas se recuperem, reaproximando-se ou, mesmo, superando a produtividade antiga:

—"Evidentemente a cultura do café nessas

Os métodos mais modernos da agricultura são empregados. Na foto, o piloto Algeu Argondizo, em arrojado vôo rasteiro, polvilha os cafezais septuagenários contra as pragas. Os Morganti recuperaram um milhão de cafeeiros.

VIA RADIONAL
para os negócios de
CAFÉ!

O êxito dos negócios do CAFÉ com o mundo, depende das bôas comunicações: rápidas, sigilosas e exatas. Para os seus telegramas internacionais, exija - Via Radional.

Para as suas comunicações telefônicas com os Estados Unidos, Europa, Ásia, África, Oceania e tôdas as Américas, especifique - Via Radional.

Via Radional significa "bons negócios".

Para telegramas (Serviço Internacional)
Chame o serviço mensageiro:
no Rio: 22-5191
em S. Paulo: 34-7118
em Belo Horizonte: 4-2200
em Pôrto Alegre 8282
em Recife. 6620

Para telefonar (Serviço Internacional & Interior)
no Rio
em S Paulo } 01
em Belo Horizonte
em Pôrto Alegre 8282
em Recife: 7046

Cia Radio Internacional do Brasil

uma associada da
IT&T

FILIAIS EM TODO O PAIS

MATRIZ:
Av. Almirante Barroso, 91 — Rio de Janeiro

Bandos jovials de moças, em trajes típicos da colheita, procedem à apanha, no pano, enquanto outras abanam o café. A velha fazenda de 1885 pulsa, inteira, em vitalidade produtiva.

A irrigação dos novos cafeeiros. Procede-se ao plantio de 200.000 pés de café. Ao lado das velhas lavouras restauradas, formam-se os novos talhões.

OFERECEM COLHEITAS DE MILHÕES DE CRUZEIROS

Reportagem de BENEDITO RIBEIRO
Fotografias de NARCISO SANTOS

zonas deve ser feita em bases novas. Como defesa do solo, cordões de nivel, capinas alternadas, aração e cobertura de sulcos; principalmente, deve o fazendeiro estar sempre em contacto com os serviços de combate à erosão, muito bem organizado nas Casas de Lavoura.

Por outro lado, a agricultura deve associar-se à pecuaria e à avicultura para a produção abundante de esterco composto. Os tratos culturais incluem plantações de leguminosas e colheitas que eliminem o barbarismo das derriças violentas.

A par das replantas nos talhões já formados, as plantações novas devem ser feitas diferentemente, escolhendo-se a variedade que melhor se adapte ao terreno, e o emprego de mudas selecionadas, de preferencia em laminas. Todd a fazenda deve ter um viveiro que seja o orgulho do seu proprietario. Nestes cuidados, está o segredo da recuperação das velhas fazendas de café".

O sr. Helio Morganti está convencido de que no Brasil, o café deve ser plantado em São Paulo. Porque . .

— "O chão paulista tem valores que ninguem pode criar alhures para a cultura cafeeira: é o clima, o ar, um conjunto de fatores, que, aliados à tradicional mentalidade cafeeira e às benfeitorias, — terreiros, casas de colonos, luz, assistencia, comunicações não podem ser desprezadas. Por exemplo, que outra zona produziria o café que Ribeirão Preto produz, esse café estritamente mole, o melhor do mundo? Como recompor, também em alguns anos uma estrutura de edificações, como esta de Guatapará?"

E o engenheiro-agronomo Nelson Camolesi, também presente, conclue: "Plantar café no Paraná é uma aventura do paulista. O verdadeiro fazendeiro deve plantar café onde os seus avós plantaram, assim psicologicamente incorporando aos seus conhecimentos modernos a vivida tradição".

Por manhãs e tardes visitamos em companhia do sr. Helio Morganti a fazenda inteira, ressuscitada e em prodigiosa colheita. Em plena forma de produção os mais antigos cafeeiros, ofertando cargas pesadas. Assistimos ao polvilhamento dos cafezais com BHC, contra as pragas, feito do ar, com Algeu Argondizo pilotando o teco-teco, em vôo rasteiro, desgalhando as ramagens. Noutras bandas, trabalhadores abriam covas para as novas plantações, dentro de um plano de plantio de 200.000 pés até o fim do ano vindouro. Impera em tudo, no viveiro, nos novos talhões, o espirito de fixar a cultura cafeeira no solo paulista, dando ao labor incessante o sentido de agricultura e não de exploração.

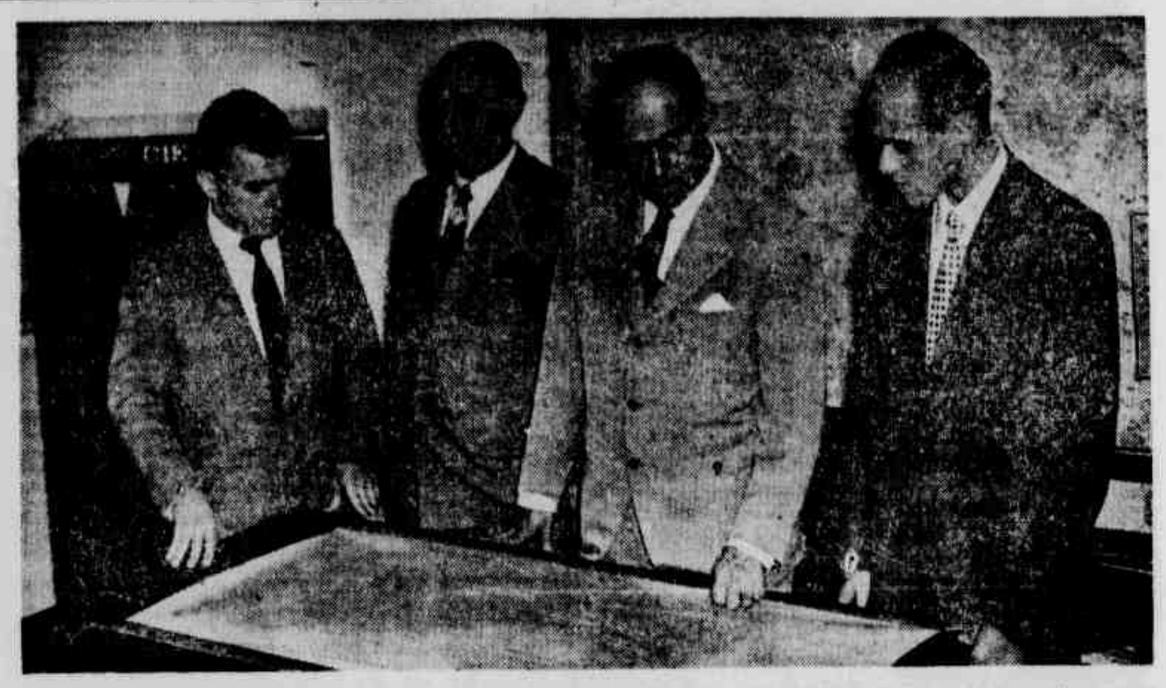
Os irmãos Morganti prolongaram à comunidade trabalhadora o mesmo carinho, assistencia e amor dados à terra. Vivem na Fazenda Guatapará 2.000 pessoas, das quais 800 absorvidas nas lides agricolas. Os funcionarios de categoria moram em vivendas belissimas e todas as casas de colonos foram remodeladas, propiciando conforto no padrão moderno. Nove professoras ensinam a 300 crianças no grupo escolar, e a parte recreativa inclue clube, cinema, completado tudo por uma assistencia medico-social eficientissima.

Os Morganti ostentam com orgulho aos visitantes a data em que Martinho Prado Junior criou a Fazenda Guatapará: 1885. Essa velhice vestuta, que é tradição, valoriza, em imponderavel riqueza de sentimento, a restaurada opulencia da grande propriedade.

O fazendeiro Hélio Morganti e seus irmãos Fulvio, Renato e Lino reergueram a Fazenda Guatapará a um nivel de produção opulenta. As colheitas deste ano foram extraordinárias. Colonos abrem o café ao sol.

ROSATO S. A. COMISSÁRIA E EXPORTADORA

Secção de ROSATO S. A., em Santos, vendo-se na foto, os srs. Floriano Guarany; Antonio Ogea Filho, contador da firma; Alvaro Machado de Araujo, corretor de café na vizinha praça; e Roberto dos Santos Caboclo, classificador



Nos escritorios da CIEBI, em São Paulo, o sr. João Rosato examina, com os seus companheiros, um dos loteamentos em execução pela firma. Da direita para a esquerda, vêem-se os srs. Vicente de Lucca Neto, engenheirando, Azor de Camargo Penteado, João Rosato e dr. José Maria Whitaker Neto, os dois ultimos presidente e diretor-gerente, respectivamente, da CIEBI

Modesta firma fundada no Interior do Estado, constitui hoje uma das expressões do nosso comercio cafeeiro

DESTACADA AÇÃO DO SEU PRESIDENTE, SR. JOÃO ROSATO, EM DEFESA DOS PROBLEMAS DO PREÇO E DO CONSUMO DA RUBIACEA — RAMIFICAÇÕES NO SETOR IMOBILIÁRIO — ATIVIDADES DA CIEBI

Em meados de outubro de 1950 o café atravessava uma fase de profunda depressão. Haviam sido realizadas, pouco antes, as eleições presidenciais no país e os resultados até então conhecidos das apurações davam como eleito para a suprema magistratura o sr. Getulio Vargas. A sua escolha, acreditavam importantes personalidades nacionais e estrangeiras, deveria determinar importante modificação na politica economica da Nação, notadamente no setor cambial. Esperava-se — e não poucos o afirmavam, dizendo-se bem informados junto aos circulos politicos ligados ao presidente eleito — um reajustamento da nossa taxa de cambio, com a consequente desvalorização da nossa moeda. Com base nos rumores que se avolumavam nesse sentido, intensa especulação desenvolveu-se em torno do café, cujas cotações passaram a experimentar acentuadas baixas no exterior, imediatamente sentidas nos mercados internos.

Placa comemorativa à memoria de José Bonifacio de Andrada e Silva existente à frente do predio onde se situam, à rua 15 de Novembro, 103, em Santos, as instalações DE ROSATO S. A. COMISSARIA E EXPORTADORA

FALA O PRESIDENTE GETULIO VARGAS

O presidente eleito Getulio Vargas, que havia concedido algumas entrevistas à imprensa após o 3 de outubro de 1950, algumas das quais desvirtuadas com o proposito, evidentemente, de atender a interesses de grupos politicos ou financeiros, recolhera-se à Estancia São Pedro, no Rio Grande do Sul, de propriedade do sr. Batista Luzardo, ali recusando-se a receber novamente representantes de orgãos de divulgação do país ou do extrangeiro, conservando-se em um mutismo comprometedor diante da grave situação cafeeira do momento e dos boatos crescentes que não sofriam contestação à altura.

Entretanto, a 20 de outubro, o "Diario de S. Paulo" publicava uma entrevista exclusiva com o candidato sufragado nas urnas pela maioria dos eleitores brasileiros, mediante a qual ficavam totalmente dissipadas todas as duvidas quanto à futura orientação do governo no setor economico e, em especial, no que respeitava à politica cambial e à politica oficial de defesa do café. Prometera o presidente eleito — e o cumpriu após empossado — elevar de Cr$ 700,00 para Cr$ 1.000,00 por saca o financiamento, afirmando textualmente que "garantiria preço justo para o café e evitaria todas as especulações baixistas", preconizando uma politica capaz de assegurar o lucro do produtor e um salario condigno para o trabalhador da lavoura de café.

A INTERFERENCIA DE JOAO ROSATO

Todas as grandes reportagens da imprensa mundial contaram, e contarão sempre, com fatores que a ajudaram a ser realizadas. Sabem os leitores qual o fator que, não somente ajudou, mas respondeu mesmo pela realização da reportagem conseguida em São Pedro pelos "Associados"? Quatro anos pasados, não faz mal que se diga: Foi João Rosato. Quem era João Rosato? Um grande e influente politico? Não. Apenas um grande comerciante de café, um grande mas modesto "leader" da classe, com um grande faro de reporter. Não acionou nenhum grupo economico, muito menos politico, não utilizou nenhum recurso obscuro, nem qualquer processo desleal, empregou apenas os meios que a sua privilegiada inteligencia habitualmente lhe proporciona para, em 24 horas, colocar frente a frente com o presidente eleito o redator do "Diario de São Paulo." E o homem reservado, quase hermetico, vulnerabilizou-se quando João Rosato insinuantemente, lhe fez ver a sua responsabilidade diante dos "destinos da nação que iria voltar a governar.

DEFESA DO PREÇO DO CAFÉ

Não era essa a primeira vez, nem seria a ultima, que João Rosato dirigia a sua ação em defesa do café. Já o fizera muito antes, ao tempo do sr. Sousa Costa no Ministério da Fazenda, quando integrara uma delegação de cafeicultores incumbida de pleitear para o produto junto ao governo o Plano de Emergencia. Mercê do empenho da referida delegação chefiada pelo sr. Antonio Stocco foi então conseguida uma bonificação de Cr$ 65,00 por saca de café existente no país.

Em dezembro de 1950 integrou outra delegação, de que taziam parte também o governador Munhoz da Rocha, como chefe, e os srs. Assis Chateaubriand e Olavo Fontoura, delegação que, em avião especial, de propriedade e pilotado por este ultimo, dirigiu-se de São Paulo a Miami para, através os bons oficios do então secretario de Estado dos Estados Unidos, sr. Dean Acheson, apresentar-se perante a Comissão de Inquérito do Senado norte-americano que investigava as causas do aumento nos preços do café e depor em favor dos produtores brasileiros e explicar as razões das altas verificadas. Esta delegação, pela rapidez de sua ação e pela importancia das personalidade politicas que conseguiu mobilizar nos Estados Unidos em defesa dos nossos interesses cafeeiros, exerceu influencia decisiva no arrefecimento da campanha na ocasião ali liderada pelo conhecido senador Gillete.

Entretanto, João Rosato quando lhe ocorrem fatos ligados à viagem da aludida delegação, prefere deter-se na analise da atuação de seus companheiros, especialmente Assis Chateaubriand, que considera o maior embaixador volante que o Brasil já possuiu.

O COMERCIANTE JOAO ROSATO

A historia de João Rosato como comerciante e homem de negocios é não só atraente, como digna de admiração.

O trabalho, a ação são as características dominantes. Seu animo e seu espirito são temperados nessa mesma forja de individuos cuja atividade se torna mais intensa quanto mais se desenvolvem o seu patrimonio e as organizações nascidas sob sua inspiração e dirigidas sob sua responsabilidade. Desses individuos que a luta pela vida não consegue fazer egoistas, mas homens perfeitamente conscios do seu papel numa sociedade democratica, que lhes incumbe fortalecer por meio da irrigação de estimulos e redistribuição das riquezas que a criação de novos mercados de emprego possibilita. Conquanto nada o impeça de entregar-se a uma vida amena, sem a preocupação e os sobressaltos dos grandes negocios — pois que já trabalhou e ganhou para merecê-la — João Rosato se lança a cada momento em novas e maiores empresas, observando-se nos calculos do seu exito e carregando consigo, cada vez, uma equipe de companheiros com que vai dividi-lo.

Mas, vamos à historia. João Rosato entrou nos negocios de café em 1934, em março de 1934, portanto há vinte anos precisamente [illegible] em Pirajuí, na ocasião o maior municipio produtor de São Paulo e, consequentemente, de todo o mundo, uma pequena firma sob a razão social de Rosato & Cia, com o infimo capital de 50 contos. Operava no ramo de beneficio, rebeneficio e nodonização do café, passando, logo após, tambem, a comprar o produto. Dez anos depois, isto é, em 1944, transferiu para Santos a sede da firma, que começou a funcionar como comissaria de café. Em 1946, na mesma firma, criou uma secção de exportação. Em janeiro de 1947, transformou-a em sociedade anonima, com a denominação de Rosato S. A., Comissaria e Exportadora. O capital social, já então, estava elevado para 4 milhões de cruzeiros.

IRMÃO DE PEIXE... TAMBEM O E'

Por ocasião da fundação da sociedade anonima, João Rosato, na presidencia, levou para a gerencia da firma o seu irmão Laerte Rosato, engenheiro formado pela Escola Politécnica, mas que, em pouco, tornou-se, não apenas um excelente classificador, mas um perfeito conhecedor da técnica de comercio e exportação do café. As qualidades do novo dirigente revelaram-no precioso [illegible] do exito da empresa, que já em começos de 1950 teve o seu capital novamente elevado, desta vez para 24 milhões de cruzeiros, que atualmente ainda se mantem, acrescido, entretanto, de mais de 6 milhões de cruzeiros de reservas.

SEDE PROPRIA

Rosato S.A., Comissaria e Exportadora está sediada presentemente, em Santos, à rua 15 de Novembro, 103 — 10.o andar, a poucos passos da Bolsa de Café e da Associação Comercial da vizinha praça exportadora. O andar que ocupa é o em que nasceu e morou o patriarca da nossa Independencia — José Bonifacio de Andrada e Silva — cuja placa comemorativa existente em sua memoria, à frente do edificio, parece ter constituido para os Rosato uma fonte de inspiração para a conquista de uma independencia economica que eles hoje possuem. Mas a transferencia da firma se dará em breve, para instalações proprias, em edificio em construção à rua Frei Gaspar, 20-22, bem defronte do predio da Bolsa de Café.

OUTRAS ATIVIDADES

A firma santista, conquanto exportando café pelos portos local, de Paranaguá, Rio de Janeiro e Angra dos Reis, esta-se dedicando tambem ao ramo imobiliario. Assim é que adquiriu, loteou, arruou e já vendeu em sua quase totalidade uma grande area de terrenos em Santo André, em local onde já existem centenas de construções e inumeros melhoramentos. Em São Paulo, na Capital, possui outra grande area em Vila Carrão, a ser loteada futuramente, numa extensão de cerca de um milhão e meio de metros quadrados.

"CIEBI"

As iniciais em epigrafe correspondem à sigla de outra emprêsa de que participam ativamente João Rosato e seu irmão Laerte — a Cia. Importadora e Exportadora Brasileira de Investimentos. Tem esta firma, de cuja diretoria participa, também, o dr. José Maria Whitaker Neto, sede na Capital, à rua 3 de Dezembro, 38, 8.o andar. Dedica-se a diversas atividades, destacando-se o setor imobiliário.

Foi a "CIEBI" responsável pelo moderno loteamento do Jardim Atibaia, localizado no Sumaré, praticamente vendido graças ao inteligente planejamento executado por sua administração. Inúmeros outros loteamentos estão em estudos, pela diretoria da emprêsa.

DIVERSIFICAÇAO DE RAMOS

João Rosato, pessoalmente tem o seu patrimônio ligado a diversos estabelecimentos bancários. Foi vice-presidente do Banco Bandeirantes do Comércio. Continua como grande acionista de vários outros institutos de crédito.

A diversificação de suas atividades, entretanto, vai além. Possui, juntamente com o irmão Laerte Rosato, uma grande fazenda de criar, no municipio de Aruanã, em Goiás, com 32.000 alqueires, divisando com o Estado de Mato Grosso e cortada pelo rio Araguaia numa extensão de 80 quilometros, totalmente navegaveis. E' proprietário, ainda, de grandes extensões de terras nesse último Estado, na região do Kuluene.

Assim é João Rosato, com o seu destino preso a um sem número de ramos de atividade, que se ampliam e se multiplicam a cada instante.

E' bem o reflexo de sua inteligência viva, do seu raciocinio rápido, do seu espirito irrequieto e da sua personalidade marcante, criadora, estimuladora. O seu elemento é o contacto com os problemas do mundo dos negócios: Fora desse mundo... Ora, não o conhecemos fora desse mundo!

No clichê, os irmãos João e Laerte Rosato em flagrante colhido na sede da firma santista ROSATO S. A. COMISSARIA E EXPORTADORA

A maior unidade produtora de ácido sulfúrico do país

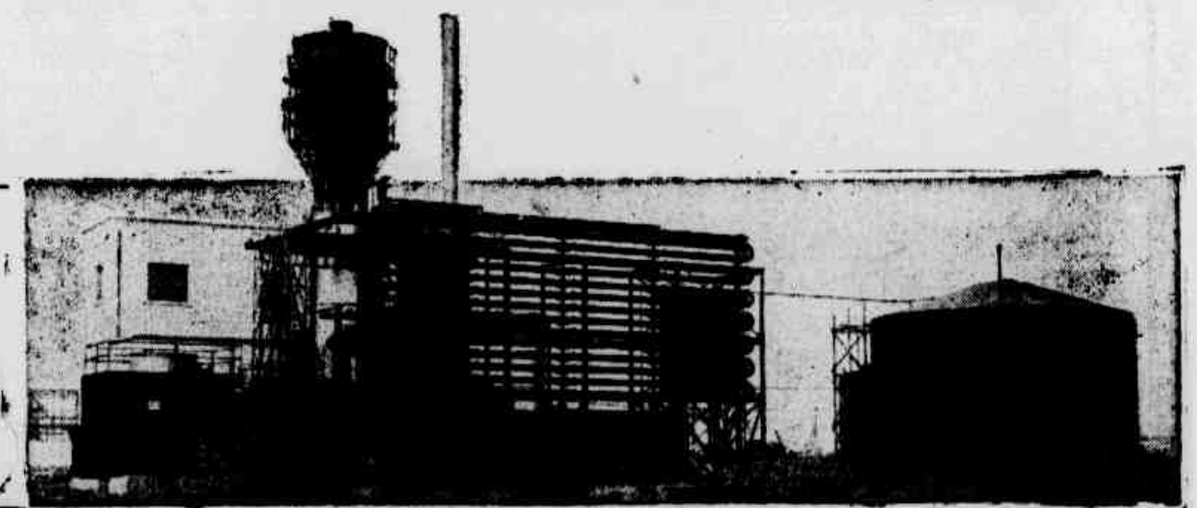
Café

êste pequeno grão que constrói tantas riquezas...

● Há muitos anos passados, quando mais urgente se tornava a recuperação das terras cansadas, a "Quimbrasil" e a "Serrana", iniciavam a sua atividade pioneira. Desde então, elas jamais deixaram de lutar o bom combate, dando pronta solução aos reclamos da terra exausta, através de métodos modernos de agricultura e adubação química. Entretanto, é de justiça ressaltar a contribuição vital emprestada neste sentido, por êstes grandes amorosos da terra que são os homens do café. Homens que realizaram o milagre de transformar pequenos frutos em grandes riquezas. Homens que construiram tôda uma civilização à sombra dos cafezàis sem fim! A êles, deve a Nação não só a manutenção de sua principal riqueza, como também a dívida superior da conservação de seu patrimônio que é o sólo. A "Quimbrasil" e a "Serrana" — pioneiras no movimento de recuperação das terras cansadas — sentem-se orgulhosas em terem podido ajudar a esta gente magnífica. É um exemplo a ser imitado. Exemplo que reverdece esperanças num futuro agrícola mais abundante, capaz de atender às aspirações comuns de uma vida melhor e mais feliz para todos.

Uma fase da colheita no Campo de demonstração da Serrana S. A. de Mineração

Outra fase da unidade produtora de ácido sulfúrico destinada integralmente à fabricação de superfosfato para adubação do solo brasileiro.



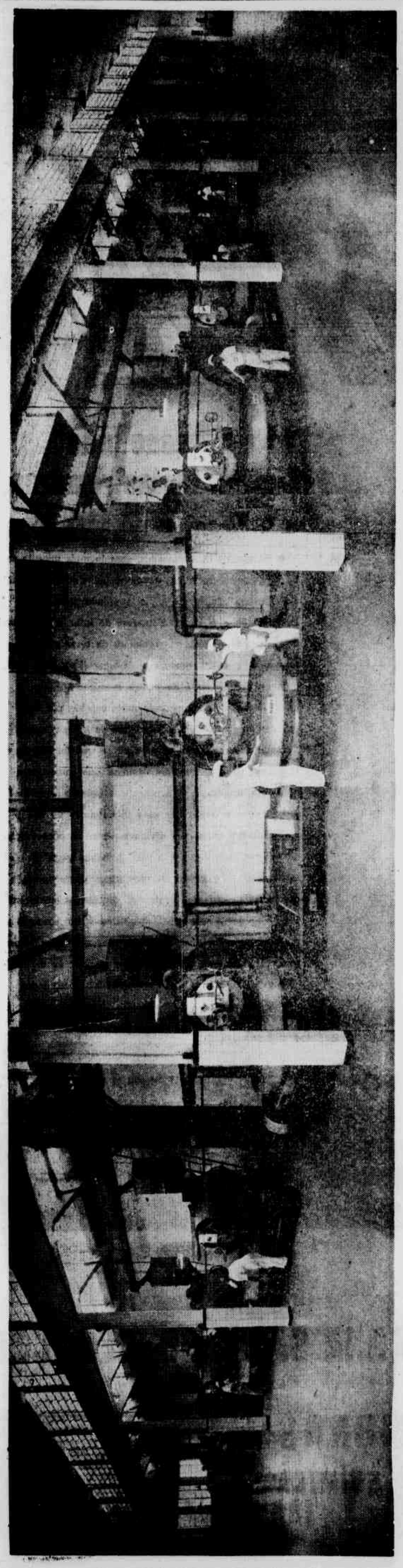
solo recuperado... mais café exportado!

A "Quimbrasil" e a "Serrana" colocam à disposição dos Srs. agricultores e cafeicultores em particular, as mais modernas e avançadas técnicas de agricultura, através de produtos de alta qualidade e comprovada eficiência.

SERRANA S. A. DE MINERAÇÃO

QUIMBRASIL

QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA



VISTA PARCIAL DA GRANDE TORREFAÇÃO

★ Graças a seus amplos recursos e alta especialização, a Companhia União dos Refinadores produz os cafés mais saborosos e mais invariáveis de São Paulo: Cafés UNIÃO e CABOCLO, padrões da mais alta qualidade! ★

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES

A IMPORTANCIA DOS ADUBOS ALEMÃES PARA A PRODUÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL

PAUL W. WILM

Não se discute mais a respeito: as entidades oficiais brasileiras e os institutos brasileiros de pesquisas, bem como os agrônomos regionais que desempenham suas atividades no interior, e grande parte dos cafeicultores sabem que, sem adubação, a cultura lucrativa do cafeeiro é apenas possível, durante um período curto de tempo, nos poucos solos brasileiros de primeira qualidade, não sendo mesmo absolutamente possível em muitos dos solos médios. Se bem que na maior parte do estado de S. Paulo e de outros estados do Brasil existam ótimas situações e condições de clima favoráveis à cultura do café, a fertilidade do solo infelizmente deixa muito a desejar.

Na sua maioria, os solos do Brasil estão predestinados a perder, dentro de poucos decênios de cultura, a fertilidade acumulada durante milhares de anos pela mata virgem. Não é tanto o esgotamento pelas colheitas que produz o empobrecimento do solo; são as chuvas tropicais do verão que roubam a fertilidade das áreas desnudadas, cabendo um papel preponderante à grande permeabilidade do solo.

Os brasileiros, tanto os cientistas como também os práticos, reconhecem o problema nos últimos decênios, atacando enérgicamente a luta contra os elementos adversos. O lema da luta é: "Nas terras recém-desbravadas, deve-se prevenir, desde o início, o empobrecimento do solo; nas terras já depauperadas, deve-se restabelecer a fertilidade, por mais difícil que isso pareça!" Os meios a serem empregados para se conseguir tal objetivo são múltiplos: calagem, adubação verde, preparo de composto, produção de grandes quantidades de adubo animal e, não em último lugar, adubação química. Muitos lutadores se limitam a um dêsses meios, afirmando que, por si só êle conduz ao objetivo. Contudo, os entendidos chamam sempre, acertadamente, a atenção para o fato de que será necessário empregar-se o conjunto dos meios essenciais, tanto a calagem, como a adubação orgânica e inorgânica.

Assim, por exemplo, sòmente em casos raríssimos seria econômicamente viável manter-se um número tão grande de animais de estábulo (gado leiteiro, porcos ou galinhas), que tornasse possível cobrir tôda a necessidade de fertilizantes de uma plantação de café de tamanho normal. O adubo mineral terá sempre que completar o estêrco. A produção do Brasil em resíduos orgânicos (tortas oleaginosas, farinha de ossos, farinha de carne, farinha de peixe, etc.) nunca poderá suprir mais do que uma pequena porcentagem da necessidade total de adubos. Aliás, a essas substâncias também deverão ser adicionados adubos químicos.

AS DUAS ADUBAÇÕES

E a adubação verde? — Ela consegue retirar azôto do ar, transportando-o para o solo, mas — principalmente no caso de cafeeiros desenvolvidos — em quantidades insuficientes. Além disso, não existe espaço suficiente entre cafeeiros completamente desenvolvidos. A adubação verde não adiciona, em absoluto, fósforo e potássio ao solo. Assim, sendo bem orientada, deve ser completada com adubação mineral. Também neste caso não vale, pois, uma ou outra, mas sim uma e outra. O papel principal da adubação verde consiste em transformar adubos inorgânicos em adubos orgânicos. Para isso não é indispensável o uso de determinadas espécies de plantas, cujas sementes são por vêzes de difícil aquisição, e cuja cultura também apresenta uma série de dificuldades. Uma adubação verde mais simples pode ser conseguida mediante tratamento adequado das ervas daninhas. Por ex. — primeiramente aplicam-se quantidades copiosas de adubos inorgânicos, que fornecem, por um lado, os elementos nutritivos necessários ao cafeeiro, e, por outro lado, fomentam o desenvolvimento das ervas daninhas. Em segundo lugar, deixemos que as ervas se desenvolvam vigorosamente e enterremô-las, então, superficialmente, para que passem a atuar como adubo orgânico.

Em terceiro lugar, só repetiremos a carpa quando as ervas se tiverem desenvolvido novamente com todo o vigor. Não será, portanto, um combate às ervas daninhas, mas um aproveitamento racional das mesmas, para transformarem adubos inorgânicos em orgânicos! Também nas outras partes do mundo não se passou da adubação natural para a artificial: tanto na Europa como nos Estados Unidos e na A'sia Oriental combina-se a adubação orgânica com a inorgânica, sendo que o emprêgo de elevadas doses de adubos inorgânicos provoca forte aumento na produção de massa orgânica na própria fazenda, como estêrco, adubo verde, compostos de tôda espécie, etc.

CONSUMO REDUZIDO

O Brasil encontra-se ainda no começo da aplicação de adubos. Em comparação com outros países, o consumo brasileiro é mínimo. Isto vale principalmente também para o consumo de adubos para o café. Este encontra-se ainda no seu início. O Brasil todo consumiu, em média dos últimos 3 anos (estimativa da produção própria, incluindo farinha de ossos, tortas oleaginosas, etc., mais importação), 450.000 toneladas de diversos adubos comerciais, contendo, em números redondos:

30.000 toneladas de N (azôto puro)
65.000 toneladas de P 205 (ácido fosfórico puro)

35.000 toneladas de K 2 0 (potassa pura)

Referidos à área total de 18 milhões de hectares cultivadas no Brasil, significa isto um consumo, por hectare, de aproximadamente:

1,7 kg. de N
3,6 kg. de P 2 0 5
1,4 kg. de K 2 0

O consumo correspondente, no ano de 1951/52, foi o seguinte, nos países abaixo mencionados:

ELEMENTOS NUTRITIVOS EMPREGADOS, EM KG. HA, NA AREA CULTIVADA

	N	P 205	K 20
Holanda	67,1	41,7	68,8
Belgica	46,1	46,6	81,4
Noruega	33,1	35,1	44,4
Alemanha Ocidental	27,4	33,4	51,2
Dinamarca	23,0	26,9	42,5
Suécia	16,3	25,4	16,6
Grã Bretanha	14,6	22,4	13,7
França	9,3	15,9	13,8

O consumo de adubos no Brasil está, porém, aumentando. Há 5 anos foi apenas a metade do consumo atual, e continuará subindo.

Quem fornece os adubos necessários e quem os fornecerá no futuro?

Tratamos, primeiramente, dos adubos fosfatados, que representam, sob o ponto de vista quantitativo, os mais importantes para o Brasil. A produção nacional já atingiu volume apreciável no concernente a êsses produtos. Se bem que atualmente ainda haja necessidade de importar quantidades consideráveis de adubos fosfatados industrializados, a importação passa mais e mais para fosfato bruto, que, em numerosas fábricas existentes no país, é empregado parte na preparação de superfosfato, parte na de fosfato em pó. O Brasil dispõe de grandes quantidades de fosfato, podendo-se mencionar as jazidas, até agora descobertas, de Jacupiranga, Juquiá e Ipanema, no Estado de São Paulo; Araxá, e Minas Gerais; Ipira, na Bahia; Olinda, em Pernambuco, e Trauira, no Maranhão. As apatites de Jacupiranga e Juquiá já estão sendo exploradas e industrializadas, e a produção está constantemente sendo aumentada. As outras jazidas seguirão um dia, quando os problemas da sua exploração estiverem resolvidos.

O SEGUNDO DA SERIE

Segue-se o **potássio** — Jazidas deste importante elemento nutritivo, cuja exploração fôsse econômica, ainda não foram descobertas no Brasil, a menos que o sal, de localização muito profunda, das jazidas de Cotinguiba, possa ser um dia explorado de maneira econômica. As demais ocorrências apresentam baixa porcentagem. Mas muitos outros países também têm que importar potássio e os dois grandes fornecedores — a Alemanha e a França — têm a possibilidade e se prontificam a comprar os múltiplos produtos do Brasil e fornecer em troca, as quantidades desejadas de potássio, o que está se processando de maneira contínua e crescente. O mesmo também se dá com o azôto. Todo alemão toma café brasileiro, fuma tabaco brasileiro, consome cacau brasileiro, calça sapatos fabricados com couro brasileiro e usa roupas confeccionadas com algodão brasileiro; em compensação, pode e quer exportar os seus produtos industriais para o Brasil, e entre os produtos da indústria alemã os adubos azotados ocupam um lugar importante. A Alemanha foi o primeiro grande fabricante de adubos azotados e conseguiu conservar o seu lugar como um dos maiores produtores de azôto combinado do mundo. "A Badische Anilin E Soda Fabrik A. G.", inventora e aperfeiçoadora da fabricação de nitrogênio sintético, a "Ruhr-Stickstoff Aktiengesellschaft" representando o grupo do Ruhr de grande produção, e também a importante "Farbwerke Hoechst A. G.", não são apenas os três principais produtores de azôto para a agricultura alemã, mas também, os maiores exportadores de adubos azotados.

Já antes da guerra a Alemanha foi, após o Chile, que deve ser considerado mais privilegiado sob o ponto de vista da geografia econômica, o principal fornecedor de azôto ao Brasil. Este lugar ela voltou agora a ocupar, depois que as destruições da guerra foram superadas. Há quatro anos os navios estão novamente trazendo, além de potássio alemão, adubos azotados alemães para o Brasil, em volume crescente. De poucas toneladas no ano de 1950, a importação de adubos alemães pelo Brasil atingiu, em 1953, um volume de, em números redondos, 30.000 toneladas, no valor de cêrca de 2,5 milhões de dólares. Já está assegurado que em 1954 será registrado um novo e considerável aumento, e não é de se duvidar que êsse desenvolvimento prossiga, apesar de estar o Brasil começando a construir sua própria indústria de azôto. Tendo-se em vista a cadência com que o consumo está aumentando, a indústria nacional poderá suprir, provisòriamente, apenas uma parte das necessidades e, enquanto a Alemanha fôr um excelente comprador de produtos brasileiros, será extremamente vantajoso para o Brasil adquirir adubos alemães.

AS NECESSIDADES DO SOLO

Porque são os adubos alemães desejados no Brasil? Por um lado, pelo fato de se tratar das formas que o solo brasileiro necessita. Contràriamente ao nitrato, que se dissolve muito ràpidamente, os adubos azotados que a Alemanha fornece se acham principalmente nas formas amoniacal e amídica, de dissolução mais lenta, tais como: **Uréia, Sulfato de Amônio, Sulfonitrato de Amônio, Nitrato de Amônio Calcáreo, Nitrato de Amônio Potássico** e **Nitrofoska.** Por outro lado, trata-se, na maioria dos adubos fornecidos pela Alemanha, de produtos de qualidade, como p. ex. a **Uréia da "BASF"**, que contém o azôto na forma de amido, e que, tendo 46% de N, é o adubo azotado mais concentrado e por conseguinte o que permite maior economia no frete e na aplicação. Ou, como no caso do **Sulfonitrato de Amônio**, produzido pela "Ruhr-Stickstoff A. G.", que é igualmente um adubo concentrado e com formas de N balanceadas, a saber, 1/4 como nitrato, para a primeira fase do desenvolvimento das plantas, e 3/4 na forma amoniacal, para a fase seguinte.

Em seguida, o **Nitrato de Amônio Calcáreo**, um adubo alcalino, com elevado teor de cálcio, é preferido nas culturas sensíveis **foska"**, e adubos similares completos, que põem à disposição das raízes das plantas os três elementos nutritivos essenciais, assim como cálcio e elementos raros, tudo intimamente reunido. A película de cálcio que envolve cada grânulo dêstes adubos o protege contra a troca muito rápida de iônios e contra a lixiviação muito acelerada. A Alemanha-Ocidental por a "Verkaufsgemeinschaft Deutscher Kaliwerke", fornecendo o **Clorureto de Potássio** e o **Sulfato de Potássio** em suas concentrações máximas, propicia, apesar de grande percurso das célebres jazidas alemãs até os pôrtos brasileiros e dêstes às lavouras do interior, grande economia de transporte e de aplicação.

CLIMA E ADUBO

A maior parte dos adubos alemães importados é usada pela industria brasileira de adubos na fabricação de fórmulas completas. Outra parte ainda é recebida pelos lavradores em estado simples para aplicação direta em cobertura ou para mistura na própria fazenda.

Mesmo que às vêzes pouco mais caros do que os fertilizantes de outras procedências, os produtos alemães são, contudo, levando-se em conta os resultados que apresentam, os mais baratos. Lògicamente, deve-se tratar um artigo de qualidade com o devido cuidado. Conforme mencionamos inicialmente, o clima do Brasil é um grande dissipador de nutrientes do solo. E', pois, de grande importância que os adubos sejam aplicados não em uma dose única mas sim em diversas, ao menos duas, melhor ainda em três doses. Conforme sucede com o homem e o animal, também a planta não consegue utilizar, de uma só vêz, tudo quanto lhe fôr oferecido, e as grandes chuvas arrastam impiedosamente o excesso de adubos para o subsolo. O cafeeiro pertence àquelas plantas cultivadas que compensam particularmente bem as despesas feitas com a aquisicão de adubos. Quando cuidadosamente aplicada — em diversas doses e espalhada nos lugares onde se encontram as raízes das plantas, e não conforme suva — a adubação consegue realizar verdadeiros milagres. Nas regiões do Brasil onde a altitude, a topografia e as condições de temperatura correspondem às exigências do cafeeiro, hoje em dia é possível, mediante uma adubação racional, cultivá-lo com o mais completo êxito, sem para isso ser necessária a existência de terra roxa ou de solos virgens.

PRIMEIROS CAFÉS DE PARIS

Curiosidade de feira o saborear do "kahva" levantino — Armenios, persas e turcos os primeiros cafeteiros da Cidade-Luz — O "Caffé Procope", parisiense autêntico, começa a fazer de Paris o "café da Europa"

Estamos em 1672. Em Paris é representado o drama de costumes orientais "Baiazet", de Racine. Este, segundo madame de Sévigné, admiradora do velho Corneille, do classico Corneille, aderira à "turcomania", então em voga na França.

Adquirindo a "turcomania", a alta sociedade parisiense saboreara o "kahva" — o café árabe —no magnificente palacio de Soliman Aga, o enviado de Maomé IV ao rei-Sol. E' este Soliman aquele mesmo que, entregando a Luis XIV a mensagem que Maomé IV enviava ao seu "irmão do Ocidente", lhe perguntara, candidamente, porque êle não se punha de pé ao ler a assinatura do poderoso senhor dos levantinos.

Mas a sagrada bebida dos muçulmanos não saia da intimidade palaciana de Soliman Aga. A nobreza admitida ao convivio do exótico e quase fabuloso enviado, dizia do café maravilha e horrores: era uma bebida inebriante — na opinião de alguns; — uma sórdida coisa negra, amarga (não se adoçava a infusão) e pegajosa — no criterio de outros.

Mas o café veio à rua, à feira, à tenda popular. Pascal, um armênio, instala na mostra industrial da praça Saint Germain, o primeiro café de Paris. Não é ainda o estabelecimento que tomaria a designação do proprio nome da rubiacea e que passaria a denominar as casas onde o parisiense ia desde a escrever a sua correspondencia e ler os jornais, até a fazer reuniões politicas e conspirações que mudaram varias vezes o curso da historia. E' apenas um botequim, ou menos: uma tenda oriental de feira, onde a bebida, vinda diretamente do Levante, é preparada à moda turca e tomada à moda turca, em mesinhas baixas junto às quais os consumidores se sentam sobre coxins.

O café de Pascal chama se a "Maison de Caova". A estranha infusão o exótico "kahva", é oferecido a três soldos a xicara — o mesmo preço do popular e domestico copázio de vinho do francês.

CURIOSIDADE: A SEMENTE

Mas os parisienses o degustaram, na tenda de Pascal, com o mesmo espirito de curiosidade com que, naquela feira industrial, admiravam os pelotiqueiros, os anões e as mulheres barbadas.

Assim, quando o armênio, finda a feira, transportou o seu café de Saint Germain para o Quai de l'E'cole, constatou que aquilo que lhe parecera exito, fôra apenas curiosidade de frequentadores de feiras. Faliu.

Mas a idéia fôra lançada. Cinco anos depois, outro armênio — um tal Maliban — sem amedrontar-se com o insucesso do compatriota, instalava na rua Féron um novo café. Por segurança, resolveu vender ali, tambem, tabaco. Sucedeu a Maliban um persa, Gregoire.

Este instituiu uma relação entre café e literatura. E como a "inteligentzia" parisiense fizesse da "Comédie Française" o seu quartel-general, o esperto natural da estranha e longinqua Pasárgada levou sua casa para a rua Mazarin.

O café de Gregoire era uma espécie de Foyer da "Comédie". Os intelectuais, os snobs, o mundo que, antes dos espetaculos, nos intervalos e à saida, comentava com calor as representações, a literatura, a politica e os escandalos da sociedade, faziam-no agora com comodidade no café do persa.

O exito dêste estabelecimento encorajou outros orientais. Ao transferir-se para as vizinhanças da "Comédie", Gregoire deixou o antigo café de Maliban a um seu compatriota, Macaire.

Mas êste não possuia o "savoir faire" de Gregoire, melifluo e conversador, discutindo teatro com os clientes, tratando da "unidade de lugar" de Boileau, do classicismo de Corneille e do revolucionarismo teatral de Racine, enquanto fervia agua para o preparo do "kahva". Macaire acabou deixando o seu café a um flamengo, cognominado de "o gandes".

CAFE' A DOMICILIO

Cêrca de 1690 chegou a Paris um grego de Creta, ilha então sob o dominio turco. Chamavam-no "o candiota". Pobre, o candiota não pôde estabelecer-se. Inventou o "café a domicilio". Andava a correr pelas ruas, carregando uma grande cafeteira e um fogareiro em miniatura. Cantava um pregão em lingua grega, que os parisienses eruditos traduziram mais ou menos para isto:

Escorre, bebida amada;
Reina tu, café, sozinho,
Tira a uva aos bebedores,
Que és mais santo do que [o vinho!

Houve imitadores do grego, entre os quais o turco Joseph. Mas a moda de levar o café a domicilio, como o pão, desapareceu. E' que se sentia que o proximo futuro do café estava em sua participação na vida publica, na criação, por êle, de ambientes de reunião fora dos lares. O café formaria verdadeiras ágoras, onde literatura, politica, intriga e prazer viveriam intensamente.

Estamos nos primeiros anos do século XVIII. Como os outros latinos — os milaneses, os napolitanos, os marselheses — o burguês de Paris começa a sentir a necessidade de viver nas ruas e praças. A vida em publico tornou-se de "uso comum", e o café contribui para fazer cair a muralha espiritual.

O CAFE' DA EUROPA

E em 1702 surge o primeiro café verdadeiramente parisiense. E' Procope de Coltello — fidalgote palermitano — o seu fundador. Conhecera ele os cafés levantinos e neles percebera o "clima publico". Empobrecido pelos asares da sorte, fôra "garçon" do armênio Pascal, ..em Paris. Em seguida, casara-se com uma parisiense, traduzindo o seu nome de Coltello para Couteau. Especialista no preparo do café, desde a sua torrefação e moagem até o fazimento da bebida, deu-se o titulo de "maitre distillateur". Comprou então o amplo café situado defronte ao "Théatre Français".

O café de Coltello-Couteau quebrou a moda snob do estabelecimento decorado à turca. Adotou êle como "motto" da sua casa a frase jacobina de "Paris aos parisienses" e deu aos frequentadores do seu café comodidades ocidentais: mesas de marmore, espelhos, cadeiras que hoje chamariamos de "funcionais". Por outro lado, não se limitou a vender apenas café. Ofereceu chocolate, licores, bebidas geladas, biscoitos e doces. Aquele café de Procope era bem o que são as famosas "confiseries" parisienses, tipo, aliás, que mais tarde foi abandonado.

Do café de Procope, parisiense em tudo, se originaram todos os outros cafés de Paris. E a propria cidade, pouco a pouco, foi-se tornando naquilo que o abade Galiani conceituou: "o café da Europa".

COMPANHIA "THEODOR WILLE"

COMÉRCIO - INDUSTRIA - REPRESENTAÇÕES

— E —

USROPA S. A.

EXPORTAÇAO, IMPORTAÇAO E REPRESENTAÇÕES

EXPORTADORES DE CAFE'

MATRIZ: SANTOS
RUA DO COMERCIO, 66
Caixa postal, 18
Fones: 2-8907 e 2-4934

FILIAL: RIO DE JANEIRO
RUA VISCONDE DE INHAUMA, 58
5.° e 6.° andares
Fones: 43-0380 e 43-9432

Endereços telegráficos: "WILLE" e "USAROPA"

O CAFÉ NO BRASIL E EM SÃO PAULO

TITO LIVIO FERREIRA

Francisco de Melo Palheta assentou praça no destacamento do estado do Maranhão, quando o Brasil ainda era provincia ultramarina portuguesa. Contava então cerca de vinte e um anos de idade. Nascera no Pará, onde seu pai, capitão de infantaria João Rodrigues Palheta, natural da vila de Serpa, na provincia do Alentejo, e de d. Maria da Ressurreição de Bitencourt, da mesma boa cepa lusitana. E casara-se com d. Bernarda de Mendonça Furtado, aparentada com uma das mais distintas familias lusitanas.

Um centenario antes da independencia do Brasil, Francisco de Melo Palheta ocupava o posto de sargento-mór (equivalente ao de major atual), quando recebe a incumbencia de importante missão no "far-west" brasileiro. Deu-lha o governador do Maranhão, João Maia da Gama, por volta de 1722. Parte, com a tropa sob seu comando, a 11 de novembro desse ano, da cidade de Belém, praça do Grão Pará, rumo às vertentes do Rio da Madeira.

UMA CRUZ POR BANDEIRA

Rio acima, as embarcações enfrentam mil e uma dificuldades de toda a espécie e natureza. Venceram cachoeiras, pragas de piuns, terras caidas, grutas e monstros, até encontrarem com o gentio. Fizeram com ele paz firme e valiosa. As brasilindias "cobriam o que a natureza oculta ensina com umas franjas de fio tecido", informa narrativa do roteiro. Atravessam os caudalosos rios de agua branca e agua preta. Já no rio Mamoré encontram os portugueses da expedição cinco canoas. Ao avistarem os que subiam, "levantaram uma cruz por bandeira" e perguntaram se eram cristãos. Responderam que sim e acrescentaram: cristãos portugueses. E a resposta foi: Nós tambem o somos de São Pedro.

NA TERRA DA CRISTANDADE

Recebidos com grande festividades pelos padres catequistas, todos da expedição "deram graças a Deus de haver chegado à terra da cristandade". Os sacerdotes disseram então estar há muito à espera dos portugueses. Recebidos com todas as honras, os viajantes assistem ao "Tantum Ergo" celebrado pelos religiosos missionarios. Antes da partida, no dia seguinte, "propôs de novo o nosso cabo a estes padres publicamente, recomendando e requerendo da parte do excelentissimo general, (Governador da Capitania) e em virtude do tratado feito entre os nossos reis e pela conservação dos povos, que lhe assinalava de hoje por diante não passassem para baixo da boca dos rios Mamoré e Itenis, nem interessassem daí para baixo gentilidade alguma, por estes pertencerem ao serenissimo senhor nosso rei de Portugal, pois de 1639 que senhoriava o rio das Amazonas até a laguna onde se achavam os marcos pertencentes à coroa de Portugal e 400 leguas da boca do Rio Madeira até no dito marco como diz o padre Acuna no seu livro Maranhão, e quando excedam fazendo o contrario do requerimento, que ainda Sua Majestade que Deus guarde tinha poderes neste Estado para fazer entregar e repor tudo o que tocasse a seus dominios e senhorios; e com estas mesmas clausulas fariamos de nossa parte, o que ouviu pelos ditos padres prometeram cumprir e guardar tudo acima requerido".

Estas recomendações justificam-se. Deviam os padres evitar a repetição dos acontecimentos verificados no extremo sul, onde os bandeirantes paulistas, isto é, os portugueses de São Paulo haviam repelido os jesuitas espanhois das campinas gaúchas. E a expedição repartiu, Madeira acima.

O MOTIVO DA EXPEDIÇAO

Era apenas um pretexto o descobrimento do Rio Madeira e suas nascentes. O governador João Maia da Gama tinha outro motivo. A viagem de Palheta foi determinada por duas ordens régias, ambas de 25 de março de 1722, expedidas por D. João V. O governador procurou logo dar-lhes cumprimento. Referia-se a primeira à probabilidade de haver prata nas serras dos sertões pertencentes aos dominios portugueses no Brasil; a segunda cuidava das vantagens de se estabelecer comercio com os castelhanos de Quito, donde poderia vir "alguma prata". E isso beneficiaria a provincia do Maranhão e o proprio reino.

Ao seguir pela via do Madeira, o objetivo seria tambem observar se era possivel abrir comunicações com as regiões auriferas de Goiaz e Mato Grosso, cuja fama já devia ter chegado a Belem do Pará, porque Manoel Felix de Lima, português nato, atingira, por varias correntes fluviais, entre as quais a do Madeira, a capital paraense. E a noticia das terras opulentas de ouro, em Mato Grosso e Goiaz, já eram conhecidas.

Essa expedição não fôra a primeira feita por Melo Palheta. Antes estivera no rio Tapajoz. Provavelmente chegara até Cuiabá, onde o paulista Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros já haviam descoberto as minas de ouro. E a chegada até o arraial aurifero fundado pelos bandeirantes paulistas, não é muito certa.

FRANCESES AO NORTE

Francisco de Melo Palheta conhecia as terras do centro, mas principalmente do norte. Para se ter bem idéia da missão de Palheta à Guiana em 1727 — da qual resultou a introdução do cafeeiro no Brasil — faz-se preciso sumariar os antecedentes desses acontecimentos. Foram as terras de Caiena ocupadas em primeiro lugar pelos castelhanos. Expulsos pelos franceses em 1635, estes, anos mais tarde, em 1667, tiveram as terras invadidas pelos holandeses. E aqueles se retiraram.

Esse território fôra doado por Felipe IV ao paulista Bento Maciel Parente. Daí, em 1636 ter sido criada a Capitania do Cabo-do-Norte. Mas a guiana brasileira sempre fôra alvo da cobiça dos franceses, embora sua posse e dominio estivessem assegurados pela metropole. Nessas condições, o pensamento dos franceses era estender o território de Caiena até a margem do Rio Amazonas. Missionários e aventureiros fizeram incursões por essa região, estudando-a. Para dar execução ao plano de Colbert, o marquês de Ferroles apoderou-se, em 1687, dos fortes portugueses de Araguari, Toheré, Desterro e Macapá, arrasando os três primeiros e conservando o último. O governador do Maranhão, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, apressa-se em expedir uma fôrça militar para repelir os invasores. E essa tropa retomou Macapá imediatamente.

O tratado de Utrecht foi-nos francamente favorável. Por ele, desistiu a França (art. 8) "de tous droits et pretentions qu'elle peut et pourra prétendre sur la propriété des terres appelées du Cap Nord, (Capitania do Cabo-Norte) et situés entre la rivière des Amazones et celles du Yapoc (hoje Oiapoque) ou de Vicent Pinzon, sans se réserver ou retenir aucune portion des dites terres afin qu'elles soient désormais possédées par Sa Majesté Portugaise..."

Este solene pacto foi ratificado pela França a 18 de abril e por Portugal a 9 de maio de 1713. Nem por isso, "malgré tout", novos atritos evitaram-se entre as nações que o haviam celebrado. Defender e guardar toda a costa brasileira era tarefa sobreumana para os portugueses. Cêrca de 9.500.000 quilometros de litoral estavam expostos aos invasores. Daí Portugal não ter podido impedir a ocupação, fortificação e povoamento dos portos de Montevidéu e Maldonado, no Uruguai, em 1724, pelo governador de Buenos Aires. E isso deu causa a não termos hoje como fronteira natural o Rio da Prata, conforme o desejavam os portugueses.

Ao norte, os franceses continuavam a invadir as terras situadas entre o Rio Amazonas e o Rio Oiapoque, ou Rio de Vicente Yanes Pinzon. Em 1639, os portugueses colocaram na margem direita do Rio Oiapoque o marco de fronteiras. Mais tarde, o governador da Guiana Francesa mandou derribá-lo e jogá-lo ao mar.

O REGIMENTO QUE HA DE GUARDAR O SARGENTO-MÓR FRANCISCO DE MELO PALHETA

O regimento outorgado por João Maia da Gama, do Conselho de Sua Majestade, Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão, foi escrito, em Belém do Pará, a 20 de fevereiro de 1727. Com seus ajudantes e sua tropa, o sargento-mor Francisco de Melo Palheta, militar de toda a confiança, longos anos havia empregado "no serviço real", tratou de cumprir, ponto por ponto, as ordens recebidas e estipuladas no referido regimento. Chega ao Rio Oiapoque e à montanha d'Argent e entrega ao governador da Guiana Francesa a carta datada de 20 de fevereiro de 1727, escrita pelo governador português do Estado do Maranhão. O objetivo principal dessa missão era examinar o lugar donde o padrão português havia sido arrancado e atirado ao mar pelos franceses. Foi lavrado o "têrmo de vistoria que o sargento-mór Francisco de Melo Palheta mandou fazer aos marcos da divisão na montanha Arjan aos 13 de maio de 1727." E assim, indo averiguar sobre a existência de uma baliza, colocada ali quase um século atrás, no alto da montanha d'Argent, Francisco de Melo Palheta, não a encontrando, resolve trazer de lá o verdadeiro produtor de "argent", o cafeeiro, cuja plantação, em larga escala, haveria de, um século mais tarde, transformar-se na maior riqueza do Brasil.

PALHETA OBTEM AS SEMENTES

Francisco de Melo Palheta não andava em boa situação financeira. Mandara fazer, durante sua permanencia em Caiena, roupas finas e da moda. No entanto, ficara devendo-as. As peças compradas foram: "um manteau justeaucorps et culotte d'écarlate et un chapeau bordé." Palheta defendeu-se da acusação feita pelo judeu francês de Caiena, e provou ter pago a roupa adquirida.

Quando Melo Palheta esteve em Caiena, com sua expedição, fôra proibido aos moradores da colonia francesa vender café "capaz de nascer", conforme bando publicado por toda parte, ao som de tambores.

E' de acreditar-se que o comandante da expedição de 1727 fosse ao palacio da suprema autoridade francesa de Caiena. Tudo leva a crer que lhe hajam servido ali uma chicara de café (une tasse de café), cujo sabor lhe agradasse ao paladar, para fazer grandes elogios a essa bebida. E tivesse lamentado não haver no Brasil uma planta donde colhesse frutos para preparar, ele mesmo, liquido tão gostoso.

Com a natural galantaria das francesas de bom tom, Mme. Claude d'Orvilliers, esposa do governador, meteu-lhe num dos bolsos da casaca, sob os olhos complacentes do marido risonho, um punhado de grãos de café, para que ele, em casa, no Belém do Pará, pudesse renovar o prazer experimentado com a deliciosa beberagem.

Melo Palheta não trouxe apenas as sementes que lhe coubessem num bolso da casaca. Ele transportou "mil e tantas frutas e cinco plantas de café", conforme disse no requerimento enviado a D. João V, embora nesse documento não fale na generosa doação com que o presenteara a senhora do governador da Guiana Francesa. Nesse requerimento, ele destaca as dificuldades vencidas para obter as sementes e plantas de cafeeiros. E não lhe pareceu interessante referir-se ao gesto gracioso da governadora francesa.

DISTRIBUIÇAO DAS SEMENTES

Pode ser lido na Biblioteca Nacional de Lisboa (ms. do "Arquivo do Conselho Ultramarino", cod. n. 1.052) o relatorio de 25 de setembro de 1727 dirigido por João Maia da Gama a D. João V, com a narrativa completa da viagem de Francisco de Melo Palheta. Ao chegar a Belém do Pará, ele entregou aos vereadores da Camara Municipal (Oficiais do Senado), mil e tantas frutas e cinco cafeeiros, para serem distribuidos entre agricultores paraenses. Em 1732, confessa Palheta, possuia mil e tantos pés de café, em terras proprias. Sua lavoura não era intensiva por falta de braços. Solicitava então de sua majestade o fornecimento de cincoenta brasilindios para o tratamento de sua fazenda, porque devia muito. E dos grãos e mudas trazidos por ele de Caiena, resultou haver muito café plantado por essa época.

Pelo proprio depoimento do introdutor do café no Brasil verifica-se ser verdade a proibição feita aos franceses de Caiena, conforme o bando do governador, de vender, o grão "capaz de nascer", aos portugueses. Essa providencia lança, no espirito de Palheta, a suspeita do valor dessa mercadoria. Pois, cuidou logo de colher todas as informações referentes ao fruto proibido antes de sair de lá para as terras pertencentes à coroa lusitana. Embora isso constasse da petição ao rei, nada se fala nela da galanteria feminina citada acima. Nem precisava figurar num requerimento de favores.

A PRIMEIRA NARRATIVA DO ACONTECIMENTO

A noticia corria entre os plantadores de café em terras paraenses, quando em 1763 o bispo d. frei João de S. José Queiroz, resolve escrevê-la, para salientar apenas que Palheta "fez diligencias por trazer algumas sementes, com algum dispendio de sua fazenda", isto é, com dispendio de seu dinheiro.

Quem sabe se Palheta para adquirir mudas e sementes de cafeeiro não inventa a cena dadivosa da esposa do governador de Caiena, para depois cair na tradição e ser contada mais tarde como veridica. Isso, porém, não desiustra ou diminui o relevante serviço prestado por ele ao Brasil, em 1727, quando nos trouxe, através de peripecias interessantes, o embrião da maior riqueza econômica de nossa terra. E sua petição ao rei manifesta certa vaidade ao alegar os trabalhos feitos impelido pelo zelo de ver aumentadas as rendas da coroa portuguesa.

Assim, Francisco de Melo Palheta não se limita a introduzir no Brasil mudas e sementes de café, fez-se tambem lavrador da rubiacea. Figura, nessa época, entre os que mais se dedicaram a essa cultura, o abastado português Agostinho Domingos de Siqueira, grande fazendeiro do sertão banhado pelo rio Guamá.

Em carta datada de 11 de dezembro de 1731, e escrita do Belém do Pará, o governador do Estado do Maranhão, Alexandre de Sousa Freire, quatro anos depois de Palheta haver trazido de Caiena, mudas e sementes de café, diz o seguinte: "Nos sitios circunvizinhos a esta cidade (Belém), e ainda nos quintais dela, vai já havendo muito café, e excelente, o qual tambem é genero novo na terra, de que dentro de um ou dois anos se remeterão arrobas para Portugal, porque as arvores dele de dois, três anos dão logo fruto em quantidade." E nesse mesmo ano, o rei de Portugal isenta de todo e qualquer imposto, por doze anos, o café e a canela ali cultivados.

Em principios do ano seguinte, o Pará envia para Lisboa a primeira remessa de café brasileiro. São apenas sete libras. E vão pela barca "Santa Maria".

A Municipalidade de Belém quereer, a 18 de outubro de 1730, a D. João V que proibisse a entrada em Portugal de café de reinos estrangeiros, para ser favorecida a produção paraense.

A 4 de maio de 1741 o soberano despacha o requerimento. Recomenda providencias para ser aumentada a cultura cafeeira no Pará, para quando houvesse quantidade suficiente a petição ser atendida. E dois anos depois, 12 de junho de 1743, o caso foi resolvido conforme desejo dos vereadores paraenses.

De Belém do Pará saíram mudas e sementes para as capitanias de todo o Estado do Maranhão. Já em 1760 chegavam ao Rio de Janeiro as primeiras sementes da preciosa rubiacea. Plantadas na capital do vice-reino, daí se espalharam pela provincia fluminense. Invadiram logo Minas Gerais, São Paulo, Espirito Santo e Bahia. No Pará foram decaindo as lavouras cafeeiras, enquanto elas passavam a formar a maior riqueza da vasta zona do Brasil compreendida pelo centro. E a terra roxa receberia a onda verde a espraiar-se pelos vales do Mogi-Guassú, do Piracicaba, do Tietê, rumo ao Oeste.

ITINERARIO DO CAFE' EM SAO PAULO

O cafeeiro entra em território paulista à margem da antiga estrada de tropas aberta entre a Côrte e São Paulo. Avança em filas cerradas pelo alto das montanhas, a espiar os vales lá embaixo. Corre pelas cabeceiras das vertentes, pelos declives e lombadas das morrarias, cujos contrafortes se entroncam nas serras da Mantiqueira, do Mar, rente ao da Cariocs, Bocaina, Quebra-Cangalha e Jambeiro, para amortecer nas barrancas do Manducaba, Paraibuna, Paraitinga e do Paraíba. Vira a cavaleiro dos rios, para transpô-los aos saltos. Essa avançada primeira desfalece quando entesta com o espigão divisor das águas do Paraíba com o Tietê, na Serra do Itapeti, entre Jacareí e Mogi das Cruzes. Depois, faz o salto imenso, para atingir o altiplano de Piratininga. Afronta o Jaraguá, para vencer-lhe a barreira. E logo, pelos vales e montes do Jaguari, Atibaia, Camandocaia e Curumbataí, formadores do Piracicaba e do Jundiaí, Capivari, Sorocaba e ribeirões afluentes, a confluir todos para o Tietê, foram os cafezais, em avançada firme e vitoriosa, sertão a dentro. E venceram as cristas das serras do Cuscuseiro, de Itaqueri, Brotas, Botucatu, do Ipanema, para atingir Dois Corregos, Jaú e os campos de Araraquara.

CAMPINAS E O EXPANSIONISMO CAFEEIRO

Campinas permanece o centro irradiante do movimento cafeeiro. Forma-se ali, com os "landlords" da lavoura, a heraldica da agricultura paulista. Ali se estatui, graças ao inteligente empirismo dos fazendeiros, as regras práticas para a escolha e seleção de terras-padrões de cultura cafeeira, com base na vestimenta vegetal nativa. Terras de figueira branca, páu d'alho e jangada brava, de ceboleiro e palmito branco, de cambará de meia-légua e jaborandi, assinalam a qualidade superior dos chãos, porque estes fidalgos da flora não se alteiam em solos pobres. E neles se erguem perobeiras imponentes, jequitibás majestosos, cedros altaneiros.

Bananal perde, aos poucos, o seu prestigio de municipio mais rico da Provincia. Da nobre Campinas, a celula-mater da grande lavoura paulista, parte a arrancada impetuosa, a marcha para Oeste, através das lombadas extensas dos espigões ferteis, a desalojar culturas primárias de algodão e cana de açucar. Atira-se pelas cabeceiras dos afluentes formadores do Piracicaba, e alarga-se, amplia-se e estende-se pelas quebradas e dorsos dos municipios serranos de Amparo, Serra Negra, Socorro e Itatiba. E formam-se então as lavouras de Atibaia e Bragança, abertas nos contrafortes das serras do Cambuí, de Itaberada e Jo Botujuru, donde salta para o vale do Jundiaí pelas bibocas e socavões da do Japi, a contornar-lhe os flancos para alcançar Itu, onde os cafezais vicejaram.

Desenhos de NELSON NOBREGA

O café no lendario brasileiro

Antes de Francisco de Melo Palheta haver introduzido o cafeeiro no Brasil, a preciosa rubiacea era desconhecida na provincia ultramarina portuguesa do Atlantico. Robert Southey em sua "History of Brazil", publicada em 1819, diz, que na Bahia, por volta de 1581, "crescia o café". Disso não há prova, nem documento algum, de autenticidade inconteste, refere-se ao assunto antes de 1727. E por isso, afirmativas tais entram no dominio da lenda.

Já nas lendas politicas sabe-se como o café pôde figurar na bandeira e no escudo de armas do Brasil, depois de 1822. Conta-nos isso, o decreto imperial do Principe Regente, onde ele determina : "Será de ora em diante o Escudo de Armas deste Reino do Brasil, em campo verde uma Esfera Armilar de ouro atravessada por uma Cruz da Ordem de Cristo, sendo circulada a mesma Esfera de dezenove Estrelas de prata em uma orla azul, e firmada a Coroa Real diamantina sobre o Escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas do Café e do Tabaco, como emblemas da sua riqueza comercial, representados na sua propria côr, e ligados na parte inferior pelo laço da Nação. A Bandeira Nacional será composta de um paralelogramo verde, e nele inscrito um quadrilatero romboidal côr de ouro, ficando no centro deste o Escudo das Armas do Brasil". Esse decreto foi feito e assinado a 18 de dezembro de 1822. Muita literatura se tem feito em derredor dessas cores e desses ramos de café e tabaco. Em lugar dos sete castelos e das cinco quinas lusiadas, vulgarmente chamada as "cinco chagas", iam florir plantas da terra. Isso não agradou aos lusofilos da época. Daí o "Hino da Independencia" musicado por D. Pedro I, orquestrado por Marcos Portugal e com letra de Evaristo da Veiga, ter o seu estribilho parodiado. O poeta escrevera:

"Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil
Ou ficar a Patria livre,
ou morrer pelo Brasil!"

Outros versos foram cantados pelos lusofilos. E diziam:

"Cabra gente brasileira,
Descendente de Guiné!
Trocaram as cinco chagas,
Pelo fumo e o café".

No dia 12 de novembro de 1823 o café foi consagrado.

O imperador, generais, oficiais, soldados e povo ornaram-se de ramos de cafeeiro, para o desfile dessa tarde, em que D. Pedro I dissolve a primeira Assembléia imperial, onde pontificavam os primeiros demagogos republicanos. Colocada a tropa defronte da Cadeia Velha, o jovem monarca sobe à sala das sessões e encerra os atabalhoados trabalhos dos deputados. Antonio Carlos ao passar defronte da primeira peça de artilharia, tira o chapéu, sauda-a ironizando: "Respeito muito o seu poder!" E os demagogos da Monarquia dispersaram-se.

Recuam as florestas diante da marcha batida e indomita dos cafeeiros verdejantes. Logo a seguir-lhe os passos, as vias férreas adentram as terras novas. Vilorios surgem na ponta dos trilhos. A Mogiana, a Paulista, a Sorocabana, a Ituana, a Douradense, a Araraquarense, a S. Paulo-Goiás varejam, em todas as direções, em penetração rompante, as terras do café, nos serviço duros dos avançamentos e nos trabalhos asperos dos machadeiros. No soerguer do século atual, a Noroeste do Brasil joga-se Tietê abaixo, até o Avanhandava, rumo ao rio Paraná, para o salto às terras matogrossenses. A ilharga das estações perdidas nas florestas concentra-se o elemento humano, nucleando-se. E dos povoados brotam vilas e florescem hoje cidades formigantes de vida e trabalho.

AS CRISES DO CAFE'

O cafeeiro foi cuidado, por largos anos, pelo braço escravo. Já em 1842 o Senador Vergueiro faz a primeira tentativa de substituir o elemento servil pelo braço livre. Colonisa a sua fazenda Angelica, em Piracicaba, com familias portuguesas. No meado do seculo passado, contrata familias alemãs para a sua fazenda de Ibicaba, e é ele o vanguardeiro do sistema de parcerias agricolas.

Nos derradeiros decenios da Monarquia, a colonização italiana avança para as fazendas paulistas onde assume os encargos do negro cativo. Iniciada por particulares e continuada pelo governo da Provincia, a imigração estrangeira serve de agente modificador da economia cafeeira. Mas o choque da abolição foi um impacto contra a economia nacional: desorganiza o trabalho agricola, estremece as relações entre as casas comissarias e os fazendeiros, produz o colapso econômico de provincias como a do Rio de Janeiro. Em São Paulo, o prejuizo foi reparado com as colheitas dos anos seguintes. Mas vieram geadas posteriormente e a lavoura cafeeira paulista é atingida nos seus alicerces. E os preços baixos contribuiram para as crises profundas e graves de maior fonte de renda da economia brasileira, com os preços vis de 3$000, 4$000 e 5$000 por arroba.

De todas as crises, a mais aguda e de maior extensão, foi a de 1929. Arrastou-se quase vinte anos. E hoje o preço do café, em alta, restituiu a São Paulo o prestigio, o progresso, o esplendor de outrora.

Por volta de 1927, fazendeiro e escritor paulista, cujo pessimismo amargo brigava com sua otima situação econômica, narrava o martirologio da lavoura cafeeira de nosso Estado, para enumerar-lhe as desgraças em serie. Todos os males passados na revista há cerca de trinta anos persistem: institutos, geadas, secas, terras velhas, pragas, salarios altos, falta de braços, juros excessivos, despesas, despesas e despesas a agravar o produto. Previa, com dois anos de antecedencia, o enorme trambolho de 1929. Lavrador de café e escritor, descreve com a cor negra do precioso liquido, o martirio da rubiacea. Diante de tanta perseguição publica e particular, de tantos impostos e taxas, de tanto vilipendio só restará ao café uma unica saida: mudar de terra, emigrando.

Nem tanta literatura, nem tanto pessimismo. A produção do café está dentro dos ciclos econômicos naturais ou contingentes. Não podemos fugir a essas altas e baixas, a essas oscilações decorrentes de fenomenos imprevisiveis e imprevistos.

A defesa do café é necessaria. O meio termo em tudo é prova de prudencia e de equilibrio.

O CAFE' NO FOLCLORE BRASILEIRO

O poeta abolicionista Luiz Gama põe na boca do cozinheiro da tropa esta quadrinha:

"Vamos depressa,
Temos café;
Depois veremos
Quem bate o pé".

Os tropeiros bebiam-no como estimulante. E por isso resistiam mais aos cansaços das compridas marchas.

Na poesia tradicional "As duas irmãs", há duas variantes:

— "Lá vem vindo um cavaleiro,
ó filha, vai ver quem é.
— E' o vosso bom Joãozinho
Que já vem tomar café.

Saiu a filha mais velha
Com sua fala maciosa:
— Joazinho casa comigo,
Que sou a mais carinhosa.

Saiu a filha mais nova
com sua fala maciazinha:
— Joãozinho casa comigo,
Que sou a mais bonitinha.

Minha mãe, nos case logo,
Quando somos raparigas;
O milho plantado tarde
Nunca dá boas espigas".

Neste poemeto há o café, a servir de pretexto para o namoro; as duas irmãs a querer o mesmo noivo, e finalmente a sabedoria popular a dizer velhas verdades.

Dentre as infinitas quadrinhas leiam-se estas:

"Me deram jantar, café
E cigarro. Cigarrei.
Enfiei a mão na algibeira
Tirei dinheiro e paguei".

"Menina dos olhos pretos
Sobrancelha de retroz,
Põe a chaleira no fogo
Pra fazer café pra nós".

"Ouvi tropel de biscoito,
Ouvi xicaras tinir:
Paciencia, companheiros,
Que o café não tarda a vir".

Em linguagem sertaneja, estas duas quadrinhas são festivas:

"Quem tivé fia bonita,
Não mande apanhá café,
Si fô minina, vem moça;
Si fô moça vem muié".

Ou então desejo lirico:

"Eu quizera sê penêra,
Na coiêta do café,
Para andá dipendurado
Nas cadêra das muié"

Nossos folcloristas ainda não se deram ao trabalho de recolher as canções e as modinhas da roça, onde entra o elemento estrangeiro. E a italianinha já figura nesses versos populares. — (T.L.F.)

Pró Brasilia Fiant Eximia

Comemorando a data cívica de 9 de Julho, reafirmamos o firme propósito de bem servir o povo brasileiro, através de nossas indústrias texteis, que continuam acompanhando o dinâmico crescimento da terra de Piratininga.

Procurando sempre produzir os melhores tecidos de rayon e seda natural, justificamos o nosso lema de há 30 anos – Produzir muito a preços econômicos.

INDÚSTRIAS JOSÉ KALIL S. A.

FUNDADA EM 1920

Fiação - Tecelagem - Tinturaria - Estamparia

SÉDE E ESCRITÓRIO CENTRAL
RUA BARÃO DE LADARIO, 271

Fábricas:

São Paulo - Mogi das Cruzes - Mocóca - Marília

Escritórios de Vendas:

MANAUS	— Rua Quintino Bocaiuva, 74
BELEM	— Travessa Padre Eustáquio, 139
FORTALEZA	— Rua Major Facundo, 286 - 3.º and.
S. LUIZ (Maranhão)	— Rua 14 de Julho, 35
RECIFE	— Rua 1.º de Março, 25 - 6.º and.
ARACAJU	— Av. Rio Branco, 146
RIO DE JANEIRO	— Av. Pres. Vargas, 463 A - 13.º and.
BELO HORIZONTE	— Rua Rio de Janeiro, 324 - 1.º and.
CURITIBA	— R. 15 de Novembro, 556 - 9.º and.
PORTO ALEGRE	— Av. Otavio Rocha, 68
PELOTAS	— Rua General Osorio, 723

1920 - 1954

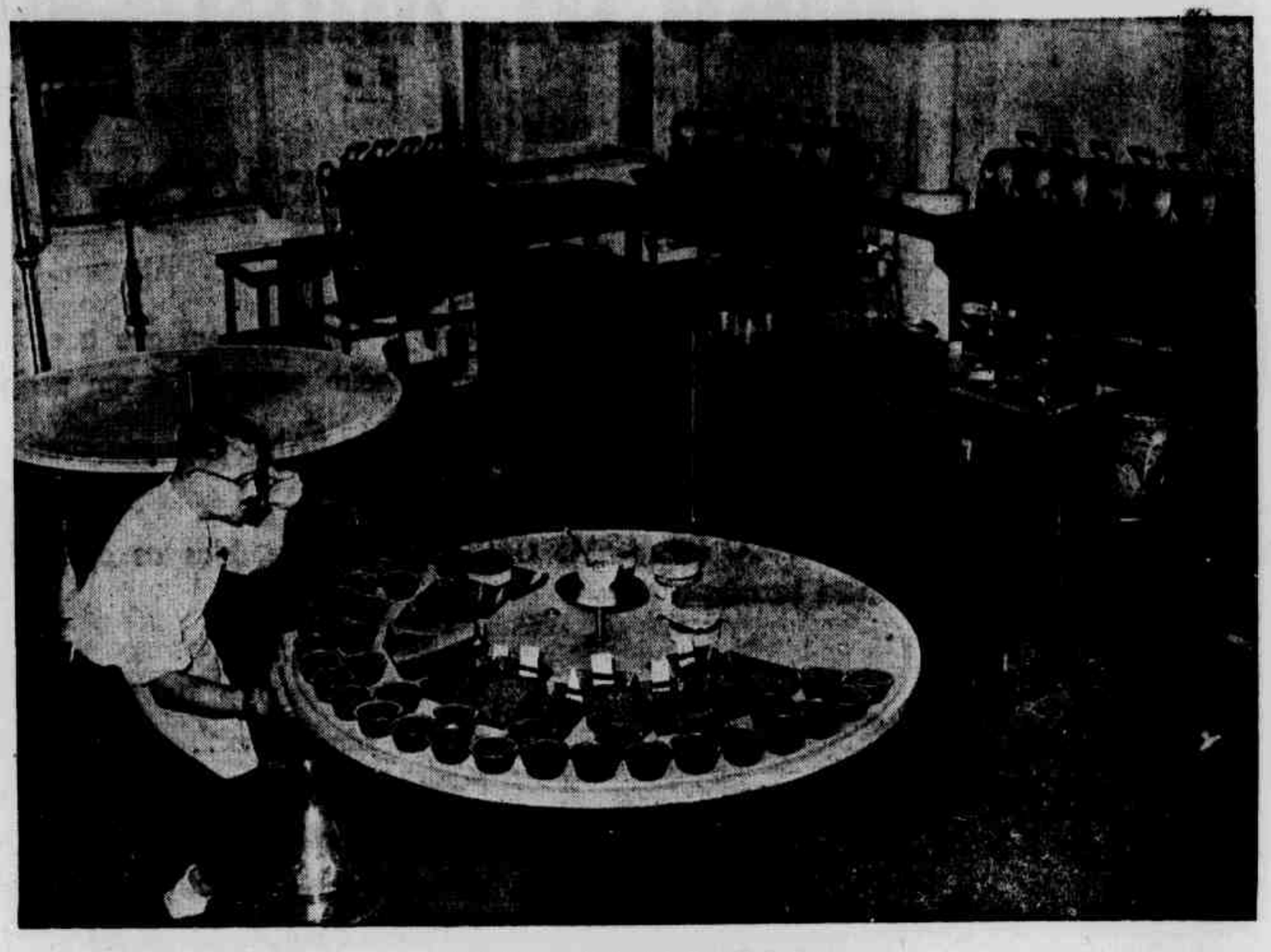
Master

H. LA DOMUS COMISSARIA E EXPORTADORA S/A.

ESTEVE SEMPRE NA VANGUARDA DAS FIRMAS EXPORTADORAS DE SANTOS

GARANTIU A PRIMEIRA POSIÇÃO NOS EMBARQUES CAFEEIROS DA SAFRA QUE SE FINDOU DIA 30

UMA DAS POTENCIAS DO MERCADO DE CAFE' SANTISTA — A HISTORIA DA GRANDE ORGANIZAÇÃO — RESULTADOS CONSEGUIDOS NOS ULTIMOS ANOS



Secção de prova de xicara da firma H. La Domus

A firma H. La Domus & Cia., fundada a oito de dezembro de 1934, firmou-se no mercado exportador santista em face de sua organização eficiente.

O capital na ocasião era de 300 contos. A época era propicia para o comercio cafeeiro. As safras desde 1930, apresentavam índices de produção dos mais elevados, o que movimentava as firmas exportadoras de Santos. Os rumos dos negocios encontraram ambiente propicio para que se desenvolvessem e aos poucos galgassem situação privilegiada no comercio santista.

Os anos se passaram e em 1941, H. La Domus transformou-se em Companhia Limitada, com o capital de 2 mil contos.

Estavamos em plena guerra. Nem por isso se retraiu e seus negocios prosperaram apesar das dificuldades oriundas da situação internacional. Em 1944, quase no fim da luta mundial, aumentou seu capital para 5 mil contos.

Essa elevação, em tão pouco tempo era, sem duvida, fator de progresso.

Em 1947, já consolidada, transformou-se em sociedade anonima, aumentando seu capital de 5 milhões de cruzeiros para 12 milhões, e há dois anos, passados, ou seja, em 1952, elevou-o novamente para 24 milhões, sob a razão de H. La Domus Comissaria e Exportadora Sociedade Anonima.

REVIVENDO FATOS HISTORICOS

O fundador da firma, Haroldo La Domus, há cerca de 40 anos que vive em nosso país, sempre em Santos. Está ligado ao comercio exportador desde que aqui chegou.

Iniciou suas atividades nesse setor na firma Hard Rand, passando, em seguida, para J. Aron & Cia. Ltda., ocupando aí o cargo de gerente, graças à sua perseverança e tino comercial.

Sua ascensão no comercio exportador foi, pode-se dizer, rápida Desta ultima firma passou para Theodor Wille e daí saiu para fundar H. La Domus & Cia.

Sua trajetoria nos meios comerciais santistas foi motivo para angariar um largo circulo de amigos, que, sem duvida, redundaram mais tarde em um fator favoravel de negocios.

Fez-se amigo de todos, conquistando simpatias que muito contribuiram para desenvolver sua atividade.

William Reiner, atual gerente da firma, tambem como Haroldo La Domus, trabalhou na J. Aron & Cia. Ltda., isto em 1931, um ano após ter chegado ao Brasil, tendo, em seguida, se transferido para Theodor Wille, onde se manteve até 1941. Saindo desta ultima, ingressou em La Domus.

William Reiner, é outra figura que sempre esteve ligada ao comercio cafeeiro, onde adquiriu conhecimentos que hoje, postos em pratica, têm a melhor das utilidades para suas atividades.

EXPORTAÇÕES

Suas exportações cresceram à proporção que os anos iam correndo, atingindo hoje índices dos mais elevados.

Os embarques de La Domus foram destinados a todos os mercados do mundo.

Sua posição no mercado cafeeiro santista é das melhores, na atualidade, como o foi no passado, tendo em diversos anos liderado as estatisticas, havendo ocasião em que as exportações foram superiores a um milhão de sacas de café.

Durante o ano cafeeiro, de julho de 1953 a junho de 1954, já havia embarcado 412.456 sacas, encabeçando desta forma a lista dos exportadores de Santos.

A continuidade dos negocios cafeeiros prevêem maiores exportações de La Domus, mantendo-se assim na vanguarda das organizações ligadas aos negocios da rubiácea, na praça de Santos.

Exercendo atividade num porto onde as perspectivas são as melhores, La Domus encontrou meios para que pudesse ampliar seus negocios auxiliando o escoamento de nossas safras cafeeiras, que representam a maior fonte produtora de divisas para o país.

Não só Paranaguá recebeu a atenção de La Domus. O interior do Estado de S. Paulo e do Paraná foi alvo de estudos por parte da firma que, notando a posição que lhe asseguraria manter agentes em varias cidades, não titubeou em pôr em pratica essa medida.

A medida não tem só carater economico. Por outro lado serve para fazer propaganda da firma, que aos poucos ganha novas fontes de aquisição do produto.

No caso do Norte do Paraná, os fatores que motivaram essa medida são positivos. Trata-se de uma região que de ontem para hoje, surgiu como das maiores produtoras de café do país, só sendo ultrapassada por S. Paulo. Assim, os frutos colhidos nos contactos que mantém em varias cidades paranaenses servirão de base para novas realizações no futuro.

O contacto permanente com o produtor é uma medida das mais salutares para o comerciante de café.

Representa um elo entre a produção e a exportação que redunda em beneficio tanto de um, como de outro.

La Domus encontra nessa politica de manter um grande numero de contactos pelo Interior do Paraná e de S. Paulo, base para ampliar seu comércio e, consequentemente, suas exportações para o exterior.

Ganhando terreno nos setores da produção, La Domus tambem vai galgando novos degraus nas estatisticas do comercio exportador.

Isso representa maior solidez economica, maior conceito entre os clientes e maior projeção no exterior.

Essa solidez economica é consequencia dos numeros revelados pela liderança que vem ocupando entre os exportadores santistas e que só servem para garantir os negocios atuais e conseguir novas fontes para que possa enfrentar a concorrencia no café.

DIRETORIA E FUNDADORES

Quando falamos acima na fundação da firma, não mencionamos o nome do sr. Ralpho Araujo Alvim. Foi ele, juntamente com Haroldo La Domus, que provinha de Theodor Wille, que fundou a firma.

Foi um batalhador incansavel, que não mediu esforços para lançar as bases de uma organização que pudesse mais tarde se incorporar no patrimonio tradicional das grandes firmas comissarias do país.

A diretoria atual é a seguinte:

Presidente: Haroldo La Domus.

Gerente: William Reiner.

Secretário: Donald Alexander Kealman.

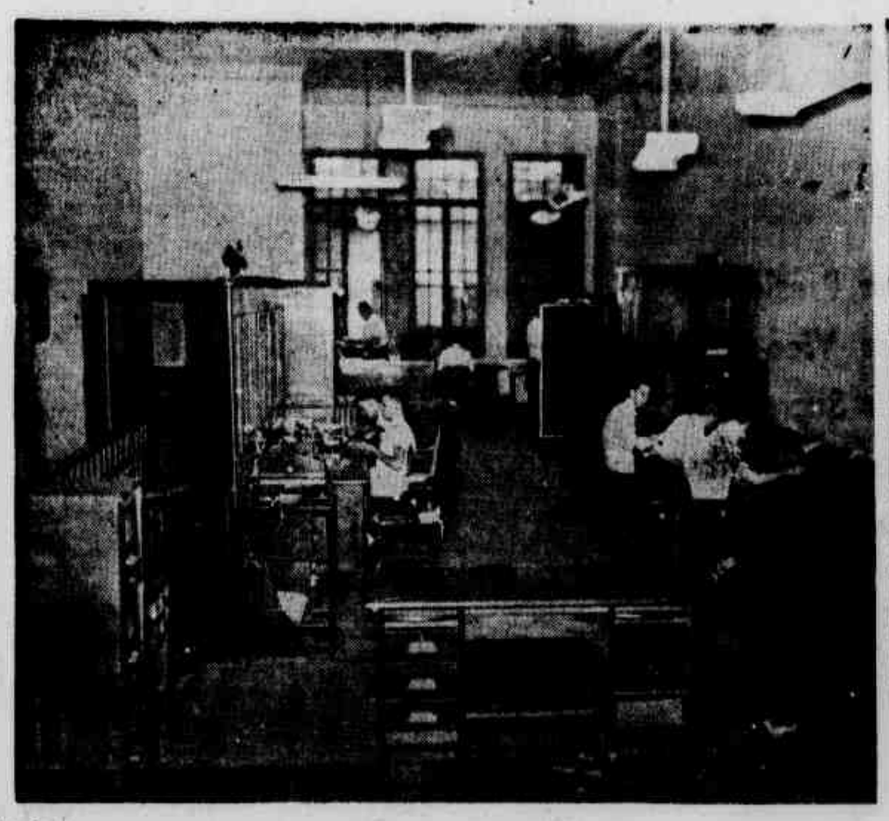
POSIÇAO ESTATISTICA

Segundo os resultados do café despachado pelo porto de Santos, relativos à safra de 1953/54, a firma H. La Domus Comissaria Exportadora S/A ocupou o primeiro lugar. Deve-se frisar que essa safra terminou no dia 30 de junho último. Assim, sua posição é de vanguardeira no mercado cafeeiro.

Por outro lado, deve-se realçar que, somando-se os resultados das safras de 1951/52, 1952/53 e a deste ano, a posição de La Domus é das melhores. Ocupa ela o segundo lugar, com 1.196.373 sacas, com a seguinte distribuição:

1951/52	289.361.
1952/53	494.556
1953/54	412.456

Estes resultados revelam o progresso que a firma vem experimentando, graças à sua segura orientação no sentido de cada vez mais conquistar novos mercados no comércio cafeeiro.



Aspecto do escritório da firma em Santos

Secção de classificação, vendo-se grande numero de amostras

BANCO DE MINAS GERAES S. A.

UMA ADVERTÊNCIA!

GUARDA DINHEIRO EM CASA? – Todos sabem que a economia representa pecúlio, mas o que nem todos sabem é que guardar dinheiro em casa é um perigo!

Deposite, pois, as suas economias no BANCO de sua confiança porque além de garantia terá o rendimento dos juros.

O *BANCO DE MINAS GERAES S. A.* faz tôdas as operações bancárias e recebe depósitos às seguintes taxas:

À Vista Conta de Movimento	**3%**
Conta Limitada	**5%**
Conta Popular	**6%**
Aviso Prévio de 90 dias	**6%**
Aviso Prévio de 120 dias	**6,½%**
A Prazo Fixo de 12 meses ...	**7%**

DEPÓSITOS TAMBÉM COM PAGAMENTO MENSAL DOS JUROS

BANCO DE MINAS GERAES S. A.

Capital	**Cr$**	**50.000.000,00**
Fundo de Reserva	**Cr$**	**50.000.000,00**
Depósitos	**Cr$**	**1.500.000.000,00**

FILIAL EM SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 177
" no Rio de Janeiro: Rua Buenos Aires, 48

DIRETORIA: *Antonio Mourão Guimarães* – Diretor Presidente
Manoel Ferreira Guimarães - Diretor Vice-Presidente
José Oswaldo de Araujo – Diretor Secretário
Francisco de Assis Castro – Diretor Superintendente
Celito Zebral Caldas – Diretor Gerente

1870 — ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS — 1954

CENTRALIZA OS INTERESSES DO MAIOR MERCADO EXPORTADOR DE CAFÉ DO MUNDO

As primeiras diretorias – Organização interna – Objetivos sociais – Patrimônio – Títulos e serviços – Visitas, referências e impressões – Histórico da entidade

Inversamente à distância em que se situam, no tempo, certas datas fazem crescer de magnitude e prestígio do evento que rememoram.

Assinalando a fundação da Associação Comercial de Santos, a de 22 de dezembro de 1870 é indubitavelmente uma delas, avultando e fulgindo mais intensamente à medida que os anos desfilam em marcha inexoravel para formar além, sempre mais além, os séculos e os milênios.

Criada pelo imperativo de dotar o comércio local, já importante para a época, de um órgão que desse unidade, método e ordem aos negócios, disciplinando-os e legitimando-os, e que traduzisse os seus anseios e aspirações e norteasse, com segurança, os destinos do nosso grande produto agricola, — a novel agremiação surgiu amparada por um pugilo de homens de largo descortino e férrea decisão. Como é inevitavel em cometimentos de tal natureza, dias dificeis, de lutas acirradas e amargas decepções, conheceu ela nas etapas sucessivas de sua expansão. Sobrepondo-se, porém, vitoriosamente a tudo e a todos, a Associação Comercial de Santos, onde há mais de oito décadas se vem escrevendo, para São Paulo e para o Brasil, a história magnifica da evolução civilizadora do café, adquiriu, hoje, sem dúvida, o direito de simbolizar a nossa maior riqueza exportavel, como um monumento exponencial legitimamente seu, por ela propria levantado para resguardá-la e defendê-la, e de onde irradia a palavra autorizada de orientação e amparo do mais valioso patrimônio econômico da nacionalidade.

Suas credenciais estão, além do mais, na intransigente honestidade de propósitos, na verticalidade invariável de atitudes, a serviço de uma impecavel dignidade, que lhe imprimiram, ao erguê-la, os seus preclaros fundadores, constituindo, sem solução de continuidade, agora como autôrga, os elementos constitutivos e eternizadores da sua inatacavel estrutura moral de orgão que condensa e centraliza os interêsses do maior mercado exportador de café do mundo.

No entrechoque das paixões, nascem e desaparecem homens e escolas, agigantam-se e amesquinham-se principios e idéias, passam as idades e passam as gerações. Mas, como farol poderoso em torre sobranceira, iluminando, vigilante, as rotas, e dominando, sereno, as borrascas, há-de a veneranda instituição viver e subsistir, impavidamente, através todos os abalos e convulsões, porque suas bases assentam na rocha viva dessa imperiosa determinação que leva o espírito humano a cultuar e perpetuar as nobres e ilustres tradições da raça.

FUNDAÇÃO E LEGISLAÇÃO

A organização, em Santos, de uma "Praça do Comércio", que coordenasse e defendesse os interêsses do nosso já então importante mercado de exportação de café, e pugnasse pela maior expansão do seu intercâmbio com as demais praças do país e do estrangeiro, começou a impor-se, inadiavel e irrevogavelmente, há 84 anos, tanto assim que, lançada a idéia, o acolhimento que lhe dispensaram desde logo as mais prestigiosas firmas cafeeiras e outras na época existente, não permitia dúvida sobre sua próxima e vitoriosa conversão em realidade.

Efetivamente, a 22 de dezembro de 1870, fundava-se a Associação Comercial de Santos, sendo indicada uma Diretoria provisória para administrá-la, composta dos srs. Nicolau Vergueiro, Dr. Ignácio Walace da Gama Cochrane, William F. Wright, Gustavo Backeuser, C. Wagner e J. Azurem Costa.

Entrando imediatamente em ação, este pugilo de homens de vontade e espírito progressista, não deu tréguas ao trabalho que se impusera de assentar as bases da novel e magna organização enquanto não a viu praticamente triunfante, apesar dos tropeços e decepções que geralmente pontilham a marcha de iniciativas dessa natureza. Coroados assim tanto labor e esforço de brilhante êxito, formada a união de todos os negociantes interessados em torno do nascente sodalício da classe, Rs80:000$000 foram então subscritos para o fundo social.

A seguir, por decreto imperial, que recebeu o No. 4.738 e a data de 7 de Junho de 1871, foram aprovados os Estatutos da Associação e esta autorizada a funcionar. A lei orgânica assim sancionada foi averbada na Alfândega local, registrada no Tribunal do Comercio do Rio de Janeiro e publicada no "Diario Oficial do Império do Brasil", de 29 de março de 1874.

O DECRETO NO. 4.738, DE 7 DE JUNHO DE 1871

Eis, na integra, o decreto supra

"A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, atendendo ao requerimento da Associação Comercial de Santos, devidamente representada e de conformidade com a Resolução Imperial de 10 do mez passado, tomada sôbre o parecer da Seção dos Negócios do Império do Conselho de Estado, exarado em consulta de 31 de março ultimo: Há por bem conceder-lhe a necessária autorização para funcionar e aprovar os respectivos estatutos, que com este baixam.

Teodoro Machado Fereira Pereira da Silva, do Conselho do mesmo Augusto Senhor, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro, em sete de Junho de mil oitocentos e setenta e um quinquagésimo da Independência e do Império.

Princeza Imperial Regente
Teodoro Machado Freire Pereira da Silva"

Visconde de Vergueiro, fundador e primeiro presidente da Associação Comercial de Santos.

DISPOSIÇÕES ESTATUTARIAS

Os estatutos então aprovaitados, nos parágrafos 4, 5 e 6 de seu art. 5o. já davam como fins da Associação, entre outros:

criar um fundo destinado a erguer o edificio da Praça do Comercio, adquirir os respectivos móveis e uma livraria comercial;

fundar um Montepio Comercial, em benefício dos próprios membros da Associação;

conciliar, pacificamente, por meio de Juizo Arbitral, os dissidios verificados entre seus sócios, em matéria comercial.

DIRETORIA DEFINITIVA, FUNDADORES E CONTRIBUIÇOES

Terminada a fase preparatória, a Diretoria interina resolveu fosse oficialmente instalada a Associação e eleita a Diretoria definitiva. A respectiva Assembléia Geral foi convocada para o dia 17 de setembro de 1874, no prédio da rua da Praia (hoje rua Tuiuti) no. 38. Presidiu a Meza o tenente-coronel Theodoro de Menezes Forjaz, secretariada pelos Srs. Luís José dos Santos Dias e Bento Thomaz Vianna.

Os diretores então eleitos foram os srs. Visconde de Vergueiro, presidente; Barão de Embaré, Vice-Presidente; Ignácio Wallace da Gama Chocrane, secretário; José Azurem Costa, tesoureiro; diretores; Henri Leubá, C. Wagner, José Ricardo Wright, Rodolpho Wursten e José Antonio Teixeira.

Na época da instalação estavam inscritos 106 sócios, considerados fundadores e que subscreveram a seguinte:

"Tabela das contribuições dos negociantes que fazem parte da Associação Comercial de Santos (incorporada, a seguir, aos estatutos):

1o. O comissário de gêneros da Provincia contribuirá com dois réis por cada arroba de café, algodão e outro qualquer gênero que receber a consignação, e com igual importância contribuirá o exportador;

2o. O importador contribuirá com um décimo por % do valor que importar do Estrangeiro e dos portos do Império, segundo a avaliação da Alfândega, exclusive o dos gêneros em trânsito;

3o. As casas bancárias contribuirão anualmente com quantia não inferior a duzentos mil réis;

4o. Os capitalistas, proprietários em geral, etc., que não concorrerem por outro título, contribuirão anualmente com quantia não inferior a cem mil réis.

ADMINISTRAÇÃO SOCIAL

A principio, a Associação Comercial de Santos era dirigida e administrada por nove diretores, eleitos de dois em dois anos pela assembléia geral; destes nove diretores, tres seriam brasileiros e seis estrangeiros, sem distinção de nacionalidade; a escolha do presidente recairia em cidadão brasileiro. Em Fevereiro de 1876 resolveu-se que, dos seis diretores estrangeiros, cinco seriam escolhidos, indistintamente, entre os importadores, e os exportadores ficando limitado a dois o numero de u'a mesma nacionalidade. Pelos estatutos de 2 de Março de 1904 a Diretoria ficou composta de dez membros, cinco dos quais, pelo menos, brasileiros, inclusive o presidente. Os estatutos de 14 de Maio de 1912 conservaram a mesma direção, com idêntico periodo bienal.

Considerando a necessidade de reorganizar-se, ainda uma vês, a lei orgânica da Associação, nomeou a respectiva Diretoria, por ato de 9 de outubro de 1940, uma comissão composta dos srs. João Moreira Salles, Rodrigo Pires do Rio Filho, João Pacheco Fernandes, Roberto de Nioac, Mario Botti, Guilherme Martinelli e Ismael Alberto Souza, a qual, com a assistencia do consultor juridico, Dr. Marcelio Ulysses Rodrigues, ficou incombida de redigir o projeto dos novos estatutos. Essa Comissão, sob a presidência do Sr. João Moreira Salles, designou, para coordenar os elementos necessarios ao estudo da matéria, os Srs. Rodrigo Pires do Rio Filho e João Pacheco Fernandes, tendo este último como relator, elaborado o respectivo projeto, que, aceito pela Comissão e pela Diretoria da Associação, foi, afinal, convertido em lei pelas assembléias gerais extraordinárias realizadas nos dias 2 e 3 de Dezembro de 1940.

ATUAL ORGANIZAÇAO INTERNA

Segundo os novos estatutos a organização interna da Associação passou a ser constituida pelos seis Departamentos seguintes:

a) Departamento dos Exportadores de Café.
b) Departamento dos Comissários de Café.
c) Departamento dos Armazens Gerais
d) Departamento dos Bancos
e) Departamento dos Importadores
f) Departamento de Navegação

Os Departamentos, embora não tenham personalidade jurídica nem economia própria, são autônomos para efeito de estudar e encaminhar a solução dos assuntos que, por sua natureza, estejam compreendidos em sua alçada privativa. Quando, porém, a matéria sujeita a exame envolver interesse de qualquer das outras classes representadas na Associação a solução que tiver de ser adotada deverá ser submetida à Diretoria desta última, para decisão final. Os sócios contribuintes são classificados e inscritos nos Departamentos em acôrdo com a espécie de atividade a que se dedicam, sendo permitida a inscrição de um mesmo sócio em dois ou mais Departamentos, desde que realize, em proporções apreciáveis, negocios e operações que caracterizem a pluralidade de classificação.

A Associação é administrada, bienalmente, por uma Diretoria composta de 15 membros, dos quais seis diretores natos, que são os presidentes dos Departamentos, e nove eleitos pela assembléia geral, não sendo permitida, nesta categoria, a eleição de mais de quatro elementos de u'a mesma classe. Dez, pelo menos, dos quinze diretores devem ser brasileiros natos, sendo privativo, também, de brasileiro nato, o cargo de presidente. Nas Diretorias dos Departamentos, dois devem ser brasileiros natos, quando constituidas de tres membros e tres, quando se compuzerem de cinco membros. Contam este último número as Diretorias dos Departamentos dos Exportadores de Café, dos Comissários de Café e dos Armazens Gerais, e são compostas de tres membros as dos Departamentos dos Bancos, dos Importadores e de Navegação.

OBJETIVOS DA ASSOCIAÇÃO

A Associação Comercial de Santos, agremiando negociantes, emprêsas e estabelecimentos comerciais da nossa praça ou de outras que com ela mantenham relações de negócio, tem por fim:

a — representar o comércio perante os poderes competentes, advogando seus interêsses e encaminhando suas justas reclamações;

b — contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o desenvolvimento do comércio, da lavoura e da industria mantendo-se com esse objetivo, em permanente contáto com os poderes publicos e entidades para-estatais, aos quais proporá ou sugirirá medidas tendentes a estimular a produção e a circulação da riqueza, e providências destinadas a eliminar dificuldades que se apresentam através do livre jogo dos fatores econômicos ou da aplicação das leis ou regulamentos;

c — reunir informações de carater comercial, econômico e financeiro, mantendo na medida de suas possibilidades, publicação que contenha a maior copia possivel de tais dados e de elementos estatisticos, bem como biblioteca, que proporcione aos sócios a leitura de livros, revistas e jornais de interêsse para sua boa orientação nos negócios

d — colligir e ordenar os usos e costumes da praça de Santos e promover o seu reconhecimento de acordo com a lei;

e — estudar e promover a realização de convenções coletivas de trabalho e outras admitidas pelas leis do país;

f — fornecer pareceres juridicos e prestar aos seus associados, gratuitamente assistência judiciária nas questões trabalhistas e fiscais;

g — conciliar, por meio de Comissão Arbitral, as questões que se suscitarem entre seus sócios ou entre qualquer deles e pessoas estranhas, desde que uma das partes o solicite e ambas se comprometam expressamente, a sujeitar-se à decisão que for proferida

h — apurar, diariamente, o movimento de vendas de café na praça de Santos, estabelecendo e divulgando a base dos preços, de acôrdo com os tipos padrões;

i — instituir e manter, na medida de suas possibilidades, outros serviços, além dos enumerados, que possam concorrer para melhor e mais eficiente desempenho de sua finalidade.

PATRIMONIO

A Associação Comercial de Santos funciona em predio próprio, construido, por assim dizer, sobre os alicerces do primitivo, que, aliás, em 1908, fôra convenientemente reformado. O atual edificio foi concluido em 1924, sendo a seguinte a Diretoria que, no dizer de uma crônica da época, "cumulou o trabalho de décadas de anos, entregando ao uso da praça o sóbrio e majestoso edificio da nova séde: Presidente, Dr. José Martiniano Rodrigues Alves; vice-presidente, Roberto de Nioac; 1° Secretário, Alberto Baccarat; 2° secretário, Oscar Leite Ribeiro de Faria; tesoureiro, Benjamim de Mendonça; diretores: Fred H. Fairchild, Otto Uebele, Dr Jovino de Fariz, Achile F. Israel e Francisco Bento de Carvalho.

Esse edificio, calculado ainda ao preço de sua construção, ha cerca de trinta anos, o mobiliário que o guarnece e respectivos utensilios, além dos depósitos de dinheiro nos bancos e produto de rendas eventuais, constituem o patrimonio da Associação, avaliado em novembro último no montante de Cr$ 4.685.624,30

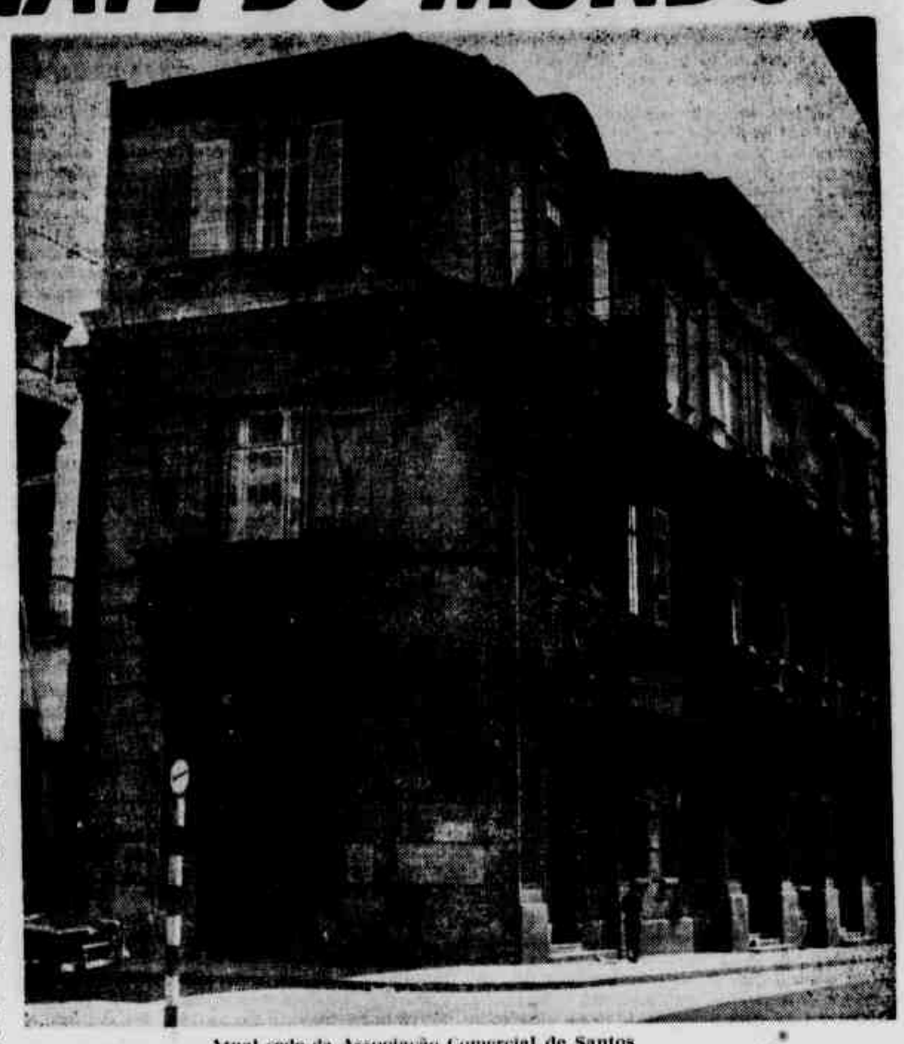
TITULOS E SERVICOS DA ASSOCIAÇAO

Inumerável série de relevantes serviços em pról dos altos e legitimos interêsses da praça de Santos figuram a crédito da Associação nos oitenta e quatro anos de sua fecunda existência. Dar ampla divulgação a todos seria tarefa para volumes e exigiria estudo cuidadoso e prolongado de seus arquivos, o que escapa ao programa que nos traçamos dentro do presente histórico. Vamos limitar-nos pois a enumerar alguns desses serviços, em ligeira súmula, mas, que, mesmo assim, dizem eloquentemente da meritória e eficiente ação do Instituto que congrega em seu seio as forças vivas e propulsoras da maior riqueza exportavel de São Paulo e do Brasil.

Eis o aludido resumo, a que juntamos os titulos que recomendam a Associação à consideração Pública e a prestigiam junto às classes conservadoras do país:

1) Foi fundada em 1870, sendo, atualmente, a mais antiga associação de classe do Estado de S. Paulo e uma das mais antigas do Brasil;
2) E' declarada de utilidade pública pelo Governo Federal, de conformidade com o decreto No. 3.348, de 3 de outubro de 1917;
3) E' reconhecida pelo Governo do Estado como instituição representativa dos interêsses gerais da praça de Santos, pelas leis nos. 1.416, de 14 de julho de 1914, art. 17 e 2.201 de 10 de outubro de 1927, art. 1o.;
4) Indica o representante da praça na Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café;
5) Fixa, diariamente, de acordo com sua comissão de "base", as cotações de Café pelas quais se orientam todos os mercados interessados;
6) Indica os juizes que compõem o corpo de árbitros da Bolsa Oficial de Café e Mercadorias de Santos (decreto estadual no. 6.343, de 9 de Março de 1934, art. 85);
7) Fornece certificados de origem e de conferência de produtos brasileiros, para aplicação dos nossos tratados internacionais na base de nação mais favorecida;
8) Resolve, em definitivo, por seu Juizo Arbitral, as dúvidas surgidas na liquidação dos negócios de "entregas diretas" (decreto estadual no. 10.993 de 15 de março de 1940)
9) Concede aos seus associados o privilégio de poderem operar na Bolsa Oficial de Café e Mercadorias de Santos (decreto estadual no. 6.345 de 9 de março de 1934, art. 5o.);
10) Promoveu a criação do Instituto de Café do Estado de São Paulo
11) Por aclamação popular, em 1891, assumiu o governo que administrou a cidade de Santos, de 18 a 30 de dezembro, quando foi dissolta a Intendência Municipal, por ocasião dos conflitos ocorridos na época;
12) Promoveu, em reunião do comércio, da vereança e do público em geral, no ano de 1893, providências eficazes para impedir o desenvolvimento da epidemia de febre amarela, que tanto mal estava causando, notadamente à população estrangeira — providências essas que tiveram incondicional apoio do governo estadual de então.

(CONTINUA)



Atual sede da Associação Comercial de Santos

Geraldo de Melo Peixoto, atual presidente da Associação Comercial de Santos

Dois aspectos internos da Associação Comercial de Santos, vendo-se à esquerda o auditório e à direita a biblioteca

FAZENDA DE CAFÉ EM S. PAULO

(CONCLUSÃO DA 1.a PAG. DESTE CAD.)

AS CONSTRUÇÕES DA FAZENDA

A "CASA DO FAZENDEIRO", chamada "sede" da "fazenda", é um predio geralmente construido de alvenaria (tijolos e telhas), havendo, contudo, largo emprego da madeira, como material acessorio. Além do vigamento do telhado, emprega-se a madeira de lei na forma de esteios, pilares, assoalhos, gradis, venezianas, esquadrias, caixilhos etc. Não raras vezes, toda ou grande parte da madeira empregada na construção é extraida das proprias matas da propriedade. Alguns alqueires de mato, além de protegerem as cabeceiras dos pequenos cursos d'agua que atravessam a "fazenda", constituem uma reserva preciosa de madeira, o que facilita as construções de benfeitorias, tais como currais, estábulos, cocheiras, paióis, esterqueiras etc.

Predominam nas regiões cafeeiras mais tradicionais os predios de dois pavimentos. Os predios são, em geral, sobradões amplos, de construção sólida, mas sem requintes de acabamento. O pavimento terreo é destinado ao escritorio, ao depósito, e outros serviços, e o superior à habitação propriamente dita, que se compõe de três a quatro dormitorios, ampla sala-de-jantar, cozinha, despensa e banheiro. Os terraços (varandas) construidos de madeira e com escada para fora, completam as dependencias da sede. As casas são geralmente confortaveis, assoalhadas, forradas, possuindo instalações sanitarias, agua encanada, luz elétrica, radio etc.

A agua para o consumo da "sede" provem de nascentes próximas, sendo captada e canalizada. Quando não, o poço supre a ausencia da nascente. A luz elétrica quando não ligada à rêde de alguma usina hidrelétrica, é gerada na propria fazenda, por meio de roda d'agua, de turbina ou de motor a gasolina ou oleo. Tambem se empregam baterias que são carregadas, periodicamente, nas vilas ou cidades próximas.

A sede é localizada quase sempre um pouco afastada da colonia. Próxima a ela se acha a residencia do "administrador", uma construção menor e mais modesta do que a "casa do fazendeiro", embora seja bem superior à "casa do colono".

As residencias dos colonos são, em geral, agrupadas a pouca distancia da sede. Quando esta fica longe do cafezal, a "colonia" é localizada mais próxima da lavoura. Quinze a vinte casas é o número mais ou menos frequente de residencias para os colonos. A este conjunto de residencias dá-se o nome de "colonia". A "colonia" é um dos traços caracteristicos das fazendas de café em São Paulo. E' ela um grupamento de casas alinhadas, em blocos de duas ou três residencias geminadas, tendo à frente um vasto terreno de chão batido e, nos fundos, quintais, ora individuais, fechados com cercas de taquara ou lenha, e, outras vezes, coletivos, sem qualquer separação.

Cada residencia possui dois a três cômodos, algumas quatro, estas para as familias mais numerosas. Não possuem forro e o chão é "atijolado" ou de "terra batida". São, entretanto, rebocadas por dentro e por fora e frequentemente são "caiadas", o que imprime um aspecto pitoresco às construções.

O "TERREIRO" E OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

A construção mais tipica da "fazenda de café" é o "terreiro". Trata-se duma dependencia absolutamente indispensavel, porque o café, mesmo quando vendido em "côco", deve ser submetido à secagem. O "terreiro" é pavimentado de tijolos ou de cimento, ou ainda asfaltado. Quando a pavimentação é feita de tijolos, há o cuidado de serem eles muito bem assentados e suas juntas tomadas com cimento, não podendo haver frestas, por onde passe a umidade. A superficie do piso deve ser bem lisa e ligeiramente inclinada, de forma a permitir o escoamento natural das aguas das chuvas.

Quando há qualquer depressão motivada pelos acidentes do terreno, há captação das aguas por meio de ralos. O terreiro é cercado por gradis de madeira, que se sustentam em pilares de alvenaria. Num dos cantos do "terreiro" em sua parte mais elevada, há o "lavador de café". Do "lavador" começam as canaletas, que conduzem o café através do terreiro. Há terreiros de varios tamanhos, pois são construidos tendo em conta a quantidade de café produzido na fazenda.

Na "fazenda de café", além do emprego dos instrumentos comuns — a enxada e o enxadão — são largamente empregados alguns instrumentos tipicos. Para carpir o café (arrancar o mato que cresce ao derredor dos pés) é usada a enxada comum. As covas para o plantio são abertas com o "enxadão". A colheita se faz a mão, pelo sistema de derriçamento ("derriça", como chama o lavrador), que consiste em pôr a mão fechada em volta dos galhos e puxar até que todos os frutos caiam no chão. Para operar nos galhos altos é usada uma escada tosca, feita de paus roliços. Para "abanar" o café, isto é, fazer a separação das folhas e detritos, usa-se a peneira comum.

Mas, é na secagem do café no terreiro que vamos encontrar algum instrumentar tipico, como o "rôdo", a "pá" e a "vaca". São construidos de madeira, consistindo o primeiro numa peça horizontal com cabo, semelhante à que se usa para limpeza domiciliar. Há um simples e outro com arcos, ambos servindo para "enleirar" o café no terreiro. A "pá" é empregada para amontoar o café ou para recolher o café que vem do lavador, pelas canaletas.

A "vaca" tem uma forma triangular, com oitenta centimetros de cada lado. O lado que fica no chão tem um reforço de ferro, a fim de evitar o rápido desgaste com o atrito. Nos lados saem duas cordas e no vértice superior um cabo. Ela é operada por três homens, sendo que um empurra e dois puxam.

O café, depois de esparramado no terreiro, é ajuntado em montes, e quando chove ou ao cair da noite, é coberto com "encerados" (lonas impermeaveis). No dia seguinte, ou quando passa a chuva, não estando o café ainda seco, procede-se à nova esparramação, num "meximento" constante. E' o momento de ser usada a "vaca", pois este instrumento facilita consideravelmente o trabalho, porque remove, numa puxada, consideravel quantidade de fruto.

Muitas fazendas, principalmente aquelas cuja produção se eleva a milhares de sacos, possuem a sua propria máquina de beneficiar, aliás hoje muito moderna e com alto rendimento, capaz de fornecer magnifico produto. As pequenas fazendas, entretanto, não a possuem. Os fazendeiros, que não contam com ela, vendem o café em "côco".

Quando o café atinge o grau de secagem considerado bom, ele é recolhido às tulhas, que são compartimentos reservados especialmente à sua guarda. A ciencia do bom café está em grande parte na arte da secagem. Não é facil saber quando o café "pegou o ponto", isto é, quando está em condições de ir para a tulha, isso porque não pode estar muito úmido, mas não deve ficar completamente ressecado. O pessoal que trabalha no terreiro deve ser mais especializado e trabalhar sob a orientação e assistencia do administrador. Há até mesmo o chamado "mestre terreiro", autoridade em saber quando o café "pega o ponto". O bom ponto se conhece pela cor e cortando-se os grãos com um canivete bem afiado. O café, quando ainda não está no ponto, úmido em demasia, é escuro, meio cor de chumbo.

O IMIGRANTE NA FAZENDA DE CAFÉ

A aculturação de imigrantes na fazenda de café se vem processando desde 1888, época em que os primeiros contingentes, constituidos principalmente de italianos, se deram ao trabalho de plantar as primitivas lavouras. De um total de 132.070 imigrantes de varias nacionalidades entrados naquele ano, 104.353 eram italianos, que vinham substituir o braço escravo. A imigração foi para o Brasil, mais do que para o proprio imigrante, um imperativo de subsistencia.

Nos anos subsequentes, o afluxo de italianos não cessou, mantendo-se em altos e baixos, sendo que em 1891 o número de peninsulares entrados superou o de 1888. De 1884 a 1949 ingressaram no país 1.428.082 italianos, dos quais grande parte se fixou no Estado de São Paulo, em cujo meio rural têm contribuido para o desenvolvimento das nossas atividades agropecuarias. A distribuição das diferentes nacionalidades dos imigrantes, segundo os municipios paulistas, apresenta maior concentração na zona tributaria da Cia. Paulista de Estrada de Ferro e E. F. Araraquara.

Embora a Primeira Guerra Mundial houvesse determinado sensivel redução nos contingentes imigratorios, pode afirmar-se que foi nos últimos anos, sobretudo depois da eclosão da Segunda, que as estatisticas revelaram a tendencia descendente da curva da imigração.

Como as atividades econômicas de São Paulo vêm exigindo o concurso de novos braços, e em razão da exigua afluencia de imigrantes italianos e espanhóis, houve, é certo, um fator positivo de atração de nacionais de outras unidades federais em direção das fazendas paulistas. Acresce ainda notar, a maior facilidade de transporte interno, rodoviario e ferroviario, o que proporcionou ao nordestino meios de mais facil transferencia para São Paulo.

Assim, a lavoura se tem servido nos últimos dez anos, em larga escala, do braço nacional proveniente do nordeste onde as condições de vida, por motivos mesológicos são até agora pouco atraentes.

Os contatos que, paulatinamente, se têm estabelecido entre o imigrante e o "cabocio" paulista são, ao que tudo indica, proveitosos e não denotaram até agora qualquer manifesto, conflito ou choque violento entre as etnias. Tem havido um processo lento de aculturação, tendo sido introduzidos alguns marcantes traços culturais que hoje participam da nossa realidade social. Mas, a redução da imigração estrangeira de um lado, e o incremento do ingresso de elementos nordestinos, de outro, são fatores ponderaveis de modificação do procedimento de aculturação.

A substituição do braço escravo pelo imigrante trouxe profundas alterações na realidade econômico-social do país. No tocante ao café, a participação do italiano e do espanhol assinalou um estagio de desenvolvimento da lavoura, ampliação das areas cultivadas com a rubiacea e melhoria da técnica de produção.

Por volta de 1925, já recuperada em grande parte a vitalidade econômica mundial, abalada pela Guerra de 1914, o café atingiu preços altos ainda não alcançados desde o inicio da sua produção no país. Rendimentos ainda elevados, pois, as lavouras se erguiam no chão úmido e fertil das matas recem-derrubadas, aliados ao incremento da produção e aos preços compensadores, proporcionaram à economia de São Paulo a disponibilidade de capitais que se destinaram a outras atividades. O processo de industrialização, que na época se encetava, concorreu para expandir o surto de progresso econômico que o café havia proporcionado.

A imprevidencia, a restrita aceitação da técnica agricola que progredia, a ausencia de qualquer plano diretor traçado pelo governo concorreram para o desmoronamento quase total da lavoura de café, logo que a crise de 1929 se fez sentir, arrastando uma caudal de funestas consequencias. Os cafezais, antes florescentes, foram muitos deles abandonados, e outros cortados. O abandono foi tão serio pela sua persistencia e duração que, em 1942, portanto já bem longe da crise, havia em São Paulo dezessete milhões de cafeeiros abandonados, não se levando em conta outros milhões que foram arrancados. As fazendas hipotecadas e os "fazendeiros", batidos pelo desanimo e oprimidos por dividas, renunciaram à cafeicultura. Durante algum tempo, o espetáculo foi realmente desolador.

Graças, porém, aos reflexos da economia mundial, ampliação de mercados e intensificação das trocas internacionais, pagaram-se preços mais vantajosos e o estimulo se manifestou numa emulação contagiosa, conduzindo à restauração dos cafezais e, em última análise, à recuperação da lavoura cafeeira.

No momento, vivemos dias auspiciosos para a lavoura de café. Aliás, seremos decepcionados se não soubermos aproveitar os ensinamentos do passado. E' preciso considerar a economia nacional como peça do complexo mecanismo da economia mundial e nunca como um processo à parte, determinado por causas proprias.

O consumo do café, tanto interno como externo, está longe de atingir o ponto de saturação. Muito pelo contrario, povos inteiros não introduziram ainda a rubiacea nos seus hábitos alimentares. Levando-se em conta as magnificas propriedades que possui é uma bebida que pode e deve ter o seu uso generalizado. Considere-se que o Brasil ocupa posição de relevo na produção mundial, e, pelos recursos de que dispõe em relação aos seus concorrentes, pode ser [illegible] muitos anos ainda, a principal fonte supridora do mercado internacional.

CENTRALIZA OS INTERESSES

CONCLUSÃO DA PAG. ANT.

presidido pelo Dr. Bernardino de Campos;

13) Pugnou insistentemente pela modernização do aparelhamento do nosso porto, desde antes do advento da República, até que viu a hercúlea tarefa entregue à Cia Docas;

14) Colaborou eficazmente com as autoridades na solução das gréves dos operários do cais, verificadas nos primeiros tempos do regime republicano, pondo sempre em evidência o seu reto espírito de harmonia e de justiça;

15) Realizou a unidade de ação e diretrizes do alto comércio da praça, reunindo em seu seio, em 1940, como Departamentos, as forças representativas das várias modalidades do comércio cafeeiro, que estavam distribuidas em outras tantas associações, e criando também em Departamentos, representações de outras importantes atividades, como as dos Bancos, Importadores e Navegação;

16) Possui um serviço especial de estatistica de café, que é fornecido à alta administração estadual e federal;

17) Realizou a codificação, para registro na Junta Comercial do Estado, dos Usos e Costumes da Praça de Santos;

18) Por intermédio de um corpo de árbitros, soluciona todas as questões que possam surgir em torno do cumprimento de contratos entre seus associados;

19) Promoveu a criação e inauguração da Bolsa Oficial de Café e Mercadorias de Santos

20) Organizou, em 1920, o Montepio Comercial de Santos;

21) Mantem uma comissão para exame da sacaria destinada aos produtos de exportação, não sendo permitidas transações com sacaria que não tenha sido aprovada por essa comissão;

22) Mantem um serviço informativo e de assistência juridic a seus associados, proficientemente dirigido pelo Dr. José Américo de Souza, com o concurso dos competentes advogados drs. Olavo de Paula Borges e Mário de Paula Nascente;

23) Mantem uma biblioteca e um salão de leitura, com uma coleção completa das leis e "Diários Oficias", da União e do Estado;

24) Tem colaborado, lealmente, desde sua fundação, com os governos da União, do Estado e do Município, na solução dos mais importantes problemas ligados à economia nacional;

25) Patrocina publicação, com caráter de órgão oficial seu, contento secções de interêsse para a praça e estatísticas gerais de café;

26) E' reconhecida como colaboradora do Poder Público, de acôrdo com o decreto federal no. 7.770, de 2 de Setembro de 1941, o qual, "considerando as razões de utilidade pública que prevalecem em favor da Associação Comercial de Santos, por motivo de seu longo e tradicional propósito de colaboração com o Poder Público na solução das questões econômicas e sociais, tendentes a estimular a produção e a circulação da riqueza", acrescenta no seu artigo único: "E' concedida à Associação Comercial de Santos, associação civil, com séde na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, a prerrogativa da alinea "e", do decreto-lei no. 1.402, de 5 de julho de 1939, para o fim de colaborar com o governo, como orgão técnico e consultivo, no estudo e solução dos problemas que se relacionem com os interêsses econômicos e profissionais por ela defendidos e coordenados".

MONTEPIO COMERCIAL

Dentre as vitoriosas e relevantes realizações da ASSOCIAÇÃO COMERCIAL de SANTOS, supra enumeradas, merece especial destaque o MONTEPIO COMERCIAL, criado a 15 de Fevereiro e instalado a 6 de março de 1929, com os seguintes objetivos, que por si sós dizem eloquentemente do valor que êle tem para quantos, seus associados, empregam sua atividade em nossa praça:

a) Proporcionar um pecúlio à familia do associado que falecer;

b) conceder um auxilio em dinheiro para as despesas de funeral.

O primeiro Conselho Administrativo do MONTEPIO COMERCIAL foi composto pelos srs.: dr. Alberto Cintra, presidente; Alcebiades de Oliveira, 1o. secretário; Ettore Golzi, David Medeiros, Armando de Almeida Alcântara, Harold Murray, João Teixeira, Francisco Lourenço Junior e Carlos Ferraz Costa.

Os membros do Conselho exercem seus cargos "pro honore" e são eleitos por biênios. As contribuições são representadas por um dia de ordenado, até o máximo de Cr$6.000,000 mensais.

O atual conselho é constituido dos srs.: Eduardo de Andrade Figueiras, 1o. secretário; João Francisco Fleury da Silveira, 2o. secretário; Eduardo Salim Haddad, Francisco de Barros Mello, Florival Barletta, Lauro João Costa, Adelson Nogueira Barreto, Domingos Telles Filho e Sócrates Araújo de Menezes. As reuniões mensais são presididas pelo presidente da Associação Comercial ou por seu substituto legal.

O movimento financeiro do MONTEPIO COMERCIAL, desde 15 de Fevereiro de 1929 (data de sua fundação até 30 de abril de 1954 corrente, é representado pelos seguintes algarismos:

RECEITA

		Cr$
Patrimonio criado pela Associação Comercial		289.430,80
Mensalidades	11.389.943,30	
Juros	6.599.957,70	
Joias de Admissão	210.060,20	
Renda de Titulos da Divida Publica	53.471,90	
Receita Eventual e contribuições diversas	2.070.776,90	20.324.210,00
		20.613.649,80

DESPESAS

Objetiva	— Peculios	8.451.466,20	
	Funerais	448.000,00	
	Pensões	312.000,00	
Administrativa	— Gastos	2.926.328,90	
	Depreciação	22.416,30	12.160.211,40
Patrimonio em 30 de Abril de 1954			8.453.438,40

VISITAS, REFERENCIAS E IMPRESSOES

Merecedora desse privilégio por possuir as valiosas credenciais citadas mais acima, os seus predicados de instituição de indiscutivel utilidade pública foram sempre motivo das mais elevadas provas de distinção, consoante atesta seu livro de visitas, do qual constam assinaturas e impressões de numerosas e altas figuras do país, destacando-se as do Imperador D. Pedro II, em 1878 e 1886, da Imperatriz Thereza Christina, em 1875; Cansanção de Sinimbú em 1875; conde de Iguassú, em 1875 e 1886; barão de Maceió, em 1875, Ruy Barbosa em 1890 e 1909; Olavo Bilac, em 1911; Altino Arantes, com presidente do Estado, em 1917; Wenceslau Braz, presidente da República, em 1918; Tavares Lyra, ministro da Fazenda, em 1918 Washington Luis, presidente da República, em 1927; Julio Prestes, presidente do Estado, em 1929; Fernando Prestes, presidente do Estado em 1927; Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, em 1931; Epitácio Pessoa, presidente da República, em 1922; Armando de Salles Oliveira, interventor federal, em 1934; Odilon Braga, ministro da Agricultura, em 1935; Adhemar de Barros, interventor federal, em 1939; Arthur de Souza Costa, ministro da Fazenda, em 1934; Waldemar Falcão, ministro do Trabalho, em 1939.

Desse livro constam ainda as visitas de todas as grandes missões econômicas estrangeiras que vieram ao nosso país e dos embaixadores e cônsules de nações com as quais mantemos relações comerciais. Consta também a passagem dos diversos secretários do governo de São Paulo e de altos funcionários da União. Eis, por exemplo, as impressões que registraram, no livro de visitantes, dois ministros do Trabalho:

"A Associação Comercial de Santos é, sem dúvida, a expressão mais autêntica do comércio de São Paulo e, pois, do Brasil. A visita que lhe faço como ministro do Trabalho Indústria e Comercio do Governo Provisório da República, significa o respeito e a admiração em que os dirigentes do país têm esta entidade, autorizada e respeitavel associação de classe. Em 28-3-1931 — (A) Lindolfo Collor".

"Neste livro, que tão bem registra as glórias da Associação Comercial de Santos, tenho a satisfação de assinalar o testemunho de meu apreço pela valorosa organização, que, com patriotismo e elevação, defende os interêsses e exprime as aspirações deste notavel núcleo do comercio brasileiro. Santos 4 de dezembro de 1939. — (A) Waldemar Falcão"

Por sua vez, o ilustre sociólogo e jurista Oliveira Viana, em artigo publicado no "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, há anos, examinando a possibilidade de integrar as associações de classe na estrutura politico-administrativa de então, declarava que "seria este o meio de se aproveitar a colaboração de certas instituições sociais nossas, grandemente prestigiosas, como a Associação Comercial e a Associação dos Empregados do Comercio do Rio de Janeiro, a Federação das Industrias de São Paulo e a ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS. Todas elas, velhas e respeitáveis associações, algumas com mais de um século de existência, carregadas de serviços à causa e aos interêsses de suas respeitáveis classes e mesmo do país".

ATUAL DIRETORIA

A atual DIRETORIA DA ASSOCIACAO COMERCIAL DE SANTOS, eleita em 15 de dezembro de 1952, por um biênio, é composta dos srs.:

Presidente: Geraldo G. de Mello Peixoto

1o. Vice-Presidente: José Vieira Barreto

2o. Vice-Presidente: Hercilio Camargo Barbosa

1o. Secretario: Odayr Raposo Medeiros

2o. Secretario: J. Tarcisio Junqueira Loureiro

Tesoureiro: Herbert Lisboa Wright

Diretores: Alvaro de Freitas Guimarães — Antonio Carlos Conceição — Benedito Tavares Guerra — Cândido Azeredo Filho — Carlos Wysling — Elias Salim Haddad — Flávio de Almeida Prado — José Alvarez Perez — José de Toledo Arruda.

O café e a irrigação

(CONCLUSÃO DA 4.a PAGINA DO 6.o CADERNO)

a opção dos devedores em caso de sua alteração ou reformas desde que o financiamento tenha sido destinado à modernização dos métodos dos trabalhos rurais ou recuperação da lavoura". Também, o Banco do Estado de São Paulo S/A., pela sua eficiente Diretoria, iniciou financiamento para aparelhos de Irrigação, emprestando 70% do valor do conjunto, até um máximo de Cr$ 100.000,00, pelo prazo de 2 anos, a juros relativamente baixos. Ainda podemos citar os financiamentos pelo Ministério da Agricultura, através de sua Divisão de Aguas, em sistema de Campos de Cooperação, para regiões semi-áridas. Finalmente, existem os pequenos emprestimos feitos pelas próprias distribuidoras de materiais de Irrigação.

Já não existem mais os obstaculos que havia antigamente. Tudo está facilitado.

Cafeicultor! Colha mais! Colha o melhor! Garanta a sua safra! Acompanhe o processo da técnica agronômica moderna, irrigando o seu cafezal, usufruindo dos extraordinarios beneficios que ela traz.

A' sombra da idade de ouro

(CONCLUSÃO DA 1.a PAG. DO 4.o CAD.)

referem à quebra de assimetria no tratamento reciproco de individuos de posições sociais desiguais (nas relações entre patrão e empregado; entre chefe e subordinado; entre esposa e marido; entre pais e filhos; entre pessoas de idades diferentes; entre o homem e a mulher em geral; entre o negro e branco; etc); à inobservância das normas antigas de polidez, de certos comportamentos cerimoniais, a serem postos em prática em visitas, na troca de cumprimentos, ao entrar em uma dependência intima na casa dos pais, etc.; à generalização de comportamentos privativos, antigamente, dos fazendeiros ou que eram confinados pela tradição, em termos de posição social dos agentes e de conveniências sociais; e, especialmente, às condições que favorecem a ascenção econômica e social dos "estrangeiros", da "mulher" e dos que não têm "eira nem beira", as quais solapam os fundamentos da dominação patrimonialista e da ordem social tradicional. Nos limites dêste artigo, não podemos dispensar a êsses temas a atenção que êles merecem. A título de ilustração, gostaríamos de apontar um exemplo. Ouvimos de um informante recriminações sobre o comportamento das esposas "modernas". Salientou que, no passado, as esposas não se envolviam nas aventuras amorosas dos maridos. Mesmo quando desconfiavam das infidelidades ou conheciam com certeza as mucamas preferidas, guardavam um digno segredo. Se algum parente tentasse abordar o assunto, desmentiam categòricamente os boatos. Agora, "as mulheres vão discutir fora de casa as aventuras do marido. Assim, elas são as primeiras a estragar a reputação do marido e com isso destroem a reputação e a respeitabilidade da família. Por isso, hoje a família não tem mais a mesma consistência que antigamente, porque os filhos perdem o respeito pelos pais e a mulher pelos filhos e por si mesma. O marido fica também desacreditado diante dos amigos e dos filhos porque é a própria mulher que toma a iniciativa de acusá-lo". (Consciencia de Comunidade)

Seria necessário lembrar que tais atitudes produzem, também, efeitos que são socialmente construtivos? A consciência de um passado comum, em um país novo como o Brasil e em plena formação nacional, cria uma comunidade de existência e associa de forma mais profunda os individuos. Doutro lado, ela conduz à convicção de que as pessoas, mesmo quando agem individualmente, o fazem como parte de um grupo e devem portanto proceder de modo a respeitarem os interesses coletivos e as normas morais de solidariedade social imperantes dentro do grupo. Daí a projeção das atividades econômicas fora do âmbito exclusivamente personalista: as noções do que é "patriótico" e do que é "impatriótico" na organização econômica das fazendas, vistas isoladamente, como uma empresa, ou como uma unidade de um todo maior, em suas relações com as povoações circunvizinhas. Muitos diriam que os descendentes das antigas "familias boas" defendem tais ideias porque elas exprimem econômica e socialmente os seus próprios interesses. Isso não é inexato, como já apontamos. Mas existem outros móveis atrás dessas ideias. Senão, por que sòmente êles combatem abertamente, nas conversações ou mesmo por escrito, os efeitos do êxodo rural, do despovoamento das fazendas e das comunidades rurais? Além disso, por que quando fazendeiros, alguns deles se esforçam por continuar a exploração do café ou por constituir fazendas mistas, de café e de criação? Na Fazenda Barreiro ouvimos de seu proprietário que "a lavoura é uma obra patriótica" e que o fazendeiro deve desenvolvê-la, desde que conte com mão de obra. O desejo de reconstruir a prosperidade do Vale do Paraiba com base na exploração do café tem levado êsses fazendeiros a procurarem novas técnicas agricolas e a cogitarem da recuperação das terras. Essa inspiração cria incompreensões, especialmente contra a industrialização, que se expande em algumas zonas, contra o melhor aproveitamento das possibilidades abertas pela criação, e contra certas medidas de intervenção do Govêrno no campo. Porém, ela incide sôbre algo que é essencial para um país agricola: necessidade de pensar com carinho e com inteligência os problemas da lavoura. E' verdadeiramente uma pena que semelhantes preocupações surgissem tardiamente, quando a terra está exaurida, a mão de obra indecisa e o próprio cultivo do café comprometido. Certas tentativas, aparentemente coroadas de êxito, demonstram no entanto que a esperança no café não é uma utopia. E' antes uma questão de técnica, de organização do trabalho, de nivel de preços no mercado internacional. Ainda assim, para muitos, uma esperança dessa ordem representa uma ilusão temerária.

(x) O presente artigo resulta da interpretação de dados colhidos no decorrer de três excursões, que o autor teve oportunidade de realizar através do Vale do Paraiba. A primeira foi feita a Cunha, em companhia do Dr. Emilio Willems; a segunda e a terceira foram feitas a diversas comunidades, em companhia do sr. Carlos Borges Schmidt e dos professores Antonio Candido de Mello e Souza, Egon Schaden e Gioconda Mussolini, sendo que, da última, também participou e deu uma colaboração inestimável o professor Gentil de Camargo. Sob a direção do Dr. Fernando de Azevedo, o Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras iniciara uma investigação de larga envergadura sôbre a Civilização do Café em São Paulo. Ela precisou ser interrompida porém, por falta de recursos financeiros. As duas últimas excursões mencionadas faziam parte dêsse projeto, que devia descansar essencialmente em dados obtidos por meio de pesquisas de campo.

(1) Augusto Emílio Zaluar, **Peregrinação pela Provincia de S. Paulo** (1860 — 1861), Livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1862; pág.55.

(2) Idem, pág. 61.

(3) Em outro trabalho, escrito em colaboração com Roger Bastide, referimo-nos aos aspectos aqui subentendidos da competição por mão de obra entre os fazendeiros do Vale e do Oeste. Não seria propicio insistir no assunto, tendo em vista a natureza do presente artigo. Conviria lembrar, porém, que pelo menos num certo setor, a ideia de substituir o escravo pelo imigrante se implantara bem antes do desfêcho da questão servil. Leia-se, por exemplo, os seguintes trechos de um artigo de fundo, publicado em 15/5/1887, pela **Gazeta de Taubaté**, assinado por **A Lavoura**: "Os fazendeiros do norte da provincia, especialmente os deste município, ainda dormem o sono da indolência com relação à substituição do trabalho, talvez julgando, que, mesmo dado o caso da extinção imediata, os escravos de hoje continuarão em seus trabalhos; manifesto engano". "Eles, uma vez livres, serão o pesadelo da sociedade e o terror das familias porque êles só cogitam em serem livres, mas não lhes passa pela mente a mais pequena ideia do trabalho para sua alimentação". "Ha dois anos ou mais, falecendo o Comendador Castro, deixou livre grande número de escravos, e bem assim uma vasta zona de terras para colocarem-se no entanto, não se encontram um só dêsses novos cidadãos situados no lugar indicado por seu ex-senhor, e muitos deles jazem aí em completa ociosidade". Aconselha a introdução de imigrantes no trabalho agricola, como forma de substituição antecipada e gradativa do trabalhador escravo. Isso era, todavia, impossivel — pela razão "capital" indicada por Rodrigues Alves: "Variam as condições nos municipios: em alguns a substituição se faz naturalmente; nos outros, custará penosos sacrifícios, ou porque os proprietários não tenham encarado com o devido interesse, a momentosa questão, ou porque descansem na confiança de que a extinção do elemento servil se fará pela ação normal de leis existentes, ou ainda porque, e é razão capital, lhes falte crédito para empreenderem a substituição e as suas terras depauperadas não ofereçam remuneração suficiente e proporcional ao trabalho" (cf. **Relatório Apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de S. Paulo pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves no dia 10 de Janeiro de 1888; S. Paulo**, 1888, pág. 22).

(4) Analisado sociologicamente, em seus aspectos mais gerais, por Maria Izaura Pereira de Queiroz (cf. **A Estratificação e a Mobilidade Social nas Comunidades Agrárias do Vale do Paraiba, entre 1850 e 1888**, in **Revista de História** Nº 2, S. Paulo, 1950). Um estudo que abrange uma unidade maior de tempo e que merece ser considerado pelo leitor, embora se refira sòmente a uma das comunidades, é o de Lucila Herrmann (**Evolução da Estrutura Social de Garatinguetá num Período de Trezentos Anos**, Ed. da Revista de Administração, S. Paulo, 1948).

(5) Sôbre a etiqueta de relações sociais entre senhores e escravos na antiga ordem senhorial, cf. Roger Bastide e Florestan Fernandes, **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**, cap II, (in **Anhembi**, Ano III — Nº 31 — Vol. XI, S. Paulo, 1953).

(6) O leitor encontrará em um ensaio de carlos Borges Schmidt algumas descrições relativas a alterações da vida rural em comunidades do Vale do Paraiba (cf. **O Meio Rural. Investigações e Estudo de Suas Condições Sociais e Econômicas**, 2a. edição, S.Paulo, 1946). Restringindo-se a uma comunidade, Emílio Willems realizou uma análise sistemática das tendências conservantistas e de mudança social que se manifestam atualmente em quase todas as aglomerações humanas dessa ampla região, mesmo as mais isoladas e menos populosas (cf. **Cunha: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil**, Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo, S. Paulo, 1947).

GOSTOSO
E
NUNICO
I
N
O MELHOR

Torrefação: AL. GLETTE, 932 e 934

Fone: 51-3423 — SÃO PAULO

PASTA DE SIGNIFICAÇÃO INCOMUM NO DESENVOLVIMENTO DO ESTADO

A significação da presença do cel. Paula Soares na Secretaria das Finanças do Estado – Um homem dentro de uma atualidade econômica conturbada por crises de crescimento – Uma segurança perene para a construção de bases sólidas de grandes planos administrativos

A pasta das Finanças, no Paraná, alcança significação incomum, devido, em parte, ao papel que representa nos orgãos da superior administratração estadual, e, tambem, face à circunstancia de atender a uma unidade federativa que tem tido, nestes ultimos anos, sérios problemas oriundos de suas crises de crescimento.

A Secretaria da Fazenda, em nosso Estado, constitui a pedra angular sobre a qual se assentam planos de governo, repousando sobre ela, portanto, a segurança de periodos administrativos.

O atual homem que gere as finanças publicas do Paraná, cel. Francisco de Paula Soares Netto, entre outros méritos, teve, neste seu periodo de Secretario da Fazenda, a consciencia perfeita das altas atribuições afetas à sua pasta secretarial. Desdobrando, desde o inicio de sua gestão, um plano racional de trabalho, estabeleceu clima de cordialidade entre os aparelhos fiscais e arrecadadores do Estado, com o publico contribuinte.

Procurando, como conhecedor da maquina burocratica e administrativa, aniquilar, o mais possivel, seus defeitos, revelou-se em todas as ocasiões, espirito agil e empreendedor. Tomando, com pulso firme e seguro, o comando das finanças do Paraná, permitiu e possibilitou a esquematização de planos que atendessem à realidade do momento economico estadual.

À frente da mais importante Secretaria do Paraná, viu-se o cel. Francisco de Paula Soares Netto com problemas à altura de sua habilidade, enfrentando-os com aquela energia que lhe é traço caracteristico na personalidade vigorosa e operante.

Tem consciencia, esse dinamico homem publico, da atualidade paranaense. Sem nunsa ser um euforico, sabe que, face às catastrofes que se abateram na parte setentrional do Estado, precisa o Paraná de um plano de finanças consentaneo com a realidade, a fim de permitir que a administração publica prossiga nas suas obras em favor dos anseios do homem comum de nossa terra.

Somente a Secretaria da Fazenda poderá, dirigida por uma figura como o cel. Francisco de Paula Soares Netto, conseguir não interromper a vida administrativa do Paraná, mantendo-a naquele padrão que desejamos, a fim de que as crises de crescimento por que passa nosso Estado não se venham a constituir em fatores que alterem a sempre desejada normalidade do ritmo entusiasmante de progresso desta unidade federativa.

PROGRESSAO DOS RECURSOS FINANCEIROS

De acordo com a mensagem enviada à Assembléia Legislativa do Estado, pelo Governador do Estado, em maio ultimo, a progressão dos recursos finaceiros do Paraná, se espelha no seguinte quadro:

ANO			INDICE
1944	Cr$	141.178.509,50	100
1945	Cr$	175.477.274,90	124
1946	Cr$	221.032.848,30	156
1947	Cr$	301.622.647,90	214
1948	Cr$	355.897.842,90	252
1949	Cr$	459.926.849,40	326
1950	Cr$	1.192.502.318,70	845
1951	Cr$	1.494.905.853,10	1.059
1952	Cr$	1.457.494.938,70	1.032
1953	Cr$	1.910.318.207,00	1.353

Excluindo as operações de credito verifica-se o crescimento das rendas proprias do Estado, como segue:

ANO			INDICE
1944	Cr$	141.178.509,50	100
1945	Cr$	175.477.274,90	124
1946	Cr$	221.032.848,30	157
1947	Cr$	301.622.647,90	214
1948	Cr$	355.897.842,90	252
1949	Cr$	459.926.849,40	326
1950	Cr$	909.103.318,70	644
1951	Cr$	1.225.433.853,10	868
1952	Cr$	1.399.303.938,70	991
1952	Cr$	1.840.318.207,00	1.303

Das fontes da receita destaca-se o imposto de Vendas e Consignações com 50% das rendas proprias do Estado e a curva de ascensão bem diz do nosso progresso economico que se reflete na circulação da riqueza.

O quadro abaixo ilustra a elevação desta renda durante o último decênio:

ANO	Cr$	Indice
1944	34.090.936,70	100
1945	67.167.262,20	124
1946	89.925.181,70	166
1947	175.637.819,90	325
1948	200.493.317,00	371
1949	247.978.645,00	458
1950	460 984.882,40	852
1951	658.277.504,70	1.211
1952	803.333.164,60	1.485
1953	925.743.613,20	1.711

A estatistica da arrecadação indica as exatorias do Interior com a contribuição de Cr$ 558.610.006,50; a Capital com Cr$ 183.830.159,50 e o Porto de Paranaguá com Cr$ 183.303.447,20.

Os motivos da elevação desta renda devem ser procurados na constante inflação de preços e, principalmente, na expansão da produção cafeeira que constitui sem dúvida a força propulsora da economia do Estado.

Entretanto, a arrecadação deste imposto não está espelhando a realidade do desenvolvimento economico do Estado, ao que atribuem os orgãos fazendarios o montante ponderavel de sonegações que se procura combater, aperfeiçoando e intensificando a fiscalização.

Ao lado do ponto alto da economia paranaense, que é a lavoura cafeeira, verifica-se, nos últimos anos, o decrescimo na exportação de mate e madeiras, outrora considerados produtos basicos de renda.

Os impostos sôbre a exportação de erva mate beneficiada e cancheada acusam um deficit de 7 e 27% sobre o ano anterior e contribuição, apenas, com Cr$ 1.526.586,80 para a receita.

A renda de exportação de madeiras apresenta o seguinte quadro:

Ano	Arrecadação em Cr$	Indices
1948 . . .	4.807.118,90	100
1949 . . .	3.993.379,10	89
1950 . . .	3.230.178,40	72
1951 . . .	3.988.952,10	89
1952 . . .	1.372.642,40	29
1953 . . .	2.281.917,00	47

A verdade, entretanto, é que, quase cessadas as exportações de madeiras aumentou a expansão das vendas no mercado interno compensando, deste modo, essa queda.

A politica economico-financeira converge, assim, para a exportação de café como fator decisivo das rendas do Estado e foi constante a preocupação do Govêrno de entrosar o Paraná vantajosamente na politica cafeeira nacional, acompanhando os esforços dos produtores na solução dos problemas do escoamento, distribuição e valorização das safras.

Ilustramos o crescimento da produção pelo quadro que segue:

ANO	Exportação em sacas de 60 ks.
1948	2.175.915
1949	2.795.259
1950	2.523.764
1951	3.562.050
1952	4.036.429
1953	4.529.657

A tributação que incide sôbre a exportação e o consumo do café não foi alterada, apesar da enorme valorização do produto do exercicio passado.

Ao contrario, as medidas governamentais, especialmente a dispensa de impostos nas operações internas do Porto de Paranaguá, aliviaram a carga tributaria que recai sôbre os produtores.

A contribuição do imposto de exportação e da taxa sôbre o café para as rendas, importa, apenas, em 10% da receita tributaria e 6,8% da receita total.

O quadro que segue elucida a arrecadação dos referidos impostos:

ANO	Exportação Cr$	Taxa sôbre café Cr$
1944	972.391,90	1.898.669,60
1945	2.524.242,50	4.454.634,70
1946	3.045.421,80	5.234.244,60
1947	14.930.183,00	9.812.037,00
1948	29.422.887,00	10.438.937,00
1949	58.673.459,30	13.671.256,20
1950	61.759.705,80	12.460.608,60
1951	85.671.473,00	17.565.293,30
1952	96.657.768,10	19.759.684,70
1953	108.689.238,00	22.059.017,40

A perspectiva da renda para o exercicio de 1954 ainda está incerta devido às geadas que flagelaram a lavoura e as estimativas da próxima safra variam consideravelmente.

Os levantamentos preliminares procedidos sôbre a safra 54-55 prevêem que dificilmente alcançará a dois milhões de sacas.

De certa forma, compensando esse vultoso deficit economico, as mesmas regiões cafeeiras do Estado vão produzir uma safra de cereais que se estima em cerca de vinte milhões de sacas.

Os problemas resultantes dessa enorme produção estão sendo enfrentados em colaboração com o Govêrno Federal destacando-se entre as providencias já tomadas, a melhoria da via permanente da ferrovia Apucarana-Ourinhos; a entrada em tráfego de novo material rodante; a montagem de grandes armazens metalicos recem-importados a serem localizados em Maringá, Mandaguari, Apucarana, Londrina, Cornelio Procopio e Bandeirantes; o levantamento cadastral da grande rêde de armazens particulares da região e o aparelhamento dos armazens do I.B.C. de Chavantes e Presidente Prudente. A essas medidas, esforça-se o Govêrno Estadual para acrescentar a imediata abertura da exportação do milho pelo porto de Paranaguá, coletando-se nas zonas de Assaí e Cornelio Procopio, para embarque ferroviario em Barro Preto, solução essa da qual pode resultar a obtenção de cerca de 30 milhões de dollars de divisas e ponderavel rendimento para o erario estadual.

Quanto à renda atual do imposto de exportação sôbre os demais produtos, como cereais e algodão, acusa a coleta a infima quantia de Cr$ 211.423,00, pois a exportação destes produtos limita-se para os Estados vizinhos e para o abastecimento interno do País.

Da arrecadação dos tributos em geral devemos destacar, ainda, o imposto de transmissão de propriedade "intervivos" e o impoto territorial.

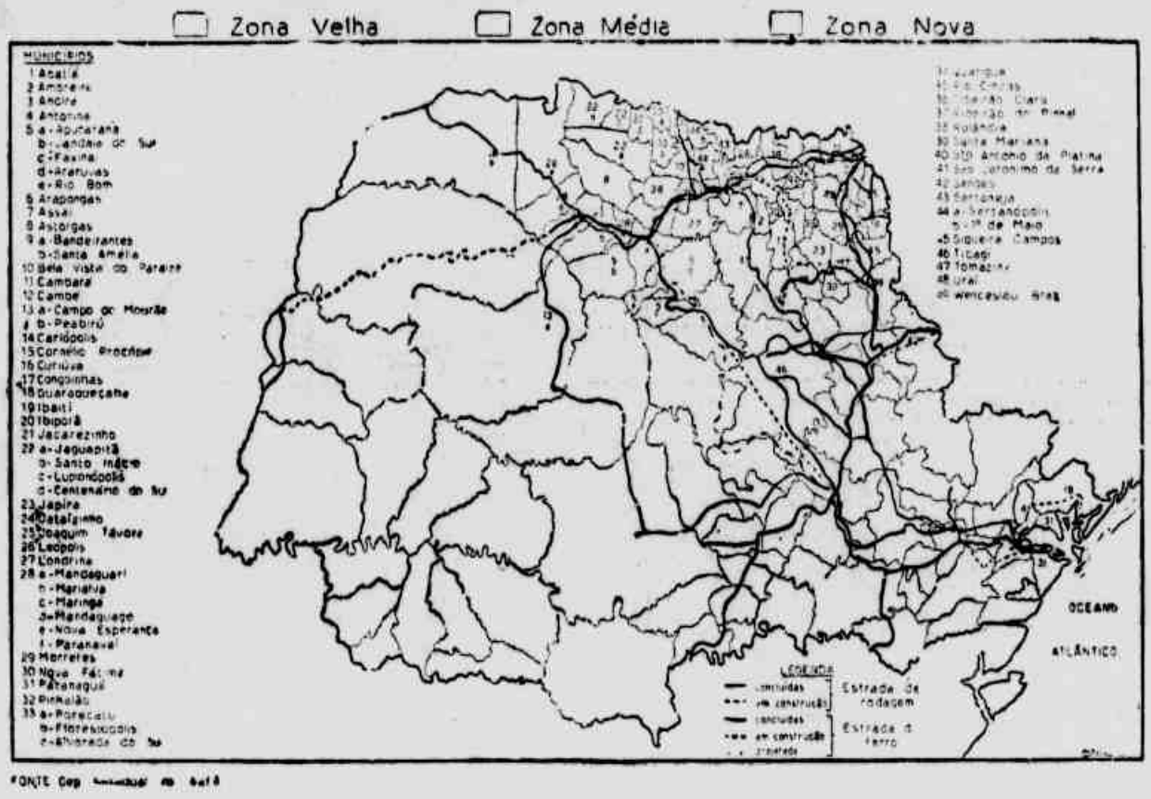
Enquanto o primeiro acusa um deficit de Cr$ 10.699.899,50 sôbre a estimativa orçamentaria, aumentou a renda do imposto territorial de Cr$ ... 12.231.427,90 sôbre a arrecadação do ano anterior.

O comportamento destes impostos depende das ocorrencias e oscilações do mercado imobiliario, que encontra ainda forte afluencia de capital devido à pressão inflacionista de preços.

Todavia, é notavel a evolução da arrecadação destes tributos que revela a expansão da nossa economia, principalmente com a formação de novas lavouras no norte do Estado.

REGIÃO CAFEEIRA DO ESTADO DO PARANÁ

Estado do Paraná — Secretaria da Fazenda — Dep. Estadual do Café



FONTE: Dep. Estadual do Café

NÃO PODE PRETENDER SER HOMEM PUBLICO DE ÂMBITO ESTADUAL NO PARANÁ QUEM NÃO SE APAIXONE PELOS PROBLEMAS DO CAFÉ

Discurso pronunciado pelo coronel Paula Soares Neto, durante o banquete que a APAC lhe ofereceu em Curitiba, logo após a sua posse no cargo de diretor do Inst. Brasileiro do Café

Eu vos encontrei muitas vezes, lavradores do Paraná pelas estradas e pelas cidades, nas árduas caminhadas de minha vida politica. Aos poucos, fui sentindo vossos problemas e as vossas dificuldades que só mesmo poderiam ser vencidas por quem, como dizeis, "tem terra no sangue".

Vi o esfôrço das derrubadas. Senti o drama da falta de crédito e as ansiedades dos primeiros anos de plantio.

Olhei mãos amigas esmagarem desanimadas, os frutos brocados.

Testemunhei o receio das geadas, mas também as esperanças, sempre renovadas, na futura safra.

E pulsei, coração a coração, convosco, nas campanhas eleitorais, onde ninguém excede, em coragem e desprendimento, a gente da lavoura.

Se recordo, com emoção, êsses episódios, é, entretanto, de coração frio que registro os motivos fundamentais, determinantes de minha incursão pelos terrenos da economia cafeeira.

Sou um politico do Paraná. Faço politica no Estado, há longos anos. Vou continuar, até o final de minha vida, na carreira politica.

Pois entendo que não pode pretender ser homem público de âmbito estadual, no Paraná, quem não acompanhe, não estude e até, não se apaixone, pelos problemas do café, na realidade, os mais importantes, os mais decisivos para o presente e para o futuro de nossa terra.

Assim, somando conhecimentos e, até, os improvisando, eu chegara à convicção de que, com êles, poderia ser útil ao Estado, representando-o no Instituto Brasileiro do Café.

E, agora, que estou em plena batalha, não me pejo de afirmar que muito há a aprender ainda, para poder comandar decisões sôbre alguns aspectos capitais da politica cafeeira, como sejam, no terreno internacional, o das re exportações, onde a defesa dos interesses mais permanentes de nosso País, se choca, a todo o instante, com o daqueles a quem serve uma solução imediatista.

Felizmente não tenho vergonha de pedir que me ensinem.

Mas, porque estou encontrando esses embaraços, aconselho, como de maior interêsse para o Paraná, organize ele a sua equipe de homens especializados, em todos os setores da economia cafeeira, desde o dos acordos comerciais até o das pesquisas tecnológicas, capaz de representá-lo nas posições chaves que o Estado tem o dever de ocupar na politica federal.

O progresso, o desenvolvimento do Paraná lhe fixaram esta nova posição, de contribuir para traçar soluções nacionais, nos rumos da politica comercial do País, com a autoridade que lhe decorre da sua situação de segundo fornecedor de divisas.

Sem a presença positiva, sem uma ação afirmativa, distantes das grandes deliberações da União, nos limitariamos a ser alvo dos confetis de falsos e exagerados elogios. E, se por êles nos empolgassemos, perderíamos o senso da medida, passando a fazer o papel de novos ricos a arrotar grandezas alienando as profundas simpatias que de todos os quadrantes da Federação, se nos distinguem, na realidade, cegos, surdos, incapazes de compreender e aproveitar esta grande hora paranaense.

Minha atitude, pois, de abandonar posições mais rentosas, em troca de um posto que exige, a contar da instalação, alguns embaraços materiais não emanou de nenhuma vocação para o sacrifício, mas defluiu da plena consciencia de responsabilidades, ante o momento historico que o Paraná atravessa.

Estou em pleno desenvolvimento de uma carreira politica e nela vou abrindo caminho.

Ao tempo que passei, no Banco do Estado, afora a satisfação de atender justas reivindicações de seu Pessoal, um problema humano que conheciz de perto, doendo nas carnes, em tôda a minha vida de funcionário, agi mais como político, procurando animar a visada de horizontes mais amplos.

A tentativa de congregar os Bancos Regionais, a disseminação do Estabelecimento por todo o Estado, a criação da Agência de São Paulo foram etapas de um programa em que colaborei, sob os auspícios do Governador Munhoz da Rocha, visando chamar a atenção do Paraná para o seu crucial problema bancário e convocar a gente paranaense a que cerrasse fileiras em torno do que constitui um dos seus interêsses mais permanentes.

Agora, se me abriram as portas de um outro cenário onde, homem profundamente integrado na vida paranaense, quero servir o Estado, com o melhor de meu esforço.

Vi-me transportado para um novo campo de ação, onde, justamente, mais necessária é a presença do Paraná, a pugnar, de coração aberto, por uma politica cafeeira de sentido nacional que seja lealmente, por todos executada, que fale a linguagem de otimismo que pode e deve falar, que declare, em alto e bom tom, ser invejável a situação do café e pois, se preocupação possa existir, essa será de não haver produção suficiente para atender o aumento incoercível do consumo.

Logo, a ação do Instituto Brasileiro do Café se estenderá, por tôda a parte: nos portos, facilitando as tradicionais atividades do comércio exportador, disciplinando, sem favoritismos regionais, o escoamento das safras; no Interior, olhando o homem da lavoura, nas diculdades da entre-safra, na defesa contra as pragas, no estimulo à melhoria e ao maior rendimento da produção, numa política positiva, leal e firme, como a deseja o Govêrno da República.

Tenho pensado na peculiaridade dos destinos humanos e na contribuição pessoal de cada um de nós à sociedade em que vivemos.

Todos a servem, a seu modo.

Uns, muitas vêzes apenas pensando em si, constroem as mansões que embelezam as cidades. Outros se orientam, no caminho das indústrias, das lavouras, do comércio e se tornam, com êsses esforços individuais, artífices de grandes realizações coletivas.

Poucos são os que, após uma jornada cheia de trabalho, ao chegar a tarde da vida, contemplam desencantados o que realizaram.

A alguns, entretanto, favorecidos pelo destino, está reservado o caminho da vida pública, com seus altos e baixos, com as suas decepções e as suas inquietações, mas com a beleza da sua visão panorâmica e a emoção inexcedível dos grandes momentos culminantes.

Sou feliz porque as circunstâncias me reservaram esta posição. Não disputo nela, enriquecimentos escusos, nem palpito por ajustes de contas.

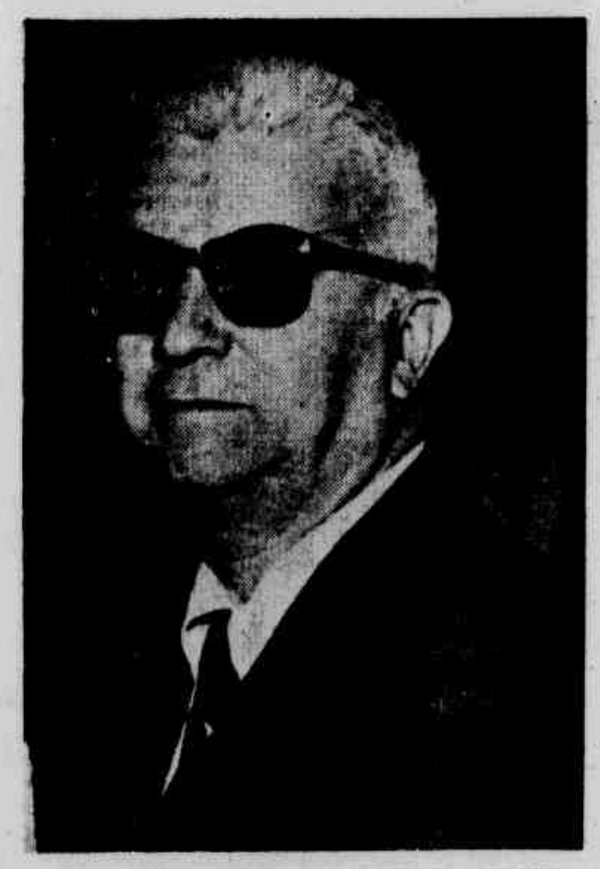
Não tenho os olhos voltados para trás. Não invejo a sorte dos outros. E estou tranquilo porque, através de todos os tempos, pude continuar fiel a mim mesmo, cioso de meus deveres e de minhas responsabilidades.

Agora, nesta festa que é uma carta de crédito, em meu favor, aberta pela lavoura paranaense, sentindo o calor de uma solidariedade desinteressada, não vejo como melhor agradecê-la, senão pedindo que me ajudem a não desanimar, que me espicacem, se preciso for, para que não feneça o meu entusiasmo e não se estiole a minha determinação de retribuir, em serviços muitos, o muito que devo à terra paranaense.

Acompanhei, desde o primeiro instante, a vida da Associação Paranaense dos Cafeicultores, da qual me honro de ser Consultor Técnico.

Mais do que uma Associação especializada de classe, de quem o Govêrno vem recebendo uma eficiente e leal colaboração, ela tem sido uma reunião de homens de boa vontade, um núcleo de gente desprendida, trabalhando por um ideal comum e um grande e decisivo elemento para integrar na vida paranaense, aquêle admirável material humano que, localizado no Norte do Estado, está sendo fator predominante no formidavel progresso de nossa terra.

Saudando a prestigiosa Agremiação, na pessoa de seu Presidente, levanto a minha taça para desejar-lhe que continue a sua grande e nobre tarefa, em benefício do Paraná.



DR. FRANCISCO PAULA SOARES, SECRETARIO DA FAZENDA DO PARANA'

NO IV CENTENÁRIO DA CAPITAL BANDEIRANTE

homenagem

AOS QUE FIZERAM DE SÃO PAULO O MAIOR PRODUTOR DE CAFÉ DO MUNDO

Sim, o maior produtor de café do mundo — pois quando o cafeeiro foi trazido para o Estado Bandeirante, deram-lhe mais do que um novo habitat. Na realidade, o arbusto forasteiro foi transformado em fonte de riqueza pela visão e o espírito empreendedor incomparável do paulista. As mudas da rubiácea devoraram léguas e léguas, subiram morro, desceram morro, multiplicaram infinitamente seus frutos rubros — ouro vegetal, a fazer fortunas e a projetar São Paulo no cenário do país e do mundo, como a Capital do Café. Êsse título tem sido ciosamente preservado e mantido, bem como os de "a cidade que mais cresce no mundo" e de "o maior parque industrial da América Latina".

É que os paulistas herdaram a têmpera inquebrantável daqueles homens que partiam de São Paulo armados em Bandeiras, com os olhos fitos na miragem de ouro e pedrarias que uma audácia portentosa tantas vêzes chegou a converter em realidade e riqueza palpável. Levados pela ambição e pelos sonhos, êles semearam povoados e vilas por tôda uma vasta área até então inexplorada — tornaram o Brasil maior.

Continuam existindo os Bandeirantes. Hoje, êles manejam cifras, tornos, teares e tôda sorte de maquinário. É através de florestas doutro tipo — constituídas por chaminés fumegantes — que êles mantêm para São Paulo o galardão de "maior parque industrial da América Latina". Vibrando com seus dinamos e suas caldeiras, a cidade que mais cresce no mundo trabalha incessantemente — continúa a crescer!

São Paulo, de fato, nasceu predestinada ao crescimento vivo e intenso, muito embora suas raízes tenham sido lançadas em sítio de difícil acesso, perigosamente distanciado do litoral a que a civilização então se apegava. Em pouco tempo seu perímetro urbano ultrapassava o âmbito das primitivas muralhas protetoras, forçando sua substituição por novas, condizentes com a ampliação havida. A cidade de Nóbrega e Anchieta repete o feito daqueles primórdios de luta e heroísmo. Pois se expande sem parar, vertical e horizontalmente, não respeita limites. Quanto ao ritmo do aumento da população, não há mesmo, no mundo, metrópole alguma que se lhe compare.

CIA. COMERCIAL PAULISTA DE CAFÉ • CIA. COMERCIAL BRASILEIRA

Rua Álvares Penteado, 208 7.º andar - São Paulo

CIA. DE ARMAZÉNS GERAIS IPIRANGA • CIA. COMERCIAL ANGLO BRASILEIRA

Rua Álvares Penteado, 208 - 6.º andar - São Paulo

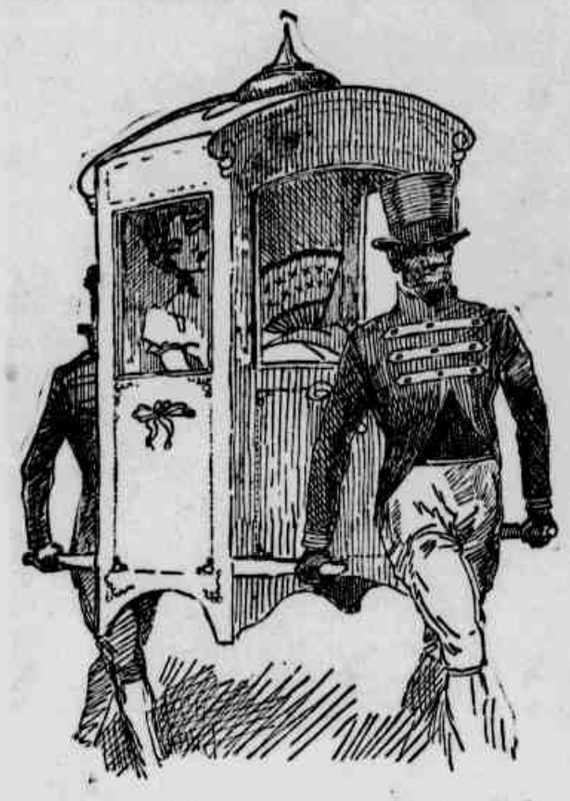
CIA. NACIONAL DE COMMERCIO DE CAFÉ • CIA. SUL AMERICANA DE ARMAZÉNS GERAIS

Avenida Rio Branco, 85 - 17.º andar
Rio de Janeiro

Rua Sacadura Cabral, 250
Rio de Janeiro

Aspectos sociais da cultura do café em S. Paulo

J. F. DE ALMEIDA PRADO



Desenho da época, de autoria de Prado (Coleção do Prof. Spencer Vampré)

Resplandece na constelação das produções brasileiras o café como elemento máximo de progresso e bem-estar para toda a nação, de Norte a Sul, do Amazonas ao Chuy. Por favoravel conjunto de circunstâncias, seu advento na economia nacional foi precedido por outras produções sucessivas, que prepararam a aparição do café brasileiro no mercado dos gêneros chamados exóticos do mundo. Na sequência das nossas produções, surge primeiro o tráfico de madeira corante, o pau brasil, origem do nome do país e da sua divisão em capitanias, expediente com que acertadamente o Conselho del-Rei supunha salvar a colônia dos franceses. Logo a seguir, alastrou-se a lavoura açucareira com tal resultado em Pernambuco e na Paraíba, que o luso pôde, não só defender e conservar a sua maior possessão como ainda manter o monopólio da especiaria no Oriente. Sem o desenvolvimento economico proporcionado pelo açucar, riqueza muito superior ao estanco da pimenta, pois rendia mais e custava menos, a monarquia não se abalançaria em enfrentar o enorme poderio holandês do século 17.

A contribuição capitalista do judeu converso auxiliou (desde meados do século 16.) a expansão da lavoura açucareira no nordeste e na Bahia. Infelizmente, depois da guerra flamenga, expulso o cristão novo que se bandeara com o inimigo, proibida a sua entrada nas colônias lusas, sem substituto para fornecer crédito à lavoura, sentiu o produtor brasileiro a perda do precioso auxílio e ainda lhe padeceu a concorrência quando foi se estabelecer na América Central.

A seguir despontou na nossa contribuição às finanças da metrópole o prodigioso episódio do descobrimento das jazidas auriferas e diamantiferas nas Minas Gerais. O feliz acaso atraiu para o centro deserto do imenso território colonial, levas de mineradores e multidão de escravos. Provocou, igualmente, o desenvolvimento da capitania do Rio de Janeiro, erigida a cidade do mesmo nome em escoadouro do caudal precioso. Nessa altura, estava delineado o campo que devia receber a nova riqueza naquela hora a caminho da Amazônia para o Sul.

Desde 1718 era cultivado o cafeeiro com sucesso na Guiana Holandesa nos arredores de Surinam, onde um francês de nome Mourgues, necessitado de indulto para voltar a viver entre seus compatriotas, solicitou a mercê a troca da introdução de sementes de café na Guiana Francesa. A tentativa era arriscada porquanto os flamengos puniam com rigor quem se atrevesse ao contrabando. Contudo, foi bem sucedido, e da colônia francesa passaram mudas levadas pelo português Melo Palheta, émulo de Mourgues, ao Pará. Em fins do século 18 espalhava-se na vizinhança do Rio de Janeiro, faltando apenas um acidente favoravel no terreno politico para imprimir impulso à sua cultura no Brasil. Aí, encontrava pela excelência de condições receptivas ambiente melhor que o do próprio habitat. Este acontecimento, de que dependia a aceleração da cultura, eclodiu de modo inesperado, com aspectos e extensão incalculáveis, na transferência, em 1808, da côrte portuguesa para o Brasil.

Iniciara-se a série que fez das desgraças do Velho Mundo beneficios para o Novo. O mesmo se repetiria em 1914 e 1939 com caraterísticos semelhantes, expressos por saltos de séculos em a nossa evolução. O aparecimento do café na agricultura colonial, precedendo de pouco a chegada da côrte, ia se identificar com a nova fase histórica. Da sua expansão dependeriam daí por diante os créditos do Estado, o que equivale dizer, a existência do país como nação independente e pôsto não fixesse muito que o café vingava nos arredores do Rio de Janeiro, logo contribuiu de maneira sensível na mantença dos príncipes êxues e na do seu enorme séquito. Plantado por antigos lavradores, entrava no cultivo a experiência da empresa semi-agraria, semi-industrial do engenho de cana, em muitos sítios vizinhos às duas produções, como acontecia em S. João Marcos, na capitania do Rio de Janeiro e sucedeu mais tarde em Itu, na provincia de S. Paulo.

O PROCESSO ECONOMICO

Ambas as atividades necessitavam de grande número de braços, custosa organização, edificações, maquinaria, carros de transporte, animais de tiro e principalmente de amparo econômico. No passado, o judeu capitalista subvencionara o senhor de engenho, no século 19, seria o comissário estabelecido no Rio de Janeiro, cuja fortuna remontava muitas vezes direta ou indiretamente à mineração, dar amparo ao cafeicultor com auxilio de bancos oficiais e privados aparecidos sucessivamente. Registrou-se na circunstância, a repetição do que dantes acontecera com a indústria açucareira. Assim como cristãos novos tangidos do Brasil divulgaram em colônias rivais a organização dos engenhos, alguns fazendeiros de café da Martinica e outras possessões européias, vieram se estabelecer em plagas fluminenses sob D. João VI.

O problema financeiro sobrepunha-se, porém, a todos os demais. Sem abundantes recursos não era possivel obter escravos e sem o preto não se podia cogitar de café. Na conjuntura, tinha-se de, recompor da base à cumieira o processo outrora empregado na produção do açucar. O cristão novo estimulara a poder de capitais a conquista de novas glebas abertas à agricultura, com a compra do negros e venda do açucar. No papel multiforme de comissário, traficante, banqueiro, intermediário, às vezes até produtor. Nessa atividade, destacava-se sua agudeza em negócios, aprimorada por séculos de mercância e traficância em terrenos diversos, mais o inestimavel auxilio de ativos correligionários nas maiores praças do mundo, apoio ainda reforçado pela cumplicidade de governantes, junto aos degraus do trono de monarquias católicas. Era mister envidar o mesmo esforço a favor do providencial elemento econômico que assomava para substituir os anteriores entrados em decadência.

Tinham cumprido as antigas produções a sua missão de propiciar o advento de novas, mais procuradas no mercado mundial, que assumiriam os seus encargos Prepararam destarte a indústria açucareira e a mineração, o triunfo do café, do mesmo modo que no século 16 o pau de tinturaria valera aos primeiros donatários. Sem os precursores teria o fazendeiro de lutar com tremendas dificuldades para constituir legião de escravos de que necessitava nos cafezais, no momento em que se travava luta homérica entre o negreiro abastecedor de braços e o poderio naval britânico, o maior do mundo no século 19. Em torno do conflito, moviam-se interesses disfarçados sob rótulo humanitário da campanha antiescravagista, como ficou patente na entrevista do norte-americano José Cliffe com o primeiro ministro Gladstone. Até a maçonaria, vasto movimento oriundo da Inglaterra e a este país estreitamente vinculado por influxos comerciais e tradições sectárias, foi mobilizada para impedir o principal elemento de sucesso do lavrador brasileiro.

INTERVENÇÃO RELIGIOSA

Recebera, portanto, o cafeicultor o regime servil montado em todas as peças, quando iniciou a faina. Nada mais lhe faltava. Viera ter às suas mãos já "digerido" pelas missões religiosas, que tinham em três séculos apaziguando o gentio, doutrinado o negro e instruido o branco. Graças à poderosa intervenção do espirito religioso católico, o escravizismo assumiu, entre nós, aspecto completamente diverso do existente em outras colônias européias. Um guinéense – por exemplo – caso permanecesse no Daomé como prisioneiro de guerra, sem ser remetido por qualquer motivo à América, seria fatalmente sacrificado nos "costumes", abominável cerimônia que a poder de sangue humano solenizava as exéquias dos régulos locais. No Brasil, o cativo escapo desse fim horrivel, recebia educação cristã, bom passadio e remuneração suficiente para no fim de algum tempo poder adquirir a sua alforria. Alcançando a condição de livre, dispunha de todas as facilidades para exercer a profissão que aprendera nas fazendas. Entretanto, os slogans difundidos pelos interessados em anular a nossa concorrência, pintavam-nos como martir, condenado a suplicios inomináveis, sem esperança de salvação, apenas objeto de interêsse por parte dos que, nas suas possessões, submetiam trabalhadores tidos por livres a tratamento jamais visto nas senzalas fluminenses ou lavras mineiras.

A fecunda circunstância que elevava a contribuição do elemento servil muito acima de simples efeito de máquina de trabalho, mais exacerbava nossos opositores. Chegou a atitude da politica inglesa, a partir do Bloqueio Continental decretado por Napoleão, a não mais deixar dúvidas a respeito das intenções que nutria contra nós. Era obsecante preocupação de Whigs e Tories a paz existente entre senhores e escravos brasileiros, considerada intoleravel ameaça aos desígnios do imperialismo insular, modo de ver enfurecido por noticias supervenientes. Chamados a depor no Parlamento Inglês, antigos mercadores, traficantes, pastores protestantes, oficiais de marinha e mais pessoas aptas em prestar informações aos representantes dos Communs, mostraram-se unânimes em enaltecer o sistema vigente na lavoura do império sul-americano.

ESCRAVO E IMIGRANTE

Uma das maiores dificuldades que o produtor tinha de vencer no Brasil, era renovar e ampliar os efetivos de trabalhadores. Não só o progresso provocava, dia a dia, maior fome de braços, como a vinda de número muito maior de homens que de mulheres da A'frica, impedia a reprodução in locu. Por sinal, motivos religiosos influiam na repugnância a respeito da procriação de negros, pelo modo como agricultores de origem anglo-saxônica tentaram conseguir nos Estados do Sul da grande república norte-americana. Nas nações católicas, os nascimentos deviam obedecer a preceitos ditados pela Igreja Romana para todos os crentes, de qualquer nacionalidade, condição, raça ou religião fossem.

Brancos ou pretos só deviam ter prole quando unidos pelos sagrados sacramentos do matrimônio, consideradas em todos os tempos como clamorosas as infrações à base da familia cristã.

Felizmente, a aceitação do café no mercado mundial, e o seu êxito entre nós, permitiu cogitar da substituição do elemento servil pelo imigrante europeu. A mudança marcaria novo estágio em a nossa evolução, proporcionando progresso que o inferior trabalho escravo não podia assegurar. Entretanto, apresentava dificuldades árduas de superar. A imigração é dos mais complicados problemas apresentados aos dirigentes de um país. O imigrante é exigente; ainda que esteja só traz no íntimo complexo infinito, maior será, pois, a complicação quando ele surge acompanhado da familia. Na aceitação do novo "habitat", intervêm os mais variados fatores, clima, paisagem, semelhanças com o "habitat" originário, alimentação e sem número de imponderáveis, sem esquecer o importantissimo da sugestão produzida pelo êxito de companheiros. Nessas condições, não era de admirar que muitas tentativas realizadas sob D. João VI, D. Pedro I, Regência, assim como no decorrer do reinado de Pedro II, tivessem fim lamentável. No geral, o grande causador dos insucessos, provinha de deficiências de comunicações a impedir o escoamento da produção.

NOVA ERA

Minorado o inconveniente graças ao trabalho servil; que a despeito da campanha abolicionista pôde se prolongar por mais alguns anos; rasgados caminhos de ferro, aparelhados portos, difundido o crédito agricola, o desenvolvimento das fazendas de café em S. Paulo e zonas adjacentes, ofereceu melhores condições a levas imigratórias e no fim da monarquia, despontou nova era para o país. Dêsse regime servil, que ia realizar o milagre de preparar a transformação, vêm muito a propósito depoimentos de alguns viajantes de passagem entre nós. Para dar idéia de aspectos de como funcionava, nenhuma melhor narrativa que a de franceses ainda sob D. Maria I. O valor do seu testemunho avulta por se tratar de indivíduos recem-saidos das guerras napoleônicas. As conflagrações em geral, e as de caráter universal, em particular, exasperam os nacionalismos como nos foi dado verificar ainda recentemente, de sorte que, o "esprit de denigrement" comum a franceses, quando se encontram no exterior, segundo menciona Saint Hilaire, se inclinava muito mais à crítica que ao elogio. Todavia, nossos visitantes estatuiam acentuadas diferenças entre o procedimento de escravos pertencentes à pequena burguesia do Rio de Janeiro — em maior parte composta de portugueses — e os da capitania fluminense encontrados nos engenhos de açucar ou fazendas de café. Todos se mostram surpresos do alto teor moral ali reinante, graças à influência religiosa e eficientissimo exemplo dos senhores. Na capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, como no Rio, pomposamente se denominava a monarquia bragantina, os lusos funcionários da alfândega, detinham o monopólio dos transportes da cidade. Possuidores de grande número de escravos escolhidos, êsses indivíduos gananciosos e pouco escrupulosos obrigavam os pretos a lhes trazer certa quantia diária, deixando o resto ao escravo, que levava existência praticamente separada da casa do senhor. Vivia na rua exposto a tôda sorte de contágios, tão só submetido à deficiente vigilância da pouco numerosa polícia.

Inversamente, gabavam, os mesmos franceses, o espetáculo dado pelos trabalhadores das propriedades agricolas brasileiras, onde predominava zêlo religioso, em que eram bem tratados e doutrinados numa atmosfera de muito superior a de proletários europeus da época nos paises mais progressistas. Essa privilegiada situação se manteve em tôda a vigência do regime servil.

AS FAMILIAS

Nas vésperas da abolição, e queda do império, vamos encontrar outro valiosissimo depoimento nas confidências de uma jovem prussiana a uma amiga. Nas cartas que lhe mandava Ulla von Binzer — aliás Ina von Eck — a descrever as familias brasileiras em que se empregara como educadora de crianças, temos quadro impressionante da sua elevação de costumes a exemplo da familia imperial.

Descreveu Ulla von Binzer pormenorizadamente o recesso que habitou, onde teve oportunidade de presenciar os laços afetivos que prendiam entre si os elementos dirigentes da autarquia rural. Serviam de norma para os demais habitantes de grandes e pequenas propriedades, no campo e nas cidades – Ulla estivera primeiro no Rio, depois sucessivamente em Minas, Petrópolis, S. Paulo e interior desta provincia — a dignificar as relações entre pais e filhos, senhores e escravos, súditos e imperantes. Basta mencionar, o episódio em que a mordaz autora do livro presencia a morte do Conselheiro Ministro Buarque de Macedo durante a inauguração da Estrada de Ferro de Juiz de Fora, em que o moribundo confia a familia desvalida a D. Pedro II, porquanto a sacrificara, a favor do serviço público.

Hoje em dia a evocação de semelhantes episódios parece remontar a tempos fabulosos...

Mais ainda se nos afigura quando verificamos serem comuns de alto a baixo de tôda a escala social da velha sociedade. Os lares dos mais notáveis elementos do império eram os primeiros a dar espetáculo de virtudes. Praticantes de crença superior em abnegação, não admitiam divórcio, nem separações conjugais, vivendo para os filhos e a coletividade. A depoente Ulla von Binzer, produto do pior nacionalismo europeu — do prussiano depois de 1870 — encarniçada em rebaixar o sítio onde encontrava amparo, para enaltecer a sua madrasta terra natal, nada encontrou de reprovável na existência de seus hospedeiros. E, não era vontade que lhe faltava. Criticava e, ridicularizava, não raro maldosamente, os hábitos mais inocentes do país acolhedor, a ponto de, levada por sentimento muito tedesco, recorrer à precaução de fantasiar nomes de fazendas e fazendeiros a começar pelo seu, a fim de fugir de hipotéticas sanções por parte dos ofendidos quando a sua correspondência em livro se divulgasse.

CONTRIBUIÇÕES DO VELHO MUNDO

O conjunto de circunstâncias existentes no caso de regime servil, proporcionou outro aspecto à situação das fazendas, quando foram iniciadas tentativas de imigração no reinado de D. João VI. Suprimidos os principais obstáculos à atividade do imigrante, as condições receptivas se apresentavam completamente diversas, inclusive a possibilidade do ádvena rapidamente enriquecer, pedra angular de todo o sistema emigratório europeu. O que aportava no Brasil trazia consigo boas e más contribuições do Velho Mundo. Continuava o trabalho elementar do desbaste da terra iniciado pelo negro, porém, possuido do espírito próprio do Velho Continente, misto de nobre ambição e inconfessavel rapina, moldado por séculos de vorazes lutas pela existencia. Não existe um centimetro de solo no Velho Continente que não tenha sido regado por golfadas de sangue derramado pelo instinto predatório. De casa a casa, castelo a castelo, aldeia a aldeia, cidade a cidade, nação a nação, procuraram os ocupantes através do tempo, locupletar-se com os despojos do vizinho. Pode-se dizer, que a sua cultura foi fertilizada por cadáveres, caidos em campos de batalha, a formar mentalidade existente tanto no imigrante anônimo, como nos agentes oficiais da sua pátria, os quais em tese, o deviam proteger mas na realidade só o exploravam.

INFLUENCIA DO ELEMENTO FEMININO

O espírito do americano era diverso, particularmente do brasileiro, em que intervinham a largueza do seu território e o fato de continuar deserto por ocasião da chegada da côrte em 1808, a provocar crescente necessidade de colaboradores. O regime servil, correspondente nas Américas ao fator que na Grécia antiga elevou o prodigioso edifício de sua cultura, conseguira preparar o terreno para levas imigratórias de alto teor em eficácia e lastro técnico. Passados alguns meses de permanência no novo meio, começava, porém, a evolução do espírito do imigrante. Certas facilidades de vida e de melhoria, acabavam por interessá-lo e o complexo criador do homem se encarregava do resto, proporcionando-lhe recursos para a realização de projetos de há muito afagados. Daí, radicava-se ao solo empolgado pela obra em que colaborava na qualidade de pioneiro de novo mundo em formação.

Acontecia, que ao lado do elemento dinâmico, apareciam outros de indole mais contemplativa, ou debil, saudosos da terra natal, onde tudo estava feito e refeito, a prescindir de inovadores, requerendo apenas conservadores. Este segundo, preocupava-se tão só em conseguir rapidamente algum dinheiro para logo tornar à terra originária, atitude em que influia poderosamente o elemento feminino, muito mais dificil de se adaptar a um meio estranho que o homem preocupado com problemas de subsistência ou sonhos de ambição. Tornado a sítio natalicio via-se alvo o antigo imigrante da má vontade dos que tinham permanecido in loco em invariavel mesquinhez de vida. Era olhado com inveja, se bem estivesse longe de representar padrão de felicidade. Presa do mal-estar de todo individuo em fase de readaptação não se sentia satisfeito nem de um nem de outro lado do Equador, estranho ao próprio meio, angustiado ao saber que os antigos companheiros de imigração prosperavam, sentindo confusamente rebates de frustrada ambição ante o sucesso que também poderia ser seu com um pouco mais de pertinácia.

Na Europa ficara reduzido à medíocre condição de "rentier" pouco simpático aos conterrâneos, desprezado por uns, espoliado por outros. Mero espectador em ocio fastidioso do luxo e requinte de conterrâneos opulentos, que jamais tinham necessitado imigrar ralava-se de despeito arrependido de não ter sido mais persistente o que lhe permitiria satisfazer a vaidade e assegurar melhor o futuro da familia. Por que prestara ouvidos à estupida consorte e abandonara condições promissoras! Por causa de queixas sem fundamento — comidas, calor, frio, parentes ou amantes ausentes, aborrecimentos somenos, ciumes absurdos — abandonara o que o podia tornar rico e poderoso. De quando em quando lhe chegavam ecos do sucesso de individuos, que outrora conhecera além mar e julgara esquecido no lugarejo originário. Por fim perderia os filhos na guerra, e veria as rendas manterem-se sempre no mesmo nivel ao passo que vertiginosamente subia o custo da vida. Entenebrecido pelo vácuo formado em torno de si, sem raizes em parte alguma, culpava-se do mal que não praticara, vítima do peçonhento nativismo dominante no século 19, época de "ufanismos" da "Revanche", do "Deutschland ueber Alles", do "Britannia Rule the Wawes," do Panslovizmo. Paniponismo e pruridos coloniais italianos incentivados pelo saltitante Vittorio Emanuele. Para maior prejuizo de todos, muito contribuia cáfila de jornalistecos fracassados a vociferar em jornais e periodicos contra a terra onde prosperavam milhares de conterrâneos, criminosamente interessados em lhes amargurar a mente.

Condenado à morte por inanição, afilito pelo continuo fenecimento de recursos, velho demais para voltar ao trabalho, sem nada que lhe perpetuasse o nome, descrente do futuro dos seus em má hora recambiados à região superlotada de habitantes, o antigo colono findava ingloriamente enquanto prosperavam seus antigos companheiros, na euforia de quem passa de milionário a "miliardário".

2ª FASE CIVILIZADORA

Os que davam, entretanto, largas ao complexo criador, impondo-se à consorte e ao resto da familia descontentes, permaneciam na América para cumprir a missão que o destino lhes legara. A êles coube a segunda fase civilizadora do Novo Mundo, tarefa consistente em desenvolver a lavoura e iniciar o surto industrial, remate da independência econômica corolário da independência política. Em 1900 estuava em S. Paulo a lavoura orgulho de tôda nação, a ostentar ondas de cafeeiros sôbre léguas de terra roxa. Livre de pelas que o martirizavam na Europa, encontrava ali o imigrante terreno infindo para a sua atividade. No passado, o esforço do elemento servil lhe aplainara o caminho, facultando-lhe desembarcar em portos onde presenciara o embarque para todo o mundo de milhares de sacas de café. Depois dirigira-se à lavoura, alimentado e transportado pelos serviços de imigração, sem despensar um ceitil, sem preocupações acêrca da subsistência, até a casa de colono que na fazenda o esperava. Estabelecido em sítio menos agreste que o lugarejo natal, gozava de tôdas as facilidades de trabalho pela falta de inverno, na Europa avantesma do proletário, período em que tinha de cruzar os braços, à espera durante noites intermináveis que se derretesse a lama gelada estendida sôbre a terra.

O sorriso da Fortuna ajudava a vencer a nostalgia do berço distante. A Europa era o paraiso dos ricos que não precisavam trabalhar, ao passo que a América só abria os braços a quem soubesse cultivá-la. Não se abalançasse a atravessar o oceano o viajante receoso de sacrifícios e de aturado labor. Mais tarde receberia a recompensa do esforço, mas tinha antes de consagrar a sua vitalidade e constância ao intento que afagava. Encontrava, contudo, desde o principio estímulo em participar da imensa empresa em que o seu complexo criador se expandia no desenvolver de riquezas, confundido com o organismo nascente sentindo cada vez mais profundo o palpitar do ser que seria também seu fruto magnífico de seu trabalho.

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Em fins do século 19 e principios do 20 não é possivel falar em café sem referência à imigração italiana. Maior que os demais concorrentes de outras nacionalidades as levas provenientes de tôdas as provincias da peninsula surtiram, no Brasil, portentoso resultado. A feliz combinação do potencial humano, da generosa lavoura cafeeira e de condições ecológicas e telúricas, permitiu o milagre de transformar em meio seculo, apenas, inculto território em enorme oficina de trabalho. Vários fatores inesperados contribuiram para a feliz aclimação do imigrante novo habitat. Por estranho que pareça, houve casos em que o elemento itálico melhor a êle se adaptou que o português ou espanhol aparentemente mais afins de antiga parcela, de império ibérico. Causava espanto, por exemplo, a visitantes italianos, a operosidade e bom comportamento no Brasil de individuos originários de sítios infamados na peninsula pela miséria. A mudança de pele dêsses antigos deserdados da sorte, era deveras assombrosa, tão absorvidos pelo meio, que a despeito de exaltados e impulsivos como todo latino de boa cepa, mostravam-se bastante lúcidos para não dar ouvidos ao bando de agentes oficiais, semi-oficiais e simples pescadores em águas turvas, entre nós emergidos de permeio com úteis trabalhadores. Perdiam tempo e tinta jornalistas à cata de noticias sucetiveis de se prestarem a manejos politicos. De Ferruccio Macula a Freddi, passando de Mariconi a Magrini, tão lamentáveis aventureiros gastavam peçonha sem alcançar êxito algum. Ofereciam também a pena para fins de propaganda, logo tornados difamadores se não satisfeitos, extremamente prejudiciais à coletividade italiana do além mar. Prejudicavam a todos, pois, dispunham da perigosissima arma dos nacionalismos exacerbados pelos fermentos de guerra que provocam circulos viciosos — quanto mais nacionalismo mais pruridos guerreiros, quanto mais rumor de guerra mais nacionalismo — período característico iniciado pela Revolução Francesa, em 1793, sòmente diluido na conflagração universal de 1939. Duas fase dêsse estado de espírito foram particularmente dificeis de vencer na história da imigração no Brasil; o delirante nativismo oriundo da unificação da Itália, que involuntariamente favoreceu explorações várias, e o fenômeno fascista decorrente da guerra de 1914, rebalsar de velhas místicas novecentescas extravazadas ao século 20. Mas a despeito dêsses obstáculos continuou a obra dos imigrantes do apogeu do café, os quais depois de fecundar a terra com o seu suor, deixaram-lhe além de mais bens, a inestimável herança de filhos tão paulistas como os precursores de quatrocentos anos.

Desenho da época, de autoria de Prado (Coleção do Prof. Spencer Vampré)

DESENHOS DE PERCY LAU

ANDERSON, CLAYTON & CIA. LTDA. – UMA ORGANIZAÇÃO A SERVIÇO DO BRASIL

Estação Experimental do Instituto Agronômico em Ribeirão Preto. Ensáio de Adubação: sem adubação. (Fotografia tirada em maio de 1954). (Plantado do mesmo dia que o lote adubado, com adubação compelta — verificar outro cliché.

Estação Experimental do Instituto Agronômico em Ribeirão Preto. Ensáio de Adubação: Adubação químico-organica completa. (Fotografia tirada em maio de 1954)

ATIVA PARTICIPAÇÃO NA BATALHA DE RECUPERAÇÃO DAS TERRAS BRASILEIRAS

ADUBOS E INSETICIDAS PARA A NOSSA AGRICULTURA – POSIÇÃO DESTACADA DA EMPRÊSA NO COMERCIO CAFEEIRO DO PAÍS

Estabelecida no Brasil desde 1934, Anderson, Clayton & Cia. Ltda. acompanhou o fabuloso desenvolvimento da cultura algodoeira no país, incrementando — de ano para ano — suas atividades, e ampliando consideravelmente os seus vários departamentos. Em 1941, empenhada em favorecer a recuperação das terras brasileiras, Anderson, Clayton & Cia. Ltda. iniciou a construção de suas fábricas de adubos, a primeira delas na cidade de Araraquara, nesse mesmo ano. Os adubos produzidos nesta primeira fábrica eram destinados à recuperação das terras ocupadas pelos cafezais, possibilitando assim melhores perspectivas à produção da rubiácea.

Em 1947, quando a produção de adubos da fábrica de Araraquara já se mostrava insuficiente para atender às necessidades dos cafeicultores brasileiros — agora convictos das vantagens de uma boa complementação quimica à adubação orgânica — Anderson, Clayton & Cia. Ltda. construiu uma nova fábrica de adubos, desta vez localizada em Bauru, cidade de importante entroncamento ferroviário, a exemplo de Araraquara. A nova fábrica começou a produzir adubos em grande escala, também destinados à recuperação das cansadas terras de café, participando assim Anderson, Clayton & Cia. Ltda. de modo claro e objetivo na grande batalha de recuperação do solo brasileiro.

Negociando — desde o início de suas atividades — sòmente com o algodão, entrava Anderson, Clayton & Cia. Ltda. para o comércio do café, reconquistando para o país um nivel de produção que vinha caindo e que viria refletir mais tarde na economia agricola do país.

Mas isso não era tudo. Urgia que fossem combatidas energicamente as pragas que assolavam a lavoura brasileira. E comprendendo a necessidade de uma fábrica de inseticidas nacional que viesse possibilitar aos lavradores maiores e melhores colheitas, Anderson, Clayton & Cia. Ltda. erguia em Capuava, no ano de 1950, a maior fábrica misturadora do continente e, ao lado desta, mais uma fábrica de adubos. Fornecendo os seus inseticidas de alta qualidade, Anderson, Clayton, & Cia. Ltda. colaborava ativamente com os agricultores no combate à broca do café, bicho mineiro, ácaros e outras pragas que diminuiam sensivelmente o volume das colheitas.

Contudo, a organização não se ateve exclusivamente às atividades de recuperação do solo e proteção das lavouras. Passou a exportar também a nossa preciosa rubiácea, em 1949, integrando-se assim definitivamente no comércio cafeeiro. Quatro anos depois, Anderson, Clayton & Cia. Ltda. lograva atingir poposição das mais destacadas nesse comércio, conquistando posição proeminente entre os exportadores de café do país.

DEPARTAMENTOS ESPECIALIZADOS

Ligando a comercialização à produção de adubos, a Cia. criou um novo departamento de finalidades técnicas, que, através de experiências mundiais, e, principalmente, dos resultados experimentais obtidos pelo Instituto Agronômico de Campinas e mesmo por lavradores de café, pudesse orientar os cafeicultores nas práticas mais eficientes de produção, a fim de que tirassem dos adubos e dos inseticidas os melhores proveitos. Completava-se assim o ciclo de comercialização e industrialização. Por um lado a firma colaborava com o produtor por intermédio de seu Departamento de Fomento Agricola, no sentido de que produzisse em bases técnicas e econômicas, recomendando-lhe que adotasse tôdas as práticas modernas de conservação do solo, de adubação, de combate às pragas, de escolha de melhores variedades, exprestava serviço relevante ao comércio nacional cafeeiro, financiando e comprando o café em coco, processando e vendendo-o em todo o mundo, por intermédio de sua vasta organização, altamente especializada em assuntos internacionais.

PRODUÇAO

A produção de adubos, como dissemos linhas acima, está hoje situada em três dos mais importantes centro ferroviarios do país: Araraquara, Bauru e S. Paulo (Capuava). A capacidade dessas três fabricas é de 100 mil toneladas anuais, de adubos misturados. Somente para café, têm essas industriais nove formulas que atendem às necessidades das principais regiões cafeeiras, levando-se em consideração o solo e o estado da lavoura. Essas formulas são bastante populares entre os lavradores, devido, principalmente, ao seu carater organico que propicia ao cafezal a oportunidade de assimilar seus elementos da maneira mais perfeita possivel.

Por outro lado, diversas formulas são elaboradas com a finalidade de suplementar materia organica produzida na propria fazenda de café a fim de que o lavrador, ao aplicá-la, possa tirar dela o maximo proveito.

Esse sistema de adubação quimico-organica, é o que existe de mais cientifico em adubação dos cafezais, até o momento. Seus resultados têm sido espetaculares, tanto em fazendas particulares como em estações experimentais do Instituto Agronomico.

INSETICIDAS

Os inseticidas são produzidos dentro do mais absoluto controle de qualidade, tanto na parte quimica, como na constituição fisica do produto.

O inseticida para café será tanto mais eficiente quanto maior for a cobertura que efetuar do pé de café. E' necessario, a fim de que um bom resultado seja alcançado, que o pé de café seja envolvido por uma nuvem de pó. Esse efeito só será obtido por um inseticida de excelente grau de finura, bem seco, fabricado com pó inerte de boa procedencia, finamente moido.

Garantindo a obtenção desses elementos, a Cia. mantém em Capuava o mais moderno e completo equipamento que existe atualmente.

CREDITO

Ao lado de um perfeito controle de qualidade e de ampla assistencia técnica, a grande maioria das vendas de adubos e inseticidas são a prazo de colheita. Na cultura cafeeira, no entanto, esse prazo atinge a mais de um ano, pois o adubo é embarcado em julho, aplicado em setembro-outubro e o recebimento feito depois da colheita, isto é, em setembro do ano seguinte.

Esses prazos tão dilatados — talvez unicos no mundo no genero — só são possiveis devido à extrema confiança de que o uso dos adubos e inseticidas produzirão bons resultados e aos bons antecedentes dos lavradores que pagam, pontualmente, esses débitos.

Para que se faça uma idéia do movimento desse Departamento, basta que se diga, que nos ultimos três anos, foram concedidos à lavoura, em média, créditos superiores a 150 milhões de cruzeiros, para pagamento de adubos e inseticidas a prazo de colheitas.

FOMENTO AGRICOLA

O Fomento Agricola é um departamento de agronomos. A sua função, entre outras mais, é estudar novas técnicas de produção cafeeira e orientar os lavradores, a fim de que possam obter o maximo de rendimento em seus negocios.

Em adubação de café, o Departamento de Fomento Agricola vem se batendo para orientar os lavradores evitando o desperdicio provocado por adubações unilaterais, quando não se leva em consideração o esgotamento das terras e a necessidade do cafeeiro.

Um lavrador que adube uma terra esgotada somente com matéria organica, ou com adubação quimica unilateral sem analise de solo, na maioria das vezes está deixando de fazer uma adubação que com um pequeno acrescimo de custo lhe poderia trazer resultados muito mais compensadores.

Não há duvida alguma de que a adubação organica, tão necessaria as nossas lavouras de café, precisa ser seguida de uma adubação quimica completamentar para que os melhores resultados sejam obtidos.

Essa conclusão poderá ser perfeitamente evidenciada pela analise do solo e comprovada por resultados praticos.

A analise que se segue dá uma idéia do esgotamento de um solo virgem depois de cansado:

	Solo virgem quilos	Solo cansado quilos	Perdas %
Materia organica	413.000	26.000	94
N total	11.000	1.400	87
CaO trocavel	20.000	900	95
K20	1.400	115	92
P205	1.600	600	62

Assim pergunta-se: Como será possivel restabelecer a produção de um cafezal neste solo somente com adição de materia organica? E' logico que se adicionarmos quantidades enormes de materia organica, a propria materia organica levará os elementos quimicos necessarios para o reerguimento daquele solo; porém, a maneira mais economica de se conseguir a recuperação da terra, é levar ao solo a quantidade necessaria de materia organica e completá-la com a adubação quimica.

Esses dados são comprovados. Ilustramos esta reportagem com fotos de um cafezal plantado em terra velha, na Estação Experimental de Ribeirão Preto. O primeiro sem adubação e o segundo com adubação organica complementada com quimica.

De qualquer angulo que se estude a recuperação dos cafeeiros, evidencia-se a necessidade e a vantagem da adubação quimica complementada com a organica.

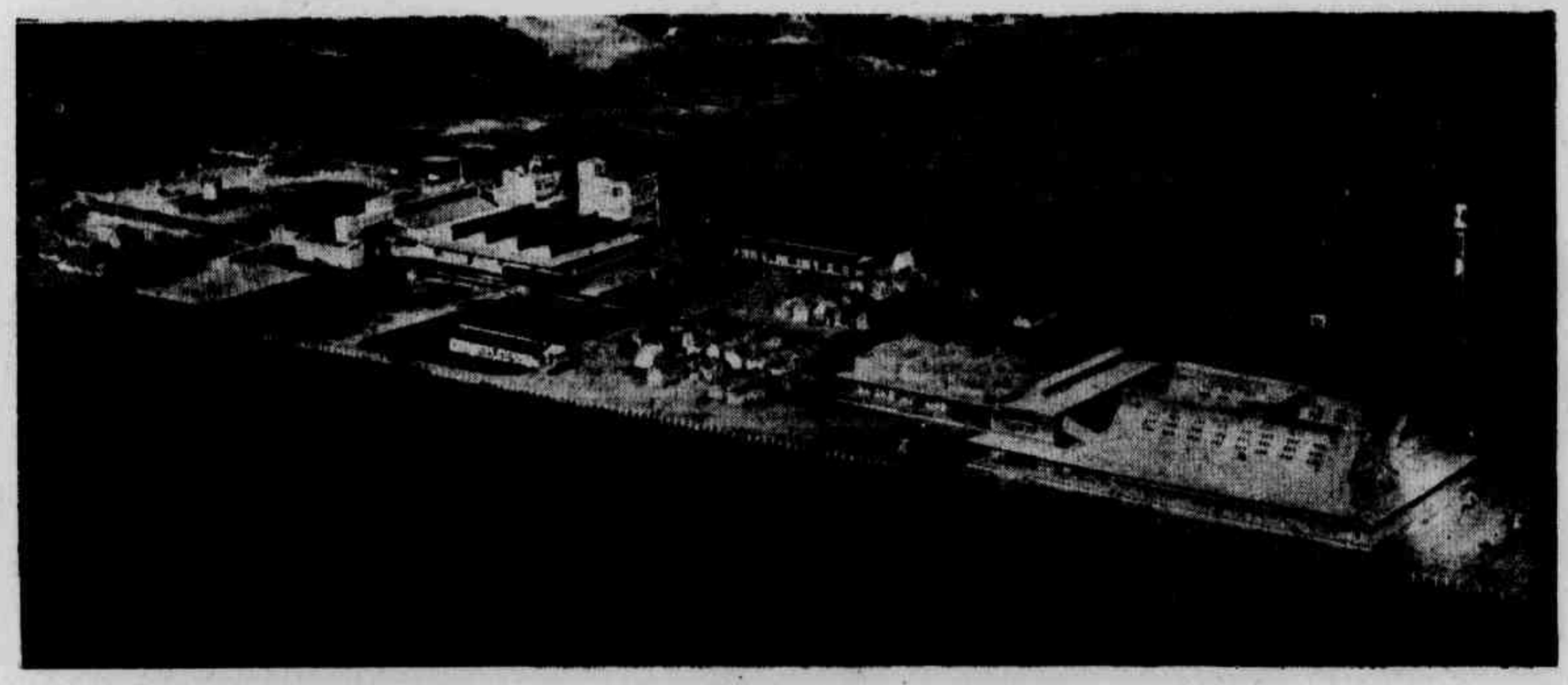
Tomemos por exemplo a propria exigencia do café, para produção de uma safra de 60 sacas em côco.

Um cafeeiro, para produzir 60 sacas em côco, retira do solo N-29,7 kg.; P205-65 kg. e K20 46,3 kg.

Se formos restituir os elementos somente pelo estereo de curral, iremos necessitar para o Azoto de 9,5 kg. (mais ou menos 26 litros); para o Fosforo, 33 kg. (mais ou menos 81 litros) e para o Potassio 14,8 kg. (mais ou menos 37 litros).

Se formos adicionar 81 litros de esterco por pé de café, anualmente, o custo dessa adubagem será elevadissimo, além de estarmos levando azoto e potassio em demasia. O logico, portanto, será adubar o solo com cerca de 25 litros de esterco ou meio jacá e levarmos a quantidade suficiente de fosforo e potassio com a adubação quimica complementar, a fim de devolver ao café aqueles elementos necessarios à sua produção e, consequentemente, evitar o depauperamento cada vez maior das terras.

Esta é uma das funções do Departamento de Fomento Agricola. Orientar o lavrador, a fim de que este, ao adquirir o adubo para o seu cafezal, fique certo que está comprando um produto que possibilitará maior produção e segurança para a sua lavoura.



CONTRIBUIÇÃO DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA AO DESENVOLVIMENTO DE S. PAULO

Na expansão do café e na sua economia — Como venceu a nossa principal ferrovia a Serra do Mar na conquista do pôrto de Santos, imprescindivel à exportação da rubiacea

Neste ano de 1954, em que se comemora o primeiro centenario da introdução da estrada de ferro no Brasil, torna-se oportuno um golpe de vista sobre o panorama da expansão da nossa rede ferroviaria. Nesse panorama avulta, desde logo, o café.

De fato, coube ao café, no seculo XIX, o papel que a caça ao indio e às minas de ouro, nos seculos XVII e XVIII, desempenharam na expansão geografica do Brasil. "Os paulistas descansavam de suas correrias pelo sertão — escreve o sociologo Fernando de Azevedo —, tomavam o folego para novas investidas e, tendo-se feito lavradores, começaram a preocupar-se com o problema da aplicação do transporte mecanico, em cuja solução estaria não só o meio de levar os produtos agricolas para os portos de embarque, como tambem de penetração do interior à procura ou para exploração em maior escala, de terras cultivaveis e ferteis, já alcançados pela onda verde que, depois de se estender pelo vale do Paraiba, investia sobre outras regiões conquistadas às florestas".

"Foi o café — prossegue o sociologo — que alcançou as primeiras estradas de ferro, não só as que se destinavam a ligar o Rio de Janeiro às zonas das mais antigas fazendas de café e o porto de Santos a São Paulo, para o escoamento da produção, como as linhas de penetração que se constituiram em instrumento de valorização economica e pioneiras do povoamento. Eles não ignoravam que o ferrocarril é um poderoso fator de desenvolvimento economico das regiões a que serve, pelas facilidades que proporciona ao escoamento em massa de sua produção e ao seu abastecimento com produtos importados. Não era somente a situação geografica de Piratininga que os impelia para o sertão, "para os dois rios de cuja bacia se avizinhava, o Tietê e o Paraiba do Sul, teatros provaveis das primeiras bandeiras que tornaram logo famoso e temido o nome paulista".

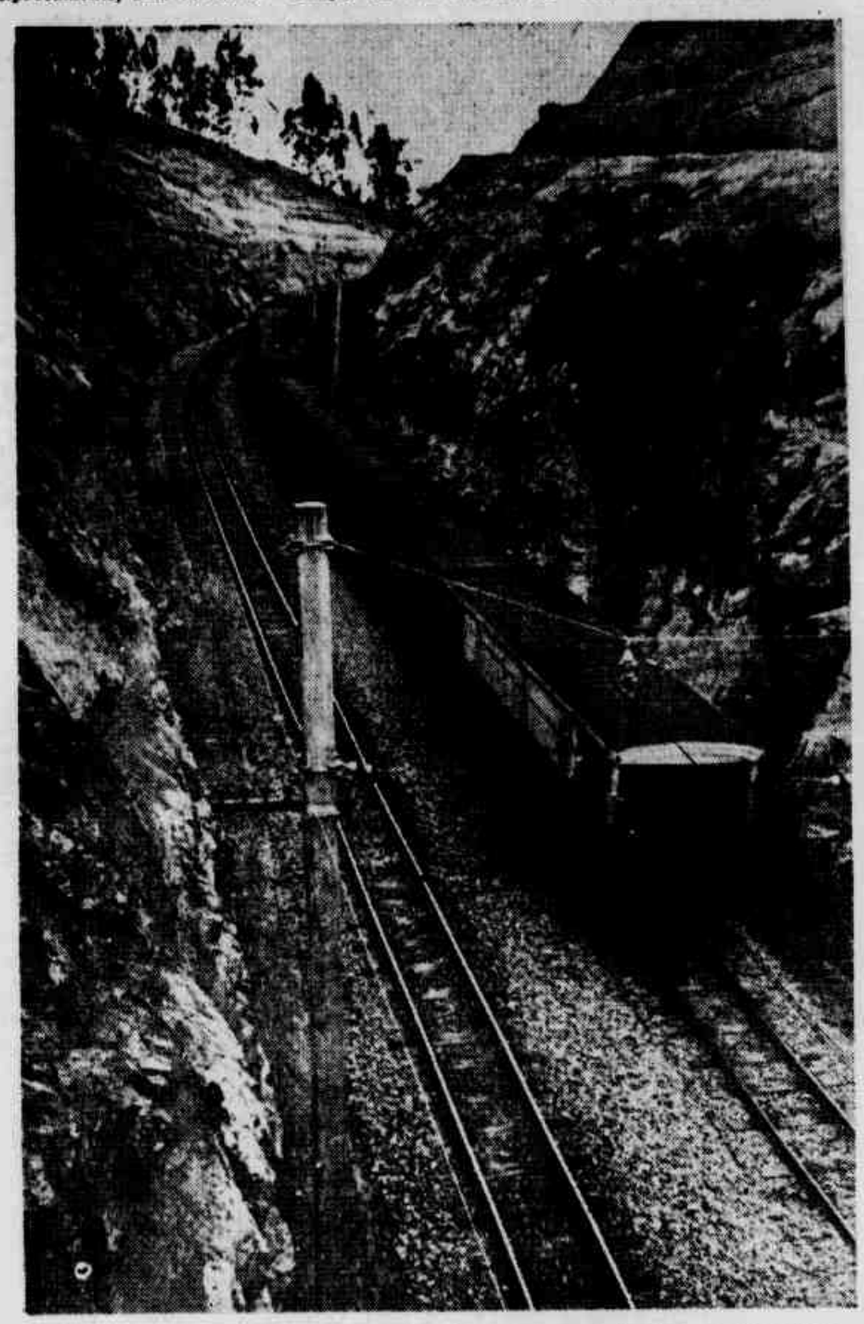
Aquela mesma constelação de vilas, todas anteriores a 1680, que se formara à volta de São Paulo e se incorporou à historia das Bandeiras, Mogi das Cruzes, Parnaiba, Taubaté, Guaratinguetá, Itu, Jundiaí, Sorocaba, devia exercer um papel importante na historia das estradas de ferro. "Cada uma das vilas extremas, escreve Capistrano de Abreu, demandava destino diverso: as vilas do Paraiba do Sul apontavam para as proximas Minas Gerais, como Parnaiba e Itu apontavam para Mato Grosso, como Jundiaí apontava para Goiás e Sorocaba para os campos de pinheiros em que já surgia Curitiba".

"Se para mobilizar todas essas forças bastou, no seculo XVII, o descobrimento do ouro, para pôl-as novamente em atividade, organizá-las, dar-lhes um novo e vigoroso impulso, concorreu, no seculo XIX, não somente a cultura do café, mas o seu roteiro que a estrada de ferro perseguia, indo no encalço dos cafezais e levando até às "bocas do sertão", de um lado e de outro, as pontas dos trilhos".

Tal quadro descreve, de maneira clara, a posição, por exemplo, da E. F. Sorocabana, na expansão do café e, reciprocamente, uma vez favorecida a disseminação da rubiacea no interior de São Paulo e do Paraná, a influencia que o café, no seu refluxo para os portos de exportação, iria ter no desenvolvimento da ferrovia.

Com efeito, quando a Sorocabana, em 1875, começou a extender os seus trilhos através dos sertões de São Paulo até alcançar o Paraná, foi semeando cidades. Esses burgos, plantados em terras ferteis, proprias à lavoura cafeeira, à medida que estas se expandiam, passaram a retribuir à ferrovia, na forma de carga a transportar, (o que se poderia traduzir, em ultima analise, em dinheiro para a sua manutenção) o seu reconhecimento. Ainda é o prof. Fernando de Azevedo quem observa: "Fato altamente expressivo da intima relação entre a lavoura do café e os caminhos de ferro, nas suas ações e reações reprocas, manifesta sobretudo nas influencias da ferrovia sobre a população e a produção, e destas sobre o desenvolvimento das estradas que vivem do transporte de cargas e passageiros e, portanto, da maior intensidade dos fenomenos de circulação".

O fenomeno é evidente, não necessitaria demonstração. Contudo, vale a pena considerar o papel importantissimo que vem desempenhando a Sorocabana na disseminação da riqueza em São Paulo, traduzida, no caso particular, no incentivo ao plantio do café, produto, como se sabe, que contribui com cerca de 74% no conjunto da nossa exportação, e reciprocamente, no estimulo do café à expansão da Sorocabana.



Na ligação entre as fontes produtoras da rubiacea e o porto de Santos, a Sorocabana emprega vagões dotados de todos os requisitos de segurança, tendo em vista não só o alto custo da mercadoria como a sua propria natureza. De resto, providencia indispensavel a qualquer transporte eficiente, como o que em geral executa a nossa principal ferrovia.

A SOROCABANA E A EXPANSÃO DO CAFE'

Embora, no momento, o forte do seu transporte sejam os cereais, o montante das cargas de café transportadas pela Sorocabana nos dão uma indicação da sua influencia na expansão da nossa principal riqueza agricola.

Para só se referir a alguns dados mais recentes, considerem-se as seguintes quantidades das sacas de café transportadas ultimamente pela Sorocabana do interior do Estado e entregues aos portos de exportação:

Anos	Sacas
1940	4.537.256
1841	3.216.594
1942	1.843.597
1943	2.687.872
1944	2.369.625
1945	4.428.918
1946	4.384.080
1947	4.562.761
1948	6.008.206
1949	4.069.281
1950	3.661.067
1951	3.080.283
1952	3.222.800
1953	3.809.893

LINHA MAYRINK-SANTOS

Mas, o zelo e a participação da Sorocabana no incremento não só da lavoura cafeeira paulista, como em toda a riqueza bandeirante, se manifesta ainda na construção da linha Mayrink-Santos. Como se sabe, por 90 anos tinha a antiga S. Paulo Railway, dominada por empresa inglesa, a concessão de acesso ao porto de Santos. Só as suas linhas chegavam ao porto. Tal fato, como é obvio, estrangulava a circulação das riquezas paulistas, pois ocorria, frequentemente, o congestionamento da sua capacidade de transporte, com graves danos à economia bandeirante. Num assomo de arrojo, a Sorocabana, em 1926, enfrentou todos os obstaculos que lhe antepunham, a Serra do Mar e a concessão dos ingleses, e construiu um ramal que partindo de Mayrink atingia o porto de Santos. Esse fato, ainda hoje não exaltado convenientemente, produziu um desafogo ao livre transito das mercadorias tanto no sentido da exportação como no da importação, que estamos muito longe de considerá-lo na sua justa grandeza.

LINHA PRESIDENTE ALTINO-EVANGELISTA DE SOUSA

Passam-se os anos. A experiencia mostrou que para maior rendimento da Mayrink-Santos, uma nova linha deveria ser aberta que partindo de São Paulo alcançasse o porto. E' o que a Sorocabana está fazendo no momento. Abre uma linha que dos suburbios da capital, ou mais precisamente, que de Presidente Altino vai entroncar-se na estação de Evangelista de Sousa, na Mayrink-Santos. Alem dos fatores de ordem economica, tanto para a estrada como para a economia paulista que sem duvida essa linha irá precipitar, encurtará ela o caminho de cerca de 93 quilometros.

Seu traçado é modernissimo, com curvas em raio minimo de 400 metros e rampa maxima de 1%. O leito mede 14 metros de largura, tendo capacidade para linha dupla. Inicialmente correrão ali trens tracionados por locomotivas Diesel-eletricas, mas a Sorocabana já tem projetada a eletrificação de toda a linha. Sete estações para cargas e passageiros estão construidas. Até o fim deste ano de 1954, espera a Sorocabana concluir essa obra.

Sobreleva notar ainda, que alem do fator economico, a linha Presidente Altino-Evangelista de Sousa atravessará a região de Santo Amaro, vizinha da capital e zona, atualmente, em franco processo de expansão urbana. Para ali se dirigem, hoje, grandes nucleos residenciais, constituindo como que cidades satelites de São Paulo. Assim, visando apressar a circulação das riquezas paulistas, vai a Sorocabana tambem contribuir poderosamente para a solução do congestionamento urbano da capital, pois até agora a região de Santo Amaro vive na mais absoluta carencia de transportes coletivos.

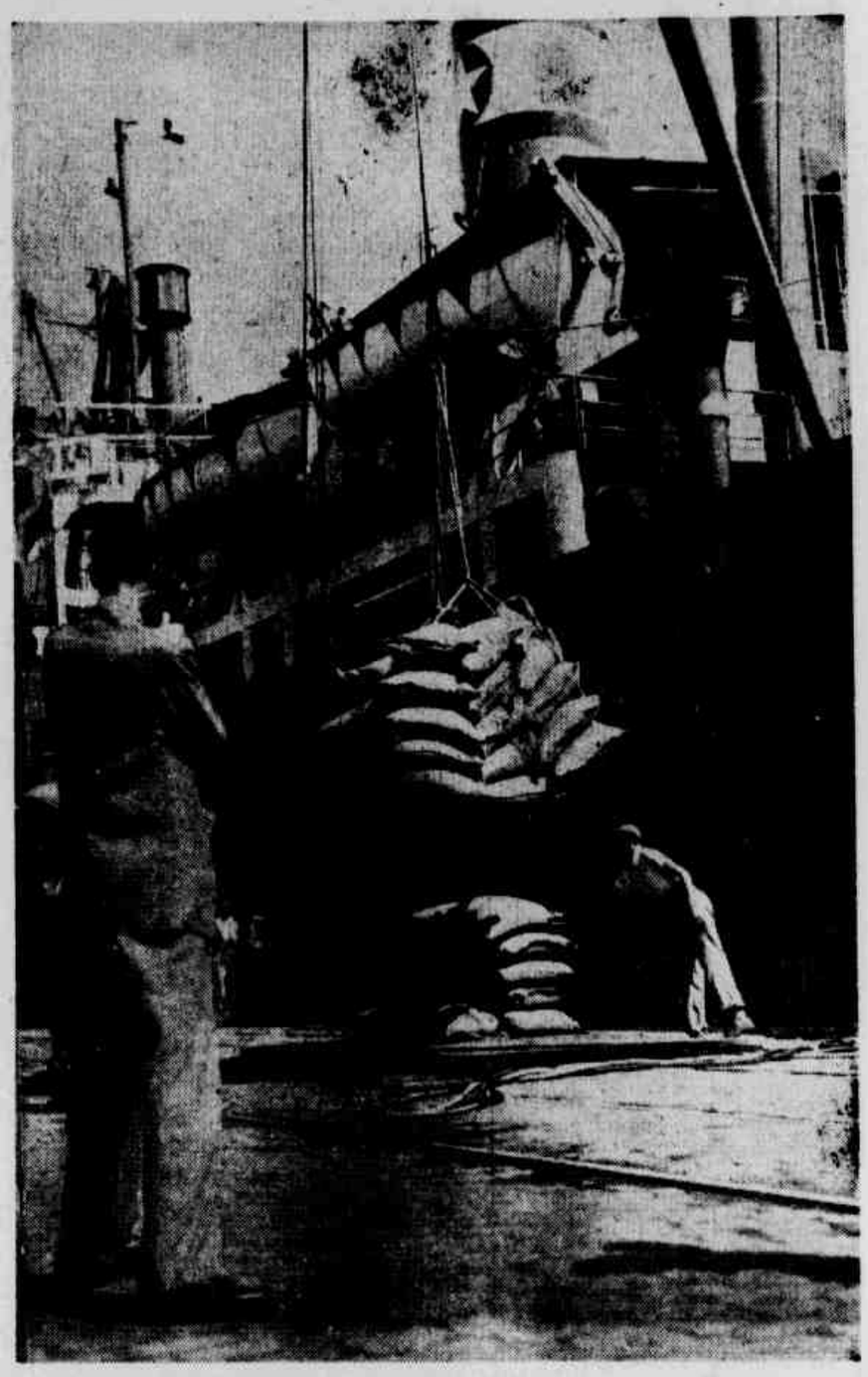
MATO GROSSO, NOVA ETAPA

Não se detem, contudo, a Sorocabana, a ferrovia mais ativa e operante no meio fisico e social do Brasil. Conquistada grande area do Estado de São Paulo, investe ela agora rumo ao oeste, em demanda de Mato Grosso. Projetou e está construindo uma variante que ligará o entreposto de Presidente Prudente às barrancas do rio Paraná, no ponto em que recebe ele o caudal do seu afluente o Paranapanema, exatamente onde se confinam os Estados de S. Paulo, Paraná e Mato Grosso. Em seguida, transpondo o rio, alcançará Dourados, em territorio matogrossense. Dali entroncará em Ponta Porã com a Noroeste, na fronteira do Paraguai.

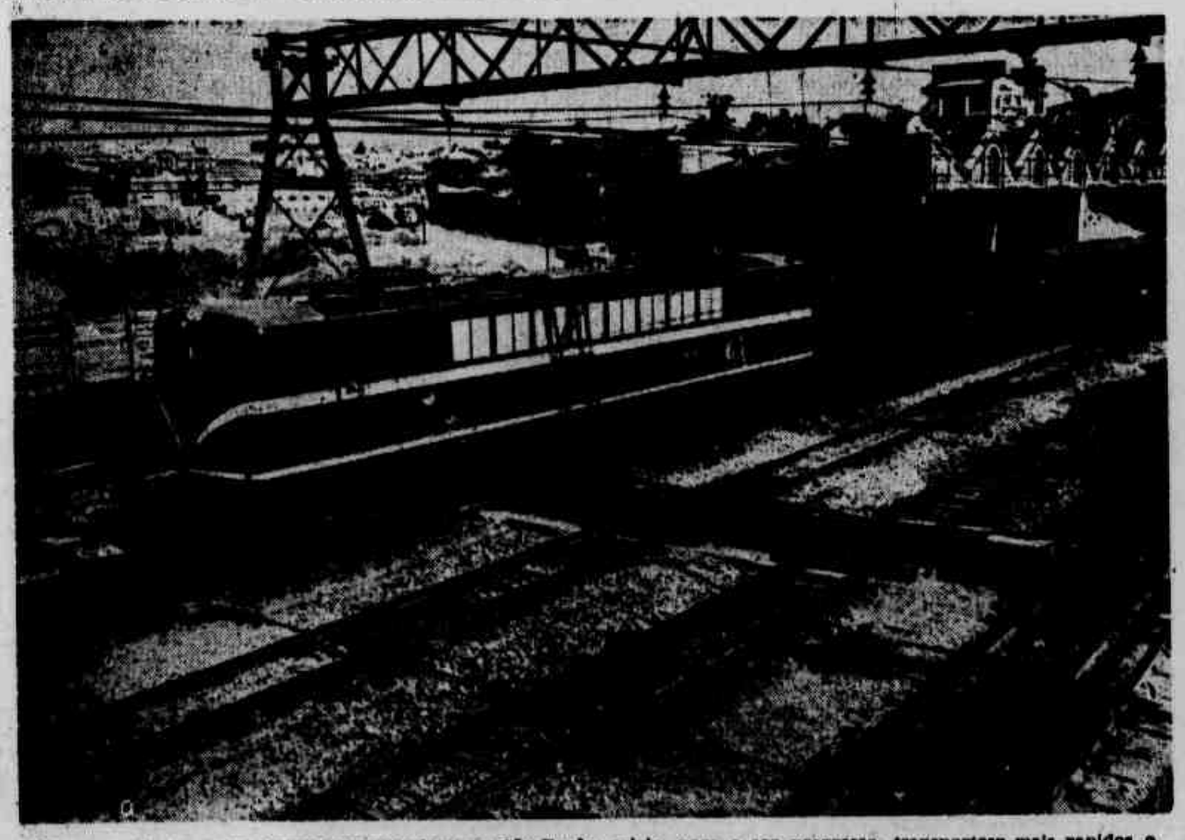
Essa variante atravessará uma região fertilissima, de terras roxas, excelentes para o cultivo do café e onde a rubiacea já se encontra em fase de expansão. Retoma, assim, a Sorocabana, a sua missão de pioneira, de semeadora de riquezas.

Tambem aqui os cuidados tecnicos na planificação das obras denotam a visão dos engenheiros daquela ferrovia. Terá a variante todos os requisitos exigidos pela mais moderna tecnica ferroviaria. Rampas maximas de 1%, raio minimo de 600 metros, 70% de elementos retos, patios de mil metros de comprimento. Cerca de 228 quilometros de extensão terá a variante. Aproximadamente 46 quilometros já estão prontos, o restante projetado e locado.

Eis aí, pois, num quadro sumarissimo, a contribuição da Sorocabana ao desenvolvimento de São Paulo.



A contribuição da Sorocabana na expansão do café, a maior riqueza de São Paulo e do Brasil, se manifesta no sentido de ter aberto caminho ao plantio da rubiacea e no de transportar o produto para os portos de exportação. Usando uma linguagem simbolica, pode-se dizer que a Sorocabana plantou o café, colheu e exportou.



No momento em que a Sorocabana percebeu que São Paulo exigia, para o seu progresso, transportes mais rapidos e em maior escala, abandonou praticamente a tração a vapor, adquirindo locomotivas Diesel-eletricas e eletricas e hoje, cerca de 75% do seu movimento de carga e passageiros são feitos através de suas linhas eletrificadas; as cargas são transportadas em vagões dos mais modernos tipos adequados à natureza da propria mercadoria.

Quando, há 79 anos, a Sorocabana assentou os seus trilhos, nada mais havia na região por ela atravessada senão mato. Hoje, ao longo das suas linhas, erguem-se centenas de cidades e milhares de fazendas em franca produção, como esta, onde se vê a faina da secagem do café num terreiro.

O CAFÉ E A IRRIGAÇÃO

ABRAM BRICK
Engenheiro agronomo de Serva Ribeiro Irrigação S/A.

A irrigação pode ser definida como sendo a aplicação artificial de agua ao solo, com a finalidade economica de torná-lo produtivo, ou de melhorar as suas condições de produtividade agricola.

Procuraremos salientar nesse trabalho, a importancia que a Irrigação representa para a cultura do café, essa viga mestra da economia brasileira, quer sob o ponto de vista como fator de garantia contra as sêcas, quer como grande auxiliar no aumento da produção e na melhoria dos produtos, apontando o inicio do atual reerguimento da lavoura cafeeira, orientado por diretrizes com bases na experimentação.

O ministro João Cleofas, recentemente encaminhou para apreciação do presidente da Republica, uma exposição de motivos em que aborda as inumeras vantagens e possibilidades para a nossa Agricultura, com o emprego da irrigação, ressaltando sobremodo o método por aspersão.

Nesses ultimos anos, a cultura que mais tem se beneficiado com a Irrigação, introduzida em São Paulo, inicialmente a titulo experimental, porém hoje já em carater de indispensabilidade, é o café.

O aumento imediato da produção impressionou pelo numero, afirmou o nosso ministro da Agricultura. Propriedades que produziam média de 18, 20 e 24 arrobas, graças à adoção da Irrigação adequada e em periodo certo, passaram a produzir 84, 102 e 94 arrobas, por mil cafeeiros.

Somente o Estado de São Paulo possui aproximadamente 2.700 propriedades com mais de 50 mil cafeeiros, com um total de 600 milhões de pés de café a serem irrigados. Com os processos irrigatorios, os resultados obtidos mostraram que os cafeicultores paulistas, caso adotem o método de uma maneira generalizada, conseguirão obter um rendimento a mais, de cerca de 2,5 milhões de sacas de café.

A importancia desse problema não diz respeito tão somente à lavoura mas, também, à propria riqueza nacional, levando-se em consideração as divisas produzidas com a exportação desse excedente de produção.

O uso da Irrigação nos reporta a eras imemoriais. Na Biblia Sagrada encontramos uma citação que a liga à propria origem humana: "E um curso d'agua saiu do Eden para regar o Jardim". (Gênesis-ii-10). Os egipcios, pelas suas pinturas e esculturas comprovam que há cerca de 4.000 anos já se usava a Irrigação. Na China e na India, também há milenios, já se irrigava. O emprego da Irrigação, posteriormente, passou para a Asia Menor, Grecia e Italia e provavelmente pelos mouros, foi introduzida na Espanha.

A Irrigação mecanizada, da mesma maneira nos transporta para eras remotas. Os egipcios já utilizavam algumas maquinas primitivas: o "shaduf" (também usado na India com o nome de "denkli") que era uma espécie de balancim e contrapeso; a "sakia" ("haret" na India), também conhecida pelo nome de "Roda Persa" e que era um primitivo elevador de caçambas; o "Parafuso de Arquimedes", inventado por Arquimedes de Siracusa, 200 anos A. C. Com essas maquinas o homem antigo irrigava, permitindo ao Egito, país onde quase não chove, lugar preponderante dentro do Império Romano.

Em São Paulo, está havendo um grande interesse para a Irrigação de cafezais. Segundo o engenheiro-agronomo Sebastião Gonçalves da Silva, isso teve inicio há 4 anos quando um lavrador de Tabapuã, com certeza impressionado com o fato de poderem os americanos da California, obter grandes colheitas de laranjas de suas terras arenosas e secas, à custa da Irrigação dos pomares, admitiu que o mesmo poderia acontecer em seus cafezais. Importou equipamentos, fez represas de agua, estendeu tubulações por toda a lavoura, fazendo chover sobre as arvores e sobre o solo, sucedendo aquilo que seu otimismo esperava: a produção aumentou. Depois disso, cuja repercussão foi grande, cerca de uma dezena de lavradores seguiram aquele exemplo e mesmo antes que as colheitas mostrassem em numeros concretos os resultados dessa pratica, aproximadamente 500 outros cafeicultores movimentaram-se para a adoção dos métodos de Irrigação em suas fazendas. A explicação disso pode ser dada pelas visitas feitas às lavouras irrigadas, nas quais podiam-se notar arvores que exibiram um verde saudavel na folhagem e uma carga como não havia igual nas redondezas, onde a sêca deixara as plantações cheias de falhas e quase vazias de carga.

Hoje, a irrigação desempenha papel de relevante importancia no planejamento economico de varios países, alguns dos quais, como o Estado de Israel, utilizam-se de suas principais verbas orçamentarias a projetos irrigatórios.

Sabemos que a agua é indispensavel ao crescimento dos vegetais. Normalmente, essa agua é fornecida pelas chuvas. Porém, estas não ocorrem, na maioria das vezes, nas ocasiões oportunas, em quantidades adequadas, resultando, isso, num retardamento ou paralisação do ciclo vegetativo, ocasionando sérios prejuizos às plantas. O uso da irrigação corrige essas deficiencias, constituindo uma segurança contra imprevistos de tempo e permitindo resultados melhores que os da propria chuva, pois a agua pode ser aplicada artificialmente nos momentos mais adequados a cada fase do ciclo vegetativo e em quantidades mais recomendadas pela experiencia.

O café, como um ser vivo que é, necessita de agua com um minimo indispensavel, para que assim possa executar a sua fisiologia, garantindo a produção. Segundo se divulgou o consumo medio de agua pelo cafeeiro, nos meses de estiagem é de 500 litros por mês, sendo que as raizes da planta exploram a agua até uma profundidade de 80 centimetros.

A cultura do cafeeiro é possivel em toda zona tropical e subtropical. Entretanto, as condições mais favoraveis ao desenvolvimento economico da cultura do café, devido aos fatores ecologicos propicios, é nas proximidades do tropico de Capricornio. Quanto às chuvas, o cafeeiro desenvolve-se perfeitamente bem na zona subtropical do Brasil, naturalmente, com as excessões ocasionais.

De uma maneira geral, o cafeeiro entra em repouso quando as chuvas começam a escassear no fim do outono, fazendo cessar ou diminuir a intensa atividade vegetativa da planta. Prosseguem em desenvolvimento unicamente as gemas das axilas das folhas. Com as primeiras chuvas da primavera, quando o solo já estiver bem umedecido, ocorre o fenomeno da floração do cafeeiro. Com o continuar das chuvas da primavera, depois da fecundação, entra a planta em fase de frutificação e maturação.

Com isto, queremos apontar o relevante papel que a agua exerce, no decorrer das diversas fases da vida do cafeeiro. Com a falta de chuvas, esses periodos se modificam ocasionando disturbios de ordem geral na planta, e consequentemente, alterando a produção e a qualidade do fruto, além de funcionar como um fator negativo no que diz respeito à longevidade do cafeeiro.

Quanto à quantidade de agua exigida pelo café, estudos recentes foram feitos e divulgados no boletim "Conservação do Solo", editado pelo Departamento de Engenharia e Mecanica da Agricultura, da Secretaria da Agricultura. Considerando o sistema da irrigação por aspersão como "o que mais se assemelha às condições naturais — a chuva promovendo o arejamento da agua empregada e criando uma atmosfera de umidade ao redor das plantas", os especializados ditem que a quantidade de agua caida deve aprofundar-se até 40 cm., observando-se uma eficiencia de 80% do desejavel. Estabeleceram as quantidades em metros cubicos de agua que deveria ser usada em cada tratamento, de acordo com os diversos tipos de solo do Estado de São Paulo, quantidade essa variavel de 150 metros cubicos por hectare no arenito de Botucatu, até 465 metros cubicos por hectare nas terras massapé-salmourão.

O numero de regas que se pratica por mês tambem varia com o tipo de solo, bem como com a cultura. Em carater generalizado, podemos dizer que quanto maior for a arenosidade da terra, maior deve ser o numero de regas mensais, devido a sua menor capacidade de retenção. Para a irrigação do café, é de bom alvitre que seja ouvida a opinião do agronomo regional, a respeito da precipitação recomendada por mês e a periodicidade do numero de regas.

Esses dados estão intimamente ligados à ecologia da região, principalmente ao tipo de solo e ao clima. Baseando-nos em varios casos observados na pratica, podemos fixar em 50 a 60 milimetros mensais (50 a 60 litros por metro quadrado) a exigencia em agua para o cafeeiro nos meses de seca. Essa quantidade compreende: chuvas mais irrigação. Um trabalho publicado na revista "Conservação do Solo", considera periodo de seca aquele em que a precipitação pluviometrica cai abaixo da linha de 200 milimetros, considerando-se aí, a soma de 5 meses compreendidos de maio a setembro. Ora, isso tem ocorrido por diversas vezes nesses ultimos anos e as consequencias que isso acarreta são sobejamente conhecidas por todos nós.

O engenheiro - agronomo Walter Lazzarini, da Estação Experimental de Ribeirão Preto, durante varios anos coletou dados de produção de algumas fazendas e confrontou-os com as precipitações pluviométricas dos anos anteriores, chegando aos seguintes resultados medios: em 23 anos, com precipitações entre 0 e 100 mm. (de maio a setembro), a carga media por mil pés foi de 15 arrobas apenas; de 100 a 200 mm., em 16 anos, a carga foi de 40 arrobas por mil pés; de 200 a 300, em 3 anos, 48 arrobas e acima de 300mm., em 4 anos, de 78 arrobas. Por aí se vê como a quantidade de agua afeta a produção, isso naturalmente até um ponto otimo, além do qual não haverá mais beneficios e sim tragicas consequencias para o cafezal.

As chuvas que normalmente caem de maio a setembro, no que diz respeito à sua distribuição mensal, não são suficientes para suportar o crescimento vigoroso da planta durante o inverno. A precipitação anual daria perfeitamente para o cultivo economico do cafeeiro sem irrigação artificial, não fosse a irregularidade na distribuição mensal dessa chuva.

Entre nós a pratica da irrigação nos meses de seca se faz necessaria. Graças a grandes projetos irrigatorios já realizados e outros em franco andamento, muitas regiões outrora chamadas desertos se estão transformando em zonas ferteis e altamente produtivas.

Podemos acrescentar às vantagens já citadas da irrigação, mais as seguintes:

1) — Além de melhorar a qualidade do produto, aumenta a produção, quando as chuvas não fornecem a quantidade necessaria;

2) — Garante a produção no caso de faltarem as chuvas no momeno propicio;

3) — Facilita o melhor aproveitamento dos adubos;

4) — Possibilita plantações fora de época, para se colher no momento de melhores preços;

5) — Evita certas pragas que só se desenvolvem com a seca, com por exemplo, o bicho mineiro;

6) — Possibilita a obtenção de safras adicionais por ano, nos periodos de estiagem, no mesmo terreno já utilizado durante as chuvas.

Varios processos existem, para se fazer a irrigação artificial. Entretanto, dois são os metodos mais utilizaveis, em vista dos resultados obtidos na pratica. Dentre esses dois, que são irrigação por infiltração e por aspersão, este ultimo é o mais empregado, em virtude das vantagens que apresenta sobre o outro.

O sistema de irrigação por canaletas de infiltração depende de certo preparo do terreno, como nivelamentos, construcção de canais e canaletas com a inclinação conveniente, etc. O mau preparo dos mesmos pode ocasionar, se a inclinação for excessiva, erosão ou excesso de umidade, com resultados desastrosos para parte da cultura. Antes de se adotar esse processo deve-se fazer um estudo bem minucioso das condições locais.

Sobre a irrigação por infiltração, a por aspersão apresenta as seguintes vantagens principais:

1) — Menor perda de agua por infiltração que passa ao lençol subeterraneo, ocasionando, portanto, um menor consumo de agua;

2) — E' o processo que mais se assemelha às condições naturais que no caso é a chuva, promovendo o arejamento da agua e criando uma atmosfera de umidade ao redor da planta;

3) — Estudos estão sendo realizados para a adoção da irrigação por aspersão, como um dos processos no combate à geada. Em suma, consiste em se fazer aspersões extraordinarias em dias em que ela é prevista;

4) — Consegue-se fazer irrigações com sucesso, qualquer que seja a topografia do terreno;

5) — Em virtude da distribuição uniforme da agua por toda a superficie evita completamente a erosão;

6) — Os trabalhos de nivelamento, construção de canais, enfim, qualquer preparo de terreno, são dispensaveis, na aspersão;

7) — Toda area é aproveitada, ao contrario do que acontece nos sistemas de superficie, em que parte da area é ocupada pelos canais;

8) inexistência de canais, facilitando o cultivo e o percurso de tratores e maquinas;

9) evita o excesso de umidade, como acontece frequentemente no sistema de superficie, nas plantas situadas nas proximidades dos canais, ou pelo levantamento excessivo do lençol freático;

10) propicia melhor distribuição de agua sobre a area a irrigar;

11) lava as folhas das plantas, da poeira depositada durante os periodos secos, favorecendo as reações biologicas proprias dos vegetais (fotossintese).

Deve-se sempre ter em mente que a finalidade ulterior da Irrigação é aumentar o trabalho da atividade agricola principalmente, e que isso não será conseguido se forem descurados outros fatores de produção igualmente importantes, tais como a fertilidade do solo e o estudo do saneamento da cultura. O solo e a cultura devem estar suficientemente preparados para receber a Irrigação. Os cafezais em decadencia, sem possibilidades de recuperação, lavouras desorganizadas e sem equilibrio com as outras atividades da propriedade, solos completamente erodidos, sem proteção, não permitem êxito nessa tão adiantada pratica agricola, que é a Irrigação. Esta oferece um ambiente mais adequado para a utilização pela planta dos elementos que o solo pode oferecer. Não se espera da Irrigação coisas impossiveis. A sua aplicação deve ser bem racional e para isso, convenientemente estudada.

Dentre todos os fatores que possam ocasionar a queda de produção de um cafezal, como erosão, empobrecimento dos terrenos, falta de braços e consequentemente máu trato, molestias e pragas, principalmente a broca e o bicho mineiro), envelhecimento da lavoura, sérias alterações do clima (como geadas, ondas de frio etc.), ausencia de fertilização etc., é, sem duvida alguma, a falta de chuvas, um dos fatores mais importantes.

A adubação conveniente de um cafezal que se destine à Irrigação é muito importante. O programa da adubação deve ser sempre que possivel, adubos animais e compostos, fertilizantes minerais (se a analise da terra a exigir) e adubação verde por meio de leguminosas. O controle da erosão do solo deverá ser bem orientado. Se assim fôr, a irrigação triunfará em sua plenitude: o aumento da produtividade e com produtos mais apurados, será indiscutivel.

Um ponto interessante que agora iremos abordar é sobre Irrigação de cafezais velhos. Sôbre isso, elaborou um interessante trabalho o sr. Alvaro de Oliveira Machado, trabalho êsse submetido ao Instituto de Economia Rural, da Sociedade Rural Brasileira, cujas conclusões são de que todo cafezal com mais de 30 anos deveria ser totalmente substituido por lavouras novas, formadas por progênies selecionadas, devendo ser abandonados os terrenos muito inclinados, principalmente em zonas arenosas.

Cafezais muito velhos, localizados em terrenos muito inclinados, erodidos, bastante arenosos, não terão grandes oportunidades de melhorar apenas com o uso da Irrigação.

E' essencialmente necessaria uma estreita cooperação entre agricultores, firmas fornecedoras de materiais de Irrigação e os serviços técnicos da Secretaria da Agricultura para que a Irrigação alcance os seus principais objetivos, dentro das expectativas.

A Irrigação por aspersão, também conhecida como "Chuva artificial" é praticada por um conjunto que na essência abrange o seguinte:

a) grupo motor-bomba, geralmente portátil (sôbre carreta) podendo, porém, ser um conjunto fixo, quando a captação de agua se fizer apenas em um ponto;

b) tubulação adutora portátil, que liga o local de tomada de agua ao extremo da área a ser irrigada. Consiste em tubos leves, com sistema de luvas de junção rapida, que permitam a montagem e desmontagem da adutora no minimo tempo e com reduzido gasto de mão de obra. Em certos casos pode haver conveniencia de se usar uma adutora total ou parcialmente fixa, não havendo então necessidade no trecho fixo, de tubos leves, nem de juntas rápidas;

c) um sistema prático de distribuição abrangendo valvulas hidrantes com os respectivos registros-abridores, para a tomada de ramais, tubulações dos mesmos, também com juntas rápidas, canos montantes de ligação aos aspersores e os proprios aspersores ou chuveiros, que são os elementos distribuidores da chuva artificial. Os aspersores podem ser substituidos pelos "canhões hidráulicos" que em determinados casos oferecem certas vantagens, embora o gasto de potência seja bem maior, comparativamente aos aspersores de média pressão.

O grupo motor-bomba é de relevante importancia na instalação de uma Irrigação por aspersão. A bomba deve ser adequada para cada caso e a sua escolha é uma tarefa das mais especializadas, estando intimamente relacionada com diversos fatores, tais como topografia do terreno, projeto da instalação, diâmetro das tubulações, caracteristicas dos aspersores, etc. As firmas distribuidoras devem possuir engenheiros especializados em Irrigação para que a indicação seja da bomba mais economica para o caso e a que melhor preencha as funções a que se destina. As bombas de Irrigação vêm acopladas a motores que a acionam diretamente por luvas elasticas ou indiretamente, por meio de polias e correias em V. Êsses motores poderão ser elétricos ou motores de combustão, geralmente Diesel ou a gasolina. Sempre que possivel, deve-se utilizar motores elétricos, devido ao seu baixo custo inicial, grande durabilidade e menor gasto de energia.

O custo inicial dos motores Diesel é bem mais elevado do que o dos motores a gasolina, porém, a sua operação é bem mais economica.

As pressões de serviço na Irrigação por aspersão são sempre elevadas, e as bombas adequadas são, em geral, de no minimo 1500-1600 RPM, sendo sempre que possivel, interessante o emprego de motores de velocidade correspondente para que possibilitem a conjugação direta dos mesmos, evitando assim, os inconvenientes de transmissões por correia.

Deve-se procurar sempre a utilização unicamente de um conjunto motor-bomba e isso é possivel até pressões de serviço da ordem de 150 metros, com tubulações de 5". Caso contrario se torna indispensavel o uso de grupos de recalque intermediarios que tornam o funcionamento, e principalmente as mudanças de posição da linha adutora, excessivamente trabalhosas e demoradas.

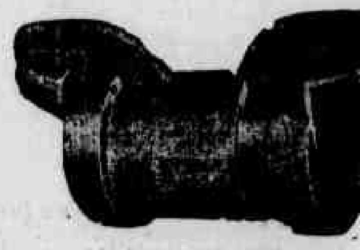
Os tubos usados na irrigação são, na maioria dos casos, de aluminio e devem satisfazer a certas especificações visando a sua resistencia e durabilidade. São fabricados de ligas apropriadas e obedecem a determinados tratamentos térmicos. Um dos seus caracteristicos principais é a sua alta resistencia à corrosão, que os torna bastante duráveis desde que sejam tomados os devidos cuidados. De acôrdo com R. Strauss, do "Instituto Sperimentale dei Metalli Leggeri" (Milano) e de acordo com experiencias feitas na Suiça, "os tubos de liga de aluminio para Irrigação duram, em média 20 anos, enquanto que os de ferro galvanizado apenas de 6 a 8.

Esses tubos são, em geral, de 6 metros de comprimento. Atualmente, esses tubos são já fabricados no Brasil e os seus diametros vão de 2 até 5 polegadas. Parece-nos que até o fim do corrente ano a industria nacional produzirá também tubos de 6, 7, e mesmo 8 polegadas. Os pêsos desses tubos devem ser os menores possiveis, para que permitam rapidez na montagem ou desmontagem das tubulações. Variam em geral, de 3 até 10 quilos aproximadamente, para os de 2 e de 5 polegadas, respectivamente.

Os aspersores, também chamados chuveiros, podem ser de baixas, médias pressões ou aspersores de grande alcance (canhões hidráulicos). Os de médias pressões são indicados para uso em qualquer tipo de lavoura, proporcionando vasto campo de aplicação, abaixo custo de manutenção e simplissimo funcionamento. Conforme a combinação dos bocais, os aspersores possuem diversos numeros standard.

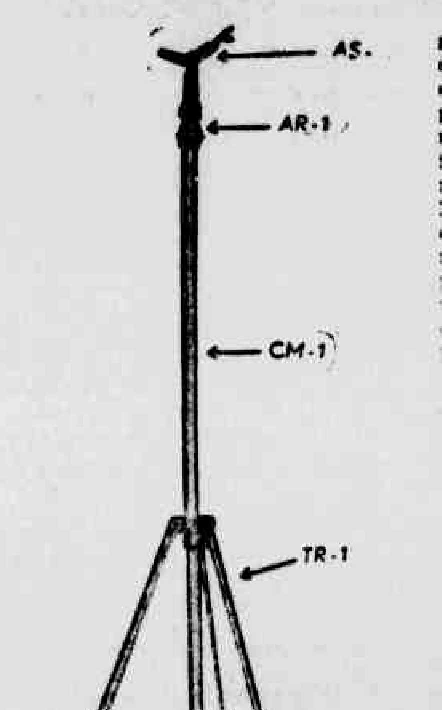
ASPERSOR

Ligando os tubos de aluminios temos as luvas de junção, cujos engates devem ser feitos com extrema facilidade e rapidez de manejo, ser desprovidos de molas ou peças articuladas, nada que esteja sujeito a desgaste mecânico ocasionando, portanto, a máxima durabilidade e um minimo de manutenção.



LUVA DE JUNCAO

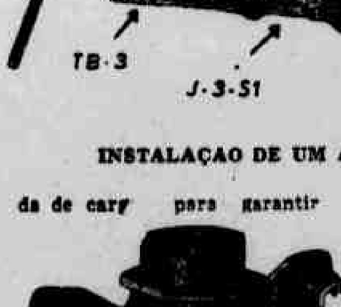
Deve haver uma certa flexibilidade (mais ou menos 15º) entre dois tubos para que permita uma perfeita adaptação às ondulações do terreno.



INSTALAÇAO DE UM ASPERSOR

Os aspersores são ligados às luvas de junções dos ramais que nesse caso devem possuir uma saída, por intermedio dos canos montantes. Estes devem, igualmente, ser de aluminio e de reduzido pêso. Para culturas rasteiras, canos montantes de meio metro serão suficientes, ao passo que para café devem ter de 2 a 3 metros, conforme a altura das plantas.

Quando os canos montantes tiverem mais de um metro de altura, recomenda-se o emprego de tripés para dar uma maior estabilidade ao conjunto. Esses tripés, tambem devem ser de aluminio e com pernas, cujo comprimento deve girar ao redor de 2 metros. Outras peças, como pequena braçadeira, peça de adaptação com rosca, valvula para ligação dos canos montantes completam o equipamento para a instalação de um aspersor. Do grupo motor-bomba parte a linha adutora principal até o fim da lavoura ou ate onde se faça necessaria. Dessa linha mestra partirão ramais. Em todo ponto que se quiser tirar um ramal com aspersores, a luva de junção da adutora será substituida pela valvula de linha ou hidrante. Estas virão, conforme o caso, de 4 em 4 ou de 3 em 3 tubos, na linha principal. Devem ser desprovidas de molas, de simples funcionamento e tambem que não ocasionem redução de secção na adutora e consequente perda de carga para garantir uma vedação mais perfeita, devem vir equipadas com assento de borracha.



VALVULA DE LINHA

Pela sua parte superior, as valvulas hidrantes recebem os registros de derivação em T, que abrem ou fecham as mesmas. Por seu intermedio é possivel a ligação de ramais para a esquerda ou para a direita (unilateral) ou para ambos os lados simultaneamente (bilateral). Ao registro deve vir adaptado um manometro, para controle das pressões, quando em funcionamento.

Com esses sistema de valvulas de linha e registros de derivação para ramais, é permitido a um conjunto de Irrigação, continuo funcionamento, podendo a troca de ramais ser realizada sem paralisação ou perda de tempo.

Registro de derivagem "T"

Enquanto um ramal funciona, um segundo ramal completo é instalado sobre a valvula de linha seguinte. No momento de mudar a Irrigação de um ramal para o seguinte a operação se resume na abertura de um registro e fechamento de outro. A mudança de posição de um ramal é simples e pouco trabalhosa, devido à leveza dos tubos e das conecções de aluminio, ainda por causa da facilidade no sistema de junções. Por exemplo, um ramal com 12 aspersores, pode ser mudado por dois homens em cerca de 30 ou 40 minutos de trabalho normal. Esse tempo é mais do que ao que se destina, geralmente, à rega numa mesma posição de ramal.

Do reservatorio de agua a bomba, acionada pelo motor, retira a agua, recalcando-a pelos encanamentos estendidos pela lavoura, fazendo com que ela chegue até os aspersores que a espalha circulante, num raio variavel, em forma de chuva fina. Cada uma das partes do equipamento possui caracteristicas bastante variaveis, de acordo com as firmas distribuidoras, como tambem são bastante variaveis, os estudos nos quais se baseia os projetos irrigatorios para determinada area e cultura.

Conjunto de valvula de linha com registro em "T" e manômetro

A seleção da firma distribuidora pelo fazendeiro que pretende irrigar sua lavoura, é sobremaneira importante, pois de um bom projeto, bem estudado, que preencha integralmente as necessidades em todos os seus prismas, depende o sucesso da irrigação.

Já possuimos hoje, firmas distribuidoras de equipamentos de Irrigação, que se utilizam quase em sua totalidade, de materiais fabricados no Brasil. Com exceção do motor, todo o restante do conjunto irrigatorio poderá ser encontrado na industria nacional. As regalias que essas firmas apresentam são, entre outras, as seguintes: rapidez na entrega do material, preços mais baixos e assistencia técnica facilitada.

Para que se possa fazer um projeto de Irrigação bem apurado, um estudo completo, diversos dados se fazem necessarios. Entre os de maior importancia podemos enumerar os seguintes: área a ser irrigada e se possivel, uma planta topografica ou mesmo um esquema, localizando o ponto ou os pontos para as possiveis tomadas de água, precipitação mensal desejada, cultura a ser irrigada; altura média das plantas; água disponivel (vazão); distancia da água ao ponto mais alto do terreno; máximo desnivel; distância da água ao extremo da lavoura; total de horas de serviço continuo e tipo de motor desejado.

A água disponivel é um fator de primeira grandeza na Irrigação, pois sem ela a prática em questão não poderá ser adotada. Acontece, que às vezes, a agua existe sendo, porém, insuficiente para cobrir as exigências, surgindo então a necessidade de construções de açudes ou represas com capacidades variaveis, conforme o caso. Para as obras de represamento, o fazendeiro deve sempre procurar ser bem orientado, não sòmente pelas secções técnicas de Irrigação, mas também, pelos postos de mecanização.

Graças à compreensão do real valor, e da necessidade, para os tempos atuais, devido ao aperfeiçoamento técnico a que chegou a pratica irrigatoria, apareceram os financiamentos em diversas modalidades e categorias, visando facilitar ao lavrador, a aquisição dos equipamentos necessarios à Irrigação.

O Banco do Brasil, por intermedio de sua Carteira de Crédito Agricola, financiava 60% do valor dos equipamentos, ou 100% desde que as garantias cobrissem o empréstimo pedido, com prazo para amortização de 5 anos, a juros de 7% ao ano. Porém, agora, com o recente decreto da criação do Conselho Nacional de Administração dos Empréstimos Rurais, abreviadamente chamado CNAER, cuja finalidade é a de dirigir e fiscalizar a aplicação dos empréstimos agro-pecuarios, previstos em lei, a norma modificou-se.

O decreto que cria o CNAER, e que entrou em vigor na data de sua publicação, estabelece, em seu capitulo V, Secção III, que trata da Modernização dos Métodos de Produção Agricola, artigo 3.o, "emprestimos com prazo até 10 anos, para construção, instalação e custeio dos serviços de Irrigação e Drenagem de carater permanente para proteção dos campos, lavouras e culturas forrageiras e dos animais flagelados pela sêca, invernia e exploração extrativa do solo, incluidas as obras de abertura de poços, açudagem e compra de máquinas e bombas, desde que projetado e orçado o empreendimento por entidades ou orgãos competentes e idôneos".

As taxas de juros são variaveis.

Em seu capitulo VIII, que cuida das disposições gerais e transitorias, artigo 38, § único, temos o seguinte: "Os contratos existentes na Carteira serão, porém, ajustados às prescrições deste decreto, no todo ou em parte.

(CONCLUE NA PAGINA 14 DO 5.o CADERNO)

THEODOR WILLE O PRIMEIRO EXPORTADOR DE CAFÉ DE SANTOS PARA A EUROPA

Ressurge com o prestigio e o conceito conquistados em cem anos de existencia

SUPEROU TODA A SORTE DE DIFICULDADES PARA SE IMPÔR COMO BALUARTE DE NOSSO COMÉRCIO CAFEEIRO — DUAS GUERRAS QUE FORAM FATAIS — EXEMPLO DE DEDICAÇÃO AO TRABALHO — A HISTÓRIA DA TRADICIONAL FIRMA NO MERCADO DE CAFÉ NO PAÍS

Antes de falarmos de sua fundação é justo que se conte um pouco da historia que marcou a liquidação da firma Theodor Wille & Cia., em plena II Grande Guerra Mundial.

Foi a 27 de julho de 1943. Faltavam poucos meses para a firma comemorar seu centenario quando, naquela luta, o Governo Federal decretou a liquidação da entidade comercial, que tinha prestigio no mundo inteiro.

Assim, profundamente abalada pelos efeitos da guerra, não pode festejar a memoravel data do centenario, que deveria ser a 1.o de março de 1944.

Nem por isso, ainda que em completo silencio, os seus chefes, gerente e empregados, bem como amigos da casa, deixaram de se lembrar desse dia com grande afeto e profundo pesar pelo desaparecimento dessa organização, com a qual tiveram a honra de colaborar e trabalhar.

Todos sentiam a injustiça de que foi vitima Theodor Wille.

Os ultimos socios da firma Theodor Wille, vendo-se da esquerda para a direita os srs. Ernesto Diederichsen, H. Diederichsen, Otto Uebele e Theodor Simon. Apenas o penultimo é vivo

Sede da firma em São Paulo (1863-1943)

O CAFÉ

A historia de Theodor Wille, no Brasil está intimamente ligada à cultura, ao desenvolvimento, à venda e ao consumo do café brasileiro. Sua ligação é tanta que foi a primeira firma a exportar café pelo porto de Santos. As exportações de café iniciadas por Theodor Wille, deram logo à firma posição destacada como embarcadora desse produto e em pouco tempo conseguiu clientes nas principais cidades do mundo, entre as quais Hamburgo, Bremem, Antuerpia, Havre, Marselha, Roterdan, Copenhague, Trieste, Londres, etc.

IMIGRAÇÃO

Theodor Wille, além da exportação e importação de varios produtos tinha sua atividade ligada à imigração. Por volta de 1850, o sr. Theodor Wille fez esforços para trazer imigrantes alemães para nosso país. A proposito em carta dirigida à casa de Santos, em Setembro de 1855, diz o sr. Theodor Wille que a imprensa alemã insistia na necessidade da emigração para o Brasil. E a emigração alemã foi fomentada por Wille.

PREÇOS PARA O CAFÉ

Com o comercio mundial de café entrando em nova fase, mesmo depois de Hamburgo conquistar o primeiro lugar no mercado europeu da rubiacea, Theodor Wille empenhou-se com o fim de obter os melhores preços para o nosso produto.

Lançou seus tipos particulares, valorizando o café brasileiro, criando um clima de ampla confiança para a firma. Theodor Wille ainda representava o grande comercio de conceito em todo o interior do Velho Mundo.

VENDAS DE CAFÉ

A expansão da firma Theodor Wille, no mercado cafeeiro, era um fato. Dominava agora a Austria e os paises do Mediterraneo Oriental.

No Egito, onde se dava preferencia para o café "bourbon" de pequena fava, da zona de Ribeirão Preto, que são parecidos com a variedade "Mooka" arabico, Wille se impunha em todo o mercado. Durante muitos anos, antes da guerra de catorze, os embarques para Alexandria superavam a casa das cem mil sacas anuais.

EMPREGO DE CAPITAIS EM OUTROS SETORES

Os negocios se ampliavam, em Santos, no Rio, e, também em Paises europeus. No fim do século, Wille, no Rio, tomou a liderança de um sindicato, no qual estavam integrados o Banco Alemão e a firma Siemens & Halske, de Berlim. Comprou-se a "Tramway Vila Isabel" para modificar a tração animal para eletrica. A companhia mais tarde foi vendida à Light.

O mesmo sindicato instalou no Rio o primeiro serviço telefonico, a Companhia Telefonica do Rio de Janeiro. Outros negocios de maior vulto, além da exportação e importação foram abrangidos por Theodor Wille.

Nos primeiros meses do ultimo decenio do século passado, Wille conseguiu aumentar seus negocios de café com os Estados Unidos, através de uma das mais prestigiosas firmas norte-americanas.

Desta forma, o aumento da procura do café, nos Estados Unidos deu maior firmeza a Theodor Wille, que já se interessava muito pelo mercado de Nova York. Conseguindo exito como embarcador para esse destino, designou representante em Nova York, Nova Orleans, Chicago e S. Francisco.

AS GRANDES SAFRAS

Com o aumento sempre crescente das safras paulistas, no começo do seculo Theodor Wille & Cia. começaram a cobrir suas vendas para o Exterior, comprando de comissarios e fazendeiros, café, ainda no pé.

Desta forma, Theodor Wille começava a comprar futuras safras, em face do grande interesse do lavrador de receber adiantadamente, a fim de custear o movimento das colheitas que cada dia aumentava.

PARTICIPAÇAO NO DESENVOLVIMENTO DE NOSSA LAVOURA

No desenvolvimento do novo plantio de café pelo ultimo decenio do seculo passado na zona de Ribeirão Preto, a firma Theodor Wille tomou parte ativa e direta, por meio de financiamento de diversas fazendas, tocadas por homens intrepidos, tais como Francisco Schmidt e o cel. Arthur Diederichsen.

Durante varios anos, Theodor Wille forneceu custeio para as multiplas fazendas desses dois lavradores. O resultado é que, durante anos, a firma que se tornara Agricola e Comissaria recebia 250 a 300 mil sacas de café anualmente.

VALORIZAÇAO

O inicio do seculo foi bom para o café. As safras aumentaram e era toda consumida pelos mercados dos Estados Unidos e da Europa.

Em face de um perigo de crise, proveniente de um declinio de preços, decidiu o governo de Tibiriçá aplicar o plano de autoria do Conde Siciliano, a fim de assegurar a sobrevivencia de nossa maior riqueza agricola. Ficaram encarregados de aplicar esse plano Theodor Wille & Cia.

A I GRANDE GUERRA

Os anos se passaram e veio a I Grande Guerra Mundial. Surgiram varias dificuldades. Primeiro, a firma sofreu sanções da Inglaterra, em seguida dos Estados Unidos. Por fim, quando o Brasil entrou na luta, Theodor Wille não teve outra alternativa senão fechar as portas da casa de Santos e do Rio. Entretanto, durante a II Grande Guerra Mundial, em 1943, a firma Theodor Wille, que já se havia tornado brasileira pela nacionalidade de seus socios foi liquidada imediatamente. Tratava-se de uma organização que havia trabalhado no país 99 anos, acumulando tantos meritos.

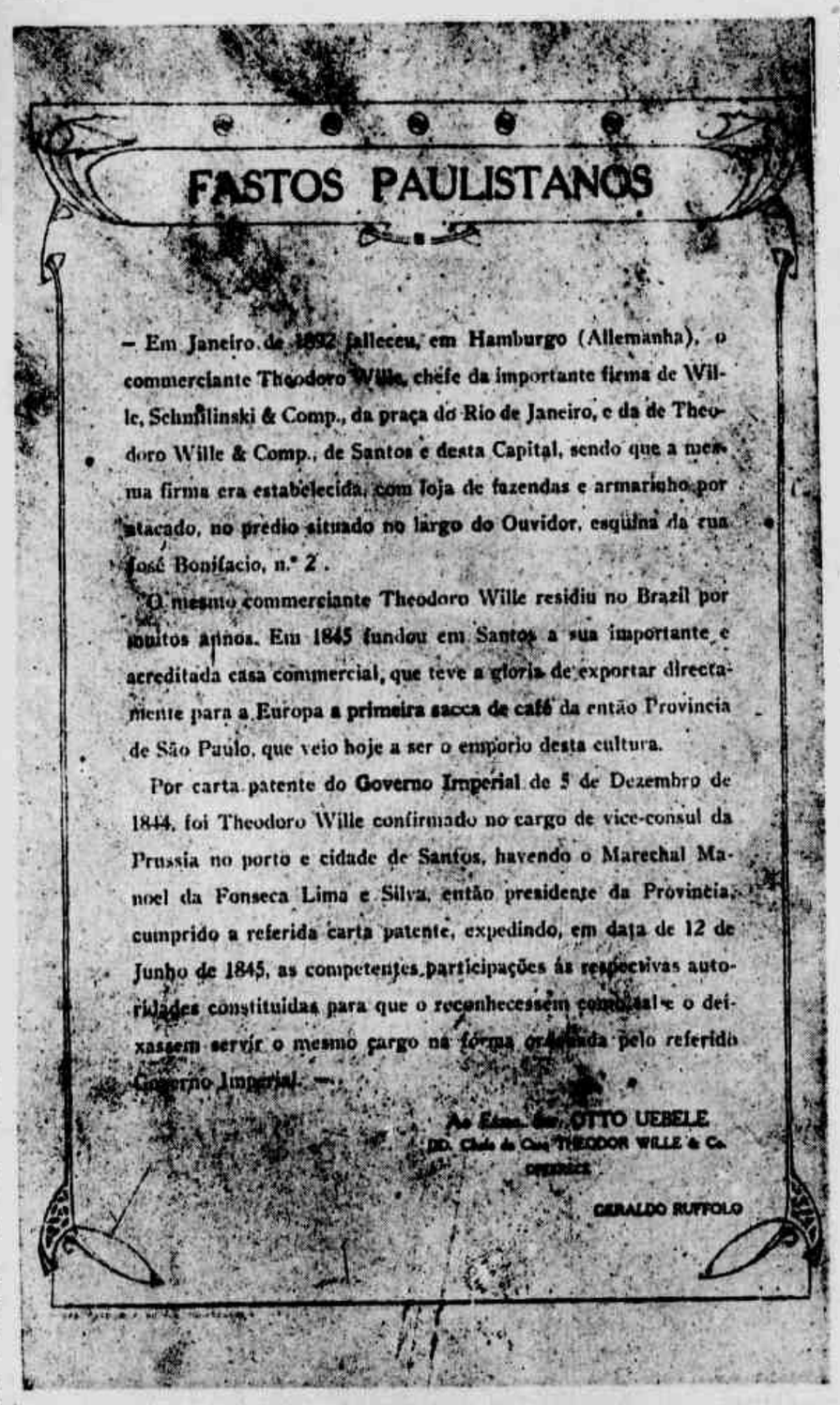
Os socios da firma esperam hoje que essa grande injustiça seja reparada.

REERGUIMENTO DE THEODOR WILLE

As casas do Rio e Santos continuaram fechadas até meados de 1919. Somente a de S. Paulo, continuava trabalhando com restrições. Empenhou-se, então, em reerguer a firma. Inicialmente, houve recusas nos EE.UU. e na Europa. Contudo, essa recusa não durou muito tempo. Os anos se passaram e a firma reconquistou o seu lugar de maior exportador de café do Brasil

INTERVENÇAO NO MERCADO DE CAFE

Varios fatores precederam a crise de 29-30, e, entre eles a redução do poder aquisitivo da Europa que saia de uma guerra e, em seguida, a superprodução, que provocaram uma situação insustentavel a tal ponto que, em 1925, o governo já não via meios de manter o preço do produto. Por conseguinte, foi, após obrigado a intervir diversas vezes no mercado de Santos.



FASTOS PAULISTANOS

— Em Janeiro de 1892 falleceu, em Hamburgo (Allemanha), o commerciante Theodoro Wille, chefe da importante firma de Wille, Schmilinski & Comp., da praça do Rio de Janeiro, e da de Theodoro Wille & Comp., de Santos e desta Capital, sendo que a mesma firma era estabelecida, com loja de fazendas e armarinho por atacado, no predio situado no largo do Ouvidor, esquina da rua José Bonifacio, n.° 2.

O mesmo commerciante Theodoro Wille residiu no Brazil por muitos annos. Em 1845 fundou em Santos a sua importante e acreditada casa commercial, que teve a gloria de exportar directamente para a Europa a primeira sacca de café da então Provincia de São Paulo, que veio hoje a ser o emporio desta cultura.

Por carta patente do Governo Imperial de 5 de Dezembro de 1844, foi Theodoro Wille confirmado no cargo de vice-consul da Prussia no porto e cidade de Santos, havendo o Marechal Manoel da Fonseca Lima e Silva, então presidente da Provincia, cumprido a referida carta patente, expedindo, em data de 12 de Junho de 1845, as competentes participações ás respectivas autoridades constituidas para que o reconhecessem como tal e o deixassem servir o mesmo cargo na forma ordenada pelo referido Governo Imperial.

Ao Exmo. Sr. OTTO UEBELE
DD. Chefe da Casa THEODOR WILLE & Co.
DESTA

GERALDO RUFFOLO

A primeira saca de café embarcada diretamente do porto de Santos para a Europa

Nas fotos as sedes da firma no Rio de Janeiro (1904-1943) e em Santos (1893-1943)

Theodor Wille o fundador e chefe da firma (1844-1892)

E, para tanto a execução daquela intervenção, em maior escala foi confiada a Theodor Wille. A posição financeira paulista era das piores. Desta forma a firma Theodor Wille, com seu bom credito e prestigio, conseguiu em Nova York 6 milhões de dollars e em Londres meio milhão de libras para a execução do plano destinado a sustentar os preços.

EXPORTAÇAO

Os embarques em Santos desde 1925 foram os seguintes:

Ano safra	Total	Quota de Theodor Wille & Cia		
1925/26	9.491.533	1.005.754	ou 10,60%	(intervenção)
1926/27	9.871.737	979.416	9,92%	
1927/28	10.000.415	1.000.929	10,01%	
1928/29	8.808.400	918.899	10,43%	
1929/30	9.586.494	1.086.671	11,34%	
1930/31	10.097.588	1.565.063	15,50%	(intervenção)
1931/32	9.882.284	1.687.178	17,43%	
1932/33	6.550.331	1.520.427	23,32%	
1933/34	11.328.485	2.359.722	20,82%	
1934/35	9.251.401	1.507.761	16,30%	
1935/36	10.573.647	1.709.182	16,16%	
1936/37	8.757.936	1.333.269	15,24%	
1937/38	9.462.605	1.153.561	12,19%	
1938/39	11.170.267	1.511.659	13,43%	
1939/40	9.904.799	1.004.911	10,05%	(guerra)
1940/41	8.829.191	582.792	6,60%	(Só p/US)

Contudo, as exportações por Theodor Wille constituem os melhores resultados conseguidos por firma individualmente no Brasil. No ano cafeeiro 33-34 a firma exportou 2.757.701 sacas, ou sejam 18,23% do total embarcado.

COLONIZAÇAO

Em outros setores, a firma tambem desenvolveu suas atividades. Nas glebas de terra recebidas da Cia. Agricola Francisco Schmidt, onde hoje se ergue a cidade de Votuporanga, manteve ali trabalho cultural, criando escolas e outras instituições de carater social.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E LIQUIDAÇAO DA FIRMA

Em setembro de 1939 surgiu a Segunda Grande Guerra. A situação complicou-se inicialmente com o bloqueio franco-britanico e, mais tarde, com o norte-americano. Em julho de 1941, a firma encerrou definitivamente suas exportações, continuando a trabalhar com artigos nacionais, até que, em 1943 por decreto presidencial, foi a firma injusta e definitivamente liquidada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Theodor Wille que, durante cem anos, engrandeceu o comercio brasileiro, ajudando a trazer riquezas para o nosso país e esforçando-se por colocar o Brasil em situação privilegiada no mercado mundial, pôs, por muitas vezes, à disposição do Estado os seus serviços de maneira desinteressada.

NOVO RESSURGIMENTO

Apesar de todos os fatos relatados, Theodor Wille ressurgiu novamente, agora sob a denominação de **Companhia "Theodor Wille" Comercio, Industria e Representações, sob a direção de um antigo chefe da Casa e contando com uma equipe de** antigos gerentes e colaboradores da velha firma. Com sede central na vizinha praça exportadora, Theodor Wille vem readquirindo, passo a passo, uma posição destacada como firma exportadora. Um dos primeiros passos dos seus dirigentes, foi a reaquisição do antigo edificio onde durante mais de meio seculo manteve as suas instalações, embora estas, atualmente e em carater provisorio, estejam situadas em predio alugado à rua do Comercio, 66, em Santos. A nova firma já instalou filiais em São Paulo e Rio de Janeiro, sediadas, respectivamente, à rua da Consolação, 65, 7.o andar, e à rua Visconde de Inhauma, 58, 5.o e 6.o andares. A sua diretoria está assim constituida: sr. Otto Uebele, diretor-presidente; sr. Ernesto George Diederichsen, diretor-vice-presidente; sr. Emil Wohlmann, diretor-superintendente; sr. Hans Ulrich Uebele, diretor-assistente; sr. Juergen Leisten Kiep, diretor-gerente da filial de São Paulo; sr. Gustavo Simon, diretor-gerente da filial do Rio de Janeiro; sr. Bernardino Borges Filho, diretor-tesoureiro da filial do Rio de Janeiro.

Theodor Wille ressurge, pois, novamente com os propositos de continuar trabalhando nos mesmos sistemas e nos [illegible] setores de atividade que fizeram o nome da velha firma conceituado em todo o mundo.

SOCIEDADE ANONIMA COMERCIAL E. JOHNSTON

CAPITAL — Cr$ 100.000.000,00

SANTOS — SÃO PAULO — PARANAGUÁ

E. JOHNSTON & Co. Ltda., nome antigo da firma, que ora funciona sob a denominação de Sociedade Anonima Comercial E. Johnston, comemorou o centenario de sua fundação em 1942. Portanto a historia da Companhia reporta-se à alvorada da cultura do café e ao inicio de seu comercio como se vê pelas seguintes descrições desses primeiros tempos.

PRIMEIROS DIAS

O fundador da firma Edward Johnston, nasceu em Londres em 1804, e muito jovem, contando apenas 17 anos de idade, veio para o Brasil, casando-se, em 1827, no Rio de Janeiro com Henriette Marie, filha de Charles Alexander Moke doutor em medicina, na Tijuca, proximo ao Rio. Foi esse casamento, sem duvida, que levou Edward Johnston a consagrar sua vida ao comercio de café, existindo, em poder de um de seus netos, o Almirante Sir Edward Inglefield, K. B. E., que foi durante muito anos secretario do "Lloyds", uma tradução de um extrato de um livro, editado no idioma alemão, em São Petersburgo, em 1828, por um certo Ernest Ebel, e dedicado à senhorinha Henriette Moke, que reproduz uma carta escrita no Rio de Janeiro aos 25 de maio de 1824, descrevendo uma visita à residencia e propriedade do sr. Moke, quando a futura esposa de Edward Johnston era ainda criança. Essa carta que descreve, de forma altamente pitoresca, uma fazenda de café daqueles tempos quando este era cultivado nas proximidades do Rio, é digna de ser transcrita na integra:

RIO DE JANEIRO.

25 de maio de 1824.

"Minha carta desta data serve de aditamento à ultima, no tocante a ter enfim satisfeito o meu desejo de visitar a Tijuca, como tambem o mais belo cafezal proximo ao Rio. Domingo passado, em companhia de um amigo, lá fui a cavalo, pois a estrada não é carroçavel. Montámos a cavalo às 6 horas da manhã, chegando às 8.30 horas a Baptistes, onde, mais uma vez, não encontramos o proprietario em casa; foi-nos no entanto, servido um otimo almoço, em companhia de uma senhora brasileira, que ali fôra em passeio, a cavalo. Ali arranjamos como guia até à cascata um preto, que alegremente conduziu a tróte as nossas montarias. O caminho levou-nos pela Boa Vista, de onde gozamos out a vez o esplendido panorama por uma picada cheia de elevações em lugares erosados pelas chuvas, em meio a uma densa floresta, de onde só de vez em quando se descortina uma vista sobre a baia, e raras vezes se encontra uma casa (a intervalos de cerca de milha e meia), até uma venda chamada "da Cerveja", onde tivemos de deixar os nossos animais, caminhando a pé o resto do percurso até à cascata, por um brejo. A certa distancia, ouve-se o embater da cascata, e depois de termos caminhado uns dois mil passos pela floresta virgem, chegamos ao lugar... (segue-se uma descrição da cascata)... Ai estacamos sob o agradavel abrigo de uma rocha a pique que forma uma gruta natural sobre duas grandes pedras como se fôra uma mesa e uma cadeira e, nessa ocasião, um grupo de ingleses, que havia chegado pouco antes de nós, ofereceu-nos cognac, que aceitamos com agua cristalina da cascata, daí iniciando nosso regresso. Para chegar à propriedade de Moke, para quem levavamos uma apresentação, tinhamos de cavalgar de volta três partes daquele caminho, que ruma então para a direita em direção a outro lugar do Pico da Tijuca, sendo em muitos lugares tão ingreme, que eramos obrigado a apear e a levar nossos cavalos. Logo que se olha para o fundo do vale, fica-se surpreendido com a vista de varias casas, primorosamente edificadas, cor as suas dependencias, e das grandes plantações de café que se estendem ao longo das montanhas. Depois de termos cavalgado através de varios cursos dagua, e gozado a frescura de uma pequena floresta, achamo-nos no fim de nossa jornada.

"O Senhor Moke é holandês nato, tendo servido, em 1791 e 1792, como medico do exército holandês. Mais tarde dedicou-se ao comercio e, em carater de comissario de bordo, fez varios e longos cruzeiros, tendo aqui finalmente se estabelecido há 6 anos.

Edward Johnston quando moço

E' proprietario de uma linda residencia, de dois pavimentos, em estilo holandês, com diversas dependencias e uma magnifica propriedade, muito grande, em que já plantou mais de 100.000 pés de café, cultivando sempre mais terreno.

"Recebeu-nos de maneira muito amistosa, tendo a bondade de mostrar-nos toda a propriedade. Os cafeeiros, todos nas melhores condições, distanciam-se oito pés uns dos outros, sendo constantemente podados à altura de seis pés, e isto feito não só para facilitar a colheita, como tambem para dar aos pés mais viço, podando-se, tambem às vezes, os rebentos mais viçosos. O cafeeiro começa a produzir no terceiro ano; no quinto, está em franca produção, podendo-se então estimar que o pé produz, em media, uma libra de café por ano; duas, três e quatros libras é caso raro, o que além disso só acontece quando o pé está proximo a um monte de estrume, ou então foi adubado. Com bem trato, poderá um cafeeiro durar trinta anos e ainda dar lucro. A colheita verifica-se duas vezes por ano; em maio, que é a principal, e em outubro. E' interessante notar que as cerejas do café que não amadurecem na primeira época, assim se conservam até outubro e só naquele mês ficam vermelhas. Uma vez colhida, a cereja é posta a secar em um grande terreiro em frente da casa, dividido em varias secções, batido, e mais ou menos nivelado. (Moke afirma, ao contrario de Langsdorff, que a terra não prejudica o café).

"Enquanto as cerejas estão maduras, a chuva é util, auxiliando a separação da casca do grão: quando meio secas, devem ser conservadas ao abrigo da chuva: o café completamente seco vai para o descascador. Este compõe-se de dois discos de madeira maciça, de seis polegadas de largura, que giram num eixo, dentro de um receptáculo circular, onde é despejado o café em coco. Uma forquilha que acompanha os discos atira o café contra um dos lados para descascá-lo por compressão, quase como em um separador de sementes oleaginosas. Para este fim, construiu o Senhor Moke um belo edificio de alvenaria com um grande deposito. O descascador é particularmente resistente, sendo movimentado pela agua de uma corrente que, graças a um dispositivo muito simples, cai sobre rodas de madeira muito dura. O Senhor Moke teve a bondade de explicar-nos o seu funcionamento. Em um quarto de hora, uma boa quantidade foi separada da casca, e uma maquina comum, para o beneficiamento de milho, prontamente apresentou-nos um belo café limpo que, em verdade, aqui como em todo o Brasil, não é da côr verde-azulada do de São Domingos; contudo, vem sempre melhorando e, com o tratamento para este fim, tem ficado nos ultimos anos muito mais fino do que até então.

"Uma grande horta, proxima à casa de residencia, tem todas as qualidades possiveis de hortaliças, inclusive esplendido aspargo e couve-flor, cuja sobra de consumo é vendida na cidade a bom preço. Outros lugares estão cultivados com feijão e mandioca para alimentação dos pretos. Em um espaçoso deposito, Moke mostrou-nos seu estoque de pão feito em casa, muito saboroso, queijo, tambem feito em casa, bananas da China, couves e outras hortaliças, tudo arrumado com o proverbial asseio holandês. Alguns barracões, muito decentes, servem de moradia de seus pretos, que ele possui em bom numero, e cujo aspecto sadio e alegre, como tambem suas inumeras crianças fortes, demonstram o bom trato que os seus senhores lhes dispensam. Para encurtar, trata-se de uma propriedade com organização perfeita, que figura com justiça em primeiro lugar entre todas as plantações deste país; é tão afamado que o Imperador e a Imperatriz têm visitado Moke varias vezes, tudo examinando com o maior interesse."

E' provavel que Edward Johnston, que veio para o Brasil em 1821, fosse uma das pessoas do grupo de ingleses aludido na carta, pois esta foi escrita três anos depois de sua chegada ao Brasil e três anos antes do seu consorcio com Henriette, ao tempo em que ela contava 19 anos.

—::—

FUNDAÇAO E EXPANSAO

1842-1881

O moço, ou antes o menino, uma vez chegado, entrou para a firma F. de Breton & Co., do Rio de Janeiro, e cedo deve ter se afirmado, visto como, em 1827, foi nomeado gerente, juntamente com Charles Saunders, e sem duvida comemorou a nomeação desposando a jovem de sua escolha. Depois de uma visita à Inglaterra, em 1830, regressou ao Brasil, tendo, um ano mais tarde, deixado a firma F. de Breton, e se estabelecido no Rio, em 1832, como corretor de cambio, por conta propria. Sua ambição, contudo, não encontrou, é claro, campo suficiente nos limites deste negocio conquanto próspero, pois visitou novamente a Inglaterra em 1838, onde parece ter feito relações tão intimas que deram em resultado outra importante mudança na sua carreira pelo estabelecimento, em 1842, com o capital de 30 contos de réis, da firma Edward Johnston & Co., com escritorio e deposito à rua do Sabão, no Rio de Janeiro. Seus primeiros socios foram William Joseph Havers e o João Ignacio Tavares, os quais tinham sido seus procuradores no Rio durante a sua visita à Inglaterra. Nos primeiros tempos, a nova firma, posto que intimamente associada ao comercio de exportação de café, fez consideravel negocio no Rio como importadora de bacalhau, farinha, vinhos, "deals" (isto é, madeira sueca e americana), sal, carvão e ferro, provavelmente com as relações que Edward Jonston já havia feito em Liverpool.

Quando Edward Johnston & Co. iniciaram seus negocios não havia navegação a vapor nem estradas de ferro, nem cabos submarinos. Os portos na sua maior parte infestados de febre traficavam com escravos como com qualquer mercadoria, com pouca diferença das estações de trafico da Africa Ocidental. Rio, Bahia e Pernambuco eram mais importantes do que Santos como portos exportadores de café, além do que grande quantidade de café e de outras mercadorias era embarcada em um sem numero de pequenos portos, como São Sebastião, Angra dos Reis, Parati e Caraguatatuba. O café era transportado em tropas de burros pelas serras afora até o ponto de embarque mais proximo, o que era feito na maior parte em pequenos brigues, escunas e outros veleiros deste tipo. O grosso procedia do Vale do Paraiba (hoje a zona servida pela "Central do Brasil" mais ou menos decadente) e da extensa zona conhecida como a "Zona da Mata", situada nos Estados do Rio e Minas. Cultivava-se tambem café onde ficam hoje os suburbios do Rio, como indica a plantação da Tijuca, onde começa a nossa narrativa.

Edward Johnston não permaneceu por muito tempo no Brasil após a fundação da firma em 1842, pois, dentro de dois anos, deixou o Rio para fixar-se em Liverpool, em 1845. Poderia parecer, pelos acontecimentos subsequentes, fosse esta determinação inspirada pelo desejo de ampliar a esfera de atividades de sua novel companhia, visto como, em 1845, fez ele contratos de sociedade com James Napier, de Bahia, e com Charles Ironside, de Liverpool.

Dentro em poucos anos nova expansão verificou-se, sendo que, pela primeira vez, o nome de Johnston figura em uma sociedade no exterior do Brasil, o que evidencia, com segurança, que o conhecimento e a experiencia comerciais de Edward Johnston adquiriram importancia e recursos. De 1850 a 1853, estabeleceram-se, em Nova York e em Nova Orleans, firmas sob as razões sociais de Napier, Johnston & Co., e Johnston, Moke & Co., respectivamente. Era então Edward Johnston socio de firmas estabelecidas no Rio de Janeiro, Bahia, Liverpool, Nova York e Nova Orleans, explorando todas, o comercio de café.

Em meados do seculo XIX, achava-se a firma estabelecida como importantes embarcadores de café, sendo quase certo terem sido as necessidades financeiras do negocio que determinaram a abertura da casa de Londres, em 1862, e a liquidação, logo depois, da de Liverpool. A firma tinha agentes-vendedores nos principais centros de comercio de café da Europa, estabelecendo-se os primeiros destes em Estocolmo e Gotemburgo, em 1845 e 1846, respectivamente.

Em 1876, Edward Johnston, que começou como um rapazinho de 17 anos, com pouco mais do que sua ambição, faleceu e foi sepultado em Brifhton, tendo com sua morte desaparecido o unico traço de união entre os primeiros dias do inicio da firma e a sua historia.

—::—

SANTOS

Edward Johnston deixou a seus dois filhos, Charles Edward e Reginald Eden a continuação do negocio que ele havia fundado e tão energica e amplamente incrementado. Aqueles não se contentaram de dormir sobre os louros de seu pai! Depois de esperar pouco tempo para consolidar sua situação, resolveram dar à frente um passo digno de seu pai, pelo que, em 1881, estabeleceram uma firma, sob a razão social de Edward Johnston & Co., em Santos, que mostrava então todos os indicios de tornar-se o porto mais intenso e importante do Brasil. Desde aquela época até à presente data, Santos tornou-se gradativamente o principal centro de atividades da firma. Naqueles tempos, era o café transportado em carros de boi, tropas de burros e faluas, devendo existir ainda alguns pretos velhos que trabalhavam com burros de carga. Santos deve a sua primeira eclosão como centro exportador de café organizado Visconde de Vergueiro, que, politica e comercialmente, desempenhou importante papel em seu desenvolvimento. Ele construiu uma curiosa ponte tubular, hoje desaparecida, sobre o rio Cubatão, pela qual o café era transportado e descarregado em chatas, das quais os sacos eram transbordados para os navios no estuario, muitas vezes sem vir mesmo a Santos, mas este processo primitivo cedo exigiu maiores facilidades, tendo sido o Visconde de Vergueiro quem construiu alguns cais primitivos, sistematizou a calssificação do café em Santos e organizou uma "Bolsa" local.

Enquanto estes desenvolvimentos se processavam vagarosamente em Santos, a cidade de São Paulo, distante 60 milhas no clima frio da serra, crescia mais rapidamente, até que a ligação e as relações das duas foram completamente transformadas, em 1867, com a inauguração da São Paulo Railway, que ligou São Paulo diretamente ao porto. Em curto espaço de tempo, uma rede ferroviaria irradiou-se de Jundiaí, a grande junção ferroviaria a poucas milhas de São Paulo, e, onde quer que estas estradas se dirigissem, surgiam as plantações de café, em escala jamais sonhada. No entanto, o processo de descarga e carga de navios, em Santos, conservava-se em extremo primitivo, sendo o trabalho feito em pontes de madeira que avançavam sôbre o estuario até a distancia de 100 jardas ou mais, sendo que a única equipada com guindastes para suspensão de volumes muitos pesados era o cais da estrada de ferro pertencente à São Paulo Railway Co. As facilidades oferecidas pelos armazens da Alfandega eram inteiramente inadequadas ao comercio sendo espetaculo comum verem-se mercadorias de toda a sorte empilhadas na rua chamada Paquetá, que corria ao longo do estuario, sendo que este, na maré vasante, transformava-se em um trecho de lama negra e fétida, semeada de burros mortos, pelo qual se escoavam os despejos da cidade. O carregamento dos navios ao longo das pontes era feito por enxames de estivadores, na maioria portugueses robustos muitos dos quais carregavam duas, e alguns mesmo, três sacas nas costas pesando ao todo 396 libras. O serviço era todo feito por peça, sabendo-se que alguns daqueles estivadores haviam carregado de 300 a 400 sacas por dia. Não é de admirar que, na estação calmosa, fossem frequentes os casos de insolação.

Tais eram as condições quando Edward Johnston & Co. abriram sua nova filial. Mercê de suas relações em Londres e Liverpool, cedo obtiveram as agencias de várias linhas de navegação, auxiliados também pelo seu negócio, já estabelecido, no Rio, onde eram proprietários de uma grande frota de rebocadores e alvarengas, posteriormente adquiridas pela Rio de Janeiro Lighterage Co. Ltda. A má reputação de Santos, devido à febre amarela tornou particularmente onerosa a tarefa de agentes de vapores. Até poucos anos passados, os destroços de um navio, cuja tripulação pereceu toda de febre amarela, eram ainda visiveis no estuario; para substituí-la, nova tripulação veio da Inglaterra para ter igual fim; o navio foi então, abandonado. Desta terrivel molestia, foi vitima Bertram Masterson Johnston, neto do fundador. Ingressara na firma em 1886, tendo vindo para o Rio como socio onde faleceu em 1890. Em 1891, registou-se, só em Santos, mais de um milhar de óbitos, e, no ano seguinte, 1642 casos fatais, quando a população era apenas de cerca de 20.000 almas. Edward Johnston & Co. tomaram providencias especiais para arcar com a responsabilidade devida às companhias de navegação de que eram agentes, arrendando a Ilha das Palmas, na embocadura do estuario, onde foi construida uma especie de caserna para acomodação das tripulações européias, enquanto seus navios eram manobrados no porto, descarregadores e novamente manobrados por tripulações locais. Muitas vidas foram assim poupadas. A construção do cais, em 1888, representou o primeiro passo para condições mais higienicas que foram sucedidas pela reorganização do Departamento de Saude Publica, em 1892, que construiu canais de escoamento em direção contraria pela cidade, adotando outras medidas sanitarias, de que resultou a extinção da febre amarela, desde 1904, e a "Ilha de Johnston", como ficou sendo conhecida, passou a ser um sitio favorito para piqueniques, natação e excursões de pesca.

Estes melhoramentos no porto foram mais ou menos contemporaneos a grandes mudanças politicas e econômicas que sucederam à abolição da escravatura, em 1888, e à proclamação da Republica, em 1889. Nos anos que se seguiram, verificou-se vasto influxo do trabalho estrangeiro — italiano, português, alemão, polonês, e, mais tarde, japonês, cuja maioria localizou-se no "hinterland", que progredia rapidamente, como agricultores, dando ensejo a que a industria do plantio do café se expandisse a tal ponto que a sua produção, nos anos subsequentes, veio a desafiar toda a estrutura econômica da Republica.

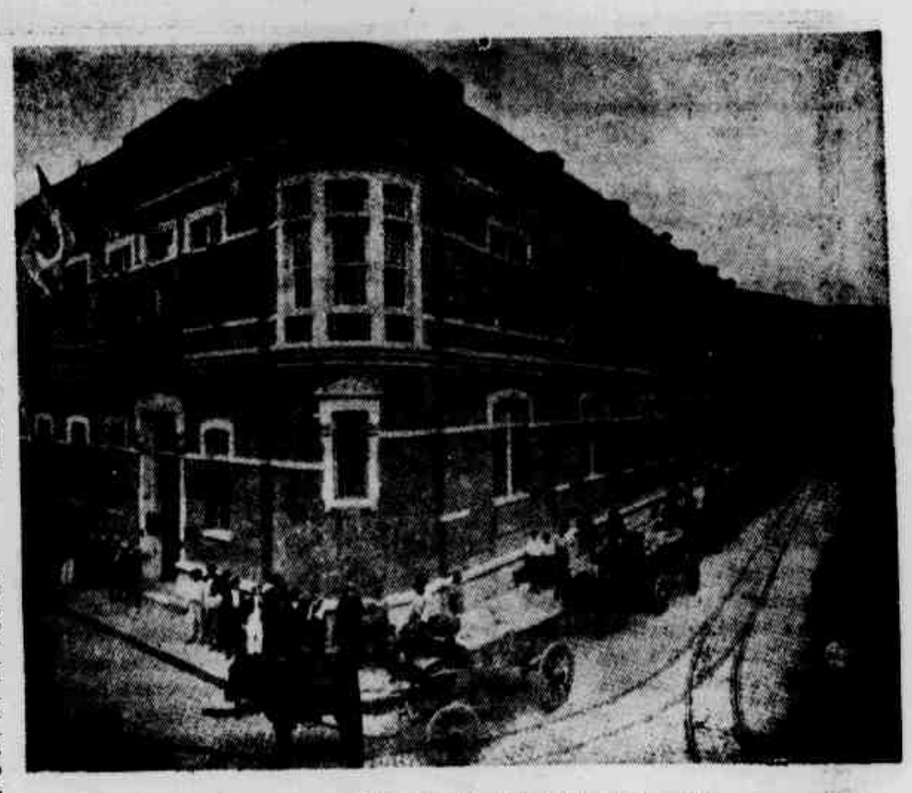
O surto das estradas de ferro no Brasil, e o influxo dos imigrantes estrangeiros, fizeram com que as plantações de café se desviassem, cada vez mais, para o interior, visto como as terras das zonas costeiras ficaram cansadas, e, conquanto os mercados principais fossem ainda nos portos, centros compradores abriam-se continuamente em localidades do interior, nas zonas de Campinas, Itú, Bragança, São Carlos do Pinhal, São Manoel, Ribeirão Preto, Araraquara e Jáú, a serem substituidas, mais tarde, pelas zonas da noroeste, Paraná, Sul de Minas, Triangulo Mineiro, Nova Granada, Rio Preto etc.

A maior parte do café era vendida na base de custo e frete, em moeda esterlina, sendo os saques negociados mediante creditos bancarios em Londres, abertos pelos compradores. Esporadicamente, as casas do Rio e Santos fretavam um veleiro ou navio, carregando-o com café de "conta propria", e consignavam-no a um determinado porto, para venda à chegada, sendo o risco, em transações tais, consideravel, especialmente no caso de ter sido a carga embarcada em veleiros.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

As sucursais estabelecidas em Nova York e Nova Orleans em 1850 e 1853 foram substituidas por Agentes em 1864, e um velho amigo da firma escreveu a seguinte carta sobre aqueles tempos:

"Quando, pela primeira vez, entrei para o comercio de café há cerca de 60 anos, lembro-me do tempo, em 1880, em que Edward Johnston & Co., estavam já bem firmes e com excelente reputação e alta situação. Negociantes de café, e peço-lhes façam uma idéia daqueles dignos cavalheiros, de sobrecasaca e cartola, e de barba parada, de quem uma pessoa se aproximava com receio, tremulas as pernas, eram os importadores e comissarios de café, detentores de grandes e variados estoques, das safras da India Oriental, da America do Sul e Central, para a venda aos atacadistas, e aos grandes negociantes que operavam em grande territorio por meio de suas "caravanas de comercio". O consumidor comprava o café verde, por saco ou meio-saco, torrava-o em casa no forno — de uma só vez a quantidade para uma semana, e a mistura, que mais agradava à maioria dos paladares exigentes, era uma combinação de um terço de cada um dos tipos de Java, Mocha, e "Golden Rio". Os "Baltimore Clippers", que foram os primeiros no caso a transportar café do Brasil para os Estados Unidos, foram sucedidos por vapores que gastavam de trinta a trinta e seis dias para a travessia entre o Rio e Nova York, escalando em St. Thomas para reabastecer suas carvoeiras. O importador fazia suas encomendas na base de custo e frete pelo menos com 90 dias de antecedencia da data em que esperava a entrega para completar o seu estoque. Como o café era escolhido e comprado pela sua aparencia e agrado à vista, os brasileiros depressa aprenderam a preparar seus lotes, a fim de mostrar cor firme de bastante estilo, alguns com o auxilio de materias corantes, ou com o que, se denominava de "brunição a carvão". O "Dark green stylish" 3/4 dos Senhores E. Johnston & Co., era muito popular, tendo encontrado logo compradores. O Senhor Gordon era seu agente em Nova York, sendo seu corretor no centro comercial o major John R. Mc Nulty, de 93 Wall Street, oficial do Exercito Confederado, nascido em Baltimore, que nunca se conformou com a derrota dos Sulistas, e homem de muita personalidade. O Senhor Gordon certamente era escocês e o seu trato comercial revelava a perspicácia caracteristica daquela raça. Recordo-me bem de um incidente ocorrido durante este periodo de sua agencia, de que, desde então, muitas vezes tenho rido, e que demonstrou quão pouco sabiamos acerca dos potenciais do Brasil como produtor de café. Acabaramos de receber um embarque dos Senhores Johnston, dos ns. 3/4 "color green", e, ao abrir as amostras de bordo, via-se um lote de um tipo estranho, verde pálido, meio mole, com um carater diverso de qualquer outro que jamais viramos. Mostrei-o, incontinenti, ao chefe da casa, apressando-se este em fazer uma reclamação ao Senhor Gordon para uma diferença "em um mestiço invendavel", que fora, como viemos a saber mais tarde, embarcado de uma plantação de São Paulo, via-Rio, o primeiro café de Santos que qualquer de nós haviamos visto. Vendê-lo era um problema, o que deu em resultado bruni-lo em uma mistura de Nicaragua, e embarcá-lo para o extremo sul, onde o preço era o criterio, e o estilo de nenhuma importancia. Com o invento de Arbuckler, de um tambor perfurado para torrar o café, e depois a embalagem do café torrado em sacos de papel, de uma libra, para distribuição, a evolução dos negocios de café, iniciada por processos arcaicos, era constantemente modernizada e melhorada com o decurso dos anos.



O escritório e o armazem em Santos, em 1904

O pessoal do escritório de Santos, em 1904

Negociantes de Café em Nova York, em 1880

VIDIGAL PRADO COMISSÁRIA E EXPORTADORA S. A.

CAPITAL Cr$ 30.000.000,00

SANTOS

ALVARO DA COSTA VIDIGAL
Fundador

DIRETORIA:

Presidente – Alcides da Costa Vidigal
Diretores Superintendentes – Alvaro Augusto de Bueno Vidigal e Flavio de Almeida Prado
Diretores Gerentes – Sylvio de Azevedo Canto e Andréas Mattos Faria

ARMAZENS GERAIS SANTA CRUZ S. A.

FUNDADA EM 1939

SANTOS — **S. PAULO** — **PARANAGUÁ**

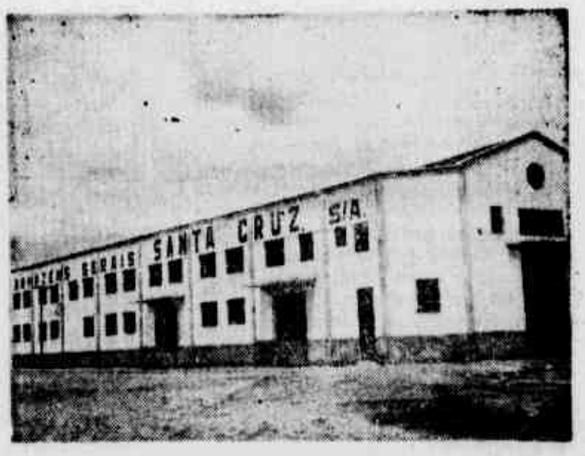
DIRETORIA:

LAURO CARDOSO DE ALMEIDA — Presidente
ENG. M. A. XAVIER DA SILVEIRA — Superintendente
MARCELO DE CAMARGO VIDIGAL — Diretor-Gerente
FLAVIO DE ALMEIDA PRADO — Diretor-Secretari
ALVARO AUGUSTO DE BUENO VIDIGAL — Diretor

Vista interna do armazem da rua Emilio Ribas, em Santos

Parte externa do armazem da rua Emilio Ribas

Armazem da avenida Henry Ford, em S. Paulo



Vista lateral externa do armazem da firma Santa Cruz, em Paranaguá.

Aspecto do armazem, vendo-se o desvio ferroviario em Paranaguá

A EXPERIMENTAÇÃO CAFEEIRA NO INSTITUTO AGRONÔMICO

Recentemente, ao se instalar o I Curso Post-Graduado de Cafeicultura no Instituto Agronômico, tivemos o ensejo de manifestar a nossa estranheza pelo fato de o CAFE' não ocupar posição de destaque nos festejos do IV Centenario da Cidade de São Paulo, uma vez que "sem" o café, a nossa Capital não teria atingido o extraordinario desenvolvimento de que hoje se orgulha.

Desejamos, no presente artigo, oferecer aos leitores alguns dados sôbre os trabalhos do Instituto Agronômico referentes ao cafeiro, cujos resultados vêm orientando a implantação, neste Estado, de uma cafeicultura inteiramente nova.

Desde a sua fundação, em 1887, este estabelecimento vem se dedicando ao estudo do cafeeiro. As publicações de Franz Dafert, seu primeiro diretor, editadas ao fim do século passado, estão sendo, até hoje consultadas pelos estudiosos do assunto. Preocuparam-se Dafert e seus auxiliares com as variedades então conhecidas de café, chamando atenção à superioridade do Bourbon; com a química do café e a adubação desta planta; com o combate à erosão, mesmo nas terras recem-desbravadas; com a secagem artificial do produto e com muitos outros assuntos. Seguiu-se-lhe na direção do Instituto, Gustavo D'Utra, que hibridou o bourbon com o maragogipe, numa tentativa de produzir um híbrido superior. Em 1924, após alguns anos de relativa estagnação, retomou o Instituto suas pesquisas com o cafeeiro, quando foi nomeado diretor o Engenheiro Agronomo Theodureto de Almeida Camargo. Incentivaram-se então numerosos trabalhos sôbre a nutrição do cafeiro; estudou-se sua botânica e fisiologia; realizaram-se pesquisas sôbre genética e citologia, dando-se também início à execução de largo projeto, visando o melhoramento genético das variedades comerciais de café; atacou-se o problema da conservação do solo nos cafézais; realizaram-se numerosos ensaios de natureza agronômica, inclusivé sôbre a mecanização de certas práticas culturais, não se descuidando, igualmente, do problema do preparo do produto.

EQUIPE DE ESPECIALISTAS

A tremenda crise que assolou nossa principal cultura, a partir de 1929, não esmoreceu o pessoal técnico incumbido destes trabalhos. Adotou-se a politica de se aproveitar justamente aquele periodo de crise para uma grande ampliação das pesquisas em tôrno do café. Graças ao inabalavel otimismo que inspirava seus idealizadores e executores, tais trabalhos foram levados avante com grande entusiasmo, certos que estavam de que, após a debacle, novo e promissor ressurgimento da nossa grande cultura se verificaria, então em solidas bases técnico-economicas.

A fim de executar tão extenso e complexo programa, necessario se tornou preparar uma equipe de agronomos especializados e conseguir os meios financeiros indispensaveis ao seu prosseguimento e constante ampliação. A equipe foi conseguida, graças à rigorosa seleção de novos elementos e ao seu conveniente treinamento, muitas vezes, no estrangeiro. Os meios financeiros foram por vezes, escassos e conseguidos após muita luta. Foram fornecidos quase exclusivamente pelo Govêrno do Estado, apesar da importancia desses trabalhos para todos os Estados cafeeiros da União. Somente um único Ministro da Agricultura, o General Juarez Tavora, se convenceu da significação nacional desses trabalhos, fornecendo ao Instituto, em 1934, uma valiosa doação de Rs. 400:000$000, em boa parte utilizada para café.

Desde o ano passado, vem também o Instituto Brasileiro do Café — graças à sadia politica inaugurada pelo seu primeiro presidente, o dr. Mário Penteado de Faria e Silva e prosseguida pelo Engenheiro Agronomo João Pacheco Chaves — auxiliando financeiramente tais trabalhos que assim estão sofrendo, presentemente, consideravel ampliação.

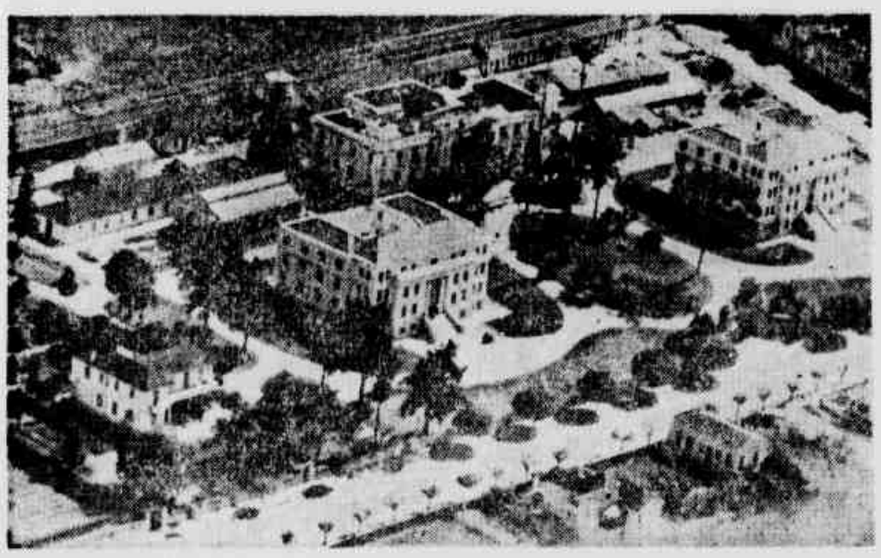
Vejamos como hoje se acha organizada a experimentação cafeeira neste Instituto.

Como acontece com as demais culturas em estudos, cabe, desde 1949, a uma Comissão, a de Café, planejar todos os trabalhos com essa planta e seu produto. Esses trabalhos são classificados por "projetos", com objetivos claramente especificados e executados, em geral, por um grupo de especialistas, cada qual tendo bem definida sua parcela de responsabilidade na execução das pesquisas. Como se vê abaixo, esta Comissão é constituida por 25 Engenheiros Agronomos, pertencentes às várias Secções Técnicas e Estações Experimentais do Instituto:

Carlos Arnaldo Krug	Diretoria
José Estevão Teixeira Mendes	Secção de Café
Fernando R. Pupo de Morais	" " "
Helio José Scaranari	" " "
André Tosello	" " " (mecanização)
José Luiz Vasconcelos Rocha	" " "
Alcides Carvalho	Secção de Genética
Hermindo Antunes Filho	" " "
Aldo Alves	" " "
Djalma Foot	" " "
Antônio José Teixeira Mendes	Secção de Citologia
José Elias de Paiva Neto	Secção de Agrogeologia
Coaraci Morais Franco	Secção de Fisiologia
João Quintiliano de Avelar Marques	Secção de Conservação do Solo
Elio Natal Tosello	Secção de Cons. do Solo (irrigação)
Abnés Pinto Viégas	Secção de Fitopatologia
Luiz Otavio Teixeira Mendes	Secção de Entomologia
Manuel de Barros Ferraz	Secção de Tecnologia Agricola
Armando Conagin	Secção de Técnica Experimental e Calculo
Reinaldo Forster	Estação Experimental Central de Campinas
Marcos Paranhos Penteado	Estação Experimental de Pindorama
Antônio Junqueira Reis	Estação Experimental de Ribeirão Preto
Rúben Kerr Nogueira	Estação Experimental de Jaú
Sebastião Alves	Estação Exp. de Monte Alegre do Sul
Tulio Ribeiro da Rocha	Estação Experimental de Mocóca.

C. A. KRUG
Diretor do Instituto Agronômico

Enquanto se preparam os jacás, com terra especialmente tratada o regador funciona nos amplos viveiros



Vista aerea do bloco que constitui a sede do Instituto Agronomico do Estado, em Campinas.

Cafeeiro tratado mecanicamente e irrigado na epoca da floração.

Um flagrante tomado na secção de escolha do Instituto Agronomico, na Estação Experimental Central de Campinas. As seleções são realizadas com extremo cuidado.

CIA. DE ARMAZENS GERAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

DE S. PAULO PARA S. PAULO A SERVIÇO DO BRASIL

A COMPANHIA DE ARMAZENS GERAIS DO ESTADO DE S. PAULO congratula-se com o povo do Brasil, pelo transcurso, neste mês de julho, do 22.o aniversario da Revolução Constitucionalista, dentro do 400.o aniversario de fundação da cidade de São Paulo, fazendo votos pela prosperidade crescente de todos os paulistas, para unidade do Brasil.

"Em dois séculos, os paulistas dispersaram-se por quase todo o Brasil. Essa imensa area de dispersão é o campo em que se operam as diferenciações regionais do belo tipo vicentista com a descoberta do ouro e, consequentemente, com a povoação dos centros mineradores, dá-se a fixação dessa sociedade de nômades e aventureiros. O ouro transforma o guerreiro sertanista em industrial pacifico. Depois este industrial pacifico se faz agricultor sedentário. De modo que ao entrar o século XIX esta sociedade agitadissima está perfeitamente estabelecida". (Oliveira Vianna — Do livro Historias das Bandeiras Paulistas, de A. E. Taunay).

Estabelecida a sociedade de que tanto se orgulham os brasileiros, concretizada foi a legalidade, defendida sempre pela puiança de São Paulo. Evocamos, nesta ocasião, a Revolução Constitucionalista, cuja efeméride não poderia passar despercebida dos quantos trabalham em São Paulo pela grandeza do Brasil.

Epopéia de civismo, luta de gigantes, foi uma demonstração exuberante do poder de realização dos Bandeirantes, simultaneamente com a coragem indomita dos que, com armas na mão, defenderam a constitucionalidade do país.

Na data em que se exaltam os exemplos de civilidade dos Paulistas, concomitantemente exaltamos os sentimentos de brasilidade dessa brava gente, que em seu labor fecundo contribui para a grandeza da Patria, honrando o nome dos seus ascendentes e respeitando os ensinamentos de Anchieta.

Ao falarmos de Anchieta, reverenciamos a memoria do catequizador, fundador da metropole que vê transcorrer o 4.o centenario de prodigas realizações, no desenvolvimento geral da cultura, do labor e do civismo.

A Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo, se ufana de poder associar-se às manifestações que se promovem pelo auspicioso evento.

Pois como bem disse J. X. Carvalho de Mendonça.

OS ARMAZENS GERAIS NAO PRODUZEM A RIQUEZA: A RIQUEZA EXISTENTE DAO ÚTIL ENGRANDECIMENTO

O desenvolvimento entre nós da instituição dos armazens gerais necessita propaganda, maior divulgação entre os interessados no armazenamento de mercadorias e obtenção de credito facil, para estimula. a pro.lução.

Institutos dependentes da iniciativa privada, eles nasceram, desenvolveram-se e prosperaram dentro do regime compativel com os nossos habitos comerciais; dando ampla liberdade ao depositante para venda da mercadoria confiada a deposito, ficando como fiéis depositarios em obediencia a dispositivos legais.

Medidas acauteladoras visam garanti a veracidade dos armazens gerais, rodeá-los da mais ampla publicidade e submetê-los a efetiva fiscalização.

Sendo a Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo, uma sociedade anônima de economia mista, conta com a garantia do Governo do Estado, estando apta ao perfeito desempenho das atividades concernentes ao ramo do comercio armazenador, criado em boa hora pelo Decreto n. 1.102, de 21 de novembro de 1903.

Fundada em 17 de junho de 1930, a Companhia de Armazens Gerais do Estado de S. Paulo conta com 24 anos de existencia a serviço da Industria, do Comercio e principalmente da Lavoura, demonstrando sua utilidade e segurança em proveito daqueles que a têm procurado para armazenamento de mercadorias.

O credito real proporcionado por meio de armazens gerais, tem sido, com muita propriedade, equiparado ao credito imovel, pois se, de uma parte, oferece solidez na garantia, de outra, qualquer que seja o sistema de emissão dos titulos, o onus que agrava as mercadorias faz-se conhecido de quem a queira adquirir.

O comerciante ou o produtor tem mercadorias a vender. Os preços são baixos: há, entretanto, probabilidade de proxima alta. A negociação do warrant facilita o adiantamento sobre o preço.

Manifestada a alta e vendida definitivamente a mercadoria, o comerciante ou o produtor paga a divida e embolsa o saldo que lhe dá o preço da venda.

Confiem à Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo suas mercadorias para depósito e gozarão das vantagens que um bom armazem geral pode oferecer. A Cia. de Armazens Gerais do Estado de São Paulo recebe em depósio mercadorias ou generos de produção nacional ou estrangeira, que o seu dono ou consignatario queira ou não vender de pronto, ou tenha a intenção de exportar, reexportar ou armazenar, ou ainda, simplesmente transitar.

A grande aceitação dos seus serviços, é a prova da confiança por ela infundida, no trato da coisa alheia.

Fundada com o capital inicial de Cr$ 100.000,00, hoje possui um capital realizado de Cr$ 15.000.000,00, com reservas e provisões de Cr$ 7.114.564,20.

O seu patrimonio moral é maior que o acervo material, constituido de maquinas para rebeneficio, ensaque e pilhas de café instaladas em armazem próprio em Santos e varios armazens, tambem de sua propriedade, na Capital, dotados de camaras para expurgo de cereais e grande area util para armazenamento de mercadorias em geral.

Tendo a administrá-la homens de notoria responsabilidade moral e reconhecida capacidade profissional, têm os seus depositantes a certeza da perfeita execução dos serviços de Armazens Gerais e o exato cumprimento do Decreto n. 1.102, de 21 de Novembro de 1903, rigorosamente fiscalizado pela Junta Comercial do Estado de São Paulo.

CIA DE ARMAZENS GERAIS DO ESTADO DE S. PAULO

São Paulo	Despachos
R. S. Bento, 329 — 2.o and. End. Telegr. "CAGESP" Caixa Postal, 7.014 Tels. (gerencia: 3-3613 contabil. 32-3614)	Desvio Bandeirantes B. Funda E. F S. J. ou E.F.S. Desvio Triangulo Pari - E.F.S.J.

Armazens

Al. Barão do Rio Branco, 997	Desvio CAGESP
R. Rodrigues dos Santos, 91	Pari - E.F.S.J.
R. Diages de Figueiredo, 1.156-1.1	Desvio CAGESP
R. II, esq. R. III (Estr. Campinas)	Lapa - E.F.S.J. Desvio CAGESP Domingos de Morais — E.F.S

Santos	Despachos
Palacio da Bolsa — 2.o andar - sala 1 Caixa Postal, 737 Tels. 2-4783 e 2-4784 End. Telegr. "CAGESP"	Santos - E.F.S.J. Santos - Estuario - E.F.S.

Armazem

Armazem Coliseu — Rua João Pessoa, 246-266.

DIRETORIA

Presidente	José Barone Mercadante
1.o Vice-presidente	Olympio Martins Cardoso
2.o Vice-presidente	Joaquim Augusto Ribeiro do Vale Neto
Superintendente	Mario Penteado de Faria e Silva
Gerente	Luiz Scaglione

A Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo, com sede em nossa Capital, possui um patrimonio dos maiores. As fotos do armazem Coliseu, em Santos, mostram, em cima, a face externa com frente para a rua João Pessoa, no centro, aspecto interno, e em baixo, a maquina rebenificiadora, vendo-se os srs. Osman Queiroz, chefe da Agencia de Santos, e o fiel do armazem, sr. Amadeu Ferro.

Reune-se esta Comissão várias vezes ao ano, em sua totalidade ou em grupos especializados menores, para apresentação e discussão dos resultados obtidos e deliberação referente à inclusão de novos "projetos". Com a intima colaboração de especialistas de vários setores, aumentou-se a eficiencia dos serviços, dedicando-se especial atenção à manutenção de um bom equibrio entre todas as atividades dos seus membros. Concede-se sempre prioridade à solução dos problemas mais prementes. Conquanto se fomente também a realização de pesquisas cientificas básicas, a maioria dos trabalhos visa a resolver problemas de importancia pratica imediata. Cumpre, entretanto ressaltar que todos êles visam, direta ou indiretamente, a resolver os problemas do lavrador de café, a fim de auxiliá-lo em sua constante luta de racionalização dessa cultura entre nós.

A execução deste variado e extenso programa se processa nos laboratorios da sede e na Estação Experimental Central (Fazenda Santa Elisa) em Campinas, bem como em seis Estações Experimentais regionais: Ribeirão Preto, Pindorama, Mococa, Jaú, Monte Alegre do Sul e Presidente Prudente. Mais recentemente, instalaram-se também alguns trabalhos — campos de observação de linhagens de café etc. — nas Estações Experimentais de Pindamonhangaba, Tietê e Ubatuba.

A fim de dar uma idéia da extensão e da multiplicidade desses serviços, examinemos o seguinte quadro, no qual se classificam todos os projetos por setores:

NATUREZA DAS PESQUISAS E DOS TRABALHOS EXPERIMENTAIS		N.º DE PROJETOS E SUAS REPETIÇÕES REGIONAIS		%
Anatomia	1	Botânica	11	5,4
Taxonomia	2			
Biologia da flôr	4			
Fisiologia (Div.)	4			
Genética	7	Melhoramento e Prod. de sementes	84	44,5.
Citologia	22			
Melhoramento	35			
Campos de aumento	20			
Nutrição	4	Adubação	25	13,3
Adubação	21			
Tipos de mudas	4	Sistemas de plantio e de cultivo	18	9,6
Espaçamento e número de pés por cova	3			
Profundidade de plantio e disposição das mudas na cova	8			
Cultivo	3			
Conservação do solo			8	4,3
Irrigação			7	3,7
Sombreamento			6	3,2
Molestias e pragas			3	1,6
Mecanização			3	1,6
Preparo			6	3,2
Diversos (enxertia, poda, etc.)			18	9,6
SOMA:			189	100,0

Como se depreende do quadro, especial ênfase está sendo dedicada ao melhoramento genético do cafeeiro, à produção de sementes selecionadas e ao estudo de práticas de instalação e de manutenção de lavouras.

Quanto à distribuição geografica desses trabalhos, temó-la no seguinte quadro:

Estações Experimentais Fazendas Particulares	N.o de projetos regionais	%
Est. Exp. Central — Campinas	94	44,4
Est. Exp. de Ribeirão Preto	31	14,7
Est. Exp. de Pindorama	30	14,1
Est. Exp. de Mococa	18	8,5
Est. Exp. de Jaú	16	7,5
Est. Exp. de Monte Alegre do Sul	13	6,1
Est. Exp. de Presidente Prudente (recem-criada)	2	1,0
Est. Exp. de Tietê	1	0,5
Est. Exp. de Pindamonhangaba	1	0,5
Est. Exp. de Ubatuba	1	0,5
Fazendas Particulares	5	2,3
SOMA	212	100,0

Como é de se esperar, e na sede do Instituto Agronomico que se concentra a maioria dos serviços, uma vez que aqui se acham localizadas as Secções Técnicas do Instituto e sua grande Estação Experimental Central. Mais da metade, entretanto, de experimentação cafeeira se localiza nos grandes centros cafeeiros do interior, especialmente em Ribeirão Preto (terra roxa) e na Araraquarense (terra arenosa). As Estações Experimentais de Mococa e Monte Alegre do Sul se situam nas terras massapé (formação Arqueana), de grande importancia para a cafeicultura do Estado.

RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Quais os resultados até hoje obtidos com esses trabalhos e já beneficiam eles a nossa cafeicultura?

Apesar de extraordinariamente demorados, pois se trata de planta perêne, que requer estudos que se prolongam por muitos anos, tais trabalhos já redundaram em real proveito para a nossa lavoura cafeeira. Mencionemos, de inicio, as novas linhagens de Bourbon Vermelho, Bourbon Amarelo, Caturra e de Mundo Novo já em ampla distribuição em São Paulo, Paraná e outros Estados cafeeiros, que vêm demonstrando grande amplitude da adaptação regional e excelente produtividade. Graças à politica seguida pelo Instituto a partir de 1942, de se distribuir anualmente pequenas partidas de sementes a grande numero de lavradores, aconselhando-os a com elas plantar pequenos campos isolados de aumento, São Paulo já produz, anualmente, apreciavel volume de sementes selecionadas, avaliado, no presente ano, em mais de 100 toneladas, suficientes para plantar em torno de 50 milhões de cafeeiros! Com os campos de cooperação, instalados pela Divisão de Fomento Agricola, esta produção ainda aumentará muito mais no futuro.

Mas a boa semente não chega. E' preciso tambem oferecer às plantas de boa constituição genetica um meio ambiente favoravel para que se produza, economicamente, o maximo por unidade de area. Tambem nesse particular já são amplamente aplicados pelos lavradores os ensinamentos derivados dos trabalhos experimentais do Instituto. Estes se referem à instalação de viveiros; aos metodos de semeação e transplantação; às distancias de plantações; aos sistemas de combate à erosão; à adubação organica, mineral e verde; à disposição das mudas nas "covas"; aos metodos de cultivo e sua mecanização parcial; à irrigação artificial; aos metodos de colheita e, finalmente, aos sistemas de preparo do produto.

ORIENTAÇAO DADA PELO INSTITUTO

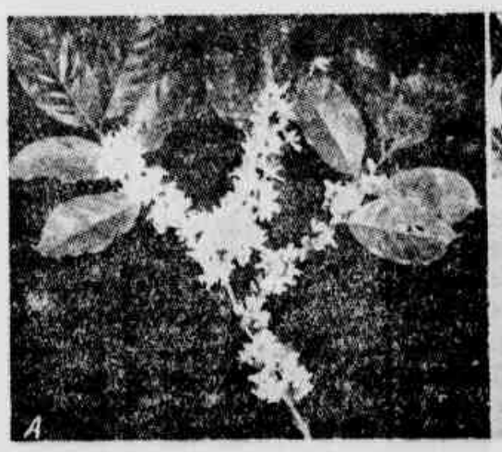
Além de responder às inumeras consultas de lavradores e de orientar, principalmente nas proximidades das suas Estações Experimentais (em particular em Campinas) a instalação de lavouras modelo, o Instituto vem prestando ampla orientação aos agronomos Regionais da Divisão de Fomento Agricola, tendo, para melhor coordenar esta assistencia técnica, destacado, há alguns anos, o saudoso engenheiro agronomo Helio de Morais, mais tarde transferido para aquela Divisão e ao qual aqui rendemos a nossa mais profunda homenagem, pelos extraordinarios serviços que ele prestou à cafeicultura paulista.

A fim de formar anualmente equipes de engenheiros agronomos, especializados em café, organizou-se recentemente, na sede do Instituto Agronomico, um Curso Post-Graduado de Cafeicultura. Assim procedendo, os seus especialistas, além de se dedicarem à pesquisa e à experimentação, tambem estão sendo aproveitados, sem prejuizo à sua função primordial, para o ensino superior, a fim de prepararem turmas de agronomos de fomento de São Paulo e de outros Estados, aos quais caberá a grande responsabilidade de prestar assistencia técnica eficiente aos nossos lavradores.

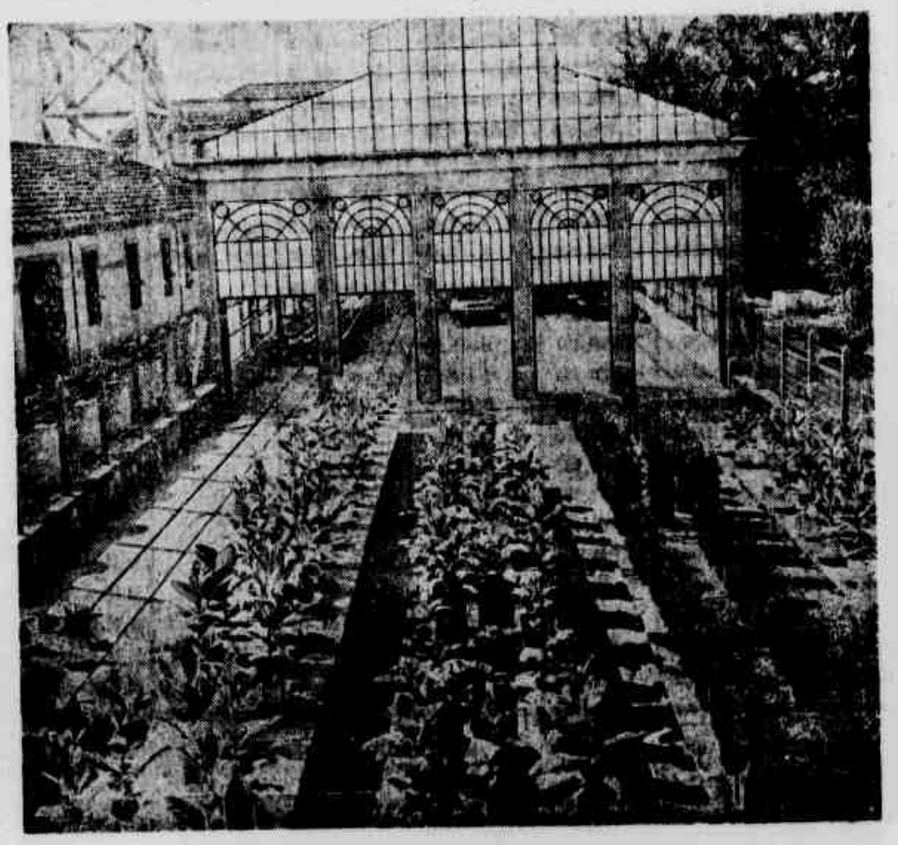
Graças aos atuais preços compensadores; à diminuição gradativa de terras virgens que se prestam ao cultivo de café; à existencia de linhagens altamente produtivas e de uma orientação técnica segura, passamos lentamente da fase da "invasão" cafeeira à da consolidação da nossa principal cultura. Esta se processa pela seleção e recuperação de lavouras velhas e pela implantação de culturas novas, em bases rigorosamente técnicas, tudo dentro de um concêrto equilibrado de atividades agro-pecuarias, cujas peculiaridades variam de gazenda à fazenda.

—0—

Apesar de já possuirmos larga soma de dados, derivados da experimentação, numerosos problemas ainda aguardam solução, o que exige que o Instituto Agronomico prossiga com afinco nos seus trabalhos, ampliando-os cada vez mais. O principal é que não lhe faltem recursos financeiros. Esperemos que as futuras dotações orçamentarias do Estado sejam amplas; que o Ministério da Agricultura reconheça a utilidade nacional destes trabalhos, assistindo-os financeiramente; que o Novel Instituto Brasileiro do Café continue exercendo a sábia politica de lhe fornecer recursos extraordinarios e, finalmente, que os proprios lavradores de café, para os quais o Instituto desenvolve o melhor dos seus esforços, bem como a industria e o comercio, que têm o seu esteio mestre no café, tambem o auxiliem com contribuições diretas ao seu "Fundo de Pesquisas".



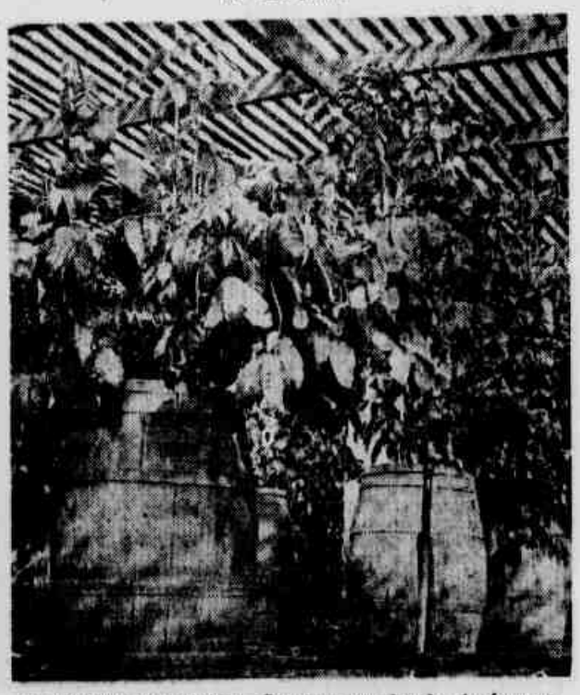
O cafeeiro "387 (flores e frutos) assim chamado na Secção de Genética, é de importancia economica excepcional. Em experimentação na Estação Central de Campinas, tem sido intensamente procurado por lavradores paulistas, do Paraná e de outros Estados



Experiência de adubação em vasos no interior de estufas

Carga de café tratado com os modernos metodos de agricultura nacional, de que tem sido propugnador incansavel o Instituto Agronomico de São Paulo

Um dos viveiros de café da Estação Experimental Central de Campinas.



Os cafeeiros já crescidos, são transportados dos jacás para os barris, onde permanecem para novas experimentações.

LIMA NOGUEIRA S/A COMERCIAL E EXPORTADORA

MANTEM SITUAÇÃO DESTACADA ENTRE AS GRANDES FIRMAS DO PORTO DE SANTOS

Herdeira de um passado de luta e de pioneirismo

A atual sociedade anonima Lima Nogueira, é herdeira de um passado de lutas e pionairismo, pois, a terceira geração que a dirige, é sucessora de Telles Netto, fundada em 1881 por Antonio Carlos da Silva Telles e Domingos Netto.

Andava o jovem Antonio Telles a sonhar, indeciso, acêrca da possibilidade da abertura de uma casa comissaria em Santos, quando um dia foi sobressaltado por um imprevisto acontecimento: abençoada loteria o havia favorecido com a sorte de 8 contos de réis! Quanta nova esperança e confiança desabrocharam no seu pensamento. Sentia-se rico em dinheiro e em coragem. Não mais hesitou. Tratou, sem demora, de realizar o seu velho sonho. Foi assim que Antonio Carlos da Silva Telles dispôs-se a ingressar no comercio cafeeiro. Podia antever-se o sucesso de sua iniciativa, porquanto já trazia bôa bagagem de um intenso circulo de amizades, consequente da afabilidade, competencia e honestidade que sempre pusera no desempenho de suas funções. De fato, superando a melhor das expectativas foi tão boa a receptividade obtida que resolveu convidar seu colega Domingos Luiz Netto para associar-se ao novo e grande empreendimento. Ambos antigos auxiliares do Banco Mauá, conquistaram, um como viajante e outro como gerente da filial de Campinas, solida reputação entre a clientela do interior do estabelecimento bancario. A convocação foi de imediato correspondida e a satisfação do seu acolhimento bem atestam as palavras proferidas então: "foi um dos dias mais felizes da minha vida aquele em que recebi e li a carta do Telles, propondo-me sociedade na firma comissaria".

Entregando-se, afanosamente, de corpo e alma ao novo ramo que haviam abraçado deliberaram, em vista do crescente aumento dos negocios, convidar dois velhos amigos campineiros para companheiros da grande jornada. — Atendendo a essas novas circunstancias foi que ingressaram na já conceituada casa — José Paulino Nogueira e Bento Quirino dos Santos, a qual passou então a girar sob a razão social de Telles, Netto & Cia., isso, no longinguo passado de 26 de Abril de 1883. Divididas com grande senso e harmonia as atribuições de cada socio, póde a firma desenvolver de forma notavel suas atividades.

A esse tempo o comissario exercia uma função quase patriarcal, cuja historia está desafiando a argucia de um estudioso. Não se levando em conta o caráter comercial, sua precipua finalidade, era o comissario uma espécie de orientador privado dos seus comitentes, além de cuidar com zêlo do bem estar do fazendeiro e de sua familia.

Em nosso velho arquivo, é interessante o manuseio das contas correntes de então, nas quais se vêem lançadas, entremeadas com as despesas do custeio dos cafezais, contas de colégio, compra de enxovais, encomendas de serviço de porcelana e baixêlas de prata; pipas de vinho, caixas de bacalhau, calçados etc. O comissario fazia, na verdade, as vezes de banqueiro, que abria uma conta sem garantia, ao seu comitente, fiado apenas na sua honorabilidade. Não havia sequer uma Letra de Cambio para assegurar as transações, e repousava sua tranquilidade em uma simples troca de correspondencia. Esses fatos que fazem honra aos nossos antepassados, espelham fielmente uma época na qual valiam, como se fôra um juramento sagrado, a palavra empenhada e a entrega do famoso fio de barba.

Mas, além de banqueiro se encarregava de toda a ordem de serviço, na cidade, para seus clientes no interior. Assim é que teve uma influencia muito grande na cultura da mocidade, pois além de procurar colocar nos melhores colégios os filhos de fazendeiros, ainda exercia, espontaneamente, um certo controle repassado de carinho na meninada afastada do convivio dos pais. — Fôram inumeros os rapazes que através da colaboração do comissario iniciaram e outros completaram seus estudos na America e Europa, iniciativa essa quase que inviavel para o homem da raça, que, afastado da civilização citadina, mourejava dia e noite na aventurosa agricultura, e, portanto, deslocado para cuidar, como seria seu desejo, do alimento espiritual da progenitura.

Utilizando o credito de confiança e financeiro dispensado pelas casas de Santos foi que se formou a maioria das grandes propriedades no interior de São Paulo, nos fins do século passado e principios dêste.

Para essa obra de vastas proporções contribuiu decisivamente a firma, Telles Netto & Cia., sendo que determinadas zonas, entre as quais cumpre destacar Jaú e Ribeirão Preto, foram em grande parte criações dos quatro grandes negociantes. Tiveram êles, contudo larga compensação do seu trabalho, e anos houve em que o recebimento de cafés em consignação, atingiu cifras ao redor de um milhão de sacas. E, mais ainda do que o sucesso comercial, alcançaram êles um galardão muito maior: — a consideração, o respeito e o renome de homens ilibados.

Além dos antigos fundadores e dos atuais diretores, fizeram parte da Organização: — José Paulino Nogueira Filho, Thadeu Nogueira, Armando dos Santos Dias, Antonio de Freitas Guimarães Sobrinho, Esaú Guimarães, Roberto Alves de Lima, Octaviano Alves de Lima, José Vicente Lassala Freire e Ruy de Castro Bicudo.

Atualmente, a Sociedade, sob a segura orientação do senhor Joaquim Bento Alves de Lima, que pelo espaço de 55 anos vem prestando sua sábia colaboração, prossegue sua róta, sempre inspirada na tradição legada pelos antepassados.

Além do Presidente, são Membros da Diretoria os acionistas seguintes: Jayme Nogueira da Silva Telles, José Nogueira da Silva Telles, Silvio Alves de Lima, Luis Affonso Cardozo de Mello de Alvares Otéro.

Antes de terminarmos este pequeno historico, julgamos ser interessante alinhar alguns dados sobre os volumes de café manipulado pela firma desde a sua fundação.

Recebimento do interior só para o porto de Santos — 17.770.764 scs.

Exportação para o exterior — 8.780.827 scs.

E' de considerar que o nosso departamento de exportação, só foi instalado no ano de 1909.

QUADRO ESTATISTICO DAS ENTRADAS E VENDAS DE CAFÉ

— NA —

PRAÇA DE SANTOS
(de 1880 a 1953)

LIMA, NOGUEIRA S/A. Comercial e Exportadora, sucessora de TELLES, NETTO & Cia. — TELLES, QUIRINO & NOGUEIRA — FREITAS, LIMA, NOGUEIRA & Cia. — LIMA, NOGUEIRA & Cia.

CASA FUNDADA EM 8 DE NOVEMBRO DE 1881 — ESTABLISHED NOVEMBER 8 th 1881

Tip. Carvalho - Santos

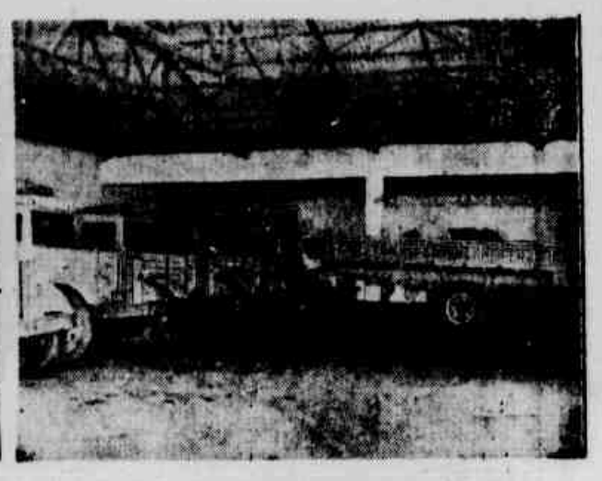
De 1.º de Julho a 30 de Junho / July 1st. to June 30	ENTRADAS EM SANTOS / ARRIVALS IN SANTOS: Sacos de 60 kg. / Bags 60 kgs.	Media do preço por kg. / Average Price	Valor em Reis (1942/43 valor em Cr$) / Value in Reis (1942/43 value in Cr$)	Embarcado em Santos / Shipped through Santos	EXTREMOS DO PREÇO / EXTREME OF PRICE: New York Termo tipo Tipo 7 por Libra / New York Exchange Rio 7	New York Termo Santos Tipo 4 por Libra / New York Exchange Santos 4	Havre em Francos por 50 kgs. / Havre Exchange 50 kgs.	EXTREMOS DO CAMBIO / EXTREME OF EXCHANGE: Sobre Londres / On London	Sobre Paris / On Paris	Sobre Hamburgo / On Hamburgo	Sobre New York / On New York	EXISTENCIA em 30 de Junho (Sacas de 60 ks.) / STOCKS ON JUNE 30th: Em Santos / Santos	No Mundo / World	Nos reguladores estações e vagões Destino: Santos / Regulating warehouse & railways	Consumo mundial / World's Consumption
1880/1	1.125.915	$404	27.292:179$600	1.204.828	10.25—18.20		62 — 80	19 7/8 —24	397 — 480	490— 592		42.000			
1881/2	1.723.332	$366	37.844:370$720	1.524.486	8.10—10.75		49 — 65	20 11/16—23 1/4	410 — 461	506— 569		180.000			1880/81 a 1889/90 media anual — yearly average 10.012.000
1882/3	1.967.881	$327	38.609:825$220	1.887.846	6.65— 9.70		41 — 58	20 1/8 —22	483 — 474	535— 585		280.000			
1883/4	1.871.516	$437	49.071:149$520	1.929.029	8.75—11.85		53 — 71	21 —22 1/4	428 — 454	529— 560		223.000			
1884/5	2.094.721	$390	49.016:471$400	2.165.116	7.50— 8.95		45 — 54	19 1/4 —22 1/4	428 — 495	529— 611		195.000			
1885/6	1.668.980	$399	39.955:381$200	1.657.176	7.55— 8.85		45 — 50	17 5/8 —22 1/2	424 — 541	523— 668		140.000			
1886/7	2.583.458	$576	89.284:308$480	2.478.498	7.55—22.25		52 —123	20 5/8—28	414 — 469	512— 571		255.000	4.181.000		
1887/8	1.120.145	$564	87.905:706$800	1.309.987	9.00—19.60		67 —118	20 1/8 —25 11/16	380 — 474	469— 585		95.000	2.503.000		
1888/9	2.634.996	$501	79.207:979$760	2.545.706	9.50—18.00		74 —109	25 1/16—28	340 — 380	420— 469		194.000	3.686.000		
1889/90	1.870.202	$588	65.380:726$560	2.041.578	18.00—18.80		82 —118	20 1/4 —27 11/16	344 — 471	425— 581		50.000	2.417.000		
1890/1	2.952.822	$785	189.054:866$200	3.048.827	18.10—18.50		97 —182	18 —24 1/2	389 — 596	480— 736		56.000	1.888.800		
1891/2	3.686.084	1$004	222.049:700$160	3.686.084	10.85—17.25		79 —102	10 3/8 —17 5/8	541 — 919	668—1.185		137.000	2.966.330		1890/91 a 1899/900 media anual — yearly average 11.826.000
1892/3	3.255.930	1$184	231.301:267$200	3.412.882	11.75—17.70		82 —107	10 —15 1/2	615 — 958	759—1.777		112.000	3.091.980		
1893/4	1.686.389	1$477	149.447:798$180	1.772.679	12.80—17.75		95 —106	9 —12 3/16	775 —1.059	956—1.808		40.000	2.146.160		
1894/5	4.007.880	1$389	338.975:049$200	3.904.080	10.45—15.75		86 —100	9 —12	794 —1.059	981—1.808		145.000	3.049.660		
1895/6	3.093.528	1$426	264.682:255$680	3.185.196	9.65—15.60		71 — 96	8 7/16—11 3/8	888 —1.180	1.084—1.895		115.800	2.505.330		
1896/7	5.104.486	1$098	336.288:537$680	4.960.062	6.65—11.85		84 — 76	7 1/2 — 9 7/8	965 —1.271	1.192—1.570		217.900	3.962.500		
1897/8	6.152.594	$911	336.300:778$040	6.058.621	4.60— 7.80		38 — 48	5 21/32— 7 29/32	1.225 —1.686	1.518—2.089		287.700	5.412.000		
1898/9	5.569.650	$788	363.333:052$000	5.585.861	4.55— 6.60		38 — 40	6 11/16— 8 3/4	1.089 —1.425	1.345—1.760		266.220	6.147.830		
1899/900	5.711.782	$760	260.454:979$200	5.742.362	4.10— 6.05		81 — 48	6 29/32—11 1/8	858 —1.880	1.058—1.705		279.230	1.725.830		
1900/1	7.278.148	$616	294.687:550$080	7.821.541	5.00— 9.20		85 — 56 1/2	9 3/8 —14 7/16	660 —1.017	815—1.256		886.640	6.781.160		
1901/2	10.165.044	$524	319.588:985$360	9.781.921	4.65— 8.00		88 — 49	9 1/2 —12 11/16	751 —1.003	928—1.289		832.020	11.219.160		1900/01 a 1909/10 media anual — yearly average 16.344.000
1902/3	9.849.783	$462	281.455:984$760	7.542.481	8.55— 6.10		80 1/4— 88 1/2	11 19/32—12 5/8	755 — 822	932—1.015		640.760	11.795.000		
1903/4	6.897.441	$520	199.600:159$200	6.587.226	8.55— 9.40		29 3/4— 50 1/4	11 3/4 —12 1/2	762 — 811	942—1.002		554.811	12.241.660		
1904/5	7.422.758	$581	258.757:348$880	7.174.557	5.80— 8.80		40 1/4— 50 1/2	12 1/16—16 11/32	568 — 790	720— 975		814.565	11.153.630		
1905/6	6.982.885	$449	188.118:921$800	7.280.162	5.90— 8.10		48 1/2— 49 1/4	18 19/32—17 19/32	542 — 701	669— 866		505.681	9.625.000		
1906/7	15.392.170	$421	388.764:257$840	13.874.118	5.05— 7.90		84 3/4— 49 1/2	14 3/8 —15 3/8	620 — 652	765— 805		1.948.058	16.399.954		
1907/8	7.208.809	$411	177.645:929$940	8.515.244	5.20— 6.60		85 1/4— 45	15 7/32—15 1/4	626 — 631	772— 780		702.414	14.126.000		
1908/9	9.558.242	$390	228.077:888$200	9.881.867	4.95— 7.80		85 3/4— 46	15 1/16—15 1/8	631 — 635	780— 788		858.868	12.835.000		
1909/10	11.495.419	$416	286.925:658$240	10.278.215	6.10— 7.25		89 — 48 3/4	15 3/4 —16 21/32	680 — 684	762— 782		2.080.518	13.731.000		
1910/11	8.110.145	$387	285.689:308$900	6.440.495	6.65—11.84		45 3/4— 74	16 3/16—18 1/8	580 — 608	652— 742		605.284	11.085.000		
1911/12	9.972.266	$794	475.078:752$540	9.143.685	10.49—15.15		67 — 90	16 —16 7/32	589 — 597	727— 786		1.350.485	10.965.000		1910/11 a 1919/20 media anual — yearly average 17.850.000
1912/13	8.584.797	$796	410.009:904$720	8.820.892	9.12—14.62		59 1/2— 90	16 1/32—16 9/32	588 — 596	725— 786		1.153.175	10.288.000		
1913/14	10.855.454	$574	378.861:885$760	11.308.845	8.24—11.75		55 3/4— 74 1/4	15 11/16—16 1/8	592 — 610	726— 754		608.356	11.289.000		
1914/15	9.497.558	$470	267.830:994$609	9.641.699	5.28— 9.20		47 — 60	10 1/4 —16	598 — 920	730—1.300		501.025	7.538.000		
1915/16	11.744.491	$530	373.474:818$800	11.445.583	5.90— 9.21		49 1/2— 75 3/4	11 1/4 —18 1/32	680 — 800	770— 900		773.872	7.091.000		
1916/17	9.808.044	$643	378.201:457$520	9.611.620	7.25— 9.87		70 — 94	[illegible]	685 — 744	710— 815		888.941	7.778.000		
1917/18	12.143.930	$485	358.388:568$000	7.856.862	6.67— 9.70		93 3/4—109 3/4	12 9/16—13 7/8	648 — 710			5.638.756	11.775.000		
1918/19	7.397.560	1$263	560.587:096$800	7.833.887	8.08—24.65		100 —202	11 3/4 —14 5/8	545 — 780			4.950.689	10.215.454		
1919/20	4.164.408	1$636	408.778:289$280	7.561.045	11.75—28.10		177 —340	14 1/64—18 1/2	223 — 565	43— 265	3$560— 4$100	1.312.957	6.750.000		
1920/21	10.509.867	1$039	655.185:108$780	8.878.880	5.17—13.75		96 —190	6 5/8 —14 7/8	338 — 795	71— 135	3$970— 9$350	2.856.746	8.700.000		18.462.000
1921/22	8.178.464	1$710	839.110:406$400	8.558.764	6.20—10.58		108 —198	6 3/4 — 8 3/8	585 — 775	21— 132	6$900— 9$430	2.528.621	8.639.000		19.717.000
1922/23	6.811.925	2$320	948.219:960$000	8.278.208	7.10—12.60		197 —268	5 5/16— 7 21/64	510 — 668	0,08— 20	7$150— 9$620	1.079.019	5.311.000		19.162.000
1923/24	10.825.977	2$785	1.725.470:756$700	10.192.760	6.78—14.64		185 —580	4 5/8 — 6 7/8	800 — 668		7$850—11$600	1.637.205	5.026.000		22.036.000
1924/25	8.896.858	4$020	2.145.920:948$600	8.018.187	11.80—28.25		350 —542	4 31/32— 6 7/16	416 — 588		8$220—10$600	1.618.568	5.017.000		20.506.000
1925/26	9.079.487	2$859	1.557.486:692$980	9.482.605	12.45—20.45		450 —920	5 7/16— 7 13/16	178 — 440	1.500—2.050	6$160— 9$220	1.221.857	4.464.000		21.703.000
1926/27	9.479.188	2$551	1.450.876:096$980	9.871.787	11.07—18.29		392 —1160	5 11/16— 7 15/16	180 — 840	1.500—2.120	6$160— 8$600	860.353	4.418.000	8.312.067	21.298.000
1927/28	10.254.852	3$016	1.885.627:587$920	10.000.415	10.99—16.00		416 —592	5 13/16— 5 31/32	328,5 — 336	1.990—2.040	8$190— 8$440	1.108.209	5.305.000	11.672.145	23.536.000
1928/29	8.888.787	3$060	1.681.054:118$200	8.808.400	12.47—17.85	18.18—28.75	454 —589	5 25/32— 115/128	327 — 335	2.000—2.040	8$220— 8$400	1.168.453	5.335.000	8.354.402	22.251.000
1929/30	9.638.784	1$817	1.050.814:780$680	9.586.494	6.78—15.27	9.90—21.78	241 —475	5 3/8 — 5 63/64	330 — 369	2.010—2.240	8$245— 9$220	1.008.504	5.573.000	21.209.780	23.554.000
1930/31	11.781.875	1$681	1.146.987:054$500	10.097.578	4.41— 7.89	7.40—13.10	180 —290	3 1/16— 5 9/16	349 — 627	2.125—3.760	8$670—15$600	1.254.412	6.384.000	18.567.850	25.091.000
1931/32	13.286.890	1$530	1.215.100:602$000	9.682.284	4.88— 6.95	6.71— 9.72	175 —262	3 1/16— 5	518 — 642	2.940—3.870	12$850—15$850	1.266.855	6.702.000	10.564.021	23.723.000
1932/33	8.929.940	1$350	725.325:148$000	6.550.881	4.86— 8.80	7.00—14.75	128 —288	4 3/16— 5 47/64	534 — 685	3.190—4.190	12$820—12$960	1.455.411	6.501.000	8.016.616	22.848.000
1933/34	11.762.420	1$470	1.087.445:444$000	11.828.485	5.25— 8.95	7.65—11.72	109 —185	3 31/32— 4 3/16	665 — 790	4.070—4.745	10$710—16$157	2.425.869	8.526.000	2.360.928	24.451.000
1934/35	9.811.856	1$745	974.898:978$200	9.286.285	4.69— 8.60	7.80—11.84	106 1/2—165 1/2	2 71/128— 3 77/128	898 —1.264	5.835—7.690	12$615—16$340	2.104.486	7.541.000	5.029.164	22.681.000
1935/36	10.526.429	1$685	1.064.221:971$800	10.578.647	4.94— 5.77	7.15— 9.20	108 1/2—120	2 73/128— 2 [illegible]/256	1.101 —1.250	6.921—7.625	14$800—16$225	1.951.110	8.130.000	6.874.268	25.845.000
1936/37	8.563.158	2$280	1.171.440:014$400	8.757.986	8.00— 8.20	7.96—11.60	106 —217	2 49/64— 2 31/128	685 —1.120	4.800—5.100	13$748—15$268	2.119.033	7.911.000	7.972.463	25.006.000
1937/38	10.182.882	2$125	1.291.912:455$000	9.462.605	8.75— 7.87	6.62—10.98	150 1/2—297 1/4	78.800—89.500	430 — 590	4.800—5.800	13$631—17$850	2.130.125	7.230.000	5.498.898	25.609.000
1938/39	11.198.958	2$094	1.407.086:454$920	11.170.267	4— 4.59	6.65— 7.17	194 1/2—286 1/2	79.680—88.714	390 — 502	5.300—5.700	17$270—19$046	2.343.104	7.978.000	5.784.179	20.696.000
1939/40	9.507.860	1$980	1.129.474:868$000	9.994.799	8.42— 4.48	5.48— 6.85		57.393—88.481	329 — 502	5.650—5.650	18$658—19$046	1.818.978		6.133.118	28.569.000
1940/41	7.651.289	2$250	1.082.994:015$000	8.882.982	8.56— 7.70	5.10—11.40		78.820—78.650		5.600—5.610	18$616—18$728	915.649		8.540.470	28.552.857
1941/42	8.880.699	3$961	1.991.758:994$840	8.829.191	7.15— 9.20	10.67—18.18		78.064—78.820			18$532—18$644	1.231.566		5.066.694	27.857.857
1942/43	5.216.797	$ 4,18	$1.806.872.687,60	4.720.774	8.75— 8.85	13.00—12.97		74.44 5/16			$ 18,58—$ 18,60	1.816.418		7.046.194	25.709.857
1943/44	11.155.428	$ 4,25	$2.844.636.890,00	9.671.780	8.85	13.00		74.44 5/16			$ 18,58—$ 18,59	8.904.859		4.619.443	24.709.857
1944/45	8.488.725	$ 4,68	$ 979.684.280,80	9.568.856	8.85	13.00		73.88 13/32-74.44 5/16			$ 18,41—$ 18,68	8.203.962		4.624.184	20.373.857
1945/46	9.840.288	$ 5.74	$3.295.675.187,20	11.805.622	8.85	13.00		72,28—74,55			$ 18,16—$ 18,73	2.604.149		8.231.519	24.908.228
1946/47	9.446.921	$ 9,08	$5.146.682.560,80	10.859.797	10.06—16.00	15.04—26.25		74,70—79,96	0.15 — 46		$ 18,75—$ 18,18,42	1.969.168		4.784.968	27.065.559
1947/48	10.90[illegible].129	$ 9,00	$5.886.609.660,00	10.761.680	11.05—14.65	15.50—28.80		74,82 55—74,87.14	0,15.46—0,08.57		$ 18,58—$ 18,38	2.216.179		1.864.986	27.870.000
1948/49	9.823.161	$ 9,30	$5.481.323.838,00	11.324.498		16.88—26.85		74.87 14—74.87.14	0,08.57—0,06.75		$ 18,38—$ 18,38	2.264.188		3.443.048	29.682.000
1949/50	8.517.416	$14,72	$7.522.381.611,20	9.692.092		23.33—52.20		51.48.40—74.87.14	0,05.25—0,06.75		$ 18,38—$ 18,38	1.507.030		2.781.719	30.719.000
1950/51	8.609.743	$18,53	$9.372.312.267,40	8.307.632	40.00—37.75	55.90—61.80		51.48.48—51.48.48	0,05.25—0,05.25		$ 18,38—$ 18,38	1.621.747		2.469.092	32.468.000
1951/52	7.691.779	$19,38	[illegible]	7.739.938		44.20—53.35		51.48.48—51.48.48	0,05.25—0,05.25		$ 18,38—$ 18,38	1.534.575		504.094	31.329.746
1952/53	7.990.170	$20,08	[illegible]	7.844.619		30.65—41.78		51.48.48—51.48.48	0,05.25—0,05.25		$ 18,38—$ 18,38	1.929.841		72.928	32.475.000

Na existencia em Santos, em 30 de Junho de 1930 e 30 de Junho de 1931, estão excluidos os cafés comprados pelo Governo de São Paulo, de acordo com o contrato do ultimo empréstimo externo e considerado fóra do estoque. — A existencia nos Reguladores, em 30 de Junho de 1931, é composta somente de cafés que foram comprados pelo Governo Federal. — Além das quantidades citadas, existiam nos Reguladores pertencentes ao Departamento Nacional do Café e consideradas fóra do Comércio: Em 30 de Julho de 1932, 10.718.339 sacas — Em 30 de Junho de 1933, 6.328.387 sacas — Em 30 de Junho de 1934, 14.889.744 sacas — Em 30 de Junho de 1935, 11.888.123 sacas — Em 30 de Junho de 1936, 10.100.000 sacas — Em 30 de Junho de 1937, 10.886.921 sacas — Na existencia em 30 de Junho de 1944, nos Reguladores, Estações e Vagões, com destino a Santos, deixamos de computar os Cafés Paranaenses por falta de dados — Para o periodo de cambio LIVRE e OFICIAL estão computadas as respectivas MÉDIAS. — Nas entradas em Santos não estão computados os cafés recebidos pelo D. N. C. no periodo de 1936/37 a 1948/49.

Ensacamento, pesagem, misturador e costura na subsidiaria Cia. Cruzeiro de Armazens Gerais.

Classificação de café na firma Leme Ferreira Comissaria e Exportadora, em Santos.

Aspecto de um dos armazens da Cia. Cruzeiro de Armazens Gerais, em Santos.



Garage da subsidiaria Transportes Leme Ferreira na cidade de Santos.

COMPANHIA LEME FERREIRA COMISSÁRIA E EXPORTADORA

PRODUZINDO DIVISAS E CONCORRENDO PARA O FORTALECIMENTO DA FINANÇA NACIONAL

O café pronto para o embarque

DE COMERCIANTES DE CAFÉ A CONSTRUTORES DE CIDADES NO EXTREMO NORTE DO PARANÁ

SANTA IZABEL DO IVAI, ERGUE-SE NA ULTIMA REGIÃO CAFEEIRA PARANAENSE — INCORPORANDO RIQUEZAS A UMA REGIÃO QUE HOJE REPRESENTA A MAIS VIVA REALIDADE BRASILEIRA

A Companhia Leme Ferreira Comissaria e Exportadora foi fundada em plena Primeira Grande Guerra Mundial. Apesar das dificuldades internacionais, a posição interna do café era boa. Desde 1908 que as safras paulistas vinham crescendo e em 1916, ocasião em que foi fundada a firma, as colheitas eram satisfatorias.

Contudo, esse periodo de bonança do café foi interrompido pelas geadas de 1918, que causaram graves prejuizos à maior riqueza agricola do país. A firma, fundada a 1.o de julho de 1916, tinha o capital inicial de 700 contos e seus fundadores foram: Tarquino Ferreira da Silva, Jacobus de Lange, holandês domiciliado em Londres; Francisco Ferreira Ramos, Antonio Piraests, belga; José Ferreira da Silva, João Franco de Godoy e Mario de Campos Cunha.

Superadas as dificuldades provenientes das geadas e terminada a guerra a 6 de setembro de 1919, o capital da firma foi elevado para mil contos.

Mais tarde, o presidente Epitacio Pessoa deu novo impulso às culturas cafeeiras e a situação manteve-se equilibrada. Os negocios desenvolviam-se num ritmo mais ou menos regular até a grande crise de 1929, que ainda está bem viva na memoria dos cafeicultores nacionais.

Superada a crise, veio um novo periodo estavel e as safras alcançaram elevados indices de produção até 1941-42, quando começou a queda do volume de produção.

Com o desenvolvimento dos negocios, ampliaram-se também as atividades decorrentes do aumento da exportação de café pela firma. Assim é que, em 1939, foi organizada a Cia. Cruzeiro de Armazens Gerais, com um capital de dois milhões de cruzeiros, hoje aumentado para 10 milhões. Em 1939 criou-se a S/A. Horacio Ferreira Comissaria e Mercantil, com um capital de 900 mil cruzeiros atualmente elevado para 15 milhões e, em 1948, a Empresa de Transportes Leme Ferreira S/A. com um capital de 3 milhões. A firma H. Ferreira & Filhos também foi organizada, com um capital de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, para tratar da parte agricola, instalada na Fazenda de São José, em Bragança. Todas as firmas têm a mesma Diretoria, que é a seguinte:

Horacio Ferreira da Silva — diretor-presidente - desde 1925.

Tarquino Marques Ferreira — diretor-superintendente — desde 1932.

Alberico Marques da Silva — diretor-gerente — desde 1934.

Horacio Ferreira da Silva Junior — diretor-gerente — desde 1946.

Persio Marques da Silva — diretor-gerente — desde 1946.

Além de comerciantes de café, possuem duas fazendas em São Paulo e no Paraná. A primeira, com cerca de 150 mil pés, situada no municipio de Bragança e a outra no Norte do Paraná, com um milhão de pés, sendo a parte ideal 50 por cento.

SANTA IZABEL DO IVAI

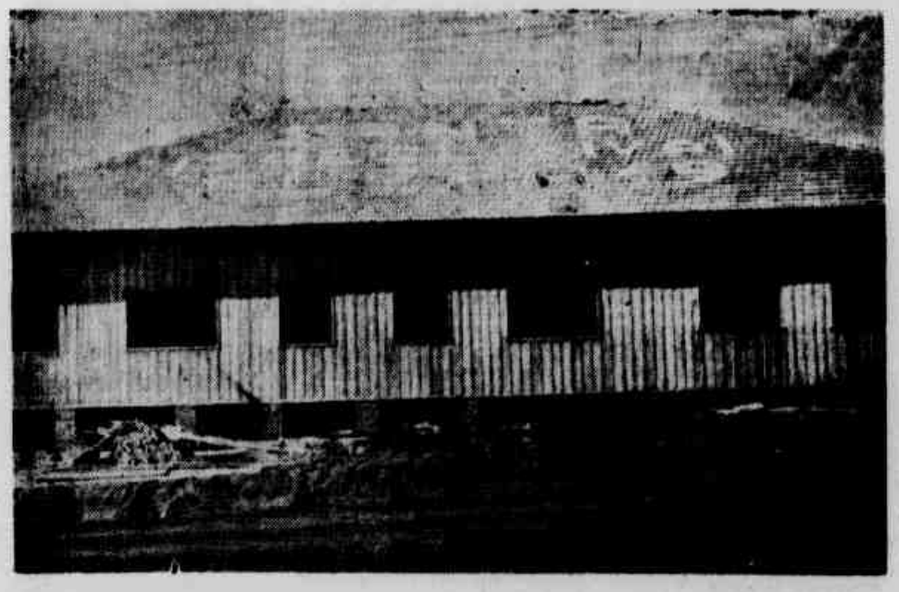
Animados com o grande surto de progresso verificado nos ultimos anos no Norte do Paraná, e ante as inumeras possibilidades que se abriam naquela região, para a plantação de novas culturas de café, algodão e cereais não vacilaram os diretores da Cia. Leme Ferreira em tomar a peito um grande empreendimento de colonização nas barrancas do rio Paraná. Assim em 1950, adquiriram uma grande gleba de 15.000 alqueires de otimas terras para cultura, a oitenta quilometros além de Paranavaí, e a vinte e cinco do rio Paraná. Toda a região além de Paranavaí, não passava de uma imensa floresta, cujos meios de comunicação se faziam somente através de picadas, dentro das matas virgens, abundantes em otimas madeiras de lei, principalmente peroba e cedro. Impunha-se então a construção de uma estrada e esta foi construida pela firma numa extensão de quase cento e vinte quilometros, ligando Santa Izabel do Ivai e Paranavaí e ao Porto Horacio, no rio Paraná. Para a construção da estrada, que levou mais de um ano, foram empregadas grandes maquinas, tais como tratores "Caterpillars" D8, D4, e uma motoniveladora, todas importadas diretamente pela firma dos Estados Unidos. A estrada, cujo leito é de 12 metros de largura, como não podia deixar de ser, trouxe enorme prosperidade para toda a região, e é hoje famosamente conhecida como a Via Leme Ferreira. Deu-se assim o inicio à colonização e nasceu então a pequena cidade de Santa Izabel do Ivai, hoje elevada a municipio pelo Governo do Paraná. Com a instalação de agua e luz, serraria e ceramica, um campo de aviação, e suas largas avenidas de trinta metros de largura, Santa Izabel do Ivai tornou-se logo uma cidade de futuro.

O interesse para plantar e construir excedeu todas as expectativas. Só a firma plantou mais de meio milhão de cafeeiros. Hoje Santa Izabel do Ivai é uma realidade e nada pode impedir o grande futuro que lhe está reservado. Em apenas três anos de existencia, já conta com mais de 200 casas, um grupo escolar frequentado por mais de 150 alunos, uma igreja, um cinema, um hospital, campo de aviação com linha regular, estação de radio — comunicação com São Paulo e Londrina — e o seu comercio é bastante prospero, tudo indicando que será o centro abastecedor de toda a região.

Com as grandes plantações de café e cereais iniciadas na região, o municipio de Santa Izabel do Ivai, será dentro em breve o grande centro produtor de divisas que virão fortalecer a economia nacional. Santa Izabel do Ivai representa, pois, a mais viva realidade brasileira.

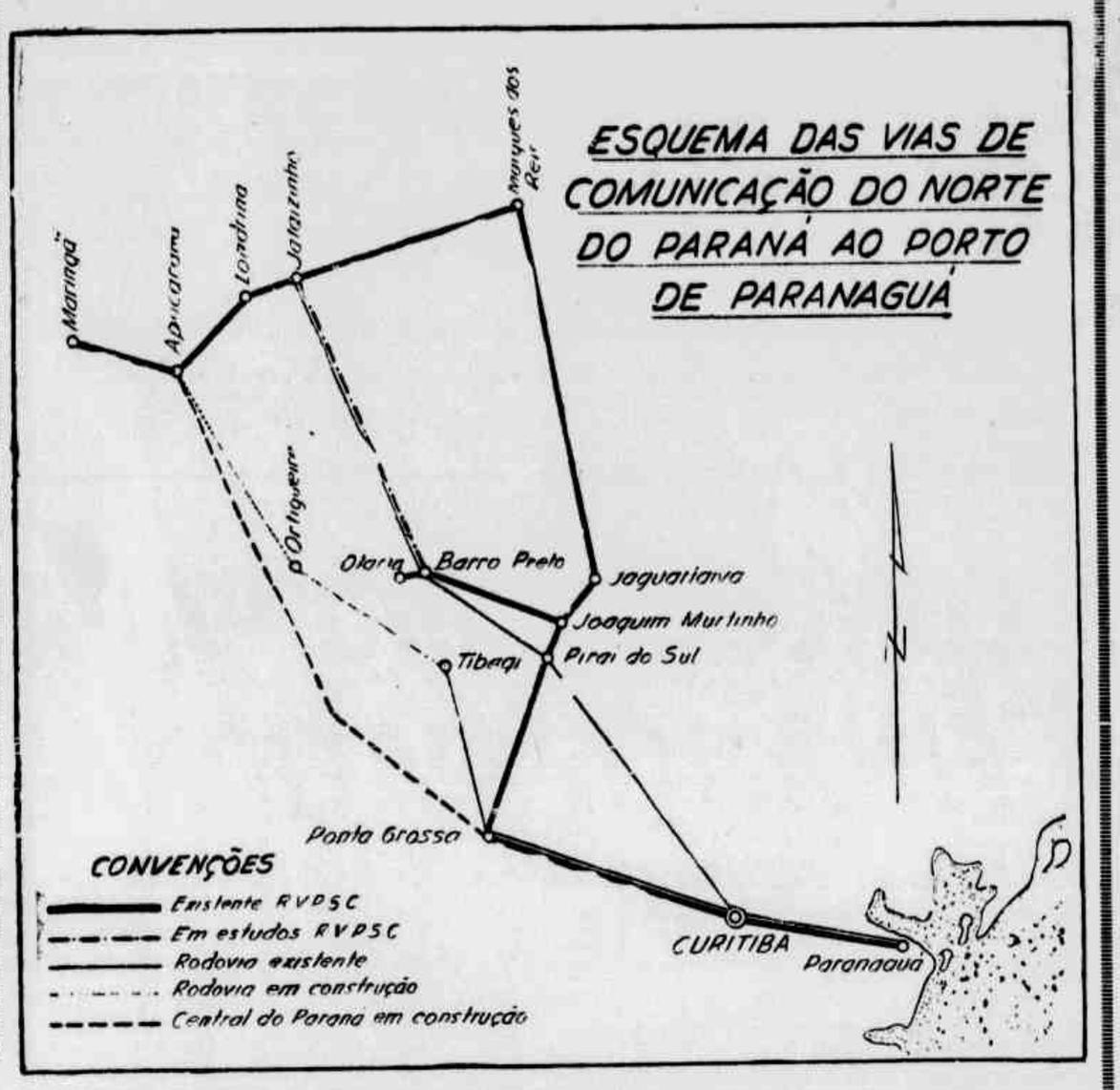
Aspecto de um pé de café em franca produção em Santa Izabel do Ivai, no Norte do Paraná.

Trecho da rodovia Santa Izabel do Ivai-Paranavaí



As construções em Santa Izabel do Ivai multiplicam-se dia a dia

Cafezal de três anos em Santa Izabel do Ivai



OS CAMINHOS DO CAFÉ NO PARANÁ

Reaparelhamento da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina — Aquisição de 20 locomotivas e 200 vagões metálicos — Eletrificação do trecho Ponta Grossa-Paranaguá — Construção de armazens nos pontos estratégicos para o escoamento da produção cafeeira

O porto brasileiro mais proximo da zona cafeeira paranaense, tomando Londrina como centro de influencia, é Paranaguá.

Entretanto, por conjunturas estrategicas, a estrada de ferro, no Paraná não teve, de inicio, como finalidade, buscar a fonte de produção para ligá-la ao centro consumidor. A antiga Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande estabelecia a ligação centro-sul, de caracteristicas eminentemente estrategicas, para a época. A linha de São Francisco, cujo projeto primitivo era dar um porto maritimo ao Paraguai, estacou em Porto União, a meio caminho do trecho São Francisco-Fós do Iguaçú e transformou-se, modernamente, em via de escoamento, para o grande porto catarinense, da produção da rica zona oeste daquele Estado, zona ao mesmo tempo industrializada e agricola.

Enquanto isso, no Paraná, os franceses da Estrada de Ferro do Paraná ligavam os portos de Paranaguá e Antonina á capital paranaense e a Ponta Grossa, centro coletor da produção paranaense.

Ao norte do Estado avançava a São Paulo-Paraná, da qual era concessionaria a Cia. de Terras Norte do Paraná, que estendia suas linhas através das ubérrimas terras roxas, ao mesmo tempo que vendia áreas de terreno obtidas por força da concessão. Era, no entanto, uma estrada de ferro sem ligação com o resto do Estado, pois fazia junção em Ourinhos, com a Sorocabana. Posteriormente é que a Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, estabeleceu, na estação de Marques dos Reis, uma ligação com aquela estrada.

O deslocamento dos cafeeiros para o sul veio mostrar a importancia economica da São Paulo-Paraná, que se estabelecera justamente na zona mais propicia à cultura da rubiácea.

O café paranaense escoa-se atualmente pelos portos de Santos e Paranaguá.

Para atingir o principal porto paranaense, por ferrovia, descreve um enorme Z de 869 quilometros de extensão, marchando de oeste para leste, de norte para o sul e novamente de oeste para leste.

Não é, pois, o traçado mais conveniente para uma linha ferrea que procura escoar um produto de vital importancia para as finanças nacionais. Entretanto, as baixas tarifas da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, por um lado, contrabalançam a extensão do caminho a percorrer

O conhecimento mais acurado da região norte do Paraná, o desbravamento do oeste paranaense, o impressionante surgir de novas cidades, a chegada incessante de novas levas de imigrantes nacionais e estrangeiros, fez com que os responsaveis pelos negocios publicos procurassem melhor atender a região tão procurada.

Daí o ter o governo paranaense, primeiro ligado Curitiba a Jataizinho através da rodovia do Cerne, hoje, obsoleta e, mais tarde, ter lançado outra estrada de rodagem de Tibagi a Apucarana, via Ortigueira, e ainda a Estrada de Ferro Central do Paraná, que visa ligar Ponta Grossa a Apucarana.

Esses três ultimos meios de comunicação, ainda não concluidos, fazem com que os cafeicultores, para escoarem seu produto, contem apenas com a ferrovia e a estrada do Cerne. Esta oferece, em Barro Preto, estação ferroviaria do ramal de Monte Alegre, mais um ponto de embarque de café pela Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina. E' como que um sangradouro para aliviar do congestionamento a linha Ourinhos-Maringá, e de que a Rêde já se vem utilizando com reais proveitos.

Enquanto as estradas em construção se arrastam morosamente, procura a R. V. P. S. C. estudar uma ligação de emergencia, de Barro Preto a Jataizinho, para desafogar o ramal do Paranapanema, isto é, o trecho Jaguariaiva-Marques dos Reis, evitando tambem a sinuosa linha de rampas e contra-rampas que vai de Joaquim Murtinho a Jaguariaiva.

Encarando com senso de objetividade a realidade paranaense, os administradores da R. V. P. S. C., em cuja direção se encontra o gen. Iberê de Mattos, para possibilitar o escoamento da produção cafeeira do Estado, a qual vai crescendo de ano para ano, contarão, êste ano, com o encaminhamento direto por ferrovia até Marques dos Reis, daí a Jaguariaiva, Ponta Grossa, Curitiba e Paranaguá. E tambem, lançando mão do transporte rodoviario até Barro Preto, carregarão ali os vagões que irão até Joaquim Murtinho e dali a Paranaguá.

A dieselização das linhas ao norte; o uso do carvão das minas de Lisímaco Costa, no ramal do Paranapanema; novamente o oleo Diesel entre Jaguariaiva e Ponta Grossa; a eletrificação na antiga linha Paraná (Ponta Grossa-Paranaguá), são outros tantos recursos de que a Rêde lançará mão, e, libertando-se cada vez mais do dispendioso e raro combustivel que é a lenha, oferece garantia de um trafego rapido e eficiente.

A localização estratégica de armazens, no Norte do Estado, funcionando como estações de recebimento de mercadorias e fornecendo aos despachantes de café conhecimentos negociaveis, é outra modalidade que em muito beneficiará os cafeicultores. Ao lado de regularizar o escoamento da safra, oferecerá aos clientes da Rêde a vantagem da transação imediata dos conhecimentos.

Todos aqueles que conhecem o Norte do Paraná e os que se dedicam ao plantio do café, são unanimes na previsão de que cedo passará o mais jovem Estado da Federação a liderar os demais na produção cafeeira. E enquanto cresce o café, os agricultores aproveitam o tempo plantando cereais: são milhões de sacas a buscar todos os anos os grandes centros de consumo.

Daí a necessidade que teve a Rêde de reaparelhar-se, para não ser tomada de surpresa. Com toda a urgencia, deu-se inicio à reparação da Via Permanente entre Ourinhos Apucarana, com substituição de dormentes, renovação e lançamentos de lastros de pedra britada e substituição de trilhos.

Novas locomotivas, em numero de 20, foram adquiridas; cinco já estão no país.

São unidades Diesel-eletricas de fabricação Baldwin-Lima-Hamilton, de 1 600 HP, possantes e rapidas. Duzentos vagões metalicos estão sendo recebidos da Fabrica Santa Matilde, e outros mais serão encomendados, dentro de um grande plano de reaparelhamento da Rêde Viação Paraná-Santa Catarina, baseado em estudo de seus técnicos, revisto e reexaminado pela extinta Comisão Mista Brasil-Estados Unidos e aprovado pelo governo. Os primeiros frutos desse plano aí já estão: a aquisição de 200 vagões, de locomotivas, de dormentes, de pedra britada, a reparação mecanizada da linha, a construção de armazens reguladores, a eletrificação de parte das suas linhas.

Prepara-se, pois, a Rêde de Viação Paraná-Santa Catrina para dar ao café o transporte que ele merece.

Na proxima safra, que se espera avultada, já haverá sensivel melhora geral das condições desse transporte. E, dentro em breve, acometidas que sejam as obras planejadas, teremos, abertos para S. M. o Café, os diversos caminhos para o porto, e dos quais dão idéia o desenho acima: SERÃO OS CAMINHOS DO CAFE' NO PARANÁ'.

Flagrante apanhado quando da entrevista coletiva concedida à imprensa paranaense pelo general Iberê de Mattos, que reafirmou na ocasião, seus propositos de reaparelhar a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, de maneira a atender, no menor lapso de tempo possivel, ao escoamento da produção de cereais do Norte do Paraná, que reclama transporte urgente, e às necessidades básicas dos dois importantes Estados a que serve.

PAULIPLANALTO CAFEEIRO

Rogerio de CAMARGO

O grande naturalista Alexandre Von Humboldt pernoitara, de 2 para 3 de janeiro de 1800, num rancho, dentro de um cafezal situado numa das "mesetas" da Silla de Caracas, de onde, com o seu rudimentar óculo de alcance, pôde apreciar o cume da verdejante montanha venezuelana que ele galgou e mediu, pela primeira vez, com o seu não menos rudimentar barómetro de mercúrio.

Esse cafezal, plantado de sementes então trazidas da Martinica, em 1748, pelo cura José Antonio Mohedano, ainda existe, como os demais da zona plantados a esse tempo, mau grado as precárias condições pedologicas (?) do Arqueano, que, avaramente, deu ao arcabouço andino de Carabobo apenas dois a três palmos de solo, aderido às anfratuosidades dos gnaisses ou do granito. Lá estive, em 1936, em companhia do ilustre cientista e historiador Alfredo Jahn, uma das figuras mais proeminentes de Caracas, em visita a essa e outras culturas que têm vencido as adversidades do tempo pela proteção que lhe empresta uma árvore de elevado porte, da familia das Meliáceas — a caóba. (Swietenia Candollei Pittier, Journ. Wash.)

No parque florestal em que se transformou uma dessas culturas, nas proximidades de Caracas, não sabiamos o que mais admirar: se os troncos de dois séculos das caóbas ou se os velhos cafeeiros que ali se perpetuam indefinidamente.

Não menos ávara foi a formação pedologica das mais velhas culturas da Cundinamarca, na Colombia. Em Viotá, em solos com cêrca de 40 cts. apenas, boa parte proveniente de andesinas e micachistos pobres, vi cafezais produtivos que já venceram mais de um século de existência, por mercê da tutela dos guamos (ingás). Essas lavouras, mormente as da fazenda Florência, ainda estão longe de apresentar sinais de decadência, em razão da perene umificação dada, ao solo, pelas árvores de sombra, por seu farto folhêdo.

As velhas lavouras da Cundinamarca deram à Colombia as suas primeiras e históricas cidades, as suas estradas de ferro, suas universidades, bem como suas primeiras fábricas. Deram-lhe também o petróleo. E depois de um século, continuam a dar "carreteras" de concreto e fábricas.

Na América Central, nos seus vários paises produtores de café, notadamente em El Salvador e Nicaragua, com clima semelhante ao nosso Pauliplanalto, porém, mais inóspito, isto é, com sêcas de 5 e 6 meses todos os anos, em que se escasseia até o sereno da noite, as suas primitivas lavouras, que estruturaram os alicerces de sua emancipação económica, ainda existem, produzindo economicamente, por mercê da fixação do cafeeiro, como cultura permanente, graças às árvores protetoras.

Já é sediça, entre nós, a citação do ilustre cafeicultor costariquense, sr. Mariano Montalegre, quando afirmou, alhures, que os cafezais de Costa Rica, plantados ao mesmo tempo em que se plantaram as lavouras do Vale do Paraiba, ainda no Segundo Império, continuam a produzir economicamente, enquanto, de há muito, a nossa decantada região serrana perdera a sua opulência, para ser cognominada e conhecida como o "vale das cidades mortas". No entanto, foi aí, em toda a extensão do rio Paraiba, que a lavoura cafeeira conseguiu arrimar a fôrça econômica do Império de D. Pedro II, a ponto de criar uma civilização tropical e sustentar uma guerra dificil, onerosa e prolongada — a guerra do Paraguai. Não fosse o café, a história talvez tivesse escrito a reconquista das terras invadidas pela gente "Paiagua", por episódios em que se assinalariam sacrificios mais cruciantes.

O café dos barões-fazendeiros (na expressão de E. Teixeira Leite) coroou de sucesso todas as iniciativas da época, e mais tarde, já na primeira República, a produtividade do Vale do Paraiba, com seus espigões cultivados desde Campos à beira-mar, até São José, no Pauliplanalto, foi tão extraordinária, que gerou a primeira superprodução. Impressionando o mundo, Taubaté constituiu-se em sede de um convênio, ao tempo de Tibiriçá, em 1906, a fim de minorar a crise tremenda que então se registrara, com a queda de preços. O café caira a 2$500 réis a arroba.

Mas, a lavoura que sucedeu às majestosas matas virgens, por fôrça de tão dinâmico surto, foi tão efêmera como "fogo de palha". O nomadismo do cafeeiro, em nosso país, sempre deu-nos o que pensar. Depois dos primeiros anos de opulência, em que tudo impulsiona ao redor de si, a planta de Linneu desperêce rapidamente, como que desajustada no próprio meio por ela criado. E' que, aos surtos da rubiacea, por mercê dos quais plantaram-se e ainda se plantam, no seio das matas, no "hinterland", cidades que crescem mais depressa que o próprio cafeeiro, sucedem-se a ruina do solo e as modificações do clima, ante a devastação sem peias com que o machado e o fogo destróem as reservas florestais, permitindo que o sol dos trópicos — sabidamente destruidor — associado às chuvas torrenciais, desbarate o potencial úmico-indice da fertilidade.

As consequências advindas desse sistema predatório, que não encontrou, em várias gerações, uma lei coercitiva que o regulasse, são extremamente fatais para a vida de uma nação, mormente quando o saque é feito naquilo que ela possui de melhor de sua riqueza edafologica, isto é, de seus solos vivificados pelo humus. Solos sem humus são desertos. Afugentam os povos. Deserto é terra de ninguém.

As terras pré-deserticas, feitas pelo café, abranjem, hoje, vastas zonas em nosso país. Solos riquissimos, como esses da formação Triassica, da qual o diabásio é a rocha exponencial, dado o equilibrio de sua combinação constitucional — mormente quando sua riqueza de bases alcalinas fazem da terra roxa legitima padrão de concentração de nutrientes, facilmente assimiláveis — têm sido citados, comparativamente, como os mais ferteis do mundo, mas, por isso mesmo, mais delicados e mais sensiveis aos maus tratos.

Estes solos argilosos em que o calcio trocável se apresenta com mais de vinte toneladas na ligeira espessura de 35 cts da capa superficial de um alqueire, emprestando-lhes, por isso mesmo, um PH neutro, quando novos, deterioram-se com grande rapidez, em razão de seus cations poderem se liberar das amarras humicas vulneraveis, toda a vez que a materia organica vem a se desgastar pelo intemperismo tropical e não seja, no devido tempo, provida pelo lavrador inteligente.

Esta nossa famosa terra roxa do diabásio não encontra rival na sua capacidade produtiva dos primeiros anos nem nos decantados solos da Ucrania, mas tambem não encontra simile na facilidade com que perde os seus nutrientes mais preciosos, quando, exgotado o seu complexo coloide organico. As suas bases trocaveis estão, por assim dizer, levemente présas às micelas humicas, em forma de humatos. Estes complexos organo-minerais são de constituição fragilissima, podendo ser facilmente degradados pelo intemperismo, desde que o solo fique exposto ao sol. São eles que constituem a riqueza dos solos virgens florestados. Rompido o seu magnetismo estático, quer pelo quimismo dos raios solares (ultra-violeta) quer pela oxidação enzimatica (bacterias) — dada a combustão acelerada que as condições mesológicas de nosso semi-umido estimulam — a lixiviação é o fenomeno natural pelo qual se processam as fugas de bases, pela infiltração das aguas. Em cultura rotineira, estas perdas se elevam a quase vinte toneladas, por alqueire, de calcio trocavel, em dois decenios (não se falando de outras bases) por isso que a terra roxa apurada vai-se tornando cada vez mais improdutiva e oferecendo problemas, cada vez mais sérios, para a sua recuperação.

Na verdade, o valor da terra roxa não está apenas na sua riqueza global, liberada, de cations em forma de óxidos (facilmente assimiláveis) tão ao gosto do cafeeiro, mas tambem na sua estrutura impar, da mais expressiva porosidade, desde quando o calcio atua como o principal coagulador de sua argila, dando-lhe aquele aspecto de torrões soltos (glumulos) que fez com que o lavrador lhe desse o nome de terra encaroçada, cujo afofamento tanto facilita a erosão, a circulação da agua e o desenvolvimento das raizes.

A bem dizer, a terra roxa é como se tomassemos o esqueleto estrutural de um solo (a exemplo da trituração da rocha mater por um moinho) e o tornassemos embebido por um soluto mineral completo, a que não faltassem sequer os elementos vestigiais e nem os compostos organizados do humus. Teria assim o cafeeiro, de sobejo, os nutrientes da mais facil assimilação, todos estudados e dosados para uma larga produtividade, desde que, por sua vez, fossem combinadas as condições fisicas para o mais equilibrado metabolismo. Mas, este solo, assim artificial, deveria estar abrigado das aguas gravitantes, porquanto os elementos nutritivos que se encontram liberados para a nutrição estão, por sua vez, liberados para o arrastamento percolativo.

A Natureza, que é sábia, resolveu este gravissimo problema provocado pelo homem quando deu solução à fertilidade construida pela mata. Para que as bases não sejam arrastadas para fora da rizosfera, algemou-as aos radicais humicos. Se este referido solo fôr, no entanto, exposto ao nosso intemperismo pluvial, com esse diluvio de aguas que alcançam até 700 mm. no verão, o excesso pluviometrico, ao invés de trazer beneficios, só poderá provocar um profundo desiquilibrio, ao roubar a parte nutritiva e deixar, depois, o esqueleto lavado, ou sejam, os silicatos de alumina e os compostos do ferro que são, em ultima analise, os responsaveis pela acidez nociva. E' em consequencia deste e outros fenomenos correlatos que as nossas terras estão se tornando cada vez mais ácidas e improprias à vida do cafeeiro.

A verdade é que, embora o humus seja ácido (acidez inócua) ele é o fautor decisivo para a quebra da acidez dos solos, porque os humatos dele derivados — e que condicionam a fertilidade das matas — são complexos enxameados de cations, de reação alcalina. O humato de calcio, por exemplo, é um dos mais energicos e ativos mobilizadores de bases. Daí, a razão por que, nas matas, o PH dos solos é geralmente neutro e, às vezes, ligeiramente alcalino, malgrado a rocha mater ser de origem essencialmente ácida. Além de sua ação alcalinizante, feita para deter a acidez nociva da alumina e do ferro, quando liberos em forma de óxidos, os humatos são coloides organicos, com grande canadas chuvas e, dest'arte, atender às necessidades das plantas, nos periodos agudos das secas.

VANTAGENS E DESVANTAGENS

Assim, pois, se a terra roxa legitima pode ser considerada como um "torrão de ouro" nos primordios de sua exploração, a pleno sol, o reverso da medalha é a sua rapida degradação, pela perda acelerada de seu humus.

Em nosso meio ecologico, ela consome cerca de um a dois quilos de materia organica por M2 e por ano, em cultura de rotina, segundo as condições do Pauliplanalto, por isso que não há ninguem que possa, economicamente, a ponta de lapis, atender ao provimento de humus que a ativa pululação da flora microbiana tropical exige, de maneira imoerscivel e constante, para a manutenção da fertilidade. As adubações com fertilizantes minerais estão, por isso mesmo, a clamar para o concurso da materia organica, sem o que elas não asseguram feliz resultado. Não adianta, por exemplo, aplicar um sal de potassio — ou seja, o nutriente de que mais necessita o cafeeiro — se o complexo humico já não estiver no solo para retê-lo e algemá-lo, antes que a primeira chuva os arraste para fora do alcance das raizes da planta.

O que podemos concluir disso tudo é que, enquanto os solos florestados trabalham em beneficio da fertilidade, a exemplo dos cafezais sombreados centenarios, os solos expostos ao quimismo dos raios solares perdem facilmente a sua capacidade produtiva, muito embora em se tratando dessa maravilhosa terra roxa legitima, reconhecida como uma das melhores formações do mundo. Esgotada, porém, a sua taxa benefica de humus, que ela pode conter até 10%, a sua deterioração chega às raias da senilidade, com a desvantagem de seu excesso de ferro prognosticar uma precoce laterização, ou seja, o seu ultimo estadio de degradação. Neste estado, muito dificeis serão as possibilidades de sua recuperação econômica, mesmo porque, em tais circunstancias, já de há muito perdera o seu invejavel encaroçamento para se tornar friavel e compacta, negando, daí por diante, ao cafeeiro aquela porosidade caracteristica de sua principal condição fisica. O cafeeiro é sabidamente exigente de solos floculosos, permeaveis, porque, sendo uma planta de sub-bosque, está acostumado a respirar livremente pelas raizes que se desenvolvem nas massas organicas da superficie. Não é por outro motivo que os lavradores do sertão, mormente os empreiteiros formadores de cafezais, procuram manter as covas fundas de suas novas plantações bem abertas e bem limpas, até o terceiro ano de desenvolvimento. Esta pratica é de suma importancia para o futuro do cafeeiro.

Sendo o calcio o fautor daquele encaroçamento, ele passa a pericitar, no solo, toda a vez que a taxa de humus cai para menos de 1½%. Desaparecida, então, a algema humica, o gás carbonico, arrastado pelas aguas da chuva da atmosfera, transforma o carbonato de calcio em bicarbonato e, neste estado, é lixiviado pelas aguas de infiltração. Daí, este outro problema pedologico: quanto mais cercearmos as aguas das chuvas, com curvas de niveis, cordões etc. sem o necessario provimento da materia organica, mais e mais teremos ativado o processo percolativo, e, portanto, mais e mais, teremos exaurido o nosso decantado "torrão de ouro".

NÃO SE FIXAM

Este quadro sucinto da precoce senilidade da terra roxa mostra-nos porque, afinal, as nossas lavouras de café são nomades e por que o cafeeiro não conseguiu ainda estabilizar-se economicamente num determinado solo ou numa determinada zona de S. Paulo. A sua marcha para os sertões é continua, embora se lhe anteponham os mil obstaculos das distancias a vencer, da agressividade do meio inóspito, da carencia dos mais rudimentares elementos de conforto. A sobrepor-se a tudo isso estão o fascinante vigor da planta e a sua grande produtividade, nos primeiros anos de cultivo, muito embora os cafés do sertão sejam geralmente baixos de tipo e qualidade, porque as instalações de preparo são ainda precarias e escassas, incapazes de proporcionar ao fruto delicado o tratamento indispensavel para preservá-lo da deterioração de suas intrinsecas qualidades.

Indiscutivelmente, quem comanda esta conquista da terra nova do sertão são os humatos alcalinos, remanescentes das derrubadas, os quais encontram, como seu aliado, a abundante transpiração das matas proximas.

São eles que algemam o potassio, o calcio, o sodio, o magnesio para 15 e 20 anos de larga produtividade do cafeeiro. Mas este lapso de tempo é muito curto para o investimento de grandes capitais numa fazenda que, amanhã, estará às portas do deficitarismo economico....

Conquistadas e já escasseadas as terras do Norte do Paraná, o bandeirismo do café está agora, voltando suas vista para as zonas de Mato Grosso e de Goiás, ainda virgens enquanto já se gozam demarcações e fazem "abertas" no maciço florestal do Paraguai e nosso mais proximo e futuro concorrente.

Mas, deixemos a terra roxa do diabasio que se constituiu em viga mestra da estrutura economica do país, desde Floriano até Washington Luis, para corrermos os olhos sobre o panorama pedologico do Vale do Paraiba, cujos espigões acordoadoscom os da Serra do Mar desde Campos até Caçapava, marcaram, com o labor do braço escravo, ao tempo dos barões fazendeiros, a mais expressiva potencialidade economica com que se erigiu e se firmou o Segundo Imperio.

Os solos deste grandioso Vale — sem dúvida encantador, pelos contrastes que oferece entre suas fraguas, espigões sinuosos e macios e o chão complanado das varzeas, bem como pela influência ecologica que lhes empresta, em toda a extensão, o rio preguiçoso e barrento — são originários das rochas mais antigas do globo, aquelas que, afinal, não deixaram, durante o derrame de seus magmas, nenhum vestigio de vida, quer vegetal, quer animal. São, por isso, da Era Arqueozoica. Aliás, o esqueleto rochoso do Brasil foi estruturado pela ossatura do Arqueano nas cristalizações dos granitos, dos micachistos, dos gnaisses que são na maioria, rochas tipicamente ácidas, as quais, já na sua genesis, trazem consigo o mal de origem, isto é, a natural tendência para a acidificação das terras por elas geradas.

TERRAS FAMOSAS

As rochas deste mesmo Arqueano que deram formação às nossas famosas massapés e salmourões (estas de fragmentos saibrosos) constituem o arcabouço da Serra do Mar, e sua ossatura se estende pelos espigões da Mantiqueira, entre Minas e S. Paulo, em cujos espigões floresceram, outrora, os mais pujantes cafezais da Mogiana, inclusive Campinas. O ponto vulneravel e, portanto, fraco destes solos está na sua pobreza em cálcio, muito embora eles possam sustentar, durante 15 anos, uma larga produtividade cafeeira, enquanto seus segmentos saibrosos retêm, por largos anos, um grande potencial de potassio, exatamente o nutriente de que mais necessita o cafeeiro. Mais de 60% das cinzas puras do grão rubiaceo são expressos por esse elemento, o mais raro e, consequentemente, o mais caro para integrar uma formula completa de adubação. Assim, a terra salmourão leva algumas vantagens sobre a terra roxa legitima, no que respeita à cultura do café, pois, enquanto esta é rica em cálcio e pobre em potassio, as nossas massapés e salmourões oferecem substancial potencialidade de potassio para muitos anos de cultivo.

São geralmente solos de montanha, outróra cobertos de florestas úmidofilas pluviais, como as da Serra do Mar, de maneira que o clima semi-úmido emprestalhes condições mesologicas e edafologicas propicias à vida do cafeeiro. A massapé barrenta, que é proveniente dos chistos micaceos do Complexo Cristalino, a mais antiga do Arqueozoico, caracteriza-se por sua alta porcentagem de argila (caulinita-40%), o que a torna pesada e compacta, enquanto os solos da Série S. Roque (menos degradados) encerram apenas 30%.

São solos capazes de reter grandes quantidades de água, se sua matéria organica fôr da ordem de 4% a 5%. Ademais, a região montanhosa que lhe caracteriza a a estrutura possibilitou ambiências felizes para o cafeeiro porque, acordeando-se os morros que se demoram não muito longe do mar, as chuvas quase nunca lhes deixaram de favorecer a amenidade requerida pela cultura, mesmo no periodo mais agudo das sêcas. Entretanto, apesar dessa imensa vantagem — pois as chuvas escasseiam à proporção da distancia do mar — o nosso nobre e delicado cafeeiro arabico não pôde aí se estabilizar.

A perda acelerada da matéria organica, cuja reserva é calculada em cêrca de 6%, quando sob a cobertura florestal, fez com que essas terras se apresentassem precocemente ácidas, criando condições inóspitas à vida do cafeeiro. Apesar disso, os cafezais desses solos foram os que mais resistiram às adversidades pedologicas, mormente quando se sabe que a acidez nociva da alumina e do ferro impede a pululação das bacterias nitrificadoras e dá guarida a uma fauna predadora de protozoarios (amêbas).

O VALE DO PARAIBA

Ao tempo de d. Pedro II, quando o barão-fazendeiro era estimulado, pelos preços convidativos, a plantar mais e mais café, a região do Vale do Paraiba era das mais pujantes e promissoras das proximidades da "Côrte". A opulência das matas das "Serras", com seus gigantes florestais bafejados pela amenidade própria da vizinhança do mar, com seus ricos padrões de fertilidade, com suas águas cascateantes, manantes dos mais altos pendores onde, também, roçavam as brumas, nas manhãs ensolaradas, com seus solos úmidos de humus negro acumulado, tudo, tudo contribuia para dar ao cafeeiro o mesmo ambiente ecologico de sua pátria nativa — as montanhas frescas e altas de Gessima, na Etiopia.

O cafeeiro aí plantado, depois de ter percorrido muitas outras paragens, na sua peregrinação para a América — umidofilas e baixas umas, xerófilas e altas outras — e após ter desafiado até a aridez da borda dos desertos daquele decantado Yemen da Arabia Feliz, encontrou, afinal — vencido o trampolim da Martinica — o seu verdadeiro eden neste outrora maravilhoso Vale. Quem o vê, hoje, com sua morraria desnuda, com suas ravinas despejadas, com seus flancos desguarnecidos aos embates erosivos, onde um capim-gordura pobre se agarra ao solo exausto e mal dá para apascentar um gado revelador das muitas carências nutritivas, não imaginará o que foi essa maravilhosa Canaã ainda nos primordios deste século, quando seus outeiros e espigões formavam um só caferal, desde Pirai, no Rio, até São José dos Campos, em São Paulo. Foi feliz, aí, o cafeeiro e mais feliz ainda o patriarca fazendeiro, então dono de escravos. Nada faltava para, ambos, auferirem grande sucesso.

As ferteis massapés pardas e negras estendiam-se pelas encostas em cujos topos afloravam o granito ou o gnaiss, para as vastas construções de então, quer para a Casa Grande, os galpões das maquinarias, a senzala dos pretos, quer para os paredões dos terreiros, onde se levantavam verdadeiras fortalezas, arrimando vastos aterros, ao estilo dos Breves, dos Teixeira Leite, dos Nova Friburgo, os quais marcaram a sua passagem, nesta vida, com verdadeiros rasgos de iniciativa e de dinamismo. Os jequitibás sobranceiros, a peroba, a canela, o cedro, o óleo-pardo eram desdobrados nas enormes vigas e nas colunas mestras de todas as construções, enquanto o braço escravo, precioso e caro, representando um grande capital, era tratado com certos desvelos e mansidão, com farta e redobrada alimentação, a que não faltavam diariamente os suculentos cozidos de mandioca, fubá, batatas, aboboras etc., entremeados com o bom xarque nacional ou com o bacalhau importado, a duzentos réis o quilo. (O capital empatado no braço escravo constituia, às vezes, o valor da própria fazenda.)

O naturalista Martius andou por aí, no seu afã de estudar a nossa flora. A gravura que êle deixou do "Picadão" da aldeia de Escada, por onde transitavam as tropas que de Minas e de São Paulo demandavam a "Côrte", dá-nos a impressão do quanto eram soberbas e pujantes as florestas do Vale do Paraiba. Se um estudioso da Rubiacea, como esse conhecido globe-trotter dos cafezais que é Auguste Chevalier tivesse visto e apreciado essa região, como a vira Martius, teria dito, sem receios: "Eis aqui, sem duvida, a segunda patria do cafeeiro arabico".

—0—

Esta planta, não há duvida, prefere sempre as montanhas frescas e altas, roçagadas pelas brumas matinais e onde a intensidade do sol dos tropicos possa ser atenuada com o filtro da folhagem rala de arvores sombreadoras. E' assim no país de seu nativismo. O cafeeiro arabico não é planta tropical no sentido fototropico, porque, à plena luz, ele deperece. Ainda não vimos, no Brasil, um só cafeeiro isolado, a céu aberto, vivendo bem, com boa saude, na plenitude de seu equilibrio fisiologico. Aliás, os lavradores sabem disso, razão porque plantam-no em moitas de 4 a 5 por cova e até mais, visando estabelecer um amparo mutuo contra a insolação causticante. A prova de que o cafeeiro é planta de subosque está registrada na pratica universal do sombreamento por meio de arvores tutelares em que a praxe é plantar-se uma só muda em cada cova. E' aí que ele se torna magnificentemente vigoroso e produtivo. Aliás, são conhecidas as suas preferencias para a luz difusa, penetrada, onde ele encontra o grau fototropico para as suas funções respiratorias e tambem para o fotoperiodismo.

RELÓGIOS DE PONTO

TAGUS
A PRIMEIRA DA AMÉRICA LATINA
EM CAIXAS DE ACO
CORDA PARA 8 DIAS
OU MECANOMÁTICA
5 ANOS DE GARANTIA
VENDAS A VISTA E COM FACILIDADES
CHAME SEM COMPROMISSO
8-4349 OU 80-6952
CAIXA POSTAL, 11.108 - SÃO PAULO

AMBIENCIA ECOLOGICA

A velha rotina de se plantar em moitas representa, sem duvida, uma defesa parcial contra a insolação, porquanto a incidencia dos raios solares da faixa infra-vermelha do espectro — mais ativa na face poente — prejudica singularmente a vitalidade das folhas, por isso que se tornam amarelas e doentes. Um inexperto que percorra um carreador de um cafezal insolado, no seu sentido N-S, terá a impressão de estar em frente a dois tipos de talhões, de idades diferentes: um, verde e vigoroso; outro, amarelado e triste. No entanto, são, ambos, da mesma idade, recebendo os mesmos tratos. Apenas, cada moita de cafeeiro, apresenta duas faces: uma sadia, com a vitalidade propria que lhe empresta a clorifila, em sua plena função fotosintetica e, outra, amarelada, xantofilica, como se a planta de linneu estivesse doente. De fato, as folhas amareladas estão doentes porque não podem realizar normalmente as funções da respiração e da transpiração, e portanto, da assimilação carbonica. Os seus estomatos estão fechados à ação intensa dos raios infra-vermelhos. A sua cuticula enrijeceu-se na defesa contra a evaporação, a exemplo das plantas xerofilas.

E' que a ambiencia ecologica, exigida pelo cafeeiro, foi grandemente modificada no Paulipalanalto. As aguas das chuvas vem diminuindo assustadoramente nos meses criticos de inverno e o "deficit", daí resultante, acumula-se nas precipitações de verão. Isto quer dizer que a quantidade de chuvas anuais continua a mesma, apenas com mais disparatada distribuição.

Por sua vez, a temperatura vem aumentando nos periodos em que o cafeeiro necessita de tutela, quer pela cobertura dos tetos nebulosos do céu, quer pela proteção natural das arvores de sombra.

"Nas zonas devastadas de São Paulo — diz J. Setzer — as temperaturas minimas permaneceram as mesmas, mas as maximas subiram cerca de 2ºC, acarretando elevação das medias gerais de 0,6 a 1ºC, valores estes considerados altos".

Se não bastasse essa alternativa de gravissimas consequencias para o cafeeiro, capaz de ferir profundamente as condições do proprio microclima, do qual depende a função bacteriana do solo, o regime das chuvas está alterando sensivelmente o metabolismo do cafeeiro insolado. O grupo bacteriano do Azotobacter, por exemplo, que tanto fertiliza os solos com o azoto que extrai do ar e o fixa nos complexos coloidais e cujo ótimo de temperatura é de 37ºC (não podendo viver a mais de 50ºC) torna-se completamente inativo ou dizimado pelos ultra-violetas e pelo calor, sabendo-se comum o registro de temperaturas que atingem a 80ºC nas ruas desnudas dos cafezais, em plena colheita.

Diz ainda Setzer: "Resultou em diminuição de 20 a 30% nas chuvas de inverno e acrescimo de 5 a 10% nas de verão. Isto significa estiagem mais aguda e prolongada e estação chuvosa mais curta e intensa, agravando a erosão". E tudo isto porque devastamos indiscriminadamente o Paulipalanalto, o "torrão de ouro" do país, o que tem sofrendo o maior saque contra o seu potencia edafologico de que se orgulhariam as mais ricas nações.

INFLUENCIA DA MATA

A influencia da mata é, pois, decisiva para a manutenção das relações intercambiais biologicas entre vegetais e animais. E' fator preponderante para o equilibrio, entre si, dos seres vivos, que habitam o mundo. Onde desaparece a mata desaparece, por sua vez, o homem. Nenhum povo conseguiu prosperar fóra da tutela da floresta. E a Historia da Humanidade está cheia de exemplos de nomadismos cruciantes, a este respeito, onde os desertos se multiplicaram com a devastação das florestas.

—o—

Já se apontam em São Paulo vastas areas pré-deserticas, feitas pelo café. A senilidade precoce dos solos do Arquesano, a laterização das terras roxas, e ao lado destes, a fragilidade potencial dos solos "Bauru superior e inferior" (este com apenas 10% de argila) e que são as terras de areia de todo o Oeste do Estado, levam-nos a meditar seriamente sobre o futuro deste outrora, pedaço do céu, aquinhoado pela Natureza com os melhores requisitos para a vida indefinida de um povo feliz. O Paraná está seguindo a mesma trilha dos paulistas, com os mesmos erros repetidos, a mesma rotina de dois seculos que na lavoura cafeeira cristalizou.

Quem percorrer, hoje, a zona devastada daquele hinterland, ficará pasmado de vêr quanto o machado e o fogo trabalharam para a substituição da mata virgem pelos cafezais insolados. A furia da devastação dá-nos a impressão de que a gente desta terra tem na arvore o seu inimigo n.o 1, pois, por esses vastos rincões já abertos, não se vislumbra um especime florestal ao pé de uma casa ou mesmo um bosque destinado à perpetuação e abrigo dos pequeninos insetos encarregados de multiplicar a fecundação das proprias flores do cafeeiro. E são centenas de quilômetros conquistados pelo café, no avanço para as ultimas reservas de terras, feitas para o café. Neste passo, torna-se licito pensar, desde já, nas futuras plantações do Paraguai, enquanto os desertos vão ficando para trás, com todo o acervo de capitais nele empatados e que, desde o Segundo Imperio até o hodierno bandeirismo desta segunda Republica, tem sido multiplicado nas avantajadas construções das fazendas, com todo o rigôr de uma vitalicidade imperecivel, como se o cafeeiro, a pleno sol, não fosse nomade e da mais efémera duração.

— Ingrato, esse cafeeiro!

Mais ingratos, sem duvida, temos sido nós que não o abrigamos no devido tempo, contra as adversidades climáticas e que tanto mal têm feito à nossa terra.

FLORESTA E AGUA

A influencia da mata tem sido conclamada como reguladora do clima e por cuja presença a umidade do ar, nos trópicos, atenúa os gravames do xerofitismo a que ficam sujeitas as culturas mais nobres, principalmente quando sabemos que o cafeeiro de Linneu, na região de seu nativismo, vive espontaneamente ao lado do trigo, da vinha e das oliveiras. Na verdade, ele sabe apreciar o clima das montanhas vaporosas, ainda vestidas de matas, como as que Martius viu e gravou em suas pranchas e como as que registrou também Rugendas, em seus expressivos desenhos da época.

As matas são como disciplinadoras das temperaturas e das chuvas que ficam à mercê de sua transpiração. Como se sabe, o proprio sol despende quantidades enormes de calorias, na evaporação da água do macico verde de que se veste a floresta, por isso que seus raios atenuados favorecem o clima.

Se considerarmos somente o valor da mata no seu trabalho construtivo — quer se trate do fenomeno da fotossintese, quer da ação desidratante dos ventos que a embatem num murmurio continuo de atividade funcional fazendo ondas, da mesma maneira que agita os mares, para roubar-lhes a umidade e com ela formar as nuvens — veremos que a floresta é um vasto e tupido corpo arquitetonico, feito quase que exclusivamente de agua, perpetuado pela agua, mobilizado, alentado pela agua. A constituição de sua folhagem encerra mais de 90% de agua. O ar que promana de seu seio é quase sempre saturado de umidade. Dela advem a amenidade do clima indispensavel, não apenas ao cafeeiro, mas ao homem que o cultiva, pois, do contrario, a adustão impediria até a fecundação dos ovos e os insetos seriam inibidos de voar.

Segundo varios autores, a floresta tropical, nos dias grandemente ensolarados, volatilizam para a atmosfera cerca de dois litros de agua, por dia e por M2 de superficie coberta. Isto equivale a cerca de cinquenta mil litros por alqueire e por dia. Assim, a mata faz retornar ao ar, no seu ciclo berfazejo, a agua que as chuvas forneceram ao solo, depois de filtradas pelas folhas, no seu trabalho de sintetizar a materia organica, e antes que elas tomem o curso das fontes e dos rios. Assim, pois, ela atenua a fuga da agua para o mar.

NINGUEM DA A VIDA POR UM DESERTO

Com o advento da penicilina e dos antibióticos conhecidos, bem como com as novas medidas profiláticas sanitárias, em franca disseminação, a longevidade do homem está aumentando em todas regiões do globo, e, por isso mesmo, cooperando para o superpovoamento. Enquanto isto sucede sorrateiramente, minguam-se, pari passu, nesse mesmo mundo, as possibilidades das terras ferazes e ricas, como as do Paulipalanalto. Na verdade, os olhos da Humanidade já estão voltados para nós, donos de uma vastissima extensão territorial, demograficamente vazia, embora a nossa conhecida escassez de terras boas, sob clima bom.

Ser, pois, proprietario de terras, nas condições do Paulipalanalto, é ter, no orbe terraqueo, uma situação privilegiada. Todas as vantagens ecologicas aqui se reuniram para fazer inveja até à California, que é uma conquista do homem inteligente e audaz, quando transformou uma terra de ninguem no mais belo "paraiso das frutas e das flores" que o mundo civilizado conhece.

A corrida para as nossas terras já foi iniciada, tal a ascensão de seus preços. E dia chegará em que não haverá ouro que possa deslocar o paulista de sua posição rural, desde quando souber preservar os solos da destruição e da deterioração. Será, aqui, um dos paraisos do mundo.

Muito embora a nossa historia do café seja um documentario triste do desperdicio dos nossos melhores "torrões de ouro", os conhecimentos modernos que ora se infiltram nas mentalidades sadias de nossa gente hão de fazer voltar o cafeeiro às terras velhas, criando, para ele, desta feita, ao lado da arvore protetora, a ambiencia de que, hoje, ele se ressente e que, outrora, alentou em torno a si, tantas prodigalidades.

Se, por outro lado, os surtos dos sertões nos deslumbram, as ruinas dos solos, de amanhã, nos farão penar os proprios erros, porque o mesmo homem que assistiu aos rasgos e cometimentos de ontem, já percebeu que quem mais perdeu com os desperdicios e os esbanjamentos da terra, não foi apenas ele, mas a propria patria. E Patria, qualquer que seja a sua concepção, é a terra que a gente ama e por ela dá a vida, porque é boa e generosa. Ninguem dá a vida por um deserto.

IRRIGAÇÃO POR ASPERSÃO
sistema
"RISER"
grande vitória
da indústria nacional
para incentivar e proteger
a maior riquesa
do Brasil

Libertando a produção do café das incertezas das chuvas, os conjuntos de Irrigação Serva Ribeiro, trazem segurança, proteção e incremento à maior riqueza do Brasil.

Largamente provados de norte a sul do país, nas mais diversas condições de solo e cultura, êstes conjuntos são uma esplêndida afirmativa do inegável valor da Indústria Nacional.

"LAVOURA IRRIGADA, COLHEITA DOBRADA"

★ Conjuntos para irrigar desde pequenos pomares, chácaras e hortas, às mais extensas e variadas culturas.
★ Técnicos especializados para estudar caso por caso.
★ Orçamentos sem compromisso.
★ Motores Diesel GM e Scania Vabis de nossa importação.

SERVA RIBEIRO S.A.
Irrigação
Rua Florêncio de Abreu, 779
e Av. Nova Anhangabaú, 858
Fone: 33-7101 (rede interna) Cx. Postal, 3773 - São Paulo

Norton - 2.713

Prestar o melhor serviço à lavoura nacional é o objetivo da Manah S. A.

TEM SEU PRESTÍGIO FIRMADO NO PAÍS E NO EXTERIOR

Nascida em uma garage na cidade de Descalvado — Representa firmas dos Estados Unidos e da Alemanha — A historia da Manah

Cultura de milho adubada com Manah, em terra esgotada de Mogi Mirim.

Na foto, vista externa parcial da fabrica de Campo Limpo, no municipio de Jundiaí, que tem a area coberta de dez mil metros quadrados. A capacidade é de 100 toneladas diarias.

A Manah S. A. que em 1948, seis anos depois de sua fundação, tomou esse nome, nasceu em uma garage alugada a Cr$ 80,00 mensais, na cidade de Descalvado. Era uma firma individual em nome do eng-agrônomo Fernando Penteado Cardoso, na ocasião gerente de uma fazenda de café no municipio.

Inicialmente, foi instalado um pequeno moinho, nessa garage, para beneficiamento da "cinza" de torta de algodão, abundante na ocasião, pois não havia consumo nem colocação para esta ultima. Tratava-se de cinza rica que, misturada com a torta de algodão, resultava num adubo completo e altamente satisfatório.

Os negocios, com o decorrer do tempo, foram aumentando, rezoavelmente, justificando o aluguel de mais dois pequenos armazens em Descalvado. Desde o inicio trabalhou com a firma o eng-agrônomo Eduardo Lacerda de Camargo, então residente em S. Paulo, que se ocupava das vendas a lavradores residentes na Capital e no Interior do Estado.

Em 1944, a firma, de individual, foi transformada em sociedade limitada sob a razão social de F. Cardoso & Cia. Ltda., formada pelos dois engenheiros-agronomos iniciadores da firma.

Naquele mesmo ano foi adquirido, ainda em Descalvado, o prédio que serviria para as instalações de beneficiamento de café, e, posteriormente, de algodão, e que se achava fechado.

Nesse novo periodo começou a escassear a "cinza" de torta de algodão, tendo sido iniciadas importações de "cinzas" vegetais da Argentina. Estavamos no periodo da guerra, e eram muito grandes as dificuldades de importação de adubos, tradicionalmente empregados. Os negocios prosperaram e foi alugado um armazem no Ipiranga, e um outro em Capivari.

As misturas nos três armazens, eram feitas, manualmente, empregando-se peneiras, rodos e pás.

Em fins de 1947, resolveram os titulares da firma F. Cardoso & Cia. Ltda. extingui-la, formando uma sociedade anonima, obtendo-se assim o concurso financeiro de outras pessoas, dispostas a se tornarem acionistas.

NASCE A MANAH

Nasceu então a Manah S. A., cujas operações sociais se iniciaram em 1948 com sede em Descalvado.

Com o desenvolvimento dos negocios, mostrou-se indicada a transferencia da sede social para S. Paulo, o que foi feito no inicio de 1949. Neste mesmo ano, foi instalada a primeira misturadora de marca "Stedman" totalmente importada dos Estados Unidos.

Naquele periodo comprou-se um terreno em Campo Limpo, municipio de Jundiaí, para a futura expansão da firma, terreno esse que foi transferido para a sociedade anonima.

Em 48-49 a produção tomou um ritmo acelerado esgotando a capacidade da fabrica misturadora do Ipiranga.

Ao cuidar da construção de uma nova fabrica em Campo Limpo surgiu a possibilidade de se adiar essa medida, alugando-se, ao invés, armazens pertencentes à Superintendência do Serviço do Café, que se achavam fechados há mais de 12 anos.

No ano seguinte, ou seja, em 1950, foram alugados esses armazens do SSC, por coincidencia também localizados em Campo Limpo e que possuem área coberta de dez mil metros quadrados.

Cuidou-se em seguida do equipamento dessa fabrica, tendo sido importada uma segunda unidade misturadora "Stedman", porém, de capacidade duas vezes maior que a unidade do Ipiranga.

A fabrica de Campo Limpo iniciou seu funcionamento em 1952. Em 1953 foram adquiridos os armazens do Ipiranga com uma area de dois mil metros quadrados, até então alugados.

AMPLIAÇAO

Com o intuito de dar melhor aproveitamento à sua organização de venda e de importação, foi criado na Manah S. A. o Departamento de Inseticidas, tendo-se montado para esse fim uma instalação misturadora no Ipiranga.

Como consequência das boas relações mantidas com as firmas congeneres e a confiança com que lhe distinguiram alguns produtores no Exterior foi também organizado um Departamento de Representações. Atualmente, é a Manah S. A., agente unica, no Brasil, para fosfatos naturais da International Minerals and Chemical Corporation dos Estados Unidos; para super-fosfatos da U. S. Phosphoric Produts Division Tennessee Corporation, dos Estados Unidos; e para fertilizantes nitrogenados e complexos da Farbwerke Hoechst A. G. da Alemanha.

PROGRESSOS ALCANÇADOS

No estagio atual, a Manah S. A. tem uma capacidade de estocagem da ordem de 10 mil toneladas e uma capacidade de mistura de adubos de 15 mil toneladas anuais.

As duas fabricas são dotadas de desvios ferroviários, instalações de cargas e descargas, equipamento para movimentação de material e unidades misturadoras capazes de assegurar uma produção perfeita e eficiente.

O seu desenvolvimento pode ser avaliado pelas frequentes ampliações de seu capital social.

Fundada com o capital de 2 milhões de cruzeiros em 1948, foi aumentado para 5 milhões em 1950 e em 1952 para 12 milhões, estando-se cogitando, atualmente, da elevação para 20 milhões de cruzeiros.

Todos esses aumentos foram feitos principalmente com subscrição de novas ações por pessoas que confiavam seu capital à organização. A evolução e crescimento da firma podem ainda ser ilustrados pelo aumento da tonelagem de adubos vendidos.

Partindo-se do ano de 1948 e do indice 100, tem-se a seguinte ordem de grandeza para os anos subsequentes:

Ano	Tonelagem
1949	220
1950	370
1951	530
1952	590
1953	790

Tem a Manah S. A., se preocupado com a parte técnica e cientifica da adubação. Para esse fim têm sido destinadas verbas às instituições de pesquisas para custeio e experiências com o objetivo de solucionar problemas de adubação.

Dentre essas experiências, destaca-se o ensaio subre o movimento dos adubos no solo, executado e publicado, pelo Instituto Agronomico de Campinas com a colaboração financeira da Manah S. A.

Desde a sua fundação, em 1948, a firma tem sido dirigida pela mesma diretoria, composta dos seguintes nomes: Celso Leme, diretor presidente, Fernando Penteado Cardoso, diretor superintendente, e Eduardo de Camargo, diretor-gerente. Estes dois ultimos têm todas as funções executivas da firma.

A Manah S. A., desde o inicio, prestou o maior concurso e apoio à sua associação de classe ou seja o Sindicato da Industria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo, procurando advogar através daquele orgão uma politica sôbre fertilizantes que permitisse amplas oportunidades a todas as firmas e a prestar o melhor serviço à lavoura, garantindo-lhe o suprimento adequado de adubos das qualidades procuradas em épocas propicias e a preços convenientes.

Como consequência desse concurso, um diretor da firma, eng.-agronomo Fernando Penteado Cardoso, que já fazia parte da diretoria do Sindicato de Adubos e Colas, foi este ano eleito presidente deste orgão de classe. Sendo firma, estritamente, nacional e brasileiros todos os seus acionistas e diretores, orgulha-se do progresso que experimentou e mantem-se fiel aos principios que sempre nortearam suas atividades: Prestar o melhor serviço à lavoura para a grandeza do país.

Mesa da Convenção anual dos vendedores realizada em fevereiro de 1952, em Campo Limpo. Vê-se da esquerda para a direita: dois representantes do Banco do Brasil, engenheiro-agronomo Eduardo Lacerda de Camargo, diretor-gerente; dr. Celso Leme, diretor-presidente; engenheiro agronomo Fernando Penteado Cardoso, diretor-superintendente; e dr. Cesar Werneck, advogado da Manah S. A.

LEITE BARREIROS S. A.

COMISSÁRIA E EXPORTADORA

Fundada em 1936

CAPITAL E RESERVAS: Cr$ 35.972.655,30

Rua do Comércio, 46 — **Caixa Postal, 387**

Fones: 2-4690 e 2-8496 — **End. Tel. "CHAVANTES"**

SANTOS

DIRETORIA:

D.ª Olivia Novaes Pereira Leite – presidente

Pedro Barreiros – diretor-gerente

Geraldo G. de Mello Peixoto – diretor-gerente

FRANCISCO PEREIRA LEITE E SILVA
Fundador e presidente de 1936 a 1948

COMPANHIA SANTA CRUZ DE CAFÉ

Fundada em 1946

CAPITAL E RESERVAS: Cr$ 26.717.528,30

Séde: SÃO PAULO – Rua Libero Badaró, 158 – Sala 1.203

FAZENDA COCAES – Santa Cruz do Rio Pardo

FAZENDA MANDAGUAHY – Sodrelia

DIRETORIA:

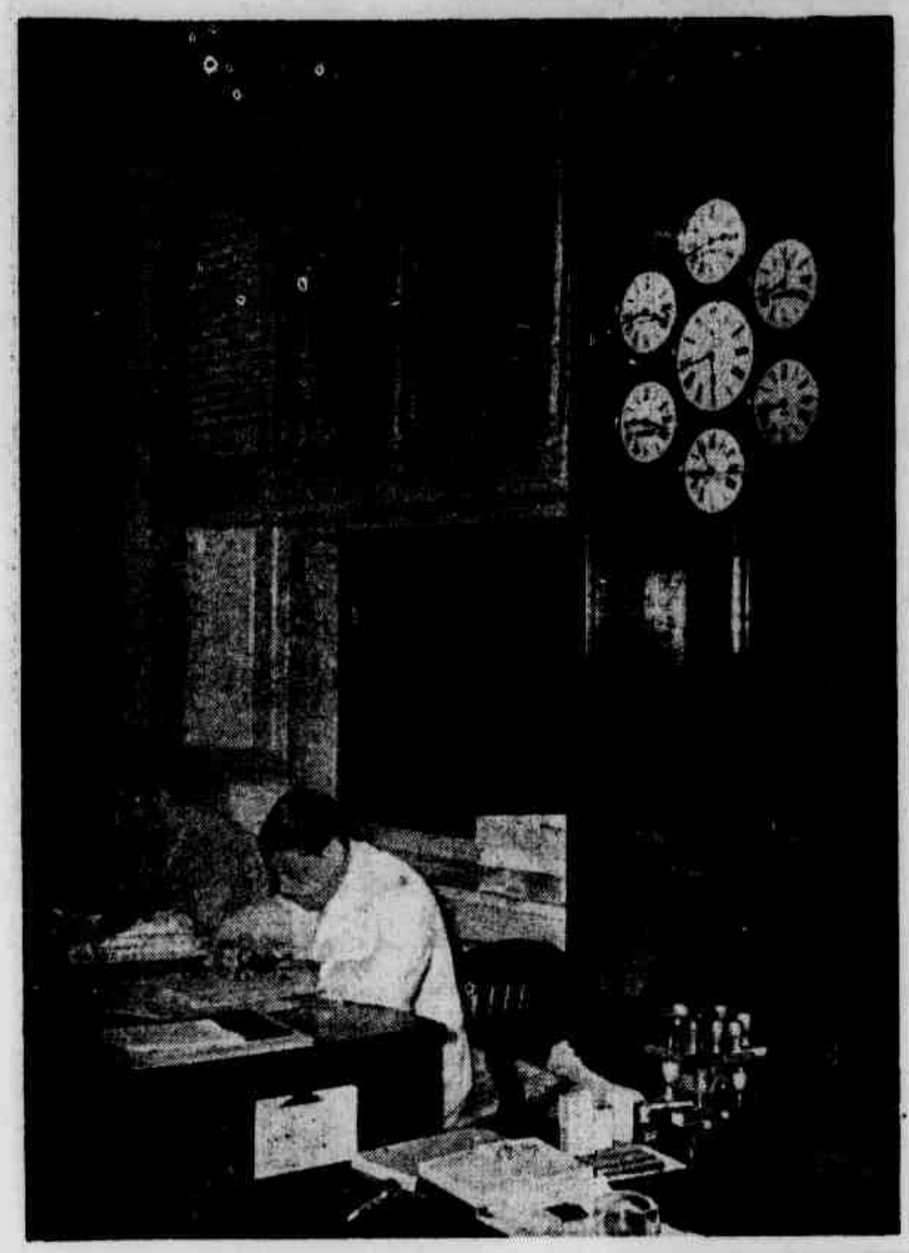
DR. ALVARO AUGUSTO DE BUENO VIDIGAL – diretor-gerente

PEDRO BARREIROS – diretor-gerente

MARCELINO RODRIGUES LEITE – diretor-técnico

FERREIRA DA SILVA & CIA. — VITORIOSA CARREIRA NO MERCADO DE CAFÉ

ENFEIXANDO VÁRIAS ATIVIDADES, ASSEGURARAM POSIÇÃO DE RELÊVO NO COMÉRCIO DE SANTOS



O relogio que pertenceu à firma Theodor Wille, marcando horas de todos os grandes portos cafeeiros no exterior: Local, Hamburgo Paris, Nova York, Amsterdam, Nova Orleans e S. Francisco. O aspecto foi tomado nos escritorios da firma.

O sr. Flavio Ferreira da Silva num dos pregões da Bolsa de Café de Santos, cercado pelos srs. Domingos Cantisani Paulo Tavares de Resende, Socrates Aranha de Menezes, Waldemar Leite Leal e Rubens Ross de Menezes, figuras expressivas do comercio santista.

Espírito realizador dos Ferreira da Silva

Ferreira da Silva & Cia. constituem hoje uma das mais solidas firmas santistas atuantes no mercado cafeeiro. Sua fundação verificou-se a 1.o de julho de 1937, sendo seus fundadores os srs. José Ferreira da Silva e Francisco de Assis Barbosa Loureiro.

Os Ferreira da Silva, pertencentes a tradicional familia de lavradores de Bragança, cujo tronco era formado por José Vieira da Silva e da. Ana Francisca Ferreira da Silva, encontraram nos setores ligados ao comercio cafeeiro base para se expandirem e conquistarem, até, posição de destaque nas exportações da rubiacea. Dotados de espirito realizador, jamais se deixaram permanecer em um só setor de atividade. Não circunscreveram as suas atividades ao café, pelo contrario, dedicaram-se a diversos outros ramos de negocios, entre os quais o imobiliario e o jornalistico. Entretanto, no setor cafeeiro, atuam os Ferreira da Silva como verdadeiros orientadores do mercado, interferindo nos destinos do produto-chave de nossa economia plantando, comprando, vendendo e exportando café para diversas partes do globo.

FERREIRA DA SILVA & CIA.

A firma Ferreira da Silva & Cia. tem passado, desde a sua fundação, por diversas alterações, quer no seu quadro diretivo e de socios, quer no seu capital e objetivos sociais. Assim é que, a primeiro de julho de 1944, em virtude do falecimento do sr. Francisco de Assis Barbosa Loureiro e, logo a seguir, de sua esposa, da. Genesia de Sousa Loureiro, passaram a fazer parte da sociedade os srs. José Loureiro Ferreira da Silva e Mario Fonseca. Em dezembro de 1945, nova alteração foi introduzida no contrato social, a fim de que o capital da firma fosse elevado de um para três milhões de cruzeiros. Em 1.o de janeiro de 1947 passaram a fazer parte da sociedade o sr. Luiz Lafraia e as senhoras Hosmilda Loureiro Ferreira da Silva e Carmem Lafraia, sendo, então, o capital aumentado para cinco milhões de cruzeiros. Finalmente, a 25 de maio de 1948, entrou para a organização a sra. Helena Ferreira da Silva Carvalhaes.

Os resultados conseguidos por Ferreira da Silva & Cia., nesses seus dezessete anos de atuação, animaram-nos a prosseguir na execução de um programa de ampliação crescente em seus negocios, que hoje abrangem diversos e importantes setores.

ATIVIDADES DOS FERREIRA DA SILVA

Como dissemos, varios ramos de negocios foram abrangidos pelos membros da familia Ferreira da Silva. O sr. José Ferreira da Silva, ao lado de sua atividade no comercio cafeeiro, mantem em Santos, uma empresa de turismo denominada Empresa Morro Santa Teresinha Turismo Ltda. O sr. José Loureiro Ferreira da Silva, um de seus filhos e socio, é proprietario de fazendas de café em São José do Rio Pardo e Mococa, possuindo ainda naquela primeira cidade uma estação de radio e um jornal.

FLAVIO FERREIRA DA SILVA

O sr. Flavio Ferreira da Silva, membro da mesma familia, é corretor oficial de café, constituindo uma das figuras mais populares e brilhantes do comercio santista e destacado operador da Bolsa. Como os demais Ferreira da Silva, não poderia deixar de estar ligado intimamente ao setor cafeeiro.

Sr. José Ferreira da Silva, em sua sala de trabalho nos escritorios da firma Ferreira da Silva & Cia. O titular da organização há mais de 45 anos que atua no comercio cafeeiro da vizinha praça, constituindo pois, a sua tradição nesse ramo de atividade um patrimonio inestimavel, que se soma ao tambem grande patrimonio financeiro dos Ferreira da Silva.

Sala de provas de Ferreira da Silva & Cia.

OUTROS ASPECTOS DA FIRMA

Ferreira da Silva & Cia. mantêm agencias e agentes no interior de S. Paulo e do Paraná, que se incumbem das compras de café nas fontes de produção. Suas exportações para o exterior alcançaram, no ultimo ano cafeeiro, a cem mil sacas, colocando-se desta forma a organização como uma das mais destacadas de Santos.

No Paraná, onde as suas atividades têm sido ampliadas, possui, em Londrina, escritorio de compra de café, armazens proprios e maquina de beneficio do produto.

Sua posição no mercado santista, pela tradição do seu chefe — sr. José Ferreira da Silva — que atua nos negocios de café na praça há mais de 45 anos, é das melhores em face de sua ampla atividade nas fontes produtoras de São Paulo e do Paraná. Ferreira da Silva & Cia. constituem, assim, uma das firmas mais conceituadas, possuidora de um patrimonio que lhe assegura um movimento de negocios dos mais amplos.

Turistas...

À SUA DISPOSIÇÃO DIA E NOITE

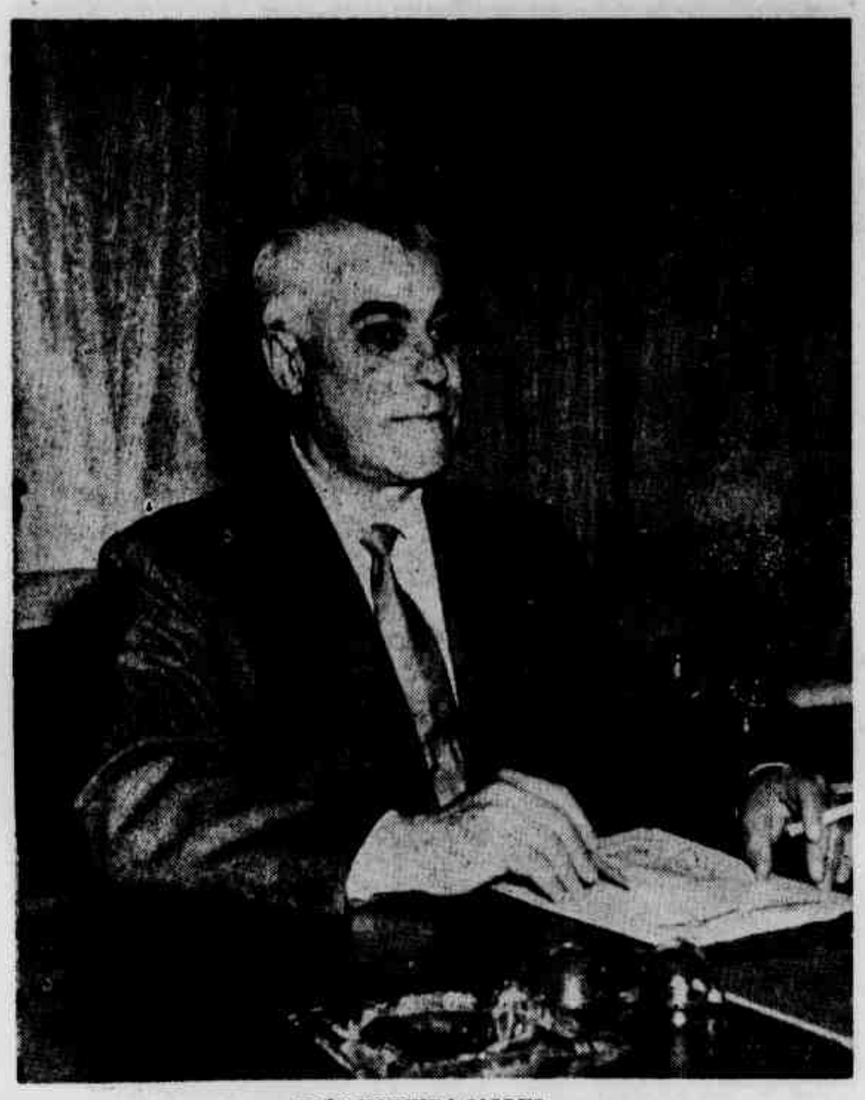
o mais deslumbrante panorama de Santos

MORRO SANTA TEREZINHA

TELEVISÃO - Ótimo serviço de bar

Ônibus de hora em hora, partindo da Praça Independência.
Ônibus extra às 19,30 para a sessão de Televisão aos sábados, domingos e feriados

ORGANIZAÇÕES MOREIRA SALLES



JOÃO MOREIRA SALLES
atual presidente das Organizações Moreira Salles

Destacaram-se desde sua fundação como uma das fôrças do comércio cafeeiro

A Companhia União de Armazens Gerais, uma das mais conceituadas organizações armazenadoras na praça de Santos, com escritorio à rua 15 de Novembro, 49 foi fundada em 1928 pelo saudoso cel. Antonio Estanislau do Amaral.

Cidadão de tradicional familia paulista, presidiu a companhia até meados de 1938, quando o controle das ações da empresa passou ao grupo chefiado pelo banqueiro João Moreira Salles, que a esse tempo exercia a presidencia das grandes organizações cafeeiras Moreira Salles & Cia. e Companhia Brasileira de Café.

Prestigiado pelo nome de seu novo chefe, sr. João Moreira Salles, a Cia União de Armazens Gerais projetou-se no comercio armazenador, passando a ter o maior destaque entre as empresas congeneres.

CIA. UNIAO DE ARMAZENS GERAIS

ARMAZENADORA — FUNDADA EM 20-10-1928

Registrada na Junta Comercial do Estado de São Paulo sob o n.o 1.126

MATRIZ — Santos
Rua 15 de Novembro n.o 49
Caixa Postal n.o 589
End. Telegrafico "Unigeral"
Fones: 2-2530 — 2-7789

FILIAIS — Rio de Janeiro
R. Visconde de Inhauma, 39 - 3.o and.
End. Telegrafico "Unigeral"
Fone: 43-9520

CAPITAL — Cr$ 10.000.000,00

FUNDOS DE RESERVA — Cr$ 1.131.097,10

DIRETORIA — João Moreira Salles - Presidente
Antonio Borges Martins - Superintendente
Antonio Teixeira Junior - Gerente

LOCALIZAÇAO DOS ARMAZENS

Desde a sua fundação, a Cia União de Armazens Gerais teve seus armazens principais localizados na confluencia das ruas Visconde de São Leopoldo e Visconde de Embaré, logo à entrada da cidade. Posteriormente, atingidos pelo traçado da grande avenida que deverá dar continuação à Via Anchieta, foram os armazens da Companhia desapropriados pela Prefeitura de Santos.

Hoje, a area, outrora ocupada pelos armazens da Companhia, passaram a pertencer à Municipalidade, e todos que demandam Santos percebem logo à sua entrada um terreno triangular que resultou da demolição daqueles predios.

Sem tempo para construir novos armazens, transferiu-se para o armazem XVI externo da Companhia Docas de Santos, onde ocupa uma area de 9 mil metros quadrados.

Na ocasião, a Companhia decidiu renovar toda a sua maquinaria e o fez aproveitando os ensinamentos e os progressos da industria especializada nesse setor.

Feita a remodelação, tornou-se a Companhia União de Armazens Gerais possuidora do que de mais moderno existe em maquinas de ensaque e rebeneficio de café.

Existe nessa maquinaria uma particularidade muito importante e muito interessante para os depositantes da companhia. E' que toda a sua construção foi feita de aço e cimento armado, caracteristicos que a tornam, talvez a unica existente no comercio armazenador de Santos. E' particularidade que deve ser ressaltada, pela absoluta garantia que oferece contra riscos de incendio, o que constitui vantagem ponderavel para os que depositam mercadorias em seus armazens.

O seguro contra fogo, geralmente feito para acobertar a mercadoria de prejuizo certo, em caso de incendio, não oferece uma garantia total, porquanto sobrevindo o sinistro, há prejuizos absolutamente inevitaveis. As liquidações de sinistros, pela complexidade de sua apuração, dependem de tempo para serem concluidas. Há o inquerito policial; há a vistoria do Instituto de Resseguros; há a avaliação dos prejuizos e toda uma serie de providencias que precisam e devem ser tomadas até à expedição do relatorio do sinistro e consequente autorização para o pagamento dos prejuizos apurados.

Durante todo esse tempo, o dono da mercadoria, no caso o depositante, fica com seus capitais congelados e sem possibilidades de renovar seus negocios.

Dessa paralisação decorrem prejuizos certos, pois liquidações serão pagas pela avaliação da mercadoria ao preço do dia e sem juros.

Daí os cuidados da Cia União de Armazens Gerais, que achou prudente tomar medidas de prevenção, construindo sua maquinaria embora a um custo elevado, mas com um fator de garantia também muito maior, através o emprego de um material praticamente incombustivel.

As fotos que ilustram esta reportagem dão idéia mais precisa do que é a moderna maquinária de ensaque e rebeneficio, instalada nos armazens da Cia. de Armazens Gerais, inegavelmente, uma das mais bem organizadas empresas de armazens gerais do país.

Coronel ANTONIO ESTANISLAU DO AMARAL
fundador da Cia. União de Armazens Gerais.

COMPANHIA BRASILEIRA DE CAFE

(Exportação de café)

Fundada em 16-7-1938

Autorizada a funcionar por Carta Patente expedida pelo Decreto n.o 3.033, de 1-9-1938

MATRIZ — Rio de Janeiro
Rua Visconde de Inhauma, 39 - 8.o and.
Caixa Postal, 213

FILIAL — Santos
Rua 15 de Novembro, 55
Caixa Postal n.o 118
End. Telegrafico, CEBEC
Fone, 2-3191

CAPITAL — Cr$ 24.000.000,00

RESERVAS — Cr$ 6.315.094,40

DIRETORIA — João Moreira Salles - Presidente
Julio de Sousa Avelar - Diretor
Antonio Teixeira Junior - Diretor
Walther Moreira Salles - Diretor

FUNDAÇAO — João Moreira Salles

LANÇOU-SE À LUTA NO OESTE PARANAENSE CRIANDO NOVAS RIQUEZAS PARA A NAÇÃO

A firma Comissaria, Exportadora e Importadora União S. A. é uma sociedade anonima, com escritório à rua 15 de Novembro, 55, em Santos.

Sua fundação verificou-se em meados de 1948, com o objetivo de dar continuação aos negocios da firma Moreira Salles & Cia. que se transformara na Cia. Agricola São Benedito, que visava explorar a fazenda Pinhalzinho, de propriedade dos srs. João Moreira Salles e Walther Moreira Salles, socios exclusivos da firma Moreira Salles & Cia.

Tambem como a outra, a Comissaria, Exportadora e Importadora, teve como fundador o sr. João Moreira Salles, que foi auxiliado nesse empreendimento pelos seus colaboradores diretos, Julio de Souza Avelar, Antonio Teixeira Junior, Pedro di Perna, Benedito Mendes Ribeiro, Antonio Borges Martins e outras pessoas mais chegadas aos negocios do sr. João Moreira Salles.

Os objetivos da firma, inicialmente, eram o comercio e a exportação de café e importação de mercadorias em geral, atividades que deram base segura para o desenvolvimento da emprêsa.

Os negocios progrediam, quando um periodo de dificuldades para a firma sobreveio, decorrente do aparecimento da Cexim, cujas normas constituiam obstaculo ao comercio importador.

O regime de tradição imposto pela Cexim, atingiu em cheio a CEIUSA que na ocasião contava apenas um ano de vida. A concessão de licenças sob aquele regime tolhia qualquer atividade da firma.

Por outro lado, os negocios de café, depois da espetacular alta de 1949, tornaram-se mais dificeis, pois os preços vigentes no interior passaram a um nivel igual ao da praça de Santos. Dessa maneira, nenhuma possibilidade de lucro se oferecia aos que se dispunham a operar no ramo com o objetivo de dar continuidade a seus negocios.

Verificando a impossibilidade de continuar nas atividades para as quais se organizara, a CEIUSA, oportunamente, adquiriu uma gleba de terra na região Goio-Erê, oeste do Paraná, e introduziu em seus estatutos uma alteração, mediante a qual ficava incluida entre os objetivos da sociedade a exploração da atividade agricola.

Assim a sociedade deu inicio à formação de uma fazenda de café, nas terras que havia adquirido.

Contudo, verificando a CEIUSA que as dificuldades do lugar exigiam uma exploração em maior escala, adquiriu novas terras e iniciou o loteamento das mesmas para valorizar a fazenda, cuja formação havia sido iniciada.

Continuando em seus planos, após examinar as possibilidades da região e suas perspectivas de progresso, iniciou a fundação de uma cidade, a qual tomou o nome de "Moreira Salles", idealizador e fundador. Esse nome foi adotado pelos moradores do lugar, espontaneamente.

COMISSARIA, EXPORTADORA E IMPORTADORA UNIAO S/A.

CAPITAL — Cr$ 10.000.000,00

FUNDO DE RESERVA — Cr$ 7.588.079,40

SEDE — Rua 15 de Novembro, 55 - SANTOS

FILIAL — S. PAULO - Rua Formosa, 409

ESCRITORIOS — LONDRINA - Rua Mato Grosso, 2.115

DIRETORIA — João Moreira Salles - Presidente
Antonio Teixeira Junior - Gerente
Antonio Borges Martins - Secretario
Antonio Ribeiro do Prado - Diretor

Foram então abertas estradas, lançadas pontes, e hoje a antiga e inospita região do Goio-Erê está integrada no Estado do Paraná, como uma das regiões mais prosperas do Estado, constituindo uma força economica das mais vivas. Existem ali campo de aviação, serrarias, olarias, carpintarias e outras forças do progresso.

A sociedade, estimulada pelo apoio e pelo sucesso que vem encontrando na venda de seu loteamento, está construindo uma usina termo-eletrica para fornecimento de energia à cidade e às industrias que posteriormente ali se instalarem.

FAZENDAS

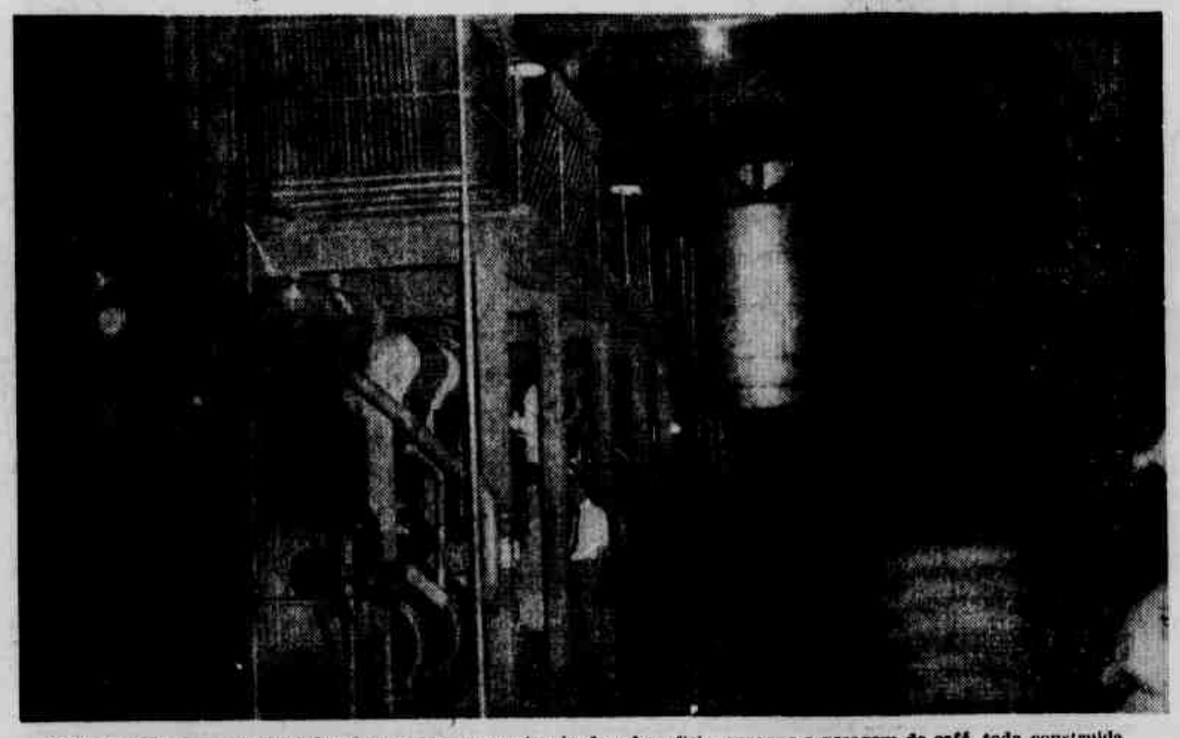
A formação dos cafezais foi dividida em duas secções: uma denominada fazenda Moreira Salles, outra fazenda Santana, totalizando uma area de 1.500 alqueires. Já foram plantados 800 mil pés de café, que estão agora no seu terceiro ano. Ao redor da cidade, que se ergue, no momento, existem mais de 400 sitios e algumas fazendas, podendo-se calcular, aproximadamente, em 6 milhões os pés de café, plantados em toda a região.

Isso tudo se deve ao espirito bandeirante de João Moreira Salles, que, enfrentando com a sua excelente equipe de companheiros, as dificuldades que se avolumaram em suas atividades no sertão paranense, partiu para a conquista de novas riquezas para o país, com o animo que sempre caracterizou a sua existencia, marcada por iniciativas patrioticas e de grande porte. Abrindo cidades, plantando cafezais, foi ele, englobar à economia paranaense uma riqueza que já se reflete nos orçamentos crescentes do vizinho Estado e que muito, em breve, se refletirá, tambem, nos niveis das proprias receitas de cambiais da nação. Será, esta, tambem, a consequencia das sementes de uma civilização lançada em terra fertil e por mão experimentada.

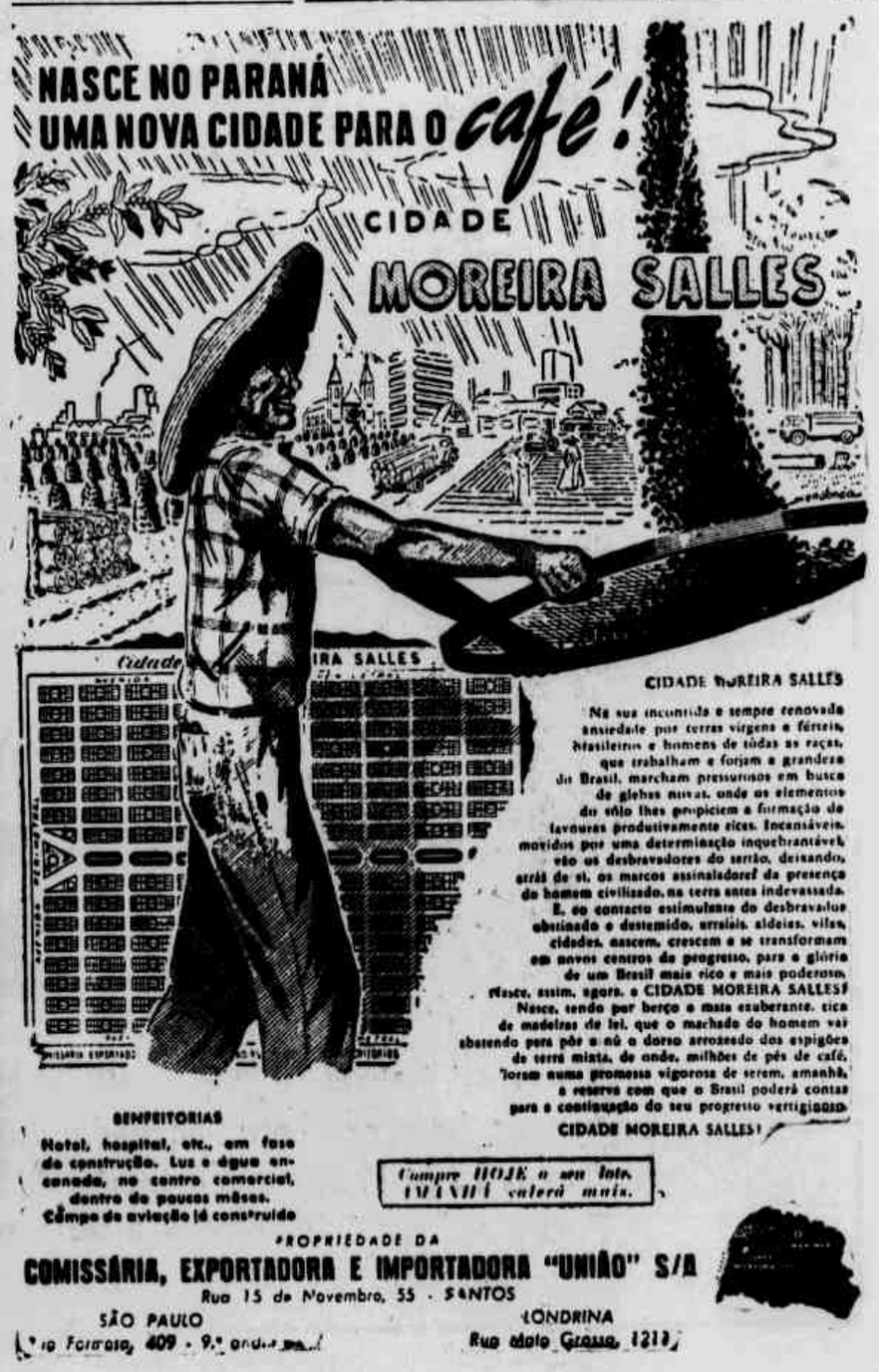
CIA. AGRICOLA SAO BENEDITO

A Companhia Agricola São Benedito continua existindo, mas apenas com o objetivo de controlar a exploração da Fazenda Pinhalzinho, na zona Mogiana. Acham-se ali plantados cerca de 170.000 pés de café, que constituem mais um elo na cadeia de atividades das Organizações Moreira Salles ligadas ao estor cafeeiro.

Detalhe do modernissimo aparelhamento para ensaque e pesagem de café da Cia. União de Armazens Gerais.



No "cliché", vê-se em pleno funcionamento, a maquinaria de rebeneficio, ensaque e pesagem de café, toda construida em aço e cimento armado, pertencente à emprêsa armazenadora do grupo Moreira Salles



UM GRITO DE ALERTA AOS CAFEICULTORES

MUNHOZ DA ROCHA
Governador do Paraná

Se em 1868 se iniciou o plantio do café no Paraná, longe da faixa litoranea, só há poucos anos o ciclo cafeeiro avassalou a economia paranense, transmudando radicalmente a fisionomia social do Estado.

Ao Paraná, para onde convergem as populações brasileiras, ávidas de vida melhor e mais segura, está reservada a missão de aliar o pioneirismo despreocupado de fixação definitiva com a moderna técnica agronomica.

Os homens que trazem a tradição do café e que não a abandonaram nas piores fases, já se convenceram de que é melhor, mais economico e, sobretudo mais patriotico, conservar o solo e as culturas, do que proceder ao trabalho arduo de recuperação depois que o solo se exauriu e as culturas feneceram. Já se convenceram de que é melhor conservar que recuperar.

Eles sabem o preço que a economia nacional tem pago com o nomadismo constante do café, que exige inversão enorme de capitais para organizar todo o sistema de armazenamento, transporte e escoamento, toda a vez que a produção se translada para diante.

Unindo o impeto pioneiro à técnica amadurecida que vai do modo do plantio à adubação e irrigação em culturas ainda recentes, bem como ao combate às pragas, o trabalho que se processa nas terras novas e pujantes do Paraná herdou a experiencia, a longa e sofrida experiencia da atividade cafeeira do Brasil.

Por mais progresso que se tenha alcançado na economia brasileira, principalmente no setor industrial em que a grande siderurgia está plantando as bases de um grande numero de industrias subsidiarias, é ainda o café o grande produto que paga as nossas crescentes exigencias de importação.

Não discuto que seja um bem ou um mal. Constato apenas que estamos ainda no ciclo cafeeiro da economia nacional. E nesse ciclo o papel do Paraná é decisivo.

O Brasil exige do Paraná e da gente que está aqui devassando o sertão com a civilização do café, que se alertem as consciencias e não se iludam os mais entusiastas com o aspecto, na verdade empolgante, do progresso que acompanha a onda cafeeira.

O Brasil exige dos homens do Paraná que a nossa prosperidade agricola se estabilize e permaneça.

E' um imperativo de sobrevivencia da liderança brasileira na produção mundial do café.

O CAFÉ

TEMISTOCLES LINHARES
(Da Universidade do Paraná)

Se quisermos remontar às origens remotas do café no Paraná, forçoso será não esquecer o caso daquele primeiro tropeiro, desconhecido, que, desviando-se da estrada boiadeira do Rio Grande do Sul a S. Paulo, para evitar a tributação em Itararé, na barreira então existente ali, acabou, num dia desconhecido também, descobrindo a rota para o norte, em direção ao municipio de Jacarézinho de hoje, depois de pelo nordeste ter chegado ao rio Paranapanema.

Descoberta a região das terras roxas, estava descoberto o café paranaense, eis a conclusão lógica. Mas é mister considerar a precariedade dos caminhos que só permitiu a primeira tentativa de exportação de café paranaense entre 1897 e 1898, através de uma carga de 200 sacas transportadas em lombo de burro até a estação de Cerqueira Cesar, então ponta de trilhos no ramal do Paranapanema da Sorocabana. Diz-se que a conta de venda de semelhante partida acusou um prejuizo de 154$000, não compreendidas as despesas de produção.

Outras experiencias negativas naturalmente se seguiram a essa, até que melhorasse a situação dos transportes com a chegada dos trilhos da Sorocabana ao rio Paranapanema e a inauguração da estação de Ourinhos em 1908.

E' exato que muitos mineiros já se tinham transladado para a zona, atraidos pelo que lhes haviam contado os tropeiros de maravilhoso em relação às novas terras, quando por ocasião de suas incursões a Minas Gerais.

Depois vieram paulistas e nordestinos que, com os paranaenses também já disseminados por ali, deram inicio à marcha para o oeste, espraiando-se em iniciativas de verdadeiro descobrimento, uma vez que, ao lado do interesse imediato, já se tornava perceptivel outro interesse mais subtil e menos grosseiro, que não se circunscrevia ao latifundio, ao sistema de economia do empresario, sob cuja égide se começou a fazer a exploração da região.

Procurou-se observar e conhecer as possibilidades da terra, deixando de lado a condição de simples lugar de passagem, reservada ao Paraná até quase o final do século XIX, quando as suas populações ainda pareciam não ter encontrado forma propria, orientando-se para pequenas culturas sem significação na economia geral brasileira, entre cujas mãos se iam estiolando os esforços individuais, entregues à propria sorte.

Não se pode deixar de reconhecer quanto deve o surto do norte paranaense ao declinio das plantações paulistas de café. Não era só a atração exercida pelas terras baratas do Paraná que provocava a avalanche imigratoria interna de maiores proporções registrada em nossa historia, de que era e continua sendo teatro todo o Estado. Era também o cansaço e o esgotamento dos cafezais paulistas cuja exploração se tornava antieconomica e que favorecia as novas culturas com um acervo de experiencias assimilaveis e conhecimentos profundos, no sentido de uma perfeita identificação dos habitantes com a riqueza do café. A ambição de arquitetar um futuro melhor, de par com tais circunstancias, podia e devia ser forte anteparo ao empirismo a qualquer espécie de lavoura desordenada que não congregasse todas as energias para um objetivo de maior estabilidade, não incidente nos erros do passado.

Não resta duvida que o explorador das plantações paranaenses está ligado em parte a esses fatores nascidos de categorias praticas já bem sedimentadas no tempo e que forçosamente influirão sobre o futuro, para assentá-lo em bases mais solidas. Há um complexo de noções e principios que passou para o plano das conquistas já plenamente realizadas na apropriação da natureza e faz do homem não apenas um produto do meio, mas um produtor, como diriam os fenomenologistas.

O café, sem duvida, desde há muito que vem conferindo ao homem brasileiro e agora ao homem paranaense essa feição de produtor, poriador da historia e motor da dialética, em toda a extensão abrangida pelo sistema economico que mais nos convem, fundado na coexistencia humana e possibilitando uma situação de individuos contemporaneos e sucessivos. Graças ao café é que foram assegurado ao Brasil, e hoje o está sendo ao Paraná, uma linha de desenvolvimento e um sentido da historia que já deu origem, pelo menos, à ultima das três grandes aristocracias do país: a dos fazendeiros. A dos fazendeiros de café, surgida depois da dos senhores de engenho e da dos grandes mineradores, cujo papel no cenario politico, em diversas fases da vida brasileira, foi de efetiva liderança.

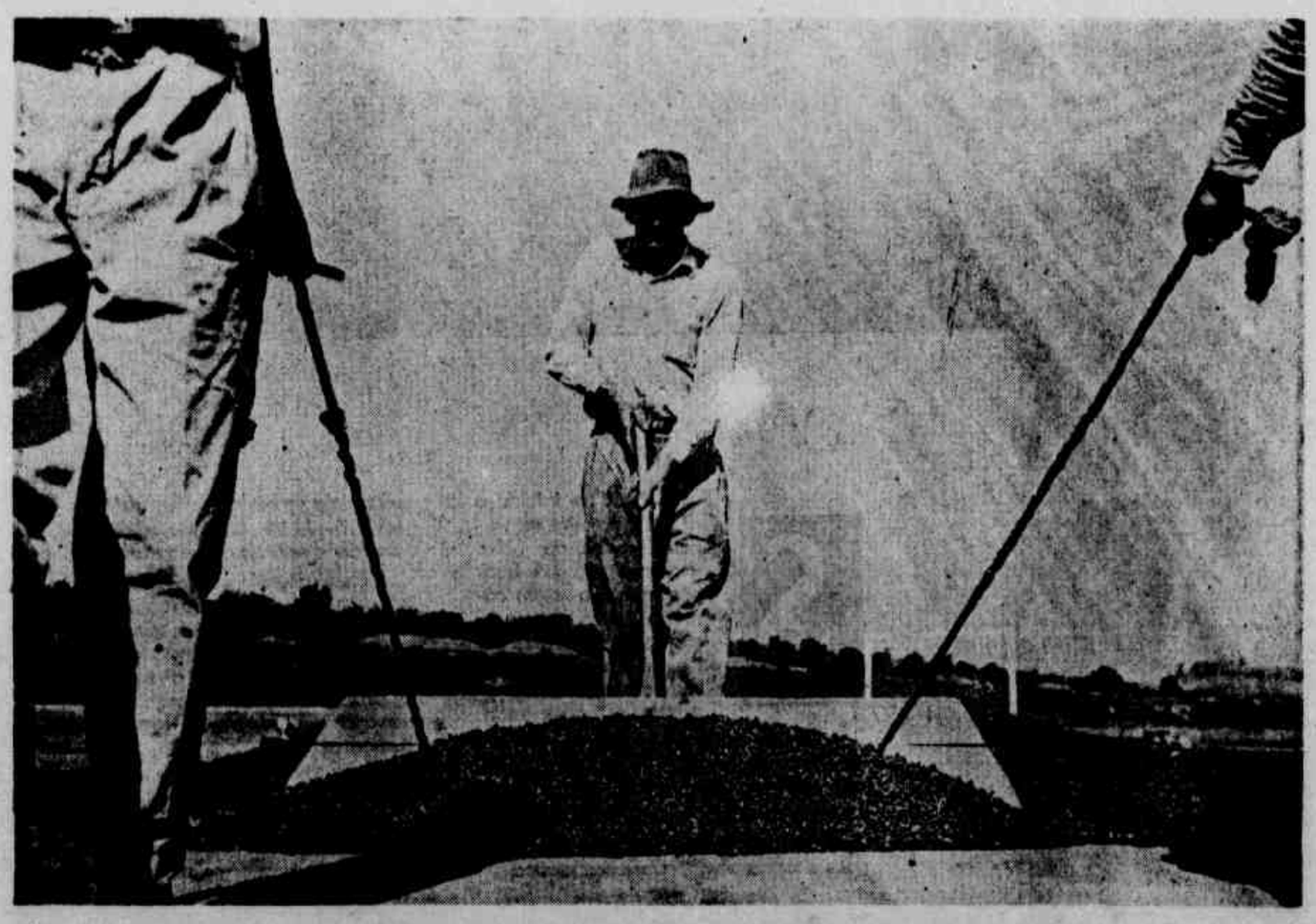
Na verdade, os maiores fatos economicos, sociais e politicos, desde há quase um século se vêm desenvolvendo em torno desse produto, que continua sendo o maior fornecedor de divisas de que dispomos, sem falar nos elementos de reforço criados à sua sombra em favor de uma melhor estrutura para a economia nacional. Pois, em função do café, muitas estradas foram construidas, alguns portos foram aparelhados e novas industrias se instalaram, estimulando outras forças latentes que dependiam do afluxo de capitais estrangeiros, fazendo hoje do Paraná, como já fizera ontem com S. Paulo e antes com a baixada fluminense, um ponto de resistencia, uma maquina economica em plena produtividade, não obstante ainda possa haver muita ferrugem em sua engrenagem burocratica.

A correlação existente entre o crescimento das zonas novas e o café é um fato palpavel e indiscutivel que não cabe aqui abordá-la senão para chegar às suas consequencias. As suas possiveis consequencias em relação ao Paraná.

E' sabido que enquanto a produção cafeeira declina em S. Paulo aumenta no Paraná. E aumenta em proporções assustadoras a ponto de se prever para breves anos uma produção local nunca atingida em todo o Brasil, compreendidas as colheitas melhores de S. Paulo e Minas em seus melhores tempos.

O primeiro fenomeno a apontar, como decorrencia natural, é o deslocamento para as zonas cafeeiras novas que aqui estão se inaugurando de grandes contingentes humanos procedentes de todas as partes do país. As repercussões demograficas que o café está provocando no Paraná talvez ainda não tenham sido bem avaliadas. Mas há já quem acredite estar contida nelas a garantia de preservação da chamada cultura luso-brasileira, ameaçada pela expansão e crescimento das áreas ocupadas por nucleos respeitaveis de imigrantes estrangeiros e seus descendentes, formadores já de um Paraná caracteristico, obediente a um destino de exceção, mas não messianico, antes civilizador e de gravitação para uma melhor harmonia entre as diferenças regionais da Federação.

Essa simples hipotese é um convite à reflexão.



É O PARANÁ

Vista aérea de Curitiba, capital do Estado, cujo vertiginoso progresso repousa na economia cafeeira

A observação que surge desde logo diz respeito ao fato de ter-se iniciado o ciclo do café no Paraná quando o seu povo formado de homens de todas as latitudes e raças já parecia ter encontrado um ritmo proprio de progresso, definido como resultante da contribuição cultural das diversas correntes imigratorias espalhadas em seu territorio, feita de racionalismo, de alguma técnica e algum senso administrativo, para sepultar em definitivo todos os resquicios e sobrevivencias de um ritmo novo, sem duvida. Já tinha um um passado arcaico. O Paraná já obedecia a contorno. Podia ter havido nele alguma coisa semelhante à confusão do caos que precede à criação. Mas em sua desordem já se adivinhavam tentativas para lograr uma forma. E o Paraná seguia, assim, o seu destino, quando começa o ciclo do café de que estamos nos ocupando.

Não se pode negar que o inicio deste vem-se processando com o alheamento de grande parte da vida desse povo que por direito de conquista e descobrimento já adquirira foros de paranaense. No seu começo, o café no Paraná tem sido mais um fenomeno paulista e mineiro, talvez marcado por alguns traços da psicologia, pelo menos em relação aos mineiros, do mestiço brasileiro, produto da mistura das três raças formadoras, o detentor mais legitimo da cultura luso-brasileira.

O ciclo do café começou, pois, se revestindo de um carater de regime estranho imposto ao paranaense já ciioso de sua auto-afirmação, e contra cuja cultura se ensaiava uma espécie de antagonismo no Norte do Estado.

Essa situação, que já teve sua crise aguda, obrigou o paranaense a se auscultar melhor e hoje, graças à lucida vigilia de seu atual governo, o problema já não corre mais o risco de se afundar na precipitação dos acontecimentos. Empenhado em descobrir o sentido da realidade paranaense, o Governo do Sr. Bento Munhoz da Rocha tudo tem feito por estender as nossas vivencias até a região cafeeira cujo rapido crescimento devemos mais ao labor fecundo de nossos irmãos de outros Estados. O maior perigo estava em que os paranaenses mais radicados à terra, os paranaenses do centro, do sul e do oeste não se integrassem na nova cultura e lutassem contra ela, criando oposições internas da consequencias imprevisiveis.

Isso, porém, não tem impedido, sempre que nos defrontamos com o tema economico no Paraná, que nos situemos diante de um dualismo. Diante do qual nos acode perguntar, tamanha a grandiosidade da riqueza que o café representa, se será a diversidade do sul, do centro e do oeste ou a diversidade do norte a mais capaz de emprestar tom e côr à nossa realidade integral.

Nesta altura de nosso monologo interior, acabamo-nos detendo de repente porque tropecamos num ponto passivel de divergencias. Talvez porque aqui, como em outros aspectos da vida paranaense, olhamos os fatos através do prisma de nossas preferencias e por isso não vemos o que é, obstinando-nos em ver o que desejamos.

O Norte, isto é, o café, representa, vamos admitir, o avanço ascensional por saltos, sem escalas nem paradas ao passo que o Sul, o outro Paraná, encarna a tradição, o progresso por etapas, uma evolução mais lenta, mas menos improvisada.

O perigo está em alargar esse sentimentalismo ainda subsistente que pugnava em converter o Paraná em duas zonas opostas, reservando, para a que ficava aquem das terras roxas maior coeficiente de paranaensismo. Um paranaensismo que muitas vezes chegava a excluir a zona cafeeira, como se ela representasse o anti-Paraná. Assim, o Norte versus o Sul.

O absurdo está aí, quando não se trata de nenhum caso de eleição ou preferencia. Não é possivel ignorar o Norte, que é elemento integrante de todo paranaense.

E' certo que fatores geograficos, em primeiro lugar, comunicações deficientes, em seguida, contribuiam para uma separação, aproximando mais o Norte de S. Paulo, de Santos, do que de Curitiba ou Paranaguá.

Não era a circunstancia de se estar em face de uma economia nascida mais da iniciativa paulista, de fazendeiros transferidos para o Paraná e que continuavam fazendo de S. Paulo o centro de convergencia de suas atividades. Havia outro elemento ponderavel, a considerar diante do intercambio comercial intensificado com S. Paulo, cuja metropole se tornara a abastecedora natural de mercadorias e artigos de que necessitavam as populações nordestinas paranaenses. Curitiba, nesse sentido, ainda não estava aparelhada, como não o está hoje, para competir com S. Paulo, nervo que irradia elasticidade e energia em todas as grandes empresas de vulto. Mas, forçoso é reconhecer, Curitiba está crescendo, está-se industrializando rapidamente e já se lhe vaticina, para dentro de pouco tempo, o terceiro lugar entre as três maiores cidades brasileiras. O porto de Paranaguá também se amplia e é cada vez maior o volume de café que desce e se escoa através de seus armazens. As estradas que ligam o Norte com o Sul e o litoral se desdobram e retificam, aumentando a capacidade de transporte paranaense.

Tudo, afinal, se prepara e encaminha para abolir o prurido ridiculo de um paranaensismo a expensas de diferenças que existem realmente, mas que de nenhum modo podem erigir se em oposições intransponiveis, que em nosso solo e convivencia deixam de sê-lo.

Ainda é trivial a preferencia pelo Paraná do Sul. Talvez ela se justifique mesmo quando por paranaensismo se estende o espirito da terra, que será sempre, em ultima instancia, o fundo colorido do autentico espirito paranaense. O paranaensismo abrange e envolve todo o Paraná. O Sul o encarna e o Norte também o encarna no mesmo alento peculiar, na mesma emoção, no mesmo estado

Viveiros de mudas de café no Norte do Paraná

de animo que penetra o paranaense em geral. Há já uma nota tonica espiritual, digamos, que em gesto largo e amplo se distende desde o Iguaçu no Sul até o Paranapanema no Norte.

O Norte, assim, está incrustado na alma paranaense. O Paraná se realizará plenamente, pois, quando o homem do Norte, o fazendeiro de café, que é impulso incontroverso de uma realidade, corporize esse espirito paranaense, que é força invencivel de nosso destino telúrico. Toda linhagem provem de dois sêres. A casta da alma paranaense proviré, portanto, dessas duas vidas: a do Norte e a do Sul ou do centro. Ao Norte corresponde o impacto viril, o gesto agressivo que fecunda a alma paranaense, o novo ser paranaense do futuro.

Mas há ainda outro aspecto a abordar mais profundamente. O que diz respeito à chamada cultura luso-brasileira. O Norte se antepondo ao Sul como centro de resistencia e conservação dessa cultura.

Ora, em matéria de historia social, são arrojadas e temerarias as afirmativas absolutas ou rigidas.

E' dificil dizer, portanto, que exista no Norte a constituição de uma classe rural dominante, representando um bastão inquebrantavel da cultura luso-brasileira.

Quem a conserva e resguarda ali? Os Nordestinos, provenientes dos Estados do Norte? Cearenses, pernambucanos, baianos? Não resta duvida que sejam eles os seus mais legitimos detentores. O denominador comum do mestiço brasileiro, originario da miscigenação das três raças formadoras, por certo que a explica, espelhando algumas situações em dados momentos historicos na vida brasileira. Seria injusto deixar passar despercebida a imensa, a inestimavel contribuição de Gilberto Freyre em seu favor, em relação ao Nordeste, cujas conclusões seria licito generalizar a todo país até certa época, até pelo menos quando o surto imigratorio estava em seu inicio no Sul.

O complexo racial e cultural brasileiro foi identico em toda parte até meados do século XIX, não há negar. Mas daí em diante ele se modifica, assumindo caracteristicas regionais cada vez mais acentuadas com as grossas levas de imigrantes estrangeiros distribuidas principalmente entre os Estados do Sul. O Paraná, como é sabido, foi dos que mais constantemente receberam tais influencias de consideraveis ressonancias no aspecto social.

Não só o Paraná, porém, figura entre os mais atingidos por esse novo movimento demografico. São Paulo também, bastando atentar que perto de 3 milhões de estrangeiros para ali acorreram depois de 1872.

Qualquer generalização étnica, agora, em relação ao Sul, por conseguinte, não tem mais cabimento. Assim como também não cabe mais qualquer temor aos quistos raciais. O prejuizo não está na mistura maior ou menor de sangue estrangeiro, nem na diminuição da influencia amerindia, negra ou portuguesa, assim como no declinio do tipo mestiço consagrado. O prejuizo reside, sim, na anarquia cultural, da qual ainda não podemos sair ou vamos saindo muito lentamente.

Seria talvez mais patriotico, como demonstração de amor às tradições, a manutenção da chamada cultura luso-brasileira, mas contra as ameaças que ela vem sofrendo em seu amago, principalmente no setor da economia, acaso vale opor qualquer resistencia?

As atividades economicas realmente nacionais, no sentido da cultura luso-brasileira, se exerceram em torno do açucar, para ficar nos grandes produtos de exportação. A mineração não pode ser incluida entre elas, pois se iniciou quando ainda não existia o pon mineiro. E' exato que esta, a principio, foi fenomeno paulista, mas depois passou a ser fenomeno português, de onde brotou o movimento popular de Filipe dos Santos, para não falar já no movimento intelectual dos inconfidentes, ambos empenhados na destruição do sistema de vida que tinha apoio em tal atividade. Ainda depois da vinda da côrte portuguesa, ela continuou estrangeira, passando de lusa a inglesa, como se conserva até hoje em escala predominante.

Resta examinar agora o café.

Na região fluminense, berço da grande cafeicultura nacional, sempre houve dificuldades não só de comunicações como de braços, cada vez mais escassos diante da repressão do trafico de escravos, em 1851. Depois de cessado este, o café conseguiu atrair ainda muitos escravos procedentes do Norte do país. Os canaviais se despovoavam, o que determinou medidas coercitivas de parte das provincias açucareiras sobre a saida de cativos.

Enquanto durou, a produção fluminense teve carater brasileiro, o mesmo se podendo dizer da produção mineira, que lhe emprestou muitos atributos tipicos, influindo até num maior condensação dos traços temperamentais do mineiro, cuja, predisposição natural era criação e a agricultura.

Um sistema de exploração descuidado extensivo, todavia, não favoreceu por muito tempo os laços culturais e sentimentais que ligam o homem à terra. Arrasou-se a mata sem nenhum conhecimento da ciencia agronomica. O trabalho da erosão, favorecido pelos declives do terreno, foi rápido. Até na plantação houve descaso, feita dentro do plano simplista e comodo de fileiras em linha reta acompanhando os declives. Poucos decenios bastaram para começar o delicinio, com o enfraquecimento dos cafezais, o decréscimo acelerado de seus rendimentos, o aparecimento das pragas etc. A decadencia tinha de vir, como veio acompanhada de todo o seu cortejo de males a miseria, o abandono, o desperdicio do trabalho, a rarefação demográfica.

Foram tais regiões irmãs em desgraça das outras do Nordeste e do Reconcavo, onde os rudes métodos de exploração agricola é que predominavam, parece que seguindo uma herança fatidica aberta em Portugal, com a decadencia da velha economia agraria dos "reis lavradores".

Avessos a qualquer aperfeiçoamento tecnico, os fazendeiros do tempo da escravidão "sabiam apenas mandar", como disse Quintino Bocaiuva com grande senso realista.

Mais por isso talvez, por lhes ser inato o gosto do mando, é que vemos, na condução da politica e dos negocios internos do Estado, essa predominancia sucessiva das regiões economicas prósperas. Realmente, quantas figuras respeitaveis e de primeira plana na politica nacional não estavam presas aos hábitos, preocupações e interesses das zonas agricolas de que procediam!

Nesse sentido, S. Paulo talvez seja a melhor ilustração, isto é, o café de São Paulo e os seus fazendeiros, dotados em sua maioria de escassas noções sobre a lavoura, sendo que nem sequer conheciam, segundo alguns depoimentos, a extensão de suas propriedades. A eles se aplicava tambem o que Joaquim Nabuco dizia dos senhores de engenho: ..."pouco são os netos dos agricultores que se conservam à frente das propriedades que seus pais herdaram, o adagio "pai rico, filho pobre, neto pobre" expressa a longa experiencia popular dos hábitos da escravidão que dissiparam todas as riquezas..."

A expansão cafeeira paulista, se não gerou grandes fortunas particulares como seria de desejar, deu origem pelo menos à ultima aristocracia social e politica que tivemos no Brasil.

Em materia de organização, é preciso convir, porém, que a lavoura de S. Paulo não ficou a vida inteira adstrita aos moldes tradicionais e classicos da agricultura do país. A devastação do solo, a exploração em larga escala, o esbanjamento de tudo, o arcaismo, a rotina duraram ali enquanto durou o escravo negro, não por uma questão de raça, advirta-se logo, mas por uma questão de regime economico, de instituição social.

Esta e aquele quem os modificou, racionalizando-os, sistematizando-os melhor, foi sem duvida a imigração estrangeira. A imigração em grande escala, de que se beneficiou o café em sua fase de crescimento mais alto. A imigração fomentando tambem o crescimento da pequena propriedade e, em consequencia, a diminuição do latifundio.

Se a cultura do café na zona Norte, Central e parte da Paulista e Mogiana se beneficiou do trabalho negro, não se pode dizer o mesmo das outras zonas, dominadas pelo elemento estrangeiro, que predominava, por exemplo, na região do Rio Preto, onde se observou espantoso ritmo de crescimento.

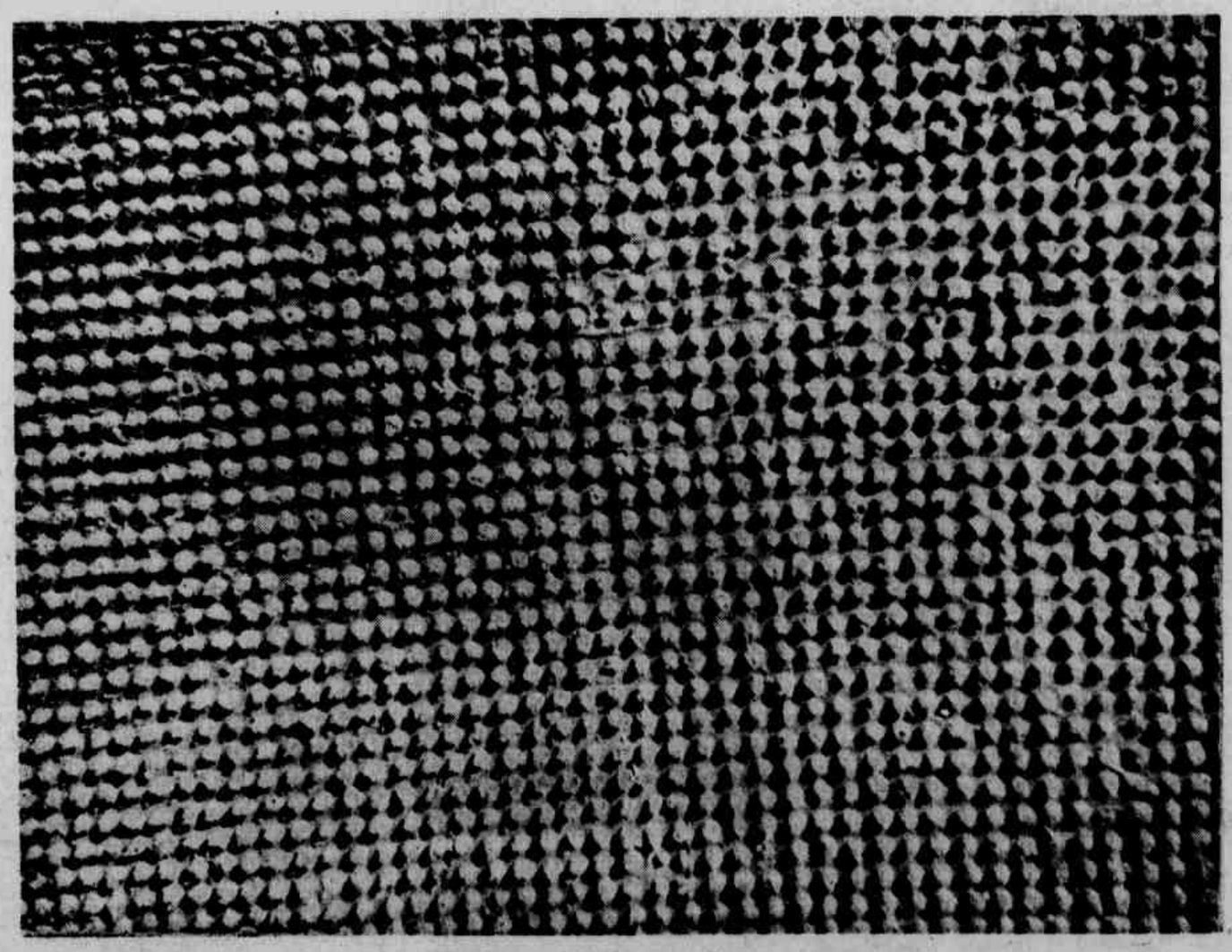
Dessas observações, em linhas gerais, que indicam tendencias e sobrevivencias, o que se conclui é a impossibilidade, em relação à cafeicultura paulista de desconhecer a influencia da imigração estrangeira, cuja distribuição, mais densa no sul e, portanto, mais proxima no norte paranaense, veio modificar o panorama social de toda a região, inclusive da zona que representava o ponto cardeal do agricultor, o horizonte para o qual ele se dirigia e vinha perder-se no territorio do Paraná.

A lavoura paranaense não deixa de ser assim uma continuação da lavoura paulista, com o acréscimo e a incorporação das migrações de gente que tem ido ao seu encontro, na maioria procedentes de outras zonas do Estado, sem falar na contribuição japonesa de Assaí, que ocupa extensa área, uma das mais férteis da cafeicultura nova.

Naturalmente que muitas diferenças já refletidas no aspecto social se tornam patentes aqui, a começar das instalações e das dependencias da propria fazenda, das residencias dos agregados, de seus hábitos e costumes, que muito poucos elementos conservaram da chamada cultura luso-brasileira, cujo acento tônico repousava na centralização da autoridade politica e social nas mãos dos patriarcas, senhores dos escravos, das terras e das leis.

Não há mais aquela forma concreta, intima, pessoal de dominio, encarnada pela onipresença do chefe. As massas trabalhadoras sofrem ação muito menos direta e dependente. Desapareceu até aquela intimidade quase doméstica entre as familias dos proprietarios e as dos agregados e escravos perfeitamente observavel na vida dos engenhos e das casas-grandes. O paternalismo se dissolveu, pois, com o carater rural de nossa civilização, que exige maior espirito de luta, de resistencia e sacrificio, para não perecer, ao contrario da tolerancia e da plasticidade portuguesas, tão amigas da apatia e da preguiça muitas vezes. Uma apatia e uma preguiça que podiam, é certo, rebentar em virtudes, permitindo a fusão das três culturas que estão na base de nossa formação.

No interior mesmo, nos recessos mais longinquos, não domina mais aquela mentalidade de expectativa em torno dos chefes. Esta já foi substituida pela consciencia do proprio valor, pela necessidade de arranjar a vida independentemente de conselhos e subordinações.



VISTA AÉREA DE UM CAFEZAL DO NORTE DO PARANA'

Hoje, ao contrario, dissemina-se cada vez mais o senso proprietista. Todo mundo quer ser senhor de seu nariz, possuir a sua casa, a sua horta, criar as suas galinhas, viver a sua vida, enfim.

A evolução sofrida pelo nosso homem do campo, nesse sentido, chega a ser notavel. Ele é, sem duvida, mais inteligente, parecendo estar compenetrado da constatação pascaliana de que não se deixar enganar e que constitui a maior grandeza do homem.

Londrina talvez simbolize esse homem rural paranaense. Não Londrina como cidade, cuja importancia não é tão grande como às vezes se deseja fazer crer. Basta verificar, pelo recenseamento de 1950, que a zona urbana do distrito onde está a sede do municipio participou apenas com 32,3% do total dos habitantes daquele. Até o distrito central do municipio permaneceu, pois, preponderantemente rural. A importancia de Londrina provêm da agricultura de suas zonas suburbana e rural, onde tudo que existe pode ser considerado fruto dessa formação nova, dentro da qual a ambição, é preciso reconhecer, foi o movel mais frequente das ações. A ambição sem tutelas, que procurava o seu bem-estar, fugindo da miseria e da opressão, convencida de estar livre para sempre da escravidão e da miseria.

Diante de semelhante perspectiva, que será licito esperar do café paranaense no campo politico e social? Uma nova casta de gente, uma outra aristocracia, igual à dos fazendeiros paulistas de onde saiu a elite social brasileira da primeira Republica?

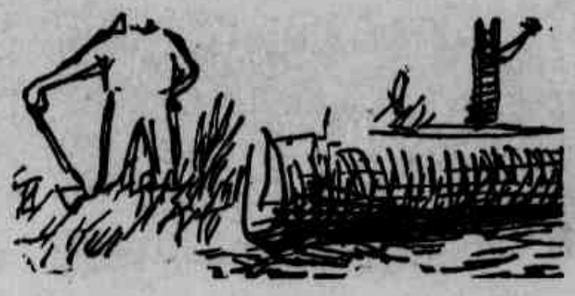
Talvez seja ainda cedo para prognosticar sobre o futuro. Mas acerca do grande papel que caberá ao Paraná no cenario nacional é que não se admitem duvidas, tanto mais que só no café paranaense — uma vez que S. Paulo tende a retroceder na sua produção — é que se depositam as melhores esperanças para a manutenção da estrutura tradicional da economia brasileira, assentada na produção intensiva de alguns artigos de exportação, entre os quais ele é absoluto no fornecimento das divisas de que tanto carecemos.

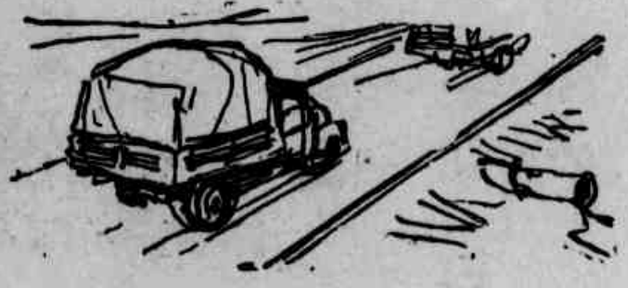
Que outra coisa nos ensina a historia senão repetir que quase todos os grandes fatos economicos, sociais e politicos do Brasil desde há perto de um século se processaram em função do café?

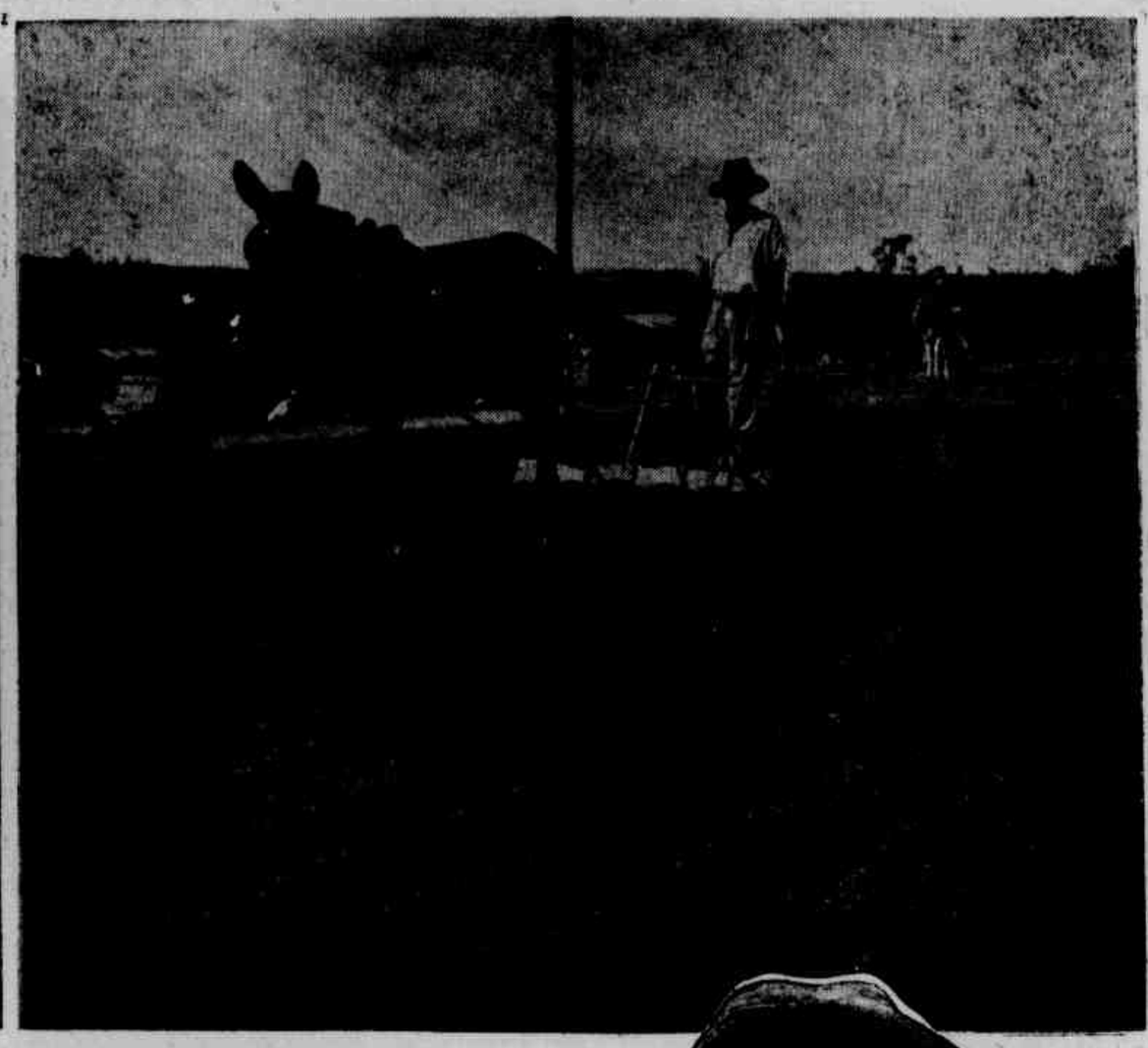
E o café, hoje, é o Paraná. *

---

* — O Departamento Estadual de Estatistica forneceu os dados seguintes, concernentes à produção cafeeira paranaense, no periodo que se estende de 1949 a 1952: Produção total em arrobas — 1949 — 10.016.988; 1950 — 13.496.802; 1951 — 13.094.917; 1952 — 16.446.294. Area cultivada: 1949 — 89.952 hectares com pés novos e 242.264 com pés frutificando; 1952 — 194.122 hectares com pés novos e 327.851 com pés frutificando. Numero de pés: 1949 — 56.207.310 pés novos; 1952 — 121.326.170 pés novos. Comparando-se os dados estatisticos e expressos acima, pode verificar-se facilmente a diferença consideravel entre produção, area cultivada e numero de pés existentes em 1949 e as condições dos mesmos em 1952, num aumento que não deixa duvidas quanto ao progresso que a cultura cafeeira vem obtendo no Paraná.







O CAFÉ ESTILO "PARANAGUÁ"

Stenghel Guimarães

A grande preocupação da economia cafeeira paranaense, no momento, se fixa na conceituação do produto perante o comercio exportador.

Vivendo o Paraná a etapa mais importante da exploração agricola da preciosa rubiácea, quando a sua produção entra na fase evolutiva que colocará, fatalmente, na liderança nacional, um periodo basico no ciclo cafeeiro pode-se considerar vencido com exito, desde que representa efetivo concurso do Estado na economia nacional. E' curial, no entanto, que a expressão quantitativa da produção não basta para enfrentar as exigencias da concorrencia, tanto mais no ambito de uma politica nacional que visa a defesa do produto de exportação, tendente a manter-lhe o preço e isso em razão da sua posição principal elemento da balança comercial.

Como não poderia deixar de ser, o problema criado para o café paranaense, na atual conjuntura, diante da equiparação de preços, nos portos de exportação' é o de sua valorização qualitativa. Apresentando no mercado externo em igualdade de de preço a outros produtos de maior tradição fica sujeito a um cotejo que lhe é desfavoravel perante o importador.

E' o que se verifica exatamente na concorrencia com o café paulista, cujo prestigio secular nas praças estrangeiras é robustecido hoje por outras condições que o café paranaense ainda não pôde obter.

Não se trata apenas da qualidade essencial do produto, consequencia natural da maior experiencia dos lavouristas bandeirantes aplicada à melhoria da produção, como também da propria apresentação, do mais aperfeiçoado beneficiamento.

Quando, portanto, o comercio bandeirante alcança melhores preços e maiores facilidades de colocação para o seu café "estilo Santos", as atenções das classes cafeeiras do Paraná se voltam agudamente para a valorização do "estilo Paranaguá".

E' óbvio que essa valorização não se pode processar em função de simples recurso comercial. O necessario é o trabalho racional e planificado, no sentido de prestigiar o nosso café junto ao importador, mercê da aplicação à lavoura dos metodos cientificos mais adiantados, para a melhoria da qualidade do produto, que a experiencia paulista nos oferece como subsidio respeitavel; pelo cuidado na apresentação, eliminada, principalmente, a porcentagem de defeitos ainda tão sensivel no café exportado por Paranaguá; pela propaganda mais habil junto aos compradores externos, até aqui influenciados, como é natural, pelo conceito do produto paulista.

Roque Vernalha, prefeito de Paranaguá

A propria historia do comercio cafeeiro no Paraná está indicando a possibilidade do exito de um trabalho conscencioso nesse sentido. A eliminação gradativa do deságio do café paranaense em relação ao paulista, representa a marcha normal do processo, que deve ser incentivada com elementos habeis.

A mentalidade adiantada dos responsaveis pela economia cafeeira de nossa terra já chegou entretanto à compreensão desse imperativo. E' a impressão que colhemos no contacto com os seus representantes mais destacados, atentos para uma campanha que se vai deesnvolvendo com exito no sentido de conferir ao "estilo Paranaguá", no comercio cafeeiro mundial, uma posição que ele pode, efetivamente, alcançar.

Para ela estão voltadas as vistas do Paraná que, dependendo da evolução da economia cafeeira para o embasamento da sua riqueza reprodutiva, necessita completar com segurança o ciclo da sua completa independencia economica.

MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS RURAIS NO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ

Há mais ou menos 12 anos, lavradores mais adiantados começaram a arregimentação da classe, organizando associações em diversos municipios.

Dentre os primeiros, poderemos destacar as associações de Londrina, Cornelio Procopio, Cambará, Jacarezinho e Santo Antonio da Platina. Para reunir as associações foi, mais tarde, fundada a União das Entidades Rurais do Norte do Paraná, tendo como seu presidente o sr. Nicolau Lunardelli. Em 1950 os "leaders" rurais do vizinho Estado chegaram à conclusão de que seria mais eficiente uma associação que arregimentasse individualmente os cafeicultores e tivesse sua sede na Capital do Estado, uma vez que a sede da União era em Londrina, e tratasse, especificamente, dos assuntos ligados à cafeicultura. Assim, a 29 de novembro desse ano, em São Paulo, no consultorio do dr. Homero Cordeiro, reuniram-se os srs. Francisco de Paula Leite Sobrinho, Homero Cordeiro, Garibaldi Reale, Lauro Cordeiro, Newton Carneiro, Nicolau Lunardelli e Mercio Prudente Corrêa. Nessa reunião foi eleita uma diretoria provisoria assim constituida: Presidente, Newton Carneiro; secretario: Mercio Prudente Corrêa. tesoureiro: Francisco de Paula Leite Sobrinho; vogal: Garibaldi Reale. Foi na mesma ocasião marcada a reunião para fundação da nascente Associação Paranaense de Cafeicultores e lavrada uma ata. A cidade designada foi a de Londrina e o dia 18 de dezembro, ocasião no qual os lavradores do Paraná ofereceriam um grande almoço ao governador eleito do Estado, dr. Bento Munhoz da Rocha Netto.

O presidente, sr. Braulio Barbosa Ferraz e diretores da Associação Paranaense de Cafeicultores

Já em Curitiba, a 28 de fevereiro de 1951, foram aprovados os estatutos e eleita sua primeira diretoria: Presidente: Braulio Barbosa Ferraz; 1.o vice-presidente: Garibaldi Reale; 2.o vice-presidente: Evilazio Bley; 3.o vice-presidente : Homero Cordeiro; secretario geral: Deputado Nicolau B. Ribas; 1.o tesoureiro: Deputado João Ribeiro Jr.; 2.o tesoureiro; Jayme Carrete Junior.

Foram eleitos para comporem a Junta Administrativa do J. A. C. os seguintes membros, todos da Apac: sr. Hugo Cabral; deputado João Ribeiro Junior e deputado Nilson Batista Ribas.

E' presidente da referida Junta o cel. Francisco de Paula Soares Netto, eleito Consultor Técnico da Apac. A Associação Paranaense de Cafeicultores tem defendido, desde a sua fundação, as reivindicações da classe, ao mesmo tempo que pugna pela formação de uma mentalidade agricola moderna.

Um dos pioneiros do Norte-Paraná

ANTONIO BARBOZA FERRAZ JUNIOR

NASCEU na cidade paulista de Rio Claro, em 10 de junho de 1863, sendo filho de Antonio Barbosa Ferraz e Ambrosina de Arruda Campos. Quando atingiu a idade escolar, foi para Campinas, como interno no colégio Culto às Ciências, onde permaneceu alguns anos. Se bem que muito aplicado e muito querido pelos lentes, teve de deixa-los para administrar e tomar conta da Fazenda Pitanga, pertencente a seu pai, cuja administração não ia bem. Desde moço, muito energico e organizador, imprimiu disciplina e ordem em todos os setores da fazenda, que, de deficitária, passou a ser lucrativa no fim do primeiro ano de sua administração. Com 19 anos de idade casou-se, em 1882, com Ana da Silveira Corrêa. Casado, ainda permaneceu administrando, para o pai, até 1887, quando, entusiasmado pelo que ouvia falar da então zona nova de Ribeirão Preto, resolveu ir conhecê-la. Lá chegando, não resistiu ao entusiasmo por terras tão promissoras e voltou deixando entabolada a compra de uma lavoura nova de café, comprometendo-se a entrar com 50 contos de réis, metade do valor da compra. Voltou a Piracicaba, onde residiam seus pais e os de sua mulher e tratou de levantar os recursos de que necessitava.

Muito trabalhador, foi, pouco a pouco, reunindo suas economias e, anos mais tarde, adquiriu uma segunda propriedade, para, em fins de 1906, já possuir uma terceira, totalizando 1.050.000 pés de café. Muito amigo de caçadas, anualmente penetrava nos sertões paulistas, onde ficava semanas caçando, geralmente caçadas de rio. Numa delas, no rio Paranapanema, teve ocasião de constatar a fertilidade das terras paranaenses, e tão entusiasmado ficou que acabou fazendo sua primeira compra de terras, que adquiriu do dr. Costa Junior, em começo de 1910. Nesse mesmo ano tratou de abrir um picadão, de Ourinhos, que era a ponta dos trilhos da Sorocabana, rumando para as novas terras, tendo como obstáculo a travessia do Paranapanema. Assentou uma balsa, e, meses depois, um carro de boi levava a primeira viagem de mudança para a fazenda Agua do Bugre, que assim a denominou. Nesse mesmo ano plantou 105 mil pés de café, levando várias familias de colônos italianos de Ribeirão Preto, como formadores da primeira lavoura. Quando esse cafezal completou 6 anos, colheu 42 mil arrobas, o que o deixou deslumbrado. Em 1917 vendeu todos os cafezais que possuia na zona de Ribeirão Preto, a três mil réis o pé, sendo taxado, pelos colegas, de louco, mas enquanto ele colhia nas suas fazendas de Ribeirão Preto uma média de 115 arrobas por mil pés, no Paraná colhera, em 1917, 42 mil arrobas, portanto, mais de 400 por mil pés. Passou a dedicar toda sua atividade no Paraná, onde fez novas compras de terras, totalizando a área de 2.458 alqueires, e montando uma fazenda planejada, onde tudo era moderno. Em 1918, sofreu a grande geada que tudo destruiu. Não desanimou. Plantou toda a área cultivada com algodão, para assim diminuir o prejuizo, ao mesmo tempo que plantava mais café. Em 1920, já passava a lavoura queimada a produzir boa safra, e em 1921 a lavoura estava completamente refeita. Quem não o soubesse, não acreditava que tivesse sofrido a geada. Em 1924 adquiriu uma área de 37 mil alqueires, junto à atual cidade de Cornelio Procopio, que loteou e onde existem atualmente milhões de cafeeiros. Em 1929 adquiriu a então Cia. Agricola Barbosa — uma área de de 81 mil alqueires, na fazenda Uba, municipio de Pitanga, que está sendo loteada para novas plantações.

Deixou sete filhos, dos onze que teve, morrendo aos 82 anos; e por determinação testamentaria, seu corpo repousa em terras paranaenses, ao lado do de sua mulher, no cemitério do Cambará.

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DO CAFÉ NO PARANÁ

CASCAVEL, O MUNICIPIO PIONEIRO DO OESTE PARANAENSE NO PLANTIO DA RUBIÁCEA

Quem percorre hoje em dia a ampla estrada estrategica em demanda do Oeste partindo de Curitiba ou Ponta Grossa, nunca poderá imaginar o que era aquela extensa e fertil região. Nos-

Extensa derrubada na fazenda do sr. Horacio Gonzalez, em terra roxa legitima, com 60 mil pés já plantados.

sos pais, para admirarem as decantadas cataratas do Iguaçú, eram obrigados a suportar a cavalo uma estafante e penosa jornada através da selva que abrigava toda a perigosa fauna selvagem em seu próprio "habitat". Era os dominios dos ervateiros e dos primeiros serradores de pinho, infestados de perigosos bandoleiros o fugitivos da sociedade, tanto do lado brasileiro como do Paraguai e Argentina. A vida então não valia um centavo, trabalhando o homem, muitas vezes, sob regime escravo ou a troco de mantimentos para sua subsistencia.

Resumindo, para povoar aquelas terras então sem nenhum valor, o homem (visionario, missionario ou criminoso) sofria toda a gama de adversidades, havendo como que uma seleção natural, onde apenas o mais forte sobrevivia.

Esta selva fabulosa a que nos referimos, está hoje cortada — de estradas, pontilhada de fazendas, serrarias e principalmente, de novas e florescentes cidades que seguirão de perto as pégadas das Londrinas e das Maringás.

A cidade de Cascavel, entre todas, pode-se orgulhar de ser o centro de uma grande área racionalmente colonizada, para onde convergem elementos de todos os Estados da União, ali encontrando, querendo realmente produzir, meios e assistencia necessaria. E' cortada pela estrada estrategica, estando situada entre Guarapuava e Fóz do Iguaçú.

AVIÕES DIARIOS

Em menos de um ano, a "Real" e "Cruzeiro do Sul" iniciaram suas atividades, contando hoje com 2 aviões diários e um grande movimento de passageiros e carga, com tendencia a aumentar progressivamente.

Aquele agrupamento de homens sadios, tisnados pela terra-roxa, vestindo roupas grosseiras e calçando suas botas avermelhadas pela poeira, faz parte do movimento habitual do aeroporto de terra batida, muito próximo do centro urbano.

O municipio de Cascavel, abrangendo uma grande área tem caracteristicas ecológicas interessantes, pois nela passa uma linha perfeitamente notavel que separa as terras de pinheiro, ervamate, etc., próprias para os cereais, das maravilhosas florestas onde o palmito predomina, constituindo o solo ideal para a cultura do café. Esta brusca transição é vista pelo observador que percorre as belas estradas construidas pela "FUNDAÇÃO PARANAENSE DE COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO", a responsavel pelo vertiginoso progresso verificado na região.

Os colonos chegados do Sul do país têm suas preferencias orientadas para as terras de pinheiros, que muito se assemelham às de sua região de origem. Habituados ao cultivo de cereais e leguminosas procuram transformar com suas tradicionais atividades agricolas, o novo, e fertil solo, numa segunda e melhorada edição, dos campos já cansados de suas velhas colonias. Os lavradores provenientes de outros Estados, de tradições cafeeiras consolidadas, procuram com avidez os terrenos de palmito, semelhantes ao do Norte do Paraná.

SERVIÇOS AO PARANA'

A "FUNDAÇAO PARANAENSE DE COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO" está realmente prestando inestimaveis serviços ao Paraná, pelo seu trabalho honesto de perfeita colonização, legalizando a situação dos posseiros antigos e fazendo a venda de lotes de terra roxa legitima, encaroçada, por preços acessiveis.

A vestimenta desses terrenos atesta amplamente a sua qualidade. Palmito, jaborandi rajado, paineira, urtiga gigante, jaracatiá e outras de grande desenvolvimento demonstram ser esta, uma zona livre de geadas, ao passo que outras essencias de alto porte, tais como a peroba, cedro, figueiras, canjarana, cana fistula, monjoleiro, canela, pau marfim etc., são o espelho da uberdade da região, o ambiente do cafeiro por excelencia.

Vamos encontrar aí o "jeep" como o veiculo sem competidor, mercê de suas qualidades excepcionais, conduzindo o desbravador em sua penosa faina de penetração.

Cerca de um milhão de cafeeiros foram plantados nestes dois últimos anos na região, notando-se a preferencia absoluta pela variedade Caturra, de menor porte, mas de grande precocidade e produção.

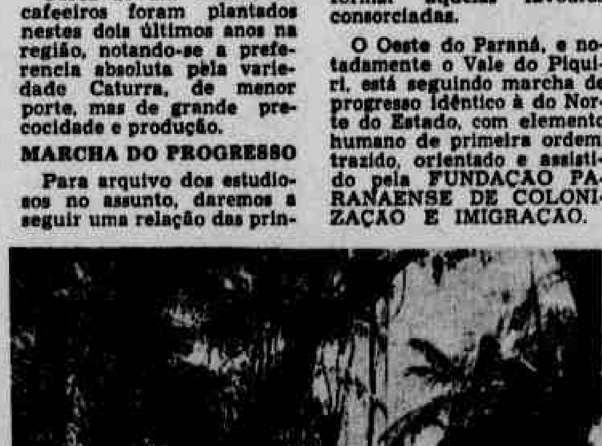
MARCHA DO PROGRESSO

Para arquivo dos estudiosos no assunto, daremos a seguir uma relação das principais fazendas e dos fazendeiros aos quais poderemos chamar de verdadeiros pioneiros da cafeicultura no Oeste Paranaense.

Fazenda Sto. Eduardo, do sr. João J. Bracony, contando já com 100 mil pés plantados; Fazenda Piquiri, do sr. Jacy Leme de Souza e Silva, com identica quantidade; Estancia Otero, de propriedade do sr. Augusto Leivas Otero, com 200 mil pés; Fazenda Palmital, do sr. Armando Martins Pereira com 150 mil pés; Fazenda Caparaó, do sr. Sandoval Portugal, 50 mil; Fazenda do sr. Horacio Gonzalez, 60 mil pés; Fazenda Gaúcha, do sr. Fortunato Gregorio com 50 mil; fazenda Sta. Rita, do sr. Alvaro Lemos, com 23 mil e outras que paralelamente, criam as bases para futura independencia economica de seus proprietarios muitas vezes a custa de grandes sacrificios.

Entremeados no milhão de pés de oliveiras que a "Agrinco" irá plantar, encontraremos em futuro próximo, vários milhões de cafeeiros Caturra, formando pequenos sitios de facil aquisição. Os trabalhos nesse sentido foram já iniciados, estando desmatados algumas centenas de alqueires para formar aquelas lavouras consorciadas.

O Oeste do Paraná, e notadamente o Vale do Piquiri, está seguindo marcha de progresso idêntico à do Norte do Estado, com elemento humano de primeira ordem, trazido, orientado e assistido pela FUNDAÇAO PARANAENSE DE COLONIZAÇAO E IMIGRAÇAO.



Aspecto de uma clareira na mata, notando-se o exuberante palmital, caracteristica das nossas melhores terras.

A expressão atual do Centro do Comércio de Café de Paranaguá

Quando de sua visita a Paranaguá, recentemente, demorou-se o governador do Estado em visita à nova e moderna sede do Centro do Comércio de Café de Paranaguá, considerado orgão consultivo do govêrno do Estado do Paraná, pela Lei n. 722, de 6 de novembro de 1951. Fundado em 20 de maio de 1933, o Centro, hoje instalado em magnifica sede própria, de modernas linhas arquitetônicas, exerce papel de relevante importância no trato dos assuntos relacionados com a economia cafeeira, fornecendo subsidios para os estudos sôbre a cultura, defesa, produção e comércio do café, viga mestra da economia nacional. Sua atual diretoria é presidida pelo dr. João Ferraz de Campos, que foi reeleito para o cargo, dado o seu descortinio administrativo e grandes relações nos meios cafeeiros, não só do país como do exterior, valendo-lhe a posição de autêntico "leader" dos comerciantes de café.

Visita do Governador Munhoz da Rocha à Sede, ladeado pelos srs. João Ferraz de Campos e Walfrido Moraes — respectivamente presidente e vice-presidente do Centro.

E' a seguinte a composição da atual diretoria do Centro do Comércio de Café de Paranaguá: presidente: dr. João Ferraz de Campos; vice-presidente: Wilfrido Morais; 1.o secretário: Regis Constantino; 2.o secretário: Alvaro Barros; 1.o tesoureiro: João Eugênio Cominese e 2.o tesoureiro: João de Sousa Aranha. Conselho Fiscal: José dos Santos Nogueira, Toschio Tsukumo e dr. Nelson Buffara.

IMPRESSOES DO GOVERNADOR DO PARANA'

Na oportunidade de sua visita, consignou s. excia. o dr. Bento Munhoz da Rocha Netto, as seguintes impressões sôbre o Centro:

"Revendo a sede do Centro do Comércio de Café, sede própria digna do progresso de Paranaguá e do Paraná, sinto como governador do Estado, que estamos, de fato, em caminho da liderança cafeeira do Brasil, e que a gente do Paraná está preparada para assumir, em futuro muito próximo, essa liderança".

Certa, reveladora da percuciente visão do estadista de escol, em que os mais aprimorados atributos exornam a formação do político e administrador — a impressão que externou o governador Bento Munhoz da Rocha Netto, ante o Centro do Comércio de Café de Paranaguá, na sua visita em maio do corrente ano. Certa, confiante e animadora dos altos destinos do Paraná.

EVOLUÇAO HISTORICA DO CAFE' E O PARANA'

Entre os inúmeros beneficios que o denodado colonizador português trouxe para a formação do Brasil, no plano material de exploração de suas riquezas geofisicas — encontra-se a transplantação, aclimatação e fixação da preciosa rubiácea em nosso solo, que êle, o primeiro e o mais experimentado europeu em contacto com os ambientes tropicais, de todos os continentes, trouxe para o Novo Mundo, com a predestinação de criar o ciclo colonizador com que êsse produto se expandiu, enriquecendo e nele se baseando como seu principal produto de exportação.

A sua expansão agricola subiu pelo vale do rio Paraiba, atingiu Minas Gerais, espalhou-se, principalmente pelos Estados do Rio e Espirito Santo, para ter maior significação economica em São Paulo, fazendo do Porto de Santos, um dos maiores da América e o mais importante do Brasil. Planta eminentemente calcifuga, o café, depois de cinco décadas, vai diminuindo sua produção, gradativamente, até exaurir a mais fértil das terras de todas as suas riquezas humosas e minerais, depois do que fenece e exige uma completa restauração do solo, como acontece nas zonas velhas, de Minas e São Paulo. Daí a sua procura de outros "habitats".

Paulistas e mineiros, que são, no Brasil, os mestres nessa cultura, tiveram, há cerca de meio século, noticia das terras roxas da margem esquerda do Paranapanema, e, guiados por uma mulher, Maria Ferreira, iniciaram as primeiras culturas cafeeiras, na zona velha do nosso Estado, em Ribeirão Claro, Jacarezinho, Ourinhos, Tomazina etc.

Por esse tempo, já se havia criado a Colonia Militar de Jataí, à margem do Tibagi, de que foi um de seus animadores o saudoso paranaense e ilustre indianólogo Telêmaco Borba, entre as atuais Ibiporã e Uraí, próximas a Londrina, a trepidante capital da zona nova do café.

Os estadistas paranaenses Afonso Camargo e Caetano Munhoz da Rocha, diante das imensas reservas de terras ubérrimas, com altitude e latitude próprias ao cultivo cafeeiro, dirigiram então suas vistas para aquela privilegiada região, vinculando-a a Curitiba e Paranaguá, pelo ramal do Paranapanema, e a Santos, pela Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, concedendo o segundo, ao valoroso selvicultor Lord Lovat, 500 mil alqueires de terras devolutas de matas virgens, onde hoje florescem e frutificam os esplendidos cafezais que garantem ao Paraná, como bem se expressou o Governador Bento Munhoz da Rocha Netto, "em futuro muito próximo, a liderança cafeeira do Brasil".

O PAPEL DO CENTRO

Promana daí, da expansão cafeeira do Estado, do seu vulto cada vez mais expresreconhecida pelo Govêrno do Paraná como seu orgão consultivo, dados os seus serviços especializados de pesquizas para subsidios aos estudos que se faz em torno do café.

Além de seu aspecto propriamente agronômico, há o comercial, que representa o fecho, o acabamento de todo o ciclo de trabalho que vai da cultura em si, do café, no transporte e venda para os centros consumidores. De entremeio, há fases importantissimas, como a relacionada aos financiamentos, às medidas de incremento à produção, às de defesa, quer da lavoura como do comercio, que exigem cuidados especiais. O Centro desempenha, destarte, importantes funções de estudo e discussão de todos os problemas ligados à economia cafeeira, sugerindo aos orgãos governamentais as medidas que concluir mais aceitaveis para os casos concretos que lhe são dados a examinar.

UMA VISAO DO FUTURO

Atualmente, com o movimento que conta o Porto de Paranaguá, é sério concorrente do de Santos e ganha, já, fama e importancia no exterior. O vulto das transações de café realizadas nasivo, a significação e importancia da instituição que foi praça de Paranaguá cresce paulatinamente e para ali converge grande parte da produção cafeeira paranaense, escoando-se porção consideravel pelo porto de Santos.

Uma vez construida, porém, a Estrada de Ferro Central do Paraná, ligando a zona nova de produção, mais facilmente, com menores distancia e melhores traçados, a Ponta Grossa, Curitiba e Paranaguá, este Porto, que já tem assegurada sua posição de relevo no computo da enocomia nacional, será o primeiro e o de maior significação economica do país, porque até então a cultura cafeeira, no Paraná, terá atingido seu estagio de pleno desenvolvimento. E o Centro de Comércio de Café de Paranaguá, graças à visão administrativa de seus dirigentes, estará aparelhado para acompanhar de perto a evolução natural da economia cafeeira paranaense. Dotado de excelente séde propria — modernamente projetada e construida, esplendidamente mobiliada — o Centro está perfeitamente à altura da privilegiada situação que desfruta o Estado do Paraná, no tocante ao café, com grande e rendosa zona de produção, meios de transporte, porto, armazens e estabelecimentos comerciais para o escoamento de sua principal riqueza.

VINTE ANOS DE ATIVIDADE

Fundado em 1933, conta para mais de vinte anos de atividade o Centro de Comércio de Café de Paranaguá, e, por uma sucessão harmonica de diretorias bem orientadas, atingiu à situação proemiente de orgão estreitamente ligado ao ciclo economico do café, desde a produção até a sua entrega para o consumo, numa série de operações que formam um todo complexo e que é o comercio do café, o fator básico de sua valorização e que fortemente contribui para o crescente progresso de sua cultura.

Como orgão consultivo do governo do Paraná, reveste-se de autoridade especializada e acatada em assuntos da cafeicultura. Cumpre-lhe atividade permanente no setor de defesa economica do produto e por isso reclama pessoas capazes na sua direção, como tem sido e continua com a equipe chefiada pelo dr. João Ferraz de Campos.

Moderno edificio onde o Centro do Comércio do Café, tem a sua séde propria. As modernas linhas arquitetônicas dizem bem do sentido progressista e dinamico que a direção desta Entidade imprime em todas as suas iniciativas.

TERRA MAIS FERTIL QUE O BRASIL POSSUE

O procurado "El Dorado" estava no Norte do Paraná, onde o menor esforço é amplamente compensado — Uma companhia fundada em Londres faz a fortuna de milhares de individuos

TODAS as maravilhas que aconteceram no Brasil, neste século se devem ao café. Assim aconteceu com Marilia e esse fenomeno espantoso de crescimento demográfico e uberdade conhecido sob a denominação ampla e generica de "Norte do Paraná". Desta vasta área, Londrina é a mais perfeita expressão. E' um superlativo cuja génesis foi um grão de café. Desde que ali chegou a baga sagrada, o resto foi uma consequencia, porque ali existia um conjunto de fatores irremoviveis e favoraveis a rápido progresso. Como parte integrante que fôra do territorio paulista, a separação politico-administrativa não podia quebrar a unidade geo-econômica, representada pela possibilidade da cultura do café, e o uso comum das mesmas rotas que conduziam à metropole absorvente que é São Paulo.

NUMEROS EXPRESSIVOS

O que o café representou para a rápida evolução do norte do Paraná encontra-se expresso em cifras. No começo do século a produção anual não chegava a cinco mil sacas. Em 1904, foi exatamente de 4.597 sacas de 60 quilos. A produção subiu até 1909, quando chegou a 9 mil sacas, desceu em seguida, atravessou alternativas, até que conheceu a trágica geada de 1918 em que a safra ficou reduzida, de novo a cinco mil sacas. Mas daí em diante foi subindo e pouco foi afetada mesmo pela grande crise. A partir de 1940, reafirmou-se a fé, cresceu a área plantada e o que representa esse surto encontra-se no quadro abaixo.

ANOS	S. PAULO sacas	PARANA' sacas
1949/50	7.390.700	2.317.900
1950/51	8.121.300	4.030.800
1951/52	6.261.300	2.842.400
1952/53	7.056.650	4.947.120

O norte do Paraná superou, assim, em quantidade e sobretudo em qualidade a produção de velhos Estados cafeeiros, como Minas, Espirito Santo e Bahia.

Houve uma circunstancia decisiva: a fertilidade do solo. Enquanto nas antigas zonas cafeeiras declinava a produção por mil pés de café, no Paraná as colheitas apresentavam indices elevadissimos que causavam espanto. Daí a fama que começou a alastrar do seu solo uberrimo, deslocando verdadeiras multidões de todos os recantos do país e, notadamente, de São Paulo. A gente bandeirante apresentava a vantagem de levar consigo a experiencia e capital.

A PEQUENA PROPRIEDADE

Em meio desse progresso espantoso, conseguido em tão pouco tempo, destaca-se o esforço da Companhia Terras do Norte do Paraná pelos métodos que introduziu. Seu plano de expansão, de culturas e povoamento do solo baseava-se na pequena propriedade. Tudo fôra calculado de maneira que cada recem-chegado pudesse ser dono de seu proprio chão. E foi assim que, a partir de 1925, grandes extensões de chão paranaense passaram a ser cultivadas pelos proprios donos. Haviam-nas adquirido em favoraveis condições. Daí o elevado numero de pessoas que tinha ido de Minas e São Paulo para se instalar nas imediações da nova Meca da fortuna e que se chamava Londrina. O fundador da Companhia era um aristocrata inglês de visão. E dera essa denominação à cidade de que surgia em homenagem à terra natal, que se estende às margens do Tamisa.

As primeiras áreas plantadas antes com café tinham sido na zona de Jacarezinho. Gente ida de Minas ali se localizou e prosperou. Depois foi a vez de Cambará, com grandes fazendas, de gente paulista, e plantada segundo os progressos tradicionais, de filas continuas e milhares de colonos ativos sob a direção de um administrador.

A Companhia de Terras Norte do Paraná, depois conhecida como Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, é que introduziu a modalidade da terra cultivada pelos proprios donos. E a consequencia do ponto de vista demográfico foi de tal ordem que as estatisticas acusaram aumentos de população de 73 por cento em dez anos.

A AREA PLANTADA

A floresta e o deserto iam sucessivamente cedendo lugar aos cafezais. Multiplicavam-se os nucleos povoados. 600 mil almas a mais entre 1940 e 1950 foram acusadas pelos recenseamentos, na zona cafeeira.

Em 1944 a área plantada era calculada em 106.728 hectares. Em 1949 já subira para 241.838 hectares. Em 1952 excedia 350.000 hectares.

LONDRINA

Londrina, que há pouco mais de um decenio, era um aglomerado de pioneiros, com as caracteristicas de grande centro em evolução, onde nada está terminado e é preciso reformar quando se terminou, tornou-se hoje uma florescentissima cidade. O surto cafeeiro transformou-a. Predios de muitos andares ergueram-se altivamente no centro. Bairros residenciais magnificos desafiam a ostentação dos similares em outros grandes centros do país. Passou a expandir-se verticalmente, porque tambem ali o solo passou a valer imenso. Arquitetos de renome prestaram-lhe sua cooperação. O café pagava a tecnica e a fama. Uma magnifica estação rodoviaria permitiu conforto aos passageiros de onibus, que ainda em S. Paulo e Rio são obrigados a esperar condução em lojas sombrias adaptadas para salas de espera.

O asfalto cobriu as antigas arterias de terra batida. E numa homenagem ao café, que dá prosperidade à região, um grande cinema foi construido. "Ouro Verde", foi a denominação. E' dos mais belos e maiores do sul do Brasil.

E' propriedade de uma Companhia formada exclusivamente de plantadores de café.

UMA ESTRADA DE FERRO

Toda a zona cafeeira vinha tendo escoamento em grande parte pela Sorocabana, utilizando o traçado precario da vela linha existente. Daí ter sido projetada uma nova linha, a Estrada de Ferro Central do Paraná, e que se destina a servir o chamado Norte Novo, indo terminar nas barrancas do rio Paraná. Inicialmente visa atingir Apucarana, que dista 930 quilometros de Paranaguá. Terá rampas maxima de 1 por cento e raio maximo de curva de 305 metros. Condições tecnicas excelentes. Vantagem apontada: redução de 268 quilometros em relação a Santos e facilidade de escoamento rapido. Maior movimento para o porto paranaense e maior importancia economica para Curitiba. Outra razão: solução do problema do transporte entre Ponta Grossa e Apucarana, que atualmente é dos mais precarios.

As condições tecnicas da nova linha permitirão vinte trens por dia com capacidade de carga, para mil toneladas cada composição.

O encurtamento de 268 quilometros em relação ao porto de embarque é que vem sendo considerado a vantagem predominante pela redução do custo do transporte.

A CIA. MELHORAMENTOS

Essa estrada de ferro que se destina a transportar com presteza o café produzido, cortará a nova zona cafeeira. E todo esse esplendor presente resulta em grande parte da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, fundada em 1925, por Lord Lovat. Foi em Londres a sua geneses. Aquele nobre britanico estivera em visita à região. Ficara impressionado com a fertilidade do solo. Conhecia o ciclo do café, a necessidade de sua emigração. Depois de exaurir uma região reclamava novas terras ferteis.

Previu que ali estava a terra mais aconselhavel e mais proxima. 515 mil alqueires paulistas ali esperavam ser repartidos.

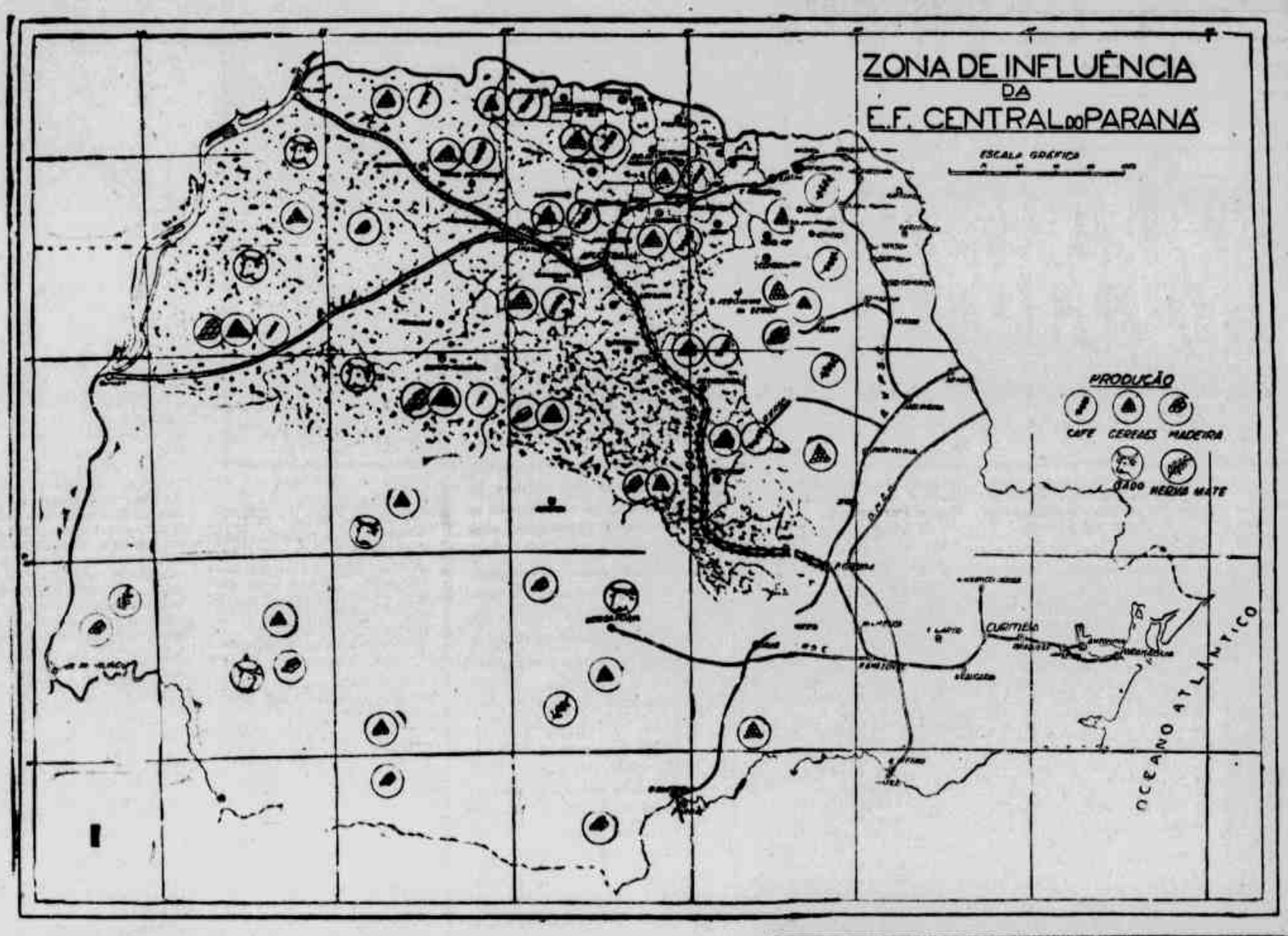
Surgiu então o projeto que obteve tanto sucesso: pequenas propriedades para todos os que trabalhassem e estradas de acesso às pequenas fazendas. De quinze em quinze quilometros pequenos nucleos para ajudar os pioneiros. Venda a longo prazo. E após uma intensa propaganda em que foram salientadas a excelente qualidade das terras e da fertilidade, deslocaram-se multidões de pioneiros. E realmente os novos povoadores não ficaram desepcionados. Ali estava a nova "Terra da Promissão", o "El Dorado" dos que trabalhavam.

O café dava espantosamente. A economia paranaense deixou de girar em torno da erva mate. Passou a rodopiar em volta do café. E atualmente esse esforço inicial da companhia é considerado como viga mestra da rapida evolução. Projetara ou acelerara a construção de ferrovias e estradas de rodagem; pelo seu esquema de assistencia deu segurança aos colonos; semeou dinamicas cidades.

Ao passar para mãos brasileiras, em 1944, todos os interesses que ainda lhes restavam, os britanicos haviam realizado um magnifico trabalho de expansão e enriquecimento coletivo, como poucas vezes se tem visto no mundo.

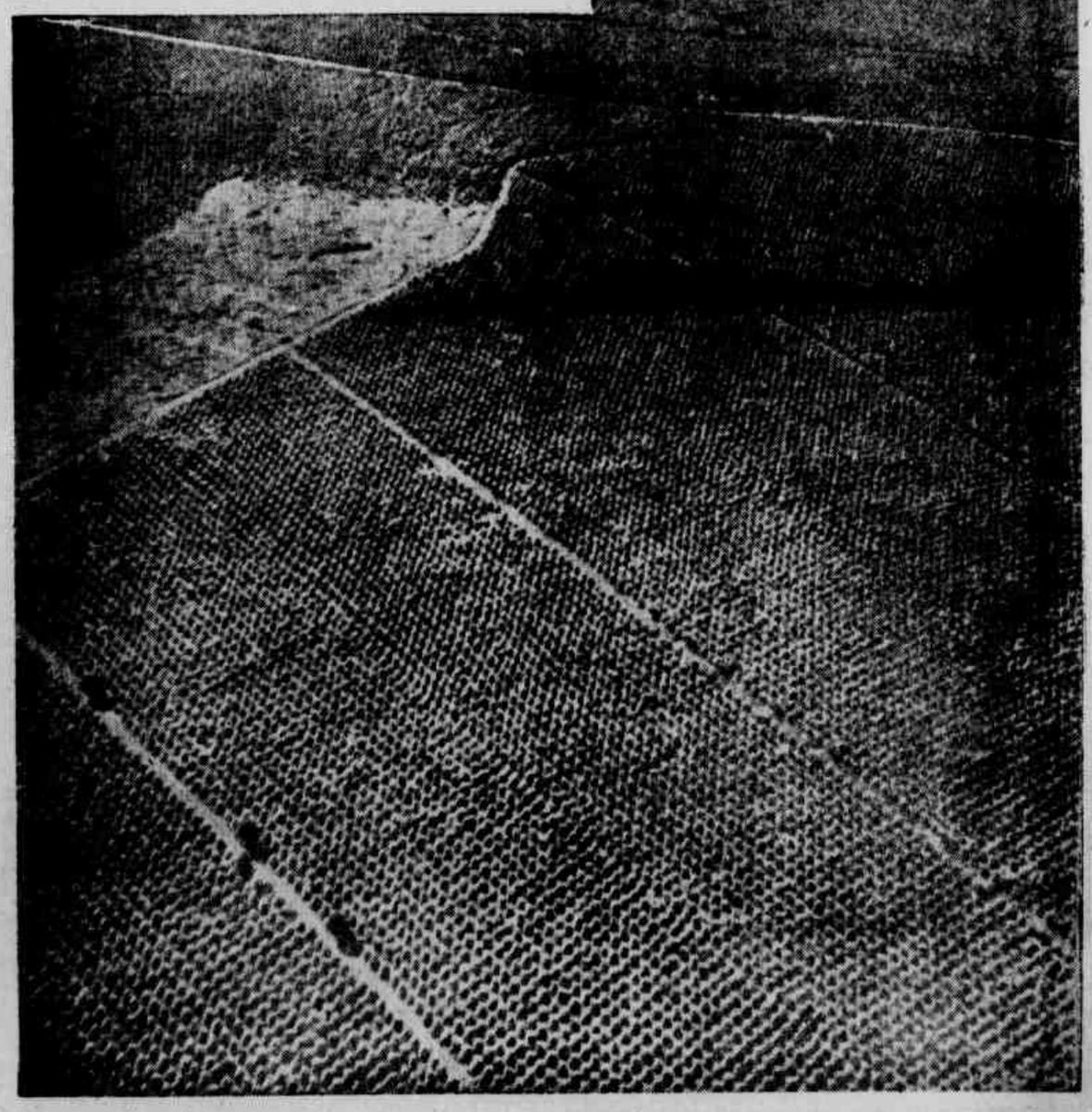
Junto do Atlantico, Paranaguá podia apetrechar seus cais de embarque, na certeza de que não lhe faltaria carga para os navios que ali entrassem. E assim o seu movimento iria aumentando e de 63 mil toneladas, em 1935, chegaria a 253 mil toneladas de carga exportada em 1952. E dessas, 182 toneladas de café, equivalentes a 3.147.919 de sacas.

Londrina tem atualmente aspectos de uma cidade moderna em franca prosperidade



A zona central do Paraná onde está sendo construida uma ferrovia dentro de normas tecnicas modernas.

Paisagem rural do Paraná — Como em São Paulo, um oceano verde.



HAVERÁ NOVA SUPERPRODUÇÃO CAFEEIRA ?

JOSE' TESTA
(Chefe da Estatistica e Publicidade da Superintendencia dos Serviços do Café)

(Mulhall, "Dictionnay of Statistics")

Há alguns anos atrás, essa questão era puramente especulativa. Realmente, depois da superprodução de 1927 a 1936, de que nos desfizemos mediante a queima de 78 milhões de sacas de café e a destruição de quinhentos milhões de cafeeiros, chegou-se a ter a impressão de que fôra conjurado o problema. E alguns anos depois, quando o mundo, já refeito das destruições da guerra, começava a exigir quantidades crescentes do produto, chegou-se até à superprodução. Só se conseguiu, então, assegurar um adequado suprimento, à custa dos nossos stocks, que se encontravam em poder do Departamento Nacional do Café, e que foram novamente "queimados", agora numa outra fogueira: a de uma procura que excedia a oferta em cerca de dois milhões de sacas anuais.

Nós mesmos, ao comentarmos certa vez o assunto, chegamos a afirmar que somente dentro de alguns anos se poderia novamente pensar em superprodução.

Esses "alguns anos", todavia, são passados. E, além disso, fatores novos intervieram, modificando até certo ponto os dados do problema. E' evidente que não temos ainda superprodução. A posição estatística continua boa. Mas, até quando? Que fatores novos podem interferir para modificá-la? E a que se deveu fosse mantida, senão às últimas secas e às geadas do ano passado?

*

Antes de prosseguirmos, seria interessante examinar até onde vai a esfera da superprodução e onde começa a do subconsumo. São dois interessantes aspectos da economia politica e que se interpretam, por assim dizer. Em muitos casos não se chega propriamente a saber qual dos dois se exerce efetivamente, ou qual deles se apresenta com mais evidencia, dependendo as conclusões, muitas vezes, do ponto de vista em que se tenha colocado o observador.

Temos tido superprodução mundial de muitos artigos: de algodão, de trigo e de café, entre outros, o que forçou a destruição desses generos a fim de os retirar do mercado e assegurar a distribuição e os preços. Quem não sabe, todavia, que numerosas populações da imensa Asia superpovoada eram (e são) subvestidas e subalimentadas enquanto os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil reduziam por meios drásticos os "excessos" de algodão, de trigo e de café?

De tudo isso se poderia deduzir que o problema é, então, mais de subconsumo que de superprodução. A essas conclusões já havia chegado, entre outros, o grande economista Charles Gide. E, se alguma coisa valesse a opinião dos comunistas, subprodutores de tudo, menos de armamentos, tambem se poderia citar-lhes o conceito.

Veremos, mais tarde, o que se pode dizer com esse propósito, relativamente ao café.

—o—

E' bem verdade que não são muitos, atualmente, os paises capazes de ampliar suas culturas cafeeiras. Mas, por outro lado, não há dúvida de que no Brasil tal ampliação é não só possivel como se está fazendo sob as nossas vistas. E, nos últimos tempos, não somente a expessas das terras novas, à custa do pioneirismo e dos desbravamentos, mas tambem mediante o reaproveitamento das terras "velhas". Em São Paulo, principalmente, esse novo aspecto da cafeicultura que, aplicando modernos processos agronômicos, refertiliza essas terras "velhas", vai num crescendo altamente auspicioso.

Parece-nos muito dificil, entretanto, voltar o Estado a produzir as antigas, e gigantescas safras da década de 1927 a 36. Produção igual à de 1933, por exemplo, de .. 20.000.000 de sacas, não nos parece mais atingivel. E não se trata de pessimismo, ou de falta de confiança em nossa capacidade de trabalho. A nova técnica, que inclui os mais adequados processos, desde a seleção das melhores variedades até os mais recomendados sistemas de plantio, de adubação e de trato, inclusive pela irrigação artificial, irá produzir resultados cada vez melhores e em mais numerosas propriedades. Todavia, é bem de ver-se que cada fazendeiro que melhora seus processos culturais, o faz à custa de uma explicavel e mesmo necessaria redução da área cultivada. Realiza-se a substituição da cafeicultura extensiva pela intensiva. Nosso atual bilião de cafeeiros, que amanhã será de 300 ou de 500.000.000, poderá ter, por árvore, uma produção igual ou superior à do passado. Todavia, no passado eram 1.500.000.000 de cafeeiros a produzir, e todos eles regiamente adubados, com o adubo que a mãe natureza havia preparado durante séculos, à sombra das florestas virgens.

Isto quanto a São Paulo. Mas, e o Paraná? E as zonas do sul e centro de Mato Grosso? E Goiaz? E o norte do Espirito Santo? Em todos esses lugares planta-se ferozmente. De um modo empírico, é verdade. À custa da destruição da floresta primitiva, à custa da erosão, que seguirá os cafezais sem defesa e sem curva de nivel... Mas, até que o filão de húmus seja destruido, até que a mineração do adubo legado pela natureza tenha acabado, a produção cafeeira do Brasil poderá crescer aprecjavelmente.

Depois... depois será o declinio! Dentro de 20, 30 50 anos ter-se-á que iniciar, nas atuais zonas "novas", o que agora se vem fazendo em S. Paulo: a laboriosa, lenta e dispendiosa refertilização da terra. Até lá pode acontecer, todavia, que as safras mundiais, estimuladas principalmente pelo nosso "rush", tenham saturado o mercado, criando novamente excessos invendáveis.

—o—

Tudo isso não teria maior importancia se esses excessos não ficassem apenas em mãos brasileiras. E por que deve isso acontecer? Por que tem acontecido no passado?

Somente pode haver três razões para que uma mercadoria permaneça nas mãos de um vendedor, enquanto outros conseguem vendê-la: Preços, qualidades: processos comerciais inadequados. Se isso se aplica a todas as mercadorias, não deve ser diferente com o café.

Tem-se alegado que os preços, de per si, não constituem obstáculo a vendas satisfatorias, de vez que se têm, às vezes, registrado exportações consideraveis em periodos de preços altos. Conhecemos esses fatos. Porém, é evidente que não devem ser tomados como regra geral. O que é certo, para qualquer mercadoria, é que em iguais condições de qualidade, de suprimento e de propaganda, sai melhor a mais barata, feitas as naturais excepções do comprador que prefere o artigo mais caro por julgá-lo melhor.

Tem-se igualmente afirmado que a qualidade não é fator importante com relação às vendas, pois há mercados para todos os tipos de café. Também é verdade. Mas, esses tipos inferiores deverão ser apresentados com um deságio relativo à sua inferior qualidade, o que nem sempre acontece. E cabe ainda notar que a humanidade tende a consumir tipos melhores de todos os alimentos, pois as noções de dietética são cada vez mais divulgadas e mais aceitas.

Quanto à necessidade e às vantagens de eficientes processos de venda, parece que não pode haver duas opiniões: vende melhor quem melhor prepara e apresenta o produto e quem melhor faz sua propaganda. Nesse ponto estamos fracos, evidentemente. A não ser nos Estados Unidos, em nenhum outro lugar se faz qualquer coisa em favor do escoamento de nosso grande artigo de exportação.

—o—

Falar em preços baixos, no Brasil, é "mexer em caixa de maribondos", como se diz vulgarmente. Todo mundo se interessa por preços "bons": o produtor, o revendedor, o comissário, o banqueiro, o transportador, o exportador, o comerciante em geral. Apenas o consumidor desejaria cotações mais baixas, porém isso é outra historia.

Não falemos, pois, em preços "baixos", mas em preços "adequados". Sim, adequados à capacidade aquisitiva do consumidor externo e interno, e adequados tambem a uma conveniente remuneração dos grandes capitais e do insano trabalho empregados na cafeicultura.

Pode parecer estranho que muitos fazendeiros continuem a falar em prejuizos com a lavoura, aos atuais preços. Mas, é preciso notar que a exploração cafeeira é completamente desigual, no Brasil: Há propriedades cafeeiras onde, mesmo agora, será possivel um custo de Cr$ 6,00 por pé. Trata-se de pequenos "sitios", onde o proprietario e sua familia constituem a única mão de obra, e onde não há qualquer despesas de escrituração, de adubação, de curvas de nivel, de melhoramentos técnicos. Em uma palavra: exploração pura e simples de húmus, e, mesmo isso, sem despesa do braço assalariado.

No outro extremo há propriedades de cerca de 20 cruzeiros por pé: são fazendas onde não se faz mineração do humus, mas, ao contrario, se restaura o solo; e onde o assalariado, além de remuneração condigna, tem uma assistencia social que suporta qualsquer confrontos e é digna de todos os encomios.

Isso quanto à exploração agricola. Relativamente à produtividade, a escala das variações é tambem consideravel: há fazendas que chegam a produzir 60, 100, 150, 180 e, excepcionalmente até 300 arrobas por mil pés. Outras há, todavia, cuja média de produção se situa em torno das 20, das 15 e até das 10 arrobas por mil pés. São, neste ultimo caso, 150 gramas por pé. Quer dizer que é preciso tratar de 7 pés de café para obter 1 quilo. Mesmo realizando a propria familia do sifiante todas as operações agricolas, e naquela reduzida base de Cr$ 6,00 por pé há consideravel prejuizo.

x x x

Um preço "adequado", na esfera internacional, deixa entender que sendo conveniente e remunerativo na ordem interna, é tambem capaz de competir fora do país. Por outras palavras: o artigo tem que ser produzido por um preço bom para os brasileiros e que, apesar disso, seja baixo nos mercados externos. Esse "milagre" não é impossivel. Para consegui-lo é preciso que o café tenha condições favoraveis de produção: boa produção por área (para o que são necessarias varias condições); financiamento barato, facil e a prazos longos; fretes módicos; facilidades de manipulação. Mui de propósito não falamos em "braço barato", pois não julgamos possivel fazer regredir o preço do trabalho: o que é possivel é fazê-lo render mais, com o que se conseguiria aquele objetivo. Igualmente não falamos em "combate à inflação", pois sem ele não seria realizavel um financiamento barato e nem fretes módicos. As facilidades de manipulação a que nos referimos entendem-se com a parte burocrática e mesmo a comercial.

Quanto a uma maior produção por área, reputamo-la a base de toda esta argumentação. Sem ela nada é possivel tentar-se no sentido dos preços "adequados" e, pois, da concorrencia. E', todavia, a mais dificil. Falar em aumento da produção por área, dentro de um gabinete, é fácil. Mas realizá-la na pratica tem óbices quase insuperaveis. Cada produtor gostaria de produzir mais e se não o realiza é porque se trata de uma aspiração para ele inatingivel.

Entretanto, (e convém insistir) a empresa é exequivel, não obstante árdua. Trata-se de boa vontade, de conhecimentos tecnicos e de financiamento, quando necessario, pois nem sempre é dinheiro o que falta, mas sim o desejo sincero de melhorar suas culturas, e o conhecimento de "como fazê-lo".

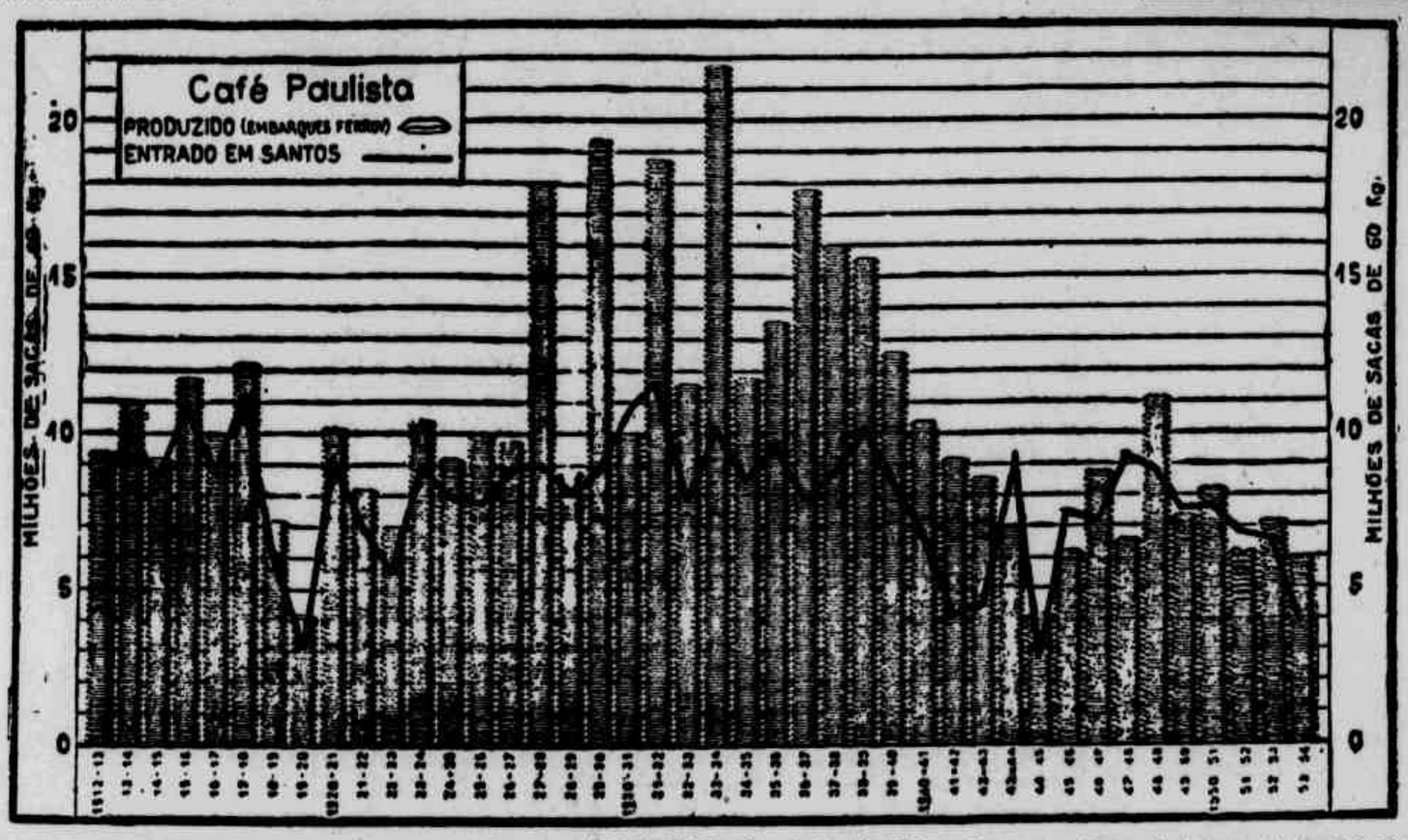
Dentre as classes ditas conservadoras, é, em todo o mundo, a dos agricultores a mais conservadora. Há, entre eles, convicções arraigadas, como a de repudiar as inovações livrescas, alegando que na terra é que se aprende, e "eu devo fazer e como meu avô fazia". Como se agronomo, antes de escrever, não tivesse feito centenas e milhares de exaustivas experiencias, em todas as condições, e com tal dispendio de tempo e de dinheiro que somente as poderiam custear os serviços oficiais! E como se devesse ser feito eternamente o que faziam nossos maiores, mesmo nos pontos em que tudo tenha mudado!

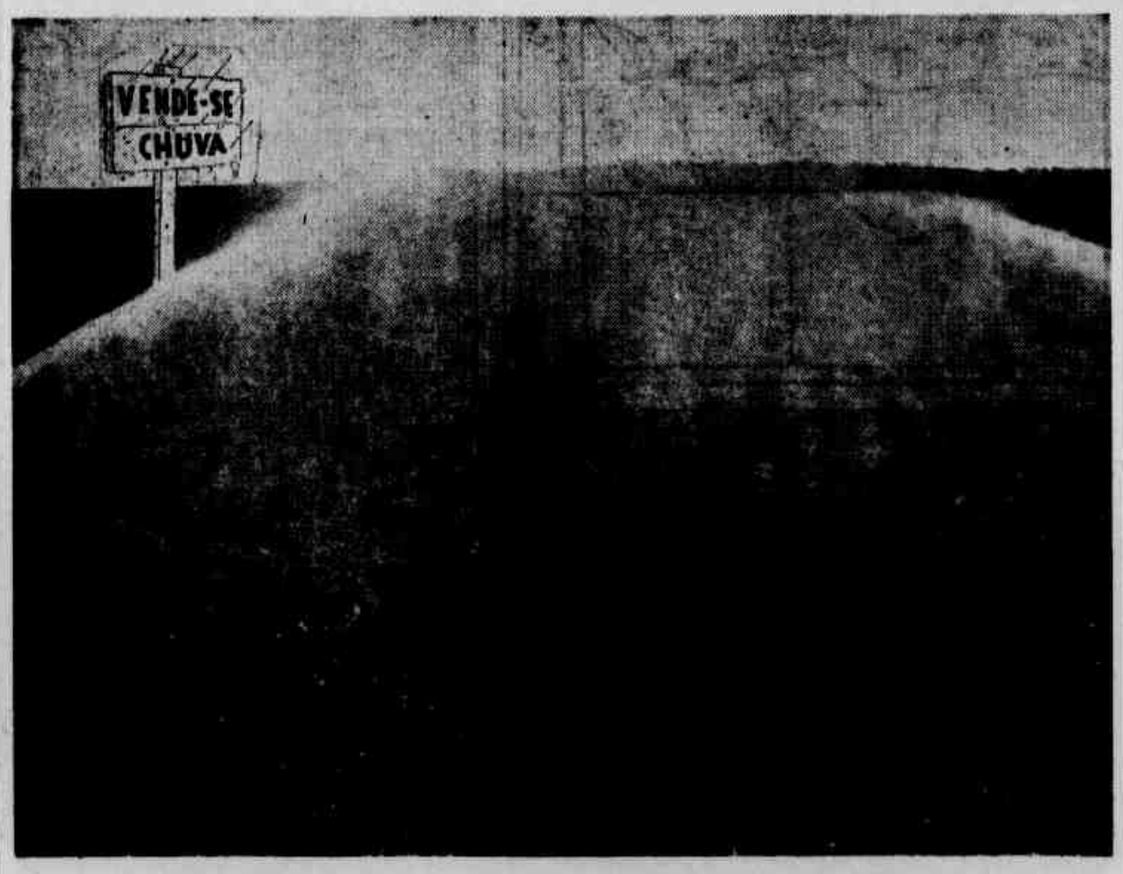
Mas, afinal, poderemos vir a ter novamente uma superprodução cafeeira?

Depende a resposta do sentido que se deseje dar ao assunto: — Superprodução brasileira ou mundial? E que se pode entender por superprodução? 35.000.000 de sacas? 40.000.000? Como reagiria o consumo, no futuro? Poderia absorver os ..... 35.000.000? Os 40.000.000? Que fazer para aumentar o consumo? Que fazer para vender o nosso café e sobrarem os dos concorrentes, isto é, exatamente o oposto do que se tem verificado anteriormente?

Estamos, como se vê, no terreno especulativo. Mas, pode-se esmiuçar o problema, à procura de possiveis soluções.

Antes de mais nada, é possivel admitir-se um aumento do consumo mundial. Em primeiro lugar, e mesmo abstendo-nos de paises que são apenas teóricos consumidores, mercados em potencial muito vago, como a China, a India, a Russia e outros com que nos acenam os otimistas, ainda sobram muitas regiões que não apenas poderiam consumir café, mas podem realmente faze-lo, pois já o usaram, no passado, e somente o proscreveram, no presente, devido a condições especialissimas do momento, como ruina financeira, sistemas politicos fora de nossa esfera de relações etc. Algumas dessas regiões poderão, de fato, vir a consumir quantidades pon-





ASSIM, DEVE SER IRRIGADA
A SUA FAZENDA

CIA. T. JANÉR COMERCIO Y INDUSTRIA

São Paulo: Parque Anhangabaú, 96 — 11.º andar — Telef.: 37-1571 (Ed. Malarazzo)
Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Porto Alegre - Londrina - Recife - Santos - Belém

BANCO POPULAR DO BRASIL S/A

O BANCO DOS BONS SERVIÇOS

MATRIZ,

RUA 15 DE NVEMBRO N. 265

SÃO PAULO

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

deraveis de café. E em segundo lugar, o proprio aumento vegetativo do consumo, nos paises já consumidores, pode assegurar um crescimento seguro e constante, embora paulatino. Só nos Estados Unidos, cuja população cresce de cerca de 2.000.000 por ano, e cuja média de consumo, per capita, também cresce seguidamente, é possivel esperar um aumento de cerca de .. 500.000 sacas anuais. A recuperação cafeeira da Europa Ocidental ainda não se completou, muito embora já tenha ela, economicamente, ultrapassado os indices de antes da guerra. Faltam ainda 2.000.000 de sacas por ano, apenas para atingir aos niveis anteriores ao conflito. Nesse setor é licito, pois, esperar-se alguma coisa. E outros grandes mercados que se nos apresentam, como o do Canadá e o da Argentina, justificam fundadas esperanças.

O consumo mundial subiu de 32 a 34.000.000 de sacas, nos ultimos anos. Dentro de dez anos poderá somar pelo menos mais 5 milhões, e talvez mais 8 ou 10. E' uma expectativa prudente e razoavel.

• • •

E que se pode esperar da produção, nesse lapso de tempo?

Já uma vez dissemos que não são muito numerosas as regiões passiveis de um aumento na produção cafeeira. Na América (excetuado o Brasil) só o México, a Venezuela e algumas regiões da Colombia e do Paraguai oferecem condições realmente favoraveis. Os outros paises ou têm clima frio, como os do norte e do sul do Continente, ou altitudes excepcionalmente elevadas como as regiões andinas, ou florestas ainda demasiado primitivas, como as da vertente oriental dos paises da região amazonica ou, ainda, são já muito densamente povoados, como os das Antilhas e América Central.

Na Africa, só a região central permite a cafeicultura. O extremo norte é muito quente e desértico; e o extremo sul, já relativamente frio, possui também regiões desérticas. Mesmo no centro, o Continente africano não reune as melhores condições para a cultura do arábica e tão somente do robusti, inferior em qualidade. Caracteriza-se o centro pela mão de obra ineficiente, embora barata; pela grande quantidade de pragas e moléstias; falta de agua em muitas regiões e falta de altitude em outras. O braço obreiro escasseia nas plantações e sobra nos aldeamantos indigenas, onde as culturas de subsistencia devem ter prioridade. A técnica moderna, aliada ao capital europeu e americano, pode conseguir muito no combate às pragas e moléstias, na irrigação, nos processos de trabalho, como, aliás, se tem feito, tanto que a Africa aumentou substancialmente a produção cafeeira nos ultimos 20 anos passando de 5 a 15%. Esse crescimento, todavia, não tem condições para prosseguir indefinidamente, principalmente se lhe tolhermos, pela concorrencia, a vitalidade assencional.

Poucas regiões da Asia e da Oceania podem produzir café em bases razoaveis. Umas são superpovoadas, como Java, que, aliás, já teve boa produção, a India, a China; outras climaticamente improprias, como essa mesma China, o Japão, a Australia, a Nova Zelandia. Restariam Sumatra, Ceilão, o Sudeste da Asia, Bornéo, talvez as Filipinas.

De onde se pode esperar superprodução, se ela vier, é mesmo do Brasil. E no Brasil, de S. Paulo e Paraná. Talvez igualmente de Mato Grosso. Tudo vai depender do seguinte: de ficar o Paraná isento de geadas por um certo tempo; e de conseguir S. Paulo superar, com seus "novos cafezais em terras velhas", o declinio dos velhos cafeeiros, que vão entrando em decrepitude a cada ano que passa. Se S. Paulo puder estabilizar-se em .. 10.000.000 de sacas, se o Paraná atingir essa mesma quantidade, e se os demais Estados produzirem ..... 7.000.000, o que não é dificil (Minas os seus habituais 3.000.000, Espirito Santo 2.000.000 e os outros Estados, inclusive as novas zonas cafeeiras de Mato Grosso e Goiás, 2.000.000), então teremos, para o Brasil, 27.000.000 de sacas. Deduzindo uns 4 milhões de sacas para o consumo do país, seria possivel chegar-se a uma safra exportavel de.. 23.000.000. Somando esse total ao dos demais paises, que a essa época teria atingido a cerca de 19.000.000, teriamos 42.000.000 de sacas, ou 12.000.000 mais que agora.

• • •

Pode o mundo absorver esses 40 ou 42.000.000 de sacas? Não parece facil. Dos 34 milhões de consumo atual, passar a 38, dentro de alguns anos, julgamos perfeitamente possivel. Pretender mais do que isso é entrar no terreno das hipoteses.

Aliás, também no terreno das hipoteses está aquele aumento de produção. Mas, como vamos, em matéria de preços, é possivel esperar tal aumento de produção, a menos que ocorram desfavoraveis condições climatéricas. Ao passo que não é inteiramente seguro esperar-se um correlativo aumento de consumo, sujeito a tantos fatores negativos, como, entre outros, a resistencia dos compradores ou as condições da politica internacional.

• • •

Em face dessa alternativa, só existe, para nós, uma probabilidade segura: a de que, para nós, não exista superprodução. E como conseguilo? Tão-somente pelos meios ortodoxos: concorrencia nos preços, na qualidade e nos métodos comerciais, inclusive uma eficiente propaganda, que iria desde a fase diplomatica, dos acordos comerciais, até a fase pratica.

Para podermos concorrer, teremos que baratear os preços internos: por um conveniente financiamento; por métodos racionais de plantio e de cultivo; por métodos eficientes de transporte, pela desburocratização da politica cafeeira; por um barateamento das utilidades necessarias à lavoura. Simulneamente apurariamos a qualidade. E, concomitantemente, travariamos a batalha da propaganda, não como tem sido às vezes feita, dando a ganhar a afilhados politicos, mas fazendo-a bem orientada e realizadora.

São essas as diretrizes gerais do que deve ser a nossa politica cafeeira, a fim de que se evite, tanto quanto possivel, uma interferencia direta do poder publico (que muitos julgam necessaria) sobre a livre iniciativa do plantio do café, disciplinando-lhe as áreas, os processos de cultivo e talvez as quotas de plantio.

PRODUÇÃO DE CAFE' EM SÃO PAULO
1926 -- 1953

SAFRAS	Cafeeiros em produção	Avaliação (em sacas)	Media arrobas por mil pés (segundo a avaliação)	Embarques ferroviarios (em sacas)	Media arrobas por mil pés (segundo os embarques ferroviarios)
1926/27 .	950.000,000	9.600.000	40,42	9.877.000	41,59
1927/28 .	1.068.496.000	18.131.150	67,88	17.982.000	67,32
1928/29 .	1.075.000.000	6.934.250	25,80	8.815.000	32,80
1929/30 .	1.100.000.000	17.687.987	* 64,32	19.490.000	70,87
1931/32 .	1.242.405.000	9.337.075	33,43	10.097.000	36,15
1930/31 .	1.117.306.000	18.750.522	60,37	18.829.000	60,62
1932/33 .	1.335.193.000	10.978.500	32,89	11.689.000	35,02
1933/34 .	1.479.392.301	20.520.000	55,48	21.850.000	59,98
1934/35 .	1.467.847.688	10.519.998	28,68	10.943.877	29,82
1935/36 .	1.420.555.884	12.124.340	39,77	13.497.300	38,01
1936/37 .	1.366.605.403	15.368.129	44,98	17.531.497	51,31
1937/38 .	1.372.305.489	17.708.000	51,62	15.886.795	46,31
1938/39 .	1.352.501.425	14.607.881	43,20	15.613.375	46,18
1939/40 .	1.321.416.839	15.661.131	47,41	12.363.692	37,43
1940/41 .	1.270.890.205	14.833.468	46,69	10.259.020	32,29
1941/42 .	1.240.911.010	5.884.350	18,97	9.140.173	29,46
1942/43 .	1.262.444.518	8.041.948	25,48	8.528.500	27,02
1943/44 .	1.268.278.462	8.906.164	28,09	5.936.100	18,72
1944/45 .	1.218.422.942	5.092.245	16,72	4.721.800	15,50
1945/46 .	1.124.487.926	6.609.945	23,51	6.100.600	21,70
1946/47 .	1.027.983 911	8.000.778	31,13	8.874.312	34,53
1947/48 .	1.035.322.019	7.168.957	27,70	6.522.481	25,20
1948/49 .	1.024.510.732	9.034.685	35,27	11.206.659	43,75
1949/50 .	1.047.487.103	8.681.309	33,15	7.244.046	27,66
1950/51 .	1.056.857.138	8.014.053	30,33	8.117.779	30,72
1951/52 .	1.061.125.037	6.698.816	25,25	6.261.325	23,60
1952/53 .	1.071.432.399	8.302.329	31,00	7.186.798	26,83
1953/54 .	1.093.375.944	7.834.866	28,66	6.016.403 +	22,01

(+) até 31 de março de 1954

Produção mundial de café

QUANTIDADE EM SACAS

SAFRA	Pernambuco	Bahia	Espirito Santo	Rio de Janeiro	Minas Gerais	São Paulo	Paraná	Goiás	Mato Grosso	Santa Catarina	Total Brasil	Outros Paises	Total Mundial
1920/21 . . .	250.000	442.000	484.000	1.144.000	4.202.000	10.246.000	111.000	64.000	—	—	16.898.000	5.787.000	22.685.000
1921/22 . . .	169.000	415.000	474.000	1.021.000	3.497.000	8.196.000	114.000	98.000	—	—	13.984.000	6.936.000	20.919.000
1922/23 . . .	195.000	415.000	555.000	1.414.000	4.220.000	7.047.000	120.000	49.000	—	—	14.015.000	5.705.000	19.720.000
1923/24 . . .	152.000	400.000	577.000	735.000	3.190.000	10.374.000	115.000	53.000	—	—	15.596.000	6.878.000	22.464.000
1024/25 . . .	157.000	478.000	917.000	704.000	2.011.000	9.193.000	50.000	50.000	—	—	14.560.000	6.762.000	21.322.000
1925/26 . . .	145.000	478.000	1.284.000	913.000	2.711.000	10.087.000	177.000	113.000	—	—	15.762.000	7.052.000	22.814.000
1926/27 . . .	200.000	683.000	1.784.000	913.000	4.414.000	9.877.000	129.000	117.000	—	—	18.117.000	7.068.000	25.185.000
1927/28 . . .	421.000	554.000	1.546.000	1.611.000	4.928.000	17.982.000	435.000	128.000	—	—	27.625.000	8.003.000	35.628.000
1928/29 . . .	406.000	472.000	1.656.000	1.152.000	3.131.000	8.815.000	264.000	166.000	—	—	16.062.000	8.860.000	24.922.000
1929/30 . . .	482.000	407.000	1.575.000	1.115.000	5.135.000	19.490.000	396.000	138.000	—	—	28.942.000	8.273.000	37.215.000
1930/31 . . .	137.000	330.000	1.532.000	909.000	3.200.000	10.097.000	347.000	19.000	—	—	16.571.000	8.633.000	25.204.000
1931/32 . . .	250.000	390.000	1.800.000	1.370.000	5.326.000	18.829.000	604.000	75.000	—	—	28.544.000	8.287.000	36.831.000
1932/33 . . .	150.000	250.000	1.050.000	850.000	2.131.000	11.689.000	380.000	58.000	—	—	16.588.000	9.239.000	25.797.000
1933/34 . . .	150.000	184.000	1.859.000	905.000	4.062.000	21.850.000	600.000	24.000	—	—	29.634.000	8.935.000	38.569.000
1934/35 . . .	123.000	293.000	1.350.000	893.000	3.427.000	10.943.877	260.000	75.000	—	—	17.364.877	7.699.000	25.063.877
1935/36 . . .	178.000	265.000	1.623.000	995.000	3.686.000	13.497.300	613.000	45.000	—	—	20.902.300	10.028.000	30.930.300
1936/37 . . .	123.000	452.000	1.813.000	931.000	4.640.000	17.431.497	547.000	73.000	—	—	26.110.497	10.889.000	36.999.497
1937/38 . . .	23.000	278.000	1.452.000	711.000	4.030.000	15.886.795	106.000	53.000	—	—	23.539.795	10.011.000	33.550.795
1938/39 . . .	104.000	319.000	1.787.000	900.000	3.872.000	15.613.375	579.000	62.000	—	—	23.236.375	10.125.000	33.361.375
1939/40 . . .	112.000	208.000	1.484.000	646.000	3.167.000	12.363.692	1.108.000	23.000	—	—	19.111.692	10.119.000	29.230.692
1940/41 . . .	163.000	199.000	1.161.000	505.000	3.224.000	10.259.020	951.000	63.000	—	—	16.525.020	12.138.000	28.663.020
1941/42 . . .	122.000	354.000	1.950.000	611.000	2.577.000	9.140.173	836.000	37.000	—	—	15.630.173	15.596.000	31.226.173
1942/43 . . .	124.000	236.000	1.429.000	519.000	2.177.000	8.528.500	548.000	60.000	—	—	13.622.500	14.878.000	28.500.500
1943/44 . . .	124.000	148.000	1.866.000	728.000	3.141.000	5.936.100	160.000	37.000	—	—	12.160.100	15.990.000	28.150.100
1944/45 . . .	211.000	211.000	1.278.000	215.000	2.874.000	4.721.800	578.000	25.000	—	—	9.113.800	15.020.000	24.133.800
1945/46 . . .	110.000	360.000	2.132.000	689.000	2.909.000	6.100.600	690.000	17.000	—	—	12.907.600	12.478.000	25.475.600
1946/47 . . .	113.000	162.000	1.207.000	271.000	2.177.000	8.874.312	1.137.000	78.000	200	—	14.019.512	13.101.000	27.120.512
1947/48 . . .	80.000	101.000	2.042.000	446.000	2.733.000	6.522.481	1.550.000	69.000	1.200	—	13.572.681	14.270.000	27.842.681
1948/49 . . .	41.000	89.000	1.032.000	142.000	2.413.000	11.206.659	1.885.000	158.000	18.800	—	16.985.459	14.648.000	31.633.459
1949/50 . . .	99.000	102.400	2.543.100	586.300	3.213.900	7.244.046	2.317.900	27.000	17.800	3.900	16.156.446	14.236.000	31.633.459
1950/51 . . .	93.000	115.300	1.387.800	210.000	2.750.600	8.117.779	4.026.100	43.200	7.400	1.300	16.733.579	15.966.000	32.719.579
1951/52 . . .	63.900	87.500	2.010.600	324.200	3.273.300	6.261.325	3.842.000	22.300	5.400	—	14.990.725	15.730.000	30.720.725
1952/53 . . .	60.235	131.994	1.528.822	207.553	1.842.745	7.186.798	5.048.258	91.400	1.850	—	16.099.655	—	—
1953/54 . . .	100.301	129.218	1.594.078	198.491	3.231.634	6.016.403	3.097.909	96.524	3.280	—	14.468.238	—	—

NOTA — São Paulo a partir de 1931/32, cifras baseadas nos despachos ferroviarios; outros Estados, a partir de 1916/17 — Safra 1953/54 — (Cifras sujeitas a retificação). No total estão incluidas, 400 sacas do Estado da Paraiba.

COMPANHIA DE ARMAZENS GERAIS DO PARANÁ

Sede: CURITIBA

Rua 15 de Novembro, 556 — 3.º andar — Ed. Lustosa
Caixa Postal, 267 — Fone: 178

Armazens: PARANAGUÁ

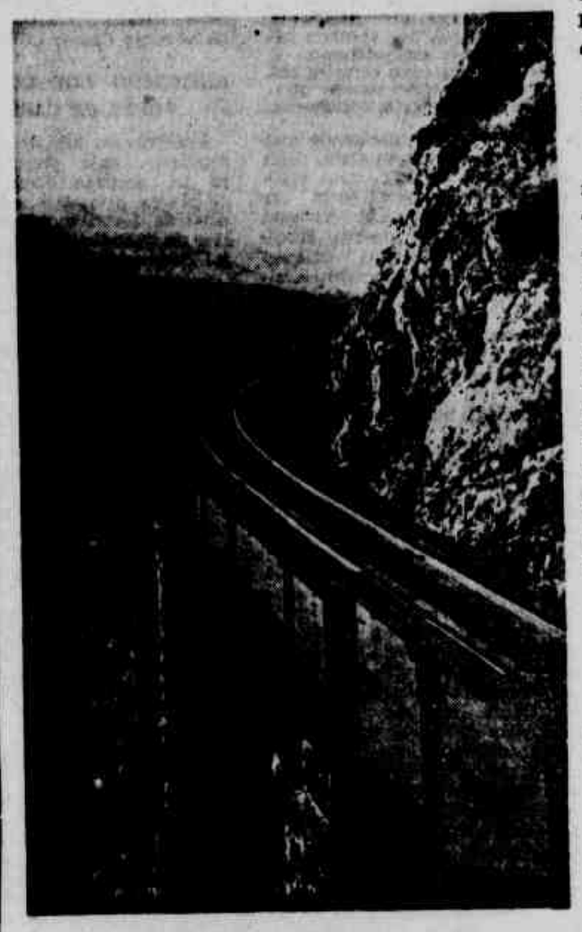
Av. Gabriel de Lara s/n — Caixa Postal, 87 — Endereço Telegráfico ARGERAL

DIRETORES: Evilásio A. Bley
Jaime Canet
Jaime Canet Júnior
Dr. João Ferraz de Campos

PARANAGUÁ, A CIDADE MAIS ANTIGA DO PARANÁ É O SEGUNDO PORTO BRASILEIRO EM VOLUME DE EXPORTAÇÃO DE CAFÉ

TRADICIONAL CENTRO TURISTICO — ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO ROQUE VERNALHA

São de um guia turistico, estes dados: Cidade sede do municipio do mesmo nome, com a area de 1.151,6 quilometros quadrados. 6 metros de altitude. Fundada e povoação às margens do rio Itiberê, em 1585, pelo fidalgo espanhol Gabriel de Lara, foi elevada à condição de Vila em 29 de julho de 1648 e à categoria de cidade, a 5 de fevereiro de 1842. Constituida em Capitania de Nossa Senhora do Rosario de Paranaguá em 1656. Até 1812 foi sede de Comarca. E' hoje uma das principais cidades do Paraná, ligada por excelente ferrovia, considerada uma maravilha da engenharia nacional, ao planalto, e cujo traçado, com 110 kms. venceu a Cordilheira da Serra do Mar com 14 tuneis e varios viadutos. Dispõe de um porto moderno e oficialmente aparelhado, edificação numerosa e ainda construções que remontam à era colonial, como: o Colegio dos Jesuitas, edificado em cantaria, em estilo monastico, sendo de admirar o claustro e pateo interno em arcadas de pedra; a igreja Matriz, construção dos fins do século XVI; a igreja de São Benedito, erguida em 1710 e a da Ordem Terceira, em 1741, todas em estilo barroco. Ressalta ainda, um antiquissimo chafariz de agua cristalina e uma curiosa lavanderia publica, construidos no seculo XVII.



Viaduto do Carvalho. Trecho da Ferrovia que liga Curitiba a Paranaguá.

PRINCIPAL PORTO

Proximo à cidade e distante 2 kms., se ergue o Santuario de Nossa Senhora do Rocio, ponto de tradicional devoção popular. Paranaguá é a mais antiga cidade paranaense e o seu principal porto maritimo, o segundo, no país, em volume de exportação de café. Apresenta a cidade dois aspectos bem distintos: uma cidade velha, de ares coloniais, construções antigas, ruas estreitas, e outro, a moderna, dotada de amplas avenidas, predios modernos e residenciais que nada ficam a dever às das grandes cidades brasileiras. Por isso, Paranaguá é o centro turistico do Paraná que oferece maiores atrações e conforto aos seus visitantes. Em virtude do grande movimento de seu porto exportador de café, madeiras e cereais, surgem a cada dia novos armazens nas suas proximidades, intensifica-se o comercio, pululam as casas bancarias, aumenta a população, o que contribui para elevar Paranaguá à categoria das principais cidades do Estado do Paraná.

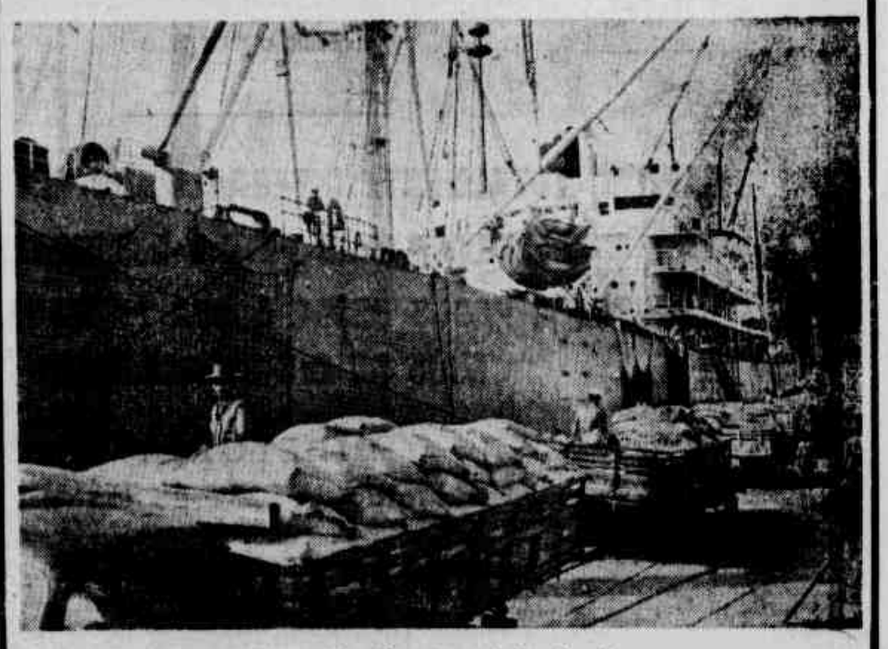
A viagem de Curitiba, por ferrovia, apresenta passagens deslumbrantes ao turista, pelo seu traçado audacioso e considerado impossivel à época de sua construção. O "Véu de Noiva", cascata de deslumbrante beleza, e o "Viaduto Carvalho", com vistas para o mar, são dos pontos mais atraentes da ferrovia, que é tida como justo monumento à capacidade realizadora da engenharia nacional. Paranaguá é servida, ainda, por rodovia, pela "Estrada de Graciosa", construida e inaugurada por D. Pedro II, contactando-a com Morretes e a Capital do Estado em percurso de poucas horas.

FESTAS TRADICIONAIS

Passagem obrigatoria para as praias de "Leste", "Pontal do Sul", "Matinhos" e "Caiobá", nas estações de veraneio ganha consideravelmente em movimento e, por ocasião das festas de N. S. do Rocio à qual demandam caravanas de todos os recantos do Estado, engalana-se Paranaguá para homenagear a sua padroeira com festa religiosa das mais tradicionais no Paraná.

ADMINISTRAÇÃO EXEMPLAR

Percebendo-se da intensa fase de progresso por que atravessa a Cidade, seu dinamico prefeito, dr. Roque Vernalha, medico conhecidissimo em toda Paranaguá e estimado por sua ação humanitaria em beneficio dos desvalidos pela fortuna, desenvolve suas atividades administrativas no sentido de dotar Paranaguá dos serviços publicos que justifiquem a sua importancia e crescimento, como segundo porto nacional em volume de exportação de café. Assim, determinou a abertura e pavimentação de inumeras avenidas, amplas e com traçado moderno, o embelezamento dos logradouros publicos e a intensificação dos serviços de limpeza, melhoria no fornecimento de luz eletrica e na rede de agua e esgotos, saneando, por assim dizer, a cidade, no que tem obtido real sucesso.



Embarque de café, no Porto de Paranaguá

Acompanhando o ritmo de construção de predios residenciais, comerciais e edificios de apreciavel altitude, que dão à cidade o seu aspecto moderno e atraente ao visitante, o dr. Roque Vernalha mobilizou todos os recursos da Prefeitura, para que não haja solução de continuidade no crescimento harmonico de Paranaguá, hoje cidade moderna, confortavel e porto de maior importancia para a economia nacional.

ONDE A PALAVRA É O UNICO DOCUMENTO

TRANSPÔS AS FRONTEIRAS BRASILEIRAS O PRESTÍGIO DO COMÉRCIO SANTISTA DE CAFÉ

O "fechado" verbal assegura, na praça de Santos, o cumprimento total e absoluto das mais vultosas transações — Entidades que dignificam e defendem os negocios cafeeiros — Historia de tradicionais e prestigiosas organizações que operam em Santos — Vultos que se notabilizaram no comércio exportador do "ouro verde"

SALVIO PACHECO DE ALMEIDA PRADO

SE o café é a única realidade na produção exportavel do país, o seu comercio representa um exemplo vivo de organização e tradição. São verdadeiramente surpreendentes a correção com que se estabelecem as transações e a inflexibilidade com que são elas cumpridas. Uma pequena amostra de trezentas gramas, apresentando a mercadoria, simboliza o lote negociado, que atinge, às vêzes, milhares de sacas de café.

Tendo por base as diferenças de preços originadas pelas oscilações do mercado, — é notavel a correção com que são mantidas e concluidas — a despeito de qualquer modificação para alta ou para a baixa — as operações acertadas com um simples "fechado" verbal.

O bom conceito do comercio cafeeiro, pela retidão de suas realizações, tranpôs fronteiras, conquistando a confiança do exterior: simples oferta por descrição telegrafica, assegura o cumprimento das mais vultosas transações. Caracteriza-se, assim, o comércio do café, por absoluta honestidade de negociação e probidade de cumprimento. A palavra, a afirmação dos membros do comércio cafeeiro têm profunda significação, dispensando sua comprovação através de documentos assinados, testemunhados e registrados.

A PRAÇA DE SANTOS

. A praça de Santos, na sua secular atividade cafeeira, da mesma forma que desfrutou de situações de fastigio e euforia, viveu suas épocas de depressões. Mas, a estas últimas, a praça de Santos superou, transpondo-as sem ser arranhada sequer em seu prestigio e sua honorabilidade, que sempre se conservaram imaculados.

ENTIDADES DE CLASSES

Em Santos, vemos, despontar como baluartes na defesa dos principios que regem o comércio cafeeiro, algumas entidades de classe de real significação para a economia de Santos, de São Paulo e de todo o Brasil. Dentre elas sobressai, evidentemente, a Associação Comercial de Santos, velha instituição com quase um século de trabalhos em prol da classe que congrega e da economia cafeeira, e que sempre se tem colocado, decididamente, ao lado das boas causas. Além da sua Associação Comercial, cuja história publicamos com maiores detalhes em outro local desta edição, Santos pode orgulhar-se ainda entre outras, das seguintes instituições.

BOLSA OFICIAL DE CAFÉ

A Bolsa Oficial de Café, organismo estatal, tem por função apregoar as operações futuras, negocios a termo, fixando as tendências do mercado. Refletindo, diretamente, as condições do mercado, a Bolsa de Café, desde a sua fundação, vem registrando as varias fases dos negocios do café, vivendo, assim, suas épocas áureas e sofrendo seus colapsos temporários. Empolgantes batalhas ali se travaram entre as correntes que se opõem, marcando atuação de habeis corretores, que, apoiados por grupos ou às vêzes pelo próprio govêrno, manobravam as operações futuras do café.

Em algumas oportunidades, esteve a Bolsa Oficial de Café de Santos com suas atividades paralisadas. Sua ultima reabertura data de 1945, depois de ter permanecido fechada durante os anos do seguhdo conflito mundial. Hoje, sofrendo a concorrência das "entregas diretas", operações não margeadas, não tem tido a Bolsa a movimentação que já teve em épocas passadas.

Há dez anos, aproximadamente, vem o sr. Heitor de Azevedo Muniz ocupando a presidência da instituição, realizando gestão que bem revela sua proeficiência e operosidade. Figura de projeção nos meios comerciais santistas, tem sabido o sr. Heitor Muniz empreender firme direção aos seus trabalhos, o que tem podido colocar a Bolsa como um organismo conceituado e acabado de toda a praça.

Fazem, também, parte de sua direção, como sindicos, os srs. Francisco Camargo Neves, J. J. Azevedo Marques Altamir Pimenta e José Eduardo Candido Gomes.

SINDICATO DOS CORRETORES DE CAFÉ

Fundado em 1934, tem este Sindicato, cuja presidencia já foi ocupada com grande acerto pelo sr. Atila de Almeida Leite, sabido cumprir as finalidades para que foi criado.

Congregando em seu seio, tôda a classe dos corretores, disciplinou o trabalho de intermediários na praça, organizando ainda uma caixa beneficente destinada a prestar auxilios aos associados do Sindicato.

No seu empenho de defender os interesses da classe, conseguiu a entidade, com a colaboração de dedicados filiados, que as corretagens das vendas de café do extinto DNC fossem distribuidas entre todos os corretores registrados, e não a determinado corretor, como se fazia até então. Acompanhando "paripasseu" a evolução dos negocios do café, soube sempre enquadrar os interesses dos seus associados dentro das necessidades que o custo da vida requereu.

Hoje, o Sindicato dos Corretores de Café de Santos conta com numerosos filiados, estando sua diretoria, recem-eleita, assim constituida:: presidente, Hugo Pacheco Chagas; Vice-presidente, Carlos Leite Cesar, 1.o Secretario, Joaquim Taveira; 2.o secretario, Antonio Carvalho Marchan; e tesoureiro, Hugo Machado Netto.

Expoentes do comércio cafeeiro santista

Dentre as organizações comerciais que militam nos negocios de café, desde longos anos, e que constituem veiculos indispensaveis para o escoamento da rubiacea, nesta fase aurea de suas cotações, merecem especial menção as que apontamos, a seguir.

LIMA NOGUEIRA COMERCIO E EXPORTAÇAO S/A.

Das mais antigas da praça, sucessora de Telles, Quirino & Cia., teve como fundadores um grupo de produtores e capitalistas da época, destacando-se os Alves Lima, hoje detentores da organização, que tem como expressão exponencial o venerando Dr. Joaquim Bento Alves de Lima.

E', hoje, seu superintendente o dr. Silvio Alves de Lima, figura impressionante, conjugando a um só tempo, o "gentleman" e o "businessman" — e que, a despeito de ver-se assoberbado pela intensa atividade econômica-financeira e social que desenvolve, demonstrando um alentado espirito publico, ainda encontrou tempo para servir à classe ocupando durante certo periodo a presidencia da Associação Comercial de Santos, com dinamismo e dedicação.

SOUZA DANTAS FORBES & CIA.

Representa esta emprêsa um conjunto de valores da nova geração. Sob a direção segura do jovem comerciante Francisco de Souza Dantas Forbes, que lhe impôs segura orientação, conquistou ela, a despeito de ser relativamente nova, destacada posição no cenario do comercio exportador da praça de Santos.

Sua classificação — que constitui função dificil nos negocios de exportação — é ocupada pelo sr. Herondino Macuco, que, com grande eficiencia, elevou a posição da firma, colocada hoje entre as principais organizações exportadoras da praça.

CIA. LEME FERREIRA

Organização fundada por um grupo de produtores bragantinos, tem ela como expressão máxima o sr. Horacio Ferreira da Silva. Sua fundação data de mais de 30 anos, tendo conceituada posição no comercio cafeeiro nacional, do qual é figura de real projeção.

A par de seu destacado prestigio, fruto de longos anos de efetivo trabalho de gerações passadas, tem ela atualmente à sua frente os membros da nova geração dos Ferreiras, na qual se destaca o sr. Tarquinio Marques da Silva, que, juntamente com seus irmãos Alberico, Horacio e Persio, sonstitui a equipe que, no presente, atua no sentido de elevar ainda mais o renome da Cia. Leme Ferreira.

CIA. BANDEIRANTES DE ARMAZENS GERAIS

A modalidade adotada, de longa data, de distribuição do café por intermedio de armazens gerais, tomou incremento verdadeiramente vertiginoso de 20 anos para ca.

Prevendo essa tendencia da distribuição do "ouro verde", com um descortino admiravel, iniciaram o saudoso dr. Erico de Abreu Sodré e o sr. Leonardo Martins Neto o negocio armazenador, fundando a Cia. Bandeirantes de Armazens Gerais. Impulsionada desde a sua constituição pela ação eficaz do sr. Leonardo Neto, que a dirige até hoje, galgou há mais de uma década a Bandeirantes, num rápido e surpreendente progresso, a posição que ainda conserva de maior armazenadora de café do Interior, na praça de Santos.

Faz parte ainda do seu corpo diretor o sr. José Alvarez Morales, que, junto a um contingente de competentes auxiliares, tem sabido conduzir com real êxito a grande emprêsa.

AMERICAN COFFEA CORPORATION

Constitui a American Coffee organização unica no setor representando um departamento especializado em transações de café da Atlantic and Pacific Tea and Coffee Corporation, dos Estados Unidos.

Representa a A.P. uma das maiores organizações de vendas de produtos alimenticios dos Estados Unidos, na qual o café é um dos artigos basicos.

Adota ela para o grande produto um sistema proprio de negocio, pois compra, diretamente, aos produtores nos paises de origem, exporta, torra e distribui a varejo por todo o territorio daquele pais amigo.

Compõem sua direção atual, nos Estados Unidos, os srs. G. Curtis e P. Buxton, que ocupam a presidencia, respectivamente, da Atlantic and Pacific e da American Coffee. No Brasil, sua direção está entregue aos srs. Eduard Miller Camps e H. Prochet. A Classificação está confiada ao sr. Henry Orthon, encontrando-se o sr. Heitor Almeida à testa da Secção do Interior.

FERREIRA DA SILVA & CIA.

Surgiu esta organização de um desdobramento dos Ferreira de Bragança; achando-se à sua frente, desde a fundação, o sr. José Ferreira da Silva. Dedica-se a firma não somente a negocios internos, como também à exportação de café.

Seus componentes representam a nova geração dos Ferreira da Silva, estando a firma supervisionada pelo seu fundador, e assistida pelos srs. Flavio e José Ferreira da Silva Junior.

FLAVIO FERREIRA DA SILVA

Funcionando há longos anos a Bolsa Oficial de Café, tem por ela passado numerosos corretores, havendo sempre um "leader" orientador, e, digamos mesmo, quase controlador de suas operações.

Sem favor algum, destaca-se neste momento o sr. Flavio Ferreira da Silva, como o maior — embora em contraste com o seu porte — corretor da Bolsa de Café de Santos. Sua atuação destaca-se pela convicção, e, sobretudo pelo sangue frio com que manipula os pregões.

Altista por indole, sua presença no recinto dos pregões representa sempre e ao mesmo tempo ameaça para os baixistas, segurança e sossego para os que lutam pela manutenção de preços razoaveis para o café. Detem, assim, o sr. Flavio Ferreira da Silva, na hora maxima do comercio cafeeiro, o galardão de "corretor n.o 1" da Bolsa Oficial de Café de Santos.

CASA EXPORTADORA NAUMANN GEPP S. A.

Das mais antigas de Santos, representa o Gepp, como é conhecida a firma na giria santista, um elemento de equilibrio do mercado disponivel da praça. Dedicando-se à exportação, sem maior contacto com o interior, mantem-se sempre no mercado, o que representa uma garantia aos seus constantes supridores.

Essa tradicional firma, possuindo uma rede de representações por todo o mundo, opera com todos os tipos de café, destacando-se no entanto, como compradores dos finissimos cafés para a Escandinavia e graudos para a Alemanha, onde conta com grandes e numerosos clientes.

No momento, sua direção está confiada, em Nova York — onde se localiza o principal escritorio da firma — ao sr. John Naumann, e em Santos, aos srs. Jorge Broad, F. Lange, B. Henessy, que têm como colaborador na Classificação o sr. Lidio Santos Paulo.

H. LA DOMUS & CIA.

Embora não sendo muito antiga, é esta firma uma das mais ativas e conceituadas no comercio exportador. Especializada, a principio, em cafés finos destinados ao exigente mercados americanos, estendeu-se, com o desenvolvimento de seus negocios, a todas as qualidades da bebida.

Ocupa essa eficiente organização destacado lugar no rol dos exportadores santistas, posição essa mantida desde anos atrás.

São seus fundadores os srs Haroldo Domus e J. R. Riner, dois profundos conhecedores do segredo de exportar café, e que, pelo espirito alegre e comunicativo, gozam, ambos, de geral estima de toda a praça.

ORGANIZAÇAO MOREIRA SALLES

Origina-se a Organização Moreira Salles, hoje cobrindo todas as modalidades de transações cafeeiras, de um grupo de comerciantes do Sul de Minas, liderado pelo sr. João Morreira Salles. Dedica-se a Organização Moreira Salles, através das diversas firmas que a compõem, desde a compra do produto no Interior, passando pelo negocio armazenador e indo até à exportação, ocupando elevada posição nos diversos setores.

Espirito empreendedor e de trato fidalgo, conseguiu o sr. João Moreira Salles para as diversas atividades de sua organização um solido prestigio. Cidadão embuido de grande espirito publico, serviu sua classe ocupando com eficiencia a presidencia da Associação Comercial de Santos.

Faz parte da direção da Organização Moreira Salles o sr. Antonio Teixeira, antigo e conceituado comerciante da praça, o que tem sido, certamente, um dos fatores de seu exito no cenario cafeeiro santista.

THEODOR WILLE S/A

E'-nos grato registrar o resurgimento da antiga e tradicional firma, com sua antiga denominação. Aos que estão ligados ao café, não pode deixar de ser grata a lembrança da eficiencia e prestigio dos "Wille" no comercio cafeeiro.

Até o encerramento de suas atividades, durante a guerra, mantinha a Theodor Wille a liderança na exportação cafeeira, vendendo para todos os mercados consumidores do mundo, do que decorriam suas ofertas diarias de compras. Mantinha a direção da casa um sistema de negocios diferente daqueles adotados pelas congeneres, porquanto recebia pela manhã as amostras para classificação, contra as quais dava um talão numerado, mediante o qual, depois das 16.30 horas, fazia as ofertas.

Constituia o "Wille", a ultima esperança, quando, nos passados tempos, se trabalhava um lote de café na praça de Santos. Na sua nova fase, será a conceituada organização dirigida pelos srs. Otto Uebele, como presidente; Ernesto Diederichsen, vice-presidente; Emil Wohmann superintendente; e Hans Ulrich Uebele diretor-assistente.

ALMEIDA PRADO — COMISSARIOS E EXPORTADORES

Nasceu esta prestigiosa organização de uma iniciativa de alguns filhos do major Prado que então se dedicavam à produção de café, sendo todos lavradores na zona de Jag.

Organizada e chefiada pelo dr. Vicente de Paula Almeida Prado, espirito empreendedor e de larga visão, teve Almeida Prado & Cia. (sua denominação original), desde os primordios de sua fundação, o mais solido e decisivo progresso.

Dotado de uma capacidade de trabalho e organização invulgares, deu o dr. Vicente de Paula Almeida Prado grande impulso aos negocios da firma, possibilitando-lhe a posição de relevo, que, desde longos anos, desfruta nos meios comerciais do café, tanto no país como no estrangeiro.

Aliado ao seu grande espirito de iniciativa, revelou o sr. Vicente possuir elevado espirito publico, servindo sua terra, através de varios cargos representativos, quer politicos, quer administrativos, que desempenhou em sua longa vida de trabalho proficuo em prol dos interesses nacionais. Representa o dr. Vicente de Paula Almeida Prado um lidimo expoente da economia e das finanças do país.

Iniciando saus transações como comissaria, passou logo a firma Almeida Prado & Cia. a se dedicar a outras modalidades de operações cafeeiras, notadamente a exportação, onde seu posto é de relevante e merecido destaque. Avançou, ainda, para outros setores do comercio cafeeiro, como seja, ao de armazens gerais, cobrindo os negocios de café no seus mais variados aspectos.

Dedicou-se, também, à agropecuaria, possuindo grandes fazendas de café e a modelar fazenda de criação de gado, em Araçatuba. Esta, organizada pelo espirito pratico do dr. Vicente de Paula Almeida Prado, é hoje dirigida pela ação segura do sr. Clibas de Almeida Prado.

Contou a grande firma, como colaborador eficiente e realizador, o saudoso Alcebiades de Oliveira, que também foi diretor do antigo DNC. Dentro da sucessão natural, passou a firma a ser dirigida pelo sr. Clibas de Almeida Prado, estando hoje à sua frente o dr. João Adhemar de Almeida Prado. Este, demonstrando ter herdado de seu pai os predicados de trabalho e visão, tem sabido manter e elevar o prestigio da grande organização.

Integram ainda os postos diretivos de Almeida Prado, Comissarios - Exportadores", os srs. Marcos Vieira da Cunha, Carlos Braga e Fabio Leite de Moraes, este diretor do setor de armazens gerais.

A diretoria da Bolsa Oficial de Café de Santos, vendo-se, ao centro, o presidente, sr. Heitor Azevedo Muniz, ladeado pelos sindicos srs. Francisco Camargo Neves J. J. Azevedo Marques, Altamir Pimenta e José Eduardo Candido Gomes.

COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

FUNDADA EM 1921

Séde: Rua Direita, 49 — São Paulo

Edificio próprio

CAPITAL TOTALMENTE INTEGRALIZADO Cr$ 65.000.000,00

RESERVAS MAIS DE Cr$ 235.000.000,00

SINISTROS PAGOS DESDE A SUA FUNDAÇÃO EM 1921 MAIS DE Cr$ 330.000.000,00

DIRETORIA

Edgardo de Azevedo Soares
Presidente

Alfredo Egydio de Souza Aranha
Vice-Presidente

José da Silva Gordo
Diretor-Tesoureiro

Antonio de Almeida Prado
Diretor-Secretario

José Ermirio de Moraes
Diretor Comercial

SEGUROS DE VIDA, VIDA EM GRUPO, FOGO, TRANSPORTES AERONAUTICOS, ACIDENTES PESSOAIS, RESPONSABILIDADE CIVIL E FIDELIDADE

FILIAIS E AGENCIAS EM TODO O BRASIL

TELEFONE: 35-1121 (Rêde interna)

Endereço telegrafico "COSEBRAS" — Caixa postal 1798

AGRADA AO MAIS FINO PALADAR

Matriz: R. MARCOS ARRUDA, 493

Fone: 9-6337

Filial: RUA ANTONIO DE BARROS, 306

SÃO PAULO

minhas anãs, afundadas nas suas folhas abundantíssimas como dentro de cúmulos de penas verdes. As trilhas eram assinaladas pela terra de côr vermelho-chocolate, em certos pontos quase violeta. O verde-escuro e castanho-escuro pareciam as côres nacionais do Estado de São Paulo, produtor de café...

Campinas. Cidade ativa, com um largo retangular, chamado "praça" em português. Em espanhol se chamaria "plaza". Tôdas estas praças derivam do "forum" romano. A Prefeitura parecia um edifício de Nápoles, da Campânia. Havia também pombas sôbre a igreja, mas o céu em que volteavam nos seus vôos tridiscentes não era um céu mediterrâneo. Desapareceram de repente por trás do ângulo de uma pérgola sob a qual três robustas mulheres lavavam roupa num tanque: porque um par de gaviões voava lentamene, esplando, por sôbre a praça.

Na praça do mercado tomamos um táxi que nos levasse às plantações, que vinham ao nosso encontro gigantescamente. Agora o ar estava quente e doce: um vento como que saturado de jasmim e de flor de laranjeira soprava à direita e à esquerda. Na parte extrema de Campinas situava-se o jardim botânico, criado trabalhosamente pelo austríaco Dafert: uma importante estação experimental para a agricultura do Sul

Chegamos à fazenda, a uma casa feita de troncos de árvores. Descemos. Dois ágeis mulatos, vestidos asseladamente de branco, conduziram-nos, através do jardim, a uma "vila" de paredes lisas. Se, por certas particularidades, não estivesse ali impresso o estilo colonial, poder-se-ia a gente acreditar-se diante de uma "vila" aristocrática de Nice ou de Cannes.

A casa, tôda coberta de bugainvilles violáceos, explêndia cândida no meio dessa luxuosa espuma de flores. Aqui, onde a menos de 50 anos havia a floresta virgem, o poder do dinheiro evocara um trato da Riviera.

Octaviano Alves de Lima recebeu-nos na sua varanda. "Não há superprodução!" gritou, pondo-se de pé num salto. "O fantasma da superprodução não existe!"

O café é transportado para os barcos

(1) E' um fantasma, esta superprodução; não existe. Aquêles senhores do Instituto do Café deveriam aprender com Henry George que a crise brasileira depende ùnicamente do protecionismo! Sòmente a liberdade de comércio atuada sem atraso está em condições de resolver o problema do café!".

Perguntei se não havia café bastante, olhando-o com supresa. O milionário vestido de branco fez um enérgico sinal de negação com a mão. "O café reclama expansão, exige novos mercados consumidores..." (2)

— Expansão? Novos mercados? E eu que acreditava que o café reclamasse antes limitações? E os novos países de consumo?

— Abolição das barreiras aduaneiras. Por que os russos não bebem café? Não poderiam nos comprar milhões de sacos? Não há superprodução; tôda a culpa é dos direitos.

— Quer invadir a Rússia pela força: — perguntei. — Como quer obrigar os russos a comprar o café brasileiro?

— Não é difícil — respondeu Octaviano — Os russos têm, êles também, necessidade de exportar! O Brasil não teria senão que fazer com a União Soviética um bom tratado comercial, na base do qual poderíamos obrigar-nos, por exemplo, a adquirir cereais russos contra café!

— Justíssimo — observou Henning. — Deveriam ser feitos acôrdos de troca. Ainda que o exemplo da Rússia não seja válido.

O fazendeiro quis saber porque. "Porque — disse Henning — o consumo constitui um problema que não depende apenas dos direitos e dos preços. No caso da Rússia, como transformar todo um povo bebedor de chá num povo de bebedores de café? Mesmo que caissem tôdas as barreiras, êste obstáculo permaneceria. E' muito mais difícil fazer o café do que o chá. Sôbre as fôlhas de chá, basta derramar água quente; mas aquilo que se deva fazer do café antes de poder bebê-lo, o senhor o sabe melhor do que eu. O café não é feito para os camponeses russos ou para os coolies chineses.

Calou-se Octaviano Alves de Lima. Os dois homens puseram-se a fumar. Uma mulata trouxe o café. Depois de algum tempo, o fazendeiro abriu a boca. "Tôdas as barreiras devem cair!" disse, obstinado, a meia voz. "Todo mundo deve tornar-se liberista! Imediatamente!" Repetiu: "Imediatamente!"

A palavra "imediatamente" me esporeou. Comecei por perguntar ao fazendeiro como imaginava a imediata passagem do café à economia livre. Olhou-me com olhos esbugalhados; que havia de pensar disso?

— Se se deixasse ao preço o próprio curso, simplesmente, não bastaria isto para induzir a maior parte dos plantadores a renunciar ao seu cultivo?

— Naturalmente! E seria um grande benefício. A limitação da cultura, que vós tanto desejais, seria um fato consumado.

— Assim, continuariam a produzir apenas aqueles que estivessem em condições de resistir?

Alves de Lima sorriu. "Isto acontece na economia de todo mundo. Apenas os capazes resistem. Quem produz muito caro deve perecer".

Guardei para mim a objeção que "a produção muito cara" não pode ser punida com a morte. "O fantasma da superprodução não existe". Certo; se sobram apenas poucos, não há mais superprodução. Mas esta espécie de darwinismo não me vai muito ao gôsto...

Que significa "o mais capaz"? Octaviano era fabulosamente rico. Ele, talvez, pudesse sustentar um "crack" e ficar tranquilamente a ver que caminho tomaria o café a bom preço e quais os mercados inesperados que lhe seriam abertos. Mas era esta uma solução?

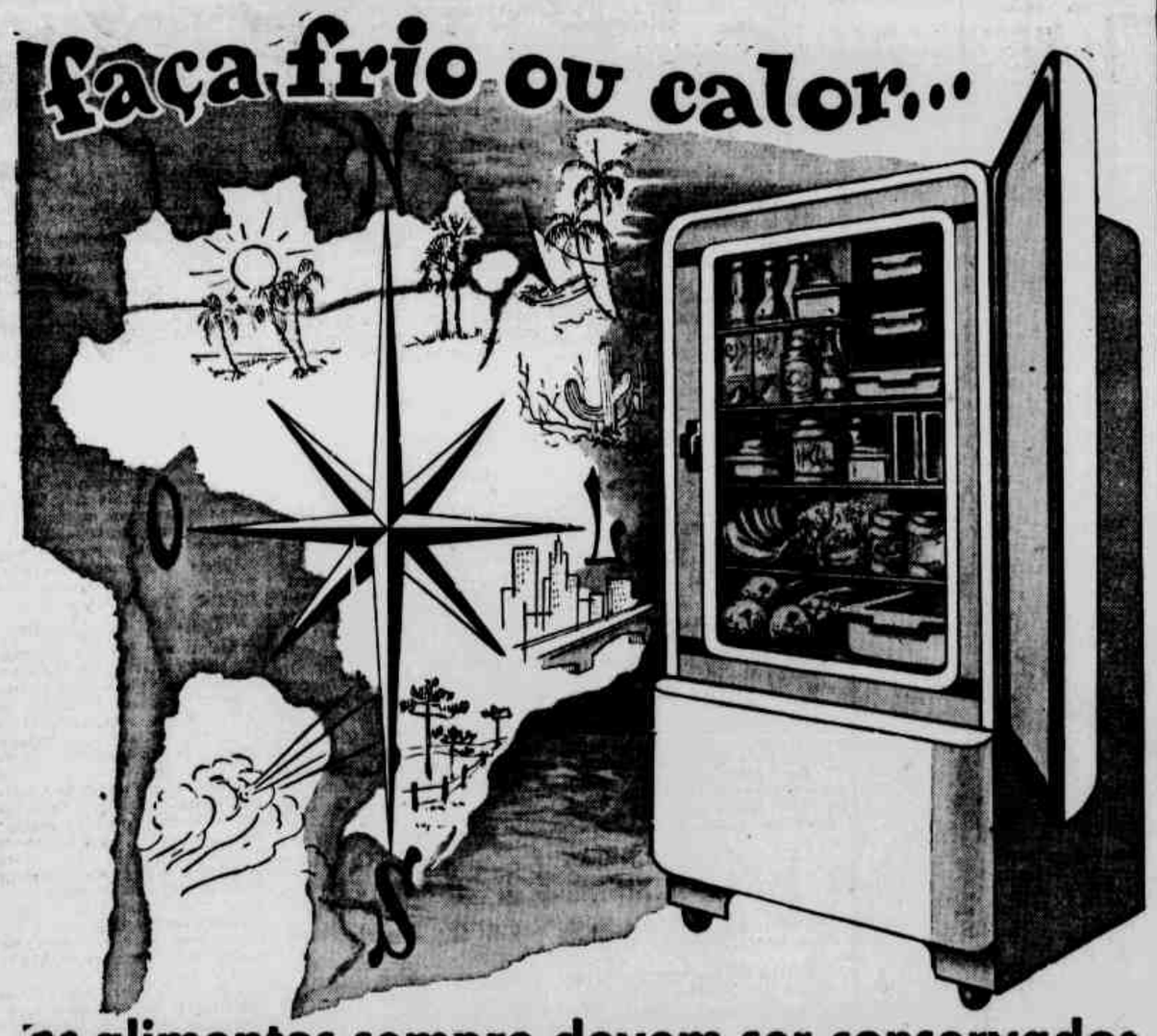
O crepúsculo tropical desceu rápido. O sol descambou, alaranjado. No jardim pelo qual passeiavamos descerravam-se fontes ocultas de perfume. Flores que haviam permanecido fechadas durante o dia, abriam-se à noitinha, para viver como os rouxinóis.

Em meio à beleza do jardim, divindades latinas custodiavam um tanque de mármore cheio de água límpida que o fazendeiro havia feito construir. Ali nos despedimos. A' luz do crepúsculo, Octaviano vestido de branco, parecia um governador romano. Havia falado sàbiamente, mas com o critério de um rico.

(1) — Em português no têxto traduzido

(2) — Idem, idem

Em alto mar, é atirado às aguas



os alimentos sempre devem ser conservados

no refrigerador

GEL-O-MATIC a querozene

• o único que funciona mesmo onde não há eletricidade!

Para que se conservem frescos e saudáveis, os alimentos necessitam de uma temperatura adequada que só GEL-O-MATIC a querozene pode oferecer, onde quer que V. more. Numa fazenda, num sítio ou no sertão, com um refrigerador GEL-O-MATIC e um pouco de querozene, V. tem ao seu dispôr o conforto de um luxuoso e completo refrigerador! GEL-O-MATIC não possui partes móveis e funciona silenciosamente.

Concessionárias em todas as cidades do Brasil

Um produto da Indústria Brasileira de Embalagens S.A.

Matriz: Rua Clélia, 93 - Caixa Postal, 5659 - São Paulo

"ULTIMO GRANDE CICLO BRASILEIRO"

CRIADORA E DEFENSORA DA MENTALIDADE CAFEEIRA NO ESTADO DO PARANÁ

Poucos decênios separam, da atualidade magnífica da cafeicultura paranaense, o início do entusiasmo coletivo pelas plantações de café, em larga escala, nas terras roxas desse Estado.

Caprichoso como nenhuma outra riqueza, o café vai encontrar, no Paraná — as palavras são do governador Munhoz da Rocha Neto — o seu último grande ciclo brasileiro.

Detê-lo, fixando-o, através métodos modernos, num solo cuja riqueza, hoje, é motivo de ufania, é um dos motivos que mais devem preocupar aqueles que se dedicam a essa lavoura.

Só de um lustro para esta data que o Paraná conseguiu transpôr de um milhão sua capacidade de produção. — De cinco anos para cá, conseguiu aquele Estado empolgar o país, de forma assombrosa, graças ao crescendo de suas cifras de exportação de café.

Hoje, êsse Estado, em que pese os prejuizos sofridos com as geadas de 5 e 6 de julho de 1953, tem posição de eminência nas estatísticas nacionais, na produção da rubiácea.

SURGE A ASSOCIAÇAO PARANAENSE DE CAFEICULTORES

No fundo desse magnífico panorâma de produtividade cafeeira, surgiu a idéia da nescessidade de aglutinar os cafeicultores do Paraná em torno de uma entidade declasse que, reunindo homens de espirito público e que se devotasse às causas dos plantadores de café desse Estado, pudesse trabalhar em favôr das reivindicações desses lavouristas da rubiácea.

A origem da APAC (Associação Paranaense de Cafeicultores) pode ser encontrada nos entendimentos que, nos idos de 1949, se fizeram entre as Associações Rurais de Maringá, Marialva, Apucarana, Londrina, Rolândia, Cornélio Procópio, Cambará, Jacarézinho, Santo Antonio da Platina e outras tantas que se foram organizando.

Nos contactos que então se fizeram, entre os homens que dirigiam aqueles organismos, fixou-se a necessidade de, constantemente serem debatidos assuntos de café, problema que mais preocupava os integrantes daquelas Associações Rurais.

Surgiu, nessa época, a União das Entidadas Rurais do Norte do Paraná, que não poucos benefícios prestou aos cafeicultores, graças ao espírito público que animava êsse pugilo de idealistas que formavam em torno dessa entidade.

Com o correr dos tempos, todavia, sentiu-se a necessidade de um fundo monetário razoavel e bem assim a ampliação das atividades de uma organização que pudesse tratar dos interêsses da cafeicultura, de maneira a mais específica. — Resolveu-se, assim, modificar a União das Entidades Rurais do Norte do Paraná, transformando-a numa entidade de carater específico, para atender, eminentemente, aos interêsses do cafeicultor paranaense.

Assentou-se, ainda, que seria instalada a séde dessa entidade, na Capital do Estado, colocando-a, desta forma, em contacto direto com o poder público.

REUNIOES PRELIMINARES

Em reunião realizada no dia 29 de Novembro de 1950, finalmente, foram estudados os planos para a concretização de uma entidade, que viria a ser a A.P.A.C., dela participando os srs. Dr. Homero Cordeiro, Garibaldi Reale, Nicolau Lunardelli, Mércio Prudente Corrêa, Newton Carneiro, Lauro Cordeiro e Francisco de Paula Leite Sobrinho. — Constituiu-se na ocasião, uma comissão organizadora, assim constituida: — Presidente — Dr. Newton Carneiro; Secretario — Mércio Prudente Corrêa; Tesoureiro — Francisco de Paula Leite Sobrinho; Vogal — Garibaldi Reale.

No edificio da Associação Comercial de Londrina, no dia 18 de Dezembro de 1950 realizou-se nova reunião de lavradores juntamente com membros do governo, ficando fundada a Associação Paranaense de Cafeicultores.

Na cidade de Jacarézinho no dia 10 de Fevereiro de 1951, foram aprovados os estatutos sociais, fixadas as anuidades e jóia e eleitos os membros do Conselho de Administração, a saber: — Garibaldi Reale, Adolpho de Oliveira Franco, Nilson Baptista Ribas, Angelo Planas, Hugo Cabral, José Cunha, Nicolau Lunardelli, Mércio Prudente Corrêa, Homero Cordeiro, Octavio Rodrigues Ferreira, Vicente Cioffi e Bráulio Barbosa Ferraz.

AS PRIMEIRAS DIRETORIAS

Em Curitiba, a 28 de Fevereiro de 1951, em reunião do Conselho de Administração, foi eleita e empossada a seguinte diretoria: — Presidente — Bráulio Barbosa Ferraz; Vice-Presidente — Garibaldi Reale; diretor-secretario — Adolpho de Oliveira Franco; diretor-tesoureiro — Nilson Baptista Ribas.

A assembléia geral extraordinaria, da APAC, realizada no dia 18 de Outubro de 1951, para atender aos dispositivos da Organização da Vida Rural Brasileira, modificou os estatutos da entidade, aprovando a indicação da nova diretoria, que exerceu seu mandato até fins de 1953 e que ficou assim constituida: — Presidente — Bráulio Barbosa Ferraz; 1o. Vice-Presidente — Garibaldi Reale; 2o. Vice-Presidente — Evelázio A. Bley; 3o. Vice-Presidente — Homero Cordeiro; Secretário Geral — Adolpho de Oliveira Franco; 1o. Secretario — José Francisco Nauffal; 2o. Secretário — José Pavan; Tesoureiro Geral — Nilson Baptista Ribas; 1o. Tesoureiro — João B. Ribeiro Junior; Vogais: — Hermes Macedo, Francisco Lacerda Junior, Jayme Canet, Mércio Prudente Corrêa, José Cunha, Vicente Cioffi, Octávio Rodrigues Ferreira, Francisco de Paula Leite Sobrinho, Sebastião Aguiar e Gustavo Nunes Diniz. Comissão Fiscal: — Nicolau Lunardelli, Newton Carneiro e Hugo Cabral; suplentes — Arnaldo Alves de Camargo, Angelo Planas e Arthur Hoffig.

A ATUAL DIRETORIA

Em assembléia geral extraordinaria, levada a efeito no dia 31 de Outubro de 1953, foram eleitos os novos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal da APAC, para o bienio 1953 1955, ficando assim constituidos; — Presidente — Bráulio Barbosa Ferraz; 1o. Vice-Presidente — Garibaldi Reale; 2o. Vice-Presidente — Deputado Dr. Nilson Baptista Ribas; 3o. Vice-Presidente — Dr. Homero Cordeiro; Secretário Geral — Dr. José Francisco Nauffal; 1o. Secretário — Dr. Hermes Macedo; 2º. Secretário — José Pavan; Tesoureiro Geral — Evelásio Augusto Bley; 1o. Tesoureiro — Jayme Canet Júnior; 2º. Tesoureiro — Deputado Dr. João Baptista Ribeiro Júnior. Vogais — Dr. Adolpho de Oliveira Franco, Arthur Hoffig, Benedito Moreira, Francisco de Paula Leite Sobrinho, Jayme Canet, José Carlos Ribeiro do Valle, Dr. José Cunha, Octávio Rodrigues Ferreira, Ruben Pazzanese e Sebastião Aguiar. Conselho Fiscal — Dr. Newton Carneiro, Nicolau Lunardelli e Raul Mignone. Suplentes — Affonso Junqueira Franco, Alvaro Lázaro de Godoy e Hugo Cabral.

VISTA DE LONDRINA

INSTALAÇAO DA APAC E SEU RECONHECIMENTO OFICIAL

Com a presença do governador Munhoz da Rocha e altas personalidades da administração, cafeicultores e figuras gradas, no dia 19 de Outubro de 1951, foi solenemente, instalada a séde social da APAC, à rua Barão do Rio Branco, 41, 5o. andar, salas 509,510, 516 e 517, em Curitiba.

Pela lei estadual nº. 772, de 6 de Novembro de 1951, a Associação Paranaense de Cafeicultores foi considerada de utilidade pública e, como tal, órgão consultivo do Departamento Estadual do Café do Paraná.

A portaria no. 60, de 14 de Janeiro de 1952, do Ministro da Agricultura, reconheceu a Associação Paranaense de Cafeicultores, sendo registrada na Secção de Pesquisas Econômicas e Sociais do Serviço de Economia Rural, como entidade de classe especializada, sob no. 14, série ARE. E, ainda, a APAC, registrada nessa categoria, na Federação das Associações Rurais do Paraná.

ATIVIDADES DA APAC

Não pretendemos, numa simples reportagem, focalizar todos os trabalhos da APAC. Faremos, todavia, uma sintese, principiando por frisar o papel que essa entidade teve, quando da elaboração do Regulamento de Embarques de Café, da safra 1951 52. Nos anos posteriores, nunca a APAC deixou de, com sugestões, trabalhos e discussões, de se colocar em defesa da produção do café paranaense, no curso da elaboração desse Regulamento.

Em Mesa Redonda do Café, em São Paulo, no ano de 1951, diretores dessa entidade participaram dos trabalhos que foram levados a efeito, fazendo sugestões e oferecendo emendas ao anteprojeto de criação do Instituto Brasileiro do Café.

Participou a APAC em todas as reuniões cafeeiras que se realizaram no país, tendo, ainda, patrocinado outras em sua séde, que contaram com a participação de autoridades no assunto, como o Dr. Oswaldo Ribeiro Franco, presidente da Comissão Liquidante do Departamento Nacional do Café; Ministro da Agricultura, dr. João Cleophas; Embaixador Sebastião Sampaio e Mr. Charles Furcolowe, do Bureu Pan-Americano do Café; Dr. Felizardo Gomes da Costa, então Secretario da Fazenda do Estado; Cél. Paula Soares Neto, então presidente do Banco do Estado; deputado federal Arthur Santos e outras figuras de relêvo.

O presidente Bráulio Barbosa Ferraz, em Maio de 1951, atendendo ao convite do govêrno brasileiro, fez parte de comissão especial para tratar com o govêrno belga da possibilidade da abertura da Bolsa de Café de Antuérpia, cujos entendimentos foram encaminhados da melhor maneira possivel.

FINANCIAMENTO AGRICOLA

Dentre outros trabalhos da APAC, vale consignar o que realizou em favor do financiamento amplo ao lavrador de café, no interior. — Foram dirigidos memoriais ao Ministro da Fazenda, oferecendo plano de financiamento, calcado na melhor fórmula de bem atender ao lavrador.

Várias conferências foram realizadas entre diretores da APAC e do Ministério da Fazenda, como, ainda, do Banco do Brasil. — Foi obtido, desde logo, o apôio das congêneres paulistas, como a FARESP e Sociedade Rural Brasileira. — Os primeiros resultados, conquanto incipientes, já determinaram o empréstimo de 150 milhões de cruzeiros, a bancos paranaenses, para financiamento no interior, do café em côco.

Foram reiterados entendimentos com autoridades federais, no sentido da ampliação dos redescontos à lavoura.

A questão da instalação, pelo Banco do Brasil, de suas agências, principalmente no norte-paranaense, mereceu atenção da diretoria da APAC, que se dirigiu à diretoria daquele estabelecimento bancário, nesse sentido.

REUNIOES REGIONAIS

Dentro de seu programa de atividades, a APAC, no ano passado, realizou uma série de 9 reuniões na região cafeeira do Estado, em Cambará, Bandeirantes, Jacarézinho, Cornélio Procópio, Santo Antonio da Platina, Rolândia, Maringá, Apucarana e em Londrina, com o objetivo de tornar mais significativo o entrosamento da classe, com a Associação, bem como o estudo dos problemas do café.

Das resoluções tomadas em face da série de reuniões, pode-se destacar o combate ao confisco cambial, preços mínimos para cereais, transporte, armazenamento do produto e financiamento ao produtor.

TRANSPORTE

O problema do transporte, notadamente o ferroviário, foi objeto de especial atenção dos membros diretores da APAC, que têm consciência da necessidade, no momento econômico paranaense, das ferrovias. Vale destacar, nesse seter, o trabalho desenvolvido no sentido da construção do prolongamento da Estrada de Ferro Monte Alegre, de Barro Preto a Cornélio Procópio. Iniciando êsse trabalho, teve o apoio de outras entidades de classe do Estado; levando aos Srs. Presidente da República e Ministro da Viação as reivindicações do Paraná, através consubstancioso memorial, com elementos técnicos de autoria dos engenheiros Antonio B. Cavalcanti e Arésio Xavier de Miranda.

Têm os diretores dessa Associação mantido, continuamente, contactos com a Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, encaminhando sugestões e mantendo mesas-redondas, no sentido de tornar presente, nas mais diversas oportunidades, os interêsses dos cafeicultores, em relação a um normal e perfeito serviço ferroviário nesse Estado.

CONGRESSO MUNDIAL DO CAFE'

A Associação Paranaense de Cafeicultores, quando da realização do Congresso Mundial do Café e da Exposição Internacional do Café, em Dezembro de 1953, em Curitiba, realizou intenso trabalho de cooperação com os organismos organizadores dêsses cometimentos.

FINANCIAMENTO DO CAFE'

O problema do financiamento do café, consubstanciado na lei 2095, de 13 de Novembro de 1953, foi capitulo todo especial na vida da APAC. — Várias comissões de diretores foram ao Rio de Janeiro, além de terem sido enviados memoriais, cartas e telegramas a personalidades e organismos federais, com o objetivo de acelerar, o mais ràpidamente possivel, a questão do financiamento ao café geado.

PROBLEMA DO ARMAZENAMENTO

Diretores da APAC desenvoveram atividades no sentido de melhor equacionar o problema do armazenamento. Juntamente com a Chefia do Escritório do I. B. C., em Curitiba, ficou traçado um plano, sôbre a questão. Trata-se, em síntese, do aluguel de armazens particulares, ao longo da via férrea, pelo Instituto Brasileiro do Café. Em palestra com o general Iberê de Mattos, novo superintendente da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina, a qual contou com o comparecimento do chefe do Escritório do IBC., em Curitiba, sentiram os diretores da APAC que houve grande receptividade e entusiasmo em torno dêsse esquema de trabalho, para a solução do caso do armazenamento.

QUESTAO DOS CEREAIS

O assunto referente aos cereais do norte paranaense mereceu especial carinho da APAC, que procurou auxiliar as Associações Rurais do sententrião, bem como — e principalmente — a Associação Comercial de Maringá. A Associação dos cafeicultores, por diversas vêzes, dirigiu-se às Comissões federais, bem como aos vários orgãos da administração federal, a que o assunto estava afeto, procurando chamar, o mais possivel, a atenção dessas entidades, para que olhassem para o problema com atenção de que o mesmo é merecedor.

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Está sendo estruturado um Departamento Comercial, na APAC, com o objetivo de melhor atender aos cafeicultores. Já foram realizados vários contactos com a Companhia Brasileira de Adubos, Albano Boutin & Cia. Ltda., São Paulo Alpargatas, Transparaná S. A. e outras entidades comerciais.

SINDICALIZAÇAO RURAL

Atendendo a uma sugestão da APAC, a Federação das Associações Rurais do Paraná convocou sua primeira Assembléia Geral Extraordinária, para debater assuntos referentes à Sindicalização Rural Brasileira, bem como a importação de maquinária e implementos agrícolas a um ágio favorável e que conviesse aos interêsses dos produtores de café. A APAC apresentou duas teses, que tiveram ampla repercussão no decorrer daquele conclave.

INSENÇAO DO IMPOSTO TERRITORIAL RURAL

Relativamente à insenção do Impôsto Territorial Rural, a APAC encaminhou, sòmente no ano de 1954, trezentos e quarenta e sete dêsses requerimentos à Secretaria da Fazenda.

BOLETIM E MOVIMENTO DA SECRETARIA

A Associação Paranaense de Cafeicultores, no sentido de manter seus associados bem esclarecidos e informados em assuntos referentes ao café, vem expedindo, três vêzes por mês, o seu "Boletim da APAC", que alcança uma tiragem de mil e quinhentos.

A Secretaria da APAC expediu 405 cartas e recebeu 259, no período de janeiro a 15 de Junho.

* * *

A Associação Paranaense de Cafeicultores, diuturnamente, vem procurando desincumbir-se das tarefas que justificam sua própria criação.

Criando e lutando pela mentalidade cafeeira, no Paraná, essa entidade realiza, constantemente, trabalhos em favor dos homens que têm seus interêsses ligados ao café, nesse Estado, lutando, com bravura e sem esmorecimentos, pelas reivindicações dos integrantes da nobre e valorosa classe dos cafeicultores paranaenses.

A EXPANSÃO DA CULTURA CAFEEIRA EM SÃO PAULO

ALFREDO ELLIS JUNIOR
(Da Universidade de S. Paulo)

Todo o acontecimento, todo o fato historico, todo o fenomeno social ou economico, etc., tem forçosamente causas.

O verdadeiro historiador, sociologo, economista, etc. tem que verificar essas causas para que o fato, o acontecimento, o evento etc., sejam bem analisados em sua perfeita projeção no cenario dos capitulos a que pertençam, quer do passado, do presente ou do futuro. Caso contrario, isto é, se não exigirmos do historiador, do sociólogo, do economista etc. que estuda o fato, o acontecimento, o fenomeno, o evento, etc. a função desses intelectuais ficará reduzida de serem meros colecionadores de minucias descritivas, autores de episodios relatados com mais ou menos detalhes, coletores de dados bem especificados, mas sem interligação; empilhadores de sucessos colocados em ordem cronologica etc.

Ora, a função do historiador, do sociologo ou do economista não deve ser equiparada a de um cronista, de um reporter de eventos do passado, de um episodista, de um anedotário ou de um autor de simples relatorio, sem base explicativa. A Historia é ciencia dos — porquês.

Tudo, em Historia, deve ter sua explicação satisfatoria.

O historiador deve procurar com percuciencia, com cultura etc. essa explicação, para que o acontecimento não fique no ar, sem base e para ser não compreendido, mas simplesmente decorado pela memoria.

Assim, pois, a função do historiador é mais complexa e intelectual que a de um simples cronista coletor de minucias descritivas, etc.

Ora, a causa de todo o fato historico é sempre de natureza economica, tomada esta no seu sentido lato.

Foi considerando isso que eu concebi uma equação algébrica para a Produção resultante de uma atividade qualquer. Eis a equação:

Produção — E + M + C + transporte + consumo.

E — quer dizer **Econogia**, o é, os ambientes geográfico social que envolve o local e agentes da Produção que objetiva realizar.

M — significa **Mão de Obra** s seus aspectos quantitativos e qualitativos.

C — quer dizer **Capital**, referente à sua quantidade.

O **transporte**, quer êle seja maritimo, fluvial, terrestre ou éreo, deve ser analisado no seu custo, nas suas facilidades, nas suas repercussões, nas suas relações com os demais fatores.

Um só fator dessa equação algébrica que falte ou que se apresente em vulto menor, a produção ou não se realiza ou se faz mesquinha e anti-economica.

Assim sem terras apropriadas na sua composição quimica ou na sua configuração física, bem como na sua composição topográfica, sem clima apropriado, sem aguas mais ou menos abundantes, sem leis sociais sábias, sem organização adequada da propriedade, da familia, etc. não pode haver Produção!

De não menor importancia para o conjunto adicional que é a propria Produção é o fator M que é o que se representa a Mão de Obra, o qual pode ser apreciado na sua quantidade como na sua qualidade. Êsse fator referente à Mão de Obra deve ser apreciado ainda no tocante ao custo, à providencia dessa mão de obra, que pode ser a braçal, isto é, material ou cerebral, ou isto é, diretora.

Muito importante para o total da soma equacional é o fator C que concerne ao Capital, empregado para ser obtida a produção. Sem êle ou com êle, em proporções acanhadas, o total será nulo ou apoucado.

O fator — **transporte** — para uma produção qualquer, é de imensa valia para o conjunto equacional, quer o transporte da materia prima em bruto, para ser manufaturada, quer o transporte referente ao produto já ultimado que é levado em direção ao consumo.

TRANSPORTES E CONSUMO

Êsses transportes devem ser bem analisados no tocante ao seu custo, pois daí o maior ou menor numero de **"possibilidades"** para a produção. Daí a imensa significação do fator — **transporte** — para o total equacional da produção. Um produto que não tem transportes ou os tem em desproporção às possibilidades oferecidas pelos demais fatores, tem que imperativamente se anular ou que diminuir a sua produção, fazendo-a proporcional aos transportes. Êstes têm, pois, que ser analisados e bem estudados, não só na sua quantidade, mas tambem na sua qualidade, isto é, no seu custo, bem como na sua modalidade, que implica tambem na sua abundancia, na sua facilidade, na sua rapidez, no seu preço etc.

Sou de opinião que o fator — **consumo** — é dentre todos os da equação da produção, o mais importante, porque, enquanto que os demais apenas oferecem "possibilidades" as quais podem ou não ser aproveitadas, e a produção pode ser efetivada ou não, o fator — **consumo** — é absolutamente determinante, isto é, existindo **consumo**, a **produção** forçadamente tem que se dar, onde as "possibilidades" maiores e melhores, oriundas dos demais fatores se acumularem ainda que em lugar possivelmente distante do consumo.

Confirmando essa determinação positiva, nós temos que, não havendo "**consumo**", não haverá Produção, ainda que sobrem as "possibilidades" oriundas dos demais fatores. E' uma determinação negativa que inutiliza os demais fatores da Equação da Produção, por mais elevados que êles possam ser.

> Assim temos que, sem **Consumo**, não é possivel haver **Produção**. O café não poderia deixar de se subordinar a êsses ditames. Vejamos:

As primeiras sementes de café, foram, como a Cronica nos diz estafadamente, na terceira década do seculo XVIII e em 1770, mudas de café foram, pelo magistrado Castelo Branco, trazidas para o sul das colonias luso-brasileiras e fixadas nos rebordos da Bahia de Guanabara. Entretanto, nem no Norte das colonias luso-brasileiras, para onde Melo Palheta havia no começo do setecentismo importado as primeiras sementes do café, nem no centro sul dessas colonias o café logrou expandir-se, não passando de simples jardinagem bordando a Guanabara, ou salpicando os pequenos sitios de Campinas e de Jundiaí, em S. Paulo, como a Cronica constanta e os curiosos repetem sem raciocinar.

Mas, fazer a reconstituição historica ou sociológica de um fenomeno ou de um capitulo do passado, não unicamente constatar descritivamente o acontecido. E' preciso conhecer as causas desse acontecimento, fazendo intervir no estudo o raciocinio, devendo ser mobilizados todos os recursos que o saber humano oferece.

Por isso é que o historiador precisa possuir uma cultura ampla e dilatada, para usá-la na solução dos problemas que o passado nos apresenta. Assim, temos que explicar porque a cultura do café não expandiu no norte colonial nem no centro-sul das colonias luso-brasileiras, ao redor da baia de Guanabara ou em S. Paulo.

Sim, porque a reconstituição historica de um fenomeno economico concernente ao café, exige mais do que uma simples constatação mais ou menos minuciosa dos fatos que constituem o capitulo historico-economico.

RECONSTITUIÇAO HISTORICA

A verdadeira reconstituição historica obriga a se investigarem as causas, ou antes, porque o café não se expandiu no Norte ou no centro-sul no seculo XVIII, para só nas primeiras décadas do seculo XIX se espalhar pela Provincia fluminense.

A aplicação da equação supra referida aos fatos relativos à expansão da cafeicultura, nos dará a solução do problema, respondendo satisfatoriamente à permuta acima formulada, relativa a ter o café só se expandido no seculo XIX.

Aplicando-se ao café e à sua expansão supra referida, a explicação se faz facilima. Assim, temos que o café teria encontrado no norte e depois no centro-sul, isto é, na baia de Guanabara e em Jundiaí e em Campinas, as possibilidades oferecidas por quase todos os fatores da equação da Produção.

Só faltava o fator **consumo**. Êste não existia! Porisso, o café não pôde expandir-se no Norte colonial, nem no centro sul das colonias luso-brasileiras.

De fato, não haviam mercados consumidores. Os Estados Unidos, que muito depois formaram o grande mercado de consumo, impulsionadores da cultura cafeeira, no inicio do seculo XVIII, quando Melo Palheta importou as primeiras sementes de café, se resumiam ainda nas Treze Colonias, que tiveram a seguinte evolução demografica:

Em	habitantes	
1670	160.000	
1701	297.000	
1750	1.161.000	
1775	2.803.000	(mais ou menos quando o café veio para o Centro Sul)
1790	3.930.000	
1800	5.308.000	(inicio do ciclo do algodão norte-americano)
1810	7.240.000	
1820	9.655.000	
1830	12.866.000	

(Mulhall, "Dictionnary of Statistics")

Com isso nós vemos que quando Melo Palheta trouxe o café, as Treze Colonias americanas tinham apenas 300 a 400 mil habitantes, paupérrimos, sem poder aquisitivo, por que não tinham nenhuma grande fonte de riqueza.

Assim, sem mercado de consumo, o café não podia se expandir. Os Estados Unidos só se tornaram um apreciavel mercado de consumo, quando sua população foi engrossada pela emigração da Inglaterra, premida pela Revolução da Máquina, ocorrida no seculo XVIII. Com esse evento na Inglaterra, os "sem-trabalho" precipitaram-se como uma avalanche, emigrando para as antigas Treze Colonias, e elevando vertiginosamente a população norte-americana. Só então os Estados Unidos se transformaram em mercado de consumo para o café.

Mas esse mercado o era apenas pela quantidade da sua população que crescia de quase 200 mil habitantes por ano. Só quando essa população se enriquecia, os Estados Unidos se transformaram num grande mercado de consumo para o café brasileiro.

Esse extraordinario evento para a expansão do café, só teve lugar a partir de quando os norte-americanos se fizeram possuidores da colossal riqueza que foi a produção e a exportação do algodão, o que foi possivel pelo magnifico invento de Ely Whitney, do descaroçador mecanico, que lhes proporcionou enviar para o faminto e voraz Lanchashire grandes volumes de algodão, que ia alimentar as mecanizadas industrias inglesas, cuja capacidade absortora centuplicou-se com as invenções de Arkwright, Hargreaves e Crompton e de outros. A troco desse algodão, os ingleses faziam ingressar na economia norte-americana verdadeiras avalanches de ouro, que ia enriquecendo o povo norte-americano, aumentando-lhe o poder aquisitivo. Com isso, esses norte-americanos se fizeram grandes consumidores do café brasileiro, o qual para satisfazer a enorme e sempre crescente procura, teve que aumentar a sua produção, o que só foi conseguido pela expansão da zona de cultura pelo Rio Paraiba fluminense depois penetrando por ele na Provincia de São Paulo.

Assim premida pelo consumo que crescia incessantemente, os brasileiros tiveram que fazer alastrar a sua cultura produtora do café, que aumentou assim.

Em 1822 o Brasil produzia	97.981	sacas de 5 arrobas
Em 1825	101.410	sacas de 5 arrobas
Em 1830	484.220	sacas de 5 arrobas

(Boletim 13 da Cadeira de Hist. da Civ. Bras. da Faculdade de Filosofia da U. S. P.)

Mas essa progressão era muito lenta e as plantações cresciam na seguinte forma, de maneira que, em 1840 ainda haviam apenas 35 milhões de pés. (Boletim cit. pág. 75).

E' que um cafezal, para ser formado e entrar em plena produção, exige muito tempo. Eis pois que o Brasil, durante as primeiras 4 décadas do século XIX ficou praticamente sem rendas de monta! O ouro havia se extinguido no fim do século XVIII e o café ainda demorava e só em 1840 a sua lavoura atingia proporções mais palpaveis. Até então, o país viveu na penuria, constatada pelas estatisticas que são confirmadas pelos acontecimentos mencionados pela Cronologia.

De fato, ao se retirar D. João VI para Lisboa, em 1821, raspou o mais que poude o tesouro do Brasil, que tendo comprado por 2 milhões de libras o reconhecimento por Portugal, ficou na mais negra miseria. Disso as desordens no I reinado, com a série de motins e rebeliões que convulsionaram o país. Disso tambem o atuação desastrosa dos brasileiros no Prata, com a perda de Cisplatina, as humilhações de Ituzaingá (Boletin cit.; "O Café e a Paulistania").

"Em casa onde não há pão todos mandam e ninguem tem razão".

O fim do desastrado reinado de Pedro I e o periodo Regencial não viram senão a anarquia e a desordem implantadas no país, que sem base economica atravessava a fase de miseria, a qual durou até 1840, quando o café começou a dar base economica ao Brasil. (Boletim cit.).

Essa data coincidindo com a Maioridade, fez com que os estrábicos intérpretes do passado brasileiro, tomando a nuvem por Juno fizessem tremendo erro de diagnóstico, a ponto de atribuirem à maioridade de Pedro II o fato de ter melhorado a situação anárquica do Brasil (Boletim cit.). O advento do café no vale do rio Paraiba fluminense foi a evidente causa da melhoria da situação economica se refletir nos eventos politicos.

Eis a Guerra Civil Farroupilha, em 1835, ter querido separar a Provincia do Rio Grande, imitando o caso da da Banda Oriental, que em 1828, quando o 1.o Imperio estava na miseria, obteve a sua independencia. Mas, à medida que o café ia solidificando a situação imperial, ia tambem desaparecendo o colorido separatista da luta farroupilha e por fim, em 1845, desaparecia nas confabulações de Canabarro e Caxias a furia farroupilha, se reintegrando no Imperio o Rio Grande do Sul.

E' que o café vinha paulatinamente em aumento, exercendo a sua força. (Boletim cit.). Enquanto isso, se estendia a cafeicultura pela Provincia de S. Paulo, não só pelo vale do rio Paraiba, como também pelo oeste, até Rio Claro, mais ou menos.

LIVRE INICIATIVA DOS PAULISTAS

O consumo norte-americano, mais o das populações européias que se urbanizavam e se industrializavam, obrigava incoercivelmente o aumento da produção do café. Com isso, se valendo das "possibilidades" outorgadas pelos demais fatores da equação da Produção, os paulistas foram formando a lavoura de café até Rio Claro.

E' preciso que fique constatado, de passagem, que essa lavoura foi obra absolutamente exclusiva da livre iniciativa particular dos paulistas, sem o menor auxilio do poder estatal da União, pelo contrario esse poder estatal só atrapalhou a livre iniciativa dos paulistas. E dizer que ainda há neste país quem se enfileire nesse nacionalismo obnublado que quer fazer do Estado Central "ama seca" e clamando pouco inteligente refrão do "petroleo é nosso", com o fito de entregar a exploração do nosso subsolo a esse mesmo Estado que nos deu a Central do Brasil, o Lloyd, a Petrobrás, o D.N.C., o código das Aguas, o I. A. A. etc. e nos ameaça com a desgraça da Electrobrás.

Sou um decidido partidario da livre iniciativa e se meu velho amigo Chateaubriand quiser um exemplo da prosperidade construida pelo regime dessa livre iniciativa, não precisa buscar exemplos na Venezuela ou no Canadá. O melhor exemplo para nossa tese está na prosperidade paulista, pois pela livre iniciativa de sua gente, autenticos pioneiros da "raça de Gigantes", foi plantada a lavoura de café do Estado de S. Paulo, a qual é a manifestação do maior esforço agricola no Planeta, em qualquer época.

Graças à prosperidade causada pela iniciativa particular, S. Paulo é o colosso que a todos extasia e que permite a ele concorrer em porcentagens elevadissimas para que o Brasil exista.

Em grande parte é que por observar isso que dedico fervoroso culto aos nomes de Farquar, Alexander Mackenzie, Billings, à benemérita Light e a outras empresas a quem tanto devemos.

Temos necessidade imperiosa de capitais norte-americanos para os aplicar nas nossas possibilidades. E ainda há tanta gente que não vê isso. A natureza retardou o intelecto desses que nos querem vêr de tanga.

INTERVENÇAO ESTATAL

Como eu dizia, a lavoura de café de S. Paulo foi o resultado da mais essencial iniciativa particular. Todas as vezes que o poder estatal se imisculu na economia cafeeira, só atrapalhou.

Vejamos:

Quando o "consumo" exigiu cada vez maior quantidade de café, o poder estatal deixou que a livre iniciativa particular cuidasse de produzir e exportar aquilo que os norte-americanos queriam com imperio. O Estado só tratava da parte fiscal, isto é, só se importava de arrecadar os impostos, para abarrotar o seu sempre voraz Tesouro. O Estado poderia ter plantado e explorado diretamente a magnifica fonte de renda. Não o fez! Até aí foi sábia e salutar a função do Estado brasileiro, pois só os Estados totalitarios ou ditatoriais intervêm diretamente na produção. Os Estados normais devem apenas se limitarem em auxiliar indiretamente a produção. O Brasil, entretanto, não só não auxiliou em nada a produção cafeeira, como atrapalhou-a o mais que pôde e só um milagre não a extinguiu.

A produção e a exportação do café, para satisfazer as

MAQUINAS DE BENEFICIAR CAFÉ
PRODUTOS FEDERIGHI
AGENTE AUTORIZADO PARA: Minas Gerais — Mato Grosso — D. Federal — Estado do Rio — S. Paulo (Capital) e Santos.
ALFREDO R. CAMPI
Av. Ipiranga, 480 — 1.º and. s/118
Fone: 36-5118 — S. PAULO

exigencias dos norte-americanos e dos mercados europeus, necessitava de transporte e de Capital, além de Mão de Obra.

Competiria ao Estado, se não suprir a produção desses elementos para que ela se fizesse e a exportação se realizasse, mas não a atrapalhasse. O Estado brasileiro não fez senão impedir, lançando toda a sorte de obstáculos para que a produção do café se desse.

Mas, a monumental lavoura de café de São Paulo, foi erguida não obstante os impecilhos do Estado. Eu me refiro à paulista, pois a fluminense não resistiu e morreu. Matou-a o Estado central dirigido por homens retardados.

No referente aos transportes, o Estado nefastamente atrasou o aparecimento da ferrovia. Desde 1835 que o grande Feijó, refletindo a atmosfera que reinava em S. Paulo, baixou a famosa lei sobre a ferrovia. (Boletim n. 115 da Fac. de Filosofia da U. S. P.)

Infelizmente o 2.o Império não executou as medidas preconizadas por Feijó, atrasando de 30 anos a evolução da lavoura do café em São Paulo. Naturalmente era a opaca mentalidade do atrasado Bernardo de Vasconcelos, que era contra as ferrovias.

Já nesse distante oitocentismo a mentalidade torva do "petróleo é nosso" atravancava o progresso e a prosperidade do Brasil. Já então a natureza retardava o desenvolvimento mental de muita gente.

Sem transporte ferroviario o café teve que ser levado no lombo de trôpegos muares. (Boletim n. 141 da Fac. de Fil. da USP).

Ora, o transporte pelo muar era proibitivamente caro e não permitia que o produto sofresse o seu preço em distancia, além de Rio Claro. Com isso, a cafeicultura paulista foi freiada na sua expansão para além de Rio Claro, coisa que só poude ser feita depois de 1872, quando a ferrovia chegou a Campinas. Isso atrasou a expansão cafeeira por um espaço de 30 anos. (Boletim n. 141 da Fac. de Fil. da U.S.P.)

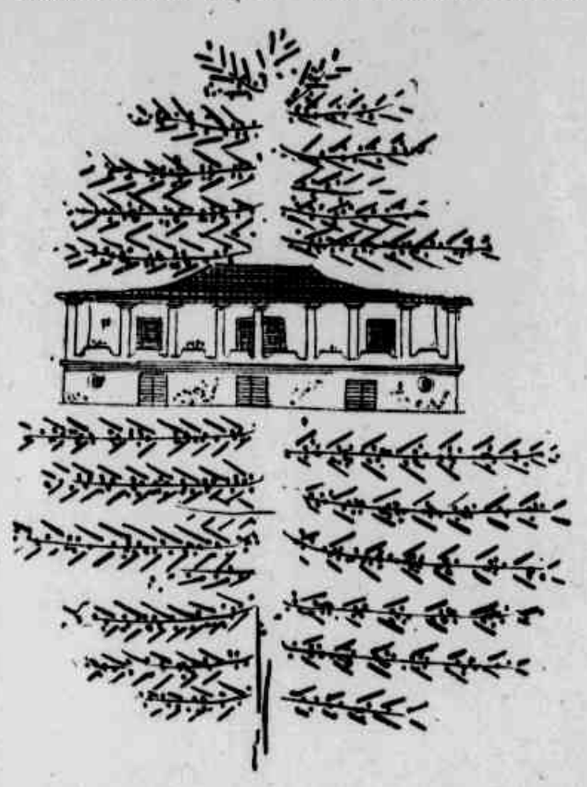
Quanto ao Capital, tambem houve absoluta inação do Estado Central, no referente á lavoura de café. Esta foi edificada única e exclusivamente com capitais particulares paulistas. Não houve nenhum vintem do Estado aplicado na cafeicultura fluminense, mineira ou paulista. Tivesse havido mais visão dos dirigentes imperiais com a aplicação de capitais, na expansão do café, esta teria sido muito mais rápida e maior, de modo que houve a guerra do Paraguai esta teria sido vencida com muito mais facilidade e rapidez, mesmo porque é evidente que quem venceu a campanha contra Lopes foi o café.

A MAO DE OBRA

Assim, a lavoura do café, quer a fluminense, quer a mineira ou a paulista, a maior de todas, é o resultado mais patente da mais exclusiva ação particular, com a mais clamorosa e completa inércia da "ama sêca" estatal.

Mas onde a ação do Estado Central foi mais prejudicial à lavoura de café paulista, se refere à Mão de Obra.

Logo de inicio, a lavoura cafeeira em São Paulo, isto é, na primeira metade do século XIX, o fator equacional da produção concernente à Mão de Obra foi obtido com a extinção do ciclo do açucar paulista. São Paulo, por falta de mão de obra, tinha que "despir um santo para vestir outro", sim, porque teve que paralisar sua atividade açucareira, para, com a gente que sobrara do açucar, empregar na edificação da lavoura do café. Isso em virtude da inércia estatal, que não cuidou de promover a imigração para suprir de braços a novel lavoura de café. Se isso tivesse feito a "ama sêca" estatal, os paulistas teriam sido obrigados a abandonar o fabrico do açucar para erguer esse monumento que é a lavoura de café em São Paulo.



Não se pense que a imigração já não tivesse sido iniciada. Tinha, mas o 1.o Imperio a localizara no Rio Grande do Sul. O Brasil é um pais extraordinario. Faz tudo estapafurdiamente. Eis que ha crise de energia elétrica no centro, o Estado brasileiro vai eletrificar a queda de Paulo Afonso, a 1.500 quilômetros desse centro que precisa de eletricidade. Há crise de borracha nas fábricas paulista, e o Estado brasileiro em vez de plantar hevea perto da fabrica como seria racional, vai plantar essa mesma hevea a 10.000 quilômetros das fábricas de onde é exigido um enorme transporte.

O consumo de milhões de bocas exige açucar no centro-sul. O Estado brasileiro proibe esse centro sul de aumentar sua produção de açucar, para não prejudicar outras regiões. Ora, isso é anti-econômico.

Assim em vez do Estado Brasileiro promover a imigração para o Rio de Janeiro ou São Paulo que precisavam foi promovê-la para o Rio Grande, que dela não tinha urgente necessidade.

Mas, os malefícios concernentes à mão de obra para a lavoura do café de São Paulo, não se limitaram apenas nisso que foi relatado acima. Os recursos ou mão de obra que os paulistas usaram tirados de sua industria açucareira, não bastaram. Todos os relatórios dos Presidentes da Provincia são unanimes em relatar o premente problema da mão de obra. Pois bem, foi justamente quando mais agudo se fazia sentir o temeroso problema que o Estado central do imperador bragantino começou a promover as medidas mais absurdas, no sentido de agravar a situação.

A primeira medida foi a Lei Euzébio, da supressão do tráfico. Sim, pois então, quando faltava gente, ao se abalançarem os paulistas a realizarem o ciclópico monumento que é a nossa lavoura de café, o Estado Central, com a sua lei de 1850, fecha o unico respiradouro que abastecia a nossa região de Mão de Obra.

Não contente com isso, o Estado Central, demagogicamente promove a Lei do Ventre Livre.

Isso era agravar ainda mais o problema, aumentando a aflição do aflito. (Boletins ns. 9, 12 e 14 da Cad. de Hist. da Civ. Bras. da Faculdade de Filosofia da U.S.P.)

Depois de 1888, ainda demagogicamente envolvido pela pouco salutar atmosfera do "idealismo utópico" fruto romantico da Revolução Francesa, o Estado Central, com a inutil Lei dos Sexagenarios, vibrava mais um golpe na livre iniciativa paulista, que continuava ainda a construir o seu maravilhoso parque agricola, consistente na nossa estupenda lavoura de café.

MEDIDAS ANTI-ECONOMICAS

Finalmente, em 1888, o Estado Imperial vibrou o golpe mais profundo na livre iniciativa do café, com a libertação do escravo.

Essas medidas todas foram injustas, porque recairam desigualmente sobre as populações brasileiras, sendo prejudicados alguns, como os fluminenses, mineiros, paulistas e baianos e poupados todos. Iniqua, porque provava a Nação da sua propriedade. Anti-economica porque feria de morte a grande base economica nacional que era o café e a sua exportação; e desumana, porque, paradoxalmente foi contra o negro, atirando-o sem defesa no violento "struggle for life" no qual ele, em decadencia fisica e moral está sendo esmagado por outras estirpes mais bem aparelhadas.

Tudo isso foi feito na inconsciencia de uma atmosfera liberal e alambicada no romantismo piegas do idealismo utopico que empolgou o país no seculo XIX.

Tambem não poderia esperar-se outra coisa de um Estado Central a cuja frente estava um homem muito bom, muito honesto, mas que vivia pedindo orbitas de estrelas u fazendo versos!

Enquanto isso, seus conselheiros, que não enxergavam dois palmos na frente do nariz, promoviam medidas como essas e se embebedavam nos Parlamentos com as suavidades oratorias das proprias vozes.

Nem ao menos tiveram a previdencia de procurar remediar o golpe que haviam desferido. Uma corrente de imigração interna teria sido um excelente lenitivo para as angustias concernentes à mão de obra dos cafeicultores paulistas, mineiros e fluminenses.

Ao invés de promover e incentivar essa imigração interna, o Estado central tentou mesmo estanca-la: o celebre Cotegipe, apresentou mesmo um projeto de lei proibindo-a e varias provincias do adensado e super-povoado Nordeste, quiseram taxa-la.

A todas essas tolices sobreviveu a livre iniciativa paulista!

E' que os paulistas, formadores da nossa lavoura de café, eram autenticos membros dessa "raça de gigantes" que espantou Saint Hilaire.

A lavoura de café de S. Paulo é a mais bela manifestação da grandeza e da fecundidade da livre iniciativa particular, sem que o sadio nacionalismo tenha alguma coisa com isso.

VOLTADAS PARA O CAFÉ AS ATENÇÕES DA SECRETARIA DE AGRICULTURA CAPIXABA

Amplo programa de fomento da produção sob a orientação do sr. Aurelio Ruschi – Assistencia aos cafeicultores

Mais uma vez, encontra-se à frente da Secretaria da Agricultura do Espirito Santo o sr. Eurico Ildebrando Aurelio Ruschi. Trata-se de um homem de larga visão, conhecendo profundamente os problemas da agricultura, aos quais se tem dedicado durante toda a sua vida publica. O governador Jones dos Santos Neves, tendo em vista a importancia do café na economia do seu Estado, convocou o sr. Aureliano Ruschi para a pasta da Agricultura.

Atualmente, graças ao plano de ação do secretario Aureliano Ruschi, o Espirito Santo encontra-se na vanguarda da batalha da produção, notadamente no que diz respeito ao café. Na entrevista que se segue, o secretario Aurelio Ruschi expõe os principais pontos do seu programa de trabalho com relação ao café, anunciando também, o que já foi conseguido nesse setor. Diz-nos o sr. Aurelio Ruschi:

"ALIANÇA MATERIAL E MORAL"

— "Ninguem seria capaz de substimar o papel importantissimo que o café representa na economia nacional, sendo indiscutivelmente preponderante a contribuição que os Estados cafeeiros têm tido nesse desenvolvimento.

Não se pode, sem grave injustiça, condenar os mais pobres, ou os que menos produzem, pelo fato de não apresentarem dentro da União, condições identicas, pois o ideal federativo encerra precisamente esta especie de aliança, material e moral, para então obter-se um objetivo politico a todos comum.

O Espirito Santo vem sendo, pois, na Federação, um grande e admiravel aliado desse impulso progressista que em todo o país se observa, sobretudo porque sua balança de importações é nula, em face do contingente apreciavel de dollars que carreia para os cofres nacionais, através dos produtos basicos de sua economia café e cacau.

O Espirito Santo tem posto em comum essa contribuição, nada exigindo, ou exigindo muito pouco. Mas, já é tempo de pormo-la na balança das competições, não com objetivos egoisticos, mas no sentido de encaminharmos para mais altos destinos a coletividade terrantês.

O crescimento da nossa produção agricola não é um presente dos deuses, como talvez possa parecer aos que não nos conhecem suficientemente bem. O solo capixaba, acidentado na sua maior e melhor parte, não é apenas um obstaculo às boas plantações, como também propicia constante desgaste, proveniente das erosões, que descarnam as lavouras situadas no cocoruto dos morros, cuja cifra é bem elevada".

FLAGELO DA LAVOURA

"Além disso, desde 1946 que o tremendo flagelo da broca assola o nosso Estado. De começo, não dispunhamos de recursos suficientes para debelar a praga. E quando pudemos faze-lo, em 1952, depararam-se-nos as maiores dificuldades, inclusive a propria descrença dos caffeicultores no sistema de combate a ser empreendido. Só em 1953, em face da extensão calamitosa dos prejuizos verificados, é que se pôde, com exito, enfrentar a tarefa de destruição da praga. Nesse ano, informa a mensagem do sr. governador Santos Neves, que acaba de sair em grosso volume, "distribuiram-se aos lavradores 3.452 toneladas de H.C.B. e forneceram-se cerca de 10.000 polvilhadeiras, acreditando-se que aproximadamente 70% dos cafezais atacados foram submetidos ao tratamento radical. As polvilhadeiras adquiridas na base de 750 a 1.260 cruzeiros foram revendidas aos lavradores a 300, 400 e 500 cruzeiros, por unidade, contribuindo, assim, o Estado com cerca de 60% do seu valor, enquanto o preço de revenda do B.H.C., foi fixado em Cr$2.50, ou seja com prejuizo para o Estado de Cr$2,80 sobre o seu custo em quilo".

Há ainda a considerar a valiosa colaboração do Instituto Brasileiro do Café, quer financeiramente, quer pela entrega, à Secretaria da Agricultura, de 1.500 polvilhadeiras para revenda.

Dessarte, espera-se para esta safra um resultado bastante satisfatorio, podendo-se mesmo, se continuarmos a pôr em pratica iguais metodos de combate, erradicar do solo espirito-santense essa terrivel praga, que já tantos prejuizos nos há causado.

O secretario Ruschi, se outras diretrizes de reais e evidentes vantagens para o Estado não houvesse buscado, bastaria a sua luta no combate à broca do café para situa-lo entre os mais capazes auxiliares da administração Santos Neves, nesse periodo memoravel de assinalada repercussão de todas as atividades espirito-santenses.

Aguardamos, agora, os resultados reais da safra em curso, quando ter-se-á a comprovação irretorquivel desse esforço, no sentido de salvar-se de grave e eminente perigo a economia capixaba, quando precisamente se lhe entreaberem alvissareiras esperanças".

SAFRA 53 — 54

Apesar desses transtornos e dos grandes prejuizos registrados, especialmente nas zonas quentes do norte do Estado, a safra que se encerrou atingiu um total de 2.132.327 sacas de 60 quilos, assim discriminadas as respectivas saidas:

Ao porto de Vitoria	1.385.493
Ao porto do Rio de Janeiro	634.834
Torrefação e consumo interno	112.000
TOTAL	2.132.327

OUTROS PROBLEMAS

Não desconhecemos que outros problemas se apresentam aos nossos cafeicultores, cujas rudimentares condições de trabalho somente agora estão sendo modificadas.

O preparo do grão, decorrente dos cuidados que deve merecer a colheita, a construção de terreiros, a rigorosa observancia de limpeza a que precisa ser submetido o produto, tudo isso são outras tantas dificuldades que a Secretaria da Agricultura está procurando vencer, quer pela ajuda material, quer por conselhos e orientação técnica.

Desse ligeiro escorço, resulta bem claro que a atual administração do governo Santos Neves, tem-se empenhado a fundo em todos os setores, cabendo-lhe papel preponderante no reerguimento da lavoura cafeeira, através de uma politica de esclarecida compreensão, que muito breve se fará sentir na propria economia nacional".

O combate à broca do café tem sido uma das principais preocupações da Secretaria da Agricultura. E o trabalho vem alcançando pleno êxito, sob a orientação do sr. Aurelio Ruschi

Recuperação do solo e restauração dos cafeeiros velhos nas zonas mais antigas do vizinho Estado do Paraná

Repetindo o grande erro dos lavradores de café dos Estados do Rio e de S. Paulo, tambem atualmente a maioria dos do Estado do Paraná é imediatista, isto é, tira o máximo da terra, descuidando lamentavelmente, de devolverem parte apreciavel do que dela tiram.

Felizmente, poderemos anotar excepções entre cafeicultores tanto nas zonas novas como nas velhas. Assim, cumpre destacar o esforço na aplicação da técnica agricola moderna de recuperação dos cafezais e preservação do solo, empreendidas pelo adiantado agricultor Homero Cordeiro, na sua magnifica fazenda Santo Antonio, situada no municipio de Jacarezinho, o municipio pioneiro na plantação de café em grande escala, no Paraná.

Nessa propriedade agricola não existem cafezais novos, tendo todos mais de 35 anos. Entretanto, podemos observar o seu magnifico aspecto, nada deixando a desejar em relação às lavouras novas da região. Isso tudo devido ao trato especial aplicado pelo seu proprietario, que, para resolver o problema de falta de materia organica tão necessaria às arvores, montou um completo serviço para fabricação do "adubo composto", com capacidade para adubar anualmente, 125.000 pés de café, metade do total do seu cafezal. Tambem notamos amplo viveiro de mudas de café entre as melhores variedades selecionadas pelo Instituto Agronômico de Campinas, para a substituição anual das arvores mais antigas e condenadas. Constatamos, ainda, que possui a fazenda um perfeito serviço de irrigação artificial, de resultado comprovado nos Periodos de secas. A preservação do solo, com o fim de reter agua e evitar erosão, por meio de "cordões de contorno", está sendo intensamente aplicada, protegendo assim, muito em breve, toda a lavoura.

O seu proprietario é grande entusiasta da mecanização, realizando a capina dos cafezais por meio de enxadas rotativas acionadas por pequenos tratores. Ainda por meio de tratores maiores é feito o serviço de destoca e lavra das terras para cereais, cana e algodão.

São tambem dignas de menção as amplas instalações da fazenda com tradicional terreirão ladrilhado para seca do café, como suas tulhas e maquinas para beneficio do produto.

Já tinhamos noticia da esplendida residencia do seu proprietario, mas visitando-a pudemos constatar que realmente oferece todo conforto moderno, que satisfaz plenamente ao mais exigente visitante.

Fazendas iguais a esta, devem ser visitadas pelos cafeicultores, porque é realmente uma fazenda modelo, em todos os sentidos.

O dr. Homero Cordeiro, ao lado de um robusto "bourbon", que merece do fazendeiro todo desvêlo.

Colonia e parte do terreirão da Fazenda Santo Antonio, em Jacarezinho, de propriedade do dr. Homero Cordeiro

O CAFÉ NO SITIO DA CASA VERDE

AURELIANO LEITE

AMADOR BUENO

As terras que perlongam a margem direita do heroico Tietê ou Anhembi, rio das anhumas, segundo D. Luis de Cêspedes, ou das perdizes, na opinião do estudioso Teodoro Sampaio, mostram-se notadamente mais dadivôsas que as da orla oposta. Se isto se verifica pelas águas abaixo, até o longo curso liguido despejar-se no majestoso Paraná, dentro do municipio de São Paulo, o fenômeno apresenta-se deveras surpreendente. Explicam os entendidos não se tratar de simples capricho da natureza, mais rica de húmus, senão de salutar efeito dos ventos bons que sopram sobre elas. De fato, o nosso solo sub-tropical quando exposto às lufadas frias do sul torna-se pouco propicio a culturas fecundas. Ora, a margem direita do Tietê não sofre o castigo das correntes aéreas que partem do polo austral.

Os autores antigos mantêm-se concordes em referir a grande opulência de Amador Bueno. Seu descendente, o venerando Frei Gaspar da Madre de Deus, monge beneditino do Sec. XVIII e que alcançou o posto de socio correspondente da famosa Academia das Sciências de Lisboa, escrevendo e publicando, em 1797, as suas "Memórias para a História da Capitania de S. Vicente", confirma aquela noticia.

Mas a "grande opulência" do paulista que recusou a coroa de rei de seu povo não vinha de prédios solarengos, pratarias, ouro em barras ou sonantes moedas, e sim de lavouras dilatadas e famosas tratadas por índios e agregados (1). Ora, as suas culturas atapetavam justamente as terras úberes da banda à destra do velho Anhembi, aondereinam bons ventos.

Em que consistiria a exploração agricola parece responder o padre Fernão Cardim, inaciano do Alentejo, falecido na Bahia, em 1625, e que se orgulhou da gloria de ensinar o assombroso noviço Antonio Vieira. Acolitando o visitador, padre Cristovão de Gouvea, andou o sacerdote luso em missão jesuitica, desde Pernambuco a São Paulo. Do que viu de curioso informou ao Provincial de Lisboa, em duas epistolas célebres, datadas da Bahia e recolhidas ultimamente pelo erudito filólogo Rodolfo Garcia, em "Tratados da Terra e Gente do Brasil". Da primeira delas, o trecho mais interessante acerca de Piratininga vai aqui transcrito:

"Piratininga é a vila da invocação da conversão de São Paulo: está do mar pelo sertão doze léguas; é terra muito sadia, ha nela grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenarios, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos anos. Vestem-se de burel, e pelotes pardos e azues, de pertinas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos à igreja com roupões ou berneos de cacheira sem capa. A vila está situada em bom sitio ao longo de um rio caudal. Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quais têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padres os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na vila senão a nossa. Os moradores sustentam seis ou sete dos nossos, com suas esmolas com grande abundancia: é terra de grandes campos e muito semelhante ao sitio d'Evora na boa graça, e campinas, que trazem cheias de vaccas, que é formusura de vêr. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de o ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas, como vi nestas vinhas: tem grandes figueiras de toda sorte de figos bersaçotes, beberas, e outras castas, muitos marmeleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e ha homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas: tem muitos rosais da Alexandria, e porque não tem das outras rosas das de Alexandria fazem açucar rosado para mezinha, e das mesmas cozidas deitando-lhe a primeira agua fora, fazem açucar rosado para comer e fica sofrivel: dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou uma quarta de cevada e colheu sessenta alqueires: é terra fertilissima, muito abastada: quem tem sal é rico, porque as criações não faltam. Tem grande falta de vestido, porque não vão os navios a S. Vicente senão tarde e poucos: há muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal: e os pinhões são tambem maiores, mas muito mais leves e sadios, sem extremo de quentura ou frialdade, e é tanta a abundancia que grande parte dos indios do sertão se sustentam com pinhões: dão-se pelos matos amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos bredos, beldroegas, almeirões bravos e mentrastos, não falo nos fetos, que são muitos, e de altura de uma lança se os deixam crescer. Em fim esta terra parece um novo Portugal" (2).

O testemunho do padre Fernão Cardim com respeito às culturas de São Paulo nunca foi contestado mas sim confirmado. E mostra-se irrefutavel que as primeiras explorações agricolas do municipio mais proveitosas seriam praticadas alem do Anhembi e consistiam principalmente no trigo, o inseparavel e imemorial companheiro do homem. (Nos túmulos dos faraós, em Deir-el-Bahari ou em Karnac, lembra o brilhante Gustavo Barroso, encontraram os sábios, entre as oblatas rituais, grãos de trigo ali depositados havia dez ou quinze mil anos). Ora, dessas terras da outra banda do rio das anhumas", o trecho da Casa Verde, comportando modernamente cerca de duzentos alqueires, destaca-se pela uberdade e foi o pedaço escolhido por Amador Bueno para a sede de suas contiguas sesmarias. Parece evidente que o potentado paulista alinharia em derredor da casa-grande da fazenda as plantações essenciais, o trigo à frente.

Aliás, se casam com o testemunho fidedigno do padre Fernão Cardim as informações catadas nos inventarios e testamentos seiscentistas. Ainda agora, o recentissimo livro de Belmonte — "No tempo do bandeirismo", que fixa aspectos do século XVII, enfileira pachorrentamente uma instrutiva relação dos produtores de trigo da época, assim como a soma de cabeças de gado de cada um dos fazendeiros. Figuram na lista, Valentim de Barros, Luisa Leme, Domingos Jorge Velho, Francisco Pedroso Xavier, Miguel Garcia Velho e muitos outros. Estranhar-se-á que dela não conste o nome do opulento Amador Bueno. Mas esse rol só poderia ter sido extraido, individuo a individuo, de cada um dos inventarios respectivos, o que, por sinal, nos confessou pessoalmente o seu autor. Ora, até o presente, olhos nenhuns viram o inventario ou o testamento do "Aclamado", ou de sua mulher, ou de seus filhos, exceto o de Catarina Bueno e o de Maria Bueno e Diogo Bueno... Já sublinhamos alhures que o nome de Amador e de seus sucessores mais chegados sofre certa campanha misteriosa em favor de seu esquecimento ou desprezo... Por isso, raramente, se refere aos Buenos, na velha documentação seiscentista. Acreditamos que se não valesse o devotamento de seu ilustre descendente Frei Gaspar e do genealogista Pedro Taques, que surgiram uma centúria depois, mais vagos e obscuros se mostrariam os principais fatos daquela preciosa vida. Que Amador, o mais rico daqueles agricultores da primeira metade do século XVII, plantou trigo, apresenta-se evidente. Senhor do chão do Mandaqui, a melhor mancha de terra da zona rural da Vila, forçosamente viria semeando essa indispensavel graminea na Casa Verde, ao lado da cevada, da vinha, do algodão, da cana de açucar, do marmeleiro, etc...

Tambem confirma as duas coisas, em a nota 1, já aludida, Pedro Taques.

E se tudo não bastasse, apelariamos para o "treslado da lissenssa de fazer moinho a amador bueno", em que se lhe concedeu, aos 6 de fevereiro de 1616, o competente alvará para "fazer hu moinho para moer trigo num ribeiro que chamão manaqui..." Esse documento, que se acha transcrito em nota n. 2, ao capitulo II, constitui prova inconcussa, quer na demonstração da cultura de trigo por Amador, quer em que essa cultura se praticava em terras do Mandaqui, ou seja, na Casa Verde.

Seus filhos e netos seguir-lhe-iam certamente o exemplo.

Temos tudo isso por verdade facil de ser impugnada, mas dificil de ser desmanchada...

Entretanto, o que acima ficou é a Casa Verde, ou por outra, o seu solo, pelos séculos XVI, XVII e começos de XVIII.

JOSE' AROUCHE DE TOLEDO RENDON

E dai em diante?

E' de mister dividir este longo decurso de tempo em dois periodos: o que termina nos irmãos Arouche Rendon, em 1840, mais ou menos; e o que parte desse marco até o derradeiro proprietario que lavrou aquele solo: João Maxwell Rudge.

Ataquemos o primeiro periodo, em que predomina a plantação do café, na Casa Verde. Pode-se chamar a ele a era das culturas orientais em São Paulo.

Dentro e fora do País, multissima tinta já se derramou sobre o papel a proposito do café, produto pertencente à familia das rubiáceas, tribo das ixóreas.

Depois de tantas diligencias, resultou pacifico que a glorificada planta encontra o seu berço natal em Africa, na alta Etiópia, na região oriental de Kaffa onde viceja em estado nativo. A suposição errada de, entre outros, o botanico sueco Carlos Linneu, que o chamou "arábico" explica-se pelo sucesso que a formosa rubiácea alcançou em Móca, provincia de Iemen, onde frondejou exuberantemente. Mas o seu uso já como bebida — pois lançavam mão dele como remédio — remonta ao ano de 875, na Pérsia, e a tempos imemoriais, na Etiópia. Na Arábia como aconteceria no Ocidente, granjeou adptós fervorosos e inimigos candentes, acabando, porém, os doutores do Alcorão por aconselha-lo como de preciosas virtudes, quer para ajudar a digestão e afastar o sono, quer para desanuviar a alma. Parece que quem primeiro chuchurreou o café, na Europa, não obstante já antes o haver estudado o botánico alemão Leonardo Rauwolf, foi o sensual Rei-Sol. Contemporaneamente, entrou na Inglaterra, sofrendo uma guerra terrivel dos embocadores da loura cerveja e dos puritanos, que viam no uso fora de casa desse perfumoso licor um pretexto para os bons chefes de familia se afastarem do lar. As ruivas mulheres inglesas chegaram a revoltar-se contra o negro café, acusando-o de causador da perversão dos homens que nele perdiam até a força vital... Panfletos e sátiras apoiaram infrutiferamente a campanha demolidora, pois que a novidade como na França, onde com o tempo surgiram os cafés literarios célebres, frequentados por Fontenelle Roussean, Diderot, Voltaire, Richelieu. (3) etc., acabou conquistando o austero arquipélago britanico. Tambem a Alemanha (apesar do véto que lhe impuseram o fundador da homeopatia e outros scientistas) passou a beber o delicioso liquido e se encarregou de levá-lo aos paises nórdicos, e a Portugal e à Espanha, de onde, através das possessões ibéricas na América, foi ele instalar-se na terra de Tio Sam. Mas, nesse tempo, o plantio do café apenas se praticava no Oriente, donde o carregavam para o Ocidente os mercadores genoveses e venezianos. Na America, foram os holandeses que, no ano de 1718, iniciaram a sua cultura, trazendo algumas mudas para Surinan, ou Guiana Holandesa. Em seguida, os franceses introduziram o seu plantio nas Antilhas. Entretanto, o café da Guiana Francesa foi roubado da sua vizinha, a Guiana Holandesa.

Relativamente à primeira plantação do café no Brasil, correm diferentes versões. Chega Melo Morais a conjecturar haver-se descoberto esse arbusto, no estado nativo, em certa região do Paraná. O padre Araujo Marcondes estranha essa suposição, sugerindo que maior razão existiria para topar com a especie, igualmente espontanea, em outras zonas do Brasil mais proximas da linha equatorial, berço do café. E levanta a suspeita de que os velhos exemplares por ventura encontrados na antiga Terceira Comarca de São Paulo constituiam restos de vetustas culturas jesuiticas em aldeias do século XVII, de que até hoje remanescem ruinas entremeadas de laranjeiras e bananeiras selváticas, principalmente na foz do Corumbataí.

O sr. Luis Amaral, estudioso refletido e esforçado de assuntos economicos, em trabalho a publicar, do qual nos adiantou interessante minúcia, refuta quer a Melo Morais, quer ao Padre Araujo Marcondes. Concordando com este, na parte em que o sacerdote contesta a existencia do grão nativo no Paraná, "pois o café", diz Amaral, "é planta intertropical e sabe-se que o Trópico de Capricornio corta a America do Sul na altura da capital paulista, e o Trópico de Cancer corta a America do Norte à meia altura do México", argumenta que só havendo entrado na Europa, no fim do século XVIII, o café bebida, não poderiam os jetuitas tê-lo trazido para o Paraná, no século XVI ou XVII.

Quando, porém, o mesmo Melo Morais abandona o terreno perigoso da conjectura e entra na terra firme da documentação histórica, assevera que o pé número um que vingou sob o nosso céu foi importado de Gôa, na Asia, para o Rio de Janeiro, aos 1760, pelo chanceler João Antonio Castelo Branco.

Entretanto, a versão mais espalhada e geralmente admitida é que as primeiras sementes que se meteram em terras do Brasil as desviou o bom patricio paraense, sargento-mór, Francisco de Melo Palheta, da Guiana Francesa, em 1727. Ladrão que furtou de ladrão...

São Paulo, comemorando, em 1927, o bi-centenário da introdução do plantio dessa riqueza no País, sagrou essa data e o nome de Francisco Palheta num pequeno obelisco de salão, em poder agora da Sociedade Rural Brasileira.

Fixado esse feito, urge acompanhar a cultura do café, desde o Grão-Pará para onde Palheta o transportara, até São Paulo, que se tornou, pelo esforço de seus homens e uberdade de seu solo, o seu incontestavel reino. E na gloria de São Paulo, a antiga Casa Verde possui um lugar de destaque, como logo se verá.

De Belem do Pará, o futuro produto brasileiro subiu para o Amazonas e desceu para o Maranhão. Daqui é que o chanceler da Relação de São Luis — Castelo Branco — o trouxe para o Rio, em 1760. Distribuiu as suas sementes entre as freiras de Santa Teresa (que as plantaram como cerca de sua propriedade), os frades Barbadinhos, da hoje rua Evaristo da Veiga, e o holandês João Hoppmann, morador em São Cristovão, além do arraial de Mata-Porcos. Reservou para si as sementes que enterrou no quintal de sua casa, no começo da ladeira do convento de Santo Antonio, aonde esteve o predio da Imprensa Nacional. Entre todos os exemplares nascidos, apenas medrou, floresceu e frutificou o das freiras de Santa Teresa.

Foi daí, do primitivo convento de Santa Teresa, que, tirado por vários sacerdotes, se espalhou pelos arredores do Rio de Janeiro e chegou a São Gonçalo e ao vale do Paraiba, cabendo a Rezende (antiga Campo-Alegre) a honra das primeiras plantações na região ribeirinha. Seguiram-na Areias, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Taubaté, Jacarei, etc.

Mas, nessa mesma época, batendo talvez a propria Rezende na escala do tempo, dez ou vinte anos depois do café chegar ao Rio, essa planta, trazida pelo futuro tenente general José Arouche de Toledo Rendon, era explorada agricolamente e vicejava nas colinas do solo casa-verdeano. As tentativas de Jundiaí, que, segundo Correa de Melo, se iniciaram em 1797, vieram pois posteriormente às do sitio da Casa Verde. E' Antonio de Toledo Piza quem, na revista do Instituto Histórico de São Paulo, volume V, fornece essa preciosa informação.

Por ela, fica-se conhecendo que, dali da Casa Verde, no ano de 1794, partiu um caixote cheio desse grão para ser negociado na veneranda Europa. Em 26 de fevereiro de 1794, o tenente general dirige-se a seu irmão dr. Diogo de Toledo Lara e Ordonhez, a quem Saint-Hilaire chamou "le savant Diogo Ordonhez", (figura de real prestigio na Metrópole, pois que até fazia parte da sua famosa Academia das Sciências) e comunica-lhe: —

"Neste mesmo navio (uma corveta, cujo capitão de chamava Piedade) vai um caixote de café da Casa Verde).

Aí ficam as expressões textuais dessa missiva de que nos dá conta A. de Toledo Piza e acerca da qual já nos haviamos referido.

Pode-se pois concluir, sem receio de êrro, que cabe a Casa Verde o papel importante das primeiras terras do Brasil que exportaram o ainda pouco conhecido produto.

Consultando, por último, valiosa obra recentissima, na qual o sr. Afonso de E. Taunay esgotou o assunto, reunindo em 7 espessos volumes quase tudo quanto se tem composto, aqui e no resto do mundo, sobre essa planta, a que o eminente historiador tão acertadamente batizara de "Coffea brasileae fulcrum — Café, estéio do Brasil", não encontramos razões para modificar a coluna dorsal de nossa exposição. Podiamos, é certo, enriquecê-la com dados mais ilustrativos, adicionando-lhe outras mil e uma minúcias, como, por exemplo, que, em Santos, parece já haver sido plantado café, aos 1787; ou ainda, debulhando outros pormenores da carta do futuro tenente general ao dr. Diogo, como este: "Eu podia nela mandar o resto do vosso dinheiro em algodões que o capitão queria levar na camara e eles se achavam prontos. Contudo não o faço, visto que vós tanto desconfiastes da corveta, não só em razões do barco, como por causa dos franceses". Explodira pouco antes a guerra de Roussillon, na qual portugueses e espanhois chegaram a unir-se contra os franceses, o que provocaria o ódio figadal de Napoleão contra a monarquia lusa. Todavia, seria uma nunca findar de informes que não comportaria o feitio deste escôrso.

BANCO COMERCIAL DO PARANÁ S/A.

MATRIZ: PONTA GROSSA
FILIAL: CURITIBA

Capital subscrito ... Cr$ 60.000.000,00
Reservas ..... Cr$ 30.000.000,00

END. TELEGRÁFICO "BANCIAL"

DEPÓSITOS — DESCONTOS — COBRANÇAS — EMPRÉSTIMOS

Sirvam-se da maior rede bancária do Estado

DEPENDÊNCIAS: Abatiá, Andirá, Apucarana, Arapongas, Assaí, Astorga, Bandeirantes, Bela Vista do Paraíso, Cambará, Cambé, Campo Largo, Campo Mourão, Castro, Cornélio Procópio, Curitiba, Guarapuava, Ibaiti, Ibiporã, Irati Itambaracá, Itararé, Jacarézinho, Jaguariaíva, Jandaia do Sul, Joaquim Távora, Juvevê, Lapa, Londrina, Maiet, Mandaguaçú, Mandaguari, Mariaiva, Maringá, Monte Alegre, Morretes, Nova Esperança, Palmeira, Paranaguá, Peabirú, Pinhalão, Piraí do Sul, Portão, Primeiro de Maio, Prudentópolis, Qualigué, Rebouças, Ribeirão Claro, Ribeirão do Pinhal, Rio Azul, Rolandia, Santa Felicidade, Santa Mariana, Sto. Antonio da Platina, Sertanópolis, Siqueira Campos, Tomazina, União da Vitória, Urai

3 EXCEPCIONAIS NEGÓCIOS nas fabulosas terras do PARANÁ

Para homens da cidade e para homens de lavoura que sabem quanto rende o cultivo do CAFÉ e da AZEITONA!

Seja Você um homem da cidade sem conhecimentos agricolas, ou seja um homem de lavoura, acostumado às lides do campo; tenha Você pequenos ou grandes recursos financeiros, eis a sua grande oportunidade... a oportunidade de partilhar das fabulosas riquezas do solo do Paraná e de enriquecer com o cultivo do café e da azeitona. Medite nas vantagens dêstes excepcionais negócios e resolva-se, sem demora, a abrir novos horizontes à sua vida, pelo Plano Agrinco, como estão fazendo, mês a mês, centenas de pessoas entendidas e de larga visão.

1 Se Você só dispõe de Cr$ 300,00 mensais...

...pode adquirir, pelo Plano Agrinco, um sitio de 5.000 m2 com 600 pés de café e 50 oliveiras (ou somente com 50 oliveiras) com todos os serviços agricolas e administrativos a nosso cargo. Êste negócio dá-lhe anualmente, sem trabalho algum, a partir da 1.ª colheita, uma renda aproximada de 19%, que aumenta de ano para ano — sem contar a valorização da terra.

2 Se Você quer fazer uma inversão inicial de Cr$ 180.000,00...

...pode adquirir, pelo Plano Agrinco, uma fazenda com 26.620 pés de café e 2.420 oliveiras, com todos os serviços agricolas e administrativos a nosso cargo. Êste negócio dá-lhe anualmente, sem trabalho algum, a partir da 1.ª colheita, uma renda aproximada de 29%, que aumenta de ano para ano — sem contar a valorização da terra.

Nestes dois negócios, idealizados para homens da cidade, Você não tem o menor trabalho com a lavoura, nem precisa abandonar suas ocupações habituais: a Agrinco planta, cuida da terra, administra, faz as colheitas e encarrega-se de as vender, cabendo a Você 70% dos lucros liquidos de cada safra. Peça informações hoje mesmo.

3 Se Você próprio quer trabalhar a terra...

...porque é homem de lavoura, o Plano Agrinco de Colonização oferece-lhe a melhor oportunidade de sua vida. A Agrinco entrega-lhe a terra, fornece-lhe mudas e sementes selecionadas, dá-lhe a assistência técnica de seus agrônomos e Você nos pagará entregando-nos parte do café e da azeitona produzidos em seu sitio. Após isso a terra é propriedade sua. Peça informações hoje mesmo.

GARANTA DESDE JÁ UM SÍTIO NO PARQUE AGRINCO MUNHOZ DA ROCHA

Terras fertilissimas situadas na rica bacia do Rio Piquiri, nas vizinhanças de Cascavel, Paraná (adquiridas à Fundação Paranaense de Colonização e Imigração) ao lado de uma futura cidade.

A AGRINCO CUMPRE O QUE PROMETE

Em menos de um ano, a Agrinco preparou dois imensos parques agricolas e vendeu 2.125 sitios, cuja plantação, em franco progresso, está provando a veracidade das suas afirmativas: em Magé, Estado do Rio e em Guararema, S. Paulo. Veja um dêsses parques para ter uma ideia do que a Agrinco já fez. Caminhonete à sua disposição para uma visita aos domingos pela manhã.

Mande o cupão hoje mesmo para receber mais informações sem compromisso.

À AGRINCO DO BRASIL S.A.
Av. Presidente Vargas, 463 - 13.º
Rio de Janeiro

Queiram fornecer-me, sem compromisso, mais informações sôbre o Plano Agrinco.

Nome .....
Rua .....
Cidade ..... Estado .....

AGRINCO DO BRASIL S.A.

Rio - Avenida Presidente Vargas, 463-A - 13.º andar - Fone 43-3411 • São Paulo - Rua Barão de Itapetininga, 275 - 2.º andar - Fone 35-1042
Curitiba - Rua 15 de Novembro, 266 - 10.º andar - Fone 4843

Séde: SÃO PAULO
LARGO DO CAFÉ, 14
2.º andar

Filial: SANTOS
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50

PARA REMESSA DE SEUS CAFÉS

COMPANHIA JARAGUÁ DE ARMAZENS GERAIS

DESVIO SALFAMA — BARRA FUNDA

ATUAÇÃO DA PRESIDENCIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

NA LUTA CONTRA A CAMPANHA MOVIDA NOS EE. UU. TOMOU POSIÇÃO DEFINIDA E NÃO TRANSIGIU NA DEFESA DE NOSSA CAFEICULTURA

Esclarecimentos à opinião publica norte-americana — Convites às associações dos Estados Unidos para visitar as lavouras brasileiras atingidas pelas geadas — Acordos com os Estados produtores

Em varias ocasiões, a atual administração do IBC, no ano de 1953 e começo de 1954, esteve presente na defesa do interesse da lavoura. Ao afirmarmos isto, nos reportamos à luta em que foi conclamado a intervir devido à campanha movida nos EE.UU. contra o preço do café, um fenomeno natural de oferta e procura, mas interpretado como uma especulação, movida por interesses pessoais. O IBC tomou posição definida e não transigiu na defesa da cafeicultura nacional.

Mas, para melhor configuração do problema, vamos nos conduzir até outubro de 1953, quando o IBC, solicitando ao Banco do Brasil melhores preços para o produto, recebeu informações de que era atendido parcialmente, elevando de Cr$ 800,00 para Cr$ 900,00 por saca de café, as bases do financiamento.

A POLITICA ECONOMICA

Os resultados dessa medida não puderam se fazer sentir, pois logo no dia 9 de outubro foi publicada a resolução n.o 70, da SUMOC, que modificava a resolução anterior, instituindo o pagamento de um agio de Cr$ 5,00 por dollar para o café exportado. Esta resolução que, sem duvida, vinha atender aos interesses da cafeicultura quanto aos preços do produto, em cruzeiros, não pôde evitar que os preços caissem em Nova York. Eis por que, no dia 15 de outubro, o IBC oficiava ao Banco do Brasil nos seguintes termos: "A proposito da nova politica economico-financeira orientada pelo excelentissimo senhor ministro da Fazenda, cabe-nos levar ao seu conhecimento que o mercado do café disponivel em Santos, nesta praça do Rio de Janeiro, não reagiou na proporção esperada, com as medidas tomadas pela SUMOC. Tal fato poderá ser atribuido à falta de resistencia dos vendedores. Afigura-se-nos, portanto, necessario melhorar a capacidade de resistencia desses comerciantes, bem como a dos produtores, motivo por que o Instituto Brasileiro do Café sugere seja aumentada a base do financiamento para Cr$ 1.300,00 em Santos e Cr$ 1.200,00 no interior, respectivamente".

A evolução dos preços no mercado de Nova York confirmou esses argumentos. Na semana de 2 a 8 de outubro, anterior à citada portaria, as cotações em Nova York foram de 60,50 centavos por libra para o café Santos tipo 4 e na semana seguinte cairam para 58,25. Aliás, devido aos rumores sobre a desvalorização cambial, as cotações já haviam caido na semana anterior, pois durante a ultima semana de setembro se tinham mantido a 61,75. No mesmo periodo, o café colombiano sofreu flutuações menores e logo na semana subsequente reagiu firmemente voltando a 62,25, preço que vigorará na ultima semana de setembro, para, em seguida, alcançar 66 cents., enquanto o nosso café se mantinha em torno de 58 cents.

A Instrução 70 da SUMOC não estava, pois, atingindo um de seus principais objetivos, deixando de proporcionar aos produtores nacionais a melhoria devida dos preços em cruzeiros, enquanto permitia a manutenção de niveis baixos no preço do café no mercado externo, com grave prejuizo para a economia nacional, que não podia sofrer essa perda injustificável de cambiais.

O Banco do Brasil atendeu, em parte, à solicitação, elevando a base do financiamento para Cr$ 1.200,00, em Santos, e Cr$ 1.100,00, no interior. Autorizou na mesma data o redesconto extra-limite de "warrants", conhecimentos de depósito e conhecimentos ferroviários do café, permitindo, assim, um aumento da capacidade de financiamento dos bancos particulares que operam com o produto.

Apesar dessas medidas de financiamento e mesmo da firme posição estatística em que o café se encontrava, os seus preços, no mercado de Nova York, mantiveram-se estáveis, sem demonstrar qualquer tendência para alta. Esse fato era, de certo modo, estranho, uma vez que a geada tinha modificado sensivelmente a posição futura do produto.

A ELEVAÇAO DOS PREÇOS

Em novembro, ocorreu fato que veio modificar de comparecer à oportunidade em comparecer à Convenção da National Coffee Association, em Boca Raton, Flórida, Estados Unidos da América do Norte, onde, na exposição feita em plenário e nas palestras mantidas com os homens de negócios daquele país, o IBC, na pessoa do seu presidente, sr. Pacheco e Chaves, pôde prestar esclarecimentos sobre a posição estatística do café em consequência da geada e da nova quebra de safra. Em viagem a Nova York, o sr. Pacheco e Chavés, ao visitar as firmas importadoras, os torradores e fabricantes de café solúvel, a par das observações que fazia sobre os vários problemas que interessam à nossa cafeicultura, apresentou considerações sobre a nova posição do café e mostrou os dados estatísticos referentes à mesma.

Em principios de dezembro, o Banco do Brasil atendeu ao pedido da lavoura de café e do IBC, elevando a base do financiamento para Cr$ .... 1.500,00 por saca. Essa medida proporcionou o necessário desafôgo financeiro aos produtores e comerciantes e os preços puderam refletir devidamente a posição estatística do café.

Iniciou-se, então, nova fase de elevação de preços. O café, em Nova York, Santos tipo 4, que se mantivera até a semana finda em 26 de novembro a 57,75 cents. por libra, passa, na remana seguinte, para 59,25, continuando em escala crescente até chegar à cotação superior a 90 cents.

CAMPANHA CONTRA A ELEVAÇAO DOS PREÇOS NOS EE. UU.

Essa elevação de preços, a par dos reais beneficios que trouxe à economia nacional, deu origem a uma dificuldade que poderia ter tido graves consequências, não fossem as providências em tempo tomadas pelo Instituto Brasileiro do Café.

Mal informados sobre a situação do café, iniciou-se nos Estados Unidos uma campanha contra a elevação do seu preço, que resultou na abertura de inquéritos pelo Senate Banking Comittee e pela Federal Trade Comission, inquérito último, este, que mereceu do govêrno americano a importancia de ser anunciado pelo próprio presidente Eisenhower.

A nossa preocupação foi grande, pois, pela forma como o movimento se desenvolvia, poderia resultar numa seríssima campanha de "boycott" contra o consumo do café brasileiro, extremamente desfavorável, considerando que os Estados Unidos são o maior consumidor do nosso produto.

Imediatamente, o IBC entrou em contacto com seu escritório em Nova York, determinando que se solicitasse ao Bureau Pan-Americano do Café a execução de um movimento de contra-ofensiva. Segundo relatório recebido do Bureau, foram diversas as medidas então tomadas, nos Estados Unidos.

A divisão das Relações Públicas do Bureau organizou-se imediatamente para atender aos inúmeros pedidos de informações vindos de jornais, revistas, estações de rádio e televisão e clubs de senhoras, que desejavam saber a razão da alta dos preços. Em muitas ocasiões, os seus técnicos compareceram a essas reuniões, para falar pessoalmente, como ocorreu, por exemplo, na reunião do Board de Diretores da National Restaurant Association, em Nova York, no dia 12 de janeiro.

Providenciou, ainda, para que personalidades credenciadas pudessem falar em defesa do café, em reuniões mais solenes. Assim, o embaixador do Brasil, sr. João Carlos Muniz, falou na World Trade Conference, em Chicago; o consul Cesar Berenguer, no Overseas Press Club; Mr. Lindsay, nas convenções de Ohio State Resturant Association e Wisconsin Restaurant Association; o sr. Cintra Leite, no World Affaire Forum da Universidade de Minnesota.

Além disso, foi realizada uma Conferência de Imprensa, presidida pelo sr. Cintra Leite; foi distribuida, a 1.700 editores do país, a carta do Assistani Secretary of State, Mr. Thruston B. Norton; foi dada grande divulgação ao memorial da American Chamber of Commerce for Brasil e amplamente distribuida a edição revista do livro "Facts about Coffee".

Encomendou, também, artigos, especiais a editorialistas que os divulgaram através de seus Sindicatos.

A "Historia do Café", para o grande público, foi amplamente divulgada nas várias revistas, rádio e televisão do país. E de se notar um artigo especial do U. S. News & World Report (Why Coffee Keeps costing more); outro no Public Relation News; o espetáculo do Mutual Television Newsreel; e a carta do Assistant Secretary of State Truston B. Norton, respondendo a uma carta referente a preço de café, do Congressista John B. Sullivan, de Missouri, publicada no Congressional Record, além de outras.

Foi também modificado o sentido dos anuncios em jornais e revistas do Bureau, de modo a atender à situação criada pela campanha. Em lugar de insistir sôbre o aumento de consumo procurou-se elucidar o público sôbre questões relativas ao produto. Foram anunciadas seis páginas completas no "Broadcasting Magazine", "Editor and "Publisher" e "Publishers Auxiliary"; duas páginas completas no "Public Relations Journal" e "Quill Magazine"; grandes anuncios foram feitos em 52 jornais alcançando 18 milhões de pessoas em 37 cidades de 500.000 habitantes e mais.

Quanto à investigação do senado, o primeiro passo do Presidente do Bureau foi procurar entender-se com o senador Beall, Chairman do Special Subcommittee on Coffee of the Senate Banking of Currency Committee, o qual o convidou para depôr oficialmente.

Não devemos nos esquecer da solidariedade manifestada pelos demais paises produtores da America Latina que, por seus representantes credenciados, nos ajudaram a restabelecer a verdade sôbre a historia da elevação dos preços do café.

CONVITE AOS AMERICANOS

Todavia, a medida mais eficiente e que apresentou os resultados mais positivos na contra-ofensiva à campanha, foi o convite feito a personalidades de influencia na opinião pública dos Estados Unidos para que viessem pessoalmente conhecer a situação de nosso café. Foram convidados pelo I.B.C., e o convite foi oficialmente confirmado pelo Itamarati(os senhores vice-presidente da Republica e o presidente do Senado Richard Nixon; presidente da Camara dos Deputados Joseph Martin; sub-secretario de Estado John M. Cabot; presidente da Comissão de Agricultura do Senado, George D. Aikem; presidente da Comissão de Agricultura da Camara, Clifford R. Hope; presidente da Federal Trade Comission; Senadores Knowland e Guy Gillette; Cyrus Sulzberger, do "New York Times"; Roy Howard, de "Scripts Howard Newspapers"; Gardner Cowles, do "Look Magazine"; George Meany, da American Federation of Labor; Walter Reuter, do Congress of Industrial Organization; Walter Fuller, da "Curtis Publishing Co."; Edward R. Nurrow, da "Columbia Broadcasting System"; Andrew Heiskell, do "Life Magazine"; e 4 representantes das donas de casas, indicadas pela General Federation of Women's Club.

O texto do telegrama enviado pelo IBC foi o seguinte: "O Instituto Brasileiro do Café lamenta profundamente o transtorno que significa para as donas de casa norte-americanas a redução das safras, bem como o consequente aumento nos preços do café. Todo o Brasil se ressente com as acusações, feitas de modo um tanto vago, de que a causa dos aumentos de preços é a manipulação dos mesmos no Brasil e não a redução da safra causada pela geada. Portanto, o Instituto convida-vos cordialmente para serdes seu hospedes no Brasil, quando verificareis pessoalmente a extensão do dano e estudareis a produção e a exportação do café em nosso país. O instituto concederá todas as facilidades para essa viagem e a empreenderá de acôrdo com a vossa conveniencia. Temos plena confiança na capacidade de julgar com imparcialidade do povo americano quando os fatos são levados ao seu conhecimento. No caso de ser impossivel aceitar este convite, peço credenciar representante. Responder, por obsequio, para o Instituto Brasileiro do Café, em New York, Wall Strett 120, N.Y.".

QUATRO CARAVANAS

Infelizmente, nem todos puderam aceitar o convite, por motivo de fôrça maior. Mas, recebemos a visita de quatro caravanas sucessivas. Primeiro, a dos representantes de jornais e emprêsas de rádio e televisão que correu as zonas de Presidente Prudente e norte do Paraná, onde teve possibilidade de ver e filmar os cafeeiros atingidos pela geada e sentir, diretamente, os efeitos dessa calamidade sôbre a economia cafeeira.

Após a volta desses elementos chegaram quatro representantes da Federação dos Clubes de Senhoras, as quais correram toda a região norte do Paraná afetada pela geada, e se certificaram, em visita aos armazens de Londrina e Santos, de que são pequenos os estoques de café. Viram o esforço que está sendo feito no norte do Paraná, na derrubada de matas virgens e plantio de novas lavouras. Também em Campinas, tiveram oportunidade de ver os trabalhos técnicos agronômicos, conduzidos pelas entidades oficiais do Estado de São Paulo com a cultura cafeeira e verificar, em fazendas particulares daquele municipio paulista, o estabelecimento de cafezais em terras velhas, em ótimo estado de vegetação e produção, consequência da aplicação da melhor técnica agronômica.

Mais tarde, recebiamos a visita de um grupo de jornalistas femininos representando revistas e jornais diversos e que veio acompanhado por uma funcionária do Bureau Pan-Americano. E, por último, outro grupo de jornalistas, dessa vez representando os maiores jornais americanos, fez a mesma visita ao norte do Paraná e a São Paulo, onde viram o efeito da geada, o esforço da recuperação e constatou a inexistencia de grandes estoques.

Em nosso país, também foram tomadas as providências que se faziam necessárias. Procuramos atender às autoridades federais com as informações técnicas que se faziam necessárias a fim de que as mesmas se manifestassem oficialmente a respeito. Merecem destaque as declarações dos srs. Ministros da Fazenda, dr. Oswaldo Aranha, e do Exterior, dr. Vicente Ráo, assim como a do Embaixador João Carlos Muniz, que tiveram grande repercussão no exterior.

Como resultado desse esforço de esclarecimento verificou-se rapida mudança na opinião americana, pois hoje geralmente aceita a idéia de que a alta do preço se deve sobretudo à falta do produto. E é de se notar que essa mudança se operou de forma quase tão rapida como se iniciou, devido à ação eficaz de esclarecimento que na ocasião apropriada demonstrou o IBC.

ACORDOS COM OS ESTADOS

Quanto à prestação de assistencia técnica à lavoura, a politica seguida pela Diretoria do IBC foi a de "Acordos" com as Secretarias de Agricultura dos Estados produtores.

Foram distribuidos Cr$... 68.000.000,00 aos Estados produtores, ainda sendo Presidente do IBC o dr. Mario Penteado de Faria e Silva, da seguinte forma:

Estados	Cr$
São Paulo . .	25.000.000,00
Minas Gerais .	15.000.000,00
Paraná . . .	15.000.000,00
Espirito Santo	8.000.000,00
Rio de Janeiro	3.000.000,00
Santa Catarina	1.000.000,00
Mato Grosso .	1.000.000,00

Através dêsses acordos, o Instituto Brasileiro do Café colocou à disposição das Secretarias de Agricultura dos Estados os recursos financeiros que se fizeram necessários para iniciar ou incrementar os serviços de fomento à cafeicultura dos Estados produtores, assim como os serviços de pesquisas necessários à racionalização de sua produção. Era preferivel fazer esses acordos e financiar sua execução em lugar de criar um órgão proprio do Instituto para prestar assistência técnica à lavoura. As despesas foram assim menores e evitaram-se os riscos de ineficiência que acompanham a organização de um serviço grande como o que se faz necessário para abranger todas as extensas e distantes regiões produtoras de café do país, bem como a duplicidade de serviços.

O Instituto se reservou à função que melhor lhe convinha, que foi a de se pronunciar, através de seus técnicos, sobre os problemas de cafeicultura que devem ser preferencialmente abordados.

Aliás, durante a gestão do sr. Pacheco e Chaves já foi atendida a função orientadora do IBC. Os técnicos do IBC estiveram sempre em contacto com o Instituto Agronômico de Campinas a fim de solicitarem prioridade para os trabalhos de melhoria da bebida por ser o problema para o qual necessitamos de uma mais breve solução. Quanto aos estudos que estão sendo conduzidos pela Subdivisão de Economia Rural em São Paulo, a participação do Instituto tem sido mais intima, pois contribui diretamente com os seus técnicos para a execução dos mesmos. Um dos estudos que estão sendo assim executados refere-se à comercialização do café que deverá descrever as diferentes operações e formas de negocios pelo qual passa o café até ser exportado, assim como determinar o custo dessas operações e criticar o grande de eficiência das mesmas. O custo de produção do café, o calculo da renda liquida das propriedades agricolas e o sistema de comercialização usado diretamente pelos produtores são outros estudos que estão sendo realizados numa amostra estatística que abrange 480 propriedades agricolas. Para o desenvolvimento dos trabalhos experimentais do Estado de Santa Catarina e do Espírito Santos, a ação dos técnicos do IBC também se fez sentir de forma decisiva.

HELICÓPTEROS PARA O COMBATE À BROCA

O IBC., na defesa politico-econômica do café, não só no país como no estrangeiro, não poderia deixar de atender à necessidade de intensificar o conbate à broca do café. Assim é que, para uma melhor execução desse programa, entrou em entendimentos com uma firma representante da Bell Aircraft Corporation para aquisição de dois helicópteros, já ajustados com equipamento de pulverização e de polvilhamento e filtro vortox, bem como peças sobressalentes. O preço total será de 103.282,64 dolares.

E' de tal relevancia esse assunto que ao ser encaminhado pela Assessoria Técnica da SUMOC, deu ela um parecer assinalando que a pretensão do IBC, se reveste de especial interesse neste momento, dada a relação direta que existe entre o combate à broca nos cafezais e a produção direta de divisas, indicando que na última safra de café já granado e amadurecido, destruido, atingiu valor mínimo de US $ 30.000.000,00. O desenvolvimento da campanha iniciada contra a praga, faz prever que além de um beneficio imediato parcial, acarretará seguramente, redução substancial dos efeitos da broca na safra de 1955."

Confirmou assim, essa Assistência Técnica, a imperiosa necessidade que o IBC tem de adquirir os helicópteros para que o BHC seja espargido em vastas zonas onde a broca aniquila os cafezais.

FINALIDADES DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO IBC

Criada como órgão supremo do Instituto Brasileiro do Café, a Junta Administrativa entrou em pleno exercicio de suas funções desde o dia 26 de abril do corrente ano, quando esteve reunida em sua primeira sessão ordinária e, mais tarde, a 1.o dêste mês, mas, nessa oportunidade, em primeira convocação extraordinária. Está assim, a lavoura cafeeira, pela primeira vez, à frente da realização da politica econômica do café brasileiro no país e no estrangeiro, fato que, além de justo, era uma velha reivindicação dos produtores da nossa rubiacea.

Constituida em sua maioria pela lavoura, representam-se ainda, na Junta, o govêrno federal e os estaduais interessados na economia cafeeira, e o comércio, ficando distribuida da seguinte maneira: de um delegado especial do govêrno federal, que a preside, com voto deliberativo e de qualidade, tendo sido nomeado, pelo Presidente da República, para o cargo, o coronel Francisco de Paula Soares Neto; a lavoura, representada pelos srs.: Thomaz Alberto Wathely (Waldemar Sanches — suplente); Lindgard Miller Paiva (Luiz de Toledo Piza Sobrinho - suplente; Renato Costa Lima (Cyro Wernek de Souza e Silva - suplente); José Cassiano Gomes dos Reis (Francisco Giraldes F.º - suplente); Otávio Cintra Leite (Antonio dos Santos Galente - suplente); Galileu Bicudo (Antonio de Queiroz Teles e suplente); Raul de Araujo (Pedro Lunardelli - suplente); Felipo Rodrigues Siqueira Neto (Plinio de Oliveira Adams - suplente), por São Paulo;

Newton Ferreira de Paiva (Ignacio Luiz da Silva Tomé - suplente); Oswaldo Cruz Lisbôa (Ibsen Junqueira Passos - suplente); Haroldo Afonso Junqueira (Jairo Salgado Gama - suplente), por Minas Gerais;

João Batista Ribeiro Junior (José Francisco Nauffal - suplente); Nilson Batista Ribas (Bráulio Barbosa Ferraz - suplente); Hugo Cabral (Garibalde Reale - suplente), pelo Estado do Paraná;

Honório Fraga (Luiz Machado - suplente); Nelson da Costa Melo (Alcyro de Souza Poubel - suplente), pelo Espirito Santo;

Francelino Bastos França (Lincoln Barbosa de Castro - suplente), pelo Estado do Rio de Janeiro.

De cinco representantes do comércio, um de cada uma das pracas de Santos, Paranaguá, Vitória e Rio de Janeiro, e mais um, em conjunto, das praças de Recife e Salvador, constituidos dos seguintes nomes, respectivamente: Geraldo Gomide de Melo Peixoto (Hercilio Camargo Barbosa - suplente); Dr. João Ferraz de Campos (Luiz Altino de Azevedo Mendes - suplente); Dante Michelini (Joaquim Ribeiro Gonçalves - suplente); Marlecino Martins dos Santos F.º (Sylvio de Magalhães Figueira - suplente); Dinizart Visco (Fernando Xavier Brandão - suplente).

De um representante de cada um dos govêrnos dos Estados de Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, e de mais dois representantes designados, em conjunto, pelos Estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Santa Catarina e Mato Grosso, representados pelos srs.: Odilon Bohrens (Athos Moreira da Silva - suplente); José de Oliveira Borges (Theodoro Duarte Machado da Silva - suplente); Dr. Enrico Hildebrando Aurélio Ruschi (Clodomir de Sá Adnete - suplente); Luiz Piza Sobrinho (Arnaldo Borba de Morais - suplente); Adolfo Oliveira Franco (José Francisco Nauffal - suplente); Rodrigo Pinto Tenório (Sebastião Santana e Silva Sobrinho - suplente); Mário de Miranda Lins (Ivo Nacao - suplente).

FINALIDADES DA JUNTA ADMINISTRATIVA

As principais atribuições da Junta Administrativa, entre outras coisas, é baixar anualmente o orçamento do Instituto, incluindo nele, obrigatoriamente, as importancias que julgar necessárias para a promoção de pesquisas e experimentações no campo da agronomia e da técnologia do café; fiscalizar a execução do orçamento, tomar e aprovar as contas do exercício anterior; apreciar o relatório anual da Diretoria da autarquia; expedir os regulamentos de competência do IBC e determinar as medidas financeiras necessárias; apreciar as estatísticas de produção etc.

OS TRABALHOS DA PRIMEIRA SESSAO ORDINARIA

A Junta instalou-se em 26 de abril do corrente ano, sob a presidência do coronel Paula Soares, estando presentes os srs. João Pacheco e Chaves, presidente do IBC., e o deputado Iris Meinberg, presidente da Confederação Rural Brasileira.

Nessa oportunidade, o sr. Pacheco e Chaves falou aos seus membros, fazendo uma ligeira exposição da sua gestão e colocando à disposição do novo orgão que se instalava, todos os recursos do IBC necessários ao melhor andamento dos trabalhos.

Reunida por dez dias, de acôrdo com a lei, a Junta tratou, inicialmente, como era natural, de elaborar o regimento interno, por intermédio de uma Comissão Especial de cinco membros, designados pelo presidente, tendo a discussão e votação do mesmo tomado vários dias. Entretanto, outros assuntos de grande importância ainda foram apreciados, depois de organizadas as três comissões técnicas — Finanças e Orçamentos, Agricultura, Comercialização e Propaganda.

Na pauta dos trabalhos, a principal matéria foi o regulamento de embarques. A sugestão do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, para que fosse prorrogado o regulamento então em vigor, teve parecer contrário da Comissão de Comercialização, sendo rejeitada pelo plenário. A Comissão propôs a convocação de uma sessão extraordinária, para o dia primeiro do corrente mês, quando então seria discutido e elaborado o novo regulamento.

Ainda a mesma Comissão apresentou uma importante sugestão, partida da representação do Paraná, dispondo sôbre o aumento das bases de financiamento. O sr. João Batista Ribeiro Júnior, relator da matéria, foi de parecer que se tomassem medidas possibilitando um financiamento racional, que viesse dar maior profundidade ao fomento de crédito, ainda inexistente em áreas extensas da nossa atividade agrícola. E pedindo, finalmente, a revisão "das atuais bases de financiamento".

O plenário aprovou, também, o parecer da Comissão de Finanças e Orçamentos sôbre o pedido de financiamento de uma cooperativa de crédito do Norte do Paraná, para auxílios aos cafeicultores, bem como um ofício dirigido ao sr. Pacheco e Chaves, presidente do IBC., no sentido de ser permitido o embarque de cafés da produção espiritossantense nos reguladores do Estado, a partir de 1.o de junho, no limite máximo de 50 mil sacas, até a aprovação do futuro regulamento de embarques, quando, então, seria disciplinado o seu orçamento.

Diversos assuntos ainda foram abordados, mas em virtude da exiguidade do tempo, ficaram para a reunião extraordinária proposta pela Comissão de Comercialização, para o dia 1.o de junho.

PLANO AGRARIO E POLITICA DE PREÇOS

Nessa primeira sessão ordinária, a presidência da Junta convidou dois técnicos do IBC para fazerem duas exposições atinentes ao problema cafeeiro. Foram eles os srs. Walter Lazzarini, então chefe do Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura, e Rui Miller Paiva, consultor técnico da autarquia.

O agrônomo Walter Lazzarini fez um relato completo do departamento que dirigia e apresentou um grande plano agrário visando beneficiar em escala maior a cultura cafeeira, demorando-se mais no problema da recuperação dos cafezais.

O sr. Rui Miller Paiva expôs ao plenário o problema do mercado e da politica de preços, salientando o importante papel do IBC nessa questão. Resumiu a politica do Instituto, quanto ao problema, da seguinte maneira: financiamento, para manter o nivel de preços, neutralizando possíveis manobras baixistas ou oscilações bruscas; e fiscalização do comércio, a fim de evitar lucros excessivos, não proporcionais ao preço de compra.

CONCLUSOES DA REUNIAO EXTRAORDINARIA

A Junta Administrativa reuniu-se, pela segunda vez, a 1.o do corrente mês, em caráter extraordinário, atendendo a uma recomendação da Comissão de Comercialização na primeira sessão ordinária, para tratar do novo regulamento de embarques; execução do orçamento de 1954 e da situação financeira do Instituto; criação de escritórios no exterior e no país; situação das Usinas; e financiamento a preço mínimo para a safra 54/55.

Na primeira sessão dessa convocação, foi proposto um voto de louvor, pelo sr. Ribeiro Junior, do Paraná, ao ministro da Fazenda, ao sr. Pacheco e Chaves, presidente do IBC, e ao presidente do Banco do Brasil, pela assistencia incontinenti e eficiente que prestaram aos cafeicultores do seu Estado por ocasião das ultimas geadas caidas no Paraná.

Dois assuntos de grande importancia dominaram praticamente os trabalhos: o novo regulamento de embarques e o plano agrario do IBC. O primeiro foi aprovado, depois de elaborado pela Comissão de Comercialização e de ampla discussão do plenario.

O projeto do plano agrario do IBC, de autoria do agronomo Walter Lazzarini, tambem aceito, veio possibilitar a compra de 20 mil polvilhadeiras manuais para uso dos lavradores; uma verba de 5 milhões de cruzeiros para a aquisição de parasiticidas não produzidas no país; e um credito rotativo de 23 milhões de cruzeiros para o combate à broca do café.

Durante os trabalhos, a presidencia da Junta e uma comissão de seus membros conferenciaram com o ministro da Fazenda, presidente do Banco do Brasil, diretor da CACEX, diretor da Carteira de Cambio do Banco do Brasil, sobre o preço minimo e financiamento para o café, estabelecendo as novas bases, que já foram amplamente divulgadas.

OUTROS ASSUNTOS

Apreciando a materia sobre a desapropriação da atual sede do IBC, o plenario aprovou o parecer da Comissão de Finanças mandando arquivar o processo por ser "fato consumado". E autorizou a Diretoria do IBC a abrir concorrencia publica para a aquisição de novo edificio.

Quanto ao problema das Usinas, ficou resolvido que o Instituto organizasse uma ou mais comissões de técnicos, para estudarem "in loco" a situação das mesmas, para que depois, então, a Junta debatesse o relatorio dessas comissões.

Os acordos com os Estados recebeu parecer favoravel da Comissão de Comercialização, com delegação de poderes aos orgãos estaduais que estejam cumprindo as clausulas contratuais para a execução dos mesmos.

Foram, ainda, submetidas ao plenario e aprovadas, com pareceres favoraveis das respectivas comissões as seguintes materias: regulamentação e fiscalização dos cafés já liberados, nos armazens, inclusive; a criação de novos escritorios; estender a todo o país, através do IBC a recomendação para que fosse exercida pela Superintendencia de Café de São Paulo maior fiscalização nas torrefações; criação de um corpo de funcionarios da Junta Administrativa, retirado do quadro do IBC, sendo escolhido para secretario-geral da Junta, o sr. Geysa Boscoli.

Debateu-se, tambem, o estudo apresentado pelo representante da praça do Rio de Janeiro sobre a criação do Fundo do Café, ficando estabelecido que na proxima reunião ordinaria de outubro, a Junta apreciará mais detalhadamente a materia.

Na sessão de encerramento, o plenario aprovou o parecer da Comissão de Finanças, relatado pelo representante paranaense Hugo Cabral, sobre a execução orçamentaria do IBC, no presente exercicio.

Antes de encerrar os trabalhos, o presidente Paula Soares fez uma exposição das atividades da atual Diretoria do IBC, mostrando como ela atuou em beneficio da economia cafeeira do país.

NO ANO HISTÓRICO DO IV CENTÉNARIO E NA DATA ROBUSTA DE SUA EPOPÉIA CÍVICA – 9 de Julho

...São Paulo é um momento na evolução da cultura brasileira e um capítulo impar na pujança econômica do país. Fôrça imanente dêste progresso que se transforma nos altos padrões da produção nacional; a Indústria Paulista é, sem dúvida a pedra angular onde se assenta o dinamismo da vida bandeirante. Parte integrante dela, saudamos com o futuro brilhante de São Paulo a escalada ascencional do Brasil.

Cia. Química Rhodia Brasileira

E. R. Squibb & Sons S. A.

Indústria Farmacêutica Endochímica S. A.

Instituto Medicamenta Fontoura S. A.

Instituto Pinheiros Produtos Terapêuticos S. A.

Laboratório Paulista de Biologia S. A.

Laboratório Sânitas do Brasil S. A.

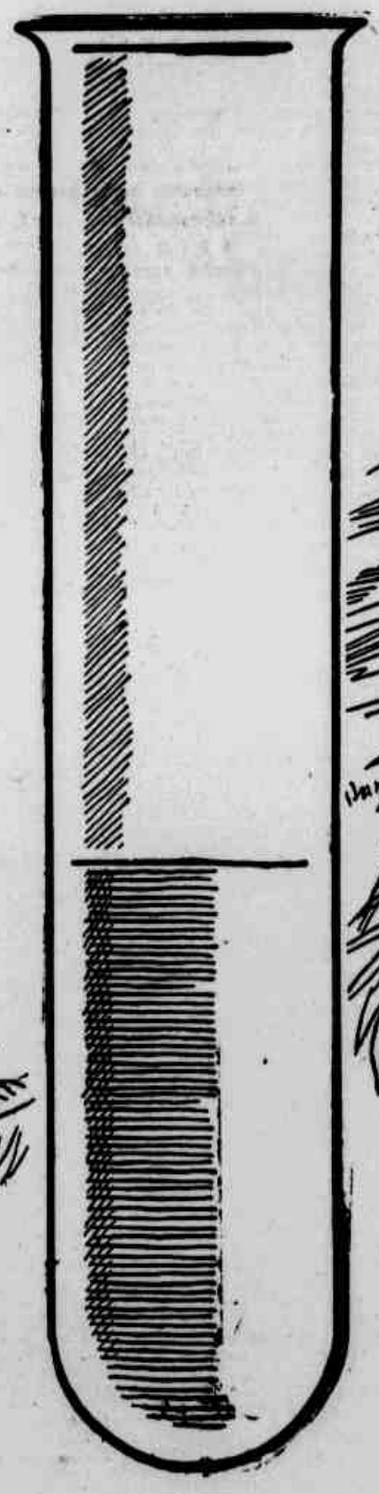
Laboratório Torres S. A.

Laboratórios Andrômaco S. A.

Laborterapica S. A. Indústria Química e Farmacêutica

Produtos Químicos Ciba S. A.

S. A. Institutos Terapêuticos Reunidos Labofarma



DEPARTAMENTO DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA E SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA DE SÃO PAULO

Cancioneiro do Café

ORGANIZADO PELO CLUBE DE POESIA DE SÃO PAULO

Santos

Ribeiro Couto

Nasci junto do porto, ouvindo o barulho dos embarques,
os pesados carretões de café,
sacudiam as ruas, faziam trepidar o meu berço.
Cresci junto do porto, vendo a azáfama dos embarques.
O apito triste dos cargueiros que partiam
Deixava longas ressonâncias na minha rua.
Brinquei de pegador entre os vagões das docas,
Os grãos de café perdidos no lagedo
Eram pedrinhas que eu atirava noutros meninos.

As grades de ferro dos armazens fechados à noite
Faziam sonhar (tanta mercadoria!)
E me ensinavam a poesia do comercio.

Sou bem teu filho, ó cidade maritima,
Tenho no sangue o instinto da partida
O amor do estrangeiro e das nações
Oh, não me esperes nunca, ó cidade maritima,
Que eu trago comigo por todos os climas
E o cheiro do café me traz tua presença.

Raça

Guilherme de Almeida

(fragmento)

Nós, branco-verde-preto: simplicidades, indolência, superstições:
O quarto de hóspede e a poisada — a rede e o cigarro de palha — o São Benedito e as assombrações
Nós. O clã fazendeiro — Sombra forte de mangueiras pelo chão; recorte nitido de bananeiras pelo ar; redes bambas penduradas nas varandas das fazendas [com sanfonas contando lendas ao luar;
donas de casa prestimosas — quindins, bousbocados, [altos mastros de São João
e a vaca Estrela e o cão Joli, a egua Sultana e o baio [e o alazão
o pampa, o tordilho — passarinheiros; e na luz limpa das manhãs sademandistas picando fumo e discutindo rédea em punho, servidões e divisões de [sesmarias;
safras pendentes, cavalhadas, geadas, estradas es[tragadas, invernadas; e os carros de boi gemendo e os monjolos tossindo e as enxadas tropeçando nas ro[ças capinadas;
e a terra torrada, a terra torresmo, a terra estorrica[da no forno crepuscular das queimadas
para o renascimento simétrico e verde dos cafezais em alexandrinos alinhados nas cabeças parnasianas das colinas penteadas com pente finos...
Fazendas de todos os santos; ladainhas agricolas can[tadas pelas rodas dos troleis,
com guarda-pós ao vento, estalos de relho, tostões aos moleques, ranger sonolento de porteiras moles; e disparadas pelas picadas nos catingueiros e pelas [capoeiras até o espigão...
E das ruinas da velha tapera de taipa e até, a cidade que surge branca de cal como assombração.

O Café dos Emboabas

Murilo Mendes

Os emboabas entraram
Na fazenda dos paulistas.
Os paulistas, de sabidos,
Mandaram servir o café.

Não é café que eles querem
Eles querem, mas gemada
Batida com gema de ouro.
Tornaram a pedir gemada,
De novo lhes dão café,
De novo eles recusaram.
Os emboabas se danam,
Puxam o revolver do cinto,
Vão recuando, recuando,
Até nas margens do rio.
Descansam de noite um pouco,
Pros paulistas vem café.
Os paulistas recusaram,
Não lhes dão café agora
— Agora é tarde demais —
Os emboabas furiosos,
Avançam para os paulistas,
Gritam: "depois do café"
Se costuma beber agua".
Se embolaram com os paulistas,
Atiraram eles no rio,
Lhes dão agua pra beber,
Toda vermelha de sangue
Na cuia do rio das Mortes.

Pai João

Ciro Costa

Do taquaral à sombra em solitária furna
Para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo,
Sonha o negro talvez, na solidão noturna,
Com os limpidos areiais das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz nostalgica e soturna
Num suspiro de amor entrecortado e longo...
E o rouco som, zumbido na cafurna
E' o urucungo a gemer na cadência do jongo...

Bendito sejas tu a quem certo devemos
A grandeza real de tudo o quanto temos!
Dorme em paz! Sê feliz! E que eu fique de [joelhos,

Sob o fulgido sol, a relembrar magoado
Que os frutos do café são glóbulos vermelhos
Do sangue que escorreu do negro escravizado

Fazenda Velha

Ricardo Gonçalves

Neste retiro os longos dias passo,
Sem alegrias e sem dissabores,
Vendo as aves cruzarem-se no espaço,
E as paineiras vestirem-se de flores.

Habito, solitario, uma vivenda
De amplos salões, fantástica, sombria,
Em redor as senzalas da fazenda;
No fundo azul da serraria.

À orla do mato virgem misterioso,
No silencio das tardes pensativos
Gemem as juritis; de volta ao pouso
E trilam docemente as patativas.

Eu vejo debruçando-me às janelas
Sobre a monotonia das capoeiras
Altos ipês e frondes amarelas
E adustas, retorcidas perobeiras.

Depois no céu de opala, se encastoa
A lua merencorea. E pelos campos
Por sobre as aguas mortas da lagoa,
Tremeluzem, bailando, os pirilampos.

Há sussurros estranhos pela brenha,
Fora, a noite estival fulge tão clara,
Que, como em prata fosca, se desenha
No pincaro de um monte uma jissara.

E eu entro. Atiço o lume dos gravetos
E ouvindo ao longe os pavidos rumores
Evoco a dança tragica dos pretos
Num ruido de atabaques e tambores.

Tarde fazendeira

Menotti Del Picchia

Tarde cabocla
com o banzo de preto nas sombras,
caricias de escravas mulatas
nas palmas dos longos coqueiros.
Um rouco ribombo de bombo
nos ecos; um trilo de estridulos grilos
nas moitas; tarde cabocla
com um sol de missangas, de gangas vermelhas
nos flancos das serras,
com hálito fresco de folhas pisadas, de verdes pomares
pejados de frutas do conde, de mangas maduras...
com aros de lua nascente nos céus e nas aguas,
tarde cabocla
com vagas preguiças de redes nas ramas
com longos bocejos de luz nas encostas
foi numa tarde como esta
que vieram ao mundo
os mestiços da raça...

Prosperidade

Oswald de Andrade

O café é o ouro silencioso
De que a geada orvalhada
Arma torrefações ao sol
Passarinhos assoviam de calor
Eis-nos chegados à grande terra
Dos cruzados agricolas
Que no tempo de Fernão Dias
E da escravidão
Plantaram fazendas como sementes
E fizeram pelos seus senhores e escravos
Eis-nos diante de campos atávicos
Cheios de galos e de reses
Com porteiras e trilhos
Usinas e igrejas
Caçadas e frigorificos,
Eleições, tribunais e colonias.

Soldados verdes

Cassiano Ricardo

O cafezal é a soldadesca verde
que salta morros na distancia iluminada
um dois, um dois, de batalhão em batalhão,
na sua arremetida acelerada contra o sertão

Manhã de terra roxa
Manhã de estampa de cromo onde a fumaça
de um trem que passa risca o céu de fogareu.

Parece que há, nos clarins da alvorada,
alguma coisa de marcial. Longas palmeiras
lembram lanças fincadas na paisagem
como se andasse galopando em plena serrania
uma legião alvorotada de bandeiras.

Com um zum-zum de mamangava ouve-se o es[trondo da cachoeira.
a vida inteira a bater bumbo, a bater bumbo, a [bater bumbo.

Avanhandava.
Um grande exercito colorido de imigrantes,
de enxadas a brilhar ao sol revolve o chão
dando a ilusão de que a lavoura é sangue vivo
e a terra nova revolvida um coração.

XXX

Um dia de verão, em luminosa pincelada
inaugurou agora mesmo a nova estrada.
Acompanhando a estrada em douda disparada
os postes de carvão como espantalhos
levam seus fios telegraficos sobre os ombros.
As asas dos colonos são cartazes muito brancos
em carreirados no silencio dos barrancos.
Bate o sol no tambor de anil do céu redondo.
O dia general que amanheceu com o punho azul [cheio de estrelas
Com dragonas de sol nos girassóis
Comanda os cafeeiros paralelos
de farda verde e botões rubros e amarelos.
Sôa nos morros o clarim vermelho da manhã.
Soldados verdes! rataplam!

Os colonos

Paulo Setubal

Lá vem o dia apontando...
Que afã! Já todos de pé!
Ruidosos, tagarelando,
Vão os colonos em bando
Para os talhões de café.

A luz do sol que amanheceu
Por montes, por barrancais,
Por toda a parte esplandece,
Com sua esplendida messe,
O verde dos cafezais!

Começa o rude trabalho
Que fáina honrada e feliz!
Inda molhados de orvalho,
Flamejam, em cada galho,
Os bagos como rubis.

Trabalham. Que ardor de mouro!
Todos derriçam café.
Parece um rubro tesouro,
Que cai, numa chuva de ouro,
Dos ramos de cada pé.

Ao meio-dia, aos ardores
Do alto sol canicular
Os rudes trabalhadores,
Ao longo dos carreadores
Põem-se todos a cantar.

Pelá dormencia dos ares
Sob estes céus cor-de-anil,
Cantam canções populares,
Que lá, dos seus velhos lares,
Trouxeram para o Brasil

Aqui, um forte italiano
Queimado ao sol do equador
Solta aos ventos, belo e ufano,
Num timbre napolitano
A sua voz de tenor.
Há uma terna singeleza
Nas trovas que um outro diz;
Um rapagão de Veneza
Tem no seu canto a tristeza
Das aguas do seu país.

E uma sanguinea espanhola
De grandes olhos fatais,
Em baixa voz cantarola
Uns quebros de barcarola,
Magoados, sentimentais...

Que cantem!... Essa cantiga,
Brotada no coração,
Seja a prece que bendiga
A terra que hoje os abriga
A patria que lhes dá pão!

Ilustração de Arnaldo Pedroso d'Horta

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA NO BRASIL

Heitor Ferreira Lima

A lavoura cafeeira bem pouca expressão teve no período colonial, quase nada representando para a economia do país.

Introduzida no Amazonas em 1727, sua produção foi ali insignificante. No Maranhão, igualmente, a cultura do café não se desenvolveu. O mesmo se pode dizer, de uma forma geral, para as regiões nordestinas, como Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. Era uma cultura de pouca monta, que sob aspecto algum poderia seguer ser comparada com a da cana e do algodão.

Foi no Rio de Janeiro, primeiro nos arredores da Capital, e dali espraiando-se pelo interior do território fluminense, que ela começou a tomar vulto no tempo de D. João VI, para transformar-se, logo a seguir, em imenso fator de riqueza, antes no Estado do Rio, e mais tarde em São Paulo, em forma grandiosa, avassaladora.

Tratava-se apenas de produção para o consumo interno. Essas plantações propiciaram, todavia, uma verdadeira base à aprendizagem da cultura, facilitando a grande expansão, observada depois da nossa Independência. D. João VI e os fidalgos que o acompanhavam estimularam o uso do café e o seu plantio. Taunay, em sua **Propagação da Cultura Cafeeira**, relata um episódio interessante sobre a distribuição de sementes pelo próprio monarca, aos nobres da Côrte, insistindo para que as cultivassem.

Desse modo, nas encostas do Corcovado, na Cascata da Tijuca, no Andaraí surgiram plantações que, em seu conjunto, abrangiam mais de uma centena de milhares de árvores, produzindo mais do dôbro em arrobas. Alargando-se para Jacarepaguá, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, foi aos poucos invadindo os territórios fluminense, mineiro e paulista.

As atividades agrícolas na provincia do Rio de Janeiro, no início do seculo XIX, se achavam concentradas principalmente na cana de açucar, no tabaco e no anil. A região dos engenhos era formada pelos terrenos baixos, próximos da costa e de mais fácil acesso. Na conquista de sítios próprios para a cultura da cana, lutavam os fluminenses com a hostilidade pantanosa da região. Não seriam essas as regiões mais adequadas ao desenvolvimento do café. Os caminhos que ligavam a Côrte ao interior, haviam sidos abertos pelas necessidades da mineração, nos quais se transportavam, por tropas, cargas de grande valor e pequeno pêso. As partes altas da provincia estavam cobertas de matas virgens, práticamente inacessiveis aos colonos. Rezende, Paraiba do Sul e outros lugarejos eram simples pousos para as tropas, sem valor economico próprio.

Dois rumos principais tomou a invasão cafeeira no território fluminense: o do nordeste, tendo como núcleo mais importantes São Marcos e Rezende, e o do norte, cujos centros mais destacados foram Vassouras, Valença e Paraiba do Sul.

Foi, pois, no território fluminense que a cafeicultura se firmou, definitivamente, no Brasil. Mas, mesmo aí, durante cêrca de quarenta anos, a produção seria apenas suficiente para o consumo local. O surto violento só se verificaria quando o café atingisse as zonas dos "desertos das montanhas", vastos tratos de terra, cobertos de matas e habitados pelos indios Puris, Sucurús e Coroados, daí repelidos ou exterminados pelos cafeicultores.

Com o entusiasmo decorrente do rápido enriquecimento de muitos agricultores de café, novas e grandes plantações se fizeram, espraiando-se celeremente pela provincia. Abandonavam-se as fazendas de antigas culturas e as terras já lavradas, para dar-se preferência às zonas florestais, que a prática ia indicando como as mais produtivas. Houve muita dispersão de esforços e muita cultura experimentada em terras que se não mostravam favoráveis; o vale do Paraiba foi região em que se verificaram os melhores resultados, e daí a extensão da cultura pelas suas margens, galgando as numerosas serras que o circundam e os seus vários afluentes.

O distrito de Angra dos Reis, em 1811, produzia 10.000 arrobas de café e perto de Rezende havia fazendeiros possuidores de 60,80 e até 100.000 cafeeiros. Era uma cultura rendosa, pois, em 10 anos, restituia fácilmente o capital inicial empregado. Seu preço de 4.000 reis a arroba, em 1817, passa para 5.700 em 1818, para 6.400 em 1819, atingindo a 6.800 em 1820.

No Triangulo Mineiro, em Minas Gerais, já havia cafezais em 1800, anotando-se sua cultura em Araxá, em 1809, e o viajante Mawe diz ter encontrado culturas de café, no mesmo ano, na Mantiqueira e São João del Rei. Pela margem esquerda do rio Paraiba, as plantações invadiram a zona da Mata, atingindo depois as antigas regiões transitadas pelos primitivos mineradores, onde se localizaram núcleos de populações, vilas e aldeias, fundados e mantidos pelos seus descendentes. A região mineira onde tomou rápido incremento a cultura do novo produto, foram Mar de Espanha, Juiz de Fora, Leopoldina, Cataguazes e Ubá.

Em 1801, em São Paulo viviam cêrca de 70.000 habitantes. Em 1815, 215.000. No ano da independência, 220.000, quando, então, a capital de São Paulo contava com cêrca de 20.000. A indústria de melhor rendimento na capitania era a do açucar, sendo Itú o maior centro produtor.

A exportação paulista era diminuta no começo do século XIX. Santos é apontado como um dos menores portos comerciais do Brasil na época, não alcançando o seu comércio 1/2% da exportação nacional. Após a Independência, melhorou a exportação de açucar paulista, favorecida pela baixa do câmbio, e alargou-se um pouco a exportação de aguardente, algodão e de outros produtos.

O café parece ter penetrado em São Paulo por volta de 1790, ao norte, pelas lindes fluminenses. As primeiras culturas se verificaram em Areias, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Caçapava, Jacareí. Em 1794, há notícia da saída de um caixote de café da chacara de Casa Verde, pertencente à familia Arouche, na cidade de São Paulo. Esse café, também aí, a principio, se foi espalhando pelas chacaras e quintais e sua produção era absorvida pelo consumo local. Conforme observação de Paulo Porto Alegre, até 1815 a produção do Brasil cobria apenas o consumo interno.

D. JOÃO VI

Na zona do oeste, no fim do século XVIII, há referência a uma plantação, em Jundiaí, de alguns pés de café, pelo Sargento-Mor Raimundo dos Santos Prado. Em 1817, o capitão Francisco de Paula Camargo, indo ao Rio de Janeiro por ocasião dos festejos em honra do principe D. Pedro, viu vender café limpo a 8 a 9 mil reis a arroba; entusiasmado por esses preços e de regresso a Jundiaí, iniciou a sua cultura na fazenda que ficou denominada "do café" e induziu seu parente, Tenente-Coronel Joaquim Aranha Camargo Barreto a idêntica iniciativa. Mais tarde esses cafezais foram abandonados.

O processo de beneficiamento era dos mais rústicos e primitivos, usando-se para isso o monjolo, ou então o descascamento por meio de bois, que eram levados a pisotear repetidas vezes sobre os grãos espalhados no chão, apresentando assim um produto bem pouco atraente e pouco limpo.

Quanto à exportação, as cifras são raras e contraditorias, conforme assinala Afonso Taunay, que estudou o assunto pacientemente durante longos anos. Para os anos anteriores a 1817 não possuimos dados, mas sabemos que sairam do Rio de Janeiro 30.000 arrobas em 1808; menciona-se que Santa Catarina exportou 12.592 arrobas em 1812, e o Brasil todo, em 1813, apenas 85 arrobas.

De 1817 em diante, existem maiores dados, havendo, entretanto, discrepancias entre eles. Vamos tomar os da Associação Comercial do Rio de Janeiro, por serem os mais completos quanto à tabela de organização e por se referirem à exportação por aquela cidade, pois era seu porto o escoadouro de quase toda a produção nacional, principalmente do café. Eis o quadro da Associação Comercial do Rio de Janeiro, de 1817 a 1822.

1817	319.830
1818	371.235
1819	366.570
1820	487.500
1821	526.930
1822	760.240

As cifras dadas por Spix e Martius e Monsenhor Pizarro, divergem entre si e são diferentes destas, o mesmo acontecendo com as de Costa Santos, Walsh e Porto Alegre, sendo que as de Costa Santos se aproximam mais das aqui citadas e as do Porto Alegre acusam algarismos bem inferiores.

Mas isto é a velha tragédia das estatisticas do Brasil, que até hoje ainda se repete...

PRIMEIRO IMPERIO E REGENCIA

O grande acontecimento da primeira metade do século XIX em nossa econômia, é sem dúvida o representante pelo café. Durante êsse periodo êle surge e se desenvolve em enorme escala, passando a desempenhar papel de considerável relêvo, quer quanto à produção, quer quanto ao comércio exterior, sobrepujando os demais artigos que até então constituiam a base da economia nacional.

Para demonstrar isso, basta assinalar que, em 1822, ano de nossa Independência, só para Lisbôa exportamos 190 sacas, passando para 328.333 sacas em 1826. Em 1830, a venda total para o exterior somou a 480 sacas, ascendendo a 700.000 em 1832 e atingindo a mais de um milhão em 1833.

Trata-se, como se vê, de um progresso rapido, pois em três anos apenas, de 1830 a 1833, duplicava a nossa exportação, o que constitúi fato realmente notável.

Outro aspecto dêste mesmo problema pode ser apreciado pelos seguintes dados: de uma participação praticamente nula em nosso comércio exterior no início do século, passa a tomar incremento a partir de 1820, representando já nossa exportação 20% da produção mundial em 1828, sendo que a Asia e a Africa, por essa mesma época, fórneciam 50% do consumo internacional e as Antilhas e a antiga América espanhola, 30%. Dêsde 1830 a produção de Java era sobrepujada pela do Brasil, que passou a fornecer daí por diante 40% do consumo do mundo.

Mas, não somente a produção brasileira crescera, como também o consumo mundial aumentava, porque, em 1825, o comércio internacional de café atingia a um e meio milhão de sacas, elevando-se para quatro e meio milhões em 1850; ou seja, o triplo em vinte e cinco anos apenas (1).

Quais os fatores que propiciaram êsse surto tão rápido do consumo internacional do café?

Em primeiro lugar, o fim das guerras napoleônicas, trazendo a paz aos povos. Com a paz e graças aos progressos da higiene, registrou-se poderoso aumento da população européia, que de 175 milhões de habitantes, em 1800, passou para 400 milhões em 1900. Em terceiro lugar, em conseguência dos aperfeiçoamentos industriais da navegação, decorrentes da aplicação do vapôr e do ferro, o comércio internacional começou a apresentar maior desenvolvimento.

São estes elementos de expansão geral que favoreceram o consumo e o comércio internacional do café, criando assim o clima adequado para o incremento da nossa produção.

Um frêmito de entusiasmo, por isso, sacudiu então os nossos lavradores, despertando-lhes as energias pelo novo produto que proporcionava enriquecimento rápido, dando origem à formação e aparecimento de vastas plantações, que se espraiavam celeremente. Abandonavam-se fazendas de antigas culturas e terras já lavradas, para dar preferência às zonas florestais, que a prática ia indicando como mais produtivas.

Sim, porque nem todas as terras se prestavam para novel e promissora cultura, requerendo ela clima próprio, onde não houvessem terrenos umidos, com aeração e insolação suficientes, exigindo chuvas na maturação e tempo sêco na época da colheita. Antes de se chegar a compreender isso, entretanto, houve muita dispersão de esforços e muito trabalho perdido em terras que não se mostravam favoráveis. O vale do Paraiba foi a região em que se verificaram os melhores resultados, adquirindo sua cultura imensa extensão em suas margens, galgando as numerosas serras que o circundam, bem como de seus vários afluentes.

Foi nesta região, por isso, que a cultura do café tomou impulso, abrangendo os Estados do Rio e São Paulo, extravasando por Minas Gerais, transformando-se êsse espaço do território nacional no primeiro grande centro produtor da famosa rubiácea.

A zona em que predominou a cultura cafeeira, no Estado do Rio, entre 1830 e 1860, foi a constituida pelos municipios de Rezende, Barra Mansa, Pirai, Vassouras, São João Marcos, Passa Três e Sant'Ana.

A produção fluminense de café, entre 1836 e 1841, foi a seguinte, em arrôbas:

1836 - 37	2.321.710
1837 - 38	1.797.732
1838 - 39	2.048.378
1839 - 40	4.547.312
1940 - 41	3.908.787 (2)

Outro lugar onde prosperou a lavoura cafeeira, foi São Paulo.

Assim, de uma exportação de 132 sacas em 1808, passou para 9.233 em 1813, alcançando a 141.663 arrobas em 1825. Uma decada mais tarde, isto é, em 1836, a produção total da provincia atingia a 554.686 arrobas, cabendo à zona norte 423.773, ao oeste e sul, 76.049, e ao litoral 54.864. Como se pode verificar, a predominância do norte é absoluta, cabendo-lhe mais de dois terços do total produzido. Os municipios que mais se destacaram nesta produção, na época foram Areias, onde existiam então 238 fazendas cafeeiras; Taubaté, com 88 fazendas; Guaratinguetá, com 40 fazendas, e Mogi das Cruzes com 38 fazendas. Em Ubatuba cultivava-se café em 334 fazendas e sitios; em Campinas, em 9 fazendas (3), e outras em menor quantidade, somando a um total de 1.200 fazendas e sitios em toda a Provincia (4).

Em Minas Gerais igualmente, a cultura do café ia progredindo consideravelmente, pois de 9.739 arrobas produzidas em 1818-19, passou para 163.000, em 1834-35, ou seja, um crescimento de dezesseis vezes mais em dezessete anos.

No Espirito Santo, a produção de café era 112 sacas anuais apenas, em 1839, o que representa quantidade insignificante, mantendo-se essa situação até 1840, mais ou menos, quando começou a tomar vulto a sua cultura.

Para o total do país, foi esta a produção durante o periodo que estamos analisando, em médias quinquenais:

	Sacas de 5 arrobas
1821 — 1825	487.504
1826 — 1830	1.618.203
1831 — 1835	3.304.312
1836 — 1840	4.623.345

Vejamos agora a parte referente à exportação, em volume e valor, e sua representação no computo da exportação nacional.

Afonso de E. Taunay, com dados da Diretoria de Estatistica Economica e Financeira do Tesouro Nacional, organizou o seguinte quadro referente ao decenio de 1821 a 1830:

Anos	Sacas de 60 quilos 1.000 sc.	Valor: Contos de réis	Valor: £ £ 1.000 ouro	Valor p/ saca: Em réis	Valor p/ saca: Em £ £ ouro	Percentagem do café na exp. nac.
1821	129	3.275	704	25$400	5.50	18,1
1822	186	3.866	789	20$800	4.25	19,6
1823	226	4.163	878	18$420	3.89	20,1
1824	274	3.501	704	12$800	2.57	18,3
1825	224	2.884	623	12$880	2.78	13,5
1826	318	3.450	690	10$850	2.17	20,8
1827	430	5.264	774	12$240	1.80	21,1
1828	452	5.105	659	11$300	1.46	15,9
1829	459	6.846	705	14$920	1.54	20,9
1830	480	6.954	663	14$490	1.38	19,8
Dec .	3.178	45.308	7.189	14$257	2.26	18,4

Para o decenio posterior de 1831 a 1839-40, o quadro é o seguinte:

Anos	Sacas de 60 quilos 1.000 sc.	Valor: Contos de réis	Valor: £ £ 1.000 ouro	Valor p/ saca: Em réis	Valor p/ saca: Em £ £ ouro	Percentagem do café na exp. nac.
1831	549	9.268	694	16$800	1.76	28,6
1832	717	12.462	1.832	17$380	2.56	39,2
1833 (1)	560	8.868	1.383	15$840	2.47	42,4
1833-34	1.121	17.820	2.775	15$900	2.47	49,3
1834-35	970	15.078	2.435	15$540	2.51	45,7
1835-36	1.052	15.626	2.555	14$850	2.43	37,7
1836-37	910	13.961	2.237	15$340	2.46	40,9
1837-38	1.149	17.832	2.197	15$520	1.91	53,2
1838-39	1.333	21.338	2.494	16$010	1.87	51,3
1839-40	1.383	20.176	2.657	14$590	1.92	46,7
Dec.	9.744	152.429	21.529	15$043	2.21	43,8

A comparação destes dois quadros nos revelam aspectos interessantes, que vale a pena serem salientados. Em primeiro lugar, salta à vista o aumento prodigioso da exportação, em volume, que, de 3.178.000 sacas de 60 quilos, na decada de 1821 a 1830, passou para 9.744.000, na década seguinte, de 1831 a 1840, ou seja, o triplo em dez anos.

Em segundo lugar, a percentagem do café em nosso movimento exportador foi cada vez maior, pois de 18,4 no primeiro decênio em questão, subiu para 43,8 no segundo, revelando assim um crescimento extraordinario ao mesmo tempo que uma participação significativa em nosso comércio exterior.

O valor por saca, em libras ouro, diminuiu, devido a vários fatores relacionados com a crise financeira em que se debateu o primeiro Império e as Regências, mas refletiu-se em forma moderada nos valores em moeda nacional, se excluirmos os três anos culminantes da crise nacional (1821-1823), decorrentes da partida da Côrte portuguêsa e do movimento da Independência. Pode-se dizer que houve certa estabilidade de preços e até mesmo pequeno ascenso a partir de 1824, o que fez com que não se arrefecesse o entusiasmo dos agricultores pela produção. Ademais, os altos preços dos primeiros anos do século XIX, não se devem ùnicamente à melhor taxa cambial do nosso mil réis de então, mas devemos buscar suas causas na enorme procura do produto no mercado internacional, elevando, dessa forma, sua cotação. Finalmente, em valor moeda nacional, a exportação total do decênio de 1821-30, rendeu 45.308 contos de réis, contra 152.429 contos de réis registrados no decênio de 1831-40, isto é, mais do triplo, correspondente, portanto, ao aumento já assinalado quanto ao volume. Mesmo o valor global em libras ouro triplicou, cotejando-se os dois decênios em questão, correspondendo assim, mais ou menos, à progressão observada em relação à quantidade exportada.

Este enorme surto cafeeiro propiciou a expansão do nosso comércio exterior, cujo movimento, pelo Rio de Janeiro, segundo Horacio Say, citado por Taynay, foi o seguinte, em toneladas:

1834	131.479
1835	128.106
1836	148.398
1837	138.218

Em valor, de acôrdo com Liberato de Castro Carreira, a nossa exportação teve o desenvolvimento abaixo mencionado:

1833 - 34	33.011:000$000
1834 - 35	32.998:000$000
1835 - 36	41.442:000$000
1836 - 37	34.182:000$000
1837 - 38	31.511:000$000
1838 - 39	41.598:000$000
1839 - 40	43.192:000$000

Se computarmos estas oscilações, tanto em volume quanto em valor, de nossas exportações, com as remessas de café para o exterior, verificaremos que elas refletem perfeitamente as variações destas, nos respectivos anos. E' um movimento sincronizado que se registra, dada a influencia do café em nosso movimento exportador.

Estes dados do nosso comércio exterior servem para espalhar também a importância crescente que ia adquirindo o porto do Rio de Janeiro, por onde se escoava quase todo o nosso café, e que foi visitado por 351 navios em 1822, por 470 em 1828, para alcançar a 693 em 1837. Constatando êsse desenvolvimento marítimo, assinala Taunay, a respeito, que já a Guanabara era visitada então por tantos navios quanto dois portos da importância de Bordeus e Nantes juntos e o movimento comercial fluminense andava pela vizinhança do Havre (5). As bandeiras dos navios que em maior número frequentavam os portos brasileiros, eram inglêsas com absoluta predominância, americanas, francesas e suécas.

A FERTILIZAÇÃO CONSTANTE E INTELIGENTE DA TERRA
E' A GARANTIA DE MAIORES COLHEITAS

Proporcionar aos homens da lavoura os meios de que necessitam para o incremento da produção é servir aos interesses do país. Estendendo os seus serviços, através de seus numerosos departamentos, aos centros de produção, o

BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO

tem procurado por-se em contacto com os homens da lavoura, criando maiores possibilidades para o financiamento de seus produtos.

BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO S. A.

Matriz: S. Paulo — Rua Alvares Penteado, 165 — Predio Gastão Vidigal (Fundador)
CAPITAL E RESERVAS — Cr$ 300.000.000,00

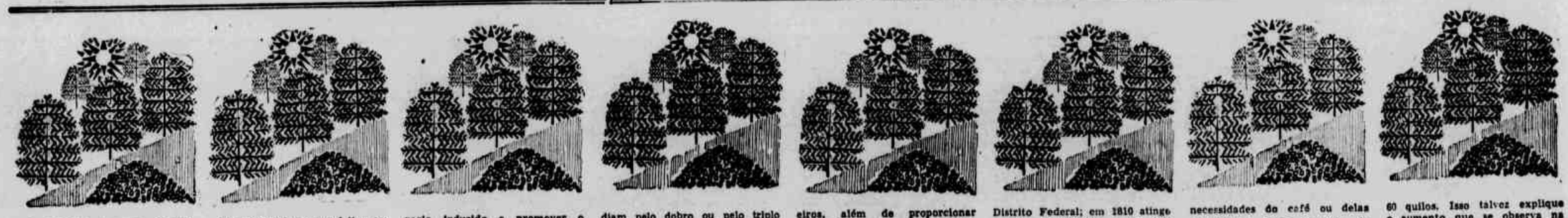
Conheça o sensacional
"PLANO DE ECONOMIA PARA SEU LAR" do CAFE' DA METROPOLE

O AMIGO N. 1 DAS DONAS DE CASA

Leia os folhetos que se encontram em todos os pacotes do Extra-Fino

CAFE' DA METROPOLE

O VERDADEIRO CAFE' PAULISTA
TIPO EPORTAÇÃO



A atividade do porto do Rio de Janeiro decorria, em grande parte, do embarque do café, que, como já vimos, ocupava considerável proporção em nossas exportações. Era êle realizado por negros musculosos, semi-nus; divididos em grupos, correndo a trote acelerado, levando as sacas de café na cabeça, ao ritmo de um chocalho, oferecendo espetáculo pitoresco, especialmente aos estrangeiros que os viam pela primeira vez. Eis como nô-lo descreve um visitante que por aqui andou nos fins do período da Regência: "Os carregadores de café andam geralmente em magotes de dez a vinte negros, sob a direção de um que se intitula capitão. São em geral os latagões mais robustos dentre os africanos. Quando em serviço, raramente usam outra peça de roupa além de um calçãozinho curto; põem de lado a camisa, para não incomodar. Cada um leva na cabeça uma saca de café pesando cento e trinta e duas libras. (73 quilos), e, quando todos estão prontos, partem num trote cadenciado que logo se transforma em carreira. Sendo suficiente apenas uma das mãos para equilibrar o saco, muitos deles levam, na outra, instrumentos parecidos com chocalho de criança, que sacodem marcando o ritmo de alguma canção selvagem de suas pátrias distantes(6).

Além do Rio de Janeiro, outros portos marítimos pelos quais igualmente se escoava o café, porém, em muito menor escala, eram Parati, Juru-mirim, Angra dos Réis, Niteroi Cabo Frio, Macaé e São João da Barra, sem falar nos portos fluviais que serviam como intermediários para remessa do produto às cidades ou portos de exportação. Na parte sul, exportavam café Ubatuba, Santos, São Sebastião e Paranaguá.

* Fato digno de ser mencionado na questão relativo ao comércio do café pela importância cada vez maior que iria adquirir até os nossos dias é a que se relaciona com os negócios com os Estados Unidos da América do Norte. Em 1809 chega aos Estados Unidos o primeiro carregamento de café brasileiro composto de 1.522 sacas. Em 1825 essa quantidade passa para 16.925 sacas ascendendo a 91.207 em 1830 a 223.595 em 1835 para atingir a 296329 sacas em 1840. Essas quantidades representam 23% da produção brasileira em 1825 e 1830 subindo respectivamente para 28% e 27,5% em 1835 e 1840 (7). A importação de café brasileiro por habitante nos Estados Unidos representava uma onça em 1821 crescendo para uma libra em 1831 alcançando a três libras e 80 em 1841 demonstrando aumento rápido de nossas exportações para a Grande República do Norte e ao mesmo tempo que uma aceitação cada vez maior do produto nacional em seu mercado. Evidencia esse movimento a penetração do café nos costumes do povo norte-americano e a conquista de formidável praça para o artigo que se tranformaria com o correr dos anos no produto preponderante de nosso comércio exterior encontrando naquêle país seu maior consumidor e comprador. O chá deixava de ser para o ianque a bebida preferida ocupando seu lugar o grão moido da coffea arabica na denominação de Lineu.

O desenvolvimento da cultura do café obrigou à abertura e melhora de muitas estradas pelo interior tornando ao mesmo tempo mais intenso o seu tráfico levando à construção de trechos calçados e dotando-se algumas delas de notáveis obras de arte. Pela sua importância distinguiram-se entre outras a estrada da Polícia e do Rodeio ligando a Côrte a Rio Preto na fronteira de Minas Gerais e a do Comércio que ligava Iguassú a Ubá sôbre o Rio Parnaíba passando por Pati de Alferes; as estradas que partiam do porto Estrela uma em demanda dos rios Preto, Fagundes e Piabanha, e outra demandando um porto sobre o rio Paraibuna, além de outras numerosas. Parte consideravel das rendas provinciais era aplicada nas construções dessas estradas mas igualmente empresas especializadas e particulares chamavam a si a execução de muitas vias de comunicação permitindo assim a movimentação do transito pelo interior num verdadeiro surto de penetração e atividade comercial.

Ao longo das estradas principais localizam-se numerosas fazendas partindo delas estradas secundárias muitas ligando entre si várias zonas servidas por mais de uma estrada de escoamento para os portos.

Os transportes eram feitos em carros de boi e quando as distâncias eram excessivas em tropas de burros.

Nessas condições as rendas das "barreiras" cobradas para construção e manutenção de estradas alcançavam a cifras consideráveis.

Dos vários portos o café era transportado em faluas lanchas e canoas grandes para o porto do Rio de Janeiro (8).

A utilização das tropas de muares para o transporte do café deu considerável impulso ao ramo da pecuária, da criação dêsses animais que se vinha acentuando dêsde principio do século XVIII para atingir seu apogeu em meados da centúria seguinte. Enormes pontas de mulas e burros dos campos do atual Paraná da antiga comarca de Curitiba do Rio Grande do Sul do Uruguai e da mesopotâmia correntina e entreriana começaram a afluir para Sorocaba que se transformou no grande mercado distribuidor dêsses animais. Dêsse modo a Feira de Sorocaba que se tornou famosa e desempenhou papel de relêvo em nossa história econômica constituiu-se numa especie de entreposto nacional do sul do Brasil e centro de grandes negócios de tropas. Os vendedores em maior número eram paranaenses e riograndenses do sul e entre os compradores sobressaiam os mineiros que vendiam suas tropas muitas vêzes até no norte do país. Spix e Martius contam terem visto animais vindos do sul no sertão da Baia.

Entre os mêses de abril e maio de cada ano realizavam-se os grandes negócios na Feira de Sorocaba dando à cidade feição peculiar movimentando-a durante algum tempo de modo a sobrepujar até muitas capitais de Provincias com espetáculos e diversões dos mais variados girando o dinheiro em somas avultadas.

Ao lado dos vendedores e compradores de animais, com seus escravos, afluiam à cidade paulista comerciantes dos mais diversos tipos, companhias teatrais e circos de cavalinhos aventureiros de toda espécie jogadores prostitutas e toda essa malta de gente que acorre aos lugares de dinheiro abundante e fácil vivendo de especulações licitas e ilicitas não faltando os mendigos pedintes irmãos de opa recorrendo aos transeuntes para as festas de santo construções de igrejas promessas várias etc..

O transporte de tropas de tão grandes distâncias era um trabalho rude devendo os tropeiros suportar intempéries atravessar regiões desertas cheia de animais ferozes e por vêzes indios selvagens constituindo uma vida eivada de perigos sobressaltos e sofrimentos exigindo qualidades excepcionais fisicas e morais. Mesmo assim pelos lucros que proporcionava muitos se dedicavam a ela negociando-se em Sorocaba de 40 a 50 mil animais por ano num conjunto que somava de dois a três mil contos em moeda da época.

Os direitos cobrados por cabeça de muar entrado em Sorocaba eram de 3.500 réis dos quais mil réis revertiam aos cofres riograndenses comprovada a legalização de uma guia expedida pela barreira de Santa Vitória em triplicata e para um só efeito a fim de se evitarem manobras de malversadores. Metade dos 2.500 réis restantes era arrecadado como direitos do contrato para o arrendatário do impôsto trienalmente lançado na praça e a outra metade constituia os direitos de casa doada, imposto originariamente criado em benefício de quem abrira a estrada de São Paulo ao Sul e mais tarde incorporado às rendas provincians paulistas. Os 2.500 reis, taxa muito elevada para Saint Hilaire, correspondia no seu tempo a 21 francos e segundo Taunay equivaleria hoje a mais de 50 cruzeiros (9)

Estas rendas concorreram para a receita provincial de São Paulo em 1838 de acôrdo com os dados estatísticos de Daniel Pedro Muller com 81:869$950.

Além disso os animais eram novamente taxados ao entrarem na Provincia de Minas Gerais.

Estas taxas variadas e elevadas influiam muito na economia riograndense, o principal centro criador e exportador de muares, provocando descontentamento entre criadores e tropeiros sendo que êstes descontentamentos "encontraram veemente éco nas páginas da literatura revolucionária dos farrapos. Proclamações e manifestos traduzem o queixume dos criadores contra as exorbitâncias do fisco imperial que parecia induzido a promover o aniquilamento da criação muar riograndense" (10).

O fato magno contudo que nos cabe aqui registrar salientando-o é a importância que os muares e sua criação desempenharam em nossa formação histórica. Como diz Taunay "sem a organização das feiras de Sorocaba apoiada na industria equina do sul do Brasil e regiões castelhanas adjacentes, a lavoura do café não teria podido alcançar o enorme surto que lhe conhecemos antes do estabelecimento da rede ferroviaria". (11).

De fato, foi no lombo de burros e mulas que se transportaram quase todo o café do interior para a costa maritima pois como observa Calogeras "se excetuarmos o Recôncavo baiano no qual a multiplicidade de rios navegáveis facilitava o emprêgo de verdadeiras esquadrilhas de embarcações o grande o quase único elemento de transporte utilizado foram os muares". Segundo o viajante Fletcher, entre São Paulo e Santos em meados do século passado havia 200 mil bestas fazendo o transporte anual. Outros viajantes que percorreram a estrada entre Rio de Janeiro e Minas Gerais contavam às centenas de animais de carga das tropas que diàriamente encontravam em seu trajeto.

O impulso tomado pela lavoura cafeeira sucitou outro problema não menos importante para sua existência e desenvolvimento; a necessidade crescente de mão de obra que como era costume no tempo foi procurada na escravidão africana levando ao aumento da importação de negros e ao deslocamento dêsses trabalhadores do norte para o sul. Antes tôda mão de obra importada da Africa vinha para os canaviais e engenhos do norte e posteriormente para as lavras auriferas e diamantiferas de Minas Gerais.

Agora era a vez do café que necessitava de braços requerendo e absorvendo todo o disponível.

Os primeiros contingentes de que lançaram mão os agricultores de café, após esgotar suas próprias reservas, foram as dos escravos de Minas Gerais, havendo também muita gente proprietária daquela Provincia que, desiludida com a procura infrutifera de minerais, se transferiu para as regiões agrícolas, onde a produção cafeeira dava lucros mais do que compensadores, trazendo consigo numerosos escravos, que foram utilizados na nova lavoura, abrindo nas florestas as vastas fazendas de café. "Sem êsse considerável contingente de braços disponíveis — escreve Pedro Calmon — não poderiam criar em tão pouco tempo uma cultura tentacular, que impeliu para longe o maciço florestal, estendendo-se desde as cercanias da côrte até as fraldas da serra da Mantiqueira" (12).

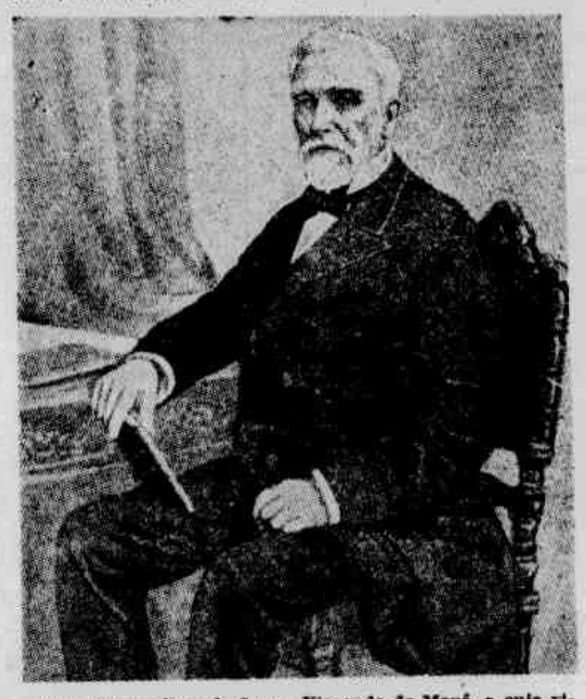
Mais tarde, foram-se buscar os negros do nordeste, quando a economia daquelas regiões entrou em decadência e haviam sido suplantadas pelas lavouras de café.

Com isto, os preços dos escravos subiram enormemente. Mas que importa! Os rendimentos proporcionados pela produção cafeeira compensavam perfeitamente ao fazendeiro os altos custos das máquinas humanas de trabalho. "Léguas de florestas nada lhe custavam, porém, um preto congo de enxada lhe saia a crédito, no Rio, por duzentos mil réis, ou fôssem, duzentas arrobas de café" (13). O escravo, entretanto, era tudo e integrava-se à propriedade como o gado e as benfeitorias. A terra era de quem a ocupava e o braço negro vinha valorizá-la. Antes das fazendas florescerem, valiam pela quantidade de escravos que possuiam, depois de plantadas, valiam pelos mil pés que possuissem e pelos negros nelas incluidos.

O afluxo da imigração do "ebano", por isso, toma vulto, estimando Taunay que, entre 1816 e 1851, não devem ter desembarcado no Brasil menos de um milhão de negros, dos quais seiscentos mil foram colocados nas lavouras de café, ou seja, mais da metade.

Quanto aos lucros que proporcionava o negócio negreiro, apresentava-se dos mais vantajosos. De acôrdo ainda com Taunay, uma "peça" custava ao traficante, adquirido aos sobas da Africa, um preço que variava entre 30 e 35 mil réis, pagos em artigos como pólvora, espingarda, machados, fumo e rapsanga. Os armadores pagavam um preço de 140 mil réis por cabeça, desembarcada no Brasil, aos capitães de navios. E vendiam pelo dobro ou pelo triplo cada negro importado, resultando daí, portanto, renda considerável, mesmo descontando a perda com os mortos em viagem, durante as longas travessias, nos porões infectos.

Este negócio, porém, era fortemente taxado, rendendo 10% sôbre o valor de qualquer transação; montando tais impostos em 5$500 ao sairem do Rio de Janeiro, pagando nova contribuição idêntica ao atravessarem o rio Preto e mais 600 réis de pedágio na ponte do Paraíba do sul, de modo que, se um escravo era adquirido no [illegible] mercado humano do Valongo, no Rio de Janeiro, por 250 mil réis e revendido pelo comboeiro em Minas Gerais, o govêrno imperial recebia 61.000 réis nesta transação, ou cêrca de 8 libras esterlinas.



Irineu Evangelista de Sousa, Visconde de Mauá, a cuja visão se deve a primeira ferrovia do país.

"Ora — comenta Taunay — como se vendiam 30.000 mil escravos, em média, no hinterland fluminense, o Tesouro auferia desta transação 240.000 esterlinas anuais, soma considerável, da qual, de um momento para outro, não poderia ser desfalcada a receita do país" (14).

Dada a abundância de mão de obra escrava, não havia preocupação pelo desenvolvimento da técnica no sistema de produção, não sendo, por isso, utilizadas quase máquinas e veículos nos trabalhos da agricultura. Criticando êsse aspecto do nosso atraso tecnológico, escrevia José Bonifácio: "Seria até caso de risota, se não fôra triste, verem-se filas de escravos carregando, à cabeça, cada qual a sua saca, quando o mesmo serviço se faria tão fàcilmente por uma carroça puxada por uma parelha de mulas ou [illegible] de bois". Com efeito, tudo era realizado pelo negro e pelos processos mais rudimentares e primitivos conhecidos, não sendo dispendido esfôrço algum para aliviar o pesado trabalho do pobre escravo. Na preparação do café, contudo, mais do que no do açucar, se começava então a usar máquinas de socar, descascar e peneirar, máquinas essas já fabricadas no rio de Janeiro.

Na Provincia do Rio de Janeiro eram correntes três processos para o beneficiamento do café: pelo pilão, o monjolo e batido à vara. Desde 1831, entretanto, multiplicaram-se os pilões movidos por força hidráulica, havendo, no entanto, quem só dispusesse dos tardos monjolos, muito morosos em seu trabalho rudimentar. Já havia, porém, pilões em que se conjugavam ventiladores, constituindo isso enorme vantagem na limpa do produto. Os que nem monjolo possuiam, batiam o café com [illegible], como se pratica com o feijão, representando tal método um processo moroso e sendo, além disso, prejudicial à saúde dos trabalhadores.

A secagem era feita pelo trabalho dos terreiros, como se faz ainda hoje, com o amontoado à tardinha, depois da medição, a espalha pela manhã, pelo rodo, em camada de dois dedos de altura, revolvimento dos grãos sempre, para exposição ao sol, e novo amontoado ao crepúsculo ou à ameaça de chuva. Dois meses, e às vêzes mais, exigia o café para completa sêca, mas uma chuva extemporânea que caisse, causava verdadeiro desastre.

A apanha realizava-se percorrendo a fila das árvores, pé por pé, fazendo em volta de cada árvore pequenos monticulos, a fim de impedir a dispersão dos grãos. A medida por apanhada era de três a três e meio alqueires e mesmo quatro, nos anos de grandes safras. As mulheres eram mais eficientes, do que os homens nesta faina. Com arrobas por mil pés davam as lavouras de três anos, declinando depois em produção, sendo que os cafeeiros envelheciam precocemente na Provincia do Estado do Rio, dando sinais de decrepitude aos vinte anos. Dois alqueires e meio de café com polpa ou três alqueires limpos, davam uma arroba beneficiada, pronta para exportação.

Existiam numerosos [illegible] que usavam plantar roças de milho, de feijão e mandioca nos cafezais recém-formados, pois, as capinas dadas a estas roças aproveitavam muito os cafeeiros, além de proporcionar mantimentos para os trabalhadores e os animais.

Quanto aos instrumentos de trabalho na agricultura em geral, reduziam-se à enxada, foice e machado, mas também já se utilizava algum arado no amanho da terra.

Na Província do Rio de Janeiro, onde maior era a prosperidade da lavoura cafeeira, havia, nos municípios de Valença e Vassouras, os maiores centros de produção, fazendas de 500 a 800 mil cafeeiros, em 1835, exportando, neste mesmo ano, os dois municípios sòmente, mais de 300 mil arrobas de café.

As colheitas fluminenses entretanto, variavam muito em sua percentagem, seguindo-se a uma boa safra, outra desfavorável ao fazendeiro não cauteloso.

Tal, em largos traços, o desenvolvimento da cultura cafeeira no Brasil, na primeira metade do século passado e seu processo de produção. Lavoura itinerante, como a chamou Pedro Calmon, era doméstica e suburbana, em 1800, sendo cultivada apenas nos arredores do atual Distrito Federal; em 1810 atingiu o vale do Paraíba, e em 1820 espalha-se pela terra fluminense; Minas Gerais em 1830; São Paulo em 1835, transformando-se na grande riqueza nacional. Seu apogeu, no entanto, iria ser alcançado no presente século, em São Paulo, na famosa região das "terras roxas", contribuindo decisivamente para mudar a fisionomia do país.

SEGUNDO IMPERIO

A preponderância do café entre nós, que se esboçara fortemente no período do Primeiro Império e das Regências, consolida-se difinitivamente durante o Segundo Império. Esse fato decorreu por um lado, consumo crescente dos mercados europeu e norte-americano, e por outro, da cada vez maior expansão que caracterizou a produção brasileira. E êsse acontecimento teve transcendental importância em nossa vida econômica, política e social, influindo não sòmente em nosso comércio externo e interno, como também em nossa paisagem geográfica, no aumento da riqueza pública e particular, na modificação dos costumes de determinadas regiões, etc... Provocou uma verdadeira transformação em todos os sentidos, com repercussões que até hoje se fazem sentir. Tôda a evolução sofrida pelo país desde então aos dias atuais, tem sua origem mediata ou imediata no café, tendo êle contribuido de um modo ou outro para isso. Mas também êsse fato determinou o tipo de nossa economia, imprimindo-lhe características próprias: grandes fazendas de exploração agrícola, monocultura, dependência do mercado internacional para colocação do produto, importação de artigos manufaturados, política econômica e fiscal dependendo de um produto de exportação, tudo, enfim, girando sòmente em torno do café. As demais produções ou atividades eram complementares ou auxiliares do produto-rei. Ficava-se ao café para tudo. Mesmo o progresso nacional em outros ramos, foram determinados pelas necessidades do café ou delas provinham, como estradas de ferro, imigração estrangeira, uso de maquinaria na agricultura etc.. Pode-se dizer que, de um modo geral, nos transformamos numa imensa plantação de cafezais para servir ao mercado mundial, vivendo disso ùnicamente. O barômetro de vida nacional passou então a ser o café, variando nossa situação de acôrdo com as oscilações dos preços e das safras cafeeiras. Era uma repetição, mutatis mutandis, do que haviamos sido, no tempo colonial, com o açucar.

Vejamos, no entanto, a carreira feita por êsse produto de tão grande importância para nós, durante o Segundo Império.

A produção cafeeira por quinquênio, foi a seguinte, de 1840 a 1860:

Anos	Sacas
1841 - 1845	7.064.913
1846 - 1850	9.383.937
1851 - 1855	12.630.466
1856 - 1860	12.671.796

Daí por diante, as safras por ano assim se expressam:

Anos	Sacas
1861 - 1862	1.666.801
1862 - 1863	1.418.862
1863 - 1864	1.357.461
1864 - 1865	1.787.702
1865 - 1866	1.690.797
1866 - 1867	2.326.465
1867 - 1868	2.447.967
1868 - 1869	2.606.423
1869 - 1870	2.111.623
1870 - 1871	2.617.867
1873 - 1874	1.900.000
1874 - 1875	3.400.000
1875 - 1876	2.889.990
1876 - 1877	2.781.642
1878	2.500.000
1883 - 1884	4.800.000
1884 - 1885	4.274.783

As sacas de café, até a safra de 1874-75 pesavam 5 arrobas, ou seja, 75 quilos cada uma; de então em diante, passaram para o pêso, ainda hoje vigorante, de 60 quilos. Isso talvez explique o aumento que se observa na safra daquele ano, em relação às anteriores. Outra observação a se fazer é que, nos dados dos dois últimos quinquênios, a média anual era superior a 2.500.00 sacas, baixando no quinquênio seguinte, quando começamos a especificar por anos, a menos de 2 milhões e por vêzes mesmo a menos de 1 milhão e meio. Tudo isso mostra como estas cifras devem ser tomadas em sentido muito relativo. Até hoje as nossas deficiências estatísticas são enormes e elas seriam maiores, sem dúvida, naqueles tempos. Afonso de E. Taunay, de onde tiramos os dados acima citados, comentando um trabalho de Sebastião Ferreira de Souza, diz "que em todo o país havia a maior deficiência de informações e as principais personalidades parlamentares discutiam as maiores questões nacionais, debatendo-se num mar de probabilidades, sem poder firmar seus argumentos em base sólida, por falta de recursos estatísticos".

O autor da "Historia do Café no Brasil", cuidadoso e escrupuloso nas citações, aponta-nos repetidas vezes, nos volumes que escreveu sobre a nossa famosa rubiacea, as contradições e disparidades de dados por ele encontradas. Para a produção nacional, utilizou como fonte, quase sempre, o Retrospecto do Jornal do Comercio, desde que estes anuarios começaram a ser publicados. No entanto, o autor, ou autores do Retrospecto baseavam os calculos da produção sobre as exportações, o que demonstra serem portanto dados aproximativos os que mencionavam. Assim sendo, estes algarismos devem ser tomados com todas as reservas daí decorrentes.

As Provincias de maior produção cafeeira na época, foram as do Rio de Janeiro, que depois cedeu a primasia a São Paulo, vindo a seguir, Minas Gerais, e em menores proporções a Bahia, Santa Catarina e Ceará, sendo que as safras desta ultima destinavam-se quase que exclusivamente ao consumo interno.

Quanto à exportação, quer em quantidade, quer ao seu preço em mil réis e libras esterlinas, bem como quanto ao seu valor por saca em moeda nacional e libras esterlinas, e quer ainda quanto à sua percentagem em relação à exportação total do país, vai expressa do quadro abaixo:

E. F. SAAD & CIA

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

FILIAIS: SÃO PAULO - SANTOS RIO CLARO

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

RUA JOAO BRICOLA, 24 - Tel. 32-4118 - End. Teleg.: "Farito"

SÃO PAULO

FONTE DE RIQUEZA

BANCO DO VALE DO PARAIBA S/A

Matriz: TAUBATE

Filiais: SÃO PAULO Rua da Quitanda, 85 e 93 — RIO DE JANEIRO Rua Visconde de Inhaúma, 111

DEPARTAMENTOS:

Aparecida — Arêalva — Bananal — Bariri — Barra Bonita — Bocaina — Brotas — Caçapava — Caraguatatuba — Cruzeiro — Cunha — Dois Corregos — Dourado — Guaratinguetá — Ibirá — Irapuã — Itapui — Jacarei — Jaú — Lorena — Macatuba — Mineiros do Tietê — Paraibuna — Pindamonhangaba — Piquete — Potirendaba — Santa Isabel — Santos — S. José dos Campos — S. Luiz do Paratinga — S. Pedro — S. Sebastião — Tabapuã — Torrinha — Ubatuba — Urupês — Vila Maria (São Paulo)

DIRETORIA:

DR. PASCHOAL RANIERI MAZZILLI — Diretor-Presidente
SR. ALBERTO GUISARD — Diretor-Superintendente
SR. VICTOR BARBOSA GUISARD — Diretor-Gerente
DR. B. BERNARDES DE OLIVEIRA — Diretor
SR. OTHELO MERCADANTE — Diretor
JOSE' AUGUSTO QUERIDO — Gerente Geral

BANCO DO VALE DO PARAIBA S/A

Anos	Sacas de 60 ks. 1.000 sacas	Valor: Contos de réis	Valor: £ 1.000 ouro	Valor por saca: Em réis	Valor por saca: Em £ ouro	Percentagem de café na exp. nacional
1840/41	1.239	17.804	2.300	146370	1.86	42.7
1841/42	1.363	18.296	2.311	134420	1.69	46.8
1842/43	1.444	17.091	1.909	118840	1.32	41.8
1843/44	1.541	17.962	1.933	116670	1.25	41.0
1844/45	1.525	17.508	1.838	114880	1.20	37.2
1845/46	1.723	21.307	2.259	123666	1.31	39.7
1846/47	2.387	21.971	2.465	92205	1.03	41.9
1847/48	2.340	25.159	2.936	107532	1.25	43.4
1848/49	2.106	21.513	2.342	102215	1.06	38.2
1849	1.453	22.838	2.462	157118	1.69	41.5
Dec	17.121	201.469	22.655	118767	1.32	41.4
1850/51	2.485	32.604	2.906	131120	1.57	48.1
1851/52	2.337	32.954	3.993	141100	1.71	49.5
1852/53	2.430	33.897	3.874	139550	1.59	46.0
1853/54	2.130	35.445	4.203	162640	1.97	46.1
1854/55	3.190	48.491	5.581	153201	1.75	53.5
1855/56	2.853	48.013	5.512	168330	1.93	50.8
1856/57	3.189	54.107	6.211	165967	1.94	47.2
1857/58	2.380	43.503	4.824	183280	2.02	45.2
1858/59	2.735	50.138	5.340	185332	1.95	47.0
1859/60	2.524	60.238	6.284	238866	2.49	53.3
Dec.	26.253	439.390	449.741	165737	1.89	48.8
1860/61	3.571	79.664	8.854	223310	2.39	64.7
1861/62	2.420	58.747	6.257	243276	2.58	48.7
1862/63	2.136	56.575	6.201	263486	2.90	46.2
1863/64	2.004	54.131	6.144	273012	3.00	41.3
1864/65	2.845	64.134	7.151	245247	2.70	45.4
1865/66	2.436	61.203	6.377	251125	2.61	38.9
1866/67	3.157	69.743	7.044	225092	2.23	44.6
1867/68	3.561	83.611	7.814	235450	2.19	45.1
1868/69	3.802	90.518	6.409	238808	1.68	44.6
1869/70	3.115	77.026	6.039	245728	1.93	39.1
Dec.	28.847	695.352	68.004	241105	2.36	45.5
1870/71	3.827	84.504	7.766	225081	2.03	50.3
1871/72	4.080	71.646	7.172	175647	1.76	37.6
1872/73	3.497	115.285	12.013	329367	3.43	53.6
1873/74	2.774	110.173	11.976	395716	4.31	58.1
1874/75	3.853	125.812	13.512	325853	3.50	60.3
1875/76	3.407	118.286	13.414	348718	3.39	64.4
1876/77	3.553	111.707	11.752	315440	3.30	57.1
1877/78	3.843	110.447	11.299	287740	2.34	59.3
1878/79	4.904	134.029	12.813	273331	2.61	65.7
1879/80	2.618	126.260	11.237	485220	4.29	56.8
Dec.	36.336	1.108.149	112.984	305491	3.11	56.6
1880/81	3.660	126.134	11.604	345463	3.17	54.6
1881/82	4.081	104.753	9.553	255669	2.34	49.9
1882/83	6.687	123.643	10.817	185341	1.81	62.2
1883/84	5.316	130.083	11.681	245470	2.19	59.9
1884/85	6.238	152.434	13.140	245436	2.10	67.4
1885/86	8.436	124.792	9.671	228957	1.77	64.0
1886/87	6.075	186.925	14.548	305770	4.10	59.4
1887	1.694	74.411	6.958	439926	3.15	50.0
1888	3.444	103.205	10.851	299967	3.39	66.5
1889	5.586	172.258	18.983	308888	3.49	67.7
1890	5.109	189.894	17.850	371688	3.26	64.7
Dec.	53.326	1.487.532	135.657	275895	2.54	61.5

O quadro acima, tirado da Pequena Historia do Café no Brasil, de Afonso E. de Taunay, reproduz nossa exportação cafeeira por decenios, o que facilita a analise dos dados. Assim constatamos que nas cinco decadas em apreço, o aumento do volume foi enorme, passando de mais de 17 milhões de sacas no primeiro decenio, para mais de 53 milhões de sacas no ultimo, ou seja, mais do triplo em 50 anos. O valor em moeda nacional passou de 20 mil contos de reis para mais de 1 milhão de contos, ou seja, quase 5 vezes mais. O valor em libras-ouro passou de 22 milhões de libras esterlinas para 135 milhões de libras, ou seja, 3 vezes mais. O valor médio da saca em moeda nacional aumentou de 11 para 27 mil reis, ou seja, 2 vezes e meia, aproximadamente; em libras-ouro passou de 1.32 para 2.54, ou seja, apenas 2 vezes mais. Aqui, naturalmente, atuou a desvalorização cambial, pois da cotação média cambial de 31, em 1840, passou para 267/16 em 1889. Quanto à porcentagem do café na exportação nacional, elevou-se de 41.4% na decada de 1840-80, para 61.5% na decada de 1880-90, passando desse modo a representar dois terços mais ou menos de nosso comercio de exportação. Essa preponderancia do café em nosso comércio de exportação, deu-se, por um lado, devido ao seu crescimento natural e especifico no volume da participação mas tambem foi devido à diminuição dos outros produtos de nossas vendas ao estrangeiro. Assim, a participação do açucar, que era de 28.5% em 1840-41, baixou para 6.2% em 1890; a do algodão, que era de 9.4%, baixou para 2.4%, durante o mesmo periodo; a de couros desceu para 3.6%. Os produtos que aumentaram sua participação em nosso comércio exterior, foram fumo, que de 1.6% subiu para 2.1%; borracha, que de 0.5% subiu para 9.7%, e mate que, de 0.7% passou para 1.5%. O cacau permaneceu estacionario com 0.9% nos dois periodos extremos indicados. Como se vê, porém, os aumentos verificado são insignificantes, resultando daí que a preponderancia do café em nosso comércio externo se deva ao seu crescimento especifico.

Quanto à participação do Brasil dentro da produção mundial do café, podemos ter idéia pelo quadro abaixo, transcrito da obra de Afonso E. de Taunay (15).

Exercicios	Brasil	Produção mundial	Porcentagem brasileira
1852-1853	2.423.640	4.567.000	53%
1853-1854	2.128.026	4.287.000	48%
1854-1855	3.185.776	5.218.000	60%
1855-1856	2.849.570	5.301.000	53%
1856-1857	3.188.045	5.385.000	59%
1857-1858	2.375.691	4.871.000	49%
1858-1859	2.724.268	5.267.000	51%
1859-1860	2.509.306	5.070.000	49%
1860-1861	3.570.471	6.285.000	57%
1861-1862	2.418.823	5.227.000	46%
1862-1863	2.133.881	4.928.000	43%
1863-1864	2.583.000	4.552.000	41%
1864-1365	2.645.211	5.567.000	43%
1865-1866	2.441.395	5.651.000	43%
1866-1867	3.193.009	6.322.000	55%
1867-1868	3.556.782	6.879.000	51%
1868-1869	3.800.684	6.520.000	58%
1869-1870	3.113.970	7.052.000	44%
1870-1871	3.763.908	7.221.000	52%
1871-1872	2.232.938	6.016.000	37%
1872-1873	3.496.210	7.501.000	46%
1873-1874	2.773.091	6.411.000	43%
1874-1875	3.852.470	8.036.000	47%
1875-1876	3.406.236	7.599.000	44%
1876-1877	3.552.301	7.805.000	45%
1877-1878	3.458.360	7.333.000	47%
1878-1879	4.902.815	9.184.000	54%
1880-1881	3.659.483	9.829.000	37%
1881-1882	4.081.467	9.658.000	42%
1882-1883	6.094.688	10.287.000	58%
1883-1884	5.117.367	9.231.000	55%
1884-1885	6.500.000	10.445.000	57%
1885-1886	5.586.000	9.565.000	61%
1886-1887	6.161.000	10.310.000	59%
1887-1888	3.330.000	6.896.000	48%
1888-1889	6.506.000	10.701.000	60%
1889-1890	4.622.000	8.692.000	51%

A "Baroneza", primeira locomotiva a circular no país

Constata-se pelos dados acima, que em duas unicas safras, as de 1870-71 e 1780-81, a porcentagem brasileira foi inferior a 40%, chegando a 37%, enquanto nos demais anos foi mesmo superior a 40 e 45%, alcançando, por vezes, até a 60%, durante os 37 anos em apreço. A média geral, durante este periodo, pode ser estimada em 45 a 50% da produção brasileira em relação ao total mundial.

E isto apesar da produção mundial ter ido num crescendo continuo, que abrangeu de 4.567.000 em 1852-53, a 10.701.000 em 1888-89.

Os paises que exportavam café para o mercado mundial localizavam-se na America, Africa, Asia e Oceania. Entretanto, mesmo tomando a exportação destes paises por grupos continentais, a nossa preponderancia se evidencia diante deles, o que demonstra termos sido desde aquele tempo os maiores produtores de café do mundo.

No que diz respeito ao destino de nossas exportações de café, dirigiram-se elas para os Estados Unidos da America do Norte, Europa, Canada, e paises da America do Sul, havendo preponderancia absoluta dos Estados Unidos. Conquanto não tenhamos cifras para todo o periodo em estudo, as que mencionamos abaixo, referentes a uma decada, demonstram isso. Eis as nossas exportações de café para os Estados Unidos, de 1873 a 1883 e as respectivas porcentagens em relação ao total exportado pelo país:

ANOS	Exportação: Sacas de 60 quilos	Exportação: Porcentagem
1873 . . .	1.379.411	
1874 . . .	1.502.825	49%
1875 . . .	1.397.191	39%
1876 . . .	1.296.110	45%
1877 . . .	1.637.633	36%
1878 . . .	1.653.582	47%
1879 . . .	2.242.488	33%
1880 . . .	1.827.038	61%
1881 . . .	2.160.481	44%
1882 . . .	2.450.789	35%
1883 . . .	2.223.039	47%

Estas percentagens como se vê são bem maiores das que eram nos anos anteriores isto é no periodo do Primeiro Império e das Regências quando haviam atingido a um máximo de 28%.

Por outro lado o consumo de café crescia de ano para ano como atestam os dados seguintes:

ANOS	TONELADAS
1878	142.372
1879	179.241
1880	185.297
1883	215.000
1884	235.000
1885	260.000
1886	290.000
1887	325.000

O resultado dessa enorme expansão cafeeira que estamos assinalando é que regiões inteiras de várias provincias cobriram-se de suas plantações. Assim, comarcas e municipios inteiros (alguns surgindo e desenvolvendo-se ao seu influxo) do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo cobriram-se de fazendas. Só no setor ocidental do vale do rio Paraiba na provincia do Rio de Janeiro em 1860 havia cerca de 600 fazendas além de um numero infinito de outras areas menores cultivadas. O mesmo se dava em Minas Gerais e no Norte de São Paulo desde Bananal e Mogi das Cruzes. E nessas fazendas sòmente cuidava-se do café. Havia fazendeiros como o comendador Joaquim José de Souza Breves que em 1860 em suas várias fazendas colheu 205.000 arrobas o que representava mais de 1.1/2 % da colheita de todo o país. Em 1888 sua colheita oscilava entre 250 e 300.000 arrobas. O número de seus escravos era de quatro mil segundo uns chegando a seis mil segundo outros. Outros fazendeiros no Rio de Janeiro e mais tarde de São Paulo se não atingiam às culminâncias de J. J. Souza Breves assemelhavam-se a ele plantando e produzindo enormes quantidades de café possuindo mais de uma fazenda.

As Provincias produtoras de café eram as que consignavam maiores receitas e estas cresciam na proporção direta do desenvolvimento da cultura cafeeira. Em 1840 estas eram as cinco Provincias de receitas mais avultadas:

Provincias	Receita em mil réis
Rio de Janeiro	885.100$000
Bahia	868.042$000
Pernambuco	714.346$000
Minas Gerais	444.027$000
São Paulo	290.848$000

Em 1889 as receitas destas mesmas Provincias eram as seguintes:

Provincias	Receita em mil réis
Rio de Janeiro	4.399.256$000
São Paulo	4.089.318$000
Pernambuco	3.577.870$000
Minas Gerais	3.474.000$000
Bahia	3.345.101$000

Nos cinquenta anos decorridos o aumento foi prodigioso pois não tendo nenhuma delas atingido à casa de milhares de contos em 1840 atingiram a quatro e três milhares de contos em 1889. Observa-se ainda que em 1840 a Bahia e Pernambuco ocupavam os segundo e terceiro lugares entre as nossas Provincias de maiores receitas enquanto que em 1889 São Paulo que antes ocupava o quinto lugar desloca-se para o segundo e a Bahia passa do segundo para o quinto.

Com este crescente enriquecimento da Provincia de São Paulo que se refletia no aumento das arrecadações seu principal porto maritimo começou também a adquirir importância cada vez maior ampliando seu movimento geral. Assim dum total de exportações no valor de 14.744 contos de réis 1870-71 passou para 31.208 contos de réis em 1879-80 ou seja do dobro em dez anos. A exportação de café da Provincia durante este mesmo periodo foi a seguinte:

ANOS	QUILOS
1869 - 70	50.133.765
1870 - 71	34.059.133
1871 - 72	39.678.705
1872 - 73	50.491.515
1873 - 74	62.173.385
1874 - 75	65.746.029
1875 - 76	60.896.641
1876 - 77	53.353.010
1877 - 78	78.449.807
1878 - 79	91.430.814
1879 — 80	82.248.767

A fim de se aquilatar melhor porém da importância do café na economia da Provincia de São Paulo vejamos estes dados referentes ao valor da exportação cafeeira dentro do cômputo da exportação total:

1852	4.404
1853	2.209
1854	4.418
1855	3.532
1856	5.006
1857	4.211
1858	1.993
1859	963
Soma	27.441

O presidente da Provincia da Bahia em seu Relatorio de 1876 tratava do problema da escassez de braços na lavoura que a saida dos escravos para o sul estava provocando. A fim de impedir esse êxodo foram criados impostos mas mesmo assim continuava a emigração de negros sendo feita clandestinamente. Segundo esse documento a Bahia de 1853 a 1861 havia exportado 12.730 escravos para os cafezais do sul e de 1862 a 1870 mais 4.121. Em 1872 a saida de escravos fôra de 453 e em 1873 de 847. Em 1877 sabe-se que sairam da Bahia 1.318 escravos destinados sobretudo aos cafezais do Rio de Janeiro e São Paulo não se conhecendo as cifras dos que sairam clandestinamente.

O preço de um escravo moço robusto de acordo com Afonso de E. Taynay entre os anos de 1852 e 1859 oscilava de 1:000$000 a 2:000$000 o que quer dizer que tomando-se como preço médio de 1:500$000 cada escravo importado pelo sul entre aqueles anos cuja soma fôra de 27.441 conforme indicamos acima representavam um valor de 41.161:500$000. Se acrescentarmos as somas correspondentes à importação de escravos nos anos posteriores poderemos avaliar as quantias enormes despendidas com esse tráfico interno e o seu custo para o erário da Provincia importadora. Não admira por isso que as hipotecas venais do Rio de Janeiro Minas Gerais São Paulo e Rio Grande do Sul em 1859 atingissem a 35.799:795$000.

O fato preponderante contudo da emigração de escravos do norte para o sul foi como já assinalaram, a decadencia da produção açucareira. Mas ao lado disso era o custo elevado do escravo outro fator não menos importante. Assim segundo Roberto Simonsen (16) um escravo valia na época cêrca de um conto de réis em média e o seu custeio era de 150$000 anuais incluindo-se juros e amortização do capital empatado enquanto que um trabalhador livre vencia pouco mais de cem mil réis por ano. Nessas condições o trabalhador livre saia muito mais barato para os agricultores do norte do que o escravo. Sòmente o sul precisava angustiosamente de braços e graças à prosperidade que lhe proporcionava o café podia pagar estes altos preços do custo de mão de obra.

Foi ainda essa escassez de mão de obra nas crescentes fazendas de café que ensejou outro aspecto interessante de nossa história econômica: a imigração de braços livres isto é a vinda de colonos europeus.

Deixando-se de parte o periodo de D. João VI quando na prática teve inicio a imigração de trabalhadores europeus para o Brasil e que somaram um total de 2.000 aproximadamente sabe-se que entre 1820 e 1830 entraram no país 9.105 imigrantes sendo 1.628 suiços 1.866 alemães catalogando-se os restantes na categoria de diversos. No decênio seguinte de 1831 a 1840 o total de imigrantes entrados baixou muito alcançando apenas a 2.932 dos quais 270 alemães 180 italianos 461 portugueses e os restantes 2.021 incluidos na categoria de diversos. As causas dessa considerável diminuição da imigração devem-se por um lado ao periodo turbulento por que passou o nosso país com varias lutas intestinas e por outro à prosperidade dos Estados Unidos da América do Norte atraindo a maior parte da gente que se deslocava da Europa para o Novo Mundo.

Anos	Valor da exportação do café (em contos de reis)	Valor da exportação total (em contos de reis)
1882 83	34.114	54.788
1883 84	46.140	47.089
1884 85	47.103	48.235
1885 86	35.719	36.621
1886 87	74.112	76.128

Na Provincia do Rio de Janeiro a percentagem das vendas provenientes da produção cafeeira na formação geral da receita era a seguinte nestes anos:

1873 - 63%
1874 - 64%
1875 - 59%
1876 - 55%
1877 - 66%

Esta consideravel expansão da lavoura cafeeira nas regiões das Provincias do Rio de Janeiro Minas Gerais e São Paulo exigiu um numero cada vez maior de trabalhadores não sòmente para abrir novas fazendas como igualmente para manter as que estavam em produção. E como todo o trabalho principalmente dos campos naquela época residia no braço escravo isso tornou necessária maior quantidade de escravos. Entretanto quando a produção de café atingiu seu grande impulso entre nós é aprovada em 1850 a famosa lei Euzebio de Queiroz que proibia o tráfico de africanos estancando assim de chôfra a grande fonte fornecedora de mão de obra para nossa lavoura. Nessas condições não houve outro remédio senão recorrer à imigração interna, importando os negros necessários do norte. Esse deslocamento da

BANCO FRANCÊS E BRASILEIRO S. A.

Correspondente do CREDIT LYONNAIS

SÃO PAULO:
Rua 15 de Novembro 248 - Tels. 32-5178/9/0
(Ag. Urbana) Av. Duque de Caxias, 371 - Tel. 33-5178

RIO DE JANEIRO:
Praça Pio X, 54-A - Tels. 52-2170/7/8/9

PORTO ALEGRE:
Rua Siqueira Campos, 1248 - Tel. 5-213

SANTOS:
Rua 15 de Novembro, 53 - Tel. 2-6665

SANTO ANDRÉ:
Rua Cel. Fernando Prestes, 79 - Tel. 582

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:
Rua 15 de Novembro, 77 - Tel. 365

Todas as operações bancarias

CAFÉ MARCA REGIST. LOURENÇO — NÃO HÁ MELHOR CAFÉ LOURENÇO

SEMPRE INVEJADO
NUNCA IGUALADO

MATRIZ
Av. Celso Garcia, 1472/1486
Cx. Postal, 5960 - Tel. 9-1376
São Paulo

"Máquina São Lourenço"
(Beneficiamento de Café)
Rua 9 de Julho, 393 - Tel. 32
Cx. Postal, 23 - PRES. ALVES (N.O.B.)
Est. São Paulo

FILIAIS.
MOGI DAS CRUZES
R. Cel. Souza Franco, 650
Tel. 2-6-8
TAUBATE'
R. Dr. Pedro Costa, 234
Tel. 2-3-5

mão de obra indispensável coincidiu com a decadência da produção açucareira naquela parte do país facilitando desse modo a vinda de escravos dos engenhos de açucar do norte para as fazendas do café do sul.

Eis a importação de escravos da A'frica no último decênio da sua proibição:

Anos	Numero de escravos importados
1840	30.000
1841	16.000
1842	17.435
1843	19.095
1844	22.849
1845	19.463
1846	50.324
1847	56.172
1848	60.000
1849	54.000
1850	23.000

Como se vê o derradeiro quinquênio foi o de maior proporção no tráfico negreiro acelerando-se o nefando comércio em vista da proximidade da aprovação da lei da sua suspensão. Em 1851 isto é quando já se encontrava em vigor a medida proibicionista ainda se importaram 3.287 negros escravos naturalmente que de modo clandestino.

As remessas de negros escravos do norte para o sul após a aprovação da lei de 1850 expressavam-se nos seguintes numeros.

Entre 1840 e 1846, o movimento imigratorio foi igualmente pequeno, somando a um total de 2.296, sendo 566 alemães, 223 franceses, 10 espanhois, 207 portuguesas, 17 suiços e os restantes 1.272 de diversas nacionalidades. De 1847 a 1849, entraram no país 2.418 imigrantes europeus, sendo 5 italianos, 76 suiços, 78 portugueses e 465 diversos. A partir de 1850 até 1889, o total de imigrantes entrados em cada ano vai no quadro abaixo, tendo ao lado a quantia que coube a São Paulo:

ANOS	Total de imigrantes para o Brasil	Total para São Paulo
1850	2.072	5
1851	4.425	53
1852	2.731	976
1853	10.935	535
1854	9.189	732
1855	11.798	2.125
1856	14.006	926
1857	14.244	509
1858	18.529	329
1859	20.114	120
1860	13.774	106
1861	13.003	218
1862	14.295	185
1863	7.642	10
1864	9.578	—
1865	6.452	1
1866	7.699	144
1867	10.902	789
1868	11.715	109
1869	11.527	117
1870	5.188	159
1871	12.431	83
1872	19.219	323
1873	14.742	590
1874	30.332	120
1875	14.590	3.289
1876	30.747	1.303
1877	29.468	2.832
1878	24.456	2.058
1879	22.788	973
1880	30.355	613
1881	11.548	2.705
1882	29.589	2.743
1883	34.015	4.912
1884	24.890	4.879
1885	35.440	6.500
1886	33.486	9.536
1887	55.965	32.112
1888	33.253	92.066
1889	65.246	27.893

Pelos dados acima, verificamos que, a partir de 1852, houve uma intensificação da imigração, tendo seus pontos mais altos em 1889 e 1860, quando atingiram, respectivamente, a mais de 18 a 20 mil pessoas entradas. No quatriênio compreendido entre 1863 e 1866, registrou-se certo declínio, cujo ponto mais baixo foi em 1865, quando vieram apenas 6.500 imigrantes. A partir, porém, de 1867, com a única exceção de 1879, o volume de imigrantes entrados foi num crescendo contínuo, alcançando seu nível mais elevado em 1888, com mais de 133 mil pessoas. Quanto à participação de São Paulo, verificamos que até 1875 a percentagem era bem pequena, em relação ao total geral. Naquele ano, entretanto, subiu bastante atingindo a mais de 20% baixando depois novamente para 8% em 1876, para 10% em 1877, até chegar a 2% apenas em 1880. Dêsse ano em diante, porém, o crescimento seria rápido e constante, até atingir 57% em 1887 e 89% em 1888.

Como é geralmente sabido, o grande pioneiro na obra de trazer imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas paulistas, foi o senador Vergueiro, que chegou a ter 942 dessas pessoas em suas colônias de Ybicaba e cêrca de 160 em Angelica, no município de Rio Claro. Depois dêstes ensaios do ilustre regente do Império, outros grandes fazendeiros paulistas imitaram-no, trazendo colonos europeus para suas propriedades agricolas. Assim é que, entre 1847 e 1874 cêrca de 50 fazendeiros paulistas de café estabeleceram mais de 5.000 colonos em suas fazendas. Entre êstes, além do senador Vergueiro, contavam-se o barão de Souza Queiroz, o comendador Souza Ramos, Francisco Soares de Araujo, o barão do Porto Feliz e muitos outros.

De tal modo a idéia da imigração de trabalhadores livres da Europa ganhou raizes, que, em 17 de novembro de 1883, um grupo de brasileiros natos e adotivos fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade Central de Imigração, com o objetivo de fomentar a imigração européia para o Brasil. Seu manifesto foi subscrito por figuras de projeção nacional, como o visconde de Beaurepaire Rohan e Taunay, os barões de Iraputã, Teffé e Tauphoens, e outros, a êles se associando logo cientistas, sociólogos e jornalistas como André Rebouças, Ferreira Araujo, Nicolau Moreira, João Clapp, etc. etc.

A repercussão dessa iniciativa foi imensa em todo o país. Logo a seguir, por isso, em 7 de fevereiro de 1884, São Paulo seguiu o exemplo, fundando a Sociedade de Imigração de São Paulo, contando com perto de 300 membros ao começar, congregando em seu seio nomes prestigiosos, como o presidente da Provincia, General Couto de Magalhães, e mais os conselheiros Antonio Prado e Paula Souza, Martinho Prado Júnior, os irmãos Souza Queiroz, Rafael de Barros, Caio Prado, Martim Francisco, Conde do Pinhal, Cerqueira Cesar e numerosos outros. A sociedade logo ramificou-se, criando-se congeneres em Santos, Sorocaba, São Simão, etc.

Este entusiasmo pela imigração européia livre, ganhando terreno e adeptos até mesmo entre as principais figuras responsáveis pela administração da Provincia e entre os fazendeiros de café, não decorria apenas do sentimento filantrópico de horror ao cativeiro, mas tinha sua base na superioridade demonstrada pelo trabalho dos colonos sôbre o dos escravos. Assim, escreve o bem informado historiador do nosso café (17): "Já os fazendeiros dos últimos anos de existência do trabalho servil reconheciam que os cafezais, tratados por colonos, rendiam mais do que quando entregues a escravos". E mais adiante: "Era voz geral, entre os lavradores de São Paulo, que em lotes de colonos não se viam os grãos a secar nas arvores ou derriçados no chão, ai se alterando semanas e meses inteiros. A apanha era não sòmente mais bem feitas quanto mais rápida. As cerejas não apareciam tão misturadas de folhas, seixinhos e galhinhos quebrados. Havia também menos açodamento em depenar os ramos dos cafeeiros, o que tanto prejudicava as árvores. Os colonos movidos pelo interêsse em vez de correrem a mão ao longo dos galhos derrubavam as cerejas por grupos, um por um. Outra opinião já corrente nas lavouras paulistas: os cafés de colonos se prestavam muito melhor ao despolpamento. E isto se comprovara ultimamente quando o visconde de Indaiatuba instalara, na sua colônia do Saltinho, um despolpador para beneficiar o café de trinta famílias de colonos. Verificava-se em São Paulo, eloquentemente, a enorme soma de vantagens decorrentes da substituição do escravo por um operário mais inteligente e mais senhor de si. Esta simples troca de indivíduos procedera à correção de quase todos os defeitos exprobados à antiga cultura cafeeira".

NO CAMINHO DA SERRA

Acrescentam-se a êstes, outros fatores, decorrentes do sistema de trabalho de escravidão. Assim, nas fazendas, sòmente metade mais ou menos dos escravos dedicava-se à lavoura. A outra metade era ocupada nos trabalhos domésticos das fazendas, como administradores, capatazes, etc., e nas atividades artezanais. Também o cultivo de mantimentos absorvia boa parte de mão de obra escrava. E quando isso não se dava, obrigava os fazendeiros a grandes dispêndios em dinheiro para aquisição dos gêneros.

Tudo isso fazia com que fôsse altíssimo o preço de custo do café produzido pelo escravo.

Foram êstes fatores, superioridade da mão de obra livre e descantagens das condições do sistema escravagista, acrescidos dos interêsses da burguesia urbana (comerciantes, manufatureiros e artezões) em ampliar o mercado interno, através de um maior número de gente manuseando dinheiro em suas transações cotidianas e movimentando o comércio, que criaram o ambiente propicio para a Abolição. E quando esta chegou, em 1888, com o histórico 13 de Maio, não afetou o conjunto de produção nacional, pois a exportação de café não diminuiu, mas prejudicou alguns fazendeiros que baseavam ainda todo o seu trabalho na exploração da mão de obra servil. Isso sobretudo aconteceu na Provincia do Rio de Janeiro, cuja colheita, de 3.908.080 sacas de café de 60 quilos, em 1883, passou para 1.309.271 sacas em 1889. Um comentarista dêste assuntos, citado por Afonso de E. Taunay, tratando dêstes fatos, assim se refere a êles: "Enquanto São Paulo apercebendo-se da gravidade da situação procurava achar solução para o problema que o espirito abolicionista pôs em foco indo buscar na colonização estrangeira, braços para a reorganização de um serviço que a extinção da escravidão viria fatalmente pertubar, os estadistas fluminenses, empolgados por lamentável espirito de reação, sob o influxo de interêsses respeitáveis, talvez, mas, sem dúvida, injustificáveis perante a civilização e a humanidade, de outra coisa não cogitaram, salvo honrosas exceções, senão de opor tenaz resistência à onda que, avassalando, de dia para dia, os espiritos, acabou por submergi-los".

Outro problema que a questão servil suscitou, foi a da intradução de maquinária na produção cafeeira. Com a escassez crescente de braços escravos, seus preços cada vez mais elevados e o custo de sua manutenção sempre maiores, acrescidos das necessidades de melhora e aumento da produção, surgiu de modo imperativo o problema da introdução de maquinária na lavoura e preparo do café. Vimos antes que os instrumentos agricolas usados eram enxadas, foices, machados e monjolos. Agora, porém, com o desenvolvimento da técnica e a necessidade de produção mais aperfeiçoada e de mais baixo custo, impunha-se apelar para as máquinas, que em todo o mundo e em todos os ramos de atividades estavam revolucionando a economia.

No amanho da terra, a modificação introduzida foi pequena, se bem que importante. Constou do emprêgo do arado na cultura do solo. Esse fato foi registrado como acontecimento auspicioso pelo ministro da Fazenda, em seu Relatório de 1874. E' que em muitos municipios paulistas, principalmente Limeira e Campinas, bem como em alguns da Provincia do Rio de Janeiro, já se estava fazendo uso do arado nas lavouras de café. Isso, além de lustre, dava superioridade a tais municipios. "Assim êstes primeiros tentames se generalizem!" — augurava o ministro.

Transformação mais significativa, no entanto, verificou-se no beneficiamento do produto. As primeiras formas de beneficiar o café eram o pilão manual e a peneira. Depois foi utilizado o monjolo e mais tarde o bocardo, ou máquina de pilões, isto é, várias mãos de pilão funcionando ao mesmo tempo. O trabalho da peneira foi substituido pelo ventilador mecânico. Conquanto isso já representasse apreciável indice de produtividade, por poupar muita força humana, oferecia bastantes inconvenientes, como as das baterias de pilões, que faziam perder boa parte de força motriz consumida pelos atritos. Várias pessoas dedicaram-se então ao invento de uma máquina que corrigisse tais defeitos. Numerosas foram as invenções de aparelhos destinados a êsse fim, mas nenhuma delas foi adotada, por não oferecerem tôdas as qualidades desejadas. Após a guerra do Paraguai, por volta de 1870-72, começaram a entrar em uso máquinas que satisfaziam plenamente, generalizando-se o emprêgo de ventiladores, despolpadores e aparelhos para burnir e separar o café. Depois de 1880 difundiu-se o uso de máquinas de beneficiamento do café, encontrando-se numerosas delas, de origem européia e norte-americana, em funcionamento em algumas Provincias, principalmente em São Paulo, a cujo produto, na Europa, se dava o nome de "café de máquina". Só a cidade de Campinas, em 1886, possuia 33 máquinas Lidgerwood e 26 de tipo Conrado, sendo que, daquelas, 11 eram movidas a vapor e 22 por fôrça hidráulica, a destas, 3 a vapor e 23 pela água. Os Irmãos Bierembach, ainda em Campinas, fabricavam máquinas de descascadores, ventiladores e separadores, de cinco tamanhos diferentes, limpando de 40 a 300 arrobas de café e elevadores transportando, por hora, 100 arrobas de café em côco ou já limpo. Esta "revolução" das máquinas no preparo do produto, operou profunda transformação, pois não só dispensara o número elevado de escolhedoras, como também davam ao produto mais igualdade e muito melhor aspecto.

Dêsse modo, uma grande e significativa transformação operou-se no sistema da produção cafeeira no Brasil. Ao lado do uso do maquinário, intensificou o trabalho do imigrante livre e deu-se também uma divisão maior do trabalho na fazenda, havendo maquinistas, mecânicos, pedreiros, pintores, oleiros, etc. com funções especiais e diversificadas, o que não acontecia antes, quando tudo repousava no trabalho escravo, provindo tudo das mãos e atividades dos negros.

Mas a cultura do café, embora circunscrita a certas regiões do país, determinada pelas suas necessidades de terreno apropriado, clima, etc., foi uma "lavoura itinerante", como disse Pedro Calmon, e teve também o seu "roteiro", conforme assinalou Sérgio Milliet, deslocando-se, com o correr dos anos, em busca do "habitat" propicio à sua expansão. Já referimos que, tendo começado nos arredores do atual Distrito Federal, foi ganhando terreno pelas Provincias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e norte de São Paulo. Nesta última Provincia, sofreu igualmente outro deslocamento, passando do norte para o oeste. Assim, em 1836, as zonas norte e central produziam, respectivamente, 86,50 e 11, 93% da produção do total de café da Provincia, cabendo à Mogiana 0,14%, à Paulista 1,43% e nada à Araraquarense e Alta Sorocabana. Em 1854, as zonas do norte produzem 77,46 e 13,91%, sendo as da Mogiana e Paulista 2,31% e 6,32%, respectivamente. Em 1886, as zonas norte e central abrangem 19,99% e 29,00% respectivamente, subindo a Mogiana para 21,81%, a Paulista para 23,69%, a Araraquarense para 4,05% e a Alta Sorocabana para 1,46%. Em conjunto vemos que a posição do norte e central passou, dentro do total da Provincia, de 98,43%, em 1836, para 87,37%, em 1854, atingindo a 48,99% em 1886, ou seja uma redução de 50%, aproximadamente, nos cinquenta anos em aprêço. Estudando êsse fato, observa Sérgio Milliet "a de que o avanço se processou em obediência de duas determinantes trópicos, abaixo da qual o clima não o favorecia e demandar as principais: evitar a linha dos grandes florestas de terra virgem e milionária" (18).

Alcançando o oeste paulista, o café encontra as famosas "terras roxas", cuja fertilidade lhe proporcionou novo impulso. Por isso, segundo ainda Sérgio Milliet, de pouco mais de 590.000 arrobas, em 1836, a produção paulista de café passa a 3.534.256 arrobas em 1854, atingindo a 10.374.350 arrobas em 1886.

Paralelamente a êste surto prodigioso da cultura cafeeira de São Paulo, processou-se a decadência dos cafezais do Rio de Janeiro. Já mostramos que sua produção de 4.133.466 sacas em 1880, baixou para 3.908.080, em 1883, atingindo apenas a 1.309.271 sacas, em 1889. A causa principal dessa queda da lavoura fluminense reside na erosão de suas terras montanhosas e maus tratos de gleba. Isso foi a razão de não se terem fixados colonos europeus na Provincia do Rio de Janeiro. Tratando dêsse assunto, escreve Afonso de E. Taunay: "Era certo que, impressionados com esta situação, alguns govêrnos fluminenses fizeram tentativas para fornecer braços à lavoura, fomentando a imigração. Mas os colonos trazidos, encontrando lavouras decadentes pelos maus tratos e terras já bastantes exgotadas por anteriores culturas, não vendo garantias para os lucros ambicionados, nem a possibilidade de se tornarem proprietarios do lotes em que teriam de trabalhar, abandonaram em sua maior parte o Estado, indo para São Paulo em geral e Minas Gerais, atraidos por convites de parentes e amigos, que lhes acenava com sedutoras vantagens ou por promessas de aliciadores procedentes dêsses Estados". Concluindo com estas palavras: "Os antigos e belos cafezais das margens do Paraiba, cujo esplendor inspirou mais de um artista, em sua maior parte desapareceram, tansformando-se em vastas pastagens, com sacrifício das vendas e da riqueza pública". (19). Outra razão de decadência da agricultura fluminense, vamos encontrar na "desorganização do trabalho", ou seja, na Abolição. Conforme já mencionamos anteriormente, tôda a produção cafeeira do Rio de Janeiro repousava quase que exclusivamente no braço escravo. Daí que a Abolição repercutisse profundamente nela, de modo direto. Essa questão foi assim explicada por Silvio Ferreira Rangel, citado por Taunay: "Parte da abolição o declínio da lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, ainda que os altos preços do café, nos primeiros anos do regime repu-

BANCO DO COMERCIO E INDUSTRIA DE SÃO PAULO S/A

FUNDADO EM 20 DE DEZEMBRO DE 1889

MATRIZ — SÃO PAULO
Rua 15 de Novembro N.º 289

Caixa Postal, 36 — Telefone, 37-2131

Endereço telegrafico para Matriz e Filiais: "INDUSCOMIO"

Capital	Cr$ 300.000.000,00
Fundo de Reserva	Cr$ 100.000.000,00
Fundo de Reserva Legal	Cr$ 40.000.000,00
Lucros em Suspenso	Cr$ 6.900.464,50

FILIAIS URBANAS:

São Paulo — Consolação, Lapa, Pinheiros, Paraiso, Santa Cecilia, Santa Ifigenia, São Miguel Paulista
Rio de Janeiro — Ana Neri
Salvador — Cidade Alta
Campinas — Conceição

FILIAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina, Americana, Amparo, Araraquara, Bauru, Bebedouro, Birigui, Botucatu, Bragança Paulista, Cafelandia, Campinas, Catanduva, Franca, Garça, Jabuticabal, Jacareí, Lins, Marilia, Olimpia, Osvaldo Cruz, Ourinhos, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Rio Claro, Salto, Santos, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, São Manuel, Sorocaba, Sumaré, Tanabi, Taquaritinga, Taubaté, Tupã, Valinhos, Valparaiso, Votuporanga

FILIAIS EM OUTROS ESTADOS

Apucarana, Assaí, Blumenau, Cambé, Campo Grande, Cornelio Procopio, Curitiba, Londrina, Mandaguari, Maringá, Paranaguá, Poços de Caldas, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Sertanopolis, Vitoria

CORRESPONTES NO PAIS E NO ESTRANGEIRO

CONSELHO DIRETOR — uma de Oliveira — Presidente do Conselho
é da Silva Gordo — Diretor Presidente
nidas Garcia Rosa — Diretor Vice-Presidente
odoro Quartim Barbosa — Diretor Superintendente
rto Ferreira do Amaral — Diretor Gerente
Adolpho da Silva Gordo — Diretor Gerente

BANCO DE CRÉDITO NACIONAL S. A.

RUA BOA VISTA, 228 SÃO PAULO

bilicano, no célebre período do "enxilhamento", especialmente, lhe tenham dado uma aparência de alento. O certo é que, dos ex-escravos, os mais aptos foram atraidos pelas cidades, especialmente pela "Corte", depois Capital Federal, onde as construções e outros trabalhos, que se intensificaram naquele período, os atraiam. Os que ficaram nas lavouras, tornaram-se colonos, parceiros, etc., mas seu trabalho, em geral, ficou muito aquem do que dêles se poderia esperar, porque aos novos cidadões faltavam as aptidões do trabalhador livre e autônomo, que o cativeiro atrofiara, para deixar explodirem as más paixões, os piores vicios, como o alcoolismo, a vadiagem e o latrocínio". (20).

Mais uma prova da superioridade da cultura cafeeira paulista sôbre a fluminense, podemos encontrar cotejando o embarque do produto pelos portos brasileiros e o de Santos. Eis um quadro demonstrativo dessa afirmação:

ANOS	Santos (arrobas)	Portos fluminenses (arrobas)
1850-1851	463.040	1.355.643
1851-1852	405.225	1.247.938
1852-1853	373.912	1.030.642
1853-1854	508.160	1.249.339
1854-1855	828.584	1.562.477
1855-1856	779.796	1.300.927
1856-1857	731.124	1.356.246
1857-1858	762.124	924.773
1858-1859	903.108	1.232.454
1859-1860	1.450.912	1.015.770
1860-1861	1.261.800	1.344.135
1861-1862	1.343.196	1.150.692
1862-1863	1.361.876	793.554
1863-1864	1.040.584	721.158
1864-1865	1.637.700	1.202.309
1865-1866	1.427.748	1.054.603
1866-1867	1.142.684	1.120.159
1867-1868	1.872.416	1.193.863
1868-1869	2.316.072	1.387.249
1869-1870	2.187.216	1.251.252
1870-1871	1.942.280	1.303.803
1871-1872	1.740.340	889.543
1872-1873	2.117.440	1.283.509

Vemos, pelos dados acima mencionados, que até 1854, a vantagem dos portos fluminenses sobre Santos era enorme. Mas, de então em diante, o movimento do porto paulista foi crescendo, igualando-o no exercício de 1859-1860, de 1861-1862 para frente, a superioridade conquistada por Santos manifesta-se claramente e se mantem de modo continuo, chegando a algarismos impressionantes em 1872-1873, com uma vantagem de mais da metade.

E' verdade que neste fato deve-se computar também a decadência das lavouras cafeeiras do norte de São Paulo, cujos embarques se faziam em u'a maior parte pelos portos fluminenses. Mas é inegável, todavia, que o progresso do porto de Santos é fruto exclusivo do impulso cafeeiro paulista, sobretudo do surto adquirido na região oeste da então Provincia de São Paulo.

Outro acontecimento ainda de grande expressão econômica e social, decorrente da produção cafeeira entre nós, foi a criação e desenvolvimento das estradas de ferro, notadamente em São Paulo. Foi por isso que Afonso de E. Taunay escreveu: "Caberia ao Café a gloria de trazer ao Brasil as suas primeiras ferrovias".

E' sabido que a primeira estrada de ferro que existiu entre nós, foi o pequeno trecho de quatrose meio quilômetros, inaugurado por Mauá em 1854, saindo do Rio de Janeiro e indo parar na raiz da serra de Petropolis. A esta estrada logo se uniu a rodovia da União e Indústria, levando-a até Juiz de Fora, em Minas Gerais. Esta junção da rodovia com a ferrovia, servindo a uma zona em franca prosperidade, deu magnifico impulso à produção cafeeira de toda a redondeza.

Outra estrada de ferro que deu grande impulso à lavoura cafeeira, foi a D. Pedro II, hoje Central do Brasil. Seu primeiro trecho, entre o Rio de Janeiro e Belém, foi aberto ao público em novembro de 1858. Em agosto de 1864, esta estrada vencia a Serra, chegando os seus combóios à Barra do Pirai, encontrando a direita e à esquerda — observa Taunay — a gra-

de suave das margens do Paraiba, apinhadas de cafezais.

Em São Paulo, a primeira estrada de ferro posta a trafegar foi a São Paulo Railway, em 1866, cobrindo o trecho São Paulo-Santos, que serviu, desde então, para transportar toda a produção cafeeira do interior para o porto de embarque de Santos. Em 1872, a Companhia Paulista de Estrada de Ferro estabelecia o trafego definitivo entre Jundiaí e Campinas. Em 1870 organizava-se a Companhia Sorocabana. para se avaliar as vantagens que as ferrovias proporcionaram à produção cafeeira, basta dizer que a São Paulo Railway transportou 222.732 sacas de café em 1867, passando para 404.605 sacas em 1872, ou seja, quase o dobro em seis anos apenas.

Do total de 736 quilometros de ferrovias existentes no país, em 1869, 478 quilometros pertenciam às estradas de café. Quanto ao volume de trafego, dos 20.183.057 arrôbas transportadas pelas nossas estradas de ferro naquele mesmo ano, 16.219.866 arrôbas pertenciam às estradas de café. Ao proclamar-se a Republica, em 1889, somente São Paulo já possuia mais 1.239 quilometros de estrada de ferro, sem contar o ramal que vai para o Rio de Janeiro, entroncando-se com a D. Pedro II em Cachoeira. Na Provincia do Rio de Janeiro, entre 1860 e 1884, trafegavam ferrovias num total de 812 quilometros. Em Minas Gerais, a extensão ferroviaria atingia a 723 quilometros (22).

Com este novo meio de transporte, constituido pelas ferrovias, não sómente se aumentou a rapidez e o volume de carga em trânsito entre os centros de produção e consumo, como também se aliviou a produção de um onus que já começava a pesar significativamente. Por outro lado, com a construção das ferrovias, foram vencidos os obstaculos naturais, das serras que separavam os planalto paulistas e mineiro das costas maritimas, pontos de convergências da produção cafeeira para seu escoadouro. Com isso, o porto de Santos, tomou um impulso inusitado e a exportação de café pelo Rio de Janeiro ultrapassou a 2 milhões de sacas.

O resultado desse surto ferroviário foi o novo impulso adquirido pela produção de café, sobretudo na nova zona do oeste paulista, onde terras e climas apropriados propiciaram um grande desenvolvimento dessa cultura.

Todos estes fatores que acabamos de apontar, decorrentes da elevação da produção cafeeira entre nós, tiveram profundas e sensiveis repercussões na paisagem econômica, politica e social do país, modificando-as de modo particular.

Assim, assistimos, em primeiro lugar, à transformação do nosso principal artigo de produção e exportação do açucar, para o café dando preponderancia a um produto que até a época da Independência não tinha expressão alguma. Com isso, o eixo economico que antes era constituido pelo nordeste, principalmente Pernambuco e Bahia, deslocase para o sul, vindo para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Também devido a isso, o centro politico desce para o sul, passando, as preocupações com o café a ter preponderancia sobre os demais, e a desempenhar papel de relêvo da administração dos negocios públicos estadistas do sul, do Rio de Janeiro no começo e depois de São Paulo e Minas Gerais.

Em segundo lugar, o comercio exterior do Brasil toma um impulso rápido e ascendente. De total de 114.197 contos de réis, em 1849-50, passa para 225.986 contos na década seguinte, de 1859-60, indo para 365.400 contos em 1869-70, alcançando a 395.997 em 1879-80, atingindo a 479.895 contos em 1889-90 seja quatro vezes mais durante as quatro decadas em aprêço. Só o movimento exportador, durante os mesmos decenios, passou de 55.032 contos, para 112.958 contos, para 197.100 contos, para 222.352 contos e para 259.095 contos (23). E como já salientamos anteriormente, o café desempenhou papel primordial em nossas vendas ao exterior. Como consequencia dessa prodigiosa expansão das exportações, nossa balança comercial, a partir de 1861/62, com a única excessão do exercicio financeiro de 1885-86, começou da apresentar saldos positivos nos negocios entre nosso país e as demais nações no comercio internacional.

Em terceiro lugar surgiu uma nova aristocracia rural, a dos fazendeiros de café, em substituição à dos antigos senhores de engenho, que antes predominavam como potentados e donos das grandes fortunas do país. As fazendas de café, principalmente do Rio de Janeiro e do norte paulista, passaram a ostentar o fausto da nossa aristocracia rural, com suas numerosas escravarias, dando festas suntuosas, apresentando o luxo e o requinte da epoca. Havia fazendas com mais de 1.000 habitantes, com igrejas e capelão próprio escolas, pomares, hortaliças e jardins. As porcelanas, moveis, cristais, tapeçarias, etc. vinham da Europa. As festas que davam duravam dias, custando dezenas de contos de reis, o que representava muito dinheiro para a época. Estes fazendeiros mantinham ainda na cidade, no Rio de Janeiro, enormes e luxuosos palacios residenciais, alguns deles de grande beleza e bom gosto, transformando-se em centros de brilhante recepções politicas e mundanas do tempo, reunindo diplomatas, parlamentares, escritores, jornalistas, pintores e outros elementos representativos e de destaque social. Tratando disso escreve, um autor citado por Taunay: "Foi de fato interessante essa epoca de fastigio fluminense, em que os grande proprietarios rurais entravam numa louca competição de despesas, cada qual procurando fazer realçar mais o esplendor de sua casa, levando a vida como nababo, quer em suas vastas e luxuosas casas de fazendas, quer em seus elegantes palacetes da Côrte, ou as carruagens as mais belas, onde os mobiliários os mais ricos mais custosos objetos de arte serviam de ambiente para uma vida aprimorada, digna dos grandes fidalgos europeus".

Na paisagem social, o trabalho escravo é gradativo, mas rapidamente, substituido pela mão de obra livre, até desaparecer completamente. Os grandes centros urbanos crescem e o comércio em geral se desenvolve em ritmo acelerado, surgindo cidades no interior que tomam impulso, com as transações e a intensificação do comercio. Por outro lado, regiões até então prósperas, como no interior do Rio de Janeiro e norte de São Paulo, iniciam seu declinio, para se transformarem mais tarde em "cidades mortas", na expressão de um dos nossos escritores.

Um conjunto de fatores novos, como o alargamento do nosso comercio interno, aceleração dos negocios, criação de grandes centros urbanos, enriquecimento do país, saldos no comercio exterior, a vinda, entre os imigrantes, de muitos artifices e artezãos europeus, juntamente com criação de potentes centrais hidro-eletricas, etc., propiciaram as condições necessárias para inicio e desenvolvimento da industrialização do Brasil.

Tais são, em sintese, a repercussão do desenvolvimento da cultura cafeeira no campo economico, social e politico, e seus efeitos mais imediatos sobre nosso arcabouço de produção.

(1) — Roberto Simonsen: "Aspectos da Historia Econômica do Café".
(2) — Afonso de E. Taunay: — "Historia do Café no Brasil, "vol. III
(3) — Afonso de E. Taunay: — "Historia do Café no Brasil, "vol. III
(4) — Paulo R. Pestana: — "O Café em São Paulo.
(5) — "Historia do Café no Brasil", vol IV.
(6) — Daniel P. Kidder — "Reminiscências de viagens e permanência no Brasil".
(7) — Afonso de E. Taynay — "História do Café no Brasil" volume IV.
(8) — Roberto Simonsen — "Aspectos da História do Café".
(9) — Afonso de E. Taunay — "História do Café no Brasil" vol. IV.
(10) — Afonso de E. Taunay — ob. cit.
(11) — Afonso de E. Taunay — "História do Café no Brasil" vol. IV.
(12) — Pedro Calmon — "História Social do Brasil" — tomo 2º —
(13) — Pedro Calmon — ob. cit.
(14) — Afonso de E. Taynay — "História do Café no Brasil", vol. IV.
(15) — Afonso de E. Taunay: "Historia do Café no Brasil, vol. VI.
(17) — Afonso de E. Taynay: "Historia do Café no Brasil", vol. VIII
(18) — Sérgio Milliet: "Roteiro do Café e outros ensaios".
(19) — Afonso de E. Taunay — "História do Café no Brasil", vol. VII
(20) — Idem, ibidem.
(21) Ob. cit., vol. IV
(22) Roberto Simonsen: "Aspectos da Historia Economica do Café."
(23) — Dados tirados do Anuario Estatistico do Brasil, ano V, 1939-40, apendice, Quadros demonstrativos.

BANCO DO DISTRITO FEDERAL S. A.

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

Sucursais e Agências nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo,

SUCURSAL DE SÃO PAULO:

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 175

FAZENDA GUATAPARÁ

CAFÉ - CEREAIS - PECUARIA

MUNICIPIO DE RIBEIRÃO PRETO

ESTAÇÃO GUATAPARÁ - C. P.

PROPRIEDADE DA

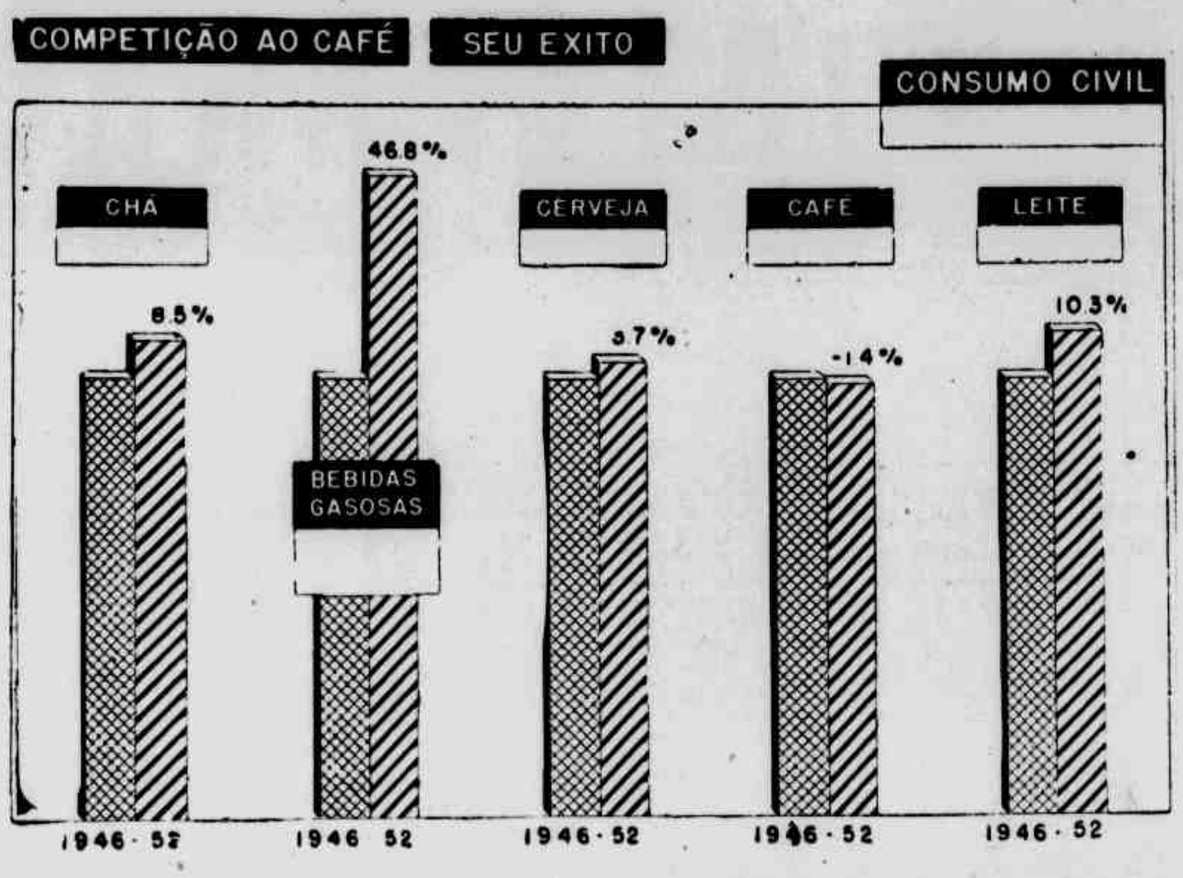
REFINADORA PAULISTA

SOCIEDADE ANONIMA

ESTACIONÁRIO O CONSUMO DE CAFÉ NO GRANDE MERCADO NORTE-AMERICANO

Procuram os norte-americanos obter maior rendimento do produto no preparo da infusão – Auto-defesa dos consumidores ante a elevação dos preços da rubiacea – Concorrencia movida por outras bebidas

BENEDICTO RIBEIRO
(Dos "Diarios Associados")



O café, dentre todas as bebidas populares, foi a unica que, no periodo compreendido entre os anos de 1946 e 1952, não apresentou indice de aumento percentual no consumo "per capita" nos Estados Unidos. Esta é uma constatação pouco lisonjeira para a nossa rubiacea, conforme nos demonstra o gráfico acima, pondo em confronto a situação desse produto face ao chá, às bebidas gasosas, à cerveja e ao leite

Uma das formas por que os consumidores norte-americanos procuram defender-se das altas registradas nos preços do café "post-guerra" é a ostentação de maior rendimento do produto, quando do preparo da infusão. E' uma auto-defesa muito natural do povo dos EE. UU., embora essa pratica seja grandemente influenciada pelas campanhas desenvolvidas contra o café no seu maior mercado de consumo. De qualquer maneira, indica que se os consumidores não participam direta e ativamente das campanha: publicitarias, de fundo politico, como a do senador Gillette, adotam eles atitude de reação em face das elevaçõer dos preços da bebida — o que serve, está fora de duvida, de abvertencia aos responsaveis pela politica cafeeira do Brasil, o principal fornecedor do mercado norte-americano.

PREÇOS E RENDIMENTO DO CAFE'

(Centavos de dollar e xicaras por libra-peso)

Anos	Preço	Xicaras
1946	34,4	44,8
1947	46,9	51,1
1948	51,4	51,8
1949	55,4	52,3
1950	79,4	60,1
1951	86,8	60,2
1952	86,8	60,2
1953	88,2	61,1

(Quadro elaborado com dados do Bureau Pan-Americano de Café e que se referem aos preços de venda no varejo)

Essa tendencia dos norte-americanos vem constituir poderoso elemento contrario ao desenvolvimento do consumo do café, uma vez que ao usar menor quantidade de po de café para o preparo de uma xicara de infusão, está o consumidor prejudicando a qualidade da bebida.

CONSUMO DO CAFE' E CONCORRENTES

A produção mundial de café sofreu redução entre o periodo de ante-guerra e a época atual. Em 1937-38, era de 39.171.000 sacos de 60 quilos, passando para ..... 32.353.000 em 1952-53, o que significa uma diminuição de 17,4%. Nesse mesmo periodo, o consumo mundial evoluiu de 29.862.000 para 33.253.000 sacos, correspondendo esse aumento a 11,4%. Todavia, devemos ter em mente que essa elevação da demanda foi apenas vegetativa, e o "deficit" da produção em relação ao consumo em 1952-53 não teve sua origem no aumento da procura do café.

Na realidade, dentro da luta travada entre o café e os seus maiores competidores (leite, chá, cerveja e bebidas gasosas) para a conquista do mercado civil dos Estados Unidos, todos eles registraram melhoria de sua posição entre 1946 e 1952, com exceção apenas da rubiacea, que registrou uma redução de 1,4% nesse periodo. De 1946 a 1952, o consumo de bebidas gasosas aumentou de 46,8%; o de leite, de 10,3% o de chá, de 8,5%; e o de cerveja, de 3,7%.

PROPAGANDA DO CAFE'

Tarefa ingente cabe como se vê, ao orgão encarregado da propaganda do café nos Estados Unidos: o Bureau Pan-Americano de Café, ao qual incumbe demolir ou contornar os obstaculos que se apresentam à ampliação do consumo dessa bebida naquele seu maior mercado. Releva notar, porém, que na propaganda dos produtos que competem com o café, o união que aplica menore recursos do que a rubiacea (gastos em publicidade em relação ao valor das vendas) é o leite. Mas, esse alimento conta com preciosa vantagem sobre seus concorrentes: é insistentemente recomendado pelas autoridades medicas e pelos departamentos encarregados de zelar pela saude publica, naquele país. Enquanto o leite é considerado alimento indispensavel, o café, o chá, as bebidas gasosas e cerveja são tidos como bebidas de luxo ou prazer. Assim, afora o leite, é a rubiacea a bebida em cuja propaganda se gasta menor porcentagem em relação ao valor de suas vendas no varejo.

GASTOS EM PROPAGANDA

(Porcentagem das vendas)

Produtos	Porcentagem
Chá	8,20%
Bebidas gasosas	7,50%
Cerveja	6,25 %
Café	1,60%
Leite	0,75%

Em resumo, de 1946 a 1952, o consumo da rubiacea "per capita" (população civil) nos Estados Unidos caiu consideravelmente, passando de 16,3 libras de café torrado no primeiro daqueles anos para 14,5 no ultimo. Se persistir essa tendencia, em 1960 — quando os Estados Unidos deverão ter uma população de 170 milhões de habitantes — suas importações de café continuarão sendo as mesmas de hoje. Acresce, ainda, um fato muito conhecido: enquanto a America Latina diminui sua participação no abastecimento do mercado norte-americano, fornecedores de outras partes do mundo ganham terreno.

DISTRIBUIDORA VEMAG

colabora com a lavoura do CAFÉ

Há muitas tarefas na cultura do café que, realizadas por processos mecanizados, executam-se com mais rapidez, mais economia e perfeição. Acompanhando de perto êsses problemas, com um corpo de técnicos engenheiros-agrônomos especializados, a Distribuidora VEMAG pode orgulhar-se de ter colaborado para a solução de muitos deles. Os fazendeiros de café estão convidados a fazer uma visita à Distribuidora VEMAG para conhecer de perto os esforços por ela desenvolvidos no sentido de aperfeiçoar máquinas que facilitem e melhorem as práticas culturais daquela lavoura

TRATOR FERGUSON
com ENXADA ROTATIVA que executa à perfeição a capina mecânica, bem como a tarefa de incorporação de adubo verde à terra.

TRATOR MASSEY-HARRIS
com ARRUADEIRA Implemento especial para arruação de cafeeiros, usado com o Trator Massey Harris, modêlo Pony e Pacer.

com ESPARRAMADEIRA Implemento especial para a esparramação também para ser usado com o Trator Massey-Harris, modêlo Pony e Pacer.

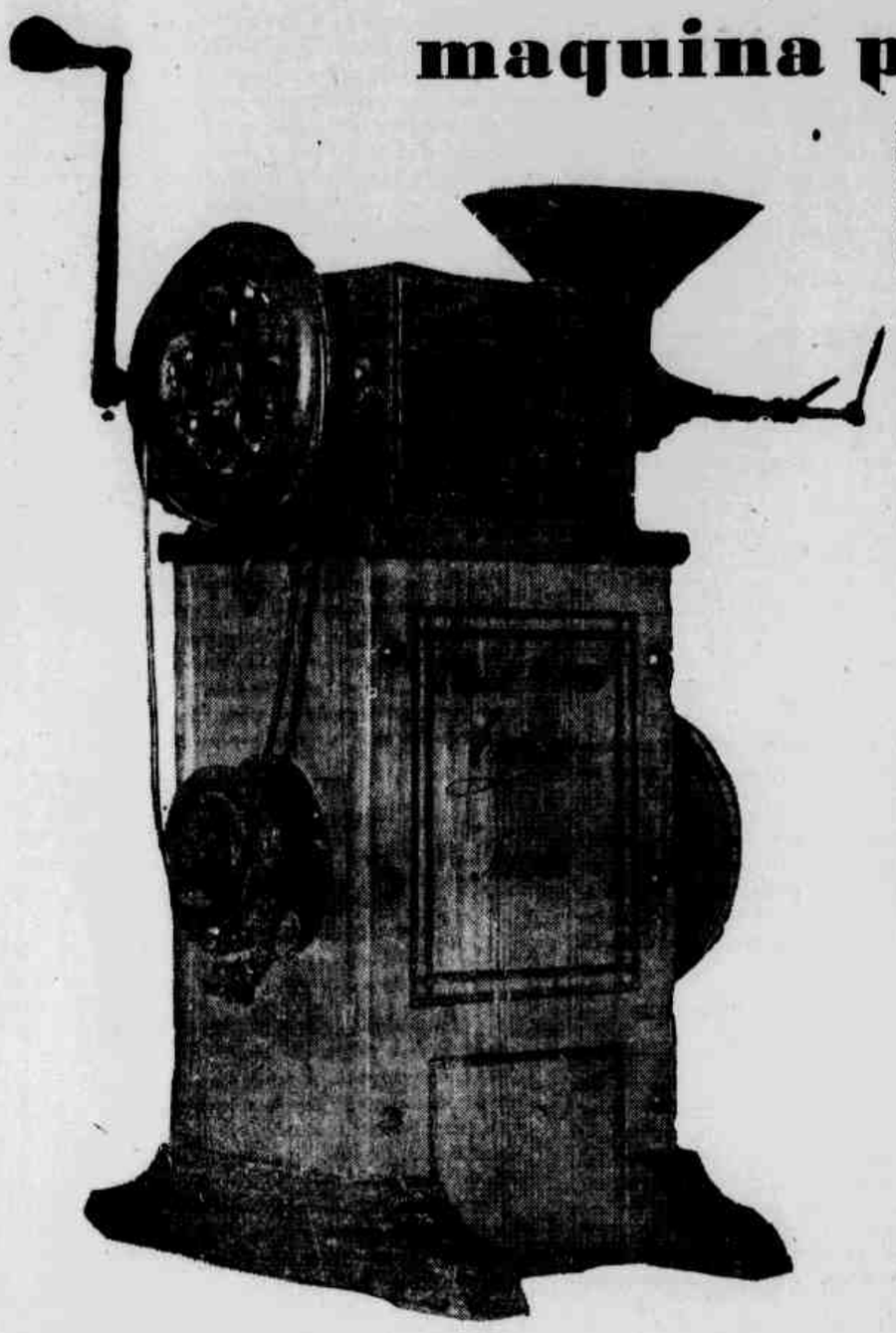
...e outros equipamentos para uso na lavoura do café, tais como brocas perfuratrizes, escarificadores, polvilhadeiras, carretas etc.

DISTRIBUIDORA VEMAG S. A.
VEÍCULOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS
Rua Groia Freda, 224 - Caixa Postal 8282 - São Paulo - Brasil

SURGIU NUMA MODESTA OFICINA EM PIRACICABA

Invenção brasileira a primeira maquina para beneficiar café

Hoje é fabricada nos Estados Unidos e importada pelo Brasil — Evaristo Conrado Engelberg, filho de alemão, prestou relevante serviço à economia nacional — Especialista em construção de "rodas d'agua"



A maquina de beneficiar café, já mais aperfeiçoada. Todas as peças, inclusive os parafusos, eram feitos pelos irmãos Engelberg

Evaristo Conrado Engelberg, o inventor

NÃO se poderá deixar de lado um fato que talvez uma parcela muito insignificante de brasileiros o conheça: foi inventada e fabricada por um brasileiro a primeira maquina de beneficiar café, com cilindro horizontal.

Referimo-nos à maquina Engelberg, inventada em Piracicaba, mais ou menos em 1880, por Evaristo Conrado Engelberg. A historia do invento e do inventor é uma historia de trabalho, perseverança e decepções.

FILHO DE ALEMAES

Em 1836, quando o major Bloem, deixando a Alemanha, trouxe em sua companhia numerosos compatriotas que pretendiam tentar a vida no Brasil, com ele vieram um velho mecanico alemão, de descendencia suiça, e um filho deste, João Conrado Engelberg. Quatro anos após sua chegada, João Conrado tornava-se orfão, seu pai fôra assassinado em Sorocaba, onde trabalhava. O jovem — estava, então, com 15 anos — passou a viver com os engenheiros alemães que trabalhavam na antiga fundição de Ipanema. Ali desenvolveu seus conhecimentos de mecanica, e, alguns anos depois, resolveu trabalhar por conta propria. Percorria as fazendas, oferecendo-se para construir "rodas d'agua" e outros serviços que o incipiente desenvolvimento da mecanica poderia tornar uteis às propriedades agricolas. Anos mais tarde, já em Piracicaba, casou-se com uma brasileira, filha de suiços: Ana Maria Stupp. O casal teve os seguintes filhos: Evaristo, Pedro, Fausto, Alipio e Francisco. O mais velho dos irmãos, Evaristo, desde os primeiros tempos, mostrou-se inclinado à pratica da mecanica, seguindo de perto o trabalho do pai. Com este visitava as fazendas, sempre construindo "rodas d'agua". Com o decorrer do tempo, substituiu o velho João Conrado nesse trabalho.

NUM DIA INVENTOU A MAQUINA

Evaristo — é o depoimento de seus filhos — vivia preocupado com a melhoria do sistema de beneficiar arroz. Tinha a intenção de aperfeiçoar os trabalhos dos monjolos, mas sempre encontrava, da parte dos fazendeiros, forte oposição. Até que um dia, em 1886, quando trabalhava na construção de uma "roda d'agua", começou a observar um grupo de escravos que trabalhava no descascamento de arroz, em pilões. Apanhou um punhado de cereal em cascas, e, esfregando os grãos na mão, verificou que, na pressão, um tirava a casca do outro. Voltou, imediatamente, para a oficina, onde se encontravam o pai e irmãos, começando a trabalhar na construção de um estranho aparelho, que, no dia seguinte, à tarde, já estava pronto. Era o primeiro descascador de cilindro horizontal. Experimentado naquele dia, mostrou sua eficiencia, mas, depois de pouco tempo de trabalho, o aparelho explodiu: era quase inteiramente de madeira. Só o cilindro era de ferro e fôra adaptado; tijolos faziam as vezes de esmeril.

Reportagem de Benedicto Ribeiro (Dos Diarios Associados)

O descascador Engelberg, como foi batizado, passou a ser fabricado pela firma Engelberg & filhos. Evaristo, não satisfeito, adaptou seu inventou, tornando-o tambem capaz de trabalhar com o café; bastava substituir a chapa furada por outra maior. Naquele tempo, o beneficiamento do café se processava em pilões, monjolos ou nos moinhos iguais aos que ainda se usam, em algumas localidades, para fazer fubá. O invento veio revolucionar o sistema de beneficiar arroz e café. Havia alguma restrição por parte dos lavradores, que não viam vantagens em gastar dinheiro num aparelho que só era util nas safras quando podiam comprar escravos que trabalhavam o ano todo. Assim mesmo, as encomendas foram aumentando, e entre os possuidores do descascador Engelberg nos primeiros anos de sua fabricação, encontravam-se o conselheiro Antonio Prado e o Barão de Arari.

NOVA FIRMA

A ampliação dos negocios determinou o desenvolvimento da firma, tendo os Engelberg se aliado ao futuro conde Alexandre Siciliano, daí surgindo a Engelberg & Siciliano, com sede em Piracicaba.

O invento não era precioso apenas no Brasil; todos os paises produtores de arroz ou café tinham interesse em recebe-lo. Vendo as amplas possibilidades da organização, Engelberg e Francisco Siciliano passaram a vender tambem para o estrangeiro. Não era pratico, contudo, fabricar a maquina e embarca-la para outros mercados, principalmente para o Oriente. Melhor seria dispor de seus direitos de fabricação. Assim é que, em 1888, por interferencia de José P. Tibiriçá, surgia em Syracuse, nos Estados Unidos, a "Engelber Huller Co.", tendo como presidente durante quase meio seculo um joalheiro bem sucedido e que resolvera mudar da profissão: J. R. Montague.

Dois anos depois de constituida, a firma já estava produzindo nos Estados Unidos e vendendo para outros mercados. Moinhos e lavradores de café e arroz, de outras partes do mundo, passaram a usar o aparelho inventado em Piracicaba.

Desentendimentos surgidos entre Engelberg e Siciliano fizeram com que a "Engelberg & Siciliano" desaparecesse. Assim, a fabricação do aparelho, no Brasil, foi interrompida. Passamos, então, a importar essa maquina: em 1922, chegava ao Brasil o primeiro "descascador Engelberg" fabricado em Syracuse. E hoje, a industria de Syracuse continua a fornecer ao mercado brasileiro.

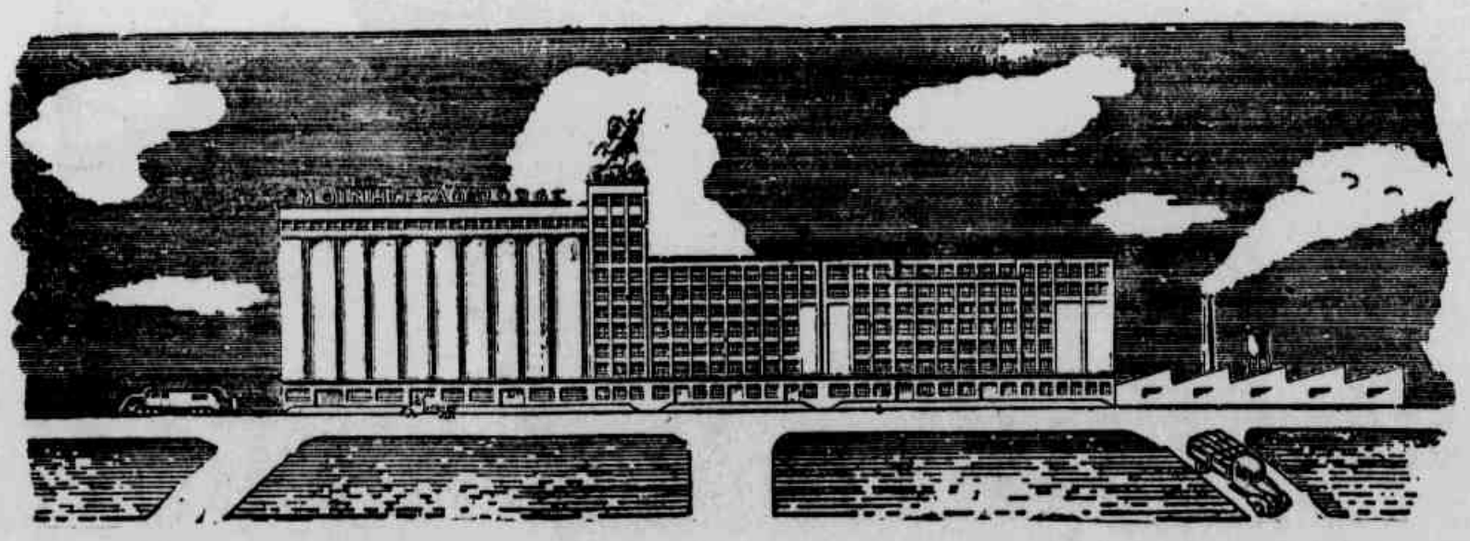
O dinheiro obtido com seu invento, Evaristo Conrado Engelberg aplicou-o na pesquisa de novos instrumentos. Em 1913, fabricou um tipo mais aperfeiçoado de maquina de beneficiar café. Contratou com um grupo alemão, a produção desse novo invento na Alemanha. Para lá enviou tambem seu filho mais velho, Alipio, para acompanhar a fabricação do aparelho, mas a guerra que no ano seguinte sobreveio fez com que os planos se perdessem e fossem eliminadas as possibilidades de a Alemanha construi-lo.

Dos filhos do inventor estão vivos e moram em São Paulo: Maria Amalia, Otavio Augusto, Evaristo e Boanerges, que não se beneficiaram dos resultados monetarios das descobertas de Evaristo Conrado.

DESENVOLVIMENTO DA CAFEICULTURA

Na historia do desenvolvimento norte-americano, ocupa posição de relevo o invento da maquina de descaroçar algodão, que constituiu um dos elementos propulsores do progresso dos Estados Unidos. Não seria demais afirmar que o invento de Evaristo Conrado Engelberg prestou serviço identico ou maior ainda ao Brasil, quando nos lembramos de que em nenhuma epoca da historia norte-americana o algodão teve a mesma importancia para a economia dos Estados Unidos, do que o café para a brasileira.

Os IRMÃOS CHAMMAS saudam os cafeicultores de São Paulo, e, ao mesmo tempo, se congratulam com todos aqueles que direta ou indiretamente têm trabalhado para o soerguimento da cafeicultura paulista — setor basico da economia do Brasil. — Representando as firmas abaixo relacionadas, sentem-se felizes por haverem prestado a sua parcela de contribuição ao crescimento do nosso grande Estado, e renovam, nesta oportunidade, os seus propositos de continuar trabalhando em prol do engrandecimento de São Paulo e do Brasil.



Grande Moinho São Jorge, situado à Av. dos Estados, 1.171, em Santo André, Estado de São Paulo

1) — INDUSTRIAS REUNIDAS SÃO JORGE S. A.
Escritorio Central: R. São Bento, 470 — 6.o andar. Telefones: 37-1992, 33-3783, 33-2537, 34-7932 e 37-1993.
a) — GRANDE MOINHO S. JORGE, situado à av. dos Estados, 1.171, em Santo André (S. P.)
b) — USINA DE OLEO VEGETAIS, situada à r. Luiz Teixeira, 116, em (Jaú S. P.)

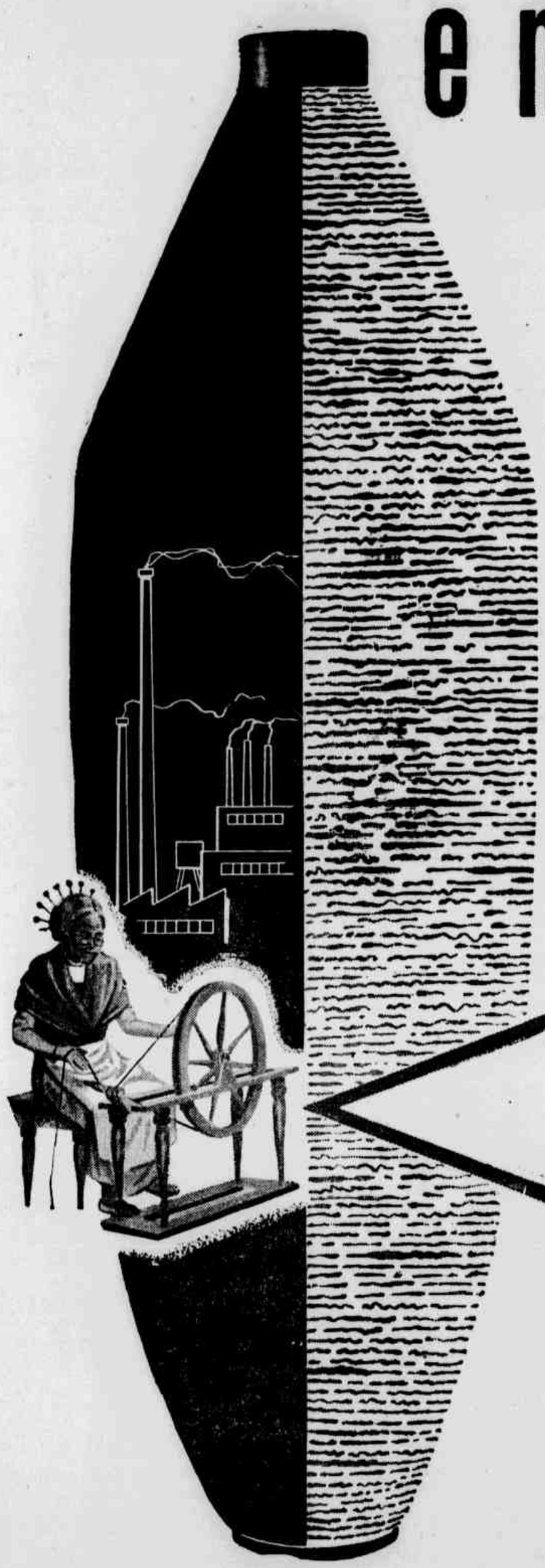
2) — COMPANHIA TEXTIL SÃO MARTINHO
Escritorio Central: R. São Bento, 470 — 6.o and. Telefone 32-3356 — S. P.
a) — FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO, situada à praça São Martinho, 32, em Tatuí (S. P.).
b) — FIAÇÃO E TEGELAGEM DE ALGODÃO, situada à rua Silveira da Mota, 226, (S. P.).
c) — TECELAGEM DE ALGODÃO, situada à rua Lourdes, 169, em Santo André (S. P.).
d) — FAZENDA "SÃO MARTINHO", em Tatuí (S. P.).

3) — CIA. AGRICOLA E INDUSTRIAL S. JORGE
Escritorio Central: r. São Bento, 470 — 6.o andar. Telefones 33-3783 e 33-2537 — São Paulo
a) — FAZENDA JAMAICA, em Bariri, (S. P.).
b) — FAZENDA S. JOÃO DA UNIÃO, em Jaú (S. P.)
c) — FAZENDA SANTO ANTONIO, em Jaú (S. P.)
d) — FAZENDA S. JORGE, em Jaú (S. P.)
e) — FAZENDA ARCA DE NOE', em Jaú (S. P.)
f) — FAZENDA S. PAULO, em Bocaina (S. P.)
g) — FAZENDA SANTA ROSA, em Itapuí (S. P.)
h) — BOM JARDIM, em Itapuí (S. P.)
i) — FAZENDA BOA VISTA, em Itapuí (S. P.)

4) — MERCANTIL PAULISTA S. A
Escritorio Central: R. S. Bento, 470 — 6.o andar. Telefone: 37-1992 (S. P.)
a) — FAZENDA CHAMMAS, em Jaú (S. P.)
b) — FAZENDA JACUTINGA, em Jaú (S. P.)
c) — FAZENDA MATÃO, em Jaú, (S. P.)
d) — FAZENDA JAVA, em Jaú (S. P.)
e) — FAZENDA TRÊS IRMÃOS, em Rancharia (S. P.)
f) — FAZENDA SÃO SEBASTÃO, em Londrina (Paraná)
g) — FAZENDA RIBEIRÃO PRETO DA ANTA, em Tomazina (Paraná)
h) — FAZENDA RIBEIRÃO GRANDE, em Tomazina (Paraná)

5) — SALINAS PEREIRA BASTOS LTDA.
Escritorios em Cabo Frio e à rua do Rosario, 24/28, no Rio de Janeiro (D. F.)
SALINAS EM CABO FRIO (R. J.)

Moldadas no trabalho e na perseverança



Nossas indústrias dia a dia vão se projetando no pujante parque manufatureiro de nossa Pátria, produzindo cada qual no seu setor, tudo aquilo que de mais aperfeiçoado podem a técnica e o esfôrço daqueles que conosco trabalham pelo ideal de bem servir a São Paulo e ao Brasil.

S.A. Lanificios Minerva

Brasil Viscose Ltda.

Fiação Tecelagem Santo André S. A.

Metalgráfica Giorgi S.A.

Refinaria Nacional de Sal S.A.

Usina Açucareira Paredão S.A.

Materiais para Construção Porto Ribeiro S.A.

União Indústrial e Mercantil Brasileira S.A.

COTONIFÍCIO GUILHERME GIORGI S/A

RUA CESÁRIO ALVIM, 476 – SÃO PAULO

Master

BOM SENSO TRANSFORMADO EM LOUCURA: QUEIMA DO CAFÉ

Este é um capítulo do conhecido livro de Jacob — "Biografia do Café" — escrito na década de 30, depois do famoso "crack" da Wall Street, quando a economia nacional se reerguia penosamente. Este trecho da análise de Jacob focaliza um dos episodios mais incompreendidos e discutidos da historia da rubácea: a qu[illegible] de café com a finalidade de atalhar a superprodução, em 1931 e 1932.

Heinrich Eduard JACOB

Planamos a quinhentos metros. Os flocos de algodão se entreabriram. Nos interstícios viu-se a terra verde, depois, de novo, um amarelo vivo carregado pela neve.

— Mas isto é fogo! disse eu.

— Sim, queimam café! exclamou com raiva o aviador Sutter.

O cheiro tornou-se tão insuportavel, que se transformou numa espécie de campainhar e de canto. Desfibrante. Por alguns momentos parecia-me voar através de estridular de um gigantesco despertador. Depois, tudo passou. Uma onda de ar fresco entrou, inodora, pela janelinha. Acabavámos de sobrevoar a zona dos incendios. Viam-se os mares do pôrto de Santos, as filas de casas claras e limpas.

— Não, para aterrisar eu tome o comando! disse Sutter ao co-piloto. Ajeitou-se no assento, e cinco minutos depois descíamos docemente sôbre o espêlho d'água do pôrto.

Estávamos sentados num terraço dando para o mar. Sôbre nós havia uma lâmpada, ao redor da qual se movia, denso como um anel de Saturno, todo um mundo de mosquitos e de libélulazinhas.

O mar não sussurrava; gemia. Estendia-se para o oriente tenebroso como um incubo. O profundo malestar da água, que vinha do ar, continuava na terra firme. Como era asfixiante aquela noite sem estrelas! Sutter fumava, e o fumo criava um espaço dentro do qual não entravam os mosquitos. Havia pensado em refrescar-me com uma dose de whisky. A garrafa, com a etiqueta famosa de "Black and White", estava sôbre a mesa: uma torre de paz líquida, que difundia ao redor uma boa fleugma inglesa. Pouco a pouco o coração recomeçou a bater mais lentamente e a respiração fez-se mais livre.

— Então, que me diz do café queimado? Teria acreditado possivel tal coisa? perguntou Sutter.

— Na Europa — respondi — havia fido qualquer coisa; mas, na verdade, não havia acreditado nisso. Que extensão crê que tenha sido queimada?

— A que sobrevoamos hoje? Foram pelo menos dez quilômetros; talvez mesmo quinze.

— Inacreditável!

— Pois veja: só de Santos, jogaram lá milhões de sacos e lhes puseram fogo. E estão fazendo isso há meses.

Agarrei o copo de whisky e o esvaziei.

— Não tenho nada com isso! disse subitamente Sutter. Eu era oficial de carreira e agora sou aviador civil. O que me irrita nêste negócio é a espantosa falta de lógica: aqui queimam o café; lá em cima, na Europa para muitos pobres diabos, o café é algo de inatingivel.

— O senhor crê que se deva dá-lo de graça?

Sutter fitou-me, circunspecto.

Queima de café no Estado de S. Paulo

— Não penso numa coisa tão estúpida. Para que se pudesse dar o café, seria preciso que alguém pagasse o transporte. Mas quem o indenizaria depois destas despesas, senão o café, enquanto pago como mercadoria?

— Pois é — disse eu —; é estranho que a mais nobre ação de que seja capaz a humanidade — a de dar — não encontre lugar na vida econômica. Uma coisa que se dá, exatamente porque é dada, perde o seu valor como mercadoria de troca.

— O senhor entende disso? perguntou Sutter estupefato.

— Entender não é a palavra justa. Sei que é assim, simplesmente.

O aviador fumava a grandes tragadas. Depois se pôs, êle também, a tomar whisky. Eu ria. Viera-me à mente uma coisa

— Lembra-se, na primeira parte do "Fausto", da contabilidade da feiticeira?

Sinal de sim.

— "Agora explico: de um faze dez, e deixa dois, e deixa o três: assim és rico..."

Ri mais alto.

— Ora, ouça com atenção. também em economia política há uma contabilidade da feiticeira, e muito mais lógica. O senhor compreenderá logo por que se queima o café!

— Está bêbedo? perguntou êle endireitando-se na poltrona.

— Não. Quero apenas demonstrar-lhe que não teve razão quando chamou de ilógica a destruição do café. E' horrível, mas logicíssima.

— O senhor quer, talvez, citar o velho Hegel? pretende dizer que tudo aquilo que é, é racional?

— E Hegel tem razão. Vou contar-lhe uma fábula que hoje, na Europa, se conta a todos os estudantes de economia. E' a história do valor global. Uma fábula muito séria. Ouça. Um homem possui cinco sacos de trigo. Usa o primeiro para acalmar a fome, o segundo para saciar-se completamente, o terceiro para alimento do gado, o quarto para fabricar aguardente, o quinto para a criação de animais de luxo. Todos os sacos têm o mesmo valor? Pensando bem, aquele homem deveria achar que cada saco precisaria ter um valor diferente, segundo o uso que deles faz. O primeiro — aquele que serve contra a fome — deveria ter o valor de cinco, o segundo de quatro, o último de um. Mas como o homem tem todos os cinco sacos à sua disposição ao mesmo tempo, erròneamente os avalia todos da mesma maneira, isto é, segundo o valor do util mínimo (a economia o chama de útil-limite, ou seja, com a cifra de valor um). Assim, os seus cinco sacos têm, para êle, o valor de cinco vêzes um.

— E não está certo? disse Sutter. Cinco vêzes um não fazem mais cinco?

— Não em tôdas as circunstâncias. O senhor compreenderá logo. Admitamos que o homem perca um dos sacos. Que fará? Renunciará imediatamente à criação dos animais de luxo. No entanto, porém, os quatro sacos remanescentes aumentaram o valor, isto é, assumiram o valor-limite do saco destinado à fabricação de aguardente, ou seja, dois. Em consequência, os quatro sacos têm agora o valor de quatro vêzes dois, que fazem oito. A quantidade, portanto, diminuiu; mas o valor aumentou.

— Caramba! — gritou Sutter. Gira-me a cabeça. Mas é de fato verdade?

— E' verdade. E agora o senhor compreende que, não obstante a coisa seja antipática, destruindo o café acresce-se-lhe o valor!

— Sim; mas o ar... o ar... o ar... — disse o aviador torcendo-se de rir.

— Que tem o ar a ver com isto?

— Muita coisa. Se isto é justo para o café, então aquilo que é o máximo bem para o homem, o ar, não tem algum valor econômico? Desde que está à disposição dos homens em quantidade ilimitada... Apenas, quando escasseia, como por exemplo nos submarinos, assume um valor em sentido econômico. E um valor que cresce com o crescimento da escassez...

— Estou satisfeito com o senhor, sr. Sutter. Compreendeu perfeitamente.

— Os jovens aprendem estas coisas na escola de economia política?

— Sim. Cinquenta anos faz, prevaleceu em economia a tendência psicológica. Os seus fundadores foram Gossen, um alemão, e William Jevons, um inglês. Como, mais tarde, esta teoria foi retomada e elaborada por austriacos — Karl Menger, Bohm-Bawerk, Friedrich von Wieser, ela é chamada "escola austriaca". Ela ensina a teoria do útil-limite. Diminuição da quantidade significa aumento de valor... Quatro sacos de trigo valem mais do que cinco porque... Devo recomeçar do princípio?

O aviador bateu com o punho sôbre a mesa, fazendo tremer a garrafa de whisky e tinir os copos.

— Basta! — disse com raiva. Tudo o que ensinam os professores é altamente sábio. Mas é, no fundo, extremamente cretino, porque não leva em conta a inteligência, a moralidade, a alma do homem simples! A demasiada astúcia faz estúpidos, caro senhor! Será dificil que o mundo seja, por uma vez, dos professores e dos economistas.

No dia seguinte, deixando a atmosfera sufocante de Santos, subi ao planalto de São Paulo. Aqui havia luz e frescura, como lá em cima, no avião. A' noite, no hall do hotel, entre o estrondear do jazz (a gente elegante tinha o aspecto da de Paris, de Trouville ou de Saint Moritz), o porteiro me perguntou se eu queria ver uma queimada. Perguntei-lhe o que era uma queimada.

— O senhor sabe que queimam café, não sabe? Posso arranjar-lhe um táxi para sair da cidade. Não é mais do que meia hora de estrada, — disse o porteiro com ar de mistério.

— Por que tanto mistério. E' proibido olhar?

— Proibido não é. Mas o Govêrno não vê com bons olhos a visita de europeus às queimadas. Compreende-se: na Europa o café é caro, e os forasteiros se inquietam com o fato de que aqui nós o queimemos como coisa sem valor.

— Há muito aparato policial? — perguntei, depois de estar algum tempo calado e em reflexão.

— Quatro ou cinco guardas. Entre nós, a queimada do café não interessa a ninguém.

— Eu pensava — disse, surprêso — que alguém tentasse desviar o café destinado a ser queimado. E' estranho que ninguém o faça.

Vi, pela cara do porteiro, que muito mais estranha lhe parecia a minha observação. Quem tinha as idéias erradas, os brasileiros ou os europeus? "Entre nós, não interessa a ninguém"! Como era enigmático tudo isso! Como é enigmático êste estranho continente, com as suas perigosas riquezas, que, se não são reguladas, podem transformar-se na mais tremenda miséria...

Tomei o táxi e fui. Percorremos uma longa avenida, passando por suburbios. Alcançamos uma praça circular, fechada ao fundo por galpão. Muito europeu, o galpão, com o teto de papelão asfaltado. Atrás dêle subiam ao ar fumaça e silvos. Havia odor de incendio, mas não de café. Não se viam chamas.

O motorista entrou no galpão e saiu de lá na companhia de um guarda, ao qual declarou que eu "desejava assistir ao incêndio". O homem armado olhou-me com indiferença; depois se declarou disposto a acompanhar-me. Abriu a porta do galpão e mostrou-me, com a ponta do fuzil, o ponto até o qual eu podia chegar.

Caminhei até a orla da queimada. O teto do galpão se abriu acima de mim e me mostrou o espaço invisivel, pitico, envolto por um nevoeiro branco, que teria uns dois quilometros de extensão.

O que os meus pés tocavam, quase, era um sinistro campo de bruma, formada por uma fumaça aqui branca, ali negra, acolá avermelhada. Estendi ambas as mãos: realmente, a poucos metros, começava um calor intolerável.

Outro aspecto da queima do café

Era um forno o que eu via, um inferno, embora apenas aqui e ali tremulasse por breves instantes uma chama. Um elemento sinistro, percorrido por vozes de fantasmas que um mortal não podia compreender.

Eram rumores muito estranhos. O ruido do incêndio não era aquele sibilar que se ouve quando se queima uma casa e a chama se agita livre no espaço. Os monticulos de café não se empenachavam de fogo; em consequência, não se ouvia nem mesmo aquela música: o auto-defé tinha também no colorido do som qualquer coisa de mesquinho, de misterioso e de maligno. Eram sons aspirados dilacerantes, gemebundos. As cinzas estavam espalhadas pela terra, encurvada como se tivesse a consciência suja. E também o odor era mau: odor de matéria queimada, tornada negra e irreconhecivel...

Mas não ficou assim. Enquanto eu permanecia em frente àqueles monticulos abandonados, que ardiam lentamente, o vento abriu de repente um caminho, expulsando para um lado a fumaça pestilenta. Então se deu a investida de perfumes etéreos. Isto acontecia tôdas as vêzes que a chama atacava um novo monticulo; a principio ela torrava os grãos, em vez de atá-los. Era o mágico perfume dos óleos libertados pelo tostamento, o perfume da Arábia aquilo que me anuviava os olhos e os irritava até as lágrimas. A torrefação é, de fato a primeira transformação que sofre o café, o primeiro estádio de preparação através do qual deve êle passar, a fim de dar com o seu segrêdo a felicidade ao sistema nervoso dos homens... Mas, aqui, o tostamento não era senão uma preliminar da destruição.

Como era satânico aquele perfume! Era o odor que eu havia respirado pela primeira vez, menino, na exposição industrial de Berlim em 1896, e que, desde então, havia sempre amado! Estava então em exposição uma máquina cilindrica inventada por John Arbuckle. Parecia-me maravilhoso fazer entrar os grãos no cilindro e ficar a olhar o processamento da torrefação. Podia-se obter um café claro, escuro médio ou escuríssimo.

Eu me havia já voltado para ir-me embora, quando uma forte detonação à minha esquerda me fêz retornar. O que era? Uma tropa de rebeldes em marcha contra o campo de café ardente?... Nada disso. Não era senão uma montanha de grãos que explodia. Por um momento centelhas dali foram lançadas para todos os lados. Pareciam pirilampos que, rápidos como relâmpago, saíssem em curta parábola através da fumaça cinza-escura. Pouco depois tudo se tornava terra: a última revolta química do café contra a destruição havia sido sufocada. Agora transformava-se em carvão, e a morte infinita que dorme em tôdas as coisas o envolvia, o depunha, inerte, entre as coisas que foram.

Saí. Refiz o caminho entre altos muros de jardins, atrás dos quais cresciam cactus, pinheiros e eucaliptos. Como era fresca a noite paulistana! Através da fumaça do campo de café não se viam as estrêlas. Mas aqui, na noite clara, elas haviam saído. Não muitíssimas: a fertilidade da terra meridional não continua — é estranho — no céu meridional. Este céu parecia-me menos estrelado que o céu do hemisfério boreal. Vi o Cruzeiro do Sul, o Centauro, o Compasso. Depois, olhando para o alto, cheguei a dois imensos espaços escuros, conhecidos sob o nome de "sacos de carvão". Não tinham estrêlas: o Nada não pode ser mais árido e mais negro do que êles.

— Mas naturalmente deve haver — disse eu no dia seguinte — quem desaprove êsses incêndios! Não o povo de baixa categoria, que é indiferente a tudo. Mas pessoas de mentalidade mais larga, para as quais a destruição do café constitua um problema econômico...

Dizia eu isto a Carlos Henning, um velho negociante alemão domiciliado há mais de quarenta anos no Brasil.

— Naturalmente que há. Por exemplo, liberais que têm horror a qualquer intervenção estatal no livre comércio. Eis Alves Lima, um dos mais ricos do país, de antiga família: escreveu, mesmo, um violento livro contra a economia vinculada.

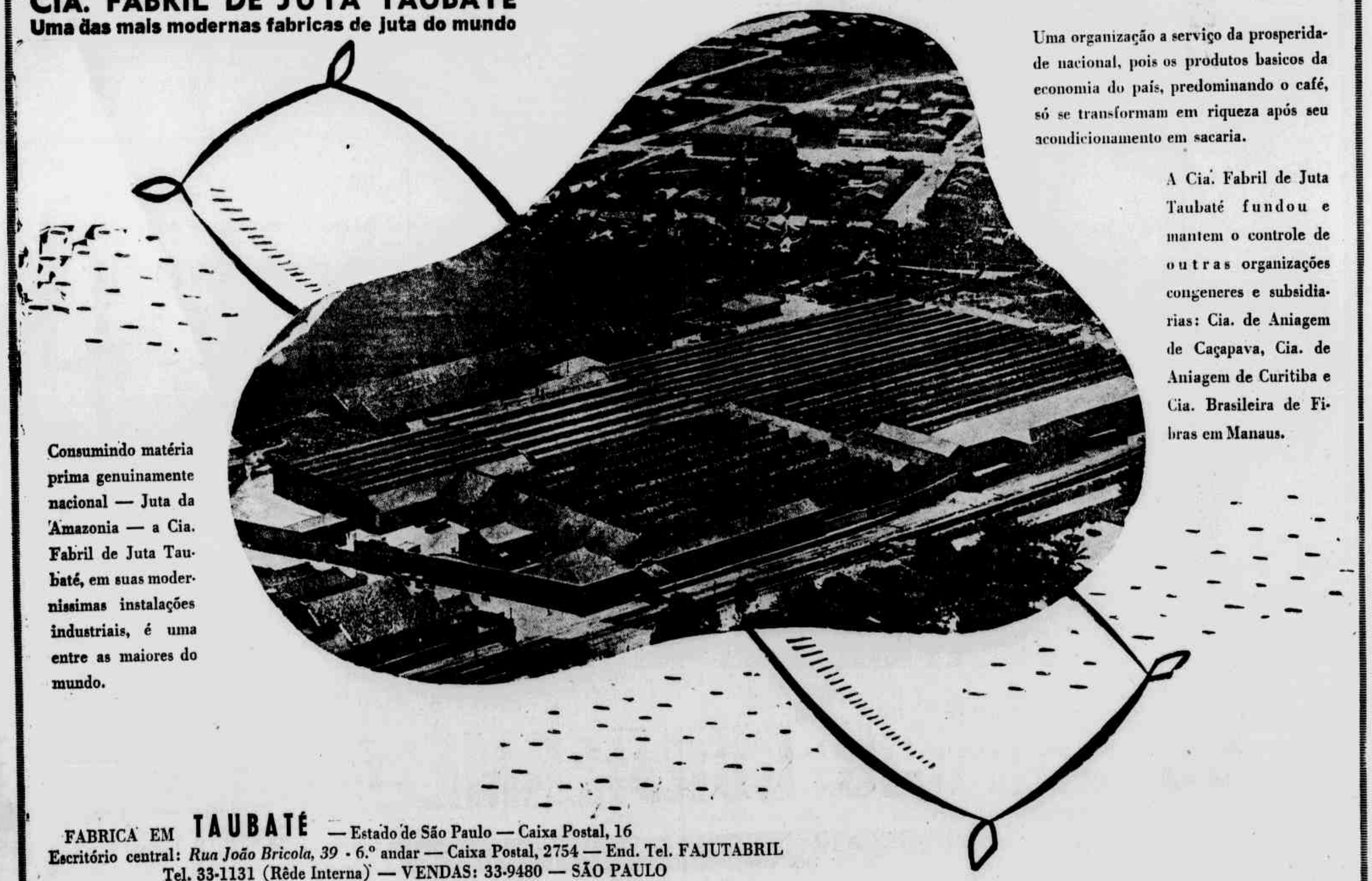
Perguntei a Henning se podia falar a Alves de Lima.

— Ele é proprietario de um Jornal em São Paulo. Telefone-lhe imediatamente.

Foi ao telefone. Voltou, informando que êle não estava em casa; tinha ido a uma das suas propriedades, uma grande plantação de café, nas proximidades da cidade de Campinas.

Um dia depois viajávamos pela "terra roxa". Um mar de plantações verde-escuro. Culturas baixas: não arbustos, antes arvore-

CIA. FABRIL DE JUTA TAUBATÉ
Uma das mais modernas fabricas de juta do mundo



Uma organização a serviço da prosperidade nacional, pois os produtos basicos da economia do país, predominando o café, só se transformam em riqueza após seu acondicionamento em sacaria.

A Cia. Fabril de Juta Taubaté fundou e mantem o controle de outras organizações congeneres e subsidiarias: Cia. de Aniagem de Caçapava, Cia. de Aniagem de Curitiba e Cia. Brasileira de Fibras em Manaus.

Consumindo matéria prima genuinamente nacional — Juta da Amazonia — a Cia. Fabril de Juta Taubaté, em suas modernissimas instalações industriais, é uma entre as maiores do mundo.

FABRICA EM TAUBATÉ — Estado de São Paulo — Caixa Postal, 16
Escritório central: *Rua João Bricola, 39* - 6.º andar — Caixa Postal, 2754 — End. Tel. FAJUTABRIL
Tel. 33-1131 (Rêde Interna) — VENDAS: 33-9480 — SÃO PAULO

TOLEDO ARRUDA COMISSARIOS-EXPORTADORES S/A.

Reune esta nova empresa pois embora constituida de experimentados homens do café, sua fundação é recente — uma irmandade jauense especializada nos multiplos setores cafeeiros. Aos conhecimentos de mais de três decênios de atividades exportadoras, do sr. José de Toledo Arruda, juntou-se a prática do comercio no Interior, do sr. Plinio de Toledo Arruda. A esse acervo precioso aliou-se tambem, a valiosa experiencia dos srs. Francisco Paulo e Geraldo de Toledo Arruda, em ambos os setores.

O sr. Flavio Ferreira da Silva, no recinto da Bolsa de Café de Santos, onde nos ultimos tempos se tem destacado como um dos mais ousados corretores. Sozinho, quase sempre, emitindo lances de oferta sucessivos e temerarios, tem sustentado as cotações do café nos pregões durante dias e dias seguidos. A sua coragem e a sua pertinácia lhe valeram o conceito em que é tido de corretor numero um da vizinha praça.

Sob a direção dessa experimentada irmandade, rápidamente progrediu e projetou-se a organização, dedicando-se ela desde a compra do café em côco no interior, até a exportação do produto.

Elemento de grande estima e largo prestigio na praça, cumpre o sr. José de Toledo Arruda — o Zito como é conhecido — a missão de servir a sua classe, ocupando o cargo de diretor do Departamento dos Exportadores da Associação Comercial de Santos.

MALZONI & CIA

E' esta conceituada firma o resultado do trabalho de uma familia comandada pelo seu fundador, o saudoso sr. Nuncio Malzoni. Dedicando-se ao café desde que veio ao nosso país, o sr. Malzoni, possuidor de segura visão, encaminhou sua atividade e de sua familia nas várias modalidades dos negocios cafeeiros.

Com o falecimento do fundador, assumiram os filhos do sr. Nuncio Malzoni, srs. Francisco e Vitorio Malzoni, a direção da firma, que abrange hoje desde a produção à exportação cafeeiras. Localizam-se suas propriedades agricolas na Noroeste, possuindo também uma rede de armazens gerais, que completam assim suas atividades. Está entregue a direção da firma em Santos ao sr. Miguel Malzoni, destacado elemento da nova geração de comerciantes de café.

SAMPAIO BUENO S/A. — COMISSARIOS E EXPORTADORES

Esta tradicional firma exportadora, como outras já enumeradas, foi constituida por um grupo de lavradores de Jaú, os srs. José Galdino do Amaral Carvalho, Alcides Ribeiro de Barros, Eduardo Gomes dos Reis, Olavo Pacheco de Almeida Sampaio e Francisco de Sampaio Bueno Neto.

Chefiada pelo saudoso Olavo Sampaio, foi a organização orientada, desde o inicio, pelo conceituado e renomado exportador de café, que está no "métier" há mais de quarenta anos, o estimado Chico Sampaio.

Após alguns anos de trabalho, aliou-se à firma o saudoso comerciante de café João de Mesquita, que, juntamente com Chico Sampaio, por largos anos a conduziu.

Firma das mais acatadas na praça, mantém Sampaio Bueno S/A. grande projeção nos meios comerciais santistas, integrando sua atual direção, além do sr. Francisco Sampaio, o sr. Vicente de Almeida Sampaio, J. Bitran e Floriano de Freitas Guimarães.

VIDIGAL PRADO -- COMISSARIOS E EXPORTADORES S/A.

E' esta organização fruto de antiga ligação dos Vidigal com um grupo de comerciantes, tendo desenvolvido intensas atividades no setor cafeeiro. Exerceu sua atividade plena nos trabalhos da firma, que estava sob sua direta orientação, o saudoso dr. Alvaro da Costa Vidigal, cuja visão e dinamismo invejavel a projetaram, desde logo, como organização de primeira grandeza.

Como sucedeu com diversas outras firmas, Vidigal Prado passou a ser dirigida pelos elementos da nova geração, estando à sua frente, no momento, os drs. Alvaro Augusto de Bueno Vidigal, Flavio de Almeida Prado e Silvio C. Canto. O dr. Alvaro Augusto de Bueno Vidigal foi, em recente periodo, vice-presidente da Associação Comercial de Santos.

S/A LEVY — COMISSARIA E EXPORTADORA

Das mais antigas de Santos, pois este ano completou seu 62.o aniversario, teve esta tradicional organização como fundador o cel. José Levy. Iniciando sua atividade ainda ao tempo do comissariado, teve ela destacada atuação no interior, onde, já sob a direção do sr. Flaminio Levy — seu chefe até hoje — ajudou o financiamento de numerosas regiões cafeeiras.

Com o decorrer do tempo, sempre em crescente progresso, orientada pelo dinamismo e descortino de Flaminio Levy, projetou-se em outros campos de atividades, como os de armazens gerais e exportação, desenvolvendo-se também no setor imobiliario, de que dispõe importante departamento.

Obedecendo à imutavel evolução, fazem parte da direção da firma, onde cooperam com o pai, os srs. Renato e Antônio José Levy. Integram, ainda, o seu corpo dirigente o sr. Osvaldo Ferreira, respeitada autoridade no terreno da exportação de café, e Olinto S. A. Farto, reputado comerciante.

Figura de grande projeção na praca de Santos, exerceu o dr. Flaminio Levy, em gestões passadas, a presidencia da Associação Comercial de Santos.

LEITE BARREIROS — COMISSARIA E EXPORTADORA S/A.

Dirigida por duas expressões de nova geração de homens do café, drs. Geraldo Gomide de Mello Peixoto e Pedro Barreiros, goza esta firma de solido conceito na praça. Abrangendo todos os setores cafeeiros, dedica-se a emprêsa também à produção, tendo o seu "quartel general" na media Sorocabana, onde possui suas propriedades agricolas. Cuida a organização da venda de seus próprios cafés, sendo invejavel a sua posição no seio do comercio exportador da rubiacea.

Homens dedicados ao interesse comum, sempre estão à frente dos movimentos bem inspirados, não faltando sua cooperação às boas iniciativas. Tradicionais em café, procuram nele fincar raizes, transmitindo aos novos essa nobilitante atividade. Já coopera na direção dos negocios da firma o sr. Pedro Barreiros Filho.

O dr. Geraldo Gomide de Mello Peixoto, figura de perfeito gentleman, dotado de arraigado espirito publico, jamais se furta a prestar serviços à coletividade e à sua classe. Assim, depois de servir na diretoria anterior, foi eleito e exerce com a mais louvavel dedicação a presidencia da Associação Comercial de Santos, na atual diretoria dessa entidade.

LEON ISRAEL

Fundada há muitos anos, tem esta firma importante participação na produção e exportação de café, no Brasil. A casa matriz localiza-se nos Estados Unidos, e em nosso país mantem uma grande organização, dedicando-se a varias modalidades de operações cafeeiras.

No Norte do Paraná, em Jacarézinho, possui magnificas propriedades agricolas.

Grande amigo do Brasil e defensor do café, ainda recentemente, quando do inquerito sobre o café nos Estados Unidos, o sr. Leon Israel Junior, atual chefe da firma naquele país, fez categoricas e precisas declarações em defesa do "ouro verde".

No momento, dirigem a organização em Santos, onde desfrutam de grande estima e conceito, os srs. Ralph Brunsen e Robert Logan Richie.

MELAO NOGUEIRA S/A — COMISSARIOS E EXPORTADORES

Constituida por um grupo de lavradores e comerciantes, teve esta importante organização como fundador e animador o dinamico sr. Jo-José Melão. Granjeando grande projeção e destaque nos meios comerciais, firmando-se como importante exportadora, dedicaram-se os seus componentes à cultura cafeeira, sendo hoje responsaveis por consideravel contingente da produção da rubiacea.

O sr. João Melão, expoente do comercio santista na epoca em que ali militava, além de grande tirocinio nos negocios particulares, revelou sempre grande dedicação aos interesses publicos, tendo exercido com proeficiencia a presidencia da Associação Comercial de Santos.

Sofrendo renovação está hoje a firma entregue ao pulso da nova geração, ocupou do sua direço os srs. Sergio e João Melão Filho, coadjuvados pelos srs. Luis Floriano de Toledo e Paulo Rogner.

ROSATO S/A

Esta importante organizaço constituio fruto do dinamismo e operosidade do sr. João Rosato. Fazendo o roteiro completo do negocio do café, nasceu ela no interior, no prospero municipio de Pirajuí, onde, como primeiro estagio, se dedicava ao comercio e beneficiamento do café.

Prosperando de maneira surpreendente, sentindo seu campo limitado demais na forma de empresa localizada no interior, transportou-se para Santos. Nesta praça, não foi menos dinamica a sua ação, projetando-se desde logo como das mais importantes organizações nacionais do ramo cafeeiro, posição que desfruta presentemente.

Além do sr. João Rosato, que é o seu supervisor e presidente, prestam concurso operoso na direção da firma, os srs. Laerte Rosato, diretor-gerente e Roberto dos Santos Caboclo, classificador.

Edificio da Bolsa de Café de Santos. A foto foi batida à saída dos corretores após um dos pregões diarios.

HARD RAND

E' a firma Hard Rand uma das mais antigas e tradicionais organizações cafeeiras do país, trabalhando no ramo especializado de exportação há mais de meio seculo. Originaria do exterior, mantem ela representações em todas as partes do mundo, operando com todos os tipos de café.

Organização de grande conceito na praça e no meio cafeeiro mundial, teve Hard Rand como elemento propulsor, o dinamico sr. Oscar de Sousa Dantas.

Seu grande tacto no negocios de café, aliado à sua serenidade e afabilidade no trato das pessoas, colocou a firma neste ultimo lustro entre as mais conceituadas da praça.

Fazem parte do corpo dirigente da organização, em Santos, além do sr. Oscar de Sousa Dantas, John H. Neumann.

CIA. DE ARMAZENS GERAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Importante papel desempenha a Cia. de Armazens Gerais do Estado de São Paulo na complementação da distribuição do café. Surgida de uma conjugação de interesses oficiais e particulares, preencheu esse organismo uma lacuna que existia na enorme maquina distribuidora do café do Estado.

Dando novos rumos à companhia, a atual diretoria imprimiu consideravel impulso aos seus negocios, colocando-a entre as principais organizações do ramo.

Os ultimos balanços da Cia. de Armazens Gerais do Estado de São Paulo bem comprovam o acerto das diretrizes de seus dirigentes, que são: Presidente, José Barone Mercadante; 1.o vice-presidente — Olimpio Martins Cardoso; 2.o vice-presidente — Joaquim Augusto do Vale Ribeiro Neto; Superintendente — Mario Penteado de Faria e Silva; gerente — Luis Scaglione.

HOMENAGEM

Não podiamos, fazendo um rápido apanhado do comercio santista, deixar de dedicar uma homenagem a três distintos corretores recentemente falecidos, cuja ação e presença na praça, foi marcante.

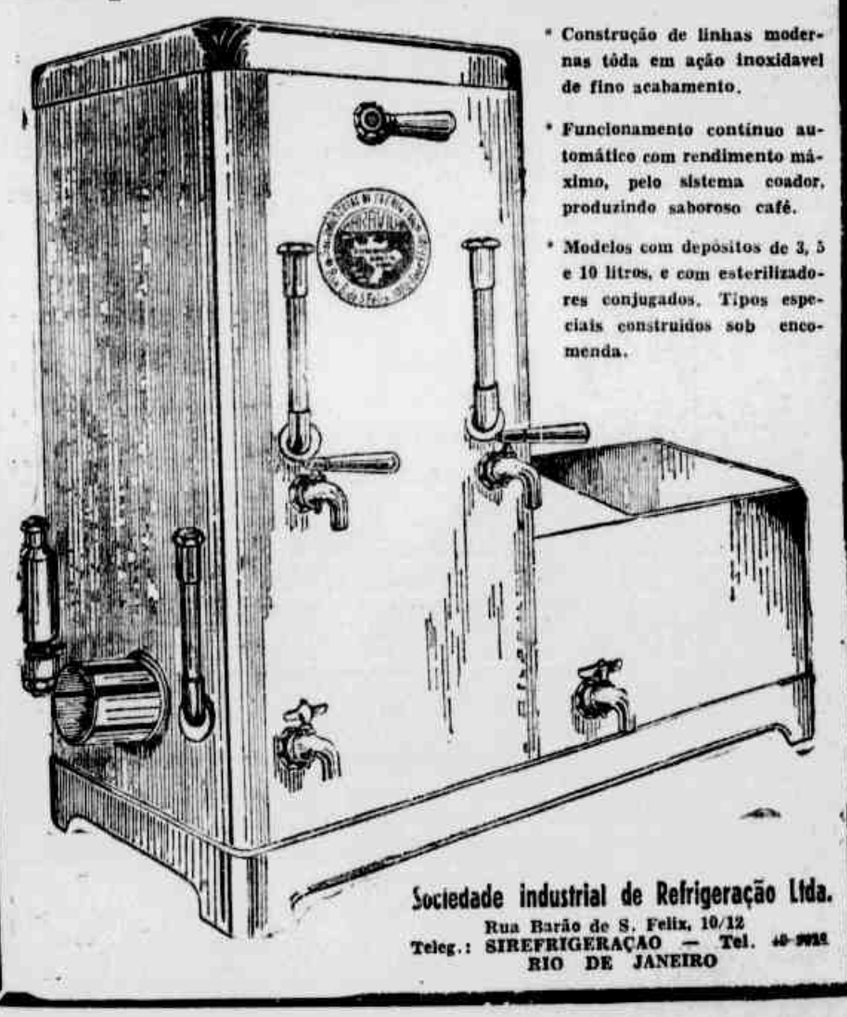
Trata-se de Luiz de Campos Ribeiro, Pedro Gonsalves e Luiz Suplicy Junior.

O Lulu, como era conhecido, possuidor de grande capacidade de trabalho e grande conceito, controlava o mercado de "entregas diretas", determinando sua ação tendencias ao mercado.

O Pedro Gonsalves, com sua velha tarimba de bolsa, fazia-se respeitar em um pregão agitado, com sua voz grave e forte, o que dava mais positividade aos seus lances.

O Luizinho Suplicy, de carater correto e trato afavel, impunha-se à estima de todos, pela simpatia que possuia. Foi nesse tempo um dos maiores corretores de "armazens gerais" da praça de Santos.

Maquina de café "MARAVILHA"



* Construção de linhas modernas tôda em ação inoxidavel de fino acabamento.
* Funcionamento contínuo automático com rendimento máximo, pelo sistema coador, produzindo saboroso café.
* Modelos com depósitos de 3, 5 e 10 litros, e com esterilizadores conjugados. Tipos especiais construidos sob encomenda.

Sociedade Industrial de Refrigeração Ltda.
Rua Barão de S. Felix, 10/12
Teleg.: SIREFRIGERAÇÃO — Tel. 40-9928
RIO DE JANEIRO

Empresa de Armazens Gerais Carangola S. A.

Especializada no serviço de armazenamento de café – Peçam tarifas

ESCRITÓRIO:
RUA BENEDITINOS, 26 - 2.º pavimento
TELEFONE 43-4526

ARMAZENS:
R. Sacadura Cabral, 122/130 - Tel. 43-4007
Rua Pedro Alves, 130/144 - Tel. 43-5113

RIO DE JANEIRO

Solido! Resistente! Pratico!

De comprovada solidês, resistência e grande força de tração, GARDENAID tornou-se o trator preferido para a carpa dos cafezais. Conheça-o e não quererá outro!

Acompanha o trator:
cultivador,
arado,
grade de discos,
esparramador de cale

* um só homem para carpir 3.000 pés de café
* consumo minimo de gasolina
* pode-se adaptar polia para bomba d'agua, moinhos, debulhadeiras.
* Assistência Técnica
* Serviço de Peças
* Ampla Garantia.

Informações com os Distribuidores Exclusivos:

Comercial e Importadora BAPTISTA FERRAZ S. A.

Aceitamos agentes para o interior

Rua Florencio de Abreu, 297 — Fones: 32-3186 e 37-4624
End. Tel.: "COIMBAFER" — Caixa Postal, 2800

DAMASIO SIQUEIRA FRANCO E A SELEÇÃO MECÂNICA DO CAFÉ NA ROÇA

Revendo velhas patentes de máquinas de café, no Departamento da Propriedade Industrial, nota-se que diversos inventores já haviam cogitado da seleção mecânica do café da roça. O problema, portanto, já mereceu a atenção dos que se dedicam ao preparo do nosso principal produto, há muito tempo.

Nomes da nossa mais pura estirpe cafeeira como Ricardo Lunardelli, com o seu classificador Caféfino e Alvaro de Oliveira Machado com o "Peneirão AOM" tiveram sua atenção voltada para o problema.

Nenhum homem, no entanto, seja êle inventor, técnico, cafeicultor, comissario ou que tivesse qualquer interesse na resolução dos problemas cafeeiros do Brasil, dedicou-se a este problema com mais amor, entusiasmo e constancia do que Damasio Siqueira Franco.

Quando, por volta de 1940, por dever de ofício, ficamos conhecendo o nosso colega Damasio, em pouco tempo não podiamos mais separar a figura bondosa do Nhonhô, como era conhecido na intimidade, do seu "ego", o "Seletor Campinas". Ver o Damasio era enxergar o "Seletor Campinas", conversar com êle era falar sôbre a seleção mecânica do café da roça. Tal era, nos últimos anos de sua vida, a paixão do eng. agr. Damasio Siqueira Franco, pelo problema da seleção mecânica do café da roça.

Damasio não teve sorte com o seletor. O seu pequeno êxito inicial, fez com que êle fundasse uma fábrica propria, exclusivamente dedicada à construção do seletor.

Logo nos primeiros meses começaram a aparecer as desilusões. A máquina era ótima, pelo menos para grande parte do Estado de São Paulo ela atingia inteiramente seu objetivo. Apesar disto as vendas do seletor não subiam, pelo contrario, diminuiam. Ora! como manter uma fábrica exclusivamente fundada para produzir esse produto se a venda era escassa? Damasio procurou as autoridades governamentais tanto do Estado como da União. Procurou até o D.N.C.!... Os ensaios que fizemos dando os bons resultados técnicos da máquina eram parte integrante da pasta do dr. Damasio, foram até publicados em revistas e folhetos. No "Correio Popular", de Campinas, o atual deputado federal Nelson Omegna, então redator-chefe, publicou um esplendido artigo intitulado "Máquina nova para um produto velho". Apesar de tudo isso, a venda do seletor continuava a diminuir, e se não nos enganamos o Nhonhô vendeu uma única máquina para a Secretaria da Agricultura, assim mesmo porque naquele tempo o Secretario era o seu colega e amigo Mello Morais.

Não houve meio de se convencer o cafeicultor da importancia da seleção mecânica do café. O D.N.C. então, nem tomou conhecimento do problema.

Bom! isso aconteceu naqueles tempos! e agora?

A QUALIDADE

Para avaliarmos a importancia da seleção mecânica do café, da roça, devemos ter em mente, primeiro, o processo de colheita adotado entre nós.

Enquanto que na Colombia, Costa Rica e outros paises que produzem cafés finos, a colheita se faz, "a dedo", isto é, o café é colhido fruto por fruto e somente os maduros (cerejas), entre nós o café é derrubado no chão, aí amontoado e depois abanado manualmente com auxilio de uma peneira.

Nestas condições o nosso café da roça em vez de possuir 100% de café maduro, cereja, normalmente é constituido por uma mistura contendo: cereja, verde, passa, sêco, despolpado de chão, terra, pedra, pauzinhos e outras impurezas. Estes componentes estão em diferentes estados de maturação, umidade e fermentação. Enquanto que o cereja possui muita umidade e ainda não iniciou o seu processo de fermentação natural, o passa está fermentando, o sêco já fermentou e a maioria dos despolpados de chão já estão em adiantado estado de decomposição.

Para termos uma idéia aproximada das diferenças de umidade que possuem os vários componentes do café da roça, é bastante citarmos os dados de um ensaio que fizemos no Instituto Agronômico.

100 quilos de café da roça colhido no pano continha:

10 quilos de cereja
60 quilos de passa
28 quilos de boia
1 quilo de despolpado
1 quilo de impureza

o café cereja possuia cêrca de 63% de umidade, o passa 45%, e o boia 30%.

E' evidente pois, que esta massa heterogênea submetida a secagem sem uma separação prévia vai dar um produto heterogêneo, seja na aparencia como na qualidade. Enquanto o boia que possui cerca de 30% de umidade, depois de um certo tempo está completamente sêco, o cereja que possui cêrca de 63% no fim desse mesmo tempo está ainda úmido. Para se uniformizar a massa, preconiza-se uma secagem lenta, a fim de que haja tempo suficiente para os produtos mais úmidos cederem a sua umidade aos mais secos.

Todavia, a secagem lenta possui dois inimigos importantes: um é o fator econômico, pois quanto mais lenta a secagem mais cara é a operação, e o outro é a fermentação. Com o tempo prolongado as fermentações se processam mais favoravelmente tornando o produto de pior qualidade com relação à bebida, nas regiões mais propicias a produção de cafés ruins.

O problema está, pois, na separação do café da roça, em partes mais uniformes em relação ao estado de maturação e umidade. E' obvio que além disso o café da roça deve ser eliminado das impurezas e de certos tipos de cafés extremamente ruins, como é o caso do despolpado de chão (casquinha).

PROCESSO PRIMITIVO

Um dos primitivos processos de selecionar o café da roça, ainda hoje em grande número de casos, útil e necessario foi o lavador.

A separação feita pelo lavador é muito precaria, ao passo que a limpeza é bastante eficiente. Assim é que se o café da roça possui muitas impurezas, tais como terra e pedra, muito frequentes nos cafés de varrição e nos cafés de terra roza, o emprego do lavador é quase que imprescindivel.

Mas, a separação feita pelo lavador em dois grupos, "boia" o grupo mais leve que a água e "cereja" o grupo

ANDRÉ TOSELLO
Instituto Agronômico de Campinas

mais pesado é muito deficiente. Uma idéia do que acabamos de dizer pode-se ter, pela analise de uma amostra, de um café da roça separado pelo lavador, de um dos ensaios que fizemos no Instituto Agronômico:

O café da roça possuia cerca de:

cereja	20%
passa	24%
sêco	52%
despolpado	4%

Depois de passado no lavador, os grupos "boia" e "cereja" possuiam:

	"Cereja"-37%	"Boia"-63%
cereja	18%	2%
passa	13%	11%
sêco	4%	48%
desp.	2%	2%

Embora, como já dissemos, a separação não seja perfeita, principalmente pelo fato de não eliminar, tanto de um como de outro grupo, o pior café, que é o despolpado de chão, já é um grande passo para se obter um produto de melhor qualidade.

A seleção mecânica do café da roça é imprescindivel nos lugares onde não existe lavador, e útil também nos lugares onde é empregado o lavador, pois completa o serviço deste.

Um dos primitivos selecionadores de café da roça foi o peneirão "A.O.M.". Esta máquina só separa o café da roça em grupos pelo tamanho.

A separação pelo tamanho, embora imperfeita, já é uma grande coisa. Pois com o peneirão pode-se eliminar o despolpado de chão, separar o coquinho que é um café quase completamente sêco, além de se dividir o restante em dois grupos o de frutos maiores e o de frutos menores.

O SELECIONADOR

Estes grupos devem ser secos separadamente, pois é sabido que os frutos menores secam mais ràpidamente que os maiores.

Alguns anos após o aparecimento do peneirão "A. O. M." — Alvaro de Oliveira Machado, Ricardo Lunardelli e Damasio Siqueira Franco construiram o selecionador de café da roça completando a separação pelo tamanho com a ventilação, de maneira que os grupos também fossem divididos de acôrdo com o pêso especifico real, isto quer dizer, de acôrdo com o teor de umidade e maturação.

O selecionador construido pelo eng. agr. Damasio Siqueira Franco, o qual êle denominou Seletor "Campinas" na época o mais difundido, compõe-se em essência de dois peneirões rotativos e dois ventiladores, que retiram do café as impurezas (terra), os despolpados do chão (casquinha), chochos (cafés mal granados), e divide o restante em quatro lotes, a saber:

café cereja graudo
cereja menor
boia
coquinho.

Estes grupos assim separados podem ser submetidos a tratamentos diferentes, visando a obtenção de café de melhor tipo e qualidade, e não resta a menor dúvida de que os cafés selecionados pelo seletor dão tipos melhores.

Num ensaio que fizemos com café em côco, portanto já sêco, obteve-se o seguinte resultado:

Café não selecionado
tipo 4/5

Café selecionado

tipo 3/4	60%
tipo 4/5	30%
tipo 6/7	10%

Quanto à bebida, a melhora pela ação do seletor, fica condicionada a outras fases do tratamento do café. O seletor é um poderoso auxiliar também para a obtenção de cafés de melhor bebida.

Infelizmente nem sempre a melhora técnica corresponde a uma melhora econômica. Em muitos casos a melhoria do tipo ou da bebida não tem compensado economicamente.

Tivemos, há tempos, ocasião de verificar que 100 sacos de café tipo 5, dava preço melhor do que 30 sacos tipo 6 e 70 tipo 4. Fatos como este sem dúvida, contribuiram para a não difusão do seletor.

PREPARAÇAO NECESSÁRIA

Atualmente as diferenças tipo e bebida chegaram em certos casos a mais de mil cruzeiros por saco. Estamos, portanto, numa época propicia para o estabelecimento de uma campanha para a melhoria da qualidade do nosso café.

E' obvio que uma campanha dessa natureza, é imprescindivel para o refôrço da nossa posição na próxima grande luta que se travará entre os competidores na batalha da super-produção.

Neste abençoado ano de 1954, ano do IV Centenario de São Paulo, as coisas parecem que estão mudadas. O preço da saca de café está em torno de 2 e até 3 mil cruzeiros. Em vez de D.N.C., temos o I.B.C., e à sua testa um paulista de quatrocentos anos, lavrador e engenheiro agrônomo. Moço, ainda, tem muitos anos na sua frente para trabalhar para grandeza da sua pátria e inteligente como é, sabe perfeitamente que em nosso país os problemas a serem resolvidos são simples e primarios.

Acreditamos que para resolver esses problemas, mais do que qualquer "auxilio", "colaboração" o "proteção" estrangeira, o de que precisamos é vontade de resolvê-los. Precisamos um pouco daquela vontade indômita de Damasio Siqueira Franco.

BANCO COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO S/A

CAPITAL	Cr$ 200.000.000,00
FUNDO DE RESERVA	Cr$ 150.000.000,00
LUCROS E PERDAS	Cr$ 4.756.766,00

Séde: SAO PAULO
Fundado em 1912

BALANÇO EM 30 DE JUNHO 1954
(Compreendendo Matriz e Agências)

DIRETORIA:

Presidente	— Dr Erasmo Teixeira de Assumpção
Vice-Presidente	— Dr Anesio Augusto do Amaral
Diretor-Superintendente	— Dr José Maria Whitaker
Diretor Gerente	— Dr Emmanuel Whitaker
Diretor Secretario	— Dr. Jayme Loureiro Filho

SEDE:
SAO PAULO
Rua 15 de Novembro, 336

FILIAIS:
RIO DE JANEIRO
Praça Pio X, 78-A

SANTOS
Rua 15 de Novembro, 111 e 113

AGENCIAS:
ADAMANTINA
AGUDOS
AMPARO
ARAÇATUBA
ARAPONGAS
ARARAQUARA
ASSIS
AVARE'
BAURU'
BEBEDOURO
BIRIGUI
BOTUCATU'
BRAGANÇA-PAULISTA
CAMBE'
CAMPINAS
CATANDUVA
CRUZEIRO
DESCALVADO
DUARTINA
FRANCA
GARÇA
GUARATINGUETA'
IGARAPAVA
ITAPETININGA
ITAPIRA
ITAPOLIS
ITU'
ITUVERAVA
JABOTICABAL
JAU'
JUNDIAI
LIMEIRA
LINS
LONDRINA
MARILIA
MARINGA
MIRASSOL
MOGI-MIRIM
MONTE ALTO
OLIMPIA
ORLANDIA
OURINHOS
PARAGUAÇO-PAULISTA
PARANAGUA'
PENAPOLIS
PINHAL
PIRACICABA
PIRAJU'
PIRAJUI
PRESIDENTE PRUDENTE
PROMISSAO
RIBEIRAO PRETO
RIO CLARO
SANTA ADELIA
SANTA CRUZ DO RIO PARDO
SANTO ANDRE'
S. CARLOS
S. JOÃO DA BOA VISTA
S. JOSE' DOS CAMPOS
S. JOSE' DO RIO PRETO
S. MANOEL
S. ROQUE
S. SIMÃO
SOROCABA
TAQUARITINGA
TATUI
TAUBATE'
TIETE
UCHOA

ATIVO

A — DISPONIVEL			
CAIXA*			
Em moeda corrente		177.224.046,90	
Em dep. no Bco. do Brasil		152.741.481,00	
Em dep. à ordem da Sup. da Moeda e Credito		49.710.375,20	
Em outras especies		64.906.894,50	444.582.797,60
B — REALIZAVEL			
Letras do Tes. Nacional		—,—	
Emprest. em C/Corrente	169.981.946,00		
Emprest. Hipotecarios	3.823.618,20		
Titulos Descontados	2.261.825.853,10		
Letras a rec. de C/Propria	8.972,50		
Agencias no País	437.385.520,40		
Correspondentes no País	28.320.037,90		
Agencias no Exterior	—,—		
Correspond. no Exterior	9.193.406,80		
Outros Valores em moeda estrangeira	—,—		
Capital a realizar	—,—		
Capital a realiz.	—,—		
Outros Creditos	36.431.038,40	2.946.970.393,30	
Imoveis		5.833.194,90	
Apolices e Obrig. inclusive as depositadas no Banco do Brasil S/A à ordem da SMC pelo valor nominal de Cr$ 50.733.000,00	42.007.544,40		
Depos. na Delegacia Fiscal (Dec.-lei 9602)	1.000.000,00		
Em carteira	1.911.767,70		
Apolices estaduais	18.971,50		
Apolices municipais	83.340,00		
Ações e debentures	101.670.950,30	146.692.573,90	
Outros valores		1.312.292,60	3.100.808.454,70
C — IMOBILIZADO			
Edificios de uso do Banco	90.385.092,70		
Moveis e Utensilios	8.236.762,60		
Material de expediente	8.009.768,80		
Instalações	—,—		106.631.624,10
D — RESULTADOS PENDENTES			
Juros e descontos	—,—		
Impostos	—,—		
Despesas Gerais	—,—		—,—
E — CONTAS DE COMPENSAÇAO			
Valores em garantia		497.021.681,80	
Valores em custodia		592.862.909,50	
Tit. a receber de C/Alheia		582.311.555,80	
Outras Contas		50.778.188,90	1.722.974.336,00
		Cr$	5.374.997.212,40

PASSIVO

F — NAO EXIGIVEL			
Capital		200.000.000,00	
Aumento de Capital		—,—	
Fundo de reserva legal		40.000.000,00	
Fundo de previsão		—,—	
Outras reservas		110.000.000,00	350.000.000,00
G — EXIGIVEL			
Depositos			
a vista e a curto prazo:			
de Poderes Publicos	9.858.336,50		
de Autarquias	17.399.080,40		
em C/C sem Limite	1.278.132.085,10		
em C/C Limitadas	270.788.809,40		
em C/C Populares	511.650.484,00		
em C/C sem Juros	22.295.245,20		
Em C/C de Aviso	2.710.325,90		
Outros Depositos	22.955.099,50	2.135.789.466,0	
a prazo:			
de Poderes Publicos	11.052.699,80		
de Autarquias	57.153.530,00		
de diversos:			
a prazo fixo	370.461.3521,0		
de aviso previo	112.197.539,50		
Outros depositos	—,—		
Letras a Premio	—,—	550.865.121,40	
		2.686.654.587,40	
Outras responsabilidades			
Obrigações diversas	—,—		
Letras a Pagar	—,—		
Letras Hipotecarias	—,—		
Agencias no País	506.812.965,10		
Correspondentes no País	12.157.501,30		
Agencias no Exterior	—,—		
Corresp. no Exterior	114.126,60		
Ordens de pagamento e outros creditos	41.756.476,30		
Dividendos a pagar	19.371.284,80	580.212.354,10	3.255.866.941,50
H — RESULTADOS PENDENTES			
Contas de resultados			35.155.934,90
I — CONTAS DE COMPENSAÇAO			
Depositantes de valores em gar. e em custodia		1.089.884.591,30	
Depositantes de titulos em cobrança:			
do País	575.081.111,60		
do Exterior	7.230.444,20	582.311.555,80	
Outras Contas		50.778.188,90	1.722.974.336,00
		Cr$	5.374.997.212,40

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS EM 30 DE JUNHO DE 1954
(Modelo obrigatorio da Superintendencia da Moeda e do Credito)

DEBITO

DESPESAS GERAIS:			
Honorarios da Diretoria e Conselho Fiscal	780.000,00		
Ordenados do Pessoal	41.627.751,70		
Contribuição para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancarios	1.733.712,40		
Contribuição para a Legião Brasileira de Assistencia	77.355,90		
Despesas Diversas	6.205.058,80	50.423.878,80	
Gastos de Material		2.600.628,70	53.024.507,50
IMPOSTOS			8.334.709,50
DESPESAS DE JUROS			47.165.397,60
AMORTIZAÇÕES DO ATIVO			939.817,70
PERDAS DIVERSAS			1.110.353,10
		SUBTOTAL	110.574.785,40
OUTRAS RESERVAS:			
Fundo de Reserva			20.000.000,00
DIVIDENDOS AOS ACIONISTAS:			
82.º dividendo de 12% ao ano, ou sejam Cr$ 12,00 por ação			12.000.000,00
BONIFICAÇAO:			
Bonificação de 6% ação			6.000.000,00
PORCENTAGENS A PAGAR AOS DIRETORES:			
5% s/ Cr$ 52.178.564,80, lucro liquido do semestre			2.608.928,20
GRATIFICAÇÕES AOS FUNCIONARIOS			12.881.243,00
SALDO QUE SE TRANSFERE PARA O EXERCICIO SEGUINTE			4.756.766,00
		TOTAL Cr$	168.821.721,60

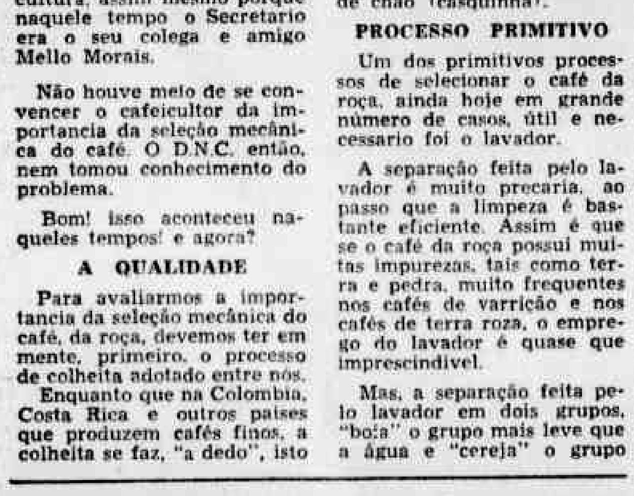
CREDITO

SALDO NAO DISTRIBUIDO DO EXERCICIO ANTERIOR		6.068.371,40
RECEITA DE JUROS		14.625.003,50
DESCONTOS	150.555.855,10	
Menos os do exercicio seguinte	29.779.089,50	120.776.765,60
COMISSÕES RECEBIDAS OU DEBITADAS		10.913.606,60
RENDAS DE TITULOS E VALORES MOBILIARIOS		14.215.361,20
LUCRO EM OPERAÇÕES DE CAMBIO		1.235.659,50
RENDAS DE CAPITAIS NAO EMPREGADOS EM OPERAÇÕES SOCIAIS		909.003,80
RECUPERAÇÕES DE PREJUIZOS LANÇADOS EM LUCROS E PERDAS		77.9500,0
	TOTAL Cr$	168.821.721,60

(a) ERASMO DE ASSUMPÇAO — Presidente
(a) J. M. WHITAKER — Diretor-Superintendente

S. E. ou O.
São Paulo, 5 de Julho de 1954

(a) L. DE ASSUMPÇAO — Gerente Geral
(a) JOSE' GERALDO GIOIOSA — Contador
C.R.C. Sp. 3735



A gravura acima mostra a técnica perfeita do trabalho de extinção de formigueiros com o

Extintor de saúvas "Z. WERNECK"

A Rainha das Máquinas para Matar Formigas

Debulhador de milho "Z. WERNECK" Todo de ferro, com ventilador	Máquina para descascar arroz "BELLO AMIGO" De fácil manejo e muito leve	Forjas de campanha "Z. WERNECK" Reforçadas — Eficientes — Garantidas

FABRICANTES:
Z. WERNECK & Cia. Ltda,
Rua dos Arcos, 27 — Tel. 22-4031 — Rio de Janeiro

A IMPORTANCIA DOS ESTUDOS AGRONOMICOS PARA A INSTALAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DE IRRIGAÇÃO

OLOV NAAS

Desde os tempos primitivos, o homem aglomerou-se em torno de mananciais abundantes de agua, tão necessarios à manutenção de suas plantações. O primeiro grande exemplo que se conhece, é o do Vale do rio Nilo, onde, há mais de 7.000 anos, a inundação natural era aproveitada para fins de irrigação. Outro exemplo, mais proximo, é o da velha cultura do Mexico, derivada da correta irrigação dos planaltos.

Exemplificação da necessidade de cordões em contôrno de terrenos acidentados a fim de reter a agua, seja ela proveniente de chuvas naturais ou de irrigação. Mostramos aqui o caso de uma chuva natural (15 mm em 1/2 hora).

Em termos atuais, pode-se fazer a seguinte pergunta — "Qual é o papel da irrigação em nossos tempos e quais são as possibilidades de aproveitamento da mesma?" Considerando a primeira parte da pergunta, lembramos que vivemos sob condições dificeis e com uma população mundial sempre crescente, a exigir mais alimentos, sendo, dessa forma, mais importante que nunca o aproveitamento racional da disponibilidade de agua para a agricultura. E' a irrigação um dos melhores meios para a intensificação das lavouras, melhoria de colheita e aumento de produção por unidade de terra em cultivo, razão pela qual deve ser utilizada, tanto mais se atentarmos para o fato de que em muitos paises as terras cultiveveis extensivamente já estão algo enfraquecidas e empobrecidas. Como parte da campanha atual de melhoramento de produção e desenvolvimento da cafeicultura no Estado de São Paulo, a tecnica moderna de irrigação, usada na maneira devida e dentro das necessidades especiais do café em certas epocas, deverá constituir-se em elemento regulador e assegurador de colheitas. Paralelamente, assegurará o aumento dessas colheitas.

A fim de assegurar um aproveitamento racional dos planos de irrigação, é necessario que os mesmos sejam acompanhados de outros melhoramentos tecnicos, como adubação, estudos tecnicos do solo, etc. Neste artigo, sem tratarmos da parte puramente tecnica da irrigação, lueros etc., procuramos explanar a grosso modo os problemas vitais de irrigação, como o fornecimento de agua e seu aproveitamento para as plantas, estudos dos equipamentos em São Paulo, estudos tecnicos e agronomicos normativos do calculo de um conjunto de irrigação etc.

QUESTAO BASICA — EXISTENCIA DE AGUA

Devido a fatores que podem ser atribuidos parcialmente à propria ação depredatoria do homem, as condições climaticas têm mudado, para pior, nos ultimos tempos. Assistimos a uma epoca em que o nivel dos lençois subterraneos desce, o volume das aguas fluviais e lacustres diminui e a precipitação pluviometrica está desequilibrada; esses fatores limitam o uso da irrigação, após terem diminuido o abastecimento natural de agua às proprias plantas.

A represagem e processos de fixação da agua ao solo, aliados a um racional aproveitamento do suprimento aquifero local têm sido aplicados com sucesso tanto em casos particulares, e em regulagem de vasões fluviais, como no caso do projeto do Vale do Paraiba, onde o governo é chamado a intervir. Em fazendas, só sendo possivel a utilização da agua armazenada dentro das proprias divisas, a construção de reservatorios e represas particulares é de grande valor para o "entesouramento", local de agua, mesmo não sendo esta destinada à irrigação. O fator que primeiro indica a possibilidade da irrigação e qual a area que poderá ser por ela abrangida é o de estudo, medição e localização das aguadas, represamento quando necessario, e construções afins, que devem ser dirigidas por tecnicos especializados.

TECNICA DE IRRIGAÇAO

Metodos tradicionais de irrigação como os por gravitação, sulcos, submerssão, inundação etc. exigem condições ideais de terreno, como ligeira inclinação, terra não muito porosa e grandes vasões; nas culturas de café esses metodos não são utilizaveis, pois as mesmas se localizam geralmente em terrenos acidentados, em terras porosas. Resta o metodo da aspersão, relativamente novo, que vem sofrendo grande incremento nos ultimos tempos, pois independe da topografia, distancia de aguadas, tipo de solos etc. Por estas vantagens, foi esse metodo escolhido para a irrigação de café em São Paulo, sendo possivel seu emprego em todos os locais, não obstante exigir gastos relativamente grandes com motobombas, tubulações etc., que podem mesmo tornar a aspersão anti-economica, se aplicada sob condições naturais desfavoraveis. A Tabela I abaixo mostra o aumento necessario da colheita, em quilos, para os diferentes custos de irrigação e preços de café beneficiado, para cobrir os gastos.

TABELA I — AUMENTO CALCULADO DE COLHEITA EM KG-MM 1.000 PES NOS DIFERENTES CUSTOS DE IRRIGAÇAO E PREÇOS DA COLHEITA

Preço-kg de venda do café beneficiado Cr$	Custo de irrigação por mm e 1.000 pés em Cr$						Preço-kg de venda do café beneficiado Cr$
	30 kg	35 kg	40 kg	45 kg	50 kg	55 kg	
20	1,5	1,7	2,0	2,2	2,5	2,8	20
22	1,3	1,6	1,8	2,0	2,3	2,5	22
24	1,2	1,5	1,6	1,8	2,1	2,3	24
26	1,15	1,3	1,5	1,7	1,9	2,1	26
28	1,1	1,2	1,4	1,6	1,8	2,0	28
30	1,0	1,16	1,3	1,5	1,7	1,8	30
32	0,9	1,1	1,25	1,4	1,6	1,7	32
34	0,88	1,0	1,2	1,3	1,5	1,6	34
36	0,83	0,97	1,1	1,25	1,4	1,5	36

Os custos de 30 a 55 cruzeiros por mm e 1.000 pés amortizam custos iniciais de 4 a 10 cruzeiros por pé, importancias que, até agora, se constituem nos tetos dos custos das instalações paulistas.

MODO DE EMPREGO DA TABELA

Se o custo total da irrigação for de Cr$ 30,00 por mm por 1.000 pés, o preço atual do café estiver a Cr$ 30,00 por quilo, o aumento necessario da colheita deverá ser de 1,0 kg/mm/1.000 pés, ou sejam 100 quilos numa irri- por 1.000 pés, e o preço atual vale a dizer que os custos se pagam quando o aumento for de 6,6 arrobas por 1.000 pés, quando irrigados com 100 mm. Aumentos alem dessa quantidade, constituirão lucro.

Considerando, a seguir, os varios tipos de sistemas e patentes de equipamentos de irrigação em uso no país, de procedencias europeias, americana e nacional, notaremos que a industria nacional têm adotado o modelo americano, de forma geral.

Na Europa são mais usados os aspersores rotativos de grande capacidade e longo alcance, ao passo que nos Estados Unidos são principalmente usados pequenos aspersores de baixa capacidade e area de cobertura.

Quanto aos acoplamentos, os europeus têm preferido a utilização daqueles que permitam vedação perfeita tanto para pressão como para sucção. A pressão se mantem relativamente alta e o numero de aspersores é pequeno, dada a sua grande capacidade. E' frequentemente usado um sistema de distribuição que evita irrigação dupla e perda de cargas desnecessarias, em decorrencia do que a intensidade de chuma (mm/hora) é relativamente baixa, e a irrigação é lenta.

Nos sistemas americanos existe uma vedação que somente é perfeita quando a pressão interna atinge um certo valor. A pressão usada é mais baixa, e a tubulação necessaria de maior diametro. Os aspersores são mais numerosos no mesmo ramal e necessitam irrigação dupla para obter uniformidade na distribuição, dando consequentemente grande intensidade de chuva.

Entretanto, usam-se tambem grandes aspersores, com menor frequencia, nos Estados Unidos, bem como usam-se na Europa aspersores de tipo pequeno. Com as variações possibilita-se, entre outras coisas, a irrigação noturna, com aspesores europeus.

Os tubos usados são de aço leve e de aluminio, sendo que os primeiros vêm principalmente da Europa (que tambem fornece tubos de aluminio) e os ultimos tiveram e têm grande aplicação nos Estados Unidos. Ambos os tipos são bastante utilizados, dependendo a escolha das condições locais relacionadas às qualidades principais dos tubos, que são, no tubo de aço, maior resistencia mecanica e possibilidade de emprego de maior pressão e, no tubo de aluminio, sua maior leveza. No Estado de S. Paulo, como regra geral, a condição mais exigida é a resistencia tanto à pressão quanto a injurias mecanicas, dados os grandes desniveis nos cafezais e distancias das aguadas.

A AGUA COMO FATOR DE CRESCIMENTO

Aspersor de grande alcance na irrigação de cafezal. Repare na distribuição uniforme de chuva.

Os fatores mais importantes de crescimento e de desenvolvimento das plantas, são luz, temperatura, agua e sais minerais, dos quais os três primeiros dependem do clima. A função da agua que pode provir da precipitação, umidade do ar e do solo, é complexa e resume-se em nutrição, como solvente dos sais existentes no solo e seu transporte à propria planta, regulagem de temperatura da planta (aumentando-a nas noites frias e baixando-a nos dias quentes), sendo ainda mais importante a relação entre a agua absorvida pelas raizes e a perdida pela transpiração e sudação, que não pode ser inferior a 1 durante longo periodo.

O consumo de agua pelo vegetal varia com a temperatura, umidade atual do solo, umidade do ar, fase do crescimento e tipo de vegetal, variando assim, de uma epoca para outra, o que implica em maior consumo em certas fases do desenvolvimento do vegetal que em outras. Como o equilibrio da agua é muito importante durante as primeiras fases mencionadas, estas são comumente chamadas de "epocas criticas de crescimento", nas quais mesmo pequenos periodos de desequilibrio, podem influir desfavoravelmente nas colheitas.

Sob o ponto de vista economico é importante ter conhecimento de todos esses detalhes, pois a aplicação de agua alem do necessario redundará num excessivo custo. A irrigação deve ser cuidadosamente planejada em seus minimos detalhes, para um real aproveitamento.

O DESENVOLVIMENTO DO CAFE', SUAS FASES, E A NECESSIDADE DA IRRIGAÇAO

O cafeeiro tem um sistema radicular composto de uma raiz principal bem profunda e raizes laterais muito desenvolvidas, cuja distribuição pode variar de local para local, de solo para solo, com a adubação etc. Geralmente a maior parte das raizas laterais está distribuida quase à superficie, até 40-50 cm de profundidade.

Durante a estação das chuvas, a densa rede de finas raizes pode situar-se de 10 a 20 cm. de profundidade. O cafeeiro tem um desenvolvimento bastante alternado, passando durante o ano por distintas fases e funções: durante o tempo das chuvas (outubro a março) forma principalmente ramos e folhas; é o **crescimento vegetativo**, fundamento para a proxima colheita, onde tambem ocorre o crescimento final dos frutos, e termina quando chega o tempo da seca, de abril a maio. O periodo seguinte caracteriza-se externamente por uma estagnação da planta ("fase de repouso"), durante cuja primeira fase a maturação dos frutos termina definitivamente e tambem os novos brotos formados passam por um periodo de repouso, para a florada. Ao fim da seca, às primeiras chuvas, o café entra na fase da floração. A fase de repouso pode ser abreviada pela chuva ou irrigação, sendo os brotos suficientemente desenvolvidos e a temperatura não muito baixa, e a floração, em condições favoraveis, pode ocorrer de 8 a 10 dias depois do umedecimento do solo. O maior consumo de agua situa-se provavelmente no crescimento vegetativo, de outubro a março, quando a temperatura é alta e é completada a formação dos frutos. Como essa fase ocorre durante as chuvas, a irrigação precisaria ser aplicada somente para regular a distribuição incompleta das mesmas, pois não são raros os casos em que colheitas de café foram limitadas por falta de chuvas entre janeiro e março.

No "periodo de repouso" o cafeeiro demanda menos agua e o solo em geral tem agua armazenada, desde as chuvas. Parece que um tempo seco durante esta fase é quase uma vantagem para a proxima floração, o mesmo se dando para a manutenção dos frutos e para a colheita, a não ser em café novo, ainda não formado, ao qual a irrigação é conveniente em qualquer epoca. A fase da floração é muito importante pois dela depende, em grande parte, a colheita. Em condições naturais o tempo e a frequencia da floração são correlatos com a chuva neste tempo, razão pela qual a irrigação especialmente antes e depois das floradas terá grande influencia na colheita, não devendo ser aplicada durante a propria floração.

ESTUDO DO SOLO COMO BASE PARA PROJETO DO EQUIPAMENTO DE IRRIGAÇAO

E' necessario ter em mente os seguintes fatores referentes ao solo, ao se planejar um equipamento de irrigação: quantidade de agua que o solo poderá armazenar que se chama "capacidade do campo"; a diferença entre essa capacidade do campo e a agua não disponivel, é chamada "capacidade da chuva", que constitui uma medida direta da agua que um solo poderá colocar à disposição da planta. O conhecimento da capacidade da chuva será uma base para o calculo da capacidade do conjunto de irrigação. Essa capacidade varia de acordo com o tipo do solo, e varia mesmo em solos do mesmo tipo, sob condições fisicas diversas. Exemplificando, vemos que a "terra roxa" e o "arenito Bauru", dois tipos comuns de solo em areas de cafeicultura, têm, para a primeira, capacidade de retenção de 14 mm de agua disponivel em camada de 10 cm de solo, que diminui para 8 ou 10 mm, ao se aumentar a proporção de areia (terra roxa misturada), e, para o "arenito Bauru" a capacidade de campo é muito variavel, dependendo da quantidade de argila nas camadas superficiais; em certos casos, a capacidade de chuva é baixa na camada superficial (4 a 5 mm) e aumenta, frequentemente, com a profundidade, para 8 a 10 mm, ou ainda mais.

Se, por exemplo, a capacidade da chuva for de 10 mm para cada camada de 10 cm de profundidade e a principal parte das raizes do café se encontrar até uma profundidade de 40 cm, o armazenamento até esta profundidade será de 40 mm. Se toda a agua for consumida, será então necessaria uma aplicação de chuva de 40 mm (não computadas as perdas por evaporação).

VOLUME DE APLICACAO E PERDAS DE AGUA

Pelo fato de estar a irrigação em São Paulo ligada estreitamente ao desenvolvimento das firmas comerciais nela integradas, e devido a terem sido encarados problemas tecnicos de irrigação e não os problemas agronomicos, com poucas exceções, as quantidades de chuva foram geralmente calculadas muito por baixo, sem se levar em consideração a capacidade do solo, profundidade de irrigação e outras condições locais.

Foram assim calculadas quantidades mensais de 20 a 30 mm, que em muitos casos têm pequeno ou nenhum efeito. Havendo uma saturação progressiva, da superfície para o interior, ao receber agua, o solo, se é seco, absorverá mais agua do que se fosse umido.

Para saturar a camada superior do solo, de 15 a 20 cm, em terra roxa legitima, verificou-se que foram necessarios 30 mm de chuva da totalidade aplicada, sendo que o resto infiltrou-se mais profundamente.

A agua nesta camada superficial sofre grandes perdas por evaporação e é apenas parcialmente aproveitada pelas plantas. Essa perda é apenas uma parte das perdas totais, e a ela podem ser somadas a perda por evaporação no ar sem que a agua atinja o solo e a outra parte que se evapora da superficie da propria planta. Disso decorre que a agua efetivamente aproveitada pode ser muito pouco desde que a quantidade aplicada seja insuficiente.

No problema da "profundidade de irrigação", sob o ponto de vista agronomico, pode-se mencionar que o café facilmente aproveita a agua do solo até 1 metro de profundidade e assim, uma irrigação de 70 a 80 mm em terra roxa terá bom aproveitamento. Tambem pode-se aplicar as já mencionadas quantidades de 20 a 30 mm por vez molhando uma camada de 20 a 25 cm, porem, repetidamente. A aplicação das quantidades grandes tem as vantagens de baixo custo de serviço, relativamente menor perda por evaporação etc., mas têm a desvantagem de imobilizar o equipamento durante muito tempo e na epoca mais importante para a irrigação, numa pequena area. O uso das pequenas quantidades de agua traz as desvantagens de alto custo de serviço, grandes perdas por evaporação e baixa eficiencia de irrigação. Por enquanto pode-se considerar como pratica e eficiente uma irrigação que umideça o solo pelo menos até 40 a 50 cm de profundidade, sendo que a agua a ser aplicada por vez, varia, em geral, de 35 a 60 mm aproximadamente, conforme o tipo dos solos.

ADUBAÇAO E IRRIGAÇAO

Os ensaios e a pratica têm demonstrado que existe uma ligação entre o efeito da irrigação e a fertilidade do solo, pois a planta necessita, alem da agua, de um fornecimento de alimentos em quantidades suficientes e proporções certas. Quando o solo está em boas condições nutritivas, o consumo de agua por unidade de colheita produzida é baixo, enquanto que num solo em condições nutritivas deficientes e equilibrio desfavoravel de nutrição, o consumo de agua e de substancias nutritivas é grande. Para economia de irrigação, necessita-se, pois, de adubação equilibrada. Dependendo o sucesso da irrigação, em grande parte, da adubação, e considerando-se que as colheitas maiores proporcionadas pela irrigação, consomem mais nutrientes do solo, conclui-se facilmente que a adubação deve ser reforçada. Como base dos estudos deve ser feita a analise quimica do solo da area a ser irrigada.

A irrigação não é panaceia salvadora de culturas em pessimo estado, que primeiro precisam ser melhoradas com adubação, replantações, e outros melhoramentos. Sob condições normais de nutrição da planta, a irrigação deverá, sem duvida, aumentar e melhorar as colheitas, facilitando, outrossim, o uso de adubos.

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES NO PLANEJAMENTO DA IRRIGAÇAO

Damos abaixo um resumo de algumas considerações importantes para planejamento de irrigação: a) O planejamento do equipamento de irrigação deve ser feito mais individualmente do que até agora, adaptando a instalação às condições locais. Antes do levantamento tecnico, proceder-se aos estudos agronomicos. b) A capacidade do equipamento deve corresponder, na pratica, aos calculos da firma projetista. As instalações em funcionamento mostram que a irrigação, geralmente, pode ser efetuada somente para a metade da area calculada pelas firmas. c) Como regra basica, projeta-se a irrigação para uma pequena area do cafezal, bem escolhida e adaptavel à irrigação, mantida sob controle de agua e de nutrientes. A irrigação deficiente de maiores areas, comum nas instalações atuais, dá mau aproveitamento, baixa eficiencia e má economia. d) Controle da erosão em areas de má topografia e em solos que têm camadas menos permeaveis. Esse controle pode ser feito regulando-se a intensidade da irrigação; e) Nos estudos previos deve ser tomado em consideração, com maior acuidade, o caso das linhas fixas. Os custos iniciais maiores usualmente são pagos logo, dadas a simplificação do serviço e redução da mão de obra. A combinação mais favoravel é aquela onde a soma dos custos iniciais e custo dos serviços é a menor possivel. f) Em todos os casos deve se evitar a irrigação durante a parte mais quente do dia. A irrigação noturna, muito superior à diurna, pode ser feita, escolhendo-se aspersores e bocais adequados, sem mudanças e sem necessidade de mão de obra extra aplicando, durante 6 a 8 horas, a mesma quantidade de agua que se aplicaria em 2 a 3 horas. Esse metodo, sob o ponto de vista agronomico, é o mais vantajoso. g) O numero de aplicações a serem efetuadas depende da precipitação, temperatura atual, condições fisicas do solo, intensidade da irrigação etc. E' evidente que pequenas quantidades de agua exigirão maior numero de aplicação que grandes quantidades, sendo o ultimo metodo o mais vantajoso e a instalação deve ser calculada para cobrir 2 a 3 irrigações durante a epoca da floração (julho-setembro).

Corte na camada superficial (Terra roxa misturada) mostrando a disposição das raizes do cafeeiro até uma profundidade de 50 cm.

ESTUDOS AGRONOMICOS QUE DEVEM PRECEDER O PROJETO DE IRRIGAÇAO

a) Determinação da capacidade da fonte de agua e, eventualmente, da qualidade de agua. Nos casos duvidosos aquela determinação deve ser feita no fim da sêca. b) **Estudos da capacidade de agua** no solo e outras qualidades fisicas de importancia para a irrigação. Os estudos devem, entre outras coisas, ter em vista a eventual presença de camadas mais densas, com capacidade de infiltração menor, no perfil do solo. Havendo uma dessas camadas, esta deverá determinar a intensidade da irrigação (precipitação em mm/hora) e não a camada porosa superior. Caso contrario, haverá perda de agua aplicada, devido à enxurrada, que provoca a erosão. Isso é muito importante quando há topografia irregular. c) Estudos do estado geral do cafeeiro, adaptação para a irrigação, sistema radicular, profundidade de irrigação etc. d) Baseados nos itens a e c, escolhe-se o cafezal mais conveniente para a irrigação. Devem-se tirar amostras dessas areas, sistematicamente, para a analise quimica dos nutrientes do solo, materia organica, ph, etc. Com os resultados dessas analises faz-se um plano de adubação, constituindo os fundamentos para o plano de irrigação. e) Estudos dos fatores locais do clima, precipitação, vento principal etc. f) Plano geral para outras culturas, quando o equipamento não se destina somente a cafezais, e, em geral, adaptação da instalação ao serviço da lavoura como tambem organização da irrigação. g) Os dados e considerações a e f, juntamente com as condições tecnicas e economicas, devem ser apresentados ao fazendeiro num relatorio completo.

ENSAIOS E PESQUISAS NO SETOR DE IRRIGAÇAO

Sendo a irrigação na cultura do café no Estado de São Paulo uma tecnica nova, é natural que seu aproveitamento, na pratica, não tenha sido dirigido por resultados de ensaios e pesquisas agronomicas, e as soluções praticas substituam esses resultados. Este proceder é frequentemente muito dispendioso para os interessados em irrigação — os lavradores. A situação atual exige uma atenção maior aos problemas relacionados com a irrigação, por parte das firmas do ramo, pois têm sido cometidos muitos erros na parte tecnica das instalações, especialmente no inicio, quando a tecnica de aspersão estava na infancia. Deu-se ainda menor importancia às considerações agronomicas. E', pois, chegado o momento de aproveitar-se no Brasil a tecnica e a experiencias dos paises introdutores desse tipo de irrigação, estudando profundamente as causas e efeitos desse melhoramento e aplicando os uteis conhecimentos daí advindos. Por isso, é muito importante levar-se em consideração os problemas do lavrador e a parte agronomica da irrigação.

Uma das questões praticas de grande importancia é a escolha de epoca certa para a irrigação, para se obter um resultado mais economico e menor consumo de agua no cafezal. Outros problemas importantes são representados pelas investigações pormenorizadas sobre a capacidade de retenção de agua e capacidade de infiltração nos diferentes tipos de solo, aliados aos problemas das perdas de agua por evaporação tanto na superficie do solo como na propria aspersão. Não se deve desculdar das questões de adubação ligadas à irrigação, como quantidade, qualidade e tempo de aplicação dos adubos. Finalmente, pode-se mencionar as questões puramente técnicas: provas e testes de aspersores, acoplamentos, tubos, moto-bombas etc.

E' de se esperar que o resultado das experiencias e pesquisas no ramo da irrigação sejam de tal forma que se possa brevemente dar respostas a todos os problemas mais importantes na pratica. Para isso, é necessario, entretanto, dar carater preferencial aos ensaios e experiencias que visam a obtenção dos resultados pratico-economicos. Alem disso, o serviço do pesquisador exige imparcialidade nas medidas e objetividade no julgamento.

BANCO FRANCÊS E ITALIANO PARA A AMERICA DO SUL S/A
CAPITAL Cr$ 80.000.000,00
MATRIZ – SÃO PAULO
Filiais: RIO DE JANEIRO – PORTO ALEGRE – SANTOS
Agências: ARARAQUARA – BOTUCA TÚ – CAMPINAS – JAÚ – LONDRINA
RIBEIRÃO PRETO – SÃO CARLOS
e mais:
7 Agências Urbanas em SÃO PAULO e 2 no RIO DE JANEIRO
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

HISTÓRIA DE UMA NOBRE UTOPIA - O "I.

A historia do Instituto Nacional do Café, não podia ser esquecida nas grandes comemorações paulistas de 9 de Julho de 1954. Não é o relato cronologico de meros atos administrativos, mas a narração dos fatos que determinaram a eclosão da idéia em si, traduzindo o pensamento de uma comunidade em defesa de interesses proprios, identificados com as conveniencias comuns.

O Brasil é o café, exclamava Silveira Martins nos idos de 1870 e decorridos que são mais de oitenta anos, continua a repousar todo o peso da economia nacional sobre esta imensa fazenda que é São Paulo. As adversidades como as esperanças, o bem estar como o desalento daqueles que laboram os cafesais plantados nos altiplanos piratininganos, quaisquer que sejam suas condições sociais, proprietarios ou empregados, arrendatarios ou parceiros, grandes ou pequenos empresarios — são indices fieis e exatos das flutuações do bem estar nacional. E como o Instituto Nacional do Café se constituiu no orgão conformado aos poucos sobre as funções crescentes de defesa da riqueza cafeeira, sua historia identifica-se com a sucessão logiga dos acontecimentos que caracterizam a vida econômica brasileira.

O PRIMEIRO SINDICATO

Seria demasiado recuar este estudo até 1927, com a introdução da incomparavel rubiacea nas plantações usuais do país, pelo sargento mór Francisco de Melo Palheta. Encontrem-se embora referencias criticas de Francisco de Salles Torres Tomem, sob o pseudonimo de Timandro, a politica nacional, principalmente tributaria, do café, em data bastante anterior, o certo é que somente em 1884 parece haver-se cristalizado uma consciencia coletiva dos chamados "homens do café".

Com uma safra mundial de 8.860.000 sacos, para a qual concorriam o porto do Rio de Janeiro, com 2.750.000, Santos, com ... 1.600.000 e os portos do Norte com 600.000, erboçava-se o consumo provavel de 10.922.479 sacos. Contudo, os preços dos mercados externos, notadamente no Havre, recalcitravam em manter-se em niveis insuficientes, em torno dos 70 francos por 50 quilos. Formou-se então o "Sindicato de Santos", que em seu memoravel "Manifesto á Lavoura de São Paulo", assinado por R. Wursten & Comp., Telles Netto & Com., Quirino Ribeiro & Comp. e outras firmas santistas, afirmava:

"A alta adquirida está ainda longe de atingir o nivel a que pode e deve chegar... Há certos fatos que podem se não prejudicar, retardar a marcha ascendente do artigo... Entre estes avulta a enorme cifra das entradas diarias no mercado de Santos, facto que parece querer dar razão àqueles que de boa ou má fé não acreditam na existencia do "deficit" apontado... Convictos desta verdade alguns comerciantes, comissarios e exportadores, reunidos os elementos precisos, se constituiram em sindicato, não com o fim de especular provocando uma alta artificial, mas somente para evitar que, por circunstancias inteiramente fortuitas, a baixa se apodere novamente do café; e isto quando ele ainda nem se quer, atingiu o nivel do preço a que razoavelmente pode pretender. Para a tarefa que o Sindicato se impôs, precisa do apoio de todos os lavradores, seus naturais colaboradores e principais interessados. O auxilio, pedido, neste momento limita-se a fazer sustar as remessas de café. Sempre que o deposito atingir 250.000 sacas, deve haver a mais completa abstenção".

O Sindicato de Santos teve vida efemera. Mas suas ponderações sobre aquilo a que hoje denominamos preciosamente, "conjuntura", eram legitimas, prudentes e alertadoras. Ficaram na base de todo sistema, ocasional ou permanente de defesa do café, com a denominação de "limitação das entradas de café no porto de Santos".

A PRIMEIRA SUPERPRODUÇÃO

Abolida a escravatura e proclamada a Republica, um ano depois, a crise da cafeicultura tinha que se acentuar. O país, no limiar do seculo XX, engatinhava, economicamente, mal se aguentando na desorganização de seu estatuto anterior de trabalho, se a isso se podia denominar a iniquida e pouco produtiva do regime servil. Porque a iniciativa dos fazendeiros paulistas se adiantara no favorecimento da imigração, tambem se apressou a mudança dos cafezais do Vale do Paraiba para os morros ferteis do Oeste do Estado, e com ela, a plantação do mar de café que E. Ferri havia de classificar como sendo o maior fenomeno econômico da época. A audacia, a tenacidade e o espirito de livre iniciativa ou aventura dos fazendeiros de S. Paulo, dispondo de alguns capitais, boas terras, braços trabalhador nacional e extrangeiro, organização tão adequada quanto possivel — com a S. Paulo Raiway, a Comp. Mogiana de E. de Ferro, a Comp. Paulista de E. Ferro, a E. Ferro Sorocabana, todas em pleno florescimento; uma rede bancaria em vias de formação e a Praça de Santos em toda pujança de seu credito e atividades, a crise do café em S. Paulo havia de se transformar num processo de crescimento e expansão, não de decadencia.

"A desvalorização atual do café é devida à superprodução, já não há meio de o pôr em duvida", afirmava Vicente de Carvalho em sua "Solução da Crise do Café", publicada em 1901, acrescentando, "em principio, é um absurdo econômico produzir para destruir; mas não se pode negar que, tambem em principio é um absurdo economico produzir com esforço e sem lucro".

Na ocasião, produzíamos .... 8.953.000 sacos de café, registrando-se em 1899 a exportação global brasileira, de 8.690.362, completada naturalmente com remanescentes anteriores. Mantinha-se entretanto o preço medio de 7$800 por 10 quilos ao cambio então considerado "vil", de 8 d. a Londres, e assim, animados pela argumentação viva de Vicente de Carvalho, advogado, lavrador e poeta, cerca de seiscentos fazendeiros, entre eles Antonio Prado, o Barão de Tatuhy, dr. Luiz Pereira Barreto, a baroneza de Anhumas, Joaquim da Cunha Bueno, Pereira de Almeida, A. F. de Paula Leite, Christiano Ozorio de Oliveira, F. de Almeida Prado, J. Ferras de Camargo Junior, Eduardo Prado, J. M. Martins de Siqueira, Virgilio de Toledo Malta, Joaquim Ferreira da Rosa, Victor de Sousa Meireles, Joaquim Antonio Cintra, Vicente Paulo Monteiro de Barros, Octaviano A. Alves Lima, Antonio Paes de Barros, J. F. de Andrade Junqueira, Fabio de Mendonça Uchoa, F. de Aguiar Diederichsen, Joaquim da Cunha Bueno Junior, Joaquim Manoel Alves Lima, Bento de Abreu Sampaio Vidal — dirigiram "representação" ao Congresso do Estado de S. Paulo, datada de 11 de maio de 1901,

"como medida capaz de atender à crise atual desse genero, promovaes, entre os Estados brasileiros produtores de café, a adoção temporaria de um imposto proporcional a importação, cobrado em especie, sendo eliminado o resultado desse imposto".

Como em 1884 nascera a idéia da limitação de entradas no porto de Santos, surgia complementarmente, dessa maneira, em 1901, o expediente econômico do tributo em espécie, que mais tarde havia de se chamar quota de sacrificio, para a eliminação dos excedentes das safras de café. E bem longe estavam, certamente, o poeta como os lavradores que o acompanharam em sua nobre utopia, de pensar nos erros e acertos que haviam de marcar a politica nacional do café, à custa sempre, única e exclusivamente, de seus incansáveis produtores, envolvidos inexoravelmente nas tramas do dirigismo econômico, de que se tornaram os pioneiros involuntários.

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES

Os episódios em que nos demoramos propositalmente criaram uma consciência coletiva da importancia dos negócios do café, tanto para seus produtores como, e principalmente, para o Estado, atraindo, de maneira mais avisada, a atenção dos govêrnos.

FRANCISCO MALTA CARDOZO

(Advogado e lavrador — Ex-presidente da Rural e ex-secretario da Agricultura)

Discutindo perante a Camara dos Deputados sobre "A Valorização do Café", em dezembro de 1910, o saudoso advogado e lavrador, posteriormente secretário e ministro da Fazenda, R. A. Sampaio Vidal, teve a oportunidade de declarar:

"O Estado de São Paulo esteve na altura da evolução econômica dos tempos modernos, organizando a grande obra de defesa de seu produto nos mercados mundiais. O Estado iniciou a sua intervenção nos mercados em agosto de 1906. Para este fim levantou, como preliminar de outras operações que se tornaram necessárias, um empréstimo de £ 1.000.000; em 8 de dezembro, contratou o Estado um novo empréstimo de £ 3.000.000. Logo depois, em 27 de janeiro de 1908, contratou o Estado, com o govêrno federal, um novo empréstimo de £ 3.000.000. Finalmente, neste mesmo ano, em 12 de dezembro de 1908, contratou o Estado o grande empréstimo de £ 15 milhões."

Essas responsabilidades financeiras repousavam todas sobre a sobretaxa-ouro, de três, e mais tarde, cinco francos por saca de café exportada em Santos, e reduzidas pelas diversas amortizações e pagamentos feitos, a libras 13.600.000, eram compensadas, na expressão do orador, "pelo formidável ativo de 20 milhões, representado por 6.310.000 sacas de cafés finos."

O preço do café chegara a ... 3$900 por 10 quilos, em 1908. Em 1906 haviam entrado no porto de Santos 15.892.170 sacas de café, quando a média anual de consumo atingia escassamente os .... 16.000.000. Esses números dizem, por si mesmos, as dificuldades que assomaram nossos maiores. A valorização executada pelo Estado de São Paulo e a "limura com que os administradores do Estado lidaram com os avultados capitais envolvidos na operação", moralizaram os mercados. As cotações reagiram, subindo paulatinamente para a média de 4$160 em 1909 e de 5$870 em 1910, livrando-se da ruina iminente a cafeicultura brasileira. Foi essa a primeira benemerência da intervenção do Estado na economia privada do café, gloria imorredoura do inolvidável presidente Jorge Tibiriçá, de seus dignos colaboradores politicos e administrativos, enfim, de São Paulo.

CONVENIO DE TAUBATE'

O problema, porém, era de ambito nacional, e como em 1884, nada poderia fazer-se com eficiência e menos ainda com sucesso, sem a colaboração de todos os produtores do país, ou pelo menos, dos Estados mais diretamente interessados. De que poderiam valer realmente as medidas de assistência financeira e de normalização dos mercados através da boa comercialização do café, em Santos — regularizadas as entradas no porto e retirados os excedentes do consumo provável, se no Rio, em Vitória ou nos demais portos nacionais pudessem agir desmoralizadoramente outros tantos abastecedores e concorrentes? A 25 de fevereiro de 1906 assinou-se, entretanto, o "Convênio de Taubaté", signatários que foram o dr. Jorge Tibiriçá, pelo E. de São Paulo; o dr. Francisco A. de Sales, pelo de Minas Gerais, e finalmente Nilo Peçanha, pelo do Rio de Janeiro, e assim, pela primeira vez, proclamou-se oficialmente o critério dos "preços minimos", da proibição da exportação das qualidades inferiores, da propaganda e fomento do consumo no país e fora dele, criação de Bolsas ou Camaras Sindicais, do melhoramento sistemático das qualidades exportáveis, da limitação das áreas de plantio e, finalmente, da criação de taxas de garantia dos empréstimos indispensáveis ao financiamento das operações.

O Convênio de Taubaté foi a coluna mestra da obra magistral de Jorge Tibiriçá e se converteu no verdadeiro esquema de toda politica econômica cafeeira do Brasil, tantas vezes mal compreendida e, pior do que isso, desviada de seus justos objetivos.

Os exercicios que se seguiram ao ano de 1910 vieram comprovar o acerto dos planos econômicos adotados pelos estadistas de São Paulo. A exploração rural retomou o ritmo de sua moderada, mas constante prosperidade, subindo o preço médio do café para 7$940 por 10 ks., em 1912 preparando o país para os embates da crise nacional de 1913, agravados pela deflagração da guerra mundial de agosto de 1914. Nesse ano fatidico, suspenso o comércio maritimo, chegaram-se a negociar cafés a menos de 25$000 o saco, e, não fossem as constantes-medidas de defesa promovidas pelo govêrno do Estado de São Paulo, umas vezes com apôio do federal, outras sem ele, e certamente a Nação teria sossobrado na anarquia completa de suas finanças, como da economia de seus cidadãos. Duas grandes safras, de 1914 e de 1916, e outra, bastante satisfatória, de 1917, puderam ser financiadas e guardadas em seus excedentes, até que, por ironia dos destinos da agricultura, o desastre das geadas de junho de 1918 se incumbisse da correção do equilibrio estatistico da produção e consumo do café, e com ela, do saneamento dos mercados e de seus preços. Tudo, ainda uma vez e como sempre, havia de acontecer, em toda a história do café no Brasil, sem o menor sacrificio do Erario ou da coletividade nacional. Muito pelo contrário. Em sua mensagem ao Congresso Estadual, de 1919, podia o ilustre presidente dr. Altino Arantes declarar, sem falsa modestia, que o govêrno adquirira, com o auxilio da República, 3.073.585 sacas de café, representando um lucro liquido, e prontamente realizável, de mais de rs. 160.000.000$000 — quantia fabulosa para o tempo em que o dollar americano valia Cr$ 3,50.

A GEADA DE 1918 E O INSTITUTO DO CAFE'

Terminada a guerra, também em 1918, no ano seguinte o Tratado de Versalhes consignava o reconhecimento de divida da Alemanha ao Governo Brasileiro decorrente do confisco dos stocks de café paulistas depositados em Hamburgo pelo Governo do Estado de S. Paulo. Concomitantemente, pelo desaparecimento desse "disponivel" nos mercados europeus, sem possibilidade de substituição pela safra de 1918, sacrificada pela geada que na noite de S. João "destruira em poucas horas", na expressão pesarosa de Altino Arantes, a maior parte dos cafezais paulistas, inutilizando ao mesmo tempo canaviais, plantações de mamona e algodão, campos de cria e invernadas de engorda dos gados — elevavam-se as cotações de Rs.3$600 a 6$000 em 1915 e 1916 para 7$200 a 9$450 em 1917 e finalmente 12 a 19$600 por 10 ks. em 1918, conforme registra Affonso de Taunay em sua "Pequena Historia do Café no Brasil", editada pelo Departamento Nacional do Café

Em 1921 o Conde Alexandre Siciliano desincumbia-se garbosamente da defesa do mercado cafeeiro que lhe fôra confiada pelo Governo do Estado e mais uma vez estabilizavam-se as cotações do produto em torno de 17 800 por 10 ks. — voltando-se então as atenções gerais, alertadas pelas incertezas vividas durante o periodo de 1914 a 1918, para a necessidade de criação de um sistema de defesa permanente do café. Essa defesa interessava igualmente o Governo e os produtores, uma vez que o país vendia por pouco mais de oito ou nove centavos americanos aquilo que os consumidores adquiriam por quarenta, enriquecendo intermediarios enquanto se empobrecia a Nação.

Em entrevista concedida ao "Estado de S. Paulo" dizia nessa época ao Dr. Sertorio de Castro o então deputado federal por S. Paulo, Dr. R. A. Sampaio Vidal:

".....Ninguem mais põem duvida que o café representa realmente, efetivamente, o produto fundamental do Brasil, a sua mercadoria por excelencia, sobre a qual repousa toda a vida economica e financeira do país — vida interna e externa..... Café em boa situação quer dizer — a vida do país em plena prosperidade economica; café em má situação quer dizer — todos os negocios do Brasil em crise, tudo desorganizado, desanimado, vida bancaria, agricola, comercial, industrial..... O Brasil tem nas mãos todos os elementos, todas as peças para montar mecanismo simples, de funcionamento suavissimo, que garantiria em absoluto a situação comercial do Café, e portanto, a expansão e a prosperidade da vida economica nacional..."

Esse organismo seria "um Conselho ou Comité". Seu sistema de operação no mercado consistiria na regularização das ofertas mediante a limitação das entradas da mercadoria nos portos de sua comercialização e exportação" na retirada dos excedentes e financiamento dos produtores, criados para esse fim, o "fundo de defesa permanente do café" e o Banco de Emissão e Redescontos — como se lê nos discursos de 25 de Agosto e a 9 de Outubro de 1920 pronunciados na Camara dos Deputados pelo mencionado deputado R. A. Sampaio Vidal bem como seu relatorio sobre o projeto de "defesa permanente do café" oferecido para debate e votação do Congresso, pela mensagem do presidente Epitacio Pessoa, de 17 de Outubro de 1917.

Era evidente a necessidade de um organismo de indole federal, prestigiado pela autoridade da Republica para a garantia de uma ordem economica que interessava praticamente a Nação toda. O café repetimos era, como é, o Brasil, e não apenas S. Paulo. Mas prevaleceram as incompreensões de todo tempo e de quando vislumbrar se possam interesses paulistas — e mais uma vez, a Federação falhou. Mas não se intimidaram os responsaveis pelos destinos de Piratininga, e a 19 de Dezembro de 1924 o Presidente Carlos de Campos, com referendum de seu Secretario da Fazenda, Dr. Mario Tavares, promulgava a lei nº 2.004 que declara:

art. 1º — Fica criado o Instituto Paulista de Defesa Permanente do Café, o qual terá personalidade juridica e será administrado por um Conselho, composto do Secretario da Fazenda e do Tesouro, como presidente; do Secretario da Agricultura, como vice presidente e de mais tres membros nomeados pelo Presidente do Estado, entre pessoas de notoria competencia em assuntos agricolas e comerciais, sendo dois indicados pela lavoura cafeeira do Estado e um indicado pela Associação Comercial de Santos, conforme determinar o regulamento.

.....

art. 3º — Fica criada uma taxa de viação até o valor de um mil reis ouro ou o seu equivalente em papel, por saca de café que transitar pelo territorio do Estado, a qual servirá para garantir o emprestimo que se realizar para instituir o fundo da defesa permanente do café.

art. 4º — .....

A importancia do fundo assim constituido será aplicada exclusivamente em operações de defesa do café, podendo parte dela ser empregada em titulos publicados de boa cotação e reconhecida segurança, a juizo do Conselho.

.....

art. 8º — Do fundo assim organizado, quando o Conselho julgar oportuno, poderá ser destacada uma parte, para constituir o capital do Banco Paulista de Credito Agricola....

.....

art. 10º — O fundo de defesa permanente do café — que em qualquer tempo reverterá proporcionalmente aos contribuintes da taxa criada pelo art. 3º — será intangivel; em hipotese alguma poderá ser incorporado à receita do Estado, nem aplicado a quaisquer outros fins que não sejam os que estão expressamente determinados nesta lei.

.....

Efetivamente, pela aquisição do controle das ações do Banco Hipotecario e Agricola de E. de S. Paulo e mudança de seu nome, criava-se logo depois o atual Banco do Estado; adquiriam-se os armazens reguladores construidos pelo Governo Federal, junto das estradas de ferro; autorizava-se o endosso de um emprestimo de dez milhões de libras esterlinas, destinado ao financiamento do Instituto Paulista de Defesa. Permanente do Café, emfim, aparelhava-se o Estado de São Paulo para dar cumprimento às recomendações do Sindicato de Santos, em 1884, de Vicente de Carvalho, representando os fazendeiros que subscreveram a Representação de 1901, do Convenio de Taubaté, de 1906, de Jorge Tibiriça, de Augusto Ramos, de Rafael Sampaio Vidal, de Cincinato Braga, de Bento de Abreu Sampaio Vidal, da Sociedade Rural Brasileira, da Sociedade Paulista de Agricultura, da Liga Agricola Paulista, ou seja, da quase unanimidade da classe rural de S. Paulo.

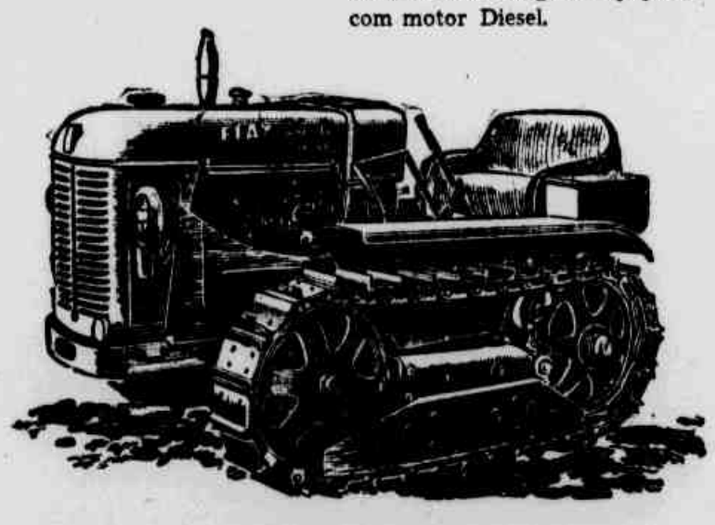
A crise mundial de após guerra, de um lado, e a desmesurada expansão dos cafezais plantados sob o influxo natural dos melhores presagios, em vista do inegavel sucesso da chamada valorisação do produto, criaram porem a ambiencia tormentosa que iria suceder aos fastos iniciais da vida do Instituto Paulista do Café. Ao par do acertos evidentes, ha-

Uma linha completa de tratores DIESEL com a tradicional economia e solidez dos produtos FIAT

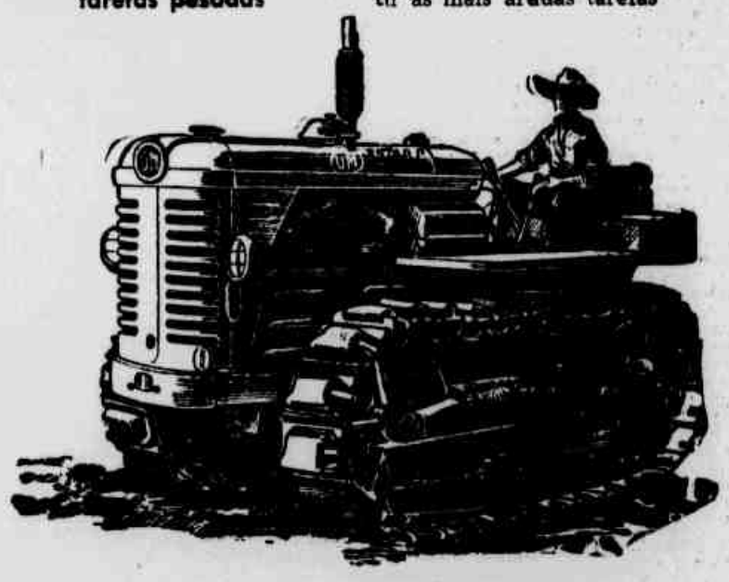
★ Todos os implementos agricolas
★ Completo estoque de peças legitimas
★ Assistência técnica com pessoal especializado da própria fábrica.

O NOME FIAT É GARANTIDO POR MEIO SÉCULO DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

FIAT 25-C
pequeno grande trator
sua aderência total e grande estabilidade asseguram trabalhos rápidos e econômicos em qualquer terreno. 25 H. P. Único trator de sua categoria equipado com motor Diesel.



FIAT-OM 35/40-CL
ideal para tarefas pesadas
com 6 marchas a frente e 2 a ré. Sapatas de 40 cms. Motor de 37 HP. Construção ultra-forte para resistir às mais árduas tarefas



SOMECA DA 50
de grande produção
possante e muito econômico produz dois alqueires de aração por dia. Consumo de apenas 25 litros de óleo diesel por alqueire. Motor de 40 HP.

FIAT 55/L
o máximo de eficiência
da mais alta qualidade. Motor de 55 HP. Esforço de tração 5.500 Kgs. 5 marchas a frente e uma a ré. Consumo reduzidíssimo.

Distribuidores Exclusivos no Brasil:
MOTO-AGRICOLA S/A
São Paulo
R. 7 de Abril, 230 - 12.º
Telefone: 35-5111
Rio de Janeiro
Av. Pres. Vargas, 463-A - 8.º and.
Telefones: 43-5850 - 43-5863

Norton - 4.102

viam-se cometido enganos que sòmente o tempo viria revelar, residentes que eram, não nos fundamentos economicos do sistema, mas na precariedade psicologica e politica de seus meios de ação.

Constituido pela força do bafejo governamental, de carater paternalista e ao mesmo tempo autoritario, exageradamente "burocratisada e oficiosa a entidade que logo se apresentaria com as conveniencias de "entidade privada", e ao mesmo tempo autarquia ou pessoa de direito publico, ao menor atrito com os interesses discordantes dos fazendeiros que em ultima analise a haviam criado e a sustentavam, não tardou em se desmandar no desvario de seus caprichos e na injustiça clamorosa de suas campanhas. Enquanto se afastava dos produtores de café, aninhando a coorte dos afilhados, aventureiros ou simples parasitas — com dinheiro de suas vitimas, paga a campanha soez de conhecidas penas de aluguel, que então como até há bem pouco tempo, e mesmo hoje, apresenteavam os fazendeiros paulistas, "homens do café", como insaciaveis gozadores, frequentadores dos cabarés parisienses, das mesas de jogo, do vicio e da bebedeira.

Leiam-se os jornais dos dias que antecederam o crack punitivo da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929. Corem uns. Aprendam outros...

NOVAS VICISSITUDES

O Banco do Estado, com endosso do Governo, havia contratado em 22 de novembro de 1927 um emprestimo sôbre letras hipotecarias a serem colocadas na praça de Londres, com a garantia das proprias fazendas de café financiadas, até o montante de 1.250.000 libras esterlinas. Essa operação realizada com Lazard Brothers e Comp., complementar embora, diferia fundamentalmente daquela que fôra realizada com Rotchild e Comp., e cuja garantia repousava sôbre a taxa de 1$000 ouro. Esse emprestimo seria renovavel até o montante de L 5.000.000,00 "ou seu equivalente em outras moedas ouro", que nos termos contratuais, mediante a entrega de obrigações provisorias obrigariam os banqueiros ingleses a "por a disposição do Banco (do Estado) na Agencia da Caixa de Estabilização em Londres ou Nova York, o produto da emissão convertido em ouro".

Os fazendeiros mutuarios do Banco do Estado, receberiam suas libras em papel: em ouro recebe-las-ia o Tesouro Federal, no exercicio normal das funções de sua Caixa de Estabilização, qaul seja o da conversão da moeda estrangeira em nacional. Hoje, a longa distância do fato, enxerga-se melhor, qual foi no caso o interesse maior. O de que não resta a menor duvida é que as letras hipotecarias emitidas no país sôbre os emprestimos recaindo sôbre as fazendas de café paulistas, foram em ultima analise o ouro que se recolheu a Caixa de Estabilização, como outro eram as divisas produzidas pela comercialização internacional do café, negociadas então pelas vias bancarias, a taxa media de 5 3/8 s/Londres, ou seja de Cr$8,24 por dollar americano.

De uma forma ou outra, o certo é que o Banco do Estado financiava hipotecariamente as lavouras paulistas e mediante penhores agricolas, suas safras, permitindo aos lavradores um certo alento ou sentimento de confiança, embora duas safras consecutivas, em 1927 e 1929 (montando a primeira, a dezoito, a segunda a dezenove milhões de sacas), com a retenção obrigatória de uma verdadeira montanha de café, atrasando ameaçadoramente as entradas dos cafés dos fazendeiros no porto de Santos por dois e mais anos, funcionassem como verdadeiras espadas de Damocles levantadas sôbre as cabeças de seus produtores. Havia cerca de nove milhões de sacas de café retidas em 1928/29, quando em 1905, em condições infinitamente mais precarias chegàramos a estocar mais de onze. E' bem verdade que na ocasião, produzia o Brasil vinte oito milhões de sacas de café, para o consumo provavel de vinte quatro, em todo o mundo. Mas ainda assim, estava cheio de razões o Secretario da Fazenda do saudoso Presidente Julio Prestes, dr. Mario Rolim Telles, quando afirmava corajosamente que

"não cogitava a defesa, de forma alguma, em elevar os preços arbitrariamente, mas colimava alcançá-los sempre correlatos ao custo de produção... não seria por entregar a mercadoria aos centros consumidores que o país resolveria o problema de fazer o mundo consumir todo o café produzido a mais do que o reclamado pelo consumo."

O ilustre paulista tinha a visão clara dos acontecimentos economicos que o cercavam e com ele afinaram as conclusões do Congresso dos Lavradores realizado em S. Paulo, a 2 de dezembro de 1929, já então mobilizadas a classe ante os efeitos imediatos da crise mundial que havia determinado, no país, a ruinosa denuncia por parte de Lazard Brothers e Comp. Ltda., de seu contrato de financiamento mediante letras hipotecarias.

Num mar de dificuldades, quando o cambio sossobrava, encarecendo o resgate pelo equivalente às prestações "ouro" dos emprestimos hipotecarios, ou mediante pagamento em escassas notas da caixa de Estabilização adquiridas mediante pagamento do "agio" correspondente; com as cotações do café em declinio, a liquidação de seus compromissos procrastinada pela demora das safras nos armazens reguladores; vivendo em pleno regime pre-revolucionario que havia de culminar com o triunfo da Revolução de outubro de 1930, foi ainda o Instituto Paulista de Café a ultima torre de defesa, onde se resguardaram, pelo menos, os ensinamentos da politica paulista do café dos ultimos trinta anos.

1930

O café, cuja crise encurtara os dias da Republica Velha, havia de ocupar logo e imperiosamente as atenções do Governo Provisorio. Em S. Paulo, o Instituto do Café que realizara novo e oportuno Coffeloan, d l........ 20.000.000,00 foi reorganizado sem maior perda de tempo, enquanto no Rio, felizmente, nomeava o Chefe da Nação ao ilustre paulista Dr. José Maria Whitaker, jurista, banqueiro e grande conhecedor da praça de Santos como de todos os negocios do café. Ministro da Fazenda. Foi transferido para o Governo Federal o café retido nos reguladores até 30 de Junho de 1931, pagando-se a seus donos o preço medio de Crs. 60$000, por unidade. Ao mesmo tempo, criava-se pela primeira vez "um imposto em especie", que mais tarde havia de se perpetuar na alucinação das quótas de sacrificio, e esboçavam-se os primeiros regulamentos de embarques, cujo engenho, por sua vez, havia de se transformar em novo tormento para os interessados, fonte dos mais escandalosos abusos. Foram ainda proibidas novas plantações, fundando-se afinal, no ambito e com a autoridade federal, em junho de 1931, o Conselho Nacional do Café.

Cumpre reconhecer que em plena crise nacional e mundial, bem pouco podia realizar o Conselho. Dentro do regime presidencialista, e sobretudo, sob o governo provisorio de uma ditadura implantada pela Revolução de 1930, nada era possivel fazer-se, fóra da ação direta do Chefe da Nação, através do Ministerio da Fazenda e do Banco do Brasil. Coube assim ao governo federal assumir as redeas da politica do café, impondo a taxa de dez shillings por saca de café exportada, para a compra e eliminação dos excedentes da produção. Drasticas embora, eram medidas de salvação que iriam afinal permitir o folego necessario para a subsistencia da cafeicultura, abalada pelo sub consumo mundial, contrastante com o volume crescente as safras que em 1931 atingiram os 19 milhões de sacas e em 1934 elevaram-se à cifra espantosa de vinte e dois, sòmente em S. Paulo, — numeros que se devem recordar para compreender o motivo por que se tornou necessario produzir para queimar, e só ... continuar produzin... como até hoje o fazemos.

DO PRIMEIRO CONFISCO CAMBIAL AO PRIMEIRO REAJUSTAMENTO

Em 1931 ...... a pasta da Fazenda Federal, o ilustre Ministro Oswaldo Aranha. Perdurando a precariedade da situação cafeeira, logo foi elevada para quinze, a taxa anterior de dez shillings, aplicando-se o produto na forma estabelecida pelo Convenio dos Estados Cafeeiros, isto é, compra e incineração de parte das safras colhidas no país. Veio porem a tremenda e gloriosa Revolução Constitucionalista de S. Paulo, a 9 de Julho de 1932, colhendo o C.N.C., os Institutos estaduais e a lavoura toda, em plena crise, senão à beira do cáos. Considerando pois a relativa inoperancia do Conselho, pelo dec. 22.452 de 10 de Fevereiro de 1933, e porque "a defesa do café repousa, precipuamente, sobre providencias que incidem na órbita dos poderes federais", foi extinto o organismo e substituido pelo Departamento Nacional do Café, "subordinado ao Ministerio da Fazenda".

Dessa data em diante, quebrados os vasos de barro, havia de subsistir no Brasil como até hoje, unica e exclusivamente, o Governo Federal, como autoridade responsavel pela politica nacional do café e economia de seus produtores, com a mais completa e indisfarçavel intromissão nos dominios de sua iniciativa e propriedade.

O "D.N.C." foi enfeitado por um Conselho Consultivo cujos representantes eram nomeados pelos interventores federais nos Estados, nomeados estes, como é obvio, pelo Chefe do Governo Federal.... atribuindo-se ainda a necessaria autonomia administrativa à "autarquia", dispensada de maiores encargos ou responsabilidades orçamentarias, peculiares à vida normal das repartições publicas. E mais ainda, reservam-se para o banco do Brasil o monopolio da compra das letras de exportação do café, e realizando-se estas aquisições a taxas pré fixadas pelo comprador, iniciou-se o confisco cambial, tantas vezes imposto com exclusividade às exportações paulistas como se fosse um verdadeiro tributo de guerra, imposto aos vencidos de 1932. E houve mesmo quem ouvisse de voz autorizada, semelhante capitulação do sacrificio que chegara a atingir o valor correspondente a uma libra por saco de café, ou Crs. 100,00 quando os produtores apenas realizavam cerca de Crs.$ 50,00!

Houve, porém compensações. Assim é que em 7 de Abril de 1933 foi promulgada a Lei da Usura enquanto a 27 de Novembro do mesmo ano, pelo decreto nº 23.501", considerando que é atribuição inerente à Soberania do Estado decretar o curso forçado do papel moeda, como providencia de ordem publica..... Considerando portanto que não pode ter validade legal no territorio brasileiro, qualquer clausula, convenção ou artificio que vise subtrair o credor ao regime do papel moeda de curso forçado, recusando-lhe ou diminuindo-lhe o poder liberatorio integral, que o Estado em sua Soberania lhe conferiu", preceito legal que jamais foi revogado, foi declarada nula qualquer estipulação de pagamento em ouro ou em determinada especie de moeda, ou por qualquer meio tendente a recusar ou restringir nos seus efeitos, o curso forçado do mil reis papel.

Resolveu-se dessa forma a dificuldade insuperavel do resgate das dividas hipotecarias contraidas com o Banco do Estado e Lazard Brothers e Comp.; afastaram-se as iniquidades dos financiadores a dois ou dez por cento ao mês e preparou-se o terreno para o reajustamento economico das dividas da lavoura, depois de sucessivas prorrogações moratorias, nos termos do decreto nº 23.533 de 1º de Dezembro de 1933, que reduziu esses compromissos de 50%, indenizados os credores em quantias equivalentes pagas em apolices da divida publica federal,

"considerando que pa... medidas nacionais de defesa cambial contribuiu a produção agricola com a quase totalidade de sacrificio exigido do país.."

E' certo e indiscutivel que esse sacrificio recaiu sobre a produção agricola exportavel, notadamente, o café. E principalmente, repetimos, o café de S. Paulo.

Seja porem como fôr. No atormentado periodo de 1932 a 1934, a eliminação de quase 40.000.000 de scs. de café e a campanha diversiva em pról da produção de cafés finos, mal podia disfarçar a função subalterna do D.N.C. em face da autoridade ministerial. A ação salvadora foi diretamente governamental, não autarquica, pertinente ao D.N.C. Sem embargo das qualidades pessoais de seus dirigentes, não fosse a inegavel clarividencia do titular da pasta da Fazenda, que por singular coincidencia hoje ocupa nòvamente o posto — a cafeicultura talvez não tivesse resistido ao peso de suas dividas, e o sacrificio lealmente mencionado pelo promulgador do decreto de sua redução e reajustamento, teria sido em vão.

ESTADO NOVO

O rapido periodo constitucional de 18 de Setembro de 1934 a 10 de Novembro de 1937, ante uma Assembleia Constituinte que pelo art. 18 das disposições transitorias da Constituição promulgada tivera o cuidado de ratificar, sem deles tomar conhecimento, todos os atos praticados pelo Governo Provisorio, abdicando de suas prerrogativas para conceder, nos termos da discussão parlamentar constante dos Anais, um verdadeiro "bill de indenidade" — era natural que não pudesse concorrer para retirar do D.N.C., todo seu aspéto discricionario, mal disfarçado pelos Convenios dos Estados Cafeeiros, onde por mil e uma maneiras, o Governo se assegurava absolutissima maioria e o esmagamento acintoso das aspirações dos produtores de S. Paulo.

Era Ministro da Fazenda o eminente sr. Arthur de Souza Costa, mas, força é convir, não poderia o notavel estadista gaucho e banqueiro experimentado fugir às contingencias do sistema criado, muito mais "politico-administrativo" do que de ordem politica economica. Houve homens como o dr A. L. de Souza Mello cujos conhecimentos e experiencias se haviam formado no contacto com os problemas cafeeiros nacionais, desde a Praça de Santos até os mais altos postos do Banco do Brasil — outros porém encontraram na famosa autarquia o "navio escola" de sua carreira, ao tempo em que a propaganda não escondia subsidios pessoais, a publicidade era para uso interno e até em revistas infantis, constando as listas das empresas jornalisticas subvencionadas de um verdadeiro livro impresso, tantos eram os nomes apontados. O número dos funcionarios do D. N. C. com serviço ou sem ele, no país e fóra dele, recebendo em moeda nacional ou estrangeira, as vezes sem deixar sua casa — era da ordem de alguns milhares!

Um incidente porém evidenciaria o estilo imperante. Nas vesperas do golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, arriscara-se o Instituto de Café de S. Paulo em manobras especulativas. Houve quem vendesse no "termo" da Bolsa de Santos como houve quem comprasse. Todos haviam assumido seu risco, e todos visavam o lucro facil da roleta do café, enquanto seus produtores gemiam sob o peso da quota de sacrificio de 40% e a crueldade do confisco cambial. Mas havia perdedores aconchegados ao governo Federal e este, de lança em riste contra o Moinho das operações de café a termo, resolveu intervir policialmente "para fazer devolver a carteira" dos eternos jogadores. Para tanto rasgou a Constituição, o Codigo Civil, o Codigo Comercial, a E'tica e o Bom Senso, promovendo aquilo que hoje não queremos que se repita na Bolsa de Nova York: — a devassa nos livros da Caixa de Liquidação de Santos, entidade privada. E, apuradas as posições dos operadores... obrigou o Instituto do Café do E. de S. Paulo, terceiro, alheio às posições bolsistas, a indenizar os prejudicados!

O patrimonio do Instituto do Café, que servira para tantas coisas bôas e más, desde a salvação do credito publico até a ridicula mantença de artistas e afilhados, rotulados de "tecnicos" ou "conhecedores", em Londres, Paris ou Nova Yoork, dinheiro sagrado que pelo proprio poder publico fôra declarado "intangivel" — passou a funcionar como fundo de seguro de comerciantes gananciosos, enganados ou iluminados pelas indiscreções propositais ou informações descaradas dos movimentos dos mercados dirigidos.

QUEDA DA DITADURA

10 de novembro foi uma data. Não chegou a ser uma revolução. O país jazia no desencanto, atormentado pela crise, naufragando aos poucos em verdadeiro conformismo politico. Nesse marasmo, entretanto, haviam de sobressair de um lado, como nota de vida, os esforços inauditos dos lavradores em suas fainas, em seus congressos de classe e nos trabalhos da Comissão da Lavoura.

De outro lado, a lucidez do Ministro Souza Costa, a dedicação do diretor da carteira agricola e industrial do Banco do Brasil e seu amigo, sr. Souza Melo, e principalmente, honra lhe seja feita, a equanimidade serena do Presidente Getulio Vargas.

Em pleno regime totalitario, a lei era a vontade do Chefe. O Instituto do Café tanto como o Departamento Nacional do Café eram menos orgãos de ação dessa autoridade incontrastavel, firmada nas baionetas de 1937 e inspiradas no exemplo dos Duces e Fuhrers em moda. Entretanto o governo soube compreender seu interesse na subsistencia da classe agricola, notadamente dos produtores de letras de exportação do café, e, enquanto mordendo aqui e assoprando acolá procurava encaminhar os negocios desse legitimo ouro verde, promulgava leis de prorrogação de vencimentos e finalmente o dec-lei no 1.888 de 15 de dezembro de 1939, de reajustamento economico mediante pagamento aos credores da lavoura, em letras hipotecarias e moldes mais ou menos conhecidos em quase todos os paises atingidos pela crise que se havia de prolongar até 1943.

E' forçoso recordar um detalhe: a Comissão da Lavoura fôra convocada inesperadamente para uma audiencia do Ministro Souza Costa, ao anoitecer do dia 14 de dezembro de 1939. O Decreto lei que no dia seguinte seria publicado e que de tamanha importância se revestia para os lavradores, a todos foi dado conhecer — inclusive ao sr. Presidente do Departamento Nacional do Café! O Departamento nada fizera nem podia realmente ter feito em defesa dos lavradores que o sustentavam e cujos interesses constituiam sua propria razão de ser. Faltavam-lhe meios, liberdade e autoridade.

A queda do Estado Novo em 1945, havia de trazer sérias modificações estruturais ao sistema brasileiro de defesa permanente do café e novas advertencias para os cidadãos lavradores.

Promulgado o dec-lei no.9.068 de 15-3-46 em setembro do mesmo ano, pelo dec-lei no 9.784 foi pelo General Dutra, Presidente da Republica, determinada a liquidação do D. N. C., de acordo com a sadia orientação imprimida aos negocios do café pelo inesquecivel Ministro dr. Gastão Vidigal. No ambito estadual, pelo dec-lei no.12.281, desde 1941 fôra extinto o Instituto do Café, e substituido sem maiores cerimonias pela Superintendencia dos Serviços do Café. Enquanto o Governo Federal prosseguia na defesa da economia cafeeira, criando pelo dec-lei 27.474 de novembro de 49 a Divisão de Economia Cafeeira, do Ministerio da Fazenda cuja direção fôra entregue ao integro sr. Oswaldo Franco, em S. Paulo, as interventorias primeiro e depois os governos eleitos, divertiam-se em malbaratar os dinheiros da lavoura, aplicando-os em finalidades que não as previstas solenemente em lei, predios, escolas, maquinas, subvenções, chegando mesmo ao disparate de presentear sem a menor cerimonia edificios como a "Escola Pratica de Agricultura" de Guaratinguetá e a Imigração, em S. Paulo, ao Ministerio da Aeronautica enquanto se tranformaria depois a Escola Pratica de Agricultura, de Ribeirão Preto, em Faculdade de Medicina! Desta maneira, arrasou-se o patrimonio "intangivel", instituido em "fundo da defesa permanentte do café", hoje disperso, verdadeiro desafio às mais elementares noções de austeridade no exercicio das funções publicas e do respeito devido aos compromissos de Estado.

Infelizmente, não foram melhores as realizações que se seguiram à substituição do Ministro Gastão Vidigal. Enquanto seu ilustre e não menos prantedo sucessor Ministro Correia e Castro, esforçava-se para abreviar a liquidação definitiva dos stoks do D. N. C., que se haviam constituido na lavoura dos oportunistas, estes conseguiam iludir a bôa fé dos responsaveis pela operação. E, forçando-a, contra recomendação expressa das Sociedades Agricolas consultadas, desviavam para suas costumeiras intermedianças e a preço vil, a preciosa reserva, desaparecendo ainda 641.782 mil sacas conforme denuncia feita pela Sociedade Rural Brasileira, conforme relatorio elaborado por seu representante na Comissão Liquidante, sr. Plinio de Castro Prado. E nem os bens remanescentes da extinta autarquia escaparam da furia perdularia de seus detentores ocasionais. Até os valiosos armazens da Rua Sacadura Cabral foram pura e simplesmente dados de presente ao Instituto de Previdencia e Assistencia dos Servidores do Estado (I.P.A.S.E.). Por que? Ninguem explica, ninguem sabe, ninguem compreende. Ali não se recebem fazendeiros de café, ricos ou pobres, e muito menos seus empregados e trabalhadores — dá-se assistencia e talvez se faça caridade, mas exclusivamente em beneficio do funcionalismo publico residente na Capital da Republica, carinhosa e às vezes opulentamente protegido pela Nação que o sustenta, do berço a sepultura.

CONCLUSÃO

Depois de uma luta sem treguas, está criado o Instituto Brasileiro de Café, lei no. 1.779 de 22 de dezembro de 1952, e eleita sua primeira diretoria. Enquanto isto acontece, a 9 de outubro de 1953, sem um tiro, diante da Nação apalermada pelo sofisma do procedimento, implantou o Governo da Republica a chamada Revolução Cambial ou plano Oswaldo Aranha, atravez da Instrução no. 70 da Superintendencia da Moeda e do Credito. Em 1937 expedira-se uma especie de portaria em logar da Constituição e dissolvera-se o Congresso. Em 1953 não foi preciso tanto. Bastou uma Instrução e nem mesmo foi preciso cogitar das Camaras. O certo é porém que tudo se resume na continuidade do confisco cambial recaindo principalmente sôbre as exportações de café de maneira tal que o "imposto" de guerra de 1932 parece uma inocente brincadeira ante a enormidade do gravame atual. O governo desapropria os cambiais de exportação do café mediante o pagamento de Cr$18.26; revendeas, distribuidas em cinco categorias ou ordens de valôr, como na Russia, onde o rublo varia de cotação segundo o lugar em que é oferecido em pagamento, funcionando como verdadeiro talão de racionamento ou vale; recebe o lucro bruto de 20 a 200 cruzeiros e liquido médio de 60; devolve ao infeliz produtor a "bonificação" de cinco cruzeiros, tirada daquilo que lhe foi confiscado — e desta maneira realiza entre as cambiais de que se utiliza para pagamentos proprios e aquelas que transfere em leilão, para confisco dos agios apurados, um orçamento paralelo ao da Republica, quase tão grande como ele, da ordem de Cr$ 47.000.000.000,00, conforme o demonstrou recentemente e de maneira irretorquivel, o ilustre estadista e banqueiro, Dr. José Maria Whitaker!

Mas não é só. — Para dar uma forma aparente à essa quimera cambial, por decreto atualissimo, foi criado o "orgão que se incumbirá de supervisionar a aplicação dos agios em emprestimos agropecuarios", mais uma autarquia, sob o nome de Conselho Nacional de Administração dos Emprestimos Rurais", cujas atribuições e arbitrio, farão do proprio ar que respiramos "um favor" dos Deuses do Catete ou das imediações do Palacio da Fazenda... E tudo, repetimos e insistimos, de norte ao sul do país, a custa do café, eterno pagador de todas as aventuras nacionais! Como consequencia, a vida encareceu visivel e quase tangivelmente, na proporção dos dolars-cadilac, que valem dez vezes mais do que a paridade solenemente declarada pelo país perante o Fundo Monetario Internacional. Um par de esteiras de trator, custa tanto como o proprio trator há dois anos, seja original ou de fabricação indigena. O proprio salario minimo, precisa ser dobrado, a menos que se queira reduzir a fome, as classes trabalhadoras. E... a lavoura terá de pagar nessas bases tudo o que necessita para sua produção, perdendo assim duas vezes, no comercialização de seus produtos: uma como vendedora indireta de cambiais, outra como compradora direta de bens, utilidades, serviços, mão de obra e impostos. Apontamos isso tudo, porque era patente, na edição de 23 de Outubro de 1953 do "Diario de S. Paulo".

Erramos ou acertamos? Devemos nos penitenciar, se colaboramos na criação do Instituto Brasileiro do Café, que em toda atualidade do problema cafeeiro e economico brasileiro, vale apenas como ingenuo disfarce de um mero episodio de nosso caudilhismo financeiro?

Esse primarismo financeiro elevou a inflação monetaria a niveis que roçam pelos cincoenta milhões de cruzeiros em circulação e se agrava pela colocação paralela de titulos publicos que da maneira mais estranha, emitidos no Rio de Janeiro, em moeda corrente, têm assegurados juros pàgaveis em dollars americanos! Não seria possivel contradição maior ou maior confusionismo em governo de hoje, que é o mesmo de 1933, quando foram repudiadas as responsabilidades pagaveis em ouro, contraidas embora em praças estrangeiras, porque ofensivas da faculdade emissora de moeda de curso forçado, emanada do exercicio da Soberania Nacional.

Parece que vivemos num terremoto politico, pois, iludidos com as luminarias e o fausto da vida metropolitana, desapercebidos do vulcão social que fumega da Coréia à Nicaragua, roncando aqui mesmo, bem perto da Guanabara.

Apesar de tudo — tivessemos de recomeçar, deveriamos fazê-lo pelos mesmos caminhos. Sem uma politica cafeeira organizada, leal, verdadeira e forte, no antropofagismo atual das lutas comerciais, politicas e sociais, seria simplesmente impossivel a sobrevivencia do Brasil. Seus dezeseis milhões de sacas de café exportaveis anualmente, em media, correspondem, ao preço minimo de oitenta e sete centavos por libra-peso, a um bilião e oitocentos e trinta e sete milhões de dollars, ou seja, 80% do orçamento cambial brasileiro e 95% de sua receita em dollars americanos, enfim, praticamente, àquilo com que conta a Nação para enfrentar as exigencias de sua balança comercial como os compromissos de sua balança de pagamentos. Queiramos ou não, portanto, o Brasil continua a ser hoje como há quase um século — o café. Seu dinheiro, é o café, e com ele, nervo da propria guerra, sua segurança, soberania e independencia, estarão resguardados.

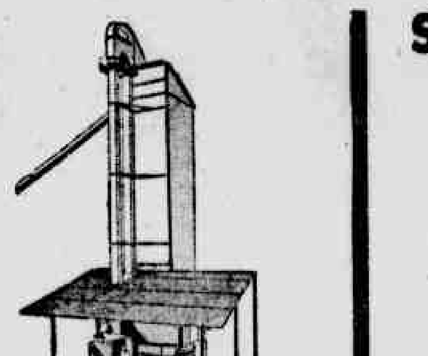
Essa organização pode fazer-se ou instituir sob os mais variados nomes ou titulos, chamando-se indiferentemente Comissão, Comité, Superintendencia, Diretoria, Departamento, Instituto etc. O fato é que precisa existir, em defes.. do produto como dos produtores e principalmente dos mais altos interesses nacionais, prestigiada por autoridade incontrastavel, e hoje como ao tempo do Sindicato de Santos, de 1884, fundada na colaboração intima, opinativa e executiva dos fazendeiros e comerciantes de café.

Houve erros no passado, como erros continuam a se praticar. Erros de homens — não do sistema. Seria uma ingratidão afirmar que as falhas propositais ou involuntarias da politica do café brasileira, houvessem sobrepujado seus acertos. Nem mesmo as injustiças, espoliações, ofensas ou mistificações. A "subvenção" das exportações de café, a razão de Cr$ 5,00 acrescidos ao preço de Cr$ 18,40 por dollar que o governo expropriante converte em moeda nacional à razão média de Cr$ 80,000 por unidade, realizando o "agio" respetivo por exemplo, constitui-se numa extorsão iniqua que se transforma em injuria insuportavel pelo sofisma que encobre a "explicação" oficial: — imposto sôbre as importações! Ou ainda, procedimento "deflacionario" destinado a forçar a baixa do custo de vida... quando não existe um palito no país que não tenha dobrado ou decuplicado seu preço de varejo!

Nada pode empanar a verdade. Nem mesmo essa areia toda que se procura atirar aos olhos dos produtores de café, como se fosse possivel cega-los diante das dificuldades orçamentarias e de toda ordem que se visa saldar a sua custa, custe o sacrificio o que custar. **Não fosse a politica de defesa do café, com todas as suas mazelas e percalços, a cafeicultura teria simplesmente desaparecido.** Não teriamos, talvez, queimado setenta milhões de sacos ou cortado mais de um bilião de cafeeiros — mas, certamente estariamos importando café. Foi dificil. Custou muito. Churchill diria, muito suor e lagrimas. Porém sobrevivemos. Vencemos. Por que não porfiar, portanto, aproveitando as lições do passado, esperançados no futuro?

Ao cidadão cabe jàmais esmorecer. Proclame-se a verdade, com decencia e coragem aplaudindo acertos ou condenando desacertos. Escolham-se homens probos e competentes para as funções de representação politica ou de classe. Afastem-se os parasitas. Punam-se os culpados de traição, mentira ou furto. Imponha-se responsabilidade aos governantes e justiça aos governados, inflexivelmente. E a sombra de nosos cafezais, defendidas as colheitas, viveremos melhor, dentro de um Brasil maior.

Será esse o esplendido resultado de uma nobre utopia.



Senhores CAFEICULTORES:

A Indústria de Máquinas Moreira S. A., fabricante do Secador "Moreira" para café, orgulhosa de haver contribuido para racionalizar a secagem do produto básico da economia da nação, tem o grande prazer de relacionar abaixo seus Amigos Cafeicultores que já instalaram o SECADOR MOREIRA e podem atestar os resultados positivos alcançados em eficiência e economia.

Esperamos em breve podermos incluir também o seu nome nesta lista da elite dos cafeicultores brasileiros.

Arapongas — 4 secadores
Adib Raduan — 1
Guilherme Meyer & Irmãos - 1
Manoel Ribeiro — Nicolau Raduan — 1
Serrarias Almeida Porto — 1

Astorgas — 1 secador
Angelo Decanio

Assaí — 39 secadores
Gengo Minami — 1
Gengiro Hirano — 1
Goro Minami — 1
Guniti Ito — 1
Geremia Lunardelli S.A. — 1
Hisashi Watanabe — 1
Hiroji Hatta — 1
Isamu Yorinori — 1
José Tutida — 1
João Pontes Bueno — 1
Kinji Nakayama — 1
Katsuyashi Yashizawa — 1
Kunikichi Yamaguchi — 1
Massayoshi Nomura — 1
Massao Tanaka — 1
Massaiti Okuno — 1
Massashi Kimura — 1
Nelson Maculan — 1
Noboiu Saito — 1
Oswaldo M. Fujiwara — 1
Okura Fujiwara — 1
Rakuro Ito — 1
Sukemaru Hatore — 1
Shitiro Okada — 1
Shigeyoshi Kawakami — 1
Turumi Yassue — 1
Toshinori Ichikawa — 1
Tomediro Iidda — 1
Toit Kami — 1
Tamaki Yamaoka — 1
Teriso Tamura — 1
Tatsuo Nishimura — 2
Toraji Kimura — 1
Takeo Ogasawara — 1
Yoshito Sato — 1
Yohei Shimada — 1
Yushiro Tazima — 1
Yoiti Kikuti — 1

Bandeirantes — 2 secadores
Augusto Antonio Romani — 1
José Pavan — 1

Bela Vista do Paraiso — 12 secadores
Brugin & Pacheco —
Carlos Dias dos Reis — 1
Gumercindo F. de Moura — 1
Geremia Lunardelli S.A — 1
Jayme Canet Junior — 3
Joaquim Celidonio dos Reis F.º — 1
João Bonini — 1
José Manoel dos Reis — 1
Miyoshi Kai — 1
Miguel Montosa Romero — 1

Bento de Abreu — 1 secador
Alkindar Junqueira

Chavantes — 1 secador
Luiz Pacheco e Silva

Curitiba — 1 secador
Agostinho Brenner

Campo Mourão — 2 secadores
H. Dias Pinheiro — 2

Campinas — 1 secador
Eugenio Belotti

Cambé — 11 secadores
Antonio Arrabal — 1
Anselmo Maculan — 1
Francisco Graziano — 1
José & Francisco Parra — 1
Luiz Nogueira Monteiro — 1
Massao Hogassawara — 1
Nagib Abudi — 1
Paulo Vicente de Azevedo — 1
Shigueyassu Takaki — 2
Vicente de Pauli — 1

Cornélio Procópio — 17 secadores
Arthur Hoffig — 3
Arlindo & Pedro Benez — 1
Amazilio Pozzi — 1
Elias Fernandes Sobrinho — 1
Feres Hannuch & Irmão — 1
Gino Azzoline — 1
José Silvestre da Silva — 2
José Moreira Sobrinho — 1
Pedro Baggio — 1
Pedro Nishimura — 1
Shetikichi Shimpo — 1
Tomonoske Yoshie — 1
Yoshimatusu Uno — 1
Yasuo Wanatabe — 1

Florestópolis — 1 secador
Synval Leme

Garça — 15 secadores
Alberto Ferreira Moraes — 1
Cia. Cafeeira do Rio Feio — 3
Fazenda Nelogyr S.A. — 1
J. K. Williams — 1
João Manzano — 1
Joaquim Salgueiro — 1
João Leonidas Ferreira — 1
Soc. Agric. Cezario Coimbra — 2
Sylvio de Toledo Piza — 1
Theotonio Piza de Lara — 2
Theodoro Quartim Barbosa — 2

Gália — 1 secador
Joaquim Celidonio dos Reis F.º

Ibiací — 1 secador
Angelo Gazzola

Ibiporã. — 1 secador
Tahiti Mota

Itaiquara — 1 secador
Cel. João B. de Lima Figueiredo

Itatiba — 1 secador
Luiz E. Bianchi

Jacarezinho — 6 secadores
Arthur Pires — 2
Henrique Setti — 1
Orodovaldo Assis Moreira — 1
Sementes Agroceres — 2

Jaguapitã — 1 secador
Zensaku Yamamóto

Jandaia do Sul — 4 secadores
Francisco E. Malheiro — 1
Gumercindo F. de Moura — 1
Raphael Borba — 1
Raphael R. de Rezende — 1

Londrina — 37 secadores
Arnaldo Alves Camargo — 2
Attilio Bizato & F. Badini — 1
Antonio Bulle — 2
Aristides C. de Oliveira — 1
Alvaro Godoy — 1
Celson Garcia Cid — 1
Elias Pozzi — 1
Geremia Lunardelli S.A. — 10
Guilherme Rausch — 1
Henry Joseph Balls — 2
Ivo Leão Filho — 1
José Garcia Villar — 4
José Bonifácio & Silva — 1
José G. de Barros França — 1
José Nogueira Franco — 1
Jonas F. Castro Filho — 1
Leopoldo Meyer — 1
Raimundo Durães — 1
Ruy Alves Camargo — 1
Silvino A. Batista — 1
Takeshi Sugueta — 1
Yataro Yazima — 1
Waldomiro F. da Silva — 1

Mandaguari — 2 secadores
João Fracasso Filho — 1
Suezíro Tsukamoto — 1

Manhuassú — 1 secador
José Mendes de Souza

Mantena — 2 secadores
Vidigal Aranha, Com. Exp. — 2

Marilia — 2 secadores
Herminio Bottino — 2

Marialva — 8 secadores
Felipe S. de Bitencourtt — 1
Fumio Shin Ike — 1
Guiti Sato — 1
Kichie Noguchi — 1
Masaichi Shirota — 1
Motohira Mitsui — 1
Takeshi Imamura — 1
Titoshi Miyamoto — 1

Maringá — 11 secadores
Alfredo Nyffeller — 1
Caf. Morais Barros Ltda. — 1
Faz. St. Maria Ltda. — 1
Henrique Holmann — 1
Irmãos Moreschi — 1
João Schultz — 1
Joaquim Celidonio dos Reis F.º — 1
Mauricio de Carvalho — 1
Osvaldo Lara Vidigal — 1
Shiroshi Sueki — 1
Toshio Hirata — 1

Martinópolis — 1 secador
Arnaldo Junqueira

Mirandópolis — 1 secador
Osvaldo Leite Ribeiro

Nova Esperança — 4 secadores
Alcino Ribeiro de Lima — 1
Antonio Bottino Junior — 1
Giovanni Parini — 1
Manoel Lopes & Irmão — 1

Osvaldo Cruz — 2 secadores
Emil Wirth — 1
João Baumgartner — 1

Oriente — 1 secador
Joaquim Araujo Guimarães

Ourinhos - 2 secadores
Alvaro Ribeiro de Moraes — 1
Silas Ribeiro de Moraes — 1

Patos de Minas — 1 secador
Sementes Agroceres

Paulistania — 1 secador
Helio Motta

Pirapo — 1 secador
J. Cunha Jor.

Pirajui — 2 secadores
Custodio Caldeira — 1
Deputado Ferraz Egreja — 1

Rolandia — 10 secadores
Antonio F. Pereira — 1
Antonio de Paula — 1
Fazenda Bimini — 1
Kunihiro Toshimitsu — 1
Kiyoshi Miura — 1
Nassib Raduan — 1
Rafael A. M. Sanches — 1
Riyochi Tomimatsu — 1
Shigueo Uemoto — 1
Yaju Yiuzuka — 1

Ribeirão Claro — 3 secadores
Barão Victor Von Rainer Harbach — 1.
Dr. Antonio M. Alves Lima — 1
Eugenio Minghini — 1

Ribeirão do Pinhal - 1 secador
Drs. José e Antonio da Rocha Paes

Sertanópolis — 1 secador
Suematsu Mike

S. Joaquim da Barra — 1 secador
José Junqueira Meirelles

S. José do Rio Pardo — 1 secador
H. Dias Pinheire

Santo Antonio da Platina — 3 secadores
Ciro Moraes Campos — 1
Cel. Zoroastro Arantes — 1
Dario V. Bittencourtt — 1

Santa Mariana — 1 secador
Teijiro Minami

Talhas — 1 secador
José Martinez Robles

Ural — 2 secadores
Francisco B. dos Santos — 1
Toraiti Tutida — 1

OUTRAS MÁQUINAS DE NOSSA FABRICAÇÃO:

Triturador para cana e milho
Secador para alfafa, trigo, arroz e milho.
Lavador de café com água de poço.
Bomba d'agua.

SECADOR PARA CAFÉ "MOREIRA"

- resolve o seu problema de terreno e mau tempo
- constitue sua própria casa
- damos funcionando após 10 dias de seu pedido
- montagem GRATUITA
- faz em horas o trabalho de dias no terreiro
- simples e de fácil controle
- economiza a mão de obra
- paga-se por si mesmo numa unica safra
- assistência técnica permamente

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS MOREIRA S. A.

Rua Assis, 100 - Fone 51-2381 - Barra Funda - End. Teleg.: "Secadores" - São Paulo

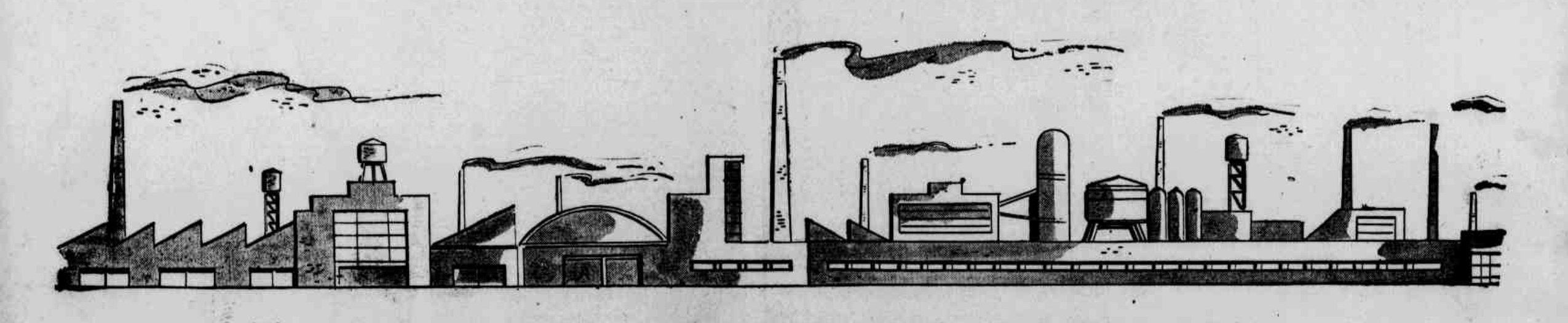
Ao homenagearmos a cafeicultura, lembramo-nos das palavras de um dos mais esclarecidos líderes da Indústria Paulista, o saudoso Senador Roberto Simonsen:

"A propria lição dos fatos está a demonstrar-nos que a emancipação econômica do Brasil só será um ideal limitando com a realidade, quando nos capacitarmos de que a conquista dos mercados internos é possivel, justamente, se uma sólida aliança entre a lavoura e a indústria possibilitar, objetivamente, a elevação do padrão de vida das nossas populações e consequente aumento da renda nacional".

"A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo nunca esteve alheia aos justos reclamos da agricultura, para a solução de seus problemas fundamentais. Estivemos ao seu lado, clamando por providências que abolissem, a tempo, as crises do café".

"Propugnamos, de hà muito, nos conselhos técnicos estaduais e federais, pela necessária emulação a uma larga política agrária de subsistência, com a criação de armazens reguladores, do expurgo e da conservação dos seus produtos, facilitando o seu escoamento normal para os grandes centros".

"A nossa industrialização que se impõe como um imperativo inelutável para que alcancemos, rapidamente, um razoável grau de enriquecimento não contraria de forma alguma, o engrandecimento das nossas lides agrícolas. Muito ao contrário. São atividades que se conjugam e se completam em benefício do progresso geral".



HOMENAGEM AO QUE DEVE A ECONOMIA DE SÃO PAULO AO CAFÉ — O OURO VERDE DO BRASIL!

Cerâmica São Caetano S. A.

Master